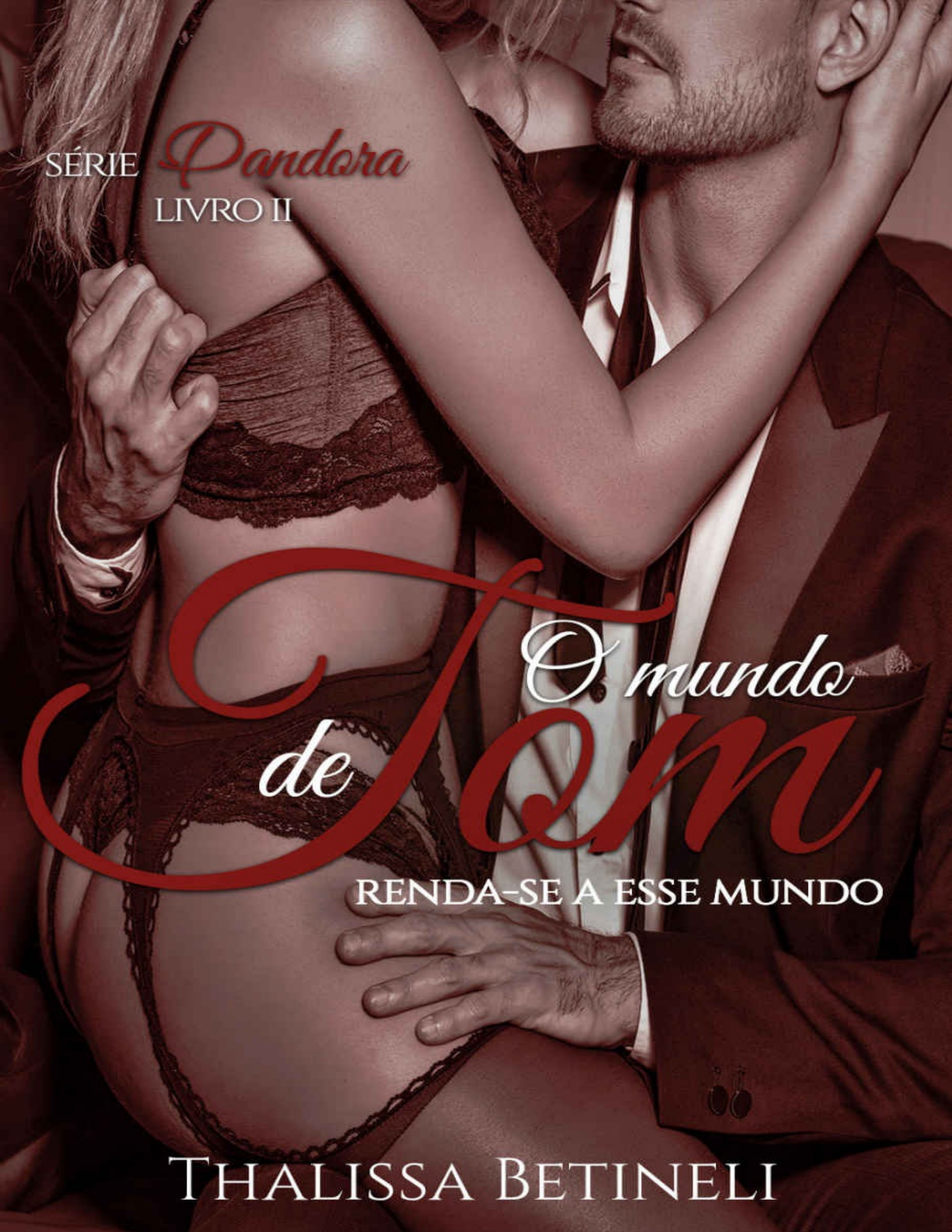


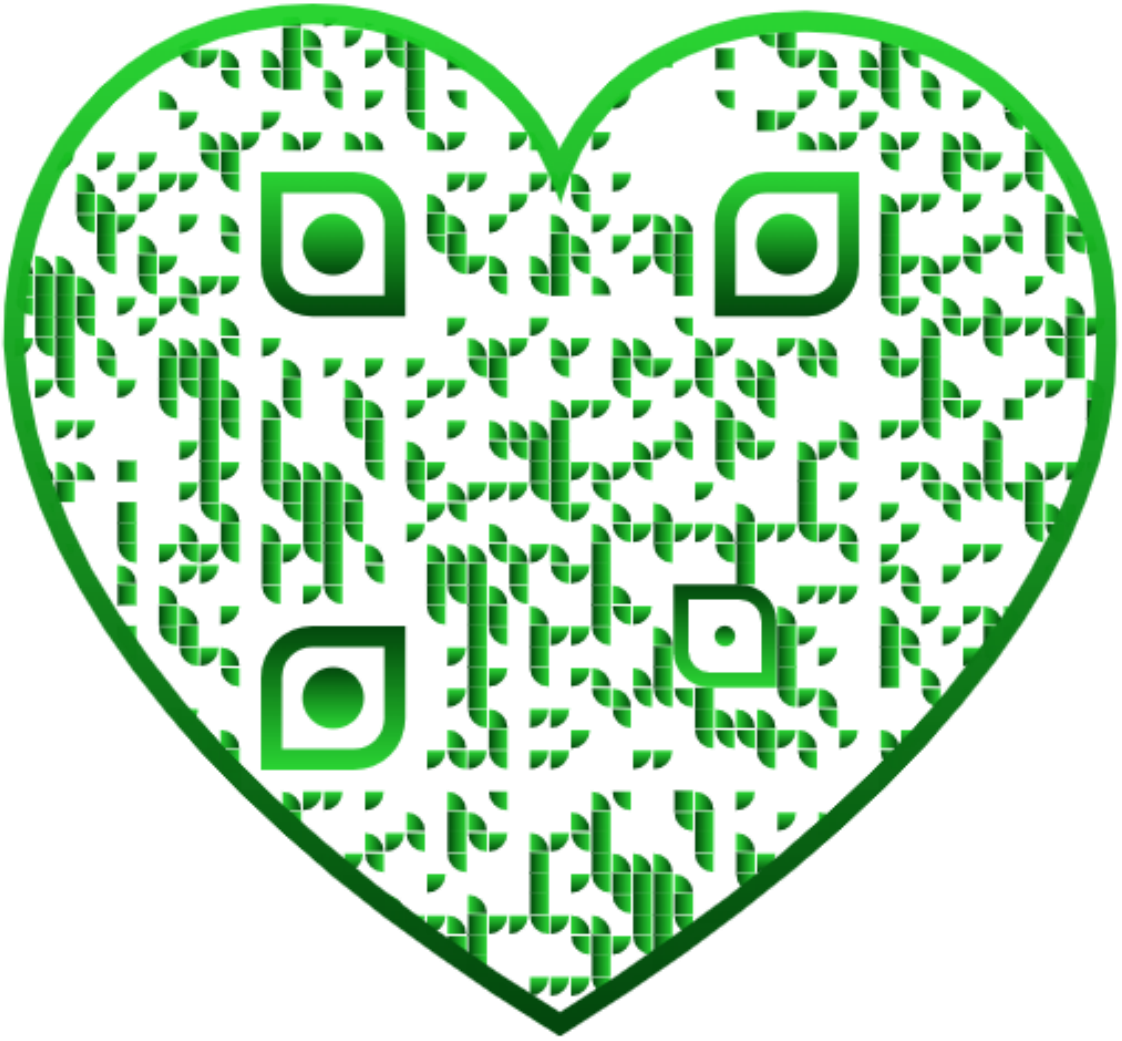
SÉRIE Pandora

LIVRO II

O mundo de Tom

RENDA-SE A ESSE MUNDO

THALISSA BETINELI



PERIGOSAS NACIONAIS

SÉRIE Pandora LIVRO II

O mundo de Tom

RENDA-SE A ESSE MUNDO

THALISSA BETINELI

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

©2018 Thalissa Betineli

Revisão:
Capa e diagramação digital: Carol Cappia

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. São proibidos o armazenamento/e ou a reprodução de qualquer

parte dessa obra, através de quaisquer meios-tangível ou intangível – sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

ALICE

Sinto uma dor latejante na minha cabeça, me acordando, e abro os olhos.

Onde estou? Onde está Tom?

E então meu lado escuro acorda me lembrando das mentiras de Tom.

Lembrando-me que eu matei as duas Alices, e que não há como ressuscitar sem ele. Mas não

estou mais com ele, não estou mais com suas mentiras.

Fito o teto branco, angustiante, e percebo que não sei onde estou apenas sinto todo o meu corpo dolorido e aparelhos no meu nariz.

E meu lado escuro me lembra da sensação de ardência que senti no meu nariz, da escuridão me dominando. E de acordar em um carro, em alta velocidade.

Do meu medo, do meu pavor, e do homem loiro ao meu lado, dirigindo um grande carro. E a sensação de que ele seria Teodoro.

Fecho os olhos, sentindo meus olhos arderem, e uma lágrima escorre.

—Alice — uma voz familiar soa ao meu lado, e abro os olhos novamente. É a voz de Ed, é a sua mão segurando a minha. Viro lentamente o rosto, e seus olhos estão aflitos em mim. Ele sorri — você acordou. Vou chamar os médicos — Ed se

levanta da poltrona ao meu lado, sem largar minha mão. Assinto, e Ed saí do quarto às pressas. Em segundos, volta com um médico moreno, com um grande sorriso nos lábios. Ele me examina, e observa o aparelho ao meu lado, tirando os tubos do meu nariz.

—Onde estou? — pergunto confusa, olhando ao redor. Um grande quarto branco, com uma janela e duas poltronas brancas, uma de cada lado. Ed não precisa responder minha pergunta. Eu estou em um hospital, e consigo me lembrar de tudo. Ed segura a minha mão novamente.

—Está em um hospital, Ali — Ed murmura, apertando com força a minha mão — você se lembra?

O fito, curiosa com o que ele está se referindo. Me lembrar? Me lembro do acidente, mas não me lembro de vir para o hospital.

Assinto lentamente, e levanto um braço,

sentindo uma dor latejante.

—Você se machucou — Ed confirma as minhas suspeitas — mas está bem — seus olhos me fitam intensamente, e eu assinto novamente.

—Você teve uma pancada na cabeça — o médico explica — precisamos ver se haverá algum dano em longo prazo — ele sorri — mas você é uma sobrevivente, e agora que acordou, está bem.

—Estou? — minha voz saí trêmula, sem forças. Ed retesa a mandíbula, e assente. Meu lado escuro está mais acordado, se lembrando dos detalhes.

Tom me prendeu contra a porta, apertou meus pulsos. Olho para eles, e não vejo um vermelhidão. Os olhos estavam desesperados, e seu semblante dizia o que ele estava sentindo: estava perdido.

Respiro fundo, e fecho os olhos, desejando que Ed e o médico vão embora. Quero ficar

sozinha, quero esquecer tudo o que vivi. Tom me prendeu contra a parede e implorou, chorou, mostrou seu desespero, mas mesmo assim fugi. Ele me perdeu e não consigo perdoá-lo.

Principalmente agora. Eu poderia não estar viva, por culpa dele, por culpa do seu mundo.

Uma lágrima desce pelo meu rosto, e me lembro do seu desespero, quando percebeu que eu estava saindo pela porta do quarto.

E me lembro de ver seu carro se aproximando do meu prédio. Mas então minha visão ficou turva.

Meu lado escuro parece não querer lembrar, e mais uma lágrima escorre pelo meu rosto. Sinto uma dor pelo meu corpo inteiro, mas não é só por causa dos machucados. É o motivo de eu estar aqui. O motivo disso tudo acontecer, para mim, é o que mais me machucou.

E a lembrança de acordar dentro do carro,

escuro, com um cheiro forte de cigarro e álcool. Com os olhos arregalados do homem loiro com a barba por fazer. E de como ele gritou ao perceber que estava recobrando a consciência.

Ele me ameaçou. E suas palavras me assustaram. Iria me matar, como Antone matou Lourenço. Com as mãos.

As lágrimas começam deslizar pelo meu rosto, e meu choro parece silencioso.

Eu apertei o seu cinto, eu o tirei, e me mantive com o meu cinto, pulando sobre o corpo de Teodoro o máximo que consegui. E virei o volante.

Se iria morrer, que eu morresse rápido. Que me matasse e matasse meu lado escuro, sem agonia, sem tortura.

Mas eu já estava torturada por Tom.

E a lembrança dos faróis iluminando a pista em um círculo, do meu grito seguido pelo de Teodoro, e da sensação de ser puxada pelo lado,

sentindo a lataria estralar, ranger pelo asfalto e meu corpo ser jogado para os lados.

Escuro. Tudo havia ficado escuro. O que aconteceu depois?

Abro os olhos, marejados de lágrimas, e encaro Ed, que está agoniado ao meu lado. O médico anota algo em sua prancheta, e avisa que retornará em alguns minutos para os exames. Ed se senta novamente, tentando se aproximar, mas meu lado escuro está fechado, ignorando qualquer contato.

—Não chore, Ali — ele murmura com os olhos aflitos. Desvio meu olhar e observo o quarto novamente. Ao lado da minha cama está um grande vaso vermelho, com rosas vermelhas. E ao lado um branco, com flores coloridas.

Abro a boca, tentando ter forças para falar. Estou tão cansada, devastada.

—Você me trouxe as flores? — olho para

Ed, e seus olhos parecem mais preocupados. Ele nega. E meu lado escuro sabe de quem são uma das flores.

—Tom? — sussurro, e respiro fundo.

—As minhas murcharam, e como já havia dois vasos com flores aqui, achei que seria muito — Ed hesita — então decidi esperar uma delas murchar para eu poder colocar as minhas.

Olho para as rosas novamente, e o rosto de Tom vem a minha mente. Suas palavras.

Se ele me perdesse, ele se perderia e não saberia o que fazer. Fito Ed.

—Suas flores murcharam — murmuro sua frase, começando a compreender e então me sinto ainda mais devastada — quanto tempo estou aqui, Ed?

Ed abre a boca, e parece não querer falar, mas então respira fundo.

—Um mês, Ali — ele aperta a minha mão

— seus pais estavam aqui até agora pouco, mas foram descansar. Eles sempre estão aqui, esperando que você acorde, mas eu tive o prazer de estar aqui no momento — Ed sorri Assinto, começando a entender aos poucos. Estou há um mês no hospital, então estive em coma.

—Estava em coma? — pergunto apreensiva, sem conseguir esconder meu espanto.

—Estava — os olhos de Ed são aflitos, e sua expressão é de preocupação. Sei que a minha expressão é de angústia e dor — seus pais vieram no mesmo dia que você veio para o hospital. Dana também veio às pressas, assim como suas amigas, Ana e Mônica — Ed pondera, como se não conseguisse esconder que não quer me contar — E Tom. Tom avisou seus pais, ele os buscou e os trouxe aqui. Ele não saiu daqui, até que eu cheguei, e percebi que só poderia ser culpa dele. E ele admitiu. Ele apenas queria saber como você estava

apenas queria ver se você acordava, mas que não iria ficar, quando você acordasse. Ele disse que sabia que você não quer vê-lo.

As lágrimas parecem sair em uma torrente de dor, e mordo o lábio.

—Todos os dias ele traz rosas vermelhas, esperando que você acorde — Ed murmura, e fita com desprezo as rosas. Meu peito dói, meu coração salta dele e parece querer fugir.

—O mês inteiro? — minha voz é um murmúrio. Ed assente com uma expressão preocupada.

—Todos os dias, de noite — ele me fita intensamente — eu venho fim de tarde vê—la, quando saio da empresa, e quando seus pais vão dormir um pouco. Dana vem ao meio-dia, e soube por Dana, quando ela decidiu vir uma noite, que Tom vem à noite, quando seus pais estão se preparando para vir — ele retesa a mandíbula,

relutante em me contar, mas mesmo com tudo o que está me contando, não perdoo Tom. Meu lado escuro está firme — segundo sua amiga Dana, ele chora, mas não a toca. Ele apenas deixa as rosas, senta ao seu lado por uma hora, e quando seus pais chegam, ele vai embora.

E meu coração parece receber facas ao ouvir isso. Não quero que ele me toque, não quero vê-lo sentado ao meu lado. Eu o amo, mas não o perdoo.

Fito as rosas novamente, vermelhas, e então desvio o olhar para as brancas.

—E de quem são as outras? — pergunto, respirando fundo. Estou com o corpo doendo, com a cabeça latejando por causa da luz.

Ed balança a cabeça, como se não gostasse do que fosse falar.

—Dos Lehanster — Ed murmura. Abro a boca, incrédula, e começo a me lembrar de Antone.

PERIGOSAS NACIONAIS

O que aconteceu? Onde está Teodoro.

—Dos Lehanster? — pergunto retoricamente, e minha voz soa ainda mais torturada, baixa. Ed levanta as sobrancelhas, preocupado, e assente.

—Eles mandam flores a cada quinze dias — Ed resmunga, e olha para baixo, como se o que fosse falar o incomodasse — eles a visitaram algumas vezes, no horário que eu venho. Não sei se eles realmente se importam com você, Ali — a voz de Ed mostra o desprezo que ele sente pelos Lehanster, e ele me encara — ou se eles apenas querem demonstrar sentimentos por causa da amizade com Tom.

Assinto, e fecho os olhos, sentindo meu coração acelerar de dor, ainda mais, ao ouvir o nome dele. Estou machucada, mas não tenho para quem contar apenas meu lado escuro pode me consolar e se manter forte. Encaro Ed, receosa pela

próxima pergunta. O que ele irá me responder? O que isso me fará, e o que o meu lado escuro fará? Abro os olhos, fitando novamente o quarto branco, me sentindo deslocada, como se tivesse sido colocada em uma história na qual não conheço o enredo. Desvio os olhos para Ed, que continua me fitando ansioso.

—E o homem que estava no carro comigo? — minha voz faz a pergunta, mas não parece ter sido pensada por mim. E minha voz é ainda mais aflita. Respiro fundo, percebendo as feições angustiadas de Ed, seus olhos atentos, e sei que minha expressão é de sofrimento.

—Ali — Ed fala com uma voz calma, como se tentasse me acalmar.

—Ed, o que aconteceu? — pergunto, levantando as sobrancelhas. O que ele quer esconder?

Ele respira fundo, mostrando que não lutará

comigo, e retesa a mandíbula.

—Ali — seus olhos analisam todo o meu rosto — pelo que soube, quando vocês capotaram, Tom não teve outra reação a não ser correr até você — ele hesita, e as minhas lágrimas começam a deslizar pelo meu rosto, mostrando o quanto as palavras de Ed me afetam. O silêncio é ainda mais perturbador, e percebo que ele não quer continuar. Franzo a testa, indicando que eu quero saber. Ele assente, e respira fundo — ele viu fumaça no veículo que você estava, e mesmo sabendo que o indicado é não mexer nos feridos, ele tirou você de dentro, a tempo de afastá-la — ele pausa, e retesa novamente a mandíbula — o carro que você estava explodiu, com o homem que estava lá dentro. Enzo chegou um pouco depois, e ligou para o resgate.

As palavras flutuam pela minha mente, mas não consigo entendê-las direito. Teodoro explodiu? O carro explodiu. Fecho os olhos novamente,

absorvendo o sentido, e começo a chorar ainda mais, sentindo as lágrimas escorrerem em camadas pelo meu rosto, expressando a dor que sinto por todo o meu corpo.

Por causa de Tom, quase morri. Mas por causa de Tom, estou viva. Tom me levou à beira da morte, e me salvou.

E Teodoro está morto, e mesmo meu lado escuro afirmando que eu não tenho culpa pela sua morte, eu virei o volante. Eu o fiz capotar, para não morrer em suas mãos. Mordo o lábio, tentando segurar as lágrimas, mas elas escorrem pelo meu rosto, revelando o quanto sou fraca, diante de tudo o que aconteceu. O quanto estou devastada, e nenhuma palavra de terceiros irá me ajudar. Apenas as minhas próprias palavras me ajudarão.

—Ali — Ed me chama, e eu abro os olhos, vendo o médico voltar com duas enfermeiras. Ele sorri, e Ed se levanta, dando

passagem. Começam a me examinar, e sou levada para a sala de exames.

Não percebo o tempo passar, mas quando retorno ao meu quarto, Ed está com seu blazer na mão. Ele sorri para mim, com os olhos intensos, como se não quisesse perder nenhum movimento meu, e assim que as enfermeiras saem, ele se aproxima.

—Ali, vou precisar ir, mas amanhã cedo vou vir — ele diz em voz baixa, ansioso. Seu rosto mostra o quanto está feliz — e eu tenho uma surpresa para você.

Sinto-me um pouco confusa, um pouco encolhida, diante de tudo o que está acontecendo, com essa mudança repentina, e apenas assinto. Olho para ele, e sei que meus olhos estão aflitos. Ele se inclina sobre a cama, e pega a minha mão.

—Depois do acidente, nós decidimos adiar o lançamento da marca — ele conta animado

— não queria divulgar suas fotos com — ele hesita, tentando encontrar as palavras certas — com você em coma, sem sabermos se iria voltar ou não — ele sorri — mas você voltou — e percebo que ele quer completar a frase, mas tiro a minha mão da sua, com os olhos fixos nele. Ele respira fundo — liguei para Armando, e pedi para lançarmos a campanha da marca amanhã, como uma comemoração por você estar bem, viva. Posso? — ele franze a testa, ansioso.

Sorrio me sentindo grata por Ed, por sua atenção e por esperar pela divulgação. Assinto, e sorrio ainda mais.

—Ficaria muito feliz, Ed — respondo, sentindo que não estou feliz, mas isso tornou o pouco do dia que estou acordada um pouco melhor. Ed sorri e percebo sua satisfação.

—Amanhã trarei as fotos de como ficaram estampadas nos outdoors da cidade, da empresa —

Ed fala animado — espero que você goste, Ali.

Assinto, e me lembro das fotos, em uma realidade tão distante, tão irreal. Eu estava feliz aquele dia, estava acreditando em Tom, estava bem. E minhas fotos com Anya, que sabia de tudo, que presenciou tudo, provavelmente.

Mas não culpo Anya, culpo Tom. A mentira foi dele, Anya apenas tentou revelá-la para ganhar vantagem, mas se Tom não tivesse mentido, ela não teria nada. E talvez tudo teria sido diferente.

Respiro fundo, reunindo minhas forças para não ruir, e encaro Ed.

—Quero vê-las — murmuro com um sopro de voz, e Ed assente.

—Você verá ainda de manhã, quando a campanha for lançada — ele afirma, com os olhos fascinados em mim — agora vou precisar ir, mas seus pais já foram avisados que acordou, e estão vindo correndo para cá — ele sorri. Assinto, e o

sorriso parece desaparecer do seu rosto — E Ali, preciso contar sobre alguém.

Franzo a testa, confusa, e Ed parece ponderar como falar.

—Outra pessoa veio visitá-la, quando eu estava aqui — sua voz calma é receosa, e ele respira fundo — uma mulher chamada Eva pediu que quando você acordasse, era para avisá-la. Deixou seu número.

Meu coração para por um instante, como se quisesse me abandonar depois de tudo. Lembro-me do rosto de Eva, no espetáculo principal, no quarto do pole-dance, e do seu sorriso ao me contar que Tom estava mentindo. Da sua possível foto, e meu lado escuro se arrepia de fúria. O que ela quer? Ela estava envolvida, e lembrar do seu rosto me faz lembrar do rosto de Tom, das suas palavras, da nossa briga. Da verdade.

—Quer que eu a avise? — Ed pergunta

cauteloso, percebendo minha expressão impassível. Nego com a cabeça.

—Não, Ed — murmuro, e desvio o olhar.

—Quem é ela, Alice? — Ed se aproxima mais da cama, curioso, e eu o fito, considerando se falo algo ou não.

—Ninguém importante, Ed. — falo firme, para que ele não questione. Ele assente, mesmo percebendo que não é verdade o que estou dizendo.

—Obrigada, Ed — sussurro, e percebo que ele nega com a cabeça, vidrado em mim — obrigada por tudo.

—Sabe que pode contar comigo — ele sussurra, e se afasta, com o blazer na mão. Assinto, e meu lado escuro me alerta sobre dar esperanças à Ed, mas ele precisa entender que recém acordei, estou confusa, assustada e apenas precisarei do seu apoio, de nada mais — boa noite, Ali — ele

murmura, e sai pela porta do quarto, me olhando por cima do ombro.

Fecho os olhos, agoniada. Estou tão confusa, que meu lado escuro não consegue raciocinar o suficiente para afastar Ed, mas nesse momento, ele apenas está sendo meu amigo, nesse momento, ele está apenas sendo alguém que eu preciso. Alguém que não seja Tom.

Sinto que não estou preparada para acordar para a realidade que estou, mas preciso. Preciso aceitar que agora só tenho meu lado escuro, que só tenho eu mesma, e que tirei Tom da minha vida. Respiro fundo, e olho novamente para o quarto. As flores dos Lehanster me lembram das palavras de Ed, sobre Enzo ter chegado um pouco depois de Tom me tirar de dentro do carro. O que Enzo encontrou, quando viu Tom na estrada? Mas meu lado escuro não quer saber, meu lado escuro não quer pensar em Tom. Meu lado escuro não o

perdoa, e eu não consigo perdoá-lo.

Talvez seja melhor assim, para ambos. Quase não sobrevivi ao seu mundo, minhas duas Alices não sobreviveram, e no fim, descobri o quanto suas palavras eram mentiras, o quanto elas eram parte do seu mundo, e o quanto o seu mundo é desconhecido para mim. Anya estava certa sobre o fato que talvez eu quisesse saber sobre ele, e que eu deveria tomar cuidado. Ela é parte desse mundo, ela sabe o quanto estou despreparada para aguentar Pandora, Tom.

Respiro fundo, e fecho os olhos, tentando esquecer o quanto estou machucada, o quanto estou confusa. Sinto-me assustada, me sinto encolhida com a ideia de que estivesse em coma por um mês, e que mesmo o médico dizendo que estou bem, ainda tenho medo do que passei, ainda não consigo acreditar que sobrevivi enquanto Teodoro morreu, e que apenas tive um pequeno traumatismo. Um

pequeno traumatismo que me manteve em coma por um mês. O quanto é pequeno?

Uma lágrima ameaça escorrer novamente pela minha bochecha, mas meu lado escuro se impõe com força, me mantendo um pouco forte, e começo a tentar me acalmar. Adormeço ouvindo um suave barulho do quarto, sem me localizar no horário.

Sinto meu corpo estremecer, como se um choque percorresse ele, me acordando para a confusão que está minha vida, e abro os olhos, fitando o teto escuro, iluminado pela luz do abajur amarelado ao meu lado. Uma sombra dança na luz, e desvio os olhos para o meu lado esquerdo, sentindo meu coração parar de dor.

Tom está sentado, e assim que percebe que estou olhando-o, ele arregala os olhos, como se não acreditasse, como se não esperasse. E meu lado escuro não esperava vê-lo assim, tão depressa. Eu

deveria ter pedido para Ed proibir a entrada de Tom ao meu quarto, mas até Ed se esqueceu disso.

Tom retesa a mandíbula, com os olhos intensos sobre mim, torturados, e vejo seus lábios se abrirem, me deixando ainda mais torturada. Não quero ouvi-lo, não quero saber como se sente, muito menos conversar com ele.

—Alice — ele sussurra, como se ainda não acreditasse, e desvio o olhar, encarando o teto.

—Vá embora — minha voz soa firme, meu lado escuro está me dominando, e eu estou deixando. Estou devastada, e Tom parece querer continuar ao meu lado.

—Alice — ele repete novamente, e sua voz rouca mostra o quanto está torturado — você acordou — ele sussurra para si mesmo. Respiro fundo, e fecho os olhos, sentindo sua voz rouca me fazer sentir dor, como facas no meu coração. Sua voz rouca que sempre me levou à loucura, agora

está me torturando. Quero que Tom vá embora, quero que ele se afaste.

—Vá embora, Tom — minha voz demonstra minha dor, e uma lágrima escorre pelos meus olhos fechados — não quero vê-lo, não quero saber sobre você. Quero que se afaste de mim, e não insista. Ouço o barulho dele se levantando da poltrona e se aproximando.

—Como você quer que eu faça isso? — ele pergunta em uma voz baixa, torturada — não consigo me afastar de você, não depois de vê-la quase morta em meus braços.

Abro os olhos, e o encaro, reunindo as forças do meu lado escuro, e mordo o lábio, tentando segurar as lágrimas que ameaçam sair.

—Eu quase morri por sua causa, Tom. O que você quer mais? — falo ríspida — não basta mentir, me levar à beira da morte? Não quero vê-lo, não quero você na minha vida.

Tom respira fundo, como se as palavras o afetassem, e ele levanta as sobrancelhas, com os olhos marejados.

—Você me ama, Alice, não me tire da sua vida — ele sussurra, se inclinando sobre a cama. Balanço a cabeça, negando, e viro o rosto, desviando os olhos dos seus, azuis escuros, torturados e penetrantes.

—Eu o amo, Tom — e as palavras parecem martelos no meu coração, mas minha voz é mais firme do que eu imaginei — mas não perdoo você.

—Me deixe reconquistá-la, me deixe fazer você me perdoar — ele parece implorar com sua voz rouca, agoniada, mas nego mesmo assim, sentindo as lágrimas escorrerem, revelando o quanto ele está me machucando mais.

—Você me destruiu, e eu preciso me reconstruir, Tom — minha voz é um sopro, e o

encaro — preciso me reconstruir sem você. Seu mundo me engoliu, e eu não estava preparada. Não quero que você tente ficar ao meu lado, não quero que tente me fazer perdoá-lo. Quero que respeite o que estou pedindo, e pela primeira vez, não minta para mim — minha voz autoritária preenche todo o quarto, e ele se mantém reto, ao lado da minha cama — quero que aceite e vá embora.

—E se eu não conseguir, Alice? — ele pergunta aflito, com os olhos marejados, e a mandíbula retesada. Uma lágrima escorre pelo seu rosto, me deixando ainda mais devastada — e se eu não conseguir me manter longe de você? Eu não consegui me manter longe de você, quando estava desacordada, precisava saber se acordaria, se estaria bem — ele pausa, e passa a mão no rosto de forma rude, limpando a lágrima, e mais uma escorre — como vou conseguir me manter longe de você, sabendo que está acordada? Você acha que

não me torturei por pensar que não acordaria? Eu não aguentaria saber que você ficaria assim, e quando vi seus olhos, meu coração voltou a bater. Eu voltei a ter esperanças, eu me sinto um pouco mais feliz por saber que você está bem, após esse mês em silêncio — Tom começa a se exaltar — eu sofro, Alice. Todos os dias foram torturantes, vê-la deitada, com os olhos fechados, e mesmo acordada, eu ainda sofro por saber que está machucada — ele hesita, com as lágrimas escorrendo, seus olhos agoniados — por mim. Não conseguirei me afastar, Alice, já estou perdido com tudo isso. Como ficarei se não tiver você?

Fecho os olhos, sentindo as palavras de Tom, e mordo o lábio, sem conseguir me controlar, sem conseguir controlar as lágrimas.

—Eu afastarei você, se você não conseguir se afastar, Tom — falo baixo, em um sussurro angustiado — tirarei você da minha vida.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele tenta pegar a minha mão, mas afasto com veemência, e o encaro brava.

—Alice — sua voz é baixa, e seu semblante é de desespero, assim como seus olhos estão ferozes — eu apenas tentei protegê-la, eu apenas queria afastar você.

—Do seu mundo, Tom — o interrompo, com rispidez — mas não conseguiu. Você queria me proteger dos seus segredos, das suas mentiras, queria que eu vivesse em uma realidade diferente do que realmente estava acontecendo. Queria que eu fosse feliz, mesmo com uma mentira à espreita, esperando o momento oportuno para me machucar — começo a me exaltar, e percebo que minha voz está ressoando por todo o quarto — mas você não conseguiu, Tom. Você me salvou, mas me salvou de algo que você mesmo causou — jogo as palavras, possuída pelo meu lado escuro, revelando o quanto estou magoada, brava, e as lágrimas

PERIGOSAS ACHERON

deslizam pelo seu gosto agoniado, deixando seus olhos torturados ainda mais azuis — agora eu quero que vá embora, e me esqueça.

Ele respira fundo, me encarando, e o silêncio é esmagador, me deixando ainda mais devastada. Vejo desespero em seus olhos, e seu semblante é de tortura.

—Não conseguirei esquecer você, e sei que você não me esquecerá — ele sussurra, com as lágrimas deslizando. Nego com a cabeça, sem tirar os olhos do seu rosto que há pouco tempo me fazia sorrir. Agora me machuca vê-lo e saber que mentiu.

—Talvez eu faça tudo o que puder para esquecê-lo, Tom. Talvez eu tenha aprendido com o seu mundo, mais do que você imagina — falo firme, com meu lado escuro me mantendo autoritária, e percebo o sofrimento no rosto dele, ao ouvir minhas palavras. Ele abre a boca, levantando

as sobrancelhas, mas não consegue dizer nada. Seus olhos parecem perdidos.

—Não faça algo que não seja do seu feitio, Alice. Não seja algo que não é você — ele sussurra torturado, e me mantenho ainda mais firme.

—O que você acha que é do meu feitio, Tom? Desde que nos conhecemos, seu mundo me mudou, e até eu não sei mais quem sou direito, do que sou capaz — hesito, percebendo o quanto as lágrimas escorrem pelo meu rosto, assim como os dele. Ele cerra os punhos, desesperado pela minha expressão furiosa, machucada — mas sei que desde que nos conhecemos, não sou mais a mesma.

Ele balança lentamente a cabeça, negando.

—Você continua sendo o país das maravilhas para mim, a única mulher que importa — ele sussurra torturado, e sua expressão é devastada. Tom passa a mão no rosto, limpando as

lágrimas que escorrem.

—Mas não sou mais sua, Tom, e terá que parar de se importar comigo, porque esse foi um dos motivos, além de mentir para mim, que me trouxe onde estou agora — as palavras saem antes que eu pense, e percebo o quanto ele machucou ele. Suas lágrimas parecem aumentar, junto com as minhas, e começo a me sentir ofegante.

—Não diga que o que eu sinto por você fez isso, Alice — ele fala autoritário, de uma forma como se tentasse se proteger — porque tudo o que fiz foi tentar me abrir ao máximo, foi tentar fazê-la feliz comigo, como nunca tentei com nenhuma mulher antes e — ele hesita, recuperando o fôlego — porra, todas as pessoas mentem, todas as pessoas erram.

—Mas eu implorei para você ser honesto comigo, Tom — me exalto novamente, deixando a torrente de lágrimas inundar meu rosto — foi o

meu único pedido, porque não aceitaria — hesito, respirando fundo — não aguentaria nenhuma mentira. Estava confiando em você, estava me libertando com você, mesmo com medo, mas você pareceu não se importar com o que eu pedi, porque é egoísta ao ponto de achar que suas decisões são as únicas certas, que está no controle, quando não há controle nenhum.

—Alice — ele rosna desesperado.

—Não me machuque mais do que você já me machucou, Tom. Deixe-me. — sussurro, devastada, e o fito, vendo seu semblante perdido, seus olhos procurando alguma esperança nos meus, e percebendo que não há. Eles se tornam aflitos, e seus olhos azuis escuros se inundam de lágrimas.

—Eu também me machuquei — ele sussurra amargurado, e percebo que está admitindo isso pela primeira vez.

—Então não me machuque mais, e vá

embora — sussurro firme, com minha expressão impassível, torturada, e Tom retesa a mandíbula, sem tirar os olhos de mim. Ele parece não conseguir se mexer, como se o silêncio confessasse seu sofrimento, e seus olhos procurarem alguma resposta no meu rosto. Minutos se passam, sem que ele desvie o olhar, como se precisasse memorizar o meu rosto, e meu coração parece se apertar ainda mais, com cada lágrima que escorre dos nossos rostos.

Por que Tom nos machucou? Meu lado escuro está decidido, e eu não consigo perdoá-lo por tudo. As lembranças daquele quarto de Pandora, quando ele contou a verdade, quando avançou sobre mim, e o carro virando, me jogando com força para o lado, parecem me assombrar, e não há palavras que Tom fale que apagará o que aconteceu.

Ele abre a boca, como se quisesse insistir,

mas dois toques na porta o interrompe. Desvio o olhar, e a porta se abre, revelando alguém que eu não esperava ver. Seus olhos escuros me encaram, preocupados, e Tom se retesa inteiro, ao meu lado.

—Olá — sua voz antiga, familiar, soa, no quarto, me deixando ainda mais surpresa, agoniada — desculpe estar interrompendo, mas me disseram que Lili está acordada — e ele sorri.

Gabriel. Meu antigo namorado, que eu não via há quatro anos, desde que acabamos por escolha de ambos. Éramos bons amigos, mesmo após acabarmos, e quando disse para Tom que não era importante, é porque realmente não é. Namoramos pelo carinho que sentíamos um pelo outro, mas nunca houve um amor. Nunca houve um amor como sinto por Tom, e isso me machuca ainda mais.

Meus pais e os pais de Gabriel sempre foram próximos, e isso nos aproximou, mas depois

de algum tempo, optamos por acabar e continuar a amizade. Gabriel se mudou para uma cidade próxima, e cada um seguiu sua vida, mas sempre nos consideramos amigos, já que antes de namorarmos, já havia a amizade.

Mas mesmo vendo seu rosto amigo, que não via há quatro anos, não me sinto bem, não me sinto confortada, e meu lado escuro alerta sobre Tom ao meu lado.

—Não está interrompendo nada, Gabi — falo autoritária, limpando meu rosto, e fito Tom — você já estava de saída.

Tom parece relutar, e seus olhos imploram para que mude de ideia, mas meu lado escuro permanece firme, e mesmo vendo ele passar a mão no rosto, limpando-o, devastado, me mantenho firme. Seus olhos me fitam torturados, e Tom se afasta. Ele respira fundo, e caminha em direção à porta, parando na frente de Gabriel. Esse sorri, sem

entender nada, e Tom passa por ele, desaparecendo do quarto.

Minhas lágrimas escorrem pelo meu rosto, aos prantos, e fecho os olhos, não importando que Gabriel veja, desejando estar sozinha. Sinto-me sozinha, apenas com o meu lado escuro, e a presença de Tom ainda parece presente.

Vê-lo ainda hoje, quando acordei, quando relembrei tudo o que aconteceu e senti ainda mais dor, parece piorar tudo. Parece mostrar o que vivi com ele, e despedaçar as lembranças na minha mente, me deixando devastada, desmoronando dentro de mim mesma, vendo o quanto a mentira nos destruiu.

Ver o quanto ele também está sofrendo, mas mesmo assim, não conseguir perdoá-lo.

Quero me afastar dele, quero me afastar do seu mundo que me libertou, mas que me machucou que me engoliu.

Mas mesmo que eu queira, meu lado escuro sabe que eu o amo, e que mesmo que não o perdoe que sinta raiva dele, não conseguirei esquecê-lo.

O mundo de Tom ainda está presente.

TOM

Abro os olhos, e vejo o teto escuro do meu quarto me fitando de volta, como se me acusasse de tirar Alice dali.

Não costumo dormir muito, e as noites sempre são curtas para mim, mas essa foi longa. Longa até demais, por saber que não verei mais Alice. Ela me expulsou da sua vida, e porra, não

consigo aceitar, mas preciso. Nunca fui bom em aceitar o que os outros me impõem, mas por ela, por seu sofrimento, preciso me controlar.

Fecho os olhos, tentando esquecer seus olhos magoados. Seus olhos acusadores, e me lembro do seu carro capotando. Porra, naquele momento, achei que havia perdido Alice.

Mas se eu pensar, nesse momento, eu realmente a perdi.

O barulho do capotamento ressoa novamente pelos meus ouvidos, todos os dias nesse maldito mês. Fiquei sem reação, e assim que a fumaça começou a subir lentamente, eu sabia que precisava tirar Alice de lá. Sabia que precisava salvá-la a qualquer custo. E foi exatamente o que fiz.

Tirei seu corpo do carro, e o agarrei, tentando ver se encontrava vida, tentando procurar seus olhos, mas estavam fechados e o sangue se

espelhava pelos seus cabelos. Como meu corpo pareceu me abandonar, meus sentidos pareceram diminuir, e o corpo inerte da minha Alice, nos meus braços, parecia o meu tormento, a minha tortura.

Afastei-me com ela nos braços, e me ajoelhei naquele asfalto, sentindo meu corpo tremer pela primeira vez. Ela permanecia quieta, imóvel, e as lágrimas surgiram sem controle. Eu a abracei, desesperado, descontrolado. Meu ar faltava nos pulmões e faróis iluminaram meu carro, iluminaram o corpo da minha Alice. Enzo chegou, acompanhado de Anya, e correram na minha direção. Anya estava desesperada também, percebendo que seu plano havia levado Alice ao extremo.

Os Lehanster sempre levam as pessoas ao extremo, e eu, a pessoa mais próxima deles, deveria saber que nem a minha Alice escaparia.

Mas Anya, mesmo que eu sinta desprezo

por ela, não posso negar, ela se preocupa com Alice, e pela expressão em seus olhos, ao ver o corpo de Alice nos meus braços, deitado daquele maldito asfalto, ela também sofreu.

Enzo ligou para o resgate, porque eu não poderia soltá-la, nada me afastaria do seu corpo, independente se estivesse viva ou não, nem as mãos de Anya nos meus ombros e no rosto da minha Alice. O resgate demorou o suficiente para me agoniar ainda mais, e o carro atrás de nós começou a queimar, mas nenhum de nós se importou com Teodoro.

Sinto-me frio em relação a isso, e sei que esse é um dos lados que assustariam Alice. O meu lado selvagem que não se importa se a pessoa que a feriu morreu que não se importa se eu poderia ter ajudado ou não.

O resgate chegou quando Teodoro já havia morrido queimado, assistido pelos olhos curiosos

de Enzo, e porra, mesmo dentro daquela ambulância, não podia me afastar da minha Alice. Dentro daquele quarto de hospital, me obriguei a me afastar e ligar para seus pais. Os avisei que iria buscá-los e saí no mesmo momento, buscando-os.

Não esperava encontrá-los desse modo, e seus olhos imploravam mais detalhes sobre sua filha, mas o que eu poderia dizer? Porra, que havia sido minha culpa, que tudo havia sido meu erro.

E assim que eles a viram, me abraçaram como se pudessem contar comigo, sem saber que Alice não queria mais me ver, e nesse momento, meu corpo pareceu pesado, como se eu estivesse ruindo por dentro, por saber que eu poderia ser aquele que estaria ao seu lado.

Lembro-me do maldito Eduardo, que invadiu aquele hospital, como se a minha Alice fosse dele. Porra, não posso permitir que ele aproveite a minha ausência, e sei que fará isso. Ele

me enfrentou, me acusou, e depois que admiti, precisei me controlar para que não começássemos uma briga, para que eu pudesse ficar até Alice acordar.

Mas Alice não acordou naquele dia, nem no dia seguinte. Nem em tantos outros após, e me senti perdido pelo silêncio dela. A empresa não era mais a mesma, não com sua mesa vazia e com os olhos acusadores das secretárias. Porra, nunca me importei com o que elas achavam, mas mesmo elas percebem que minha vida fez isso com Alice.

Como nunca percebi que qualquer caminho que tomássemos, se Alice estivesse comigo, ela ainda se machucaria?

E Enzo tentou conversar comigo. Antone tentou, Anya tentou. Anya a visitou no hospital, várias vezes, e muitas vezes acompanhada de Enzo, levando flores. Queria jogá-las no lixo, mas no fundo, realmente eu errei.

E depois, Gabriel? Ela me afirmou que não o via há anos, que ele não era importante, e agora ele aparece, interrompe minha conversa com ela, e sou mandado embora? Mas que porra está acontecendo na minha vida?

Abro os olhos novamente. Alice acordou, conversou comigo, e jogou na minha cara o que eu já sei, apenas não quero aceitar. Mandou-me embora, e seus olhos eram duros, eram frios. Escondiam o amor que sentia por mim, mergulhado pela dor e raiva. Estou devastado.

Olho para o relógio, marcando seis horas da manhã, e preciso me levantar para malhar, para trabalhar, mas não quero. Quero apenas permanecer deitado, esperando que Alice volte para a minha vida.

Depois de um mês vendo-a no hospital, hoje não a verei, porque acordou. A partir de hoje, não a verei tão cedo, até que ela volte para a empresa, e

eu espero que ela volte. Eu espero vê-la ao menos lá.

Levanto-me da cama e após ir ao banheiro, desço para a academia, em modo automático, assim como tomo café e tomo um banho, me vestindo para trabalhar. Minhas ações estão passando diante dos meus olhos, como se fosse instinto, apenas para me manter na rotina.

Vou para a garagem, e não quero dirigir o carro que sempre estive com Alice, porque o anel que eu dei para ela está lá, dentro do porta-luvas. O anel que tinha orgulho de ver em seu dedo, que dizia o que ela era: minha.

Entro em outro carro, e saio em direção ao trabalho, sentindo que meu dia está um inferno. Todos os dias foram piores, porque Alice não acordava, hoje ao menos sei que ela está viva, respirando. Lúcida.

Aperto com força o volante, tentando

acalmar a raiva que sinto por tudo, a fúria que me inunda e me faz perder o controle. Reteso a mandíbula e entro no leve trânsito até a empresa, passando pelas vias principais. Olho ao redor, e uma dor me inflige de dentro para fora.

Os olhos de Alice, firmes, fixos, em uma foto. Encarando-me, como se me dissesse que nesse dia, ela ainda não estava ferida. Sua expressão firme, em um grande outdoor no alto de um prédio, em um tamanho gigantesco, em preto e branco, e a marca dos Constancer. Sua imagem está projetada, com um vestido preto, mostrando seus ombros. Em um outdoor mais abaixo observo ela com a cabeça deitada no colo de Anya, e ambas me fitam, como se mandassem uma mensagem.

Anya irá tentar tomar o que é meu, de qualquer forma que conseguir.

Soco o volante, dirigindo devagar, sem tirar meus olhos dos olhos de Alice. Eu não a verei hoje,

mas sua foto está exposta para me lembrar dela. Passo por elas, e continuo dirigindo. No prédio dos Constancer, um grande outdoor está expondo mais duas fotos, com as marcas. Porra, Eduardo também irá tentar conquistar ela, e quem saberá o que Gabriel irá tentar. Mas Alice me tirou da sua vida, deixou claro isso, e seus olhos endurecidos me mostraram.

Talvez seja realmente necessário.

Entro dentro do elevador, e observo novamente minha gravata, ajustando-a melhor. Nesse momento, as palavras zombeteiras dela, sobre espelhos, parecem flutuar nos meus pensamentos, e fecho os olhos. As portas se abrem, e caminho em direção à minha sala, sentindo que minhas secretárias me olham de soslaio, com olhos acusadores. Porra sei que é minha culpa.

Entro no meu escritório, e me sento, observando minha agenda e tudo o que preciso

realizar. Preciso me focar novamente na minha vida profissional, antes que essa também desande, já que eu atrapalhar meu trabalho não mudará em nada a decisão de Alice.

O telefone toca, e ouço a voz de Ana me comunicando que Enzo está ao lado de fora. Porra, sem aviso, novamente. Mando-o entrar, e pela sua expressão, algo ainda não está certo.

—O que foi? — digo de forma rude, e Enzo se aproxima, não se importando. Senta na minha frente, e se inclina na minha direção.

—Tom, Anya disse que Alice acordou — Enzo fala sério, e assinto, sentindo minha raiva começar a retornar. Anya já a visitou, provavelmente — precisamos conversar com ela, para que toda essa história seja enterrada. Foi o único jeito que achei para apaziguar a situação de Antone — Enzo hesita — e a minha, com a Tríade. Eles querem que Alice não conte para ninguém.

Respiro fundo, tentando me controlar para não avançar sobre Enzo. Ele espera que depois de tudo, eu ordene que Alice fique quieta? Eu não tenho mais nenhum direito sobre ela.

—Consegui acobertar a explosão, para que parecesse apenas algum bandido, e os nomes desapareceram, mas preciso que Alice concorde, que esqueça — Enzo afirma, e levanta as sobrancelhas, esperando a minha resposta.

Respiro fundo, e soco a mesa, não me controlando mais. Inclino-me em direção a Enzo, encarando seus olhos desafiadores, e deixando claro que ele é meu amigo, mas não tem poder sobre mim, muito menos em relação à Alice.

—Porra, o que você espera que eu faça, Enzo? — minha voz é cortante e alta — Alice me expulsou do hospital, me expulsou da sua vida, por causa de vocês — aponto o dedo no seu rosto — por causa da merda que me envolvi para ajudar

Antone e Eva, por causa da porra da sua irmã — hesito, e me levanto — como irei ordenar para ela ficar quieta? Como farei isso, se não posso nem falar com ela? Eu perdi, Enzo, sabe o que é isso? — minha voz se torna ainda mais alta, e Enzo abaixa a cabeça, passando a mão no cabelo.

—Se acalme, Tom — Enzo mostra o quanto está calmo, e sua voz é baixa — Alice vai voltar para você — ele me encara firme — nós dois sabemos que ela se envolveu nesse mundo, e não irá conseguir esquecer isso tudo — ele se levanta — nós dois sabemos que ela não conseguirá se livrar da lembrança que é estar com você.

Reteso a mandíbula, me enfurecendo ainda mais com as palavras de Enzo.

—Eu apenas passei para avisar você — ele se afasta — Anya irá falar com ela, já que você não — hesita — não pode.

Afasto-me da mesa, em sua direção.

—Mande Anya para o inferno — me aproximo de Enzo — e diga para ela se afastar de Alice, nem que eu tenha que fazer isso com as minhas mãos.

Enzo me encara, e se aproxima.

—Tom, somos amigos, mas não ultrapasse o limite da minha paciência — ele aproxima seu rosto do meu — você e Anya estão testando meu limite — ele respira fundo — não quero me envolver nisso, mas saiba que ficarei ao lado de Anya, em qualquer situação.

Coloco minhas mãos nos seus ombros, amigavelmente.

—Não se preocupe, Enzo — falo firme, me controlando — eu conheço Alice o suficiente para saber que sua irmã nunca conseguirá o que eu consegui com ela.

Enzo sorri cruelmente e se afasta.

—Não duvide de Anya — ele abre a porta

— jamais duvide do que essa mulher é capaz, Tom.

Cerro os punhos, sentindo minha raiva se espalhar. Porra, eu sei que não posso duvidar de Anya. Acreditei que ela iria ser inofensiva, mas se mostrou pior do que imaginei. E provavelmente ela não desistiu ainda. Enzo sai do meu escritório, me deixando sozinho com a sensação de vazio, por Alice não estar ali, por ela estar acordada, mas longe de mim, tentando me esquecer. Com raiva de mim.

O dia passa exatamente como planejei, com reuniões e novos empreendimentos, e com as secretárias analisando cada movimento meu, como se esperassem alguma informação. E assim que percebo o horário, me lembro de que esse seria o horário que visitava Alice. Mas agora ela só irá sofrer ainda mais com a minha presença.

Eu poderia persegui-la, como havia

planejado, eu poderia infernizar sua vida, como já fiz com várias mulheres, eu poderia insistir que voltasse para mim, mas vê-la sofrer não tornará nada melhor, e talvez a deixará com mais raiva.

Começo a dirigir, e a memória de como eu ia para o seu apartamento, surpreendendo-a, me deixa aturdido. Porra, eu preciso esquecer o passado, como sempre fiz, preciso fechar meu mundo novamente, e deixá-la em paz, como ela quer, mas a lembrança de Alice na cama, nua, me deixa ainda pior. Estaciono o carro em frente ao seu prédio, e observo a portaria. Queria poder entrar novamente, subir até seu quarto, mas ela não estará lá.

Retorno para a minha casa, sentindo a pressão dos meus dedos no volante de couro. Tudo é silencioso, e assim que entro no meu quarto, observo os quatros de sexo pendurados. A raiva se torna ainda maior, porque me lembro da sua

opinião decidida sobre eles. Fecho a porta e avanço sobre eles, puxando-os da parede e jogando-os no chão.

Que porra, não quero ver novamente esses quadros, não quero lembrar disso, apenas porque se eu lembrar, não desistirei de Alice, e isso me tornará enlouquecido, me tornará dominador, e eu não deixarei ela em paz.

Fecho os olhos, na penumbra do quarto, e respiro fundo, retesando a mandíbula. Eu poderia agir com Alice, como eu sempre agi, mas estaria machucando-a ainda mais, estaria mostrando o quanto eu realmente sou egoísta por não pensar em sua decisão, porque eu realmente nunca pensei.

Sempre decidi pelo que pensei ser o certo, sempre fingi deixar Alice no controle, enquanto eu exercia o controle, enquanto sabia seus passos e tentava apenas me controlar. Talvez agora eu deva ceder à sua vontade.

Abro os olhos, sentindo meu corpo pesado, e encaro a cama, com lençóis pretos. Não quero me deitar aqui, não quero permanecer nessa casa que se tornou vazia depois que Alice me deixou, e se eu ficar tornará ainda mais difícil desistir dela, e eu preciso, para respeitar sua decisão. Eu irei desaparecer da sua vida, como ela pediu.

Entro no closet, e pego minha pequena mala, já que algumas roupas minhas ainda estão no meu apartamento, e ficarei lá apenas o tempo necessário para deixar Alice seguir em frente, e começar a seguir em frente também.

Arrumo a pequena mala, e saio do quarto, comunicando para meus empregados que continuem cuidando da casa, já que virei esporadicamente, e voltarei, depois de algum tempo. Entro novamente no carro, com a sensação amarga de que estou deixando para trás o único momento que realmente amei uma mulher, e que

pela primeira vez, estou respeitando a decisão de alguma, exatamente por amá-la.

Depois de machucá-la, Alice merece isso.

Começo a dirigir, tentando me lembrar da antiga vida no apartamento, das mulheres e da presença constante de Antone. Mas agora afastei Antone, e ele respeitará a minha vontade. Enzo ainda insiste em conversar, em querer que eu desculpe seu irmão, mas saber que perdi Alice por causa da minha mentira de ter me envolvido no seu mundo, faz tornar tudo ainda pior.

Dirijo mais rápido, sentindo os nós dos meus dedos doerem pela força que aperto o volante, mas não me importo. Aproximo-me do prédio, e depois de anos, entro pela garagem. Estaciono meu carro, e entro no elevador, fitando meu reflexo.

Um antigo Tom me cumprimenta, um sem dor, sem se envolver com uma mulher. Um eu que apenas olhava o reflexo e se sentia satisfeito, com a

ideia sobre a próxima mulher que transaria e a empresa em um bom andamento. Um eu com seu mundo do sexo, como Alice falava.

E talvez eu deva continuar nesse mundo, sozinho, tirando Alice dele.

O elevador abre no meu andar, o último, e abro a porta. O apartamento se manteve em bom estado, já que os empregados o limpam semanalmente, mesmo que eu não o utilize, e ele parece me lembrar de anos atrás. Anos depois de Eva, e até antes dela.

Caminho pela grande sala clara, branca, com duas paredes envidraçadas, mostrando os prédios ao redor, e sofás brancos sobre um grande tapete branco. Subo as escadas brancas também, e atravesso o corredor aberto em cima da sala, contornando um grande espelho. Entro no meu antigo quarto, e deixo a mala em um canto, fitando o outro grande espelho, de frente para a grande

cama, com lençóis pretos. Alice nunca soube desse apartamento, e talvez isso seja melhor.

Sento na cama, sem tirar os olhos do meu reflexo, desejando que eu volte a ser como eu era, que esse apartamento faça retornar o meu antigo eu, sem estar amando, sem estar sentindo falta de Alice.

Desejando que eu consiga transar com outras mulheres, como eu fazia, que eu me desprenda de tudo, e volte a ser focado apenas na minha empresa e nas mulheres que quero iludir, levar para o apartamento, ligar, conversar, e depois me desprender.

Fecho os olhos, e deito de costas na cama, respirando fundo. Estou livre de qualquer objeto que me lembre de Alice, nesse apartamento, a não ser meu próprio reflexo, que me lembra como eu era com ela.

Eva continua na cidade com Antone, e

espero que ela não faça nada mais, a mando de Anya. Espero que Anya não consiga o que deseja, e que Alice continue com sua vida normal, com Dana, mas sem Ed. E sem Gabriel também.

E eu apenas preciso me controlar, controlar o tremor que se espalha pelo meu corpo, me tornando pesado, angustiado. Preciso controlar o meu impulso de ir atrás dela, e preciso aceitar que ela se foi.

Observo o relógio, e decido ir para alguma festa. Pego meu celular e disco o número do Diego.

—Fala — ouço sua voz do outro lado.

—Vamos sair, passo aí em meia hora — comunico, e ouço a risada de Diego do outro lado.

—Mas já? E mulher que apresentou? — sua voz indica a curiosidade que sente, mas minha vida pessoal só diz respeito a mim.

—Acabou — respondo curto. Encaro meu reflexo novamente — me espere.

PERIGOSAS NACIONAIS

Desligo o celular sem esperar seu consentimento, e entro no banheiro, me sentindo vazio. Porra, nesse momento eu poderia estar com Alice.

Sinto a água fria escorrer, e apoio as mãos na parede, com os braços retos, retesando os músculos e cerro os punhos. Porra, vou precisar ter coragem para dar esse passo adiante hoje, mas será o único jeito de tentar tirar Alice da minha vida, de tentar amenizar a vontade que sinto de correr até o hospital e abraçá-la. Será o único jeito de me impedir de encarar seus olhos, porque sei que se eu transar com outra, não terei mais coragem de implorar seu perdão, e é isso o que eu preciso fazer para me afastar, para desaparecer da vida dela, como a própria Alice me pediu.

E talvez seja melhor para ela, que eu a tire da minha vida. Nunca iria fazer bem para a Alice, meu mundo sempre iria assustá-la.

PERIGOSAS ACHERON

Termino o banho e me visto com a primeira camisa social branca que vejo, controlando o horário pelo relógio. Provavelmente Dário também irá, e nos desencontraremos no decorrer da noite, mas não levarei nenhuma mulher para o meu apartamento. Nunca levei, e isso não mudará. Transarei no seu apartamento, e será o término de tudo.

Ajeito o colarinho, ainda fitando meu reflexo, com raiva de mim mesmo, e sei que descontarei minha raiva em mim mesmo, farei tudo o que não sinto vontade, porque sou o culpado de estar nessa situação, sou o culpado de machucar a mulher que amo, e será melhor para ela que eu a afaste definitivamente do meu mundo.

Fecho o zíper da calça jeans escura e ajeito meu cabelo. Porra, estou perdido, e não conseguirei me achar. Não me acharei essa noite, não me acharei nos braços de outra mulher, porque a que

eu quero já está distante de mim, está fugindo do meu mundo, e não posso mais tentar prendê-la.

Desligo a luz do quarto e desço as escadas, vendo as luzes da cidade pela parede de vidro da sala. Foi em uma noite assim que a conheci, e será numa noite assim que acabarei com tudo, pelo bem dela.

Pego a chave do carro e respiro fundo, não tendo coragem para dar mais um passo, mas se eu não fizer, irei atrás de Alice. Conheço-me o suficiente para saber que preciso fazer uma grande merda para me impedir de persegui-la, de insistir em nós. Preciso destruir o nós, antes que eu a destrua. E ela me pediu isso.

Passo a mão no cabelo, sentindo meu corpo pesado, adormecido, automático, como se meu coração não quisesse mais comandar. E não quer. Sinto-me traído por mim mesmo, e não há nada que eu possa fazer, a não ser aguentar esse desespero

que me invade nesse momento, pressentindo que estou fodido. Fecho os olhos, torturado pela ideia de sair pela porta, sentindo a dor que estou infligindo em mim mesmo, mas é preciso.

Abro os olhos e reteso a mandíbula. É preciso tirar Alice da minha vida, é preciso sair do seu país das maravilhas e deixá-la em paz. Eu devo ceder pela primeira vez à sua palavra. As lágrimas parecem invadir meus olhos, e respiro fundo, tentando controlar o desespero por saber que estou arruinando com tudo, que estou me quebrando ainda mais e indo por um caminho sem volta. Estou perdido, e pela primeira vez, assustado.

Pego meu celular e caminho para a porta, firme e decidido que estou fazendo o que Alice quer, que será melhor para ela se afastar, já que ela nunca aceitou completamente nada, já que se machucou e se assustou. Ela não pertence a esse mundo, e Alice mesmo já deixou claro isso, preciso

mostrar para mim mesmo, preciso criar essa barreira para impedir que a machuque mais.

Abro a porta e desligo as luzes, fechando a porta do meu apartamento e a porta do meu mundo para Alice.

Estou tirando Alice da minha vida.

Estou sozinho no meu mundo do sexo.

ALICE

Meu lado escuro me desperta novamente, e sei que dessa vez estou sozinha nesse quarto branco.

Sei que se Tom continuar a insistir em permanecer na minha vida, irei tirá-lo a força. Meu lado escuro não me permite perdoá-lo, e não consigo saber se é isso o que mais me machuca ou

o fato dele ter me enganado o tempo todo.

Olho para o teto branco, e meu lado escuro me pergunta onde ele está nesse momento. Viro a cabeça, sentindo meu coração doer por pensar nele, por pensar que não estou com ele. Estou muito machucada para pensar, mas meus olhos fitam a janela, e vejo a escuridão da noite. Onde Tom está?

Meu lado escuro agradece por ele não estar aqui, mas meu coração parece se acelerar ainda mais, apertado no meu peito, se remoendo exatamente pelo motivo dele não estar aqui, por eu não saber onde está, por eu não conseguir perdoá-lo.

Mas estou machucada, e percebo como o egoísmo de Tom se sobressaiu, me deixando agoniada, torturada, e minhas lágrimas começam a escorrer pelo meu rosto. Passou-se um mês em branco, que eu perdi da minha vida, e ao mesmo tempo a memória parece ser recente.

Meus pais conversaram comigo, tentaram entender a situação, mas apenas consegui responder que havia sido assaltada. Não poderia contar sobre Pandora para eles, muito menos sobre os Lehanster, e isso tornou tudo mais complicado, também para Ed e Dana, que perceberam a minha mentira.

Mas ninguém insistiu nas perguntas, porque ainda não consigo disfarçar o aperto que sinto no meu coração, e sinto vontade de arrancá-lo do peito. Sinto vontade de pedir para esquecer tudo, para que Tom me abrace e diga que era tudo mentira, que foi tudo uma invenção. Mas eu o mandei embora, e sua ausência mostra que me ouviu.

Mais uma lágrima escorre pela minha bochecha, e não consigo parar de encarar o céu escuro da janela. Cerro os punhos, desejando que meu lado escuro também me abandone, mas ele não irá, porque só me resta ele. Estou tão machucada

que não consigo perdoá-lo, por mais que eu queira, que meu corpo sinta falta do seu toque quente, do seu abraço enlouquecedor e da sua voz rouca acompanhada de beijos. De sentir que ele era meu. Não consigo perdoá-lo por ter feito pouco do meu único pedido, de me contar toda a verdade, mas ele me mostrou que não era assim, que escolheu seguir os próprios impulsos.

E eu mostrei que assim como ele não conseguiu responder a um pedido meu, eu não consigo perdoá-lo, por mais que eu me sinta ruir por dentro, por mais que eu o ame.

Gabriel chegou no momento certo, quando não estava mais com forças para encarar Tom sem me desfazer em lágrimas, sem me despedaçar ainda mais, e para ele eu pude contar o máximo que queria, sem mencionar Pandora. Gabriel, antes de namorarmos, e depois também, antes dele se mudar, éramos amigos, confiávamos um no outro.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele me ouviu, e tentou me dizer para me afastar por um tempo, até que o tempo me mostre o quanto existia de amor entre nós, mas ele me aconselhou isso sem saber do acidente causado por Tom, de Eva, de Antone. Ele me aconselhou baseado na expressão de desespero de Tom, na história de que não somos compatíveis, e das brigas, do seu mundo do sexo, omitindo Pandora. Talvez sua resposta teria sido outra, se soubesse de tudo, mas me senti confortada pela sua presença, pelo seu semblante sem demonstrar curiosidade, apenas compreensão.

Fecho os olhos, tentando diminuir a respiração ofegante, tentando acalmar meu coração, e limpo as lágrimas. Eu o amo, mas estou machucada, decepcionada. Sem confiança em suas palavras, em seguir ao seu lado. Ouço um barulho na porta e abro os olhos, vendo-a se abrir.

Anya entra no quarto, com seus olhos fixos em mim, e a primeira sensação que sinto é

PERIGOSAS ACHERON

intimidadora, mas meu lado escuro desperta, me dando forças para olhá-la sem demonstrar receio.

—Olá, Alice — ela sorri levemente, se aproximando da poltrona. Deixa sua bolsa quadrada, preta, na poltrona, e se aproxima da cama — como você está?

Permaneço muda por alguns segundos, como se meu lado escuro escolhesse as palavras para usar contra ela. Respiro fundo, e me acomodo na cama, me sentando. Sua expressão é de preocupação e algo mais, como se estivesse satisfeita.

—Melhor sem você aqui, Anya — murmuro, e minha voz saí firme, sem demonstrar que antes estava chorando, mas sei que meus olhos estão vermelhos — o que faz aqui?

Seu sorriso se perde na expressão séria, e ela se aproxima mais, colocando as mãos na cama.

—Estou aqui para vê-la, para ver como

está — ela diz com sua voz firme, lentamente — e para conversamos.

Balanço a cabeça, negando. Meu lado escuro quer tirar o lençol de cima do meu corpo e pular sobre ela, mas eu sei que por mais que eu também queira culpá-la, ela apenas aproveitou a mentira de Tom.

—Não temos nada para conversar, Anya — sussurro, e desvio o olhar para a porta, desejando que me deixe sozinha.

—Temos, Alice — ela afirma lentamente — prefere começar por qual assunto? — me pergunta em um sussurro, e vejo seus olhos intensos em mim, curiosos. Respiro fundo, e cerro os dentes. Não quero começar por nenhum assunto, e meu coração acelera como se quisesse fugir desse quarto, junto com um arrepio de tensão. Estou começando a suar frio, e passo as mãos no lençol. Nego com a cabeça, e Anya levanta uma

sobrancelha — então começaremos por Eva, o que você acha?

E meu coração, indeciso, decide parar, ao invés de pular para fora do meu corpo. Um tremor percorre meu corpo ao ouvir o nome, e fuzilo Anya com os olhos.

—Não tenho nada para falar sobre ela, Anya — falo firme, autoritária, e minha expressão é impassível — sei que ela fez tudo àquilo em Pandora, porque você mandou fazer — dou de ombros, tentando controlar o tremor e tensão — não quero saber o porquê ou como conseguiu. Não quero saber de mais nada sobre isso.

Anya se inclina ainda mais na minha direção, e me afasto, começando a ficar irritada. Meu lado escuro está tentado em saber o que Anya pode contar, mas preciso me controlar.

—Você realmente não quer saber, Alice? — Anya diz em voz baixa, lentamente, do seu

modo sugestivo. Mordo o lábio, e desvio o olhar, sem conseguir negar a pressão que meu lado escuro exerce sobre mim. Ela levanta as sobrancelhas, com um pequeno sorriso, e respiro fundo — foi o que imaginei.

—Diga o que quer, Anya, e me deixe em paz — digo ríspida, encarando-a, mostrando a minha raiva.

—Irei dizer, Alice, e depois me falará se quer realmente encontrar a paz — ela fala devagar e se vira, puxando a poltrona para perto da cama. Observo seu modo felino, sentindo um receio. Ela se senta, encostando as costas na poltrona e os braços nos apoios de braços. Sorri satisfeita, e me encara intensamente — Eva ainda está na cidade, e tentou vir visitá-la.

—Eu sei — interrompo rudemente Anya, e ela sorri mais.

—Ela queria pedir desculpas por ter

cumprido as minhas ordens — Anya fala firme, séria, e balança a cabeça — como se isso mudasse algo — ela pausa, analisando minha expressão, e tento me manter firme, sem demonstrar nada, agradecendo meu lado escuro por isso — Eva está com Antone, e o ama — levanta as sobrancelhas — infelizmente meu irmão escolhe apenas as putas — Anya sorri levemente — e parece amá-la mais que as outras, mesmo depois de tanto tempo — Anya respira fundo, pela primeira vez — mas mesmo que ela quisesse, Eva nunca poderia ter descumprido alguma ordem minha, porque seu amor com Antone estava em jogo.

Franzo a testa, confusa, e nem meu lado escuro parece entender.

—Como assim? — pergunto em voz baixa, tentando controlar minha curiosidade. Anya parece ponderar o que falar, e passa dois dedos no lábio inferior.

—Eu fiz Eva entrar na vida de Tom, Alice — Anya afirma com os olhos fixos em mim, penetrantes, tentando arrancar da minha expressão o máximo que conseguir — eu paguei Eva para conhecer Tom. A encontrei em uma festa, trabalhando no bar, e percebi que seus cabelos ruivos seriam de muita utilidade para mim, já que sei que Tom tem um fetiche por ruivas — ela sorri — e você também sabe.

Mordo o lábio, tentando me controlar, e desvio o olhar, sentindo meu coração voltar a bater descontrolado. Merda, estou suando frio cada vez mais, e não consigo controlar a sensação sufocante da minha respiração alta.

—Eva aceitou a quantia, e fiz parecer natural o encontro dos dois — Anya continua — claro que não foi só a quantia que a atraiu — Anya sorri cruelmente.

—Por que fez isso? — a interrompo,

furiosa, e meus olhos revelam a raiva que sinto.

—Porque não aceito não como resposta Alice, e Tom tem seu próprio mundo, o que é difícil de encontrar. Ele é um espécime raro — ela sorri — por assim dizer, e ele me mostrou o quanto não tenho controle sobre seu mundo.

Fecho os olhos, tentando controlar a raiva de pular em cima dela e estrangular o demônio que ela é.

—Eu queria saber mais sobre ele, sobre seu mundo, e Eva era a porta de entrada para saber como consegui-lo — Anya pausa, se inclinando lentamente na poltrona, na minha direção — mas Eva conheceu Antone, e se apaixonou.

Sorrio irônica, mas Anya não parece se importar.

—E Antone se apaixonou por aquela puta — ela completou.

—A puta que você pagou — murmuro

ainda mais irônica, e Anya ri.

—A puta que eu paguei, exatamente — diz lentamente, com os olhos fixos em mim — mas ela ainda continuou com Tom, para cumprir o acordo, até que Antone a levou para Pandora — ela se encosta novamente — e depois Tom se tornou sócio. Tudo se encaminhou para que eu perdesse o controle sobre a situação, o meu único meio de saber sobre Tom, e eu não costumo perder o controle — Anya pausa, me analisando, e sorri — até que Tom quis que Eva fosse embora, e eu incentivei sua ida, ameaçando de contar para Antone qual era o seu real objetivo, quando se envolveu com Tom — Anya sorri ainda mais — Eu conheço meu irmão, e sei que ele nunca iria perdoar uma mulher que se vende desse jeito, para espionar seu amigo mais próximo.

—E iria perdoar você? — pergunto ríspida, e a fuzilo com os olhos. Quero sentir mais

raiva de Anya, mas a cada segundo que converso com ela, a curiosidade toma lugar da fúria, e meu lado escuro me diz que tudo é culpa de Tom.

Anya sorri triunfante.

—Sou a irmã dele, Alice — ela levanta as sobrancelhas — nós fazemos tudo um pelo outro — afirma, e sua expressão se torna séria — Antone já me perdoou de situações piores — ela sorri felinamente — muito piores — e meu lado escuro parece avançar de curiosidade — Eva foi embora, fugindo de mim, e Tom se fechou dentro do seu mundo, não permitindo que nenhuma mulher se aproximasse — Anya continua, e se inclina na minha direção — e construiu aquela casa, saindo daquele apartamento que nenhuma mulher nunca colocou os pés — Anya pausa, e começo a tentar entender suas palavras. Tom tinha um apartamento?

—Como assim? — franzo a testa, deixando me envolver pela curiosidade. Anya sorri

ainda mais, satisfeita.

—Tom tem um duplex no último andar de um prédio na cidade, que nenhuma mulher pisou, nem empregadas — abro a boca com a informação de Anya — provavelmente é lá que se desprende de tudo, que se torna — ela sorri — o viciado em sexo.

—Eu sei que Tom é — murmuro, tentando mostrar para ela que o fato dele ser viciado não é novo para mim, mas o fato dele nunca ter mencionado o apartamento é torturante.

—Soube por uma das mulheres que sua casa tem muitos quartos — Anya hesita — utilizáveis.

—Sim — murmuro seca, e desvio o olhar.

—Diferente do seu apartamento — ela completa — mas o importante aqui, Alice, é que depois de anos transando com várias mulheres diferentes, Tom nunca demonstrou se prender a

alguém, e sexo era apenas seu vício — Ela desliza um pouco para frente na poltrona — até aparecer você, algo que eu nunca esperava surgir na vida de Tom. Uma mulher diferente das que ele transou, do seu mundo — ela passa a língua nos lábios — diferente de Pandora.

A encaro, e meu lado escuro parece arder de ansiedade.

—Você entrou na vida de Tom e a bagunçou, e tornou seu vício apenas focado em você — Anya sorri — você o surpreendeu, e me surpreendeu — ela coloca as mãos sobre as pernas, com os olhos esfomeados em mim — estou fascinada por você Alice, e por isso a tirei de Tom, porque é a única pessoa que tem o poder sobre ele, porque mostrou para mim a mulher forte que é, e me fez querer você, me fez desejar ter você.

—Mas nunca me terá — afirmo autoritária, sentindo meu corpo inteiro tremer de

raiva. Quem Anya pensa que é, para contar tudo isso, e esperar que eu responda com um sim? Estou possuída de fúria, e meu lado escuro quer atirá-la pela janela do quarto. Ela é calculista, assustadora. — não é o meu gênero me relacionar com mulheres, e mesmo se fizesse, eu nunca chegaria perto de você — jogo as palavras em seu rosto. Anya sorri, e nega com a cabeça.

—Eu percebo as pessoas, Alice, e sei o tipo de pessoa que você é — ela pausa, e sua expressão é de tranquilidade, meticulosidade — o tipo de pessoa que se tornará — ela respira fundo — eu não a quero sexualmente, porque sei que nunca a conseguirei — ela hesita, balançando a cabeça, e fala lentamente — não, não a quero assim, Alice. — ela sorri — Tom abriu o seu mundo para você, por mais que você não tenha percebido.

—Eu o mandei embora, Anya — falo

firme, com a minha voz autoritária — mandei Tom sair da minha vida.

—Eu sei — ela sussurra lentamente, e arregalo os olhos. Como ela sabe? Sinto meu coração bater como uma escola de samba, e minhas mãos tremem — e é o que você não deveria ter feito, Alice — Anya afirma, séria — Tom quis você no mundo dele, quis que você se tornasse o seu mundo, e quando o viu desmoronar, se perdeu. Você era a única pessoa que o manteve firme nesse novo ritmo, e implorou que você o perdoasse, não é? — ela levanta as sobrancelhas, e assinto, mordendo o lábio, sentindo meu coração acelerado pelas palavras, e um arrepio de tensão, — eu o vi, quando ele a tirou do carro. Eu vi o desespero em seus olhos, pela primeira vez, e soube que ele a ama. Ele faria tudo por você, Alice, e tentaria fazer você perdoá-lo — ela respira fundo, como se tentasse me preparar para contar algo — mas se

você o mandou embora, e disse que não o quer mais, e é o motivo dele estar de volta para o apartamento.

Abro a boca, incrédula, sentindo uma pontada de dor no meu coração, e desejo que ele saía de mim, me abandone e leve embora toda a angustia que me domina.

—Tom saiu da casa, Alice, e você deixou claro para ele que irá continuar sua vida sem ele, que não quer — a expressão de Anya é de tensão — mais fazer parte do seu mundo, e Tom estava perdido. O que você acha que ele fará?

Balanço a cabeça, negando as palavras de Anya. Eu não consigo perdoá-lo, me machuca estar em seu mundo e não estar, ao mesmo tempo. E me assusta imaginar Tom desprendido de tudo o que se passou entre nós.

—Ele seguirá em frente, como acha que eu quero — murmuro, sem tirar os olhos dos olhos

intensos de Anya, e ela assente, séria.

—Você não consegue perdoá-lo, não é? — ela levanta uma sobrancelha — porque você acha que Tom é o culpado de tudo, e porque você se machucou demais por ele ter negado a confiança que você pedia — abro a boca, incrédula por Anya saber tudo isso. Como ela sabe? E meu lado escuro está atento às suas palavras.

—Como você sabe? — murmuro, me mexendo na cama, e sei que minha expressão é de espanto. Sinto-me incomodada por Anya saber tanto sem eu perceber, e por suas palavras me ficarem como facas.

—Porque Tom contou para Enzo, Alice — Anya sorri — e Enzo me contou.

—Exatamente como você queria — falo firme, percebendo que estou na armadilha de Anya. Ela sabia desde o acidente, que eu não perdoaria, e seria a oportunidade vir falar comigo.

—Exatamente como eu queria, Alice — Anya assente com a cabeça — você entendeu — diz lentamente — eu sempre tenho o controle da situação, e agora quero propor algo.

Balanço a cabeça, negando. Não quero ouvir mais Anya, não quero me sentir encolhida por seu plano.

—Vá embora, Anya — falo firme, me inclinando na cama, em sua direção — suma da minha vida, e nunca mais tente se aproximar de mim — minhas palavras saem sem controle, e me exalto ainda mais — não quero seus planos de merda. Você é louca, psicótica. — estou furiosa, sentindo ondas de suor frio percorrer meu corpo, e um tremor de raiva me invadir. Cerro os dentes.

Anya ri lentamente, negando com a cabeça.

—Alice — seu sorriso é animalesco e me arrepia. Recuo, franzindo a testa, com as mãos tremendo de raiva, e sinto meu coração bater

acelerado, aumentando minha respiração. Estou furiosa — o único momento que perdi o controle foi quando você foi sequestrada. Eu orquestrei para que Eva contasse, para que culminasse na confissão de Tom e esperava que tudo ocorresse como previa, mas depois do acidente, tive que pensar nos próximos passos — Anya se inclina, e me afasto, decidida em sair da cama — e percebi que você iria acordar furiosa com Tom, sem conseguir perdoá-lo. Soube que você o mandou embora, que afirmou que não o queria mais, e bem — sua expressão se torna séria, sombria, e sinto calafrios. Meu lado escuro está vidrado em seus olhos animalescos — eu sabia que ele iria se perder no seu mundo. Entenda, Alice, Tom sempre teve o seu mundo, mas sempre esteve no controle, agora, está perdido nele, sem controle. Ele sempre quis estar no seu próprio mundo, sozinho, mas depois de você, ele queria estar acompanhado, e agora está nele

sozinho novamente, contra a vontade.

Uma aflição me invade, e me sinto torturada por imaginá-lo.

—O que quer dizer, Anya? — falo exaltada, ouvindo minha voz preencher o quarto, rude. Aperto o lençol, cerrando os dentes. Anya levanta uma sobrancelha.

—O que eu quero dizer Alice, é que você deixou claro para Tom que não o quer mais, que ele não faz bem para você, e parece que ele compreendeu.

Franzo a testa, não entendo. Como assim? Meu coração parece diminuir o ritmo, desejando que eu não ouça o resto, mas eu preciso.

—Você deixou claro que não o perdoa, mas realmente não consegue perdoá-lo, Alice? — Anya se inclina ainda mais na minha direção, e sua voz é sombria — você deveria ter pensado se sua raiva não é passageira, se esse machucado

realmente é tão grande como você imagina, porque agora talvez seja tarde demais para perdoá-lo por esse motivo.

Sinto um aperto no meu corpo inteiro, sufocando meu coração, e respiro fundo. As lágrimas surgem lentamente nos meus olhos, e os fecho para não chorar na frente de Anya. Estou furiosa com Tom, estou desesperada por isso, e talvez as palavras de Anya tenham mostrado a verdade para mim. Não consigo perdoá-lo agora, mas talvez eu conseguisse perdoá-lo com os passar dos dias, se não tivesse tirado-o da minha vida. Como posso saber se não irei perdoá-lo, por mais decidia que esteja? Estou realmente machucada, mas ainda o amo.

—Não — sussurro, limpando uma lágrima que desliza pelo meu rosto. Não quero compaixão de Anya, não quero nada dela.

—Tom voltou à velha vida, Alice. Tom

voltou para o seu apartamento — a voz de Anya ressoa nos meus pensamentos, e sinto seu toque na minha mão — Tom voltou a sair, porque você fez ele se convencer que é o melhor a se fazer. É o melhor, Alice?

Abro os olhos, sentindo meu corpo implodir, sentindo minha respiração escapar dos meus pulmões, e meu lado escuro está agoniado.

—E não está feliz, Anya? — me exalto, fuzilando-a com os olhos — você nos queria separados, mas nunca me conseguirá. Por que ainda está aqui?

—Porque eu quero ajudá-la — ela fala firme — quero que você me entregue o controle sobre si mesma, e eu a farei conseguir Tom de volta, mas primeiro, terá que aceitar minha ajuda. Terá que me deixar ficar ao seu lado e libertá-la. Você voltará para Tom, mas liberta, uma Alice diferente de tudo o que já foi, uma Alice guiada por

mim.

Não, não estou ouvindo sua proposta absurda. Rio irônica, e nego com a cabeça. Então esse é o plano de Anya? Afastar-me de Tom para nos juntar novamente, mas exercendo poder sobre mim para isso, aproveitando a oportunidade para me libertar conforme sua vontade. Seu plano de demonstrar poder sobre mim, sobre a situação. Uma forma de me ter.

—Não — digo firme, autoritária — se eu chegar a perdoá-lo, não precisarei da sua ajuda.

Anya passa a língua nos lábios, e nega com a cabeça.

—Tom não quer mais você na sua vida, Alice — Anya afirma séria, com os olhos intensos — ele decidiu isso quando retornou ao apartamento, quando saiu, e provavelmente está transando com a alguma mulher, a única forma de dar um basta em tudo, não porque não a ama, mas

porque você mostrou para ele que seu mundo é ruim para você, que ele só a machuca, e Tom concordou que é melhor.

—Você não pode saber de tudo isso, Anya — fecho os olhos, agoniada. Sinto-me torturada por suas palavras, com uma dor que se espalha por imaginar Tom com outra — você não sabe.

—Sei, Alice. O pouco que soube sobre ele me garante que ele pensa dessa forma, e as pessoas que eu conheço já me contaram que ele está em uma festa — Anya pausa, analisando meu rosto aflito — neste momento.

Levanto as mãos e as coloco no rosto, escondendo minha expressão desesperada. Eu não consigo perdoá-lo ainda, mas como a sensação de perda se tornou presente só agora? Eu realmente nunca tive certeza que não poderia perdoá-lo, e sentindo essa sensação, percebo que a sensação de perda é mais agonizante do que a de perdão.

PERIGOSAS NACIONAIS

Sentindo essa sensação de perdê-lo, de estar à beira do abismo sem ele, percebo que eu perdoaria. Meu lado escuro me consome.

—Você foi muito definitiva nas palavras, Alice — Anya sussurra lentamente, e abro os olhos, fitando seu rosto próximo — você definiu os pensamentos de Tom, o convenceu de que você sem ele é o melhor para você, e mesmo que agora tenha percebido o que suas palavras causaram, duvido que Tom concordará em ficar novamente com você, convencido de suas primeiras palavras, convencido de que mesmo que você tenha mudado de ideia, ainda sim, se afastar é o melhor, porque você sempre demonstrou se assustar com o seu mundo, você sempre resistiu em se libertar realmente, e isso só ajudará na conclusão de Tom, de que o seu mundo nunca foi o certo para você, porque você sempre se manteve irredutível, imutável.

PERIGOSAS ACHERON

—Mas — tento falar, mas minha voz é um sopro, e as lágrimas escorrem pelo meu rosto. Desvio o olhar.

—Não é verdade, Alice? — a voz de Anya é cautelosa — você sempre resistiu a tudo, em relação a Tom, sempre deixou claro que você estava deslocada do seu mundo, que você não queria fazer parte, que não podia, não aguentava. E depois de tanto, você conseguiu convencê-lo. Mesmo que agora fale diferente, não irá mudar sua ideia.

Respiro fundo, e coloco uma mão no rosto, sentindo que minha respiração está ofegante, que estou chorando já sem me importar com Anya.

—Como você sabe? — a encaro, ouvindo minha voz ser um sussurro.

—Eu já disse, Alice. O pouco que conheci de Tom já me diz isso, e você sabe também, apenas não quer aceitar — Anya fala lentamente — você

não quer aceitar que ocasionou isso. Você não quer aceitar que perdeu Tom.

Mordo o lábio, fechando os olhos novamente.

—Vá embora, Anya — murmuro um pedido, e sinto sua mão no meu braço, mas a sensação só piora minha tortura. Tiro o braço, e a encaro.

—Aceite minha ajuda — ela fala firme. Nego com a cabeça — aceite minha ajuda e a ajudarei a mostrar para Tom que você quer estar em seu mundo, que você consegue perdoá-lo e que você pertence ao seu mundo.

Respiro fundo novamente, e nego com a cabeça. Por que farei isso, se Tom está transando com outra mulher, mesmo sendo porque insisti em não perdoá-lo?

—Tom está com outra, Anya? — pergunto autoritária, e ela nega com a cabeça.

—Não posso afirmar, mas se saiu, provavelmente irá tentar — Anya fala lentamente.

—Se ele está com outra, Anya, por mais que eu o ame, não irei tentar nada — afirmo, segurando as lágrimas — se ele conseguiu tão fácil assim, não há.

—Não há o que, Alice? — Anya se exalta, me interrompendo e levanta as sobrancelhas — você acha que por Tom transar com outra, significa que é fácil? Sexo não significa nada para ele, Alice, apenas um esporte. Não é fácil para ele, e por isso está tentando usar isso como escape, como fuga.

Nego com a cabeça, sentindo a voz de Anya me esmagar, e meu corpo inteiro parece tremer. A encaro, sem reação.

—Estamos em um impasse, não é, Alice? — Anya se encosta na poltrona e me fita intensamente — você não consegue perdoá-lo — ela hesita e levanta uma sobrancelha — ou não

quer, mas ao mesmo tempo se não perdoá-lo, o deixará perdido e irá perder ele. E não consegue imaginar Tom com outra, deixando tudo o que vocês viveram para trás — Anya se inclina na minha direção — e o único jeito de se satisfazer é conseguir perdoá-lo e aceitar minha ajuda, porque Tom já está tentando deixar tudo, porque você mandou.

Levanto as sobrancelhas, angustiada, me sentindo torturada por Anya, por Tom.

—Você está dizendo que a culpa é minha? — minha voz é de acusação, porque sei que não sou a culpada. Tom mentiu.

Anya sorri, e nega com a cabeça.

—Os dois erraram, Alice. Erraram em mentir, em não perdoar um erro, por acharem que estão no controle, quando na verdade o perderam quando se envolveram. Erraram por acharem que a decisão de cada um é a certa.

—Não vou aceitar sua ajuda, Anya — falo firme — e se for para perdoar Tom, conversaremos.

Anya fecha os olhos.

Não vou entregar o controle para Anya, e agora que ela confessou seu plano, está claro para mim que ela estava o tempo todo observando meticulosamente nossos passos. Ela estava esperando a oportunidade para querer invadir minha vida e me envolver, mas não irei permitir. Estou nervosa, me sinto apavorada com a ideia de que Tom me ouviu, porque eu mesma não consigo mais me ouvir. Estou confusa, porque não quero perdê-lo, e não consigo aceitar toda a história ainda. Mas e se Anya estiver certa? Meu lado escuro arde para aceitar as palavras de Anya, de ouvi-la. Fecho os olhos, preciso estar no controle do meu lado escuro, preciso colocá-lo em uma jaula e não deixar me dominar. Tom pode ter me ouvido, mas se eu conseguir perdoá-lo, ele me ouvirá

novamente. Mas vou conseguir perdoá-lo, mesmo estando tão machucada?

Não precisarei de Anya, não precisarei libertar meu lado escuro.

Abro os olhos, fitando o rosto calmo dela, e respiro fundo.

—Não — digo autoritária — minha resposta continua sendo não. Se eu perdoar Tom, conversarei com ele, e nos entenderemos. Não preciso da sua ajuda para libertar o que você quer. Não preciso de você, Anya. Nada mudará.

Anya se levanta, e me encara, séria.

—Você perceberá o que mudou, quando vê-lo, Alice — Anya fala firme — sou experiente no que digo, conheço como homens se perdem, porque já os fiz se perderem, e já os encontrei. Conheço quando o homem chega no fundo do poço, e muitas vezes, eu fui o fundo — ela sorri — minha oferta ainda estará de pé, porque sei o que os

seus olhos verão. Estarei esperando sua resposta, independente de quanto tempo precisar, e a ajudarei a se libertar, a adentrar nesse mundo que você tanto evitou.

Respiro fundo, e Anya se vira de costas, caminhando lentamente para a porta. Observo seu andar intimidador, e me sinto hipnotizada, com as palavras na minha cabeça. Ela abre a porta e se vira, me encarando.

—Pandora sempre estará lá para você — ela fala séria — como sei que não tem condições, Alice, e como eu a quero lá — ela pausa, observando minha expressão de espanto. Abro a boca para negar — você é uma sócia exclusiva.

Anya sai do quarto antes que eu consiga responder, e fecha a porta, me deixando com a visão de Pandora. Deixando-me sozinha com todas as palavras que me torturam, sobre mim mesma, sobre Tom, sobre como será daqui para frente.

Coloco as mãos no rosto, e deito na cama, confusa, agoniada. Estou com raiva de Tom, também, por ter me enganado, por ter mentido, escondido de mim. A foto ainda estava lá, quando fui para sua casa, Eva ainda estava lá, e eu estava correndo perigo. Sinto-me tão ferida frente a tudo isso, mas a ideia de vê-lo com outra parece me ferir ainda mais, aumentando a sensação de perda, de tortura. De desespero. As lágrimas começam a escorrer pelo meu rosto, e tento controlá-las, mas parece que o as palavras de Anya me perfuraram. Não sei o que fazer.

A porta se abre, e pulo da cama, fitando o rosto apreensivo de Gabriel.

—Ali? — ele levanta as sobrancelhas, percebendo minhas lágrimas — está tudo bem? — pergunta, fechando a porta atrás de si. Nego com a cabeça, e ele caminha rápido em minha direção. Seus braços me circulam, e me abraça forte — o

que aconteceu? — sussurra no meu ouvido — foi aquela mulher que vi sair daqui?

Afasto-me de Gabriel e o encaro, limpando as lágrimas.

—Anya Lehanster — falo firme, tentando controlar minha voz, e meu lado escuro ressurge.

—E o que ela fez? — Gabriel se afasta e senta na poltrona, antes ocupada por Anya — para deixar você nesse estado?

Merda, eu gostaria de poder conversar com Gabriel, mas minha tortura é apenas minha, apenas meu segredo.

—Ela disse que estou perdendo Tom — me permito dizer, sem contar detalhes — me perguntou que o que irá me machucar mais, tentar perdoá-lo, ou vê-lo seguir em frente, fazendo exatamente o que pedi.

Encaro Gabriel, que retesa a mandíbula, pensativo. Gosto de ouvir suas palavras, por que eu

não as siga. Por mais anos que tenham se passado, ele continua sendo meu amigo.

—E o que fere você mais, Alice? — pergunta sério — encarar a verdade de tudo o que aconteceu, mesmo que você não tenha me contado tudo, porque eu sei que esconde — ele pausa, analisando minha expressão. Assinto, e percebo seu semblante de surpresa — ou deixá-lo seguir o que você pediu?

—Eu não sei — murmuro, e desvio o olhar, mordendo o lábio. Estou confusa, é tudo muito recente para mim.

—Então é melhor você pensar, Lili — Gabriel tenta sorrir gentilmente — porque talvez seja sua única chance, se o pouco que me contou sobre vocês é verdade — ele se aproxima de mim, ainda sentado — Tom não parece ser o tipo de homem que toma decisões fáceis.

—Nunca é fácil com ele — sussurro

aflita, e abraço meu próprio corpo, assombrada com as palavras de Anya. Tom está em algum lugar, em alguma festa com alguma mulher, porque eu ordenei que saísse da minha vida. E ele obedeceu, merda.

—Então pense, Lili — Gabriel fala baixo — não deixe essa mulher afetar você, por mais que ela dê calafrios até em mim — Gabriel ri baixo, e eu sorrio. Anya assusta todos, provavelmente — não deixe ela mexer com a sua cabeça, Lili.

—Ela não mexeu, Gabi — respondo com uma voz baixa, insegura. Ela apenas atiçou meu lado escuro ainda mais. — ela apenas me revelou o que evitava ver.

—Você recém acordou — ele diz sério, e sua expressão é de preocupação — não se cobre tanto, já que ficou um mês em coma.

—Você veio me ver? — sorrio, tentando trocar de assunto. Gabriel não sabe o suficiente do

assunto para me aconselhar, e a cada palavra dita, temo contar mais do que posso. Ele puxa a poltrona para mais perto, e segura a minha mão.

—Claro que sim. Seus pais me avisaram, e por mais que minha cidade fique há três horas daqui, tirei um tempinho para ver você — ele sorri — quatro anos sem nos falarmos não é nada, quando soube que sofreu um acidente, já que nunca deixou de ser minha amiga.

Rio, balançando a cabeça, e coloco minha outra mão sobre a sua, que segura a minha.

—Como estudo e trabalho, só posso vir a cada quinze dias, mas estou aqui agora — ele sorri — terei que ir embora amanhã, mas daqui a quinze dias, estarei aqui de novo.

Assinto, e mordo o lábio, ainda sem tirar dos pensamentos a ideia de Tom com outra, e a ideia de perdoá-lo. O que eu conseguirei fazer? Meu lado escuro está enforcado pelas decisões.

Olho para Gabriel novamente, tentando me distrair.

—E Amara não ficou com ciúmes por você viajar três horas apenas para me ver? — pergunto, me referindo à sua namorada. Gabriel dá de ombros, e ri.

—Não estou com Amara há um ano, Lili — Gabi fala baixo, e sua expressão é tranquila — ela se mudou, e bem, descobri que ela não era como imaginava, se me entende.

—Perdeu um grande homem — sorrio, acariciando sua mão.

—E Tom irá perder uma grande mulher, se vocês não se resolverem — ele afirma, e leva minha mão aos lábios, beijando-a.

No mesmo instante, ouço a porta se abrir, e olho na direção, encontrando dois olhos azuis escuros, sombrios, autoritários. Perturbados. É Tom, seus olhos se focam nos meus, e vejo o

desespero ainda neles.

ALICE

Os olhos de Tom estão focados em mim, queimando meu lado escuro.

Respiro fundo, sentindo a cor fugir das minhas bochechas, e meu coração parece sair pelo meu peito, fugindo pela janela, assim como minhas mãos tremem, e Gabriel a aperta forte, segurando-a.

Os olhos de Tom se desviam para a minha

mão apertada pela de Gabriel, e ele retesa a mandíbula, com uma expressão indecifrável. Sua camisa social branca está com o colarinho aberto. Está de calças jeans escura e cabelo levemente bagunçado, atraindo ainda mais meu lado escuro.

—Lili — Gabriel sussurra ao meu lado, largando a minha mão — acho melhor eu deixar vocês à sós.

—Sim — murmuro, sem tirar os olhos de Tom, sentindo o oxigênio queimar em todo o quarto, e Tom dá um passo para dentro do quarto, largando a maçaneta da porta.

—Não precisa ir embora — Tom fala firme, e sua voz rouca é autoritária. Seus olhos azuis escuros são ferozes em Gabriel — conversarei rápido com Alice.

Um arrepio de receio passa pelo meu corpo, e me lembro das palavras de Anya. Ele havia saído, ele poderia ter transado com alguma mulher.

—Eu já estava de saída — Gabriel diz firme, se afastando da cama em direção à porta, onde Tom continua parado. Olha para mim novamente — qualquer problema, me ligue, Lili. — assinto com a cabeça, desviando os olhos para Gabriel, e percebo que Tom continua a encará-lo. Ele passa ao seu lado, e maneia a cabeça em um cumprimento, e Tom retribui da forma mais educada possível.

Assim que a porta se fecha, me deixando sozinha no quarto com Tom, meu corpo parece querer se incorporar na cama, e meu lado escuro quer me dominar, dominar minha emoção, minha razão.

—Desculpe interromper — Tom fala baixo, e sua voz rouca me arrepia, me lembrando do seu toque. Fecho os olhos, respirando fundo, tentando me acalmar — apenas precisava vir — sussurra, e abro os olhos. Ele passa a mão no

cabelo, como se desistisse de resistir, e se aproxima da cama.

—Não estava interrompendo nada — murmuro, e novamente ouço a voz de Anya na minha cabeça. Meu lado escuro parece não querer esquecer. O que é pior, tentar perdoá-lo, ou perdê-lo? Balanço a cabeça, tentando me desvencilhar das palavras, e Tom se aproxima o suficiente para encostar o corpo na cama, ao meu lado.

—Alice — sua voz rouca é insegura, e o encaro surpresa, me sentando ereta na cama. Ele respira fundo — só queria dizer — ele respira novamente, e seus olhos se desviam dos meus, fitando suas próprias mãos apoiadas na cama — eu não consegui me controlar, não consegui não vir — sussurra baixo, confessando de forma relutante — eu tentei — hesita, e me encara selvagemente — eu realmente tentei não vir, e não deveria vir, mas pensar em você era mais forte que tudo.

PERIGOSAS NACIONAIS

—Tom — sussurro, sentindo meu coração apertado, e meu lado escuro não se decide o que fazer — eu ainda não sei — minha voz é um sopro, revelando a tortura dentro de mim. Não sei o que fazer, não sei se conseguirei perdoá-lo, ou se perder irá me destruir ainda mais. Sinto as lágrimas ameaçarem descer pelo meu rosto, e Tom se afasta da cama, dando as costas.

—Não — fala autoritário, e dou um pulo da cama — não precisa decidir nada, Alice — diz firme, e se vira para mim, mais perto da janela do que da cama, sua expressão é impassível, e seus olhos me perfuram. Estão duros, frios, e sinto meu corpo tremer — eu decidi por nós.

Franzo a testa, sentindo meu coração acelerar mais, e nego com a cabeça, sem tirar os olhos dele.

—Como assim? — pergunto sem querer ouvir a resposta, e meu lado escuro desfere um

grande tapa no meu rosto, me mostrando o quanto ele está certo. O quanto Anya está certa. Eu o estou perdendo.

—Eu decidi que não ficaremos mais juntos, Alice — ele fala firme, com os olhos duros em mim, sem piscar. Sua expressão feroz mostra a certeza — eu só a machuco, meu mundo nunca foi o que você quis, e você nunca pertenceu a ele, por mais que eu insistisse — Tom coloca uma mão na testa, e retesa a mandíbula — e eu sempre insisti para você pertencer, sem perceber que você não podia, não queria — meu coração parece bater ao ponto de me deixar sem fôlego, e levanto as sobrancelhas, sem reação, sem voz, entorpecida — então tirei você dele. Não precisa se decidir, não precisa sofrer mais — ele respira fundo, cerrando os punhos — não irei deixar você se envolver novamente comigo, para se machucar cada vez mais, porque você sempre irá se machucar, já que

não é do seu jeito, já que até perdoar a fere.

—Mas — abro a boca, interrompendo-o, mas as palavras parecem vagar pelo ar. Tom nega com a cabeça.

—Eu a amo, Alice — sussurra com sua voz rouca — hoje — ele hesita — percebi que estou viciado mais em você do que em sexo, e não posso — ele nega com a cabeça, fechando os olhos, e franze a testa — não posso mais me deixar levar, quando você já deixou claro o quanto estou machucando-a, então por mais que você fale algo, eu já me decidi — ele abre os olhos, me encarando torturado, e sua expressão é de aflição — por mais que depois queira me perdoar, o melhor para você é estar longe de mim, do meu mundo, e por mais que hoje eu não consegui acabar de vez — ele pausa, respirando fundo, e vejo uma lágrima escorrer pelo seu rosto — na próxima vez conseguirei.

Balanço a cabeça, negando, confusa. Como

assim, tentou? Meu lado escuro parece estar em um fogo torturante.

—Tom, como assim, não conseguiu o que? — meu lado escuro pergunta sem eu me controlar, e Tom desvia o olhar, levantando uma sobrancelha. Seu semblante é sombrio, e me causa calafrio.

—Saí com Dário e Diego, Alice — ele diz autoritário — mas nem em uma festa, com uma mulher nos braços, você permanecia na minha mente, e — ele hesita, virando o rosto para o lado, e retesa a mandíbula — e não consegui nem tirá-la da festa para transar com ela — ele soca a parte de cima da poltrona — porra, eu não consegui transar com uma mulher, porque me senti esmagado pela sensação de não ser você — grita com sua voz rouca — não consegui me imaginar sem você — Tom passa a mão no rosto, limpando a lágrima, ainda com o rosto virado para evitar me olhar, e sinto as minhas lágrimas escorrerem pelo rosto.

Meu corpo parece ser esmagado pelas suas palavras, e balanço a cabeça, tentando controlar as lágrimas, a respiração ofegante — e quando ela deixou claro que poderia ir comigo para qualquer lugar — ele diz exaltado, e sua voz é ainda mais sombria, assim como sua expressão, e ele me encara, com os olhos torturados — eu recuei, porque não consegui pensar em transar com ela, senti medo, senti a porra da dor de estar sozinho.

Passo as mãos no rosto, limpando as lágrimas que continuam a descer, e sinto todo o meu corpo trêmulo, com um suor frio e uma sensação de dor.

—Por que está me contando isso, Tom? — pergunto baixo, com a voz fraca. Ele retesa a mandíbula, e cerra os punhos, apoiando-os na parte de cima da poltrona.

—Porque não quero que pense que irá ser fácil, quando eu conseguir — ele fala alto, com a

voz rouca ressoando pelo quarto — depois de não conseguir, entrei no meu carro e não consegui controlar o impulso de vir vê-la, de contar para você que estou tirando-a da minha vida, para então fazer toda a merda, sabendo que você está tomando a decisão certa de seguir em frente, sem mim, de se livrar do meu mundo, e eu contando para você a afasta mais, me empurra em direção a isso, de uma forma que me força a fazer, sem ter a possibilidade de voltar atrás.

Levanto as mãos, silenciando-o, e respiro fundo.

—E se você tiver essa possibilidade, Tom? — pergunto alto, tentando manter minha voz firme, e meu lado escuro parece ter forças, enfrentando toda a dor de ouvir suas palavras — e se eu conseguisse perdoá-lo?

—Não, Alice — ele grita, explodindo — não force você mesma a tentar me perdoar, quando

isso a machuca ainda mais, e se mesmo que conseguisse me perdoar — ele pausa, ponderando o que falar, e sua expressão é de desespero — você irá se machucar novamente, e sempre será minha culpa, porque você não pertence ao meu mundo, você sempre irá se machucar, então precisamos encerrar isso, para que você possa seguir, ser feliz — Tom fala mais baixo, começando a se controlar, e seu olhar volta a endurecer. Respiro fundo, resfolegando, e deixo as lágrimas deslizarem pelo meu rosto. Ele está dizendo exatamente o que Anya me alertou, e eu não estou conseguindo reagir, merda. Não consigo acreditar.

—Mas se eu quiser? — pergunto alto, tentando controlar a agonia. Tom nega, se afastando, em direção à porta, e coloca as mãos na cabeça.

—Porra, Alice — ele grita, de costas para mim, e se vira, me encarando desesperado — é

porque eu te amo que não quero mais machucá-la, que sei que o melhor para você é não estar ao meu lado, então não — ele não consegue se controlar, e vejo suas mãos tremerem, pela segunda vez — mesmo que você queira, eu tirei você da minha vida, e irei fazer algo que faça você não conseguir me perdoar, para seguir em frente. Irei me destruir — ele fecha os olhos, ainda com a voz rouca alta — mas irei afastar você, para que não se destrua.

—Mas eu o amo — sussurro, sentindo meu coração parar, sentindo meu corpo me abandonar. Eu o amo, meu lado escuro o ama, acima de tudo.

—Alice — ele abre os olhos — eu já tomei minha decisão.

—Não decida por mim, Tom — me exalto, não controlando a voz, e soco a cama com os punhos fechados — não decida sobre nós.

—Mas eu decidi por ver você, Alice, por

ver o que eu causei, e porra — ele grita, cerrando os punhos no ar — você mesmo deixou claro, você me mostrou o quão egoísta fui por não perceber o quanto a machuco — sua voz rouca aumenta ainda mais, e sua expressão é de desespero, assim como seus olhos selvagens — eu já decidi, eu irei tirá-la da minha vida — ele grita — eu já tirei.

Abro a boca, incrédula, e antes que consiga dizer algo, Tom abre a porta e saí furioso do quarto, fechando a porta com força atrás de si, e levando junto todo o meu ar e razão.

E me deixando com meu lado escuro e apenas uma palavra. Acabou.

Fecho os olhos, tentando controlar todo o desespero que assola meu corpo, que me deixa confusa e inundada de toda sensação de abismo dentro de mim, e em um grande impulso comandado pelo meu lado escuro, jogo o lençol para o lado e saio correndo até a porta, abrindo-a

com veemência, e corro para o corredor deserto do hospital, branco e torturante. Está vazio em ambos os lados. Tom não está mais aqui. Corro em alguma direção, perdida pelos sentidos, apenas com a ideia de alcançá-lo, e viro um corredor, chegando a um elevador fechado. Tom não está dentro dele, não está onde eu posso alcançá-lo, e meu lado escuro parece negar a realidade.

Meu coração parece sair pela minha boca, e me sinto tremer. Onde Tom está? Coloco as mãos no rosto, chorando baixo, e volto para o quarto, sentindo meu corpo desistir de caminhar. Deito-me na cama, fechando os olhos, desejando que ele volte, que eu perceba o quanto é pior perdê-lo do que perdoá-lo, mas estou sozinha no quarto.

E todas as palavras de Anya parecem fazer sentido. Minhas palavras, quando acordei do coma, para Tom, foram duras, foram torturantes, e fizeram sua cabeça, enquanto a minha mudava, e

quando eu percebi que o que sinto é maior do que não perdoá-lo, foi tarde demais. Tom já não se perdoou mais, e decidiu que me machucou demais, que precisa me tirar da sua vida.

E o que eu posso fazer? Meu lado escuro me questiona, martelando a imagem de Anya, mas se eu aceitar sua proposta, estarei fazendo exatamente o que ela quer, e não posso permitir. Não posso cair em suas garras.

Mas eu o perdi, e isso me fere ainda mais.

As lágrimas escorrem ainda mais, e agradeço por não ter mais visitas, me permitindo chorar sem dar explicações. Estou sozinha com meu lado escuro, e diferente das duas Alices, que permanecerão mortas, ele me tortura, me enlouquece.

Eu estou tão confusa, porque percebo que mesmo machucada, agora que ele se foi, quero perdoá-lo, mas ele não está mais aqui, e terei que

tentar falar com ele, mas Tom sempre foi decisivo, irredutível. Merda, o que posso fazer?

E o que ele fará? Meu lado escuro me questiona, e mais uma lágrima escorre. E o que ele fizer, será o suficiente? Ou se ele fizer, e não conseguirei mais perdoá-lo, mesmo sabendo os motivos dele fazer? Todas as perguntas me atormentam, e adormeço exausta, entorpecida por tudo.

Adormeço querendo esquecer tudo dentro.

Acordo com o sol batendo levemente na cama, e abro os olhos, me sentindo ainda confusa, mas assim que retorno do banheiro, meus pais aparecem no quarto, preocupados comigo, e o médico entra em seguida, comunicando que receberei alta ainda durante a semana, e apenas terei que retornar ao hospital para alguns exames, mas meu lado escuro não parece se animar.

Meu trabalho é na empresa de Tom, e eu o amo. Como enfrentarei isso? Como farei para tê-lo de volta?

Converso com meus pais, distraída, e meu lado escuro está no automático, e assim que meus pais saem do quarto, volto a dormir.

O dia se arrasta, e no final da tarde Ed entra no quarto, com um grande sorriso, mas ao perceber

que me esforço para sorrir de volta, puxa a poltrona para mais perto e me encara.

—O que aconteceu, Ali? — pergunta direto, com as sobrancelhas levantadas. Sorrio amarelo, tentando negar, mas ele continua a me encarar, e não consigo segurar o sorriso por mais tempo.

—Tom veio me ver — murmuro, e desvio o olhar, sentindo seus olhos me fuzilarem.

—E? — ele coloca uma mão no meu braço, e mordo o lábio, sentindo a tensão por todo o meu corpo.

—Acabou, Ed — falo em uma voz baixa, e encaro-o — nós acabamos — e me sinto desmoronar por dentro, percebendo que não sei o que fazer para consegui-lo de volta.

—E não era isso que você queria, Ali? — Ed pergunta confuso, franzindo a testa. Nego com a cabeça, conseguindo me controlar.

—Não Ed — digo firme, com olhos fixos nele — eu amo ele — vejo os olhos de Ed se fecharem, e sua expressão se tornar sombria — mas Tom acha que apenas me machuca.

—E é verdade, Ali — ele murmura, e abre os olhos, me encarando. Sua expressão suaviza — Tom é muito diferente de você, o modo como ele vive, o seu jeito. Talvez seja melhor você seguir em frente, perceber que você sempre se machucará.

—Não Ed — minha voz é autoritária, e afasto o meu braço do seu toque — quem sabe sobre isso é apenas eu, e — hesito — talvez eu me machuque mais se me afastar.

—Você não sabe se não tentar, Ali — Ed fala devagar, tentando me acalmar — talvez você devesse dar uma chance ao que ele falou, e tentar, como ele deve estar tentando.

Meu lado escuro se torna ainda mais escuro, e me sinto torturada pelas palavras de Ed. Sei que

ele está me aconselhando para ter uma oportunidade, mas mesmo que eu tente, não me envolverei com ele.

Nego com a cabeça, ficando em silêncio, e desvio o olhar.

—E se ele estiver com outra, Alice, tentará voltar com ele mesmo assim? — Ed pergunta em uma voz cautelosa, baixa, e o encaro, surpreendida com sua pergunta. Abro a boca, mas não consigo responder. Se e quando Tom estiver com outra, saberei o motivo, mas conseguirei encarar isso? Conseguirei não desistir dele e perdoá-lo? — conseguirá?

Respiro fundo, me sentindo confusa, e mordo o lábio.

—Não sei, Ed — respondo em um murmuro, sem tirar os olhos dos dele, e ele os fecha, ponderando o que falar.

—Ali — ele fala em voz baixa, tranquila, e

abre os olhos, colocando novamente a mão no meu braço — Armando me contou essa manhã que Tom saiu de férias, deixando a empresa com os acionistas e um representante — ele hesita, analisando minha expressão, e não consigo esconder o assombro — e foi para um casa na praia, que ele passou um tempo, há anos atrás, onde teve um curto caso — ele hesita — apenas de sexo, nunca ouvi falar de envolvimento de ambos, mas com uma mulher — sinto o ar fugir do quarto, e meu coração recebe uma martelada — e ela está lá também, novamente, porque Armando a conhece.

—Quem é? — pergunto sem conseguir me controlar, e me inclino em direção à Ed.

—Ali, para que se torturar desse jeito? — Ed pergunta bravo, e se inclina na minha direção.

—Quem é, Eduardo? — pergunto ainda mais autoritária, e ele balança a cabeça, desistindo.

—Seu nome é Nássia, ela é uma das

acionistas da empresa dos Lehanster — ele conta lentamente, atento na minha reação. Abro a boca, incrédula, e meu lado escuro se pergunta se Anya já sabia.

—Como você sabe? — levanto as sobrancelhas, controlando minha voz. Aperto as mãos, querendo sair da cama.

—Porque Enzo sabia — Ed murmura, e balança a cabeça — contou para Anya, e ela contou para Armando, pedindo que me contasse para informar você.

Anya novamente.

Fecho os olhos, não reconhecendo a sensação que me domina. Uma mistura de pavor, de adrenalina.

—Talvez seja a hora de você se focar apenas em você, Ali, já que Tom está longe — Ed sugere com uma voz baixa, e abro os olhos, encarando-o perplexa — O que você poderá fazer,

Ali? — não poderei fazer nada, a não ser esperar que Tom faça algo, e então não saberei mesmo como agir. Como perdoá-lo.

Meu lado escuro pede que eu aguente até ele voltar, para então saber o que realmente aconteceu. Meu lado escuro quer que eu faça exatamente o que Ed sugeriu, e enquanto eu espero, que eu foque apenas na minha vida, que eu tente me distrair.

Balanço a cabeça, sentindo uma dor se irradiar por todo o meu peito, mas me controlo.

—E o que mais tem para me falar, Ed? — O encaro, tentando controlar o desespero, e mudo de assunto. Deixo-me torturar sozinha. Respiro fundo.

Ed respira fundo, e tenta sorrir, percebendo a minha tentativa.

—Tenho algo para alegrar você — ele sorri ainda mais, e aperta o meu braço —

marcamos o evento da campanha que você fez.

Levanto as sobrancelhas, surpresa, e meu lado escuro parece ressurgir, distraído.

—Mesmo? — pergunto, e tento sorrir.

—Sim — Ed fala animado, e assente com a cabeça — na metade do próximo mês, já que estamos no final desse. Precisamente dia dezessete.

Sorrio, sentindo meu lado escuro se animar.

—E antes disso, fomos convidados para prestigiar outro evento da parceria francesa que fizemos — Ed pausa, me encarando de forma indecisa — e gostaria que me acompanhasse, Ali, porque o convite se estendeu às modelos também, e Anya irá acompanhar Armando.

Abro a boca, para negar, segura de que não darei essa ideia para Ed, mas ele levanta as mãos, me silenciando.

—Como amigos, Ali — ele tenta implorar, e sorri.

PERIGOSAS NACIONAIS

—Ed, não sei se isso seria bom — murmuro, sentindo meu lado escuro enlouquecer. Se eu for com Ed, mesmo que deixe claro que somos apenas amigos, ainda sim, parecerá que ele tem chances, e não posso permitir. Mas ao mesmo tempo, meu lado escuro está tentado em comparecer ao evento, como uma forma de se distrair da ideia de Tom em algum lugar, acompanhado. Sinto meu coração parar novamente, ao imaginar.

—E se eu conseguisse um convite a mais, e você pudesse levar alguém junto? — Ed pergunta animado, e franze a testa — resolveria o problema?

Meu lado escuro parece concordar, mas permaneço resoluta.

—Posso pensar? — pergunto, e sorrio levemente. Ed assente, e se levanta — receberei alta essa semana — informo ele, e Ed sorri ainda

PERIGOSAS ACHERON

mais.

—Faremos uma festa por isso — ele se aproxima da cama. Nego com a cabeça, e rio — então apenas uma pequena comemoração.

—Não, Ed — faço um sinal com as mãos, mostrando que não dou importância.

Ed levanta as sobrancelhas, surpreso.

—Nada? — pergunta com os olhos arregalados, e eu rio. Assinto.

—Nada — digo firme, e ele ri também, balançando a cabeça.

—Mas ficará brava se eu fizer? — ele pergunta rindo ainda, e eu assinto novamente.

—Vou ficar muito brava — afirmo, tentando parecer séria. Realmente não quero nada, mas está sendo divertido.

—Então que fique — Ed fala firme, dando de ombros — irei fazer algo do mesmo jeito.

Respiro fundo, fuzilando-o com os olhos, e

ele desvia o olhar, encarando a janela.

—E já pensou em se demitir, Ali? — Ed pergunta um pouco receoso, e me fita. O encaro, percebendo sua pergunta, e me sinto novamente ser tragada pela angústia. Precisarei chegar a esse ponto, se Tom fizer algo? Precisarei, ou conseguirei perdoá-lo sobre isso?

—Ainda não — murmuro, e seus olhos se encontram com os meus, atentos. Sua expressão é de preocupação.

—Mas não vamos pensar nisso agora — ele acena com despreocupação, tentando me acalmar. Ele sorri — talvez eu consiga mais contratos para você, e bem — ele dá de ombros, rindo levemente — talvez nem precise trabalhar lá mais.

—Ed — falo algo, surpresa — não.

Ed ri, levantando as mãos.

—Está bem, está bem — ele ri, balançando

a cabeça com um sorriso torto, e coloca as mãos no bolso — vou precisar ir, mas amanhã cedo estarei aqui.

—Estarei acordada — sorrio, e Ed me encara por alguns segundos, em silêncio, me deixando constrangida, e meu lado escuro me faz desviar os olhos e cortar o contato visual.

—Até, Ali — ele murmura e sai do quarto, aceno para ele, e a porta se fecha, me deixando sozinha com meu lado escuro, que está ardendo para se libertar novamente. Ele quer que vá para esse evento, que eu me distraia e deixe Tom de lado, nesse momento, até que eu saiba o que ele está fazendo. Quer que eu tente me torturar menos, mesmo sendo impossível, porque sei que ele está lá por causa das minhas palavras.

A porta se abre repentinamente, e Dana entra com um grande sorriso.

—Ali — ela abre os braços e caminha

rápido na minha direção. Abraça-me forte — como você está? — pergunta animada, e se afasta.

—Estou bem — minto, evitando de falar sobre Tom — e você?

—Mais do que preocupada em deixar você em dia na faculdade — ela ri, e balança a cabeça, negando — está tudo bem.

Rio também. Meus professores me deixaram recuperar os trabalhos e as provas, e serei sempre grata a eles.

—E — ela completa, se sentando e levanta as sobrancelhas — soube que o evento da marca que você fez a campanha está marcado.

Abro a boca, incrédula. Como ela sabe.

—E como você ficou sabendo? — pergunto baixo, temerosa. Dana ri, balançando a mão.

—Ali, todo mundo sabe — ela dá de ombros — todos os eventos são sempre

comentados.

E então me lembro do outro convite, e meu lado escuro perde o rumo, em um grande impulso.

—Fui convidada para outro também — merda, preciso controlar meu lado escuro.

—Como assim? — Dana levanta as sobrancelhas, sentando sobre uma perna. Dou de ombros, tentando achar uma solução para mudar de assunto, e ela ri — Alice, nem pense em não me contar.

É, será difícil mudar de assunto.

—Ed me convidou para ir em outro evento da marca francesa que fez parceria, e eu posso levar alguém — digo direto, e a encaro — mas não sei se quero ir.

—Como assim, não sabe se quer ir, Ali? Você vai ir, e nós iremos — ela ri, tentando parecer brava — vou ir com você, já que pode levar alguém.

—Mas — tento falar, controlando a risada.

—Sem mas — Dana me interrompe — você e Tom terminaram, e não sei até quando, mas nesse tempo, vamos ir nesse evento.

Mordo o lábio, fitando-a. Dana não sabe de nenhuma parte da história, a não ser que brigamos e acabamos. Não sabe da visita de Anya, que eu tentei perdoá-lo ou da nossa última conversa, e pretendo deixá-la sem saber. Não irá mudar nada, e talvez ela me distraia ainda mais. Talvez com ela, eu consiga insistir nele.

—Iremos — sorrio, e vejo uma expressão de triunfo no seu rosto — mas Ed ainda não me passou detalhes.

—O importante é irmos — Dana ri, e se ajeita na cadeira — Carlos também a convidou para o seu aniversário, agora esse mês.

Abro a boca, surpresa. Havia me esquecido do seu aniversário, e fito Dana. Tom, aquela vez,

havia sugerido ajudar, mas e agora?

—Tom o ajudou? — pergunto em uma voz baixa, preocupada. Dana respira fundo e assente.

—Ele conseguiu o lugar, aquela boate — ela confirma minha suspeita — e conseguiu um DJ famoso também, toda a estrutura. Praticamente deu toda a festa — Dana pausa, com um semblante preocupado — não cobrou nada, disse que era o presente dele.

O presente dele. Meu lado escuro sabe qual era a intenção dele.

—E ele irá? — pergunto curiosa, ansiosa. Dana balança a cabeça, negando.

—Não sei, Ali. Até então, ele havia confirmado que iria, mas Carlos não conseguiu mais falar com Tom, faz uma semana — ela me fita preocupada, e eu sorrio amarelo, tentando mostrar que não estou preocupada.

—Tudo bem — murmuro.

—Mesmo? — Dana pergunta firme, levantando as sobrancelhas.

—Mesmo — afirmo, e tentando pensar em outro assunto — conheceu Gabriel?

Dana ri, assentindo.

—Conheci em uma das visitas, e Ali — Dana sorri ainda mais — não havia me contado que ele era tão lindo assim.

—Dana — falo alto, chamando sua atenção.

—Mas é verdade — ela dá de ombros — uma olhadinha não machuca ninguém, ou vai me dizer que também não olhou? — ela semicerra os olhos, sugestivamente. Nego com a cabeça, não consigo pensar em Gabriel dessa forma.

—Não — falo rindo — para mim, Gabriel é um grande amigo, não consigo vê-lo dessa forma.

Dana balança a cabeça, sem acreditar, e acena com a mão.

—Azar o seu — ela senta sobre as duas pernas — mas eu já estou comprometida, então só poderei olhar mesmo — diz rindo, e começo a rir também.

Converso com Dana sobre todos os assuntos possíveis, exceto Tom, e ela percebe a ausência do assunto, mas não insiste, respeitando minha decisão. Ela consegue me distrair ainda mais, e por algumas horas, a ideia de Tom longe não me tortura tanto, mas assim que ela vai embora, me deixando apenas com meu lado escuro ainda mais vivo, a ideia de tê-lo é enlouquecedora.

E a noite parece ser ainda mais longa, assim como os outros dois dias que permaneci no hospital. Ed me visitou como sempre, contando as novidades, e meus pais teriam que voltar para casa, mas dentro de uma semana, iriam me visitar no meu apartamento.

E então recebo alta, e posso retornar para o meu apartamento, sem Tom.

Encaro a porta do apartamento fechada, e a chave está na minha mão. Passou-se mais de um mês, desde a última vez que entrei por essa porta, e não tenho ideia de como ele está. Sei que meus pais estiveram aqui, e pelo que me contaram, Tom, enquanto eu estava em coma, também esteve.

É, quando eu estava em coma, já que depois eu o afastei.

Viro a chave e abro a porta, encontrando a escuridão da sala. Ligo a luz, e abro a boca, surpresa.

Dois grandes buquês estão sobre os sofás, com as rosas murchas, e percebo que pelo tempo, provavelmente eram de Tom, quando eu estava em coma. Merda, me sinto aflita, angustiada. Seguro ainda mais firme minha pequena mala, e caminho para o meu quarto. Abro o guarda-roupa, sentindo

minha angústia ainda maior, misturada com ansiedade, e em uma parte do guarda-roupa vejo que ainda estão algumas camisas sociais de Tom, assim como algumas cuecas.

Ele não voltou para o meu apartamento, depois que discutimos. Ele simplesmente abandonou tudo.

Fecho as portas, torturada, e deito na cama, fitando o teto. Por que demorei tanto para perceber? Por que dói tanto?

Por que insisto em pensar nele naquele lugar, onde quer que seja, com essa mulher? E por que meu lado escuro insiste que eu preciso lutar por ele, que quer se libertar?

Ligo pedindo alguma comida, e assim que como, vou para o banheiro tomar um banho. Encaro o boxe aberto, e me lembro de quando transei com ele. Merda, tudo me lembra ele, mas Tom está tentando me tirar da sua vida, está

tentando passar por cima de tudo, e eu não consigo permitir, não consigo pensar em aceitar.

Adormeço rápido, cansada por tudo, e sei que em dois dias voltarei à empresa. À empresa que está sem Tom. E meu lado escuro precisará bolar algum plano para recuperar Tom, se ele não fizer algo. E se fizer, eu conseguirei perdoá-lo novamente? Merda.

Acordo com o celular vibrando, e uma mensagem de um número desconhecido. Leio.

Olá, Alice. Espero que Eduardo tenha comunicado você sobre a viagem de última hora de Tom. Pense na minha proposta. Anya.

Respiro fundo, e apago a mensagem. Não irei responder, muito menos pensar, por mais que meu lado escuro esteja receoso em relação ao fato de que não sei como mudar a ideia de Tom.

Olho a hora, e agradeço por ter o final de semana. Um tempo antes de voltar para a faculdade

e a empresa. Um tempo para me organizar novamente.

Outra mensagem surge no meu celular.

Bom dia, Ali. Como está? Já está no seu apartamento? Espero que hoje à noite esteja livre.

O número de Ed, e me lembro da sua ideia de uma comemoração, como se ignorasse o fato de que não estou animada para comemorar. Não estou animada para me lembrar de que tudo aconteceu por causa de Tom, e por minha causa eu o afastei.

Mando uma mensagem para Dana.

Dana, precisarei da sua ajuda. Ed quer fazer alguma comemoração, mas não quero e ele não parece entender. Irei no seu apartamento, hoje à noite.

Envio, esperando uma resposta satisfatória, mas meu coração parece parar ao ler sua resposta.

Nem pense nisso, Ali. Ed entrou em contato comigo. Esteja no seu apartamento hoje às

PERIGOSAS NACIONAIS

sete horas.

Abro a boca, incrédula com a ousadia de Ed. Como assim, ele entrou em contato com Dana? Com que direito? Respiro fundo, tentando me controlar, e começo a pensar em outra saída, mas meu lado escuro se foca em apenas um pensamento: Tom está em algum lugar, com uma mulher, e se eu ficar sozinha dentro do apartamento, vendo suas roupas, me torturarei ainda mais. Sentirei-me ainda mais desolada. Talvez ter a companhia de Dana e Ed não seja uma má ideia.

Quieto, meu lado escuro, não faça escolhas por mim, mas sei que fará. Nunca conseguirei controlá-lo.

O que vocês farão?

Mando uma mensagem, temerosa pela resposta. Meu celular vibra.

Surpresa. Ideia de Ed.

PERIGOSAS ACHERON

Respiro fundo. Não quero tentar imaginar o que será, mas meu lado escuro agradece pela distração de minutos, mas retorno a pensar novamente em Tom, em seu toque quente e sua voz rouca, e sinto um aperto no peito, uma sensação de vazio. Desligo o celular, e me viro na cama, com a vontade de voltar a dormir, mas preciso levantar e me organizar. Preciso tentar voltar à vida, mesmo com Tom longe.

O dia passa mais rápido do que esperava, e quando percebo já é quase seis horas. Entro no banheiro, tentando não me lembrar da visão de Tom nu, dentro do boxe, e tomo um banho rápido, vestindo uma calça jeans escura e uma blusa de alças finas, branca, justa. Escovo meu cabelo, e me encaro na frente do espelho.

Meu lado escuro sente falta de uma presença ao meu lado, de uma sensação ardente, mas fecho os olhos. Preciso deixar isso para depois,

preciso me distrair.

A campainha do apartamento toca quinze para as sete, e meu coração se acelera, ansioso para saber o que eles estão aprontando. Merda, meu primeiro dia no apartamento, meu primeiro dia nessa solidão, e já preciso me controlar.

Abro a porta, e Dana está sorridente.

—Está pronta? — ela pergunta, abaixando os olhos para a minha roupa. Arregalo os olhos, confusa.

—Pronta para o quê, Dana? — pergunto receosa, não querendo saber a resposta, mas ela me empurra para dentro, com um grande sorriso.

—Para você se distrair essa noite e recuperar uma parte da minha companhia, que perdeu nesse um mês apagada — diz despreocupada, tentando suavizar o meu acidente. E conseguiu. Rio, e observo sua roupa. Dana está com uma calça jeans justa, clara, e uma blusa de

alças, aberta nas costas, larga. Ela me encara de volta — coloque algo confortável nos pés.

—Por quê? — franzo a testa, ainda mais confusa — não iríamos ficar no meu apartamento? E falando nisso — hesito, e olho para a porta — onde está Ed?

Dana ri, se sentando no sofá.

—Está lá embaixo, nos esperando — ela diz, e aponta para o meu quarto — coloque um sapato e vamos.

Respiro fundo, e cruzo os braços na sua frente, sem conseguir esconder o pequeno sorriso do meu lado escuro, por mais que eu ainda não me sinta bem para sair de casa.

—Me diga primeiro — exijo. Dana se levanta abruptamente, e me fuzila com os olhos.

—Ali, sei que você não está bem, que você e Tom brigaram, eu sei — ela fala calma, com uma expressão ansiosa, e levanta as mãos — mas

preciso que confie em mim, não faremos nada que você não goste. É apenas uma forma de se distrair até que vocês voltem.

—Dana — tento falar, mas me lembro que ela realmente não sabe de nada, e torço que sua opinião seja a certa.

—Se distraia um pouco com seus amigos, Ali, tente não ficar chorando e se torturando, você saiu hoje do hospital — Dana argumenta, se aproximando de mim, e pega minhas mãos.

—É exatamente por isso, Dana — sorrio — saí hoje do hospital.

—E não podíamos pensar que iria sair e ficar em casa, pensando em Tom, como você fez nesse tempo acordada no hospital — Dana fala calma e hesita — e — dá de ombros — Ed me contou que Tom viajou de férias, não sabe por quanto tempo, e disse que você já sabia.

Meu lado escuro reina, furioso dentro de

mim. Por que Eduardo teve que contar? Respiro fundo. Ao menos não contou que possivelmente uma mulher está lá, chamada Nássia. Sei que pela minha expressão, demonstro estar brava, e Dana aperta minhas mãos.

—Ele não me contou como fofoca, Ali — Dana diz preocupada, e levanta as sobrancelhas — ele me contou hoje, quando me ligou para pedir minha ajuda, só porque sabia que seria melhor você se distrair também, e como Tom não está por aqui, para vocês tentarem conversar, nossa comemoração não atrapalharia em nada, só distrairia você. — Sorrio, ouvindo as palavras leves de Dana, sobre como eu e Tom conversaríamos de modo calmo. É, mas tudo parece ter se encaminhado para o mais difícil.

—Está bem — digo em uma respiração alta, e descruzo os braços — vou com vocês, mas não quero boates, não quero nada disso.

Dana assente.

—Não é nada disso — ela diz, me empurrando em direção ao quarto — Agora anda rápido.

Levanto as mãos, caminhando rápido, para que ela fique quieta. Coloco uma sandália rasteira, com tiras brancas, e volto para sala, pegando minha bolsa branca.

—Agora vamos — digo, e abro a porta. Encaro a sala novamente, a imagem de Tom, nu, de avental branco surge na minha cabeça. Respiro fundo, e apago as luzes.

Eu preciso dele.

Entro no elevador depois de Dana, e ela se olha no espelho.

—E Carlos? — pergunto, estranhando que ele não esteja junto, e no fundo agradeço.

—Carlos está com os pais — Dana fala despreocupada, e me fita pelo espelho — contei

para ele, mas ele não deu importância.

Balanço a cabeça, sem acreditar em Dana, e rio.

As portas se abrem, e caminhamos para a saída do prédio. Saio primeiro, e vejo o conversível de Dana, e na sua frente, um Audi R8 branco. Ed está na janela do motorista, e acena para nós. Levanto as sobrancelhas, assombrada pelos carros de ambos.

—Ed irá nos guiar — Dana diz rindo, e caminha para o carro.

—Nos guiará para onde? — pergunto apreensiva, seguindo-a, e entro pelo outro lado.

—Pelo caminho da distração de Tom, Ali — Dana diz sorrindo, e me olha por cima do ombro, colocando as mãos no volante — é uma surpresa, segundo ele, está organizando isso há dias.

Abro a boca, incrédula, e o Audi acelera na

nossa frente. Dana o segue, mantendo a mesma velocidade, e percorremos ruas durante quinze minutos, ouvindo Dana contar sobre Carlos. Meu lado escuro agradece por mais distrações.

O Audi começa a diminuir a velocidade, e vira uma quadra, entrando em uma comprida rua, com um muro gigantesco, com trepadeiras em toda a sua extensão. Ele para, e dois grandes portões se abrem. Levanto as sobrancelhas. O carro de Ed entra pelos portões, e Dana faz o mesmo. Uma grande casa se projeta na nossa frente, com várias partes em vidro fumê, com um grande jardim decorado com panos brancos e luzes. Percebo que atrás da casa há um caminho, seguindo até uma grande piscina retangular, em sentido vertical à casa, rodeada com luzes coloridas, e vejo algumas pessoas com roupas brancas e objetos de fogo e malabarismos andar ao redor, mas não consigo ver o resto, apenas sei que há mais decorações, objetos

e pessoas vestidas de modo estranho. Uma música calma, como se fosse oriental com uma batida mais grave está tocando.

—Onde estamos, Dana? — pergunto, olhando ao redor. A casa branca, grande, de três andares, com vidros em todos os andares e pilares circulares se projeta no centro do jardim. Ed estaciona na frente. Dana estaciona atrás do carro de Ed, e dá de ombros, me olhando. Sorri alegremente.

—Estamos na casa de Ed — diz despreocupada, e sinto meu coração acelerar ainda mais, com um suor frio percorrendo meu corpo.

Sinto-me prestes a desmaiar, sem acreditar na ideia de ambos, nervosa, assombrada. Mas meu lado escuro, mesmo ansioso por Tom, mesmo sentindo sua falta e torturado, está queimando de curiosidade pela distração.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

ALICE

Meu lado escuro tenta me dominar, me mostrar o caminho para me distrair, para não recuar.

Mas eu o controlo. Encaro Dana, incrédula, e ela ri.

—Vamos, Ali — Dana diz, e saí do carro. Sigo-a, e Ed caminha na nossa direção, com os

braços abertos.

—Bem-vindas à minha casa — ele sorri, se aproximando.

—Você mora aqui? — pergunto surpresa, arqueando as sobrancelhas, e ele ri.

—Na verdade, moro em um apartamento com meu irmão — Ed responde, desviando o olhar para Dana, que está ao meu lado — mas meus pais viajaram, então posso aproveitar a casa.

Abro a boca, e Dana ri, colocando uma mão no ombro de Ed.

—Então nos mostre o que você preparou — ela sugere, e me fita — Ali precisa se distrair.

—Exatamente por isso estamos aqui — Ed sorri, e se vira para a entrada casa — me sigam.

Meu corpo parece criar vida própria, ou comandado pelo meu lado escuro, e acompanho Ed e Dana. Talvez eu deva relaxar, e tentar me distrair. Não sei onde Tom está, não tenho ideia do que ele

está fazendo, ou se realmente está acompanhado da mulher chamada Nássia, mas só por pensar nessas perguntas, meu corpo se contrai com uma dor insuportável.

Melhor não pensar, não agora. Preciso deixar para pensar sozinha, quando não preciso disfarçar.

Ed abre uma das portas grandes da entrada, e uma sala escura se projeta na nossa frente, com uma grande escada circular no centro. Abro a boca, e tento não me sentir deslocada com tudo. Meu estilo de vida nunca foi esse, nem conseguiria manter, mas nesse momento, meu lado escuro apenas quer continuar.

—Vamos para a piscina — Ed fala, andando na nossa frente, e contorna a escada, entrando por um corredor largo e escuro também — nossa diversão nos espera — e pelo seu tom de voz, sei que está sorrindo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Puxo Dana pelo braço, ainda caminhando.

—Qual é a diversão, Dana? — pergunto preocupada, e ela me encara ainda mais sorridente.

—Também não tenho ideia, Ali, mas provavelmente iremos gostar — ela ri, e caminha mais rápido na minha frente. Respiro fundo, e Ed abre outra porta, saindo da casa.

Apresso-me, e saio pela porta atrás de Dana, encontrando um grande caminho de pedra, estreito, iluminado por luzes fracas, brancas. Cheiro de incenso e velas estão espalhadas pelo gramado, e uma grande piscina retangular está no final do caminho, com vasos de plantas verdes ao redor, e cinco homens sentados no chão, com calças de tecido brancas, sem camisas. Todos possuem desenhos feitos de tinta pelo corpo, e estão em uma posição de meditação.

Meu lado escuro está ainda mais curioso, e uma leve risada surge. Dana me encara sobre os

PERIGOSAS ACHERON

ombros.

—Se controle, Ali — ela fala séria, mas percebo que também está tentando rir. Se vira para Ed — o que é tudo isso?

—Iremos aprender um pouco de meditação — ele ri, e percebo que está falando a verdade. Arregalo os olhos.

—Eduardo — falo tentando parecer brava, mas começo a rir também.

—Temos de tudo um pouco aqui, Ali — ele se vira para mim, e abre os braços — também veremos um grande espetáculo feito por eles — e ri — e tentaremos praticar ioga.

Dana começa a rir, e fuzila Ed.

—Não era bem essa a minha ideia de diversão — murmura, e eu assinto. Como irei me divertir?

—Veremos se vocês não irão se divertir — ele aponta para nós, e caminha, se aproximando dos

homens sentados. Esses se levantam, e nos cumprimentam com um inclinar de cabeça. Retribuo o gesto, e um deles se aproxima, se apresentando e nos indicando para sentarmos em três almofadas no chão. Sento no meio de Ed e Dana, e os cinco homens se sentam na nossa frente. Começam a dar instruções de posições com as pernas e braços, e Dana começa a tentar controlar a risada, ao perceber que não consegue fazer o movimento. Começo a rir levemente, e ouço Ed murmurar para ficarmos quietas.

Olho para ele, e não consigo controlar a risada, percebendo que sua posição está mais errada ainda. Somos péssimos em ioga, em meditação ou qualquer espécie de prática.

Após vinte minutos tentando copiar os movimentos dos instrutores, sem conseguir para de rir, finalizamos a pequena aula, e um garçom se aproxima de nós com três taças de vinho e a própria

garrafa. Ed se levanta, e aponta para as cadeiras ao lado das plantas em volta da piscina.

—Vamos nos sentar lá um pouco? — pergunta para nós, e assinto, começando a sentir dor por todo o corpo, pela tentativa fracassada, e Dana me segue. Pego uma taça, e Ed senta na nossa frente.

—Ali me convidou para o evento da marca francesa — Dana comenta, fitando Ed, e desvia os olhos para mim — e é claro, eu a convenci de que iríamos.

Merda. Por que contei isso para Dana? Meu lado escuro não percebe que talvez eu não consiga me sustentar nesse mundo? Mesmo que nesses eventos provavelmente pegue algum vestido de Dana, ainda estou assustada. E minha conta bancária não combina com as deles.

—É? — Ed sorri, e me encara. Assinto, sentindo minhas bochechas ficarem vermelhas.

—Mas será o único — afirmo, e Ed nega com a cabeça.

—Irá no da minha empresa também — sua voz é animada, e aponta para mim — está confirmada já. Sorrio, bebendo um pouco mais de vinho.

—Irei pensar no seu pedido — falo ameaçadoramente, e aponto a taça em sua direção — por ter rido das minhas posições corretíssimas de ioga — começo a rir, e Ed balança a cabeça, negando. Vejo dois homens se aproximando de nós, com dois bastões de fogo, fazendo malabarismos, e um terceiro homem, com calça de tecido branca se aproxima correndo.

—O que é isso? — pergunto assustada, e Dana serve mais vinho. Ed sorri, e levanta as sobrancelhas.

—Uma apresentação de capoeira — ele ri, e se vira, para observar o homem se movimentar

abaixado. Abro a boca, surpresa, fascinada pelos movimentos, e a apresentação dura alguns minutos, dos quais o silêncio mostra o quanto nos hipnotiza. Me sirvo de mais vinho, e assim que os homens se afastam, Ed se vira para nós.

—Ainda que não precisamos imitá-los — diz rindo, e concordo com a cabeça.

—Você não iria se sair bem, Ed — Dana completa, e ele a fuzila com os olhos. Sorrio, bebendo novamente o vinho, e Dana se serve de mais. Me fita curiosa — A Ali sabe que o rosto dela está estampado por toda cidade?

Arregalo os olhos, e percebo que não havia me interessado em observar ainda onde estão os outdoors. Encaro Ed.

—Como assim? — pergunto, e ouço a música eletrônica começar a tocar baixo. Ed ri, dando um leve tapa do braço de Dana.

—Eu preferia que você soubesse vendo

pessoalmente, mas é verdade — ele diz sério, e vira a taça — espalhamos outdoors por toda a cidade, mas não só nessa, como em todas as empresas que fizeram parceria. Seu rosto e o de Anya são os da campanha, Ali, então não se assuste se surgir alguns convites — ele sorri — você é linda.

Meu lado escuro reúne forças dentro de mim, para negar Ed, e desvio o olhar. Dana percebe, e se inclina na minha direção. Não estou preparada para ideia, e nunca imaginei algo assim.

—Ali, aproveite seus minutos de fama — ela ri, e reteso a mandíbula, respirando fundo. Estou me sentindo confusa, deslocada — e me leve junto — ela levanta a taça na minha direção.

—Não é bem assim — murmuro.

—É sim — Ed me interrompe firme — e você irá nos dois eventos.

—Mas — começo a falar, e Dana levanta a mão.

—Você vai começar a falar que não gosta de se expor, que foram apenas algumas fotos, mas — ela diz séria, e desvia os olhos para Ed — cá entre nós, não é Ed, Ali não se divertiu?

Abro a boca, fuzilando Dana com os olhos, e ela ri. Ed assente.

—Se divertiu sim — ele ri, e me encara — ou vai negar?

Respiro fundo, me sentindo tremer pela ideia. Meu lado escuro, um lado novo que surgiu conforme eu mudei, amou. E por mais que a ideia de me expor seja aterrorizante, no fundo, eu realmente me diverti. O desconhecido me causa medo, mas meu lado escuro é ainda mais forte, e me deixou um pouco mais confortável com a exposição, por mais que eu ainda não consiga imaginar até onde isso vai. Eu mudei, e talvez minha forma de enfrentar os meus medos e gostos, também tenha mudado.

PERIGOSAS NACIONAIS

—É — murmuro, olhando para a piscina, e desvio o olhar.

—Ali está começando a mudar — Dana bate a taça com a de Ed — finalmente.

Fuzilo ela com os olhos, e Dana começa a rir com Ed. Respiro fundo.

—E talvez isso seja melhor para ela, também — Ed comenta, fitando Dana, como se eu não existisse — talvez essa Alice que está aqui seja uma sósia, o que você acha, Dana?

—É bem provável, Ed — Dana ri, e abro a boca, incrédula com a audácia deles. Levanto as mãos.

—Sou eu mesma — afirmo, sem conseguir esconder um sorriso.

—Será mesmo? — Ed finge não acreditar, e levanta as sobrancelhas.

—E se eu estiver começando a me acostumar com a ideia de me expor? — pergunto

PERIGOSAS ACHERON

séria, tentando não sorrir para os dois grandes sorrisos de ambos. É, Pandora talvez tenha me dado alguma ajuda, já que transei com Tom no meio de pessoas. Eu mudei, eu me permiti, e percebo isso só agora.

Tom. Não posso pensar nele agora, não posso me torturar agora, por mais que meu coração continue apertado o tempo todo. Me sirvo de mais vinho, perdendo a conta das taças e sentindo o início do efeito de álcool. Dana também se serve.

—Tom não irá gostar nada — Dana comenta com um grande sorriso, e Ed fica sério, me olhando, como se analisasse minha reação. Sinto meu sorriso desaparecer, e respiro fundo. Ed sabe um pouco mais que Dana, mas ainda sim, sabe muito pouco.

—Não vamos falar disso agora — minha voz é sem firmeza, e Ed se levanta.

—Vou pegar mais vinho — murmura, e

caminha sério em direção à casa. Dana puxa a cadeira para mais perto.

—Acho que Ed não gosta de falar muito sobre Tom, me desculpe — Dana sussurra, e assinto.

—Mas não tem problema — respondo com um sopro de voz, desejando dizer que quem não quer tocar no assunto é eu, mas permaneço fingindo tranquilidade — Ed sabe que é apenas meu amigo.

Dana sorri, e Ed retorna com mais uma garrafa de vinho, já aberta. Serve nossas taças, e bebe um longo gole.

—Acho que precisamos nos agitar — ele comenta, com os olhos fixos em mim, e franzo a testa.

—Como assim? — pergunto confusa, e pela expressão de Dana, ela já entendeu o que ele quis dizer. Mas eu não. Antes que eu consiga

alguma compreensão, Ed avança na minha direção e me pega com rapidez no colo.

—Eduardo — grito, batendo no seu ombro, assombrada, e ele corre comigo no colo, me deixando ainda mais receosa e brava, e no instante seguinte, estou no ar, caindo dentro da piscina, seguida por ele. Mergulho, sentindo a água gelada pelo meu corpo, molhando minha roupa. Subo para a superfície, e no mesmo segundo, Dana pula na água, com a taça de vinho na mão. Ed emerge do meu lado, com um grande sorriso, e jogo água nele, querendo estar brava, desejando estar brava.

Mas não estou. Meu lado escuro não está.

—Por que você fez isso? — pergunto, fuzilando-o com os olhos, e ele ri.

—Porque você estava começando a ficar triste — ele sussurra, observando Dana se aproximar — e como seu amigo, não posso deixar.

Sorrio para ele, satisfeita por ouvir a palavra

amigo, e Dana se aproxima de nós.

—Acho que precisaremos de toalhas depois, porque não trouxemos nenhuma outra roupa — Dana diz, segurando a taça vazia.

—Sintam-se à vontade — Ed fala, pegando a taça na mão de Dana — e precisamos de mais vinho, também.

Rio, seguindo Ed com os olhos, que nada até a borda da piscina, também de roupa.

—Está gostado da noite, Ali? — Dana murmura ao meu lado, e a encaro com um grande sorriso.

—É, vocês conseguiram — respondo, sabendo que eu realmente estou um pouco menos torturada.

—Teremos que fazer isso mais vezes, então — Dana sorri — talvez na próxima eu traga o Carlos e a Lívia.

—Não — digo rápido, sentindo uma

urgência — acho que apenas o Carlos — Dana me fita, curiosa, e começa a rir, lembrando dos comentários de Lívia sobre Tom, na casa dos avós dela.

—É, acho que apenas Carlos — comenta entre risadas, e assinto, mordendo o lábio por lembrar novamente. Dana se aproxima ainda mais — e não está tentada a imaginar seu rosto espalhado em mais lugares, Ali?

Viro o rosto em sua direção, encarando-a surpresa. Meu lado escuro está muito tentado em ver os outdoors, em saber o que mais posso fazer, mas ainda existe algo dentro de mim com receio, com receio de entrar nesse mundo. Não tenho uma conta bancária como a deles, e não conseguirei me sustentar nesses eventos, a não ser que eu aceite propostas para mais fotos, se Ed sugerir. Quieto, lado escuro, não pense nisso.

Talvez, no fundo, eu saiba que Tom não

poderá se esquivar da minha imagem. Me deixe, lado escuro.

—Foi apenas algumas fotos, Dana — digo em voz baixa — não surgirá outras.

—E se surgir? — Dana pergunta rápido, arqueando as sobrancelhas. Sorrio, dando de ombros.

—Veremos como vai ser — respondo com sinceridade, já confusa com tudo. Confusa por não conseguir mais reconhecer minha curiosidade, minhas decisões. Estou em uma grande metamorfose com meu lado escuro.

—Será — Dana afirma com um grande sorriso, e desvia os olhos em direção à borda da piscina. Olho na direção também, vendo Ed se aproximar com as três taças e a garrafa de vinho — e Ed guiará você, tenho certeza — ouço a voz de Dana, sem olhá-la, e Ed se aproxima, com os olhos fixos em mim — e Tom não irá gostar — Dana

completa. Viro o rosto em sua direção, fuzilando-a com os olhos.

—Fique quieta — ordeno séria, e ela começa a rir. Levanta as mãos, como se fosse inocente.

—Só estou dizendo — ela murmura — e eu estarei ao lado, assistindo — ri novamente, e respiro fundo, negando com a cabeça.

—Qual é a graça? — Ed pergunta, parando na nossa frente.

—Nada — respondo rápido, antes que Dana fale algo errado — Dana só estava fazendo piadas sem graça. — sorrio para Dana de forma irônica.

—É? — Ed pergunta sorrindo, e encara Dana também — sobre o que?

—Sobre nossa amiga que irá ter mais fotos estampadas, não é? — Dana fala mais rápido do que qualquer reflexo meu, e respiro fundo,

fechando os olhos.

—Não — murmuro.

—É sim — Ed afirma, e abro os olhos, vendo seu grande sorriso — só com a empresa, terá mais algum catálogo — abro a boca, fuzilando Ed com os olhos. Jogo água no Ed, interrompendo-o abruptamente.

—Estou aqui, e terão que esperar a minha resposta — falo firme, e ambos começam a dar risada.

—Eu convencerei você à fazer algumas loucuras na sua vida, Ali — Dana pega a taça e bebe um gole do vinho, sem tirar os olhos de mim — se Tom não a convenceu — É, Dana, Tom me convenceu à fazer mais loucuras do que você imagina — nós a convenceremos.

Começo a rir, incrédula com sua ousadia, e pego a taça também, bebendo um longo gole. Sinto o efeito do álcool aumentar, e Ed se serve de mais

vinho.

—O evento será na próxima semana — Ed fala, terminando de tomar o vinho — daqui a sete dias, exatamente.

—Então temos sete dias para nos preparar, Ali — Dana completa, e apenas assinto com a cabeça, tentando não dar importância. Como estarei daqui a sete dias? Como Tom estará? Onde ele estará?

—O que acham de entrarmos? — Ed pergunta educadamente, apontando a sala da casa — estou começando a sentir frio.

Dana começa a rir, e levanta a taça.

—E eu estou começando a sentir o vinho, querido Ed — ela diz entre risadas, e vira a taça. Começo a dar risada, impressionada com Dana, e ela pega a garrafa da mão de Ed — e preciso que Ali também sinta, não é, Ed? — Dana pergunta, com os olhos fixos em Ed, segurando a garrafa. Ed

assente, também começando a rir, e eu inclino a taça em direção à Dana, sentindo meu lado escuro criar forças com o álcool. Merda, preciso controlá-lo, por mais difícil que seja. Dana enche minha taça, e começa a andar em direção à escada da piscina. Levanto a taça e a sigo, com Ed atrás de mim.

—As toalhas estão em cima das espreguiçadeiras — ele diz, e olho para ele sobre o ombro, vendo-o apontar para as espreguiçadeiras no lado esquerdo.

—Obrigada — murmuro, e sorrio. Ed sorri de volta, e subo as escadas, enrolando meu corpo com as roupas molhadas. Ed pega uma toalha também, e desvia os olhos para Dana.

—Se vocês se sentirem mais confortáveis, eu tem alguns roupões, para que vocês não fiquem com as roupas molhadas — Ed sugere sério, atento, e abro a boca para negar, mas Dana me fuzila com

os olhos.

—Claro que aceitamos, Ed — Dana sorri irônica para mim — por mais que Ali queira recusar, eu a obrigarei a aceitar.

Respiro fundo, desviando o olhar para Ed, e ele me encara, passando a mão no cabelo molhado.

—É melhor para vocês — fala com um grande sorriso, e caminha em direção à sala da casa, pelo mesmo caminho que chegamos. Puxo Dana pelo braço, andando atrás de Ed, segurando a taça na mão, e me inclino no seu ouvido.

—Dana, se controle — ordeno para ela, séria, e Dana começa a rir.

—Por que, Ali? Ed não é seu amigo? Posso querer tê-lo como amigo também — ela diz dando de ombros, e balanço a cabeça, incrédula. Começo a rir, indignada com a situação, e meu lado escuro, mesmo não conseguindo esquecer Tom, imaginar onde ele está, também está se divertindo.

—Ok — falo sorrindo para Dana, levantando uma mão — então seremos três grandes amigos — afirmo, e Dana assente com a cabeça, fingindo triunfo.'

—Até você voltar com Tom — ela completa, e sorri maliciosamente. Respiro fundo, e viro a taça de vinho, evitando de responder. Entro na sala da casa de Ed, e ele já está no pé da escada com dois roupões brancos na mão, vestido com um igual.

—Sintam-se à vontade — ele fala, oferecendo os roupões. Pego um, enquanto Dana pega outro, e Ed aponta para um corredor no lado esquerdo — há dois banheiros ali.

—Obrigada — falo, e dou as costas, caminhando rápido para o banheiro, sentindo um arrepio de frio pelo corpo. Dana caminha atrás de mim, em silêncio, e entro no primeiro banheiro. Ligo as luzes brancas, fitando um grande banheiro

branco, minimalista, com uma grande banheira branca e um espelho cobrindo toda uma parede. Fito meu reflexo molhado, me sentindo um pouco deslocada, como se a Alice que estivesse vendo fosse uma outra. Estou sendo levada pelo meu lado escuro, e não consigo refreá-lo, porque no fundo sei que estou gostando.

Sinto uma vertigem percorrer meu corpo, mostrando que realmente estou me divertindo, que me sentir confortável nessa casa, nessa noite, não é errado. Não quero pensar em Tom agora, por mais que meu lado escuro só queime ao pensar nele. Mas não quero pensar, porque se pensar, imaginarei ele com Nássia, uma mulher que nem conheço, e imaginarei eles se divertindo. Preciso continuar a me distrair, preciso permitir que Dana e Ed me distraiam, e que meu lado escuro me leve.

O álcool está surtindo efeito no meu lado escuro.

Tiro a roupa, ficando apenas de calcinha branca e sutiã branco, e me encaro novamente. Espelhos, Tom. Merda, pare de pensar nisso.

Coloco o robe branco, enlaçando na lateral da cintura e fechando-o no busto. Passo as mãos no meu cabelo úmido e vejo que minha maquiagem está levemente borrada. Pego um pequeno pedaço de papel e tento arrumá-la, mas não fica exatamente como o esperado. Respiro fundo, e desligo a luz, saindo do banheiro. Ouço as vozes alteradas de Dana e Ed, e caminho em direção ao som. Ed está sentado no grande sofá branco, de frente para uma poltrona arredondada, branca, onde Dana está sentada, e uma outra, igual, está ao seu lado. Um grande tapete peludo branco se estende embaixo do sofá e da poltrona, e uma luz fraca, branca, vindo de luzes do teto iluminam a decoração branca e marrom da sala.

—Ali — Dana me chama, ao me ver, e

vejo que ela está segurando a minha taça cheia — venha cá — diz sorrindo. Coloco minha roupa em uma cadeira, e sento ao lado de Dana, sentindo os olhos de Ed nas minhas pernas, e agradeço pelo roupão cobrir quase até o joelho. Cruzo as pernas, e pego a taça.

—E estavam conversando sobre o que? — pergunto com um grande sorriso, e minha voz sai firme. Encaro Dana, e ela sorri.

—Perguntei para Ed sobre sua vida — ela responde, bebendo o vinho — já que por mais que você fale dele, eu realmente não sei nada.

Sorrio, me sentindo constrangida por Dana falar desse modo sobre eu comentar sobre Ed, e sorrio sem graça para ele. Ed me sorri de volta, e bebe também.

—E como eu estava falando — ele fala relaxado — sou o mais novo da minha família. Tenho um irmão chamado Armando — Ed me

olha, um pouco preocupado — que Ali já conheceu.

—É? — Dana pergunta, levantando as sobrancelhas.

—É — respondo antes de Ed, me sentindo tensa por lembrar das sessões de fotos — nas fotos.

—E meus pais mais viajam do que os vejo — Ed sorri, mudando de assunto intencionalmente, ao perceber a tensão — desde que Armando assumiu a empresa, eles decidiram aproveitar os anos juntos, conhecendo o resto do mundo, e depois que Armando me convenceu à ser o vice, eles se sentiram ainda mais realizados.

—E você não? — pergunto séria, bebendo o vinho, sentindo a ardência descer pela minha garganta e fazer o efeito no meu lado escuro. Ed dá de ombros, desviando os olhos entre Dana e eu.

—Eu trabalhava na empresa de Tom exatamente para me afastar um pouco, para tentar

seguir algo só meu — Ed responde sério — mas família é família, e Armando me pediu. Aproveitei a oportunidade para levar Ali junto — Ed diz sorrindo, e sua expressão é de triunfo. Seus olhos se fixam em mim —eu a conheci na festa de Tom.

Sinto minhas bochechas ficarem vermelhas, e apenas assinto com a cabeça, virando a taça. Meu lado escuro começa a relembrar a festa, onde realmente conheci o Tom com quem me relacionei, onde Tom pediu que eu ficasse. E onde eu descobri sobre Pandora.

Onde conheci o mundo de Tom, sem saber o quanto seria enlouquecedor.

—É? — Dana pergunta ansiosa, me encarando, e olha para Ed — Ali naquela época não me contava muito — Dana me acusa — na verdade, provavelmente não me conta nem agora.

Começo a rir, indignada, e nego com a cabeça.

PERIGOSAS NACIONAIS

—Sempre conto para você — afirmo, apontado o dedo indicador para ela.

—Ed — Dana se vira para ele — Alice só me contou sobre Tom muito tempo depois — Dana fala, como se o assunto Tom Haltender fosse animador para mim e para Ed. Ele apenas assente, analisando minha expressão tensa, e percebe o quanto não quero tocar no assunto. Ed levanta as sobrancelhas, e bebe mais da taça.

—O importante é que estamos aqui agora, e Ali pode contar o que quiser — Ed fala baixo, tentando contornar o assunto — como por exemplo — sua voz se abaixa, e percebo um pouco de embriagues no seu tom — sobre Gabriel — e seus olhos parecem brilhar de curiosidade.

Rio, balançando a cabeça. Não acredito que Ed o conheceu.

—Vocês se conheceram? — pergunto levantando as sobrancelhas, e minha voz é de

PERIGOSAS ACHERON

surpresa. Dana ri, prestando atenção. Ed assente.

—Em uma das visitas no hospital — ele responde, servindo mais vinho — ele parece ser legal.

—Ele é legal — afirmo, e Ed me encara ainda mais curioso — é um grande amigo meu, de anos atrás.

—E ex-namorado — Dana completa, inclinando a taça para Ed servir. Rio, e assinto com a cabeça.

—E um ex-namorado, que antes e depois sempre foi meu amigo — dou de ombros, bebendo o resto do vinho, começando a alterar a minha voz.

—Dá próxima vez podemos convidá-lo — Ed sugere, sorrindo.

—Ele virá daqui uns quinze dias, podemos combinar algo sim — falo, imaginando Gabriel se socializando com meus outros amigos. Acredito que ele se dará bem.

E não se dará bem com Tom. Quieto, lado escuro.

—E você, Ed? — Dana pergunta, olhando-o, e seu tom de voz é de curiosidade — conte-me mais. Namorou, casou?

Ed começa a rir, negando com a cabeça, e Dana já está ficando bêbada.

—Me casei — ele afirma, com um grande sorriso, caindo novamente na risada. Começo a rir novamente, e Dana concorda com um murmuro de ironia. Ele levanta as sobrancelhas, e bebe — não estou brincando.

Franzo a testa, confusa. Como assim?

—Quando você se casou? — pergunto curiosa, ainda mais confusa. Ele começa a rir ainda mais.

—Quando fui à Vegas com Armando — ele me encara, analisando minha reação de espanto. Abro a boca, incrédula, e Dana começa a rir.

—Não sabia desse seu lado — murmuro, virando toda a taça, sentindo o álcool me alterar, me fazendo sentir a euforia. Ed nega, rindo.

—Eu não tenho esse lado, Armando é quem tem — ele responde, servindo a minha taça.

—Seu irmão? — Dana pergunta, tentando acompanhar, e Ed a fita, concordando.

—Armando e eu fomos quando completei vinte anos, e bem — Ed fala, dando de ombros — o que acontece em Vegas, fica em Vegas.

Levanto o dedo indicador, bebendo o vinho, e faço um sinal de não para ele.

—Não, não. Se começou a contar, agora termine — ordeno, e Dana assente.

—É obvio que arrancaremos isso de você, querido — ela ri, e Ed passa as mãos no rosto, como se sentisse constrangido — estamos entre amigos, conte seus pecados.

Ele levanta as sobrancelhas, e começa a rir.

PERIGOSAS NACIONAIS

—Se vocês contarem os seus, depois — ameaça, franzindo a testa, e nego com a cabeça.

—Contaremos — Dana responde por mim, e abro a boca, fuzilando-a com os olhos. Ela retribui o olhar — Ali nem deve ter tantos pecados assim.

Sorrio irônica. Garanto que meus pecados são mais assombrosos que os de Dana, mas é melhor que eu não conte, que eu os guarde para o meu lado escuro apenas. Ed respira fundo, com uma expressão tensa, ansiosa, sentindo os nossos olhos curiosos nele.

—Fui com Armando e Conrado, um amigo nosso — Ed começa a falar sério, tentando esconder o riso — e lá, após muitos uísques, fomos parar em uma casa de strippers, cada um agarrado com uma mulher — Ed diminui o tom de voz, se sentindo ainda mais constrangido, e se encosta no sofá, passando uma mão no cabelo. Abro a boca,

incrédula, atenta nas suas palavras, e Dana volta rir — Armando e Conrado sumiram dentro dos quartos, e quando percebi, estava dirigindo com a mulher, que nem sabia o nome — Ed pausa, bebendo mais vinho, tentando se encorajar, e sorrio. Sua expressão começa a se tornar relaxada — eu estava tão bêbado que quando a stripper pediu que casássemos, eu a levei para uma capela e nos casamos. Tinha dois bêbados de testemunha, e fomos para um cassino passar nossa lua de mel.

—Eu não acredito que você fez isso — Dana diz lentamente, já bêbada, enchendo novamente a taça, e começa a dar risadas. Me acomodo na poltrona, sentando sobre minhas pernas, abismada, sem conseguir controlar a risada.

—E como foi? — pergunto, sem conseguir controlar o estágio de álcool, e Ed começa a rir, colocando uma mão nos olhos, começando a ficar

embriagado — foi a única vez que joguei tanto dinheiro fora — ri ainda mais — e a stripper mais chamava a atenção do que falava. Subimos para um quarto, e Armando me encontrou, com os bolsos vazios, desacordado e sem a stripper.

Abro a boca, sem parar de rir.

—Você foi roubado? — pergunto retoricamente, zombando-o, e Ed assente, rindo.

—Estava tão bêbado que se me roubassem a roupa eu nem iria perceber. Só me lembro de jogar e os seguranças me pedirem para eu me retirar das mesas, de tão estúpido que estava — Ed ri de si próprio.

—Realmente não imaginava você assim — aponto para Ed, rindo ainda mais, sentindo minha voz exaltada pela bebida — e então é casado ainda.

—Não, não — ele responde rápido, levantando uma mão — Armando conseguiu anular os papéis no mesmo dia, alegando que eu não

estava lúcido — ele começa a rir — o que é verdade.

Dana continua rindo, e eu me sirvo de mais vinho. Ed diminui a risada, bebendo, e aponta para Dana.

—Agora é sua vez — ele exige — me conte algo.

Dana fica séria, olhando para mim e para ele, como se ponderasse o que contar.

—Nunca fui à Vegas — ela levanta as sobrancelhas, tentando fingir inocência, e dá de ombros. Aponto para ela, já em um nível incontrolável de bebida. E meu lado escuro está aproveitando.

—Não precisa ir à Vegas — digo firme, desafiadoramente — não me diga que não fez nada.

Dana ri, e Ed respira fundo.

—Vamos — faz um gesto em sua direção

— conte.

—Ok — Dana levanta uma mão, e vira a taça, se encorajando. Ela me olha, preocupada, e aponta na minha direção — nunca contei para você porque sabia que me condenaria, mas — ela dá de ombros — amigos são para isso.

Assinto, tentando segurar a risada, e Dana respira fundo, se recostando na poltrona.

—Não faz tanto tempo — ela começa — foi com Carlos, quando seus pais estavam em casa, decidi nadar sem roupa com ele.

—Isso não é loucura, Dana — interrompo ela, censurando-a, e sinto seus olhos caírem em mim, surpresos. Sinto os olhos curiosos de Ed também, e condeno dez vezes meu lado escuro. Merda de boca, merda de álcool. Por que falei demais?

—Como assim? — ela pergunta curiosa, com um grande sorriso. Levanta as sobrancelhas —

Tom andou fazendo o que com você?

Dou de ombros, sentindo minhas bochechas vermelhas, e meus olhos se encontram com os de Ed. Percebo sua aflição misturada com luxúria e curiosidade, e fito o tapete. Tom. O que ele fez comigo? O que eu mesma fiz comigo? O que eu estou fazendo? E novamente penso nele, mas por causa do álcool, as lágrimas são substituídas por um sorriso de prazer.

—Não é algo impossível — murmuro, dando de ombros, e Ed vira toda a taça, em silêncio, se servindo de mais — agora conte algo novo, Dana — a encaro, tentando demonstrar o meu pedido que mude de assunto.

—Ok — ela sorri, e sua voz é animada. Sua expressão mostra que está ponderando o que falar — antes que me condene — ela me olha — eu tinha apenas dezenove anos.

—Diga — ordeno, sorrindo, e Ed pega a

minha taça, me servindo mais. Dana respira fundo, e sorri.

—Eu fugi com um homem, aos meus dezenove anos. Conheci ele em uma praia, onde tinha uma grande pousada beira-mar — ela sorri ainda mais, e dá de ombros — e me apaixonei. Quando voltei para a cidade, com meus pais, pensei que seria romântico voltar para vê-lo, e peguei o carro, sem avisar meus pais, e voltei para a praia — Dana começa a rir, e eu a acompanho, não conseguindo imaginar a loucura. Ed balança a cabeça, incrédulo — quando cheguei lá, ele iria viajar para outra praia, e decidi ir com ele. Meus pais não me acharam, e percorremos três cidades, antes que a polícia me localizasse.

—Fugiu por amor — Ed zomba, e Dana o fuzila com os olhos — ele foi preso?

—Não — ela diz tranquila, fazendo um sinal com a mão — eu era de maior, e foi tudo

consentido. Apenas meus pais brigaram comigo, mas — ela sorri — eu estava bem, bronzeada e com a poupança zerada.

—Como assim? — pergunto, bebendo o vinho, sem acreditar. Ela levanta as sobrancelhas.

—Ele era um canalha, e viu na menina boba, uma forma de lucrar — ela respira fundo — mas aprendi a lição.

—É, aprendemos — Ed concorda, e seus olhos se focam em mim, assim como os de Dana. Meu lado escuro arde de vontade de contar algo, e merda, preciso me controlar, mesmo que o álcool me encoraje ainda mais — e você, Ali?

Abro a boca, séria, e minha expressão é de aflição.

—Nos conte algo — Dana completa, séria, fingindo estar brava. Viro a taça, e nego com a cabeça.

—Não tenho o que contar — afirmo.

Tenho, e muito. Mas não posso, não quero. Olho para Ed, e vejo sua expressão de curiosidade e preocupação por não estar preparado para ouvir.

—Algo você fez com Tom, Alice — Dana me condena — porque ele é — ela hesita, sorrindo — impossível não ter feito nada com ele, ou então a fama não é verdadeira.

Merda. Meu lado escuro começa a pensar no que posso contar. O que eu posso contar?

—Ok — digo firme, séria, e Ed parece se retesar. Levanto as mãos — mas o que contarei aqui, fica aqui.

—Claro, Ali — Dana fala brava. Respiro fundo, e fecho os olhos. Não quero ver a reação de Ed, por mais que seja só amigo.

—Nós já transamos, algumas vezes — digo, e minha voz é um sopro, se transformando em um murmuro — no seu escritório, na sua mesa.

Ed se engasga com o vinho, e começa a

tossir. Abro os olhos, sentindo minhas bochechas roxas já, e Dana começa a rir.

—Ed — Dana se inclina na direção dele, mas ele levanta a mão, recusando a ajuda.

—Estou bem — murmura entre as tosses — foi só o vinho.

E meu lado escuro decide rir nesse momento. Mordo o lábio, segurando o riso, e Dana me encara.

—Tom envolvendo sua empresa nesse sexo, Ali? — ela pergunta sorrindo, surpresa — isso foi quando?

Começo a rir, e meu lado escuro não se importa com a surpresa de Ed, mas sinto seus olhos atentos em mim.

—Ainda no início — respondo um sussurro — e depois.

Dana abre a boca, ainda mais surpresa, e começa a rir.

—Eu não acredito — ela fala entre risadas, e desvio o olhar para Ed, vendo-o me encarar perplexo, com os olhos banhados de luxúria. Merda — e isso deve ser só o começo do que já fizeram — Dana completa, e eu a fuzilo com os olhos.

—Ok, pode parar — falo, e dou risada, negando com a cabeça — é só que saberá.

—Um dia saberei de tudo — Dana fala ameaçadoramente, me apontando. Por mim, nunca saberá, e duvido que Tom irá contar uma palavra. Dou de ombros, e Dana se levanta caminhando até o som. Aumenta lentamente o volume de uma música agitada, e aponta para mim e para Ed — vocês estão ficando bêbados já.

Começo a rir junto com Ed, e ele nega com a cabeça.

—Você está bêbada, Dana — a acuso, e no mesmo instante ela vem na minha direção, pegando minha mão. Me levanta, e eu deixo ela me guiar até

o meio da sala, começando a dançar. Começo a rir mais, e ela, ainda segurando a minha mão, aponta com a outra mão, segurando a taça, para Ed.

—Ed — ela diz exaltada, entre risadas — venha com nós.

Ele arregala os olhos, fixos em mim, e nega com a cabeça, segurando o riso. Solto a mão de Dana, e meu lado escuro, mergulhado na embriagues, se sente ainda mais confortável, se apoderando de mim. Levanto os braços, dançando animada, e Dana dá uma pirueta ao meu lado.

—Estou começando a ficar bêbada — ela confirma em um sussurro, parando ao meu lado.

—Você já está bêbada — dou ainda mais risada, e Ed se levanta, caminhando na nossa direção.

—Todos nós estamos — ele ri, abrindo os braços, e no mesmo segundo, envolve meus ombros e os de Dana, nos abraçando ao mesmo tempo.

Dana passa os braços em nós também, e eu começo a rir, encostando a cabeça no ombro de Ed.

—Acho que irei dormir — Dana diz animada, com a voz arrastada — uma grande dor de cabeça me espera amanhã.

Me afasto, virando o resto do vinho, e concordo com a cabeça.

—Também vou — comunico, e Ed assente, deixando a taça na mesa. Faço o mesmo, enquanto Dana desliga o som.

—Vou mostrar os quartos para vocês — ele diz sobre o ombro, caminhando em direção à escada — sintam-se em casa.

—Pode deixar — sussurro, sorrindo. Subimos atrás de Ed, e ele nos guia por um corredor branco, com estátuas brancas e folhagens grandes, verdes. Ele abre uma porta, e aponta para dentro.

—Este é o seu quarto, Dana — ele sorri, e

Dana passa por mim, entrando.

—Boa noite — ela segura a maçaneta da porta — amanhã quando acordar, Ali, me acorde para irmos embora.

—Está bem — sorrio, e Ed continua a caminhar, enquanto Dana fecha a porta. Passamos por duas outras portas, e ele abre a terceira.

—Este é o seu — ele diz lentamente, se virando para me encarar. Assinto, e entro no quarto, parando ao lado da porta, deixando-a entreaberta.

—Muito obrigada, Ed — pauso, analisando sua expressão de satisfação — por tudo, você é um grande amigo.

—Estou aqui para isso — ele murmura, e pela minha expressão, ele percebe que quero ir dormir.

—Boa noite — sussurro, e começo a fechar a porta, mas sua mão a segura com força, e ele me fita intensamente.

—Ali — ele hesita, com o semblante preocupado, e franzo a testa, curiosa — preciso contar algo que Armando me disse hoje.

—O que foi? — pergunto ainda mais aflita, e Ed passa uma mão no cabelo.

—Tom voltará para o evento da marca francesa. Ele é um convidado — hesita, retesando a mandíbula, e meu lado escuro arde por pensar que poderei encontrar com Tom mais rápido do que pensei — achei que gostaria de saber.

Assinto, e sorrio agradecida.

—Muito obrigada, gostei de saber — respondo, passando a mão nos olhos. Ed assente, indeciso se permite que eu feche a porta. Ele fecha a mão, retirando-a da porta.

—Boa noite, Alice — ele sussurra lentamente, com os olhos fascinados em mim. Mordo o lábio, não gostando da sua expressão.

—Boa noite — digo rápida, e fecho a

porta, não esperando-o sair. Me viro, encarando o quarto claro, com lençóis brancos e mobília branca. Respiro fundo, e tiro o roupão, me deitando na cama, sentindo o álcool me apagar mais rápido, do modo como eu preciso. De um modo que eu possa dormir e imaginar que estou com Tom, que ele não está com Nássia. E de ele não fez mais nada errado.

PERIGOSAS NACIONAIS

Fito meu reflexo no espelho. Meu cabelo está preso para trás, e uma leve maquiagem realça meu rosto. Uma saía lápis combina com minha blusa de seda bege, de alças grossas e larga. Estou pronta para voltar para a empresa, meu lado escuro está ansioso para ver Tom lá novamente, mas provavelmente ele não deve ter voltado ainda.

Meu final de semana, após voltar da casa de Ed, com Dana, no sábado de manhã, se resumiu em ficar no meu apartamento, trocando mensagens com Dana, e meu lado escuro relembrando os finais de semana com Tom. Ed também me mandou mensagens, me avisando sobre o evento.

Fecho os olhos, sentindo meu corpo se arrepiar pela ideia de voltar para a empresa, de ver Ana e Mônica, depois de tudo. Tom não estará lá,

PERIGOSAS ACHERON

mas até quando? E quem está no seu lugar?

Abro os olhos, reunindo as forças do meu lado escuro, e o vejo dentro dos meus olhos, enlouquecido para tomar controle.

Estou voltando para a minha vida, mas de uma forma diferente. E se Tom não fizer o que não quero imaginar, estarei voltando para o seu mundo.

ALICE

As portas do elevador se abrem, revelando o corredor branco. O corredor que leva para a sala de Tom, mas ele não está lá.

Respiro fundo, me encorajando para continuar a caminhar até a minha mesa, que não vejo há mais de um mês, que pertencia à uma outra época. E encontrar Ana e Mônica.

Começo a caminhar, sentindo meu lado escuro querer me dominar, e decididamente, eu deixo. Que nesse momento, ele seja a minha força e tome as minhas decisões, porque ele é o único que diminui a tortura, que enfrenta a tristeza e me força a tomar decisões. A não desistir.

Viro o corredor, dominada, com a cabeça erguida, e meus olhos se encontram com os de Ana. Ela abre a boca, aturdida, surpresa, e murmura o nome de Mônica. Desvio os olhos, encarando Mônica, e sorrio para ambas.

—Ali — Ana diz exaltada, mais preocupada do que feliz, e se levanta da mesa, seguida por Mônica — como você está?

Sorrio amarelo, sendo guiada pelo meu lado escuro, e passo pelas mesas dela.

—Estou bem — respondo firme, agradecendo meu lado escuro por esconder qualquer migalha de desespero, mas minhas mãos

tremem, o suor frio invade meu corpo, e meu coração está prestes a me abandonar para não precisar enfrentar toda a situação. Mônica se aproxima de mim, junto com Ana, e eu me sento, fitando-as.

—O que foi? — pergunto séria, levantando as sobrancelhas, e Ana ri irônica.

—Como assim, o que foi, Ali? — ela fala exasperada, e se senta na frente da minha mesa — você sofreu um acidente, fomos visitá-la algumas vezes, quando estava — ela não finaliza a frase, mas sei o que significa. Mônica senta ao seu lado.

—Como você está? — pergunta séria, apoiando os cotovelos na mesa, e percebo que elas realmente estavam preocupadas comigo. Meu sorriso esmorece, e minha expressão se torna séria.

—Não muito bem — sussurro — é confuso acordar depois de um mês, mas estou voltando à rotina — respondo calma.

PERIGOSAS NACIONAIS

—E como foi o acidente? — Mônica pergunta apressada — nos falaram que você foi assaltada, mas que o motorista do carro perdeu o controle e capotou.

Respiro fundo, percebendo a grande mentira que foi contada, para proteger o segredo que Tom escondia com os Lehanster. Mordo o lábio, sentindo meu lado escuro furioso, e assinto com a cabeça.

—É — respondo com uma voz baixa, vaga — estava saindo de casa, quando me assaltaram e me levaram junto, mas — e como mascarar o fato de que fui em quem fez o carro capotar, e que não havia sido um assalto, mas uma tentativa de assassinato? — o carro capotou.

—E você sobreviveu — Ana completa com um sorriso sincero — estávamos preocupadas com você — e pausa, aumentando o sorriso — você fez falta aqui.

PERIGOSAS ACHERON

—Obrigada — respondo, sorrindo sincera. Eu sobrevivi, mas as duas Alices não.

—E — Ana morde o lábio, receosa em perguntar.

—Tom? — sugiro em uma voz firme. Elas concordam com a cabeça ao mesmo tempo.

—Não estou mais com Tom — declaro autoritária, e ambas arregalam os olhos. Ana abre a boca, mas é como se estivesse sem voz — acabamos quando acordei do coma — explico.

Ambas fecham as bocas, engolindo em seco, e assentem, como se tentassem fingir que compreendem.

—Por isso que antes de você acordar ele andava meio — Ana pausa, tentando encontrar as palavras, e Mônica se mexe na cadeira.

—Para baixo, frio — Mônica fala firme, dizendo as palavras que Ana queria dizer — e depois que você acordou, ele nos comunicou que

iria viajar, sem dizer mais nada.

Mordo o lábio, tentando desviar o olhar, mas elas me encaram fixamente, e eu me obrigo a fitar de volta.

—Sim — respondo — nós brigamos, e eu acabei com ele — afirmo, tentando manter a voz firme, enquanto Ana e Mônica arregalam os olhos, incrédulas.

—Como assim? — Ana pergunta exaltada, e se inclina na minha direção — você acabou com o Sr. Haltender, Ali? Por que fez isso? O que foi de tão grave? — suas perguntas são uma torrente apressada. Nego com a cabeça. O meu lado escuro se permitirá contar?

—Alguns assuntos pessoais — murmuro, dando de ombros — e brigamos. É complicado — simplifico, e desvio os olhos, ligando o notebook.

—Mas podem voltar? — Mônica pergunta séria, levantando uma sobrancelha. A encaro,

tentando entender a intenção da sua pergunta, e sorrio levemente.

—Não sei — respondo, sentindo meu coração bater forte pela resposta honesta — ele não está aqui.

—E você está como, Ali? — Ana pergunta, juntando as mãos — sabe que pode contar com nós.

Assinto com a cabeça. E com a língua de vocês? Quieto, lado escuro.

—Estou bem — respondo séria, levantando as sobrancelhas — ao menos Tom não está aqui — digo, olhando para a porta fechada. E espero não ter que ouvir os comentários delas.

—Ainda bem — Mônica murmura com um sussurro. Assinto, e me foco no notebook, tentando dar à entender para elas que quero mudar de assunto, me focar novamente no trabalho.

—E talvez você encontre alguém que seja

melhor para você, do que ele — Ana diz, dando de ombros, e se levanta — Talvez fosse.

—Muito — Mônica diz, se levantando também, e Ana a fuzila com os olhos, censurando-a.

—Não foi isso o que quis dizer — Ana tenta falar, e eu as encaro.

—Eu sei — digo um pouco ríspida — mas eu o tive, e são assuntos pessoais meus — digo, enfatizando o meu. Ana respira fundo, um pouco acuada com a minha grosseria, e se afasta com um sorriso educado. Mônica sorri irônica, e se vira de costas, caminhando apressada para a mesa.

Desvio os olhos, voltando ao notebook, sentindo o ambiente frio, sem o fogo de pensar em Tom do outro lado da sala. Sentindo tudo pequeno, vazio. Merda, Tom faz toda a diferença na empresa.

Respiro fundo, e no mesmo instante, o

telefone de Ana toca. Ela atende, e seus olhos se encontram com os meus.

—Ali, o Sr. Sandoro gostaria de conversar com você — Ana diz assim que desliga o telefone, e aponta para a sala de Tom — ele está representando o Sr. Haltender, enquanto esse viaja.

—Ok — sorrio, e me levanto, passando as mãos na saia lápis. Caminho lentamente para a sala, me lembrando de quando transamos lá dentro, de quando nos beijamos. Parece tudo tão distante, e caminho como se estivesse em um sonho, vagarosamente. Abro a porta, e meus olhos se encontram com olhos castanhos escuros. Um homem com uma barba rala, com cabelos escuros e gravata, sorri para mim. Se levanta, apontando educadamente para a cadeira em frente à mesa.

—Muito prazer, Alice — ele diz sério, e sua voz profunda me dá calafrios — sou Danilo Sandoro.

Meu lado escuro tenta se encolher, confuso. Fecho a porta atrás de mim, caminhando apressada em direção à cadeira, sentindo os olhos dele sobre mim. Me sento, e ele se senta em seguida.

—Estou ocupando por um tempo o lugar do Sr. Haltender, como pode observar — O Sr. Sandoro começa a falar — ele teve um contratempo — Levanto as sobrancelhas. Contratempo chamado Nássia? Meu lado escuro parece mais irônico possível — e me pediu para assumir seu posto, informando-o sobre o andamento.

Assinto com a cabeça, concordando com tudo.

—Soube que sofreu um acidente, como está? — pergunta de forma educada, e sua expressão é relaxada.

—Estou bem, muito obrigada, Sr. Sandoro — respondo da mesma forma educada, e pela minha expressão, transmito estar calma. Ele sorri, e

assente.

—Fico feliz que esteja bem, soube que você é uma ótima estagiária — ele diz lentamente, e apoia os cotovelos na mesa — e não gostaríamos de perdê-la — ele afirma. Será?

Concordo com a cabeça, com um grande sorriso educado.

—Muito obrigada — murmuro, com os olhos fixos nos seus.

—Se você já está melhor, muitos trabalhos à aguarda — ele sorri alegremente — o Sr. Haltender me pediu para que a deixasse confortável, depois desse incidente — incidente? — já que poderia estar ainda abalada, mas vejo que você está ótima.

Meu lado escuro ressurge, satisfeito pelo Sr. Sandoro ser educado e gentil. E ressurge furioso por Tom deixar esse recado. Sorrio educadamente, levantando as sobrancelhas.

—Peço que informe o Sr. Haltender que eu retornei bem — respondo com uma voz baixa — pronta para o meu trabalho.

O Sr. Sandoro assente, ainda sorrindo, e se levanta, estendendo a mão na minha direção. Me levanto e aperto sua mão, sentindo seu aperto forte.

—Foi um prazer conhecê-la — ele diz de forma profissional.

—Igualmente — murmuro, e caminho apressada em direção à porta, tentando controlar meus olhos para que não olhem ao redor, mas impossível, e meu lado escuro analisa toda a sala, se lembrando da sensação sufocante que era entrar e ter Tom lá dentro. Da sensação de se sentir prazerosamente encurralada, mas agora estava vazia, fria, como se faltasse algo. E falta.

Abro a porta, fechando-a, sem olhar para trás.

Assim que sento na minha mesa, olho para

Ana, que está com os olhos fixos em mim.

—Gostou do Sr. Sandoro? — ela pergunta desanimada, desviando os olhos para o computador.

—Ele é bem educado — me limito a responder, voltando à trabalhar.

—Mas não é o Sr. Haltender — ela finaliza, e eu respiro fundo, fechando os olhos. Nesse momento, prefiro ignorá-la. Prefiro me focar no que é importante, e não em seus comentários desnecessários.

E assim como o dia passou vagarosamente, sem emoção, sem sentir o arrepio enlouquecedor, a noite se arrastou da mesma forma, e me limitei a apenas responder Ed e Dana com algumas palavras, preferindo colocar um filme de terror e me distrair.

Na faculdade corri contra o tempo, tentando recuperar as aulas e trabalhos perdidos, e agradeci

por estar tão ocupada para não conseguir me torturar pensando em Tom ou respondendo às perguntas de Dana sobre o evento.

E assim os dias se passam, com mensagens trocadas com Dana e Ed, tanto sobre como eu estou como piadas e me contando sobre novidades. Ed parece não desgrudar do celular, e tive que impedi-lo de vir no meu apartamento.

Seis dias se passaram vazios, sem Tom, sem alguma notícia, e meu lado escuro parece se remoer por não saber de nada. Ana e Mônica simplesmente me trataram da mesma forma, apenas controlando as línguas para não receberem respostas grossas, e meu lado escuro iria garantir isso. O Sr. Sandoro me tratou de forma educada todos os dias, analisando meu rendimento e trabalho, e a cada dia fiquei mais atolada em trabalho e na faculdade. Meu lado escuro agradece cada segundo ocupado.

Mas agora, deitada no sofá, com a televisão

ligada, apenas para passar o tempo, não tenho nada para me ocupar. Dana queria vir para o meu apartamento, mas insisti que ficasse com Carlos, e me mandasse apenas a foto de algum vestido para me emprestar para o evento. O evento que é amanhã. Respiro fundo, sentindo os segundos passarem como martelos no meu corpo, me aproximando do evento, e me sinto muito ansiosa, sem conseguir parar de pensar que Tom estará lá. Tom terá voltado.

E mesmo que esse evento e esse mundo fuja dos padrões econômicos, meu lado escuro está ansioso, com uma adrenalina enlouquecedora, para ir. Me sinto deslocada apenas com a ideia de usar um vestido caríssimo, de estar com pessoas milionárias ao redor, fugindo dos meus padrões. Padrões que não tenho como bancar, mesmo com o cachê que ganhei com as fotos.

A não ser que eu perca o meu medo de

tentar aumentar minha conta, de entrar para essa sociedade, e decida deixar Ed fazer mais fotos. Calado, lado escuro.

Fechos os olhos, respirando fundo. Nunca imaginei que iria em um grande evento desse porte, que estaria nos holofotes por um tempo. Nunca imaginei que iria gostar, mas a vertigem de me imaginar aproveitando tudo isso é extasiante. Me sinto dentro de um sonho, andando lentamente em direção à tudo isso que nunca imaginei.

Mas falta Tom.

Pego o controle e troco de canal, recebendo uma mensagem de Dana com a foto de um vestido dourado e uma legenda.

Irá combinar com seu cabelo e brilho. Beijos.

Sorrio com a mensagem, e agradeço por Dana sempre estar ao meu lado, e me emprestar o que precisar. Digito.

Provavelmente combina mais com você, mas obrigada. Se divirta com Carlos.

Envio, sabendo que provavelmente eles estão em algum jantar espetacular. Ela me responde.

Você também, divirta-se.

Franzo a testa. Como assim? É, talvez se eu achar algum filme bom, eu possa tentar me divertir. Me levanto e desligo a luz da sala, voltando a me sentar no sofá. Passo a lista de filmes, e clico em um de comedia. Começo a me acomodar no sofá, e a campainha ressoa pela sala.

Olho o celular, marcando nove horas, e meu lado escuro imagina quem seja, mas torço que seja Tom.

Respiro fundo, e caminho em direção à porta, ajeitando a calça jeans e a blusa solta. Abro a porta, e meu lado escuro acertou. Ed.

Ele sorri, segurando uma pizza com uma

mão, e apoia o braço na porta.

—Entrega para você — ele sorri ainda mais, e começo a rir com sua ousadia.

—E se eu não quiser pizza? — pergunto de forma zombeteira, levantando as sobrancelhas.

—Então terei que comer sozinho — ele responde, fingindo estar triste. Balanço a cabeça, negando, e dou passagem para ele entrar.

—Entre, entregador de pizza — digo rindo, e fecho, observando Ed parar no meio da sala, e se virar para me olhar — não me esqueça de dizer para Armando que seu irmão trocou de emprego.

Ed ri, levantando uma sobrancelha.

—Não esquecerei — afirma, olhando ao redor, e percebo que Ed nunca esteve no meu pequeno apartamento. Rio, e ligo a luz.

—Não é do tamanho da sua casa, e provavelmente não é do seu apartamento — falo

séria, pegando a pizza da sua mão — mas dá para viver tranquilamente.

—Eu gostei — ele sorri ainda mais, e sua expressão é de felicidade. Dou de ombros, não dando importância, e caminho até a cozinha, percebendo que estou sendo seguida por ele.

—Quais sabores você trouxe? — pergunto, colocando a pizza na mesa, e Ed para ao meu lado.

—Pedi para Dana quais sabores que você gostava — ele responde sério, e abre a pizza. Olho incrédula para ele, e meu lado escuro começa a resmungar no meu ouvido que Ed está tentando ultrapassar alguma linha. Não, eu não permitirei, mas por enquanto, ele está agindo como meu amigo, e é isso que importa.

—Então vamos comer — sorrio, e caminho para pegar os pratos, me lembrando de que uma vez, Tom estava comigo na mesma cozinha. Merda, não posso lembrar, tenho que me

distrair, deixar os pensamentos para amanhã, quando realmente o verei e saberei o que ele fez. Ou o que não fez, assim espero.

Respiro fundo, tentando controlar o tremor por pensar nisso, e Ed me assusta, colocando a mão no meu ombro. Pulo, e o encaro.

—Você está pensando em Tom, porque está muito tensa — ele murmura — tente relaxar, Ali, e distrair.

Meu lado escuro quer pular em Ed e estrangulá-lo por adivinhar meus pensamentos, mas apenas assinto. Pego os pratos e Ed se senta na mesa, na minha frente. Jantamos conversando sobre assuntos corriqueiros, e Ed insiste em me fazer rir.

Ele me ajuda a recolher os pratos, e assim que guardo o que sobrou da pizza, ele caminha para a sala, sem me esperar. Deixo a mesa organizada, gostando de ter a companhia de Ed, e assim que entro na sala, o vejo deitado no sofá, já sem os tênis

e com o controle na mão. Ed levanta a cabeça, me encarando intensamente, e sorri.

—Estou procurando um filme para assistirmos — ele diz, sem pedir minha opinião, e respiro fundo, rindo do modo como ele já se sente confortável. Me aproximo, e cutuco suas pernas, indicando que quero sentar também, de forma autoritária. Ele sorri ainda mais, e se senta no sofá, com os olhos na televisão. Observo sua expressão tranquila, e me lembro da expressão tensa de Tom, quando tentei fazer um programa desses. Não era o estilo de Tom. Tom é intenso demais para estar nessa situação.

—O que está procurando? — pergunto, encostando minhas costas no sofá. Ed me fita ansioso.

—Algo que não seja terror, muito menos drama — ele responde, e olha novamente para a televisão — talvez um romance.

Rio irônica, e tiro o controle da sua mão.

—Minha casa, meus filmes — falo autoritária, mas sorrio de forma divertida — eu escolherei um filme, e já que veio sem ser convidado, terá que assistir à minha escolha.

Ed levanta as sobrancelhas, fingindo surpresa, e levanta as mão, como um gesto de rendição.

—Ao seu dispor — ele sussurra, ainda com um grande sorriso torto. Sua expressão é ansiosa, e desvio os olhos, tentando não manter tanto contato visual.

Passo a lista de filmes, e seleciono um de terror. Ed respira fundo do meu lado, tentando mostrar que não quer, mas coloco o controle na pequena mesa de centro, e sorrio triunfante.

—Assistiremos um de terror — afirmo, e Ed tenta pegar o controle, mas dou um leve tapa na sua mão.

—E por que terror? — ele pergunta sério, se virando para me encarar. Viro o rosto na sua direção e sorrio.

—Porque eu gosto, e porque percebi que você não gosta — digo direta, e minha expressão é ainda mais zombeteira. Ed balança a cabeça, indignado, e se inclina na minha direção. Meu lado escuro me afasta dele, e viro o rosto para a televisão.

—E se você sentir medo? — ele sussurra sugestivamente, e eu mordo o lábio, tentando me controlar para não cortá-lo rudemente.

—Não costumo sentir medo — respondo. Meu medo era Pandora, mas até esse se dissipou.

—E se sentir? — ele insiste sério, e rio irônica, desviando os olhos para olhá-lo. Sua expressão é de urgência, e seus olhos estão fixos em mim.

—Se eu sentir medo, Ed, não precisarei de

você — não consigo controlar meu lado escuro, e respondo de forma ríspida. Ed levanta as mãos, um pouco constrangido, e se afasta, encostando as costas no sofá.

—Então assistiremos — ele murmura, fitando a televisão. Assinto, satisfeita por ele desistir, e o filme começa.

Duas horas se passam, das quais Ed comentou o filme todo, tentando puxar assunto, tentando não prestar atenção no filme, e por mais que eu quisesse assistir, era impossível não rir com os comentários engraçados dele.

O filme acaba, e começa a passar um programa de comedia. Olho para o relógio, marcando uma hora, mas não sinto sono. Minhas noites, após a distância de Tom, se tornaram mais longas, e a insônia se fez presente. Ed percebe meu olhar intenso para o relógio, e antes que eu me esquive, ele pega o meu braço e me puxa na sua

direção.

—Deite aqui — ele sussurra, e eu o encaro, confusa. Ed senta no canto do sofá, colocando um travesseiro no seu colo, e me puxa para deixar a cabeça nele. Nego, tentando me afastar, mas ele sorri para mim — não precisa der medo, Ali, eu não vou tentar nada — ele fala direto, entendendo o meu receio. Sorrio sem graça, pega de surpresa por ele ser franco, e assinto.

—Está bem — murmuro, e deito no seu colo, ouvindo sua respiração se tornar levemente acelerada. Fito a televisão, ouvindo a risada de Ed, e começo a rir também, prestando atenção no programa. Ed começa a passar a mão no meu cabelo, lentamente.

—Você não contou para Dana sobre como foi o término, não é? — sua voz é baixa, receosa, e percebo que ele se refere à Tom. Viro a cabeça para cima, fitando seu rosto, e mordo o lábio. Realmente

não quero falar sobre Tom, porque ele é o único assunto que penso quando estou sozinha, então quero aproveitar para me distrair, quando estou com companhia, mas por Ed saber mais do que a maioria, talvez eu possa conversar.

—Não. Dana não sabe quase nada sobre como terminamos — confirmo séria, e minha voz é autoritária. Ele franze a testa, com o semblante preocupado — preferi omitir as discussões no hospital.

—Ou a culpa dele — Ed murmura, com os olhos vidrados em mim. Assinto, sentindo sua mão no meu cabelo — você ainda quer voltar com ele, Ali? — Ed pergunta rápido, diminuindo o tom de voz. O silêncio parece perdurar segundos, e não consigo decifrar sua expressão. Seus olhos continuam fixos em mim. Fecho os olhos, respirando fundo, e assinto.

—Quero — sussurro, e abro os olhos,

encarando Ed — mesmo com tudo o que passamos, ainda quero voltar com ele.

—Mas vale a pena? — Ed pergunta ainda mais aflito, levantando as sobrancelhas — você sofreu muito por ele, Ali, e não consigo nem imaginar o que passou por causa — Ed hesita, como se quisesse evitar continuar a frase — e agora ele está viajando com uma mulher.

—Eu o amo, Ed — falo, cortando-o — e não sei o que ele realmente está fazendo. A história veio de Anya, e não confio nela.

—E se for verdade? — Ed pergunta temeroso, e sua expressão é torturada.

Respiro fundo, fitando seus olhos, e franzo a testa. Meu coração parece se apertar ainda mais, ao pensar que talvez tudo fuja das minhas mãos, realmente, e não haja mais volta.

—Eu não sei — murmuro, e minha voz mostra o quanto sou sincera — não consigo

imaginar, Ed.

Ele balança a cabeça, concordando.

—Só não se machuque mais, Alice — sussurra, analisando minha expressão. Me levanto, encerrando o assunto. Ed percebe, e se levanta do sofá.

—Acho que tenho que ir — murmura, um pouco sem graça, sem tirar os olhos de mim. Assinto.

—Já está tarde — concordo com ele, evitando de olhá-lo. Ed se aproxima de mim.

—E é bom você descansar, porque quero vê-la feliz no evento — ele diz baixo, pegando a minha mão — Dana não a deixará desanimar, nem eu.

Sorrio, sem graça, e puxo a minha mão do seu toque, sentindo seus olhos me seguirem. Caminho em direção à porta, enquanto Ed coloca os tênis.

—Eu posso ir com Dana e Carlos — falo autoritária, pegando a chave em cima da mesa — não precisa passar aqui, Ed.

Ed caminha na minha direção, firme, e para na minha frente.

—Eu vou passar aqui porque eu quero, Ali — ele sorri — Armando irá levar uma das modelos, e eu levo a outra — sorri, tentando fazer disso uma desculpa. Respiro fundo, tentando acalmar a fúria do meu lado escuro, e assinto. Talvez se eu chegar com Ed, Tom faça algo, venha atrás. E no fim, Ed é apenas meu amigo.

—Estarei pronta — sorrio. Ele assente, e seus olhos descem para o meu corpo. Me viro, sentindo meu corpo sentir uma sensação estranha, e abro a porta. Ed passa por mim, e no instante que passa, sinto levemente seus lábios na minha bochecha.

—Boa noite — ele sussurra. Me afasto,

assustada, séria. Não, não quero que Ed entenda nada errado, merda.

—Boa noite — digo ríspida, e fecho a porta. Por que ele quando estamos bem, como amigos, ele sempre tenta algo? Não o vejo além de um grande amigo, e mesmo que tudo dê errado, não consigo imaginá-lo diferente. Respiro fundo, encostada na porta, e passo as mãos no rosto. Tudo está tão confuso, que me sinto deslocada da minha própria vida.

E a cada dia, percebo que meu lado escuro está me indicando um caminho.

Ajeito a sala, sentindo um arrepio pelo meu corpo, ao pensar que amanhã será o evento, e que Tom retornará. Que talvez meu sofrimento e tormento passe.

Me deito na cama, sentindo-a maior do que o normal, sem a presença do seu corpo quente, da sua voz rouca e do seu toque enlouquecedor. Sinto

PERIGOSAS NACIONAIS

falta de Tom e do seu mundo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Encaro o meu reflexo no espelho do meu quarto. Dana passou no meu apartamento, para me deixar o vestido, e duas horas no salão resultaram o reflexo que fito, admirada, assombrada. Meu cabelo parece ter luz própria, e a maquiagem realça todos os meus traços. Estou extasiada, sentindo meu lado escuro sair de dentro de mim, me envolver com seus braços e querer me possuir.

Um arrepio enlouquecedor percorre minha espinha, e sinto a adrenalina no meu corpo. Estou ansiosa para ir ao evento, para ver Tom, e mesmo que me sinta em outra realidade com esse vestido, com a ideia das pessoas e socialites do evento, ainda sim, estou gostando da sensação. Um leve temor ronda meus pensamentos, mas tudo o que desconheço, temo. Talvez dê tudo certo, e talvez eu

PERIGOSAS ACHERON

tenha que deixar o meu lado escuro me dominar.

Meu coração está acelerado, como se ansiasse por esse momento, ansioso para ir ao evento, para ver como é, para encontrar Tom. A vertigem sobe pelo meu corpo, com pequenas ondas de calor, de tensão. Estou tensa, nervosa. Respiro fundo.

Encaro, extasiada, novamente o meu reflexo, e vejo o meu lado escuro me dominar. Fecho os olhos, e o aceito. Nesse momento, para enfrentar esse mundo, Tom e a mim mesma, preciso do meu lado escuro, preciso que ele exerça o controle e saiba agir. E sei que ele sabe como agir, porque é ele quem me guiará para Tom.

Meu celular vibra, marcando oito horas, o horário combinado com Ed. Estou sem joias, já que Ed me pediu que usasse as joias da marca, assim como Anya as usará, para exibi-las. Pego meu celular, e percebo que minhas mãos estão tremendo

de nervosismo. Estou nervosa pelo evento, por Tom. Respiro fundo novamente, e uma mensagem surge na tela.

Estou aqui.

Ed. Por um segundo meu lado escuro desejou que fosse Tom, mas se depender de mim, tudo se resolverá essa noite. Sorrio, ainda mais nervosa, e respondo.

Estou pronta.

Segundos depois, recebo a mensagem de Ed.

Estou na sua porta.

Sorrio, não há como não rir com Ed. Fito meu reflexo novamente, tensa, e caminho lentamente com o salto até a porta. A abro, encontrando Ed com os olhos fixos em mim. Seus olhos estão fascinados, e os vejo descer pelo meu corpo, inundados de luxúria. Ele permanece sério, em silêncio.

—Estou pronta — murmuro, sem graça, passando a mão no cabelo. Ed abre a boca por segundos, e assente.

—Está linda — sussurra, e então percebe que eu estou fuzilando-o com os olhos, começando a ficar irritada pelo seu olhar, já que deixei meu lado escuro me possuir, e esse é impaciente, autoritário, decidido e confiante. Ele sorri, sem graça, e estende a mão, com uma grande caixa de veludo — as joias.

Sorrio, e pego a caixa, dando passagem para Ed entrar no apartamento. Ele fecha a porta, me seguindo com os olhos. Abro a caixa e pego o colar, levantando-o na minha frente. Sinto a presença de Ed atrás de mim, e o olho sobre o ombro. Ele sorri, mordendo o lábio.

—Deixe que eu coloque em você — pede com uma voz baixa, cautelosa. Meu lado escuro não tem escolha a não ser aceitar, e assinto,

levantando-o para o lado, e Ed o pega. Sinto suas mãos roçarem propositalmente nas minhas costas, me arrepiando, e respiro fundo, implorando para que o meu lado escuro seja mais paciente. O colar contorna meu pescoço, e eu pego os brincos, colocando-os.

—Você ficou maravilhosa nesse vestido — ele murmura, fechando o colar e colocando as mãos nos meus ombros nus — atrairei toda a atenção do evento, com você ao meu lado — seu tom de voz se abaixa ainda mais.

Rio, me sentindo sem graça, e mesmo que meu lado escuro não queira Ed, que esteja bravo, também achou graça na sua frase. Meu lado escuro só o quer como amigo, mas está se divertindo com a ideia do evento.

—Cuidado para eu não afastar as mulheres interessadas — falo autoritária, mas sorrio, me virando de frente para ele — afinal, somos só

amigos — e meu lado escuro não deixa escapar a oportunidade de enfatizar isso. Merda, ele está no controle, e não posso fazer nada.

Ed pisca duas vezes seguidas, sem graça, e retesa a mandíbula.

—Eu sei — diz baixo, e sua expressão é de alegria ainda, mesmo que seus olhos mostrem que minha frase o pegou despreparado. Me viro novamente, e pego os anéis. Encaro um, que me lembra o anel que Tom me deu, que insistiu que eu o usasse sempre, e meu coração parece sair do peito, me torturando, radiando uma dor que se sobressai à ansiedade.

—Está tudo bem? — Ed sussurra, olhando o anel sobre o meu ombro. Assinto.

—Sim, está tudo bem — minto. Meu lado escuro guarda a dor para si mesmo, porque insiste na ideia de que tudo passará essa noite, e eu confio nele. Estou confiando no meu lado escuro.

Coloco os anéis, e Ed se aproxima ao meu lado, pegando as pulseiras e colocando-as no meu braço.

—Esteja preparada para muitas fotos e olhares, Ali — ele diz preocupado, me fitando — todos estarão lá para prestigiar a marca que fizemos parceria, e bem — ele sorri — você e Anya fizeram parte da campanha. Esse é só a amostra para você se sentir confortável, quando for o evento da minha empresa.

Rio, negando com a cabeça. Ed é impossível.

—Não se preocupe — digo sorrindo, e ele se afasta.

—Está pronta? — pergunta, com os olhos fascinados em mim, e estende o braço.

—Estou — meu lado escuro responde, e coloco a mão sobre o seu braço, deixando-o me conduzir.

Assim que saímos do prédio, um motorista saí de dentro do Audi de Ed, contornando-o, e abre a porta para nós. Passo por ele, com um grande sorriso, me sentindo transportada para outra realidade, e entro no carro, seguida de Ed. Ele senta ao meu lado, sem tirar os olhos de mim, mas meu lado escuro não retribui o olhar. Pego o meu celular e digito para Dana.

Estamos indo.

O carro começa a andar, e vejo Ed digitar no celular também. O meu vibra, e olho para a mensagem de Dana.

Nós também, Carlos agradece pelo convite se estender à ele.

Sorrio, balançando a cabeça. É claro que o convite se estenderia, e Dana não iria deixá-lo em casa por nada.

Ed vira o rosto na minha direção, atento.

—Armando já chegou com Anya — ele

diz, analisando minha expressão, e assinto, tentando não deixar transparecer meu nervosismo. E meu lado escuro se pergunta se Tom já chegou. Desvio o olhar, fitando minhas pernas, e Ed respira fundo. Ele roça dois dedos no meu braço — tente não ficar nervosa, Ali, estarei ao seu lado em qualquer situação, e você verá que não há porque ficar nervosa — ele sorri — tudo ocorrerá bem.

Assinto. Estou nervosa pelo evento, mas também por Tom. Irei vê-lo, depois de tudo, e ele verá Ed ao meu lado. Meu lado escuro grita para mim que isso será a chave para fazê-lo vir até mim, e que eu preciso confiar no seu conselho. Estou nervosa porque realmente não consigo saber como será.

O carro continua pelo transito, e após vinte minutos, diminui a velocidade, se misturando com outros carros luxuosos. Vejo luzes iluminando o céu, ao redor de um grande lugar, com uma

escadaria branca, gigantesca, subindo para uma entrada enorme, com um tapete vermelho e mais luzes iluminando. Fotógrafos tiram fotos, em vários lugares, com fundos de marcas, e várias pessoas estão ao redor, conversando, trajando roupas elegantes. Os seguranças estão espalhados por todos os lados, desde o portão de entrada. Fotógrafos tiram fotos dos carros, dos empresários, modelos e pessoas importantes. Respiro fundo, sentindo o meu corpo tremer. Onde estou? Quando tudo isso aconteceu? Estou me sentindo em outro universo, transportada para uma vida da qual nunca imaginei, mas que meu lado escuro sente prazer. Sinto a mão de Ed sobre a minha, apertando-a.

—Chegamos — ele sussurra no meu ouvido, e a porta se abre. O motorista estende a mão, e eu saio do carro, sentindo os olhares ao meu redor. Já é de noite, mas por causa das luzes que iluminam o céu, tudo parece claro demais,

enlouquecedor demais. As vozes se misturam sobre uma música lenta, e olho ao redor, sentindo meu lado escuro reunir forças e levantar a minha cabeça, sem deixar eu me sentir intimidada ou encolhida. Ele sussurra repetidamente que eu estou bem, que enfrentarei tudo e me divertirei.

Ed para ao meu lado, e coloco a mão no seu braço, encontrando com os seus olhos.

—Está nervosa — ele sussurra, afirmando, e sorrio. É, estou muito nervosa, mas meu lado escuro está no controle, e não deixará transparecer. Começo a caminhar ao seu lado, subindo as escadas para entrar no grande salão dourado. Passamos por algumas pessoas, que nos olham admirados, e cumprimentam Ed com um aceno elegante. Ele se inclina no meu ouvido, sem parar de subir os degraus, subindo ao meu lado, próximo do meu ouvido, e meu lado escuro imagina como estamos. Estou transportada para outro mundo, e me sinto

caminhando dentro de um sonho, sem controle, sob meu lado escuro.

—Todos parceiros da empresa — ele sussurra — que vieram prestigiar a marca francesa que recém chegou no pais — olho para ele, um pouco confusa — a campanha foi a estreia dela — ele explica, e alcançamos o topo das escadas. Olho para as portas grossas, grandes, abertas, revelando um salão gigantesco, todo iluminado, com um tapete vermelho e grandes vasos, estátuas e pessoas andando, conversando ou posando para fotos. Panos vermelhos caem pendurados do grande teto abobadado, e terraços ao céu aberto rodeiam todo o salão, que possui um palco decorado no centro.

Sinto uma vertigem percorrer todo o meu corpo, ansioso, sentindo meu coração acelerado por estar aqui, por estar nessa situação, e um arrepio domina meu corpo. Analiso as pessoas, entrando no salão, e vejo Dana ao longe, acompanhada de

Carlos. Eles caminham na nossa direção, lentamente, cumprimentando pessoas enquanto passam. Dana está maravilhosa, com um vestido brilhante, um pouco rodado e com pedras.

Dana se aproxima, e me cumprimenta.

—Está maravilhosa, eu sabia que o vestido iria combinar perfeitamente com você — ela sussurra no meu ouvido. Sorrio, sem graça.

—Você está maravilhosa também — respondo, e sinceramente, ela está impecável. Carlos me cumprimenta, após cumprimentar Ed, com um grande sorriso.

—Dana me contou sobre a campanha, parabéns, Ali — ele segura a minha mão, e sorrio agradecida. Ed encosta a mão no meu braço, e eu o encaro, curiosa.

—Vamos nos afastar da entrada — ele sugere, e assinto, colocando a mão novamente no seu braço. Ele me guia até um lado do salão, perto

de grandes janelas que dão para o terraço iluminado, também com pessoas bebendo e conversando animadamente. Fotógrafos estão em todos os cantos, e um tira uma foto nossa, ao passar. Dana sorri, e aperta o meu braço, com a outra mão no braço de Carlos.

—Estou adorando, Ali — ela sorri, e sua expressão é de felicidade — e duvido que você também não esteja.

Rio, tentando negar com a cabeça, mas as palavras de Dana são verdadeiras. Eu estou adorando, e meu lado escuro está amando enfrentar, no controle. Um garçom passa, e Ed e Carlos pegam duas taças cada um, oferecendo uma para mim e para Dana. Aceito, soltando o braço de Ed, formando um pequeno círculo de quatro pessoas, e bebo um pequeno gole do champanhe.

—Eu reconheço algumas pessoas daqui — Dana comenta, com os olhos intercalando entre nós

três — mas algumas eu nunca vi na vida.

Ed ri, e balança a cabeça.

—É porque muitos vieram de fora, para prestigiar. Alguns vieram da França — Ed explica, olhando redor, e passa a mão na boca — até para mim são estranhas.

Rio, concordando, e Dana bebe um pouco da taça.

—E como foi ontem? — ela pergunta para nós, sorrindo — Ed escolheu os sabores certo?

Fuzilo Dana com os olhos, e ouço a risada de Ed.

—Graças à você, escolheu — respondo irônica, mas começo a rir por causa da expressão de desgosto de Dana — mas eu o fiz aceitar assistir algum filme da minha escolha.

Dana começa a rir, e puxa Carlos para mais perto, que está conversando animadamente com Ed.

—Você torturou Ed, então — Dana

afirma, percorrendo o salão com os olhos — mas ele parece não se importar — ela hesita, me fitando intensamente — você percebe que ele está tentando, não é? — pergunta, abaixando a voz, se inclinando em direção ao meu ouvido. Me viro de costas para Ed, puxando lentamente o braço de Dana para o meu lado, e ambas ficamos de costas para eles.

—Eu sei, Dana — respondo baixo, também sussurrando, observando a entrada do salão para tentar disfarçar a fúria do meu lado escuro, por ainda existir esse assunto — mas hoje já deixei claro que somos apenas amigos, e por mais difícil que seja, ele terá que entender — falo autoritária, e olho para Dana, que me encara demoradamente.

—E se você desse uma chance para ele? — ela pergunta, levantando as sobrancelhas. Abro a boca, negando.

—Não, Dana. Não sinto nada por ele, e

você sabe — hesito, analisando sua expressão, ciente de que o meu lado escuro está controlando a minha. Me sinto mais relaxada com ele no controle, como se soubesse que ele tomará as rédeas de qualquer situação — eu amo Tom.

Dana suspira, e dá de ombros, desviando os olhos e fitando as pessoas entrando.

—Você nunca saberá, se não se der uma chance — murmura, e vejo sua voz desaparecer aos poucos. Ela abre a boca, arregalando os olhos, e me cutuca com o cotovelo — Alice — sua voz sai mais exaltada do que o normal, e eu sigo com os olhos até o ponto onde Dana encara.

Meu lado escuro arde enfurecido, enlouquecido, e sinto o meu corpo inteiro se arrepiar pela eletricidade que o meu lado escuro solta. Ele quer que eu corra e agarre Tom, que o pegue de volta, mas ao mesmo tempo, está atordoado pela visão, como se não esperasse. Ed

para de falar, e segue o meu olhar.

Tom está entrando pela grande porta do salão, iluminada. Caminha lentamente, sorrindo para as câmeras, e desviando o olhar para as pessoas. Está vestindo com um smoking e uma gravata borboleta. Um braço está estendido para baixo, como se estivesse tenso, e o outro está flexionado, sustentando a mão de uma mulher morena, caminhando ao seu lado.

Meus olhos percorrem o vestido preto da mulher e seu rosto forte, sem conseguir reconhecer, mas meu lado escuro já sabe seu nome. Nássia.

Sinto meu corpo estremecer com a visão de Tom acompanhado, andando lentamente com Nássia, guiando-a para dentro do salão, e sinto que meu coração irá sair do salão, me deixando sozinha com a tortura. O ar parece fugir dos meus pulmões e meu lado escuro parece considerar o que fazer, antes de agir, sem me contar o plano. Tudo está em

câmera lenta, e o barulho das vozes parecem distantes. Respiro fundo, sem conseguir desviar os olhos, assombrada, em um torpor.

Sinto uma mão na minha lombar, e braço de Ed contorna minha cintura, abraçando a lateral do meu corpo de forma educada, como se percebesse que eu precisasse de um sustento, e meu lado escuro, pela primeira vez, agradece Ed.

Ele para ao meu lado, me fitando intensamente, analisando minha expressão de espanto, e respiro fundo. Meu lado escuro suaviza minha expressão, e sinto a mão de Ed pressionar ainda mais minhas costas, aproximando nossos corpos, lado a lado.

Desvio os olhos para Ed, encontrando os dele, como se passassem uma mensagem preocupada para mim, mas meu lado escuro o ignora, enlouquecido. Olho novamente para Tom, que caminha lentamente com Nássia, segurando sua

mão no braço, e assim que ele caminha até metade do salão, parando em uma distância de dez metros, seus olhos percorrem ao redor.

Meu lado escuro está decidido, firme, não deixando transparecer minha tortura, deixando minha expressão insondável, e o deixo me dominar inteiramente, liberto para decidir o que fazer, como me comportar. E ele está furioso pela visão, enlouquecido por querer Tom e por ainda não saber de nada, mas satisfeito pela presença de Ed ao meu lado, para deixar Tom exatamente na mesma situação que eu, já que meu lado escuro confia que Tom ainda sente o mesmo.

Meu lado escuro está começando a pensar em como agir.

E eu me torno inteiramente meu lado escuro. Me controle, faça o que quiser.

Não consigo parar de olhar, ainda

sentindo o braço e a mão de Ed ao redor da minha cintura, e dois olhos azuis escuros se encontram com os meus, ferozes, selvagens, mostrando a loucura começar a inundá-los. Tom.

ALICE

Os olhos azuis escuros de Tom descem para o braço de Ed, seguindo-o até ver sua mão apertar lentamente minha cintura, e a loucura os inunda lentamente.

Meu lado escuro queima de satisfação, agradecendo Ed por isso. Agradecendo todas as formas que encontrei de provocá-lo, e de me

manter firme. O encaro fixamente, e desvio lentamente o olhar para Nássia. Seus olhos se encontram com os meus, e ela fita Tom. Vejo sua mão apertar veemente seu braço, fazendo força com os dedos para chamar sua atenção, e ele a encara aturdido.

Nássia se inclina no seu ouvido e sussurra algo, que o faz balançar a cabeça, negando. Meu lado escuro sente vontade de correr e agarrar o pescoço dela, mas a pressão da mão de Ed aumenta na minha cintura, e o encaro confusa. Ed se inclina em direção ao meu ouvido, me puxando para mais perto.

—Não fique aflita, Ali — Ed sussurra lentamente — não deixe Tom estragar a sua noite — diz, enfatizando o sua, e sorrio para ele, assentindo. Meu lado escuro não deixará ele estragar, e sim irá estragar a noite dele, provando para ele que não será fácil esquecer de mim,

principalmente se nada aconteceu com Nássia. Mas, se aconteceu, irei testá-lo, para ver o quanto eu o afeto, ainda.

E no fundo meu lado escuro quer saber o que realmente aconteceu entre eles, mesmo já suspeitando. E não sei se conseguirei perdoá-lo por mais isso.

Me inclino no ouvido de Ed, sorrindo lentamente.

—Não deixarei que eles estraguem minha noite, não se preocupe — respondo em um sussurro, e olho de canto para Tom, vendo-o me fuzilar com os olhos, e a mão de Nássia aperta novamente com força seu braço, chamando sua atenção. Ele começa a caminhar para frente, se afastando de nós, e permanece olhando para as pessoas à sua frente, sério, com a mandíbula retesada. Me afasto de Ed, tirando sua mão da minha cintura, e Dana se aproxima de mim,

bebendo um gole da champanhe. Bebo também, sentindo o álcool um aliado do meu lado escuro.

—Tom está acompanhado, Ali — ela fala séria, arregalando os olhos — como assim? Vocês não irão tentar nem conversar? — mordo o lábio, vendo seus olhos me analisarem. Meu lado escuro quer responder que iremos conversar, que irei tirar tudo a limpo, e veremos o que acontecerá — e parece que ele não gostou de ver Ed ao seu lado — Dana fala mais baixo, sorrindo maliciosamente — acho que até Ed percebeu.

Rio, negando com a cabeça.

—Ed se aproximou de propósito — murmuro, observando Ed conversar com Carlos novamente. Fito Dana demoradamente — iremos conversar, Dana, mas não sei o porquê dele estar acompanhado, nem quem é — sim, eu sei. Anya fez questão que eu soubesse.

Dana me olha preocupada, balançando a

cabeça.

—Me deixe dar uns tapas nele, Ali — ela murmura — já voltei a não gostar de Tom. Esperava que vocês voltassem rápido — ela hesita, aflita — vocês pareciam tão bem juntos.

Respiro fundo, e bebo mais um gole da taça, observando mais pessoas importantes e elegantes chegarem. Uma mulher loira entra no salão, e seus olhos pousam em mim, intensos. Ela sorri, e olha para Ed, que está um passo atrás de mim, conversando com Carlos. Um homem entra atrás dela, loiro, com um nariz fino e comprido. A mulher o fita, e segura seu braço, acompanhando-o na nossa direção. Dana os encara também.

—Quem são? — pergunta curiosa, e dou de ombros, me sentindo deslocada. Aperto discretamente o braço de Ed, e ele me fita surpreso.

—Quem são, Ed? — pergunto em um sussurro, ele olha disfarçadamente para o casal que

se aproxima, e sorri.

—Eles? — pergunta retoricamente, e se aproxima de mim, bebendo champanhe — são os donos da marca francesa, que fizeram parceria conosco — Ed sorri, com os olhos fixos em mim — querem conhecer você, Ali.

Levanto as sobrancelhas, incrédula, e bebo mais um gole. Meu lado escuro está ansioso, deixando a vertigem surgir por todo o meu corpo e a adrenalina me engolir. O casal se aproxima elegantemente, e vejo no pescoço da mulher um colar que usei na sessão de fotos. Dana se mantém ereta ao meu lado, com Carlos ao seu lado. O casal sorri ainda mais, e Ed coloca gentilmente a mão na minha lombar.

—Olá, Eduardo — o homem loiro o cumprimenta, e seus olhos se focam em mim — e você é provavelmente a Alice — fala, se inclinando para me cumprimentar.

PERIGOSAS NACIONAIS

—Muito prazer — murmuro, cumprimentando-o. Ele se afasta, ainda com os olhos em mim — Alice — sorrio, e ele coloca o braço ao redor do quadril da mulher.

—Prazer, Augustine — ele diz firme, e seus olhos se encontram com os da mulher — e minha esposa Charlote.

A mulher me cumprimenta, em seguida Ed. O casal olha para Dana e Carlos, e Eduardo faz as apresentações. Sorrio, sem graça, me sentindo ainda mais deslocada, mas meu lado escuro não. Ele está triunfante, renascido das cinzas, desde que se ateou fogo à ele, quando Tom chegou com Nássia.

Percorro o salão gigantesco com os olhos, e vejo Tom ao longe, ao lado de Nássia, em um pequeno grupo de homens e mulheres, conversando animadamente. Seus olhos, em nenhum momento, se desviam das pessoas com quem conversa.

PERIGOSAS ACHERON

Respiro fundo, desejando conseguir me comportar exatamente como ele. Volto minha atenção na conversa de Ed com Augustine, e percebo que estão conversando sobre a campanha.

—Provavelmente estaremos realizando a divulgação na França, se você puder ir — Augustine fala atentamente — estaremos com os dias agendados.

—Eu e Armando comparecemos, com certeza — Ed sorri, e me afasto discretamente dele, retirando seu toque da minha lombar — à propósito, a sua presença é muito importante no nosso evento também. Soube que foi homenageado em Lyon — Ed começa a falar sobre outra campanha, e observo novamente o salão, fitando a porta de entrada.

Meu coração parece congelar lentamente, mesmo que meu lado escuro não sinta raiva. Não sinta nada por ela.

Armando entra lentamente, com um smoking e um grande sorriso cordial. Seus olhos percorrem o salão e seu braço está flexionado, apoiando uma mão com unhas vermelhas e dois grandes anéis. Anya.

Seus olhos se encontram com os meus, e ela sorri lentamente, maneando a cabeça em um cumprimentando. Meu lado escuro ordena meus lábios, e antes que eu perceba, retribuo lentamente o sorriso, frio, irônico. Anya coloca a mão no vestido, para caminhar, abrindo um pouco a fenda preta do vestido bufante, tomara que caia. Está usando apenas os anéis e pequenos brincos.

Desvio o olhar, observando que a maioria das pessoas observa a entrada do par, e percebo o quanto Anya é intimidadora. Mas não está intimidando meu lado escuro. Procuro entre as pessoas, Tom, e vejo ele encarar Anya com uma expressão furiosa. Nássia novamente se inclina no

seu ouvido, sussurrando algo que o faz desviar o olhar, e encará-la. Tom sorri para Nássia, e fala algo que não consigo ler pelos seus lábios.

Respiro fundo, ouvindo as vozes de Augustine e Ed, e meu lado escuro decide que irei ignorá-lo. Que irei aproveitar o evento com Ed, e que irei fazê-lo sentir exatamente o mesmo que eu sinto. Que irei fazer Tom perceber o quanto estão erradas as suas escolhas.

Volto minha atenção à Ed, e Augustine sorri para mim.

—Espero que permaneçam na festa pós evento — ele diz, e assinto. Iremos permanecer — agora vou me preparar — ele sorri ainda mais, e se afasta com sua esposa. Fito Ed, que se aproxima de mim e de Dana, que sussurra algo no ouvido de Carlos, ao seu lado.

—Vamos mesmo ficar para a festa? — Ed pergunta surpreso, levantando as sobrancelhas —

achei que você não quisesse.

—Eu quero — meu lado escuro se esforça em um sorriso — quero aproveitar esta noite — digo, e bebo um pequeno gole do champanhe — a não ser quer você não queira.

Ed nega com a cabeça, rindo levemente.

—Claro que eu quero — ele responde, e Dana volta a atenção em nós — e vocês também? — Ed pergunta para os dois.

—Acompanharemos vocês em tudo — Dana levanta um pouco a taça, sorridente.

—Por mais que eu desconheça todos daqui — Carlos ri, e seus olhos se desviam de Dana para Ed — seu irmão é aquele que entrou com a mulher de vestido preto?

—Isso — Ed concorda, procurando Armando entre as pessoas — Armando. Está acompanhado da outra modelo, Anya.

—Anya? — Dana levanta as sobrancelhas,

surpresa — ela também veio?

Ed ri, e assente de modo frustrado.

—Sim. Ela não perderia por nada — ele responde desanimado, e bebe mais o champanhe.

—À propósito — Dana fala séria — você está linda nas fotos, Ali, mas não gostei muito das poses.

Começo a rir. Meu lado escuro concorda com Dana. As poses se tornaram ainda mais desagradáveis com Anya.

E provavelmente Tom não gostou também. Pare de pensar nele, lado escuro.

—Eu também não gostei — Ed comenta sério, com os olhos fixos em mim — mas tudo saiu como planejado, no final.

—É — murmuro — tudo saiu como planejado — repito sua frase em um sussurro, mais para mim. Tudo saiu como Anya planejou, no final, mas seu convite será recusado com todas as minhas

forças, e meus olhos procuram novamente Tom.

Fecho os olhos, me proibindo de procurá-lo, e respiro fundo.

Me sinto outra pessoa nesse evento. Uma pessoa mergulhada nesse mundo onde não posso pagar, onde posso ter a coragem de libertar meu lado escuro. Uma pessoa que estou gostando de ser. Meu lado escuro.

Abro os olhos, sentindo o ar um pouco abafado, aumentando minha adrenalina por estar aqui, por estar perto de Tom, e uma vertigem percorre todo o meu corpo, enquanto observo mais pessoas chegarem, com vestidos longos, caríssimos, e empresários com fotógrafos ao redor.

—Está gostando? — Ed pergunta ao meu lado, me fitando, observando minha expressão de ansiedade, já que meu lado escuro não permite que eu demonstre meu nervosismo.

—Estou — respondo sincera, e sorrio. Sua

expressão é de satisfação, ao observar a minha — você está sendo um grande amigo.

Ele fecha os olhos por alguns segundos, concordando lentamente com a cabeça, e percebo que ele não gosta quando digo isso, mas meu lado escuro quer dizer, quer lembrá-lo.

Ed abre os olhos, me encarando, enquanto Dana e Carlos fecham um pequeno círculo com nós.

—Você parece certa aqui — ele sorri — sabe, acho que você irá se adaptar bem à tudo isso.

—Ali já está se adaptando — Dana completa, e Carlos ri. Fuzilo Dana com os olhos, mas ela está sendo sincera. Eu estou gostando.

—Talvez veremos mais da Alice em campanhas — Carlos comenta, e Ed aponta para ele, concordando.

—Se depender de mim, sim — ele afirma, e eu encaro Ed.

—Tudo dependerá de mim — falo firme, autoritária, mas um grande sorriso surge nos meus lábios, graças ao meu lado escuro.

—Convencerei você — Ed sussurra, e pisca um olho para mim. Desvio o olhar, ignorando-o, e Dana tentar fingir que não viu.

—E esse Augustine é engraçado — Dana comenta, observando Augustine subir as escadas revestidas com um tapete vermelho, até o palco, onde está um microfone.

—É engraçado, mas sabe levar tudo à outro patamar — Ed concorda, se posicionando ao meu lado, de um modo que fique de frente para o palco — e seu discurso é ainda melhor.

As luzes se apagam, deixando o salão e as varandas na penumbra. Uma luz forte, branca, surge no centro do palco, incidindo no lugar do microfone. Um silêncio se instala no salão, e desvio os olhos rápido, observando com dificuldade as

pessoas.

Mas vejo dois olhos azuis escuros me fitarem, enlouquecidos. Respiro fundo, e bebo mais um gole da champanhe. Olho para Nássia, que está ao lado de Tom, perto do palco, e ela está concentrada em Augustine. Levanto a cabeça, obediente ao meu lado escuro, e viro o rosto lentamente, ignorando-o. Sorrio para mim mesma, satisfeita. Tom está começando a sentir o que eu quero. Está começando a sentir a eletricidade do meu lado escuro.

Augustine começa a discursar, contando uma pequena piada de moda. Todos riem, e o silêncio se instala novamente, para ele continuar. Sua voz grave continua a contar sobre como sua profissão começou, as dificuldades e oportunidades.

—Cada discurso que ele faz, sempre conta isso — Ed murmura com um ar de graça. Dana e

Carlos riem, e eu balanço a cabeça, fingindo não acreditar.

—E as pessoas não se cansam? — Carlos pergunta, sem tirar os olhos do palco.

—Se cansam, às vezes até o imitam, mas Augustine é adorado por todos, então ninguém se importa — Ed sussurra para nós, dando de ombros.

—E ele sabe que as pessoas o imitam? — pergunto, fitando Ed. Ele sorri.

—Sabe, e acha graça — diz, voltando a olhar para o palco. Presto atenção no discurso, que começa a se prolongar, e sinto que estou sendo observada intensamente. O ar começa a ficar abafado, e tento respirar profundamente, sentindo um arrepio por todo o meu corpo, elétrico, excitante. Olho de canto para Tom, e seus olhos ainda estão em mim, vidrados. O salão parece ficar pequeno, e sua presença é a central. Cerro os dentes, furiosa por tudo, e ao mesmo tempo ansiosa

para deixá-lo ainda mais enlouquecido. Me inclino para Ed, e coloco a mão em seu ombro. Meu lado escuro quer ver o quanto Tom aguenta, quer ver o quanto ele vai demorar para perceber a decisão errada.

—E onde será a festa? — pergunto em um sussurro. Ed me encara, com o rosto próximo do meu.

—No andar de cima — ele diz sorridente, e assinto com a cabeça, voltando à observar Augustine. Quinze minutos se passam, dos quais as pessoas permanecem em silêncio. As luzes se acendem, e as palmas começam. Bato levemente as palmas, prestigiando o discurso emotivo de Augustine. Ele levanta as mãos, em agradecimento, e desce do palco, acompanhado da sua esposa. Ed se aproxima de mim, e estende o braço.

—Vamos falar com Augustine novamente? — pergunta ansioso, e sorrio.

—Vamos — concordo, e olho para Dana. Ela levanta as mãos, negando e coloca o braço ao redor de Carlos.

—Nós vamos até a varanda — diz, e aponta discretamente uma da esquerda — pegar um pouco de ar puro — sorri — sem falar da decoração maravilhosa que queremos ver.

—Vocês quem sabem — digo, e me afasto com Ed, vendo Dana e Carlos caminharem em direção a varanda. Acompanho seu passo lento, sentindo os olhares das pessoas em nós, nos admirando, e aperto com um pouco de força seu braço, fitando o caminho à minha frente. Me sinto ainda mais ansiosa, e respiro fundo. Pareço andar dentro de um sonho, guiado pelo meu lado escuro.

—Ed — uma voz familiar nos chama pelo lado direito, ao lado de Ed. Encaro as pessoas, e vejo Armando sorrir parar nós, acompanhado de Anya.

PERIGOSAS NACIONAIS

Merda. Meu lado escuro parece arder, voltando a pensar na proposta feita por ela. Não, não posso nem pensar. E me lembro de que foi ela quem disse sobre Nássia. Ela provavelmente deve estar se vangloriando agora, mas por pouco tempo.

Ed para, retesando todo o corpo, e me fita pelo canto do olho.

—Vamos cumprimentá-los — murmuro, percebendo que ele sente receio de me aproximar de Anya — está tudo bem — sorrio amarelo, e meu lado escuro se torna ainda mais forte.

Armando se aproxima, com Anya ao seu lado, parando na nossa frente.

—Alice — ele me cumprimenta, cumprimentando o irmão em seguida. Anya se inclina na minha direção, colocando uma mão no meu ombro, e me cumprimenta.

—Está adorável — sussurra no meu ouvido — espero que esteja bem.

PERIGOSAS ACHERON

—Estou maravilhosamente bem, Anya — sussurro no seu ouvido, autoritária — não se preocupe comigo.

—Será? — ela pergunta, e se afasta, levantando uma sobrancelha. Sua expressão é sugestiva, e sorri lentamente. Desvio o olhar, séria, ignorando-a. Sua tática não funcionará com meu lado escuro.

—Já conversou com Augustine? — Ed pergunta para Armando — ele quer falar com você.

—Conversei — Armando responde, me fitando por alguns segundos — ele sugestionou alguns ajustes na campanha, que ele acredita que melhorará ainda mais.

—Depois vamos decidir isso com calma — Ed concorda, se aproximando de mim — estávamos indo parabenizar ele agora, querem nós acompanhar? — pergunta para Armando, mas Anya coloca a mão delicadamente em seu braço, e

se inclina lentamente na direção do seu ouvido, com os olhos intensos ainda em mim. Sorri lentamente.

—Temos que falar com Antonielle antes — ela diz lentamente, e Armando olha para uma mulher loira, concordando. Fita novamente Ed.

—Depois nos encontramos — Armando diz, sorrindo para nós, e assinto com a cabeça.

—Dê meus cumprimentos à ela — Ed murmura, sem fitar Anya, apenas Armando. Esse concorda com a cabeça, começando a caminhar. Anya passa ao meu lado, roçando levemente os dedos no meu braço.

—Nos encontraremos na festa — sussurra para mim, maliciosamente, e viro o rosto, tirando o braço do seu contato. Ed percebe, e acelera o passo. O acompanho, e desvio o olhar para as pessoas da festa.

—Quem é Antonielle? — pergunto, e olho

para ele, que sorri, procurando Augustine.

—É uma jornalista que fará a cobertura do nosso evento — ele responde despreocupado. Arregalo os olhos. Terá até cobertura?

—Como assim? — pergunto incrédula, e Ed ri, me fitando de canto.

—Você terá seus minutos de fama — murmura zombeteiramente, e bato de leve no seu ombro com a mão que seguro a taça.

—Não tem graça — sussurro.

—Tem muita graça ver a sua expressão de espanto e — ele hesita, mordendo o lábio — de receio de demonstrar que está gostando.

—Eu não estou com receio — o corrijo, franzindo a testa. Ele ri ainda mais.

—Está sim — murmura — só ainda não quer admitir para mim — e dá de ombros.

Rio, tentando negar com a cabeça, mas sua companhia é tranquila demais para negar.

PERIGOSAS NACIONAIS

—Ali está ele — Ed sorri, olhando em direção ao palco, enquanto um flash de câmera me cega. Coloco discretamente a mão na frente dos olhos, evitando o clarão, com os olhos ainda em Ed, e vejo seu sorriso esmorecer — acho melhor esperarmos — murmura, e para, me encarando intensamente. Franzo a testa, confusa, sentindo a leve brisa que entra pela varanda do salão. A música ambiente retornou, assim como as luzes.

Procuro Augustine entre as pessoas, e o vejo, acompanhado de sua esposa, parados ao lado da escada. Tom está ao seu lado, junto com Nássia, formando um pequeno círculo. Meu coração acelera, aumentando as batidas como se quisesse mostrar à todos que eu vi Tom. Respiro fundo, sentindo os olhos de Ed me analisarem. É, eu acho melhor esperarmos.

Não. Nós iremos nesse momento, e conversaremos com Augustine e quem estiver ao

lado. Meu lado escuro reina sobre mim, me lembrando que eu o deixei no comando. Levanto a cabeça, séria, autoritária, e encaro Ed, ainda segurando seu braço.

—Iremos agora — digo firme, e ele sorri assustado, franzindo a testa — não quero me esquivar dele — minha voz permanece firme, mesmo quando sinto que estou começando a suar.

Ed levanta as sobrancelhas, ainda incrédula, e retesa a mandíbula.

—Você tem certeza, Ali? — pergunta assustado, e eu sorrio lentamente, assentindo com a cabeça.

—Tenho — digo com certeza — vamos? — sorrio para ele, desviando os olhos para Augustine. Ed respira fundo, e começa a andar, me acompanhando. Passamos por pessoas que nos cumprimentam com um leve inclino de cabeça, e mais fotógrafos cobrindo o evento, assim como

fotografando pessoas. Os garçons passam por nós, e Ed pega mais duas taças, devolvendo as nossas vazias. Sorrio ainda mais para ele. Cada passo me leva para mais perto de Augustine, que está de lado para nós.

Cada passo me leva para mais perto de Tom, que está de costas para nós, com Nássia ao seu lado. Ed os contorna, me guiando, e Tom vira o rosto em minha direção, sentindo a minha presença. Seus olhos azuis escuros me encaram, arregalados, e ele abre levemente a boca, com uma expressão selvagem. Permaneço séria, e desvio o olhar, sentindo o olhar de Ed em mim também. Entramos no círculo, e antes que eu perceba, Augustine dá espaço ao lado de Tom, me forçando à ficar ao seu lado, enquanto Ed fica do meu outro lado. Aperto levemente o braço de Ed, tentando me acalmar, acalmar meu lado escuro.

Respiro fundo, com os olhos fixos em

Augustine, e sorrio.

-Alice — Augustine sorri para mim, me cumprimentando novamente. Olho para sua esposa e Nássia, com um leve sorriso, e a expressão de Nássia é de tranquilidade, como se ela não se importasse com a minha presença. Tom desvia os olhos, encarando a sua frente, tentando me ignorar, e meu lado escuro enlouquece.

—Parabéns pelo discurso, maravilhoso como sempre — Ed elogia Augustine, que sorri modesto. Sua esposa concorda com a cabeça, e Nássia levanta a taça.

—Estávamos falando nisso agora — sua voz é fina e calma — Augustine estava brilhante como sempre, e você — Nássia sorri para a esposa de Augustine — está ainda mais.

—Muito obrigada, Nássia — Charlote agradece, sem graça, e seus olhos pousam em mim. Sorrio para ela, concordando com a cabeça.

—E você, Alice, está acompanhada de Eduardo? — Charlote pergunta diretamente, com os olhos em Eduardo em um grande sorriso. Sinto Tom se retesar inteiro ao meu lado, assim como Ed, e meu lado escuro sorri. Ed me olha de canto, sério, e eu sorrio, negando com a cabeça. Tomo um pequeno gole da champanhe, agradecendo por meu lado escuro sempre controlar o nervosismo.

—Somos bons amigos apenas — respondo calmamente, percebendo que Tom, em nenhum momento, olhou para mim novamente — ele me convenceu à fazer a campanha.

—Um privilégio para mim — Ed me interrompe, sorrindo, e levanta a taça, como se fosse um brinde — e se eu puder, convencerei novamente. Rio levemente, negando com a cabeça.

—Se eu me acostumar — completo em uma voz mais baixa. Augustine sorri animadamente, e me encara.

—Você brilhou nessas fotos, Alice — Augustine fala, segurando o braço da esposa. Troco a taça de mão, deixando meu braço reto, ao lado do meu corpo, do lado de Tom — e se depender de mim, brilhará mais — Augustine bebe um pequeno gole da champanhe — se Ed permitir que eu roube sua modelo, quero trabalhar com você, o que acha de uma proposta futura?

Abro a boca, incrédula, sem conseguir imaginar o quanto ele é popular dentro do ramo de fotografia e moda. Respiro fundo, e não, não irei aceitar. Aceitei a proposta de Ed, e só. Por mais que, diferente do que eu imaginei, eu esteja gostando, não irei aceitar. Permanecerei dentro do plano de vida que fiz há anos atrás.

Ed sorri, tentando segurar uma leve risada, e eu o fuzilo com os olhos. Nássia está com os olhos atentos em mim, assim como Charlote, e me sinto o centro da roda, só falta um holofote. Mas Tom

permanece sério, sem me olhar.

Abro a boca para responder com um educado não, mas meu lado escuro se faz presente.

—Seria um prazer — e meu lado escuro dita as palavras, merda. Ele quer que eu faça, ele quer arriscar ainda mais, pois gostou da ideia, e decidiu sem me avisar. Os olhos de Ed pousam em mim, surpresos, com um grande sorriso, e Augustine assente com a cabeça, murmurando um ótimo.

E sinto dois olhos azuis queimando minha pele, ardentes, enlouquecidos, me fuzilando. O semblante de Tom é feroz, e sinto sua mão se fechar discretamente no meu braço, com força. O toque quente me arrepia, e sinto meu corpo inteiro derreter, como se uma eletricidade fervente passasse por minhas veias, me deixando em chamas.

Viro o rosto, encarando Tom, e seu rosto

está próximo do meu, furioso. Ele retesa a mandíbula, e Ed se aproxima de mim, puxando outro assunto com Augustine, evitando que ele veja a atitude de Tom.

—Alice — Tom sussurra enlouquecido, e eu o encaro séria, esperando que ele fale algo mais. Meu lado escuro não deixa transparecer nada em minha expressão, mas sente o ambiente se tornar abafado novamente, e uma tensão invade o ar, deixando meu coração sem pausa. Seguro a taça com força, e bebo um gole, ainda com o rosto virado para ele e os olhos encarando-o de volta, mas Tom permanece em silêncio, apenas me olhando penetrantemente.

Sinto que todo o salão desapareceu da nossa volta, e que estamos a sós, apenas com o aperto no meu braço, mas então sinto uma outra mão sobre a sua, e olho para o meu braço. Uma mão morena, bronzeada, com unhas brancas, segura firme a de

Tom, por cima da dele, puxando-a para fazê-lo soltar meu braço. Nássia. Ela se inclina na frente de Tom, discretamente, e tenta puxar sua mão.

A encaro, em um torpor, e seus olhos estão em Tom. Seus lábios estão próximos da sua orelha.

—Tom, se controle, por favor — ela sussurra em seu ouvido, e no mesmo instante o encaro, vendo seus olhos ainda vidrados em mim, inundados de fúria e luxúria — a solte — ela parece pedir.

Mesmo com os olhos em mim, o aperto dos seus dedos diminui, e ele solta lentamente meu braço, sendo guiado pela mão de Nássia. Ela me olha, séria.

—Desculpe — murmura, como se pedisse desculpas por ele, e franzo a testa, sentindo meu lado escuro enfurecido, pronto para saltar sobre ela e sufocá-la por ter se intrometido. Ele simplesmente pareceu ter obedecido ela, e isso

irritou ainda mais meu lado escuro. O fito novamente, ignorando-a, e Tom está sério, com a mandíbula retesada e os olhos em Augustine, como se nada tivesse acontecido.

Então será assim? Meu lado escuro está satisfeito por ver que minha resposta o afetou, e mesmo que nada ainda tenha surtido efeito, espero que a noite seja longa. Muito longa para fazê-lo desistir da ideia e para eu descobrir o que aconteceu.

E se aconteceu algo, não sei o que meu lado escuro fará.

Viro o rosto, tentando controlar a raiva, e olho para Augustine, e conversa com Ed e Charlote. Espero um momento de silêncio, e me inclino no ouvido de Ed.

—Vamos dar uma volta? — sugiro em um sussurro, querendo me afastar de Tom, e ele me fita curioso. Assente, e volta a olhar para Augustine.

—Conversaremos mais tarde — diz para ele, e Augustine abre um grande sorriso.

—Foi um prazer — digo para ele e Charlote, e ambos assentem.

—O prazer foi nosso, e aguardo uma oportunidade para trabalharmos juntos, já que concordou — ele diz, e no mesmo instante, Tom se afasta, acompanhado de Nássia, sem se despedir de Augustine e Charlote. Ambos os fitam, surpresos.

—Ele não está muito feliz hoje, pelo jeito — Ed comenta irônico, e Augustine ri.

—Tom nunca demonstra quando não está feliz, hoje é a exceção então — ele diz, observando Tom e Nássia se misturarem entre as pessoas. Respiro fundo, e desvio os olhos. Irei ignorá-lo também.

—Conversaremos mais na festa — Ed diz para Augustine, colocando uma mão em seu ombro, e eu coloco a mão em seu braço. Começamos a nos

afastar, caminhando entre as pessoas, e vejo Carlos vindo da varanda, e nossa direção. Ele sorri, parando na nossa frente.

—Vou atrás de Dana — falo para Ed, me afastando e deixando-o sozinho com Carlos. Ambos começam a conversar, e caminho para a varanda.

Desvio de algumas pessoas e vestidos, segurando a taça firme e sentindo alguns olhos em mim, enquanto passo. Mantenho a cabeça erguida e o passo firme. Estou deslumbrada com tudo, ansiosa e nervosa por causa de Tom.

Saio do salão, olhando para o céu iluminado, sentindo o vento gelado na minha pele. A decoração branca, com grandes vasos brancos com flores brancas e panos decorativos é estonteante, e vejo Dana apoiada na varanda, ao longe. Caminho entre as pessoas que estão paradas, conversando, e me apoio ao seu lado. Ela me vê e

sorri.

—Estou adorando esse lugar — diz com um sorriso satisfeito.

—Eu também — concordo com ela. Dana me encara pensativa, como se ponderasse em me perguntar algo.

—Falou com Tom? — pergunta direta, em uma voz baixa, e sua expressão é de aflição. Mordo o lábio, sentindo meu lado escuro ansioso por essa conversa.

—Ainda não — respondo séria, e olho para trás, sobre o ombro — não tive oportunidade.

Dana levanta as sobrancelhas, e respira fundo.

—Você não me contou tudo, não é? — pergunta retoricamente, e eu viro o rosto, encarando-a surpresa — mas tudo bem, Ali — ela diz, bebendo o resto da champanhe — sabe que apoio as suas decisões, por mais que Tom não

esteja merecendo você — ela hesita — só não se machuque com ele, ou se torture. Ele parece frio — franzo a testa, confusa, e Dana dá de ombros — ele passou por nós aqui na varanda, parou para conversar com Carlos. Parecia animado, mas a mulher que estava com ele apenas me cumprimentou e se manteve quieta e — Dana respira fundo, me olhando preocupada — ele parecia com receio de falar comigo, falou mais com Carlos.

Respiro fundo, e mordo o lábio, olhando para o céu, sem saber o que responder para Dana. Ela pega a minha mão.

—Se ele a machucou, Ali, me conte — ela pede. A fito intensamente, e nego com a cabeça.

—Está tudo bem, Dana — respondo em um murmuro, e bebo o resto do champanhe.

—Mesmo? — ela pergunta séria, e sorrio amarelo, agradecendo por meu lado escuro saber

mentir.

—Mesmo — afirmo, com uma expressão calma, e Dana respira fundo.

Olho para trás novamente, e vejo Ed e Carlos caminhando na nossa direção. Ed para atrás de mim, e sussurra sobre meu ombro.

—Vamos subir? A festa irá começar — ele diz, e olha para Dana, que é abraçada por Carlos. Sorrio para eles.

—Vamos — digo, me virando de frente para Ed, e ele estende o braço para eu colocar minha mão. Carlos faz o mesmo com Dana, e caminhamos juntos em direção à escada, onde as pessoas estão começando a subir, esvaziando o salão. Olho para cima, e no alto da escada, está Tom, parado junto com Nássia, segurando sua mão. Eles sobem lentamente, conversando de uma forma animada.

Desvio os olhos, fitando Ed, e ele sorri para

mim.

—Está se saindo bem — ele fala com um sorriso torto — só não esperava que aceitasse a proposta de Augustine — diz sem graça. Rio, acariciando seu braço com a mão sobre ele.

É, eu também não esperava.

—Não gostou que eu vá trabalhar com outros? — pergunto zombeteiramente, e Ed sorri mais.

—Preferia a minha exclusividade, mas ver seu rosto em mais lugares parece tentador — ele sorri ainda mais, dizendo com uma voz baixa, e alcançamos o topo da escada. Dana e Carlos alcançam em seguida, e observo as duas portas escuras, grandes, abertas, mostrando um outro grande salão, na penumbra, com luzes se mexendo, com tons de roxo e bordo. Algumas mesas pequenas, redondas, estão espalhadas pelo grande salão, e em alguns cantos, há dois degraus que

sobem para sofás que contornam as paredes. Há sofás pretos espalhados também, e duas grandes varandas abertas. Os garçons circulam com bandejas, e já há pessoas sentadas nas poltronas ou ao redor das pequenas mesas.

Dana coloca a mão no meu braço, e a olho, entrando no salão.

—Vamos ao banheiro, Ali? — ela sussurra no meu ouvido.

—Vamos — respondo, observando onde seria, e encontro a porta, do outro lado do salão. Me viro para Ed, que conversa com Carlos.

—Vamos ir ao banheiro — o informo, soltando seu braço e me aproximando ainda mais de Dana. Ele sorri, assentindo, e caminho em direção ao banheiro, passando pelas pessoas do salão. Vejo de relance Tom em um canto, conversando com dois homens e Nássia ao seu lado, participando do assunto. Continuo em frente,

ignorando-o, e entro no banheiro com Dana.

Arregalo os olhos, impressionada com a decoração branca e dourada, com grandes vasos e um espelho cobrindo toda uma parede. A luz branca ilumina todo o banheiro, com as pias brancas, com detalhes dourados, e um tapete branco. Dana entra em um dos banheiros, e eu permaneço em frente ao grande espelho, fitando meu reflexos.

Espelhos, uma das manias de Tom. Fecho os olhos, desejando que tudo se ajeite.

—Alice — uma voz corta a música baixa que se escuta do banheiro. Uma voz lenta e firme, e sei quem é. Abro os olhos, fitando meu reflexo, e atrás de mim, em seu vestido preto, com olhos intensos em mim, está Anya. Ela caminha lentamente, até colocar as mãos nos meus ombros nus — como você está, realmente? — pergunta séria, e eu permaneço em silêncio, encarando-a —

está se saindo como, em relação à Tom, agora que Nássia está ao seu lado?

E isso acende meu lado escuro. Me viro, encarando-a frente à frente, demonstrando o quanto ela não me intimida.

—Estou me saindo muito bem, Anya, sozinha e sem a sua ajuda — respondo autoritária, e ela arregala lentamente os olhos, com um sorriso de surpresa — e em relação à Nássia, irei saber exatamente o que aconteceu, mas não por você.

Anya desce os olhos pelo meu corpo, e me encara novamente.

—E você acredita que convencerá Tom do contrário, apenas com palavras, Alice? — ela pergunta séria.

—Convencerei porque irei provar que eu o quero — respondo rápido, amaldiçoando meu lado escuro por contar o que não quero para Anya. Ela sorri, e antes que eu perceba, avança na minha

direção. Dou passos para trás, surpresa, e bato minhas costas no espelho, que tem as pias de um lado e a porta de entrada do outro. Sinto-o gelado, arrepiando meu corpo, e meu lado escuro não teme Anya. Está vivo e enlouquecido. Anya avança novamente, colocando os braços estendidos em cada lado do meu corpo, na altura dos ombros.

—Se afaste — exijo séria, autoritária. Ela sorri maliciosamente, e respiro fundo, confrontando sua expressão de satisfação.

—Como você espera convencê-lo, Alice — diz lentamente, em sussurro — se você ainda não se convenceu. Se você ainda não libertou o que há em você? — seu sorriso desaparece, e sua expressão é séria — se liberte, e então conseguirá Tom. Mas se liberte, antes de tudo, por você mesma, para você mesma, senão nunca conseguirá realmente — ela aproxima lentamente seu rosto, e encosto minha cabeça no espelho — Nássia está

nesse momento, ao lado de Tom, o lugar que você deveria estar, mas não parece se esforçar para conseguir novamente.

—E o que você sabe disso tudo, Anya? — pergunto com um tom desafiador, firme — como você pode saber o que eu estou fazendo, ou o que está acontecendo entre Tom e Nássia? — minha voz é cortante, e vejo assombro em seus olhos, por eu ter enfrentado-a.

Ela sorri satisfeita, estreitando ainda mais os braços.

—Eu estou observando você, Alice, cada passo, cada tentativa frustrada que teve nessa festa — ela hesita, analisando minha expressão calma, controlada pelo meu lado escuro, que está lutando para não avançar sobre Anya e exigir tudo o que ela sabe. Mostrar a fúria que sinto por ela tentar me intimidar também — e a alerto, talvez isso tudo esteja afastando-o ainda mais. E não, não sei o que

se passa entre Nássia e ele — Anya confirma minha suspeita — mas sei que Nássia não é uma mulher que costuma ser rejeitada na cama, se você me entende — Anya sorri maliciosamente — e se Tom ainda é viciado em sexo, os dois estão de acordo.

Respiro fundo, encarando-a, sem conseguir controlar minha fúria.

—Você não sabe de nada, Anya, apenas está suspeitando e usando isso à seu favor, para que eu aceite sua proposta, mas minha resposta continua sendo não — digo firme, desafiando-a — e eu irei saber tudo por Tom, se for esse o caso, irei tirar a limpo — hesito, recuperando o fôlego e tentando controlar minha voz, para que permaneça em um sussurro — se você acha que estou afastando-o, guarde sua opinião para você. Irei agir do meu jeito, e se não está satisfeita, pare de me observar, porque não conseguirá nada. Nem preciso pensar na sua proposta, porque irei recusar sempre,

e você está frustrada porque não está conseguindo o controle que tanto ama — finalizo irônica, semicerrando os olhos.

—Por enquanto — Anya me interrompe, séria — porque sei que precisará de mim para se libertar, Alice. Estou observando sua tentativa, e vejo que não consegue ainda derrubar a real barreira, você mesma. Estou apenas esperando que você perceba isso.

Abro a boca para responder, mandando-a para o inferno, e antes que as palavras se formem, meus olhos são atraídos para uma presença que entra no banheiro, fitando nós duas, surpresa. Nássia.

Respiro fundo, encarando-a assustada, e Anya se afasta de mim, passando lentamente a mão no cabelo e encarando o próprio reflexo, com uma expressão calma, como se o nosso confronto não tivesse ocorrido. O ar do banheiro está tenso que é

quase palpável, uma eletricidade arrepiando e dando calafrios, deixando o ambiente pequeno e um suor frio pelo meu corpo.

Anya se afasta ainda mais, e Nássia permanece olhando para o reflexo, retocando o batom vermelho. Me viro, também fitando o meu reflexo, e vejo nós três.

—Olá Nássia — Anya diz lentamente, a fitando pelo reflexo. Os olhos de Nássia se encontram com os de Anya, sem mudar a expressão séria.

—Olá — ela diz calma e educada, mas demonstrando que não possui amizade com Anya — parabéns pela campanha — diz em uma voz baixa — para vocês duas. Espero não estar atrapalhando alguma discussão — sua voz se torna mais baixa, um pouco preocupada.

A encaro, sem sorrir, sentindo meu lado escuro reunir forças para responder secamente, mas

respiro fundo, desviando os olhos no mesmo momento que Dana sai do banheiro. Vejo sua expressão de assombro, e ela abre a boca, assustada ao ver Nássia e Anya.

—Olá, Dana — Anya a cumprimenta rapidamente, e começa a caminhar para a saída. Para na porta, e me encara sobre o ombro — nos veremos novamente, Ali — ela diz séria, e desaparece pela porta.

Reteso a mandíbula, fechando os olhos de raiva, enquanto Dana lava as mãos.

—Não se deixe afetar por Anya — ouço a voz calma e baixa de Nássia. Abro os olhos, tentando controlar a minha surpresa, e a olho. Ela se vira de frente para mim — Anya sabe usar as palavras, com todo mundo, mas — ela hesita, guardando o batom na pequena bolsa — no final, nem tudo é como ela quer, apenas se lembre disso. Ela apenas articula para que tudo ocorra como

planeja, mas não tem realmente certeza de como será o final.

Levanto as sobrancelhas, sem conseguir controlar que meu lado escuro a encare friamente, e Dana se aproxima de mim, de forma cautelosa.

—Eu não me deixo afetar por Anya — respondo baixo, mas firme. Minha expressão volta a se tornar inexpressiva — ela nunca conseguiu ou conseguirá controle sobre mim, se é o que pensa. Por mais que ela insista, eu não me sinto intimidada por ela.

Nássia assente com a cabeça, e sorri.

—Você é uma grande exceção em tudo — murmura, e se vira de costas para mim, saindo do banheiro. A observo sair, atônica, sem saber como reagir ao seu comentário. Meu lado escuro ainda está absorvendo suas palavras. Dana está ao meu lado, com os olhos arregalados. Olho para ela, e Dana dá de ombros, com uma expressão que diz

que não sabe o que dizer.

Fecho os olhos, e respiro fundo.

—Acho que saí do banheiro em uma boa hora — comenta nervosa, e abro os olhos, com um sorriso surgindo nos meus lábios. Meu lado escuro está achando graça de tudo, como se a tragédia fosse também uma comédia. E por mais confiante que eu esteja, por ter confrontado Anya e saber que ela não está realmente informada, meu lado escuro ainda se lembra das palavras que ela usou para se referir à Nássia. E as palavras de Nássia.

Não consigo mais nem suspeitar o que realmente aconteceu. Tudo está confuso, embaralhado.

—Vamos, antes que Carlos e Ed achem que nós morremos no banheiro — comento, começando a sair do banheiro, e Dana me acompanha, rindo levemente.

Entro no salão escuro, com as luzes se

mexendo, iluminando vários cantos, e vejo Ed e Carlos em um canto, conversando com Augustine apenas. Sua esposa, Charlote, está sentada em um sofá, conversando com Armando e Anya. Me aproximo de Ed, e ele me oferece outra taça. A aceito, e começo a participar da conversa, assim como Dana. Percorro o salão com os olhos, vendo Tom no mesmo canto, com as mesmas pessoas, e meu lado escuro decide que irá se controlar e não olhará para ele mais. Se ele quer isso, irei fazê-lo provar da mesma sensação.

Augustine começa a contar histórias engraçadas, de quando era jovem e se perdeu em Paris, e todos do círculo começam a rir. Mergulho na sua conversa, e me distraio, ignorando Tom durante as duas horas seguintes, acompanhando Ed na conversa. Meus olhos permanecem sob controle, apenas nas pessoas ao meu redor, e me sinto satisfeita por isso, mas dentro de mim, meu lado

escuro está frustrado por Tom não me olhar por mais nenhum segundo, como se as palavras de Anya realmente fizessem sentido. Eu estou afastando-o, e a sensação de desanimo começa a querer me invadir. Vejo Tom se despedir dos homens, e caminhar com Nássia para a porta de saída, lentamente, cumprimentando as pessoas ao redor, mas em nenhum momento seus olhos me fitam.

Meu lado escuro está triste e furioso. Furioso por ele ter me ignorado pelo resto da noite, furioso porque percebeu que não havia como nós conversarmos, já que Tom se manteve distante a noite inteira. Furioso pela noite ter acabado de outra forma.

Mesmo assim, a adrenalina se faz presente no meu corpo, uma vertigem por estar aqui, por tudo o que está acontecendo, e no fundo, agradeço por Ed se manter ao meu lado, como amigo, mesmo

ele não querendo apenas isso.

—Vou um pouco na varanda — informo para Ed, e sorrio para Augustine e Dana, caminhando lentamente entre as pessoas, confusa com o que meu lado escuro quer fazer, já que nem ele sabe como agir. Já que nesse momento, relembra palavra por palavra que Anya falou, me torturando.

Tom foi embora com Nássia, e por um momento meu lado escuro se pergunta se irão dormir juntos. Não, pare de pensar nisso. Nem Anya sabe o que se passou entre eles, mas não tive a oportunidade e nem o incentivo de Tom, para perguntar.

Apoio meus braços, observando o céu, e bebo mais um gole da taça. A música baixa parece me deixar distante de tudo, e me lembro da sua ferocidade quando aceitei o convite de Augustine.

—Ali — a voz de Ed surge atrás de mim, e

ele para ao meu lado — está tudo bem? — pergunta, e pela sua expressão, está preocupado. Dou de ombros, e sorriso levemente.

—Não sei — meu lado escuro é sincero — acho que preciso de mais champanhe — murmuro, e Ed se afasta, pegando mais uma taça da bandeja do garçom. Entrego a minha vazia, e seguro a cheia. Bebo um longo gole, já sentindo que bebi a noite inteira, e a embriaguez começa a surgir.

Ed também pega uma nova taça, e bebe, me fitando intensamente, analisando minha expressão. Passa uma mão no cabelo e se vira para me encarar.

—É por causa de Tom, não é? — ele pergunta aflito, levantando as sobrancelhas. Nego com a cabeça, nesse momento, meu lado escuro não quer falar sobre isso, sobre algo que não sabe — não deixe ele estragar a sua noite, Ali.

Fito Ed demoradamente, e sorrio.

—Não estragou Ed, é apenas o álcool —

afirmo, tentando enganá-lo, mas ele respira fundo, tentando controlar a irritação por eu negar algo que está explícito.

—Então se anime — ele tenta sorrir, mas sua preocupação é maior. Bebo mais um longo gole, sentindo o álcool ainda mais, e uma leve tontura se instala.

—Vou me animar — sorrio — vamos entrar — falo, sem pedir para ele, e me viro, caminhando para dentro. Ed me segue, com os olhos fixos em mim, e tento novamente participar da conversa com Dana, Carlos e Augustine, mas minha noite não acabou como eu queria, e meu lado escuro está cansado. Bebo mais duas taças, durante uma hora que permaneço ouvindo a conversa, e após sentir que o álcool está fazendo mais efeito do que eu quero, me viro para Dana.

—Acho que vou ir embora — sussurro em seu ouvido — mas fiquem na festa — sorrio para

ela. Dana me fita, analisando minha expressão de cansaço, e assente.

—Me ligue, qualquer problema, Ali — ela sorri, e percebo que está alegre por causa do álcool — você bebeu demais, espere uma grande ressaca amanhã.

Rio, negando com a cabeça, mas realmente meu lado escuro me fez beber demais, e nesse momento, desejo meu apartamento.

Dou um leve beijo em seu rosto, e desvio os olhos para Ed, enquanto Carlos e Dana voltam a conversar com Augustine.

—Ed, acho que irei para casa — informo ele, e Ed assente.

—Então vamos — diz em um sussurro, e franzo a testa.

—Não — digo, com um sorriso sem graça — pode ficar, Ed, eu posso ir sozinha.

Ele coloca uma mão levemente na minha

lombar, e aproxima seus lábios do meu ouvido, o suficiente para eu sentir sua respiração. Sinto um arrepio por causa da minha embriaguez, como se qualquer toque de Ed fosse aumentado por causa do álcool. Merda, o champanhe não está ajudando, e sim tornando meu lado escuro selvagem.

—Eu não irei deixar você sozinha — sussurra no meu ouvido — para se torturar. Irei com você.

Me afasto dele, discretamente, ignorando-o, ignorando meu lado escuro agressivo, que anseia por Tom, mas ao mesmo tempo está triste por ele ter me ignorado no evento, furioso por eu não saber o que realmente aconteceu e por ele ter ido embora com Nássia.

—Augustine, foi um prazer conhecê-lo — digo, me aproximando de Augustine — mas estou um pouco cansada, e vou embora — e meu lado escuro me domina novamente — espero que

possamos trabalhar juntos, mesmo, e diga para sua esposa que a adorei.

Augustine sorri, e me abraça, se despedindo.

—Com certeza iremos trabalhar juntos — sussurra perto do meu rosto — o prazer foi meu, querida Alice.

Sorrio para ele, e antes que Ed faça algo, dou as costas, caminhando apressada para a saída. Chego no alto da escada, e começo a descer os degraus. Olho para trás, sobre o ombro, e meu lado escuro está indeciso, se ficar feliz por não me deixar sozinha, ou enfurecido pela insistência. Ed está descendo atrás de mim, com os olhos cravados nos meus.

Continuo a descer, sem esperar por ele, e atravesso o salão, sentindo meu coração saltar para fora do peito, com os pensamentos confusos, torturados.

Atravesso a porta de saída, e sinto a mão de Ed segurar meu braço, me viro, encarando-o.

—Ed, não precisa vir comigo — digo autoritária, e seu semblante é de preocupação.

—Não quero deixá-la sozinha, nesse estado de — ele hesita — angústia, Ali. Sei que você sofreu, essa noite, por causa dele — Ed dá de ombros — só não quero que fique sozinha no seu apartamento, se torturando, porque sei que ficará pensando nele.

Respiro fundo, e meu lado escuro concorda com Ed. Eu ficarei sozinha, e me torturarei.

—E o que você pretende? — pergunto séria, firme.

—Distrair você, nem que eu precise assistir à um filme com você ou contar histórias — ele responde rápido, e sorri sem graça — também me passei no álcool, e bem — ele ri levemente — não quero que me vejam bêbado aqui.

PERIGOSAS NACIONAIS

—Você não se passou — afirmo, analisando seu rosto.

—Tem certeza? — ele pergunta rindo, e começo a me lembrar que ele bebeu mais taças do que eu. É, talvez um pouco.

—Tudo bem — murmuro, e dou as costas para ele, descendo as escadas. Ed me segue, e assim que para ao meu lado, faz sinal para o seu carro se aproximar. Abro a porta e entro, enquanto Ed contorna o carro e entra, sentando ao meu lado.

Fecho os olhos, encostando minha cabeça no banco, e os olhos de Tom surge na minha cabeça. Merda, meu lado escuro esperava provocá-lo esta noite, fazê-lo ficar com ciúmes ao ponto de perceber que não consegue me esquecer, e então, quando ele viesse falar comigo, eu o aceitaria, diria que quero estar em seu mundo.

Mas ele me ignorou, e meu lado escuro se enfureceu, ignorando-o também, na esperança de

que ele se sentisse tão solitário que não resistisse em me olhar, porém nada surtiu efeito, e no final, ele foi embora com Nássia, novamente.

E eu não descobri se ele transou ou está transando com ela. Não descobri nada, e por isso, não sei o que fazer. Se aconteceu algo, não conseguirei perdoá-lo novamente, mas se não aconteceu, eu o quero de volta.

As palavras de Anya surgem. Eu o estou afastando, e agora, talvez ela tenha razão. Meu lado escuro até então estava confiante que eu havia conseguido afetá-lo, mas depois disso tudo, já não tem tanta certeza.

O que eu farei? O que meu lado escuro pode fazer, nesse momento, embriagado? Nada, a não ser repensar em tudo o que aconteceu, e tentar criar algum plano para mostrar para Tom que eu quero seu mundo, que sua decisão é errada. Criar um novo plano, se ele não estiver com Nássia.

E novamente penso no fato deles terem ido embora juntos. Nássia é irrecusável na cama, segundo Anya, e como está o vício de Tom? Merda.

Sinto a mão de Ed acariciar meu braço, e abro os olhos, percebendo que já percorremos todo o trajeto até o meu apartamento, e que fiquei em silêncio durante os quinze minutos.

—Já chegamos — ele diz, afastando a mão. Sorrio, sem graça, e abro a porta do carro, saindo. Ed fala algo para o motorista, provavelmente dizendo para ele que irá ligar para retornar para buscá-lo, e sai do carro também.

Entro no prédio, sem esperar Ed, e aperto o botão do elevador. As portas se abrem e Ed entra apressado, atrás de mim. Fito meu reflexo no espelho, enquanto Ed tira o smoking. Meu lado escuro ainda está presente nos meus olhos, e o álcool faz ele ficar ainda mais vivo. As portas se

abrem, e abro a porta do meu apartamento, ligando a luz da sala.

Olho ao redor, me lembrando das vezes que encontrei Tom na minha sala, e respiro fundo. Não quero mais pensar, porque sei que irei chorar, ainda mais com todas as sensações aumentadas por causa da embriaguez.

Ed entra, e fecho a porta do apartamento, sem passar a chave.

Tiro os saltos, deixando-os em um canto, enquanto Ed deixa o smoking em uma poltrona e senta no sofá.

—Os sapatos destruíram meus pés — murmuro, olhando para Ed, e ele sorri.

—Então deixe eu fazer uma massagem — ele sugere. Rio, negando com a cabeça.

—Não precisa — digo firme, e Ed arregaça as mangas da camisa social.

—Nunca se recusa uma massagem, Ali —

ele diz sério — deveria ser uma das maravilhas do mundo.

Rio ainda mais, negando com a cabeça, e meu lado escuro quer receber uma massagem. Meus pés realmente doem, e caminho até o sofá, me sentando ao seu lado. Ele se abaixa, tentando pegar meus pés.

—Ed — minha voz sai alta, e me afasto dele, indo para a ponta do sofá. Ele puxa meus pés para o seu colo, apertando-os — me solte — tento parecer brava, mas assim que ele os pega, percebo que realmente uma massagem cairia bem.

—Viu como não machuca? — ele diz zombeteiro, e ri, começando a massagear meus pés, deixando-os em cima das suas pernas. Deito minhas costas no encosto do sofá, com as pernas esticadas entre nós, à mostra pela fenda, e o fito.

—Se você não souber fazer bem, irá machucar — digo com a voz embriagada, e sorrio.

Ed sorri ainda mais.

—Sou um massagista nato — ele afirma, fingindo orgulho. Finjo surpresa, arregalando os olhos.

—O que eu não sei de você ainda? Soube que já foi casado, que é massagista. O que mais? — pergunto rindo. Ed continua massageando, e finge pensar.

—Talvez eu seja um boxeador também — ele sugere — ou até um extraterrestre.

Rio, balançando a cabeça.

—É mais provável um extraterrestre — murmuro, e ele dá um leve tapa no meu pé — ei — falo, fingindo estar brava — se não for para massagear, pode parar.

Ele finge surpresa.

—Não era você que não queria massagem? — pergunta, semicerrando os olhos. Começo a rir, e ele também, achando mais graça por causa do

estágio de embriaguez.

Começo a diminuir a risada, e um silêncio tenso começa a se instalar. Encaro Ed, e seus olhos estão fixos em mim, banhados de luxúria. Uma mão sua sobe lentamente até o meu tornozelo, roçando os dedos.

—Você não merece sofrer, Ali — ele sussurra, com a coragem feita pela bebedeira — você merece ser feliz.

Meu lado escuro, com altos níveis de álcool, permanece em mim.

—Eu vou ser — afirmo séria, e a mão de Ed permanece no meu tornozelo.

—Com Tom? — ele pergunta sério, e sua expressão é de angustia, assim como sua voz.

—Não sei — respondo firme, encarando-o — ele me fez feliz.

—E agora? — Ed pergunta sério.

—Agora estamos em conflito — respondo,

deixando minha voz demonstrar meu sofrimento.

—E por que não tenta ser feliz sem ele, Ali? — a voz de Ed é um sopro, sem certeza. O encaro, analisando o que ele quis dizer.

—Porque eu o amo — respondo — e sei que outro não me fará feliz como ele — meu lado escuro tem certeza.

—Mas você não sabe se não tentar. Ele está com Nássia, ao que parece, e até você não tirar a limpo, não terá certeza de nada — ele sussurra, e fecho os olhos. Merda, Ed disse o que realmente é verdade. Até eu não saber o que se passa, não terei como fazer nada — ele está com Nássia, ao que parece, Ali. Por que você também não tenta, como ele?

—Você não tem certeza que ele — hesito, e respiro fundo, e abro os olhos, encarando-o.

—Você também não tem certeza que não — ele me interrompe rápido — por que você não

prova para si mesma, se pode ou não viver sem ele? — Ed fala devagar, emotivo. Franzo a testa, e até meu lado escuro parece não entender.

—Como assim? — pergunto confusa, e Ed fecha a mão no meu tornozelo, puxando lentamente minha perna na sua direção. Começo a deslizar em sua direção, com os olhos fixos nos dele.

—Por que você não tenta com outro, para ver se realmente o que sente é verdadeiro, é isso mesmo — ele fala ainda mais urgente, emotivo, e sua expressão é de urgência — tente provar para si mesma, se não sente isso porque ele foi o último homem que amou, e por isso, está fixada nele, com a sensação aumentada. Se for isso mesmo, apenas um apego, perceberá quando estiver nos braços de outro, e bem — Ed pausa, ponderando, com os olhos analisando minha expressão confusa, continuando a me puxar para mais perto. Minhas pernas contornam a sua esquerda, flexionadas para

o chão, no meio da suas pernas, e minhas coxas estão sobre a sua esquerda. Sua mão para em cima do meu vestido, na coxa — se o que sente por ele, for realmente isso, quando estiver com outro, perceberá que a sensação não supera o sente ao estar com ele, e poderá insistir nele, com certeza de que nenhum outro homem poderá fazer você feliz como ele. Mas para ter essa certeza, você teria que provar para si mesma que nada se compara à ele — Ed respira fundo, e morde o lábio, com os olhos banhados de luxúria.

—E esse outro seria você? — meu lado escuro pergunta, incendiado pela ideia. Eu amo Tom, tenho certeza disso, não preciso provar, nem meu lado escuro, mas esse está tentado pela ideia, já que essa noite tirou toda a confiança dele, o deixou triste, rejeitado e furioso. Não tenho certeza, nem Anya tem, mas se Tom estiver tentando com Nássia, por que eu não posso tentar provar para

mim mesma o que eu sinto? Se for real o que eu sinto, posso acabar antes de começar algo, e se não for real, acabarei com meu sofrimento. Provavelmente, se Tom estiver transando com Nássia, significa que talvez ele tenha seguido em frente, e eu preciso confirmar o que eu sinto, para poder seguir em frente ou insistir.

Eu sei que eu o amo, eu sei que ninguém o superará, mas meu lado escuro está revoltado por ter perdido um pouco da própria confiança hoje, ao ver que o meu plano fracassou. E quer ter alguma certeza.

Está confuso se Tom está com Nássia ou não.

—Sim — Ed sussurra, colocando uma mão no meu rosto, mantendo a outra na minha coxa.

—Ed, você é meu amigo — sussurro — e irá se machucar, porque eu só o vejo assim, porque amo Tom. Você irá se machucar, insistindo.

—Estou consciente disso, Ali — Ed responde como se fosse um pedido, e sua voz embriagada é um sussurro — mas também quero essa confirmação. Nunca saberei se poderíamos ter algo além da amizade, se você não nos der uma chance. Se não se comparar à ele — hesita, respirando fundo — eu irei entender e respeitarei você, aprenderei a vê-la como uma amiga, porque saberei que não conseguirá sentir o mesmo por mim, e saberei que já tentamos. Mas se não provarmos para nós mesmo, sempre haverá essa incerteza.

—Não é incerteza — murmuro, já indecisa por causa do meu lado escuro. Ele quer tentar essa ideia, mesmo sabendo que eu o amo. Quer tentar, por tristeza, raiva e revolta. Tristeza de Tom ter me ignorado e não descobrir nada, raiva por ele ter ido acompanhado de Nássia e ter ido embora, e revolta por tudo, por não saber se está transando com ela,

por ele ter decidido por nós.

Meu lado escuro assente, ansioso para ter ao menos essa confirmação, que ele já sabe, apenas quer ter um pouco da confiança de volta, já que todas as outras que esperava, não ocorreram.

A mão de Ed treme no meu rosto, e seus olhos brilham, ansiosos. Ele sorri, ainda mais, e sua expressão é de urgência.

—Mas se eu não me sentir bem, se não for — hesito, sem completar a frase, vendo-o franzir a testa — irei me afastar.

—Sinta-se à vontade para se afastar, Ali — ele sussurra, se inclinando na minha direção. Minhas pernas ainda estão flexionadas no meio das suas, em direção ao chão, e estou quase sentada sobre sua coxa, com a fenda revelando toda a minha perna direita, em contato com a sua perna. Sua mão esquerda está no meu rosto, acariciando-o, e a outra acaricia minha coxa. Sinto sua mão descer

pelo vestido e encostar a pele na pele da minha coxa, me arrepiando.

O arrepio sobe pelo meu corpo, e meu lado escuro começa a querer sentir algo, uma leve excitação pelo toque, mas nada comparado com o que sentia com Tom.

Veja como será. Meu lado escuro sussurra para mim.

Permito que a mão de Ed acaricie minha coxa, lentamente, e seus olhos, inundados de tesão, estão fixos em mim. Sinto seu membro duro encostado na minha coxa, e respiro fundo. Ed se inclina mais, e sua mão começa a subir por dentro da minha coxa, acariciando, sem tentar se aproximar da minha intimidade. Ele para a mão, e morde o lábio.

Sua pele me arrepia novamente, e sinto meu coração acelerado, ansioso e curioso para saber o que sentirei. Meu lado escuro está com vertigem,

deixando minha intimidade pulsar lentamente, aumentando todas as sensações por causa da embriaguez.

—Irei beijá-la — ele sussurra lentamente, e se inclina ainda mais na minha direção. Fecho os olhos, sentindo sua mão apertar lentamente meu rosto, e sua outra mão acariciar de forma ainda mais arrepiante minha coxa. Nossos corpos se colam, e sinto seus lábios pressionarem os meus, lentamente.

Sinto seus lábios macios, pedindo permissão para abrir os meus, e os abro. Sua língua molhada, com um leve gosto de menta, invade a minha boca, saboreando cada movimento, devagar, como se quisesse deixar registrado. Coloco as mãos no seu peito definido, sentindo-o, e sua língua se encontra com a minha, brincando com a ponta dela. Sinto minha intimidade pulsar ainda mais, e meu lado escuro está excitado com o toque, mas nada

comparado ao que sinto com Tom.

Sua mão começa a subir pela minha coxa, lentamente, acariciando enquanto sobe, e sua outra mão desliza pelo meu rosto, parando em minha nuca, pressionando minha cabeça ao encontro da sua ainda mais. Sua respiração bate nos meus lábios, acelerada, eufórica, e sua língua começa a se movimentar ainda mais, explorando minha boca e implorando para encostar o tempo todo na minha. Passo minha língua sobre a sua, sentindo-a molhada, e seus lábios pressionam ainda mais os meus. Ele me puxa para mais perto, e meu corpo se inclina na sua direção, com as pernas ainda sobre as suas, flexionadas, e minha bunda no sofá, do lado da sua perna. Sua mão permanece à uma distância da minha intimidade, apenas acariciando minha coxa, e sua língua se torna apressada, com urgência, me envolvendo em um beijo profundo, sugando a minha língua para a sua boca. Penetro

sua boca com a minha língua, explorando-a, e ouço Ed gemer baixo, enlouquecido. Brinco com a sua língua, desejando sentir algo mais do que apenas a excitação que sinto, mas nada aumenta.

Ele pressiona ainda mais minha cabeça ao encontro da sua, como se estivesse desesperado por mais, e sinto sua ereção pulsar, encostando na minha coxa ainda mais. Ele passa os dentes lentamente pela minha língua, impedindo-a de sair da sua boca, e por mais excitada que eu estou, por mais quente que sinta o meu corpo, não está nem perto de como me sinto com Tom.

Sua mão aperta delicadamente a minha coxa, acariciando-a com o polegar, e sinto o arrepio percorrer meu corpo. Sua língua empurra a minha, penetrando na minha boca novamente, e ele a explora lentamente, passando-a por todos os cantos e encostando-a na minha. Ele geme novamente, pressionando seu corpo de encontro com o meu, e

sua mão desce pelas minhas costas, firme, desejando invadir meu vestido. Começo a pressionar minhas mãos no seu peito definido, desejando me afastar dele. Não quero avançar, porque o beijo já me mostrou que não se compara ao que sinto por Tom. Mesmo com tesão, sentindo um arrepio excitante por Ed, não quero transar com ele, porque mesmo com suas mãos, as mãos que desejo são as de Tom. Mesmo em seus braços, eu amo Tom.

Pressiono ainda mais o peito de Ed para longe, tentando afastar nossos lábios, mas Ed está tão fascinado que não parece perceber.

—Ed — murmuro, tentando escapar dos seus lábios, mas ele avança novamente, sem perceber que eu quero me afastar, e faço mais força contra o seu peito.

Uma batida forte me assusta, e pulo no sofá, conseguindo afastar Ed, já que ele também se

assusta e afasta o rosto do meu, virando o rosto em direção ao barulho, no mesmo instante que eu. Sua mão sai da minha coxa, e sinto sua outra mão pressionar minhas costas.

A porta do meu apartamento está escancarada, e percebo que o baque forte foi dela batendo com força na parede. Meu coração para, como se os minutos fossem eternos, e meu sangue parece fugir de todo o meu corpo, fugir do coração, assim como meu ar desaparece. Abro a boca, mas nenhum oxigênio entra, e um tremor desesperador surge.

Tom está parado na minha porta, com a mão sobre a madeira dela, como se tentasse fundi-la na parede, e sua outra mão está na parede do outro lado da abertura da porta. Sua gravata borboleta está aberta, assim como o colarinho da sua camisa social, já sem smoking, e sua expressão faz meu coração se desesperar, todo o meu corpo se

desesperar. Meu lado escuro queima dentro do próprio abismo, vendo que por mais que talvez ele estivesse com Nássia, já que não sei nada sobre isso, independente de tudo o que aconteceu durante a noite, eu o havia afetado, e ele veio até mim. E presenciou o beijo. A brancura do seu rosto, como se o sangue também tivesse fugido dele, revela o quanto isso o torturou. Sua boca está um pouco aberta, como se não tivesse voz ou palavras, mas ele não desvia os olhos de mim, assim como não pisca, aturdido.

Todo o seu corpo diz o quanto está devastado, fitando meu rosto desesperado e o rosto surpreso de Ed. Sua expressão é de tortura, fúria. Ele está em choque, com um semblante devastado.

Seus olhos azuis escuros estão fixos

em mim, torturados, ferozes, enlouquecidos.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

ALICE

Os olhos de Tom estão irreconhecíveis, um oceano azul escuro de tortura e loucura. Sua expressão devastada é desesperadora para mim, e seus olhos descem lentamente para a mão de Ed, entre meu vestido e minhas costas nuas.

Um arrepio de medo e tortura percorre meu corpo, e Tom cerra os punhos, retesando a

mandíbula.

Antes que eu consiga me controlar, meu lado escuro abre minha boca.

—Tom — sussurro assombrada, e meus olhos não se desviam dos seus, intensos, ferozes, dando a impressão que avançará em mim. E em Ed. Meu lado escuro está queimando nas próprias chamas, e a mão de Ed se mantém fria nas minhas costas, como se ele também estivesse suando frio.

O silêncio é tenso, e tudo parece acontecer em câmera lenta. A mão de Ed desliza pelas minhas costas, se afastando do meu corpo. Abro a boca novamente, atordoada, sentindo meu coração parar aos poucos. Tom solta a porta, se virando de costas bruscamente, e caminha pelo corredor, desaparecendo da porta em segundos, indo embora com passos firmes, apressados, querendo se distanciar o mais rápido possível.

Meu corpo inteiro treme de pavor,

assustada, e mesmo que meu lado escuro esteja no controle, não consigo controlar o desespero que me invade.

Continuo fitando a porta, como se não acreditasse que ele a abriu sem aviso, e que foi embora sem dizer uma palavra. Meu lado escuro me questiona acusadoramente. Se ele esteve com Nássia, com que direito tem de se enfurecer contra mim? Mas nesse momento, as palavras apenas vagam na minha mente, e a imagem dos olhos devastados de Tom me agoniam.

Desvio lentamente os olhos para Ed, que me encara amargurado, assustado. Ele retesa a mandíbula, como se relutasse em me dizer algo. Ele respira fundo, aproveitando todo o ar que eu não consigo respirar, e passa a mão no cabelo, tenso. Seus olhos ainda me encaram, e ele encosta as costas no sofá.

—Vá atrás dele, Alice — ele sussurra

inseguro — converse com Tom.

As palavras de Ed não parecem fazer sentido, vindas dele. Arregalo os olhos, ainda mais incrédula.

—Vá, Ali — ele sussurra novamente, com firmeza dessa vez — depois conversamos sobre o que quiser, mas Tom está indo embora agora.

Meu lado escuro se impulsiona por ele, e me levanto do sofá, descalça, com o vestido esvoaçando ao redor das minhas pernas. Sinto os olhos de Ed presos em mim, mas minhas pernas criam forças e corro em direção à porta, sentindo o ar gelado me arrepiar com a ideia conversar com Tom, depois de tudo.

Passo pela porta, sentindo meu coração se acelerar com o ritmo da minha corrida, e avanço pelo corredor, ofegante. O elevador está descendo, e meu lado escuro me ordena que eu desça pelas escadas, para conseguir chegar à tempo. Abro a

porta das escadas, e desço, sentindo o vestido bater em cada degrau, e meus pés sentem o piso frio. A luz amarelada ilumina o caminho, e passo pelos andares, trêmula.

Abro a porta do térreo, fitando o corredor até as portas de saída do prédio, e as vejo se fechar, com Tom saindo do prédio. Meu coração avança, me guiando para fora, e corro em direção. Pego a maçaneta, e abro a porta, sentindo um vento frio arrepiar meu corpo, e uma leve garoa entra pela porta. A escancaro, saindo do prédio, e vejo Tom de costas, caminhando lentamente para o carro, com uma postura devastada e a gravata borboleta na mão.

—Tom — grito, cortando o barulho suave da chuva no chão, sentindo meu vestido começar a ser molhado pela chuva leve. Minha voz sai firme, controlada pelo meu lado escuro, mas meu corpo inteiro treme, por causa das batidas aceleradas do

meu coração.

Tom para, ao ouvir minha voz, e lentamente vira a cabeça para trás, sobre o ombro. Seus olhos azuis escuros me fitam, e pingos de chuva caem em seu rosto, escorrendo junto com as lágrimas que vejo sair de seus olhos. Sua mandíbula está retesada, e sua expressão é de fúria, tortura.

O barulho da chuva caindo permanece me correndo por dentro, mostrando o silêncio de Tom.

—Volte para dentro — ouço sua voz rouca se sobressair ao barulho, em um tom baixo, tentando controlar a raiva. Mordo o lábio, tentando segurar as lágrimas, mas elas insistem em cair pelo meu rosto. Nego com a cabeça, balançando meus cabelos já molhados. Caminho em sua direção, sentindo a chuva aumentar, mas não me importo com o vestido colado no corpo ou com o frio.

—Não — digo firme, encarando-o — por que veio aqui? — Pergunto em um sussurro,

parando a cinco palmos de distância dele. Meu medo da resposta me consome, mas meu lado escuro quer saber. Tom me fita intensamente por segundos, com a chuva molhando toda sua camisa social, grudando em seu peito definido. Ele respira fundo, sem se importar com os pingos engrossando, e retesa ainda mais a mandíbula.

—Não importa mais — ele diz firme, e sua voz rouca me mostra o quanto está furioso, se controlando, e o quanto está torturado — foi até melhor — ele hesita, analisando minha expressão confusa — eu ter visto você seguindo em frente, para me mostrar que foi um erro eu ceder à vontade de ver você, de — Tom fecha os olhos, hesitando, e respira fundo — me sentir vazio ao vê-la de longe.

Meu coração é apedrejado com suas palavras, e meu lado escuro tem a certeza de que eu tinha conseguido provocá-lo no evento.

—Mas eu não estou seguindo em frente

— me exalto, fitando-o assustada — eu apenas — hesito.

—Eu não quero saber, Alice — Tom grita, me interrompendo, e eu pulo, assustada com sua perda de controle. A chuva não parece me gelar mais, mas sim suas palavras. Mais lágrimas escorrem pelo meu rosto, e eu o encaro aturdida — foi um erro ter vindo aqui.

—Foi um erro você escolher por mim, Tom — falo exaltada também, deixando os pingos de chuva caírem ainda mais no meu rosto — por que você veio? — Pergunto novamente — por que não falou comigo quando estávamos na festa? Não podia?

Tom franze a testa, confuso, e nega com a cabeça.

—Eu não sei o porquê, Alice — Tom grita, passando a mão no cabelo molhado — eu apenas quis vê-la, mas você já está com outro.

—Não, Tom — grito, interrompendo-o, e cerro os punhos. Meu lado escuro está furioso por ele me cobrar algo, quando deixou claro que não me queria mais, quando viajou com Nássia e a levou para a festa — não estou com Ed — afirmo alto, com um tom cortante — não estou seguindo em frente, mas — respiro fundo, analisando sua expressão de fúria, devastada, e seus olhos me fitam selvagens — se você está me cobrando, deveria ver o que está fazendo com Nássia — minha voz sai trêmula, e respiro fundo novamente, deixando meu lado escuro no controle — está me cobrando quando já está com outra, quando foi viajar com outra e a leva para uma festa, em público? — Sussurro, fitando-o, franzindo a testa. Mais uma lágrima escorre pelo meu rosto, junto com a chuva que se torna cada vez mais forte, grossa — com que direito, Tom? Estou errada por ter beijado Ed, quando você possivelmente transou

com Nássia? — Minha voz começa a se exaltar, e não consigo controlar a raiva do meu lado escuro — você não me deixou perdoá-lo, e por mais que insisti, você se afastou, falando que era o melhor para mim, que iria transar com outras e — o fuzilo com os olhos, sentindo os pingos de chuva — viaja com Nássia, me deixando sozinha, sem nem conseguir conversar com você. Depois ainda a leva em um evento público — e cada palavra, aumento minha voz, gritando contra a chuva, contra sua expressão torturada — deixando claro que está transando com ela, que me deixou no passado. Você seguiu em frente, Tom, não eu — grito contra seu rosto, deixando as lágrimas inundarem meus olhos — você seguiu. Eu não tentei. Beijei Ed sim, porque ele pediu, porque ele estava cansado de me ver sofrer por você, e me pediu para eu tentar ver o que eu sentia, mas — pauso, ofegante, vendo a expressão de assombro de Tom. Ele arregala os

olhos, mas meu lado escuro não se importa — mas eu amo você — minha voz saí em um grito, e o barulho da chuva forte caindo engole minhas palavras.

A chuva nos engole, mas nenhum parece se importar.

Tom permanece me encarando com seus olhos penetrantes, com uma expressão selvagem, retesando a mandíbula.

—Eu não segui em frente, Alice — sua voz rouca é um sussurro, me arrepiando. Franzo a testa, confusa, e nego com a cabeça.

—Você seguiu, Tom, não minta para mim — falo alto, firme. Estou furiosa e torturada.

—Porra — Tom grita, e avança sobre mim, agarrando meus braços, que estão retos, em cada lado do corpo. Sinto sua mão quente, em contato com a chuva fria na minha pele, e meu lado escuro parece queimar ao se lembrar do seu toque

— eu não transei com Nássia — ele grita no meu rosto, a centímetros do meu — eu não encostei nela — sua voz é descontrolada, assim como sua expressão feroz. Tom está explosivo, perdendo o controle da fúria, da tortura — Nássia é uma grande amiga minha, uma amiga que eu recorri para não ir atrás de você, que tentou me ajudar, mas porra, Alice, eu não transei com ela. Apenas viajamos juntos, passamos alguns dias para fugir daqui, mas — ele pausa, sem fôlego.

—Então nunca transou com ela, Tom? — Grito, furiosa por tudo. Por ele gritar comigo, me cobrar, como se eu soubesse disso. E por exatamente me cobrar quando me mandou seguir em frente, quando me ignorou e se mostrou distante. Como eu poderia saber? — Me diga, nunca? E por que nunca contou dela para mim?

As mãos quentes de Tom apertam ainda mais meus braços, mas não me importo, sentindo a

chuva me molhar inteira. Ele me olha enlouquecido.

—Transei, Alice — sua voz é alta, mas não está mais gritando — transei com Nássia, quando a conheci, aos meus vinte anos, mas porra, foi aquela vez quando viajei e ela estava lá. Depois nos tornamos amigos, depois descobri que — ele pausa, fechando os olhos, e retesa a mandíbula.

—Descobriu o que, Tom? — Grito, sabendo que ele está evitando de me contar algo — irá me esconder algo?

Tom abre os olhos, furioso, torturado, e respira fundo. Sua expressão me assusta.

—Depois descobri que Enzo transava com ela, Alice — Tom diz firme, me encarando — ela se tornou uma grande amiga.

—E por que não me contou? — Pergunto, conseguindo controlar minha voz.

—Porque meu mundo é maior do que

você imagina, Alice. Porque as pessoas com quem me relaciono não são parecidas com você, e isso assustaria você — Tom se aproxima ainda mais, e sinto seu perfume doce, seu corpo emanar calor — porque você não quis fazer parte do meu mundo, você deixou claro isso, e eu percebi que não tinha motivo para mostrar mais, para assustá-la.

—E se eu quiser fazer Tom? — Pergunto em um sussurro, deixando o barulho da chuva se sobressair.

—Não, Alice — Tom fala firme — eu não mudarei de ideia — sua voz rouca não parece insegura, e seus olhos estão fixos em mim, ferozes. Sua expressão é devastada, e seu rosto está molhado pela chuva, com os pingos caindo em sua pele — você tentou e não conseguiu, você não quis fazer parte, e não é porque agora está confusa, sentindo falta apenas, que me fará mudar de ideia. Você não faz parte do meu mundo, ele a assusta,

porque você não pertence a ele, porque você é diferente. Você não gosta, nunca quis realmente — a voz rouca de Tom diminui cada vez mais, se tornando um sussurro, e meu lado escuro não aceita suas palavras.

—Eu não estou confusa — sussurro firme, incendiada pelo meu lado escuro, e esse me guia para frente, avançando sobre Tom. Sinto suas mãos firmes nos meus braços não reagirem, como se não esperasse essa aproximação, e no mesmo instante, coloco minhas mãos no seu rosto molhado, uma em cada lado, sentindo sua pele quente e molhada, e colo meus lábios nos seus, selvagemente, sem pedir permissão, avançando feroz. Sinto meu corpo esquentar em contato com o seu, relembrando um calor estonteante.

Sinto um arrepio enlouquecedor percorrer meu corpo, ao sentir seus lábios macios, quentes, e as mãos de Tom avançam para o meu corpo,

exercendo força nas minhas costas, empurrando meu corpo em direção ao dele, molhado. Nossos corpos se encostam, e me sinto derreter ao sentir seu corpo definido. Seus lábios se abrem, pressionando os meus, de forma violenta, com uma urgência, e sua língua quente, molhada, penetra a minha boca, ansiosa, procurando a minha. A toco, e sua língua envolve a minha, com movimentos circulares possessivos, me deixando em um fogo delirante. Sua mão macia sobe pelas minhas costas, e agarra meu cabelo molhado, puxando-o lentamente para baixo, enquanto sua outra mão desce até a minha bunda, pressionando-a de encontro ao seu ventre. Sinto sua ereção grossa acariciar minha pele, me levando à loucura, e seus lábios não desgrudam dos meus, me envolvendo em um beijo profundo, tirando todo o meu fôlego. Sua língua explora minha boca, repetidamente, com movimentos urgentes, e eu a empurro, envolvendo-

a. Arfo contra seus lábios, e a mão de Tom larga meu cabelo, entrando por baixo dele e agarrando meu pescoço por trás, pressionando os dedos na minha pele nua. Gemo, extasiada por sentir sua boca, suas mãos e seu fogo. Me sinto quente, e sinto o seu corpo quente, me deixando com uma sensação de calor sufocante, mesmo debaixo da chuva.

Meu lado escuro está delirante nas chamas do fogo de Tom, percebendo o quanto é diferente.

Seus lábios se afastam dos meus, e descem para o meu pescoço. Inclino a cabeça, sentindo-os beijar minha pele, mordendo-a lentamente, enquanto sua mão guia minha cabeça para o lado. Sinto sua língua quente roçar minha pele, e perco o ar, desejando mais. Desejando-o dentro de mim. A chuva fria cai forte sobre nós, mas não nos importamos, ardendo dentro do nosso beijo. Sinto os pingos molharem meu rosto, escorrendo pela

minha pele, e os vejo caírem brilhantes no cabelo e no rosto de Tom, molhando sua pele lentamente, enquanto escorregam para baixo.

Os lábios de Tom trilham um caminho por todo o meu pescoço, e sua respiração arrepia minha pele. Levanto sua cabeça, e o beijo novamente, invadindo sua boca com a minha língua, sentindo o seu gosto. Tom me aperta contra o próprio corpo, com uma mão ainda na minha bunda e outra no meu pescoço. Sua língua brinca com a minha, urgente, e ele morde meu lábio inferior, penetrando minha boca novamente, de força enlouquecedora, como se precisasse estar em mim de alguma forma, como se sua vida dependesse disso. Ele me aperta com força, me beijando ferozmente, em movimentos rápidos e profundos, me deixando sem fôlego.

E de repente, ele se afasta, ainda de olhos fechados, e sua expressão se torna sombria,

torturada.

—Tom — sussurro excitada, desejando mais, enlouquecida por ele, mas Tom tira as mãos do meu corpo e se fasta.

—Não — ele rosna com sua voz rouca. Sua roupa está colada no corpo, assim como a minha, e o encaro, incrédula. Ele abre os olhos, e me fita com ferocidade — não, Alice — ele diz firme, e sua expressão é devastada — eu não vou mudar — ele diminui o tom de voz, deixando o barulho da chuva mais alto — eu não devia ter vindo e interromper sua tentativa de seguir em frente, melhor, sem mim, e — ele respira fundo — mesmo que diga que não, era sim uma tentativa, porque você se parece mais com ele, você não pertence à mim, ao meu mundo e não, um beijo — ele suspira, como se as palavras o ferissem — não significa que você pertence, que você quer e consegue estar no meu mundo, e não me fará

mudar de ideia. Isso só me fez perceber que eu devo incentivar você, e eu estarei com outra, não com uma amiga. Que não posso mais me aproximar de você, beijar você, porque senão — ele sussurra com sua voz rouca, deixando a frase morrer.

Abro a boca, incrédula. Meu lado escuro não esperava essa reação, e por um segundo, sinto vontade de gritar com ele.

—Tom — digo firme, franzindo a testa, furiosa, mas seus olhos azuis escuros me encaram selvagemente, e ele se afasta.

—Volte para Ed — ele sussurra com sua voz rouca, e se vira de costas, caminhando para o carro com passos rápidos, contra a chuva. Caminho atrás dele, e Tom entra no carro.

—Tom — grito, ainda sem realmente entender, sem reação. Ele acelera, e sai, sem olhar para trás. Sigo o carro com os olhos, aturdida, sentindo os pingos da chuva voltarem a serem

gelados, frios. A rua se torna deserta, e meu lado escuro se sente devastado por ter sentido Tom, e por perdê-lo novamente.

Mas meu lado escuro está ainda incendiado, com mais confiança ainda de querer mostrar para Tom que quero seu mundo.

Abraço meu corpo, sentindo frio, e fecho os olhos, deixando a chuva cair ainda mais no meu rosto, e as lágrimas começam a escorrer também, agoniada por não ter conseguido, por tudo ter saído errado. Choro baixo, deixando o barulho da chuva abafar, e sinto um blazer cair sobre meus ombros, com dois braços me abraçando por trás.

—Venha, Ali — a voz de Ed soa baixa, atrás de mim, no meu ouvido. Seus braços me abraçam, e me viro, encostando minha testa em seu ombro. Sinto seus lábios no meu cabelo, beijando-o de forma protetora, e ele me abraça. Caminho ao seu lado, com a cabeça em seu ombro, sem querer

conversar, e entramos no prédio. Ed chama o elevador, e me guia para dentro. Entro no apartamento, ouvindo Ed apenas encostar a porta, e me afasto dele, largando seu blazer em uma poltrona. O encaro, vendo sua expressão angustiada, por me ver assim, e me lembro que o beijei também, e o deixei na sala, sem conversar. Merda, mais escolhas erradas, e nesse momento, não quero feri-lo.

—Ed — murmuro em um sopro, e ele nega com a cabeça.

—Ali, não agora — ele diz calmo, e caminha na minha direção, me abraçando novamente — não precisamos falar sobre isso, vou estar aqui com você, independente da sua escolha — sussurra contra os meus cabelos, e eu o abraço.

—Obrigada — sussurro, agradecida por ter ele como amigo, por ele não insistir. Me afasto novamente, me sentindo cansada, com frio — vou

tomar um banho, se quiser ir para casa — murmuro, olhando para seus olhos aflitos, preocupado comigo.

—Eu não vou deixar você nesse estado, Ali — Ed fala, se afastando — não vou tentar nada, mas como amigo, não vou conseguir ir para casa, sabendo que ficou sozinha assim. Eu fico aqui na sala, se quiser vir aqui depois, se quiser falar sobre Tom.

Sorrio para ele, ou tento ao máximo, e caminho em direção ao banheiro. Entro no chuveiro, sentindo a água quente me acalmar, e paro de chorar. Meu lado escuro está decidido, após esse beijo, após saber que Tom não transou com Nássia, que irei mostrar para ele o quanto quero seu mundo. Mas suas últimas palavras me assustaram. Ele tentará com outra, se afastando de Nássia.

Desligo o chuveiro e me visto com uma calça de moletom e uma camisa solta, e volto para a

sala. Ed está deitado no sofá, sem a camisa molhada, com a televisão ligada. Assim que entro, ele se levanta, surpreso e sorri.

—Como está? — Pergunta preocupado, dando lugar para eu sentar ao seu lado. Me sento, fitando o filme de comédia que passa na televisão.

—Cansada — murmuro, e olho para Ed, que se encosta no sofá e me puxa para deitar a cabeça no seu ombro, contornando os meus ombros com o braço.

—Tom vai perceber o que está perdendo, Ali — ele sussurra contra os meus cabelos, diminuindo um pouco o volume da televisão pelo controle — ele vai se dar conta.

—Ele acha que — hesito. Depois de tudo, o que posso contar para Ed? Meu lado escuro não quer contar nada — eu não consigo conviver com a forma que ele é.

Ed permanece em silêncio por alguns

segundos, como se tentasse entender o que eu falei.

—E por que ele acha isso, Ali? — Ele pergunta receoso — Tom tentou fazer algo com você, que você não gostou?

Nego com a cabeça, ainda mais cansada por pensar em tudo, mas de certa forma, a conversa com Ed faz meu lado escuro pensar em como posso fazer Tom ver que quero estar no seu mundo, não apenas com um beijo.

—Não, eu apenas briguei muito — murmuro — apenas questionei muito, e não perdoei seu erro.

—E vocês não conversaram, lá embaixo? — Ed pergunta em um sussurro.

—Tom, como sempre, supôs. Ele não quis mudar de ideia, achando que eu estava seguindo em frente, e mesmo que — hesito. Não quero contar para Ed que eu beijei Tom, mas ao mesmo tempo, me pergunto quanto tempo Ed estava lá embaixo —

ele acha que ter voltado a trás, mesmo que por um momento, foi um erro, interrompendo minha vida. E assim, ele tentará seguir o exemplo.

Sinto Ed balançar a cabeça, negando.

—Tom é um idiota — ele sussurra, e meu lado escuro ri, como se ouvir isso de Ed fosse engraçado, nesse momento — ele vai perceber que não é assim, Ali. Não se torture, você viu que ele não conseguiu esquecer de você, porque é impossível — a voz de Ed se abaixa ainda mais, e eu respiro fundo.

—Ou terei que provar que posso conviver com ele — sussurro, e Ed me aperta contra si.

—Apenas não se machuque, nessa tentativa — ele murmura — quando ele ver você de novo, perceberá.

Assinto com a cabeça, ouvindo a voz de Ed, e fecho os olhos, cansada, mergulhada nas ideias do meu lado escuro, sobre continuar meu plano de

provocá-lo, de mostrar para ele que quero pertencer ao seu mundo. Agora meu lado escuro está confiante de que conseguiu algo, pelo menos, contradizendo o que Anya falou.

Mas precisarei provar para Tom rápido, correndo contra o tempo, para que ele não transe com alguém, dessa vez, realmente. Por conta de um avanço meu, em relação à Ed, posso ter feito Tom cometer um ato que não conseguirei suportar, então preciso fazê-lo voltar atrás antes disso.

Meu lado escuro está decidido, e está contando os minutos que tenho para conseguir isso. Antes que seja tarde demais para nós dois, depois de tantos erros, de tantas palavras não ditas, já que por causa do seu silêncio, imaginei que ele transou com Nássia, e por causa de ter beijado Ed, ele imaginou que eu estava seguindo em frente.

Adormeço com esses pensamentos, no ombro de Ed, sem me importar, já que Ed deixou

claro que nesse momento, não está pensando em nós.

Acordo com a claridade do sol batendo no meu rosto, e aperto os olhos, me acostumando à claridade. Me levanto do ombro de Ed, vendo que ele também pegou no sono, com a cabeça encostada para trás, no encosto do sofá. Me levanto, olhando ao redor, e algo me chama a atenção.

Caminho descalça até a pequena mesa perto da porta, e vejo duas caixas pretas de veludo, familiares. Sei o que está dentro, e isso pesa ainda mais pelo meu corpo. Abro a grande caixa, fitando o colar que Tom me deu. Mordo o lábio, sentindo um aperto no meu peito, e pego a outra caixa.

A abro, fitando o grande anel que ele tanto se orgulhava que eu usasse. Respiro fundo, tentando me controlar para não chorar, sem tirar os olhos do anel. Meu lado escuro se pergunta quando ele os deixou ali? Provavelmente durante a manhã,

já que Ed deixou a porta aberta, e nós adormecemos no sofá. Merda, cerro os punhos. Tom provavelmente me viu dormindo no ombro de Ed, e isso provavelmente o arruinou mais, mas naquele momento que dormi, não imaginei que Tom voltaria.

Respiro fundo, deixando as caixas no mesmo lugar, e caminho para a cozinha. Ouço Ed na sala, e ouço seus passos. Olho para a porta da cozinha, e ele para encostado, com a camisa social aberta, me fitando.

—Bom dia — ele sorri levemente. Sorrio de volta. Seria um bom dia se eu estivesse acordando com Tom.

—Bom dia — sussurro. Esquentando um café — quer café? — Pergunto, e Ed nega com a cabeça.

—Vou precisar ir para casa — ele diz sério — preciso falar com Armando, sobre

Augustine — Ed pausa, e entra na cozinha, caminhando na minha direção — vai ficar bem? — Pergunta, parando na minha frente. Olho em seus olhos, e assinto.

—Vou, não se preocupe — digo firme. Meu lado escuro está me fazendo ser forte, decidida ao não me deixar abater, e sim ver isso como um incentivo a continuar o que estava fazendo.

Ed me abraça educadamente, e se fasta.

—Depois nos falamos — sussurra com um sorriso torto, e assinto, vendo-o se afastar e sair da cozinha. Permaneço imóvel, ouvindo a porta da sala se fechar, e respiro fundo.

Tomo o café em silêncio, sem esquecer das joias que Tom deixou. Ele tentou me deixar uma mensagem, fazendo isso, e meu lado escuro concorda com esse pensamento.

Me deixando os meus presentes, ele estava tirando o que restava de nós da sua vida. Estava se

livrando o último vestígio, como se eu fosse desistir. Meu lado escuro está decidido, e terá o domingo inteiro para se preparar para o dia seguinte, no estágio.

Tom estará lá, novamente, como meu chefe, e usarei toda oportunidade que tiver, ao estar perto dele. Meu lado escuro planejará tudo o que posso fazer, com confiança, e não se desmotivará por nada. Irá mostrar para Tom o quanto mudei, o quanto quero o seu mundo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Encaro meu reflexo no espelho do elevador, subindo para o andar do escritório de Tom.

Ou Sr. Haltender, como voltarei a usar. O domingo foi muito útil para o meu lado escuro, jogando minha tristeza fora e dando lugar para a confiança. Na faculdade, de manhã, evitei de contar para Dana sobre tudo o que aconteceu, ouvindo apenas seus relatos sobre o final da festa, e me mantive ocupada, recuperando o conteúdo perdido. Dana pareceu entender, e como não suspeitava de nada, não me perguntou sobre Tom ou Ed.

Minha saia lápis preta está justa, contrastando com a camisa branca, fina, mostrando levemente meus seios. Passo a mão pelos meus cabelos, deixando-os volumosos, e analiso minha maquiagem, um pouco mais delineada. Sorrio,

PERIGOSAS ACHERON

mesmo sentindo meu corpo tremer ao pensar na ideia de vê-lo, depois de beijá-lo e ouvir suas palavras novamente. Mas meu lado escuro está no controle, confiante de que como antes, conseguirei algum resultado, e com isso, não deixarei escapar dessa vez.

Irei provar para ele, contradizendo suas palavras sobre eu não mostrar que pertenço ao seu mundo ou sobre o beijo. Irei mostrar meu lado escuro.

As portas se abrem, e caminho firme pelo corredor, decidida. Viro o corredor, ouvindo as vozes de Ana e Mônica, e assim que alcanço suas mesas, seus olhos se focam em mim, e ambas abrem a boca, incrédulas.

—Ali — Ana diz surpresa, fitando o meu rosto — você não sabe quem voltou.

Sorrio amarelo para ela e assinto com a cabeça.

—Eu sei — respondo, e Ana levanta as sobrancelhas, surpresa.

—E está feliz? — Ela pergunta assombrada — voltaram?

Passo por elas, e me sento na mesa, ligando o notebook.

—Não, não voltamos — respondo alto e firme. Encaro o olhar de Ana e Mônica — agora ele é apenas meu chefe, Sr. Haltender.

Mônica arregala os olhos, e ri incrédula.

—E como lidará com isso? — Ela pergunta séria — não está mais apaixonada por ele? Ou simplesmente ignorará?

Fito Mônica demoradamente, ponderando o que responder, e meu lado escuro não quer demonstrar nada. Não quer que elas saibam do meu plano. Dou de ombros.

—Vamos ver como vai ser — murmuro, e Mônica abre a boca com a minha resposta vaga.

—Acho que não aguentará muito, Ali — a voz de Ana soa venenosa, e eu respiro fundo, tentando controlar meu lado escuro.

—Se aguentei o Sr. Haltender na cama, acho que posso aguentar — e meu lado escuro foge do controle — não se preocupe, Ana.

Não olho para ela, mas sinto seus olhos me fuzilando, com um pouco de surpresa, e para o divertimento do meu lado escuro, a porta da sala de Tom se abre no mesmo instante, e me pergunto o que ele ouviu.

Tom sai, sem olhar para mim, e seus olhos se fixam em Ana. Percebo que além de tudo, está furioso por eu dormir no ombro de Ed, que viu quando foi levar as caixas, mas eu deixei claro para ele que não segui em frente, que eu ainda queria ele. E Tom precisa entender.

—Ana, preciso que traga as planilhas que pedi — hesita, e seus olhos se desviam lentamente

para mim — e preciso dos editais da semana passada, Alice — sua voz rouca é autoritária, fria. Respiro fundo, e assinto.

Tom se vira de costas, e entra na sala novamente, fechando a porta. Organizo os editais, enquanto observo Ana arrumar as pastas, e assim que ela se levanta, me levanto em seguida.

—Ana, deixe que eu leve para ele, preciso falar sobre os editais — digo firme, olhando-a nos olhos. Ana abre a boca, sem saber o que dizer de desculpa, e apenas assente, relutante. Meu lado escuro, diferente das Alices, não é burro, e não deixará perder nenhuma oportunidade.

—Se você quer — Ana murmura, me fuzilando com os olhos, e caminha na minha direção, me entregando as pastas. Sussurro um obrigada simpático, e começo a caminhar em direção a sala de Tom. Bato levemente na porta, e a abro.

PERIGOSAS NACIONAIS

—Entre — sua voz rouca é autoritária, e assim que entro, Tom tenta disfarçar a surpresa ao me ver, vestida de um modo mais sensual, e também esperava Ana. Ele abaixa a cabeça, desviando os olhos de mim — pode deixar na mesa, Alice — diz sério. Meu lado escuro está confiante, e um grande sorriso ameaça surgir. Caminho lentamente, de modo sensual, até a sua mesa, fitando seu rosto abaixado, mas seus olhos não se levantam. Paro em frente a sua mesa, e coloco os editais com a mão direita, deixando reluzir o grande anel no meu dedo, atraindo os olhos azuis escuros de Tom.

Exatamente como meu lado escuro queria, e esse arde em chamas.

Os olhos de Tom param momentaneamente no anel, e sobe pelo meu braço, até se encontrarem com os meus olhos maquiados. Sorrio levemente, e mordo o lábio inferior.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

—Aqui estão, Sr. Haltender — digo baixo, com a voz firme, e sua expressão é de espanto, sem conseguir disfarçar. Meu lado escuro está amando o plano — se puder, gostaria de conversar sobre os editais que não foram feitos por mim — falo calmamente.

Tom parece um pouco confuso, e assente, indicando a cadeira à sua frente, e ao meu lado. Me sento, cruzando lentamente as pernas, sem tirar os olhos dele, e vejo seus olhos desceram para elas. Coloco as mãos sobre as coxas e me inclino levemente em sua direção.

—Preciso corrigir alguns erros que verifiquei, e gostaria da sua permissão, para você revisá-los, após eu refazer, Sr. Haltender — falo firme, autoritária, enfatizando o Sr. Haltender, me lembrando o quanto incomodava Tom quando eu o chamava assim, quando estávamos transando, ou em nossa vida pessoal.

PERIGOSAS ACHERON

Tom assente, se mantendo distante novamente, e me levanto, finalizando a conversa. Passo a mão lentamente pela minha saia, virando de costas para ele, e minhas mãos alisam minha bunda também, enquanto caminho em direção à porta. Sinto os olhos de Tom, e sorrio, satisfeita por saber que ele não está conseguindo disfarçar.

Alcanço a maçaneta, e assim que a seguro, ouço o barulho da cadeira de Tom.

—Alice — sua voz rouca é baixa, e me arrepia. Olho para ele, sobre o ombro, jogando meu cabelo para o lado, e sorrio.

—O que deseja, Sr. Haltender? — Pergunto com uma voz firme, ainda segurando a maçaneta. Tom está parado, de pé, entre a sua cadeira e a sua mesa, e seus punhos estão cerrados na mesa, apoiados, com os braços retos. Sua expressão é sombria, e percebo que está escolhendo as palavras. Franzo a testa, percebendo que ele não

irá falar algo sobre ceder.

—Nássia me falou que encontrou você e Anya no evento, dentro do banheiro — Tom diz sério, preocupado, e seus olhos penetrantes são ferozes — me falou que estavam em uma situação — hesita, e respira fundo, retesando a mandíbula — que não era agradável.

—Eu não estava com Anya — falo firme, encarando-o sobre o ombro — se é o que Nássia pensou.

Tom me fuzila com os olhos, e percebo o quanto está incomodado com isso.

—Nássia não pensou isso — ele diz firme, e sua voz rouca é baixa. Sinto o arrepio percorrer o meu corpo, mas me controlo. Meu lado escuro quer que ele se sinta enlouquecido, não eu — mas percebeu que vocês tinham algum assunto importante, e que parecem estar próximas.

Levanto minha sobrancelha, calmamente, e

agradeço meu lado escuro, já que por dentro estou suando frio e tremendo. Meu coração bate descontrolado, como se precisasse bombear sangue para dois corpos, e tento controlar minha respiração.

—E estivermos? — Pergunto firme, e Tom fecha os olhos, respirando fundo.

—Eu aconselho a se afastar de Anya, Alice. Ela é pior do que imagina, ela é perigo e — sua voz rouca é preocupada, e ele abre os olhos, me fitando torturado — ela é diferente de você.

Aperto com força a maçaneta, me controlando para me manter calma na sua frente, e meu lado escuro levanta a minha cabeça, fitando-o intensamente. Levanto as sobrancelhas, séria.

—O quanto você acha que ela pode ser diferente de mim? — Pergunto retoricamente, e Tom franze a testa, entendendo a ideia de que posso querer se um pouco como ela. Exatamente o

que meu lado escuro quer que pense, para deixá-lo aflito, para deixá-lo preocupado e não parar de pensar. Para mostrar para ele que quero estar nesse mundo, mesmo que não seja verdade sobre Anya. Ele me fuzila com os olhos ferozes, enfurecido.

—Alice — ele sussurra, retesando a mandíbula, com o semblante selvagem, e abro a porta com veemência.

—Sr. Haltender — falo séria, e saio da sala, fechando a porta atrás de mim, deixando-o ainda mais preocupado,

Olho para Ana, que mantém os olhos vidrados em mim, com a boca aberta.

—Está tudo bem? — Ela pergunta curiosa, e assinto com a cabeça, sorrindo amarelo. Caminho até a minha mesa, e me sento, vendo uma mensagem na tela do meu celular, de Gabriel. A abro, me distraindo de tudo o que aconteceu dentro da sala, satisfeita.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ali, chegarei hoje fim de tarde, para vê-la. Consegui uma folga de uma semana, e vou passar uns dois dias aí, o que acha? Teria um quarto sobrando?

Sorrio, ao ler a mensagem de Gabriel, e me sinto tranquilizada por tê-lo por perto novamente. O pouco que ele sabe é o suficiente para me ajudar.

Já está arrumado para você. Me avise a hora que chegar.

Respondo, e guardo o celular, voltando ao trabalho, triunfante por já ter provocado Tom. O plano já havia começado, e eu não deixaria nada atrapalhar, dessa vez.

A tarde passa lentamente, e Tom continua dentro do escritório, como se evitasse de me encontrar novamente. Meu horário encerra, e pego o celular novamente, vendo uma mensagem de Gabriel.

Chegarei um pouco atrasado.

PERIGOSAS ACHERON

Guardo o celular e observo Ana e Mônica entrarem no elevador. Não quero descer com elas, então permaneço sentada por alguns minutos, fitando a porta fechada da sala de Tom, com ele ainda lá dentro. Me levanto, e caminho para o elevador. Aperto o botão, esperando que as portas se abrem, e ouço passos atrás de mim. Meu lado escuro sabe quem é, e se sente ainda mais confiante em provocar. Olho para trás, sobre o ombro, e Tom vira o corredor, na minha direção.

Seus olhos azuis escuros se encontram com os meus, e percebo surpresa em seu semblante. Ele provavelmente esperava que eu já tivesse ido embora, para não se encontrar comigo. Mantenho a expressão séria, enquanto ele caminha na minha direção, com os olhos fixos em mim. Olho para frente novamente, e as portas se abrem. Tom entra, dando passagem para eu entrar também, e paro ao seu lado, enquanto ele aperta para o térreo.

E meu lado escuro desce provocar um pouco mais, sem eu ter consciência das palavras que usarei, ou o que ele pensar em fazer, mas o deixo livre.

Viro meu rosto para Tom, e o encaro séria, vendo-o tentar não manter contato visual comigo. Seus olhos estão fixos nas portas do elevador, e sua expressão é indecifrável, mas meu lado escuro está confiante.

—O assunto que tenho com Anya — falo baixo, mas firme, e percebo que Tom se sobressalta, não esperando que eu iniciasse algum assunto. Ele respira fundo, retesando a mandíbula, e seus olhos lentamente me fitam, intensos — é o convite de ser sócia sem custo, de Pandora.

Tom arregala os olhos por um segundo, e então suaviza, como se já soubesse minha resposta.

—E você explicou para ela que não gostou? — Ele pergunta com sua voz rouca,

preocupada, e eu me viro de frente para ele.

—Estou pensando em aceitar — digo firme, interrompendo-o. Estou surpresa com meu lado escuro. Nunca pensei nessas palavras, mas ele decidiu agir sem minha permissão. Tom pisca uma vez, confuso, como se não conseguisse entender minhas palavras, e então franze a testa, assombrado — porque diferente do que você pensa, eu quero estar nesse mundo.

—Alice — Tom fala furioso, com os olhos intensos em minha, e sua expressão é feroz — pare de forçar você mesma a algo que não gosta — as palavras altas de Tom enfurecem meu lado escuro, por ele insistir nisso, e me aproximo dele.

—Você não pode afirmar que eu não gosto Tom, porque isso apenas eu sei — afirmo, encarando-o desafiadoramente, e Tom retesa ainda mais a mandíbula, se controlando. As portas do elevador se abrem, e saio lentamente, sentindo seus

olhos vidrados em mim. Saio do prédio, e Tom caminha para outro lado, com passos firmes, furioso.

E meu lado escuro está ainda mais satisfeito por deixá-lo pensativo.

Pego meu celular e digito uma mensagem para Gabriel.

Deixarei a porta do meu apartamento aberta, irei ao mercado para nós, caso você chegue antes que eu.

Envio, e vou para o meu apartamento, observando o tempo começar a fechar novamente. Irá chover, como choveu quando beijei Tom. Quando quase o convenci, merda.

Entro no meu prédio, e subo para o apartamento, trocando de roupa. Coloco uma calça jeans escura e uma blusa de alças finas, larga. Pego novamente minha bolsa, e deixo a porta aberta, já que provavelmente Gabriel está chegando. O

mercado está há duas quadras, então poderei ir rápido. Desço novamente pelo elevador, e saio do prédio, olhando para os lados. Não há sinal da moto de Gabriel. Ando até o mercado, demorando dez minutos, e compro algumas lasanhas congeladas, algumas gomas e molhos para Gabriel cozinhar algum macarrão, seu prato mais prático, que sempre gostou de cozinhar. Passo pelos caixas, observando o tempo fechar ainda mais, e provavelmente Gabriel se molhou no caminho para a cidade.

Caminho devagar para o apartamento, percebendo que tenho tempo de sobra para chegar, antes que chova. Viro a quadra do meu prédio, e atravesso a rua. Se passou meia hora, desde que saí para o mercado. Meu celular vibra, e eu o pego, lendo uma mensagem de Gabriel.

Ali, tomei um banho de chuva no caminho, e como não quis molhar sua sala

arrumada, tirei minhas roupas. Espero você de cueca, minha querida amiga.

Começo a rir com a brincadeira de Gabriel, e conhecendo-o de tantos anos, sei que ele realmente está de cueca, se sentindo à vontade no meu apartamento, como se fosse seu. Mas desde antes de namorarmos, como depois que acabamos, já o vi de cueca várias vezes, não me importando, assim como ele, já que somos grandes amigos de infância. Para mim, nunca foi nada demais.

Respondo a mensagem, me aproximando do prédio.

Desde que você não molhe a minha sala, sinta-se à vontade.

Me aproximo da entrada do meu prédio, ansiosa para conversar com Gabriel, tanto sobre a sua vida como sobre Tom, mas meus olhos são atraídos para a Harley-Davidson preta de Gabriel, estacionada em frente a um Porshe familiar, preto.

Um Porshe que eu já andei. Tom.

Meu coração acelera, e sinto um suor frio surgir pelo meu corpo, assim como um tremor. Minha respiração se torna pesada, rápida, e meu corpo se torna tenso. Gabriel está de cueca na minha sala, com a porta destrancada, e Tom está aqui. Me questiono se ele já subiu, ou consigo ainda mandar uma mensagem para Gabriel, pedindo que ele coloque alguma roupa.

Meu lado escuro não sabe o que fazer, porque isso não estava nos planos, mas eu sei. Sei o que aconteceu. Entro dentro do prédio, as pressas, agoniada pelos segundos que se passam até o elevador descer, e pelo tempo, Tom provavelmente já chegou no meu apartamento. Meu coração não quer mais bater, que sair do meu corpo para não precisar entrar no meu apartamento. Subo pelo elevador, contando os segundos, sentindo o suor frio aumentar, e meu corpo inteiro treme de pavor

pela ideia. Sinto todo o meu corpo tenso, sentindo que não consigo respirar, que o ar foi tirado dos meus pulmões. As portas se abrem, e caminho apressada pelo corredor, fitando a porta do meu apartamento, aberta. Ouço um baque, e dou um pulo, correndo em direção à porta.

Eu sei o que provavelmente aconteceu. Tom se sentiu novamente provocado, e foi para o meu apartamento, encontrando Gabriel apenas de cueca, já que havia tirado suas roupas molhadas.

Tom perdeu o controle, provavelmente. Meu lado escuro queima, furioso por Tom perder o controle novamente, sem tentar entender, descontando em Gabriel, que antes de namorado, sempre foi um grande amigo. E percebo que isso pode ter piorado tudo, atrapalhando novamente minha tentativa de mostrar para Tom que não estou seguindo em frente, que quero estar em seu mundo. Meu corpo parece recuar, não querendo chegar até

a porta, mas agarro a maçaneta e a abro totalmente, sentindo meu coração realmente me abandonar.

Meu lado escuro perdeu o plano e talvez a última tentativa de fazer Tom voltar atrás.

ALICE

Meus olhos se focalizam em Gabriel, com um grande hematoma no rosto, e um corte na bochecha, agarrando o colarinho aberto de Tom, e acertando um soco em seu rosto. Tom avança novamente sobre Gabriel, que está apenas de cueca, no meio da minha sala.

Grito assustada, e os olhos azuis escuros de

Tom se encontram com os meus, irreconhecíveis, sem controle. Ele abaixa a mão e Gabriel solta seu colarinho, também me fitando apreensivo. Respiro fundo, agoniada, e Tom se afasta de Gabriel, cerrando os punhos.

—Lili — Gabriel murmura, retesando a mandíbula, e seu tom de voz é um pedido de desculpas. Tom permanece me olhando fixamente, selvagem, furioso. Abro a boca para falar algo, mas minha voz parece desaparecer. Estou assustada por eles terem brigado, e surpresa por Tom estar aqui. O que ela faz aqui? Meu lado escuro já sabe a resposta. Provavelmente se sentiu provocado pela ideia de Pandora.

Dou um passo para dentro da sala, sentindo o ambiente pequeno, tenso, e meu corpo está suando frio. Tom retesa a mandíbula, e no mesmo instante, caminha firme, na minha direção, com uma expressão explosiva. Arregalo os olhos, mas

ele passa por mim, andando ainda mais rápido. Sigo ele com os olhos, pelo corredor, e Tom entra no elevador, sem olhar para trás, furioso.

Meu lado escuro me ordena que eu fique parada, e eu obedeço. Tom não teve o direito de invadir o meu apartamento, mesmo que minha intenção tenha sido provocá-lo para vir atrás. Ele não tem o direito de brigar com Gabriel sem saber a verdade, supondo pela situação. Permaneço fitando o corredor vazio, me sentindo aturdida. Sei que se eu for atrás dele, no estado que ele está, piorará ainda mais. E sei que a minha ideia de provocá-lo está acabada, porque a raiva de Tom é maior, e provavelmente ele não me escutará.

—Lili — a voz de Gabriel me tira dos pensamentos, e eu desvio o olhar, fitando-o parado no meio da minha sala, com as sobrancelhas levantadas — você está bem?

Desço os olhos pelo seu corpo, apenas de

cueca preta, e imagino a situação de como eles se encontraram.

—O que aconteceu? — pergunto em um sussurro, e Gabriel passa a mão no cabelo, apreensivo. Ele caminha e se senta no sofá, respirando fundo. Fecho a porta, ouvindo meu lado escuro dizer que depois tentarei conversar com Tom. Solto minha bolsa na poltrona e caminho até o outro sofá, observando Gabriel passar a mão no rosto machucado. Sento na sua frente, e Gabriel me fita.

—Eu estava esperando você chegar, sentado aqui, quando ele entrou pela porta, sem aviso — Gabriel fala devagar, com sua voz baixa — e pela expressão dele, imaginei que ele estava pensando outra situação. Quando eu tentei falar, ele já me acertou — Gabriel pausa, analisando minha expressão aflita, e dá de ombros — e bom, eu revidei Ali, não iria ficar quieto.

Assinto, e pego sua mão.

—Eu sei Gabi, tudo bem. Ele não tinha motivo para bater em você, e você só se defendeu — digo séria, tentando não demonstrar a minha preocupação — Tom sempre supõe, antes de perguntar.

—E é um pouco explosivo também. Impulsivo — Gabriel comenta baixo, ameaçando um sorriso, mostrando que não está bravo. Passo a mão no rosto, e me levanto.

—Ele é sempre explosivo — concordo, virando de costas para ele — vou pegar um gelo para você.

—Pegue uma água também — Gabriel pede, e olho para ele, acusadoramente, e ele sorri — já que está indo para a cozinha.

Rio, por mais aflita que eu esteja, e vou para a cozinha. Abro a geladeira e pego um gelo, colocando-o em um pano. Volto para a sala, vendo-

o se deitar no meu sofá.

—E você também poderia ter ficado de roupa — falo séria, entregando o gelo para ele. Gabriel olha para mim e sorri.

—Sabe que gosto de me sentir confortável, Lili — Gabriel fala, tentando parecer inocente — e minhas roupas estavam molhadas. Não pensei que Tom entraria aqui, sem avisar.

—É — murmuro. Eu também não imaginei essa situação. Sento no sofá novamente, e Gabriel coloca o gelo no machucado — agora a minha ideia de conseguir ele de volta não existe mais — falo mais baixo. Gabriel levanta as sobrancelhas, surpreso, e se senta no sofá.

—Não, Lili. Se vocês brigarem por isso, eu vou ir falar com Tom — ele afirma sério — foi apenas um mal entendido. Vou ir falar com ele e você conseguirá se reconciliar.

Rio, incrédula pela sua ideia, e nego com a

cabeça, mesmo que meu lado escuro goste da sugestão.

—Não, Gabi, acho que não é uma boa ideia. Vou tentar falar com ele depois — falo séria, analisando sua expressão de preocupação.

—Fale então, mas se ele não a ouvir, eu vou ir falar — Gabriel diz, apontando o dedo para mim — se ele acha que pode ficar bravo com você por isso, ele vai me ouvir, e muito — diz ainda mais autoritário — ele não pode ficar supondo sobre você, e vou deixar isso claro.

—Gabi — o interrompo, rindo por ele fingir estar bravo, o que nunca vi, já que Gabriel quase nunca fica bravo — se você ir até a casa dele sem avisar, ele nem vai atendê-lo — digo zombeteira, e Gabriel dá de ombros.

—Vou na empresa, Lili, não se preocupe. Invado aquele prédio com a minha Katrina e quero ver ele impedir — Gabriel diz ainda sério, e franzo

a testa, confusa. Katrina?

—Quem é Katrina? — pergunto, ignorando sua ideia de invadir um prédio. O prédio de Tom, na verdade. Gabriel me olha por alguns segundos, como se não acreditasse que eu não entendi.

—Minha Harley, Lili — responde, levantando as sobrancelhas — depois que terminei o namoro, decidi que terei apenas a Katrina como alguma fêmea fixa — Abro a boca, não conseguindo controlar a risada, e começo a rir. Gabriel começa a rir também, e joga o gelo em mim, caindo no meu colo — você deveria tentar também, assim Tom sentirá ciúmes.

—Ciúmes de uma moto? — pergunto retoricamente, entre risadas, e Gabriel ri ainda mais — as mulheres com quem faz sexo sabem da sua Katrina? — pergunto zombeteira, e Gabriel semicerra os olhos, ameaçadoramente.

—Não — sussurra, e sorri — só sabem que no momento não quero compromisso.

—Melhor não saberem — afirmo, ainda rindo, e me levanto, colocando o gelo na mesa — ou assustará as mulheres.

Gabriel me fita intensamente, e nega com a cabeça.

—Você é impossível — ele diz com um grande sorriso, deitando novamente no sofá — e me faça um favor, Lili, leve minha pequena mala para o quarto.

Levanto as sobrancelhas, fuzilando-o, e começo a rir irônica.

—Você acha que é visita aqui, Gabi? — pergunto, franzindo a testa, e minha expressão é de diversão, assim como a sua — você irá é pagar pela estadia, levando a sua mala, me preparando a janta e arrumando a sua cama — digo autoritária, e Gabriel começa a rir, cruzando os braços atrás da

cabeça.

—Finalizou, querida mãe? — pergunta zombeteiro, e finjo estar brava. Dou as costas para ele, caminhando para o quarto, e ouço ele se levantar do sofá. Entro no meu quarto, e Gabriel me segue, parando na porta.

—E o que quer jantar, querida? — ele pergunta em um sussurro, fingindo romantismo. E apoia o braço na parede, ainda de cueca — Tom ao molho de mostarda ou à moda francesa?

Me viro de frente para ele, fuzilando-o com os olhos, e ele começa a rir ainda mais. Pego uma roupa que está em cima da cama, e a jogo nele.

—Vou jantar Gabriel frito, se você continuar com essas piadas sem graças — falo, tentando não rir, e Gabriel se desvia da roupa.

—Se fosse sem graça, você não estaria rindo — ele afirma, voltando à posição anterior, e eu avanço na sua direção, batendo em seu peito. Ele

se afasta, levantando as mãos, na defensiva — ei ei, eu já levei um soco por hoje, espere até amanhã — diz ainda zombeteiro, e começo a rir, parando na sua frente.

—Desculpe — sussurro, e sorrio — só estou nervosa — dou de ombros, e minha voz é sincera, baixa — ainda.

Gabriel assente, com um sorriso torto, e pega meu pulso, me puxando na sua direção. Seus braços abraçam meu corpo, e encosto a cabeça no seu ombro.

—Estou tentando acalmá-la, Lili. Sei que está tensa, porque conheço você, mesmo depois de anos sem nos vermos e — ele hesita — você está tão tensa como estava quando acordou. Precisa se acalmar — sussurra no meu ouvido, me abraçando forte. Assinto, e respiro fundo. Meu lado escuro está começando a se acalmar, aceitando a tranquilidade que Gabriel me passa, e tentando

planejar como irei conversar com Tom, mesmo sabendo que o plano de provocá-lo não irá mais funcionar.

—Obrigada Gabi — sussurro no seu ombro, e me afasto — mas ainda quero que cozinhe — afirmo, e sorrio para ele. Gabriel morde o lábio, assentindo.

—Irei cozinhar, com uma condição — ele diz com um grande sorriso.

—Diga — assinto, levantando as mãos.

—Que me conte tudo o que aconteceu nesses dias — ele exige — e ouvirá meus conselhos.

Rio, negando com a cabeça, e sei que meu lado escuro não contará tudo. Me viro, voltando para o quarto, enquanto Gabriel permanece parado, aguardando minha resposta.

—Contarei — falo, abrindo meu guarda-roupa — e ouvirei seus conselhos, Gabi. Mas

decidirei se irei segui-los — falo séria, e pego uma roupa — agora, vá tomar um banho enquanto eu organizo a cozinha para você — viro para ele, ainda séria — ou eu terei que levar você para o banheiro?

Gabriel ri, passando a mão no cabelo, e nega com a cabeça.

—Isso eu sei fazer sozinho — ele diz rindo, e caminha em direção ao banheiro — apenas me dê uma toalha porque não trouxe nenhuma.

Abro a boca, incrédula, e começo a rir.

—Não é você que gosta de andar nu, confortável? — grito do quarto, rindo, e ouço ele fingir uma risada irônica. Pego uma toalha branca, e vou atrás dele.

—Esperava uma recepção com toalhas quentes — Gabriel diz, pegando a toalha, dentro do banheiro. Sorrio irônica e puxo a porta do banheiro, fechando-o ele dentro, enquanto permaneço fora.

—E não demore muito — falo perto da porta, e ouço um silêncio. Dou uma batida, brincando com ele, e ouço ele ligar o chuveiro.

—É bom que não tenham feito sexo nesse chuveiro, senão terei que encontrar alguma vizinha solteira nesse prédio para eu pedir o chuveiro emprestado — ouço sua voz zombeteira, e começo a rir. Gabriel nem imagina o que fizemos.

—É, então terá que encontrar — grito de volta, rindo. Meu lado escuro está se divertindo, se distraindo, mesmo com a briga que ocorreu.

—Já comece a me passar os nomes — ouço sua voz novamente — e eu espero que tenha sido só no banheiro. O quarto de hóspedes está intocado né?

—Tome banho, Gabi — grito, interrompendo sua brincadeira, ainda rindo, e caminho para a cozinha. Organizo as panelas e os temperos, deixando tudo na bancada, já que Gabriel

não sabe onde estão. Ouço a porta do banheiro abrir, após quinze minutos, e olho para a porta da cozinha. Gabriel para na porta, encostando a mão na parede, e sorri, com a toalha enrolada na cintura.

—Estou pronto — ele diz zombeteiro, e eu faço um gesto para ele sair da cozinha.

—Vá se vestir, não quero que cozinhe apenas de toalha — falo séria, mas por dentro estou rindo. Ele finge surpresa, e sorri.

—Estou confortável — ele diz, levantando as sobrancelhas.

—Mas eu não — falo, e sorrio — apenas Tom cozinhou nu — e meu lado escuro decide brincar com Gabriel, mesmo que falar de Tom me deixe apreensiva. Parece que com Gabriel, tudo fica mais leve, como se fosse tudo possível.

—É — ele começa a rir- então irei me vestir — fala, e sai da cozinha, caminhando para a sala. Passa novamente pela porta da cozinha,

segurando a mala, e assim que passa, vejo seu braço se esticar para trás, deixando a toalha no chão — Lili, coloque para mim no banheiro — ele grita, entrando no quarto. Abro a boca, tentando não rir com o modo divertido que Gabriel é.

—Dá próxima vez, ficará sem toalha — grito para ele, pegando a toalha no chão e levando ao banheiro — e sem banho também.

—Azar o seu — ele grita de volta — terá que me aguentar pelado.

Começo a rir, ouvindo ele fechar a porta do quarto para se trocar. Pego a roupa que deixei separada na cama, e entro no banheiro. Ligo o chuveiro, deixando a água morna cair pelo corpo, e meu lado escuro se lembra da expressão selvagem, furiosa de Tom. O que estava pensando, nesse momento, ao ver Gabriel apenas de cueca? Sei o que estava pensando, e isso me tortura, porque mesmo que eu tente provocá-lo, depois de tentar

conversar, ele irá se manter longe, já que as duas vezes que veio atrás de mim, no meu apartamento, encontrou situações suspeitas. E como Tom é, sempre supõe antes de me perguntar.

—Está ainda com o chuveiro ligado, Alice? — ouço a voz de Gabriel na porta — depois eu tenho que tomar banho rápido. Não cozinharei até que tenha saído do banho.

Rio, me distraindo novamente, e tomo meu banho. Me visto, deixando meu cabelo molhado, e saio do banheiro, encontrando Gabriel sentado no sofá, com a televisão ligada.

—Vamos cozinhar — digo séria, e pego o controle, desligando a televisão. Ele sorri, assentindo, vestido com uma camisa preta e um calção branco, e se levanta, me seguindo até a cozinha.

Me sento em uma cadeira da mesa, de frente para a bancada, e Gabriel caminha até ela, parando

em frente ao avental. Ele aponta, e me olha.

—E quando você disse que Tom cozinhou nu, foi nu ou de avental? — ele pergunta sério, mas sei que está brincando. Mordo o lábio, e assinto.

—De avental — respondo, levantando as sobrancelhas.

—Então cozinharei sem usar avental, querida. Se prepare para o melhor macarrão que já comeu — ele diz com um grande sorriso, e pisca um olho, se virando de costas para mim.

—Me surpreenda — exijo, colocando as minhas mãos na mesa, observando Gabriel começar a picar a cebola.

—Comece a contar — ele diz de costas para mim — senão irei parar de cozinhar e comeremos miojo.

Começo a rir, e respiro fundo. Meu lado escuro está decidindo o que contar.

—Tom está relutante em voltar comigo —

falo em um sussurro, e Gabriel olha para trás sobre o ombro. Levanta as sobrancelhas, surpreso.

—Por quê? — sua voz baixa é preocupada, e sua expressão é séria. Mordo o lábio, relutante em contar, já que não posso falar sobre o seu mundo.

—Porque ele acha que ficarei melhor sem ele — respondo séria, e ele se vira para frente novamente, cortando a cebola.

—E você disse que não é assim? Que tem outra opinião? — ele pergunta, sem me olhar, e respiro fundo.

—Já, mas ele não acredita — digo firme.

—Então faça ele acreditar — Gabriel aumenta o tom de voz, firme. Sorrio, e meu lado escuro está em chamas, feliz por Gabriel concordar com minhas ideias.

—Estou tentando, mas tudo parece conspirar contra, Gabi — murmuro, apoiando os cotovelos na mesa. Ele ri, e coloca a cebola na

panela, com um pouco de óleo. Observo ele mexer um pouco.

—Como o que? — ele pergunta, e me olha sério, levantando as sobrancelhas.

Respiro fundo. Conto ou não conto? Merda, meu lado escuro quer contar isso.

—Beijei Ed, após um evento que fomos, onde provoquei Tom. Ele veio até aqui, e viu tudo — conto rapidamente, me sentindo sufocada ao lembrar. Gabriel sorri, como se achasse graça, e nega com a cabeça.

—E por que beijou Ed? — ele pergunta, com uma expressão curiosa.

—Porque ele é meu amigo, porque me disse para tentar ver o que eu realmente sinto, e me senti motivada por esse pensamento — respondo, tentando encontrar uma explicação para todas as ações que tomei pelo meu lado escuro — porque gosto de Ed, como amigo. Ele está sendo muito

amigo, prestativo, e quis ver como era.

Gabriel sorri torto, e sua expressão é sugestiva.

—Sabe que isso é estratégia de homem, não é Lili? Se aproximar como amigo, estar lá como ombro amigo para então poder tirar sua roupa — ele me aponta com a colher de pau, e sorri — Esse Ed não é burro, e aproveitou o momento de fraqueza.

Abro a boca, incrédula com a forma direta que ele disse, e assinto.

—Eu sei, mas foi minha escolha. Eu quis ver se era a mesma sensação que sentia com Tom, quis ver se é realmente verdadeiro o que sinto por Tom — hesito, e respiro fundo, com uma expressão aflita. Gabriel me olha preocupado, e seu semblante mostra o interesse no assunto — e é.

—E Tom viu? — Gabriel pergunta, voltando à bancada. Abre um creme de leite e

começa a fazer o molho.

—Viu — murmuro — e quis ir embora. Tentei conversar com ele, mas para ele, eu estava seguindo o seu conselho de seguir em frente, enquanto ele não conseguiu — pauso, observando Gabriel cozinhar, e respiro fundo. Seu silêncio é para eu continuar — nos beijamos, mas ele foi embora. Na empresa, me ignora, me tratando como apenas sua estagiária.

Meu lado escuro omitiu tudo sobre Anya e Pandora. Não quero contar para Gabriel, principalmente porque ele não sabe nada de tudo o que aconteceu sobre Pandora e os Lehanster.

—Ele ainda pensa que você deve continuar em frente, que é melhor você sem ele? — Gabriel pergunta de costas, e sua voz me transmite que ele está pensando em algo.

—Sim. Até hoje. — respondo — provoquei ele na empresa, e resultou que Tom veio

aqui, mas não sei o que veio fazer — digo rápido, e respiro fundo, decidida à contar — ele disse que se envolverá com outra mulher.

Gabriel me olha sobre o ombro, levantando as sobrancelhas.

—Isso foi antes dele me encontrar aqui? — pergunta sério. Assinto, e ele respira fundo — é, provavelmente isso o motivará mais. Você terá que conversar com ele amanhã, Lili, e se ele não ouvir você, eu irei falar com ele — Gabriel diz sério, autoritário. Nego com a cabeça, franzindo a testa.

—Não, Gabi. Independente se ele me ouvir ou não, você não irá falar com ele — ordeno séria, decidida, mas Gabriel balança a cabeça, negando.

—Lili, eu irei falar, e você não irá me impedir. Tom está sendo cabeça dura, quer estar com a razão nas suas decisões, e você precisa provar para ele que está errado — Gabriel hesita,

passando uma mão no cabelo — vai ser difícil, mas se você provar, ele vai querer voltar, aceitando que errou.

—Mas como farei isso? — pergunto exaltada, fazendo um gesto com as mãos. Gabriel sorri, se virando novamente para continuar o molho.

—Terá que fazer tudo o que Tom não espera de você, Lili — Gabriel diz em voz baixa — o que ele esperaria que você fizesse, mas sabe que você não fará. Mostre para ele que você pode fazer, que você é mais do que ele conheceu — Gabriel pausa, e me olha sobre o ombro, piscando um olho — eu sei que você é, só falta você saber e mostrar para Tom.

Sorrio, sentindo meu lado escuro arder com as palavras de Gabriel, e mordo o lábio.

—Você lê meus pensamentos? — sussurro, e ele assente, se virando novamente — e

— eu hesito, tentando refrear meu lado escuro, mas ele me controla — o que eu posso fazer?

Gabriel dá de ombros, e ri.

—Isso você terá que saber — responde sério, e sua voz é calma — mas — ele hesita — e se ele transar com outra, você irá perdoá-lo? — Gabriel pergunta, sem me olhar, e respiro fundo.

Fecho os olhos, me sentindo torturada com a pergunta, e sei que isso eu não conseguirei perdoar. Meu lado escuro não perdoará também, desejando que eu consiga fazê-lo mudar de ideia antes que isso aconteça, porque se acontecer, tudo estará perdido.

—Não, não perdoarei ele — respondo em um sopro de voz. Gabriel me encara, e assente — preciso fazer ele voltar antes que faça alguma merda.

—Então converse com ele — Gabriel diz, provando o molho. Pega a outra panela, com água

quente, e coloca a massa dentro — antes que ele faça algo.

—Eu conversarei — digo, me levantando. Me sinto mais aliviada por conversar com Gabriel, e caminho em sua direção, o abraçando por trás. Coloco minha cabeça no seu ombro — muito obrigada. Agora me conte sobre você.

Gabriel vira o rosto na minha direção e sorri.

—Eu estou solteiro, apenas com Katrina, Lili — diz zombeteiro — e algumas mulheres em camas diferentes. E nesse momento, psicólogo amoroso.

Rio, batendo levemente no seu ombro, e me afasto. Pego os pratos e os coloco na mesa, deixando-a pronta. Fito-a por alguns segundos, me lembrando de quando jantava com Tom, e me sinto torturada novamente por pensar que pela segunda vez, eu quase consegui algo.

—Lili? — Gabriel pergunta, parado atrás de mim — pare de ficar pensando nisso, e faça acontecer.

O encaro, surpresa, e ele passa por mim, abrindo a geladeira, e pega o suco.

—Está quase pronto. Preciso de uma travessa — ele diz, desligando o fogão. Pego uma travessa no armário e entrego para Gabriel, que coloca a massa e o molho por cima. Segura a travessa com as duas mãos, na minha direção, e sorri.

—Está pronta a janta, querida — ele diz zombeteiro. Me sento na mesa, e Gabriel se senta na minha frente, me servindo primeiro.

Jantamos conversando sobre nossos pais, nossas profissões e o antigo relacionamento dele, mas Gabriel não quis entrar em muitos detalhes. Depois de jantarmos, decidimos por um filme de comédia, me distraindo ainda mais com Gabriel.

Acordo com o despertador, e me arrumo para a faculdade, deixando Gabriel dormir no quarto de hóspedes. Na faculdade, Dana me entrega o convite da festa de aniversário de Carlos, que acontecerá em um mês. Segundo ela, Tom ainda não confirmou presença, por mais que tenha ajudado em tudo. Permaneço quieta durante toda manhã, ouvindo-a contar sobre o Carlos, e evito de pensar sobre o fato de que terei que conversar com Tom na empresa. Dana tenta perguntar sobre ele, mas dou a entender que prefiro não conversar sobre Tom. Minha conversa com Gabriel já foi o suficiente, e Dana sabe menos que Gabriel.

Almoço com Gabriel, no meu apartamento, e decido ir mais cedo para a empresa, com o objetivo de conversar com Tom, e Gabriel já me avisa que quer mensagens avisando como foi.

Fito meu reflexo no espelho do elevador da empresa. Minha saia lápis preta, justa, está ornando

com a camisa de seda bege, larga. Fito minha maquiagem, mais delineada que o normal, e respiro fundo, passando a mão no cabelo. Tentarei provocá-lo ainda, mesmo que meu lado escuro suspeite que não surtirá efeito.

As portas do elevador se abrem, e caminho firme pelo corredor, virando com passos rápidos. As mesas de Ana e Mônica ainda estão vazias, e agradeço por ter esse momento para falar com Tom. Paro em frente a sua porta, e bato, abrindo-a.

Olho para dentro, e Tom levanta lentamente a cabeça, sentado em sua mesa. Seus olhos me fuzilam, e ele os desvia para baixo, novamente. Seu semblante é impassível, se controlando, e seus olhos são ferozes.

—O que gostaria, Alice? — pergunta com um tom formal, autoritário. Respiro fundo, e meu lado escuro reúne as forças, me empurrando para frente. Entro na sala, fechando a porta, e caminho

em sua direção, firme.

—Gostaria de falar com você, Tom — digo autoritária, enfatizando seu nome. Ele levanta uma sobrancelha, e me olha lentamente. Sua expressão é distante, como se eu não o afetasse.

—Se for algum assunto do trabalho, diga — sua voz rouca é autoritária, e seus olhos parecem me queimar. Respiro fundo, e nego com a cabeça.

—Não, é sobre Gabriel — respondo, e o semblante de Tom se torna distante, ainda mais impassível. Ele se levanta, me encarando.

—Gostaria que respeitasse meu trabalho, Alice. Se não tiver mais algum assunto para tratar comigo, pediria que se retire e me deixe trabalhar —ele diz sério, autoritário, e sinto meu corpo inteiro se arrepiar com sua voz, mas sua expressão continua distante. Meu lado escuro se tortura.

—Tom — tento falar, mas ele me encara.

—Por favor, Alice — sua voz rouca é mais

baixa, mas seu tom ainda é autoritário. Mordo o lábio, sentindo meu coração apertado.

—Gabriel é meu grande amigo, Tom, apenas isso — falo rápido, tentando ignorar seu pedido, mas ele me encara por segundos, sem expressar qualquer emoção — não aconteceu nada.

—Alice — Tom sussurra meu nome, retesando a mandíbula, e fecha os olhos. Percebo que não consegue mais controlar a expressão distante, e seu rosto se torna selvagem — saía agora — ele sussurra com sua voz rouca, ameaçadora. Levanto as sobrancelhas, confusa. Mesmo com minha explicação, ele não quer ouvir? Respiro fundo, e me viro, caminhando em direção à porta.

Paro à centímetros da porta, e olho para ele sobre o ombro. Tom me fita intensamente, me devorando com os olhos, e seu semblante é furioso.

Abro a porta, e saio da sala, encontrando Ana de pé ao lado da sua mesa. Ela arregala os olhos, surpresa por me ver, e Mônica também chega.

—O que estava fazendo, Ali? — Ana pergunta, com um sorriso sugestivo, e respiro fundo, desviando os olhos para a minha mesa, enquanto caminho na direção. Me sento, e encaro Ana.

—Estava resolvendo alguns assuntos do meu trabalho, algum problema? — pergunto educadamente, e Ana levanta as sobrancelhas, surpresa com minha voz cortante. Ela nega com a cabeça, e abaixa o rosto, começando a arrumar a própria mesa.

—Está muito brava hoje, Ali — Mônica comenta, também sentada. Ignoro seu comentário, e ela percebe que não irei responder nenhuma provocação.

A tarde se arrasta, e meia hora antes do meu horário acabar, pego o celular, vendo uma mensagem de Gabriel.

Como foi?

Respiro fundo, frustrada com a tentativa falha, e respondo.

Tom não me ouviu, mas não quero que você fale. Além de que nem sabe onde estamos. Me espere no apartamento.

Envio, voltando a minha atenção ao trabalho. Quinze minutos se passam, em silêncio, e ouço passos pelo corredor. Ana e Mônica também fitam o corredor, curiosas, já que ninguém agendou nada com Tom. E um homem vira o corredor, sério, com uma camiseta preta e uma calça jeans escura. Seus olhos se encontram com os meus, e os arregalo, assustada. Gabriel.

Respiro fundo, sem conseguir tirar os olhos dele, e ele para na mesa de Ana.

PERIGOSAS NACIONAIS

—Gostaria de falar com o Sr. Haltender. — ele diz sério, e Ana franze a testa, ainda mais curiosa. Como Gabriel descobriu onde é a empresa? Provavelmente pela internet, assim como o sobrenome de Tom, mas ele finge não me conhecer, para que as secretárias não especulem.

—Um momento — Ana diz séria, sem tirar os olhos de Gabriel, descendo pelo seu corpo lentamente, devorando-o. Ela pega o telefone e informa Tom que alguém está esperando para conversar com ele. Tento segurar o riso, vendo os olhos banhados de luxúria de Ana, e tento imaginar o que ela faria com Gabriel. Ana desliga o telefone e sorri.

—O Sr. Haltender irá atendê-lo nesse momento — fala, contornando a mesa e parando ao lado de Gabriel — me acompanhe — a voz de Ana é baixa, e ela caminha rebolando até a porta da sala de Tom, abrindo-a um pouco — por aqui.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Gabriel a segue, passando por ela, e assim que passa, pisca um olho para Ana, zombeteiramente. Mordo o lábio, tentando segurar a risada, já que sei que ele fez de propósito, percebendo os olhos devoradores de Ana.

E a porta se fecha, deixando Gabriel com Tom dentro da sala. Meu lado escuro quer que eu vá lá, que eu entre e participe da conversa, mas sinto que irei piorar tudo. Não queria Gabriel conversando com Tom, por mais que meu lado escuro quisesse.

E o que Tom fará? Ele não poderá perder o controle dentro da empresa, e por um lado, é bom que estejam conversando aqui. Tento acalmar o tremor que invade meu corpo, assim como o suor frio, e me concentrar no trabalho. Olho para o relógio, vendo que já está no horário de ir embora, mas não quero ir, quero ver o final da conversa deles.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

—Não irá embora, Ali? — Ana pergunta, desligando o notebook e arrumando sua bolsa. Sorrio amarelo para ela, me sentindo tensa, encolhida, sem conseguir imaginar o que está se passando dentro da sala.

—Vou — murmuro, e fecho os olhos. Terei que ir embora, enquanto Gabriel continua trancado com Tom, e meu lado escuro está se afundando em curiosidade. Abro os olhos, e começo a arrumar minha mesa, desligando o notebook. Ana e Mônica param de pé, próximas à minha mesa, me esperando. Sorrio ainda mais amarelo, e acompanho elas pelo corredor, em silêncio. Ana começa a falar sobre uma loja que conheceu, e as portas do elevador se abrem. Permaneço em silêncio, ouvindo Ana falar, e assim que chegamos no térreo, ando mais rápido, me despedindo delas. Caminho apressada para o meu apartamento, agoniada por não saber o que eles

conversam. Pego meu celular e mando uma mensagem para Gabriel.

Eu pedi para você não ir. O que estão conversando? Está tudo bem?

Envio, fitando apreensiva o celular. Alguns minutos depois, ele vibra.

Está tudo bem, querida. Estamos conversando apenas, agora de forma civilizada. Me espere com o jantar pronto.

Abro a boca, furiosa com o atrevimento de Gabriel por me tirar do assunto.

Entro no meu prédio, rápido, e subo pelo elevador. Meu coração está acelerado pela ideia deles conversando, e meu lado escuro espera um resultado satisfatório. Entro no meu apartamento, largando a bolsa em uma poltrona, e sento no sofá, fitando o celular. Os minutos transcorrem lentamente, e me sinto ainda mais aflita pela demora de Gabriel. O que eles estão conversando?

Respiro fundo, e decido que é melhor eu me distrair. Vou para o meu quarto, escolhendo uma calça jeans escura e uma blusa solta, de alças finas. Vou para o banheiro, e ligo o chuveiro. Tiro a roupa, sem conseguir parar de pensar, e entro embaixo do chuveiro, deixando a água escorrer pelo meu corpo. O que Gabriel está falando para Tom? E o que Tom está contando? Meu lado escuro sabe que ele não contará sobre Pandora, mas o que então?

Tomo meu banho, e me visto. Assim que saio do banheiro, ouço a campainha do apartamento, e meu coração acelera ao imaginar que é Gabriel, já voltando para me contar. Corro até a porta, agoniada, e a abro. Abro a boca, surpresa por não ser Gabriel, mas Ed.

—Ed? — pergunto retoricamente, tentando não demonstrar minha frustração e curiosidade por ele estar aqui. Ed está vestido com uma camisa e

um blazer preto, com calças jeans. Suas mãos estão escondidas atrás do corpo.

—Estou fazendo uma surpresa — ele sussurra, e então levanta as mãos, com um buquê de flores vermelhas e um convite grande, branco. Arregalo os olhos, surpresa, e Ed ri.

—É o convite do nosso evento, Ali — explica, me entregando o convite e o buquê. Sorrio, e meu lado escuro gosta de saber que o evento está se aproximando. Pego o buquê e o convite, e Ed entra no meu apartamento, fechando a porta.

—Obrigada, Ed — murmuro, pegando um vaso para colocar o buquê. Ele caminha e senta no sofá, com os olhos fixos em mim. Abro o convite, e vejo que a data é no próximo sábado, sem ser esse. Olho surpresa para ele, e sua expressão é de preocupação.

—Você me acompanharia, não é? — ele pergunta em um sussurro, e meu lado escuro quer

dizer que sim, como uma estratégia de mostrar para Tom que continua amiga de Ed, como se o beijo não tivesse significado nada. Mas e se eu voltar com Tom, até lá, terei que avisar ele. Se eu voltar, porque não sei o que está acontecendo entre Gabriel e Tom.

—Sim — respondo firme, e sorrio levemente — mas acho que antes precisamos conversar, Ed — falo autoritária, caminhando em sua direção. Sento no sofá à sua frente, vendo o seu semblante de preocupação — sobre o que aconteceu naquela noite.

Ed sorri lentamente, e seus olhos estão aflitos, fixos em mim. Respiro fundo, e me inclino um pouco na sua direção.

—Eu gostei do que aconteceu — meu lado escuro dita as palavras — foi bom — Ed sorri um pouco mais, satisfeito — mas ainda sim, não é o que eu sinto por Tom, se você me entende —

completo, e Ed morde o lábio, assentindo.

—E vocês voltaram? — ele pergunta, me interrompendo. Nego com a cabeça, e ele se inclina na minha direção, pegando a minha mão.

—Não, estamos conversando apenas — digo, mudando um pouco a história, porque na verdade quem está conversando é Gabriel — mas independente disso, Ed, eu o quero apenas como amigo, se você quiser.

Ed aperta a minha mão, e assente, com um sorriso triste.

—Você sabe que eu quero e vou estar aqui, se você decidir mudar de ideia — ele fala baixo, me fitando intensamente. Me lembro das palavras de Gabriel, e meu lado escuro queima ao ver que Ed continuará na espreita — eu entendo você, e vou continuar sendo seu amigo, Ali, não se preocupe.

Sorrio, satisfeita por dizer isso à ele, e por

ele entender, desejando que com o tempo Ed perca as esperanças. Ele aperta ainda mais a minha mão, e a solta, com um grande sorriso.

—Era isso — ele murmura, se levantando — vou ter que ir, tenho que organizar tudo com Armando.

Assinto, acompanhando-o até a porta, e a abro para ele. Ed para na minha frente, ainda com os olhos fixos em mim.

—Você irá se divertir lá — ele sussurra, e antes que eu consiga ter alguma reação, ele avança sobre mim, me abraçando forte. Levanto os braços, retribuindo educadamente, e ele se afasta com um grande sorriso no rosto — e eu por ir com você.

Sorrio para ele, e Ed se afasta, caminhando para o corredor.

—Aviso você sobre os detalhes — ele diz, e se vira, caminhando em direção ao elevador. Sigo Ed com os olhos, e assim que as portas do elevador

se abrem, Gabriel sai por ele, cruzando com Ed. Arregalo os olhos, e meu lado escuro tenta rir com a coincidência, mas consigo permanecer séria. Eles se cumprimentam, e Ed entra no elevador, sem perceber que Gabriel caminha em direção ao meu apartamento. Fito ele, ansiosa, e caminho para o sofá, esperando ele chegar. Gabriel cruza a porta, sério, fechando-a, e me encara.

—Quer saber, não é? — ele pergunta preocupado, e caminha na minha direção, sentando ao meu lado.

—É claro que eu quero — respondo rápido, percebendo sua expressão aflita. Algo não saiu como o esperado. Gabriel coloca o braço reto sobre o encosto do sofá, me fitando.

—Tom me ouviu, entendeu que a situação que ele imaginou foi errada — Gabriel começa a falar baixo, sem tirar os olhos de mim, analisando meu rosto. Levanto as sobrancelhas, ainda mais

curiosa — mas mesmo eu tentando, ele disse que não quer voltar, que o melhor é você seguir adiante, porque ele já está seguindo.

Abro a boca, incrédula. Meu lado escuro não consegue absorver as palavras.

—Já está seguindo? — repito suas palavras, e Gabriel dá de ombros.

—Não sei se é verdade, Lili, mas ele foi categórico. Não tive o que fazer, a não ser concordar, porque não sei se ele está mentindo ou não — Gabriel fala baixo, envolvendo meu corpo com seu braço e me puxando para o seu peito — terá que descobrir, Lili, e decidir o que fazer. Sabe que vou apoiá-la no que decidir.

Estou confusa, torturada. Se ele seguiu em frente, mesmo, tudo acabou, mas se estiver mentindo, eu terei que encontrar algum outro plano.

E meu lado escuro pensa em um nome.

PERIGOSAS NACIONAIS

Anya.

Não, não irei ceder para a sua proposta, porque mesmo com todos os problemas, posso conseguir Tom de volta, posso me libertar sozinha.

Deito a cabeça no peito de Gabriel, agoniada, sem dizer nada, e ele beija a minha cabeça.

—Vai dar tudo certo, Lili — ele sussurra, e então levanta a cabeça, fitando as flores — quem deu flores para você?

Sorrio, mesmo aflita, sem conseguir para de pensar em Tom.

—Ed. Ele veio me entregar o convite do evento das fotos, que acontecerão na próxima semana — respondo, e olho para Gabriel, que sorri.

—É uma boa oportunidade para mostrar para Tom o que você pode fazer — Gabriel sussurra, e franzo a testa, não entendendo. Ele me fita, percebendo a minha confusão — vi o mesmo

PERIGOSAS ACHERON

convite na mesa de Tom, hoje. Você pode encurralar ele lá, e mostrar do que é capaz, Lili — Gabriel sorri, e nego com a cabeça, achando graça do seu plano.

Se fosse tão simples assim, meu lado escuro já teria feito.

Me levanto, caminhando para a cozinha, e Gabriel me segue.

—E Tom comentou algo sobre você se expor ainda mais — Gabriel comenta, parando na porta da cozinha — isso incomodou ele.

Olho para Gabriel, um pouco confusa, e então me lembro da conversa com Augustine. Meu lado escuro sorri, decidido que se isso incomodou Tom, irei incomodá-lo ainda mais, até que ele não aguente e venha de novo. E no fundo, eu gostei da ideia de mais fotos, algo em mim está mudando.

—Um fotógrafo famoso me convidou para participar de uma campanha futura, e eu não neguei

— explico para Gabriel, que sorri lentamente.

—Vai virar famosa? — ele pergunta zombeteiro, e se aproxima de mim. Nego com a cabeça, rindo.

—Só verá mais meu rosto, querido — , , respondo sorrindo, e Gabriel se senta em uma cadeira da mesa.

—E Tom também — ele fala, me apontando o dedo indicador — é uma boa ideia.

Assinto, e começo a cozinhar nossa janta, desejando que algo aconteça. Meu lado escuro precisa de um novo plano, um plano que tire as palavras de Anya da minha cabeça, trazidas pelo meu lado escuro.

Abro a porta do meu apartamento, ligando as luzes da sala.

A semana transcorreu lentamente. Gabriel foi embora na quarta-feira, deixando sua ausência das brincadeiras e piadas. Dana também insistiu em jantar comigo, na quinta-feira, e trouxe Ed junto, fazendo uma grande janta no meu apartamento, mas ambos foram bons amigos e me distraíram. Ed não tentou nada, permaneceu como meu amigo atencioso apenas, e Dana recusou o convite do evento, já que viajará com Carlos no final de semana que ocorrerá.

E Tom permaneceu como o Sr. Haltender durante toda a semana, distante, autoritário. Tentei falar com ele novamente, mas ele educadamente chamou Ana, arranjando uma desculpa para que ela

interrompesse a minha tentativa, e aos poucos meu lado escuro foi perdendo a estratégia de provocá-lo, de tentar conversar. Permaneci distante também, confusa, sem saber o que fazer, e com o passar dos dias, ele se afastava ainda mais, deixando tudo frio.

Agora, fitando minha sala silenciosa, nesta sexta-feira chuvosa, meu lado escuro me lembra novamente de Anya. Não, mesmo com todos os meus planos fracassando, não vou ceder à ideia do meu lado escuro. E preciso saber se Tom já está com outra realmente, não uma amiga, como Nássia.

Caminho para o meu quarto, deixando minha bolsa na cama, e respiro fundo, sentando. O que eu poderei fazer? Estou perdendo lentamente as esperanças, e sinto que posso estar realmente perdendo qualquer chance para ter Tom de volta.

Deito na cama, cansada, e adormeço,

tentando pensar em algum plano que possa ter efeito.

Acordo com meu celular vibrando, e um número desconhecido pisca na tela. Franzo a testa, e atendo.

—Alô — digo firme, fitando o relógio ao lado da cama. Oito horas da noite. Quem seria?

—Olá, Alice? — uma voz familiar, de homem, surge no telefone, mas não consigo me lembrar quem é. Fito o escuro do quarto, tentando lembrar.

—Sim, quem gostaria? — pergunto educadamente, e meu corpo inteiro se arrepia ao lembrar de quem pertence a voz.

—Augustine — ele responde, confirmando as suspeitas do meu lado escuro. Sorrio no escuro, tentada pelas palavras que ele disse na festa — lembra de mim?

Sorrio ainda mais, mordendo o lábio,

ansiosa, sentindo a adrenalina invadir meu corpo, com uma vertigem por algum plano surgir.

—Lembro, Augustine — respondo animada — a que devo sua ligação?

Ouço uma risada leve, aumentando minha sensação de vertigem.

—Eduardo me passou seu número, e decidi fazer uma proposta. Irei fazer uma campanha de uma marca famosa, e estou atrás de modelos. Estaria interessada, Alice? — sua voz lenta, animada, transmite o que eu queria, e meu corpo se arrepia.

—Estaria, Augustine — respondo, sentindo minhas mãos tremerem pela sensação desconhecida de aceitar algo nunca imaginado.

—Ótimo — sua voz é animada — adorarei trabalhar com você. Estará na cidade na próxima semana, para conversamos pessoalmente?

Sorrio ainda mais, e respiro fundo, tentando

me acalmar.

—Estarei. Aguardo ansiosa para combinarmos então — respondo rápido, e ouço a risada de Augustine.

—Eu também. Irei organizar minha agenda, e retorno a ligação — ele diz, e eu sinto meu coração acelerado sair do peito — obrigado pela atenção, tenha uma boa noite.

—Boa noite também — murmuro, sem conseguir me controlar, e Augustine desliga. Sorrio, me sentindo eufórica pela proposta. Algo aconteceu para esquentar minha semana fria, e espero que isso incomode ainda mais Tom, surtindo algum efeito.

Deito novamente na cama, já sem sono, sorrindo por algo acontecer. Isso mudará tudo, e mesmo com medo, meu lado escuro me deixa corajosa para tentar mudar os planos da minha vida. Para tentar fazer algo que agora eu estou gostando,

mudando meu pensamento sobre me expor. Estou diferente, e isso é consequência. Tudo será consequência, e espero uma delas seja a volta de Tom.

O final de semana passa rápido, e assim que conto para Dana e Ed, eles decidem invadir meu apartamento, passando o sábado à noite com vinho e comemoração por eu ter aceitado. Meu lado escuro se sente satisfeito por mais essa distração, e ansioso para que chegue segunda-feira, ansioso para que Tom saiba.

E como eu ansiava, a segunda-feira chega.

Respiro fundo, sentindo meu coração acelerado, batendo como uma escola de samba no meu peito, e as portas do elevador se abrem, revelando o corredor que leva para a sala de Tom. Caminho lentamente, ouvindo meus saltos baterem no chão, e passo pelas mesas de Ana e Mônica. Ambas estão atarefas, e me cumprimentam

educadamente, sem prestar atenção na minha expressão de ansiedade.

Sento na minha mesa, sentindo meu corpo arrepiado, com uma vertigem enlouquecedora, e fito a porta da sala de Tom. Ligo meu notebook, esperando que em algum momento eu possa perceber que ele sabe do meu futuro trabalho com Augustine.

As horas transcorrem rápido, e continuo meu trabalho, sem deixar de pensar no que meu sim pode ter feito com Tom. O que terá acontecido? Irá surtir algum efeito? Meu lado escuro está temeroso, ainda me lembrando de Anya, mas também está satisfeito por eu dar esse passo.

Um pouco antes do meu horário acabar, já sem esperança de vê-lo, a porta do seu escritório abre, e Tom sai. Meu coração volta a acelerar, como se bombeasse sangue para uma população, e sinto um suor frio pelo meu corpo. O ambiente se

torna abafado, e o encaro.

Seus olhos azuis escuros se encontram com os meus, ferozes, e sua expressão distante, autoritária, se transforma em tortura, uma fúria controlada. Ele respira fundo, ainda com os olhos em mim, e percebo que ele sabe. De alguma forma, ele já foi informado da minha conversa com Augustine.

Sorrio lentamente, e Tom desvia os olhos, passando por mim, e vai embora. Sigo-o com os olhos, aturdida, assombrada por ele não ter falado nada, por não ter reagido, mesmo sabendo.

Ana e Mônica também o seguem, e me sinto esmagada. Meu lado escuro confirma as suspeitas de que talvez nem isso mude sua opinião ou o incomode o suficiente para fazê-lo vir até mim. Talvez eu realmente tenha perdido Tom.

Talvez, depois de tudo o que aconteceu, ele se afastou o suficiente para deixar de me amar, e

meu lado escuro se tortura ao pensar nisso, me lembrando da proposta de Anya. Não.

Desligo meu notebook, sentindo meu coração apertado, me torturando, e vou embora da empresa, sem esperar Ana e Mônica. Caminho lentamente para o meu apartamento, me sentindo sozinha, sem esperanças de que posso mudar algo, realmente. Estou ainda satisfeita por ter aceitado a proposta de Augustine, porque acima de tudo, eu realmente quero tentar algo diferente. Mas o fato de isso não ter feito Tom ceder, tornou minha alegria menor.

Paro na calçada, esperando para atravessar a rua do prédio, e um Porsche preto acelera na esquina, diminuindo a velocidade. Levanto as sobrancelhas, surpresa, e o carro passa lentamente por mim. O vidro do motorista está abaixado, e no volante, está Tom. Ele vira o rosto na minha direção, lentamente, e seus olhos azuis escuros se

encontram com os meus, selvagens. Sua expressão é feroz, e ele passa por mim, desaparecendo pela rua. Abro a boca, incrédula por ver ele, e meu lado escuro se pergunta qual foi a intenção.

Respiro fundo, sentindo meu corpo inteiro tremer, uma sensação de calor invadir meu corpo, assim como o suor frio, e atravesso a rua, entrando no meu apartamento.

O que Tom estava fazendo, ou foi proposital passar por mim? Estou confusa, me sinto perdida dentro do turbilhão de emoções que sinto ao vê-lo assim, fora da empresa, com os olhos em mim.

O elevador para no meu andar, e saio, caminhando apressada para o meu apartamento. Abro a porta, entrando na minha sala, e ligo as luzes. O vazio se faz presente, e desejo que Tom estivesse aqui. Que tivesse parado o carro e entrasse no meu apartamento, mas ele permaneceu

distante, frustrando novamente os meus planos. Estou perdida, receosa por ter realmente perdido.

Deixo a bolsa na poltrona, e respiro fundo, me sentindo torturada pelo silêncio. Tudo fez meus planos fracassarem, e mesmo que eu continue tentando, meu lado escuro não consegue acreditar que eu mude algo. E as palavras de Anya, sobre eu precisa me libertar realmente, surgem novamente na minha mente. Fecho os olhos, negando. Eu consigo sozinha, e não preciso realmente me libertar como ela diz. Posso tê-lo de volta dessa forma, e por mais tentado que meu lado escuro esteja de me libertar, eu o controlo.

Vou para o quarto, escolhendo uma roupa para vestir depois do banho, e penso no que poderei jantar. Me sinto tão torturada que estou sem fome, mas preciso comer algo, mesmo que a visão fria de Tom permaneça na minha cabeça.

Entro no banho, me sentindo devastada por

ter fracassado, por estar tão confusa, e agora a proposta de Augustine parece não ser tão animadora assim. Estou satisfeita por ter aceitado, por mim mesma, por me permitir arriscar algo que foge dos meus planos, mas ainda sim, queria que Tom estivesse aqui, queria sentir sua pele quente, seu sexo de fogo. Queria seu mundo de volta, junto com tudo novo que está acontecendo comigo.

As lágrimas deslizam pelo meu rosto, junto com a água, e as palavras de Gabriel retornam. Talvez ele já estivesse seguindo com outra, enquanto eu ainda quero acreditar que ele não conseguiu. Ele pode ter se sentido motivado, depois de ter visto eu beijar Ed, depois de brigar com Gabriel.

Talvez eu tenha perdido Tom, e meu lado escuro quer me ditar os próximos passos, mas me recuso a ouvir.

Saio do chuveiro e me visto, desanimada

para pedir alguma comida. Sento no sofá, sem vontade de ligar a televisão, e o silêncio é esmagador, me dizendo que Tom não está aqui, e mesmo com tudo o que eu fizer, ele não estará.

A campainha corta o silêncio, me assustando, e fito a porta, curiosa, apreensiva. Não consigo imaginar quem seja, desejando Tom, mas meu lado escuro afirma que não é. Meu lado escuro não sabe quem é, mas desconfia que seja Ed, novamente, querendo fazer alguma surpresa.

Me levanto, sem vontade de atender a porta, mas meu lado escuro me impulsiona para frente. Seguro a maçaneta, e a abro. Arregalo os olhos, surpresa, e meu coração para, sem conseguir reagir ao que vejo. Um suor frio surge pelo corpo, aumentando a tensão, e respiro fundo.

Nássia levanta a cabeça, me fitando intensamente com os olhos tranquilos.

—Olá, Alice — sua voz fina me deixa

ainda mais surpresa, e abro a boca, com uma sensação de assombro. Sua expressão é calma, e ela sorri lentamente. Meu lado escuro estava errado, pela primeira vez, e está sem reação.

ALICE

Abro a boca para dizer algo, enquanto meus olhos continuam fixos nos olhos tranquilos de Nássia, mas minha voz não sai. Respiro fundo, fitando-a curiosa e franzo a testa.

—O que está fazendo aqui? — a pergunta sai sem que eu consiga controlar, em um sussurro, sentindo a tensão do meu lado escuro. Sinto um

arrepio de receio pelo corpo, e seguro forte a maçaneta. Nássia sorri ainda mais, rindo levemente.

—Não me convidará para entrar? — pergunta educadamente, sem tirar os olhos de mim. Sua expressão continua calma, como se a minha rispidez não a afetasse. Como se já esperasse essa recepção. Meu lado escuro permanece firme.

—Convidarei — digo firme, autoritária — se me falar o motivo da sua visita.

Nássia respira fundo, ainda sorrindo, e assente com a cabeça, deixando os cabelos castanhos, ondulados, baterem em seu blazer azul marinho, com uma camisa social justa por baixo, com um grande colar de ouro no pescoço.

—Tom é o motivo, Alice — diz com sua voz baixa, calma — Tom é o motivo da minha visita, e estamos pensando no mesmo homem loiro de olhos azuis.

Abro a boca, surpresa, e meu lado escuro

anseia por ouvir o que ela tem a dizer. Dou um passo para trás, abrindo a porta para ela entrar, sem tirar meus olhos curiosos dela. Nássia desvia o olhar, observando meu apartamento, e entra, caminhando lentamente, segurando sua bolsa no antebraço flexionado, de modo elegante. Ela para, e eu fecho a porta, caminhando ao seu lado.

—Sinta-se a vontade — murmuro, indicando o sofá, desejando que ela fale o mais rápido possível. Observo Nássia caminhar lentamente na sala, e se senta de frente para mim, me fitando atentamente. Coloca a pequena bolsa no colo, e sorri. Respiro fundo, e caminho para a poltrona à sua frente, me sentando.

—Você deve ter se sentido deslocada, quando conheceu Tom — ela comenta, percorrendo meu apartamento com os olhos — e Tom deve ter realmente se fascinado por você — sua voz se torna mais baixa, desviando os olhos para mim. Franzo a

testa, um pouco incomodada por observações, e a fuzilo com os olhos.

—Diga o que quer, Nássia — falo educadamente, em um tom firme, e minha expressão demonstra a curiosidade que sinto. Ela sorri, assentindo, e cruza as pernas, me fitando intensamente, e sua expressão é séria. Ela junta as mãos sobre a bolsa no colo, e a luz da minha sala ilumina todo o seu rosto.

—Tom não pode saber que falei com você, Alice — ela fala firme, e levanto as sobrancelhas, assombrada por sua declaração. Seu semblante é atento, e sua voz é baixa — senão perderei minha amizade com um grande amigo que estimo muito, e não perdoarei você por isso, se me entende.

Assinto, sentindo minha respiração se tornar acelerada, assim como meu coração. O suor frio começa a brotar pelos poros da minha pele, e respiro fundo, tentando controlar minha ansiedade.

—E o que você quer falar? — pergunto, levantando as sobrancelhas. Minha voz é um sussurro, e Nássia sorri, satisfeita por ter a minha atenção.

—Tom me contou sobre vocês — Nássia fala, analisando minha reação. Abro a boca, sem conseguir me controlar, tentando compreender sobre o que ela está se referindo. O que ele contou? Me inclino um pouco, passando uma mão no cabelo.

—Como assim? — sussurro, e ela me encara séria novamente.

—Tom me contou que tentou fazer você se libertar mais com ele, aceitar o modo como ele vive, mas que você não conseguiu — ela fala calmamente, em uma voz baixa, ponderada, analisando minha expressão de surpresa. Ele não contou sobre Pandora — você se recusou a perdoar seus erros e Tom decidiu se afastar — ela pausa,

esperando minha resposta. Mordo o lábio, assentindo.

—Mas eu o perdoei, eu o quero de volta — digo firme, e Nássia se inclina na minha direção, prestando atenção — eu percebi que — hesito, tentando escolher as palavras, mas meu lado escuro sabe o que eu percebi — ele me mostrou o que eu gosto, o que eu sou.

Ela levanta as sobrancelhas, surpresa.

—Mas Tom não acredita, Alice — Nássia me interrompe em um tom firme — Tom ainda acredita que você está insistindo porque sente falta dele, mas não que realmente se abriu para ele. Ele acha que você está se forçando à algo que não quer realmente, apenas por desapego.

—Mas se eu não o quisesse, não estaria insistindo como estou — respondo, tentando me controlar. Estou brava por Tom pensar desse modo, e por contar para Nássia.

—Ele me contou que viu você com Ed — ela sussurra, com os olhos vidrados em mim. Abro a boca, incrédula. O que Tom contou para Nássia?

—Eu apenas o beijei, Nássia — falo autoritária, demonstrando a fúria que sinto — Ed é um grande amigo, e por mais que tenha tentando uma oportunidade, eu quis ver o que sentia. Quis ver se o que eu sentir por Tom era tão real como eu imaginava.

Meu lado escuro está furioso por estar dando satisfações para ela, que na verdade, não tem motivo para estar envolvida. Fico em silêncio, e desvio os olhos, minhas mãos.

—E é real? — ela pergunta alto. Levanto os olhos, fitando-a intensamente.

—Sim. Não senti nada por Ed, comparado à Tom — murmuro, e minha voz é sincera. Ela assente, e sorri lentamente. Franzo a testa, curiosa pela sua expressão.

—Sou amiga de Tom, Alice, e desde que o conheço, nenhuma mulher o envolveu dessa forma — seu tom de voz é alto, claro, e seu semblante se torna sério novamente.

—Mas vocês já se envolveram uma vez, não é verdade? — a pergunta sai antes que eu perceba, e Nássia levanta a cabeça, um pouco incomodada por ouvir isso.

—É verdade — diz firme — eu já transei com Tom, quando nos conhecemos — afirma, e levanta as sobrancelhas — mas que mulher resiste à ele, Alice? Você conseguiu resistir? — sua pergunta é retórica, e abro a boca, mas ela não espera que eu a interrompa —Tom soube me envolver, quando nos encontramos em um bar, na praia onde estávamos, há seis anos. Transamos na casa que tenho lá, e passamos alguns dias como amigos.

—Até que ele descobriu que você transava

com Enzo Lehanster? — a interrompo, e Nássia fecha os olhos.

—Exatamente — sussurra, abrindo os olhos e os fixando em mim — ele descobriu que eu transava com Enzo, e decidiu não me tocar mais — sua voz aumenta, decidida — Tom não se envolve com mulheres que se relacionam com outros homens ao mesmo tempo, desde seu conturbado relacionamento anterior.

—Com Eva — mostro que sei sobre o que ela está falando, e Nássia assente.

—Com Eva — ela repete minhas palavras, balançando a cabeça — depois nos tornamos grandes amigos. Tom nunca me contou sobre outra mulher, até ele conhecer você — Nássia levanta as sobrancelhas — ele me contou sobre você, e como estava fascinado pelo seu jeito, mas temia que não fossem dar certo, que você se assustasse com ele, mas insistiu em você, até o problema de Antone a

colocar em perigo.

Franzo a testa, confusa. Então Nássia sabe sobre isso, mas não sabe sobre Pandora?

—Você sabe? — deixo escapar em um sussurro, e ela assente, demonstrando preocupação.

—Enzo me contou, Alice — ela me informa — quando tudo começou, Enzo me contou, preocupado. Tom já não conversava tanto comigo com frequência, mas eu sabia que ele também estava envolvido, e quando o acidente aconteceu, ele veio na minha casa — Nássia respira fundo, me deixando digerir o que contou. Tom foi na casa de Nássia? Franzo a testa, confusa, e ela percebe — ele foi desolado, atormentado por se sentir culpado, e me contou que vocês brigaram em uma festa, e você foi sequestrada — tento disfarçar a expressão de espanto ao ouvir a mentira que Tom contou, e respiro fundo, fechando os olhos — que sofreu um acidente e estava em coma. Ele conversou comigo

por muitos dias, Alice, e é por isso que estou aqui.

Abro os olhos, dominada pelo meu lado escuro.

—É por isso que está aqui? — franzo a testa — e qual seria o motivo?

—Tom realmente ama você, e vejo suas tentativas falhas de transar com outras mulheres. Soube que ele chegou a entrar em um quarto com uma, mas no momento em que a agarrou — hesita, percebendo que estou em choque. Coloco a mão na boca, sem conseguir controlar minha reação. Nássia desliza pelo sofá, sentando na ponta, e pega as minhas mãos — Tom me contou que quando viu a mulher tirar a roupa, percebeu que não conseguiria. Saiu do quarto, a deixando sozinha, sem explicações. Ele está sofrendo, mas sabe como ele é, Alice, Tom não costuma mudar de ideia, quando se decide, e neste momento, está decidido que você está se forçando à algo que a assusta, que a

machuca e que no fundo não gosta. Está se esforçando, insistindo, apenas porque não consegue lidar com o desapego, mas que não significa que realmente o ame, que realmente queira entrar em seu mundo. Ele acha que irá machucar você mais.

Sinto o aperto das suas mãos nas minhas, e retribuo, encarando-a decidida.

—Eu o amo, Nássia, e quero realmente estar com ele, estou tentando mostrar isso à ele, que estou me libertando, que estou mudando, que não irei me assustar com nada — falo firme, sem controlar minha voz, que sai alta, em um atropelo.

—Eu sei, Alice. Por isso estou aqui, para aconselhá-la e saber que estou do seu lado, se precisar de alguma ajuda — Nássia sorri calmamente — mas sua tentativa de mostrar para ele não é o suficiente, você ainda parece estar assustada, parece ter algum receio ainda, como se não conseguisse se abrir totalmente à ideia.

E meu lado escuro me lembra novamente sobre a proposta de Anya. Respiro fundo, tirando esse pensamento da minha mente, e mordo o lábio.

—Eu sei — falo, levantando as sobrancelhas — mas não sei mais o que fazer — admito, encarando-a.

Nássia respira fundo, sem tirar os olhos de mim, como se reconsiderasse o que falar.

—Talvez eu me arrependa — ela sussurra — mas eu tenho consciência que estarei por perto, se você precisar de mim, ou conversar comigo, Alice, e você sabe disso — Nássia respira fundo, e sua voz é firme — percebi que Anya está sondando-a, não é verdade?

Sinto minhas mãos tremerem dentro das suas, e um suor frio surge novamente pelo meu corpo. Meu coração se acelera ao ouvir suas palavras, martelando no meu peito, e meu lado escuro se sente atiçado por pensar na ideia.

—Sim — murmuro, deixando transparecer meu desconforto — ela propôs me ajudar a — hesito, sem saber que palavra utilizar — a me libertar, perder o pudor que sinto, o receio que sinto.

Nássia respira fundo, ainda séria.

—Eu imaginei isso — diz, levantando as sobrancelhas, e fecha os olhos por alguns segundos, deixando o silêncio se instalar. Permaneço quieta, apenas observando-a abrir os olhos novamente, com os olhos penetrantes em mim — talvez eu vá me arrepender em sugerir isso, mas você não considerou aceitar? Sei que Anya não é a melhor pessoa — Nássia diz calma — talvez é a pior, mas eu sei que ela já fez isso antes.

Franzo a testa, ainda mais confusa, perturbada por ela sugerir eu aceitar a proposta de Anya.

—Como assim? — sussurro, e Nássia

respira fundo.

—Soube que uma vez ela ajudou uma mulher, em uma situação totalmente diferente, é claro, mas ajudou — ela pausa, levantando as sobrancelhas — talvez ela realmente possa ajudar você, se é isso que você realmente quer, se libertar. Não gosto da Anya, tenho receio por sugerir isso, mas talvez seja vantajoso para você, Alice, e eu estarei por perto, se você se sentir ameaçada por Anya.

Meu lado escuro está eufórico por ouvir Nássia concordar com ele, mas nego com a cabeça, me sentindo incomodada por ela concordar com Anya. Não consigo acreditar que ela pensa que Anya pode me ajudar. Não há como, e isso nunca funcionaria.

—Não, Nássia — respondo firme — eu não considerei a proposta de Anya, e não acho que irei reconsiderar. Não vejo como ela pode me

ajudar, e na verdade, Tom teme que eu me aproxime dela.

—Tom não gosta dela também porque sabe que ela é perigosa, porque ela atiça o lado ruim das pessoas, mas pode libertar as pessoas também. Tom teme que você se perca com ela, mas eu não acho que você se perderá. É esperta, se conhece realmente, apenas algo dentro de você impede que avance. Se souber utilizar isso, não correrá perigo perto de Anya — Nássia fala rápido, em um tom baixo.

Meu lado escuro concorda com todas as palavras, mas permaneço com a ideia imutável. Não irei aceitar, não vejo como ela pode saber como me ajudar, por mais que Nássia insista.

—E por que você não gosta dela? — tento sondar mais sobre Anya, demonstrando que não quero continuar no assunto que ela insiste.

Nássia solta as minhas mãos, voltando a

sentar ereta no sofá. Ela respira fundo, levantando uma sobrancelha.

—Como você sabe, me relaciono com Enzo, e percebo que a relação deles, de irmãos, é estranha. Ela parece incomodá-lo, querer feri-lo o tempo todo, como se estivessem em uma disputa, e me preocupo com Enzo. Não consigo encontrar motivos para eles terem essa relação familiar estranha, e isso me incomoda. Anya e seu modo de agir perto de Enzo me incomoda. Sou sócia da empresa deles, e os vejo todos os dias, então percebo — Nássia conta em voz baixa, como se precisasse sussurrar — que Enzo parece perder o controle perto dela, como nunca vi antes, nesses dez anos que transamos.

Arregalo os olhos, surpresa. Dez anos em um relacionamento sem compromisso? E o relacionamento de irmãos deles é realmente estranha, como se faltasse uma peça do quebra-

cabeça para explicar o comportamento de ambos. Assinto, entendendo o porquê de Nássia não gostar de Anya.

—Mas ainda sim, sugiro que pense na proposta dela — Nássia insiste, e se levanta do sofá, sorrindo satisfeita para mim — preciso ir.

A sigo com os olhos, e me levanto também, sorrindo, sem responder à sua sugestão.

—Obrigada por mostrar que está do meu lado — digo com um grande sorriso, caminhando ao seu lado — se precisar, falarei com você.

Nássia coloca uma mão, fria, no meu braço, acariciando-o.

—Estarei à sua disposição, Alice. Quero que vocês fiquem bem, e que você faça meu amigo feliz — Nássia diz, com um grande sorriso. Rio levemente, abrindo a porta, e ela a cruza, me olhando sobre o ombro — mas pense se realmente não precisa de alguém para empurrá-la para dentro

do precipício, já que pular sozinha é mais difícil — Nássia fala, piscando um olho, e vira o rosto, caminhando pelo corredor.

—Obrigada — murmuro aturdida por sua frase, e vejo ela se afastar lentamente, fazendo barulho com os saltos. Ela para, esperando o elevador, e abana para mim. Retribuo o gesto e fecho a porta, ainda sem conseguir raciocinar direito com sua visita repentina e seu assunto ainda mais inesperado. Encosto minhas costas na porta, fitando minha sala silenciosa, e respiro fundo. Tom fez tentativas para transar com outras, todas fracassadas, e ainda sim, não está disposto a mudar de ideia.

E meu lado escuro queima por me lembrar que nada do que eu estou fazendo está surtindo efeito. Nássia deixou isso claro, ao dizer que Tom ainda pensa que eu não quero, no fundo.

Merda, o que poderei fazer? Quero me

libertar, quero me sentir eu mesma em seu mundo, mas não estou conseguindo, uma barreira de receios me impende.

Fecho os olhos, confusa, e as palavras de Anya flutuam na minha mente.

Não, não posso. Ela não tem como me ajudar, mesmo se quisesse, não confio que conseguiria saber o que fazer, que sabia como lidar com Tom.

Meu lado escuro arde de fúria contra mim, contra minhas duvidas, me acusando.

Tenho ainda a semana inteira para tentar algo na empresa, com ele, e tentarei. Tenho meu encontro com Augustine também, e desejo que Tom saiba disso, desejo que se sinta incomodado e venha conversar.

E desejo tê-lo de volta.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Entro no elevador, vendo os andares subirem, e meu coração começa a se acelerar. Desde ontem, depois da visita de Nássia, não consigo parar de pensar sobre o fato de que Tom, o homem que até mesmo Nássia admitiu ser irresistível, não está conseguindo transar com mais ninguém. E preciso aproveitar essa oportunidade de que ele ainda não se perdeu totalmente, para tê-lo de volta, antes que ele faça algo que eu não consiga perdoá-lo.

Me fito no espelho, observando minha calça jeans escura, justa, e uma blusa colada, com um decote discreto, mas existente. Sorrio, e as portas do elevador se abrem. Preciso tentar mais uma vez, mostrar para o meu lado escuro que não preciso de Anya.

Ando pelo corredor, ouvindo o silêncio

sendo cortado pelos meus saltos, e viro, fitando as mesas de Ana e Mônica. Passo por elas, sentindo seus olhares curiosos.

—Olá, Ali — Ana murmura, abaixando novamente os olhos, ocupado. Agradeço por elas estarem atarefadas, e desejo que continuem assim. Me sento na mesa, ligando o notebook, e olho para a porta da sala de Tom.

—O Sr. Haltender ainda não chegou, inacreditavelmente — Mônica me informa, deixando claro que viu me olhar. Desvio os olhos, fitando-a, e sorrio amarelo.

—Muito obrigada pela observação — respondo educadamente, abaixando a cabeça para os papéis na minha mesa.

—Não precisa continuar brava com nós, Ali — Mônica fala, da sua mesa — percebemos que você se incomodou por causa das nossas perguntas — a encaro, séria, e ela levanta as

sobrancelhas — não iremos mais perguntar.

—E tentaremos controlar nossos comentários — Ana completa, e olho para ela — tentaremos, mas não sei se conseguiremos. Precisa entender também — ela sorri, tentando ser simpática. Mordo o lábio, controlando meu lado escuro, e assinto. Se elas realmente tentarem, tudo ficará bem entre nós, e eu não quero continuar em um ambiente que me deixa desconfortável.

— Está bem — murmuro séria, e sorrio levemente, tentando uma trégua — espero que realmente tentem.

Ana sorri ainda mais, e se levanta, correndo na direção da minha mesa. É, ela realmente queria se acertar comigo.

—Agora me conte, Ali, sobre como está sendo sua vida — ela diz rápido, se sentando na minha frente. Sua expressão é de curiosidade, ansiedade, e ela se inclina na minha direção —

você está em um monte de outdoors, como é isso? — Ana sorri, fascinada — e Ed, como está sendo trabalhar ele? Porque ele é maravilhoso também. Já está ganhando o suficiente para pensar em deixar esse estágio? — ela ri, eufórica, e começo a rir também, achando graça da sua curiosidade. Nego com a cabeça, com um grande sorriso.

—É estranho, porque na verdade ainda não tive a curiosidade de parar para ver realmente esses outdoors — falo, percebendo que realmente não observei. Estive tão focada em Tom, que não olhei para o meu trabalho, e a curiosidade começa a surgir. Desvio os olhos para Mônica, que observa a conversa da sua mesa — Ed é legal — falo, dando de ombros, e olho novamente para Ana — é um grande amigo meu — e a minha frase faz Ana abrir a boca, surpresa. Começo a rir — e não, meu cachê não foi gordo, foi apenas um dinheiro a mais na conta, mas não o suficiente para me tirar do

emprego.

Ana começa a rir, e bate na mesa levemente.

—Eu sei que Ed é legal, Ali, conheço ele, mas pergunto se, você sabe — Ana fala, com um tom sugestivo, e levanta uma sobrancelha, tentando fazer eu entender. Arregalo os olhos, entendendo, e nego rapidamente com a cabeça.

—Não, não — nego com as mãos também, em um gesto — não tivemos nada — minto, porque na verdade, se depender de Ed, teremos tudo — é apenas um grande amigo, sem nada demais.

Ana demonstra decepção, fazendo um leve bico, e começo a rir. Ela sorri, passando a mão no cabelo.

—Talvez podemos fazer uma janta de amigos — ela sugere, com uma grande sorriso. Rio mais, não acreditando no seu atrevimento, e ouço passos vindo do corredor. O fito, e Ana se levanta,

também ouvindo.

—E só teve essa proposta? — ela pergunta, ainda em frente da minha mesa, e meu lado escuro se acende, sabendo quem está vindo. Sorrio para ela, satisfeita pela sua pergunta, e hesito, esperando ter contato visual. Meus olhos continuam fixos no corredor, e se encontram com dois olhos azuis escuros, que surgem segundos depois. Cabelos loiros, arrumados, e um terno azul escuro, como se combinasse com os olhos. Tom. Sorrio, ainda mais satisfeita, e sua expressão é fria, analisando as mesas.

—Não, Ana — respondo alto, desviando os olhos para Ana, que permanece de pé na frente da minha mesa, sem tirar os olhos de Tom — tive uma proposta de Augustine, o dono de uma marca francesa, e marquei um encontro com ele, para vermos do contrato — respondo firme, e olho de canto para Tom, que para a minha frustração,

permanece sério, sem me olhar. Ele para na porta da sala, e se vira na minha direção. Meu coração se acelera ainda mais, e respiro fundo, perdendo o ar. Sinto meu corpo esquentar, na expectativa, e cerro os punhos, ansiosa.

Seus olhos passam por mim, indiferentes, e param em Ana.

—Ana, por favor, se sente — ele diz autoritário, levantando uma sobrancelha — antes que se esqueçam, é um ambiente de trabalho.

Ana abre a porta, pálida, e murmura uma desculpa, caminhando apressada para a mesa. Fuzilo Tom com os olhos, me lembrando de quando ele transou comigo na mesa dele. Isso é um ambiente de trabalho agora, então?

Ele abre a porta, e entra na sala, fechando-a veemente. Um silêncio tenso se instala, e olho para Ana, que continua assustada.

—Ele está estressado hoje — comento,

dando de ombros. Ana nega com a cabeça.

—Ele nunca esteve estressado, aqui — ela comenta baixo — algo o incomodou o suficiente para ele se descontrolar.

Franzo a testa, confusa. Se fosse sobre meu contrato com Augustine, ele teria deixado transparecer, mas sua expressão continuou fria, e ele nem me olhou. Merda, meu plano de provocá-lo está se mostrando um fracasso, como meu lado escuro disse que seria. Preciso provar o contrário, preciso tentar novamente.

Me levanto, agrupando as folhas na minha mesa, e olho novamente para ela.

—Preciso levar uns documentos para ele — murmuro, caminhando apressada, e paro em frente a porta.

—Boa sorte, para ele não devorar você, literalmente — ouço a voz receosa de Ana e sorrio. É, se fosse em outra época, seria em um sentido

devasso. Bato uma vez na porta, e a abro.

—Sr. Haltender? — digo firme, fitando Tom sentado, digitando no notebook. Seus olhos se desviam para mim por alguns segundos, sem demonstrar nenhuma emoção, e ele volta a fitar a tela.

—Diga, Alice — ele fala em tom formal, indiferente. Respiro fundo, sentindo meu corpo gelar com essa distância dele.

—Só preciso deixar esses documentos que foram entregues na minha mesa — murmuro, tentando reunir forças. Preciso mostrar para o meu lado escuro que irei conseguir. Caminho para dentro da sala, com passos firmes, lentos, deixando meu quadril rebolar. Tom levanta os olhos por alguns segundos, fitando meu corpo, e os abaixa novamente, me ignorando.

—Deixe aqui na minha mesa — ele ordena, sem desviar os olhos do notebook.

Caminho lentamente, e paro na sua frente, colocando os papéis na mesa. Ele permanece sério, sem me olhar — mais algo?

Meu lado escuro quer dizer tudo, quer contornar a mesa, puxar sua cadeira e rebolar no seu colo, mas me controlo. Sorrio irônica, enfurecida por sua indiferença.

—Não — respondo firme, e me viro, caminhando para a porta, sem deixar de rebolar, mas não sinto seus olhos em mim, e me sinto mortificada por isso. Saio da sala, fechando a porta, e respiro fundo.

—Está inteira — Ana comenta, animada. É, infelizmente estou inteira.

Assinto com a cabeça, sem conseguir ter voz para responder, e volto para a minha mesa, me ocupando com o trabalho. Passo o dia tentando me distrair, enquanto Tom permanece dentro da sala, sem dar sinal de vida, deixando minha estratégia

ainda mais frustrada.

O meu relógio marca o horário de ir embora, e arrumo minha mesa, deixando tudo em ordem. Ana e Mônica saem mais apressadas, se desculpando por não poderem me esperar, já que tinham marcado salão juntas. Me despeço delas, e começo a andar até o elevador, quando ouço meu celular vibrar. Abro a bolsa, apressada, e vejo o número de Augustine. Atendo, ansiosa, com um grande sorriso. Ao menos algo do meu dia poderá ser positivo.

—Olá, Alice — sua voz calma, com sotaque francês, surge no telefone — como está?

—Olá, Augustine — respondo, tentando controlar a ansiedade. Aperto o botão do elevador, e ele começa a subir — estou bem, e você?

Ouço sua risada tranquila, e sorrio ainda mais.

—Estou ótimo, minha esposa está

aproveitando a cidade, enquanto trabalho — ele fala relaxado — e é exatamente por isso que estou ligando.

Um curto silêncio se instala no telefone, e nessa pausa, ouço uma porta se fechando, avisando que Tom saiu da sala, e está vindo para o elevador. Respiro fundo, e tento relaxar, mas o suor frio, junto com o nervosismo, parece querer se apoderar de mim. Mantenho minha expressão calma, sem demonstrar a ansiedade, e fito o corredor. Tom vira, e surge, caminhando lentamente, digitando algo no celular. Seus olhos sobem, se encontrando com os meus.

—Alice, ainda está ai? — ouço a voz de Augustine no celular, me acordado. Balanço a cabeça, prestando novamente atenção, e me viro de costas para Tom. Meu novo plano precisa funcionar.

—Estou sim, Augustine — falo em um

tom de voz normal — o que estava dizendo?

—Se podemos nos encontrar na quarta-feira à noite, para conversamos e discutir sobre o seu futuro trabalho comigo — ele diz animado, e sorrio, vendo as portas do elevador se abrirem. Entro, e sigo Tom com os olhos, que também entra, sem me encarar. Seus olhos estão fixos no chão, e sua expressão é distante.

—Claro, estarei livre quarta-feira — respondo um pouco mais baixo, como se não fosse minha intenção que Tom ouvisse, mas na verdade, é — para combinarmos sobre o contrato.

—Ótimo. Pensei no restaurante Hortiz, posso ir buscá-la que horário? — Augustine pergunta, e respiro fundo, desviando os olhos de Tom.

—As oito horas? — pergunto, fitando meu próprios pés, desejando que por algum segundo, Tom olhe na minha direção.

PERIGOSAS NACIONAIS

—Então combinado — Augustine diz animado — adorarei trabalhar com você.

—Eu também — murmuro.

—Então até quarta-feira — ele diz, desligando. Desligo o celular, fitando a tela por alguns segundos, e o guardo, sentindo a tensão quase palpável dentro do elevador. Me afasto de Tom, encostando as costas em uma parede do elevador, e cruzo os braços. Eu poderia me sentir mais feliz com a ideia de um trabalho com Augustine, mas a indiferença de Tom me deixa ainda mais desesperançosa. As portas se abrem, e ele sai sem olhar para trás, caminhando firme em direção à saída. Caminho mais devagar, também saindo do prédio, vendo-o entrar no seu carro.

Merda, eu poderia estar eufórica por ter aceitado um trabalho que uma época passaria longe, eu poderia estar pensando no turbilhão de emoções que sentirei ao trabalhar com uma marca

PERIGOSAS ACHERON

famosa, ao ganhar dinheiro extra e ao ver meu rosto estampado em outros lugares, mas o rosto de Tom torna tudo menos emocionante. Respiro fundo, me lembrando do seu toque quente, do seu abraço enlouquecedor e da sua voz rouca. De como ele me olhava emocionado, fascinado, e de como isso tornaria tudo ainda melhor.

Mas nesse momento, ele se manteve frio, como se eu já o tivesse perdido.

Caminho devagar para o meu apartamento, tentando me animar mais, e mando uma mensagem para Ed, tentando me distrair.

Marquei com Augustine. Conversaremos quarta-feira, me deseje sorte.

Envio, desejando que Ed responda como meu amigo, que me distraía e me deixe mais animada. Entro no prédio e meu celular vibra com a mensagem.

Não preciso desejar sorte para você,

porque você é a sorte em pessoa, Ali. Tudo dará certo, e adorarei apoiá-la em mais isso. Me avise, quarta-feira, e depois vamos comemorar.

Rio com sua resposta, entrando no elevador, e mando apenas um ok. O elevador para no meu andar, e caminho até o meu apartamento, tentando me animar com a mensagem de Ed, mas ao abrir a porta, vejo novamente minha sala escura, silenciosa.

Preciso descobrir outro jeito de consegui-lo, sem precisar de Anya.

Quarta-feira. Olho para o meu relógio, marcando cinco para as oito horas da noite. Fito meu reflexo novamente no espelho. Estou com um vestido preto, um tubinho até os joelhos, justo, de frente única com uma gola grossa no pescoço. Deixo meu cabelo solto, e coloco dois pequenos brincos. Minha maquiagem está suave, e fito novamente meu celular. Uma mensagem pisca na

tela.

Estamos esperando você.

Uma mensagem de Augustine, indicando que ele e sua esposa já estão no meu prédio. Pego a pequena bolsa e desço, ansiosa para saber como será.

Saio do prédio, vendo Augustine sair de uma Mercedes preta. Caminho em sua direção e o cumprimento, entrando no carro. Sua esposa me cumprimenta, e começamos a conversar, enquanto Augustine dirige para o restaurante.

Entramos, sendo guiados para uma mesa reservada. O restaurante, grande, estilo vitoriano com detalhes em dourado é luxuoso, me deixando um pouco descolada, mas meu lado escuro estava vivo, querendo que eu me adapte, que eu aproveite.

Sentamos em uma mesa retangular, com uma toalha branca, e Augustine se senta na minha

frente, com sua esposa ao lado. Permito que ele escolha o prato, e assim que o pedido é feito, ele sorri para mim.

—Vamos ao que interessa, não é? — ele diz com um grande sorriso — como disse no telefone, quero fazer uma sessão de fotos com você, para uma nova campanha minha — assinto, deixando-o prosseguir — serão vários modelos, para lançar a coleção de inverno do ano da minha marca. Estou atrás de alguns modelos desconhecidos. Claro que teremos alguns nomes renomados — ele sorri, bebendo do vinho que foi servido nas taças — mas gosto de trabalhar com rostos menos famosos, e um deles é seu.

Sorrio, sentindo minhas bochechas ficarem vermelhas com a ideia, e assinto.

—Aqui falaremos de forma informal, para deixar você mais confortável, já que pelo que Eduardo disse, você é nova no ramo — ele sorri

ainda mais.

—Mas não por muito tempo, não é? — Charlotte entra no assunto, se inclinando na minha direção.

—Talvez — murmuro sem graça, desviando meus olhos para ela.

—Serão dez modelos, mas ainda não decidimos o lugar. Estou trabalhando na ideia que nos traga a atmosfera de inverno que quero, mas isso não é importante — Augustine diz, balançando uma mão — o importante é que seu contrato comigo será dessa coleção, de forma exclusiva, então Eduardo precisará esperar, se quiser trabalhar com você.

—Acho que ele entenderá — respondo rindo levemente.

—E seu cachê será o dobro do que provavelmente recebeu — ele diz, e arregalo os olhos, começando a pensar no valor. É, realmente é

algo vantajoso para mim, e estou gostando da ideia. Sorrio ainda mais, ao pensar que se eu fosse ainda a mesma Alice de quando conheceu Tom, eu nunca iria aceitar e nunca iria conseguir imaginar que gostaria. Mas tudo parece tão diferente, e a ideia de ser fotografada é extasiante.

O jantar transcorre tranquilamente, com mais algumas informações sobre o contrato, e assuntos aleatórios.

Mas diferente do que desejava, ao informar Tom sobre meu jantar, ele não tentou descobrir nada, e consequentemente tudo ocorreu como planejado, sem ele aparecer, frustrando mais um plano meu.

Augustine me deixa em casa, me informando que me manterá informada, e entro no meu apartamento, tentando pensar apenas no meu futuro trabalho. Estou empolgada ao imaginar a coleção, a sessão e tudo o que poderá acontecer

depois.

Caminho para o meu quarto, ansiosa, sentindo uma vertigem pelo corpo, e me deito na cama, com um sorriso no rosto. Estou animada por experimentar algo diferente, por tentar algo diferente, fugindo dos meus planos. Estou ansiosa para ver o quanto eu mudei.

Sento na cama, e mando uma mensagem para Ed.

Ocorreu tudo bem.

Deixo meu celular na cama, e me levanto, tirando o vestido. Vou para o banheiro, e tiro a maquiagem, colocando uma camisola. Volto para o quarto, e vejo meu celular vibrando. Uma mensagem de Ed.

Vamos comemorar. Estou indo aí.

Rio, empolgada com sua animação, e digito rápido.

Não, Ed. Tenho faculdade e trabalho

amanhã. Vamos comemorar sábado, no seu evento. Boa noite.

Mando rápido, antes que ele saía de casa, e me deito novamente, me sentindo satisfeita por esse passo em direção ao desconhecido, sem medo. Agora preciso dar um passo em direção à Tom também, e mesmo que meu lado escuro ainda insista, não vejo como Anya poderá me ajudar.

Deito novamente na cama, fitando o teto, e desligo o abajur do quarto. O evento está chegando, e preciso me preparar psicologicamente para isso, para o turbilhão de emoções que sentirei, como foi no evento passado. Me sinto deslocada nesses lugares, mas ainda sim, enfrento sem medo, deixando meu lado escuro no controle para me deixar confiante. Quero ir, mesmo deslocada, e sei que Ed estará ao meu lado, me deixando confortável diante de todo o mundo diferente do meu.

E sei que Tom também estará. Merda, nada está funcionando dentro da empresa, ele parece ter colocado novamente um muro entre sua vida profissional e pessoal. Na verdade, parece ter me tirado da sua vida, de uma vez. Meus planos estão fracassando, e estou me sentindo cada vez mais distante, perdendo-o para o seu mundo, perdendo porque não consigo demonstrar o quanto mudei, o quanto quero estar com ele.

Como será na festa? Será igual? Meu lado escuro pressente que sim, mas desejo que não. Tenho algum tempo antes para tentar pensar em algo que não seja aceitar a proposta de Anya ou deixar Tom ir de vez.

E sinto que esse evento não será como o outro. Meu lado escuro deseja isso, deseja que eu faça algo diferente.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Fito meu reflexo no espelho, meus olhos delineados e minha maquiagem. Me sinto um pouco deslocada dentro do vestido, dessa vez adquirido com uma parte do cachê das fotos da campanha de Eduardo. Escolhi ainda hoje, na primeira hora da tarde, ouvindo os conselhos de Dana sobre moda pelo celular. Depois de longas horas no salão, estou pronta.

Respiro fundo, analisando meu rosto, e me afasto do espelho, sentindo ondas de suor frio me invadir, pelo nervosismo e ansiedade. É o evento da campanha que faço parte, estarei com Ed, o principal do evento, junto com seu irmão.

E Tom estará lá.

Fito meu reflexo novamente, reconhecendo a Alice que vejo, e fecho os olhos, deixando meu

lado escuro me dominar novamente. Preciso dele esta noite, preciso deixá-lo no controle, como fiz no evento passado, para que consiga sobreviver à tensão, ao nervosismo, sem deixar transparecer essas emoções.

Abro os olhos, e me afasto mais do espelho, fitando o vestido longo, vermelho vivo, tomara que caia. Uma fenda se abre na minha perna, e meu salto bege é neutro. Desta vez estou apenas com pequenos brincos, e meu cabelo está preso em um coque no alto da cabeça. Me sinto sufocada dentro do vestido, tentando me sentir menos deslocada, mas me sinto dentro de um sonho.

Estou com meu lado escuro vivo, dominante, e me sinto satisfeita por isso. Eu o quero assim, me comandando, me deixando confiante. Talvez isso faça acontecer algo, em relação à Tom.

Meu celular vibra, e vejo uma mensagem de

PERIGOSAS NACIONAIS

Ed.

Estou aqui embaixo.

Sorrio. Ed irá me acompanhar novamente no evento, e me sinto confortada por sua presença. Agora que deixei claro a nossa amizade, me sinto ainda mais relaxada ao seu lado, e isso me ajudará a enfrentar esta noite.

Pego minha pequena bolsa, e saio do apartamento, trancando a porta. Entro no elevador, me olhando no espelho novamente, e respiro fundo. Tom não poderá me ignorar esta noite, eu espero.

As portas se abrem, e caminho devagar até as portas de saída. As abro, e Ed está parado, vestido de smoking e gravata borboleta, com as mãos nos bolsos, encostado no carro. Seus olhos se fixam em mim, e ele sorri, fascinado, sem conseguir esconder sua expressão. Mordo o lábio, desejando que ele só demonstre isso, e me aproximo.

PERIGOSAS ACHERON

Ele sorri, com os olhos vidrados em mim, e uma expressão de satisfação. Estende a mão, e coloco a minha sobre a sua, sentindo seu aperto. Ele me guia até o carro, contornando-o comigo, e abre a porta para mim.

Respiro fundo, torturada. Isso me lembra o cavalheirismo de Tom, merda. Entro no carro, e Ed contorna o carro de volta, entrando ao meu lado. Ele se vira, com grande sorriso.

—Está maravilhosa — diz firme, e sua voz é cheia de euforia. Sorrio de volta para ele, sem graça.

—Obrigada — murmuro, e desvio os olhos, fitando a rua à frente.

—Vamos? — ele pergunta em uma voz baixa, e olho de canto para ele. Ed sorri torto. — está preparada?

—Estou — sorrio, sem conseguir me conter, e rio levemente — estou preparada, e você

me ajudará, se precisar.

—Estou aqui — ele sorri ainda mais, e começa a dirigir, desviando os olhos de mim.

Ed dirige pelo mesmo caminho do evento anterior, e percebo que será no mesmo lugar. Respiro fundo, tentando me preparar para as pessoas, os fotógrafos. Tom.

Após quinze minutos, dos quais tentei me distrair, conversando com Ed, ele entra na quadra do grande salão. Percorre os portões rodeados de fotógrafos, carros e pessoas, e estaciona. Respiro fundo, desejando que meu lado escuro esteja forte hoje. Ed se vira para mim, e sorri novamente. Ele sai do carro, contornando-o, e abre a porta do meu lado, estendendo a mão para eu colocar a minha em cima. Coloco, e saio do carro.

—Me acompanhe — ele sussurra, puxando minha mão e a colocando sobre o seu braço flexionado. Sorrio, achando graça, e começamos a

caminhar, subindo as escadas lentamente. Os fotógrafos começam a tirar fotos, e vejo flashes vindo de todos os lados. Um fotógrafo nos segue, tirando fotos.

—Não se incomode com isso — Ed murmura — eles precisam fazer a cobertura.

Assinto, sorrindo, e fito a câmera ao meu lado.

—Tudo bem, eu entendo — respondo em voz baixa, me inclinando no seu ouvido.

Subo as escadas lentamente, ao lado de Ed, e ao chegarmos ao topo, ele se vira de frente para mim.

—Faça uma pose — ele sorri, sussurrando no meu ouvido — vamos tirar uma foto.

Meu lado escuro está satisfeito, e me viro em direção à câmera, fitando a lente, com Ed ao meu lado, colocando levemente a mão nas minhas costas, se aproximando de mim. Flashes são

disparados, em nossa direção, e sinto meu corpo inteiro se retesar. O nervosismo me domina também, por mais que meu lado escuro consiga disfarçar. Meu coração está acelerado, como se quisesse avisar para todos que estou viva, e uma sensação de vertigem me envolve.

Fecho os olhos por alguns segundos, tentando diminuir os flashes nos meus olhos, e o fotógrafo se afasta, observando outras pessoas. Abro os olhos, e meu coração parece parar, sem reação ao vê-lo. Dois olhos azuis escuros, fitando as pessoas, percorrendo o ambiente.

Tom passa por nós, a alguns metros, com as mãos nos bolsos, e por alguns segundos, seus olhos se desviam para o lado, se fixando em mim. O encaro, aturdida, e ele desvia, olhando para a entrada do salão, e desaparece entre as pessoas, levando meu coração junto.

Respiro fundo, e sinto a pressão da mão de

Ed nas minhas costas, me guiando para dentro do salão também.

—Está tudo bem? — ele pergunta, se posicionando ao meu lado novamente, dando a entender que percebeu a minha tortura ao ver Tom. Assinto, sorrindo grata para ele.

—Está — respondo, colocando a mão novamente no seu braço. Entramos no salão, e Ed cumprimenta de longe algumas pessoas, passando por outros, lentamente, enquanto me guia ao lado.

Percorro o salão, observando as pessoas da alta sociedade conversarem em voz baixa, enquanto uma música ambiente invade o lugar. A decoração, diferente do evento anterior, é bordo, com tons de cobre, e as fotos estão espalhadas, assim como as joias, em vidros de exposição. Algumas pessoas estão ao redor, observando. Fito a minha foto, ao longe, e sinto minhas bochechas ficarem vermelhas. Meu lado escuro está sentido prazer ao

ver minhas fotos, e me sinto realizada por ser exatamente como imaginei, exceto as fotos com Anya.

Todo o salão está decorado, com as varandas abertas e a escadaria também está com um imenso tapete bordo, assim com rosas vermelhas em vasos escuros, de cobre.

Observo as pessoas, e ao longe, uma atrai meus olhos.

Anya está parada, ao lado de Armando, em um canto do salão, com uma taça de champanhe na mão. Seu vestido branco, decotado, realça seu corpo, e seus olhos estão fixos em mim, animalescos. Sua expressão é intensa, e está usando um grande colar, com os cabelos em um penteado para trás.

Sinto meu corpo se retesar, me sinto perturbada, e ela sorri levemente para mim, como se me sugestionasse algo.

Meu lado escuro sabe exatamente o que, e sobre quem, mas lembro ele que não tenho motivo para acreditar que ela consiga me ajudar, mesmo que Nássia também tenha me aconselhado a aceitar. Fecho os olhos, tentando fazer o pensamento desaparecer.

Preciso aproveitar o evento que prestigia um trabalho meu.

E preciso conseguir Tom de volta antes que eu o perca de vez, meu lado escuro sussurra para mim. Preciso conseguir algo esta noite, já que talvez seja a minha última oportunidade antes que ele se afaste ainda mais.

ALICE

Abro os olhos, e Anya já não está mais lá. Desapareceu junto com Armando, entre as pessoas.

Me viro para Ed, que permanece observando o salão, sorrindo para conhecidos. Me aproximo do seu ouvido, apreensiva, apertando levemente seu braço.

—Você fará o discurso? — pergunto em

um sussurro, tentando manter minha voz firme, e consigo, graças ao meu lado escuro. Ed vira o rosto na minha direção, sério, e sorri levemente, aproximando o rosto do meu.

—Vou, junto com Armando. Se você se sentir mais confortável, pode me esperar perto do palco, ao invés de se misturar entre as pessoas — ele sugere, e assinto, sentindo que é a melhor opção. Um garçom passa por nós, e Ed pega duas taças, tirando o braço do meu toque. Oferece um taça para mim, e eu a pego, bebendo um pequeno gole, sentindo o álcool aumentar as forças do meu lado escuro. E eu preciso aumentar ainda mais suas forças.

—É uma boa ideia — murmuro, e Ed sorri torto, satisfeito por eu ter aceitado.

—Vamos cumprimentar meus sócios? — ele pergunta, levantando as sobrancelhas. Olho ao redor, vendo quatro homens conversando, próximos

do palco.

—Aqueles? — pergunto, me referindo ao grupo, e Ed assente.

—São sócios e amigos da minha família — ele me explica, começando a caminhar em direção à eles, me guiando, com a minha mão sobre o seu braço — adoraria apresentá-la à eles.

Respiro fundo, acompanhando Ed lentamente, e me sinto flutuando dentro de um sonho, vendo os olhares sendo atraídos para nós. Aperto levemente o braço de Ed, aumentando o passo, e ele me acompanha.

—Você é um dos centros de atenções aqui, Ali, se acostume, seu rosto está estampando as paredes — Ed sussurra no meu ouvido, achando graça. Começo a rir, sentindo meu lado escuro se acalmar. Alcançamos a pequena roda de homens, que se abre para nos receber. Solto o braço de Ed, e ele cumprimenta um dos homens.

—Flávio, esta é uma grande amiga — ele coloca a mão na minha lombar, e me aproximo de Flávio.

—Muito prazer — murmuro, cumprimentando-o, e ele retribui.

—Está adorável — ele diz, enquanto eu cumprimento os outros homens.

—Obrigada — respondo com um grande sorriso, e olho para Ed, que conversa animadamente com outros dois homens.

—Você por acaso não era namorada do Tom Haltender? — a pergunta de Flávio me chama a atenção, e olho assustada para ele. Ele sorri ainda mais — eu a vi no evento de corrida, acho que não se lembra de mim.

Aperto com força a taça, desejando que não se quebre na minha mão, e Ed percebe a minha tensão, se aproximando discretamente de mim. Sorrio sem graça para Flávio, e assinto,

agradecendo meu lado escuro por imperar dentro de mim, não deixando minha expressão transparecer nada.

—Era — respondo firme, como se não me afetasse com a palavra era — mas não estamos mais juntos.

Flávio levanta as sobrancelhas, como se estivesse surpreso, e se inclina na minha direção.

—É, Tom finalmente perdeu uma — ele sorri, achando graça, esperando que eu comece a rir também, mas permaneço apenas com um sorriso congelado no rosto. Flávio percebe que não participo da sua diversão, e para de rir — mas se livrou de um grande problema, não é? Tom não é fácil com as mulheres.

—Na verdade, o problema é que as pessoas sempre procuram se intrometer na vida dos outros — meu lado escuro reina em mim, respondendo com um tom de voz educado,

enquanto bebo um pequeno gole da taça — e na vida de Tom, quando não diz respeito à ninguém.

Flávio abre a boca, um pouco envergonhado pelo comentário que havia feito, e assente, tentando encontrar alguma resposta. Ed percebe a situação, enquanto permaneço com os olhos cravados em Flávio, fuzilando-o, e Ed se aproxima ainda mais, colocando os lábios no meu ouvido.

—Ali, se controle, sabe que as pessoas falam de Tom — ele sussurra, colocando a mão novamente na minha lombar — apenas não dê bola.

Me viro para Ed, levantando as sobrancelhas.

—Não vou dar bola — sorrio, vendo pelo canto do olho Flávio se afastar, voltando a conversar com os outros homens — desde que não falem sobre meu relacionamento, como se soubessem de algo.

Ed me encara por alguns segundos, sem saber o que dizer, e sorri sem graça.

—Não deixarei ninguém falar, está bem? — ele sussurra, e se vira para os homens ao seu lado — irei cumprimentar outras pessoas, conversamos mais tarde — ele informa à eles, colocando uma mão no ombro do homem ao seu lado.

—Queremos o seu discurso — um dos homens responde zombeteiro, e Ed ri, apontando um dedo para ele.

—Não faça piadas depois — Ed acusa ele, e se vira para mim, ainda com um sorriso — vamos?

Sorrio, satisfeita por me afastar deles, e acompanho Ed entre as pessoas, sentindo os olhos em nós novamente. Levanto a calda do meu vestido levemente, segurando o braço de Ed com a outra mão, enquanto observo as paredes do salão, fitando

uma foto minha sozinha.

—Quer ir mais perto? — Ed sussurra, seguindo meus olhos, e o encaro, sem graça — você nem observou muito, não é?

Rio levemente, confirmando. Estive focada em outros aspectos da minha vida que não me importei de ver as fotos.

—Acho que não vi nenhuma de perto, realmente — confirmo para ele, e ele ri.

—Então vamos ver — Ed ordena, me guiando sem esperar meu consentimento. Passo pelas pessoas, me desviando, e avanço pelo salão, parando na parede perto das portas que dão para a varanda aberta. Uma grande foto minha, sozinha, está cobrindo toda a parede. Paro em frente, observando, e bebo um longo gole da taça, enfrentando a ansiedade e nervosismo de ver tão perto.

Ed para ao meu lado, com os olhos fixos na

imagem também, e se aproxima de mim.

—Sabe que depois que seu contrato com Augustine acabar, vou querer mais de você — sussurra por cima do meu ombro, e olho sem graça.

—Se eu quiser — respondo ameaçadoramente, bebendo mais um longo gole, e me afasto de Ed, dando um passo em direção a foto — está como eu queria — murmuro, observando cada detalhe, e Ed me segue com os olhos, fixos em mim, descendo pelo meu corpo. Me sinto invadida pelo seu olhar, e olho sem graça para ele, desejando que pare, mas não falo nada.

—Vou implorar então — ele diz firme, desafiadoramente, e começo a rir, mas minha graça é interrompida pela sensação de ser observada. Olho ao redor, e vejo Anya em um canto, ao lado de Armando, conversando com dois homens. Seus olhos estão fixos em mim, e ela abre os lábios, me sussurrando lentamente, para que eu faça leitura

labial. E meu lado escuro, contra a minha vontade, permanece com os olhos fixos nela.

—Precisamos conversar — ela sussurra de longe, e franzo a testa, tentando negar. Ed se vira para trás, curioso ao ver minha expressão, e ao perceber que estou encarando Anya, seu semblante se torna sério.

—Você não está se aproximando de Anya, não é? — Ed pergunta, se virando para me encarar, preocupado. Abro a boca para negar, mas meu lado escuro me impede. Olho para ele, sem saber o que responder, e apenas nego com a cabeça. Ed levanta as sobrancelhas, desconfiado, e se aproxima de mim, colocando uma mão na minha cintura, antes que eu perceba — você não está mentindo para mim? — ele pergunta em um tom mais baixo.

—Não, Ed — respondo firme, me afastando do seu toque.

—Eu estou aqui, se precisar contar algo —

ele murmura, fechando a mão.

—Eu sei — sorrio, bebendo o restante da taça, sentindo o champanhe descer pela minha garganta. Se eu pudesse, contaria para ele tudo, para poder ter ele como ajuda, mas se não contei nem para Gabriel. E Tom também não contou para Nássia.

Ao pensar nele, meus olhos percorrem o salão, procurando-o, e o vejo conversando animadamente com um homem moreno. Respiro fundo, e desvio olhar, sabendo que ele não está prestando atenção em mim. Mas como será, para ele, estar rodeado pelas minhas fotos? Meu lado escuro gosta de pensar na sensação. Tom não precisa me olhar, quando tem tantas fotos minhas espalhadas ao seu redor. O encaro novamente, e seus olhos permanecem fixos no homem a sua frente.

—Ele é um antigo amigo do falecido pai

do Tom — Ed fala baixo, percebendo para quem estou olhando — um amigo da família.

Levanto as sobrancelhas, surpresa por ver alguém que era amigo do pai de Tom, e percebo que nunca perguntei direito sobre isso, mas antes que eu consiga formular uma pergunta, uma mulher se aproxima de nós. Meus olhos se encontram com os dela, e um calafrio percorre meu corpo, reconhecendo seus olhos e pele morena. Nássia.

—Olá, Alice — ela sorri lentamente, segurando uma taça na mão. Seus olhos se desviam para Ed, e ele permanece sério — Olá, Eduardo.

—Oi Nássia — murmuro, um pouco receosa por lembrar da nossa conversa, e a cumprimento, sentindo sua mão gelada no meu ombro. Me afasto, fitando-a, e percebo que Ed está incomodado ao meu lado. Nássia continua a caminhar, se distanciando de nós, e me viro para Ed.

PERIGOSAS NACIONAIS

—Está tudo bem? — pergunto preocupada, e Ed olha para mim, negando com a cabeça.

—Você está rodeada pelas pessoas que estão relacionadas à Tom, e isso me incomoda — ele confessa em um sussurro — parece que eles perseguem você.

Rio da sua preocupação, negando com a cabeça, e um garçom passa por nós. Deixo minha taça vazia na bandeja, pegando outra.

—Nássia apenas me cumprimentou, Ed, por educação — minto, sentindo Ed analisar minha expressão disfarçada — ela não é perigosa.

—Você não sabe — ele me desafia, levantando as sobrancelhas, e sorri torto, relaxando.

—E não pretendo saber — afirmo, percorrendo o salão com os olhos. Vejo Armando subir no palco, conversando com outras pessoas, perto de uma mesa — o discurso começará? —

PERIGOSAS ACHERON

pergunto curiosa, franzindo a testa, e Ed segue meus olhos, levantando uma sobrancelha.

—A principio não — ele murmura, um pouco confuso.

—Vamos perguntar para Armando, então — sugiro, e Ed assente, começando a andar na direção do palco. Permaneço ao seu lado, passando pelas pessoas, até chegar na escadaria que leva para o palco.

—Quer subir comigo? — Ed pergunta, e eu fito o palco, me sentindo um pouco desconfortável.

—Eu espero você aqui — respondo com firmeza, e Ed concorda, subindo. Me viro de frente para o salão, fitando as pessoas, e vejo Tom conversar animadamente com duas mulheres, sendo uma delas, Nássia, enquanto a outra é uma ruiva desconhecida, com um longo vestido preto, decotado. Meu lado escuro queima de raiva dentro

de mim, e não consigo para de olhar.

Uma mão de Tom encosta levemente na lombar da mulher ruiva, se aproximando ainda mais, enquanto Nássia permanece ao lado dele, conversando também. Aperto com mais força a taça, tentando me controlar, e bebo um longo gole.

—Está incomodada, Alice? — uma voz familiar, lenta e calculada me assusta, atrás de mim. Viro a cabeça, encontrando Anya.

Sua expressão firme se abre em um lento sorriso, e ela caminha até parar ao meu lado, com os olhos fixos no mesmo grupo de pessoas que eu.

—Vejo que Tom está flertando com outra, na sua frente — ela sussurra.

—Você não sabe — respondo secamente, tentando mandar meu lado escuro embora, antes que ele faça alguma merda. Anya ri levemente, negando com a cabeça.

—Clara é o nome dela — Anya fala

devagar, bebendo um pequeno gole — ela já transou com Tom, há alguns anos atrás, e provavelmente não negaria nada para ele.

Abro a boca, incrédula com a informação, e observo novamente a mulher. Percebo seus olhos fascinados em Tom, e sinto vontade de atravessar o salão voando, para pousar em seus cabelos ruivos e arrancá-los fio-a-fio, mas apenas respiro fundo.

—Você sabe que eu tenho as informações sobre o que Tom já fez — Anya continua — apenas não consigo prever o que ele fará, se você realmente deixá-lo ir.

—Eu não estou deixando — meu lado escuro responde sem a minha permissão, e fecho os olhos, brava comigo mesma.

—Está sim — Anya me contradiz, levantando a taça na minha direção. Ela se vira de frente para mim, e eu a olho sobre meu ombro — você está com medo, vejo isso em seus olhos.

Rio irônica, negando com a cabeça.

—Não sei do que está falando — tento negar, mas me sinto temerosa com a ideia de perdê-lo por não conseguir me libertar realmente. Estou diante de um grande muro de receios, e por mais tentativas que faço, não consigo derrubá-lo, como se eu me sabotasse — você não conseguiria me ajudar, mesmo que eu quisesse — meu lado escuro murmura, e o sorriso de Anya desaparece do seu rosto. Ela franze a testa, entendo o que eu disse.

—E se eu provasse? — ela me desafia, e nego com a cabeça. Merda, não, não posso. Não irei deixar meu lado escuro me levar. Viro o rosto na direção oposta, e sem responder, me afasto às pressas, segurando meu vestido com uma mão. Sinto os olhos de Anya, curiosos, me seguirem, e acelero o passo, me desviando das pessoas. Olho para o palco, e vejo Ed ainda conversando com Armando. Observo ao redor, me sentindo perdida

entre pessoas desconhecidas, e me viro abruptamente, batendo em um homem. Ele pula, tentando desviar, e sorri ao me ver.

—Desculpe — murmuro, sentindo minhas bochechas ficarem vermelhas pelo encontro, e ele levanta as mãos, negando. Seu cabelo escuro combina com os olhos claros, e ele sorri.

—Sem problema — sua voz é baixa, e ele se afasta um pouco — muito prazer, Dário.

Arregalo os olhos. Dário? É o amigo de Tom.

Sinto o ar fugir dos meus pulmões, e um arrepio percorre meu corpo, me deixando angustiada.

—Prazer, Alice — murmuro, e vejo seus olhos se semicerrarem, como se tentasse puxar algo da memória — preciso ir — digo apressada, passando por ele, em direção ao palco, vendo Ed descer pelas escadas. Caminho ao seu encontro, e

ele me espera com um grande sorriso.

—Se perdeu? — ele pergunta zombeteiro, e nego com a cabeça, rindo.

—Estava me misturando entre as pessoas — respondo com um sorriso.

—Impossível — ele murmura enquanto faz um gesto para um homem próximo. Enquanto o homem caminha em nossa direção, Ed se vira para mim — começarei o discurso em breve, Ali. Fique onde se sentir confortável, está bem?

—Vou ficar por aqui mesmo — minha voz já não é tão firme assim, mas Ed não percebe.

—Ótimo — ele vira a taça, colocando-a vazia na bandeja de um garçom, e pega outra. Fito a minha, quase no fim, e a viro, tornando meu lado escuro ainda mais forte devido ao álcool. Pego mais uma taça, e Ed ri surpreso, sem tirar os olhos de mim.

—Só não fique bêbada — ele fala se

divertindo, e eu dou um leve tapa em seu peito.

—Preciso de mais para me embebedar, não sou como você — respondo, também rindo. O homem se aproxima de nós, e Ed se torna sério, encarando-o.

—Alice, este é Felipe, um dos meu sócios — diz, me apresentando. Olho para o homem de meia-idade, com cabelos acinzentados e olhos claros. Ele sorri, estendendo a mão.

—Muito prazer, ouvi falar de você já — ele diz sério, autoritário, e me sinto envergonha por tentar pensar sobre como ouviu.

—O prazer é meu — respondo, apertando sua mão, e Felipe se vira para Ed.

—Vamos começar? — Felipe pergunta sério, e Ed assente, desviando os olhos para mim.

—Vou ir, fique tranquila, está bem? — ele sussurra, aproximando o rosto do meu. Me afasto discretamente, tentando aumentar o espaço entre

nós.

—Vou ficar, não se preocupe — falo sorrindo, confiante — vá fazer seu discurso — dou um leve tapa no seu ombro, e Ed ri, virando-se de costas. Os dois sobem as escadas, se afastando de mim, enquanto permaneço no pé da escada, observando as pessoas diminuírem a conversa, com os olhos voltados para o palco. Me afasto um pouco da escada, para ficar mais no canto do salão, de um modo que eu veja o palco de lado. Sorrio ao ver Ed e Armando surgirem no palco, cada um se posicionando em um microfone, na ponta. Todos batem palmas, e eu acompanho a salva, segurando a taça em uma mão.

—Boa noite — a voz de Ed corta o silêncio no microfone, sério — é com imenso prazer que eu e meu irmão estamos realizando este evento.

—Eu, Armando Constancer,

orgulhosamente apresento nossa nova parceira — Armando começa a discursar, intercalando com Ed, e fico admirada com a desenvoltura de ambos, realizada por Ed estar se saindo tão bem.

Vejo as pessoas admirarem eles também, e percorro o salão, analisando vestidos longos e smokings caros. Meus olhos se encontram com dois olhos azuis escuros, intensos, penetrantes, e me sinto despida de tudo, como se estivesse sendo devorada por eles. Um calor elétrico percorre meu corpo, abafando o ambiente. Tom está a alguns passos de mim, parado, com os olhos fixos em mim.

Abro a boca, desnorteada por estar sob seu olhar, depois de tanto tempo, mas em segundos, ele vira o rosto. Caminha apressado, entre as pessoas, em direção a um corredor, que leva para os banheiros. O sigo com os olhos, em um torpor por ele se afastar desse modo, se tornando frio

novamente, e me sinto queimar de agonia por vê-lo cada vez mais distante. Ele entra pelo corredor, caminhando firme, e desaparece.

Permaneço com a boca aberta, sentindo pontadas de dor no meu coração, me torturando, e meu lado escuro quer que eu faça algo, está gritando comigo, mas não sei o que fazer, não consigo acreditar que algo dê resultado, depois de tanta frieza.

O salão parece estar vazio, como se eu só tivesse olhos para Tom, e com sua ausência, todos desapareceram junto. Ouço a voz de Ed distante, em câmera lenta, e uma mulher surge entre as pessoas, chamando a minha atenção, me acordando do torpor.

Anya caminha elegantemente, com passos largos, entre as pessoas, e incrivelmente, todas as pessoas parecem dar passagem para ela, se afastando do seu caminho, reto na minha direção.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela caminha lentamente, na minha direção, com a taça em uma mão e um semblante sério, atento, como se estivesse imersa em pensamentos maliciosos. Minhas pernas estão travadas pelo meu lado escuro, esperando que ela chegue até mim, e a cada passo, ela se aproxima mais. Desvio os olhos para o corredor que Tom entrou, mas ele não parece ter saído.

—Alice — Anya diz, parada na minha frente, e a em encaro, frente a frente, com os olhos intensos. Seus olhos são animalescos em mim, e ela permanece séria — aceite minha proposta — diz firme, e abro a boca.

—Não — luto contra meu lado escuro, e ela se aproxima ainda mais de mim, colocando uma mão na minha cintura, e a cabeça sobre o meu ombro, quase encostando os seus seios nos meus. Não reajo, levada novamente pelo meu lado escuro, ansioso para ouvir suas palavras.

PERIGOSAS ACHERON

Ela respira fundo, e sinto sua respiração bater no meu ouvido, deixando meu coração ainda mais acelerado, como se precisasse bombear sangue para cem corpos. Estou em uma vertigem estarrecedora, curiosa para ouvir o que tem a dizer, exatamente neste momento.

—Você acha que eu não posso ajudá-la? — sua pergunta é em uma voz firme, em um sussurro lento.

—Não acho — respondo em um sussurro firme — acho que você quer ajudar, mas que não sabe como, e mesmo se tentasse, não iria conseguir.

Percorro o salão com os olhos, observando as pessoas prestando atenção no discurso, sem dar importância para nós duas. As luzes amareladas deixam sombras nas paredes escuras, na decoração em bordo, combinando com os detalhes em cobre, e a atmosfera parece se tornar pesada, tensa. Anya

permanece com a mão firme na minha cintura, corpo contra corpo, e me sinto mergulhada em um sonho entorpecedor, como se tudo ocorresse em câmera lenta. Vejo uma mulher sussurrar no ouvido de um homem, um outro homem beber da taça, e um leve vento passar por mim. Meu coração ressoa por cima do discurso de Ed, como se quisesse me mostrar que estou viva.

—Posso provar para você que está errada — a voz de Anya parece estar dentro da minha cabeça, lenta, palavra por palavra, em uma voz firme, ao invés do meu ouvido, e respiro fundo, tentando recuperar todo o ar que foi perdido pelos segundos sem respirar, mas parece não haver mais ar. Me sinto sufocada, com um suor gelado pelo corpo, e as palavras de Anya se fixam na minha mente. No meu lado escuro.

—E como você poderia provar? — a pergunta sai em um sussurro decidido, e meu lado

escuro está no controle, assumindo minha razão, minha emoção e minha voz.

Ouço a respiração alta de Anya acompanhar a minha, sua mão firme pressionar a minha pele ainda mais, e desvio os olhos para as pessoas, sobre o ombro de Anya. Tudo é estarrecedor, um modo de me sentir embriagada sem estar bêbada. Vejo as pessoas se mexendo em câmera lenta, a sensação da pele arrepiada, esperando por mais palavras, eletrizada pelo nervosismo e ansiedade.

—Posso mostrar que você pode consegui-lo de volta, posso provar para você o quanto você pode, o quanto você conseguirá, se realmente confiar em si mesma, se derrubar essa parede que prende você na prisão que é seus julgamentos, seus receios. Você não precisa de mim para conseguir Tom, Alice. Você precisa de mim para conseguir ver quem é você mesma, para encarar a sua ânsia de se libertar sem medo. Eu não irei ajudá-la a

conquistá-lo, eu irei ajudá-la a tirar todas as máscaras que você usa, irei ajudá-la a ver o quanto você pode, mostrar o quanto você pode confiar em si mesma, o quanto, se você tiver confiança no seu potencial, conseguirá conquistar. Só vou ajudá-la a derrubar a parede, que sozinha, se torna difícil de conseguir, já que sua própria mente luta contra você, insistindo no que é certo ou errado, e então — ela hesita propositalmente, me deixando mergulhar em suas palavras — quando você estiver liberta, sem essas amarras que a impedem de avançar sobre o que deseja, você, por ser quem é, conquistará Tom. Não por minha causa, mas por ter se libertado, você o conquistará. Você o conseguirá quando conseguir a sua própria confiança, e isso será uma conquista sua, apenas sua. Ser o que realmente quer, trará tudo o que deseja, sozinha, sem a minha ajuda — a voz de Anya é um sussurro lento, com firmeza, e cada palavra me engole, me

rasga para se incorporar dentro de mim.

Me sinto levada por sua voz, por seu silêncio, e as palavras começam a se repetir dentro da minha mente. Eu não preciso de Anya para conquistar Tom, eu preciso de Anya para encarar quem eu sou realmente, e depois de me ver, saberei como lidar com Tom. A proposta parece enlouquecedora, coerente e excitante para o meu lado escuro, que está queimando no próprio fogo, agoniado por querer responder. Abro a boca, puxando o ar lentamente, me sentindo flutuar, sem consciência dos meus movimentos, e meus olhos fitam novamente o corredor no qual Tom entrou. Estou vendo tudo lentamente, como se minha mente estivesse sido aberta, e as palavras de Anya criam uma força descomunal no meu lado escuro. Ele me engole, me queima em seu fogo e perco o controle sobre mim mesma, em um sonho aonde posso fazer tudo. Meus olhos percorrem as pessoas,

que parecem distantes de mim, indiferentes, como se uma luz apenas iluminasse nós duas.

—E como posso saber se é verdade, o que diz — minha voz saí desconhecida para mim. É a voz do meu lado escuro, decidida, firme, e não consigo controlá-la. Me sinto fora do meu corpo, assistindo tudo como uma terceira pessoa, apenas observando, sem conseguir interceder, controlar meus atos e palavras. Estou sendo controlada pelo meu lado escuro.

—Irei fazer uma outra proposta — Anya sussurra ainda mais devagar no meu ouvido, e seu tom de voz firme, calculista, é malicioso — irei aconselhá-la agora. Pense, se quiser testar o meu conselho, para provar para você que eu posso ajudá-la. Você é livre para decidir se quer segui-lo ou não. Não siga porque estou falando, siga o meu conselho, se ele for ao encontro do seu, se for o que deseja por dentro, o que realmente anseia, mas não

tem coragem de fazê-lo, por não acreditar que surtirá efeito — Anya pausa, percebendo que meu silêncio aturdido é para que ela continue — siga se quiser, se realmente deseja fazê-lo.

—E qual seria sua proposta, seu conselho? — pergunto em um sussurro lento, em um sussurro saído dos lábios do meu lado escuro. Anya respira fundo, apenas esperando o meu silêncio. Sua mão pressiona ainda mais minha cintura.

—Se você ainda está em duvida se posso ajudá-la, teste o que eu digo, coloque na prova. Você, neste momento, anseia por ver Tom, não é verdade? — ela pergunta retoricamente.

—Sim, eu desejo ele — respondo firme, controlada por meu lado escuro, que não está com medo, mas incitado por Anya.

—Você deseja agarrá-lo, deseja seduzi-lo e provar para si mesma que ainda possui seu coração, sua mente — ela afirma, e assinto,

ouvindo minha respiração acompanhar meu coração acelerado, que retumba dentro dos meus ouvidos — mas não tem coragem de seguir seu desejo porque não acredita que terá algum resultado. Não acredita na sua vontade de se libertar, acha que irá fracassar, que não conseguirá.

Suas palavras se fincam dentro de mim, me torturando por serem verdadeiras. Depois de tantas tentativas fracassadas, não confio que o que quer eu faça resulte em algo. Confio em mim, mas no momento derradeiro, não confio o suficiente para seguir adiante, porque minha parede de receios, de medo de fracassar, me impede de avançar. Fecho os olhos, com força, e os abro de novo, analisando detalhe por detalhe das pessoas, em câmera lenta. Vejo os lábios se mexendo no mesmo compasso que meu coração, que minha respiração alta, junto com a de Anya.

—Faça isso — ela sussurra lentamente, de

forma decidida, firme — faça o que realmente deseja. Vá até ele, seduza-o, acreditando na sua sensualidade, no seu poder, e depois o deixe a mercê do próprio desejo. O deixe sozinho. Estou dizendo para você confiar em si mesma, para criar essa coragem que precisa para avançar por aquele corredor e segui-lo. Você quer fazer isso, apenas não tem confiança o suficiente. Eu digo à você que pode confiar, que você pode ir com coragem e atrevimento, porque se for assim, irá conseguir tudo o que quer. Você pode confiar, porque é poderosa o suficiente para isso.

—E se você estiver errada? — a desafio em um sussurro confiante, sem me sentir intimidada. Estou enfrentando suas palavras, questionado-a para que não haja dúvidas. Meu lado escuro está decidido a criar essa coragem.

—Se eu estiver errada, me afastarei de você, deixarei você em paz, Alice — ela responde

confiante, de forma lenta — prove para mim que eu estou errada, que o que vi em você, esse potencial, foi ilusão minha. Mas — ela pausa, me deixando compreender palavra por palavra — se eu estiver certa, você aceitará a minha proposta — Anya pausa novamente, e sem conseguir me controlar, meu lado escuro abre meus lábios.

—Se eu provar que você está errada, não quero vê-la nunca mais — digo firme, em um sussurro, com os lábios também em seu ouvido, enquanto os lábios dela estão nos meus.

—Prove que estou errada — ela me desafia em um sussurro autoritário — prove que eu errei, que eu não vi a força que existe dentro de você, liberta. Seduza-o, Alice, deixe Tom enlouquecido, e depois se afaste. Ele virá atrás de você — ela diz lentamente — prove que estou errada sobre isso também. Me mostre que estou errada sobre saber que você liberta o conseguirá em

segundos.

Anya tira a mão da minha cintura, se afastando o suficiente para seu rosto ficar de frente para o meu.

—Mas se você conseguir o que quer, irá aceitar minha proposta — sua expressão é firme, e ela arqueia uma sobrancelha. A encaro firme, de volta — o que você fará? Seguirá sua vontade, acreditando no seu potencial, ou continuará encolhida em um canto, temendo o que acontecerá, se der um passo audacioso?

—Seguirei a minha vontade, Anya — respondo para ela firme, enlouquecida pelo meu lado escuro — não porque você está dizendo, mas porque quero confiar que posso. Se eu não quisesse, mesmo com você dizendo, eu não faria, mas eu quero fazer.

Anya sorri satisfeita, com os olhos fascinados em mim, e meu lado escuro arde ao

pensar que irei atrás de Tom. Antes que eu perceba, meu lado escuro me conduz, com passos firmes, decididos, passando pelas pessoas. Percebo que essas me dão passagem, como fizeram com Anya, como se agora a minha presença decidida fosse notada, e caminho confiante pelo salão, em direção ao corredor.

Entro pelo corredor, sentindo uma vertigem enlouquecedora acompanhar a adrenalina que me deixa ansiosa, mas não estou nervosa. Sinto uma tranquilidade que me assombra, como se eu tivesse certeza de conseguir o que quero, sem receios.

Meu lado escuro queima, me guiando com passos firmes, ressoando junto com meu coração, em um compasso fora de ritmo, acelerado, profundo. Estou dentro de um sonho, dentro de um mar de sensações desconhecidas, impulsionada pela ideia de que posso, de que conseguirei. Avanço pelo corredor iluminado por luzes fortes,

amareladas. As paredes são bordos, com detalhes em bronze, e um tapete marrom se estende por todo ele. Viro para o lado esquerdo, fitando mais um corredor comprido, e meu lado escuro me conduz em direção à porta do banheiro masculino, sem pensar se há mais pessoas lá ou o que pode acontecer. Estou decidida, sem pensar em algo que possa me impedir.

Caminho firme, passo por passo, me aproximando, e seguro na maçaneta. Meu lado escuro explode em combustão, e abro a porta, encontrando um grande banheiro branco, com uma fileira de pias de mármore brancas. Um grande espelho está acima das pias, no meu lado direito, e no lado esquerdo da porta está os compartilhamentos dos banheiros. Tom está parado no meio do banheiro, desligando o celular. Sua cabeça se vira na direção da porta aberta, e seus olhos se encontram com os meus, surpresos.

O encaro intensamente, transformada pela ideia de acreditar, sem deixar transparecer nenhum receio. Minha expressão é feroz, confiante, decidida, e isso causa ainda mais surpresa no semblante pasmo de Tom.

Dou um passo para dentro do banheiro com a perna que passa pela fenda, deixando minha coxa exposta propositalmente, e vejo seus olhos descerem pela minha coxa. Ele respira fundo, retesando a mandíbula, e desvia o olhar para o espelho novamente, assumindo uma expressão fria.

É uma máscara, meu lado escuro sussurra. Eu sei, Tom está usando suas forças para me afastar, mas o quanto resta delas?

Meu coração está acelerado, mas minha expressão permanece firme, decidida, sem deixar transparecer. Dou mais um passo, com a cabeça erguida, e entro no banheiro, fechando a porta atrás de mim, sem olhar para trás. Meu braço, flexionado

para trás, desce, e minha mão gira a chave, nos trancando no banheiro.

Tom ouve o barulho, e levanta uma sobrancelha, me olhando de canto, um pouco espantado. Ele retesa ainda mais a mandíbula, fitando o seu reflexo. As luzes do banheiro, brancas, iluminam intensamente ele, assim como as paredes e objetos brancos. Tudo é muito branco, me deixando ainda mais em um estado de sonho.

Dou um passo em sua direção, percebendo que ele está tentando se controlar.

—Tom — falo firme, como se não estivesse pedindo sua atenção, mas ordenando. Ele permanece com os olhos fixos no espelho, imóvel, e percebo que está lutando.

—Por que você trancou a porta? — sua voz rouca é autoritária, me arrepiando ao ouvi-la. Sorrio maliciosamente, sem me sentir intimidada por sua frieza. Meu lado escuro questiona quanto

tempo ele aguentará, se for apenas uma máscara.

—Porque eu o quero aqui dentro comigo — respondo direta, sem hesitar. Percebo que Tom prende a respiração, como se não esperasse uma confissão dessas vindo de mim. Ele tenta controlar suas emoções, tornando seu semblante novamente frio.

—Mas eu não quero — ele responde alto, tentando se controlar, como se um fúria surgisse dentro dele. Que sinta fúria, raiva. Que exploda, eu não me sinto mais encolhida, receosa por sua fúria descontrola, porque meu lado escuro não teme — abra essa porta — ele ordena, tentando falar com uma voz rouca calma.

Dou um passo em sua direção, deixando meu sorriso malicioso desaparecer, sem tirar meus olhos selvagens dele, decididos.

—Você realmente não quer, Tom? — pergunto séria, deixando um tom de malícia surgir

na minha voz. Caminho mais um passo, lentamente, deixando minha perna atravessar a fenda.

—Não, não quero — ele responde firme, ainda se concentrando para permanecer frio, com os olhos fixos no próprio reflexo.

—Se não quer estar comigo, por que não conseguiu transar com outras mulheres? — pergunto firme, provocando-o, e mordo propositalmente o lábio, guiada pelo meu lado escuro. Vejo Tom respirar fundo, pego desprevenido pela pergunta. Ele endurece sua expressão e percebo que é isso que o estava incomodando essa semana que passou. Ele tentou retomar o vicio, mas o vicio está quebrado.

Tom fuzila com os olhos o próprio reflexo.

—E você novamente questiona algo sobre os outros — ele responde firme, desviando do assunto.

—Não estou questionando, Tom. Na verdade — levanto uma sobrancelha, falando devagar, para que ele pense em cada palavra — estou afirmando que você não conseguiu, e isso apenas me mostra que eu ainda não seguiu.

Tom olha de canto para mim por alguns segundos, sem conseguir se controlar, e desvia de novo o olhar. Dou mais um passo devagar, me aproximando dele, enquanto Tom permanece imóvel, como se estivesse pasmo o suficiente para não se mexer.

—Você não seguiu adiante, Tom, nem eu — falo firme, me caminhando lentamente, até parar ao seu lado, de frente para o lado direito do seu corpo, enquanto ele permanece de frente para o espelho — você está lutando contra si mesmo, neste momento — falo firme, em um tom mais baixo — e não está vencendo.

Ele levanta uma sobrancelha, pasmo, e

respira fundo, fechando os olhos. Caminho para trás do seu corpo, roçando os dedos no seu ombro, enquanto caminho, contornando seu corpo. Paro atrás dele, fitando nossos reflexos no espelho, e coloco as duas mãos no seu ombro. Ele abre os olhos, tentando manter a expressão fria ainda.

Aproximo meus lábios do seu ouvido, deixando minha respiração bater na sua pele.

—Diga para mim que não quer transar comigo neste exato momento — sussurro no seu ouvido, confiante, sem deixar de encarar intensamente seus olhos frios pelo espelho. Vejo um vislumbre de luxúria surgir no reflexo dos seus olhos, mas é escondido novamente. Desço lentamente com a mão pelo seu ombro, roçando os dedos, até a sua gravata borboleta — você está tentando se manter frio comigo, está tentando se afastar, enquanto eu estou tentando me libertar, deixar meu pudor — sussurro maliciosamente no

seu ouvido, deixando minha expressão ainda mais devassa, e Tom engole em seco.

—Você não quer fazer isso, Alice. Você quer fazer isso por mim, não por você, e eu não quero que se obrigue — ele diz autoritário, frio, e sorrio em resposta, acariciando de forma sensual sua gravata. Minha outra mão desce por seu peito, com o braço circulando o seu corpo pela lateral, roçando os dedos pelo seu smoking, no abdômen.

—Não estou fazendo isso por você apenas, Tom — sussurro desafiadoramente, como se quisesse jogar na sua cara, com devassidão na voz — estou fazendo isso por mim, porque gosto do que senti, da sensação prazerosa de liberdade — sussurro devagar, seduzindo-o. Roço meus lábios em seu ouvido, vendo seu corpo se arrepiar.

Sinto um arrepio me envolver também, mostrando o quanto estou excitada, o quanto estou desejosa por ele. O banheiro está abafado, meu

coração está acelerado e um calor me domina, mas estou no controle, não me deixando seduzir, mas utilizando a mesma sensação para deixá-lo igual a mim.

—Estou me libertando porque eu quero, porque eu quero ver o que posso fazer, o que posso sentir, Tom — falo devagar, maliciosamente em um sussurro, e digo seu nome devagar, como se fosse sexo puro — Tom.

Ele respira fundo, e percebo que sua expressão fria está se dissipando. Ele não está aguentando. Desço os olhos pelo seu corpo, fitando o reflexo no espelho, e vejo sua ereção se avolumar na calça. Ele está prestes a explodir. Sorrio, satisfeita, e minha mão desce ainda mais pela sua barriga, enquanto a outra desfaz a sua gravata, lentamente. Meus olhos estão ferozes, atentos nos seus azuis.

Roço minha mão na pele do seu pescoço,

quente, enlouquecedora, e respiro fundo. Ele ainda é fogo, e apenas seu contato me queima. Um eletricidade percorre meu corpo, de desejo, de tesão, e percorre Tom também, que fecha os olhos para não demonstrar. Me aproximo ainda mais, e encosto todo o meu corpo nas suas costas, deixando-o sentir o contorno dos meus seios, do meu quadril. Levanto um pouco a perna pela fenda, contornando um pouco sua perna, deixando minha coxa exposta.

—Olhe para mim, Tom — digo seu nome novamente, e ele abre os olhos, me obedecendo, deixando sua máscara de frieza se dissipar por completo — diga que não me deseja.

—Alice — ele sussurra, com os olhos fixos em mim, e desfaço sua gravata, deixando o tecido pender pelo seu pescoço. Tom respira fundo, e desço com a mão pela sua barriga ainda mais, parando no seu ventre. Ele retesa a mandíbula,

tentando se tornar frio novamente, mas percebo que não consegue — não — sua voz rouca é um sussurro, sem confiança.

—Está com desejo, Tom? — sussurro no seu ouvido, e mordisco sua orelha lentamente, com os olhos fixos nos dele, pelo espelho. Minha mão desce até sua ereção, e agarro o volume por cima da calça. Ele respira fundo, cerrando os dentes, e um gemido profundo passa por seus lábios. Sua ereção grossa pulsa na minha mão. Pressiono meu corpo ainda mais contra o dele, com um sorriso malicioso e uma expressão feroz. O semblante de Tom é devastado de desejo, já não conseguindo se controlar, e meu lado escuro está me guiando, ditando as palavras, sem pensar — eu estou molhada — sussurro lentamente no seu ouvido com devassidão — estou molhada, esperando que você — as palavras me deixam com um arrepio enlouquecedor ao mesmo tempo, excitada, e o

volume pulsa ainda mais.

—Alice, não, pare — ele parece implorar, e com a outra mão, roço minhas unhas no seu pescoço, contornando-o até a nuca. Beijo sua pele no local, e assopro lentamente.

—Você quer que eu pare, Tom, agora que estou decidida a me libertar? — pergunto retoricamente — eu quero isso, eu quero você, quero essa sensação de me sentir liberta. Você não quer? — pergunto maliciosamente em um sussurro, apertando com força seu membro.

Tom geme, enlouquecido de tesão, e seus olhos me devoram pelo reflexo. Ele respira fundo, deixando sua expressão selvagem, e não responde.

—Me diga, Tom. Não me quer, mesmo sabendo que estou perdendo meu medo, por mim mesma, e estou amando essa sensação? — pergunto em um sussurro no seu ouvido, e beijo seu pescoço. A pele de Tom, quente, se arrepia, e ele arfa. Me

sinto derreter de tesão, mas meu lado escuro está se controlando, para atiça-lo de vez, exatamente até o ponto que quero.

—Você não quer — ele tenta murmurar para se convencer — você irá se machucar.

—Eu já me machuquei, Tom — falo lentamente, deixando claro que falar sobre isso não me machuca mais — mas estou aqui, inteira, desejando-o — minha mão larga sua ereção, e eu a acaricio com os dedos, subindo com a minha mão pelos seus cabelos, deixando meus lábios grudados no seu ouvido — eu estou aqui, desejando que você se enterre em mim, que você se perca em mim, novamente.

Tom respira fundo, enlouquecido de tesão, e fecha os olhos, não conseguindo mais aguentar, se continuar fitando minhas mãos pelo seu corpo. Sinto seus corpo definido contra o meu, quente, e desço novamente com a mão para o seu pescoço,

sem parar de acariciar sua ereção com a outra mão.

—Mas você irá se machucar mais — ele tenta argumentar, e sorrio ainda mais. Ele está entregue, sem conseguir esconder mais. Ele está como Anya falou, meu lado escuro sussurra.

—Me machucaria, se eu continuasse a mesma, mas estou mudando, estou decidida a me libertar totalmente — respondo, observando seu rosto com um semblante devastado de excitação.

E agora, eu faço o que eu quero. Meu lado escuro me comanda, incitado pela sugestão de Anya, e solto sua ereção, me afastando de Tom. Perco o contato físico com ele, ainda fitando sua expressão pelo espelho. Seus olhos se abrem, espantados, e ele me fita mergulhado em luxúria, confuso, como se não esperasse esse afastamento. Sorrio maliciosa, e me afasto em direção a porta, dando as costas para ele, caminhando lentamente, sem olhar para trás. Sinto seus olhos me

queimarem, me devorarem, e giro a chave, abrindo a porta.

Olho para ele sobre o ombro, com um olhar decidido, e minha expressão se torna séria, enquanto a sua é ainda mais confusa, enlouquecida.

—Estou me libertando por mim mesma, Tom — falo lentamente, de modo erótico — e você poderia voltar. Mas, se realmente não quer, talvez eu me liberte com outro homem — falo firme, em um tom de voz autoritário, decidido, e vejo a loucura invadir seus olhos azuis — talvez outro homem aproveite o que eu estou me tornando.

Ele abre a boca, aturdido, em um torpor, e seus olhos parecem sair de orbita, como se explodissem diante da loucura, e sua expressão se torna ainda mais selvagem. Sorrio maliciosamente para ele, com a cabeça erguida e um postura ereta, e saio do banheiro, fechando a porta atrás de mim, e deixando Tom com as palavras mais provocantes

que meu lado escuro poderia usar.

Caminho lentamente pelo corredor, ouvindo o silêncio derradeiro. Meu lado escuro está satisfeito, se tornando mais fixo dentro de mim, parte por parte. Estou lentamente me tornando meu lado escuro.

Meus saltos ressoam pelo corredor, lentos, e ouço meu coração retumbar dentro dos meus ouvidos, junto com a minha respiração. Estou ansiosa, mas não nervosa, porque pela primeira vez, estranhamente possuo a tranquilidade de saber que estou conseguindo. Possuo a confiança de que acontecerá o que prevejo.

Caminho dois passos, chegando perto da virada do corredor, quando ouço a porta do banheiro abrir com veemência. Ouço passos apressados, e sorrio, sabendo que Tom está vindo.

E Anya estava certa, estou colocando à prova suas palavras.

Sorrio triunfante, sem olhar para trás, alcançando a virada do corredor, enquanto os passos se aproximam mais. A ansiedade, misturada com adrenalina e vertigem me consomem, e uma mão quente agarra meu braço, me virando para trás.

Tom me encara enlouquecido, colando nossos corpos, e antes que eu diga algo, suas mãos agarram meu corpo, me espremendo em seus braços, de encontro com seu corpo definido, quente, e sua outra mão agarra minha nuca nua.

—Porra — ele sussurra com devassidão, expressando a total falta de controle, e sinto o calor do seu corpo entrar pelo meu. Uma eletricidade caminha do seu corpo para o meu, me arrepiando, me enlouquecendo, como se estivesse saindo faíscas de nós, uma eletricidade entorpecedora, viciante. Seus olhos estão fixos, penetrantes nos meus, e sorrio maliciosamente para ele, vendo sua

expressão se tornar ainda mais selvagem. Ele puxa minha cabeça, e cola os lábios nos meus.

Sinto seus lábios macios, quentes, pressionarem os meus, me levando a loucura. Ele abre minha boca com a sua, com violência, como se estivesse com urgência, e sua língua molhada e quente penetra minha boca, vagando sem rumo, como se só precisasse entrar em mim. Ele me empurra com violência com o corpo, perdendo qualquer cavalheirismo ou cuidado, como se a urgência fosse maior do que qualquer pensamento. Caminho para trás, sentindo seu corpo me empurrar com cada vez mais força, e bato com força na parede do corredor, gelada. Gemo contra seus lábios, e Tom pressiona seu corpo quente, definido, contra o meu, como se quisesse me enterrar na parada. Agarro seus cabelos, puxando-os, dominada pela necessidade de tê-lo, e Tom pressiona sua ereção no meu ventre. Sua língua

vaga pela minha boca, passando ela minha, prendendo a minha e a acariciando-a com a ponta da sua língua. Ele geme, e suas mãos agarram minha cabeça, com força, sem se preocupar se podemos ser vistos.

Eu não estou me preocupando, estou hipnotizada pelo fogo de Tom. Estou levada pelo meu lado escuro.

Ele me empurra novamente contra a parede, e eu bato a bunda, sem conseguir me conter. Suas mãos descem pelo meu pescoço, pressionando a pele com força, como se precisasse me sentir desse modo, e param nos meus seios, apertando-os. Gemo no mesmo tempo que ele, e arfo, me sentindo tragada pelo fogo, pelo desejo inapagável. O calor sobe pelas minhas coxas, deixando o corredor abafado, e meu coração não consegue nem fazer pausa, como se cada batida não tivesse um segundo para vir a outra já. Ofego, sem ar, e Tom

não permite que eu puxe muito oxigênio, colocando os lábios nos meus novamente. Penetro sua boca com a minha língua, deliciada com seu gosto, com a lembrança de como é beijá-lo, sentindo sua língua brincar lentamente com a minha, encostando sua ponta na extensão da minha. Desço com as mãos pelo seu corpo, dedilhando seus músculos, e agarro as pontas do seu smoking, abrindo-o. Tom estica os braços, e eu puxo o smoking para trás, tirando dele. Ouço o barulho do tecido caindo no chão, e minhas mãos sobem para os botões da sua camisa social, desabotoando-os depressa, enquanto sua gravata já está no chão.

Suas mãos descem para o meu quadril, e contornam meu corpo, apertando com força minha bunda. Estou derretendo de tesão, querendo senti-lo dentro de mim. Tom morde meu lábio inferior, e abre os olhos azuis, me fitando devasso. Abro toda sua camisa, e passo as mãos pelo seu peito

definido, liso, me sentindo perdida de gozo. Quero agarrá-lo, passar as unhas e arrancar seu fogo para mim. Ele é sexo puro.

Ele se afasta, me olhando sedutoramente, sem conseguir esconder o tesão extremo que sente.

—Preciso transar com você — ele geme, avançando sobre mim novamente, agarrando minha bunda e me erguendo do chão com violência. Bato as costas na parede, sentindo as mãos de Tom quentes, por dentro o vestido, graças à abertura da fenda, e ele aperta minha bunda ainda mais, me arrepiando o corpo inteiro, com uma sensação de formigamento subindo pelo meu ventre. Levanto as pernas, puxando meu vestido para trás, e contorno seu quadril com as pernas nuas, sendo empurrada ainda mais contra a parede.

Tom me fita, ofegante, sem se controlar, e sorrio maliciosamente.

—E está esperando o que para transar

comigo? — pergunto com devassidão, em um sussurro. Mordo o lábio, e Tom estremece, devastado de tesão.

—Porra — ele rosna, e avança contra o meu pescoço. Sinto seus lábios beijarem minha pele, com força, e viro a cabeça para o lado, entregando meu pescoço nu. Ele morde minha pele, passando sua língua quente, enquanto segura meu corpo pela bunda, com uma mão. Sua outra mão sobe apertando meu seio, e pega o meu coque por trás, puxando-o com força. Sua língua quente, molhada, lambe minha pele, e sua respiração me arrepia ainda mais. Estou no fogo para tê-lo dentro de mim. Ele é maravilhoso, ele é Tom.

Agarro seu pescoço, passando a outra mão no seu ombro, contornando-o e agarrando-o, me segurando ainda mais. Ele se afasta um pouco, com os olhos penetrantes em mim, banhados de luxúria, gozo puro, e arfa, assim como eu. Aproveito e

desço com a mão, roçando no seu peito definido, e paro na sua calça, abrindo-a com as duas mãos, sem tirar os olhos dele.

Tom retesa a mandíbula, surpreso, e desce com os olhos para o próprio ventre, voltando-os para mim novamente.

—E as pessoas? Elas podem vir — ele sussurra com sua voz rouca, cheia de tesão, como se tentasse se convencer também. Sorrio, queimando com meu lado escuro, dentro do fogo de Tom.

—Não estou preocupada com as pessoas, Tom. Neste momento, quero apenas você — respondo maliciosamente em um sussurro, e abro de vez sua calça, entrando com uma mão por dentro da cueca. Agarro sua ereção, e Tom geme, deixando seu membro estremecer na minha mão. Aperto sua base, desejosa, sentindo minha intimidade pulsar de ansiedade, e uma sensação de

eletricidade percorrer meu corpo, de excitação. Estou derretendo, molhada, ansiosa para ele — você está? — sussurro desafiadoramente, ainda com um sorriso devasso. Tom abre a boca, incrédulo, e seus olhos são engolidos pela luxúria, pela satisfação de ver assim.

—Não, quero estar agora em você — ele responde com um gemido, e avança sobre mim, apertando minha bunda com uma mão e segurando meu rosto com a outra — preciso de você — ele sussurra com sua voz rouca, contra meus lábios, me deixando enlouquecer. Analiso seu rosto em detalhes, seus olhos azuis escuros, sedentos, penetrantes, sua expressão de urgência e seus lábios molhados dos beijos. Seu cabelo está bagunçado, e ele me fita intensamente, em desejo selvagem — preciso sentir você, preencher você, ter você. Alice — ele sussurra meu nome, me beijando profundamente, e sua língua se encontra com a

minha novamente, explorando minha boca. Sua mão desce até as minhas coxas, apertando-as, empurrando meu corpo contra a parede. Uma mão de Tom agarra minha calcinha fina, puxando-a com força. Sinto o tecido ceder pela lateral, rasgando-a, e ele pega a calcinha com uma mão. Sua outra mão permanece na minha bunda, me segurando, e ele olha para mim, sedutoramente.

—Agora quero ver o quanto você me quer — ele sussurra, e joga a calcinha no chão, subindo pela minha coxa com a mão. Arqueio as costas, jogando a cabeça para trás. Sinto seus lábios no meu pescoço, beijando-o em direção ao meu queixo, e ele o morde suavemente, enquanto sinto seus dedos acariciarem minha intimidade. Gemo, olhando para cima, e sinto seus dedos abrirem minha intimidade, explorando-a, vendo o quanto estou molhada. Ele me penetra com os dedos, e mordo o lábio, tentando abafar o gemido, mas não

me controlo. Abaixo a cabeça, encontrando os olhos de Tom atentos em mim.

—Você está enlouquecedora — ele sussurra sedutoramente com sua voz rouca — eu quero mergulhar me você, Alice, quero sentir o quanto está molhada para mim — ele sussurra ofegante, como se me sentir molhada o deixasse sem ar, quando na verdade, eu estou sem. Sinto seus dedos me acariciarem novamente, e me penetram com força, me preenchendo um pouco. Gemo, e Tom tira os dedos, indo com a mão até a minha bunda. Desço com as mãos até sua calça, sem tirar os olhos dele, sentindo o fogo queimar meu corpo, o tesão se tornar insuportável, e puxo sua calça para baixo, deixando seu membro pular para fora da cueca, grosso, ereto. Mordo o lábio, deliciada com a visão, com a urgência de sentir ele, e o agarro pela base. Tom se contorce, e sua expressão é devastada pelo prazer. Ele sorri torto, e

seus me devoram, mas ele levanta uma sobrancelha, como se estivesse pensando em algo — eu não tenho preservativo — ele murmura sem jeito, como se não quisesse parar por isso.

Mordo o lábio, seduzindo-o, e agradeço à mim mesma por não ter parado o anticoncepcional.

—Não precisamos — respondo em um sussurro devasso — quero sentir você.

Os olhos de Tom se arregalam por alguns segundos, e ele avança sobre mim, enlouquecido com as minhas palavras. Ele passa os lábios pelos meus, beijando-os, e desce pelo meu pescoço, beijando meu pescoço, meus ombros, deixando uma trilha molhada de beijos com sua língua. Gemo, sentindo seus lábios, com uma mão no seu peito definido, e a outra começando leves movimentos no seu membro, subindo e descendo. Tom geme contra a minha pele, fechando os olhos, devastado de desejo por me ter, enlouquecido de

uma forma que nunca vi antes, sem tato delicado, apenas com desejo violento. Suas mãos apertam com força minha bunda, e eu puxo seu membro na minha direção, roçando-o na minha intimidade molhada. Tom geme ainda mais, enlouquecido, e joga a cabeça para trás. Continuo tocando seu membro, cada vez mais rápido, sentindo suas mãos apertarem minha bunda cada vez mais, e coloco apenas a ponta dentro da minha intimidade molhada.

Tom geme alto, descontrolado, e me fita perdido dentro de si mesmo, como se estivesse sendo torturado de prazer. Ele geme meu nome, e antes que eu faça mais algo, ele empurra o quadril contra minha intimidade, me penetrando com força, me abrindo com veemência. Sinto seu membro me preencher por completo, de uma vez, como se me rasgasse, e gemo ao mesmo tempo em que ele, agarrando suas costas nuas, por baixo da camisa

social, sentindo sua pele quente encostar no meio das minhas coxas, me batendo contra a parede.

—Alice — ele geme meu nome, jogando novamente a cabeça para trás. Estou mergulhada no prazer que é sentir ele dentro de mim, imóvel, esperando se acomodar em mim. O fito, embevecida de gozo, e ele abaixa a cabeça, com os olhos como dois oceanos profundos de prazer — você continua maravilhosa para mim — ele diz ofegante, sem se controlar, e movimenta o quadril para trás, um pouco, subindo com uma mão, enquanto a outra ainda me sustenta. Mexo o quadril com seu membro dentro de mim, sentindo o prazer subir pelo meu ventre. Coloco minhas mãos no seu peito, e subo com uma, agarrando seu pescoço com força, enquanto a outra volta para as suas costas, pressionando sua pele.

—Então aproveite — sussurro contra seus lábios, ofegante também, e mexo novamente o

quadril. Tom sente o movimento, e geme, apertando a minha pele com força. Sua mão para no meu seio, tentando invadir o vestido, mas não consegue. Seus olhos estão devastados, em mim, e sua mão sobe mais, agarrando meu coque, puxando-o para trás. Sua outra mão solta minha bunda, e eu me agarro mais com as pernas no seu quadril. Ele sobe com a mão, contornando minha cintura em um abraço apertado, e afasta mais o quadril, saindo lentamente de mim. Encaro seus olhos ferozes em mim, e ele empurra novamente o quadril, me penetrando com força novamente. Sinto seu membro entrar todo, e um formigamento sobe pelo meu corpo, se irradiando em um arrepio enlouquecedor por tê-lo. Sinto meu corpo se contorcer de prazer, e ouço o gemido de Tom. Ele gruda nossos corpos contra a parede, e começa a estocar com força, gemendo cada vez mais, como um rosnado que sobe do seu peito, guardado por

muito tempo. Pressiono minhas pernas ainda mais contra seu corpo, e sua mão puxa com mais força meu coque, enquanto a outra me abraça na cintura ainda mais. Aperto a pele do seu pescoço e com a outra mão desço com as unhas pelas suas costas, ouvindo seu gemido acompanhar o meu. Seus lábios estão no meu ouvido, e ele apoia a testa na parede ao lado da minha cabeça, me empurrando com força contra a parede, a cada estocada.

—Mais forte — sussurro contra seu ouvido, lambendo-o, perdida no próprio gozo, e ao me ouvir, Tom me aperta ainda mais, estocando com mais força, me rasgando por dentro. Sinto espasmos pelo corpo começarem, e gemo alto no seu ouvido, me sentindo embriagada de prazer. Sinto o vestido me sufocar, como se o fogo de Tom tivesse queimado todo o ar do corredor, e me sinto quente, eletrizada por ele, como se uma corrente passasse por mim, me esquentando. Está calor, e

cada toque dele me deixa mais abafada ainda. Meu coração está batendo enlouquecido, e arfo.

—Alice — Tom geme meu nome alto, estocando cada vez mais forte, mais rápido, sem conseguir se controlar. Me sinto transportada para o meu mundo, que tanto senti falta. Um mundo de esquecimento, onde apenas sinto o corpo quente e definido de Tom contra o meu, seu membro me queimando, e uma sensação entorpecedora me invade, com sensações delirantes de prazer, me deixando esquecer onde estamos. Gemo alto, sentindo o êxtase avançar dentro de mim em ondas arrepiantes, se irradiando por todo o meu corpo. Gemo o nome do Tom, sentindo meu corpo bater forte contra a parede, e a respiração ofegante dele ofegante, junto com a minha, e ele puxa com mais força o meu coque. Jogo a cabeça para o alto, mergulhada na sensação enlouquecedora, e me derreto nele, entrando em um orgasmo sublime.

Sinto o membro de Tom pulsar dentro de mim, e sei que ele está sentindo que estou no êxtase. Ele geme ainda mais selvagem, me apertando com força, sentindo eu me derreter nele, e suas mãos me apertam ainda mais.

Tom geme alto, e entra em orgasmo também, dentro de mim. O sinto quente, estocando mais forte, em estocadas lentas, e coloco as mãos no seu rosto, encarando-o. Seus olhos estão perdidos em prazer, assim como os meus, e sua expressão mostra o quanto está devastado, selvagem. Ele me encara, enquanto ainda sinto espasmos de prazer. Gemo, sabendo que minha expressão revela o quanto me deixou levada para outro mundo.

Ele empurra minha cabeça contra a parede, e eu a encosto. Tom cola sua testa na minha, saindo de dentro de mim, soltando meu corpo. Coloco os pés, com os saltos, no chão, ainda extasiada, e suas

mãos agarram minha cintura, me puxando contra seu corpo, e ele passa as mãos nas minhas costas, descendo até a minha bunda, me encarando com o rosto colado no meu, testa com testa. Seus olhos azuis escuros são ainda mais profundos, visto de tão perto, e antes que ele diga algo, eu puxo sua cabeça, colando nossos lábios, sem fôlego.

Tom respira fundo, tentando recuperar o fôlego antes de me beijar, e penetra minha boca com a sua língua, explorando bem devagar, saboreando cada detalhe. Ele encosta sua língua na minha, quente, e me sinto no fogo novamente. Suas mãos sobem pelo meu vestido, acariciando meu corpo, e seus lábios pressionam os meus. Me sinto abafada novamente, derretendo por ele.

—Tom — uma voz me acorda da sensação entorpecedora, e ele se afasta de mim, olhando para o lado. Olho também, e vejo um homem moreno, parado no corredor. O amigo do falecido pai de

Tom.

Abro a boca, tentando ajeitar o meu vestido, e me lembro da minha calcinha jogada no chão. Tom arregala os olhos, sem saber o que dizer, e se agacha, pegando o smoking e discretamente a minha calcinha, colocando-a escondida dentro do smoking.

— O que está fazendo? — o homem levanta as sobrancelhas, incrédulo, como se não esperasse essa atitude de Tom. Tom respira fundo, fuzilando-o com os olhos.

—O que foi? — ele pergunta um pouco rude, sem fôlego, mas estranhamente, não me sinto tão sem graça com a situação. Meu lado escuro, reinante, está satisfeito com tudo, e não está pensando em mais nada. Encaro o homem de forma tranquila.

—Estavam procurando por você — o homem diz ríspido — se puder me acompanhar, é

sobre seu novo empreendimento, ou você se esqueceu?

Tom respira fundo, furioso, e me encara confuso.

—Vá — sussurro firme, confiante.

Ele parece vacilar, e seus olhos me fitam intensamente, como se quisesse falar comigo. Ele passa a mão no cabelo, ajeitando-o, e então caminha na direção do homem, firme, sem olhar para trás. Eles saem pelo corredor, e me encosto na parede, tentando recuperar o fôlego.

O corredor se torna normal novamente, desaparecendo a sensação de sufocamento, e respiro fundo, sem conseguir acreditar no que aconteceu. Consegui despir a máscara de frieza de Tom, provocando-o até um pouco que ele não se controlasse, graças ao fato de acreditar realmente que poderia.

Graças à Anya ter aberto meus olhos um

pouco, meu lado escuro sussurra, e me lembro dela. Ouço um silêncio e percebo que o discurso de Ed já acabou. Caminho apressada para o banheiro, eufórica por ter conseguido algo com Tom. Entro no banheiro, fitando meu coque um pouco bagunçado, e assim que fito meu reflexo, uma pergunta surge.

O que acontecerá agora? Voltarei com Tom? Terei que aceitar a proposta de Anya?

Meu lado escuro quer aceitar, quer que eu consiga me libertar realmente, mas de certa forma, eu já não consegui Tom de volta?

Ajeito meu cabelo, sentindo meu corpo inteiro tremer ao pensar nisso tudo, e respiro fundo.

Consigo me arrumar de um modo que não demonstre que transei com Tom, mas me sinto desconfortável sem calcinha. Balanço a cabeça, tentando me adaptar a esse detalhe, e saio do

banheiro, caminhando firme em direção ao salão.

Meu lado escuro está ardendo de prazer por eu dado um passo, por eu ter conseguido algo, transado com ele. Me sinto satisfeita e um pouco mais animada. Entro no salão, e percorro com os olhos as pessoas. Vejo Ed em um canto, me procurando, e assim que seus olhos se encontram com os meus, ele sorri. Sorrio de volta, sem conseguir parar de pensar no rosto de Tom, em seu toque, em seu orgasmo, e um calor me invade novamente. Está quente.

Ed caminha apressado na minha direção, confuso.

—Onde estava? — ele me pergunta um pouco preocupado, e nego com a cabeça, como se não fosse importante.

—Estava no banheiro — minto, e percebo que demorei o suficiente para ser estranho — acho que o champanhe não me fez bem.

Ed respira fundo, preocupado, e me sinto péssima por mentir assim. Ele pega a minha mão, e levanta as sobrancelhas.

—Você está bem? Quer ir embora? — pergunta, e assinto.

Eu estou mais do que bem, estou ainda extasiada, mas quero ir embora. Não estou me sentindo confortável sem calcinha, e sinto que não conseguirei ficar bem na festa assim.

—Acho que irei embora sim — murmuro, olhando preocupada para Ed — me desculpe? Vamos comemorar outro dia.

Ed sorri, compreendendo, e segura meu queixo, deixando meu rosto na sua direção.

—Vou querer mesmo uma comemoração — diz animado — mas eu entendo, Ali. Vou pedir para o meu motorista levar você, pode ser?

Assinto, e Ed pega a minha mão, me conduzindo entre as pessoas. Procuro entre elas

Tom, mas não o encontro mais, e estranhamente também não vejo mais Anya. Ed caminha apressado, e descemos as escadas de fora do salão.

—O que você está sentindo? — ele pergunta, caminhando ao meu lado. Fito os degraus, não querendo falar muito, mas ele é meu amigo, e não quero deixá-lo preocupado.

—Apenas mal-estar, nada demais — olho para ele, sorrindo — estou bem, só bebi demais — rio, e Ed nega com a cabeça, fingindo estar bravo.

—Dá próxima vez, vou controlar sua bebida — ele ri, e alcançamos o último degrau. Ed faz sinal para o seu motorista, e explica o meu endereço. Assim que o motorista entra no carro, ele se vira para mim.

—Qualquer problema, me ligue — ele diz, e assinto. Sorrio para ele.

—Você também — respondo — se divirta — pego a sua mão, e Ed se inclina, beijando a

minha bochecha.

—Boa noite — ele sussurra contra a minha pele, e assinto.

—Para você também — respondo carinhosamente, e me afasto, entrando no carro. Ed se vira, subido rápido as escadas, e o carro acelera.

Durante todo o trajeto, permaneço em silêncio, mergulhada no momento enlouquecedor que foi. Após quinze minutos, o motorista estaciona em frente ao meu prédio. Saio do carro, agradecendo ele, e entro no hall de entrada. Aperto o botão do elevador, voltando a pensar em Tom. Não pudemos conversar realmente, mas ainda acredito que tenha sido um passo. Consegui graças a minha confiança. Graças à Anya ter me atiçado, meu lado escuro sussurra, e fecho os olhos, tentando me livrar do pensamento.

O elevador para no meu andar, e caminho pelo corredor, me perguntando onde Anya estava.

Ela provavelmente iria querer ver se eu consegui ou não, para me cobrar a proposta, e merda, eu aceitei porque achava que iria conseguir. O que vou fazer agora? A pergunta permanece na minha mente, enquanto pego a chave para abrir a porta, mas ao encostar a chave, a porta se abre sozinha.

Arregalo os olhos, assustada. Alguém invadiu meu apartamento. Meu coração para, duvidoso sobre quem será. Anseio que seja Tom, mas estranhamente meu lado escuro suspeita que não é. Receio que possa ser um desconhecido, mas abro a porta lentamente, procurando alguém.

A porta se abre totalmente, e minha sala está na penumbra, apenas iluminada por um abajur de canto, com luz amarelada, no canto ao lado de uma poltrona virada de frente para a porta, ao lado do sofá.

O abajur ilumina uma pessoa sentada na poltrona, e abro a boca incrédula. Meu coração me

abandona, e minha mente me lembra de ter aceitado. Respiro fundo, e dou um passo para dentro do apartamento, fitando os olhos animalescos que me encaram, tranquilos, sugestivos. Respiro fundo, tentando puxar o ar do ambiente tenso que está, e meu corpo inteiro começa a suar frio. Tudo parece se encolher, tornar pequeno, e a presença dela é a principal na sala. Sinto o mundo desaparecer ao redor, tensa, surpresa, e meu coração continua em silêncio, deixando minha respiração alta, pesada. Uma vertigem do desconhecido me invade, assim como um calafrio misturado com adrenalina, e então meu coração volta, batendo acelerado, furioso no meu peito, querendo sair por ele a cada batida.

Ela está sentada, com os braços apoiados no encosto de braço de cada lado, as pernas cruzadas e as costas apoiada no encosto da poltrona. Um sorriso malicioso está em seus lábios. Fecho a porta

atrás de mim, sem conseguir desviar o olhar, e seus olhos se tornam ainda mais tranquilos, sugestivos. Confiantes.

—Olá, Alice — a voz de Anya corta o silêncio, firme, lenta. Ela sorri ainda mais, analisando minha expressão de espanto. Anya levanta uma sobrancelha, satisfeita. Seu vestido branco, decotado, está arrumado. Respiro fundo, com meu lado escuro ainda me dominando, fixando uma parte permanente em mim, depois de ter conseguido provocá-lo, transar com ele e provar a minha confiança. Meu lado escuro queima, e a encaro, lembrando do sexo com Tom. Lembrando da proposta.

ALICE

Os olhos de Anya me encaram intensamente, com um grande sorriso felino nos lábios. Sinto o ar fugir dos meus pulmões, e meu coração abandonar meu corpo. A atmosfera parece gelada, tensa, e olho pasma para ela, sentindo meu corpo imóvel, em um torpor.

—Como você está? — a voz firme de

Anya corta o silêncio tenso, me arrepiando. Abro a boca, fitando-a sem acreditar que ela invadiu meu apartamento. Tom já invadiu, agora Anya. Terei que providenciar outras fechaduras.

Fecho a boca, vendo o sorriso de Anya aumentar ainda e ela bate lentamente os dedos da mão direita no encosto de braço da poltrona, como uma melodia prenunciando suas palavras, e a sensação de estar dentro de um sonho retorna, como se o fato de encarar Anya de frente me transportasse para uma realidade paralela, uma realidade em que abro minha mente. Ela se inclina em câmera lenta para frente, satisfeita em me ver, com o batucar dos dedos na poltrona, me fitando intensamente, e sinto o vento entrar pela janela aberta lentamente, fazendo a cortina esvoaçar.

Respiro fundo, tentando recobrar a consciência dos meus atos, e seguro a maçaneta da porta com força, puxando-a. A porta se fecha em

um estrondo atrás de mim, e Anya levanta as sobrancelhas, surpresa.

—Então eu acertei? — ela pergunta retoricamente, e sua voz é lenta e confiante, acompanhando o sorriso.

Continuo a encarando aturdida, como se não conseguisse responder, e Anya para o batucar dos dedos, deixando o sorriso esmorecer e levanta a cabeça ainda mais.

—Você deverá manter sua palavra, Alice — Anya exige em uma voz firme, tentando me intimidar com sua expressão e olhos felinos, mas permaneço encarando-a, ouvindo suas palavras distantes — Alice — Anya aumenta o tom de voz, e pisco, acordando dos meus pensamentos sobre o fato de que talvez sua proposta seja realmente boa.

Respiro fundo, e dou um passo em sua direção, ouvindo o salto cortar o silêncio. A encaro de igual, sem me sentir intimidada, e meu lado

escuro, presente e fixo em mim, está eufórico por saber que eu irei fazer a sua vontade.

Eu aceitarei a proposta de Anya.

Caminho firme em sua direção, e paro entre ela e uma outra poltrona, fitando-a de cima. Anya levanta a cabeça, com um grande sorriso, com as sombras do abajur de luz amarelada dançando ao nosso redor. A atmosfera parece abafar instantaneamente.

—Precisamos conversar — digo séria, encarando-a. Anya assente com a cabeça, levantando uma sobrancelha.

—Acho que já estava na hora — diz sorrindo lentamente. Dou um passo para trás, com os olhos fixos nos dela, e me sento na poltrona, encostando minhas costas no encosto e colocando minhas mãos no meu colo, com a perna saindo pela fenda. Anya se recosta também, com os braços no encosto de braços, e um sorriso malicioso — o que

me diz, Alice? — sussurra, semicerrando os olhos, como se me desafiasse.

Respiro fundo, desejando ainda mais que meu lado escuro assuma tudo.

—Por que eu deveria aceitar, Anya, se já transei com Tom, se já praticamente o consegui de volta? — pergunto séria, firme. Anya sorri, como se já esperasse essa pergunta, e nega com a cabeça.

—E você quer voltar para aquele relacionamento que tinham, Alice? — Anya pergunta firme, e sua voz é lenta, alta. Ela levanta a cabeça, me encarando desafiadoramente. Levanto as sobrancelhas, sentindo as palavras dela me invadirem. Quero realmente ter o mesmo relacionamento? Meu lado escuro me pergunta, e eu sei a resposta, mas permaneço muda, apenas ouvindo as palavras — você quer voltar com Tom agora, desse jeito, e continuar a estar apenas um pouco em seu mundo, já que ele perceberá que

você continua a mesma, sem confiar, sem se libertar. Quer voltar para o mesmo relacionamento, no qual ele escondia seu mundo de você, com medo de machucar você? Ou prefere se conquistar primeiro, e depois conquistá-lo definitivamente, entrando em seu mundo e mostrando que ele pode se abrir com você, que você se tornou a mulher que sempre quis ser, liberta e confiante? Se conquiste primeiro, senão nunca conseguirá conquistá-lo realmente como quer.

A expressão de Anya se torna séria, e ela fecha os olhos lentamente. Respiro fundo, também fechando, pensando em cada palavra que Anya falou.

Meu relacionamento com Tom era bom, mas não era exatamente como eu queria. Queria que ele pudesse me contar sobre seu mundo, sobre seus problemas, sem sentir medo de me assustar, de pensar que eu não fosse compreender, e se eu voltar

com ele neste momento para um relacionamento igual, andaremos em círculos até um novo problema surgir e ele mentir para mim, por eu mesma não me libertar, não confiar em mim mesma. Quero conquistar minha confiança nesse mundo que me desafia, quero me libertar para mim mesma, para eu me sentir confortável em qualquer situação que eu goste.

Abro os olhos, encontrando os olhos de Anya fixos em mim, intensos, intimidadores. Respiro fundo, decidida. Quero fazer isso por mim, para conhecer o meu lado que nunca encarei, que nunca aceitei. Quero me sentir confiante, liberta, conseguindo aproveitar esse meu lado sem me sentir receosa. Quero revelar quem eu sou para mim mesma.

—Eu teria que negar voltar com Tom? —pergunto séria, e Anya sorri lentamente.

—O que você quer fazer, realmente,

Alice? — a voz de Anya é lenta, e ela levanta as sobrancelhas. O que eu realmente quero fazer?

—Não quero ter o mesmo relacionamento, não quero me sentir às cegas, e muito menos presa dentro da minha própria cabeça — respondo sincera. Minhas mãos ameaçam tremer, mas as fecho no meu colo, controlando o nervosismo — mas se eu voltar com tudo, é isso o que vai acontecer.

—E o que você propõe? — Anya sussurra lentamente, curiosa. Ela sorri, e percebo que pela primeira vez, não está confiante com o que eu posso responder. Ela vira lentamente o rosto, observando a sala, e seus olhos percorrem o ambiente, se focando em mim novamente.

—Eu aceito, Anya — respondo firme, e minha voz é alta o suficiente. Pauso, vendo seu sorriso aumentar ainda mais, e sorrio um pouco, desafiando-a — mas nos meus termos.

Anya levanta uma sobrancelha, percebendo que enfatizei os meus termos. Ela respira fundo, e se inclina na minha direção, descruzando as pernas e as cruzando para o outro lado.

—E quais seriam os seus termos, Alice? — pergunta, e sua expressão se torna séria, apreensiva. Eu estou na vantagem, sinto isso, e me sinto satisfeita. Permaneço séria, encarando-a.

—Você não quer que eu volte com Tom agora, não é? — pergunto, e Anya assente, ainda com uma sobrancelha arqueada — eu não voltarei, mas não porque você está me pedindo. Eu não voltarei ao mesmo relacionamento, mas isso não significa que não irei me envolver com ele. Eu quero tê-lo por inteiro, mas até não me ter por inteira, eu irei provocá-lo, irei transar com ele, quando eu quiser. Irei fazê-lo perceber gradativamente como estou me libertando.

Anya sorri, um pouco confusa, colocando as

mãos sobre as pernas.

—Você não quer voltar, mas não quer se afastar, é isso? — Anya pergunta surpresa.

—Eu quero voltar, Anya — afirmo, franzindo a testa — é a minha maior vontade, mas antes, preciso me conquistar, e até lá, quero enlouquecer Tom.

—Esses são seus termos? — ela pergunta séria. Nego com a cabeça, e me inclino em sua direção também.

—Posso aceitar sua proposta, sua ajuda e seus conselhos, mas sou eu quem decidirá se irei segui-los, ou se aceitarei tudo o que me pedir. Você não terá controle sobre mim, Anya — falo firme, e vejo o sorriso dela desaparecer lentamente — você apenas me indicará, aconselhará, mas não terá controle sobre as minhas decisões finais. Eu ouvirei o que você sugerir, mas não agirei se não for o que eu realmente quero.

Anya respira fundo, contrariada, e me encara séria.

—E como você espera conseguir se libertar, se você se negar ao que eu disser? — pergunta um pouco brava, pela primeira vez que vejo. Levanto as sobrancelhas, surpresa, e nego com a cabeça.

—Eu não me negarei ao que disser, Anya, eu apenas pensarei sobre cada palavra que proferir, analisarei para ver se é o que realmente quero, e se for, irei fazer — respondo calma, tentando explicar — eu apenas não serei uma marionete em suas mãos ou deixarei você me controlar. Claro — pauso, analisando sua expressão curiosa, e percebo que estou fazendo-a perder o próprio jogo — se você ainda quiser me ajudar, conforme meus termos.

Anya fecha os olhos, brava, e a vejo cerrar as mãos.

—Ajudarei você, Alice — ela diz, abrindo os olhos intensos — ajudarei você, independente se você faça tudo o que eu mandar ou deixe de fazer. Meu objetivo é libertar você, como você mesma quer, e se você precisa analisar tudo o que eu disser, tudo bem — ela sorri — porque eu sei que no final, você perceberá que tudo o que eu aconselhar, é para ajudar você.

Assinto, satisfeita por deixar claro que ela não conseguirá me controlar, mas uma outra pergunta está presente, sendo sussurrada por meu lado escuro. E o que Anya ganhará com isso?

—E o que você irá querer em troca, Anya? — pergunto séria, analisando seu sorriso satisfeito. Anya se recosta novamente na poltrona, me encarando.

—Já que você perguntou — ela sussurra lentamente, e aumenta o tom de voz — como você disse que irá se envolver e provocar Tom, quero

que conte para ele também.

Arregalo os olhos, confusa.

—Contar o que? — minha voz sai mais apressada do que eu gostaria, curiosa. Anya sorri ainda mais.

—Que você aceitou minha proposta, Alice. Que eu irei ajudar você a se descobrir — Anya diz lentamente, analisando minha respiração de espanto.

—E o que você ganha com isso? — pergunto ainda mais curiosa, com uma pontada de receio surgindo. Merda, qual é a sua intenção?

—O que eu ganho, Alice? — Anya repete a minha pergunta com ironia — Tom saberá que eu estou ao seu lado, que eu estou sussurrando em seu ouvido, você seguindo os meus conselhos ou não. Eu ganho a dúvida que surgirá na cabeça de Tom, sobre se ele está realmente ganhando você de mim, ou perdendo você para o próprio mundo dele. E eu

ganho a oportunidade de dar a resposta para a pergunta que eu criei na cabeça dele, de que eu poderia ser cruel, mas estou ajudando a mulher que ele ama, estou devolvendo você para ele, inteira e liberta. Estou fazendo-o ganhar você novamente e mostrando que posso ser mais uma aliada do que uma inimiga, como ele me vê.

Abro a boca, incrédula com suas palavras. Anya quer jogar na cara de Tom que está ao meu lado, e ao mesmo tempo, mostrar para ele que realmente está me ajudando, para tirar a impressão de cruel que ele tem sobre ela? Estou confusa, e meu lado escuro também está incerto.

—Você apenas quer mostrar para ele, que acima de qualquer suspeita que ele possa ter sobre eu ter você ao meu lado, a resposta real é que você está me ajudando mesmo, sendo bondosa? —pergunto incrédula, e Anya sorri ao perceber meu espanto.

—Isso mesmo, Alice — ela afirma — nesses oito anos que conheci Tom, a impressão que deixei foi um pouco desagradável, não só para ele — hesita, me analisando — e como eu estou fascinada por você, vejo uma oportunidade de me aproximar de você, ajudá-la, e ver o resultado final, a mulher que se tornará, com a minha ajuda. Um resultado das nossas mentes unidas — respira fundo — e será uma forma de acabar com todo mal-entendido entre Tom e eu.

—Você já fez isso antes — afirmo, demonstrando que ouvi sobre seu passado.

—Foi diferente, Alice — Anya me interrompe — foi completamente diferente. O que eu fiz foi transformar uma mulher submissa ao marido, a vida inteira, em uma mulher confiante, sem receios de abandonar o marido. Eu me envolvi com ela, ensinei as artes do sexo, fiz ela me dar prazer e perceber que há um mundo maior do que

apenas o pau do marido. Entenda, esse homem era violento com ela, batia nela, a traia. Não a merecia. Eu abri seus olhos e mostrei que ela poderia ser mais, que ela não precisava dele.

—E onde essa mulher está agora? — pergunto, sem conseguir esconder o tremor e o calafrio que suas palavras me causam.

—No mundo, Alice — Anya responde com um grande sorriso — eu a deixei ir, eu dei o mundo para ela. Perdi o contato com ela, propositalmente, para ela continuar com os próprios pés.

—E o que você ganhou em troca? — pergunto séria.

—Ganhei minha primeira e única experiência com mulher, ganhei o poder de transformá-la no que realmente deveria ser, de ver sua felicidade e de mostrar para o marido dela a mulher que ele estava perdendo, por ser um

canalha. Ganhei de ensinar para ele que o que não se valoriza, se perde — ela responde firme, com o sorriso desaparecendo. Meu lado escuro me sussurra perguntas, mas apenas permaneço com uma.

—E quem é ele, Anya? — a minha voz sai mais baixa do que eu gostaria.

—Susano, Alice. Susano Fonter, irmão de Henrique, o sócio do cassino de Enzo — ela responde firme, sem demonstrar receio de contar.

—Mas ele não está envolvido com você? — me lembro das palavras de Tom.

—Está. Ele ficou perdido, e me implorou que o ajudasse. Assim, também ganhei ele, no final das contas e o eduquei a tratar uma mulher. — Anya responde sugestivamente.

Merda, preferia não ter ouvido a resposta de Anya. Parece ser muito simples me ajudar, como se ganhar a minha companhia não fosse comparado ao

que ganhou com essa outra mulher.

—Esse é o acordo? — pergunto um pouco duvidosa — ganhará apenas Tom sabendo disso e minha companhia? Além de mostrar o seu lado bom?

Anya sorri, e se levanta da poltrona, me olhando por cima.

—Podemos dizer que sim, Alice. Amarei ver o quanto descobrirei em você, o quanto revelarei para você, sobre você mesma — ela diz lentamente — e claro, também me divertirei com você.

—Como assim? — arregalo os olhos, não gostando do tom sugestivo da voz de Anya.

—Quando eu precisar ir a algum evento, ou festa, quero que me acompanhe, como uma amiga — ela afirma.

—Anya, posso não estar oficialmente com Tom, mas ainda estarei com ele, e sou

heterossexual — afirmo, me levantando e encarando-a de frente.

Anya ri, como se achasse graça das minhas palavras, da minha ideia.

—Eu sei, Alice — ela diz lentamente, e se aproxima de mim. Cada passo parece ser lento demais, e suas mãos sobem. Ela coloca as mãos nos meus ombros, e se aproxima ainda mais — nunca disse que você não é, e sei que não me relacionarei sexualmente com você. Não é isso que eu quero, mais, e não tenho a intenção de competir com Tom, apenas quero você próxima de mim, observando e se permitindo se libertar ao meu lado, porque eu a ajudarei até nesses lugares.

Meu coração parece se acalmar, mesmo que o calafrio continue, e ela se afasta.

—Não precisamos assinar contrato nenhum — ela diz um pouco irônica, caminhando em direção ao corredor do meu apartamento. Anya

para, e olha para mim, sobre o ombro — sua palavra já basta para mim, porque eu sei que você sabe que não costumo aceitar mentiras — ela me encara intimidadora. Retribuo o olhar. Não deixarei ela me intimidar em nenhuma situação.

—E quando começaremos? — pergunto. Estou confiante de que Anya possa me ajudar, e agora, conforme as minhas regras, me sinto no controle sobre tudo. Um modo de aceitar sua proposta sem me sentir errada.

—Agora — Anya sussurra, virando o rosto e caminhando lentamente pelo corredor. Arregalo os olhos, sem acreditar — me siga, Alice — ouço sua voz pelo corredor, em direção ao meu quarto.

Permaneço de pé no meio da sala, repensando em cada palavra sua. Quero que ela me ajude, porque sozinha não consigo lutar contra mim mesma, não consigo me libertar quando meu cérebro se auto-sabota, mas preciso sempre manter

minha mente clara com Anya, me manter ciente dos atos e pensar em suas palavras. Meu lado escuro precisa estar sempre alerta, mesmo gostando de tudo o que está acontecendo.

A curiosidade se irradia pelo meu corpo, uma adrenalina que acelera meu coração ao ponto de ouvi-lo ressoar nos meus ouvidos. Minhas pernas criam forças através do meu lado escuro, e dou um passo para frente. Fito o corredor, e começo a caminhar lentamente, sendo transportada para um mundo de sensações de flutuar. Caminho pelo corredor, e olho para a porta do meu quarto. Anya está parada de frente para o espelho do meu quarto, de lado para a porta. Caminho até entrar no quarto, e ela vira a cabeça na minha direção, me fitando. A luz do quarto, apagada, nos deixa na penumbra, apenas com a luz de fora entrando pela janela.

—Primeira lição, Alice. Se conheça — ela

sussurra. Levanto uma sobrancelha, sem entender, e ela estende a mão, para que eu coloque a minha. Não retribuo o gesto, mas caminho na sua direção, parando ao seu lado.

—O que quer dizer? — pergunto, e Anya se vira de frente para mim. Ela me encara séria, e percebo que está esperando o momento certo, quando eu estiver pronta.

—Quero que você se conheça, Alice — reponde firme, com os olhos intensos e uma expressão desafiadora — quero que comece por você — meu lado escuro começa a entender lentamente — como você pode ter confiança com outros, se não tem com você mesma? Quero que sinta que você pode dar prazer para si mesma, que derruba a primeira parede, aquela que impede você de ver o quanto é boa, o quanto é forte. O quanto pode dar prazer, sem pudor. Você já se tocou alguma vez? — Anya pergunta, e sinto meu

coração parar. Suas palavras despertam uma lembrança antiga, quando estive com Tom em Pandora, pela primeira vez. Tom me pediu que eu me tocasse, e depois dele insistir, tentando derrubar a minha barreira tradicionalista, de pudor, eu aceitei. Ele tentou me libertar aquela vez, mas mesmo assim resisti.

—E por que? — pergunto séria.

—Porque eu sei que não. Você não se permitiria fazer isso, veria isso como algo sem sentido, com receio, medo — Anya fala, enfatizando o medo — mas agora você precisará se libertar em relação à isso, precisará se sentir confortável com as próprias mãos e ver o quanto pode sentir prazer, o quanto pode dar prazer para si mesma, Alice.

Desvio olhar, sentindo minhas bochechas começarem a ficar vermelhas, como se me sentisse envergonhada ao pensar. Antes que tenha alguma

reação, Anya agarra minha cintura, com força, e me vira de frente para o espelho, parando atrás de mim.

—O que está fazendo? — me exalto, encarando-a pelo espelho. Anya permanece atrás de mim, séria, como um animal se preparando para o bote.

—Olhe para si mesma, Alice — Anya sussurra no meu ouvido, com sua voz firme e lenta. Encaro seus olhos intensos, e tudo parece fluir em câmera lenta, a cada compasso fora de ritmo do meu coração. Cada batida parece se prolongar como um uivo, e desvio lentamente os olhos do seu reflexo para o meu. Fito meu rosto maquiado, meu pescoço nu e meus ombros. Subo os olhos novamente, sentindo o silêncio tenso, o ar encostar na minha pele, como mãos, lentas e apertadas. Anya começa a subir com as mãos pela minha cintura, e me reteso inteira, temerosa pelo seu toque, contando os segundos para tirar suas mãos

do meu corpo, mas ela pega as minhas mãos com as suas, com a palma da mão sobre o dorso da minha — toque em si mesma, conheça seu corpo — ela sussurra no meu ouvido — veja como é maravilhosa sob seus próprios olhos.

Tento recuar, tentando puxar minhas mãos, mas ela prende os dedos firmes sobre os meus, e meu lado escuro não quer se afastar. Ele luta contra mim, me ordenando que eu continue, que ele está gostando de se autoconhecer.

Anya percebe a minha tentativa, e sua expressão se torna ainda mais intensa. Ela abre os lábios lentamente.

—Como quer que Tom saiba como dar prazer para você, Alice, se nem você mesma sabe o que dá prazer para o seu corpo? Como quer que Tom conheça você, se você não conhece seu próprio corpo? Se conheça, se permita testar que pontos, qual tipo de toque dá prazer. Conheça seu

corpo, para que possa ensinar para Tom o que você realmente gosta, para ensinar como ele tocá-la — Anya sussurra lentamente, e me sinto vagar em suas palavras, concentrada. Meu lado escuro concorda com cada palavra, e sinto suas mão levantarem as minhas, conduzindo-as para o meu pescoço. Tudo parece devagar, como se ela estivesse fazendo nessa velocidade de propósito, para que eu não recue. Sinto minhas próprias mãos, com as dela em cima, encostarem no meu pescoço, acariciando-o. Ela conduz minhas mãos para baixo, lentamente, fazendo eu apertar minha própria pele — sinta o seu corpo, perca o medo de se sentir, Alice. Se permita conhecer seu próprio prazer — ela sussurra lentamente, e minhas mãos descem até os meus seios, sobre o vestido. Ela conduz minhas mãos e me faz apertar meus próprios seios. Arfo, começando a sentir um arrepio se espalhar pelo meu corpo. Anya sorri, e desce com minhas mãos

pela minha barriga — você sente prazer, mas não quer demonstrar. Demonstre, veja seu próprio rosto — ela sussurra, e meu lado escuro parece queimar dentro de mim. Encaro meus olhos, e arfo novamente, me deixando dominar pelo lado escuro, sentindo um prazer dominar meu corpo pela visão das minhas próprias mãos sobre ele. Anya desce com as minhas mãos até o meu ventre, e conduz uma delas até a abertura da fenda. Sinto o meu próprio toque na minha coxa, apertando-a, entrando lentamente para a parte interna. Suspiro, vendo a expressão de prazer no meu rosto, esquecendo que Anya está atrás de mim.

Meu toque parece me arrepiar, me deixar curiosa sobre o que mais posso sentir, e minha mão entra ainda mais por dentro, começando a subir.

—Se deixe levar pelo toque, Alice, e quando se sentir preparada, mostre isso para Tom — Anya sussurra lentamente — perca a vergonha

que sente por você mesma. Você sente vergonha sozinha, e precisa perder isso. E quando estiver preparada, irá se tocar para Tom, perdendo a vergonha que sente em relação aos outros. Comece por você, e conseguirá na frente de Tom, sem receios — sua voz entra na minha mente, me fazendo criar a coragem que anseio.

Anya larga as minhas mãos, e percorro os olhos pelo espelho, encontrando com os dela. Ela sorri satisfeita, vendo a minha expressão ansiosa, curiosa. Ela abre a boca lentamente, ainda no meu ouvido.

—Lição de casa, Alice. Quero que se masturbe até atingir o orgasmo — Anya sussurra lentamente — se masturbar é libertador, e assim começará a se sentir mais confortável consigo mesma, com seu corpo. Esse é primeiro passo.

Viro o rosto em sua direção, encarando-a, e nossos narizes quase se tocam. Anya permanece

séria, e eu respiro fundo.

—E se eu não quiser? — pergunto em um sussurro, Anya permanece imóvel, me encarando,com o corpo atrás de mim, e as mãos nos meus ombros.

—Sinta-se a vontade para não seguir o que eu falei, como você mesmo impôs como regra, mas — ela pausa, piscando lentamente — perderá a chance de se conhecer, de provar do próprio orgasmo. E perderá a chance de usar isso ao seu favor, já que quer provocar Tom. Me diga, Alice, o quanto um homem pode se perder, ao ver que a mulher que deseja não precisa dele para atingir o orgasmo?

A pergunta se torna insuportavelmente tentadora, e antes que eu consiga controlar meu lado escuro, um sorriso que confessa o quanto eu gostei da ideia surge nos meus lábios. Anya sorri lentamente também, com o corpo encostando nas

minhas costas, e se afasta lentamente, soltando meu ombros, com os olhos fixos em mim.

—Estamos de acordo — ela sussurra, e eu a sigo com os olhos, me virando lentamente enquanto se afasta, para encará-la de frente — faça o que sentir vontade, Alice.

Respiro fundo, encorajada por Anya, sentindo que eu realmente quero fazer isso, e que suas palavras apenas estão me incentivando a criar força para derrubar a primeira parede, a vergonha, a falta de conhecimento e de coragem.

Assinto lentamente, sem sorrir, com os olhos nela, e Anya sorri satisfeita.

—Agora irei deixá-la sozinha. Entrarei em contato com você — ela sussurra, caminhando em direção à porta. A sigo com os olhos, e ouço sua voz no corredor — não precisa me acompanhar, Alice. Sei o caminho, fique aí com os seus pensamentos — ouço um silêncio — provoque-o,

Alice. Enlouqueça Tom — ouço um divertimento na voz de Anya, e sorrio um pouco.

Respiro fundo, ouvindo a porta do meu apartamento abrir e fechar. Fito meu reflexo no espelho, e tudo o que Anya falou parece flutuar ao meu redor. O quanto eu posso me dar prazer? O quanto isso fará eu criar confiança em mim mesma, conhecer a mim mesma?

E o quanto isso enlouquecerá Tom?

Sorrio, sentindo meu lado escuro aflorar enlouquecido dentro de mim, na expectativa que eu me deite e me toque, mas apenas fecho os olhos, sentindo meu corpo esquentar com a adrenalina, o nervosismo da ideia. Eu tentarei ter conhecimento sobre meu corpo, sobre meu prazer.

Puxo o ar, sentindo meu corpo inteiro arrepiado, meu coração acelerado, e ainda fitando meu rosto ansioso, caminho para trás, me sentando na cama. Não me sinto preparada esta noite para

por em prática o conselho de Anya, mas irei por, porque quero, porque sinto que preciso. Porque será o primeiro passo para eu me libertar e lutar contra meu próprio pudor. Preciso me sentir confortável comigo mesma, com a minha sexualidade.

Respiro fundo, me sentindo um pouco cansada, desejando apenas deitar. Tudo o que aconteceu foi cansativo, foi intenso demais, diferente. Deito as costas na cama, e ouço um toque vindo da sala, meu celular.

Me levanto em um pulo, fitando o relógio de cabeceira. Três horas da manhã. Quem seria esse horário? Meu corpo inteiro começa a se esquentar com as batidas frenéticas do meu coração, e caminho apressada pelo corredor, sentindo um suor frio pelo corpo.

O vejo sobre a poltrona, com a tela piscando. Pego o celular na mão, e um número familiar está na tela, com uma mensagem. Tom.

PERIGOSAS NACIONAIS

Estou com saudades, Alice. Preciso ver você novamente, agora.

Sorrio, sentindo meu coração sair pela boca ao ler a mensagem, me lembrando de quando uma mensagem assim era parte do dia-a-dia. Seguro com força o celular, e sento na poltrona. Sinto vontade de respondê-lo correndo, mas meu lado escuro grita dentro de mim para esperar um pouco, para me acalmar, ter controle sobre si mesma, ao invés de correr para ele sem pensar em todo o resto.

Uma nova mensagem.

Está dormindo? Preciso ver você, Alice, acorde. Posso ir no seu apartamento?

Sorrio ainda mais, satisfeita por ver a ansiedade de Tom. Quero enlouquecê-lo, mostrar que não poderá me esquecer, que ele irá me querer em seu mundo. Começo a digitar, e uma nova mensagem surge na tela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Quero ter mais uma calcinha sua comigo.

Perco o ar, sentindo meu corpo derreter ao pensar que Tom levou a minha calcinha depois que transamos. Meu coração acelera ainda mais, como um tambor em um ritmo acelerado, e sinto um arrepio pelo corpo. Eu o quero aqui, agora, mas primeiro preciso dar um passo. Preciso me conhecer, e assim me sentir confortável o suficiente para começar a mudança. Me controlo, e digito rápido.

Boa noite, Tom. Estou no meu apartamento, mas hoje não poderá vir aqui, preciso fazer algo primeiro. Nos vemos na empresa, o que acha? Prometo que terá mais calcinhas minhas.

Envio, sentindo minhas mãos tremerem levemente, e me levanto, caminhando para o quarto. Meu celular vibra.

PERIGOSAS ACHERON

O que terá que fazer? Alice, temos amanhã também, antes de segunda. Me deixe ir aí amanhã.

Sorrio ainda mais, e digito, entrando no meu quarto. Me lembro do acordo de Anya, e um nervosismo surge pelo meu corpo. Eu precisarei contar para Tom, mas como? Quando?

Explicarei para você na segunda. Amanhã estarei ocupada, Tom, mas segunda nos encontraremos, e manterei você ocupado.

E o meu ocupada amanhã significa a minha primeira tentativa para me conhecer. Respiro fundo, motivada pelo meu lado escuro, e envio a mensagem. Quero ver Tom depois que conseguir fazer o conselho de Anya, que realmente quero. Primeiro quero ver o meu próprio prazer, quero me sentir liberta em relação à isso, e usar em Tom.

Largo o celular na cama, e abro o guarda-roupa, pegando uma camisola e uma calcinha. Saio

do quarto, e vou para o banheiro, ligando o chuveiro. Tiro o vestido e entro embaixo da água, sentindo as gotas caírem pelo meu corpo, me acalmando. Respiro fundo, fechando os olhos, lembrando de cada palavra de Anya. Se eu não me conheço realmente, como espero que Tom consiga? Como espero entrar no seu mundo, sem me conquistar sozinha?

Tomo um banho e saio do chuveiro. Visto minha camisola e vou para o quarto.

Entro no quarto na penumbra, e vejo meu celular piscando repetidamente. Mensagens de Tom e duas ligações perdidas.

Alice, eu estava aguentando, mas depois de hoje, não consigo mais. Me deixei ir.

Mais uma mensagem.

Alice?

E uma última.

Irei para o seu apartamento amanhã.

Largo o celular na cama, e uma pergunta surge na minha cabeça, criada pelo meu lado escuro. Semicerro os olhos, fitando o celular, e o pego de volta, digitando.

Onde está, Tom?

Envio. Alguns minutos se passam, deito na cama, me cobrindo com o lençol, e meu celular vibra.

Por que?

Respiro fundo, e digito novamente.

Está na sua casa?

Mando a mensagem, fitando o teto escuro, apenas aguardando a confirmação.

Não. Estou no meu apartamento.

Sorrio, satisfeita. Meu lado escuro está decidido, irei ser a primeira mulher a pisar naquele apartamento, e Tom não conseguirá impedir isso.

Boa noite, Tom. Nos vemos segunda.

Envio, com um sorriso nos lábios por

decidir isso, e meu lado escuro sugere que eu converse com Anya. Respiro fundo, tentando negar, mas no fundo sei que quero ouvi-la, mesmo que eu possa não seguir seus conselhos.

Meu celular vibra.

Boa noite, amanhã estarei aí.

Sorrio, decidida que não deixarei ele vir, não antes que eu consiga experimentar me masturbar sem receios. Sem barreiras.

Fecho os olhos, deixando o celular do lado da cama, e deito de barriga para cima. Uma sensação de curiosidade começa a surgir em mim, e lentamente desço com a mão pelo meu ventre, entrando na minha calcinha. Encosto na minha intimidade, e sinto uma sensação estranha, desconhecida. Me sinto desconfortável. Encosto meu dedo no clitóris, e mordo o lábio, tentando afastar o desconforto, mas algo parece me impedir. Tiro a mão, abrindo os olhos. Merda, não

conseguirei. Não hoje.

Me viro de lado na cama, e fecho os olhos, tentando dormir, e sinto aos poucos o cansaço se apoderar de mim, a sonolência me faz parar de pensar sobre Tom, sobre meu acordo, e adormeço.

Acordo com o toque de mensagem do meu celular. Abro os olhos, fitando o celular vibrando no criado-mudo ao lado da cama, iluminado pela pouca claridade de que entra pela janela, e ouço o barulho da chuva.

Pego o celular e vejo uma mensagem de um número estranho.

Olá, Alice. Como passou a noite? Está preparada? Use esse número para falar comigo, se isso ajudar. Espero que tenha um bom orgasmo. Anya.

Abro a boca, perdendo qualquer vestígio de sono, e leio a mensagem novamente. Merda, meu lado escuro ordena que eu responda, e no fundo eu

quero responder, porque sei que preciso falar mais sobre isso.

Não conseguirei, Anya. Já tentei.

Envio, e minutos depois, enquanto permaneço deitada, recebo uma mensagem.

Tente novamente. Se sinta confortável antes, Alice. Use sua imaginação, deixe o ambiente confortável para você, e tire da sua mente qualquer pudor ou receio. Apenas relaxe.

Respiro fundo, e coloco o celular do lado da cama novamente. Preciso me sentir confortável antes. Olho ao redor, fitando a porta aberta, e mesmo morando sozinha, decido fechá-la. Me levanto, apenas de camisola, e vou até a porta, e me lembro de algo que pode me ajudar. Vinho. Sorrio, satisfeita por meu lado escuro presente, e caminho até a cozinha, pegando uma garrafa e uma taça. Me sirvo e volto para o quarto, colocando a taça no criado-mundo. Volto para a porta, fechando-a. Me

viro, encarando meu reflexo de camisola rosa, e lembro da noite anterior.

Meu lado escuro decide por mim, e irei relaxar com o fascínio de Tom, o espelho. Respiro fundo, tentando fazer meu corpo se relaxar, e giro a cabeça para trás, tentando me preparar. O ar parece se tornar abafado, como se tivesse uma adrenalina presente em mim. Uma vertigem percorre meu corpo, e me sinto ansiosa para tentar novamente.

Desço com as mãos pelo meu pescoço, acariciando meus ombros, sentindo cada pedaço da minha pele, e lembro do rosto de Tom. Um arrepio percorre meu corpo, e tento me concentrar novamente. Minhas mãos descem para os meus seios, e invado a camisola, acariciando-os. Sinto um prazer surgir pelo meu corpo, subindo pelo ventre e se irradiando em um arrepio de gozo. Abro os olhos, fitando minhas mãos, e acaricio meus mamilos, começando a sentir meu corpo se

acalmar, relaxando. Caminho para trás, passo por passo, e deixo na cama, perdendo o espelho de vista. Engatinho até estar deitada inteira na cama, e me viro de barriga para cima, fitando o teto. Preciso conseguir, preciso me acalmar. Estico o braço, pegando a taça, e me inclino, bebendo um longo gole. Sinto o vinho seco descer pela minha garganta, me dando um pouco de força, um relaxamento, e deixo a cabeça no travesseiro. Fito o teto, um pouco mais confiante, sentindo o álcool criar confiança em mim, aos poucos, junto com meu lado escuro, e fechos os olhos, começando a relaxar mais. Volto com as mãos nos meus seios, acariciando-os, e arfo, me deixando levar pela sensação do toque, sem pensar em pudor ou em vergonha.

Não há vergonha nenhuma em se conhecer, Alice. Meu lado escuro sussurra para mim. Não há vergonha nenhuma em se dar prazer, em querer dar

prazer para si mesma. Esse é primeiro passo para se libertar, para depois conquistar o mundo de Tom.

Desço com uma mão, entrando diretamente pela minha calcinha, e um desconforto surge novamente. Abro os olhos. Merda, não conseguirei assim, e meu lado escuro sussurra para que eu vá mais devagar. Segunda tentativa falha.

Me alongo na cama, e deito a cabeça de novo no travesseiro. Respiro fundo, e fecho os olhos, me deixando levar novamente pela sensação do toque. Me permito imaginar Tom, nu. Seu peito definido, sem pelos, quente, invade minha mente, e vejo seus ombros definidos, de perto, em detalhes. Sua clavícula definida, me deixa entrar em tesão, e arfo, sentindo meu corpo se incendiar. Levo as mãos até meus seios, por baixo da camisola, e aperto meus seios, visualizando mentalmente o pescoço de Tom, subindo lentamente para a imagem do seu queixo, do seu maxilar quadrado,

enlouquecedor. Aperto com mais força meus seios, acariciando os mamilos com o polegar, e vislumbro na minha cabeça os olhos de Tom se abrindo, com dois oceanos azuis escuros, profundos, ferozes. Vejo seu nariz e desço para os seus lábios desejosos, entreabertos, com um sorriso torto, sedutor. Meu corpo se incendeia ainda mais, e sinto minha intimidade pulsar ainda mais. Estou começando a me entregar totalmente para mim mesma. Sorrio, levada pela excitação do toque, das imagens enlouquecedoras. A imagem desce novamente por sua mandíbula quadrada, e arquejo, sentindo meu corpo quente, arrepiado, desejoso. Estou excitada sozinha, sem pudor, sem receios.

Estou me sentindo confortável.

Acaricio ao redor dos seios, sentindo o toque arrepiar toda a região, e gemo, visualizando os ombros grandes, definidos de Tom, como se estivessem sobre mim, abrindo os braços para me

abraçar. Sorrio ainda mais, suspirando, e mordo o lábio, vendo dentro da minha mente seus braços grandes, quentes, definidos. Desço com uma mão lentamente pela minha costela, roçando os dedos, sentindo o toque me arrepiar ainda mais, e derreto, gemendo. É enlouquecedor imaginar Tom, enquanto me masturbo.

Minha mão desce pela minha barriga, e ao mesmo tempo, começo a visualizar a barriga definida de Tom, seu abdômen me deixa com mais tesão, e minha mão desce lentamente pelo ventre. Arfo, e arqueio as costas na cama, abrindo minhas pernas e flexionando os joelhos, deixando os pés tocarem toda a sola no lençol. Minha visão segue para baixo, visualizando o seu púbis, seu osso delineado pela pele, e o tesão se intensifica pelo meu corpo, subindo em ondas. Gemo, mordendo mais o lábio, e minha mão desce pelo ventre, roçando os dedos lentamente. Me sinto totalmente

entregue as sensações, nos braços do meu lado escuro.

Minha mão invade minha intimidade, acariciando os grandes lábios. Gemo, me sentindo derreter ainda mais, molhada, e minha visão do corpo de Tom se focaliza em seu ventre também, definido, descendo para sua ereção. Visualizo seu membro ereto, potente, a ereção de Tom, e meus dedos penetram entre meus grandes lábios. Com o indicador e o polegar, provoco meu clitóris, em círculos, sem conseguir parar de visualizar Tom. A visão se afasta, e o vejo todo, nu, como se estivesse sobre mim. Gemo mais alto, pressionando meu clitóris lentamente, de forma suave, movendo para baixo em pequenos círculos. Estou mais confortável do que imaginei, e a imagem do corpo de Tom parece se intensificar ainda mais. Me lembro dele inclinado sobre mim, nu, com o corpo no meio das minhas pernas, cada detalhe do seu

corpo quente, e arfo, sem fôlego. Exploro minha intimidade com os dedos, passando para a glande do clitóris, me provocando com movimentos circulares, me sentindo devastada de prazer, extasiada. Penetro os dedos um pouco mais, na vulva, indo em direção aos pequenos lábios. Estremeço na cama, com as pernas abertas e os pés fincados no colchão. Sinto o ar fugir dos meus pulmões, ainda de olhos fechados, e começo a aumentar a velocidade dos dedos, me acariciando desde o capuz, acima do clitóris, descendo para os lábios internos. Gemo perdida em prazer, aumentando a pressão, e os olhos azuis escuros de Tom, selvagens, surgem na minha mente. Sua boca se aproximando dos meus mamilos, e a sensação enlouquecedora de vê-lo beijar meu corpo, com os olhos fixos nos meus.

Pressiono o pulso contra o monte de vênus na minha intimidade, movendo lentamente o

quadril para cima, contra minha mão, e meus dedos aumentam a velocidade ainda mais. Me sinto começar a entrar em círculo de sensações delirantes, e mordo o lábio, sentindo meu corpo se perder no gozo, e acaricio com os dedos ainda mais o clitóris, em movimentos circulares, aumentando e diminuindo a velocidade e pressão, descendo para os pequenos lábios e vulva.

Me lembro da sensação enlouquecedora de agarrar o corpo quente de Tom, de sentir suas costas definidas na minha mão, e meus dedos voltam a fazer movimentos circulares no meu clitóris. Gemo descontroladamente, e sinto uma pressão surgir por dentro do meu ventre, se irradiando pelo meu corpo. Jogo a cabeça para trás, vislumbrando Tom sobre mim, me penetrando com força, e gemo sem fôlego, arqueando as costas na cama. Uma contração extasiante me invade, e começo a entrar em orgasmo, mantendo o ritmo

constante. Entro no meu mundo de esquecimento, sentindo espasmos por todo o corpo, uma sensação enlouquecedora de me perder em minhas mãos, dentro do meu corpo. Aumento o ritmo, firme e rápido, mantendo-o constante. Atinjo o orgasmo no auge, único no seu modo, e abro a boca, tentando respirar, em êxtase. Meu pulso pressiona minha intimidade, entro ainda mais no clímax, arqueando as costas e jogando mais a cabeça para trás. Os olhos de Tom, selvagens como sempre, quando me penetra, surgem na minha mente, envolvidos com a sensação de orgasmo, e estremeço ainda mais. Sinto ondas enlouquecedoras me invadirem, e perco o controle de mim mesma, com um arrepio guiado pelos espasmos. Me derreto, sentindo meu toque, minha provocação me deixando um formigamento no ventre, uma contração. Um orgasmo sublime. Respiro rápido, tentando me acalmar, sentindo as ondas de êxtase

continuarem a vir, a me invadir, me devastando de gozo. Me sinto inebriada, com dificuldade para respirar, um suor escorrendo por meu corpo, e meu coração está acelerado como se bombeasse o dobro de sangue. Abro a boca, puxando o ar, sentindo o orgasmo passar, e tiro minha mão da calcinha, me sentindo devastada, como se estivesse em uma maratona.

Meu corpo está cansado, me sinto relaxada, e abro os olhos, fitando o teto. Tive um orgasmo maravilhoso, comigo mesma, com imagens enlouquecedoras de Tom, e não consigo acreditar ainda, por mais que meu lado escuro sussurra o quanto está satisfeito.

Me mexo na cama, sentindo meu corpo um pouco cansado, como se eu não tivesse recém acordado. Respiro fundo, satisfeita.

Depois de tanto tempo, depois da tentativa em Pandora, e das que tentei antes, consegui me

conhecer um pouco mais. Ouvi o conselho de Anya, não porque ela disse, mas porque no fundo eu realmente queria. E vejo agora o quanto isso é libertador. Me sinto um pouco mais segura de mim mesma, mais segura de que conseguirei me libertar. Mais segura com meu lado escuro.

Sorrio ainda mais, fitando o teto escuro do meu quarto, e me levanto da cama, vendo meu celular vibrar. Uma nova mensagem.

Está acordada?

Uma mensagem de Tom. Respiro fundo, satisfeita, sentindo meu corpo em um momento pós-orgasmo, e pego o celular, digitando.

Estou mais do que acordada, mas voltarei a dormir daqui a pouco. Nos encontraremos amanhã.

Envio, caminhando pelo quarto, abro o guarda-roupa, pegando outra roupa, e vou para o banheiro tomar um longo banho.

Saio do banheiro, após alguns minutos, e vou para o quarto, me deitando novamente. Meu celular vibra, e vejo duas mensagens. A primeira de Tom.

Me deixe dormir com você então. Amanhã estarei no trabalho, com reunião o dia todo. Possivelmente terei que ficar até a noite na empresa.

Abro a segunda mensagem, de Ed.

Bom dia, Alice. Como está? Senti falta de você na festa do evento, mas ainda que suas fotos estavam lá. Estou falando com Dana para sairmos jantar, o que acha?

Volto para a mensagem de Tom, sentindo meu lado escuro ainda mais no comando. Digito.

Amanhã. Talvez eu precise fazer algumas horas extras na sua empresa e faça companhia para você. Nua.

Envio, me sentindo mais do que satisfeita.

PERIGOSAS NACIONAIS

Digito para Ed.

Bom dia, Ed. Estou bem, e você? Já estou melhor, podemos combinar sim, vou falar com Dana também, durante a semana.

Envio, e meu celular vibra com uma mensagem de Tom.

Não faça isso comigo, Alice. Recém voltamos.

E meu lado escuro arde, como se estivesse ansioso para enlouquecê-lo. Digito rápido.

Quem disse que voltamos? Amanhã veremos, bom domingo.

Envio, tentando imaginar a expressão de Tom ao ler a mensagem. Uma sensação de possuir o tesão de Tom me inunda, e me lembro de Anya, do nosso acordo, e de eu consegui fazer o que eu queria.

E sua exigência surge na minha cabeça. Vou precisar contar para Tom, merda. Abro a

PERIGOSAS ACHERON

mensagem de Anya, e digito.

Obrigada.

Envio, esperando que Anya entenda, e em segundos, meu celular vibra com uma mensagem de Tom.

Você será castigada por brincar comigo, Alice.

Rio, achando graça de Tom bravo, e uma nova vibração anuncia a mensagem de Anya.

Parabéns. Agora pratique, e faça o que quiser com essa nova arma. Essa semana nos veremos.

Rio ainda mais, e não sei por quê exatamente. Eu deveria estar receosa, com medo, mas me sinto relaxada, gostando de todas as sensações.

Não respondo eles, apenas deixo meu celular no criado-mudo e me viro de lado na cama, deixando a sonolência me dominar novamente.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Respiro fundo, desejando que nem Ana nem Mônica pergunte sobre o que há na minha pequena mala preta, de mão.

Observo minha camisa social branca, aberta nos botões, deixando aparecer levemente os seios. A saia lápis preta está justa, até os joelhos, e meus saltos pretos combinam com a saia. Minha maquiagem está um pouco mais delineada que o normal, e desejo que elas também não percebam isso.

Meu domingo foi rápido, respondendo mensagens de Ed e Dana, sobre a nosso futuro jantar durante a semana, e algumas mensagens de Tom, tentando descobrir o que eu estava fazendo. Também tive que estudar para mais uma prova, que terei no decorrer da semana.

PERIGOSAS ACHERON

E por fim, no intervalo da aula, comprei minha lingerie completa, com cinta liga, preta.

Fito novamente a pequena mala, guardando minha lingerie e um salto alto preto, muito alto e fino. Minha hora extra será bem vantajosa para mim.

Estou um pouco mais confiante hoje, porque no final, eu me masturbei novamente, me conheci um pouco mais, e consegui descobrir mais pontos sensíveis no meu corpo, que usarei com Tom. Estou despertando mais confiança em mim mesma, mais confiança no que posso fazer. Estou realmente dando meu primeiro passo, e com isso, me sinto um pouco mais liberta. Um pouco, mas o suficiente para gostar do caminho que estou seguindo.

E meu lado escuro está no fogo contínuo.

As portas do elevador se abrem, e sorrio, respirando fundo. Caminho devagar, ouvindo o

meu salto ressoar pelo corredor, anunciando minha chegada, e uma vertigem enlouquecedora invade meu corpo, carregando junto uma adrenalina que me faz arrepiar. Viro o corredor, fitando a porta fechada da sala de Tom, e sei que hoje eu o farei nunca mais ver a sala do mesmo jeito.

Tento disfarçar o sorriso do meu lado escuro e olhos para os lados, vendo Ana e Mônica levantarem as cabeças, me encarando.

—Olá, Ali — Ana fala animada — como está?

—Oi — digo, sorrindo de volta — estou bem, e com você?

—Bem também. Soube do evento da campanha que fez, parabéns — Ana me parabeniza.

—Parabéns, Ali. Está linda, vi um dos outdoors — Mônica completa, e olho para ela, sentindo minhas bochechas ficarem um pouco vermelhas. Meu lado escuro está realmente feliz

por isso.

—Obrigada — murmuro um pouco sem graça, e olho novamente para Ana, passando por sua mesa. Me aproximo da minha, e coloco a pequena mala do lado da cadeira. Vejo os olhos de Ana descerem para ela, e ela sorri curiosa.

—E a mala, Ali? — ela pergunta curiosa. Você nem imagina para o que é, Ana. Sorrio educada, tentando manter a tranquilidade no rosto.

—É apenas algumas roupas que vou devolver para Dana, depois do trabalho — minto, sentindo que me saí bem. Ana dá de ombros, aceitando a mentira, e volta os olhos para o notebook, voltando a digitar.

—O Sr. Haltender vai passar o dia trancado em uma sala de reunião — Mônica diz desanimada — infelizmente mal poderemos vê-lo.

Olho para ela, sem disfarçar a animação de saber que o verei depois, e desvio os olhos,

tentando me manter séria. Mônica levanta as sobrancelhas, e abre a boca.

—É verdade, me desculpe, Ali — Ela fala séria — sei que não gosta mais que eu ou Ana fale dele. Me desculpe.

—Tudo bem — murmuro, deixando minha expressão tranquila, e volto os olhos para a tela do notebook.

Alguns minutos se passam em silêncio, e ouço o barulho da fechadura da sala de Tom. Levanto os olhos, disfarçadamente, e a porta se abre, revelando Tom de terno e gravata. Respiro fundo, sentindo meu corpo esquentar ao vê-lo ao vivo, depois de lembrar dele enquanto me masturbava.

Seus olhos azuis escuros se encontram com os meus, ferozes, penetrantes, e sinto meu corpo derreter, desejando-o. Tom retesa a mandíbula, sem tirar os olhos de mim, e caminha um passo para

fora da sala.

E meu lado escuro me lembra. Eu o terei esta noite. Isso faz meu corpo inteiro se arrepiar, e sinto todo o ambiente se tornar abafado, como se o fogo de Tom queimasse o ar ao meu redor.

Respiro fundo, e Tom desvia os olhos, encarando as secretárias. Ele caminha para a mesa de Ana, parando na sua frente.

—Ana, traga o que eu deixei separado para a reunião — ele fala autoritário, e Ana, com seus olhos devoradores, assente, contornando sua mesa. Ela caminha apressada para a sala dele, enquanto Tom desaparece pelo corredor, caminhando elegantemente. Desvio os olhos, voltando minha atenção para o trabalho, mas o calor não parece passar, como se após eu me descobrir um pouco mais, o tesão que eu sinto por ele se intensificou. Todas as sensações se intensificaram, eu as libertei um pouco mais, junto comigo.

Ana sai da sala, segurando algumas pastas, e desaparece pelo corredor, com passos rápidos. Olho para Mônica, e percebo que ela não notou minha reação, continuando atarefada.

A tarde se arrasta lentamente, e eu conto as horas, ansiosa para que o horário de trabalho acabe, que Tom retorne e as duas secretárias me deixem sozinha.

Após horas, em que consigo me acalmar, me concentrar, Ana retorna, e percebo que o horário de trabalho acabou. Ela começa a organizar sua mesa, junto com Mônica, e continuo focada, sem me mexer.

—Não vai embora, Ali? — Ana pergunta, e levanto os olhos, um pouco apreensiva que ela pergunte muito.

—Vou daqui a pouco. Quero me adiantar aqui, devido aos dias em que fiquei fora — respondo séria, sem deixar transparecer nada, e

desvio os olhos para a tela novamente. No mesmo instante, passos ressoam pelo corredor. Respiro fundo, e me controlo para não olhar. Tom se aproxima, caminhando lentamente, de propósito, mas meu lado escuro quer provocá-lo.

Resisto, fingindo ignorá-lo, e ouço a porta abrir e se fechar.

—Ele contínua maravilhoso — Ana murmura para Mônica, e ignoro, fingindo que não ouvi — Ali, até amanhã então — ela se despede, e a fito com um sorriso, satisfeita por ela ir.

—Até amanhã — digo, desejando que elas desçam pelo elevador rápido. Mônica me acena, e aceno de volta. Ambas começam a andar pelo corredor, desaparecendo.

Respiro fundo, e pego minha pequena mala, caminhando para o banheiro. Entro no banheiro, e fito meu reflexo, um pouco nervosa. Meu lado escuro sussurra que preciso me acalmar, e obedeço.

Fecho os olhos, me sentindo transportada para um sonho, no qual tenho coragem, confiança. No qual sei exatamente o que estou fazendo e o que irei conseguir. Abro os olhos, sorrindo.

Provavelmente Tom está nervoso dentro daquela sala, ansioso para ver a porta abrir. Estou satisfeita por deixá-lo assim, porque sei que a partir desta noite, sua sala nunca mais será a mesma.

E irei deixá-lo ainda mais enlouquecido, mostrando que estou conseguindo.

Respiro fundo, me preparando, porque também contarei para ele, esta noite, sobre a proposta de Anya e nosso acordo. Sei que Tom não irá gostar, mas terá que aceitar. Explicarei para ele, e o farei entender.

Mordo o lábio, ansiosa, me fitando.

Tiro a roupa lentamente, deixando-o esperando mais um pouco. Abro a pequena mala, e pego o sutiã preto, rendado. O coloco, pegando a

calcinha pequena, de fio. A coloco, deixando-a modelando minha cintura. Coloco a cinta-liga preta, também rendada, na minha cintura, delineando. Prendo cada fecho atrás. Coloco as meias sete oitavos, também pretas, e as prendo na cinta liga com colchetes, fixando os prendedores da cinta na ponta da meia. Guardo as outras roupas dentro da mala, fechando-a. Levanto a cabeça, me olhando, e sinto meu corpo inteiro se arrepiar. Meu lado escuro está satisfeito com o reflexo que vejo, a mulher confiante que estou fitando, mesmo que eu apenas tenha dado um passo.

Me sinto um pouco mais liberta.

Coloco os saltos finos, altos, no chão, e coloco um pé. Calço, e coloco o outro. Meus pés deslizam dentro do salto, e me olho novamente no espelho, sentindo meu lado escuro se fixar um pouco mais dentro de mim, me dominar, me queimar.

Sorrio satisfeita, e pego um batom vermelho. Me inclino para o espelho, e o passo, marcando meus lábios. Guardo o batom, e me encaro. A proposta de Anya está surtindo efeito. O primeiro passo foi dado, porque ela iluminou a ideia e porque eu quis.

Meu lado escuro está ardendo dentro de mim, ansioso.

Irei enlouquecer Tom.

Irei mostrar para ele minhas horas extras em sua mesa.

ALICE

Desço os olhos pelo meu corpo, me certificando que estou como quero. Pego a pequena mala e caminho para fora do banheiro, me equilibrando nos saltos altíssimos. Abro a porta, fitando o corredor para as mesas, e sorrio. Tudo parece tão diferente agora, com uma intensidade nova, e o ambiente não parece o mesmo que eu

estava antes. Caminho até as mesas, observando a luz esbranquiçada, forte, iluminar todo o lugar. As mesas estão arrumadas, mostrando como é a empresa de noite. As janelas grandes, ao redor, mostram a escuridão do alto do prédio, com luzes brilhantes ao longe, mostrando a cidade. O silêncio indica como todos já foram embora, menos meu chefe, Sr. Haltender. Tom.

Uma adrenalina que me faz sorrir ainda mais, sentindo a ansiedade em ondas, me invade, e percorro novamente os olhos pelo lugar quieto, organizado, limpo. Tudo está devidamente no lugar, mas ainda sim, vestida desse jeito, prestes à entrar na sala de Tom, a atmosfera parece outra. Parece um grande fetiche estar aqui, no local de trabalho, sem conseguir ver como o local de trabalho, mas apenas o caminho para Tom. Dou um passo, e meu lado escuro acende ainda mais. Caminho até a minha mesa, e deixo a pequena mala

sobre ela. Fito a porta, desejando saber como Tom está lá dentro. Sorrio ainda mais, me divertindo com a vertigem que percorre meu corpo, e tenho uma ideia. Desvio os olhos até o telefone de Ana, e decido.

Caminho lentamente até a mesa de Ana, sabendo que Tom nunca mais conseguirá ouvir o telefone do mesmo jeito. Nem eu. Tudo parece acontecer lentamente. Me sento em sua cadeira, e pego o telefone, discando o número da sala de Tom. Toca uma vez.

—Alô — sua voz rouca é sedutora, e sei que ele está tentando me provocar. Respiro fundo, me recostando na cadeira, e fito sua porta. Estou confiante, como se a masturbação tivesse me encorajado a fazer isso. Como se meu lado escuro tivesse se fixado um pouco mais dentro de mim.

—Boa noite, Sr. Haltender — digo lentamente, deixando a voz baixa, sensual. Ouço

um suspiro no telefone, revelando que estou conseguindo o que eu quero.

—O que gostaria, Alice? — sua pergunta possuí a malícia que quero, sedutora como só Tom tem, e sorrio ainda mais, mordendo o lábio.

—Gostaria que você tirasse tudo o que está em cima da sua mesa, deixando-a vazia — pauso propositalmente, ouvindo sua respiração alta — para só me ter em sua mesa — abaixo a voz, deixando-a ainda mais provocante.

Tom suspira, e percebo que está enlouquecido.

—Entre, Alice. Seu chefe está esperando por você — ele sussurra roucamente, e fecho os olhos, sentindo meu corpo derreter.

—Estou entrando, Sr. Haltender. Irei mostrar meu trabalho para você — respondo baixo, ainda sedutora, e ouço seu suspiro novamente. Suspiro também, alto o suficiente para ele ouvir e

enlouquecer ainda mais. Quero Tom ao máximo hoje — espero que esteja vestido ainda, porque irei querer tirar as roupas do meu chefe peça por peça.

—Alice — ele rosna no telefone, e sorrio ainda mais. Desligo o telefone, impedindo-o que fale algo, e me levanto da cadeira, fitando a sua porta fechada novamente. Agora começarei o meu próprio jogo de provocações com Tom. Meu lado escuro me pergunta o quanto ele aguentará.

Caminho com passos firmes até a sua porta, ouvindo o baque baixo dos saltos ressoar pelo corredor. Dou dois toques na porta, lentamente.

—Entre — ouço sua voz rouca, autoritária, e mordo o lábio, sem conseguir controlar a adrenalina que aumenta. Estou prestes a ver como Tom está. Sorrio, e aperto a maçaneta, girando-a. Abro lentamente a porta, deixando-a se abrir totalmente. Ela encosta na parede, e olho para frente, vendo sua sala iluminada apenas por abajur

amarelo, em uma pequena mesa redonda, de madeira envelhecida, perto das grandes paredes de vidro fumê, que mostram a cidade ao redor. Os sofás, do outro lado da sua sala estão arrumados, os dois pretos, sobre um tapete peludo preto, com uma pequena mesa de centro. Quadros estão espalhados pelas paredes que não são de vidro.

Sua mesa está vazia, sem nada em cima, perto do abajur, na minha direção, e Tom está sentado em sua cadeira, me fitando sedutoramente, sério. Seus antebraços estão apoiados na mesa, e percebo que está com as mãos entrelaçadas, como se precisasse se controlar. Levanto a cabeça, confiante, e seus olhos azuis escuros me fitam ferozes.

—Alice — vejo seus lábios sussurrarem e meu corpo se incendeia ainda mais, como se ele fosse a gasolina para todo o fogo.

—Precisa de algo, Sr. Haltender? —

pergunto, e minha voz sai firme, sensual. Tom suspira, passando a mão pelos cabelos. Sua camisa social branca está com as mangas dobradas. Tom encosta as costas na cadeira, com os olhos enlouquecidos em mim, descendo com os olhos azuis escuros lentamente pelo meu corpo. Ele entreabre os lábios, em um suspiro selvagem, e coloca a mão na gravata, afrouxando-a, como se precisasse se sentir mais confortável.

Seguro o riso, me divertindo ao vê-lo perdido, e meu lado escuro sussurra que ele se perderá ainda mais.

Dou um passo em sua direção, entrando na sala. Caminho lentamente, rebolando meu quadril, mantendo seus olhos fixos nele, e entro totalmente na sala, esticando o braço para trás e fechando a porta.

—Como está sendo seu trabalho até tarde, Sr. Haltender? — pergunto, cortando o silêncio

erótico, e Tom permanece com a mão na gravata, afrouxando-a ainda mais.

—Está sendo enlouquecedor — ele sussurra com sua voz rouca, subindo os olhos até encontrar os meus — se aproxime mais — ele diz autoritário, e levanto uma sobrancelha, parando.

—Sr. Haltender — digo autoritária — neste momento, eu darei as ordens.

Tom arregala os olhos, tentando esconder o espasmo, e retesa a mandíbula.

—Como assim? — ele sussurra apreensivo. Sorrio, voltando a caminhar lentamente, sem respondê-lo. Paro em frente a sua mesa, encarando-o, e seus olhos me devoram. Coloco as palmas das minhas mãos na mesa, e me inclino em sua direção, empinando minha bunda para trás.

—Você me obedecerá, se quiser me tocar, chefe — sussurro, me inclinando ainda mais até

roçar os seios na mesa. Os esfrego lentamente, puxando meu corpo para trás, e os olhos de Tom saem da orbita. Ele arfa, sem aguentar a visão, e passa novamente a mão no cabelo. Sua outra mão vai até a mesa, e ele tenta agarrar meu seio.

Me afasto, ficando de pé novamente na sua frente, e nego com o dedo indicador.

—Me obedeça, Tom, ou darei meia volta e irei embora — falo séria, levantando uma sobrancelha.

—Eu não poderei tocá-la? — ele pergunta incrédulo, e sua voz rouca é baixa. Tom levanta as sobrancelhas, um pouco bravo. Sorrio, sem me sentir encolhida por vê-lo bravo, e assinto.

—Tocará quando eu deixar — respondo séria.

Tom respira fundo, sem tirar os olhos de mim, e puxa as mãos para o colo, como se demonstrasse que se rendeu.

Meu lado escuro arde em chamas, preparado para me impulsionar para tudo o que eu quero fazer. No mesmo instante, coloco minhas mãos novamente na mesa, e me impulsiono para cima, flexionando as pernas e subindo em cima da mesa. Sento minha bunda na mesa, com as pernas flexionadas para um lado, e Tom abre a boca, enlouquecido.

—O que você imaginou fazer comigo, Tom? — pergunto baixo, sensual, colocando as mãos ao lado do meu corpo, me inclinando na sua direção — você imaginou que iria me agarrar? — pergunto, esticando os braços e agarrando sua gravata. Puxo-o pela gravata, e a cadeira anda para frente. Tom morde o lábio, tentando se controlar, e o vejo cerrar os punhos — imaginou que iria tirar minhas roupas e beijar cada parte do meu corpo? — sussurro, subindo com a mão pela sua gravata — imaginou que iria se enterrar em mim? — minha

voz se abaixa ainda mais, e com as duas mãos, desfaço o nó da sua gravata, deixando-a pender nos lados.

Tom retesa a mandíbula, se controlando para não me tocar. Afasto minhas mãos dele, começando a deixar meu plano entrar em ação. Me encorajando para fazer isso. Deslizo as pernas para frente, e me impulsiono para cima, ficando em pé na sua mesa. Tom levanta a cabeça, e sua expressão é devastada de tesão. Ele agarra a borda da mesa, com os olhos famintos em mim.

—Alice — ele sussurra com a voz cheia de tesão — não faça isso comigo.

O encaro, e me inclino para baixo, em sua direção, mantendo as pernas retas.

—Fazer o que, Tom? —pergunto fingindo inocência, e sorrio maliciosamente. Volto a posição anterior, olhando para baixo, vendo os olhos de Tom não vacilarem nenhum instante. Espalmo as

minhas mãos nas minhas coxas, sobre as meias sete oitavos, e começo a subir com as mãos lentamente, deixando meu quadril se movimentar em círculos, imitando o meu rebolar quando estou por cima dele, no sexo. Tom fecha os olhos, levado pelo tesão, e os abre. Seus olhos azuis escuros estão profundos, hipnotizados, fitando meu quadril fazer círculos lentos, enquanto minhas mãos sobem lentamente por ele, subindo, agarrando minha pele exposta — ou melhor, o que eu devo fazer por você, Sr. Haltender? — sussurro, e minhas mãos sobem até os meus seios. Os aperto, e Tom abre a boca, sem reação diante disso, mergulhado em excitação. Sua expressão ultrapassa qualquer uma que um dia teve, e a devassidão se torna ainda mais presente nos seus olhos ferozes.

—Quero sentir você por inteira, Alice — ele responde — quero eu apertar esses seios, quero eu sentir o seu gosto — sua voz acaba em um

sussurro rouco, e ele retesa ainda mais a mandíbula, com o semblante enlouquecido. Sorrio maliciosamente, e assinto.

—Irá sentir o meu gosto quando eu permitir — sussurro, e minhas mãos sobem dos meus seios, contornando meu pescoço. Viro a cabeça para o lado, exposto mais a pele, e o encaro. Coloco um dedo na boca, e o chupo — o que você imagina, meu Tom?

Tom respira fundo, como se precisasse de mais ar, e desliza um pouco na cadeira, não se aguentando.

—Porra, Alice, imagino meu pau — ele sussurra, semicerrando seus olhos azuis escuros, penetrantes, sem conseguir esconder a loucura do seu rosto. Sinto meu corpo derreter ainda mais ao ouvir sua voz rouca, e sua expressão parece me deixar no fogo, no seu fogo. O ambiente está quente, muito quente, abafado, e meu coração é

como uma música nos meus ouvidos, ditando o som e as batidas aceleradas, mas consigo controlar a respiração. A adrenalina misturada com vertigem é enlouquecedora, e o tesão que sinto ao vê-lo embaixo, sentado, prestes a explodir de tesão por mim é devastador.

Tiro lentamente o dedo da boca, e o balanço o dedo, negando. Desço com o mesmo dedo pelo meu pescoço, trilhando um caminho até o meio dos meus seios.

—E aqui? — sussurro, deixando a ponta do meu dedo entre os seios. Tom arfa, e abaixando a cabeça, selvagem.

—Minha língua — ele diz com sua voz rouca, e morde o lábio, me encarando novamente com muita ferocidade. Sorrio, satisfeita, sem parar de movimentar meu quadril, rebolando eroticamente.

—É? — pergunto retoricamente, e Tom

assente, perdido de tesão. Desço com o dedo pela minha barriga, lentamente, e começo a fazer círculos no meu ventre. Desço por cima da calcinha, e acaricio minha intimidade — e aqui, Tom?

Tom não pisca, hipnotizado, com os lábios abertos, suspirando e os olhos azuis escuros selvagens, com uma expressão insana de prazer.

—Alice — ele murmura para si mesmo — quero entrar inteiro em você. Quero sentir seu sabor.

Sinto minha intimidade pulsar, ainda mais molhada, e nego com a cabeça, permanecendo com a mão no meio das minhas pernas, enquanto contínuo a rebolar.

—Mas não estamos em seu local de trabalho, Sr. Haltender? — pergunto maliciosamente, começando a descer enquanto rebolo, empinando a bunda para trás. Com a outra

mão, passo no cabelo, puxando a parte da frente para trás.

—Não — sua voz rouca demonstra o quanto ele está devastado, respondendo sem pensar.

—Tem certeza, chefe? — pergunto novamente, com um sorriso, aproximando meu rosto do seu, enquanto contínuo a abaixar. Ouço sua respiração pesada, alta, e suas mãos suadas, fechadas, se controlando para não me tocar. Sua expressão me deixa mais excitada ainda, e sinto uma eletricidade percorrer todo o meu corpo, saindo dos seus olhos. Meu corpo se arrepia inteiro, derretendo.

—Para você, nunca mais será só local de trabalho — ele sussurra sedutoramente, tentando retomar o controle, tentando me seduzir, e sua voz rouca intensifica ainda mais o arrepio. Fecho os olhos, tentando não pular sobre ele e beijá-lo. Abro novamente, fitando sua boca aberta, sedutora, e ele

sorri torto, percebendo que está conseguindo me seduzir. Suas mãos voam para o meu rosto, e ele se levanta com veemência, agarrando meu rosto e colando os lábios nos meus.

Suas mãos quentes queimam minha pele, me deixando ainda mais excitada, e arquejo contra seus lábios macios, sentindo sua língua penetrar na minha boca, procurando com urgência a minha. Passo a minha língua sobre a sua, sentindo seu gosto doce, sua língua explorar minha boca, e sua respiração pesada bater na minha pele. Tom é sexo puro, em um simples beijo, mas preciso conseguir voltar a jogar, preciso conseguir fazer o que quero.

Não posso me deixar levar pelo tesão insuportável. Coloco as mãos no seu peito, sentindo seus músculos por baixo da camisa, enquanto sua língua vaga pela minha boca, e o empurro com força, pegando-o desprevenido. Tom se afasta, caindo de bunda na cadeira, com os olhos

arregalados em mim, surpreso, e a boca molhada, aberta.

—O que está fazendo? — ele sussurra confuso, e eu nego com a cabeça.

—Eu não ordenei que me tocasse, Tom — falo autoritária, e ele franze a testa, incrédulo. Estou abaixada na sua mesa, com as pernas flexionadas. Me sento, e deslizo um pouco sobre a mesa, deixando minha bunda perto da beirada oposta à Tom, e as pernas flexionadas na frente, em direção à Tom.

Agora enlouquecer será pouco.

—Agora você será castigado, e não — pauso, fitando sua expressão de fúria com tesão — não poderá me tocar.

Tom fecha a mão erguida, com força, me obedecendo, e toda a coragem é reunida pelo meu lado escuro, se incendiando em chamas de prazer. De fogo do Tom. Me inclino em sua direção,

batendo em seu peito, empurrando-o para o encosto da cadeira. Suas costas se encostam, e ele permanece com os olhos ferozes em mim, transtornado de tesão. Sua expressão é de um animal pronto para pular em mim.

—Quero que preste bastante atenção, meu Tom — sussurro, voltando à minha posição anterior, e abro as apenas, deixando-as flexionadas e os saltos cravados na mesa — quero que veja exatamente como irei querer que me toque. Quero que veja o quanto estou molhada para você estar todo em mim, como você disse.

Vejo os olhos azuis escuros de Tom, focados nos meus, ameaçarem piscar, mas ele os controla, como se não pudesse perder nenhum segundo. Suas mãos se fecham ainda mais, e ele retesa a mandíbula.

Respiro fundo, sentindo a adrenalina percorrer ainda mais o meu corpo, e a sensação de

vertigem por eu fazer algo que nunca tive coragem antes.

Coloco dois dedos na minha boca, e Tom os segue com os olhos. Os chupo lentamente, e os tiro da boca, descendo pelo meu queixo, deixando um rastro molhado. Trilho com meus dois dedos um caminho entre meu seios, pela minha barriga, e chego até o ventre.

—Aonde você acha que eles chegarão, Tom? — pergunto sedutoramente, e os olhos de Tom sobem até os meus, se desviando dos dedos.

—Aonde? — ele pergunta mergulhado em tesão. Sua expressão é de urgência e sua voz rouca me arrepia ainda mais. Respiro fundo, desejando-o intensamente. Enlouquecedoramente. Vê-lo nesse estado me derrete ainda mais.

—Até a sua boca — sussurro, e me inclino para frente. Tom se inclina para frente também — abra a boca — peço, e vejo seus lábios

se separarem. Coloco meu indicador e polegar em sua boca, e Tom os suga. Sinto sua língua quente acariciar meus dedos, me provocando, e fecho os olhos, ainda mais excitada. Merda, como eu o quero.

Respiro fundo, tentando não ceder à vontade de pular nele, e puxo lentamente os dedos, vendo seus lábios se fecharem, e Tom contínua com seus olhos azuis escuros fixos em mim, enlouquecidos.

Sento novamente com as costas retas e as pernas abertas.

—Muito obrigada — ronrono, e Tom geme, como se precisasse liberar o prazer. Sua mão voa para o volume em sua calça, e ele o aperta.

—Ainda não pode me tocar — falo, observando seu olhar pelo meu corpo, e Tom me encara devastado. Com os dedos molhados por ele, os aproximo do meu corpo, e encosto na parte da

calcinha no meio das minhas pernas. Meu lado escuro me controla, me domina, e me deixo perder por ele.

Puxo a calcinha para o lado, expondo minha intimidade molhada para Tom, e vejo seus olhos azuis escuros se perderem dentro do prazer, da loucura. Sua expressão se torna selvagem, e ele respira fundo.

—Obrigada por me molhar ainda mais, Tom — sussurro, e coloco os dedos nos meus grandes lábios, deixando meu plano entrar em ação. Irei colocar em prática a teoria de Anya.

Tom encara aturdido, em prazer, meus dedos acariciarem minha intimidade, e retesa a ainda mais a mandíbula, sem respirar. Consegui fazê-lo prender a respiração pela segunda vez.

Penetro com os dedos um pouco mais, acariciando meu clitóris, e gemo baixo, tentando me sentir confortável, tentando me deixar levar

pelo prazer. Tom sobe com os olhos para o meu rosto, analisando a minha expressão de prazer, e puxa ainda mais o ar, como se não conseguisse respirar mesmo.

Tom suspira, respirando acelerado, com as mãos fechadas. Começo a mexer os dedos em círculos, e os olhos azuis escuro de Tom voltam a atenção para o meio das minhas pernas.

—Você quer me dar prazer, Tom? — pergunto devassa, e Tom não responde. Percebo que está tão imerso, me observando, que não ouviu a minha pergunta. Seus olhos estão ferozes seguindo meus dedos, e os faço descer até os pequenos lábios, em círculos — você quer estar aqui?

Tom abre a boca, mas apenas suspira ainda mais, enlouquecido. Gemo ainda mais, sentindo um arrepio subir por todo o meu corpo, um gozo se irradiar, me fazendo ficar mais molhada. Volto com

os dedos no clitóris, sem tirar os olhos de Tom, e começo a me masturbar ainda mais, devagar, mas com pressão.

—Tom — gemo seu nome, me deixando levar pelo prazer, me sentindo confortável em me masturbar na sua frente, como se as práticas que fiz tivessem me ajudado. E realmente ajudaram a perder a vergonha. Meu primeiro passo completado.

Desço até os pequenos lábios novamente, e subo, ofegante, chamando seu nome.

—Diga, Alice, diga meu nome — ele geme, olhando para minha intimidade, enquanto me masturbo, sem conseguir disfarçar o prazer que sente ao ver — Alice — ele sussurra, perdido em me olhar, com uma expressão feroz. Suas mãos se abrem, e ele as coloca espalmadas na mesa, se inclinando lentamente na minha direção, fascinado — diga meu nome.

PERIGOSAS NACIONAIS

—Tom — gemo, sorrindo maliciosamente para ele, e gemo ainda mais alto, sentindo queimar meu ventre, contrações invadirem meu corpo, anunciando que irei entrar em êxtase. Estou extasiada, transportada para outro mundo, e meus olhos parecem perder a orbita, se tornarem embaçados, me preparando para um orgasmo sem comparações. Gemo, sem fôlego — acho que estou chegando ao orgasmo — sussurro, e seus olhos se arregalam, como se isso o tivesse surpreendido. Ele sobe os olhos azuis escuros, furioso, possuído, me encarando, e percebo o que irá fazer.

—Não — ele rosna, se levantando com brutalidade, agarrando minha mão e puxando-a da minha intimidade. Tom se inclina, ficando com o abdômen entre minhas pernas e segura minha mão molhada — você não pode fazer isso comigo, Alice — sua voz implora, e abro a boca, satisfeita, vendo que Tom não aguenta mais, que está prestes a

PERIGOSAS ACHERON

enlouquecer. Antes que eu consiga fazer algo, ele puxa a minha mão, com os olhos cravados em mim, ferozes, penetrantes, uma expressão selvagem, e os chupa, passando a língua sobre eles, saboreando o que estava em minha intimidade — me deixe sentir você. Como você é deliciosa — ele sussurra rouco, sedutor, e suspiro, sentindo meu êxtase interrompido, sendo intensificado ainda mais.

Mordo o lábio, sem aguentar mais a excitação, e lentamente assinto com a cabeça.

—O que quer fazer? — sussurro, dando permissão, e os olhos de Tom parecem brilhar. No mesmo instante ele solta a minha mão, e se ajoelha na minha frente, jogando a gravata para longe e desabotoando a camisa social. O sigo com os olhos, me sentindo extasiada, dentro de um sonho erótico, onde posso tudo, onde consigo tudo. Onde sou dona de mim e de Tom.

Tom abre toda a sua camisa, e a joga para

trás, revelando seus ombros musculosos, seu peito e abdômen definido, e me encara.

—Agora irei mostrar o que eu quero fazer — ele sussurra com sua voz rouca, sedutora, autoritária, e sua expressão feroz desaparece entre minhas pernas. Sinto seus lábios encostarem nos meus grandes lábios, com seu hálito quente contra minha umidade, e gemo arqueando as costas na mesa e jogando a cabeça para trás, me sentindo derreter ainda mais. Sua língua me penetra lentamente, pedindo permissão, e suas mãos sobem pelas minhas coxas, apertando-as. Sinto sua língua explorar meu clitóris, procurando por mais, roçando até os pequenos lábios e subindo novamente, me deixando inebriada. Gemo ainda mais alto, sem me importar, me arqueando ainda mais e estremecendo. Um arrepio arrebatador me domina, um suor percorre todo o meu corpo, e me sinto invadida por Tom, possuída por sua língua

devassa. Suas mãos sobem lentamente pelas minhas coxas, enquanto suga minha intimidade, me acaricia com a língua, e aperta minha pele, cravando os dedos. Gemo, dentro do meu mundo do prazer, sentindo apenas Tom, queimando apenas em seu fogo, saindo de orbita.

Olho para baixo, vendo-o entre minhas pernas, e agarro seus cabelos com as mãos. Tom geme contra minha pele, sem fôlego, passando novamente a língua, me penetrando, tentando entrar dentro de mim, e gemo. Estou enlouquecida, preciso de mais, preciso de todo o Tom. Seus lábios começam a me beijar, subindo lentamente pelo meu ventre, deixando a calcinha voltar para o lugar. Seus lábios beijam em cima da cinta liga, e ele olha para cima, fixando seus olhos azuis escuros, ferozes, em mim.

—Você é maravilhosa, Alice, deliciosa — ele sussurra — quero sempre sentir seu sabor.

PERIGOSAS NACIONAIS

Respiro fundo, tentando ter mais ar, levada por suas palavras, sentindo ainda mais tesão, e mordo o lábio.

—Entre em mim, Tom — sussurro, me entregando, e Tom sorri torto.

—Eu vou entrar — ele responde roucamente, beijando minha barriga. Suas mãos sobem junto com seus lábios, trilhando um caminho. Sinto seus lábios úmidos no meio das minhas costelas, sua respiração alta, quente, batendo na minha pele. Ele se levanta, ficando de pé, e agarra minhas coxas com as mãos. O encaro, surpresa com sua veemência, e ele puxa minhas pernas na sua direção, deixando minha bunda na beirada da mesa. Estou inundada de luxúria, ansiosa para tê-lo. Sua expressão feroz me devora, e ele agarra meus seios, com os olhos penetrantes em mim. Os aperta, gemendo ao senti-los, ao me ver fechar os olhos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

—Tom — gemo seu nome, sentindo o aperto quente nos meus seios, por cima do sutiã.

—Estou aqui — ele sussurra com sua voz rouca cheia de tesão, e avança na minha direção, colando os lábios no meu pescoço. Jogo a cabeça para trás, sentindo sua mordida leve, sua respiração me arrepiando ainda mais. Suas mãos vagam pelo meu corpo até a minha bunda, apertando-a, empurrando-a para cima, em direção ao seu ventre inclinado. Sinto sua ereção bater em mim, mostrando o quanto está no limite. Suspiro, derretendo ainda mais ao senti-lo, e seus lábios descem para os meus seios, beijando-os. Coloco as mãos em seu cabelo, bagunçando-o ainda mais, empurrando-o em direção, e ele puxa meu sutiã para baixo, revelando meus mamilo rijo. Tom levanta a cabeça e me encara, com o rosto perto do mamilo — estou bem aqui, sempre para você — ele sussurra, assoprando em meu mamilo, me

PERIGOSAS ACHERON

arrepiando ainda mais. Gemo, sentindo o tesão se alastrar ainda mais, e Tom abre os lábios, fechando-os ao redor do meu mamilo. Sinto a umidade da sua boca, e ele começa a sugar, apertando o outro com a mão.

—Tom — gemo seu nome, devastada de gozo, e Tom aumenta a pressão dos lábios, brincando com a língua ao redor do meu mamilo, me fazendo sentir um arrepio arrebatador, uma sensação intensa subir do meu seio e invadir meu corpo. Sinto tudo mais intensificado, como se o prazer agora fosse maior. Continuo olhando para ele, e Tom abre os lábios, passando a língua pelo meu mamilo, enquanto levanta lentamente os olhos azuis escuros e me fita, sedutoramente.

—Mais — sussurro, e Tom volta a sugar meu seio, descendo com a mão até a minha intimidade. Ele a acaricia por cima da calcinha, arfando contra meu seio, e gemo ainda mais. Tom é

enlouquecedor, e sabe fazer sexo maravilhosamente bem.

—Diga, Alice, o que você quer mais? — ele pergunta com sua voz rouca, afastando os lábios do meu seio, me encarando. Respiro fundo, recuperando o fôlego, e meu lado escuro se acende ainda mais, aproveitando a oportunidade.

—Quero enlouquecê-lo mais — falo baixo, desafiando-o, e o empurro para trás, descendo da mesa. Coloco os saltos no chão, ficando de pé na sua frente — quero que implore para que eu permita que entre em mim — sussurro contra seus lábios, quase encostando, e me viro, me afastando dele. Tom abre a boca, aturdido pelo afastamento repentino, e preciso me manter sob as rédeas para não voltar ao seu toque, para não ceder ao tesão. Preciso deixá-lo ainda mais enlouquecido.

Viro de frente para ele, perto da janela, e o

encaro.

-Quero que sente na cadeira — ordeno com um sorriso devasso.

—E eu ganho o que com isso? — ele pergunta sedutor, tentando me seduzir. Rio, negando com a cabeça.

—Só saberá se fizer — respondo firme, e Tom respira fundo, cedendo. Ele senta, com a cadeira virada na minha direção, e permaneço séria, encarando-o, vendo sua ereção tentando saltar para fora da calça, me chamando. Caminho firme em sua direção, com passos largos, com o salto fazendo barulho, e paro na sua frente, no meio das suas pernas abertas. Me inclino sobre ele, empinando minha bunda para trás e colando os lábios em seu ouvido — agora eu quero sentir o seu gosto — sussurro, colocando as mãos nos seus ombros definidos, sentindo seus músculos se retesarem. Tom respira fundo, entendendo

exatamente a intenção. Colo meus lábios nos seus, sugando-os, e desço beijando seu queixo definido, seu pescoço quente. Me ajoelho, e passo a língua no seu pescoço, descendo lentamente pelo seu peito definido. Chego no seu abdômen e olho para cima, vendo sua expressão urgente, sua pressa para que eu chegue mais para baixo. Seus olhos são ferozes, e ele abre a boca, mas não diz nada. Sorrio, satisfeita, e abro sua calça, colocando as mãos na borda. Tom se levanta um pouco, e eu puxo a calça para baixo, junto com sua cueca preta, deixando seu membro grosso, ereto, saltar para fora. Sua ereção pulsa na minha frente, um convite tentador.

Olho para Tom, firme.

—O que você quer que eu faça? — pergunto, e Tom suspira, fechando os olhos, entregue.

—Que me tenha em sua boca — ele sussurra roucamente, com a voz arrastada de

prazer. Coloco a mão em seu abdômen e desço lentamente, passando por seu ventre. Tom permanece com os olhos fixos em mim, ansioso, e agarro a base do seu membro, segurando-o firme. Tom geme, e me aproximo, passando a língua da base até a glande, com os olhos nele.

—Alice — Tom geme, jogando a cabeça para trás, alucinado de prazer, e sinto seu corpo estremecer — isso — ele geme ainda mais, e coloco os lábios na sua grande, sugando-a, sentindo seu gosto. Tom geme baixo, profundo, e vejo seu rosto levado pelo prazer. Desço com a boca um pouco mais, sem conseguir colocá-lo todo, e o sugo, começando um movimento de subir e descer, segurando com firmeza a base. Tom abaixa a cabeça, me olhando perdido, dentro do próprio mundo, e suspira. Aumento a pressão dos lábios, começando a movimentar com a mão também — Alice, que boca — ele geme, e coloca as mãos na

minha cabeça, incentivando o movimento ainda mais. Continuo cada vez mais rápido, sentindo sua ereção pulsar dentro da minha boca, seu gosto, sua pele quente. Tom geme, sem conseguir tirar os olhos de mim.

Afasto os lábios lentamente, deixando-os roçar na glande, e o fito com devassidão.

—Aguenta mais, Tom? — sussurro contra sua ereção grossa, potente, e Tom geme descontrolado, um grunhido profundo. Antes que eu faça algo, ele agarra meus braços com força, e me levanta, me empurrando contra a mesa.

—Tom — grito — que está fazendo? — pergunto em um tom mais baixo, surpreendida, gostando do seu atrevimento. Sinto suas mãos apertarem mais meus braços, e me vira de costas para ele, empurrando meu ventre contra a mesa. Sinto meu corpo se arrepiar pela urgência dele, perdendo toda delicadeza, agindo de forma bruta

sem me machucar. Tom me empurra e bato ainda mais meu ventre. Uma mão sua larga o meu braço e para nas minhas costas, empurrando-a para baixo. Bato os seios contra a mesa, permanecendo assim, e sua outra mão segura meus dois braços para trás, pelo pulso. Sinto seu peito nu encostar nas minhas costas, e viro o rosto para o lado, jogando o cabelo para o lado oposto, tentando vê-lo. Seus lábios encostam no meu ouvido, sua ereção na minha bunda.

—Agora irei castigá-la, minha Alice — ele sussurra roucamente no meu ouvido, sedutor, autoritário, e um arrepio delirante me invade, me possuí, implorando para que Tom acabe com o tesão que percorre meu corpo, que me deixa ainda mais molhada por estar me suas mãos.

Sinto suas costas perderem o contato, assim como sua ereção, mas ele permanece com uma mão segurando os meus pulsos. Tento vê-lo, mas a

posição não permite. Olho ao redor, observando sua sala profissional, limpa, séria. O silêncio é cortado por nossa respiração ofegante, mostrando que não há nada profissional ali, por mais que eu tente ver seus livros, seus sofás, seus quadros.

Um tapa na minha bunda me faz saltar na mesa, me despertando da observação, e gemo, fechando os olhos, sentindo seus dedos pararem na minha pele e agarrarem ela, apertando com força.

—Gosta, minha Alice? — ele pergunta com sua voz rouca, e respiro fundo, enlouquecida, sentindo ondas de prazer.

—Se eu puder fazer igual — sussurro provocando-o. Ouço o ronronar.

—Se eu receber algo em troca — ele responde, e sinto novamente sua mão na minha bunda, sem muita força, apertando-a.

—Me receberá molhada — sussurro, rebolando minha bunda contra ele, empinando-a.

PERIGOSAS NACIONAIS

—Alice — Tom geme, largando meus pulsos. Coloco as mãos na mesa, levantando meu tronco, mas antes que eu consiga ficar reta, Tom agarra meus cabelos por trás, com força, me empurrando de volta para a mesa. Sua mão agarra minha calcinha, e ele puxa com força, por baixo da cinta liga, rasgando-a junto com um dos colchetes. Vejo minha calcinha ser jogada para longe, e um gemido rouco de Tom. Sinto sua ereção acariciar minha bunda, descendo por ela até a entrada da minha intimidade, com urgência, agarrando meus cabelos com força, puxando-os, me fazendo arquear as costas, empinando minha bunda para ele, e me penetra com força.

O sinto entrar todo dentro de mim, me abrindo por dentro, criando um caminho com força. Gemo, jogando a cabeça para trás, me sentindo no fogo realmente. Um chama inapagável que sobe pelo meu ventre, em espirais de contrações e

PERIGOSAS ACHERON

arrepios, me incendiando cada vez mais.

—Minha Alice — Tom geme alto, em um rosnado, me penetrando inteiro. Sua mão se fecha ainda mais no meu cabelo, e a outra agarra minha bunda, afundando os dedos — meu amor — ele geme, me deixando ainda mais enlouquecida ao ouvir essas palavras — apenas minha — ele geme, e sai quase todo de dentro de mim. Respiro fundo, em um suspiro profundo, cravando minhas unhas na mesa. Sua mão puxa minha cabeça ainda mais para trás, pelos cabelos, e sinto seu membro entrar novamente todo dentro de mim, com força, tentando se aprofundar ainda mais, como se não fosse o suficiente.

Empino mais minha bunda agarrada por sua mão, sentindo meu ventre bater na mesa, e meus cabelos serem puxados ainda mais. Arqueio as costas mais, abrindo a boca em um suspiro longo.

—Tom — digo seu nome alto, e Tom saí

novamente de dentro de mim, se enterrando novamente, com força, batendo meu ventre na mesa, empurrando-a um pouco para frente.

—Estou aqui — ele geme, se enterrando novamente em mim, e saindo por quase completo.

—Mais — sussurro, e ouço um gemido baixo, concordando.

—Eu coloco mais — ele geme, entrando novamente em mim — eu sou todo seu — Tom me penetra, e começa a estocar com força, me empurrando contra a mesa, fazendo-a andar lentamente para frente, com o barulho do arrastar do móvel. Meu corpo permanece arqueado, e sinto meus cabelos em sua mão. Sua outra mão sobe pelas minhas costas, roçando os dedos lentamente. Ouço-o gemer sem parar, cada vez mais alto, enlouquecido, junto comigo. Meus gemidos são profundos, mostrando o quanto estou levada pelo gozo de senti-lo dentro. Estou vagando sem rumo

no meu prazer, intensificado pela sensação libertadora de ter me conhecido mais.

—Tom — gemo seu nome, sentindo meu ventre explodir em pedaços de prazer, saindo do meu mundo e entrando no mundo de prazer de Tom, um mundo onde apenas o sinto. Gemo, e Tom geme junto, estocando com cada vez mais força, sem parar. O sinto entrar e sair, em um ritmo frenético, e o suor escorre pelo meu corpo. Meu coração bate ensandecido. O arrepio continua presente, e começo a me sentir entrar no mundo do esquecimento, com ondas invadindo meu corpo, mas antes que chegue ao orgasmo, sinto seu membro sair por completo.

Abro a boca, assustada, e me levanto da mesa, olhando para trás. Tom se afasta, com uma expressão selvagem no rosto, e se senta. Seus olhos ferozes me encaram. Ele agarra a base do próprio membro, tocando-o lentamente. Aquilo me fascina,

me tortura, me deixa no chão de tesão.

—Sente-se aqui — ele pede com sua voz rouca, sedutora — quero que tenha o orgasmo sentada em mim.

Meu corpo se contrai inteiro, meu ventre queima, e ofego, sem conseguir esconder a excitação. Ainda de salto, dou os passos até ele, abrindo as pernas ao redor das suas. Coloco uma ao lado do seu quadril, e faço o mesmo com a outra, colocando as mãos em seus ombros definidos. Uma mão de Tom agarra a minha bunda, enquanto eu sento no seu ventre, sentindo seu membro abaixo de mim, sendo segurado por ele. Ele aperta minha bunda, em um incentivo, e permaneço encarando-o, vendo a urgência em seus olhos. Rebolo, roçando minha intimidade molhada na sua ereção, e Tom retesa a mandíbula, enlouquecido.

—Porra, Alice, me deixe estar dentro de você — ele sussurra, agarrando meu quadril com

uma mão, enquanto segura a ereção com outra, mas faço força, lutando contra mim mesma. Abraço seu pescoço, me inclinando contra seu peito, e passo a língua pelo seu maxilar.

—Quer estar, Tom? Me deixe guia-lo — sussurro sensualmente, roçando ainda mais minha intimidade, até encaixá-la na sua ereção. Tom agarra ainda mais meu quadril, sem fazer força, e percebo que concordou. Começo a rebolar, e afasto o rosto do dele, colocando as mãos no seus ombros e o encarando. Tom morde o lábio, me encarando intensamente, com luxúria, prazer, e começo a deslizar pela sua ereção lentamente. Tom geme, me sentindo apertada, molhada, e contraio um pouco a musculatura da minha intimidade, fazendo-o arfar. Arquejo também, sentindo-o me rasgar por dentro, e sento com força. Tom geme, retesando a mandíbula, e seus olhos se tornam dois oceanos de prazer. Suas mãos agarram meu quadril, e começo

a rebolar no seu membro, com força, com amplitude. Sinto seus dedos percorrem minhas costas e acharem o fecho do meu sutiã, abrindo-o. Solto seus ombros, deixando Tom tirar meu sutiã, e suas mãos voam para os meus seios, apertando-os.

Continuo rebolando, sorrindo devassa para ele, e Tom começa a acariciar meus mamilos com os polegares, em movimentos circulares. Jogo a cabeça para trás, gemendo, e suas mãos percorrem meu corpo, me empurrando em sua direção. Abaixo a cabeça, fitando-o a tempo de ver seus lábios se fecharem ao redor do meu seio, sugando-o com força. Sua língua faz movimentos circulares ao redor do meu mamilo, uma mão sua desce até a minha bunda, apertando-a, e a outra enrola os dedos nas pontas dos meus cabelos, puxando-os para baixo, sem muita força. Subo com as mãos para os seus cabelos, rebolando cada vez mais forte, sentindo seu membro me explorar por dentro,

me derretendo ainda mais.

Ele geme contra minha pele, levantando a cabeça, e vejo seus olhos perderem o foco, entrando em êxtase. Tom explode dentro de mim.

—Minha Alice — ele geme, com uma expressão selvagem e olhos ferozes, mergulhado em prazer, entrando no seu próprio orgasmo. Cavalgo com mais força ainda, contra suas mãos fortes, e Tom enlouquece, jogando a cabeça para trás e semicerrando os olhos, sem tirá-los de mim. Sinto seu orgasmo me preencher com força, e saio de orbita, gemendo seu nome, agarrando suas costas e ficando as unhas, sem me controlar, entrando em um mundo novo, em um orgasmo em um novo nível, que me prende a respiração e faz meu coração sair pela boca. Ondas de êxtase me preenchem, me arrepiando e me jogando para um gozo sublime, um esquecimento inebriante. Meu corpo é percorrido por espasmos, contrações

arrebatadoras, que me tiram do chão. Me explodo no êxtase, sem controlar o gemido, e ao gritar seu nome, suas mãos agarram minha cabeça, puxando-a para baixo. Olho para ele, embevecida, sem conseguir compreender nada, em um torpor que me faz ficar sem controle, e vejo os olhos ferozes de Tom, selvagens. Sua expressão de puro prazer, com a boca aberta também em gemidos. Ele puxa meu rosto em sua direção e cola os lábios, abrindo os meus e penetrando sua língua na minha boca, nos silenciando, enquanto sinto seu membro pulsar dentro de mim. Sua língua quente e molhada explora minha boca com urgência, buscando cada detalhe, e encontra com a minha, brincando com a ponta. Gemo no mesmo instante que Tom, e afasto os lábios, abraçando-o. Envolvo seu pescoço com meus braços, levantando o quadril o suficiente para ele retirar o membro de dentro de mim, e seus braços me envolvem. Suas mãos agarram meus

cabelos.

—Minha Alice — ouço sua voz rouca, arrastada de prazer, ofegante — você está de volta.

Respiro fundo, ainda extasiada, sem fôlego também, e suas palavras me lembram algo. Meu acordo com Anya, merda.

Não é o momento, mas também não posso esconder dele, deixar passar muito tempo. Me afasto, fitando-o com o rosto perto do dele, quase encostando meu nariz no dele. Seus olhos me engolem, e sorrio. Tom sorri torto, me encarando ferozmente.

—Você está de volta também? — pergunto séria, e Tom passa o polegar sobre meus lábios.

—Estou — ele sorri ainda mais sedutor — eu nunca fui, realmente.

—Eu sei — respondo ainda séria, fitando-o — senão eu não estaria aqui.

A expressão de Tom se torna séria, e ele me fita um pouco apreensivo, levantando uma sobrancelha.

—E o que a fez acreditar que eu não estava com outra? — pergunta em tom baixo, segurando meu rosto pelo maxilar.

Nássia é a resposta. Nássia e Anya, mas apenas respiro fundo, tentando esquecer esses nomes.

—Acho que arrisquei — respondo um pouco vaga — quis acreditar que ainda daríamos certo.

Tom me encara por alguns segundos, não engolindo minha mentira, mas parece ceder, puxando meu rosto em sua direção. Seus lábios roçam nos meus.

—Vamos para o seu apartamento — ele sussurra — estou com saudades dele.

Sorrio, extasiada ao ouvi-lo, e meu lado

escuro me lembra de outro detalhe. O apartamento de Tom, intocado por mulheres. Sorrio ainda mais, satisfeita por saber que eu ainda pisarei lá.

—Hoje iremos para o meu — sussurro firme — mas na próxima vez, iremos para o seu apartamento — falo séria, encarando-o. Tom arregala os olhos, ao perceber minha intenção, e me levanto, ficando de pé na sua frente. Ele respira fundo, um pouco contrariado, e sorrio maliciosamente, caminhando para longe. Olho para ele, sobre o ombro, vendo-o me seguir com os olhos de luxúria ainda — ou não transaremos mais, e você não me terá de volta — finjo ameaçar, e Tom retesa a mandíbula.

—Então não é um convite, mas um intimação para eu levá-la lá? — ele pergunta sério, me encarando.

Assinto, mordendo o lábio.

—Sinta-se na obrigação de me levar lá —

sussurro, parando e o encarando sobre o ombro — ou não quer transar comigo em um lugar novo? — mostro que estou a par disso também, e Tom franze a testa, ainda mais curioso sobre como eu sei, mas antes que ele pergunte, viro o rosto, caminhando firme em direção a porta. Pego a maçaneta e a giro, olhando para trás novamente — vou me trocar, enquanto você renova suas energias, porque quero que mate a saudade do meu apartamento do melhor jeito possível.

—Com você — ele sussurra com sua voz rouca, sedutor, ignorando o assunto anterior. Sorrio para ele, assentindo, e Tom sorri torto. Olho ao redor, para a sua sala, e percebo que realmente nunca mais conseguirei vê-la da mesma forma. O ambiente ainda está quente, a mesa está fora do lugar, e Tom está incrivelmente sexy.

Se algum dia eu tinha alguma tranquilidade ao entrar na sala, o que é pouco provável, agora não

há a menor chance de isso acontecer.

Saio pela porta, andando firme, e passo pelas mesas, também confirmando o fato de que a partir de hoje, sempre me lembrarei de que andei por aqui apenas de salto, meias sete oitavos e cinta-liga. Sem calcinha e sutiã, apenas com o fogo de Tom.

Pego a pequena mala e vou para o banheiro. Entro, encarando o reflexo no espelho, vendo meu cabelo bagunçado, minha pele avermelhada, tanto na bunda como no busto, e meu batom inexistente. Respiro fundo, ainda me sentindo ofegante, e começo a me vestir. Ajeito o cabelo, e encaro novamente o reflexo, percebendo que conseguir disfarçar. Coloco o que sobrou da minha lingerie na pequena mala, e saio do banheiro. Tom está parado na porta, com o ombro encostado na parede, apenas de camisa social aberta no colarinho e calça jeans. Em sua mão está minha calcinha rasgada e meu

sutiã.

Levanto as sobrancelhas, surpresa e um pouco excitada por vê-lo assim. Ele percebe e sorri torto, com seus olhos azuis escuros intensos em mim.

—Mais algumas para a minha coleção de Alice — ele sussurra com sua voz rouca, sedutor — acho que seu chefe está satisfeito.

Respiro fundo, rindo, e caminho na sua direção, deixando a mala no chão.

—Também irei fazer a minha coleção de Tom — digo, ameaçando, e paro na sua frente, colocando as mãos no seu rosto — e é bom que meu chefe tenha gostado mesmo, porque é apenas o começo.

Tom arregala os olhos, com uma expressão séria, e avança sobre mim, me beijando. Sua língua encontra com a minha, e me derreto ao sentir sua língua quente e molhada. Suas mãos descem pela

minha saia e ele aperta minha bunda.

—Prefiro você nua — ele sussurra contra meus lábios, e sorrio. Me afasto dele, estendendo a mão na sua direção.

—Vamos para o meu apartamento? — o convido, e Tom sorri, satisfeito.

—Com todo prazer — ele sussurra sedutor, e pega a minha mão com força, entrelaçando os dedos. Ele pega a minha pequena mala na outra mão, junto com a calcinha e o sutiã.

Caminho ao seu lado até o elevador. Ele aperta o botão, chamando-o. As portas se abrem, e entramos.

Tom envolve minha cintura com um braço, me puxando para o seu peito, e permito, deitando a cabeça nele. Sinto seus lábios beijarem minha cabeça.

—Você é sempre maravilhosa, mas hoje estava diferente — ele sussurra sério — mais

decidida, menos receosa. Mais.

—Mais dona de mim mesma — sussurro, interrompendo-o, sem levantar a cabeça. Sinto sua cabeça assentir sobre a minha.

—Isso — ele sussurra com sua voz rouca — estava enlouquecedora de um jeito que me perco só de lembrar.

—Quando disse que ia me libertar, não estava mentindo — sussurro, e Tom beija a minha cabeça novamente.

—E está conseguindo — ele afirma sério, um pouco receoso.

—Sim — retifico sua afirmação, e Anya surge novamente na minha cabeça. As portas se abrem, e saio caminhando ao seu lado. Passamos pelos seguranças, e saímos do prédio. Vejo o Porsche de Tom estacionado no estacionamento da empresa, e me lembro da sua vida luxuosa, do seu mundo que estou entrando.

Meu coração acelera novamente, e tento me controlar. Preciso conversar com ele sobre o acordo, e estou decidida que será no meu apartamento. Caminho ao seu lado até o carro, e Tom contorna o carro ao meu lado, abrindo a porta do passageiro para mim.

Sorrio, encantada por Tom. Sentia falta dele, do seu jeito. Mando um beijo sincero para ele, e ele morde o lábio, sorrindo. Entro no carro, e Tom fecha a porta, entrando do outro lado. Ele se vira, me encarando.

—Agora me sinto inteiro dentro deste carro — ele sussurra, e rio, sentindo meu coração saltar e meu corpo se arrepiar ao pensar em como ele está se sentindo. Em como eu estou me sentindo novamente ao seu lado.

E novamente me lembro que preciso contar sobre o acordo. Merda, espero que ele me deixe explicar, que ele entenda.

Tom acelera o carro, e saímos do estacionamento. Observo em dirigir, segurando firme o volante, de forma elegante, e após alguns minutos, ele estaciona em frente ao meu prédio. Ele me fita, e sorri sedutoramente.

—Me leve para o seu apartamento — ele pede eroticamente, sugerindo que eu o guie em tudo. Respiro fundo, levada pela visão de Tom me pedindo isso, e assinto.

—Com todo prazer — sussurro.

—Eu darei prazer para você — Tom completa, saindo do carro. Me lembro que ele gosta de abrir a porta para mim, e espero. Tom abre, estendo a mão, e assim que saio e a seguro, ele entrelaça os dedos.

Ando ao seu lado, e ele tranca o carro pela chave. Entro no prédio com Tom, passando pela portaria. Meu lado escuro já está elaborando novos jeitos de enlouquecê-lo, se tudo ocorrer bem,

porque conversarei hoje com ele.

Entro no elevador, e Tom entra em seguida. Aperto o número do meu andar, e o elevador sobe lentamente. Ouço meu coração acelerar mais a cada andar, como se estivesse antecipando o nervosismo da conversa, mas não posso ficar nervosa, tensa. Preciso confiar que tudo dará certo, que conversaremos. Meu lado escuro ordena isso. Levanto a cabeça, fitando nossos reflexo, e sorrio para ele, confiante. Tom me abraça por trás, sério.

As portas se abrem, e ele agarra minha mão, me acompanhando pelo corredor. Paro em frente a porta, abrindo-a. Entro, deixando Tom entrar, e seus olhos azuis escuros percorrem toda a sala, parando em mim.

—Como estava com saudades daqui. Agora me sinto de volta para a sua vida — ele diz sério, se virando e fechando a porta. Tom a tranca, e olha para mim, com um sorriso devasso — e

agora quero renovar meu sexo nesse apartamento.

Sorrio, desejando-o novamente. Ele avança sobre mim, me empurrando contra a parede, mas antes que nossos lábios se colem, coloco as mãos em seu peito, empurrando-o levemente. Ele franze a testa, confuso, e sorrio.

—Acho que preciso contar algo antes — murmuro, e a expressão de Tom se torna curiosa.

—Contar o que? — ele pergunta, se afastando um pouco.

Me afasto, caminhando em direção ao sofá, e Tom me segue com os olhos.

—Acho que vamos nos sentar primeiro — digo séria, e me sento no sofá, de frente para ele. Tom coloca as mãos no bolso, ainda me encarando intensamente, sério.

—Contar o que, minha Alice? — ele sussurra, preocupado, e sua voz rouca é curiosa. Merda, eu queria ter começado de outro jeito, mas

agora não adianta, terei que contar. E preciso explicar, preciso fazê-lo entender que não há perigo, que estou no controle.

E que Anya quer apenas ajudar.

—Tom — digo firme, mostrando que estou decidida, confiante. Ele permanece sério, com os olhos ferozes em mim, esperando que eu continue. Vou contar sem rodeios, e explicarei — Anya fez uma proposta — vejo seus olhos azuis escuros se tornarem ameaçadores, furiosos — sobre ajudar a me conhecer realmente, a me libertar, porque minha mente cria barreiras contra eu me tornar liberta, e eu realmente quero me libertar. Ela ofereceu me ajudar e — hesito, vendo-o respirar fundo, e sua expressão se tornar selvagem — e eu aceitei sua proposta.

Sua boca se abre lentamente, mas ele não diz nada, como se estivesse perdido o raciocínio. O ar parece se tornar tenso, e ouço o tic-tac do

relógio, contando os segundos que se passaram desde que eu falei. O encaro preocupada, e Tom permanece parado no meio da minha sala, com uma expressão feroz. Meu coração acelera ainda mais, como se uma corrente elétrica tivesse saído dele até meu corpo. Ele permanece imóvel, com as mãos nos bolsos e a respiração alta, pesada.

Os olhos azuis escuros de Tom me fitam enlouquecidos, e ele parece não piscar, como se tivesse sido atingido por algo.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

ALICE

Tom permanece mudo, com os olhos azuis escuros me encarando, ferozes, transtornados. Respiro fundo, encarando-o de volta. Eu preciso fazê-lo entender, porque agora não há mais o que fazer, eu já aceitei a proposta de Anya, e no fundo, está me ajudando.

—Tom — digo seu nome firme, chamando

sua atenção, mas ele permanece mudo, apenas me fitando. Suas mãos estão dentro dos bolsos, mas pelas veias saltadas do braço, sei que está cerrando-as — responda algo — falo alto, e ele respira fundo.

—Você aceitou a proposta de Anya? — sua pergunta corta o silêncio, e sua voz rouca é cortante. É acusadora. Abro a boca, sentindo seus olhos me acusarem, e os arregalo.

—Não sou dela — a resposta sai antes que eu pense. Merda, meu lado escuro adivinhou os pensamentos de Tom — eu voltei para você, não voltei? — pergunto calma, e Tom permanece em silêncio — eu apenas aceitei a ajuda dela, mas estou no controle. Ela apenas está tentando me ajudar, mas sou eu quem dá as palavras finais, e Anya não está querendo nada em troca, a não ser que eu contasse para você e o fizesse perceber que ela não é tão má.

—Você confia nela? — ele sussurra a pergunta, como se me desafiasse, como se afirmasse que eu confio em Anya e me fizesse repensar. Franzo a testa.

—Não, não confio, Tom — respondo séria — mas Anya não está fazendo nada errado. Anya não está tentando me afastar de você — falo tranquila, e Tom levanta as sobrancelhas como se não acreditasse em mim.

—E como você pode ter tanta certeza? Ela por acaso começou a ajudar? — ele pergunta sério, retesando a mandíbula. Respiro fundo, e meu lado me aconselha a não contar sobre a masturbação. Talvez Tom não compreenda, talvez isso torne uma briga.

—Ela começou a me ajudar — falo baixo, desviando os olhos para a porta, discretamente. Tom segue meus olhos, captando minha distância visual. Ele respira fundo, com os dentes cerrados, e

levanta uma sobrancelha.

—Como? — sua voz rouca é um sussurro ameaçador. Cerro os dentes, e o encaro.

—Por que você precisa saber, Tom? — pergunto séria — isso é tão importante assim?

—É — ele responde bravo, imóvel. Encaro sua expressão de fúria, e percebo que seus olhos estão preocupados. Nego com a cabeça.

—Tom, não é nada importante — falo calma, percebendo que sua fúria é porque está preocupado com a minha aproximação com Anya — ela apenas deu alguns conselhos, que eu poderia seguir se eu quisesse. Ela não está ameaçando nós dois, não está me tirando de você.

—E como você sabe, Alice? — ele pergunta sombriamente, em um sussurro. Abro a boca, levantando as sobrancelhas.

—Porque ela não fez nada que aparentasse isso, Tom — respondo sincera. Tom fecha os olhos,

e sua expressão começa a suavizar. Respiro fundo, desejando que ele se torne tranquilo e me ouça — ela apenas ofereceu ajuda para eu me libertar, me ofereceu seus conselhos, e eu aceitei. Posso segui-los ou não.

Tom abre os olhos, me fitando ferozmente. Sua expressão é autoritária.

—Então não siga-os — ele diz autoritário.

—Isso é uma opção minha — respondo educadamente.

—Eu farei de tudo para que você não os siga — ele diz em um murmuro, me desafiando. Franzo a testa.

—Tom, você não saberá o que ela me aconselhará — falo sincera, e seus olhos me fuzilam. Ele abre lentamente a boca, como se estivesse decidindo o que falar. Merda, acabamos de transar e já estamos discutindo. Não vejo motivo para discutirmos, não vejo motivo para ele não

confiar nas minhas decisões — não vamos transformar isso em uma briga. Não viemos aqui para brigar — digo firme, como se fosse uma ordem.

Tom continua me fuzilando com os seus olhos azuis escuros, e assim que termino de falar, ele tira as mãos do bolso com veemência e caminha em direção ao banheiro, com passos firmes, me dando as costas.

—O que isso significa? — pergunto um pouco brava, observando Tom se afastar, em silêncio e entrar no banheiro. Fecho os olhos, respirando fundo. Não quero prolongar essa conversa, porque já me decidi, e nenhuma briga com Tom mudará o que eu aceitei. Apenas quero continuar meu plano com ele, sem discussões.

Ouço o barulho do chuveiro sendo ligado e abro os olhos. Me levanto, determinada, e caminho firme até o banheiro, parando na porta. Encosto o

braço na porta, encarando Tom dentro do boxe de vidro, embaixo do chuveiro, nu. Ele me fita, deitando a água cair na cabeça. Meu corpo reage à visão de ver Tom nu, começando a esquentar minhas coxas, subindo por todo o meu corpo. Sinto um arrepio percorrer meu corpo, e desço os olhos pelo seu corpo.

—Tomarei banho sozinho, Alice — Tom fala alto, com sua voz rouca — já que você quer me esconder esse assunto, irei torturá-la até que ceda.

Rio irônica, arregalando os olhos.

—Você está no meu chuveiro, Tom, posso entrar aí a hora que eu quiser — respondo desafiando--o. Tom me encara ferozmente, começando um novo jogo. Sua mão direita, firme e grande, começa a deslizar pelo seu peito, junto com a água. Sigo sua mão, que percorre o abdômen definido dele, chegando até seu ventre. Meu corpo se contrai de tesão ao ver o corpo molhado, sua

mão guiando meus olhos, e suspiro, enlouquecida, sentindo o banheiro se tornar abafado.

—Você pode entrar, Alice, mas não irei tocá-la — ele diz sedutoramente e sua voz rouca é arrepiante. Abro a boca, e sua mão continua a descida, agarrando a base do seu membro. Minhas pernas fraquejam, e meu coração acelera ainda mais, retumbando em meus ouvidos. A luz amareladas do banheiro dão um tom suave na sua pele molhada, com gotas de água escorrendo por ela. Um arrepio arrebatador percorre minha espinha, e o fogo se espalha, descontrolando meu lado escuro. Tom está me seduzindo até eu não aguentar.

E meu lado escuro está incendiado, queimando nas chamas que o corpo de Tom criou em mim.

Levanto os braços, agarrando a borda da minha blusa, e a tiro, abaixando a saia também.

Tom começa a tocar seu membro lentamente, com os olhos fixos em mim, me engolindo, e deslizo a calcinha entre as pernas, tirando o salto também. Eu irei entrar embaixo do chuveiro e mostrarei que esse jogo não irá funcionar. Meu lado escuro está confiante, desde que aprendi um pouco mais sobre mim, e isso me faz dar um passo para dentro do banheiro. Sorrio maliciosamente, e Tom sorri torto, largando seu membro e virando de costas para mim. Encaro o P no meio das suas costas, me lembrando de Pandora, e respiro fundo. Ainda tem esse evento.

Abro a porta do boxe, e entro, sentindo a água molhar minhas pernas nuas. Tom permanece de costas para mim, passando as mãos no cabelo. Me aproximo, e mordo o lábio, não me aguentando. Passo lentamente a mão pelo seu ombro, e desço roçando os dedos nas suas costas quente, indo até a lombar. Vejo seu corpo se

arrepiar, me fazendo-o desejar mais, e desço até sua bunda definida, apertando-a. Tom dá um pulo e se vira, me olhando surpreso.

—O que pensa que está fazendo? — ele pergunta sério, levantando uma sobrancelha. Sorrio, satisfeita por fazê-lo se virar.

—Já que você não irá me tocar, eu tocarei você — respondo maliciosamente, estendendo os braços e passando as mãos por seu peito definido. Tom agarra com veemência meus pulsos, segurando-os na mesma posição, me fitando intensamente.

—Não me tocará também — ele diz autoritário, e sorrio ainda mais.

—Então não quer voltar? — pergunto séria, sugerindo que ele está me afastando. Tom aperta com um pouco mais de força meus pulsos, e no mesmo instante, os larga, passando uma mão no rosto, enquanto a água escorre pelas suas costas.

—Você sabe que eu quero — ele sussurra, e sua expressão é de desistência — apenas me diga o que ela sugeriu, Alice. Preciso saber como esse acordo funciona.

O encaro firme, resistindo ao seu pedido, e me aproximo, colocando as mãos em seu peito. Empurro Tom para frente, e ele dá dois passos para trás, saindo debaixo da água. Dou dois passos, parando embaixo do chuveiro, e deixo a água escorrer pelo meu corpo, fechando os olhos. Inclino a cabeça para cima, passando as mãos no meu cabelo, sentindo que Tom está me devorando com os olhos.

—Alice — ouço sua voz rouca, mas permaneço em silêncio, deixando a água cair no rosto. Irei fazê-lo provar do próprio jogo, se é isso o que ele quer. Meu lado escuro está imperando dentro de mim, ainda confiante desde o sexo na empresa. Abaixo a cabeça, e abro os olhos,

encarando Tom. Vejo sua expressão feroz, seus olhos penetrantes, e sorrio, me virando de costas para ele, deixando a água escorrer pelas minhas costas até a minha bunda. Irei virar o jogo.

No mesmo instante sinto suas mãos nas minhas costas, subindo lentamente até o meu pescoço.

—Tom — sussurro sensualmente — você não disse que não iria me tocar? — pergunto em um sussurro, sentindo seus dedos quentes, firmes, subindo lentamente pelas minhas costas, roçando as pontas. Arfo, sentindo meu corpo esquentar embaixo da água morna, e inclino a cabeça para o lado, puxando meu cabelo junto. Percebo que Tom aproximou o corpo, roçando sua ereção na minha bunda, e sua mão para no meu ombro, enquanto a outra agarra o meu cabelo do outro lado.

—Conte para mim, minha Alice — ele pede em um sussurro rouco, e sinto os lábios no

meu ombro, beijando-o suavemente. Seus lábios se abrem, e ele morde lentamente a pele do meu ombro. Arquejo, sentindo minha intimidade pulsar, um arrepio percorrer o local do seu toque. Me derreto ao seu toque, virando a cabeça lentamente em sua direção. Seus olhos sobem do meu ombro, e ele me encara. Afundo dentro dos seus olhos azuis escuros, sedutores, e seu rosto molhado pela água que cai sobre nós — conte — ele sussurra, e sua mão começa a descer pela frente do meu corpo.

Tom mudou de tática, agora está tentando me deixar em seu fogo, e merda, é o que eu mais quero. É o que o meu lado escuro mais quer.

Permaneço em silêncio, repensando se é tão problemático eu contar sobre o conselho de Anya. Meus olhos permanecem fixos nos olhos ferozes de Tom, e sua expressão é de devassidão. Sua mão começa a descer, roçando os dedos pela pele, até chegar no meu mamilo. Suspiro, abrindo

lentamente os lábios, e ele agarra meu mamilo com dois dedos, apertando-o levemente.

—Não esconda de mim — ele sussurra sedutor, e sua voz rouca penetra minha mente, me queimando de excitação. Tom voltou com toda sedução possível, preciso ser forte, ser mais sedutora que ele.

—E se eu esconder? — gemo, sentindo a pressão dos seus dedos no meu mamilo. Tom sorri torto, e beija suavemente meu pescoço. Gemo mais, e sua mão larga meu mamilo, descendo pela minha barriga. Meu corpo se contrai, e sua mão toca minha intimidade.

—Se você esconder, eu terei que arrancar de você durante o sexo, minha Alice, durante seus gemidos chamando pelo meu nome — ele sussurra rouco no meu ouvido, me levando ao delírio. Fecho os olhos, jogando a cabeça para trás, e seus dedos abrem meus grandes lábios, penetrando dentro de

mim. Gemo, arqueando as costas para trás, derretendo na mão de Tom, e sua outra mão agarra minha cintura. Fecho os olhos, sentindo a água escorrer pelo meu corpo e os lábios de Tom beijando meu ouvido — enquanto meus lábios descem pela sua pele maravilhosa, e sentem você inteira, até aqui — ele sussurra, pressionando com o polegar meu clitóris.

—Tom — gemo, apoiando a parte detrás da minha cabeça em seu ombro, balançando-a lentamente, levada pela sensação dos seus dedos quentes. Um calor sobe pelo meu ventre, me queimando, deixando um rastro de formigamento e arrepios por toda parte.

—Diga, minha Alice — ele sussurra no meu ouvido, e meu lado escuro se rende, pouco se importando se ele ficará bravo ou não. Já que Tom quer tanto saber, contarei.

—Anya — gemo, e sinto os dedos de Tom

me em círculos dentro de mim, saindo e entrando lentamente — ela — arfo, tentando recuperar o fôlego, e Tom beija novamente meu pescoço, lambendo-o enquanto a água cai em nós — me aconselhou a conhecer meu próprio corpo — digo direta, puxando o fôlego de uma só vez.

Sinto os lábios de Tom se afastarem, e seus dedos saem de dentro de mim. Abro os olhos, olhando para o lado, encontrando seus olhos intensos, confusos.

—Como assim? — ele sussurra apenas para confirmar sua suspeita. Tom franze a testa, segurando minha cintura com ambas as mãos. Respiro fundo, já decidida a contar.

—Anya me aconselhou que eu procurasse meu prazer por mim mesma, que eu me conhece com minhas próprias mãos — respondo séria, com a água caindo nas minhas costas — e eu segui seu conselho, porque realmente quis provar isso da

maneira certa.

Tom abre a boca, mas nenhuma palavra se forma.

—Eu conheci mais do meu prazer, Tom. Eu me permiti sentir prazer comigo mesma — digo baixo, e vejo luxúria surgir em seus olhos, misturada com raiva. Tom aperta minha cintura, levantando uma sobrancelha.

—E por que seguiu o conselho dela? — Tom murmura, retesando a mandíbula.

—Porque eu senti vontade de me conhecer, Tom. Porque senti vontade de criar mais confiança no que consigo fazer por mim mesma — respondo séria — Anya apenas me indicou o que eu precisava ouvir.

—E quando eu pedi isso para você, em Pandora? Não foi do mesmo jeito? — Tom pergunta em um sussurro ameaçador, aproximando meu corpo do seu.

—Não — e meu lado escuro responde antes que eu consiga controlar. Tom respira fundo, afundando os dentes ainda mais um nos outros — eu atingi orgasmo comigo mesma, diferente daquela vez, que permaneci travada, apenas esperando seu toque, seu olhar.

Tom, em um impulso, me abraça, contrariando a ideia que eu tinha, de que ele iria se afastar, brigar comigo. Seus braços envolvem minha cintura, e ele me puxa em direção ao seu corpo, me abraçando com força, embaixo da água.

—Você não precisa ouvir ela — ele sussurra contra meus cabelos.

—Me diga se não gostou do modo como me comportei, Tom. Me diga — falo firme contra sua pele, e levanto os olhos, encarando os seus, azuis escuros. Vejo um receio dentro deles, e sua expressão parece relutar — me diga — insisto.

—Alice — ele levanta as sobrancelhas,

subindo com as mãos até o meu rosto, segurando-o firme — não me peça isso.

—Eu peço, Tom. Quero que me fale se não gostou da confiança que criei um pouco — digo séria, franzindo a testa, e o semblante de Tom se torna feroz.

Abro a boca para continuar, mas Tom avança contra meu rosto, colando os lábios nos meus, aproveitando a abertura da minha boca para penetrar sua língua, e eu a sinto quente, molhada, explorando cada parte. Suas mãos descem velozes para as minhas coxas, e ele as levanta, me tirando do chão. Contorno seu quadril com as pernas, sentindo seu membro roçar no meu ventre, ele me leva até a parede, batendo minhas costas. Gemo, afastando os lábios, e abro os olhos, encarando Tom molhado.

—Diga — insisto, com um sorriso devasso no rosto. Tom morde o lábio, com uma expressão

enlouquecida, e não me responde, avançando para o meu pescoço. Levanto a cabeça, permitindo seus beijos, e ele sobe com os lábios quentes, me esquentando novamente. Seu nariz encosta no meu.

—Abra os olhos, Alice — ele sussurra, e eu faço exatamente o que pediu, encontrando seu rosto colado no meu, seus olhos azuis escuros fixos, perto o suficiente para eu ver os detalhes do azul profundo — você é maravilhosa, e não precisa atingir o orgasmo sozinha para me provocar, porque eu quero ser o dono do seu orgasmo, eu quero dar prazer para você. Eu quero que você se desfaça nas minhas mãos, na minha boca.

Sorrio, satisfeita por ele confessar o quanto eu me masturbar o devastou. Mordo o lábio, ainda sorrindo, observando sua expressão feroz.

—E eu quero que veja como é o meu orgasmo, Tom. Quero que acompanhe minhas

mãos — sussurro, fazendo força com as pernas para baixo, e Tom cede, largando-as. Coloco os pés no chão, e agarro uma mão sua, guiando-a até minha barriga. Tom respira fundo, enlouquecido, e retesa a mandíbula. Sinto sua mão quente em contato com a minha pele, e arfo, me derretendo. Começo a descê-la até meu ventre, e guiando-a, faço seus dedos penetrarem meus grandes lábios, me acariciando. Tom rosna, inundado de tesão — me toque — sussurro.

Tom começa a me acariciar novamente, descontrolado, sem conseguir se segurar, e tira a mão, colando o corpo no meu.

—Preciso me sentir dentro de você — ele confessa contra meus lábios, em uma voz rouca torturada, e assinto com a cabeça.

—Transe comigo — falo, entregue ao desejo de sentir todo o seu corpo, de estar sob seus olhos selvagens. Tom agarra novamente minhas

coxas, erguendo-as, e circulo seu quadril com as pernas. Sua mão agarra minha bunda, me sustentando, enquanto a outra guia sua ereção pelo meu ventre, roçando na minha intimidade.

—Me diga se é melhor ter um orgasmo sozinha, minha Alice — ele sussurra ainda contra os meus lábios, e sorri devasso — ou é melhor comigo.

Rio, sentindo o tesão me dominar, e avanço contra seus lábios, sentindo-os macios ao encostar no meus. Sua língua avança sobre a minha, encostando as pontas, e Tom me penetra de uma vez. Gemo, separando nossos lábios e jogando a cabeça, sentindo ele me preencher inteira, sua ereção potente, sua força. Bato minhas costas na parede, sentindo todo o banheiro quente, abafado pelo fogo escaldante dele. Ele tira todo o seu membro de dentro de mim, e afasta o rosto, sorrindo.

PERIGOSAS NACIONAIS

—Isso é por ter me desafiado — ele sussurra com sua voz rouca, sedutora. Sua expressão é selvagem — para mostrar para você que eu sou dono do seu sexo, do seu orgasmo.

Franzo a testa, sem entender, e ele me penetra novamente, fazendo eu perder o fio de pensamento. Gemo, sentindo seu membro me penetrar novamente, e arqueio as costas. Tom geme contra meus lábios, e sua voz rouca é enlouquecedora. Um arrepio me envolve, me transposta para sensações inebriantes, e os lábios de Tom vagam pelo meu pescoço, explorando minha pele, beijando-a.

Aperto minhas pernas ainda mais ao redor do seu quadril, e passo as mãos pelas suas costas, sentindo cada músculo, cada detalhe quente. Tom suspira contra a minha pele, estocando lentamente, de uma maneira devagar e profunda, empurrando minha bunda contra a parede a cada estocada.

PERIGOSAS ACHERON

Gemo, ouvindo-o gemer contra o meu pescoço.

—Tom — mordo o lábio, tentando segurar o gemido, e ele levanta a cabeça, me encarando perdido em prazer. Sua expressão de puro gozo me derrete ainda mais, e ele começa a estocar com mais força, com mais rapidez, analisando meu rosto imerso em prazer. Sinto uma queimação se espalhar pelo meu ventre, e meu corpo se contrai. Fecho os olhos, sentindo o arrepio se intensificar.

—Olhe para mim, minha Alice — ele sussurra roucamente, e abro os olhos, encontrando os seus, ferozes, sua expressão selvagem, decidida. Estou levada pelo toque da sua mão, apertando minha bunda, da sua ereção me rasgando a cada estocada. Agarro o rosto de Tom com uma mão, contornando seus ombros com a outra, e me deixo ser jogada contra a parede a cada estocada. Com os olhos nos dele, sou transportada para o meu mundo do esquecimento, só tendo eles como luz para o

caminho do orgasmo. Me sinto contrair todo o corpo, irradiando ondas de sensações inebriantes, e abro a boca, puxando o ar, sem fôlego, sentindo que atingirei o orgasmo.

No mesmo momento, Tom saí inteiro de dentro de mim, me fitando satisfeito. Arregalo os olhos, sentindo sua ausência.

—O que está fazendo? — gemo, sentindo a falta dele, deixando tudo ainda mais intenso. Uma onda de prazer percorre meu corpo, ansiando por mais, e agarro seus ombros, puxando-o para mim.

—Estou mostrando que sou dono do seu orgasmo, minha Alice — Tom sussurra devasso contra meus lábios. Semicerro os olhos, transtornada de tesão, e desço com uma mão, agarrando a base do seu membro. Tom morde o lábio, satisfeito pela minha atitude.

—E eu estou mostrando que você me levará até ele — sussurro ainda mais devassa,

coloco sua ereção na minha intimidade. Tom empurra o quadril para frente, me penetrando novamente, e gemo, agarrando seus ombros e sentindo o prazer se tornar ainda maior, como se o fato dele ter interrompido meu orgasmo o tivesse aumentado. Tom segura meu rosto firme, me encarando, e agarra minha coxa, me sustentando, começando a estocar com força, com uma expressão selvagem no rosto. A cada estocada ele geme profundo, cerrando os dentes, devastado de prazer.

Sinto meu corpo queimar, e me transporto novamente para o meu mundo de esquecimento, embevecida pelo prazer de estar nos braços de Tom. O arrepio se intensifica, e começo a sentir contrações pelo meu corpo, um formigamento.

—Alice — Tom geme meu nome, com um rosnado rouco, sem tirar os olhos dos meus, com a mão segurando meu rosto pelo queixo. Gemo

descontroladamente, e entro em êxtase, me sentindo derreter em seu membro, me partir em milhares de pedaços, me desfazendo em seus braços. Meu coração acelera ainda mais, e minha respiração se torna entrecortada. Tom continua a estocar, deixando meu orgasmo ainda mais enlouquecedor. Perco qualquer consciência, focada apenas na sensação de êxtase do meu corpo, e então Tom entra em orgasmo também. Ele cerra os dentes de forma animal, e ele geme alto, estocando devagar e com força, me preenchendo lentamente. Finco as unhas nas suas costas, sentindo meu orgasmo se prolongar pelo seu, e fecho os olhos, me deixando levar pela sensação sublime.

Tom me abraça, soltando minhas pernas, e eu envolvo seu pescoço com os braços. O encaro, e seus lábios se colam no meu, em um beijo lento. Sua língua penetra minha boca, vagando lentamente, acariciando a minha, e sua mão desce

pelas minhas costas, roçando os dedos. Suspiro contra seus lábios, ainda sem fôlego, ouvindo a respiração alta de Tom, e ele aperta minha bunda. Sorrio, encarando-o, e sua expressão é de satisfação, enquanto também permaneço extasiada.

—Não consigo ficar muito tempo sem sentir você — ele diz sedutor, e sua voz rouca é sincera. Me sinto transbordar de prazer ao ouvir as palavras dele, e coloco as mãos no seu rosto.

—Não precisa ficar muito tempo — respondo devassa, e Tom sorri torto, mordendo o lábio.

—Eu não vou ficar — ele sussurra, começando a acariciar minha bunda. Sua mão começa a entrar lentamente no meio dela, trilhando um caminho provocativo. Arfo, me sentindo ainda excitada, e sua mão encosta na minha intimidade, por trás. Dou um pulo, sensível, e Tom me puxa

novamente contra o seu corpo — você terá que saciar minha vontade, toda ela — ele sussurra como uma ordem, e meu lado escuro quer obedecer. Assinto, colocando as mãos no seu peito e empurrando-o para debaixo da água, sem desgrudar nossos corpos.

—Estou à sua disposição, meu Tom — sussurro para ele, beijando-o embaixo do chuveiro. Me afasto um pouco, e decido que irei tomar banho mesmo. Começo a tomar banho sob o olhar feroz de Tom, que observa todo movimento. Rio, e o encaro.

—Farei o mesmo se continuar só me observando — ameaço, pegando um sabonete e passando pelo seu peito definido. Tom pega o sabonete da minha mão e agarra minha cintura, me virando de costas para ele. Sua mão se fecha sobre o sabonete ele começa a passar nos meus seios.

—Eu ajudo você — ele diz sobre meu

ombro, e sinto o sabonete pelos meus seios, descendo pela minha barriga.

Faço o mesmo com Tom, e tomamos o banho inteiro desse modo, um provocando o outro.

Observo Tom sair do boxe, e mordo o lábio, sem tirar os olhos da sua bunda definida.

—Talvez eu devesse apertar mais também — sussurro, e sorrio. Tom olha para trás, entendendo minha brincadeira, e levanta uma sobrancelha, sério.

—E talvez eu algeme você na cama — ele ameaça charmoso, e respiro fundo, sentindo meu corpo se esquentar novamente. Merda, tinha me esquecido como era estar com Tom, como é estar em fogo o tempo todo.

Tom pega uma toalha e enrola na cintura, saindo do banheiro. Termino meu banho e também me enrolo em uma toalha, me secando e indo para o quarto. Ouço Tom no celular, na cozinha, mas não

consigo ouvir o que está dizendo. Olho para o meu guarda-roupa e vejo uma camisola transparente. Sorrio, triunfante por lembrar dela, e a coloco. Ouço os passos de Tom se aproximando, e ele para na porta do quarto. Me viro de frente para ele, encontrando seus olhos na minha camisola. Ele abre a boca, levantando as sobrancelhas, surpreso e com tesão.

—Você se lembra? — pergunto inocentemente, e Tom avança pelo quarto, agarrando minha cintura.

—Você me descreveu ela por telefone, antes que transássemos — ele responde sério — mas ainda prefiro você sem nada.

Rio, colocando as mãos em seu peito e o afastando.

—O que estava fazendo? — pergunto, colocando um robe por cima da camisola. Tom me fuzila com os olhos, vestido apenas de calça jeans,

e se afasta.

—Pedindo uma pizza para nós — ele sorri, sentando na cama e estendendo o braço na minha direção. Seguro sua mão, e me sento ao seu lado. Tom envolve meus ombros com seu braço, e segura meu rosto — agora me conte sobre algo que eu fique sabendo, Alice.

Algo que ele ficou sabendo? E meu lado escuro se lembra de Augustine. Sorrio, calma, assentindo.

—Meu futuro contrato com Augustine? — pergunto, levantando as sobrancelhas. Tom assente, sério.

—Você não assinou ainda — ele afirma sério, um pouco receoso, e levanta uma sobrancelha — não assine.

Franzo a testa. Como assim, não assine? Tom acha que irá me mandar, que irá me proibir de fazer algo que eu goste?

—Por que não quer que eu assine, Tom? — pergunto séria, me afastando um pouco, tirando seu braço do meu corpo. Tom respira fundo, passando a mão no rosto.

—Porque já é um inferno para mim vê-la exposta deste jeito, nesses outdoors e revistas, ainda mais do Eduardo — ele diz sério, se controlando, e seus olhos me fitam — com Augustine, a escala será maior ainda, e não consigo suportar a ideia de outros desejando-a, de você exposta desse jeito. De como pode ser.

—Tom — interrompo ele, me levantando, vendo a tortura em seus olhos. Paro na sua frente, e ele levanta a cabeça, me encarando bravo e ao mesmo tempo torturado. Coloco as mãos no seu rosto — o que você está sentindo é apenas um pouco do que sempre senti com você, em relação ao seu passado, mas você sempre me disse que estava comigo, e é isso que eu quero que você

pense — digo calmamente, me aproximando. Coloco uma perna ao lado do seu corpo, na cama, flexionando-a. Faço o mesmo com a outra, sentando em seu colo — estou com você, e é isso que importa.

—Mas você — ele começa a falar, sem terminar a frase, apenas me encarando.

—Eu quero fazer isso, e você não mudará minha opinião — digo calmamente. Os braços de Tom contornam minha cintura, me segurando firme. Ele continua com os olhos vidrados em mim, sem dizer nenhuma palavra. Sua expressão é insondável e ele fecha os olhos.

—Vou tentar me controlar em relação à isso — ele murmura, e sua mão sobe pelas minhas costas, massageando-as. Seus olhos se abrem, revelando um azul escuro calmo, profundo, e sua expressão se suaviza — porque sei que você está em minhas mãos, e que não deixarei você nas mãos

de Anya — o fuzilo com os olhos, e ele continua — sei que você é minha — Tom sussurra com sua voz rouca e uma expressão intensa. Sorrio levemente, sem concordar. Por mais que eu queira, não irei confirmar nada até estar inteiramente liberta. Ainda não sei o que me espera ao voltar com Tom, ao aceitar a proposta de Augustine. Uma mão de Tom sobe até o meu rosto, segurando-o firme — e sei que você irá perceber que os conselhos de Anya não funcionarão comigo, porque eu não irei permitir — sua voz se torna um pouco mais autoritária. Nego com a cabeça, séria, sem querer voltar ao assunto. Tom não saberá mais sobre os conselhos, então não terá como não permitir.

—Apenas não insista — murmuro, passando um dedo em seus lábios. Ele continua sério, e decido mudar de assunto — e o que achou de Gabriel? — pergunto de surpresa, e Tom levanta as sobrancelhas.

—Seu antigo namorado? — ele pergunta um pouco irônico, e rio, negando com a cabeça.

—Meu amigo — corrijo ele, e Tom pega minha mão do seu rosto, beijando-a.

—Ele é violento — ele sussurra contra a minha mão, e seus olhos sobem até meu rosto — soube revidar cada soco que eu dei nele.

Rio, começando a me divertir com a história que uma vez me torturou.

—Você começou a bater nele, Tom — falo, sentindo seus lábios na minha mão, subindo lentamente para o pulso — Gabriel é tranquilo, estava me esperando no meu apartamento, que você invadiu.

Tom para por alguns segundos os beijos, com os lábios colados na minha pele, e me encara.

—Estava esperando você de cueca — ele fala sério, e sorrio ainda mais.

—Gabriel é assim — explico, mordendo o

lábio, e Tom volta a beijar meu pulso, subindo para o antebraço.

—Então diga para ele que agora você está comigo, e não quero nenhum amigo andando seminu ao seu lado — Tom ordena, e sua voz rouca é autoritária — apenas eu posso.

—E o que está fazendo de calça então? Ande nu no meu apartamento — ordeno, e Tom me olha intensamente, com um sorriso sugestivo.

—Espere a pizza chegar — ele sussurra, e meu corpo se arrepia inteiro. Respiro fundo, desejando que a pizza chegue o mais rápido possível.

—E o que vocês conversaram aquele dia? — pergunto, já sabendo pelas palavras de Gabriel, mas quero ouvir de Tom. Tom ri, como se estivesse lembrando, e seus lábios continuam subindo pelo meu braço, com os olhos em mim.

—Quando Gabriel entrou na minha sala,

usei a pior expressão que tinha, para intimidá-lo — ele começa a falar — e disse que ele já poderia ir embora, mas ele insistiu, sentando sem ser convidado, e começou a discursar sobre como vocês eram amigos, de como — Tom hesita, e seus olhos parecem me penetrar ainda mais — fazia anos que vocês não transavam — é, Gabriel poderia ter pulado essa — mas de que o amor que ele sentia por você, como amigo, era grande, e não iria aceitar que um homem como eu, arrogante e fútil, machucar você. Então se era para eu voltar, que parasse de fazer você sofrer.

Abri a boca, sem acreditar que Gabriel disse tudo isso. Acho que ele pulou essa parte ao me contar.

—Eu tentei explicar que não iria voltar, porque era melhor para você. Porque minha vida é diferente da sua, meu mundo — ele continua, e sua mão puxa meu corpo para perto do dele, o

suficiente para ele começar a beijar meu ombro, subindo pelo meu pescoço, abrindo ainda mais o robe. Sua respiração quente bate na minha pele, me arrepiando — mas sem você, nada mais tinha graça, nada mais parecia ser como antes, e depois daquele evento, daquela tentação que cedi, não consegui mais me conter, Alice — ele sussurra no meu pescoço, subindo para o meu rosto. Seus olhos se encontram com os meus, e ele segura meu rosto com as duas mãos — eu deitei na cama aquele dia, naquele apartamento silencioso, e tudo o que eu conseguia pensar era em como eu desejava estar novamente em você, sentir você nas minhas mãos, saber que nenhum outro homem iria transar com você como eu.

Coloco minhas mãos sobre as suas, sorrindo.

—Nenhum homem conseguiria, Tom — respondo sincera, sentindo meu lado escuro ardente

com suas palavras.

—E Eduardo? — ele pergunta sério, e nego com a cabeça, sorrindo levemente — vocês se beijaram, eu vi a mão dele tentando entrar no meu lugar preferido, eu vi ele devorando você — hesita, retesando a mandíbula, e vejo um vislumbre de raiva nos seus olhos — e prefiro não imaginar o que teria acontecido se eu não tivesse invadido o seu apartamento.

—Tom — falo calma, ainda com um meio sorriso — não teria acontecido nada — afirmo — eu estava empurrando-o já, eu estava desistindo da ideia. E Ed manteve as mãos bem longe de qualquer lugar, isso foi impressão sua — o corrijo, e Tom me fuzila com os olhos.

—E agora deixará ainda mais, porque você contará que voltamos — ele ordena e sua voz rouca é autoritária. O sorriso desaparece do meu rosto, e decido contar o que pretendo.

PERIGOSAS NACIONAIS

—Tom — falo séria, ainda com as mãos sobre as suas, e percebo sua expressão preocupada — nós voltamos, mas não quero que as outras pessoas saibam.

Ele franze a testa, sem entender, um pouco bravo.

—Então quer esconder que está comigo? — pergunta incomodado, levantando uma sobrancelha.

—Não é esconder, é ir devagar — respondo calma — eu não estou me sentindo como eu quero ainda, não estou liberta o suficiente para enfrentar seu mundo sem vacilar, então prefiro ir aos poucos, para que quando assumirmos, nada nos separe, nada nos incomode.

As mãos de Tom pressionam minha pele, e ele parece relutar contra a ideia, desviando os olhos para o meu quarto.

—Então você irá fazer mais sessões de

PERIGOSAS ACHERON

fotos, continuará amiga do Eduardo, e eu não poderei mostrar que você é minha, é isso? — ele transforma minha ideia em uma catástrofe. Respiro fundo, negando com a cabeça.

—Não preciso mostrar isso para ninguém, quando nós dois sabemos disso — falo séria, colocando as mãos no seu rosto. Passo os dedos pela sua barba rala, e acaricio seu lábio inferior com o polegar — eu também queria mostrar que você é meu, mas é melhor irmos devagar.

Tom percorre o quarto com os olhos, lentamente, e sinto o ambiente esquentar. Seus olhos param em mim, fixos, e sua expressão é de urgência.

—Então volte a usar tudo o que eu dei para você — ele ordena sério — volte a ser minha como antes, e — ele hesita, respirando fundo, e seus olhos se tornam ferozes — me deixe ter uma foto sua.

Como assim, uma foto minha? Uma das que eu tirei? Meu lado escuro parece não acreditar que ele se refere à essas.

—Como assim, Tom? — pergunto, sentindo seu corpo se mexer entre as minhas pernas, e continuo acariciando seu rosto. Seus olhos permanecem analisando minha expressão, e suas mãos pressionam mais minha pele do rosto — uma das que estão expostas?

—Não — ele responde, sua voz rouca é baixa, controlada, e ele retesa a mandíbula — uma foto como eu quero, Alice, para que eu possa ver que você é inteiramente minha. Para que quando você estiver longe, eu a tenha no quarto.

A cor foge do meu rosto, e meu lado escuro entende qual foto ele está pedindo. Uma foto minha nua, para expor naquele quarto com holofotes, onde antigamente estava uma de Eva.

Eva, a mulher sexual de Antone, a mulher

que Anya pagou para descobrir sobre Tom, sem que ele tivesse conhecimento. A mulher que quis conversar comigo, mas nunca mais vi. E suas antigas palavras surgem na minha cabeça, sobre a sua foto.

—Antes de tudo acontecer, a foto de Eva estava guardada em algum lugar daquele quarto? — pergunto direta, e Tom retesa ainda mais a mandíbula.

—Sim — ele responde sem hesitar — não porque eu queria ter comigo, Alice. Era sem importância, eu a tirei do vidro e guardei em algum canto, sem me lembrar mais dela.

—E Eva pegou de volta? — continuo a querer confirmar.

—Sim. Eva levou embora, e deu para Antone — ele responde sério.

—E onde eles estão? — pergunto receosa, franzindo a testa. Tom desvia os olhos, um pouco

perturbado.

—Se esconderam — ele responde — apenas isso que eu sei. Perdi o contato com Antone, acabei minha amizade com ele, e Enzo apenas me informou isso.

Abro a boca, pasma. Tom acabou a amizade com Antone, depois de tantos anos?

—Por que? — pergunto, e Tom me fita intensamente.

—Porque eu havia perdido você, Alice, por causa dele, por causa da bagunça e loucura que são os Lehanster — ele responde, passando o polegar nos meus lábios.

—Mas não quero que acabe a amizade com um amigo seu por minha causa, Tom — falo brava — não quero sentir essa culpa.

—Não é culpa sua, é culpa de Antone — Tom me interrompe — é culpa da sua impulsividade. Ele não pensou nas consequências.

—Mas agora estou aqui — sussurro — volte a falar com ele.

Tom nega com a cabeça, permanecendo em silêncio.

—Eva me procurou no hospital — murmuro, encarando seus olhos preocupados — mas eu ainda estava em coma.

Tom respira fundo, bravo.

—Provavelmente para pedir desculpas, Alice. Eva só fez aquilo porque temia Anya — ele diz sério, assinto, mostrando que eu sei. Tom levanta uma sobrancelha — e mesmo assim, aceitou a proposta dela? Sabendo disso?

—Tom, é diferente — tento explicar — Anya tentou nos separar, eu sei. Mas ela está tentando me ajudar, agora. Ela quer me ajudar por minha causa.

—Não vejo diferença — ele me interrompe, e respiro fundo, percebendo que

sempre discutiremos esse assunto.

—Mas eu aceitei, agora isso não importa mais — respondo ríspida. Tom fecha os olhos, cedendo, também não querendo discutir, e suas mãos acariciam minhas bochechas.

—Você fará o que eu pedi? — sua voz rouca é calma, em um tom de pedido, e ele abre os olhos, me fitando ferozmente. Sei que ele está se referindo à foto, e por mais receosa que eu me sinta em relação à isso, talvez eu precise dar esse passo por nós, talvez eu precise ceder em relação à isso. Minha mente me critica sobre isso, mas é só mais um pudor, é só mais um medo. Uma forma que me sinto desconfortável, mas se eu continuar negando, nunca conseguirei enfrentar, nunca conseguirei me sentir confortável com mais essa parte do seu jeito, do seu mundo. Percorro o quarto com os olhos, criando forças para responder, pedindo coragem para o meu lado escuro. Encontro com os olhos

azuis escuros de Tom, urgentes.

—Farei — respondo confiante — farei isso por nós.

Tom segura ainda mais firme meu rosto, surpreso, e me puxa até seus lábios, me beijando. Sua língua penetra minha boca, quente, apressada, explorando cada parte, sugando a minha língua para a sua boca. Suas mãos descem pela parte da frente do meu corpo, abrindo o robe, e as sinto apertarem meus seios, com força. Gemo contra seus lábios, puxando o ar, mas Tom gruda novamente seus lábios nos meus, mordendo meu lábio inferior.

—Tom — sussurro contra seus lábios, passando as mãos no seu peito definido, me lembrando de um outro detalhe que eu quero, que meu lado escuro quer. Ele afasta os lábios apenas o suficiente para que eu fale, deixando sua respiração bater na minha pele. Sorrio, determinada a falar.

Seus olhos me fitam curiosos — já que eu aceitei fazer essa foto, eu quero algo em troca.

—Diga — ele sussurra sedutoramente.

—Quero ir para o seu apartamento — peço firme, e Tom afasta o rosto, surpreso. Ele levanta as sobrancelhas, abrindo lentamente a boca, como se não soubesse o que dizer — quero ser a primeira e única mulher a pisar lá.

—Alice — ele começa a falar, e o interfone corta suas palavras. Ele olha para a porta — a pizza chegou.

—Tom — faço força para permanecer no seu colo — não irei aceitar não como resposta. Só farei a foto se você me levar até lá — ameaço, e Tom franze a testa, desviando os olhos para mim, confuso — é isso — murmuro.

Ele passa a mão no rosto, indeciso, e respira fundo.

—Levarei você, Alice, se é o que quer —

Tom responde um pouco impaciente, e me levanto do seu colo. Ele se levanta, parando em pé na minha frente, com os olhos fixos em mim — mas primeiro quero a foto — ele diz autoritário, passando por mim e caminhando até a sala.

Respiro fundo, satisfeita por fazê-lo concordar, sentindo minha mente receosa em relação à foto, mas meu lado escuro quer que eu enfrente isso, quer que eu faça. Me viro, fechando o robe e seguindo Tom. Caminho pelo corredor, ouvindo-o abrir a porta da sala. Chego na sala, observando ele parado na porta, esperando o entregador de pizza subir, e me sento no sofá, flexionando as pernas em um lado. A visão de Tom sem camisa, parado na minha porta é enlouquecedora. Sorrio, mordendo o lábio, e ouço meu celular vibrando dentro da minha bolsa. Me levanto, abrindo-a, e pego o celular.

Uma mensagem, de Anya. Olho para Tom,

que está pegando a carteira do bolso e tirando uma nota de dinheiro. Abro a mensagem.

Boa noite, Alice. Gostaria de informar que fui convidada para uma festa, para prestigiar as esculturas de um artista e grande amigo meu. Você está convidada para me acompanhar. Nos encontraremos durante a semana para conversar melhor. E para sua segunda lição. Boa noite.

Abro a boca, surpresa, e subo os olhos do celular, observando Tom pagar o entregador. Digito rápido.

Irei pensar se vou ou não. Eu digo quando poderei me encontrar pessoalmente com você. Boa noite.

Envio, e deixo o celular no sofá, me levantando. Tom caminha para a cozinha, segurando a pizza, e o sigo, tentando não pensar na mensagem de Anya.

—Está tudo bem? — ele pergunta de

costas para mim, pegando os pratos. Caminho até ele, passando as mãos nos seus ombros.

—Está — respondo calma, e beijo seu pescoço. Percebo que Tom sorri, e se vira de frente para mim, segurando dois pratos.

—Então depois de jantar, ficará ainda melhor — ele sussurra, beijando meus lábios.

E realmente, depois de jantar, ficou ainda melhor. Tom fez o que eu sugeri, e ficou nu no meu apartamento, deitado na minha cama e beijando cada parte do meu corpo, me mostrando o seu vicio por sexo. Seu vicio enlouquecedor.

PERIGOSAS NACIONAIS

Fito meu reflexo no espelho do elevador, enquanto esse sobe, me levando ao andar da sala de Tom. A sala que nunca mais será a mesma. Sorrio, satisfeita.

De manhã, Tom acordou novamente mais cedo, indo malhar e para o apartamento. Fui para a faculdade, e Dana me avisou que o aniversário de Carlos já seria no próximo fim de semana, tudo organizado por Tom, mas sem a confirmação de sua presença. Não queria mentir para Dana, mas por enquanto é melhor que ninguém saiba.

Eu saberei da sua confirmação pessoalmente.

Augustine também me ligou, conversando animadamente comigo sobre a futura campanha. Combinamos de nos encontrar terça-feira, na filial PERIGOSAS ACHERON

da sua empresa na cidade, para ele me entregar o contrato. E pelo que ele falou, ainda não consigo acreditar na escala que a campanha vai ter. E prefiro não contar esse detalhe para Tom.

Me sinto dentro de um sonho, um sonho que nunca imaginei que gostaria.

As portas do elevador se abrem, e depois de uma noite quente com Tom, continuarei meu plano de provocá-lo. Se Tom acha que só porque eu o levei para o meu apartamento e de certa forma voltamos, irá se safar de enlouquecer, irá se livrar das minhas provocações, ele está muito enganado. Foi maravilhoso ver a sua reação aquela noite na empresa, e já que não estamos juntos para as outras pessoas, ele não poderá fazer nada, enquanto eu o provoco.

As portas do elevador se abrem, e caminho lentamente pelo corredor, sentindo minha saia lápis preta justa o suficiente para delinear minhas pernas,

e a camisa social aberta nos botões de cima, mostrando parte do seios, realça ainda mais meus seios.

Viro o corredor, vendo as cabeças de Ana e Mônica se levantarem, me fitando curiosas.

—Boa tarde, Alice — Ana diz sorridente, e sorrio para ambas, passando por suas mesas. Chego até a minha, colocando as mãos na mesa, e meu anel brilha no dedo. O anel que Tom me deu. Me sento, ligando o notebook, e ouço a voz de Mônica.

—O Sr. Haltender está de bom humor hoje — Mônica comenta, e assinto, sem me sentir incomodada. Ele está de bom humor por minha causa — deve ser porque Dário irá dar uma festa em uma boate essa semana, e o Sr. Haltender é presença confirmada.

Levanto lentamente os olhos até Mônica, sentindo o ar ficar tenso ao meu redor. Como

assim, presença confirmada, sem nem me informar isso? Abro a boca, respirando fundo. Preciso disfarçar.

—É verdade? — Ana pergunta — Dário também não fica para trás do Sr. Haltender. Acho que dos três, o mais quieto é o Diego, mas — Ana hesita — que pedaço de mau caminho. Imagina encontrar com os três em uma festa.

Respiro fundo, desejando que ambas percam as línguas e me deixem trabalhar em paz, mas apenas sorrio amarelo.

—E qual o motivo da festa? — Ana pergunta curiosa.

—Sabe que para eles, não precisa de motivo para gastar dinheiro — Mônica comenta — só o Sr Haltender que, pelo que ouvi falar — ela levanta as sobrancelhas — parou de dar festas, mas vai ir nas dos amigos, com certeza.

Me levanto em um impulso, e ambas me

olham surpresas.

—Preciso tirar algumas dúvidas — murmuro, sem pensar em uma mentira mais decente, sentindo meu lado escuro dominante, furioso. Caminho apressada até a porta da sala de Tom, e bato duas vezes, abrindo-o — Sr. Haltender? — falo, olhando para dentro da sala.

Tom está sentado na mesa, e seus olhos se desviam do computador para mim, azuis escuros, intensos. Ele me devora com o olhar, e sorri.

—Entre — diz em um sussurro sedutor. Entro, fechando a porta atrás de mim. Irei tirar as respostas dele da melhor forma possível.

Começo a caminhar lentamente em sua direção, rebolando meu quadril, e sorrio sensualmente. Percorro os olhos pela sala, me lembrando dela na noite de sexta. Um calor sobe pelo meu corpo, e não consigo mais vê-la como uma sala impessoal. Mordo o lábio, me lembrando

de Tom no meio das minhas pernas, em cima da mesa.

—Olá, Sr. Haltender — sussurro, e os olhos de Tom descem pelo meu corpo, parando no quadril. Sua expressão se torna feroz, e ele levanta a mão, afrouxando a gravata azul escura.

—A que devo o prazer? — ele sussurra roucamente, me fitando novamente. Sorrio, e paro na frente da sua mesa, colocando as mãos na mesa, e me inclino em sua direção, em um ângulo que ele possa ver meus seios por dentro da camisa.

E os olhos de Tom descem para eles, urgentes.

—Gostaria de saber — falo sedutoramente — o que você fará quarta-feira?

E os olhos de Tom voltam para o meu rosto, surpreso. Ele levanta uma sobrancelha, e sua expressão revela que ele sabe o que estou perguntando.

—Já soube da festa de Dário, então — ele diz calmo, começando a sorrir torto — e venho me pedir se tem algum motivo de eu não ter falado.

Me inclino ainda mais, semicerrando os olhos, e levanto a cabeça.

—E tem algum motivo? — pergunto desafiadoramente. Tom ri, negando com a cabeça.

—Não, Alice — ele sorri torto, virando a cadeira para o lado e colocando as mãos espalmadas nas pernas — venha aqui, sente no meu colo — ele sussurra sedutor, e meu corpo inteiro se arrepia ao ver a visão do seu convite. Sorrio, e caminho, contornando a mesa. Paro na sua frente, e me viro de bunda para ele, inclinando-a para trás, propositalmente. Ouço seu suspiro rouco, e me sento no seu colo, olhando-o sobre o ombro.

—Quer me explicar? — falo com a voz baixa, e as mãos de Tom agarram minha cintura.

—Dário está organizando essa festa há

algum tempo, e eu o ajudei. Como amigo, irei, mas não é nada demais — ele começa a falar.

—Ouvi dizer que o trio Tom, Dário e Diego é sexo puro — o interrompo, e Tom ri, negando com a cabeça.

—Sou sexo apenas com você — ele sussurra, descendo a mão até minha coxa.

—Então você não se importará se eu for? — pergunto inocentemente. Tom franze a testa, confuso.

—Mas você quer assumir, então? Quer ir comigo? — ele pergunta curioso, e nego com a cabeça.

—Não — respondo firmemente — acho que com o meu cachê das fotos com Ed, posso gastar um pouco com essas festas caras do seu nível social. Vou levar Dana comigo.

Tom respira fundo, sério.

—E também gostaria de saber se você irá

para o aniversário de Carlos — continuo, ignorando sua fúria. As mãos de Tom apertam com força meu quadril, e sinto sua ereção se avolumar embaixo da minha bunda.

—Você vai ir sozinha para a festa de Dário? — Tom volta ao assunto anterior.

—Não estarei sozinha, Tom. Estou com você, e irei com Dana — sorrio zombeteira.

—Mas — ele começa a falar.

—Se você vai sozinho, qual o problema se eu também for? — pergunto inocentemente, e Tom respira fundo, negando com a cabeça.

—É bom que você não tente me provocar lá — ele murmuro, e sorrio. É exatamente esse o objetivo, meu deus do sexo. Quero enlouquecer você até no meio dos seus amigos.

—E a festa de Carlos? — pergunto séria.

—Eu irei — ele fala sério, levantando uma sobrancelha — sabe que não deixarei você ir

sozinha.

E penso na festa que Anya me convidou para ir com ela. Quero conversar pessoalmente com ela, para saber qual o seu objetivo com isso.

Ouço uma batida na porta, e me levanto em um pulo. Tom passa a mão pela sua ereção e vira a cadeira, fitando a porta. Contorno a mesa, e ouço mais uma batida.

—Entre — Tom ordena autoritário, e a porta se abre. Vejo os cabelos ruivos de Ana balançarem, e ela entra na sala.

—Sr. Haltender, o Sr. Lourenço já chegou — Ana comunica, e Tom assente.

—Peça para entrar — ele diz, e seus olhos se desviam para mim — já acabamos aqui.

Respiro fundo, tentando esconder o sorriso, e caminho apressada para fora da sala. Ana desaparece pela porta, e seguro a maçaneta.

—Alice — a voz de Tom ressoa atrás de

mim, rouca e arrepiante. Olho para trás, e ele está sorrindo sedutoramente. Seus olhos ferozes me esquentam — quero tirar sua foto hoje — abro a boca, incrédula.

A porta é puxada da minha mão, e viro o rosto, encontrando o de Ana. Um senhor de idade está atrás dela, seguindo-a. Saio da sala, enquanto os dois entram. Ana sai em seguida, fechando a porta. Sinto meu corpo se esquentar cada vez mais, e sento na cadeira, sem olhar ao redor.

A tarde transcorre rápido, e Tom permanece dentro da sala, assim como Ana e Mônica permanecem atarefadas e quietas, guardando as línguas venenosas dentro das bocas. Meu horário chega ao fim, e organizo minha mesa. Ana e Mônica saem apressadas na minha frente, e vou para o elevador devagar, entrando sozinha. O elevador desce lentamente, e meu celular vibra dentro da minha bolsa. A abro, e pego o celular,

vendo uma mensagem de Anya.

Espero que goste do presente. Irei passar no seu apartamento às oito horas, para conversamos.

Franzo a testa, confusa, e as portas do elevador se abrem. Caminho apressada para fora do prédio, pensando na mensagem de Anya. Qual presente?

Caminho o mais rápido que posso, amaldiçoando os saltos, e chego no meu prédio. Entro no hall de entrada, e o porteiro faz um aceno para mim.

—Chegou uma encomenda para você — ele comunica, me entregando uma caixa preta.

—Obrigada — murmuro, e meu lado escuro sabe que esse é o presente de Anya. Caminho para o elevador, abrindo a caixa preta. Dentro, há uma caixa menor. Dourada.

Arregalo os olhos, e as portas do elevador

se abrem. Respiro fundo, entrando, e sei que caixa é essa. Pandora.

O elevador começa a subir, e me controlo para abrir a caixa. Espero chegar no meu andar, e saio, quase correndo até a porta do meu apartamento. Coloco a chave, girando-a, e entro na minha sala, fechando a porta atrás de mim. Ligo as luzes, e caminho até a poltrona, me sentando com a caixa no colo.

Respiro fundo, sentindo meu lado escuro incendiar dentro de mim. A abro, e dentro vejo um convite em papel de carta preto, com letras douradas. Em cima está uma máscara preta, de couro.

E em cima de tudo, um pequeno cartão com uma caixinha preta, pequena. Franzo a testa, curiosa por ter algo a mais na minha caixa de Pandora. Pego a caixinha e o pequeno cartão, e o leio, escrito com letras de mão.

PERIGOSAS NACIONAIS

Já ouviu falar de Pompoarismo, Alice? Se divirta.

Abro a boca, sem entender, e abro a pequena caixinha, fitando duas bolinhas pretas, com um fio ligando elas. Bolinhas tailandesas. Sinto um arrepio passar pelo meu corpo, ao pensar na ideia. Pompoarismo é a pratica de comandar suas musculaturas, para aumentar ainda mais o prazer durante o sexo. Já ouvi falar, mas nunca pensei em praticar, nunca pensei em dominar essa parte do meu corpo. Até agora.

Coloco dentro da caixa dourada novamente, e pego o convite de Pandora.

Pandora prazerosamente a convida para mais um evento para os seus prazeres.

Como norma, precisará confirmar presença para que o nosso carro possa buscá-la anonimamente em sua residência, com antecedência de três dias.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

As normas serão as mesmas de sempre, respeite-as para garantir o máximo de luxo e prazer em mais uma noite dentro da caixa de Pandora, com prazeres inimagináveis, conforto, anonimato, sofisticação e experiências inesquecíveis.

Aguardamos sua confirmação para mais uma noite de prazer.

Abaixo do texto padrão de Pandora, vejo letras de mão, iguais ao do pequeno cartão.

Não avise Tom.

Abro a boca, surpresa, e coloco o convite dentro da caixa novamente. Por que não avisar Tom? Olho a data, e percebo que é no sábado seguinte ao aniversário de Carlos.

Meu lado escuro está em chamas, me questionando se eu teria coragem de ir sem Tom, para vê-lo lá, para enlouquecê-lo. Se eu iria sem Tom, para enfrentar Pandora e meus receios sobre

PERIGOSAS ACHERON

tudo o que eu vejo lá, sozinha. A ideia é tentadora para o meu lado escuro.

E se eu for para Pandora sozinha?

ALICE

Fecho os olhos, me lembrando do último evento de Pandora. Do quarto, de Tom algemado, do pole-dance, e de Eva. Do acidente. Um calafrio percorre meu corpo, e respiro fundo. O primeiro evento que fui surge na minha mente, da primeira apresentação com o chicote.

Abro os olhos, sentindo meu lado escuro e o

calafrio ser substituído por um arrepio, uma vertigem ao me imaginar enfrentando tudo isso. Uma vertigem ao me imaginar dentro de Pandora, mascarada, caçando Tom, deixando-o me caçar, enfrentando tudo sozinha, criando forças necessárias para me divertir realmente lá dentro, sem receios, preconceitos ou medo.

Me tornando liberta para Pandora.

Minhas mãos tremem, e eu as fecho, desejando que eu consiga isso, que eu consiga enfrentar minha mente fechada em relação à Pandora. Fecho a caixa, fitando a tampa dourada com entalhes, e meu celular vibra dentro da minha bolsa, me acordando para a realidade. A realidade de que Anya virá para o meu apartamento e que Tom quer minha foto hoje. Merda, o que vou fazer?

Abro a bolsa rápido, pegando o celular. Uma mensagem de Tom.

PERIGOSAS NACIONAIS

Está no seu apartamento, minha Alice?

Mordo o lábio, sem saber o que fazer neste momento. Preciso fazer Tom passar aqui depois que Anya vier, preciso que ele entenda.

Estou. Pode passar aqui as dez horas?

Envio, sentindo a adrenalina do meu corpo aumentar cada vez mais, e torço que ele não responda que já está na frente do prédio. Respiro fundo, contando os segundos, e meu celular vibra novamente.

Por que?

Merda, também desejava que ele não fizesse essa pergunta. Me levanto, segurando a caixa em uma mão e o celular em outra, e caminho para o quarto. Deixo a caixa sobre a cama, e começo a digitar, com a luz iluminando parcialmente o quarto pela janela.

Depois conto para você, meu Tom. E tenho uma exigência também.

PERIGOSAS ACHERON

Meu lado escuro está confiante, me fazendo ter forças para encarar o fato de que terei que fazer a foto que ele pediu. E ao mesmo tempo, teve uma ideia que deixará tudo mais satisfatório. Meu celular vibra novamente.

Me conte agora. Que exigência?

Sorrio, determinada, e tiro a blusa, deixando sobre a cama. Respondo.

Estarei ocupada até as dez, depois conto para você o por quê. E minha exigência, meu Tom, é que só farei a foto se você a tirar no seu apartamento.

Meu coração acelera aos poucos, e envio, sentindo um arrepio percorrer o meu corpo, e tento imaginar a reação dele. Recebo sua mensagem.

Então quero mais do que apenas uma foto. Quero várias fotos sua, minha Alice. No meu apartamento. O que fará até as dez?

Sorrio, satisfeita por ele ceder, e ao mesmo

tempo meu coração bate freneticamente ao ler várias. Uma parece ser difícil, várias será ainda mais. Respiro fundo, tentando criar coragem para isso, algo que nunca imaginei.

E a insistência em perguntar o que farei me faz duvidar se ele não está suspeitando de Anya. Respondo.

Farei algo importante. Contarei tudo depois, meu Tom. Prepare seu apartamento para mim, do jeito que quiser e aguarde até as dez.

Envio, deixando o celular sobre a cama, e tiro a saia, ficando apenas de calcinha, e pego o celular novamente, vendo sua resposta.

Já está arrumado.

Meu corpo se arrepia ao ler sua mensagem, sua forma de estar sempre pronto antes que eu possa pensar, e largo o celular novamente sobre a cama, caminhando até o banheiro. Ligo o chuveiro, e entro, tomando um banho demorado.

PERIGOSAS NACIONAIS

Me visto com uma calça jeans escura, simples, e uma blusa larga, de alças finas e azul. Olho para o relógio, marcando quinze para as oito, e me lembro do presente inusitado de Anya. As bolinhas tailandesas. Respiro fundo, e ligo as luzes do quarto, fitando a caixa dourada em cima da cama. A carta de Anya surge novamente na minha mente. Pompoarismo, uma forma de comandar o próprio corpo.

Caminho até a caixa, abrindo-a novamente e pegando as bolinhas. Como farei isso? Essa seria a segunda lição? E se eu não ver nenhuma utilidade? Meu lado escuro vê muitos benefícios, e antes que possa pensar em algo mais, a campainha toca. Anya.

Fecho os olhos, sabendo que Tom enlouquecerá quando souber que o que me manterá ocupada até as dez é Anya, mas eu o acalmarei. Eu quero isso, eu quero me descobrir, e quero Tom.

PERIGOSAS ACHERON

Quero seu mundo.

A campainha toca novamente, e caminho devagar até a porta, tentando me manter calma, como se isso fosse possível. Abro a porta, encontrando os olhos intimidadores de Anya, calmos ao mesmo tempo intensos, como se tentasse ver através do meu corpo. Ela sorri lentamente, piscando devagar. Está vestida com um macacão preto, com um decote v e alças largas. Dois grandes anéis dourados estão em cada indicador.

—Olá, Alice — ela diz lentamente, sorrindo ainda mais. Respiro fundo, sem sorrir, e abro mais a porta, dando passagem para ela.

—Olá, Anya — a imito com um pouco de ironia, e ela me olha de canto, como se tentasse entender o por quê, mas desvia os olhos, caminhando pela minha sala. A sigo com os olhos, percebendo o quanto ela fica deslocada no meio da minha sala. Anya senta em uma poltrona, e fixa os

olhos em mim. Fecho a porta, e olho para ela novamente.

—A que devo a visita? — pergunto educadamente, caminhando até a poltrona na sua frente. Anya sorri ainda mais, colocando as mãos sobre sua pequena bolsa de mão, preta. E caríssima.

—Nossa segunda lição, Alice, já que você completou a primeira — ela fala alto, firme — você recebeu meu presente?

Sento na poltrona, respirando fundo, e encosto as costas, cruzando as pernas.

—Recebi — respondo de forma um pouco rude — o que isso é de tão importante? É a segunda lição?

Anya deixa o sorriso esmorecer, e nega com a cabeça.

—Não, é apenas um presente por ter conseguido se conhecer melhor. Ninguém que não

conhece o próprio prazer conseguiria controlar o corpo. Para praticar pompoarismo, é preciso estar tranquila com o corpo, conhecê-lo bem e sentir que está confortável. Saber controlar o corpo é um grande passo para conseguir controlar o próprio prazer. Você não pode dominar o corpo se não domina o prazer — ela fala lentamente, com os olhos intensos em mim, e se inclina na minha direção — sinta-se à vontade para praticar ou não.

Suas palavras parecem entrar na minha mente, lentamente, letra por letra, como se ativasse meu cérebro cada vez mais, iluminando-o como o abajur ilumina o rosto de Anya, ao seu lado. Permaneço com os olhos nela, sem dizer uma palavra sequer, sentindo o ambiente se tornar uma dimensão desconhecida, uma realidade em que ouvi-la parece coerente, onde eu posso confiar em mim mesma.

—E se eu não conseguir? — pergunto

séria, sentindo uma sensação estranha ao perguntar.

—Só saberá se tentar — Anya responde, sorrindo lentamente.

—E qual seria a segunda lição? — mudo de assunto, deixando o pompoarismo para eu descobrir sozinha. Mordo o lábio, vendo os olhos de Anya analisarem atentamente meu rosto.

—A sua segunda lição é a sua mente, Alice — Anya diz lentamente, em voz baixa, firme. Seu rosto se torna sério, intenso — você acabou com a parede da vergonha, de não aceitar o próprio prazer. Agora precisa acabar com a parede da aparência. Você se torna fraca ao se comparar à outras mulheres, ao se questionar se é o suficiente para Tom. Se ele está com você, é porque você é mais do que o suficiente. Nunca deverá se questionar sobre isso, ao se olhar no espelho.

Franzo a testa, negando lentamente com a cabeça.

—Eu não me acho feia, Anya, sou feliz com a minha aparência — a interrompo. Anya levanta uma mão, me fazendo parar de falar.

—Você se deseja, Alice? — ela pergunta firme, e sua voz ressoa pela sala — você já se olhou no espelho, nua, aceitou cada defeito seu e se desejou? Viu o quanto é, e se sentiu satisfeita, se sentiu sedutora?

Abro a boca, sentindo uma ligação à um outro fato. As fotos que Tom está pedindo, que estão me deixando temerosa. As palavras de Anya parecem acusar o meu receio em relação às fotos, como se por mais que eu me aceitasse, eu não me sentisse confortável com meu corpo nu.

Perco o chão sobre os meus pés, como se a ideia me engolisse.

—Você já se olhou realmente ao ponto de se sentir confiante? — Anya continua, e sua voz é lenta. Ela se inclina ainda mais na minha direção —

você já se sentiu confiante com seu orgasmo, com o seu prazer, agora sinta confiança com sua aparência. Quebre mais essa barreira, e como forma de verificar se conseguiu, vá comigo para a festa que eu a convidei.

Meu cérebro começar a pensar na sensação que eu teria ao me encarar realmente, ao tentar me desejar. Eu me sentiria mais confiante durante as fotos? Não apenas com as fotos de Tom, mas as fotos para a campanha.

E o que teria uma festa a ver com isso?

—Por que eu teria que verificar isso indo na festa com você? — pergunto, franzindo a testa, e Anya ri.

—Porque lá você chamará a atenção, ao meu lado. Lá, estará sozinha, com os olhos em você, sem Eduardo ou Tom para sustentar seu nervosismo. Você acha que eu não percebi o quanto ficou nervosa nos dois eventos que foi? Lá você

estará sozinha, porque eu a jogarei diante dos olhos das pessoas — Anya fala séria, levantando uma sobrancelha — você estará diante de muitas pessoas do passado de Tom, pessoas que poderão questionar se você é suficiente, e você só aguentará até o fim da noite se acreditar em si mesma. Será um desafio para sua autoconfiança.

E meu lado escuro se deixa envolver pelas chamas da vontade de confrontar isso. Pela vontade de destruir mais essa parede. Como eu posso acreditar que ficarei confortável ao lado de Tom, se ainda não me senti confiante diante do seu passado? Apenas a presença de Eva me abalou, quantas vezes permitirei me abalar? Eu preciso encarar isso, e meu lado escuro não abrirá mão dessa oportunidade, por mais que eu não confie em Anya, por mais que pareça ser duvidoso, ele quer que eu vá, que eu tente, por mim mesma.

—Se eu aceitar ir com você, como saberei

se não é uma armadilha que está criando para me afastar de Tom? — a questiono, e minha voz é firme, cortante. Anya assente, como se já soubesse da minha desconfiança.

—Se você quiser contar para Tom, sobre a festa que irá comigo, sinta-se à vontade — ela responde séria — explique sobre a festa, e se lá, não se sentir confortável, se duvidar de mim, meu motorista estará à sua disposição.

—E quando será? — pergunto curiosa, e meu lado escuro começa a tentar me convencer sobre me encarar realmente.

—Sexta-feira — Anya responde séria — você terá até sexta-feira para conseguir criar esse desejo por si mesma, essa confiança. Senão, me envie uma mensagem e eu aceitarei seu não.

Aperto as mãos, apreensiva. Já me sinto desconfortável com a ideia de que talvez eu não consiga, ao mesmo tempo em que meu lado escuro

está determinado a me levar para essa festa.

—Eu tentarei — respondo, criando forças para manter minha voz firme, e um sorriso satisfeito surge nos lábios de Anya — e avisarei se conseguirei ir ou não.

Um silêncio se instala na sala, como se fosse proposital para o meu lado escuro me dominar ainda mais, e Anya coloca os braços apoiados no encosto de braço da poltrona.

—E você irá para Pandora — ela afirma, levantando uma sobrancelha — sozinha.

Respiro fundo, e a caixa dourada surge na minha mente, nitidamente. Meus ouvidos parecem ouvir a música grave de Pandora, e uma sensação assustadora me invade.

—E se eu não quiser? — pergunto séria.

—Se você não quiser, estará retrocedendo no processo para se libertar. Pandora será um avanço revelador para você, e só assim se sentirá

confortável com Tom lá dentro. Pense na luta que você trava todas as vezes que vai em Pandora. Não é frustrante, Alice? — Anya pergunta, passando os dedos no encosto da poltrona — não é frustrante tentar acompanhar Tom, mas permanecer enjaulada, perto ao mesmo tempo distante?

Cerro os dentes, me sentindo perturbada pelo seu questionamento, e fecho os olhos.

—Irei pensar sobre Pandora, Anya, porque não me sinto bem diante da ideia de ir sem Tom — respondo sincera, abrindo os olhos — Conheci Pandora através dele.

—Você não estará fugindo dele, Alice — Anya fala séria — você estará fazendo isso por ele. Pedi para que não contasse para ele, porque sei que se você contar, Tom não deixará. Tom enlouquecerá com a ideia de você entrar sozinha — ela pausa, percebendo minha desconfiança. Levanto uma sobrancelha, permanecendo em silêncio para

ela continuar — Em Pandora, você testará seus limites, você derrubará a barreira do pudor, do que você acha certo e errado, e quando se sentir confortável, decida o que quiser. Se quer ir embora, ou fazê-lo ir e se revelar para ele lá — Anya diz, lendo os pensamentos do meu lado escuro diante da proposta. Minha ideia é tirar minha máscara, revelando a real Alice que estará lá, pronta para encarar Pandora ao seu lado — Pandora é um evento para o seu prazer, Alice. E é isso o que você deverá sentir lá.

—Preciso pensar, Anya — a interrompo, deixando a torrente de palavras sair dos meus lábios sem controlar — preciso pensar o que eu realmente quero fazer — levanto as mãos, pedindo para que me deixe continuar, ao perceber que seus olhos se arregalaram — eu quero encarar meus pudores, quero criar a autoconfiança que preciso, mas quero pensar antes. Quero me decidir.

—Não estou pressionando-a, Alice. Você está livre para decidir — ela sussurra, semicerrando os olhos — você está livre para pensar.

—Eu sei — falo em um sussurro, fechando as mãos — é por isso que preciso pensar. Se eu conseguir o que quero, avisarei você, e irei com você para a festa. Senão — Anya levanta a mão, me sinalizando para parar de falar, e a minha voz desaparece ao ouvir um baque. Arregalo os olhos, sentindo meu coração parar no mesmo instante que sinto mais uma presença na sala. A expressão de Anya se torna intimidadora, e ela permanece com os olhos fixos atrás de mim. Meu lado escuro sabe quem está parado na minha porta, e quer que eu olhe, mas meu corpo parece travado, imóvel. Respiro fundo, reunindo minhas forças, e viro lentamente a cabeça para trás, encontrando dois olhos azuis escuros. A expressão de Tom é feroz, e seus olhos estão em mim. Ele retesa a mandíbula, e

abro a boca, sentindo a cor fugir do meu rosto. Ele está furioso, e meu lado escuro me ordena que eu não me sinta encolhida diante dele.

—Alice — ele fala autoritário, e sua voz rouca ressoa pela sala. Tom levanta uma sobrancelha, com os olhos se desviando para Anya — o que está acontecendo?

Respiro fundo, me levantando, e permaneço de frente para ele, séria.

—Tom, não está acontecendo nada — respondo, e Anya se levanta atrás de mim, encarando-o — estou apenas conversando com Anya.

—Estou visitando Alice, Tom — Anya me interrompe, caminhando até parar ao meu lado — acho que Alice já conversou com você sobre isso.

Os olhos azuis escuros de Tom, ferozes, furiosos, se desviando de Anya para mim novamente, e sinto meu corpo prender a respiração,

contra a vontade do meu lado escuro.

—Isso é o que a manteria ocupada até as dez horas? — Tom pergunta irônico. Levanto as sobrancelhas, voltando a respirar e deixando meu lado escuro me acalmar.

—Sim — respondo sincera, e Tom franze a testa — mas agora você já está aqui, finalizando meu assunto com Anya antes das dez.

—E o que — ele pausa, levantando uma sobrancelha, e caminhando um passo em minha direção — vocês estavam conversando?

—Nada que eu não possa contar para você, Tom — respondo firme, e sinto os olhos de Anya em mim — Anya já está de saída, não é? — pergunto, virando a cabeça em sua direção.

Anya sorri levemente, assentindo.

—Conversaremos melhor outro dia — ela responde, e caminha em direção à Tom, parando ombro a ombro com ele. Ela inclina a cabeça para o

lado, em sua direção — eu não irei tirá-la de você, Tom. Eu também não a matarei. Pode se acalmar, estou ajudando-a — sussurra com sua voz calma, e Tom a fuzila com os olhos.

—Vá embora, Anya, antes que eu perca a minha razão com você e — Tom deixa a frase morrer, desviando os olhos para mim.

—Não me ameace, Tom — Anya sussurra intimidadora, mas Tom permanece com os olhos ferozes em mim — pode ser que você saía machucado.

—Anya — chamo sua atenção, e ela olha para trás — vá embora — peço, olhando novamente para Tom. Anya sorri, assentindo, e caminha em direção à porta.

—Boa noite, Alice — ela diz lentamente, puxando a maçaneta junto. A porta se fecha, sem que Anya olhasse para trás, me deixando sozinha com Tom, e o ar ao nosso redor é tenso,

esmagador.

—Tom — começo a falar, e mas ele retesa ainda mais a mandíbula, furioso, e dá um passo firme em minha direção. Fecho a boca, surpresa, e Tom começa a caminhar firme, passando por mim. Me viro, assusta, confusa com sua atitude, e ele entra pelo corredor. Arregalo os olhos, percebendo que está indo para o meu quarto, e minhas pernas criam impulso através do lado escuro. Caminho apressada atrás dele, e o vejo entrar no meu quarto. Acelero os passos, e entro atrás dele, a tempo de vê-lo pegar a caixa dourada em cima da cama. Ele vira a cabeça em minha direção, com uma expressão autoritária.

—Você também recebeu — ele diz firme, e sua voz rouca me indica que ele já sabia da caixa. Ele também recebeu, e suspeitou que eu recebi. Ele se vira de frente para mim, e desço os olhos pela sua camisa social azul escura, aberta no colarinho.

Suspiro, sentindo meu lado escuro atiçado pela visão, esquecendo a tensão. Diferente de antes, não estou me sentindo encolhida pelo seu olhar, porque estou determinada a evitar qualquer discussão. Dou um passo em sua direção, e Tom joga a caixa na cama — Anya entregou para você?

—Não — respondo firme — recebi como você recebeu, mas — hesito — não irei.

Tom arregala os olhos, confuso.

—Não irá comigo? — ele pergunta um pouco preocupado, e sua voz rouca me arrepia.

—Não — falo séria, caminhando lentamente em sua direção — tenho um jantar com Dana, mas você pode ir, Tom — minto, sem me sentir culpada porque quero realizar o plano do meu lado escuro e me revelar para ele lá. Não vejo motivo para me sentir culpada. Irei sozinha para encarar Pandora, mas não farei nada lá, permanecerei no escuro até decidir me revelar para

ele, e então estarei com ele, acompanhando-o. Não ficarei o tempo todo sozinha, e não o deixarei sozinho.

—Desmarque e vá comigo, Alice — Tom ordena, e rio, negando com a cabeça. Paro na sua frente, e coloco as mãos no seu peito definido, sobre a camisa.

—Não posso — murmuro — é importante para Dana.

—É importante para mim — Tom fala sedutor — quero você comigo lá.

—Eu estou com você sempre, Tom. É apenas um evento — que eu não estarei com você no inicio, meu lado escuro completa mentalmente.

—Mas — ele começa, e então deixa a frase incompleta, analisando minha expressão — se eu for sozinho.

—Confio que não fará nada — respondo antes que ele complete a frase — e que estarei com

você, no dia seguinte.

Tom respira fundo, fechando os olhos, e pega minhas mãos. Sua pele, em contato com a minha, quente, me arrepia, e sorrio, satisfeita.

—E o que Anya veio fazer? — ele pergunta, abrindo os olhos e me encarando ferozmente — o que ela falou?

Reteso a mandíbula, tentando me preparar para contar, mas não há como contar para Tom de uma forma tranquila.

—Veio me convidar para uma festa que foi convidada — conto para ele, e sinto suas mãos apertarem as minhas.

—Você não irá — ele diz autoritário, e nego com a cabeça.

—Eu ainda não decidi, Tom — hesito, percebendo fúria em seu rosto novamente — mas você não decidirá por mim — falo calma — se eu for, será apenas para acompanhar Anya.

—Eu não irei deixá-la com Anya — ele fala autoritário — eu não vejo como isso será bom para você.

—Tom, eu sei me cuidar, sei no que estou me metendo — respondo séria.

—Você não sabe, Alice, e não permitirei que faça isso — sua voz é ríspida, perdendo o controle, e tiro minhas mãos da dele, me afastando. Franzo a testa, brava.

—Você não tem que permitir nada, Tom — me exalto — não confio em Anya, mas não significa que pelo fato de querer acompanhá-la me torne frágil, burra.

—Eu não disse isso — ele tenta falar, passando a mão no rosto, abaixando a cabeça.

—Mas foi o que pareceu, Tom. Eu apenas estou aceitando o que vejo como vantajoso para mim, o que vejo que pode me ajudar — o interrompo, levantando as mãos — em nenhum

momento, Anya falou algo que pareceu querer me afastar de você. Não estamos falando sobre você, mas sobre mim.

Tom retesa ainda mais a mandíbula, e seu semblante se transforma por causa da fúria. Ele fecha a mão, com força, em frente ao rosto virado para baixo, tentando se controlar.

—Alice — ele rosna — Anya tem algum objetivo com isso — sua voz rouca é pura ira.

—E se tiver, Tom, eu não deixarei que ela consiga. Manterei meu acordo com ela até o momento que eu decidir — falo, controlando minha voz, tentando me acalmar — não estou fazendo nada que eu não queira.

Tom levanta a cabeça, e seu olhar é devastado.

—E se você se perder, por causa dela? E se você se tornar algo que não imaginou? — ele pergunta em sussurro.

Franzo a testa, dando passos rápidos em sua direção. Coloco as mãos no seu rosto, não me importando com sua fúria.

—Eu não estou me perdendo, Tom. Eu estou fazendo exatamente o que eu quero, estou me libertando como imaginei — tento explicar, e Tom coloca suas mãos sobre as minhas — estou no controle sobre mim mesma.

—Eu não consigo confiar apenas nisso, Alice. Não consigo confiar em Anya ao seu lado — ele sussurra, tirando minhas mãos do seu rosto e puxando meu corpo até colar ao dele. Sinto seu corpo quente em contato com o meu, e meu corpo se arrepia. Sinto a excitação começar a me dominar — e não quero que vá nessa festa.

—Confie em mim, Tom — peço, passando a mão pelo seu peito. Desço com os olhos junto com as mãos, e suspiro — eu ainda não decidi, mas você não interferirá no que eu quiser — olho

novamente para ele, e Tom me encara com seus olhos penetrantes.

—Então também irei — ele afirma. Rio, batendo levemente no seu peito.

—Você não foi convidado — murmuro. Tom coloca as mãos no meu rosto, segurando-o firme.

—Fui — responde sorrindo torto — e acabei de decidir que irei.

Abro a boca, incrédula, sem saber o que responder. É claro que Tom foi convidado para a festa. Quando ele não seria?

—Isso tudo é por que não confia em Anya? — pergunto assombrada, e Tom ri, descendo as mãos para o meu pescoço.

—Também — sussurra, aproximando o rosto do meu, e percebo que sua raiva passou — mas não quero imaginá-la fora do alcance das minhas mãos, minha Alice.

O fuzilo com os olhos, sem conseguir esconder o sorrio, e mordo o lábio.

—Você não me deixará um dia sozinha? — pergunto zombeteira, e Tom balança lentamente a cabeça, respondendo com um não. Ele se aproxima ainda mais, até que eu sinta sua respiração na minha pele.

—E quando eu não puder tê-la sob os meus olhos, pessoalmente, terei suas fotos — ele sussurra sedutor, e sua voz rouca entra pela minha pele, me arrepiando, me deixando com tesão. E penso nas fotos, sentindo uma vertigem me dominar. Merda, terei que fazê-las esta noite. Tom percebe meu receio e sorri ainda mais — e está na hora.

—Vamos para o seu apartamento? — pergunto desafiando-o, e sorrio também, satisfeita. Tom respira fundo, e assente.

—Vamos — responde sério, passando o

dedo indicador pelos meus lábios — perceba que você foi a única a conseguir isso, Alice.

Meu lado escuro explode em fogo ao ouvir isso. Me sinto realizada ao saber que consegui ser única em mais uma parte da vida de Tom. Coloco os braços ao redor do seu pescoço, e assinto, beijando seu indicador que permanece sobre meu lábios.

—E você será o único com as minhas fotos — sussurro de forma erótica, e vejo a luxúria surgir nos olhos de Tom.

—Não só com as suas fotos, mas com você inteira — ele diz autoritário, agarrando minha cintura com força — você não escapará mais de mim, Alice.

Rio, sabendo que eu não quero escapar, e Tom avança sobre meus lábios, me beijando profundamente. Suas mãos descem para a minha bunda, e estremeço ao sentir seu membro duro

pressionar meu ventre. Tom está com tesão, assim como eu. Sua língua penetra minha boca, buscando a minha língua, encontrando-a. Gemo contra seus lábios, sentindo seus dedos apertarem minha bunda, e ele me puxa em direção à cama, urgente. Coloco as mãos no seu peito, e o afasto, vendo seus olhos se abrirem e sua expressão se tornar curiosa.

—Não aqui — sussurro — quero transar no seu apartamento.

Tom levanta uma sobrancelha, surpreso, e morde o lábio, sedutor, descendo os olhos luxuriosos pelo meu corpo.

—Terá que ter muita disposição hoje, se quer tanto assim meu apartamento — ele sussurra desafiador, e assinto, sentindo o calor subir pelas minhas coxas. Tom passa a mão no cabelo, suspirando, tentando acalmar a excitação, algo que eu não consigo fazer. Mordo o lábio, sem conseguir tirar os olhos dele, e no mesmo instante, Tom

avança na minha direção, agarrando minhas pernas e minhas costas, e me pega no colo — então vamos agora — ele sussurra, me fitando fascinado. Rio, agarrando seus ombros com uma braço.

—Preciso pegar minha bolsa — falo rápido, procurando por ela, e me lembro que deixei na sala.

—Esqueça a bolsa, você não precisa de nada — ele fala autoritário, me carregando pelo corredor.

—Tom — falo alto, surpresa — preciso da minha bolsa.

—Não — ele sorri — comigo, você não precisa nem de roupa.

Bato em seu peito, levemente, sem conseguir controlar o sorriso, e Tom sorri torto. Tento descer as penas, mas ele permanece me segurando com força.

—Preciso trancar o apartamento também

— digo, apontando para a porta, e Tom respira fundo, frustrado, me colocando no chão. Rio, caminhando até minha bolsa, e a pego, sentindo seus olhos me devorarem. Viro para ele, e sorrio ainda mais — agora estou pronta.

—Então vamos — ele diz, estendendo a mão na minha direção, e eu coloco a minha sobre a sua. Tom fecha a mão quente, me puxando para perto, e caminhamos em direção à porta. Ele a abre, e eu passo, trancando-a. Tom permanece ao meu lado, atento, como se precisasse estar me observando o tempo todo. Olho de canto para ele, e rio.

—O que foi? — pergunto curiosa.

—Estou louco para vê-la como imagino, sob meus holofotes — ele sussurra sedutor, e sua voz rouca faz com que a ideia se torne mais erótica do que assustadora. Sinto o calor se alastrar pelo meu corpo, e respiro fundo, tentando me acalmar.

—Espero que eu também goste — murmuro, me virando em direção ao corredor. Tom passa o braço pela minha cintura, agarrando-a com força.

—Irá gostar — ele sussurra, apertando o botão do elevador. A cada andar que desce, meu coração parece acelerar ainda mais, ansioso para que eu chegue no apartamento. A porta se abre, e Tom desce o braço pelo meu quadril, roçando os dedos pela minha bunda. Sorrio, excitada, e olho para ele, que permanece com os olhos fixos em mim, um sorriso devasso. Ele pega a minha mão, e sinto sua pele quente. Ele entrelaça os dedos, passamos pelo hall de entrada. Tom abre a porta, e saímos do prédio. Vejo seu Porsche preto estacionado, e com a outra mão, ele o liga pela chave. Ele contorna o carro comigo, sem perder o costume, e abre a porta. Me sinto extasiada pela forma como Tom é, e entro no carro, seguindo-o

com os olhos, enquanto ele o contorna novamente, entrando ao meu lado.

O encaro, e Tom sorri torto para mim.

—Está assusta ou curiosa para entrar no meu covil? — ele pergunta, colocando as mãos no volante, e rio, passando uma mão no cabelo.

—Estou satisfeita — respondo, e Tom me olha de canto — satisfeita por ir à um lugar onde você nunca levou nenhuma mulher.

Tom começa a dirigir, e o silêncio dura alguns minutos. Ele me olha novamente pelo canto do olho, por um segundo, voltando a encarar a rua.

—E quem falou para você sobre o apartamento? — pergunta, e sua voz rouca demonstra que ele suspeita de algo.

Desvio os olhos dele, observando o bairro luxuoso e badalado que entramos.

—Anya — sussurro, tentando falar o mais baixo possível. Olho novamente para Tom, e o vejo

levantar as sobrancelhas.

—Não sei por quê ainda pergunto isso — ele murmura um pouco incomodado.

—Anya apenas me contou que você havia voltado para o seu antigo apartamento, e sobre o detalhe de que ele era intocável por mulheres — explico, tentando suavizar a situação, e Tom permanece em silêncio, apenas dirigindo. Tento captar algo pelos seus olhos, tentar descobrir o que está pensando, mas ele permanece com uma expressão insondável. Volto a observar as grandes mansões e prédios luxuosos, um pouco assombrada — que tamanho é o seu apartamento? — pergunto um pouco receosa.

Tom ri, e me olha por um instante.

—Um pouco maior que o seu — ele responde com sua voz rouca, sedutora. É, acho que o seu um pouco maior é apenas uma forma modesta de dizer que é dez vezes maior, se for se guiar pelo

tamanho da sua mansão. Já conheci a mansão de Tom, de Ed, mas mesmo assim não consigo me acostumar com tudo isso.

—Sugiro que eu entenda o seu pouco maior como o dobro? — pergunto, tentando segurar o riso. Tom ri ainda mais, apertando o volante, e vira uma rua.

—Não — ele responde firme — talvez o seu apartamento inteiro seja a minha sala, Alice — ele sorri — talvez devêssemos rever se o seu apartamento não é pequeno demais para você.

—Não — digo rápido — estou satisfeita com ele, por mais que você o invada todas as vezes.

Tom levanta uma sobrancelha, como se não tivesse gostado de eu ter censurado-o.

—Não gosta de me encontrar lá? — pergunta sério, e começo a rir.

—Gosto, principalmente se estiver nu na

minha cama — meu lado escuro responde por mim, e Tom vira o carro, parando em frente a entrada de um grande portão de garagem, de um prédio gigantesco, grande e todo iluminado, de esquina. Arregalo os olhos, percebendo o quanto o prédio que moro é simples perto do dele. O portão abre, e Tom entra pela garagem. Vejo os carros luxuosos estacionados ao redor, e Tom estaciona o carro. Ele se vira, observando minha expressão de espanto, e coloca a mão sobre a minha coxa.

—Vamos? — pergunta ansioso, e olho para ele, mordendo o lábio.

—Vamos — murmuro, e Tom saí do carro, contornando-o e abrindo minha porta. Saio, segurando sua mão, e caminhamos para a uma grande porta de vidro. Tom me guia até o elevador, e assim que as portas se abrem, um grande elevador se revela, com luzes fortes e um grande espelho do chão até o teto — até aqui tem espelho assim —

falo, analisando nossas imagens, e me lembro das palavras de Anya.

Eu já me analisei realmente? Eu já me desejei? Respiro fundo, tentando esquecer isso. Meu lado escuro se encarregará de pensar e realizar algo em relação à isso alguma outra hora. Agora preciso me concentrar em relaxar, em ser confiante diante das fotos.

E aproveitar ser a primeira mulher no apartamento de Tom Haltender.

O elevador continua subindo, e observo os números dos andares.

—Você mora na cobertura? — pergunto, e Tom sorri, me deixando perceber o quanto a resposta é óbvia.

—Gosto de lugares altos — ele responde, se aproximando de mim. Suas mãos agarram meu quadril, e me vira de frente para ele, colando nossos corpos — quero se sinta a vontade, Alice.

—E por que eu não iria me sentir? — pergunto curiosa. Tom sorri torto.

—Porque tudo no meu apartamento reflete o estilo de vida solteiro que eu tinha. Não há vestígios de mulher, de comprometimento — ele responde. Meu lado escuro vive ainda mais dentro de mim, decidido a mudar isso.

—Então mudaremos o seu apartamento — sussurro atrevida, e Tom passa o polegar no meu queixo, segurando meu rosto.

—Já fiz algumas mudanças — ele sussurra, e seus lábios colam nos meus, em um beijo rápido. As portas do elevador se abrem, e viro o rosto, fugindo dos seus lábios. Uma grande porta branca está diante de nós, e Tom agarra minha cintura, me guiando até a porta. Ele a abre, e vejo uma sala gigantesca, branca, com duas paredes de vidro, inteiras, mostrando a cidade ao redor. Três sofás brancos estão no meio da sala, com um tapete

branco, gigantesco. Uma televisão está diante dos sofás, As paredes de vidro se encontram, formando um v, uma do lado esquerdo da entrada, a outra oposta à porta, e perto delas está uma grande bancada branca de bar, com banquetas e várias caixas de som. Uma escada branca sobe para o segundo andar, e vejo varias portas fechadas na parede oposta a parede de vidro. As luzes, brancas, fortes, estão penduradas em lustres de cristais, gigantescos.

No canto do encontro em v entre as duas paredes está um puff gigante, branco, com um espelho gigantesco ao lado. Olho para Tom, ao meu lado, e ele estende o braço em direção à entrada.

—Entre, minha Alice — ele sussurra com sua voz rouca, sedutora, e um arrepio percorre minha espinha — bem-vinda ao meu apartamento.

Me sinto levada dentro de um sonho, extasiada, e dou um passo, ouvindo meu sapato

baixo bater no piso branco. Entro no apartamento de Tom, ouvindo-o fechar a porta, e olho ao redor.

Sou a primeira mulher aqui, meu lado escuro sussurra para mim, e sorrio satisfeita, mas meus olhos são novamente atraídos para o puff branco, e vejo uma arara com espartilhos brancos e pretos pendurados. Uma vertigem percorre meu corpo, e meu coração bate ainda mais rápido. Um suor frio começa a brotar pelos meus poros, e minha respiração se torna alta.

—Sinta-se em casa, minha Alice — Tom sussurra no meu ouvido, ainda com a mão na minha cintura. Olho para ele, um pouco assustada, e sorrio sem graça.

—Você já deixou tudo pronto para as fotos — comento, observando novamente o puff, e Tom sorri.

—Quero que seja como imaginei, quero se tudo seja maravilhoso como você — ele sussurra

ainda no meu ouvido, e sua respiração bate na minha pele. Fecho os olhos, deixando o arrepio me dominar, e sua mão sobe da minha cintura para a minha nuca. Tom puxa meu cabelo para o lado, e sinto seus lábios beijarem meus pescoço suavemente, molhados, me envolvendo com sua sedução. Arfo, me sentindo derreter, e viro a cabeça para o lado, permitindo ainda mais. A outra mão de Tom agarra minha coxa, por dentro, roçando os dedos pela minha intimidade, e sinto os lábios dele subirem até minha orelha — tire a roupa, minha Alice. Fique nua aqui comigo. No meu apartamento, quero que você ande nua.

Arquejo, sentindo o tesão queimar meu corpo ao ouvir seu pedido, e minha intimidade pulsa, desejosa. Sua mão sobe até o botão da minha calça, e ele a abre.

—Tom — suspiro, dizendo seu nome, e ele volta a beijar meu pescoço, segurando meus

cabelos com força, para lado, e sua outra mão abaixa o zíper, subindo para a minha blusa. Ele aperta meu seio por fora, e gemo, estremecendo de prazer. Eu o quero, preciso dele, me sinto derreter sob os seus lábios. Mexo a cabeça ainda mais para o lado, e Tom passa a língua até a minha orelha.

—Fique nua — ele volta a dizer com sua voz rouca, e mesmo com a ideia de ficar nua sob seus olhos me deixe um pouco receosa, eu a enfrento e assinto, mordendo o lábio para não gemer. Tom solta meu cabelo e para na minha frente, me fitando intensamente. O silêncio é erótico, e Tom me encara ferozmente, sedutor.

Suas mãos agarram firmes minha calça, junto com a calcinha, e ele puxa para baixo, me deixando nua. Estremeço, sentindo meu corpo se arrepiar, e ele se abaixa junto com a calça, me fitando agachado. Levanto as pernas para tirar a calça, e tiro os sapatos também.

—Agora você está ficando a vontade — ele sussurra sedutor, e sinto meu corpo se contrair de excitação. Ainda com os olhos azuis escuros fixos nos meus, ele aproxima os lábios da minha coxa esquerda. Seu toque quente me faz arfar, queimando de tesão, e ele beija minha coxa. Cada beijo lento, se aproximando da minha intimidade, e então o vejo beijar o meio das minhas pernas.

Gemo baixo, sem conseguir tirar os olhos, e Tom beija minha intimidade lentamente, com os olhos em mim. Sobe com os beijos pelo meu ventre, trilhando até meu umbigo. Ele se levanta novamente, e agarra a borda da minha blusa, puxando-a para cima. Eu levanto os braços, e Tom a joga longe, me deixando apenas de sutiã — vou adorar ter você nua, aqui — ele sussurra, e sua expressão de luxúria é enlouquecedora.

—Vou ter que andar sempre nua? — pergunto incrédula, sem esconder o sorriso. Tom se

aproxima, colocando os braços envolta do meu corpo e agarrando a parte de trás do sutiã. Sua cabeça está sobre meu ombro direito.

—Sempre — ele sussurra no meu ouvido, abrindo o sutiã e o puxando.

Ele se afasta, jogando-o no chão, e me encara com os olhos banhados de desejo.

—Minha Alice — sussurra sedutor, descendo os olhos para o meu corpo e subindo-os novamente, até se encontrar com os meus — meu país das maravilhas.

Sorrio um pouco sem graça sob seu olhar observador, e Tom caminha firme em minha direção, agarrando minha cintura. Sua mão a contorna e para na minha bunda, colando nossos ventres. Sinto seu membro duro pressionando meu ventre, e coloco as mãos na sua camisa.

—Também quero você sem roupa — sussurro, e Tom assente, sorrindo sedutoramente.

—Eu irei deixar você molhada, até que esteja pronta para mim — ele sussurra, acariciando minha bunda. Sinto meu corpo se incendiar, e começo a desabotoar sua camisa, revelando seu peito definido.

Tom tira a camisa, enquanto eu abro sua calça, puxando-a para baixo, junto com sua cueca preta. Seu membro salta para fora, grosso, ereto, e o agarro na base, olhando para Tom.

-Acho que irei deixá-lo pronto para mim, também — falo baixo, e Tom respira fundo, excitado. Vejo seu membro pulsar desejoso, mas antes que eu consiga abocanhá-lo, Tom pega meus braços e me puxa para cima, com rapidez. Antes que eu consiga fazer algum movimento, ele avança sobre mim, me empurrando para o sofá mais perto. Gemo contra seus lábios que colam nos meus, e suas mãos agarram meu quadril, com força. Bato minha bunda no sofá, permanecendo em pé, e Tom

me levanta do chão, me sentando no encosto do sofá e colocando o corpo no meio das minhas pernas.

Afasto meus lábios dos dele, encarando-o enlouquecida, e sua expressão é selvagem. Seus olhos azuis escuros estão ferozes em mim, e sinto sua ereção roçar nos meus grandes lábios. Gemo, e Tom aperta com mais força minhas coxas, acariciando-as. Sinto o ambiente se tornar quente, abafado, e meu próprio corpo parece queimar em chamas causadas pelo fogo que é Tom, pela sua pele quente. Meu coração bate apressado, e minha respiração entrecortada entrega meu tesão. Ouço sua respiração alta também, que o torna ainda mais erótico.

—Quero deixar você muito molhada, minha Alice — ele sussurra, se aproximando novamente. Sinto seu peito definido bater nos meus mamilos rijos, e seus lábios beijam meu pescoço.

Uma mão sua agarra meus cabelos, por trás, levantando minha cabeça para cima. Gemo, mordendo meu lábio inferior, sentindo os lábios de Tom molhados, suaves, beijarem meu pescoço, descendo uma trilha de beijos até o início dos meus seios. Sua outra mão começa a contornar minha coxa, e seus dedos roçam na minha intimidade. Gemo, me sentindo derreter em sua mão quente, e seus dedos penetram os grandes lábios, acariciando meu clitóris.

—Tom — gemo seu nome, levada pelo gozo, pelo prazer de ser tocada por ele. Ouço seu gemido contra minha pele, e seus lábios descem para o meu seio esquerdo, abocanhando-o. Ele o suga, deixando-o sair da sua boca para prender apenas o mamilo com os dedos. Gemo ainda mais, sem fôlego, sentindo seus dedos me fazerem movimentos em círculos no meu clitóris, me levando para o prazer extremo. Um arrepio invade

todo o meu corpo, e um formigamento acompanha contrações pelo meu ventre, subindo pelo meu peito, se irradiando do mamilo na boca de Tom até minhas pernas, que permanecem flexionadas em cada lado do corpo de Tom.

Ele puxa ainda mais meus cabelos para trás, sugando meu mamilo, e sinto sua língua o acariciar em círculos. Ele larga um mamilo, e com beijos, vai para o outro seio, sugando-o também. Agarro sua cabeça, incentivando-o, passando os dedos pelos seus fios loiros. Tom me toca cada vez mais rápido, e me sinto transportada para um mundo de sensações causadas por seus dedos na minha intimidade, por seus lábios sugando meus mamilos. Gemo sem controle, me perdendo no prazer, esquecendo do mundo ao redor, e me derreto ainda mais na sua mão. Sinto o arrepio aumentar, e fecho os olhos, deixando um gemido profundo subir pelo meu peito, e sinto que estou começando a entrar no

orgasmo.

—Alice — Tom sussurra contra meu mamilo, arrepiando-o, e mordo o lábios, sentindo os dedos quentes de Tom no meu clitóris — você não irá gozar agora — ele sussurra, e abro os olhos, fora de orbita, prestes a atingir o orgasmo. Suas palavras não são compreensivas, e abro a boca, puxando o ar, sentindo meu corpo prestes a explodir de prazer. Me sinto embriagada de gozo, sentindo seus dedos em círculos, sua respiração pesada no meu mamilo — Alice — ele me chama com sua voz rouca, arrastada de prazer, e sua mão solta meus cabelos. Abaixo a cabeça, em outro mundo, sem raciocinar, levada ao prazer, e seus olhos estão banhados de tesão, de prazer, observando a minha expressão.

O semblante de Tom é selvagem, e ele sorri devasso, com os olhos azuis escuros ferozes em mim.

Seus dedos param o movimento, e ele os tira da minha intimidade, subindo até seus lábios. Ele me olha selvagemente, e os coloca na boca, sem tirar os olhos de mim.

—Agora você está molhada — sussurra com sua voz rouca, me enlouquecendo — e está pronta para tirar as fotos.

Sinto sua ausência, aumentando ainda mais a tortura para continuar o prazer, e abro a boca, sem entender.

—Como assim? — pergunto com a respiração rápida, alta, desejando-o inteiro dentro de mim. Tom se afasta, nu, saindo do meio das minhas pernas, e me olha ainda mais devasso.

—Quero que você tire as fotos molhada, minha Alice, molhada ao ponto de estar prestes a entrar no orgasmo, para que quando eu as olhe, saiba que você estava molhada por mim, que estava no limiar do orgasmo e tudo estará na foto — Tom

sussurra com sua voz rouca, me fitando intensamente, e seus olhos azuis me penetram com sua intensidade, me deixando ainda mais excitada, derretendo e enlouquecida.

Meu lado escuro queima de prazer, desejando realizar sua vontade, independente de qualquer receio que eu possa sentir. Eu preciso começar a derrubar essa parede.

ALICE

Os dedos de Tom deslizam pelo meu braço, lentamente, roçando e arrepiando meus pelos. Sorrio, extasiada, encarando seus olhos azuis escuros, fixos em mim, ansiosos. Sua expressão é de urgência, como se ele esperasse por esse momento há muito tempo. Talvez ele desejasse ter a minha foto desde quando nos conhecemos,

mesmo eu sabendo sobre isso recentemente.

—Você está como eu quero — ele sussurra com sua voz rouca, sedutor, deixando seus dedos entrelaçarem nos meus, segurando minha mão com força — e sempre me lembrarei de como você está, neste momento. Está pronta para mim — Tom sussurra, sorrindo torto, e aos poucos, seus olhos se tornam ferozes, descendo pelo meu corpo nu. Sinto minhas bochechas ficarem vermelhas com seu olhar esfomeado sobre mim, e assinto levemente.

—O que você vê de tão importante nisso? — pergunto, ainda sorrindo. Tom ri roucamente, balançando a cabeça. Sinto sua mão puxar a minha, me guiando em direção ao canto da sala, onde está o cenário que ele preparou. Percorro o ambiente com os olhos, sentindo o piso reluzente, branco, gelado, nos meus pés. Sigo os passos de Tom, observando seu corpo nu, definido, caminhando na

minha frente. Sinto meu corpo esquentar, como se um fogo subisse pelas minhas pernas, se alastrando pelas minhas coxas, me possuindo de uma forma enlouquecedora, e a cada passo lento que dou, sinto meu coração se acelerar cada vez mais, como se contasse os segundos em um compasso frenético. Mordo o lábio inferior, sentindo a adrenalina se apoderar de mim, me deixando com a respiração rápida.

Me sinto ansiosa e ao mesmo tempo apreensiva, como se mesmo que meu lado escuro gritasse dentro de mim que isso é prazeroso para nós dois, eu ainda me sinta recuando em relação às fotos, me lembrando de Eva, me lembrando de Anya e suas palavras. Não me sinto a vontade de pensar em estar nua em uma foto gigantesca, mas ao mesmo tempo, é um pedido de Tom, e neste momento, preciso enfrentar esse muro para me sentir confortável com ele. Preciso quebrar esse

muro para me sentir mais feliz, mais liberta.

Tento relaxar, e respiro fundo, fitando o vidro escurecido, com as luzes longe.

—Está tensa — ele murmura sem olhar para trás, caminhando na minha frente — eu não vou expor em outdoors suas fotos, minha Alice — sua voz rouca é zombeteira, e rio, começando a me sentir mais tranquila. Fito suas costas definida, com o P de Pandora desenhado, destacado no meio das costas, e me lembro do convite que recebi, com o pedido de Anya. Um arrepio percorre meu corpo, e tento me concentrar em Tom, deixando esse pensamento para depois, quando eu precisar realmente pensar se devo ou não enfrentar Pandora sozinha. Meu lado escuro me faz descer os olhos para sua bunda definida, suas pernas, e sorrio ainda mais, desejando passar as mãos nas costas dele, abraçá-lo e sentir que Tom e seu mundo do sexo é meu.

PERIGOSAS NACIONAIS

—Se eu suspeitasse que você fosse expor, nem estaria aqui — ameaço, ainda sorrindo. Tom vira a cabeça para trás, me encarando sério pelo canto do olho. Sinto meu corpo esquentar com seu olhar azul escuro, e sorrio ainda mais.

—Na verdade, gostaria que não tivesse nenhuma foto sua exposta, ainda mais sustentando o nome da empresa de Eduardo — ele fala autoritário, e sua voz rouca demonstra o quanto ele se incomoda com isso. Tom vira o rosto para frente, parando em frente ao puff. Paro atrás dele, largando sua mão. Observo o puff branco, colocado entre a curva das duas paredes de vidro. O piso branco está coberto por um tapete peludo, preto, e um leve vento gelado passa por mim. Percebo que uma das janelas grandes, de vidro, está aberta. Meus olhos se voltam para a nuca de Tom, e ouço sua respiração alta — na verdade, gostaria que você estivesse relacionada ao meu nome, apenas. À

PERIGOSAS ACHERON

minha empresa, se for o caso — ele murmura autoritário, fitando o puff na frente.

Sorrio, e pela primeira vez, não me incomodo com sua possessividade, já que percebo que Tom está se controlando, apenas usando palavras, sem agir. Caminho até encurtar a distância entre nós, e passo as mãos em suas costas, descendo dos seus ombros até a lombar. Tom se arrepia, me deixando ainda mais excitada com a visão do seu corpo nu. Sinto sua pele quente, me esquentando, passando uma eletricidade através dos meus dedos, e subo novamente, seguindo minhas mãos com os olhos, fascinada com seu corpo. Abraço Tom por trás, apoiando minha cabeça em seu ombro, e cruzo os braços em seu peito. Suas mãos sobem até agarrarem as minhas.

—Você não precisa se incomodar com minha exposição, Tom — sussurro contra a pele do seu pescoço quente, beijando-a. Me sinto derreter

ao sentir o contato com os meus lábios — só você me tem desse modo, Ed é apenas um amigo — deixo minha respiração bater em sua pele, seduzindo, e Tom se vira, se livrando do meu abraço facilmente. Suas mãos fortes, quentes, agarram minha cintura nua, e ele me puxa contra o próprio corpo. Meu ventre bate em sua ereção grossa, ereta, pulsante, e arfo, me sentindo derreter ainda mais de tesão, desejando-o. Seus olhos azuis escuros, ferozes, se fixam em mim, e ele permanece sério.

—E eu sou o que? — Ele pergunta autoritário, e sinto ele pressionar sua ereção ainda mais contra mim. Mexo minhas coxas, deixando roçar meu ventre, aumentando meu tesão de um jeito insuportável, e sorrio.

—Você é meu — Sussurro, vendo seu rosto se aproximar do meu, parando à centímetros, o suficiente para eu sentir o seu perfume doce.

—Mas as pessoas não sabem — Tom sussurra desafiadoramente, levantando uma sobrancelha, enquanto sua expressão continua feroz.

—Ainda não, Tom, mas vão saber, quando for o momento certo — respondo ainda sorrindo, sentindo que ele não está bravo, apenas quer ouvir as palavras — que eu sou sua.

Tom sorri satisfeito, e seus olhos azuis escuros me devoram. Sinto suas mãos agarrem ainda mais forte meu quadril, cravando os dedos na minha pele. Estou derretendo de tesão, sentindo meu corpo reagir de forma arrepiante ao seu toque, e seu peito nu, quente, encosta nos meus mamilos rígidos.

Seu corpo empurra o meu para trás, e dou um passo apressado, sem tirar os olhos fixos dos olhos azuis escuros de Tom. Ele sorri ainda mais, me empurrando para trás com o corpo, em direção

à parede de vidro. Contorno seu pescoço com os braços, e acompanho seus passos lentamente. Minhas costas batem no vidro gelado, e dou um pequeno pulo. A expressão de Tom se torna séria, e suas mãos sobem pelo meu corpo, roçando as palmas nos meus mamilos.

—Tom — gemo, fechando os olhos e me rendendo à ele. Encosto a cabeça no vidro, e sinto suas mãos agarrem as minhas, colocando-as lado a lado do meu corpo, entrelaçando os dedos na altura da minha cabeça. Sinto sua respiração no meu pescoço, quente, enlouquecedora, e gemo.

—O que, minha Alice? — ele sussurra contra o meu pescoço, beijando-o. Mordo o lábio, banhada de tesão, sentindo minha intimidade pulsar, e empurro o ventre contra o dele.

—Transe comigo — peço, ainda de olhos fechados, e ouço sua voz rouca no meu ouvido, subindo lentamente pelo meu pescoço.

—Depois de você posar para mim, transaremos até você me saciar — ele responde roucamente, passando a língua quente na minha orelha. Abro a boca, puxando o ar, sentindo meu lado escuro em chamas. Nas chamas do fogo de Tom. Abro os olhos, abaixando a cabeça, e ele solta minhas mãos, colocando o rosto à centímetros do meu — você consegue? — pergunta com um ar de graça, sorrindo torto.

Coloco as mãos no seu peito, descendo lentamente, e agarro a base do seu membro, sentindo-o se contorcer na minha mão. Tom retesa a mandíbula, com tesão, e geme baixo, sem tirar os olhos de mim.

—Adorarei tentar saciá-lo — sussurro, e os olhos de Tom parecem aumentar, como se não esperasse essa resposta. Ele morde o lábio, tentando controlar o tesão, e se afasta, fazendo eu soltar o seu membro. Ele caminha para trás, com os olhos

cravados em mim, e para a três metros de distância, nu.

—Vá até o puff, Alice — Tom fala sério, autoritário, e sua voz rouca ecoa pela sala, me arrepiando, criando um clima de ordem que me deixa excitada. Respiro fundo, sorrindo, e assinto.

—Vai tirar minhas fotos agora, meu fotógrafo? — pergunto maliciosamente, e Tom ri roucamente.

—Garanto que nunca mais esquecerá — diz sedutor — agora vá até lá.

Respiro fundo, deixando meu lado escuro me dominar, e caminho firme em direção ao puff, sentindo o vento gelado bater na minha pele. Preciso encarar esse medo, esse receio. Preciso conseguir derrubar essa barreira.

Sinto os olhos de Tom me seguindo, e percebo que ele caminha em direção à uma porta fechada. Olho para trás, franzindo a testa.

—O que está fazendo? — pergunto, observando ele abrir a porta. Tom para, me encarando.

—Vou pegar minha câmera, e espero que quando eu voltar, você já esteja mais à vontade no puff — fala sério, e abro a boca, incrédula diante da sua dominação. Tom desaparece, e viro o rosto para o puff, fitando-o. Realmente eu preciso ficar mais confortável, mas a sensação que tenho é que não irei gostar do resultado, como se temesse me encarar realmente.

Me ajoelho em cima do puff branco, grande, macio e mole. Fito os vidros ao redor, vendo as luzes ao longe, e meu lado escuro grita dentro de mim. Eu preciso me enfrentar, eu preciso relaxar e entender o que realmente está acontecendo. Estou com Tom, o homem que amo, o homem que me apaixonei, e depois de tudo o que passamos, estamos juntos. Não quero desperdiçar esse

momento com medo e receios. Quero estar inteira para ele, como ele está para mim, abrindo sua vida.

—Ainda está tensa? — sua voz rouca me acorda dos pensamentos, e olho para trás, sorrindo. Vejo ele caminhar na minha direção, segurando o tripé com uma mão e uma câmera grande, profissional, em outra. Levanto as sobrancelhas, surpresa pelos equipamentos, e mesmo eu tentando controlar meus olhos, eles descem para o corpo de Tom, definido, e seu membro exposto. Sorrio ainda mais, saboreando a visão, e Tom para na minha frente, colocando o tripé no chão. Percebo que ele viu meu olhar, e assim que encontro o seu olhar, ele sorri — acho que não está mais tensa, e sim safada.

Rio, começando a me sentir mais confortável, e viro de lado, sentando de bunda no puffy. Meu corpo afunda um pouco, e tento me acomodar.

Tom observa ansioso, sem conseguir tirar os

olhos de mim.

—O que foi? — pergunto sem graça, colocando as mãos apoiadas ao lado do corpo, tentando me acomodar melhor.

—Como eu queria vê-la assim — ele confessa maliciosamente, passando a mão no cabelo loiro. Rio, ainda mais sem graça, e Tom tira a tampa da câmera, ligando-a. Ele se inclina um pouco, colocando os olhos atrás da câmera, e desvio o olhar, fitando a lente. Me sinto invadida pelo círculo de vidro, me encarando fixamente, e mordo o lábio.

—O que eu faço? — pergunto sem jeito, sem conseguir tirar os olhos da câmera.

—Quero que se deite de costas, Alice — Tom ordena, ainda atrás da câmera, e assinto, fazendo o que ele ordenou. Sinto o puff gelado nas minhas costas, e me viro um pouco em sua direção — agora quero que você flexione lentamente as

pernas para cima, abrindo-as um pouco.

Arregalo os olhos, tentando entender o que ele pediu, e faço isso. Deitada de costas, um pouco inclinada em sua direção, flexiono levemente as pernas, afastando-as, deixando meu corpo totalmente exposto.

—Coloque os braços para cima, perto da cabeça — ele fala alto, sedutor, e sorrio ainda mais sem graça, tentando imaginar sua expressão atrás da câmera. Obedeço, colocando os braços levemente flexionados ao lado da cabeça — agora fique com o rosto na minha direção, Alice, e não sorria.

Abro a boca, e no mesmo instante, sem conseguir controlar, começo a rir, sabendo que será impossível ficar séria.

—Preciso mesmo ficar séria, Tom? — pergunto com um grande sorrio, achando graça do seu pedido. Ouço um suspiro pesado dele.

—Precisa — ele diz bravo, levantando a cabeça para me fitar. Seus olhos cravam em mim, e seu semblante é sério — faça isso, Alice.

Levanto uma sobrancelha, surpresa por ele insistir nisso.

—Está bem — murmuro séria, fitando a câmera. Tom se abaixa novamente, me encarando pela lente, e me sinto absorvida pelo vidro, levada para uma sensação de exposição, ao imaginar a foto por trás do vidro daquele quarto, com os holofotes acessos, iluminando cada parte do meu corpo. Respiro fundo, hipnotizada pela ideia, pelo brilho da lente de vidro, e um flash surge nos meus olhos, iluminando todo o meu corpo. Dois, três, e começo a sentir uma sensação de ansiedade para ver. Tom agarra a câmera, levantando do tripé, sem parar de tirar fotos minhas, nu.

Tom começa a se aproximar, caminhando lentamente na minha direção, tirando foto a cada

passo, registrando cada movimento meu.

—Não tirou o suficiente? — pergunto séria, sem tirar os olhos da câmera, e Tom para ao meu lado, tirando foto de cima de mim. Meu lado escuro emerge de dentro de mim, me levantando e me fazendo agarrar seu braços. Tom pula de susto, e no mesmo instante eu puxo ele para baixo, fazendo-o cair em cima de mim, com a câmera em uma mão.

—Alice — ele diz sério, deixando o peso do seu corpo sobre o meu, e seus braços se flexionam em cada lado dos meus ombros. Sorrio, satisfeita, fitando seu rosto intenso à centímetros do meu.

—Quero que você participe — sussurro, agarrando seu rosto com as duas mãos e grudando meus lábios nos dele. Tom pressiona meus lábios, abrindo-os, e sua língua invade minha boca, com urgência. Arfo, sentindo sua língua explorar minha

boca com pressa, passando por cada parte, até envolver minha língua, puxando-a para a sua boca quente. Minhas mãos descem do seu rosto, contornando seus ombros musculosos, e passo as unhas pelas suas costas. Sinto sua respiração rápida no meu rosto, e minha língua explora a sua boca, deliciosa, quente. Ele afasta o rosto, sorrindo.

—Mas você não terá nenhuma foto — ele sussurra contra os meus lábios. Tom se inclina para cima, colocando a câmera entre nós, focada em mim, e um flash dispara — agora quero tirar suas fotos.

Rio, soltando suas costas e colocando uma mão no rosto, escondendo-o. Tom agarra minha mão, puxando-a para o lado, e no mesmo instante, tira mais uma foto.

—Tom — falo alto seu nome, rindo, e ele dispara mais um flash, também sorrindo. Suas pernas deslizam sobre as minhas, e ele se senta

sobre mim, me fitando de cima.

—Você me puxou, agora terá que me aguentar, Alice — ele ameaça, tirando fotos em seguida. Coloco as mãos no rosto, me divertindo com a situação, e percebo que pela expressão dele, ele também.

—Se você se esconder, irei castigá-la depois — ele fala sério, puxando meu braço para baixo. Sorrio, mostrando a língua para ele, e Tom tira mais uma foto — você sabe onde eu quero sua língua — ele diz, largando a câmera ao lado do meu corpo e se inclinando rapidamente para baixo, sem me dar tempo de reagir. Seus braços se estreiam em cada lado do meu corpo, e Tom me beija, colando os lábios. Sua língua abre meus lábios, penetrando minha boca, quente, molhada. Sinto meu corpo esquentar embaixo do seu, duro, e o tesão salta pela minha intimidade, me deixando molhada, derretida ao ponto de sucumbir ao desejo.

Agarro seus cabelos, puxando seu rosto ainda mais, como se fosse possível fundir nossas bocas. Tom afasta os lábios, puxando o ar, me deixando respirar, e ouço sua respiração ofegante, mas antes que eu consiga recuperar todo o ar, seus lábios pressionam os meus novamente. Suas mãos agarram minha cintura, e sua boca se desgruda da minha, beijando meu queixo. Inclino a cabeça para cima, permitindo que ele beije meu pescoço. Tom começa a descer com os lábios, devagar, beijando cada pedaço da minha pele. Sinto sua respiração quente, me arrepiando em cada beijo, e ele beija o meu ombro direito, passando a língua. Sorrio, excitada, e fecho os olhos, me deixando levar pelas sensações prazerosas que só ele sabe me dar.

Suas mãos agarram os meus seios, apertando-os sem força, e sua boca explora o meu corpo, beijando meu braço direito. A cada beijo, ele desce cada vez mais, beijando meu antebraço. Abro

os olhos, abaixando a cabeça, e observo a sua exploração. Tom sobe novamente para o meu ombro, descendo para o meio dos meus seios. Arquejo, vendo seu rosto esculpido no meio dos meus seios, beijando com seus lábios quentes, enlouquecedores. Tom levanta a cabeça, me fitando, e seus olhos azuis escuros são ferozes.

—Quero marcar cada parte do seu corpo. Estou reivindicando tudo para mim, Alice — ele sussurra sedutor, com sua voz rouca — quero sentir que você me pertence, inteira.

Mordo o lábio, levada pelo prazer, e assinto. Tom beija novamente o meio dos meus seios, e seus polegares fazem círculos ao redor dos meus mamilos, deixando-os ainda mais rijos. Gemo de prazer, me contraindo embaixo do seu corpo, sentindo seu membro encostar nas minhas pernas. Ele desliza o corpo ainda mais para baixo do meu, e vejo seu rosto se aproximar do meu seio esquerdo.

Sua língua, quente, faz a subida pela minha pele, contornando cada volta dele, até chegar no meu mamilo, saboreando a pele ao redor. Gemo, enlouquecida pela visão de vê-lo e por senti-lo. Me sinto derreter ainda mais, subindo pelas paredes internas, com um desejo de senti-lo por dentro.

—Tom — tento pedir para ele transar comigo, mas no mesmo instante, ele fecha os lábios quentes ao redor do meu mamilo, sugando-o para dentro da sua boca. Sua língua passeia ao redor do mamilo, e eu gemo alto, jogando a cabeça para trás. Meu corpo inteiro se contrai de prazer, e sinto meus seios se esquentarem cada vez mais. Coloco os braços para cima, entregando todo o meu corpo para Tom, permitindo que ele explore com sua língua, seu instrumento de sexo. Tom solta meu mamilo, e o lambe lentamente, levantando os olhos para me encarar. Tom sorri sedutor, com o mamilo entre seus lábios abertos.

—Você tem um gosto maravilhoso — ele sussurra, e o suga novamente. Não controlo minha voz, que entrega o meu prazer com um gemido profundo. Contraio as coxas, necessitando que ele me toque, e Tom me encara novamente, sério, percebendo meu movimento. Seus olhos azuis escuros se cravam em mim, e sua outra mão, que apertava meu seio direito, desce lentamente pela minha barriga, roçando os dedos. Arfo, ansiosa, sentindo a ansiedade e prazer me embriagar, ciente de que ele irá atender meu pedido. Sua mão desliza pelo meu ventre, pressionando meu monte vênus. Seus dedos abrem meus grandes lábios, e toca meu clitóris. Me contraio no mesmo instante, sentindo meu tesão chegar ao auge, e abro a boca, ofegante. Seus dedos começam a fazer movimentos circulares no meu clitóris, e Tom abocanha meu seio novamente, me devorando inteira. Seus lábios se fecham com força no meu mamilo, causando

uma leve ardência, e tento permanecer fitando-o, sentindo meu corpo queimar. Derreto em sua mão, sentindo uma queimação subir pelo meu ventre. Tom coloca os dentes no meu mamilo, e o morde sem força, me encarando.

—Tom, mais — gemendo, perdida na visão de vê-lo, e ele volta a sugá-lo, continuando com movimentos circulares na minha intimidade. Sua boca se afasta do meu mamilo, deixando a respiração quente bater e arrepia-lo mais. Sua barba rala roça na minha pele, e ele desce até a minha costela, mordendo-a levemente na curva da minha barriga.Mexo os braços, balançando a cabeça, sem parar de olhá-lo, e Tom tira os dedos de mim, me deixando desesperada de tesão pela ausência — continue — murmuro, pedindo mais, e Tom beija o meu umbigo, lambendo-o ao redor. Cerro os dentes, gemendo, e Tom levanta a cabeça, me encarando. Seus olhos ferozes, azuis profundos,

estão fixos em mim, e sua expressão sedutora me deixa ainda mais à sua mercê.

—Eu vou continuar, minha Alice, mas com a minha língua — ele sussurra maliciosamente, sorrindo torto. Respiro fundo, sem conseguir suportar a excitação de ouvi-lo, de ouvir sua voz rouca, e Tom volta a beijar minha barriga, descendo pelo meu ventre. Seus lábios encostam no meu monte vênus, e abro minhas pernas, ansiosa para sentir sua língua molhada e quente, deliciada com a sensação de estar aqui com ele. Tom passa a língua por ele, e ofego, sem conseguir respirar direito. Meu coração acelerado bate no meu peito como marteladas, e levanto um pouco meu tronco, sustentando-me com os braços flexionados em cada lado, apoiados no puff. Tom coloca os joelhos no chão, e agarra minhas coxas. Fito inebriada ele, no meio das minhas pernas, com os lábios no meu monte vênus, e então ele o morde levemente,

passando os deles. Gemo, sorrindo, entregue ao prazer, esquecendo de qualquer receio ou problema, possuída pelo meu lado escuro que anseia por mais.

Tom desliza a língua pelo monte vênus, e chega aos grandes lábios, abrindo-os com a língua quente, encostando a ponta no meu clitóris. Contraio as pernas, em um impulso, sem conseguir controlar, e Tom as agarra firme, deixando-as imóveis em cada lado da sua cabeça.

Ainda apoiada pelos cotovelos, jogo a cabeça para trás, fechando os olhos, e gemo entorpecida, sentindo sua língua explorar minha intimidade, circular meu clitóris com paciência, como se quisesse memorizar cada parte. Me derreto nos seus lábios, deixando-os ainda mais molhados, e Tom suga meus grandes lábios. Me sinto devastada de prazer, desejando seu membro dentro de mim. Jogo minhas costas no puff, sem aguentar

mais, e Tom continua a contornar meu clitóris com sua língua, em movimentos circulares, lentos. Começo a sentir o formigamento no meu ventre, subindo como um arrepio pela espinha, se irradiando em uma queimação que faz meu corpo inteiro se contrair. Gemo profundo, anunciando que estou perto do orgasmo. Começo a sentir meu corpo sair de orbita, meu cérebro se desligar, me abandonando, me levando para um mundo de esquecimento, onde as sensações se tornam ainda mais intensas. Estou sentindo ondas de sensações inebriantes, um gozo que me entorpece e sobe da língua de Tom até o meu ventre, se irradiando. Entro em êxtase, me derretendo em sua língua, e sinto os lábios de Tom se fecharem, me sugando. Gemo seu nome, enlouquecida, e no mesmo instante, Tom afasta a boca do meio das minhas pernas. Abro os olhos, arregalando-os, e olho para baixo. Tom se levanta no meio das minhas pernas,

nu, com seu membro ereto, reluzente com a própria lubrificação de estar em tesão, e abro ainda mais as pernas, flexionando-as mais, extasiada com a visão, sentindo meu êxtase interrompido e intensificado ao ver Tom parado no meio das minhas pernas, seu corpo retesado, definido, exalando sexo, com os olhos embevecidos de prazer e a expressão selvagem.

—Não quero perder o seu orgasmo — ele sussurra sedutor, rouco, e mordo o lábio, inclinando meu ventre para cima, implorando que ele volte. Tom permanece sério, feroz, como um animal pronto para abater sua presa. Ele apoia um joelho no puff e se inclina na minha direção, colocando um braço ao lado do meu corpo se apoiando. Sua outra mão agarra a base do seu membro grosso, ereto, me deixando ainda mais devastada com a visão, e o guia até os meus grandes lábios, passando a cabeça pela minha própria lubrificação.

PERIGOSAS NACIONAIS

Abro a boca, respirando fundo, e Tom o coloca lentamente, sem me penetrar realmente. Ele apoia o outro joelho, colocando o outro braço ao lado do meu corpo, e os flexiona, aproximando seu peito quente até encostar nos meus mamilos. Sinto todo o ambiente quente, abafado, queimando o ar com seu fogo, e sua pele é fervente em contato com a minha. Ele domina o meu fogo, o meu sexo. Tom é sexo puro, é o meu mundo do sexo.

Meus olhos são tragados pelos seus, penetrantes, e Tom empurra o corpo para frente, me penetrando lentamente, abrindo espaço para o seu membro, inteiro. Abro a boca, gemendo, sentindo ele me preencher por completo, me mostrando o quanto estou derretida por ele. Ouço seu gemido rouco, me deixando arrepiada. Seus braços se retesam ainda mais em cada lado do meu corpo, e ele empurra o corpo para trás, saindo de mim.

PERIGOSAS ACHERON

Gemo, sentindo sua pele atritar com minha intimidade, e Tom, ainda sério, estreita os braços em cada lado da minha cabeça. Ouço sua respiração ofegante, acompanhada da minha, e Tom me penetra novamente, me arrepiando. Ouço seu gemido no meu ouvido, sussurrando meu nome, me dando ainda mais prazer, e gemo junto, agarrando seu rosto pelo queixo e puxando-o até estar na frente do meu rosto. Cravo meus olhos nos seus, inundados de prazer, e Tom começa a estocar devagar, em um vai e vem forte, prazeroso, me queimando a cada estocada.

—Tom — gemo, sentindo me derreter ainda mais, segurando seu rosto com força, fitando sua expressão de prazer, e meu lado escuro sussurra para mim, que o prazer que ele sente é graças à mim, me deixando ainda mais mergulhada no gozo, mas antes que eu atinja novamente o orgasmo, Tom sai inteiro de mim. Abro a boca, sem fôlego, sem

conseguir falar, sentindo sua ausência quente. Ele respira alto, ofegante, e para novamente de pé na minha frente. Seus olhos descem pelo meu corpo, e voltam a fitar meu rosto, de forma selvagem, dominadora.

—Quero que fique de quatro, Alice — ele sussurra autoritário, e meu lado escuro, imperando em mim, obedece. Sinto minhas pernas fracas de prazer, mas me ajoelho na sua frente, fitando-o enlevada.

Sinto minhas pernas fracas de prazer, e me viro, apoiando os joelhos e cotovelos no puffy, virando a cabeça para o lado, tentando vê-lo. Vejo Tom se aproximar, e sinto suas mãos quentes acariciarem minha lombar, descendo para a minha bunda. Ele sorri, mordendo o lábio inferior, e me encara. No mesmo segundo, percebo ele levantar a mão e dar um tapa na minha bunda. Pulo no puff, surpresa, sentindo sua palma acariciar o lugar do

tapa.

—Está gostando? — ele pergunta, apertando minha bunda. Mordo o lábio, assentindo, sentindo ainda mais prazer. Tom acaricia novamente minha bunda, e dá um tapa ainda mais forte, fazendo um estalo alto. Mexo meu quadril, ainda não sentindo dor, apenas uma leve ardência. Tom agarra minha bunda com as duas mãos e se aproxima. Uma das mãos sobe pelas minhas costas, roçando os dedos — um dia, ainda terá uma tatuagem aqui — ele sussurra, e meu corpo se arrepia inteiro ao pensar novamente em Pandora, no convite, em Anya. Fecho os olhos por alguns segundos, me concentrando em seus dedos, que sobem cada vez mais, me deixando desesperada de excitação. Ele enrosca os dedos no meu cabelo, puxando para trás. Jogo a cabeça para trás, ainda sustentada pelos joelhos e cotovelos, e Tom puxa meu cabelo, roçando o membro na minha bunda —

como eu a quero — ele sussurra para si mesmo, mas consigo ouvir sua voz rouca, profunda. Mexo o quadril, ansiando por ele, e Tom solta o meu quadril, segurando seu membro, e me penetra com força, me empurrando para frente. Gemo, ouvindo o seu gemido rouco, e sua mão puxa para trás minha cabeça ainda mais.

Tom começa a estocar com força, segurando meu quadril com a mão, me mantendo firme. Ouço seus gemidos altos, junto com os meus, e agarro o puff, me sentindo sem forças, devastada de prazer por senti-lo. O prazer se intensifica, me fazendo vagar pelo abismo de gozo. Abaixo meu corpo, encostando os seios no puff, sem forças, sentindo ondas de prazer me queimar. Começo a sentir novamente a queimação se alastrar pelo meu corpo, e gemo alto, entrando em êxtase. Atinjo o orgasmo, delirando, enquanto Tom continua a estocar cada vez mais rápido, com força.

Mordo o lábio, me sentindo derreter por completo nele, perdendo qualquer lucidez. Continuo no orgasmo sublime, sentindo espasmos por todo o corpo, o suor deslizando pela minha pele e meu coração em um compasso frenético. Respiro fundo, tentando recuperar o fôlego, e ouço o gemido enlouquecido de Tom. Ele puxa ainda mais meu cabelo, cravando os dedos na minha pele, e atinge o orgasmo também, estocando forte e devagar. O sinto me preencher, me arrepiando e fazendo eu permanecer extasiada também.

—Alice — ele geme rouco meu nome, se inclinando sobre as minhas costas, beijando o alto da minha cabeça, ofegante. Tom solta meu cabelo, saindo de mim, e eu me sento no puffy, ainda extasiada. Percorro os olhos pelo chão, e vejo a câmera. Meu lado escuro queima ao implantar a ideia na minha mente, e no mesmo instante, pego a câmera e a foco em Tom, ainda com os olhos

banhados de prazer. Ele me encara sem entender, ainda longe do raciocínio, e aperto o botão, disparando um flash e registrando sua expressão de pós-sexo. Sorrio.

—Essa foto eu quero ter — falo devassa, colocando a câmera no mesmo lugar — quero ter registrado o modo como fica, depois que transa comigo.

Tom respira fundo, me encarando incrédulo, e percebo que nunca aconteceu isso com ele. Ele nunca se deixou fotografar.

—Não posso? — pergunto, deixando o sorriso desvanecer do meu rosto. Tom retesa a mandíbula, e me levanto, nua, parando na sua frente. Ele respira fundo, e assente.

—Pode, Alice — diz calmo, piscando lentamente — você pode ter o que quiser meu — diz rendido, dando um passo na minha direção e colocando uma mão na minha bochecha. Sua

expressão é calma — você está aqui, não está? — pergunta retoricamente. Sorrio, assentindo.

—Então me mostre o seu quarto exclusivo — digo, me referindo ao quarto que apenas ele entrou — quero deitar na sua cama e deixar meu perfume — meu lado escuro marca presença.

Tom ri, negando com a cabeça.

—Você não precisa deixar nada, se já está aqui — ele sussurra, se afastando. Tom estende a mão, e coloco a minha sobre a sua, sentindo-a se fechar ao redor da minha. Tom me puxa, e acelero o passo, me sentindo satisfeita comigo mesma, por não ter deixado minha mente me auto-sabotar. Tom me guia, contornado o corrimão branco das escadas, e começa a subir. Subo em seguida, fitando o topo das escadas. Um corredor se estende, fazendo uma curva, com uma porta de frente para as escadas. Um grande espelho está na parede, percorrendo todo o corredor. Levanto as

sobrancelhas, surpresa. Eu não deveria me surpreender, e sim imaginar que se é o apartamento do Tom, certamente teria espelhos. Tom me puxa, passando pela porta, e vira o corredor. Mais quatro portas estão fechadas, e uma quinta porta, de frente para nós, está entreaberta. Meu lado escuro sabe qual é a do quarto.

Tom caminha devagar, ao meu lado, e caminhando encarando ele. Percebo sua apreensão.

—Está com medo do que? — pergunto com um sorriso, e Tom me olha de canto.

—De que você volte a falar sobre minhas manias — ele admite, e começo a rir. Desvio os olhos, fitando meus pés descalços no piso branco. Paro em frente a porta, e Tom a abre totalmente, revelado um quarto com paredes brancas, com uma sacada fechada com cortinas brancas, grossas, com uma outra fazendo sobreposição de pano, fina e preta. Sua cama, com lençóis pretos, está em frente

a porta, de lado, com a cabeceira, também forrada, preta, encostada na parede. Dois criados-mudo, pretos, estão em cada lado da cama, com relógio digital e abajur branco. Um grande espelho está na parede oposta a da porta, do teto ao chão, com a largura da cama. A porta do closet está ao lado. Uma curva, deixando o quarto ainda mais espaço, segue até a grande sacada, com um tapete preto se estendendo sobre o piso branco. Uma pequena mesa, quadrada, preta, está perto da sacada, com uma grande cadeira estofada e um notebook fechado. Um outro espelho, do teto ao chão está na parede oposta da cama, refletindo todo o quarto. Ao lado direito do espelho, está a porta do banheiro.

Entro no quarto, percorrendo tudo com os olhos, vendo seus porta-retratos pretos, com fotos dele, de Diego e de Dário.

—Você realmente leva ao extremo sua mania por espelhos — falo um pouco assombrada,

tentando me acostumar com os dois imensos espelhos. Tom permanece imóvel ao meu lado, retesando a mandíbula, e percebo que está incomodado. Sorrio, e fecho a porta. Tom relaxa ao meu lado, com os olhos fixos em mim, e decido mostrar que não me incomodo com isso. Me afasto dele e deito na cama, de barriga para cima, abrindo os braços, sentindo o travesseiro, de fronha preta, macio embaixo da minha cabeça. Tom inclina levemente a cabeça para o lado, me fitando fascinado — agora seu quarto está completo — falo sorrindo, e Tom passa a mão na barba rala, negando com a cabeça.

—Ficará completo quando eu colocar uma das suas fotos aqui — ele diz sério, caminhando na direção da cama. Me sento, deslizando as pernas para o lado, e deixo Tom se sentar ao meu lado — posso me deitar com você, ou prefere se apossar de vez do meu quarto e me mandar dormir no quarto

ao lado? — ele pergunta maliciosamente, e rio, me sentando também. Pego um dos travesseiros e bato no seu peito nu, definido.

—Não seria excitante sem você aqui — respondo, e Tom agarra o travesseiro, jogando-o para o lado. Se inclina na minha direção, colocando uma mão no meu rosto.

—Nunca imaginei você aqui — ele sussurra, aproximando o rosto e levantando uma sobrancelha. Sua voz rouca preenche o quarto e sua expressão é de urgência — isso era tão pessoal, tão meu, mas agora me sinto satisfeito por estar aqui com você.

—E todos os outros lugares que você me levou, não eram tão seus? — pergunto séria, levantando as sobrancelhas. Coloco minha mão sobre a sua. Tom nega com a cabeça.

—Não dessa forma tão única — ele responde sério — eu criei este lugar como uma

forma de me desligar, e apenas três pessoas entraram aqui até hoje — ele sorri torto — quatro com você.

—Então se acostume comigo aqui — sussurro, virando o rosto e beijando sua mão. Tom observa o ato, deliciado, e retesa levemente a mandíbula, sorrindo.

—Talvez você devesse ficar aqui comigo e sair daquele apartamento — ele sugere. Olho incrédula para ele, arregalando os olhos e franzindo a testa.

—Não, Tom — falo irredutível, mas calma — gosto do meu apartamento, e acho melhor irmos devagar.

—Mas estamos indo devagar — ele me contradiz, se aproximando de mais de mim. Sua outra mão segura meu quadril, enquanto eu estou com as pernas flexionadas para o meu lado direito. Rio, negando com a cabeça, e sua mão volta para o

meu rosto.

—Não, o seu devagar é muito rápido — o corrijo, e vejo ele abaixar a cabeça, começando a sorrir.

—Mas se você já está aqui, e não pretende se afastar de mim — ele murmura, levantando a cabeça e fixando os olhos azuis escuros, suplicantes, em mim. Sorrio, sentindo meu coração retumbar nos meus ouvidos e um suor frio começar a surgir. Adoraria ficar com ele em tempo integral, mas se nem anunciamos que voltamos, não posso apressar desse modo. Estamos juntos de novo ao que, uma semana? Não posso ceder todas as suas vontades, porque Tom é apressado demais, é intenso demais.

—Mas não significa que eu deva morar com você, Tom. Não agora — respondo calma, colocando a mão no seu rosto — eu prefiro ir devagar — Tom assente, tirando as mãos de mim e

deitando na cama, com os braços cruzados atrás da cabeça. Olho para ele, sentada ao seu lado — e aquela humilde casa, fará o que com ela? — pergunto, me deitando de lado ao seu lado, e flexionando o braço para sustentar minha cabeça. Tom me olha um pouco confuso.

—Não farei nada com ela — ele explica — é da minha família, e talvez eu me canse daqui e volte para lá novamente.

—Fácil assim? — pergunto incrédula, e Tom ri, se levantando da cama rapidamente. Observo ele caminhar para o banheiro e me arrasto para fora da cama também — é, simples assim, com Tom — murmuro para mim mesma. Tom entra no banheiro, e eu paro no meio do quarto, sentindo meu lado escuro pular de euforia por eu estar aqui, no apartamento do Tom, por eu ter enfrentado meu medo de exposição, e no mesmo instante, foco meus olhos no espelho, fitando meu

reflexo nu. Observo atentamente meu corpo, descendo os olhos para os meus seios, minha barriga, minhas coxas, começando a me sentir confortável, fascinada comigo mesma, com a mulher que estou me tornando. Meu lado escuro se fixa dentro de mim um pouco mais, me comandando cada vez mais.

—Vai ficar parada aí ou vai estrear minha banheira comigo? — Tom pergunta, parado na porta do banheiro, nu, com o braço apoiado na parede. Meus olhos descem pelo seu corpo, e respiro fundo, sentindo um calor subir novamente pelo meu corpo.

É eu quero ver sua banheira. Tom vira de costas para mim, entrando no banheiro. O sigo, passando pela porta, observando um banheiro branco, com a pia de mármore branca, e um outro grande espelho em toda a parede, acima da pia. A pia e o vaso sanitário são brancos, contratando com

a banheira oval, grande, preta. Duas toalhas pretas estão penduradas, e Tom passa pelo boxe transparente, de vidro, que separa a banheira do resto do banheiro, entrando nela, já com água.

—Você deixou tudo preparado? — pergunto assombrada, e Tom senta na banheira, deixando a água formar ondas ao redor.

—Eu disse que tinha deixado, não acreditou? — ele pergunta sorrindo levemente, e estende o braço na minha direção, sentado de frente para mim — entre comigo, Alice — sussurra sedutor, com o sorriso devasso, e me sinto arder no fogo novamente, com o tesão ressurgindo para me deixar ainda mais derretida por ele. Caminho até a banheira, colocando o pé na água morna, e entro, sentando no meio das suas pernas. Tom abraça meu corpo por cima dos meus braços, e apoio minhas costas no lado esquerdo do seu peito, virando o rosto para o lado, fitando-o.

—Vamos dormir aqui hoje? — pergunto para confirmar, e Tom assente, mordendo levemente meu ombro.

—Sempre que você quiser — ele sussurra rouco, e seus olhos azuis escuros são ferozes em mim. Sei que ainda não o saciei, e ele já está excitado novamente, demonstrando isso com sua ereção se avolumando na minha lombar, me excitando também. Quero estar novamente no seu fogo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Caminho apressada pelo corredor, ouvindo meus saltos pretos ressoarem pelo piso.

Dormimos no seu apartamento, e assim que amanheceu, Tom me levou de volta para o meu apartamento, para eu me arrumar e ir para a faculdade, enquanto ele foi praticar seus exercícios matinais e ir para a empresa. E na faculdade, esconder de Dana se tornou cada vez mais difícil, já que ela insistiu em saber onde eu estava ontem a noite. Ela passou no meu apartamento, tentou me ligar, mas eu simplesmente esqueci do mundo ao redor. Tentei arranjar uma desculpa, sabendo que ela provavelmente desconfiou, mas ainda não estou me sentindo pronta para contar novamente para todos.

Dana também me contou que Tom

PERIGOSAS ACHERON

confirmou com Carlos que iria para o seu aniversário, e tentou analisar minha expressão, mas consegui fingir uma boa cara de surpresa.

E então meu lado escuro acordou, convidando Dana para uma festa que eu soube que iria ter em uma boate, na quarta-feira. Dana quis saber dos detalhes, mas me limitei dizendo que sabia apenas que Dário estaria dando a festa, um amigo de Tom, que não conhecia direito. Na verdade, não o conhecia, porque meu esbarrão com ele não se pode considerar conhecer. Dana novamente tentou tirar algo, perguntando se eu sabia se Tom iria, e confessei que sim, que talvez lá eu pudesse conversar com ele. Dana aceitou, insistindo que eu contasse tudo o que poderia acontecer. Concordei com tudo, anotando mentalmente que eu preciso ver minha conta bancária e ter uma ideia de quanto eu poderei gastar. É, graças ao pequeno cachê das fotos de Ed.

E além de tudo, hoje terei mais um encontro com Augustine, para negociarmos o contrato. Preciso pedir para Tom, para eu sair mais cedo do trabalho, para poder ir na filial de Augustine.

Sorrio, virando o corredor, e vejo ao fundo as mesas de Ana e Mônica. Suas mesas e suas línguas.

Caminho apressada, respirando fundo, e assim que passo por elas, ambas me dão bom dia. Murmuro o mesmo de volta, e sento na minha mesa, ligando o notebook.

—Ali, está tudo bem? Você parece um pouco ansiosa — Ana pergunta, e levanto a cabeça, olhando para ela. É, estou ansiosa porque Tom não irá gostar que eu vá negociar um contrato que irá me expor ainda mais.

—Está — murmuro — só estou pensando em alguns assuntos, mas nada importante.

—Qualquer problema, é só falar — Ana

diz prestativa, e assinto. Ouço o barulho de uma porta abrindo, e meus olhos são guiados para a porta da sala de Tom. Percebo que Ana também levanta a cabeça, e crava os olhos em Tom, como Ana.

Tom sai da sala, elegante, caminhando charmoso como só ele sabe fazer, e abro a boca. Meu lado escuro me lembra de que eu estive com ele, nu, sem toda essa roupa, ainda na noite passada.

Seus olhos azuis escuros se fixam em mim por alguns segundos, e ele ajeita a gravata, afrouxando-a um pouco. Respirando fundo, sentindo tesão ao vê-lo fazer isso, mas preciso me acalmar. Tom passa pela minha mesa, e para em frente à de Ana.

—Preciso que desmarque a reunião de hoje — ordena autoritário, e Ana anota um telefone, assentindo. Desvio os olhos para Mônica,

vendo-a devorar o meu Sr. Haltender com os olhos. Preciso parar de observar, porque senão me levantarei e irei agarrar Tom na sua frente. E este caminha novamente para a sala.

—Sr. Haltender — o chamo, antes que feche a porta, e Tom para, segurando a maçaneta — preciso pedir algo para o Sr — murmuro sem graça, sentindo os olhos das duas secretárias me fuzilarem.

—Me acompanhe, Alice — Tom fala sério, entrando na sala, e me levantando. Olho rapidamente para Ana, que me encara curiosa, mas apenas sorrio amarelo, entrando na sala atrás dele. Fecho a porta, fitando as costas de Tom. Ele caminha até a mesa, e se vira de frente para mim, encostando a lombar na mesa — o que gostaria, minha Alice? — ele pergunta sedutor, sorrindo torto. Me derreto ao vê-lo assim, e me lembro de como usamos essa sala para algo mais. É,

realmente, toda vez que eu entrar, vou me lembrar do meu sexo quente com Tom.

—Acho essa sala nada profissional — murmuro com um sorriso devasso, caminhando até ele. Tom ri, olhando para baixo, e afrouxa a gravata.

—Você a tornou assim — ele responde, voltando a me fitar — o que precisa falar comigo, que não falou durante a noite?

É, na verdade durante a noite estive tão ocupada que não me lembrei.

—Sabe que durante a noite tenho lapsos de memória — falo sorrio, parando na sua frente. Tom coloca as mãos no meu quadril, encostando seu volume no meu ventre. Coloco as mãos na sua gravata, puxando-a, encarando seu rosto feroz, seus olhos penetrantes — mas preciso pedir para sair mais cedo hoje — falo calma, sorrindo. Vejo seu rosto se tornar mais tenso, e ele levanta uma

sobrancelha.

—Por que? — sua voz rouca é autoritária, e tento me manter calma. Meu lado escuro sussurra que Tom não tem o por quê interferir, muito menos direito de me proibir.

—Porque tenho uma reunião com Augustine — respondo sincera, vendo sua expressão se transformar em fúria. Tom explode.

—Por que você tem que ir? — ele pergunta bravo, e sua voz é sombria. Suas mãos agarram ainda mais meu quadril, me prendendo, e Tom franze a testa, levantando uma sobrancelha — e se eu não permitir sua saída?

—Então remarcarei com ele — respondo ainda calma, vendo-o tentar se controlar. Ele respira fundo, retesando a mandíbula, e vira o rosto, fitando a grande janela envidraçada.

—Você realmente quer isso? — ele pergunta sombrio, autoritário.

—Você sabe que sim, Tom. Gostei desse trabalho, e Augustine surgiu com uma proposta que quero aceitar. Não é um problema, não vai interferir em nós — garanto, e Tom me encara.

—Não me esconda nada, em relação à isso — ele pede e percebo um tom de preocupação na sua voz.

—Não vou esconder — sussurro, sendo sincera. Não tenho motivos para esconder.

Tom respira fundo, assentindo.

—Então vá — ele murmura, e sorrio.

—Muito obrigada — sussurro, e antes que eu me afaste, ele solta meu quadril e agarra meu rosto, puxando-o para perto do dele. Seus lábios colam nos meus, e os abro, permitindo sua língua invadir minha boca, apressada, molhada e quente. Sinto sua língua encontrar com a minha, em um beijo profundo, roubando meu ar, enquanto sinto sua ereção sob a calça. Desço com a mão até o

volume, e o aperto. Tom geme roucamente contra os meus lábios, e me afasto, saindo das suas mãos. Ele me olha com luxúria, e sorrio — de noite recompenso você — sussurro maliciosamente, e me viro de costas, caminhando para a porta, rebolando propositalmente meu quadril. Ouço o rosnado de desejo de Tom, e olho para trás, vendo-o com os olhos intensos em mim.

—Não quero pouca recompensa — ele avisa, levantando uma sobrancelha. Rio, e abro a porta, deixando meu sorriso sumir. Saio da sua sala, sentindo os olhos de Ana novamente em mim.

—Tudo certo? — ela pergunta, levantando as sobrancelhas. Assinto, séria.

—Sim, só pedi para ser liberada mais cedo, tenho alguns compromissos — falo calma, tentando acalmar meu lado escuro. Sento em frente à minha mesa, voltando a atenção para o trabalho, ansiosa para conversar com Augustine, e começo a

contar os minutos.

Talvez por eu ter contado os minutos, a tarde se arrastou lenta, sem mais nenhum vislumbre de Tom, mas graças a isso, Ana e Mônica ficaram focadas no trabalho, sem comentários maliciosos. E assim que o horário que eu precisava sair chegou, organizei minha mesa, e me despedi de Ana e Mônica, indo para o meu apartamento.

Agora, fitando meu reflexo no espelho, me sinto satisfeita com a roupa que escolhi. Uma blusa branca, de mangas, solta, cobre o cós da calça jeans escura, com o cós alto, e coloco brincos brancos. Minha maquiagem está suave, e coloco os saltos, não tão altos, brancos. Pego o meu celular, e vejo uma mensagem de Tom.

Ainda está em casa?

Sorrio, satisfeita por estarmos bem, e respondo.

Estou saindo agora. Aviso você quando

eu voltar.

Envio. Disco para o número do taxista, e peço para ele passar no meu endereço. Encaro meu reflexo novamente, e saio do quarto, pegando minha bolsa. Passo pela sala e saio do apartamento, trancando a porta. Desço pelo elevador e espero mais dois minutos o táxi na frente do prédio. Assim que ele para, abro a porta, entrando no banco de trás, e indico o endereço que Augustine me passou.

Dez minutos se passam, e o taxista estaciona em frente à um grande prédio espelhado, com tons de cinza. Pago o táxi e saio, consultando a hora no celular. Estou pontual. Entro no prédio, observando os andares, e pelo que Augustine me informou, ele está me esperando no seu escritório, no décimo quinto andar. Entro no elevador, apertando o botão, e lentamente ele sobe pelos andares, mostrando cada andar passado. Meu coração está acelerado por eu estar enfrentando

mais essa proposta, por eu estar fugindo da minha zona de conforto. Um suor frio surge nas minhas mãos, e tento permanecer calma. As portas se abrem, revelando um corredor todo branco, com duas portas de vidro. Caminho por ele, e abro uma das portas, vendo uma secretária loira sorrir para mim.

—Eu tenho um horário com Augustine — falo, sorrindo um pouco, e secretária assente.

—Um momento — ela diz, discando um número — Sr. Vival, a modelo que estava esperando chegou — uma pausa, e a secretária sorri para mim, desligando o telefone. Ela se levanta, caminhando até uma porta marrom, escura, e a abre, estendendo o braço para dentro — o Sr. Vival está esperando por você.

—Obrigada — murmuro sorridente, e passo por ela, entrando na sala de Augustine. Sua sala é grande, com uma mesa de madeira escura, de

frente para a porta, longe, perto da parede oposta. Sua cadeira é grande, preta, forrada, e fotos estão dispostas pela mesa. Quadros de modelos estão nas paredes bege, com detalhes no rodapé de marrom. Três poltronas marrons estão ao redor de uma mesa arredondada, no lado esquerdo da sala, em frente à uma grande janela com cortinas pesadas, escuras. Augustine se levanta, abrindo os braços, enquanto a porta é fechada atrás de mim. Ele caminha na minha direção.

—Alice — ele fala empolgado. Caminho até ele, cumprimentando — que prazer vê-la.

—Augustine — o chamo pelo primeiro nome, sem me importar muito — o prazer é meu — murmuro.

—Sente-se — ele diz, indicando uma cadeira marrom, de frente para a sua mesa. Me sento, observando ele contornar a mesa novamente e se sentar. Coloco a bolsa no meu colo, ansiosa.

Fito ele, curiosa por vê-lo observar o relógio — vamos aguardar um momento — ele diz sorrindo. Franzo a testa, ainda mais curiosa.

—Como assim? — pergunto educadamente, e Augustine sorri ainda mais.

—Acho que ele não avisou — ele começa a falar, mas o telefone da sua mesa toca, interrompendo-o. Ele levanta a mão, pedindo para eu aguardar, e atende — fale. Sim, sim, peça para ele entrar, que estamos aguardando-o, já que eles não vieram juntos.

Franzo a testa, sem entender, e meu lado escuro dá um palpite, mas prefiro não pensar nisso. Não, não pode ser, ele não faria isso. Ouço a porta abrindo atrás de mim, e ainda sentada, olho para trás, séria.

—Aí está seu namorado, não é? — ouço a voz de Augustine confirmando a suspeita do meu lado escuro.

Tom entra pela porta, vestindo uma camisa social azul marinho, aberta no colarinho, uma calça jeans escura, e os cabelos arrumados. Sua expressão é feroz, como se ele estivesse ansioso. Abro a boca, incrédula, e meu lado escuro ri da minha cara, dizendo que acertou.

Seus olhos azuis escuros se encontram com os meus, e eu o fuzilo com o olhar, mas os seus permanecem calmos, sedutores, como se estivesse consciente de que eu ficaria brava mas não se preocupou. Ele entra na sala, deixando a porta ser fechada, e sorri torto, sedutor, com os olhos fixos em mim.

ALICE

Tom caminha firme em minha direção, percebendo que estou sem reação. Abro a boca, sem acreditar que ele teve o atrevimento de vir na minha reunião com Augustine.

—Alice — Tom fala com sua voz rouca, sorrindo torto, parando na minha frente, olhando para mim. Seus olhos azuis escuros são tranquilos,

como se não se importasse com a minha expressão furiosa. Permaneço com a boca aberta por alguns segundos, e então me lembro que Augustine está nos observando. Fecho a boca, e olho para Augustine.

—O senhor poderia nos dar um momento, por favor? — pergunto séria, e Augustine levanta as sobrancelhas, confuso, assentindo. Me levanto, sentindo os olhos de Augustine curiosos em nós. Tom sorri ainda mais, franzindo levemente a testa ao me ver levantar. Caminho na sua direção, parando na sua frente — podemos conversar? — sussurro, arqueando as sobrancelhas. Tom olha para trás de mim, fitando Augustine, e assente. Seus olhos azuis escuros se focam em mim novamente.

—Por que? — pergunta maliciosamente, já sabendo o assunto. O fuzilo com os olhos, furiosa, e meu lado escuro está incendiado por ele

ter vindo à minha reunião, cancelando todas as suas.

—Porque você está novamente invadindo meu espaço — murmuro, e coloco uma mão no braço de Tom, sentindo seus músculos sob a camisa social azul marinho. A expressão de Tom se torna séria, e ele caminha ao meu lado, até o canto oposto da sala, distante de Augustine. Paro na sua frente, fuzilando-o — o que você está fazendo aqui, Tom? — pergunto ríspida, franzindo a testa.

Tom passa a mão sobre a boca, sério, e levanta uma sobrancelha.

—Você acha que eu deixaria você ir em uma reunião que discutirá o quanto você, que é minha, será exposta? Alice — Tom fala sério, autoritário — posso aceitar que no momento você não quer assumir que estamos juntos, mas não me peça para ficar quieto quando o assunto for deixar você à mostra de todos — Tom sussurra

roucamente, pegando carinhosamente meu pulso. O puxo, ainda com a expressão brava.

—Mas isso não significa que irá me perder, Tom. Eu sou madura o suficiente para resolver os meus assuntos sem você ficar com medo, e principalmente, sem você decidi-los por mim. Eu ficar a mostra ou não, não irá interferir em nós — sussurro, começando a controlar minha raiva. Respiro fundo, fechando os olhos por alguns segundos.

—Alice — Tom parece pedir, chamando meu nome. Sua voz rouca me arrepia, e eu abro os olhos — me deixe fazer parte ao menos disso.

—Eu sempre deixo você fazer parte de tudo, Tom, e mesmo assim, você se torna possessivo — respondo séria.

—Apenas me deixe — ele pede novamente, com um sussurro, pressionando os dedos na pele do meu pulso. Sinto sua pele quente

em contato com a minha, me esquentando, e meu lado escuro se acalma. Mordo o lábio, decidindo.

—Você pode participar da reunião, Tom, mas apenas ouvirá. Eu decidirei tudo com Augustine — respondo séria, e Tom sorri satisfeito.

—Você será recompensada — ele sussurra sedutor, com sua voz rouca. Rio levemente, negando com a cabeça.

—A recompensa terá que ser inesquecível — sussurro, e me viro de frente para Augustine. Tom dá um passo, parando ao meu lado, e se inclina no meu ouvido.

—E quando não foi? — pergunta retoricamente, caminhando até a mesa, se afastando de mim. Sorrio, observando Tom caminhar elegantemente até a mesa de Augustine. Esse se levanta, cumprimentando-o. Caminho até eles.

—É um prazer tê-lo aqui, Sr. Haltender — Augustine fala, sorrindo, e volta a se sentar. Tom se

senta em uma cadeira, e eu sento na do lado. Desvio os olhos para Augustine, e esse me encara de volta, sorridente — não sabia que vocês estavam juntos, Alice. Que grande surpresa, a senhora Cecília iria adorar você.

Sorrio sem graça, confusa, e cruzo as pernas, colocando as mãos juntas nas coxas. Olho para Tom, que sorri levemente, me encarando.

—Minha mãe — ele me informa com sua voz rouca, e abro um pouco a boca, surpresa. Tom nunca me falou do nome da sua mãe ou uma informação dos seus pais tão interessante. Sorrio ainda mais, satisfeita em ouvir isso, e olho para Augustine.

—Você a conheceu? — pergunto sem hesitar, demonstrando minha curiosidade. Tom ri roucamente ao meu lado.

—A Sra. Haltender? Claro, ela e Thomas eram meus convidados de honra em Lyon —

PERIGOSAS NACIONAIS

Augustine fala empolgado — Tom ainda era novo — seus olhos fitam Tom — mas ele puxou os olhos para Cecília, definitivamente.

Sorrio, fitando Tom, e ele sorri para mim.

—Gostaria de tê-la conhecido — murmuro, e Tom morde o lábio.

—Quando formos para Lyon, irei mostrar nossas fotos antigas para você, Alice — Augustine fala, enquanto continuo com os olhos em Tom. Ouço sobre a viagem, e arregalo os olhos. O sorriso no rosto de Tom desaparece, e ele lentamente desvia os olhos para Augustine.

—Lyon? — Tom repete, sério. Respiro fundo, e percebo que estou segurando a respiração. Meu lado escuro está saindo de mim, tentando avançar sobre Tom e segurá-lo.

—Claro — Augustine responde, levantando as sobrancelhas — minha coleção terá as fotos nos campos ao redor de Lyon, é sobre isso

PERIGOSAS ACHERON

que quero discutir com Alice. Precisamos fechar o contrato o quanto antes.

Tom permanece imóvel, e eu sorrio, sentindo minhas bochechas ficarem vermelhas.

—E isso inclui eu viajar? — pergunto, percebendo Tom se retesar inteiro ao meu lado.

—Você tem alguma objeção, Alice? — Augustine pergunta sério, preocupado. Respiro fundo, e abro a boca para falar.

—Se eu puder acompanhá-la, não temos nenhuma objeção, Augustine — Tom fala antes de mim, autoritário, como se estivesse em uma reunião dele, decidindo sobre sua empresa. Respiro fundo, encarando-o. Tom me olha de canto de olho, tentando ver minha reação. Augustine ri, percebendo.

—Augustine — falo séria — eu não tenho nenhuma objeção, mesmo se eu tiver que ir sozinha — desafio Tom, que levanta uma sobrancelha,

retesando a mandíbula.

—Mas o Sr. Haltender poderá acompanhá-la, Alice, se vocês decidirem isso — Augustine me responde.

—Ótimo — Tom murmura, e eu o fuzilo com os olhos.

—E o que mais? — pergunto, ignorando ele. Augustine sorri, entusiasmado, e coloca as mãos juntas na mesa.

—Como eu disse, minha coleção será de outono, com as sessões da campanha em Lyon. Serão os meus fotógrafos, e a viagem será paga por nós. Teremos vinte e dois modelos, homens e mulheres, alguns modelos mais famosos, mas como o Sr. Haltender — Augustine fala, olhando para Tom — sabe, gosto de usar mais modelos desconhecidos, e as vezes me aventuro a contratar alguns que não são modelos profissionais, como é o seu caso, que o rosto me cativa. O seu cachê será

esse valor — Augustine diz, me entregando uma pequena pasta de contrato, com dados e o valor. Abro discretamente a boca, observando alguns dígitos, e olho de canto para Tom, que sorri se divertindo com a minha tentativa de disfarçar minha reação. Coloco a pasta na mesa, voltando os olhos para Augustine, que continua — começaremos daqui a um mês, e então iremos para Lyon. Você estuda, não é, Alice?

—Sim, mas consigo me organizar quanto a isso, converso com meus professores sobre as faltas e recupero as matérias — explico, e sorrio — assim como converso com meu chefe, não é, Tom? — digo zombeteira, olhando para Tom. Ele ri, assentindo.

—Como vou junto, libero você — ele responde também zombeteiro.

—Ótimo — Augustine diz — gostaria que lesse o contrato, em casa, com calma. Ele explica

sobre as roupas, sobre o cachê, toda parte burocrática, e então assine e traga para mim. Lá também tem todos os dados de quando vamos.

Pego o contrato novamente da mesa, assentindo.

—Seria isso, Alice. Estarei esperando o seu contrato assinado, para então irmos — Augustine diz, e olha para Tom — você encontrará muitos amigos dos seus pais lá, Tom. Adorarão vê-lo novamente. Fico feliz por vocês, por mais surpreso que eu tenha ficado, por nunca ter imaginado vocês juntos.

Augustine começa a falar sobre o contrato, sobre clausuras, e durante uma hora, discutimos sobre como será a sessão de fotos, ele me explicando, enquanto Tom permanece apenas opinando quando eu não o corto, deixando claro que ele está lá apenas para observar. Após uma hora, Augustine se levanta, cumprimentando Tom

com um aperto de mão, e contorna a mesa, nos acompanhando até a porta. Ele a abre, e se despede de mim.

—Espero você, então, Alice — sussurra para mim, e saio ao lado de Tom. Passamos pela secretária, que discretamente levanta os olhos, focalizando-os em Tom, ativando a fúria do meu lado escuro. Tom caminha elegantemente do meu lado, e no mesmo momento que vejo os olhos da secretária, agarro sua mão, entrelaçando os dedos. Tom continua caminhando, e aperta minha mão com um pouco de força, percebendo o por quê da minha reação. Assim que chegamos no elevador, ele começa a rir levemente.

—Você não precisa ficar com ciúmes, Alice — Tom fala sedutor, assim que as portas se abrem. Semicerro os olhos, fingindo estar brava, e sorrio, entrando no elevador. Tom entra atrás, ainda sorrindo.

PERIGOSAS NACIONAIS

—Não estou com ciúmes, Tom. Apenas ainda não gostou de ver os olhos das mulheres saindo da orbita para pular sobre você — respondo, mordendo o lábio. Tom aperta o térreo, parando ao meu lado. Sua mão larga a minha, e para na minha bunda. Olho para ele, e vejo seus olhos banhados de luxúria. Sinto seus dedos roçarem a volta da minha bunda, apertando-a. Mexo minhas coxas, sentindo o elevador se tornar abafado, quente. Meu corpo se esquenta, e começo a sentir tesão. Tom começa a roçar cada vez mais a mão por toda a minha bunda, e fecho os olhos, respirando fundo. No mesmo instante sinto sua outra mão, grande, firme, agarrar minha cintura e me empurrar contra a parede do elevador. Faço um baque com as minhas costas, batendo-as, e abro os olhos, encontrando os olhos azuis escuros de Tom, próximos dos meus. Sorrio, elevada pelo desejo, e Tom empurra o corpo definido contra o meu, me deixando ainda mais

PERIGOSAS ACHERON

excitada. Sua mão aperta minha bunda, empurrando meu ventre contra sua ereção, e eu a sinto.

—Sabe que adoro ver você brava, Alice? — Tom sussurra contra meus lábios. Percorro com os olhos seu rosto esculpido, analisando sua expressão devassa — você me deixa louco de tesão quando tenta me controlar — ele sussurra roucamente, sedutor, me deixando derreter entre seus braços. Respiro fundo, sentindo meu corpo inteiro gritar, incendiando-se no fogo que é o corpo dele, implorando para ser possuído por Tom.

—Então me deixe controlá-lo — sussurro sensualmente, colocando as mãos em seu peito definido, desejando abrir sua camisa social e ver seu peito quente, maravilhoso. Tom me devora com os olhos ferozes, apertando meu corpo com força, contra o seu, e aproxima os lábios do meus.

—Deixarei quando você estiver livre de Anya — sussurra sério, deixando sua respiração

quente bater nos meus lábios — até lá, será do meu jeito.

Respiro fundo, percebendo a direta de Tom, e ele me solta, se afastando. Desencosto da parede do elevador, arrumando minha roupa, e o encaro, séria.

—Por que precisa retornar a esse assunto, Tom? — pergunto franzindo a testa. Tom coloca as mãos nos bolsos, sério.

—Porque não gosto de pensar que Anya está conseguindo se aproximar de você, que Anya está conseguindo o que quer — ele responde — por mais que você insista em dizer que está controlando a situação, que ela está ajudando você, uma hora tudo escapará das suas mãos, e perceberá que nunca teve o controle, apenas achou que tivesse, como Anya quis que pensasse. Eu preciso estar ciente de tudo, Alice — Tom murmura mais baixo, virando o rosto para me encarar — agora você se verá mais

envolvida no meu meio, quando essa campanha for lançada. Mais ainda do que foi com a campanha de Eduardo — Tom hesita, com uma expressão insondável — e eu preciso estar ciente de tudo o que acontecer, Alice, para poder ajudar você, para proteger você.

Levanto as sobrancelhas, pasma por ele ter entrado nesse assunto novamente, por ele achar que preciso de proteção.

—Tom — falo calma, tentando controlar meu lado escuro — não preciso que você me proteja. Preciso que fique ao meu lado e aceite as minhas decisões.

—E se as suas decisões forem erradas, Alice? — ele pergunta sério, levantando uma sobrancelha.

—Até agora não percebi nada de errado, Tom — respondo séria — não quero entrar nessa discussão novamente. Quero estar bem com você, e

não como Anya quer, que você fique preocupado comigo.

Tom respira fundo, retesando a mandíbula, e as portas do elevador se abrem. Saio antes dele, e caminho firme, sentindo seus olhos ferozes em mim. Passo pela recepção do prédio, já com Tom ao meu lado, acompanhando meus passos, e saio do prédio. Percorro a rua com os olhos, e vejo o carro de Tom.

—Para o seu apartamento ou para o meu? — ele pergunta charmoso, ao meu lado, tentando me seduzir. E conseguiu seduzir meu lado escuro. Sorrio, sem estar brava com ele, e o encaro.

—Para o seu apartamento novamente — respondo, e Tom aperta a chave do carro, ligando-o. Caminho ao seu lado, me lembrando do contrato que está na minha bolsa. Se eu aceitar, minha conta bancária irá ver mais dinheiro que nunca viu na vida, e eu poderei gastar um pouco mais. Tom abre

a porta do carro para mim, e eu sorrio, entrando. Observo ele contorná-lo devagar, e suspiro, sentindo meu corpo esquentar só de pensar em Tom na cama, sem todas essas roupas. E meu lado escuro me lembra que ele irá viajar comigo, em uma viagem que nunca imaginei conseguir fazer.

Tom entra, fechando a porta, e me olha.

—Está satisfeita? — ele pergunta, se referindo à reunião.

Finjo pensar, para não deixá-lo com o ego maior do que já é, e levanto uma sobrancelha.

—Gostaria de poder contar eu a novidade, mas — hesito, percebendo seu semblante surpreso, e sorrio — mas estou satisfeita.

—Então se prepare para uma viagem comigo — ele sussurra sedutor, e começa a dirigir, segurando o volante com força. Observo o modo como dirige, o seu modo de ser, e olho para a frente, me sentindo realmente satisfeita pelo

contrato, por Tom ter colaborado na reunião, e por estar indo novamente para o seu apartamento, me tornando viciada em seu sexo quente.

Me olho no espelho, ouvindo Dana dentro do meu banheiro, falando com Carlos no celular, explicando sobre a festa que está indo, convidada por mim.

Ontem a noite Tom novamente me mostrou o quanto é insaciável, e aquele apartamento dele já não é mais o mesmo, com a minha presença. De manhã ele me trouxe para o meu apartamento e foi malhar, indo para a empresa depois. Contei para Dana sobre o contrato com Augustine e a viagem, e ela ficou eufórica por mim, perguntando se poderia ir junto, mas já que Tom se convidou antecipadamente, tive que arranjar uma desculpa para ela, desejando poder contar sobre Tom até lá,

na verdade. Também enviei uma mensagem para Ed, contando, e ele ficou animado, me parabenizando e ordenando que temos que comemorar. Estou satisfeita com tudo o que está acontecendo, com Tom, com Augustine. E meu lado escuro me lembra de Anya, da sua lição. Preciso dar a resposta para ela, se irei ou não com ela na festa sexta, e preciso me encarar realmente. Eu consegui dar os primeiros passos, fazendo as fotos e começando a me sentir confortável com a ideia, mas agora quero realmente me sentir confortável. Meu lado escuro quer.

Mas deixo para pensar nisso depois, me sentindo satisfeita por ir na festa de Dário, onde Tom está me esperando. Na empresa hoje quase não nos vimos, já que as reuniões que ele adiou ontem, para ir na minha reunião, tiveram que ser hoje, mas assim que cheguei no meu apartamento, ele já me mandou mensagem, perguntando como eu

iria, se Dana realmente iria comigo e que horas. Respondi todas as suas perguntas, assim como ele respondeu as minhas. Tom iria mais cedo para a festa, para junto com Dário e Diego, e eu iria uma hora mais tarde, com Dana. Tom insistiu que assumíssemos na festa, mas ainda respondi que iríamos devagar. Lá iríamos ver como seria, e assim ele foi para o banho, me deixando imaginar ele dentro da banheira do seu apartamento, nu.

Meu celular vibra, me acordando dos pensamentos. Uma mensagem de Tom.

Estou na festa faz meia hora. Que horas virá? Quero você.

Sorrio, sentindo meu corpo inteiro se arrepiar com a mensagem, e meu coração acelerar. Digito.

Estou me arrumando. Daqui a pouco estou aí, e me terá.

Envio, sentindo ansiedade por ir, por

imaginar com é. Meu celular vibra novamente.

Venha rápido.

Guardo o celular, e sorrio, satisfeita por ele estar ansioso também. Me olho no espelho, acabando de me maquiar, e me afasto do espelho, olhando para a minha roupa. Estou vestindo uma calça jeans escura, bem justa, torneando minhas pernas, de cós alto. Uma blusa frente única, aberta no busto, dourada, cobre o cós da calça. Coloco os brincos, e escovo meu cabelo novamente, me fitando.

—Está linda — ouço a voz de Dana na porta do quarto, e olho para ela, que está vestida com uma blusa decotada, vermelha, e uma calça jeans também escura, apenas com uma gargantilha no pescoço. Ela sorri, colocando o celular na pequena bolsa vermelha — se Tom ainda não veio correndo até você, hoje ele irá.

Rio, me controlando para não contar. Quero

contar para Dana que voltamos, mas só depois de conseguir me libertar totalmente, só depois que eu estiver realmente segura de que nada me atrapalhará com Tom. Dana caminha até a minha frente, e coloca as mãos nos meus ombros.

—Ele sabe que você está indo, Alice? Estou perguntando porque é uma festa de Dário, e — ela hesita — não sei se você não verá algo que não gostará.

Assinto, me sentindo tranquila.

—Tom sabe que estou indo, Dana — ele sabe porque eu contei para ele, sentada em seu colo, meu lado escuro completa mentalmente. Gostaria tanto de poder contar para ela, mas não quero preocupá-la, se tiver que contar tudo.

Dana respira fundo, aliviada, e sorri.

—Então coloque os saltos e vamos. Carlos me ligou para pedir novamente para eu mandar uma mensagem quando ir embora da festa

— Dana diz, revirando os olhos e rio, pegando os sapatos de salto pretos, e colocando-os, enquanto Dana caminha para a sala, falando alto — informando se eu estou bem.

—Por que ele não quis ir junto com nós? — pergunto, desligando a luz do quarto e caminhando até a sala também. Dana para na porta, me esperando, e pego a pequena bolsa preta, verificando minha carteira e meu celular.

—Porque ele não conhece Dário, e decididamente não acho que essa festa combine com ele — Dana murmura, e eu franzo a testa, sem entender.

—Como assim? — pergunto, andando até a porta. A abro, e Dana sai do meu apartamento. Desligo as luzes, e saio também, trancando a porta.

—Você verá — Dana diz alto no corredor, caminhando até o elevador. Descemos pelo elevador, e passamos pelo hall de entrada do

prédio, indo até o carro de Dana.

Dana, diferente de Tom, gosta de pisar fundo, realmente, se divertindo com o som alto.

—E hoje você beberá comigo — Dana grita sobre a música tocando — tudo o que eu beber.

Começo a rir, negando. Não posso deixar o álcool incentivar meu lado escuro, porque senão agarrarei Tom na festa, e toda a minha discrição vai acabar.

—Vou observar você se embebedar — grito de volta, e Dana faz não com um dedo, apontando-o no meu rosto.

—Não vai não — ela grita sobre a música — faz tempo que você não sai comigo, e mesmo sendo uma festa que normalmente eu não costumo ir, vamos nos divertir.

Começo a rir da animação de Dana, que começa a cantar com a música, e me pergunto o por

quê dela falar tanto do modo da festa de Dário.

Após quinze minutos, Dana entra em um bairro movimentado, com carros de luxo estacionados. Ela vira uma esquina, e vejo um prédio de dois andares, todo envidraçado, com sacadas. Seguranças estão espalhados, enquanto outros guardam os carros no estacionamento privativo do lugar. Luzes iluminam o céu, como se fosse um grande evento, e me lembro de quanto Ed falou para não me assustar com tudo isso.

Dana estaciona o carro em frente ao prédio, muito largo, com as luzes brancas rodopiando pelo ar, dando clarões nos vidros espelhados do prédio. As sacadas estão cheias, com pessoas conversando e bebendo, com as janelas, também de vidro, abertas. Saio do carro, seguida de Dana, que dá a chave para o manobrista estacionar.

—Eu falei para você — ela murmura do meu lado, se referindo ao significado de a festa de

Dário. Rio, assentindo, me sentindo ainda mais deslocada ao ver o exagero. Caminho ao lado de Dana, e ela agarra a minha mão, acelerando o passo e me guiando para a porta grande, vigiada por dois seguranças gigantes. Eles conferem nossos nomes, verificando na lista de convidados, e permite a nossa passagem. Respiro fundo, fitando a grande porta de vidro fumê, que não nos permite ver o que acontece dentro do prédio, e meu lado escuro acorda dentro de mim, respondendo ao meu chamado para me comandar, para me dar a força que preciso. Sinto a mão de Dana me puxar pela minha mão, porta adentro, e entro com dois passos largos, firmes.

Fito ao redor, vendo um grande salão de boate lotado, com pessoas vestidas elegantemente, a maioria de calça jeans e roupas provocantes. A penumbra predomina, sendo mais iluminada por luzes brancas que piscam, no teto e outras que

giram ao redor. A música eletrônica, alta, chega aos meus ouvidos, e vejo elevações nos cantos do grande salão. Todo ele é de vidro fumê ao redor, com um jardim rodeando-o. O bar no lado direito do salão, centralizado, com balcões compridos, com dez barman trabalhando. Nas quatro elevações, duas nos nossos lados, e as outras duas nos cantos opostos, estão mesas redondas, pequenas, circuladas por sofás de couro preto, com pessoas sentadas, bebendo. Uma grande escada em caracol, de vidro também, sobe para o segundo andar, centralizada perto da parede oposta da entrada, no fundo, entre os dois cantos. E então meus olhos, no meio da multidão de pessoas que dançam, conversam e bebem, se focam no significado da festa de Dário.

Nos cantos do balcão do bar, duas mulheres seminuas, vestindo fantasias sexuais, com saltos altíssimos, dançam, como strippers. Ao lado de

cada elevação, nos cantos, está um pole-dance, com mulheres, subindo e descendo, também fantasiadas. Garçonetes fantasiadas servem as bebidas, no meio da multidão, enquanto que no meio do grande salão há uma espécie de aquário de vidro, retangular, com quatro mulheres, seminuas também, de lingeries vermelhas e meias sete oitavos, dançando no pole-dance, com as pessoas ao redor do aquário, conversando e bebendo, como se elas não estivessem lá. Alguns homens observam por alguns instantes, ao passarem, indo para o bar. Esse é o tipo de festa que Dana se referiu.

—Percebeu o por quê de eu não insistir para Carlos vir? — Dana comenta, rindo ao meu lado. Assinto, ainda incrédula por Tom não ter me avisado sobre como seria a festa. E meu lado escuro me lembra de que isso não é nem metade do que é Pandora, então não tenho motivo para estar tão estarrecida. Mas estou, porque Pandora eu

espero isso, mas não esperava uma festa assim.

Procuro um homem loiro entre a multidão, sem conseguir encontrar Tom. Se ele estivesse na multidão, eu teria visto. Impossível não ver Tom. Dana percebe meu olhar, e se inclina no meu ouvido.

—Tom está no canto esquerdo, Alice, sentado no sofá ao redor da mesa, com Dário, Diego e Enzo.

Meu coração para lentamente, como se a cada batida fraca me avisasse que vai me abandonar. Respiro fundo, e meus olhos se focam na mesa. Tom está sentado no canto, esquerdo da mesa, o qual está mais perto do pole-dance onde está uma mulher dançando, um pouco abaixo da elevação onde está os sofás. Ao seu lado está Dário, o anfitrião da festa. De frente para Tom, do outro lado do sofá, está Enzo, com Diego ao seu lado. Os quatro conversam animadamente, enquanto bebem

uísque, sentados confortáveis. Tom está vestido com uma camisa social preta, aberta no colarinho, calça jeans escura e os cabelos jogados para trás.

E nesse momento meu lado escuro se arrepende de eu ter preferido não contar para todos que estou com Tom. Não, não tenho motivo para me arrepender, Tom está rodeado de amigos, em uma festa do amigo. Ele não se importou que eu viesse, já que iria se comportar. Tom é meu.

—Está bem, Ali? — Dana pergunta, me acordando dos meus pensamentos, e a encaro, surpresa. Sorrio, assentindo, e Dana sorri também.

—Vocês vão se acertar, duvido que ele não vem falar com você hoje — ela diz animada — por mais que esteja com os amigos e com aquele Lehanster que me dá calafrios.

Rio, pensando sobre o que Dana me diria se soubesse das visitas de Anya. É, é melhor ela nunca saber.

—Quer ir para onde? — grito, tentando deixar minha voz sobre a música alta, e Dana aponta para o bar. Concordo com a cabeça, e ela me puxa pela mão, me conduzindo para o bar. Começamos a passar pelas pessoas, desviando dos corpos. Dana tenta passar o mais longe possível do vidro do meio da boate, e depois de desviar de muitas pessoas, chegamos ao balcão. Um barman se aproxima de nós, perguntando o que gostaríamos. Dana pegue duas tequilas, enquanto pego meu celular da bolsa. Vejo uma mensagem de Tom.

Estou de olho em você.

Sorrio, lendo sua mensagem novamente, sentindo meu coração voltar a bater ao imaginar Tom de olho em mim, e disfarçadamente olho para ele, reto na minha direção. Tom está sentado de lado em relação à mim, mas sua cabeça está virada na minha direção, e seus olhos azuis escuros,

ferozes, estão focados em mim. Mordo o lábio, sentindo o calor subir pelas minhas coxas, e Tom pisca o olho esquerdo.

Meu lado escuro queima de desejo, e eu desço os olhos pelo seu pescoço e inicio do peitoral, a mostra pelo colarinho. Sinto vontade correr e pular sobre ele, abrindo sua camisa e beijando seu corpo.

—Ali? — a voz de Dana me chama novamente, e deixo o sorriso desaparecer. Olho para ela, que segura uma dose de tequila para mim. Pego da sua mão, e ela sorri — vire comigo.

Faço o que ela pede, e sinto o álcool descer pela minha garganta, junto com o limão. Antes que passe o gosto do álcool, Dana pede mais duas doses para o barman.

—Não — falo tarde demais, segurando o braço de Dana. Ela sorri inocentemente, dando de ombros.

—Amanhã não iremos mesmo para a faculdade, então vamos beber, Ali — ela diz rindo, e mais duas doses são colocadas na nossa frente. Viro mais uma, e assim que ela passa pela minha garganta, sinto meu celular vibrar. O pego, vendo que é novamente uma mensagem de Tom.

Não fique bêbada longe de mim, sabe que não aguentarei ver você vulnerável sem eu estar por perto.

Mordo o lábio, sentindo meu lado escuro atrevido, e começo a digitar.

Talvez eu devesse deixar você enlouquecido aqui. Devo escolher vodca ou outra tequila?

Envio, sorrindo, e Dana faz sinal para mais duas doses de tequila. Assinto, começando a sentir o álcool surtir efeito em mim.

—Está falando com quem? — Dana pergunta, enfiando o rosto no meu celular.

PERIGOSAS NACIONAIS

Bloqueio a tela no mesmo instante, e sorrio. Ela semicerra os olhos, ameaçadoramente, e lentamente olha para Tom, que sem disfarçar, continua olhando para mim — É com Tom? — pergunta retoricamente, e ri — eu deveria imaginar que ele não iria ficar afastado na festa.

Respiro fundo, deixando ela pensar que voltamos a nos falar apenas hoje.

—É — murmuro, e olho para o balcão, onde está nossas novas doses. Viro a dose, sentindo o álcool aflorar ainda mais dentro de mim, deixando meu lado escuro ainda mais forte. Dana também vira, e sorri para mim.

—Depois conversem, mas agora ficará comigo na festa — ela exige.

—Você sabe que sim — respondo, sentindo meu celular vibrar — depois converso com ele e vemos o que vai dar — respondo vagamente, desbloqueando a tela e vendo a

PERIGOSAS ACHERON

mensagem de Tom.

Deve escolher vir até aqui e sentar no meu colo.

Tom está tentando me seduzir, e está conseguindo. Suspiro, imaginando a cena, e sinto o meu corpo esquentar ainda mais. O lugar se torna abafado, e o desejo sobe pelas minhas pernas, em um tesão arrebatador. Digito.

E os seus amigos? Não irá me convencer apenas com uma mensagem. Tente mais.

O desafio, e sorrio.

—Se continuar a digitar assim, com esse sorriso, só faltará vocês irem embora juntos — Dana comenta, e olho para o lado, vendo sua cabeça sobre o meu ombro e seus olhos lendo a mensagem. A fuzilo com os olhos, bloqueando a tela.

—E a privacidade? — pergunto, fingindo estar brava. Dana ri, fazendo um sinal de tanto faz

com as mãos.

—A privacidade acabou quando você voltou a falar com Tom. Quero saber o que estão conversando, e o que fará depois — ela diz animada, e nego com a cabeça.

—Não estamos conversando nada demais — respondo vagamente — voltamos a nos falar agora.

—Então me contará depois, se decidirem voltar, não é? — ela pergunta séria, levantando as sobrancelhas. Concordo com a cabeça, sem responder, e meu celular vibra novamente.

Cuidado para não se queimar.

Rio da sua mensagem, e no mesmo instante, recebo outra.

Irei tentar mais, e no final você está louca para ir embora comigo, me deixar beijar seu corpo inteiro e a possuir do modo como só eu faço.

É, nem precisa ser no final. Neste exato

momento, lendo sua mensagem e vendo-o sentado, elegantemente, vestido de um modo sedutor, aumentando ainda mais seu charme, estou ansiosa para ir embora com ele, como se não tivéssemos passado a noite anterior juntos.

Seus olhos me encaram fixamente, sobre as pessoas entre nós, e eu mordo o lábio, tentando diminuir o tesão que sinto. Começo a digitar, mas percebo pelo canto do olho que Tom se mexeu. Olho novamente para ele, e Tom se levanta do sofá, elegante, e caminha até as poucas escadas, descendo da elevação. Meus olhos se fixam nele, e me sinto hipnotizada, vendo-o descer as escadas de forma sedutora, com os olhos em mim. Percebo que as mulheres ao redor dele o olham de forma esfomeada, atiçando ainda mais meu lado escuro. Preciso dizer para elas limparem as babas e fecharem as pernas. Tom passa por ela, sem desviar os olhos de mim, e chega até a pista, caminhando

firme. Ele desvia das pessoas, caminhando na minha direção. A cada passo, meu coração se acelera ainda mais, como se quisesse bater mais rápido do que as batidas da música eletrônica. Dana dá um cutucão no meu braço, e eu a olho surpresa. Ela sorri.

—Tom está vindo aqui — murmura me informando, mesmo sabendo que eu já sei.

—Eu vi — digo sorrindo, e volto a olhar para ele, que se aproxima cada vez mais, atraindo os olhares. Tom caminha até parar na minha frente, e então coloca as mãos nos bolsos, sorrindo torto.

—Olá, Tom — Dana fala ao meu lado, enquanto permaneço fitando-o. Tom olha para ela.

—Olá, Dana, como vai? — pergunta educadamente, e seus olhos se voltam para mim também — posso pagar uma água para você? — ele pergunta, sorrindo torto. Franzo a testa, entendo que ele não quer que eu fique bêbada. Sorrio, me

divertindo, e nego com a cabeça.

—Eu estava até agora negando para Dana, que eu não iria beber hoje, mas de tanto ela insistir, agora irei beber. Deixo a água para depois — respondo maliciosamente, e Tom retesa a mandíbula, me fuzilando com os olhos. Dana começa a rir ao meu lado.

—Eu cuido dela, Tom — Dana diz, e no mesmo instante ele levanta as sobrancelhas, como se o que Dana falou fosse um absurdo. É, para ele é um absurdo. Rio também, observando a expressão devassa de Tom.

—Na verdade eu me cuido sozinha — respondo, olhando para ele e para Dana. Ela ri, se virando para o balcão e pedindo vodca. Faço sinal para pedir para mim também, e Tom dá um passo na minha direção, diminuindo nossa distância.

—Alice — ele fala com sua voz rouca, me arrepiando, me deixando derreter ao encontrar o

seu rosto perto do meu — pare de me provocar desse jeito.

—Por que? — pergunto desafiadoramente. Sorrio, percebendo a expressão de desejo dele.

—Porque senão a agarrei aqui mesmo e levarei você embora — responde autoritário. Sorriso, colocando um dedo sobre seus lábios macios e quentes.

—E deixará essa festa do seu amigo Dário — hesito, percorrendo os olhos pelas strippers — que tem até strippers, que você não me contou.

Tom respira fundo, e dá um beijo no meu dedo. Afasto o dedo, não me importando se Dana viu, e Tom se aproxima um pouco mais.

—Não é nada demais — ele diz despreocupado — senão eu não teria deixado você vir.

—Deixado? — repito o que ele falou, e

Tom percebe o erro de colocação, começando a rir roucamente.

Dana aparece novamente ao meu lado, oferecendo o meu copo. Pego ele e tomo um pequeno gole, sentindo o gosto diferente da vodca. Tom me observa, com a mandíbula retesada, deixando transparecer na sua expressão que não quer que eu beba.

—E você vai beber o que? — pergunto zombeteira. Tom vira o rosto, como se quisesse se controlar, e volta a me encarar. Dana continua nos observando, sorridente.

—Vou começar a beber água. Alguém tem que ficar sóbrio aqui — ele responde sério, se referindo à nós duas. Rio, assim como Dana, e Tom dá mais um passo, colocando a mão na minha cintura. Ele aproxima o rosto do meu, e o coloca ao lado, com os lábios no meu ouvido. Meu corpo inteiro se arrepia com o toque repentino, quente e

forte, e sinto seu corpo musculoso — se você ficar bêbada, ficará uma semana sem ter orgasmo — ele ameaça no meu ouvido, com sua voz rouca, baixa e enlouquecedora. Com o álcool no meu sangue, aumentando ainda mais minhas sensações, mordo o lábio, fechando os olhos, me sentindo inundada de tesão, sentindo todo o seu toque — irei provocá-la de todas as formas, e minha boca ficará o tempo todo em você, mas pararei antes que você atinja o orgasmo.

Abro os olhos, respirando fundo, e coloco a mão no seu rosto.

—Aguentará não me deixar ter orgasmo hoje, quando eu estiver no seu apartamento depois, bêbada, nua e desejando você? — pergunto lentamente, dando ênfase nas últimas palavras. A mão de Tom aperta com força minha cintura, e ouço ele rosnar no meu ouvido.

—Você está aprendendo a me derrubar

rápido demais — ele sussurra roucamente — talvez eu devesse deixá-la sem encostar em mim durante essa semana — ameaça novamente, e dou ainda mais risada.

—E você aguentará, se eu andar nua pelo apartamento? — pergunto maliciosamente, e Tom respira fundo, deixando eu sentir sua respiração na minha pele.

—Quando chegarmos no meu apartamento, você verá seu castigo — ele sussurra, e se afasta, sorrindo para mim. Olho para Dana, que está digitando algo no celular.

—Talvez eu merecesse uma recompensa, e não um castigo — respondo, e Tom sobe com a mão da minha cintura, colocando-a no meu rosto. Ele passa o polegar pelos meus lábios, e aproxima o rosto, beijando meus lábios. Fecho os olhos, sentindo seus lábios macios e quentes, e ele se afasta.

Abro os olhos, fitando seus olhos azuis escuros, de pura luxúria, e mordo o lábio. Tom sorri torto, sedutor.

—Talvez você devesse me dar uma recompensa — ele sussurra. Dana guarda o celular, e Tom se afasta, olhando para ela — vou pegar minha água — diz sério, voltando a me encarar — não desapareça de vista — fala mais baixo, de um modo que só eu ouço.

Assinto, dando passagem para ele chegar até o balcão do bar, e ele faz o pedido da água.

—Se você também não sumir — respondo para ele, e Tom me olha, sorrindo.

—Eu nunca vou sumir — sussurra rouco. O barman entrega a água, e Tom a pega, voltando a passar para a minha frente — até depois — ele diz para mim de forma provocativa, e assinto.

—Tom realmente quer voltar — Dana comenta, bebendo a vodca. Bebo mais um pouco, e

rio, satisfeita por ela não ter percebido que já voltamos.

—É — murmuro, observando ele passar novamente pelas pessoas. Cada passo chama a atenção de um olhar, e a cada olhar tenho vontade de arrancar os olhos das pessoas.

—E você vai voltar? — Dana pergunta, e olho para ela.

—Veremos com o tempo — respondo sincera, me referindo na verdade sobre como estamos.

—Então enquanto isso, vamos para a pista — ela diz entusiasmada, puxando minha mão vazia e me guiando para a pista. Vou com ela, sentindo os olhos de Tom em mim, e assim que a música troca, começo a dançar com Dana, conseguindo um espaço melhor, sem tantas pessoas. Bebo o restante da vodca no copo, sentindo o álcool me deixar mais solta, e danço cada vez mais. Dana agarra minha

mão, dançando empolgada comigo, e após uma música, olho de canto para Tom, vendo-o sentado no sofá, com um braço erguido, contornando o encosto do sofá, enquanto o outro permanece no bolso. Sua expressão é de luxúria, desejo, e seus olhos estão fixos em mim.

E meu lado escuro decide provocá-lo novamente. Começa uma música eletrônica mais sensual, e começo a dançar de um modo um pouco mais erótico, de frente para Tom, com Dana dançando atrás de mim. Tom morde o lábio, descendo os olhos azuis escuros pelo meu corpo, desejando-o. Vejo ele retesar a mandíbula, controlando o tesão, e sorrio, sentindo meu corpo arrepiado por vê-lo me olhar desse modo feroz, selvagem. Sua expressão selvagem é de puro desejo, deixando meu corpo quente, com tesão. Mexo as coxas, tentando diminuir a excitação, mas me sinto derreter dentro do abafamento que é seu

olhar. Meu coração continua acelerado, como a minha respiração, e sinto uma corrente elétrica passar por mim, como se saísse de Tom e se ligasse à mim, me arrepiando e me deixando envolvida por seu olhar feroz.

No mesmo instante, vejo Enzo olhar para trás, focalizando os olhos em mim. Paro a provocação, um pouco sem graça, e ele sorri, como se percebesse onde os olhos de Tom estão. Me viro de costas para eles, voltando a dançar com Dana.

Após alguns segundos, em que continuo dançando com Dana, segurando sua mão no alto, sinto duas mãos agarrem minha cintura. Mãos firmes, fortes, e mesmo que eu deseje que seja Tom, meu lado escuro parece saber que não é. Me viro no mesmo instante, assustada, largando a mão de Dana, e encontro Ed atrás de mim, com um grande sorriso, vestindo uma camisa preta, aberta no inicio do peito, com calça jeans escura.

PERIGOSAS NACIONAIS

Seus olhos estão fixos em mim, e no fundo, atrás dele, vejo os olhos de Tom fixos em nós, ferozes.

—Ali — Ed fala animado, ao me ver, e puxa meu corpo contra o dele, me dando um abraço. O abraço educadamente, vendo Tom imóvel no sofá, ainda com o braço estendido e os olhos ferozes. Ele retesa a mandíbula, se controlando, e percebo que está prestes a pular em nós. Me afasto de Ed, e desvio o olhar para ele.

—Oi, Ed — sorrio para ele — o que faz aqui? — pergunto, olhando ao redor, e atrás de Ed, no meio da multidão, vejo Armando se aproximando de nós.

—Ed — Dana o cumprimenta, parando ao meu lado, e abraçando Ed. Ele sorri para ela, e Armando para ao lado de Ed, percorrendo os olhos ao redor até eles se focarem em mim. Ele sorri educadamente.

PERIGOSAS ACHERON

—Olá, Alice — me cumprimenta, dando um leve abraço, e então olha para Dana.

—Dana, esse é meu irmão, Armando — Ed o apresenta, e eles se cumprimentam. Volto a olhar Tom, que nos encara furioso, se controlando. Sua mandíbula está retesada, assim como seu corpo inteiro. Sorrio para ele, tentando acalmá-lo, mas seus olhos azuis escuros continuam fixos em mim, sem nenhuma expressão calma.

Volto a olhar Ed, que conversa animadamente com Armando e Dana, e sorrio para eles.

—E o que vocês estão fazendo aqui? — Ed pergunta curioso, e eu sorrio ainda mais.

—Resolvemos vir — respondo vagamente. Só contarei sobre Tom para Ed, quando eu estiver segura de tudo, liberta. Dana soube que estamos próximos agora na festa, mas nada sobre antes.

—E estão gostando? — ele pergunta ainda mais curioso, sorrindo, e levanta as sobrancelhas.

—Estou embebedando a Ali — Dana responde rindo, e Ed e Armando dão risada.

—Acho que farei isso com o meu irmão — Armando comenta, apontando para Ed, que nega com a cabeça.

—É difícil superar você — Ed responde para o irmão — toda vez que tento, a minha ressaca é maior.

—Você é mais fraco — Armando diz zombeteiro, rindo, e Ed levanta as sobrancelhas, rindo da brincadeira.

—Só na bebida, porque de resto — Ed zomba, e Armando nega com a cabeça, rindo também, e então olha para mim novamente — Armando me arrastou para essa festa, e agora vejo o por quê dele vir.

—As festas que Dário dá sempre acabam

em polêmica ou tem strippers — Armando afirma, olhando para o vidro com as quatro strippers no meio da boate — não perco uma.

Rio junto com Dana, achando graça do modo como eles são, enquanto Ed finge indignação, olhando para cima. Mas realmente, a festa de Dário é polêmica, e enquanto penso nisso, percebo quantas mulheres seminuas passam por nós, vestidas com fantasias sexuais pretas, vermelhas e brancas. Mulheres loiras, morenas. E ruivas, todas com bandejas nas mãos, me deixando um pouco perturbada.

—Fiquei muito feliz por você, Ali — Ed fala, se referindo à Augustine e me tirando da distração — me sinto feliz que eu tenha conseguido fazer você conhecer Augustine, mas — hesita, apontando o dedo para mim — vou querer mais campanhas com você, afinal, você foi modelo primeiro para mim.

Sorrio, sentindo minhas bochechas ficarem vermelhas, e concordo.

—Estarei a disposição — respondo satisfeita, e no mesmo instante percebo que algumas cabeças, mais próximas do lugar onde Tom está, se viram para trás. Ed também vira a cabeça para trás, olhando em direção a elevação da esquerda, assim como Armando e Dana.

Meus olhos se desviam lentamente de Ed, enquanto a música eletrônica, grave, ressoa nos meus ouvidos, acompanhada do meu coração. Meus olhos passam pelas pessoas, que continuam dançando e bebendo, percorrendo rostos envolvidos pela penumbra e pelas luzes, observando outras pessoas conversarem e olho para as pessoas mais próximas da elevação onde Tom está. Os rostos estão voltados para trás, fitando o sofá, e então levanto mais os olhos.

Enzo, Diego e Dário estão de pé, fitando a

mulher parada de pé no canto esquerdo do sofá, onde Tom permanece sentado, com os punhos cerrados, um pouco erguidos na altura da mesa, fuzilando a mulher de pé, ao seu lado. Seus olhos azuis escuros estão enfurecidos, assim como a mulher loira, vestida com uma calça jeans e uma blusa branca, e um está olhando para o outro. Tom está com uma expressão enlouquecida, furioso e ao mesmo tempo pasmo, assombrado.

A taça da mulher, erguida, está vazia, e Tom está com o rosto molhado de vinho, assim como sua camisa.

ALICE

Os olhos azuis escuros de Tom se deslocam lentamente da mulher para mim, e ele me fita intensamente, a distância.

Um calafrio percorre meu corpo, e novamente olho para a mulher com a taça vazia, que respira furiosamente. Tom a encara, levantando uma sobrancelha. Vejo que ela fala algo, mas por

causa da distância e da música não consigo ouvi-la. Tudo ocorre em uma câmera lenta agonizante. Sinto a mão de Dana apertar meu braço, tentando chamar minha atenção.

—Ali, deixe Tom, depois você pergunta para ele — ouço sua voz distante, devagar, e não consigo tirar meus olhos da situação. Tom permanece sentado, enquanto a mulher fala séria, e Enzo caminha furioso em direção a mulher, agarrando seu braço com força. Ela o encara estarrecida, e Dário contorna a mesa às pressas, puxando a mão de Enzo e interferindo na situação, enquanto Tom permanece apenas observando.

Dário começa a falar gesticulando com a mulher, e olha para Tom, que se levanta, concordando com algo, mesmo que sua expressão diga o contrário, e três caminham para uma porta escura, saindo do ambiente publico.

Minhas mãos começam a tremer, e percebo

que tanto os olhos de Ed como os de Dana estão em mim, mas não me importo, nesse momento, o que me importa é saber o que aconteceu.

—Talvez Vanessa consiga um ménage a trois agora com eles — uma mulher fala alto ao meu lado, rindo. A encaro furiosa, e a vejo conversando com outra mulher. Ambas ruivas.

—Se depender de Vanessa e Dário, será fácil — a outra ri, e todo o meu controle vai para o espaço, vagando a esmo pelo vazio e me abandonando. Preciso saber o que aconteceu, preciso ir até lá.

Puxo meu pulso do aperto de Dana.

—Alice — a voz preocupada e firme de Ed me acorda e eu o encaro aturdida. Ele levanta as sobrancelhas, ainda mais preocupado, enquanto Armando apenas me encara curioso — por que você ainda se importa? Vocês voltaram?

A pergunta ecoa pelos meus ouvidos, mas

não quero responder, não quero pensar, quero apenas saber.

—Depois conversamos, Ed — murmuro, dando um passo em direção a porta que Tom entrou. Dana me chama, mas eu a ignoro, e assim que passo por Ed, ele segura firme meu braço, me puxando para trás.

—Não — ele diz sério, autoritário — você terá que me responder. Eu me preocupo com você, e se esse canalha não se preocupa, você não deve se preocupar com ele.

—Me deixe, Ed — falo séria, puxando meu braço, e ele tenta novamente segurá-lo, mas a mão de Armando o impede.

—A deixe, Eduardo — Armando fala devagar, me encarando — Alice está com Tom.

Ed me encara por segundos, e eu assinto lentamente. Como Armando sabe? Meu lado escuro se indaga, mas ao mesmo tempo, não quer saber a

resposta agora, apenas quer saber de Tom. Dou as costas para Ed, caminhando entre as pessoas que continuam a dançar como se nada tivesse acontecido, ignorando meus problemas. Cada um em seu grande mundo.

Passo por todos, e vejo a porta próxima de mim, mas um grande segurança com os cabelos raspados a está vigiando. Respiro fundo, criando coragem, desejando que meu lado escuro seja ainda mais presente, e paro na frente do segurança, que me encara sem expressão facial.

—Preciso entrar — digo séria, e ele nega com a cabeça.

—Apenas convidados — ele responde sério.

—Eu sou convidada — meu lado escuro diz por mim, me comanda e me indica o caminho — sou convidada do Sr. Haltender — o segurança me encara por alguns segundos, desconfiado — sou

convidada de Tom, ou irá estragar a transa de um dos homens mais importantes da festa? Chame-o, se não acredita em mim — ordeno, indicando a porta com um aceno de cabeça — mostre que é incompetente e o chame — prendo a respiração, admirada com a capacidade que criei.

O segurança ajeita o nó da gravata um pouco constrangido.

—Um momento — ele murmura, e vira o rosto, cochichando pelo rádio. Segundos se passam, e ele assente para mim, dando passagem e abrindo a porta, revelando uma escuridão — pode passar.

Sorrio para ele, e passo firme, entrando na escuridão. A porta se fecha atrás de mim, acabando com qualquer luz, e fito o corredor escuro, estreito. Ouço vozes, e começo a caminhar pelo corredor, colocando minhas mãos nas paredes estreitas, tentando me guiar.

—Você é um grande canalha — ouço a

voz fina de uma mulher ao longe.

—Se acalme —a voz grossa de um homem a interrompe — pare de bancar a louca, como se isso não tivesse acontecido com você alguma outra vez.

Caminho mais rápido, ouvindo os saltos ressoarem, a música distante, abafada, e a cada passo, as vozes se tornam mais altas.

—Tom me enganou — ela grita.

—Eu não me importo, porra, como se você fosse a única — ouço uma voz rouca penetrando nos meus ouvidos, me arrepiando. Tom.

Abro a boca, arregalando os olhos no escuro, começo a caminhar ainda mais rápido, com as mãos deslizando pelas paredes estreitas.

—E aquela loira? Ela é a única então? — a voz da mulher é acusadora, e me arrepio ao pensar que está se referindo à mim. Meu lado escuro está queimando de ansiedade para vê-los.

—Sim, ela é a única que quero enfiar o maldito pau e nunca mais sair, Vanessa — Tom explode — ela é a única sim, é a mulher que amo.

—Tom — ouço uma outra voz mais calma, feminina, e meu coração simplesmente para de bater. Meus pés travam, e abro ainda mais a boca, tentando puxar o ar.

Eva.

Uma onda de pensamentos inundam minha cabeça, e cravo as unhas nas paredes, sentindo meu lado escuro rugir dentro de mim entre as chamas, levantando os braços e me abraçando, me engolindo para dentro de si.

—Me deixe falar com Vanessa — Eva continua.

—Eu não tenho nada para falar com você, sua puta — ouço a voz que deve pertencer a Vanessa —estou farta desses seus amigos tentando me impedir de falar com você. Você vai me ouvir,

Tom Haltender, porque não sou qualquer uma que você pode beijar, levar para transar e na hora, travar com qualquer desculpa. Você me enganou, você me deixou sozinha naquele maldito quarto — ela grita.

—Eva, vamos embora — ouço uma outra voz familiar. Antone — que se foda toda essa confusão.

—Não, Antone — Eva diz firme. Alcanço a porta aberta, iluminando o corredor, e paro de frente, encarando o quarto.

Um quarto bordo, com uma cama arredondada, com lençóis bordos. Um pole-dance na frente da cama e luzes vermelhas pelo quarto. Um suporte para algemas no teto está ao lado esquerdo da cama, e três poltronas estão próximas. Tom está de pé, de costas para a porta, com as mãos apoiadas no balcão do lado da cama. Vanessa está atrás dele, gritando, e Eva está parada atrás de Vanessa, com Antone de um lado e Dário do outro.

PERIGOSAS NACIONAIS

—Se controle, Vanessa — Eva tenta novamente. Percebo que estou trancando a respiração, torturada pela cena, e meu lado escuro quer saber mais.

—Não vou me controlar — Vanessa fala exaltada — Tom, você simplesmente me deixou sozinha, apenas com a desculpa de que não estava bem, mas que se pudesse, seria comigo que ficaria. E agora você aparece com uma qualquer.

—Fique quieta, Vanessa — Tom diz com sua voz rouca, baixa, tentando se controlar — você sabe que era uma desculpa qualquer para você não se sentir mal, e sinta-se grata por isso, porque eu poderia muito bem ter abandonado você nua e nunca mais ter olhado para você, mas por respeito a nossa amizade.

—Respeito a nossa amizade? Você é mesmo um canalha — Vanessa aponta para Tom — e ainda por cima traz para a festa de Dário essa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

—Essa mulher que está comigo, que eu amo e que você não se compara a um fio de cabelo, Vanessa — Tom fala autoritário, furioso, e se vira de frente, fitando Vanessa. Seus olhos são de fúria, e sua expressão está transfigurada — se quer saber a verdade, você foi apenas uma tentativa de distração que não deu certo — Tom fala ameaçadoramente, e lentamente seus olhos se desviam de Vanessa, passando por Eva até chegarem em mim. Sua expressão suaviza, e no mesmo instante Eva se vira, cravando os olhos em mim, arregalados.

Todos do quarto se voltam para mim, e meu lado escuro, no comando, não se amedronta, mas me incita a continuar. Dou um passo para frente, entrando no quarto, e Vanessa se vira, me fuzilando com os olhos maquiados.

—O que você está fazendo aqui? — ela pergunta incrédula.

PERIGOSAS ACHERON

—Alice — Eva me chama assustada, e percebo preocupação no seu rosto. Ela dá um passo na minha direção, mas Antone agarra seu pulso, a segurando.

—Estou aqui atrás do meu namorado, Vanessa — digo firme, caminhando autoritária pelo quarto — do homem que você fez o espetáculo de jogar bebida.

Vanessa ri irônica, e Tom passa por ela, a empurrando. Ele caminha na minha direção, e quando levanta os braços para me parar, levanto as mãos, impedindo sua tentativa. Meu lado escuro está furioso, agora que sei o motivo. Está furioso e pronto para mostrar que não sou boba para permanecer quieta. Talvez todas as lições de Anya tenham surtido efeito não apenas em libertar meu lado escuro, mas em fazê-lo se fixar em mim cada vez mais e deixá-lo sem medo.

—Tom é seu namorado? — Vanessa

pergunta séria, enquanto Tom me olha pasmo, vendo eu me aproximar de Vanessa.

—Não sou uma qualquer Vanessa, e provavelmente você me verá em breve novamente. Sim, Tom é meu namorado, é comigo que ele deita todas as noites e transa, algo que ele não conseguiu fazer com você, porque recém tinha acabado comigo e não parava de pensar em mim — falo firme, com a cabeça erguida, admirada com quem me tornei, com o que meu lado escuro disse sem que eu conseguisse controlar. Percebo que todos no quarto se espantam, e um pequeno sorriso de satisfação surge nos lábios de Tom.

Vanessa me encara perplexa, e respira fundo, enfurecida.

—Você acha que conseguirá segurar Tom por muito tempo? — ela pergunta retórica — eu conheço esse homem há mais de seis anos, e garanto que você não aguentará um terço do que ele

é.

—Vanessa — Tom rosna, caminhando até parar ao meu lado — já chega. Alice me conhece melhor do que ninguém. Vá embora de uma vez.

Vanessa encara por segundos Tom, e respira fundo, desistindo.

—Você perdeu minha amizade, nunca mais me procure — ela murmura, e começa a caminhar apressada, passando por Tom. Vejo os olhos dele a seguirem, e a encaro, seguindo-a também. Vejo que Enzo está parado na porta, apenas observando, com Nássia ao seu lado. Vanessa passa por eles, ignorando-os.

Nássia entra no quarto, seguida de Enzo, e eu encaro Tom.

—Você não me disse que a mulher que tentou me esquecer era uma amiga de longa data — acuso ele, e o vejo se aproximar de mim, com uma expressão preocupada — você omitiu isso por quê?

— pergunto clara, sem medo ou amarras que me impedem de encará-lo frente a frente.

Eva avança na minha direção, se soltando do aperto de Antone, e para ao lado de Tom.

—Alice, precisamos conversar — Eva murmura preocupada, levantando as sobrancelhas, mas eu a encaro séria, e nego com a cabeça.

—Não, Eva. Nesse momento eu preciso conversar apenas com Tom — respondo firme, e Tom retesa a mandíbula, furioso. Nássia se aproxima de mim, olhando para Tom.

—Vamos deixá-los à sós — ela murmura, desviando os olhos para Dário, que concorda, estendendo a mão e pegando a mão de Nássia. Observo todos saírem do quarto, enquanto Tom se afasta, enfurecido, com as mãos nos cabelos e a mandíbula retesada. Fito suas costas por alguns segundos.

—Por que sempre omite algo? Por que

você tem medo, Tom? — pergunto calma, com uma voz baixa, e ele lentamente se vira, me fitando sobre o ombro.

—Porque sei que você ainda me julga antes de ouvir tudo, antes de saber os detalhes — responde direto, e sua voz rouca tem uma pontada de acusação — porque você sempre se mostra assustada para o que for que eu fale, que eu conte.

—Era assim, Tom, não é mais. Não quero que você esconda de mim nada mais — interrompo ele, levantando as mãos e me aproximando — não quero que você ache que irei julgá-lo, porque não julgo você, eu o amo — afirmo, e vejo seus olhos se arregalarem devagar. Tom morde o lábio, avançando sobre mim, colocando as mãos nos meus braços.

—Mesmo sabendo que eu tentei transar com Vanessa àquela vez? — ele pergunta sério, e seus olhos azuis são oceanos de preocupação.

Assinto lentamente.

—Sim, porque você não transou. Você não conseguiu — respondo sincera, guiada pelo meu lado escuro. Tom respira fundo, ainda com os olhos fixos em mim.

—E se eu tivesse conseguido? Me perdoaria? —pergunta em um murmuro, e eu fecho os olhos, sentindo meu lado escuro se enfurecer dentro de mim.

—Não — respondo firme, e abro novamente os olhos. Tom coloca as mãos no meu rosto, aproximando os lábios e me beijando lentamente. Seus lábios macios pressionam os meus, abrindo-os, e permito a passagem da sua língua quente. Suas mãos descem pelo meu pescoço, roçando seus dedos quentes, e sinto meu corpo queimar de tesão, meu lado escuro surge das chamas, ansioso por sentir mais de Tom. Coloco as mãos no seus ombros, puxando-o para mim,

sentindo seus músculos dos braços se retesarem, e suas mãos agarram ferozes meu quadril, me puxando contra seu corpo. Gemo, batendo o ventre no seu, e Tom afasta os lábios, sorrindo sedutoramente.

—Acho que já está na hora de me mostrar seu mundo das maravilhas, minha Alice — ele sussurra contra meus lábios com sua voz sedutora, rouca, e eu me derreto ainda mais, excitada. Sorrio, descendo as mãos pelo seu peito definido. Encaro seus olhos azuis escuros, banhados de luxúria, e assinto.

—Me mostre o que sabe fazer — sussurro maliciosamente, e Tom sorri torto, começando a descer com a mão em direção a minha bunda.

—Esperem para foderem no quarto — ouço uma voz grossa, vinda da porta do quarto, e dou um pulo por ouvir a voz e por suas palavras. Tom solta meu quadril, e sua expressão se torna

séria novamente. Olho para a porta, vendo Enzo parado, com Eva e Antone em cada lado. Tom se vira, encarando Enzo também.

—O que você quer, Enzo? — Tom pergunta, levantando uma sobrancelha. Enzo sorri friamente, passando uma mão na boca.

—Dário está dando um espetáculo na festa, Tom. Acho melhor você ir pará-lo, já que Diego está se comportando do mesmo modo. Ele trouxe as strippers para a mesa, fez elas subirem e ficarem nuas diante de todos — Enzo fala calmamente. Arregalo os olhos, surpresa. Até que ponto a festa chegou? Tom respira fundo, passando uma mão no rosto. Merda, ele já está bravo novamente.

—E você não pôde pará-los, Enzo? — ele pergunta, dando um passo na direção de Enzo. Eva entra no quarto, caminhando apressada na minha direção.

—Alice — ela fala séria, parando ao lado de Tom. Esse olha de canto para ela, desconfiado.

—Tom, deixe as mulheres em paz e tire Dário da festa, inferno — Enzo rosna bravo, e Tom olha para mim, um pouco receoso. Dou de ombros, tentando fingir um sorriso.

—Me espere aqui, Alice — ele sussurra, e caminha lentamente em direção a Enzo. Observo meu Tom se afastar, em direção aos irmãos Lehanster, e por estranho que pareça, me lembro de Anya.

—Alice, precisamos conversar — Eva chama minha atenção novamente, para de frente para mim, um pouco ao meu lado esquerdo. Desvio os olhos da porta, vendo Tom desaparecer, e encaro os olhos verdes de Eva, ansiosos. Meu lado escuro não quer falar com ela, quer ir atrás de Tom, falar com Dana, falar com Ed, menos com Eva.

—Acho que não precisamos, Eva — falo

firme, mas ela nega com a cabeça.

—Você vai me escutar, Alice — diz ríspida, franzindo a testa — vai me escutar porque ouvi Tom falar com Enzo sobre sua aproximação com Anya.

—E você não tem nada a ver com isso, Eva — a interrompo rispidamente — você, de todas, é a que menos pode dizer algo. Soube que ela contratou você, manipulou você.

Eva levanta as sobrancelhas, assombrada, e dá um passo para trás.

—Você contou para Tom? — pergunta com a voz baixa, e respiro fundo, negando. Meu lado escuro gostaria de contar, mas sei que não tenho motivo para contar.

—Não — respondo séria — agora não é mais importante.

—Mas então você sabe como Anya é manipuladora, Alice. Ela não se aproximou de você

apenas para fazer amizade — Eva começa novamente, e sua expressão é de preocupação.

Sorrio, calma, e nego com a cabeça. Sei como Anya é, mas nesse momento, eu não estou sendo manipulada. Estou fazendo apenas o que eu quero.

—Não, Eva. Ela não está me manipulando, ela está tentando me ajudar, e eu estou controlando a situação — respondo séria, começando a me incomodar pela insistência.

—Alice, se ouça. Anya quer que você pense assim — Eva insiste — Anya sabe o que você quer, o que você acha, e quando estiver pronta, usará isso contra você, como fez comigo. Anya é a pior de todas, Alice, se afaste dela.

Fecho os olhos, ainda mais incomodada, e dou um passo para trás, levantando as mãos.

—Eva, vá embora — ordeno, abrindo os olhos — sei o que estou fazendo, Anya não tem

nada para usar contra mim.

Eva sorri irônica, negando com a cabeça.

—Não diga que eu não avisei, Alice, quando ela der sua cartada final e tomando Tom de você, novamente — Eva hesita, piscando lentamente — novamente, e dessa vez, definitivamente.

Abro a boca para responder Eva, mas meus olhos são atraídos para a porta, e vejo Tom empurrar Dário para dentro do quarto. Eva se vira, também observando a cena.

—Tom, deixe eu me divertir, você já tem sua transa garantida — Dário zomba, entrando no quarto.

—Fique quieto antes de piorar tudo — Tom rosna, entrando no quarto, seguido de Enzo, que para na porta e olha para nós, com as mãos nos bolsos. Eva olha novamente para mim, séria.

—Siga o meu conselho — Eva sussurra, e

se afasta, deixando os cabelos ruivos balançarem nas costas. Caminha em direção à porta, passando por Enzo e desaparecendo. Olho ao redor, vendo Dário deitado na cama, rindo, enquanto Tom permanece parado ao seu lado, bravo.

Começo a andar em direção à Tom, vendo sua camisa social preta, aberta no colarinho, torneando seus músculos, sua calça jeans escuras e seu cabelo loiro, bagunçado propositalmente.

Meu lado escuro ascende novamente, sussurrando para mim. Não posso perdê-lo novamente, não posso perder Tom das minhas mãos, seu coração, mas ao mesmo tempo, não consigo me convencer de que Anya está tramando algo, quando parece que eu estou no controle.

Me lembro da festa de amanhã, com ela, e tento esquecer que ainda preciso dar a resposta. Paro atrás de Tom, sentindo seu perfume doce, e coloco as mãos abertas nas suas costas.

—Espero você lá na festa — sussurro — não brigue com Dário.

Tom ri roucamente, e se vira, pegando minhas mãos com as suas, quentes.

—Não estamos brigando, Alice — Tom diz com um sorriso torto, e seus olhos azuis escuros são ferozes em mim — É sempre assim, minha Alice. Se acostume.

As palavras se acostume ressoa pelos meus ouvidos, e meu coração acelera. Eu quero me acostumar.

Assinto, mordendo o lábio, e antes que eu me afaste, Tom segura meu queixo com uma mão, e cola os lábios nos meus em um beijo rápido. Sorrio, sentindo meu corpo inteiro queimar de tesão com a aproximação, e me lembro da ideia de provocá-lo.

Meu lado escuro decide provocá-lo mais, enquanto posso. Me afasto, sorrindo.

PERIGOSAS NACIONAIS

—Venha rápido — sussurro maliciosamente, e me viro, deixando os cabelos balançarem. Caminho lentamente até a porta, sentindo os olhos de desejo dele em mim. Sorrio ainda mais, satisfeita, e levanto os olhos, encontrando dois olhos verdes, intimidadores. Enzo. Ele permanece parado na porta, apenas observando. Passo ao seu lado, cuidando para não encostar nele, e assim que cruzo a porta, passando lado a lado, ouço sua voz baixa, grossa.

—Espero que esteja gostando da companhia de Anya — ele sussurra lentamente. Paro, lado a lado, encarando ele.

—Por que você está falando isso? — pergunto séria, franzindo a testa. Enzo começa a sorrir lentamente, e desvia seus olhos para frente, para Tom.

—Porque Anya está adorando — ele sussurra — talvez com ela, você aprenda a conviver

PERIGOSAS ACHERON

com os amigos de Tom e confusões deles. E — hesita, voltando a me olhar de forma animalesca — e aprenda a não parecer uma santa ao lado do diabo.

Abro a boca, incrédula, e respiro fundo, dando as costas para Enzo. Eu não pareço mais uma santa, comparado ao que eu era uma vez, e agora, quero mostrar isso ainda mais.

Caminho firme pelo corredor escuro, ouvindo a música ao longe, agitada, rápida. Meus saltos ressoam junto, e paro em frente a porta, abrindo-a.

As pessoas continuam a dançar, algumas juntas, outras sozinhas, e as strippers continuam a dançar seminuas, em cima das mesas e dentro do aquário.

Percorro com os olhos a pista, e vejo Dana em um canto, dançando com Armando e Ed. Sorrio, imaginando o quanto ela está se divertindo, e o

quanto Carlos odiaria vê-la rodeada pelos irmãos Constancer.

Caminho rápido entre as pessoas, em direção à eles, e assim que alcanço Dana, ela sorri, abrindo os braços e me abraçando.

—O que aconteceu? — pergunta próxima ao meu ouvido. Nego com a cabeça, retribuindo o abraço, e vejo o sorriso de Ed.

—Resolvendo os problemas com Tom — respondo curta, deixando ela entender que voltamos. Agora não há como esconder, e ao menos Dana sabendo, não vai me deixar temerosa.

Dana solta meu corpo, e sorri ainda mais.

—E onde ele está, para eu poder dar uns bons puxões de orelha? — pergunta zombeteira. Começo a rir, e tanto Ed como Armando se aproximam.

—Está vindo — murmuro, e olho para Ed.

—Vocês voltaram? — ele pergunta sério,

e vejo preocupação nos olhos de Armando. Respiro fundo, sentindo meu coração parar. Não quero magoar Ed, mas não quero dar esperanças.

—Sim — respondo calma, e ele retesa a mandíbula.

—Não faça nada que se arrependa, Alice — Ed murmura. Franzo a testa, confusa. Como assim? Desde quando irei me arrepender de ter voltado? Por que Ed insiste nisso?

—Chega disso — Dana interrompe Ed, levantando as mãos — vamos nos divertir, porque sábado ainda teremos a festa de Carlos — diz sorridente. Sorrio com ela, ignorando a preocupação de Ed, e deixo Dana agarrar minhas mãos, me puxando e me balançando com ela. Começo a dançar, vendo Ed e Armando dançarem próximos de mim. Ed permanece sério, evitando de me olhar, e sinto uma agonia por isso. O considero muito, ele é meu amigo, acima de qualquer

confusão, e não quero que ele fique assim. Me aproximo dele, dançando, e sorrio.

—Ed, se divirta comigo — sussurro — você sabe que sempre vou estar ao seu lado, como uma amiga, e sempre foi assim.

Ele percorre as pessoas com os olhos, ainda me evitando, e paro de dançar, séria.

—Eduardo — chamo sua atenção, e ele me olha surpreso — pare com isso. Você sempre soube, nós sempre fomos honestos um com o outro.

—Eu apenas acreditei que você me daria uma chance, Alice — ele responde bravo. Nego com a cabeça, me aproximando dele.

—Eu dei, Ed, aquela noite, e nós dois vimos que não era o que deveria ser. Eu quero apenas sua amizade, sempre foi isso — respondo calma, e Ed sorri tristemente.

—E você sempre terá, Ali, porque quero

estar ao seu lado para tudo, e se um dia acontecer algo que você precise de mim, eu estarei aqui — ele responde, e em um impulso, o abraço, sentindo seu corpo se retesar inteiro, surpreso. Suas mãos sobem lentamente pelas minhas costas, retribuindo o abraço. Me afasto, antes que Tom veja, e sorrio para ele.

—Agora se divirta — sussurro.

—Ouça sua amiga — ouço a voz de Armando ao meu lado, e o fito curiosa, me lembrando de quando Ed me contou sobre o relacionamento dele com Anya.

—Não insistam — Ed diz sorrindo, cedendo. Me viro de costas para eles, voltando a dançar com Dana, posicionada de um jeito que Dana permaneça na minha frente, com a porta da qual futuramente Tom passará atrás, e Ed e Armando próximos de nós.

A música ressoa nos meus ouvidos, rápida,

alta, e danço com Dana, levantando os braços, me divertindo. Vejo a porta abrir, e dela, um homem maravilhoso sair, loiro, de olhos azuis escuros, com a camisa social preta aberta no colarinho, o maxilar definido e com as mãos nos bolsos. Seus olhos ferozes percorrem as pessoas, e param em mim, famintos. Meu corpo queima de tesão, um calor invade o meio das minhas coxas, subindo pelo meu ventre, acelerando meu coração e minha respiração. Um suor frio, de ansiedade, me invade, e sorrio satisfeita. Esse homem é o homem que eu amo, que é meu. Tom sorri sedutor, e sem tirar os olhos de mim, caminha na minha direção.

Me arrepio, vendo-o vir na minha direção, e meu lado escuro se fixa um pouco mais dentro de mim. Fecho lentamente os olhos, deixando a música entrar em mim, guiar meu corpo, e começo a dançar de forma lenta, movimentando meu quadril sedutoramente, levantando os braços de

forma erótica, seduzindo Tom. Danço devagar, com os olhos fechados, sentindo o ar quente ao meu redor, a ansiedade cronometrada até ele chegar. A música aumenta, e começo a rebolar mais rápido.

Sinto uma mão quente deslizar pelo meu quadril, apertando-o e parando na minha lombar, fazendo meu coração se tornar uma escola de samba e meu corpo se arrepiar ainda mais, fervendo com o toque quente. Sei quem é. Tom.

Abro os olhos, vendo-o parado na minha frente, com um sorriso sedutor e os olhos ferozes. Sua expressão é intensa, e ele empurra com a mão minha lombar até eu encostar meu corpo no dele, sentindo seu peito definido. Coloco as mãos nos seus ombros, e sorrio.

—Olá, Sr. Haltender — sussurro maliciosamente, e Tom retesa a mandíbula, ainda com o sorriso devasso — o que devo fazer pelo senhor?

Tom nega lentamente com a cabeça, e sua outra mão agarra a lateral do meu pescoço, deixando o polegar acariciar minha mandíbula. Tom aproxima o rosto do meu ouvido.

—Deve me dar você inteira, dos pés até o último fio de cabelo, minha Alice — ele sussurra com sua voz rouca, me derretendo, me deixando nas nuvens com suas mãos quentes.

—Sou sua já, meu Tom — sussurro de volta, sentindo sua mão pressionar ainda mais meu pescoço, e deixo meu lado escuro agir ainda mais. Me afasto, saindo do seu toque, e me viro de costas para ele, encostando minha bunda no seu ventre. Seu corpo inteiro se retesa, e sorrio satisfeita. Vejo Dana dançar com Ed, e Armando ir em direção à um sofá, onde Enzo está sentado. Começo a rebolar lentamente, de forma discreta, deixando minha bunda atritar com o volume que começa a surgir na calça de Tom. Ouço seu gemido atrás de mim, e

suas mãos agarram meu quadril, me agarrando contra seu corpo. Rio, percebendo o quanto ele está enlouquecido.

—Alice, pare com isso — ele parece implorar, e eu olho para Tom por cima do ombro, sentindo minha intimidade pulsar de excitação, desejando-o. Meu corpo está tão quente quanto o dele, minha respiração continua entrecortada, mas preciso controlar meu desejo, até que o dele chegue ao limite. Tento acalmar o arrepio, o tesão que sobe pelas minhas pernas, e continuo a rebolar, sentindo suas mãos apertarem cada vez mais minha cintura. Jogo o cabelo para o lado, encarando-o sobre o ombro, de forma sensual, e continuo a rebolar, mexendo o quadril para os lados. A ereção de Tom roça o tempo todo pela minha bunda, me deixando enlouquecida, e sinto ele se contorcer de tesão. Sorrio ainda mais para ele, mordendo o lábio inferior.

—Alice, pare, senão terei que possuir você aqui mesmo — ele rosna cheio de tesão, e sua voz rouca é arrastada. Sorrio maliciosamente, continuando a rebolar, e encosto minhas costas no seu peito, sem parar de olhá-lo.

—E por que não faz isso? — o provoco, sem conseguir controlar meu lado escuro.

Tom parece parar de respirar, como se não imaginasse eu falar isso, e suas mãos apertam ainda mais minha cintura. Sua expressão é de urgência, e ele me encara intensamente.

—Venha comigo — ele ordena em um sussurro rouco, e sua mão desce, agarrando a minha. Tom me puxa, e dou um pulo, surpresa.

—O que está fazendo? — pergunto, deixando-o me guiar entre as pessoas, novamente em direção a porta vigiada pelo segurança.

—Estou fazendo o que você me pediu — ele responde sedutor, e meu corpo se derrete ainda

mais, na expectativa. Ele faz um gesto para o segurança, que abre a porta para nós.

Tom entra na escuridão do corredor, e eu o sigo, sentindo sua mão quente apertar ainda mais a minha.

—Onde estamos indo? — pergunto curiosa, e Tom ri um pouco, com sua voz rouca ressoando pelas paredes.

—Para qualquer lugar que eu possa ter você — ele responde, e franzo a testa, sem acreditar na sua pressa. Passamos por uma porta fechada, e Tom para, a abrindo. Um banheiro branco, com uma luz branca iluminando todo ele, se projeta na nossa frente. Dois compartilhamentos para os vasos sanitários estão fechados, com as portas brancas também, e um grande balcão branco com pias, oposta as portas, no nosso lado direito, se estende por toda a parede, com um grande espelho acima. Tom puxa meu braço e me joga para dentro do

banheiro, na sua frente. Meus saltos batem no piso branco, e olho para ele, assustada. Assim que levanto a cabeça, Tom avança na minha direção, fechando a porta e agarrando minha cintura — não aguento mais — geme contra meus lábios, e suas mãos agarram minha bunda, apertando-a com força. Gemo, deixando o desejo me dominar. O fogo sai do seu corpo, passando para o meu, e agarro seus cabelos loiros, sentindo-os macios sob meus dedos. Ele sorri devasso, e seus olhos são ferozes em mim. Tom desliza as mãos pela minha calça, parando nos botões, e ao mesmo tempo, cola os lábios nos meus, pressionando-os. Sinto sua língua passar sobre os meus, e abro a boca, deixando-a penetrar na minha boca. Sua língua explora minha boca lentamente, saboreando cada pedaço, me deixando enlouquecida com o contato quente, e então encontra com a ponta da minha, brincando com ela. Arfo contra seus lábios, e ele

abre minha calça, puxando-a para baixo. Um arrepio percorre minha espinha, e agarro seu colarinho, abrindo os botões rapidamente. Sua camisa social se abre inteira, e passo as mãos pelo seu peito nu, enlouquecida. Me afasto dos seus lábios, cedendo a vontade de beijá-lo inteiro, e Tom me olha surpreso por eu me afastar. Sorrio, com os olhos em seu abdômen definido. Me aproximo dele, e começo a beijar seu peito musculoso, sentindo sua pele quente contra meus lábios. Tom arfa, com as mãos nas minhas cabeças, e começo a descer com a boca. Percorro seus músculos com a língua, passando por cada definição, e beijo lentamente seu abdômen. Tom arfa novamente, e agarro o cós da sua calça, puxando-a para baixo, junto com a cueca preta. Tom geme, e vejo seu membro grosso saltar para fora, ereto, já lubrificado de tesão. Sorrio, desejando ir além.

Desço do seu abdômen, me agachando um

pouco, e beijo seu ventre nu. Olho para cima, e vejo sua expressão atenta, ansiosa, selvagem. Seus olhos parecem me engolir, me ordenarem que eu desça mais. Sorrio, e agarro seu membro com as duas mãos. Seus lábios sedutores se abrem, e ele geme baixo, roucamente. Faço um movimento de vai-e-vem com as mãos, e Tom joga a cabeça para trás, gemendo novamente. Seu gemido rouco me arrepia, me enchendo de tesão, e encaro sua ereção na minha frente, tentadora. Abocanho apenas a ponta, brilhante, sugando-a, enquanto seguro com força seu membro pela base. O gemido de Tom aumenta, e vejo seu corpo inteiro se arrepiar. Ter seu prazer em meus lábios me deixa ainda mais excitada, e me derreto ainda mais. Meu corpo inteiro se contrai de tesão, e minha intimidade parece explodir de desejo. Sugo ainda mais, e desço com os lábios, sem conseguir chegar a base. Tom geme, colocando as mãos novamente atrás da

minha cabeça, agarrando meus cabelos. Ele empurra minha cabeça contra sua intimidade, como se fosse possível eu colocar mais na minha boca, mas por mais que eu tente, é impossível. Subo com os lábios até sua glande rosada, e raspo os dentes levemente na pele. Seu membro dá um espasmo na minha boca, ansioso, e olho para mim, encontrando o olhar de Tom, perdido em prazer. Desço novamente com os lábios, sugando-o com força, e Tom puxa meus cabelos, gemendo profundamente.

—Alice, mais — ele pede em um gemido, e sorrio, começando o movimento de subir e descer do seu membro com a boca, cada vez mais rápido, pressionando os lábios contra sua pele, em um aperto, acompanhada das mãos. Tom geme descontrolado, e no mesmo instante, me puxa para cima, de forma bruta. Arregalo os olhos, vendo urgência nos seus, e ele agarra minha calça, puxando-a com força para baixo, junto com a

calcinha. Me arrepio ainda mais, me sentindo nua, e levanto os pés, deixando a calça deslizar. Tom tira o que faltava da sua calça também, e com o corpo, me empurra contra o balcão branco do banheiro.

—Tom — digo surpresa, batendo a lombar. Tom parece não me ouvir, apenas agir controlado pelo desejo. Seus olhos descem pela minha blusa, e ele a tira rapidamente, deixando meus seios a mostra. Suas mãos agarram minha bunda, e ele me levanta do chão, me sentando no balcão. Abro as pernas, deixando ele parar no meio delas, e Tom sorri sedutor para mim.

—Como quero me perder em você, Alice — ele sussurra devastado de prazer, e agarra meus seios, subindo com os lábios até o meu pescoço. Inclino a cabeça para o lado, permitindo que ele beije, e seus lábios, molhados, beijam a minha pele arrepiada. Sinto leves mordidas na pele do pescoço, esquentando-a, e gemo, agarrando sua camisa e

puxando-a para trás. Tom solta meus seios, esticando os braços musculosos e tirando a camisa, inteiramente nu para mim. Meu Tom do sexo.

Gemo, sentindo suas mordidas aumentarem, e ele desce para o meu ombro, beijando-o e mordendo-o. Agarro seu cabelo, guiando-o para baixo, e Tom chega ao meu seio direito, beijando-o lentamente, ao redor do mamilo. Arfo, vendo seus lábios, seu olhar fixo no meu, feroz. Mordo o lábio, não aguentando o tesão que me queima, e Tom passa a língua no meu mamilo. A visão dele lambendo-o é entorpecedora, e sinto derreter, perder qualquer raciocínio.

Tom suga meu mamilo, acariciando o outro, e contraio as pernas ao redor do seu quadril, jogando a cabeça para trás e fecho os olhos, delirando de prazer.

—Tom, mais — gemo.

—Mais o que, minha Alice? — ele

sussurra contra meu mamilo, assoprando-o, arrepiando toda a pele ao redor. Sorrio, extasiada, e sinto seus lábios se fecharem no mamilo esquerdo, beijando-o por inteiro, sugando até eu gemer de prazer. Suas mãos descem para a minha intimidade, acariciando os grandes lábios com toques suaves, roçando apenas as pontas dos dedos.

—Diga que me quer aqui — ele sussurra, mordendo levemente meu mamilo. Arqueio, abaixando a cabeça, sentindo meu corpo inteiro perdido para as mãos de Tom, para os seus lábios, e assinto. Eu o quero por inteiro, quero seu mundo do sexo, seu sexo, seu fogo.

Abaixo a cabeça, transtornada de prazer, e assinto, sem fôlego.

—Diga — ele ordena, soltando meu mamilo dos lábios e me encarando selvagemente.

—Transe comigo, Tom — peço em um gemido, sentindo seus dedos penetrarem os grandes

lábios. Meu corpo inteiro se arrepia ainda mais, e eu me contraio diante do seu toque. Tom permanece em pé, de frente para mim, no meio das minhas pernas, e sorri sedutor.

—Eu sempre vou querer transar com você, minha Alice, você já é meu vicio — ele sussurra roucamente, agarrando minhas coxas e me puxando em direção ao seu corpo de forma violenta. Arfo, sentindo seu membro bater contra minha intimidade, quente e úmido. Tom aperta minhas coxas com força, e me beija furiosamente, penetrando sua língua na minha boca, explorando-a de uma forma enlouquecedora, como se quisesse me engolir, sugar toda a minha energia. Agarro seu corpo, passando levemente as unhas nas suas costas, brincando com a ponta da sua língua, sentindo-a sugar a minha para a sua boca, seus lábios pressionarem ainda mais os meus.

—Tom — gemo, enlouquecida de tesão, e

ele se afasta, me encarando devastado, e antes que eu perceba, ele me puxa contra seu corpo, me tirando do balcão abruptamente. Coloco meus pés no chão, e Tom agarra meu quadril, me virando de costas para ele.

—Agora vou possuir você — ele sussurra no meu ouvido, sobre meu ombro, deixando minha intimidade se contrair de tesão. O ambiente se torna ainda mais quente, abafado, como se o fogo de Tom queimasse todo o oxigênio, e uma das suas mãos descem pelo meu ventre, acariciando meus grandes lábios. Arquejo, sentindo minhas pernas enfraquecerem, e sinto seu perfume doce. Sorrio, concordando, e no mesmo instante, sem que ele me pedisse, me inclino em direção ao banco, apoiando as mãos e empinando a bunda. Suas mãos agarram minha bunda, e sinto sua ereção roçar nela. Ofego, enlouquecida para sentir ele, e rebolo a bunda, chamando-o. Tom aperta com mais força, e meu

corpo inteiro parece queimar em seu fogo.

—Alice — ele geme — não faça isso novamente, ou não vou controlar a força que — ele sussurra roucamente.

—Fazer o que, Tom? — pergunto interrompendo-o, fingindo inocência, satisfeita pelo tom devastado da sua voz, e rebolo novamente, pressionando minha bunda contra seu membro. Tom geme, e avança sobre mim, agarrando meus cabelos e puxando-os para trás. Sua outra mão agarra a base do seu membro, e ele roça a ponta nos meus grandes lábios. Gemo, abaixando a cabeça e fitando nosso reflexo no espelho. Estou realmente começando a gostar de espelhos, principalmente com Tom. Nos ver desse modo aumenta ainda mais meu desejo, minha excitação, e sorrio, encontrando os olhos azuis ferozes de Tom, me fitando pelo espelho também.

—Está gostando de ver, Alice? — ele

pergunta com sua voz rouca, cheia de malicia. Mordo o lábio, assentindo, e empino ainda mais a bunda, deixando os mamilos roçarem no balcão. Os olhos de Tom voam para eles, e ele retesa a mandíbula. Seus dedos se enroscam ainda mais nos meus cabelos, e sinto seu membro pressionar meus grandes lábios, pedindo passagem. Cerro os punhos, desejando-o, e Tom puxa meus cabelos com força para trás, me forçando a inclinar a cabeça para cima. No mesmo instante, ele me penetra com força, inteiro. Sinto seu membro me preencher, me derretendo ainda mais. Gemo seu nome, fechando os olhos, e Tom agarra minha bunda, saindo inteiro de mim, e me penetrando novamente, com força.

—Me provocar, Alice, porque senão não consigo controlar a força que tenho — ele geme, respondendo minha pergunta anterior. Abro os olhos, devastada de prazer, e Tom sai de mim,

deixando roçar na minha intimidade.

—Não controle — gemo enlouquecida, desejando mais, ansiando por mais. Meu lado escuro não quer que Tom se controle comigo. Abaixo a cabeça, fitando-o pelo reflexo, e Tom sorri torto, duvidoso — não se controle, Tom — falo séria, decidida. Tom retesa ainda mais a mandíbula, agarrando mais cabelos meus e apertando minha bunda, deixando seus músculos se retesarem ainda mais. Tom me penetra com muita força, me rasgando por dentro, e gemo descontrolada, sentindo uma ardência me preencher. Sua mão solta a minha bunda, e em um segundo, ele a levanta, dando um tapa forte. Dou um pulo, sentindo seu membro me preencher inteira novamente, com força, como se quisesse me fundir a ele. Gemo, ouvindo seu gemido rouco, e Tom começa a estocar com força, entrando e saindo de mim, me derretendo por inteira. Sinto um

arrepio devastador subir pelo meio das minhas pernas, conduzido pela sua ereção potente, grossa. Um formigamento se irradia pelo meu corpo, e minha respiração rápida acompanha os batimentos do meu coração, impossível de aguentar a loucura de Tom. Tom estoca com muita força, gemendo furiosamente, fincando os dedos na minha bunda, deixando-a vermelha ainda mais. Sinto um pouco de dor no pescoço, sentindo-o puxar meu cabelo cada vez mais, mas ao mesmo tempo, um prazer descomunal me invade, e sinto meu corpo inteiro sair de orbita, focado apenas na sensação de sentir seu membro me penetrar rápido e com força, sentindo o atrito com a minha excitação.

—Alice — Tom geme alto meu nome, e me dá um tapa forte na bunda, sem controlar a força. Sinto uma leve ardência, e gemo também, vendo seu rosto devastado de prazer, sua expressão selvagem e seus olhos inundados de prazer. Tom

me penetra cada vez com mais força, batendo meu ventre contra o balcão. Seu gemido se transforma em um rosnado, e sinto meu corpo derreter ainda mais. Perco as forças, entrando no meu mundo de esquecimento, de total gozo, e meu corpo começa a ter leves espasmos. Empino mais a bunda, deixando Tom me empurrar com força, e seu membro me faz atingir o orgasmo. Meu corpo inteiro se arrepia, e sinto um formigamento subir pelo ventre, uma contração que me leva ao prazer extremo, e o orgasmo se prolonga, me tirando da orbita. Perco qualquer pensamento, qualquer lucidez, encarando Tom pelo espelho, mas sem vê-lo realmente, sem foco, apenas entregue ao êxtase. Gemo enlouquecida, queimando, atingindo um orgasmo sublime, e ao mesmo tempo, Tom geme alto, descontrolado, e atinge o orgasmo também, sem tirar os olhos de mim. Me sinto inundar de fogo, e puxo o fôlego, extasiada, ainda dentro do meu

orgasmo, vagando fora de orbita. Tom sai de dentro de mim, largando meus cabelos, respirando alto, sem fôlego.

Me viro, encarando-o, extasiada, e Tom me abraça, segurando meu rosto com as mãos.

—Vamos para o seu apartamento? — sussurra roucamente, ofegante, e eu nego com a cabeça, também sem fôlego. Coloco as mãos sobre as suas, e sorrio.

—Vamos para o seu apartamento — digo séria, e Tom ri.

—Vamos onde você quiser — ele sussurra de volta, e eu o abraço, sentindo seus braços ao redor do meu corpo. Estou satisfeita pela forma como estamos, pelo caminho que estamos seguindo. Pela ajuda de Anya e pela minha libertação.

Me visto sob o olhar de desejo de Tom, como se já estivesse pronto para transar novamente.

É, Tom é realmente insaciável.

Enquanto ele se veste, pego o celular e digito uma mensagem para Dana.

Amiga, estou indo embora, com Tom. Qualquer problema, me ligue. Boa festa, se divirta.

Envio, e olho para Tom, já vestido, que me encara curioso. Sorrio.

—Estou avisando Dana — explico, e ele arqueia as sobrancelhas.

—Contou para ela, então? Agora estamos oficializados? — ele pergunta sério, me desafiando, e rio, negando com a cabeça.

—Só para Dana, porque sei que ela não conta, e porque não tinha como esconder — hesito, e dou um passo na sua direção, colocando as mãos no seu peito — e para Ed.

Tom retesa a mandíbula ao ouvir o nome, e me olha sério, possessivo.

—Melhor, assim ao menos ele já sabe — ele fala sério, autoritário, e eu dou um leve tapa no seu peito.

—Pare com isso — rio, ignorando sua possessividade, e pego sua mão — vamos?

Tom sorri torto, concordando.

Ele me guia pela pista, contornando-a, e assim que saímos pela porta, seu carro é estacionado para nós. Tom pega as chaves, e contorna o carro ao meu lado, abrindo a porta. Sorrio, me deslumbrando sempre com seu gesto, e entro no carro, observando ele contorná-lo com elegância e rapidez.

Tom dirige por alguns minutos, e entramos novamente na quadra do seu luxuoso apartamento. Ele abre a garagem e entra, estacionando o carro. E novamente ele abre a porta para mim. Sorrio, e ele segura a minha mão, me acompanhando até o elevador. Subimos em silêncio, e percebo que Tom

se torna tenso. Acaricio sua mão e sorrio, me virando de frente para ele.

—O que foi? — pergunto séria, e Tom, pelas raras ocasiões, sorri nervoso.

—Tenho uma surpresa para você — ele diz com sua voz rouca, e eu franzo a testa, sem entender. As portas do elevador se abrem, e ele me guia até a porta, abrindo-a. Tom liga as luzes, e fito a sala, igual a última vez que estive aqui. Meu lado escuro se torna ainda mais curioso, não conseguindo pensar em nada, e encaro Tom.

—Que surpresa? — pergunto confusa, e Tom fecha a porta, começando a desabotoar a camisa. Seus olhos azuis escuros descem pelo meu corpo.

—Tire a roupa, no meu apartamento não quero você de roupa, lembra? — ele diz autoritário, e rio irônica.

—Você estava falando sério? — pergunto

pasma, e Tom morde o lábio, me encarando sério.

—Estava — ele fala autoritário. Minha risada desparece, e eu olho para ele.

—Então fique nu também — o desafio, e Tom semicerra os olhos por alguns segundos. Suas mãos agarram o botão da calça jeans, e ele a abre, tirando-a junto com a cueca.

—Já estou — fala ainda autoritário — falta você.

Mordo o lábio, e meu lado escuro se lembra das palavras de Anya. Preciso me acostumar comigo mesma, preciso me aceitar inteiramente.

Abro a calça, deixando-a deslizar pelas minhas pernas, junto com a calcinha, e dou um passo para o lado, tirando a blusa também. Tom me olha ferozmente, e sorri.

—Agora você está oficialmente no meu apartamento — ele diz zombeteiro. Rio, e me aproximo dele, encostando as mãos no seu peito

definido, quente.

—E qual é a surpresa? — pergunto, sentindo uma brisa gelada passar pelo meu corpo. Tom agarra minha cintura, encostando o corpo no meu.

—Venha comigo — ele sussurra, e segura minha mão, me guiando para as escadas. Subo ao seu lado, e caminho pelo corredor de mãos dadas, sentindo uma vertigem inundar meu corpo. Qual será a surpresa que nem meu lado escuro imagina? Tom para na frente da porta de um quarto, e retesa a mandíbula, preocupado.

—O que foi? — pergunto séria. Tom segura a maçaneta e me encara com um sorriso sedutor.

—Espero que goste — diz com a voz rouca, e abre a porta. Olho o quarto, e vejo um grande vidro na parede, com bordas de madeira. Dentro do vidro, uma foto minha, nua, em tamanho

real, com holofotes vermelhos iluminando-a na escuridão.

Meu lado escuro tem um colapso, surpreso, e eu abro a boca, sem conseguir acreditar no que estou vendo. Dou um passo para dentro, como se precisasse me aproximar para ver que é real. Tom me segue, em silêncio, e desço os olhos pelo meu corpo nu, sentindo minhas bochechas ficarem vermelhas. Caminho firme pelo quarto, sem tirar os olhos da foto, e paro em frente, sentindo Tom atrás de mim. Ele para, me abraçando por trás, e beija meu ombro.

—Gostou? — pergunta em um sussurro arrepiante, e sua voz rouca preenche o silêncio do quarto, aumentando ainda mais a sensação de sonho. Não fecho a boca, esqueço de respirar também, e meu lado escuro me domina, observando através dos meus olhos o meu próprio corpo, minha própria expressão, e me faz a mesma pergunta. Eu

gostei?

Sim, eu realmente gostei, e por mais que a sensação seja estranha, parece ser necessário eu encarar esse pudor de me ver nua em uma foto, exposta para os olhos de Tom a qualquer momento. Sim, eu realmente amei, porque eu quis fazer, porque eu consegui me sentir a vontade com meu próprio corpo o suficiente para aceitar, para relaxar com Tom.

—Eu amei — sussurro, colocando as mãos nos braços quentes de Tom, que me rodeiam.

—Eu amei também, é maravilhoso vir aqui e vê-la — ele sussurra, me apertando ainda mais — mas é ainda mais prazeroso ter você pessoalmente.

—Sempre estarei pessoalmente — sussurro em resposta, e Tom beija meu ouvido. Ouço sua respiração acelerada, e sinto seu membro se avolumar, roçando na minha bunda. Sinto tesão

novamente, um fogo subindo pelas pernas, um calor me invade, tornando o ambiente ainda mais abafado, o toque de Tom ainda mais quente, e o desejo novamente, assim como ele também. O arrepio se torna insuportável, e derreto ao pensar que posso tê-lo novamente, nesse momento. Estou enlouquecida para sentir Tom, e sei que ele está devastado de tesão.

Sorrio, extasiada por suas palavras, pelo seu contato. Pela sensação, e não tiro os olhos da foto.

Eu consegui provar que as palavras de Anya fazem sentido, e que eu preciso me desejar. Eu gosto do que vejo, meu lado escuro está satisfeito pelo avanço, pela libertação.

E talvez eu deva aceitar ir na festa com Anya, para encarar seu mundo sozinha, para conseguir enfrentar tudo sem precisar de socorro de Tom, para que ele possa ver que eu realmente quero estar em seu mundo.

Eu irei contar para Tom, e irei na festa com Anya, amanhã.

Irei completar a lição de enfrentar o seu mundo, de estar rodeada pelas pessoas e se forte como anseio, como quero. Me libertar um pouco mais, deixando meu lado escuro se fixar cada vez mais em mim. Irei completar a lição de me aceitar, de mostrar que sou a Alice no mundo de Tom.

ALICE

As portas do elevador da empresa do Sr. Haltender se abrem, e entro, encarando meu reflexo no espelho. Sorrio, extasiada ao lembrar da noite anterior, da festa e do seu apartamento. Tom se mostrou insaciável durante toda a noite, e me pergunto como ele consegue ter energia para malhar pela manhã. Ele é puro fogo, puro sexo. Ele

é Tom, o meu Tom.

E amanhã terá o evento que irei com Anya. Estou decidida a encarar mais isso, a enfrentar essas pessoas que pertencem ao mundo de Tom. Estou disposta a mostrar que Anya não está me manipulando, contrariando o que Eva e Tom pensam.

Só preciso achar um jeito de contar isso com calma para Tom. É, talvez nem meu lado escuro consiga me ajudar nessa situação.

Desço os olhos para o meu corpo, e me lembro das palavras de Anya, da grande foto exposta no apartamento de Tom, assim como em sua casa, futuramente, como ele mesmo me disse ontem. Não me senti intimidada, ou deslocada, gostei da sensação de me sentir mais liberta, sem as amarras de julgar isso, de pensar sobre como eu poderia odiar. A saia lápis preta, justa, contorna meu quadril, e uma camisa social de botões, azul

clara, é aberta no peito, deixando meus seios levemente à mostra. Sorrio, gostando do que vejo, desejando ver Tom também.

Dana, na faculdade, me encheu de perguntas, mas eu fui um pouco curta e apenas disse que estávamos tentando, sem anunciar para ninguém, fazendo-a jurar guardar segredo. É claro que Dana aceitou, como amiga que ela é, e me contou que Ed permaneceu quieto a noite inteira, depois que me viu com Tom, e que está demorando para aceitar.

Eu realmente gosto de Ed, ele é um homem maravilhoso, assim como um amigo maravilhoso, mas eu gosto dele como amigo, e ambos sabemos disso. Ambos sabemos que eu tentei, e que o que sinto por Tom é maior do que o meu sentimento por qualquer outro homem. Eu amo Tom, e adoro Ed como amigo, e isso ele terá que entender. Não quero magoá-lo, não quero que se afaste de mim,

mas se for essa a decisão dele, não insistirei. Quero que ele encontre alguém melhor, alguém que o faça feliz, e que entenda e continue meu amigo. É egoísmo da minha parte querer sua amizade desse jeito, mas se ele conseguir continuar como meu amigo, me compreendendo e desistindo de mim, será exatamente como imaginei.

E por mais que Tom insista que Anya não é confiável, que Eva também argumente e que Enzo pareça ainda mais ameaçador do que já é, eu ainda acredito que exista bondade nela, na forma como conversou diretamente comigo, e em como seus conselhos realmente estão me apontando o que eu sempre quis, mas nunca tive coragem de tentar.

Quero me libertar realmente, quero me tornar inteiramente meu lado escuro, e se Anya está me ajudando, não vejo maldade nisso.

Assim como também estou me preparando para a próxima campanha que irei fazer com

Augustine, com Tom como convidado da minha viagem. Um convite feito por ele mesmo, no seu jeito audacioso de ser. Sinto meu corpo se arrepiar ao pensar nisso, ao pensar que as fotos serão ainda mais expostas, não só em uma pequena escala, e que provavelmente conhecerei muitos profissionais da área, além da França. E por mais que no momento que Tom invadiu meu espaço, eu tenha ficado brava, a ideia dele viajar comigo parece ser extasiante, de tê-lo por perto.

Diferente de tudo o que imaginei que aconteceria na minha vida, o modo como estou agora me deixa satisfeita, me mostrando o quanto eu mudei desde quando conheci Tom. O quanto as pessoas podem mudar suas escolhas, seus gostos, o caminho para seguir.

As portas se abrem, e saio do elevador, fitando o corredor que leva a minha mesa. Caminho firme, ouvindo os saltos ressoarem, e viro o

corredor, fitando Ana e Mônica atarefadas em suas mesas. Ambas levantam as cabeças, e sorriem. Sorrio de volta, sincera, já não me importando com seus comentários. Não irei contar para elas, ainda, para evitar qualquer olhar esfomeados e perguntas demais, mas sei que Tom está realmente comigo, e não ficarei brava com os seus comentários.

—Oi Ali, boa tarde — Ana fala sorridente.

—Boa tarde — sorrio de volta, cumprimentando Mônica também. Sento em frente a minha mesa, e ligo o notebook, organizando os papéis. Ouço o barulho da maçaneta da sala de Tom, e levanto os olhos, curiosa, desejando que seja ele, mas um homem loiro, com olhos verdes e um olhar intimidador sai da sala. Enzo. Seus olhos param em mim, e ele sorri levemente.

—Olá, Alice — Enzo fala, e Tom surge atrás dele, sério. Sinto um calafrio por todo o

corpo.

—Olá — murmuro sem graça, olhando para Tom, que para trás de Enzo. Esse se vira, apertando a mão de Tom.

—Espero que seja lucrativo para ambos — Enzo murmura, e dá uma risada grossa. Desvio os olhos, observando Ana e Mônica olharem para eles, ambas com as bocas abertas. Enzo se despede, e passa reto pelas mesas, sem olhar para os lados. Tom retorna para a sala, fechando a porta, e sei que vai vir comentários.

—Como é possível reunir dois homens desses em um ambiente só — Ana começa a destilar o veneno.

—É uma boa pergunta. Enzo consegue ser ainda mais intimidador do que em festa, mas na cama isso deve dar uma pitada de tesão a mais — Mônica completa. Merda, eu não preciso ouvir isso, não mesmo. Permaneço quieta, digitando.

PERIGOSAS NACIONAIS

—Mas não deve ser como o Sr. Haltender, não — Ana contradiz Mônica — acho que ele deve ser insuperável.

E o silêncio prevalece de repente. Levanto a cabeça, olhando para elas, e percebo que ambas me encaram.

—O que foi? — pergunto arqueando as sobrancelhas. Finjo não estar a par do assunto.

—Como você conhece Enzo Lehanster, Ali? — Ana faz a pergunta do dia. Meu lado escuro começa a ponderar o que responder, e sorrio amarelo.

—Porque quando estava com Tom, conheci ele — respondo sincera, como se não fosse importante, como se o fato de conhecer os Lehanster não levou ao acidente.

—E como são realmente? — Mônica pergunta rapidamente. Dou de ombros, como se não fosse nada demais. É, só é um pouco

PERIGOSAS ACHERON

intimidador, estranhos.

—Normais — murmuro, mentindo descaradamente. É, eu poderia ter dito outra palavra, porque normalidade não descreve os donos de Pandora. Quase ia esquecendo esse detalhe.

Ana começa a rir, e olho para ela.

—Normais, Ali? Não, eles não podem ser normais — Ana diz, e eu volto a atenção para a tela do notebook.

—Para mim, são — finalizo o assunto. Não quero falar deles, quando sei que preciso falar especificamente sobre Anya com Tom.

—Ficou sabendo da festa de ontem? — Mônica começa — me disseram que Dário deu um show com uma stripper nua.

—Sério? — Ana pergunta, arregalando os olhos. Tento esconder o sorriso, permanecendo séria, ao pensar que sei disso em primeira mão.

—Sim, ele e Diego deixaram várias

strippers nuas, fizeram um show, que foi interrompido por Enzo e o Sr. Haltender — Mônica continua — dizem que até Antone estava presente na festa com uma mulher.

É, eu sei. Eva.

—O Sr. Haltender não participou disso, ao contrário, interrompeu? — Ana pergunta séria, surpresa — como isso? Ele sempre participava.

Respiro fundo, tentando não imaginar ele participando. Ele podia participar, mas agora não mais. Não vou me importar com os comentários.

—Verdade — Mônica responde apressada — ele sempre participava, era ele quem puxava o trio — diz rindo — mas pelo que me falaram, ele estava acompanhado ontem, foi embora cedo.

—Acompanhado? — Ana repete a pergunta. Paro de digitar, imaginando se a pessoa fofoqueira amiga de Mônica me conhece — por quem? — Ana pergunta assombrada, e o silêncio

prevalece novamente. Sei que estão pensando em como eu devo estar me sentindo, mas mal sabem elas que na verdade, estou mais do que satisfeita, já que era eu a mulher acompanhando o meu Sr. Haltender. Continuo a digitar, fingindo não ouvir.

—Não souberam me dizer. Me contaram que Vanessa deu um espetáculo de ciúmes, jogando vinho no Sr. Haltender, por ver a mulher na festa, e pelo jeito, sabia que eles estavam juntos. Foi aí que o Sr. Haltender sumiu da festa, depois falaram que viram Vanessa ir embora chorando, e que uma mulher estava acompanhando ele, quando foi embora — Mônica conta rápida — que eles ficaram um pouco na festa, mas depois desapareceram, só voltando para ir embora.

—Tudo isso em uma festa? Como eu queria ter ido para ver essa cena — Ana fala surpresa, arregalando os olhos — o Sr. Haltender tomando um banho de vinho deve ter sido até

engraçado, ele no jeito elegante dele. Mas me admira Vanessa fazer isso — ela para, respirando fundo — pelo jeito eles transaram né.

—Pelo jeito, nunca imaginei que Vanessa tivesse uma queda por ele, eram amigos de longa data, de festas e jantares. E pelo jeito, teve uma queda e se iludiu, como se não o conhecesse há anos — Mônica fala — como se não soubesse o homem que é.

—Mas ele deve ter sido espetacular com ela, para ela se iludir desse jeito, já que Vanessa também não é muito santa né. Está sempre acompanhada de homens maravilhosos — Ana destila ainda mais o veneno.

Respiro fundo, tentando me concentrar no trabalho, já que eu sei que a ilusão não foi por eles terem transado, mas exatamente ao contrário, por ele não ter conseguido e ter dito que se pudesse, seria ela, por consideração à amizade, para não

magoá-la. Não vou ficar brava ou me estressar por comentários assim.

—E a outra mulher? A que agora Vanessa deve odiar? — Ana pergunta curiosa — quem é?

Vejo pelo canto do olho Mônica dar de ombros, e voltar a olhar para o notebook.

—Também fiz essa pergunta, mas não souberam me dizer. Só que era uma loira. Não conseguiram ver ela direito — Mônica responde.

Ainda bem, não quero contar agora para elas, quero estar confiante comigo mesma primeiro.

—Mas sendo o Sr. Haltender, não deve durar muito — Ana comenta — mas me impressiona ele estar novamente envolvido desse modo.

—E parece que faz bem para ele, está cada vez mais maravilhoso — Mônica ri. Respiro fundo, ignorando elas, e pego alguns papéis, me

levantando. Quero falar com Tom sobre Anya, assim paro de ouvir Ana e Mônica e já acabo com a angustia de pensar sobre a conversa.

Ambas me encaram surpresas, e eu sorrio, caminhando em direção à porta, sem dar explicações. Dou duas batidas e a abro, olhando para a sala, me lembrando da noite que transei com Tom na mesa, da dança e provocações. Meu corpo inteiro parece queimar, subindo um tesão pelas pernas, se alastrando na minha intimidade, e meu coração bate rápido o suficiente para tentar sair do meu peito. Percorro a sala com os olhos, parando no meu chefe sentado, de camisa social branca e gravata, com as mãos na mesa, uma expressão autoritária e olhos azuis escuros ferozes. Tom.

Sorrio sem graça.

—Entre — ele murmura com sua voz rouca, sedutor, e mordo o lábio, entrando na sala. Fecho a porta atrás de mim, e caminho na sua

direção, firme, deixando minha bunda rebolar propositalmente. Tom aperta a borda da mesa, e com a outra mão, afrouxa gravata, me encarando deliciado.

—Sabe que se você entra desse modo, está pedindo para eu possuir você de todas as formas, e nessa mesa — ele passa a mão espalmada — não tem como eu negar deixar você nua, só para mim.

Sorrio maliciosamente, e mordo o lábio, sentindo minha excitação me enlouquecer. Preciso me controlar, estou no trabalho, mas se Tom não se controla, como eu vou? Nego lentamente com a cabeça, lutando para conversar com meu lado escuro, que quer sentar no colo de Tom e rebolar. Preciso conversar com ele primeiro, porque se fizermos sexo agora, não conseguirei conversar, e desse modo, também posso provocá-lo.

—E por que não deixa? — pergunto inocentemente, e sorrio ainda mais, levantando as

sobrancelhas — é porque você não pode, chefe, já que está trabalhado.

Tom me fuzila com os olhos azuis escuros, e afrouxa ainda mais a gravata, retesando a mandíbula, com um olhar selvagem em mim. Enlouquecido. Continuo caminhando devagar, sorrindo, e Tom respira fundo.

—E o que minha estagiária quer de mim, então? — ele pergunta em um sussurro devasso. Mordo o lábio novamente, descendo os olhos para o seu corpo esculpido embaixo da camisa social, que torneia todo o seu corpo.

—Quero todo você, hoje de noite, na minha cama — respondo, parando em frente a sua mesa. Apoio as mãos na mesa, e me inclino, aproximando meu rosto do dele. Tom se inclina na cadeira, agarrando meu rosto com as mãos, pelas bochechas, e sinto sua pele quente, me esquentando, esquentando o ambiente, que se torna

sufocante, abafado. Um calor me envolve cheio de desejo.

Tom aproxima o rosto do meu, deixando eu sentir seu perfume doce, seu hálito quente e sua respiração bater na minha pele. Fito seus olhos azuis escuros, intensos, penetrantes, fixos nos meus, perto o suficiente para eu ver todos os detalhes do seu rosto espetacular.

—Estarei na sua cama, esperando você — ele sussurra sedutor, e sua voz rouca me arrepia. Respiro fundo, e nego com a cabeça.

—Na verdade, quero que você me leve para a sua cama — falo séria, e mordo o lábio. Tom retesa ainda mais a mandíbula, e vejo fogo em seus olhos. Ele não se controla, e puxa o meu rosto, colando os lábios nos meus. Sua eletricidade é passada para mim, incendiando minha intimidade, e o tesão se torna enlouquecedor. Quero tirar suas roupas, quero tê-lo. Sua língua penetra minha boca

com urgência, em um beijo feroz, profundo, e explora a minha boca, sugando a minha língua para si. Sinto seus lábios quentes, e suas mãos descem do meu rosto, acariciando meu pescoço, esquentando-o. Arfo contra seus lábios, enlouquecida de desejo, sentindo minha intimidade pulsar. Merda, desse modo vou transar com ele, ao invés de conversar.

Afasto os lábios, abrindo os olhos, e vejo seus olhos azuis escuros fixos em mim.

—Não se afaste — sussurra com sua voz rouca, cheia de tesão, sedutora. Respiro fundo, lutando contra o desejo descomunal de voltar para os seus lábios, mas meu lado escuro também quer falar, conversar — venha aqui — ele pede autoritário, me encarando, e sorrio, me afastando ainda mais.

—Precisamos conversar — digo calma, e Tom levanta uma sobrancelha, como se não tivesse

gostado de eu ter interrompido. Ele respira fundo, e se encosta as costas na cadeira, me fitando intensamente.

—Sobre o que? — pergunta autoritário, e eu fico reta na sua frente, sorrindo calmamente. Não vou ficar preocupada com isso, não posso. Vou conversar calmamente com ele, e Tom terá que aceitar, confiar em mim. Confiar que posso lidar com Anya.

Roço os dedos da mão direita na mesa, e caminho contornando-a, em direção à Tom. Ele me segue com os olhos, penetrantes, virando a cadeira para parar sentado de frente para mim. Paro na sua frente.

—Anya me convidou para ir em um evento com ela, sexta-feira à noite, sobre algum escultor, algo assim, e eu pretendo aceitar — digo tranquila, em um sorriso, me preparando para o olhar enlouquecido, enfurecido de Tom. Ele levanta

lentamente uma sobrancelha, como se o que eu dissesse fosse um absurdo, e sua expressão se torna enfurecida.

—Você não vai — afirma autoritário com sua voz rouca. Levanto as sobrancelhas, ainda sorrindo.

—Tom, eu vou ir. Por que você não quer que eu vá? — pergunto calma, me aproximando ainda mais, até estar parada no meio das suas pernas. Ele agarra minha cintura com as mãos, me encarando.

—Porque Anya fará algo, minha Alice — murmura, tentando controlar a raiva, mas ainda ouço uma pontada de fúria no seu tom de voz controlado — porque ela não está fazendo nada à toa. Acredite em mim. Porque não quero deixar você perdida em um evento de Anya, levada por ela propositalmente.

—Confie em mim você, Tom. Eu sei lidar

com ela — falo devagar, baixo — eu não confio totalmente nela, você sabe disso, mas quero enfrentar isso.

—Enfrentar o que? — ele pergunta sério, levantando as sobrancelhas, curioso.

—Enfrentar esses eventos e festas do seu mundo, com as pessoas do seu mundo, sem eu precisar de você como apoio, sem — começo a dizer.

—Você não precisa de mim como apoio, Alice. Anya está influenciando esse seu pensamento. Você não precisa aprender a lidar com isso — Tom me interrompe.

—Preciso, Tom. Eu quero lidar, quero conhecer — falo séria — e quero que você confie em mim quando digo que vou ficar bem.

—Com Anya nada ficará bem, Alice. Você não sabe como ela realmente é — Tom afirma, desviando os olhos de mim — você não entende o

quanto ela é complexa.

—Me deixe tentar, Tom — peço, passando a mão no seu rosto, na sua barba rala, feita propositalmente. Tom respira fundo, e me encara. Sinto vontade de beijá-lo, de agarra ele e sentir o quanto é meu.

—Não vou impedir você do que quer fazer, mas não vou deixar você se machucar, Alice. Você é minha, e isso faz com que eu me preocupe, com que eu tente protegê-la. Por ser minha, não quero que se machuque novamente, então irei amanhã também, seja onde for — ele diz sério, com uma sobrancelha levantada e a expressão impassível — vamos nós três, já que você quer ir.

Arregalo os olhos, e começo a rir. Tom continua sério, me olhando. Como eu não imaginei que ele iria se auto-convidar novamente? É o jeito dele. Nego com a cabeça, passando as mãos no seu pescoço quente, sentindo sua pele macia, tentadora.

—Tom, eu quero ir sem você, exatamente por isso. Quero enfrentar sem ter você para me guiar, porque quero saber que posso sozinha. Que confio em mim mesma, no seu mundo — respondo calma — você sabe que se acontecer qualquer problema, eu ligo para você.

—Você quer ir sozinha, sem mim? — ele repete minhas palavras, franzindo a testa enfurecido.

—Sim — respondo direta.

—Com Anya? Não confio nela — ele responde bravo, cerrando os punhos.

—Eu também não confio tanto assim, mas não tem o que acontecer amanhã. Eu vou me cuidar — falo séria, e dou um passo para trás. Tom se levanta, de pé na minha frente, com um olhar intenso.

—Você vai para o meu apartamento depois, e me ligará para eu ir buscá-la — ele diz

autoritário — me manterá informado por mensagem e — começa a falar.

—Tom, não apareça lá de surpresa — interrompo ele — porque senão realmente ficarei brava. Você já apareceu de surpresa em muitos lugares, e todas as vezes, eu aceitei. Dessa vez, não faça isso — peço séria, também autoritária — confie que vou ficar bem, vou manter você informado e você me busca, pode ser?

Tom desvia o olhar, e percebo que o deixei sem argumentos. Meu lado escuro sabia que ele iria atrás de mim, e agora que eu falei, ele não poderá ir.

—Prometa, Tom — peço, colocando as mãos no seu rosto. Tom me encara furioso, e respira fundo.

—Sim, minha Alice. Não vou aparecer lá — sua voz rouca é verdadeira, por mais que ele esteja relutante em dizer — mas me mande

mensagem — ordena, levantando uma sobrancelhas. Tom coloca as mãos na minha bunda, acariciando-a. Respiro fundo, aliviada por ter conseguido — e vou querer que me recompense de uma forma diferente — ele sussurra, passando os lábios nos meus, indo para o meu ouvido — de uma forma bem diferente.

Sinto o tesão voltar, se intensificando. Suspiro, descendo as mãos pelo seu peito, desejando ter ele agora mesmo.

—De que forma? — pergunto curiosa, excitada, e Tom suspira no meu ouvido roucamente, me provocando. Mexo as pernas, tentando acalmar o tesão que sobe pelas minhas coxas.

—Você verá — ele sussurra sedutor, me arrepiando. Mordo o lábio, desejando que chegue logo sexta-feira depois do evento. Dou uma leve risada, sentindo sua respiração na minha orelha —

ou quer uma prévia agora? — ronrona no meu ouvido. Enlouqueço, e desço com as mãos até o volume da sua calça, acariciando sua ereção.

—Se você puder — sussurro de volta, desejando que Tom tire minhas roupas. Ele se afasta do meu ouvido e me encara por alguns segundos, me devorando com seus olhos azuis escuros, ferozes.

—Só porque você não quer que eu vá com você, me terá apenas depois desse evento — ele diz sedutor, e sua voz rouca me derrete. O fuzilo com os olhos, não aguentando o tesão, e aperto sua ereção, sentindo o contorno do seu membro. Tom agarra minha mão com a sua, quente, e a tira da sua calça, se afastando.

—E hoje a noite, não transará comigo? — pergunto surpresa, vendo ele se afastar e sentar novamente, colocando os braços apoiados na mesa. Ele me olha de canto, ainda mais sedutor, e sorri

torto.

—Não, está de castigo — sua voz rouca é zombeteira, e o sorriso aumenta. Abro a boca, incrédula. Para Tom estar recusando sexo, é porque ele realmente ficou incomodado.

—E aguentará transar comigo, nua na sua cama? — pergunto séria, dando a volta na mesa e parando na sua frente. Tom retesa a mandíbula, subindo com os olhos pelo meu corpo.

—Você não faria isso — ele ameaça. Sorrio zombeteira.

—Espere até de noite, meu Tom — sussurro maliciosamente, virando de costas. Caminho rebolando até a porta, e seguro a maçaneta.

—Alice — ouço sua voz rouca me chamando, sedutora. Olho para trás, vendo-o sentado, com os cotovelos na mesa — sabe que se me provocar, se provocará ao mesmo tempo.

PERIGOSAS NACIONAIS

—Vamos ver o quanto aguentamos — sussurro para ele.

—Sabe que posso enlouquecer você, minha Alice — ele me desafia. Sorrio para ele, e abro a porta, saindo da sua sala, sentindo seus olhos azuis escuros ferozes em mim.

Olho novamente para o relógio, sem acreditar que tive a coragem de ligar para Anya, ouvi-la me dar oi lentamente, e dizer que aceito seu convite. Anya pareceu ter ficado feliz, ao mesmo tempo sua voz passava uma tranquilidade como se já soubesse que eu iria aceitar.

Guardei seu presente, as bolinhas tailandesas, com o interesse de praticar, e hoje, antes de ter me arrumado, tentei praticar, encontrando certa dificuldade inicial para me adaptar à sensação, mas depois de vinte minutos praticando, comecei a sentir um pouco mais de força, um pouco mais de contração.

PERIGOSAS ACHERON

E contrariando o que meu lado escuro imaginava, Tom conseguiu me ignorar a noite inteira, como castigo. Estou sem tê-lo há vinte e quatro horas quase, e está sendo enlouquecedor. Tom me viciou no seu sexo, e como castigo por não deixá-lo ir comigo, quando chegamos ao seu apartamento, ficou nu, junto comigo, me provocou, e no auge do meu tesão, com ele excitado também, interrompeu, ligou a televisão, algo que não costuma fazer. Não, não é que não costuma fazer, é algo que nunca faz, já que o único momento que o vi fazer isso foi uma vez no meu apartamento, e começou a assistir algum filme, me deixando pasma. Tentei provocá-lo, mas ele simplesmente me impediu, rindo da forma como eu estava enlouquecida.

Tom está me deixando enlouquecida o tempo todo.

Meu celular vibra novamente, me

acordando dos pensamentos. É sexta-feira, oito horas da noite, quinze minutos antes de Anya passar aqui. Respiro fundo, e pego o celular, vendo uma mensagem de Tom.

Está pronta? Já foram? Estou esperando você.

Sorrio com a curiosidade e possessividade presente na mensagem de Tom. Ele não consegue se controlar, mesmo. Meu lado escuro está mais do que satisfeito por eu estar indo, por eu estar enfrentando todos os meus medos. Pego a pequena caixa de bolinhas tailandesas e guardo em uma gaveta, digitando uma mensagem para Tom.

Estou. Anya passará daqui quinze minutos. Também espero você depois. Com amor, sua Alice.

Sorrio, e envio a mensagem. Me viro novamente para o espelho, fitando o meu reflexo. Não contei para Dana que estou indo para um

evento com Anya, porque sinto que ela também iria dizer que algo está errado, então prefiro contar depois. Ed não me mandou mais mensagem, e vou respeitar o seu afastamento pelo tempo que ele precisar. Meu celular vibra novamente.

Sempre minha. Não demore para me ligar. Seu Tom.

Sorrio, amando ler sua mensagem, e me olho novamente, analisando o vestido simples que comprei com o que está restando do cachê que ganhei da campanha de Ed. Um vestido simples, preto, comprido até um dedo acima do joelho. Fiz uma maquiagem leve, deixando meu cabelo ondulado com babyliss. Olho para a minha mão direita, fitando o anel que Tom me deu.

Meu celular vibra, e eu olho para tela, vendo uma mensagem de Anya.

Está pronta?

Respiro fundo, e respondo.

Estou.

Alguns minutos, ela me responde.

Estou passando no seu apartamento.

Pego minha pequena bolsa preta e coloco o celular dentro, desligando as luzes do quarto. Caminho pela sala, ouvindo o salto do meu sapato preto fazer barulho no chão. Deslizo as luzes da sala e saio do apartamento, fechando a porta. Desço pelo elevador, sentindo um calafrio pelo meu corpo, uma sensação de ansiedade e vertigem por não conseguir imaginar como será. Um suor frio brota pelos meus poros e respiro fundo, sentindo meu coração acelerado, temeroso.

As portas do elevador se abrem, e saio pelo hall, passando pelo porteiro que me cumprimenta com um aceno. Sorrio de volta, e abro a porta do prédio, vendo uma Mercedes-Benz S-Class preta, parada em frente ao prédio. O vidro do passageiro se abaixa lentamente, e os olhos intimidadores,

verdes, de Anya, me fitam intensamente. Respiro fundo, criando coragem para continuar, porque mesmo que eu enfrente Anya, que eu não me sinta intimidada por ela, sua presença passa uma energia forte, um poder que parece criar calafrios nas pessoas. Todos os Lehanster passam essa sensação, como se fossem vampiros.

O motorista sai do carro, e abre a porta do passageiro do outro lado. Dou a volta no carro, sentindo um leve vento frio, e entro. Sento no carro luxuoso, e olho para o lado, vendo Anya sorrir lentamente, satisfeita.

—Olá, Alice — ela fala lentamente, no seu tom baixo e intimidante. Sorrio, enfrentando seu olhar.

—Oi, Anya — murmuro, olhando para ela, para o seu vestido.

Anya está vestida com um vestido longo, preto, de couro, justo e decotado. Ela sorri ainda

mais, e vira o rosto, encarando o motorista pelo espelho retrovisor.

—Pode ir — ordena séria, e o motorista acelera, saindo da frente do prédio. Desejo que o meu lado escuro permaneça em mim a noite inteira, que me guie e me abra os olhos.

Ainda não consigo acreditar que estou acompanhando Anya Lehanster, a mulher que nunca imaginei me aproximar, desde que a conheci, e agora estou dentro do seu carro, em alta velocidade, indo para um evento.

O quanto eu posso estar certa? O quanto eu posso estar enganada? O quanto Tom está correto, ao me proteger? E o quanto Anya realmente pode ser perigosa?

Meu lado escuro ignora todas as perguntas, levado pela sensação de arriscar-se, de tentar provar para mim mesma que posso arriscar, que posso tentar, e no final pode dar tudo certo, por

mais que eu não confie realmente.

Estou indo com ela, mas não confio em Anya. Preciso ficar atenta, perceber qualquer armadilha da sua parte.

—Contou para Tom? — a voz dela corta o silêncio, lenta e baixa.

—Sim, contei — respondo curta, e a encaro novamente — achou que eu não ia contar?

Anya me encara séria, e sorri lentamente.

—Achei. As vezes você me surpreende — ela murmura — e as vezes não.

—Não me importo se surpreendo você ou não — respondo ríspida, e Anya permanece em silêncio — por que você me convidou? — pergunto séria, franzindo a testa. Estou curiosa para saber realmente.

—Já disse para você — ela fala, arqueando as sobrancelhas — para você ver o mundo dele sem estar ao lado dele. Encará-lo sozinha.

—Isso é para mim, mas por que você precisa que eu vá com você? Para não ir sozinha? — pergunto curiosa.

Anya ri lentamente, ecoando sua risada, e negada com a cabeça, olhando para mim com uma expressão divertida.

—Eu não preciso de ninguém para me acompanhar, Alice. Eu vou quando eu quero, sozinha ou não — ela responde firme — eu apenas estou ajudando você, e quero que você conheça uma velha amiga minha.

—E seus irmãos, Enzo e Antone? — pergunto, levantando as sobrancelhas — não acompanham você.

O sorriso de Anya desaparece lentamente, e ela me encara por alguns segundos.

—Eles estão sempre comigo, mas não precisamos sair necessariamente juntos — ela responde calma. Olho para frente, vendo uma

grande casa toda de vidro e branca se projetar na esquina da rua. Terraços abertos, brancos, se projetam para frente das grandes janelas e paredes envidraçadas. Luzes de grandes holofotes no chão, brancas, rodeiam a casa, e um grande gramado se projeta na frente, com seguranças na entrada do caminho de pedra no meio do gramado para a casa — estamos chegando.

—De quem é o evento? — pergunto receosa.

—De um escultor, amigo meu. Vitório Bocazzio, fez exposições na Itália, e agora que retornou, redecorou sua casa e fez uma exposição na própria — Anya explica. Levanto as sobrancelhas, surpresa.

—É a casa dele? — pergunto ainda mais receosa.

—Sim, Alice — Anya responde, me encarando séria — e muitos convidados já

chegaram.

O carro estaciona na frente, como se houvesse uma vaga reservada para o carro de Anya. O motorista desce, e abre a porta para mim. Saio, segurando sua mão, e olho para a casa gigantesca. Pessoas estão paradas nos caminhos do gramado, conversando com taças na mão. Outras pessoas também estão chegando, e os terraços no segundo andar, em estilo retangular, estão conversando animadamente. Uma música ambiente, grave, envolve os convidados, e as janelas envidraçadas foscas, fumê, impedindo que vejamos dentro da casa, estão fechadas. Anya para ao meu lado, encarando a casa.

—E é que movimento suas esculturas? — pergunto, olhando para as pessoas bem-vestidas.

—Futurismo — Anya responde séria, e me olha de canto — vamos?

Sorrio, respirando fundo, e assinto.

—Vamos — respondo. Caminho ao seu lado, percebendo alguns olhares curiosos sobre nós, e começo a me perguntar se eles não estão curiosos para saber quem é a louca ao lado dessa Lehanster.

Meu lado escuro dá risada de mim, se divertindo com esse pensamento, e caminho firme, confiante, ao seu lado.

Anya sorri lentamente, e atravessamos o caminho de entrada pelo jardim. Paramos na grande porta de vidro, vigiada por dois seguranças, e ambos, ao olharem para Anya, assentem, abrindo as portas. Anya sorri satisfeita, e entra na casa. A sigo, caminhando firme e de cabeça erguida.

O grande salão da casa está com esculturas futurísticas espalhadas por todos os lados, com sofás brancos, arredondados e acolchoados espalhados também, com pequenas mesas na frente e garçons de gravata borboleta servindo os convidados. As pessoas estão sentadas,

conversando e bebendo, e algumas caminham entre as esculturas, observando.

—Vamos cumprimentar Vitório — Anya murmura, e sigo o seu olhar, encontrando um senhor de meia idade, com cabelos brancos e óculos de grau estilo aviador. Sorrio, e concordo com a cabeça. Anya começa a caminhar entre as pessoas, sob a luz branca e forte da casa. Caminho ao seu lado, até pararmos em frente a Vitório. Ao ver Anya, ele abre um grande sorriso.

—Anya — sorri animadamente para ela, a cumprimentando com um leve beijo no rosto — não sabe a alegria ao vê-la, depois de tantos anos.

—É sempre bom reencontrar velhos amigos. Melhor cultivar os velhos do que fazer novos — Anya responde com um grande sorriso — a não ser que os novos sejam pessoas como você.

—Sempre com essa frase para mim, é um anjo — Vitório diz. Meu lado escuro se questiona

que tipo de anjo.

Os olhos escuros de Vitório chegam até mim, e ele sorri.

—E essa linda mulher? — ele pergunta para mim. Sorrio, cumprimentando-o.

—Prazer, Alice — me apresento.

—Uma nova amiga — Anya completa, apenas me observando.

—Você sempre faz amizades maravilhosas — Vitório me elogia, e sorrio sem graça. Olho para as suas esculturas ao redor e ele percebe — espero que goste, Alice.

—São lindas — murmuro — realmente lindas.

—Obrigado — ele fala, e então abana para um homem ao longe — se me permitem, preciso cumprimentar um outro velho amigo, mas aproveitem o evento. Depois conversamos mais — Vitório fala devagar, e tanto eu quanto Anya

assentimos, sorrindo.

Olho ao redor, de frente para Anya, me sentindo um pouco deslocada, e preciso acabar com essa sensação. Não estou deslocada, estou satisfeita.

—Vamos para o segundo andar, no terraço, Alice? — Anya pergunta, me chamando a atenção. Olho para as escadas em forma de L, branca, com corrimões brancos, e assinto.

—Vamos — concordo, e subo ao lado de Anya, sentindo os olhares em nós, em Anya. Alcanço o segundo andar, também cheio de pessoas, igual ao primeiro andar, e vou para o terraço ao lado de Anya. Ela caminha até a borda, apoiando os braços na balaustrada de vidro. Paro ao seu lado, encarando-a, e o vento joga nossos cabelos para trás. Sinto um arrepio percorrer meu corpo, o suor frio surgir e meu coração acelera ainda mais. Estou com vertigem, ansiedade, e

parece não passar.

Anya vira o rosto na minha direção, me encarando.

—Está gostando, Alice? Quero que se sinta bem aqui — Anya fala calma.

—Estou — respiro fundo, tentando me acalmar. Estou me sentindo bem, estou ansiosa para continuar como estou, com meu lado escuro. Anya desvia os olhos para trás, e sorri lentamente.

—Quero que conheça alguém, Alice — Anya fala lentamente. Franzo a testa, curiosa, e com as mãos na balaustrada, viro a cabeça para trás.

Uma mulher com olhos fortes, cabelos escuros, ondulados, caminha na nossa direção. Seu vestido branco e preto é de gola alta, comprido até o joelho. Ela caminha firme em nossa direção, com os olhos em mim e Anya. Abre um grande sorriso para nós, e eu me viro de lado, assim como Anya,

ficando frente a frente com ela, com a cabeça virada na direção da mulher.

Anya sorri lentamente, e a mulher para ao nosso lado.

—Anya — a mulher, com uma voz baixa, calma — estava esperando você.

—Eu também — Anya responde com um grande sorriso, e se vira, abraçando a mulher, que retribui. Me viro também, encarando as duas, e Anya, após se afastar da mulher, me fita com um grande sorriso.

—Esta é uma amiga minha — Anya diz, se referindo à mim, e desvia os olhos para a mulher. Encaro a mulher nos olhos, e sorrio.

—Prazer, Alice — digo com um leve sorriso e uma voz firme. A mulher me encara por alguns segundos, me analisando, e sorri.

—O prazer é meu, Alice. Sou Mercedes — diz firme, se apresentando, com os olhos fixos em

mim, analisando qualquer expressão minha, me sondando como um gato, mostrando o motivo de ser amiga de Anya.

ALICE

Desvio os olhos dos olhos fortes de Mercedes para os olhos intimidadores de Anya, me olhando intensamente.

—Mercedes é uma amiga minha de longa data — Anya fala lentamente, esboçando um sorriso. Levanto uma sobrancelha, curiosa do por quê ela estar ansiosa para me apresentar à

Mercedes, e encaro novamente a mulher. Mercedes sorri, encarando Anya. Meu lado escuro se mantêm de pé, com a cabeça erguida entre as duas.

—Você é a namorada de Tom Haltender? — a voz melódica e baixa de Mercedes acompanha a música, e ela me encara. Sorrio satisfeita, sem demonstrar a curiosidade de querer saber o por quê da pergunta.

—Sou — respondo firme, ainda com um sorriso — sou a namorada de Tom.

Mercedes continua a sorrir enigmaticamente, e Anya aceita uma taça de vinho oferecida por um garçom.

—E como ele está se saindo como comprometido? Está segurando ele na coleira, ou quem usa é você? — Mercedes pergunta maliciosamente, e semicerrando levemente os olhos. Sorrio ameaçadoramente para ela, e Anya dá uma leve gargalhada ao meu lado.

PERIGOSAS NACIONAIS

—Revezamos a coleira, Mercedes — respondo irônica, sentindo sua língua afiada como de Anya. Mercedes começa a rir, e pega uma taça também.

—Gostei de você — ela sussurra — parece que Tom escolheu a dedo uma mulher diferente das socialites que ele transava — Mercedes completa, com um grande sorriso zombeteiro — não me leve a mal, mas não acho certo quem esconde de você o passado de Tom com palavras dóceis, se você está com ele — Mercedes pausa, tomando um longo gole da taça — você sabe como ele é.

—Sim, mas acho que não precisamos focar no assunto sobre o meu namorado, não acha? — corto diretamente Mercedes, sentindo os olhos intensos de Anya em mim.

—O assunto deveria ser você, Alice — Anya fala com um sorriso ameaçador — soube que você enfrentou , de certo modo, Vanessa.

PERIGOSAS ACHERON

Sorrio, me lembrando da noite da festa de Dário, de quando meu lado escuro reinou em mim.

—Não foi bem enfrentar — murmuro — eu só me apresentei.

—A Alice que conheci uma vez não se apresentaria desse modo — Anya fala direta, me encarando. Sinto os olhos de Mercedes também em mim, e respiro fundo, sentindo o ar fugir dos meus pulmões — você iria se encolher e culpar Tom, de certo modo.

Encaro Anya por alguns segundos, e assinto, ainda com um sorriso.

—Iria fugir disso, provavelmente — respondo.

—Então sugiro que continue como Anya falou, diferente, porque Vanessa acaba de chegar — Mercedes murmura, e sua expressão é de curiosidade, como se estivesse puxando a pipoca, pronta para um show. Sinto meu coração parar, e

percorro o ambiente lentamente com os olhos.

—Vanessa não chegará perto de você, não comigo ao seu lado, Alice — Anya sussurra lentamente, virando lentamente a cabeça para trás — ela sabe o devido lugar dela.

Viro lentamente a cabeça para trás, e vejo uma mulher loira, andando pelo grande salão, analisando as esculturas. Está vestida com um vestido roxo escuro, curto, e um grande colar de ouro, em forma de coleira. Seus olhos lentamente percorrem as esculturas, seguindo os terraços, e se encontram com os meus, criando uma expressão furiosa, para depois ver Anya ao meu lado.

Ela parece recuar, e Anya sorri lentamente.

—Talvez ela não goste de você, Mercedes — Anya zomba lentamente, e Mercedes ri, se aproximando mais de nós.

—Talvez tenha sido porque todos os homens que ela desejou, acabaram na minha cama

— Mercedes sussurra — se bem que soube que antes de Tom, ela teve uma leve queda por seu irmão, Enzo, Anya.

Anya vira lentamente a taça, e ri cruelmente, sem tirar os olhos de Vanessa. Começo a me perguntar se alguma mulher conseguiria se sair bem na cama com Enzo, com o seu jeito intimidador, e o que Anya pensaria sobre isso. O que Anya pensa sobre seu irmão?

—Vanessa não aguentaria Enzo na cama — Anya diz firme — e ela percebeu que o perigo com Enzo não seria só se apaixonar por um homem que nunca a corresponderia — Anya diz, se tornando séria e levantando uma sobrancelha.

Franzo a testa, confusa com sua afirmação. Como ela pode saber disso?

—E por que você acha isso? — pergunto séria, bebendo um pouco do vinho. Anya me encara de canto de olho por alguns segundos, séria, e sorri

lentamente.

—Porque eu conheço Enzo, Alice — ela responde séria, e percebo que o olhar de Mercedes nela é de puro fascínio.

Desvio os olhos delas, percorrendo as pessoas. Mulheres vestidas elegantemente, de modo simples, caminham e conversam pelo salão, assim como homens. Começo a me sentir um pouco mais a vontade, percebendo que nada de ameaçador existe nessas pessoas.

—Conte sobre o que fez esse tempo que ficou longe, Mercedes — Anya pergunta para Mercedes, atraindo novamente minha atenção. Mercedes abre um grande sorriso, e aponta para um sofá arredondado, branco, no outro lado do terraço.

—Vamos nos sentar, porque tenho muito que contar — Mercedes sorri de forma prazerosa, e começa a caminhar elegantemente em direção ao sofá. Anya me olha rapidamente, e eu as

acompanho por livre vontade. Sinto dois olhos enfurecidos em mim, mas não olho para trás, caminhando firme ao lado de Anya.

—Sabe que está sendo seguida — Anya comenta em um sussurro, enquanto Mercedes caminha na nossa frente — e sabe por quem.

Sorrio, sentindo meu lado escuro reivindicar mais um pedaço de mim, e assinto lentamente, percebendo que a pessoa se aproxima cada vez mais. Mercedes se senta no sofá, cruzando as pernas e segurando a taça, me encarando com um sorriso enigmático. A cinco metros de distância dela, sob a sombra da luz branca do salão, com Anya ao meu lado e a música baixa, lenta, sinto uma mão fria agarrar meu pulso, me puxando para trás. Me viro repentinamente, sentindo um calafrio por todo o corpo, assustada mesmo que meu lado escuro já soubesse.

Encaro o rosto furioso de Vanessa, me

fuzilando com seus olhos maquiados. Anya e Mercedes permanecem apenas me observando, enquanto meu lado escuro reina em mim. Me viro de frente para Vanessa, a encarando.

—O que faz aqui? — Vanessa rosna, enfurecida — você se acha parte do nosso mundo? Você é um brinquedinho de Tom, que logo quebrará quando ele cansar de brincar com você.

Vejo pelo canto do olho Anya sorrir lentamente, como se saboreasse esse momento, mas meu lado escuro se atrai novamente para Vanessa, e permaneço em silêncio, apenas a encarando, tentando guardar toda a raiva dentro de mim, para não expressá-la.

—Me responda — ela exige, aumentando o tom de voz. Ouço a risada de Mercedes, no sofá, e permaneço em silêncio, apenas encarando Vanessa, evitando de demonstrar minha raiva. Meu lado escuro sussurra para mim, que ao demonstrar a

raiva, irei fazer exatamente o que Vanessa quer, irei me afetar — você se acha melhor que as mulheres que já estiveram com Tom? Você está sendo ridícula ao pensar assim, está sendo ridícula ao tentar fazer parte de um mundo que você não se encaixa, e só sofrerá com isso — Vanessa continua, arqueando as sobrancelhas — você será apenas mais um nome na mesa de bar quando Tom rir com os amigos. Eu conheço Tom o suficiente para saber disso, eu o conheço há mais de cinco anos.

Encaro ela séria, tentando ao máximo guardar minha raiva, e dou um passo em sua direção, sentindo o salto fincar no chão. Vanessa levanta uma sobrancelha, e paro a centímetros dela, sentindo os olhos de Anya curiosos em mim.

—Você conhece Tom realmente? — pergunto calma, com a voz baixa — você já esteve na cama com ele, sem máscaras, sem aparências, Vanessa?

Ela me encara séria, enfurecida.

—Não sou como você, Vanessa, não quero o seu mal, nem atrapalhar sua vida — continuo.

—Você acha que consegue atrapalhar minha vida? Estou apenas contando os dias para ouvir da boca de Tom sobre como estava enganado com você — ela me interrompe, jogando as palavras na minha cara, atiçando meu lado escuro a se enfurecer. Respiro fundo, encarando-a.

—E se ele não estiver? — pergunto séria, levantando as sobrancelhas — só por você conhecê-lo há anos, acha que sabe sobre nós? Tom está comigo mais do que alguns dias, e se depender de mim, continuaremos assim. Não estou sendo ridícula ao estar aqui, ao estar em seu mundo, estou lidando muito bem com isso, com o fato de estar ao lado dele, de estar entrando em seu mundo.

—Quem você acha que é? — Vanessa se exalta, levantando a taça de vinho e deixando o

vinho cair para o lado.

—Venessa — Anya diz ameaçadoramente, de forma lenta, dando um passo na nossa direção. Estendo o braço, impedindo o avanço de Anya. Meu lado escuro não quer nenhuma ajuda, meu lado escuro quer que eu enfrente qualquer afronta dentro do mundo de Tom.

Meu lado escuro sussurra para mim que posso ser confiante, que posso me sentir confiante sobre mim mesma, sobre eu estar ao lado de Tom e ser o suficiente.

—Acho que sou mulher o suficiente para estar ao lado de Tom, fazendo-o não precisar de nenhuma outra — respondo séria, levantando a cabeça — mulher o suficiente para não me preocupar com o que você diz ou pensa, Vanessa, porque sei que estou no lugar certo, que.

—Que está no lugar certo? — Vanessa arregala os olhos, me interrompendo — você é uma

ninguém.

—Não preciso ser alguém para os outros — digo ríspida — só preciso ser eu mesma e o suficiente para mim mesma. Se você fosse assim, talvez Tom tivesse algum interesse em você — meu lado escuro finaliza com palavras piores que tapas, não aguentando a afronta — talvez se fosse um pouco menos superficial, você tivesse algo para ser admirada, para atrair sua atenção. Pare de fazer escândalo sobre um homem que nunca quis você, que nem no pior momento, conseguiu. Pare de se humilhar desse jeito, porque por mais que conheça Tom há anos, que tivessem uma grande amizade, é comigo que ele transa, é comigo que ele passa todas as noites. É comigo que ele faz amor — hesito, vendo seus olhos se tornarem irados, com um ódio surgindo em toda a sua expressão, e meu lado duvida se ela não será insana o suficiente para pular em mim. Mas mesmo assim a encaro de

cabeça erguida, e meu lado escuro me mostra que posso ser forte o suficiente para me sentir confiante em frente à situações antes inimagináveis.

—Até quando? — Vanessa sussurra irônica, semicerrando os olhos — até quando você acha que segura Tom? Ele não costuma ser homem de uma mulher só.

—Mas ele está sendo comigo, e há um bom tempo — respondo confiante, séria. Os olhos de Vanessa se desviam de mim, se focalizando em Anya, desviando para Mercedes e voltando para mim.

—Tom nunca me contou sobre você — ela diz séria, como se quisesse dizer que ele nunca se importou de falar sobre mim. Dou um passo a mais, me aproximando ainda mais de Vanessa, encarando-a nos olhos.

—Talvez porque ele nunca mais falou com você, a não ser aquela noite — afirmo, analisando

sua expressão se espantar, e meu lado confirma a minha frase — Vanessa, nada do que você me disser mudará o fato de que estamos juntos, e de que você não conseguiu transformar sua amizade em algo mais.

Vanessa permanece em silêncio por alguns segundos, como se minhas palavras encerrassem o assunto. Sinto o vento frio passar por mim, arrepiando meus braços, e a sensação que sinto é de ameaça. Seus olhos, fixos em mim, se desviam para Anya e Mercedes novamente, e então Vanessa dá um passo na minha direção, virando o rosto, o suficiente para sussurrar perto do meu ouvido. Arregalo os olhos, e meu lado escuro se remói de curiosidade.

—Cuidado para não se perder, Alice. Esse mundo pode ser maior do que você imagina, e as pessoas podem não ser boas como você espera — Vanessa sussurra repentinamente no meu ouvido —

eu terei o prazer de assistir você de longe, caso cair.

Dou um passo para trás, franzindo a testa, e encaro Vanessa, furiosa.

—Se eu me perder, Vanessa, Tom terá o prazer de me achar — respondo ríspida, me afastando. Meu lado escuro está furioso, e preciso me afastar, me controlar. Respiro fundo, fechando os olhos, e sinto os olhos de Anya em mim. Viro de costas para Vanessa, mas meu lado escuro me impede de me afastar. Viro a cabeça para trás, encarando Vanessa imóvel, com a taça na mão — e talvez a única forma de você ver Tom novamente, seja realmente assistindo de longe. Você perdeu um amigo, e Tom não é um homem que costuma voltar atrás — hesito, e meu lado escuro sorri ironicamente — mas ao menos isso, é algo que você já sabe.

Vanessa semicerra os olhos, furiosa, e viro

o rosto, fitando Mercedes sentada, com um grande sorriso de satisfação, assim como Anya, que caminha ao meu lado, se aproximando cada vez mais. Sinto um calafrio pelo meu corpo, não reconhecendo o meu lado escuro furioso, não reconhecendo o como me tornei confiante.

—Me diga onde está a Alice medrosa e como você se tornou essa Alice — Anya sussurra zombeteira para mim, e rio, negando com a cabeça. Seus olhos permanecem curiosos em mim, e ela dá um longo gole de vinho — minhas lições estão surtindo efeito — afirma. Olho para ela por alguns segundos, sem saber o que responder.

Sim, elas estão surtindo efeito, algo que no início nunca pensei que aconteceria. Estou começando a me sentir agradável perto de Anya, perto de suas palavras, por mais ameaçadora e manipuladora que seja, e preciso refrear minha vontade de confiar nela. Não estou lidando com

uma amiga como Dana, uma pessoa calma e bondosa, Anya parece ser o oposto, e não posso confiar cegamente. Mas realmente ela está me ajudando, está me apontando a direção que quero seguir, e cada passo que avanço nessa direção, mais confiante me sinto, mais eu mesma me torno. Mais meu lado escuro me comanda e me engole.

—Você alguma vez duvidou que não iriam surtir? — pergunto séria, parando de frente à Mercedes, sentada, apenas prestando atenção em nós. Anya vira de frente para mim, e sorri lentamente.

—Vindo de você, esperava que talvez continuasse medrosa, que demorasse mais. Você me surpreende, Alice, desde o início, quando fez Tom se prender à você — Anya responde.

—Tom não está preso à mim — a contradigo — estamos juntos, mas não presos nesse modo pejorativo.

—Não estou falando em modo pejorativo — Anya me interrompe — estou dizendo que você o fez querer ficar apenas com você, e isso é algo surpreendente. Quando Enzo me contou, não acreditei, até ver você com meus próprios olhos. E depois você apareceu ao lado de Eduardo, deixando-o apaixonado por você.

Sinto meu corpo inteiro se retesar ao saber que Anya percebeu sobre Eduardo, e meu coração se acelera ainda mais. Anya percebe minha reação de espanto, e sorri.

—Todo mundo percebe que Eduardo é apaixonado por você, Alice — ela continua, sorrindo ainda mais de forma animalesca — sabe o que eu gosto em uma mulher? — ela pergunta, bebendo um pouco de vinho — quando eu percebo que ela é dona de si, que sabe o que quer e faz os homens ao seu redor se apaixonarem por ela, sem a intenção. Você estava no caminho — Anya afirma,

sorrindo — e mesmo que Eduardo seja um homem maravilhoso, você ainda resistiu, você não cedeu à tentação.

—Como você pode saber disso? — pergunto séria, franzindo a testa. Anya balança a cabeça lentamente.

—Porque se você tivesse realmente cedido e transado com ele, Tom não estaria com você — Anya responde, e meu lado escuro concorda com ela. De todos os caminhos que escolhi, talvez eu tenha escolhido o certo — você conseguiu despertar a curiosidade em mim, Alice, e talvez você possa ser mais do que imagina.

Rio, negando com a cabeça, implorando para que o meu lado escuro, me dominando, pare de ouvir Anya.

—E quem seria esse Eduardo? — Mercedes pergunta, entrando na conversa. Olho para ela, séria, e seus olhos são intensos, curiosos.

Anya se vira de frente para ela também, e sorri.

—É Eduardo Constancer, Mercedes, irmão de Armando — responde. Mercedes levanta as sobrancelhas, surpresa.

—Armando tem um irmão? — pergunta retoricamente, e Anya assente com a cabeça.

—Que provavelmente não fica para trás — ela murmura, e Mercedes abre um grande sorriso. Franzo a testa, não gostando de ouvi-las falar dele como uma mercadoria.

—Como vocês se conheceram? — pergunto para Mercedes, mudando de assunto. Ela sorri para mim, e Anya se senta ao seu lado.

—Anya não perderia a oportunidade de me conhecer —Mercedes responde sorridente, e me sento ao seu lado, mais perto do canto do sofá — nos conhecemos em Hamburgo, na Alemanha, dentro de um cassino — arqueio as sobrancelhas, surpresa — quando eu ganhei o suficiente na mesa

para que os homens sentissem raiva de mim. Anya se sentou comigo e apostou.

—E ganhei de Mercedes — Anya continua a história com um risada maliciosa — ela nunca aceitou.

Mercedes bebe o resto do vinho, rindo, e também viro a taça, sentindo o álcool surtir ainda mais efeito, e me sinto envolvida pela história. Um garçom passa por nós, e nos servimos novamente. Mercedes se inclina um pouco, pronta para contar.

—Anya me conquistou — Mercedes sorri — e me convenceu à seduzir um homem junto com ela, deixando-o acreditar que conseguiria transar com nós duas. Quando ele estava à nossa mercê, passamos a mão na chave da sua Lamborghini e a roubamos.

Meu coração para, como se eu não conseguisse acreditar nessa história. Roubaram um carro? Isso é crime, e pelo que percebo, as duas não

precisariam roubar para ter um carro de luxo. A fuzilo com os olhos, achando isso uma loucura.

—Isso é errado — a censuro — por que fazer isso?

Anya ri, e se aproxima do ouvido de Mercedes.

—Alice é correta — ela sussurra.

—Não sou correta, mas também não acho certo roubo — interrompo Anya.

—O importante é que o dono nos perseguiu, porque achava que era uma grande brincadeira — Mercedes continua, ignorando minha discussão com Anya — e quando nos achou, o deixamos nu, dentro do seu carro, e fomos embora. Ele nunca mais nos viu, porque para ele, éramos Betti e Liza.

Anya ri, se divertindo com a história, mas permaneço séria, começando a pensar sobre o quanto elas podem ser perigosas juntas, mas meu

lado escuro está gostando, está se fixando ainda mais em mim. Olho ao redor, observando as pessoas continuarem a observar e conversar tranquilamente, me mostrando que nada é ameaçador como eu imaginava.

— E como vocês se conheceram? — Mercedes pergunta para mim. Olho para ela, desviando os olhos para Anya, que sorri.

—Anya veio falar comigo em um evento de corrida patrocinado por Tom — respondo séria, e meu lado escuro assume a fala — com a audácia de falar sobre como Tom seria na cama.

Mercedes começa a rir com Anya, e respiro fundo. Por mais estranho que pareça pensar isso, por mais que eu às vezes me incomode com elas, estou gostando das suas companhias, com o modo como me deixam confiante.

—Tom é o único homem que Anya não conseguiu — Mercedes fala, e levanta a taça, como

se fosse um brinde — se sinta vitoriosa sobre isso.

Permaneço muda, apenas fitando Anya nos olhos, e meu lado escuro parece sussurrar algo, mas não consigo entender, como se o fato de eu estar ao lado das duas, envolvida por álcool, tornasse tudo menos lógico.

—Você conhece Tom? — pergunto séria, encarando Mercedes. Ela fala dele como se o conhecesse, e isso me chamou atenção somente agora. Mercedes permanece sorrindo, e assente.

—Conheço de alguns anos há trás — responde sem tirar os olhos de mim — e fico feliz que ele tenha encontrado você — ela hesita, ainda me encarando — você é diferente de todas nós, de todas as mulheres que sempre rodearam Tom. Acho que é sua ingenuidade.

Sorrio irônica, me incomodando com as palavras de Mercedes.

—Não acho que eu seja ingênua — falo

com uma voz ríspida — acho que não a intenção maldosa de vocês, apenas isso.

Anya sorri, se inclinando em minha direção.

—Intenção maldosa? Alice — ela arregala os olhos, zombando — nós estamos em um evento, conversando. Não é uma intenção maldosa.

Fecho os olhos por um segundo, tentando controlar meu lado escuro. Os abro, fitando Mercedes conversar com Anya.

—E sabe o que eu ouvi dizer? Que sua empresa estava na falência por ter se associado a uma outra que caiu em Moscou — Mercedes continua — mas quando botei os olhos em você, hoje, percebi que é apenas boato.

Anya gargalha, negando com a cabeça.

—Enzo fez negócios com Nicolai, um antigo amigo nosso, e sua empresa faliu em Moscou — dá de ombros — mas é apenas uma,

Mercedes, e isso não afetou em nada a nossa. De tudo o que Enzo pode fazer de errado, negócios é algo que nunca erra.

—E você nunca pensou em assumir você a presidência? — Mercedes pergunta séria, levantando uma sobrancelha.

Anya nega com a cabeça.

—Eu participo das decisões, mas a cadeira é de Enzo. Ele sempre a desejou e depois de tudo, é merecedor dela — Anya responde, e seus olhos se focam em mim — e tem Nássia ao seu lado.

Abro a boca, me lembrando de Nássia e de saber que ela está com Enzo, e que não gosta de Anya. Me lembro do seu conselho, mesmo relutante em dizer.

—Você não gosta de Nássia? — e meu lado escuro não se controla, alterado pelo efeito do álcool. Anya me encara por alguns segundos, enquanto Mercedes pega o celular.

—Não, Alice, não gosto. Nássia também não gosta de mim — ela responde séria.

—Por que? — e meu lado escuro continua a não se controlar, amaldiçoando-o. Anya levanta uma sobrancelha, como se pensasse no que responder.

—Porque temos diferenças de opinião, porque eu não acho que ela seja boa para Enzo — Anya responde séria.

—E quem seria boa? — lá vai meu lado escuro novamente. Anya sorri, negando com a cabeça.

—Não uma mulher submissa que o deixa fazer tudo — Anya murmura, desviando os olhos de mim e observando as pessoas.

—Agora analisando você, me lembrei de uma campanha que vi outro dia aqui na cidade — Mercedes fala, levantando as sobrancelhas — era você, não é?

Desvio meus olhos de Anya, fitando Mercedes, e sorrio, assentindo.

—Sou. É a campanha de Ed — respondo.

Mercedes olha para Anya, surpresa.

—É aquela campanha que você também fez parte? — pergunta retoricamente para Anya — deve ter sido divertido.

É, foi bem divertido mesmo, principalmente porque na época Anya era ainda mais ameaçadora. Permaneço séria, e desvio os olhos das duas, observando dois homens conversarem animadamente.

—E Alice irá fazer mais uma, com o Augustine, lembra dele? — Anya diz empolgada para Mercedes. Olho para ela, e meu lado escuro se pergunta como ela sabe.

—Como você sabe? — pergunto séria, e Anya sorri.

—Augustine me contou, Alice. Ele havia

me convidado, mas preferi recusar — Anya responde, enquanto Mercedes permanece me encarando — não está ansiosa para trabalhar com ele? Augustine é um dos melhores.

—E vai aparecer ainda mais com a campanha dele — Mercedes completa.

—Mas Alice não gosta de aparecer muito, ela nem aproveitou a campanha de Ed — Anya diz séria.

Olho para ambas por algum tempo, e nego com a cabeça.

—Não é que eu não goste, apenas não sei como lidar, não espero que isso aconteça — murmuro.

—Onde será? — Mercedes pergunta interessada.

—Na França — respondo, sentindo um arrepio passar pelo meu corpo ao pensar que Tom irá comigo. Anya sorri, e se inclina mais na minha

direção.

—Você irá adorar — ela sussurra maliciosamente — e acredite, será maior que a campanha de Ed, que foi apenas para a cidade.

Reteso a mandíbula, tentando controlar a ansiedade a adrenalina que me invade ao pensar nisso, e respiro fundo.

—E você faz o que? — pergunto para Mercedes, mudando novamente o assunto. Mercedes sorri, e bebe um pouco mais de vinho.

—Sou dona de uma empresa que organiza festas e eventos — Mercedes responde, e dá de ombros, sorrindo — mas faço isso mais por diversão, porque o dinheiro que realmente tenho é de família.

É, eu deveria esperar isso mesmo, sendo amiga tão próxima de Anya.

—E você, Alice, além de ser namorada de Tom? — Mercedes pergunta zombeteira. Semicerro

os olhos, irônica, e sorrio.

—Faço jornalismo e trabalho — começo a falar.

—Na empresa de Tom — Anya completa minha frente, e eu a fuzilo com os olhos — Tom é o chefe de Alice.

Mercedes abre um grande sorriso.

—Está realizando um fetiche, Alice? — ela ri, virando toda a taça. É, mal sabem elas o fetiche que realizamos dentro daquela sala.

—Alice já realizou muitos fetiches — Anya responde por mim. Abro a boca, encarando-a.

—Talvez não mais que você — a desafio, séria, e Anya sorri, levantando uma sobrancelha.

—É, não mais que eu. Acho que você não tem todos os fetiches que eu tenho — responde maliciosamente, e Mercedes começa a rir.

—Meu maior fetiche sempre foi transar em algum evento, com um desconhecido —

Mercedes afirma, e franzo a testa, olhando para ela. Como uma mulher como ela, amiga de Anya, que já roubou uma Lamborghini, nunca conseguiu realizar isso?

—E por que nunca fez? — pergunto curiosa, e Mercedes ri.

—Porque os homens fogem de mim, acho que o meu histórico de brincar com os homens e bem — ela hesita, e Anya encara Mercedes como se conversassem com o olhar.

—Diferente de mim, Mercedes não faz discretamente — Anya finaliza a frase de Mercedes — todos sabem o nível que o sexo dela tem, de dominação, além da loucura que ela faz às vezes. Isso assusta qualquer homem em público.

Meu coração parece congelar, e olho novamente para Anya. Dominação, como assim?

—Você é dominadora? — pergunto para Anya sem hesitar, matando uma curiosidade e uma

ideia que sempre tive dela. Anya sorri, e assente.

—Mas isso você já sabia, Alice, só faltou ouvir da minha própria boca — Anya responde, levantando uma sobrancelha — a melhor parte da foda é submeter o homem ao poder da mulher.

Meu lado escuro ascende te queima no fogo ao ouvir Anya. Respiro fundo, imóvel, ouvindo as palavras de Anya.

—Não sou como você, Anya — Mercedes afirma, olhando para a amiga — posso gostar de dominação, mas sexo para mim pode ser de todos os jeitos possíveis — Mercedes ri — principalmente se for inusitado.

Sorrio, gostando de ver Mercedes contradizer Anya.

—E por dizer inusitado, é o meu fetiche — Mercedes sorri, e encara Anya — e qual fetiche você ainda não realizou, Anya, se for possível?

Me inclino um pouco na direção delas,

ainda mais curiosa. Depois das lições de Anya, qual fetiche ela não realizou ainda? Existe algum, afinal, ela é dona de Pandora, onde todos os fetiches são realizados, como eles dizem.

Anya sorri, ao perceber a curiosidade explícita no meu olhar, e se inclina também na minha direção, se aproximando ainda mais de Mercedes, no meio de nós.

—Ménage a trois — ela sussurra, me encarando fixamente. Meu corpo inteiro se arrepia, e paro de respirar, desejando que ela não complete nenhuma frase — principalmente em um evento.

Puxo o ar para os meus pulmões, e olho para Mercedes, que encara Anya de forma curiosa.

—E tem alguém em mente? — Mercedes pergunta com um grande sorriso. Anya sorri lentamente, e desvia os olhos de mim, encarando ela.

—Talvez. Alguma sugestão, Mercedes? —

Anya sussurra maliciosamente. Sinto meu vestido apertado, um abafamento de pressão, como se eu estivesse sob uma pressão torturante. Desvio os olhos das duas, observando as esculturas.

—Na verdade não. Nunca imaginei você querendo dividir alguém na cama, Anya — Mercedes fala surpresa, levantando as sobrancelhas. Anya ri, e termina de beber o vinho.

—Na verdade eu não tinha esse fetiche antes — Anya comenta lentamente, e se levanta, encarando nós duas — vou pegar vinho, vocês querem?

Mercedes sorri, e nega com a cabeça.

—Por enquanto estou bem, Anya — ela responde. Anya me encara.

—Vou pegar para você — ela afirma, sem me pedir, e se vira de costas, entrando na casa. Abro a boca, pasma. Meu lado escuro está furioso por ela ter se decidido sem mim.

PERIGOSAS NACIONAIS

—Anya é complicada às vezes, Alice — Mercedes murmura ao meu lado, e eu a encaro.

—Estou percebendo — falo séria, observando Anya caminhar, chamando os olhares de todos ao redor.

—Mas você está se saindo bem ao lidar com ela — Mercedes fala sorrindo — você está se saindo bem ao entrar nesse mundo totalmente diferente do seu.

A encaro, percebendo que ela se refere à conta bancária e modo de se comportar.

—É — murmuro.

—Você está fazendo isso por você mesma ou por Tom? — Mercedes pergunta séria, e eu nego com a cabeça.

—Por mim mesma. Eu quero estar no mesmo mundo de Tom, quero estar ao seu lado, e não porque ele quer que eu me sinta confortável. Eu quero estar confortável, então quero isso por

mim — respondo séria, e Mercedes assente, compreendendo. Minha atenção é chamada por Anya, que caminha na nossa direção com duas taças de vinho na mão. O vento passar por mim, movendo meus cabelos, e meu coração parece uma escola de samba, pronto para pular de mim. Anya para na minha frente, e me dá a taça. Sinto minhas mãos suadas, um suor frio, e um calafrio pelo corpo, de vertigem, ansiedade. Seguro a taça, sentindo os olhos ansiosos de Anya em mim, como os de Mercedes, e bebo um gole, olhando para elas. Anya sorri, e se senta novamente.

—Me conte o seu fetiche agora, Alice — Anya pergunta — já contamos os nossos.

Levanto as sobrancelhas, sem conseguir responder, e viro mais um longo gole, sentindo o álcool me deixar ainda mais calma. Respiro fundo, encarando elas, e começo a pensar.

A maioria dos meus fetiches estão sendo

realizados com Tom, e não consigo pensar em nenhum especificamente, assim como meu lado escuro. Dou de ombros, e abro um sorriso sem graça.

—Não consigo pensar em nenhum no momento — murmuro, e ambas dão risada.

—Você já realizou muitos com Tom, então — Mercedes diz sorridente, e o álcool faz meu lado escuro concordar. Merda.

—Já — respondo um pouco mais sorridente do que o normal. Preciso controlar meu lado escuro para não confiar desse jeito.

—Inclusive na empresa? — Mercedes pergunta curiosa, sob o olhar de Anya, e sinto minha cabeça rodopiar um pouco, me deixando tão confortável que meu lado escuro começa a se questionar se não é realmente estou obedecendo ele ou agindo por instinto.

—Inclusive — sorrio, e Mercedes sorri

ainda mais.

—Quando eu era mais nova, esse era o meu fetiche — Mercedes confessa, rindo, e começo a rir também. Bebo mais um longo gole, decidida que será a última taça. O álcool já está predominando no meu organismo, e seu continuar, ficarei bêbada e nem meu lado escuro me controlará — mas como você conheceu Tom? — novamente Mercedes parece rondar meu relacionamento. Fecho a boca, me controlando para não falar, e minha cabeça rodopia mais uma vez, como se eu já estivesse bêbada. Fecho os olhos, sentindo um calafrio intenso pelo corpo, e o suor frio se espalha das minhas mãos. Meu coração acelera de um modo anormal. Abro os olhos, fitando ambas, que conversam animadamente, percebendo que evitei de responder.

—E quando Daniel acordou no dia seguinte, eu já havia ido embora — Mercedes dá

uma risada, e Anya sorri também — isso foi semana passada, e ele ainda tenta me ligar.

—E você ainda acredita que transando com Daniel novamente, não irá fazê-lo se apaixonar — Anya censura Mercedes, e ambas me fitam.

Meu celular vibra, e eu o pego da bolsa, ouvindo as duas conversarem animadas, contando histórias. Vejo uma mensagem de Tom.

Está tudo bem? Estou esperando você.

Sorrio, e digito rápido, satisfeita por Tom estar respeitando minha escolha.

Está. Estamos conversando com uma amiga de Anya. Assim que decidir ir embora, eu ligo para você. Também estou ansiosa para vê-lo.

Meu coração bate ainda mais rápido ao pensar em Tom, o meu Tom, me esperando. Nunca imaginei que iria conseguir estar assim, que iríamos estar juntos.

Desligo o celular e levanto os olhos, vendo Mercedes e Anya me olharem maliciosamente.

—Vocês estão tão apaixonados — Mercedes afirma — quem diria que Tom estaria aos pés de uma mulher assim.

Sorrio, negando com a cabeça, sem saber o que responder.

—É tão bonito ver o quanto estão bem. Você abre um grande sorriso ao ver a mensagem dele — Mercedes continua, enquanto Anya permanece me encarando. Pisco, sentindo um calafrio estranho pelo corpo, e minha visão se torna um pouco embaçada. Respiro fundo, sentindo o celular vibrar de novo. Olho a mensagem.

Que amiga?

O calafrio se intensifica, junto com um mal estar, e cerro as mãos, começando a me sentir sufocada. Meu lado escuro quer que eu ligue para Tom e vá embora, mas não consigo me mover, com

se estivesse travada. Por que Tom quer saber qual amiga? Por que está preocupado, ou é possessividade? Mas uma sensação dormente começa a dominar meu corpo. Olho um pouco preocupada para Anya e Mercedes, que não me olham, conversando entre si.

Meu lado escuro grita que eu vá embora, mas como não consigo me mexer, preciso falar com elas. Talvez seja o álcool, por mais que eu não tenha bebido mais do que cinco taças. Eu nunca fiquei bêbada com tão pouco. Coloco as mãos no sofá, e deixo o celular na bolsa, sem responder Tom.

—Anya — murmuro, sentindo uma dormência por todo o corpo. Ambas me olham, e arregalam os olhos.

—Alice, está tudo bem? — Mercedes pergunta, sentada, se aproximando de mim — você está pálida.

Abro a boca, puxando o ar, e tento encontrar minha voz. Mercedes pega a minha taça e larga em algum lugar.

—Não — respondo com uma voz fraca, baixa — está acontecendo algo comigo. Estou passando mal.

—Será que foi o vinho? — Mercedes pergunta preocupada, e Anya se levanta, parando na minha frente, com uma expressão preocupada, assim como a da Mercedes. Levanto a cabeça, olhando para ela, uma tontura me invade. Tudo se torna turvo, e respiro fundo, franzindo a testa.

—O que você está sentindo, Alice? — Anya pergunta, colocando as mãos no meu rosto. Fecho os olhos, sentindo uma ânsia subir pelo meu estômago. Uma dormência pelo corpo e uma sonolência. Meu lado escuro parece ter sido jogado de escanteio, junto com sua força e raciocínio.

Abro a boca, respirando fundo.

PERIGOSAS NACIONAIS

—Estou tonta, acho que vou vomitar, Anya — respondo com um sopro de voz, e Mercedes agarra meu braço, com força.

—Venha, Alice — ela diz, me puxando para cima, e me levanto ao seu lado.

—Vamos levar você para o banheiro — Anya fala preocupada. Nego com a cabeça, olhando ao redor, mas as pessoas parecem escuras, com feixes brancos, embaçadas. Uma fraqueza parece invadir meu corpo, e minhas pernas tremem.

—Não — digo firme — ligue para Tom vir me buscar — digo sem forças, sentindo minha bolsa escorregar da minha mão. Mercedes agarra a pequena bolsa, segurando meu antebraço, e Anya para ao meu lado, agarrando o meu outro antebraço.

—Eu vou ligar, mas primeiro vamos levá-la para o banheiro, ou quer passar mal na frente de todos? — Anya pergunta séria. Minha mente está

nublada, como se eu não conseguisse raciocinar, apenas sentir a sonolência. Assinto, sem pensar, sem ter coerência — vamos, caminhe com nós — Anya sussurra no meu ouvido, e como um robô, obedeço. Mercedes e Anya me guiam, e dou passos sem firmeza, sentindo meu corpo ser sustentado por elas, enquanto dou curtos passos. Elas me guiam para dentro da casa, e vejo uma porta ao longe.

—Onde estamos indo? — murmuro sem fôlego, e Anya aproxima os lábios dos meus ouvidos. Não tenho forças para me afastar.

—Para o banheiro, Alice — ela diz séria, e sinto um calafrio ao ouvir sua voz lenta. Olho ao redor, me sentindo perdida, e as pessoas parecem não reparar em nós. Caminho guiada por elas, devagar, sentindo meus olhos se revirarem, e paro em frente a porta. Vejo a mão da Mercedes agarrar a fechadura, aumentando minha vertigem, e então um grito ecoa dentro dos meus ouvidos, quando

ouço a porta se abrir e fecho os olhos.

Meu lado escuro grita para mim, tentando se afastar do que está fazendo-o ficar quieto. Não estou bêbada, não bebi o suficiente para estar assim. Estou drogada. Essa frase ressoa pela minha cabeça, e travo, sentindo as mãos de Anya e Mercedes tentarem me puxar para dentro. Abro os olhos, respirando fundo, sentindo meu corpo inteiro rodopiar, e encaro Anya, no meu lado direito. Sua expressão é de um animal pronto para caçar, ansiosa .

—Não estou passando mal — murmuro, franzindo a testa, e falo com uma voz cortante — você me drogou, sua grande.

—Não, Alice — Anya me interrompe, sorrindo lentamente — eu não lido com drogas.

—Mas — começo a falar, mas minha voz desaparece, e a sonolência aumenta. Uma fraqueza que atinge todo o meu corpo, deixando meu cérebro

desligado. Desligando meu lado escuro. Estou confusa, não consigo raciocinar, pensar, e olho ao redor, sentindo minhas pernas fraquejarem. Tudo parece distante, lento. A música parece se arrastar, e as pessoas conversam em câmera lenta. Um frio percorre meu corpo, e tremo. Sinto o toque das duas mulheres ao meu lado, mas não consigo mais pensar sobre elas, sobre o que está acontecendo. Sei que preciso fugir, que está errado, mas não tenho forças, e até isso parece fugir do meu raciocínio. As bocas das pessoas se mexem, conversando mais baixo que a música, como se fossem fantasmas em cada canto. Abro a boca, mas nem o ar entra.

—Eu não dei drogas para você, Alice — a voz de Anya, lenta, firme, animalesca, parece distante, grave. Fecho os olhos, perdendo as forças. As mãos de Mercedes e Anya sustentam meu corpo pelos antebraços e olho para o topo da escada que desce para o térreo, vendo uma pessoa familiar me

encarar assustada. Dois olhos me fitarem preocupados, assombrados. Tento reconhecer, mas não consigo focalizar a visão. Sua camisa preta está aberta no colarinho, e sinto o aperto da mão de Anya. Semicerro os olhos, tentando melhorar a visão para reconhecer o homem, e ouço a voz lenta e firme de Anya — eu misturei um remédio para dormir com seu vinho.

Meu lado escuro desperta à tempo de raciocinar sua confissão, e abro a boca, tentando gritar. Anya armou para mim, Anya sabia que eu estava sendo burra o suficiente para acreditar que talvez existisse bondade nela, mesmo que eu não confiasse inteiramente. Respiro fundo, assimilando a informação, sentindo perder todas as forças, confirmando que tomei o remédio.

A sonolência se alastra por todo o meu corpo, pesando minhas pálpebras, e as mãos de Anya e Mercedes me arrastam porta adentro, e no

último segundo, meu lado escuro reconhece o homem no topo da escada, desesperado ao me ver. Ed.

E meu lado escuro adormece junto comigo, perdendo o foco, a visão, sendo arrastado para dentro de algum lugar.

PERIGOSAS NACIONAIS

Acordo com um baque, e uma dor de cabeça aguda me invade. Abro os olhos, vendo uma luz amarelada ao meu lado, de um abajur, iluminar a penumbra. Pontadas de dor transpassam minha cabeça confusa, e respiro fundo, não conseguindo engolir direito. Sinto uma tontura ainda, uma sonolência envolvida com a dor. Sinto frio pelo corpo inteiro, e desço os olhos para o meu corpo, sentindo meu coração parar. Estou apenas de lingerie preta, deitada em uma cama bagunçada, com lençóis pretos. Abro a boca, respirando fundo, sem conseguir compreender nada, e vejo duas pernas nuas ao meu lado. Viro lentamente a cabeça, subindo com os olhos pelo corpo de uma mulher, também apenas de lingerie. Seus cabelos escuros caem pela cama, e seus olhos se abrem, me

PERIGOSAS ACHERON

fitando.

Mercedes. Ela começa sorrir maliciosamente, e prendo a respiração, sem conseguir me mover. Um calafrio, desespero, percorre meu corpo, e arregalo os olhos. O que aconteceu aqui? Meu lado escuro desperta comigo, se lembrando da última visão, de Ed, da confissão de Anya. Fui enganada, e agora estou aqui, sem saber o que aconteceu. Cerro os punhos, vendo Mercedes me encarar, e sinto mais uma presença no quarto. Fecho os olhos por alguns segundos, ainda sentindo o efeito do remédio. Meu lado escuro quer encarar Anya frente a frente, e mostrar que minha ingenuidade acabou. Se um dia ela achou que eu não a confrontaria, está muito enganada. Irei enfrentá-la, colocá-la no lugar dela. Abro os olhos, e olho ao redor, encontrando seus olhos. Anya está parada no canto do quarto, me encarando atentamente.

—O que pensa que fez? — grito, tentando puxar mais ar para os meus pulmões — você é um monstro.

Anya sorri lentamente, negando com a cabeça.

—Nunca mais se aproxime de mim — grito, tentando me mover, mas a fraqueza ainda me domina. Rolo na cama, sentada. Meu lado escuro está furioso, ansiando por me levantar e dar um tapa no seu rosto — você não merece ninguém, e ninguém nunca a amará, Anya, porque você é uma pessoa perversa. Você só sabe manipular as pessoas, e é por isso que ficará sozinha, porque ninguém conseguirá amar alguém como você, que brinca com os outros, que se acha invencível. Você é cruel, um monstro. E se você acha que conseguirá me enganar novamente, está errada. Eu sei que nada aconteceu aqui, você e essa — olho para Mercedes, sentada ao meu lado, apenas me

encarando — essa vagabunda, nunca conseguirão o que querem — olho novamente para Anya, sentindo meu coração morrer, meu corpo inteiro se retesar. Eu sei que nada aconteceu, por mais que eu não lembre de nada. Um raiva me invade em ondas, e meu corpo inteiro treme, enquanto respiro furiosamente — você sempre vai ser sozinha, vazia, porque você usa as pessoas, e isso só as afasta — meu lado escuro, ainda mais furioso, se fixa ainda mais em mim, e dita as palavras — você nunca conseguirá o que quer Anya, você sempre será sozinha, e eu sei que você faz isso porque é amarga, é estragada por dentro, e nada consertará a pessoa ruim que é. Eu tenho pena de você, por sua vida vazia. Agora eu sei a pessoa fria que você é, e nunca mais conseguirá minha confiança. Você é um demônio que não merece a compaixão de ninguém. Você é infeliz e quer atingir os outros, mas não conseguirá comigo e com Tom. Você é

uma grande vadia. Desejo que tudo o que você fez contra as pessoas, se volte para você, que todo o mal que você é, seja jogado de volta. Nunca mais se aproxime de mim ou de Tom — grito, tremendo de raiva — permaneça nessa sua vida podre e acabada, na qual não é amada por ninguém e por isso quer arruinar a felicidade dos outros. Não existe nem existirá a bondade que vi em você. Você é completamente seca.

Anya me encara furiosa, e percebo que a atingi com as palavras. Quero atingi-lá, quero feri-la como ela me feriu. Em um impulso, controlada por meu lado escuro, reúno o que me resta de forças, sentindo sonolência ainda, e saio da cama, caminhando firme em direção à Anya. Ela arregala os olhos, surpresa pelo meu avanço, como se não esperasse isso, e recua, batendo as costas na parede, perto da porta. Paro na sua frente, e antes que eu consiga me controlar, levanto a mão esquerda e

desfiro um tapa no seu rosto, fazendo-o virar para o lado. Sinto ardência na palma da minha mão, mas meu lado escuro está satisfeito com a sensação. Não consigo controlar a raiva que sinto dela.

Anya abre a boca, pasma, me encarando enfurecida.

Abro a boca novamente, para continuar a jogar as verdades, sentindo meu corpo inteiro tremer de raiva, fuzilando com os olhos sua expressão de espanto, mas no momento que minha voz saí, a porta branca, na minha frente, ao lado de Anya, se abre com veemência, e encontro dois olhos azuis escuros, enlouquecidos, me encarando ferozmente.

Tom.

Minutos antes

Um Porsche 911 R, preto, estaciona em frente a casa do escultor Vitório, meia hora depois que três mulheres entraram por uma porta. As luzes iluminam o carro preto, e as pessoas que circulam pelo gramado e pelas grandes sacadas olham surpresas o carro estacionar abruptamente, cantando os pneus. A porta se abre, e um homem loiro, alto, com olhos azuis escuros, vestido com uma camisa social azul escura, aberta no colarinho, sai do carro, fechando com violência a porta e trancando com a chave. Ele levanta os olhos, encarando todas as pessoas que o fitam curiosas, e sua expressão é de total fúria.

Algumas mulheres cochicham uma com as outras, curiosas. Tom Haltender chegou.

O homem caminha firme, enfurecido, pelo caminho de pedra entre os jardins, sem se importar com os olhares de curiosidade por ele estar invadindo um evento, por estar ali sem ser convidado, e porque seus olhos ferozes expressam a fúria que sente. Tom Haltender não se importa se as mulheres olham para ele com luxúria, nesse momento o importante é chegar até sua única mulher, Alice. Ele não se importa que falem, que perguntem. Que se dane se ele é Tom Haltender, nesse momento, sua fúria é tão grande que ele ignora todos os olhares.

Tom caminha firme, e entra na casa, observando ao redor. As pessoas olham para ele surpresas, reconhecendo-o, mas nada disso importa para ele. Tom passa a mão nos cabelos loiros, preocupado, e fita a grande escada. No segundo seguinte, ele sobe, dois degraus de cada vez, sendo seguido por todos os olhares. No topo

da escada, um outro homem está parado, esperando-o, com uma expressão preocupada. Sua camisa social preta está aberta no colarinho, e seu cabelo escuro está despenteado. Eduardo Constancer. O homem loiro para ao lado do outro homem, e eles conversam rapidamente, caminhando apressados em direção à uma porta fechada. Tom entra pela porta, enquanto Eduardo permanece no lado de fora, evitando que mais alguém entre.

Preciso encontrar Alice antes que seja tarde demais, Tom pensa, caminhando enlouquecido pelo corredor estreito e escuro. Ele ouve a voz de Alice ressoar pelo corredor, enfurecida, e caminha mais rápido, firme.

Ouve mais gritos, e para em frente à porta, sentindo seu coração bater freneticamente. Um suor frio se faz presente, e Tom respira fundo, temendo que sua Alice tenha se ferido de um jeito

que ele não consiga ajudar. Mas não importa para ele, o que ele realmente quer é tirá-la dali, leva-la para longe e curá-la de todas as formas possíveis, porque ela sempre será dele.

Tom respira fundo, retesando a mandíbula, e abre a porta com força, empurrando-a para frente.

Seus olhos se focam na mulher loira à sua frente. Sua Alice, apenas de lingerie preta, de pé, perto da porta, de frente para Anya, que está com uma mão na bochecha direita. Uma mulher, conhecida, está sentada na cama, apenas de lingerie também. Mercedes.

Tom encara novamente Alice, na sua frente, com uma expressão desesperadora, lágrimas deslizando pelo rosto, e ele sente seu coração parar de bater, sem conseguir respirar. Sua expressão mostra o quanto está enlouquecido.

Seus olhos azuis escuros, ferozes,

PERIGOSAS NACIONAIS

permanecem encarando a mulher que ama, Alice.

PERIGOSAS ACHERON

TOM

Meia hora antes

Abro os olhos ouvindo meu celular vibrar na bancada do quarto. Fito o teto mais uma vez, com os braços cruzados atrás da cabeça, e me levanto, desejando que seja Alice. Ela sempre evita de me responder imediatamente algumas

mensagens, como se soubesse que eu estou sempre esperando.

Caminho até o celular, e um número desconhecido está aparecendo no visor. Levanto uma sobrancelha, me perguntando quem seria nessa hora, se não fosse Alice, e atendo.

—Tom? — uma voz masculina sai do celular, familiar, e uma raiva se ergue dentro de mim. Porra, o que Eduardo está fazendo? Como ele tem essa capacidade?

—Eduardo? — pergunto grosseiro, passando uma mão no rosto, e fito meu reflexo no espelho comprido do quarto. Meu corpo nu, com os resultados das minhas manhãs malhando se reflete, e encaro meu rosto furioso — por que está me ligando? — rosno.

Aquele maldito suspira no celular, como se fosse um grande sacrifício ter que me ligar, e cerro os punhos, retesando a mandíbula com toda a força

que tenho. Porra, que ele fale logo e me deixe em paz, que desapareça da minha vida e da vida da minha Alice.

—Alice está com problemas, preciso de você aqui — ele fala rápido, desferindo um tapa no meu rosto. Franzo a testa, começando a raciocinar o que falou. Minha Alice está com problemas, mas ela está no evento com Anya e uma amiga. Um calafrio percorre meu corpo, e fecho os olhos com força. Anya está com ela, Anya estava armando contra ela, como eu previ, e sua amiga provavelmente é a mesma mulher que uma vez era tão maquiavélica como ela. Mercedes.

—Porra — xingo baixo, me odiando por ter deixado Alice predominar nas decisões, por ter acreditado que ela conseguiria lidar com qualquer situação. Por ter acreditado e confiado que ela estaria segura, que ela não iria confiar em Anya. Cerro com força o punho, e soco na bancada,

sentindo a ardência na mão — onde você está? O que aconteceu? — pergunto em um rosnado, fitando meu reflexo novamente, apenas de cueca branca. Estou com ódio de mim mesmo por achar que Alice já estava preparada para lidar com o meu mundo.

—Estou na casa de Vitório, aquele escultor da Itália — Eduardo me informa rápido, e por trás ouço a música tocando. Fecho os olhos com força — estou tentando entrar no maldito lugar que vi Anya e mais uma mulher levar Alice, mas porra — Eduardo grita — está trancada. Alice estava sedada, Tom. A drogaram, e quando eu a vi, não deu tempo de correr até ela.

Abro os olhos, visualizando mentalmente a casa de Vitório, e me viro, procurando por alguma calça e camisa.

—Me espere aí — ordeno para Eduardo, e hesito, ouvindo o silêncio — como era a outra

mulher?

Eduardo resmunga, tentando lembrar, e corro até o closet, abrindo a porta e agarrando a primeira camisa que encontro, mantendo o celular no ouvido.

—Baixa, com cabelos escuros, longos e ondulados — ele detalha — estava com Anya e parecia estar a par de tudo.

Paro violentamente, fitando o vazio da parede branca do closet, e uma lembrança surge na minha mente. Uma mulher baixa, com cabelos ondulados, volumosos, deitada na mesma cama que eu, me deixando satisfeito ao saber que ela não iria me ligar no dia seguinte, porque sabia que era apenas uma transa. Satisfeito por ela transar com outros, sem se envolver e por não me encher o maldito saco. E de como eu tive que ignorar depois os comentários sarcásticos de Anya, ao saber que ela era sua amiga mais próxima, e de como

conversaram sobre isso. Porra, Alice está com Anya e Mercedes.

—Tente entrar de novo nesse maldito lugar, e me espere — rosno e desligo o telefone, vestindo uma camisa preta, social, aberta no colarinho e uma calça jeans confortável, escura. Corro pelo quarto, pelo corredor, descendo as escadas em lances de três degraus por vez. Passo pela sala, sem me importar em desligar as luzes, e abro a porta de saída com força, trancando-a.

Chego ao carro mais rápido que tenho, e entro, ligando-o e já abrindo a garagem para sair. Acelero, chiando os pneus pela rua, e acelero o máximo que posso, desejando chegar a tempo antes que Alice tenha se ferido de um modo que não se cure, que se quebre. Piso fundo, aumentando a velocidade, segurando com força o volante ao ponto que os nós dos meus dedos doam e fiquem brancos. Respiro fundo, tentando controlar a raiva

que sinto por Anya, por mim mesmo. Me sinto culpado por ela estar novamente em uma situação dessas. É por minha culpa que ela está lá, que está querendo entrar no meu mundo.

Viro as ruas, as quadras, vendo luzes passar por mim, mas meus olhos permanecem focados no caminho à frente, e ao longe, em uma esquina, vejo a casa de Vitório, de vidro, com pessoas conversando no jardim e nas sacadas. Alice está em algum lugar.

Começo a diminuir a velocidade, e estaciono abruptamente na frente, cantando os pneus. Saio do carro, furioso. Preciso encontrar Alice e colocar Anya no seu devido lugar. Agora mostrarei para Anya que nenhum plano seu dará certo. Se ela quer lidar com Alice, lidará primeiro comigo. Eu protegerei Alice, custe o que custar. Fecho a porta com força, atraindo os olhares, mas que se dane, não me importa nada além de tirar

Alice dali. Chaveio o carro, e dou a volta nele com passos rápidos e largos, firmes. Olho ao redor de modo frio, sem observar as pessoas que me encaram de modo curioso. Não estou preocupado se estão se perguntando o que eu estou fazendo aqui. Sei que toda vez que chego, as pessoas olham, seja de curiosidade ou luxúria, mas não me importo. Que olhem, que falem, continuo sendo Tom Haltender, em busca apenas de uma mulher, ignorando o resto do mundo.

Caminho autoritário pelo corredor de pedras, sendo seguido pelos olhares, e entro na casa, furioso o suficiente para invadir um evento sem me constranger. Estou me fodendo se estou sendo alvo de censuras e cochichos. Olho para os lados em busca de Eduardo Constancer.

Porra, ainda não consigo acreditar que ele abriu mão de conseguir salvar Alice, de tentar seduzi-la, para me ligar, para confiar em mim.

PERIGOSAS NACIONAIS

Eduardo Constancer sabe que é difícil lidar com Anya, e que talvez não tivesse capacidade de encarar o que pode encontrar lá dentro.

Eu talvez não tenho estrutura para encarar, mas preciso. Preciso ajudar minha Alice.

Respiro fundo, retesando a mandíbula, ignorando qualquer raiva que eu sinto por Eduardo e pelo que aconteceu entre eles. Nesse momento, ele abriu mão de qualquer sentimento de possessividade por Alice para pedir minha ajuda, e eu irei estar ao seu lado por ela. Eduardo se mostrou diferente do que eu pensava dele.

Encaro o topo da escada, e o vejo, ansioso, nervoso, olhando para os lados. Ele está enlouquecido como eu.

Caminho autoritário, rápido, entre as pessoas, desviando dos seus corpos, e subo os lances das escadas, três degraus por vez, sentindo os olhares curiosos em mim. Que se dane as

pessoas e suas curiosidades sobre minha vida.

Encaro o rosto de Eduardo, agoniado ao me ver, e percebo o quanto relutou em me ligar. Alcanço o topo da escada, parando na sua frente, e respiro fundo, mandando para o inferno qualquer raiva que sinto dele. Ele está ajudando Alice, ele me ligou, é o que importa no momento.

—Onde elas estão? — pergunto furioso, procurando alguma porta no grande salão.

—Anya e a outra mulher — Eduardo começa a falar rápido, preocupado — estavam conduzindo Alice para lá — e aponta para uma porta branca, perto da sacada — no momento que eu a vi, ela estava sendo segurada por elas, e estava desmaiando, sedada, Tom.

Olho para a porta, enlouquecido de fúria, e respiro fundo, cerrando ainda mais a mandíbula.

—Faz quanto tempo? — pergunto sério, e começo a caminhar rápido em direção à porta.

Eduardo me acompanha, também furioso.

—Eu tentei arrombar a porta, mas não consegui, e nem consegui encontrar Vitório — ele me informa rápido e baixo — quando consegui seu número com Armando, já havia se passado quase quinze minutos.

—Porra — rosno, me aproximando da porta. Me controlo para não socar o ar, e minha raiva vem em ondas, me infernizando, me deixando descontrolado.

—O que Anya pode fazer com Alice? — Eduardo rosna ao meu lado, também furioso.

—Mercedes também está com Alice — falo sério, parando em frente à porta, e olho para Eduardo — ela não é como Anya, mas não fica para trás. Fique aqui, Eduardo, e não deixe ninguém passar por essa porra de porta — rosno, e dou um empurrão na porta. Um baque se sobressai sobre a música, e as pessoas próximas olham para

nós. A porta permanece imóvel.

—Deixe que eu ajudo você, Tom — Eduardo fala, e no mesmo momento empurra a porta comigo, forçando a fechadura. Me afasto, respiro fundo e avanço novamente, junto com Eduardo. Um baque surdo chama mais atenção ainda, e a porta se escancara. Um corredor estreito e escuro se projeta na minha frente. Olho para Eduardo pelo canto do olho.

—Fique aqui — ordeno, e ele assente, respirando fundo. Ele não aguentaria estar no mesmo quarto que Alice e Anya. Ele não iria aguentar ver qualquer cena possível. Caminho com passos largos pelo corredor, procurando alguma presença, fitando a escuridão até meus olhos se adaptarem e verem uma luz saindo debaixo de uma porta no fim do corredor. Ouço a voz da Alice, em um grito.

—Você é uma grande vadia — a voz da

Alice é fraca, furiosa, utilizando palavras que nunca vi ela falar. Sinto sua dor pela voz, e meu coração para no mesmo momento. Preciso chegar até ela. Caminho ainda mais rápido, firme, ouvindo sua voz — desejo que tudo o que você fez contra as pessoas se volte para você, que todo o mal que você é, seja jogado de volta. Nunca mais se aproxime de mim ou de Tom — sua voz é um grito de dor — permaneça nessa sua vida podre e acabada, na qual não é amada por ninguém e por isso quer arruinar a felicidade dos outros. Não existe nem existirá a bondade que vi em você. Você é completamente seca. — a voz se sobressai da música do evento, e um silêncio anuncia que algo está acontecendo.

Paro em frente a porta. Porra, o que aconteceu para minha Alice estar nesse estado, nessa dor? Agarro a maçaneta e empurro violentamente, furioso, preocupado. Quero chegar nesse maldito quarto, tirar Alice dali e acabar com

sua dor.

A porta se escancara, e eu olho para dentro de um quarto na penumbra, iluminado pelo abajur amarelo, ao lado da cama. Minha Alice está apenas de lingerie preta, de frente para Anya, vestida. Seus olhos torturados se encontram com os meus, como se implorarem por ajuda. Vejo dentro dos seus olhos sua dor, e sinto vontade que agarrá-la e tirar dali. Olho ao redor, vendo Mercedes sorrir para mim, de lingerie, deitada na cama. Anya arregala os olhos, sem esperar a minha presença. Olho novamente para Alice, torturado, enlouquecido, sem conseguir compreender o que pode ter acontecido.

Alice nunca faria nada, e se Eduardo estiver certo, ela estava sedada. Conheço a mulher que tenho ao meu lado para saber que de todas as atitudes erradas, essa ela nunca faria.

Isso é obra de Anya, apenas dela, com a

ajuda de Mercedes. Respiro fundo, tentando controlar minha raiva, mas não consigo, e sei que minha expressão revela isso. Anya armou para que eu acredite que Alice transou com Mercedes, mas minha Alice não faria isso, independente se eu não tivesse chegado, eu nunca iria acreditar. Anya calculou errado seu plano, porque acreditou que eu fosse crer que Alice me traiu.

Encaro os olhos perdidos da minha Alice, e lágrimas deslizam por suas bochechas. Reteso ainda mais a mandíbula, me amaldiçoando por ter deixado-a se ferir, e amaldiçoando Anya por nunca ter desistido de me enfrentar. Minha expressão é penetrante nela, e respiro fundo, puxando o ar para os pulmões.

—Tom — Alice implora, e sua voz é cheia de dor, transpassando por mim como uma lâmina. Ela começa a balançar a cabeça, negando, e suas lágrimas aumentam — não aconteceu nada — ela

balbucia, desesperada. Anya desvia os olhos dela, lentamente, e me encara com prazer, sorrindo.

—Olá, Tom — Anya sussurra para mim, me deixando ainda mais enfurecido. Dou um passo para dentro do quarto, e Alice dá um passo para trás, sem parar de balançar a cabeça.

—Tom — a voz desesperada de Alice, baixa e um pouco fina se transforma em murmuro — não é o que você está pensando.

Encaro Alice por alguns segundos, e dou mais um passo firme em sua direção.

—Alice, se vista — falo autoritário, e ela senta na cama, encolhida, chorando.

—Você se lembra da minha amiga, Tom? — a voz de Anya, atrás de mim, atraí o olhar de Alice, e porra, não quero que ela saiba disso agora. Quero eu poder contar sobre já ter transado com Mercedes. Encaro novamente Alice — se vista — ordeno, levantando uma sobrancelha.

Alice olha ao redor do quarto, e corre até um vestido preto. Observo em silêncio ela se vestir, e Anya se aproxima lentamente atrás de mim.

—Mercedes, Alice é tão boa na cama como Tom? — pergunta maliciosamente, e Alice, já vestida, fica imóvel, me encarando. Mais lágrimas deslizam pelo seu rosto, e cerro os punhos, furioso. Me viro abruptamente, ficando frente a frente com Anya.

—Cale a porra da sua boca, Anya — rosno, deixando minha voz rouca preencher todo o quarto — porque estou pouco me fodendo se Alice transou ou não com Mercedes — ouço o choro de Alice, e vejo pelo canto do olho ela cair sentada no chão, sem forças ainda por causa do que Anya deu para ela — nada do que você fizer ou disser me afastará ou me fará parar de querer Alice. E se quer que ela saiba que transei há anos atrás com Mercedes, conte — minha voz aumenta, e mesmo

que eu respire fundo, me descontrolo. Explodo. — conte a porra de que transei com Mercedes e com mais quantas mulheres, mas nunca com você. Alice já sabe que fodia com toda mulher, e isso não a fará se afastar de mim, não mais. Você perdeu, Anya. Seu maldito jogo acabou, eu nunca mais deixarei você chegar perto dela. Vá se ferrar e me deixe em paz, porque você pode armar quantas vezes quiser, que eu ainda irei desejar Alice.

Anya permanece séria, deixando o sorriso desaparecer, e seus olhos parecem perdidos, pela primeira vez. Ela armou acreditando que quando eu soubesse, iria acabar com Alice, que iria acreditar, mas não contou que Eduardo fosse ver e me ligar, muito menos de que eu iria mandar tudo para o inferno e não me importar, se fosse verdade. Mas conheço Alice, conheço Anya o suficiente para saber o que é verdade e o que é a porra de uma armação.

PERIGOSAS NACIONAIS

Dou um passo na direção de Anya, aproximando o rosto o suficiente para ver sua expressão assombrada, perplexa, nos mínimos detalhes.

—Continue sendo essa porra de mulher, que afastará todos ao seu redor, e quando verem a merda que é, a rejeitarão como eu sempre rejeitei — rosno para ela. Vejo pelo canto do olho Anya levantar a mão direita, e agarro seu pulso, interrompendo o ato. Seus olhos são de total fúria, e ela parece não respirar. Mercedes observa tudo em silêncio.

Solto seu braço com violência e me afasto, dando as costas. Caminho na direção de Alice, encolhida no chão do quarto, e me agacho, passando os braços pelas suas costas e pernas. Alice levanta a cabeça, envolvendo meu pescoço com o braço, e eu a ergo do chão, carregando-a nos braços.

PERIGOSAS ACHERON

Ela esconde a cabeça no meu peito e ouço seu choro. A aperto contra meu corpo, e me viro, vendo Anya e Mercedes me encararem perplexas. Elas não esperavam essa reação minha.

Respiro fundo, enlouquecido de raiva por terem machucado Alice, mas agora ela está nos meus braços, e a curarei de todo o tormento que passou. Caminho firme, passando pela cama e por Anya, e cruzo a porta, pisando firme e autoritário.

—Tom — a voz lenta de Anya me chama, e eu paro, me controlando para não me exaltar ainda mais — Se pergunte se Alice não transou mesmo com Mercedes. Se pergunte se ela realmente pode não ter gostado de foder com nós.

—Alice nunca será como você, Anya — respondo de costas para ela, e retorno a caminhar com passos largos, segurando Alice, que permanece com os braços envolta do meu pescoço, os cabelos escondendo o rosto e lágrimas molhando

minha camisa.Ouço sua respiração pesada de sono. Caminho no escuro, ouvindo seu choro, e beijo o topo da sua cabeça — você está comigo agora, minha Alice, fique calma — sussurro para ela, mas Alice não parece me ouvir.

Caminho ainda mais rápido, e chego na porta. Eduardo arregala os olhos, vendo Alice nos meus braços, e dá passagem. Paro ao seu lado, vendo-o olhar para ela com carinho, preocupação, e tento me controlar. Respiro fundo, e me afasto.

—Vá na frente e abra o meu carro, Eduardo — falo sério, e ele pega a chave do bolso da minha calça, caminhando na frente. O sigo, carregando Alice, e o vejo descer a escada com pressa, chamando ainda mais atenção. Respiro fundo, e beijo novamente os cabelos da minha Alice — vou levar você embora.

Começo a descer lentamente a escada, um passo de cada vez, com cuidado, levando Alice nos

braços, ainda com o rosto escondido no meu peito. Seu choro é baixo o suficiente para apenas eu ouvi-lo. A cada passo que desço, mais as pessoas nos encaram, assombradas, curiosas. Seus olhares são de preocupação e todas as expressões são pasmas. Desço devagar, carregando Alice, sem olhar ao redor, focado apenas em levá-la embora. Busquei Alice, e irei tirá-la dessa confusão, desse evento, independente se comentem ou criem perguntas sobre isso.

Avanço cada vez mais, e chego no térreo. As pessoas se afastam de nós, dando passagem, e caminho com uma expressão impassível entre elas, firme e autoritário. Cruzo a porta de saída, e novamente as pessoas do lado de fora me encaram. Eduardo está parado ao lado do meu Porsche, com a porta do passageiro aberta. Caminho mais rápido, preocupado e aliviado por ter Alice comigo agora. Contorno o carro, com o olhar de Eduardo sobre

ela, e paro na sua frente. Ele puxa mais a porta e eu a coloco no banco do passageiro. Alice me encara com o rosto cheio de lágrimas e um olhar perdido.

Me levanto novamente, encarando Eduardo.

—Obrigado, Eduardo. Não sei o que teria acontecido se você não tivesse me chamado — agradeço ele, sendo sincero. Por mais que o detestasse, ele se mostrou respeitoso em relação à nós, ele de certo modo, também salvou Alice.

Eduardo nega com a cabeça, ainda com os olhos em Alice, e então me encara.

—Eu não deixaria que nada acontecesse com Alice, Tom — ele hesita, e franze a testa — o que aconteceu lá dentro?

Balanço um pouco a cabeça, relutante a dizer. O que acontece com Alice só interessa à mim, nunca a Eduardo, mas dessa vez, talvez ele mereça saber. Preciso passar por cima da minha possessividade, somente dessa vez.

—Anya armou para que parecesse que Alice transou com Mercedes — conto sério — mas não conseguiu fazer com que seu plano funcionasse.

—Porra — Eduardo passa a mão no rosto — ela é louca. Ali nunca faria isso com você — ele diz de forma rude, e percebo o quanto isso o incomoda. Ele franze a testa, me encarando — por que ela quer tanto afastar vocês?

Passo a mão na boca, começando a me sentir enfurecido por tantas perguntas, e encaro ele impassível. Porra, por que ele tem que saber? Mas por ter me ajudado, eu decido contar.

—Anya tentou transar comigo uma vez, mas eu a recusei. Anya é dominadora, Eduardo, ela domina o seu irmão — conto, e Eduardo arregala os olhos — sei que você provavelmente sabe que eles transam, mas Anya é uma dominatrix, e provavelmente Armando é um submisso dela. Ela

gostaria de fazer comigo o mesmo, mas a recusei antes mesmo de transar com ela — abaixo a cabeça, franzindo a testa, e levanto uma sobrancelha, olhando para Eduardo — Anya viu em Alice uma possibilidade de me encurralar, de me fazer sentir o que é perder, principalmente, perder para ela. Ela viu em Alice a chance de mostrar que por mais que eu tente, ela irá me cercar até eu perceber que o único modo é aceitar. E — pauso, sentindo uma raiva descontrolada surgir na voz — ela quis tentar tirar Alice de mim e transformá-la em uma mulher igual à ela.

—Mas Alice não é igual a Anya — Eduardo me interrompe, encarando fixamente Alice dentro do carro, encolhida no banco, dormindo. Rio irônico, passando a mão na boca, e nego.

—Anya achou que libertando Alice dos seus pudores conseguiria tirá-la de mim, mas Alice, mesmo sem pudor, continua diferente dela. Alice

está mudando, mas não está se tornando como Anya — respondo sério, olhando o fascínio dos olhos de Eduardo sobre minha Alice. Coloco a mão na porta do carro, impondo distância no meio de Alice e Eduardo, e respiro fundo, prestes a explodir. Eduardo coloca as mãos nos bolsos e se afasta, percebendo que estou incomodado. Ele me encara por alguns segundos.

—Não deixe Alice se machucar novamente, Tom. Você não merece ela, mas já que ela escolheu você, não a force a nada — ele diz sério, como se precisasse me pedir algo.

Encaro ele de volta, e levanto uma sobrancelha.

—Eu nunca forcei Alice para nada. Alice é feliz comigo, Eduardo, acho que isso já é o suficiente para você entender que o máximo que pode conseguir com ela é sua amizade — respondo grosseiramente, e fecho com força a porta do carro.

Eduardo dá um passo para trás, assentindo com uma expressão indecifrável — não posso proibi-la de querer sua amizade — digo, parando na frente da porta fechada do passageiro, enquanto Eduardo me encara de forma igual — mas quero que respeite sua escolha, assim como eu respeito.

Ele mexe a boca, como se estivesse se controlando para não resmungar, e assente.

—Alice sempre terá minha amizade, Tom, e se é apenas isso que ela quer, será o que eu farei, mas não porque você está me pedindo. Faço por ela, porque ela tentou comigo e — hesita, passando a mão no cabelo. A fúria retorna, ao lembrar de vê-los se beijando, e reteso a mandíbula — e o que existe entre nós é apenas amizade.

Concordo com a cabeça, me afastando.

—Vou levar Alice embora — falo baixo, contornado o carro e dando as costas para Eduardo. Ele permanece parado, apenas encarando a porta

fechada do passageiro, me deixando ainda mais possessivo. Entro no carro, fechando com força a minha porta, e encaro Alice deitada no banco, de lado, encolhida e com lágrimas no rosto. Está dormindo profundamente, sob o efeito do sedativo.

Começo a sair, enquanto Eduardo se afasta, sem tirar os olhos de nós, e piso no acelerador, cantando pneus. Estou com pressa para chegar no meu apartamento, para afastar Alice desse lugar. Agora ela está comigo, como deve ser. Está segura ao meu lado, e nada a tirará. Ela está sempre se machucando no meu mundo, mas ainda sim insiste em entrar nele, como se fosse necessário. De certo modo, a culpa é minha, por não ter previsto isso, por ter deixado ela solta perto de Anya. Aperto com força o volante e respiro fundo, furioso comigo mesmo por ter deixado isso acontecer. Ela ficará no meu apartamento, eu a cuidarei.

Piso cada vez mais, passando pelos faróis de outros carros, entrando nas ruas familiares para mim, me aproximando do meu apartamento, afastando Alice de qualquer mal que a machuque. Levando-a para perto de mim o suficiente para cuidar dela, para mostrar que por ser minha, eu a acalmarei, eu a protegerei e farei ela se sentir melhor.

Diminuo a velocidade e paro em frente a garagem, abrindo-a. Entro, estacionando o carro na vaga, e respiro fundo novamente, sentindo meu corpo se acalmar aos poucos, por mais que meu coração continue batendo furioso. Olho para ela, dormindo, distante. Seus cabelos estão caídos pelo rosto e seu vestido está desarrumado. Tiro o cinto, e me inclino na sua direção, desejando agarrá-la e tirar toda a dor que possivelmente deve estar sentindo. Passo a mão pela sua bochecha, tirando alguns fios de cabelo do seu rosto. Alice está sob

efeito do sedativo, e não acordará tão cedo. Saio do carro, fechando a minha porta, e dou a volta, abrindo a porta do passageiro. Coloco os braços embaixo do seu corpo e a levanto. É prazerosa a sensação de carregá-la, de tê-las nos meus braços, exatamente como eu quero. Fecho a porta com o corpo, e caminho firme até o elevador. Subo, sentindo meu coração pesado por vê-la machucada novamente e cerro os dentes, encarando nosso reflexo.

As portas se abrem, e vou para o meu apartamento. Porra, tranquei a porta.

Olho para o rosto adormecido de Alice.

—Alice? — sussurro contra os seus cabelos, tentando acordá-la. Ela se mexe no meu corpo, e suas pálpebras tremem — Alice — sussurro novamente, e seus olhos se abrem, anuviados de sono e tristeza. Sua expressão é de angustia — vou soltá-la, tente ficar de pé — peço.

Abaixo os braços, e ela para em pé, na minha frente, com os olhos fixos em mim. Pego a chave do bolso e abro a porta em silêncio.

Volto a encará-la, e antes que ela fale algo, agarro novamente seu corpo, pegando-a no colo. Alice não faz força, sendo fraca contra meus braços. Ela novamente agarra meu pescoço, com a cabeça no meu peito. Entro no meu apartamento, desejando que ela sinta o mesmo que eu. Que está segura, que está no meu apartamento. Fecho a porta com o pé, e caminho firme, com o coração acelerado.

—Tom — sua voz fraca corta o silêncio. Paro, olhando-a, e Alice levanta a cabeça — me desculpe.

Franzo a testa, sem entender o por quê dela estar pedindo desculpas.

—Por que? — pergunto em uma voz baixa. Alice nega, sem conseguir olhar para mim.

—Por não ter ouvido você, por ter achado que Anya tivesse algo de bom e — ela hesita, suspirando, e continua com a voz arrastada de sono — e por algo que eu possa ter feito mas não me lembro.

Sorrio para ela, e vejo seus olhos tentarem aumentar de tamanho.

—Você não precisa pedir desculpas, eu deveria ter imaginado que você não esperava isso de Anya. E eu tenho certeza — afirmo, levantando as sobrancelhas — que você não transou com Mercedes.

—Como você pode saber? — ela murmura, fitando o vidro ao redor da sala.

—Porque eu conheço você, Alice. Eu não estaria com você se não conhecesse — respondo sério, e volto a caminhar firme até o puff que tirei suas fotos nuas. Minhas fotos nuas, que não me canso de olhar e saber que tudo nela é meu, que o

meu tesão por ela só aumenta.

Ela continua quieta, enquanto ouço apenas nossas respirações. Paro em frente ao puff e me ajoelho, colocando-a deitada. Ela me encara por alguns segundos, imóvel, e novamente desvia o olhar. Sinto meu corpo inteiro arrepiado ao vê-la assim, e reteso a mandíbula. Pego seu rosto pelo queixo e o viro para mim, forçando-a a me olhar.

—Você não fez nada, Alice — falo autoritário, olhando para ela de uma forma que eu consiga ver ela por dentro — Anya quis que você pensasse assim, que eu pensasse assim. Por que está evitando de me encarar? — pergunto sério, levantando uma sobrancelha.

Alice me olha por segundos.

—Porque mesmo quando você me alertou, quando estava certo, eu preferi arriscar — ela sussurra torturada — e aqui estamos novamente.

—Isso não mudou nada entre nós, minha

Alice — a interrompo, sussurrando roucamente — isso só me faz amá-la cada vez mais.

Sinto o piso sob meus joelhos, e solto o rosto de Alice, enquanto ela se acomoda no puff, me encarando.

—E se eu tivesse transado com Mercedes, Tom? Eu não me lembro — ela tenta justificar, e a frase morre junto com a sua voz.

—Eu ainda estaria aqui, Alice, porque sei que isso não é você, não é a sua vontade — respondo sincero, sentindo as palavras e voz de Alice apertarem meu coração.

—Eu não me importo que você tenha transado com Mercedes — ela sussurra — até porque isso serve para me mostrar que estava enganada sobre as pessoas, sobre Mercedes. Que todos usam máscaras.

—Eu não uso máscara com você — falo sério, a corrigindo. Eu usei quando a conheci,

quando lutei contra ela, mas agora eu a quero na minha vida, eu a quero inteira, e só posso tê-la se ela me tiver inteiro também.

Alice sorri de forma triste, e se encolhe novamente, piscando de sono. Me inclino na sua direção e agarro seu rosto, colocando as mãos nas bochechas.

—Durma agora, minha Alice — sussurro, e sei que minha expressão é de preocupação — eu vou estar aqui do seu lado.

Ela sorri, assentindo, e fecha os olhos, adormecendo quase que instantaneamente. A encaro por alguns segundos, tentando acalmar meu coração. Ela está sofrendo, mas está comigo, e agora eu farei ela parar de sofrer. Começo a desabotoar lentamente minha camisa, e a tiro, ficando apenas de calça. A pego novamente no colo, sem acordá-la. Caminho até as escadas e começo a subir para o quarto, e assim que eu

chego, a coloco na cama, observando seu rosto atentamente. Tiro a calça, e me deito ao seu lado, apenas de cueca, sentindo seu corpo engolido pelo meu em um abraço. Alice se vira de lado, se acomodando sobre o meu braço, e me acalmo. A abraço por trás, sentindo tesão por tê-la envolvida assim. Sentindo amor por tê-la comigo.

Alice está dentro dos meus braços e será assim que permanecerá. Mas sei que depois dessa noite, algo nela mudou. Algo nela encarou a verdade por trás do que ela precisa para se libertar.

Acordo na penumbra do quarto, sentindo Alice se mexer perto do meu corpo, me arrepiando pelo contato. Olho para o lado, vendo-a me encarar, deitada de frente para mim.

—Como está? — sussurro com a voz rouca arrastada de recém ter acordado. Alice respira fundo e dá de ombros.

—Não sei. Me sinto destruída — ela

murmura, me encarando. Seus olhos parecem querer penetrar dentro de mim, de uma forma que me fascina encarar de volta.

—Se você está destruída, eu a ajudarei a se reconstruir — sussurro sério, passando a mão pelo seu rosto. Quero mostrar para ela que não está destruída, que está comigo e está bem. Quero abraçá-la e tirar sua dor. Uma vontade de fazer isso invade meu corpo de uma forma insuportável.

—Por que eu sou tão ingênua? — ela balbucia, e eu franzo a testa. Ela não é ingênua, ela só não é tão maldosa como Anya. Ela é minha Alice, e quero que seja sempre assim. Sorrio para ela, encarando-a intensamente, e me arrasto na cama, aproximando nossos corpos. Seguro seu rosto, sentindo seu corpo quente perto do meu peito.

—Você não é ingênua, você é minha Alice — respondo sério.

—Mas eu cai na armadilha de Anya tão facilmente. Eu confiei nela, de certo modo — ela continua, olhando para mim confusa — e ela usou isso. Ela sabia que eu sou burra, e quando eu percebi, foi tarde demais — Alice murmura, e me encara — eu dei um tapa no rosto dela, e se estivesse com mais força, sem estar sedada, eu não sei o que eu teria feito.

Respiro fundo, sério, retesando a mandíbula, e permaneço encarando-a, fascinado pela força que vejo dentro dos seus olhos.

—Você teria mostrado que não será mais enganada, que ela não conseguirá mais se aproximar de você — sussurro, descendo a mão pelo seu braço nu. Roço meus dedos na sua pele, e observo seus pelos se arrepiarem — mas agora você está aqui comigo, longe dela, de Mercedes, e não sofrerá mais. Anya quer o que você tem — hesito, e a encaro novamente — a sua forma de ver,

de sentir. Ela quer tirar isso de você, me privando de tê-la ao meu lado dessa forma.

Alice coloca uma mão no meu rosto, e seu toque quente é tentador. Meu pau me contraria, desejando Alice mesmo nesse momento. Reteso ainda mais a mandíbula, sentindo sua mão descer pelo meu rosto, roçando os dedos pelo meu pescoço. Ela a coloca no meu peito nu, me encarando.

—Eu amo você — sussurra para mim, e mesmo não sendo a primeira vez que ela me diz isso, meu coração bate de uma forma que nunca bateu, me sinto satisfeito, com a certeza que de ela é a mulher que eu quero para a minha vida. E as palavras nunca saíram de forma tão sinceras como quando digo o que ela me faz sentir.

Desço com a mão até sua cintura, e a contorno, abrindo a palma e encostando toda ela nas suas contas. Puxo Alice para mais perto,

deixando seu ventre alinhado no meu pau, para que ela sinta o quanto eu estou excitado apenas de tê-la deitada. Seu corpo inteiro encosta no meu, e empurro ainda mais, aproximando meus lábios dos seus. Respiro fundo, deixando minha respiração arrepiar a pele do seu rosto, e tento engoli-la apenas com meus olhos.

—Eu amo você, Alice — minha voz rouca saí baixa, mas o suficiente para ela escutar e sorrir — eu amo a forma como você permanece na minha vida, apenas de tudo. Eu amo saber que é inteira minha, cada parte, cada respiração.

Ela sorri, mas ainda sim não vejo a alegria do seu sorriso.

—Eu me tornei sua desde a primeira vez que transamos, por mais que eu não tenha percebido — ela sussurra, deixando as bochechas ficarem vermelhas. Sorrio, me lembrando de como precisei provar mais do que um beijo seu, por ela

ter me provocado, me excitado com uma ousadia pelo telefone que nenhuma outra mulher fez.

—E por isso me fez querer entrar cada vez mais em você — sussurro maliciosamente, inundado de tesão por lembrar da primeira vez que transei com ela, de como ela estava despreparada para mim, enlouquecida em não me conhecer direito — me viciou em você.

Ela desce com a mão até a minha barriga, contornando os músculos, e sorri com malícia. Seu corpo se retesa de tesão, assim como o meu.

—Você sempre foi viciado em sexo — ela me acusa, mas sem realmente a intenção. Rio, descendo com a mão até a sua bunda, e a aperto com força, desejando agarrar, morder e dar um tapa.

—Sempre fui viciado em sexo — repito o que ela disse — com todas as mulheres, mas depois de transar com você, não consegui com mais

nenhuma. Quero transar com você o tempo todo, e não porque quero sexo, Alice. É porque quero você. Quero sentir você de todas as formas.

Meu pau se enrijece, e tento controlar a vontade que sinto de me enterrar nela. Alice movimenta o quadril de propósito, sentindo minha ereção, e suspiro.

—Alice, se você não está bem, não vamos forçar — digo baixo, analisando sua expressão. Ela nega com a cabeça e agarra meu pau. Aperto com força sua bunda, sem me controlar, desejando que ela use mais força, que me faça sentir ele na sua mão. Cravo os dedos no seu vestido.

—Eu ainda estou com um pouco de sono, um pouco aérea, como se estivesse navegando dentro de um sonho — ela sussurra com os olhos de luxúria em mim — e ainda me condeno por ter sido ingênua, Tom. Mas algo em mim parece mudado, algo na forma de lidar com essa sensação

que me tortura, como se depois disso, eu pudesse ver as barreiras que me cercam nitidamente. E algo em mim me pergunta se eu realmente quero sucumbir e sofrer como eu estou agora, ou se eu posso avançar, ver isso como erro pela ingenuidade, e provar para mim que não sou mais a mesma, que consigo ver as pessoas como são, com suas máscaras. Que se eu não fizer o que eu quero, outra pessoa pode tomar de mim, pode aproveitar o meu medo e me reprimir. Eu sou forte, e quero mostrar isso. Eu não preciso mais que alguém me diga o caminho, não preciso mais me apoiar em ninguém, nem em você, porque agora sei o que eu realmente quero, sei que posso experimentar sem medo porque se eu quebrar a cara, terei forças o suficiente para me erguer como estou fazendo agora. Eu não preciso de ninguém mais para me libertar, apenas de mim mesma, foi isso que Anya me fez ver essa noite, e talvez é o que mais tenha

me machucado naquela hora, perceber que eu estive me reprimindo o tempo todo com medo de confiar em mim mesma, depositando essa confiança em outros que me indicavam um caminho que só eu posso seguir. Quando eu percebi que me enganaram, eu percebi que eu mesma me enganei, por medo. Agora não sinto mais medo, porque vejo a força que tenho, vejo que é o que realmente quero. Me sinto liberta, Tom. Sinto uma sensação que nunca senti na minha vida, uma vertigem pelo desconhecido que posso experimentar, que posso enfrentar e mesmo machucada, continuar. Uma vertigem por ver que o que me dava medo, me assustava, agora eu gosto, porque sei que não vou me arrepender. Eu me sinto liberta para o seu mundo porque agora anseio por experimentar tudo nele, com você, sem medo de me machucar — ela respira fundo, e sorri. Vejo um brilho em seus olhos que nunca vi antes, me

deixando enlouquecido por possuí-la assim mesmo, de entrar nela, senti-la, encarando seus olhos em mim. Aperto seu corpo contra o meu, e colo meus lábios nos dela, sem fechar os olhos.

—Você não sente mais medo? — pergunto preocupado.

—Não, porque hoje vi a força que tenho, a mulher que sou e que não se amedronta. E que por ter essa força, percebi que sou capaz de estar no seu mundo e me levantar quantas vezes for necessário. Percebi que posso confiar em mim mesma, em qualquer situação, longe de você, com você, com as pessoas do seu mundo — ela hesita — e em Pandora.

Sorrio, me sentindo mais satisfeito por ver que Alice está se recuperando sozinha, que está vendo a mulher que sempre vi nela. Quero me enterrar ainda mais nela, quero abraçar todo o seu corpo e sentir o quanto pertence apenas para mim,

que Eduardo e nenhum outro homem a tocará desse jeito.

—Você sempre foi essa mulher que vi em você, apenas você não viu — respondo, descendo com a mão espalmada pela parte detrás da sua coxa, acariciando, e sinto meu pau uma pedra por tocá-la assim. Alice sorri, e me dá um beijo, ainda de olhos abertos.

—Eu estou bem. Eu me sinto recuperando a cada segundo, como se o susto tivesse passado. Só estou um pouco sonolenta, mas — ela hesita, e sua expressão se torna firme, me deixando ainda mais devastado de tesão — eu quero transar com você, Tom. Quero que você me possua do seu jeito, porque estou queimando para sentir você em mim, agora que eu sei a força e a mulher que sou. Eu preciso de você agora — Alice pede com a voz arrastada, e porra, não consigo mais me controlar. Preciso ter meu pau nela, ter suas mãos em mim.

Mordo o lábio, tentando controlar a violência de possuí-la, e puxo seu corpo para trás, deitando-a de costas na cama. Avanço para cima, controlando o peso do meu corpo através dos braços. Colo meu corpo em cima do dela, apoiado nos cotovelos, e sorrio devasso, empurrando minha ereção contra sua virilha, atritando nossas pernas fechadas. Agarro suas mãos para cima, na mesma altura que apoio os cotovelos, no alto da sua cabeça, e aproximo os lábios do seu ouvido. Ouço seu riso baixo, de prazer, e mordo a pele embaixo, passando minha língua molhada, quente.

—Sua sonolência eu posso resolver com todo prazer — falo baixo e devagar, deixando ela entender cada palavra. Alice se mexe embaixo de mim, ansiosa, e meu corpo explode de tesão. Porra, quero me enterrar tanto nela, quero devorar cada pedaço do seu corpo. Levanto um pouco a cabeça, encarando seu rosto de prazer — faça o que eu

mandar, e farei você gozar comigo — Empurro mais minha ereção contra seu ventre, agoniado de prazer. Alice assente com a cabeça, e passa as unhas nas minhas costas, subindo. Suas mãos agarram meu cabelo, e a força me deixa ainda mais excitado, vendo como ela quer.

—Me comande — ela sussurra contra meus lábios, e porra, se ela continuar assim, vou me perder no seu corpo — me possua, Tom Haltender, eu sou inteira sua. — Meu pau parece explodir dentro da minha calça, e enlouquecido de tesão, não quero mais controlar, não quero me segurar. Agarro sua bunda com as mãos, ferozmente, e a beijo. Seus lábios se abrem para mim, e penetro com a língua, saboreando cada parte da sua boca, cada gosto seu. Sua língua pequena encontra com a ponta da minha, e a controlo, movimentando-a para dentro da minha boca, prendendo-a para mim. Tudo nela é meu.

Aperto sua bunda, e empurro para cima, contra o meu pau, pressionando ele entre suas coxas. Sua língua busca a minha, e seus lábios molhados pressionam os meus. A beijo profundamente, sentindo-a afundar na cama.

A encaro, vendo seu fascínio por mim, e sorrio.

—Quero você nua — ordeno, e ela sorri, assentindo. Saio de cima dela, puxando seus braços, e ela se senta na cama. Me ajoelho na sua frente e agarro o zíper do seu vestido. O abro, vendo ela tirar o vestido, ficando apenas de sutiã — mais — sussurro, agarrando-o por trás e tirando o sutiã. Alice suspira, enquanto saio da cama, apenas de calça. Paro na sua frente, observando o contorno dos seus seios, e quero abocanhá-los, chupá-los e deixá-la gemer contra meus lábios, sabendo que o gemido é por minha causa. Estendo a mão, chamando-a.

—Venha aqui — falo autoritário, querendo seduzi-la.

Alice se arrasta na cama e se levanta na minha frente. Agarro a borda do vestido caído no seu quadril e o puxo para baixo. Alice sorri, arrepiada. Me arrepio ao ver seu corpo, e aperto suas coxas, me levantando.

—Sabe que hoje você não vai mais dormir — afirmo, levantando uma sobrancelha.

—E quem disse que eu quero dormir? — ela pergunta retoricamente. Reteso a mandíbula de prazer, e abro a calça, tirando-a. Alice desce os olhos desejosos pelo meu corpo, e me esquento ainda mais, sabendo o quanto ela fica molhada ao me olhar.

—Você gosta do que vê? — pergunto, achando graça. Alice sorri, mordendo o lábio.

—Amo o que vejo, e amo ainda mais poder tocar — ela sussurra com coragem. Assinto

devagar, um animal de puro desejo. Dou um passo para me aproximar, e agarro sua mão. Ela dá um pulo, e a coloco no meu pau, fazendo-a apertá-lo.

—Então toque — rosno devastado, fazendo-a apertá-lo ainda mais. Arfo, sentindo seus dedos sobre a cueca, apertando-o. Alice me encara fascinada, sentindo prazer ao ver o quanto estou duro por ela. Eu sempre estou duro por ela, seja no meu apartamento, no seu apartamento ou na empresa. Meu corpo inteiro se retesa de excitação, e observo sua mão agarrar o máximo que consegue do meu pau, com força. Gemo, e levanto os olhos até seu rosto, vendo ela observar meu corpo.

—Quero você — ela sussurra, dando um passo na minha direção e encostando nossos corpos. Sorrio para ela, satisfeito por vê-la tão desejosa como eu, mas ainda não irei me enterrar nela. Quero sentir o quanto está molhada, e quero deixar minha Alice ainda mais excitada antes de

entrar inteiro nela.

—Você me tem — rosno de volta, colocando as mãos no seu quadril e apertando seu corpo contra o meu — mas quero que você deite na cama, agora — seus olhos se fixam em mim, curiosos, e ela sorri. Aproximo meu rosto do seu, deixando minha respiração bater nos seus lábios — vou deixar você nua, e quero que se deite, minha Alice — falo autoritário, deixando minha voz rouca ressoar pelo quarto.

Alice assente, e dá um passo para trás, com os olhos de luxúria em mim. Respiro fundo, controlando toda a vontade que sinto de um animal para pular sobre ela e usar minha força para penetrar no seu corpo, para senti-la sob meu pau duro, que me enlouquece. Sorrio, excitado em ver ela me obedecer, e pego a borda da sua calcinha preta, tentadora. Puxo lentamente para baixo, revelando seu sexo, sua intimidade que me viciou,

que me deixa sedento para mais. Quero beijá-la, quero amá-la de um modo que só eu posso, que seu corpo será só meu desse jeito.

Deslizo sua calcinha pelas pernas, me agachando, e ela as levanta, tirando a calcinha. Mordo o lábio, aguentando a vontade de abri suas pernas e me enterrar. Subo com a cabeça e beijo cada parte da sua coxa, chegando à parte interna. Alice geme, e levanto os olhos, observando sua expressão de ansiedade, de desejo.

—Você quer me sentir aqui, minha Alice? — pergunto, sem tirar os olhos dela. Alice arfa, puxando o fôlego, e passo a língua pelo início dos seus grandes lábios, trilhando entre suas coxas fechadas, procurando um espaço para minha língua. Alice geme, assentindo lentamente.

Beijo seu Monte Vênus, deliciado pela textura da sua pele macia, lisa. Alice solta um pequeno riso de prazer, e eu a encaro novamente.

Deixo meus lábios ainda próximos da sua pele, e respiro fundo propositalmente, deixando sua pele se arrepiar. Ela mexe as pernas, com tesão, e com os olhos nela, beijo novamente, deslizando minha língua para fora da boca e procurando caminho para além do seu Monte Vênus, chegando nos grandes lábios. Alice geme, me deixando enlouquecido, e agarro sua bunda com força.

—Tom — ela geme meu nome, e afasto a boca, me levantando. Sorrio devasso para ela, vendo seu rosto mergulhado em uma expressão de prazer. Dou um passo para trás, deixando meu semblante sério.

—Se deite, Alice — ordeno, e ela levanta uma sobrancelha, me desafiando. Um arrepio passa pelo meu corpo, me sentindo devastado por vê-la me desafiar nua.

—Não — ela me responde, me desafia. Franzo a testa, e Alice avança na minha direção,

agarrando minha cueca e puxando com força para baixo.

Olho para ela, que se ajoelha na minha frente, e meu pau, duro, grosso e desejoso por ela, salta para fora da cueca, em direção ao seu rosto. Um gemido profundo saí da minha garganta, e levanto a cabeça, olhando para o teto branco. Preciso me controlar, preciso estar no controle da minha força, antes que eu a jogue na cama e vá com tudo, me fodendo para qualquer delicadeza. Mas não quero que Alice se sinta pressionada, se ela não é de transar assim.

Abaixo novamente a cabeça, encarando seu rosto levantado para mim, se aproximando cada vez mais do meu pau.

—Quero sentir seu gosto na minha boca também, Tom Haltender — ela sussurra maliciosamente contra a cabeça dele, e cerro os punhos ao lado do corpo, transtornado por me

aguentar assim.

—Abra a boca, Alice — ordeno em um rosnado de tesão, mas Alice apenas sorri.

—Você está com muito tesão? — ela me provoca, e antes que eu consiga prever os meus próprios movimentos, abro as mãos e agarro seus cabelos com força, empurrando sua cabeça contra meu pau, e perco qualquer delicadeza com ela, me condenando por sucumbir ao desejo.

—Estou fodidamente com tesão — rosno no mesmo instante, perdendo o decoro com ela, semicerrando os olhos, e empurro sua cabeça, sentindo seus lábios molhados atritarem contra meu pau, abrirem em torno dele, molhando-o — Alice — gemo alto seu nome, agarrando mais dos seus cabelos e tentando empurrar sua cabeça para que ela consiga colocá-lo todo na boca, sem tirar os olhos dela. Estou fora de mim, e se eu continuar assim, não vou só transar com ela, vou foder com

ela, de uma forma que ela talvez não esteja preparada. Mas não posso, preciso retornar a controlar a força. Não desvio os olhos dela, ajoelhada na minha frente, tentando colocar o máximo do meu pau, sem conseguir. Ela desliza a boca até a cabeça, e me encara. Olho nos seus olhos, afundado em gozo.

—Não consigo colocá-lo todo, Tom — ela sussurra contra ele, e assinto, respirando fundo. Estou sem fôlego de sentir sua respiração arrepiar a pele.

—Coloque de novo — peço em um gemido, fechando os olhos e agarrando sua nuca pelos cabelos. Sinto seus lábios pressionarem a glande, descendo até tentar chegar a base, e fazem pressão, subindo lentamente. Meu pau na sua boca me deixa sem razão, e não consigo parar de pensar que ela é apenas minha, que só eu tenho esse direito. Sua boca me dá um prazer absurdo. Alice

começa a sugar a cabeça sensível, e gemo como um animal, perdendo o juízo na sua frente. Abro os olhos, encarando-a perdido de tesão, e agarro ainda mais seus cabelos, acompanhando o movimento rápido de sugá-lo e chegar até a ponta — Alice — gemo seu nome, prolongando o a, e gemo, mergulhado no prazer de ter meu pau em contato com sua língua, que desliza por ele, saboreando cada parte da pele nua. Alice afasta os lábios, me encarando, vendo minha expressão de prazer, e sorri. Estou perdido por deixar meu prazer na sua boca, à sua mercê.

—Estou dando o troco por todas as vezes que me provocou, meu Tom — ela fala maliciosamente, e estende a língua até a cabeça do meu pau, passando-a lentamente. Puxo ainda mais seus cabelos, sem conseguir pensar que posso estar machucando-a. Estou me tornado um animal sedento por seu sexo, e se eu não me controlar, vou

avançar e devorá-la. Alice lambe meu pau. Observo, absorto em gozo, segurá-lo para cima e lamber da base até a glande. Solto seus cabelo, tentando recobrar o ar que foi tirado de mim ao vê-la assim.

—Se você acha que sairá impune, está enganada — a ameaço sem fôlego, deixando a rouquidão aumentar. Alice abocanha novamente a cabeça, sugando-o com força. Não consigo decidir se deixo ela continuar ou se me afundo nela.

Reviro os olhos, sentindo meu pau explodir na sua boca, mais duro do que nunca, como se fosse uma pedra, e isso me tortura, me deixa à beira de enlouquecer.

Agarro meus próprios cabelos, perdido na sua boca, sentindo sua língua molhá-lo cada vez mais, sua boca quente e molhada passar por todo ele, deixando a sensação de estar penetrando nela, de todas as formas que quero. Penetrar em sua boca

é irresistível, me deixando descontrolado.

—Alice — gemo profundamente, com os olhos nela, e Alice afasta os lábios, sorrindo para mim. Meu pau parece me matar de urgência, e Alice beija a base dele, deslizando a língua para cima. Observo atento, sem conseguir fechar a boca, imerso na visão da sua língua subindo pelo meu ventre.

Porra, não vou aguentar por mais tempo.

Agarro os cabelos dela e a puxo para cima, sem maneirar na força. Alice arregala os olhos, de pé na minha frente, e avanço contra seus lábios entreabertos, enfiando minha língua com pressa, uma urgência enlouquecedora de saborear sua boca. A exploro, controlando sua língua, e ela arfa contra os meus lábios. Desço com as mãos pelo seu pescoço e aperto seus seios, passando os polegares pelos mamilos rijos, esperando que eu os chupe.

—Você anda muito atrevida, tentando me

provocar ao invés de deixar eu provocá-la — falo sorrindo, e ela ri, mordendo meu lábio inferior.

—É porque quero que você chegue ao limite de tesão — Alice me responde devassa, ainda segurando meu pau com força. Sua outra mão explora meu abdômen, cada contorno. Nego lentamente, sem conseguir não devorá-la com os olhos, ferozmente.

—Não quero que você se assuste comigo, se eu perder o limite — murmuro. Ela abre a boca, e desço uma mão pela sua barriga, sem parar de apertar seu seio, sentindo-o macio dentro da palma da minha mão. Encosto nos seus grandes lábios úmidos, e ela dá um pulo de prazer, demonstrando isso na expressão.

Porra, ela é inteira minha, e quero amá-la, transar com ela. Foder com ela para que ela me sinta todo dentro de si. Que veja que é tão minha quanto sou dela.

Abro caminho pelos grandes lábios, atento nos seus olhos, e encosto o indicador no seu clitóris. Alice abre a boca, ofegante, e geme baixo. Faço movimentos circulares, sentindo seu pequeno lugar de prazer. Aproximo os lábios dos seus cabelos.

—Se deite, se entregue para mim — sussurro no seu ouvido — faça tudo o que eu quiser.

—Faça o que quiser — ela responde baixo, se afastando. Fito sua bunda, caminhando para a cama, e antes que eu preveja meu próprio ato, dou um leve tapa nela, vendo seu corpo pular. Alice olha para trás, surpresa.

—Estou fazendo o que eu quero — explico, levantando uma sobrancelha e retesando a mandíbula. E se eu fizer o que eu quero, Alice dormirá um bom tempo amanhã. Alice sorri com devassidão, e apoia as mãos na cama, subindo nela

de quatro. Ela engatinha até parar na minha frente, me encarando.

Sorrio, sentindo meu pau me pressionar para avançar.

—Quero que se deite no meio da cama, e abra as pernas — ordeno sério, levantando uma sobrancelha. Ela se ajoelha, e desliza as pernas para frente, abrindo-as e deixando à mostra o que tanto me deixa devastado. Observo ela deitar as costas por completo, com as pernas flexionadas em um ângulo mais fechado que noventa graus. Alice fecha os olhos, deixando claro que está entregue à mim.

Avanço com passos firmes, e subo na cama, no meio das suas pernas, agarrando suas coxas com força, abrindo-as mais para entrar com o ventre entre elas. Alice sorri, me olhando com a cabeça levantada.

—O que você vai fazer? — ela pergunta

com a voz arrastada.

—Vou devorar você — rosno, deitando meu corpo sobre o seu, sobre seus seios eretos, roçando no meu peito, e apoio os braços estendidos em cada lado do seu corpo. Aproximo meu rosto do seu — vou sentir seu sabor, sua pele. Vou sentir com a minha língua o quanto você está com tesão por mim.

Alice mexe o quadril embaixo do meu corpo, implorando que eu a penetre. Sorrio, seduzindo-a, e esfrego meu pau no seu ventre.

—Não agora, minha Alice — falo sério — fique como está — abaixo o tom da voz, e beijo rapidamente seus lábios, beijando sua bochecha, seu queixo. O mordo sem força, ouvindo seu gemido. Desço com a boca pelo seu pescoço, segurando meu corpo com os braços, e traço uma linha reta de beijos molhados, mordendo sua pele levemente. Quente, tentadora. Sexo.

Alice geme descontrolada, deixando meu pau estremecer, me torturando de vontade.

Desço ainda mais, beijando o início dos seus seios, e agarro um mamilo seu com os dentes, sem força. Olho para cima, vendo os olhos de Alice, e sorrio. Chupo seu mamilo, lentamente, avançando até abocanhar mais do seu seio direito. Alice agarra os meus cabelos, empurrando minha boca contra o seio, e eu o chupo com força, sentindo o mamilo entre minha língua e o céu da minha boca.

Chupo com mais força, desejando que Alice aguente, e passo a língua pelo mamilo. Mordo ele devagar, soltando e chupando novamente.

—Quer que eu diminua? — pergunto contra seu seio, e Alice, com os olhos fixos em mim, nega, com a boca aberta mas sem conseguir dizer alguma palavra. Meu pau estremece mais uma vez, e porra, quando eu entrar nela, vou me perder

de vez.

Abocanho com mais força, matando minha fome de ter seu seio na minha boca. Chupo com força, imaginando a vermelhidão da pele, mas estou perdido de desejo, e não consigo pensar em mais nada além de possuí-la com força, com minha boca, minhas mãos e meu pau.

Passo a língua por todo ele, e vou para o outro, chupando-o até fazer Alice arquear as costas, estendendo os braços para os lados e gemendo meu nome, me deixando ainda mais excitado. Largo seu mamilo e desço com a boca, arrastando meu corpo pela cama, e mordo a volta da sua costela. Alice arqueia ainda mais, e desço pela sua barriga, passando a língua. Beijo cada parte da barriga, encarando ela, sua expressão mergulhada em mim. Como quero provar cada pedaço seu.

Beijo seu umbigo, passando a língua ao redor dele, e agarro suas coxas, descendo para o seu

ventre. Alice me encara ansiosa, sabendo que estou chegando na sua intimidade.

Mordo a pele do ventre, ouvindo sua respiração enlouquecida, e passo a língua. Ela está tão quente quanto eu, e eu a deixarei no fogo ainda mais, para depois me queimar junto.

Passo as mãos, com força, apertando sua pele, até o interior das coxas, abrindo-as ainda mais, e me arrasto até estar com o rosto em sua intimidade. Alice se apoia nos cotovelos, me encarando ansiosa.

—Tom — ela implora, e respiro fundo, deixando o ar bater na sua pele sensível.

—Quero provar você — sussurro, e passo a língua por cima dos seus grandes lábios, do fim até o Monte Vênus, observando seus olhos saírem de orbita. Alice joga as costas na cama, estendendo novamente os braços, e avanço contra seus grandes lábios, abrindo-os com a boca. Vejo sua

lubrificação me chamando, a forma como está molhada para mim. A beijo na intimidade, penetrando minha língua pelos grandes lábios estreitos, molhados. Encosto a posta no seu clitóris, e ela pula, gemendo alto.

—Tom — ela geme arrastado, e movimento a língua contra seu clitóris, delicioso e saboroso, sentindo ele se estremecer e inchar de tesão. Faço círculos devagar, passando por todas as pequenas fendas ao redor dele, ao lado dos grandes lábios. Alice aumenta os gemidos, altos e com a respiração acelerada. Encaro seu rosto, e desço com a língua até seus pequenos lábios, trilhando um caminho. Ela arqueia as costas, e a sinto ainda mais molhada, deixando meus lábios com seu gosto, úmidos. Subo com a língua até seu clitóris novamente, sabendo que ali é o ponto que a deixa gozar. Passo os dentes bem devagar, para não machucá-la, e sinto a textura dele. O envolvo com a

língua, desejando ter a sua parte do corpo mais sensível inteira para mim. Como é delicioso ter ele na minha língua, sob o meu poder. Ter seu prazer na minha boca e poder controlá-lo. Sugo seu clitóris devagar, ouvindo seus gemidos se tornarem entrecortados, e Alice agarra o lençol, puxando-o para si, dos dois lados, levada ao prazer extremo pela minha boca. Sugo toda a sua intimidade, e mordisco seus grandes lábios. Sinto minha língua se encharcar, e Alice, com os olhos em mim, respirando com dificuldade, geme, perdida pelo êxtase. Ela entra em orgasmo na minha boca, e aproveito para elevar seu orgasmo em um nível que ela nunca sentiu antes. Longo e intenso.

Sugo seus grandes lábios, e passo a língua em círculos rápidos pelo seu clitóris, sugando-o ao mesmo tempo. Alice geme de forma profunda, com o olhar em mim, mas sem estar ciente. Sugo toda sua intimidade, apertando suas coxas com força, e

com a mão direita, deslizo para seus grandes lábios. Mordo seu Monte Vênus, passando o indicador pelos pequenos lábios dela, molhados, ouvido ele gemer em soluços. Volto a sugar seu clitóris, enquanto massageio seus grandes lábios com a mão. Faço círculos de subir e descer pelo clitóris, sentindo-o estremecer cada vez mais contra a ponta da minha língua.

—Tom — Alice implora, ofegante, ainda em orgasmo, com o corpo inteiro retesado. Mordo seus grandes lábios, e com a boca, desço até sua coxa direita, mordendo-a. Alice grita de prazer, e volto para o seu clitóris. Encaro ela, que tenta me ver, mas sem forças para abaixar a cabeça, e o beijo. Levanto o rosto, com o seu gosto na minha boca e meu pau duro ao ponto que não aguento mais. Me ajoelho no meio das suas pernas, com meu pau erguido em sua direção, ansiando para participar do seu orgasmo.

Vê-la assim, entregue para a minha boca, para o prazer que estou dando, me deixa selvagem, e temo que se entrar nela agora, perca de vez qualquer delicadeza e afunde com toda força. Seu corpo retesado e se mexendo revela o quanto está em êxtase, e olhando-a desse modo, desisto de me controlar.

Que se dane qualquer tentativa de evitar usar a força com ela, preciso sentir seu prazer.

Agarro seu quadril com muita força, e ela arregala os olhos, me encarando. Arrasto seu corpo pela cama, puxando para mais perto, e seguro seu quadril, pegando meu pau e passando pelos seus grandes lábios.

Encaro seus olhos ansiosos, e gemo.

—Alice, não vou conseguir me controlar, me desculpe — murmuro, cerrando os dentes e retesando a mandíbula.

—Não se controle — ela diz séria,

recobrando a consciência. Isso basta para eu me largar inteiro nela.

Empurro meu quadril com violência contra seus grandes lábios, sentindo sua lubrificação envolver meu pau, e enfio mais, sentindo sua pele macia me abraçar, envolver minha glande, e a penetro com força, agarrando seu quadril e puxando-o com violência contra o meu pau. Alice geme ao ponto de gritar, e gemo selvagemente.

Sinto meu pau penetrar no lugar mais úmido possível. No meu país das maravilhas, se assim posso dizer. Minha Alice.

Porra, estou perdido, porque não vou mais controlar nada do meu corpo. Alice revira os olhos, e empurro meu pau ainda mais fundo, sentindo ela se abrir com veemência. Soco ele inteiro dentro dela, com muita força, algo que nunca usei com ela, e jogo meu corpo em cima do seu, apoiando meus braços na cama. Levanto o quadril, saindo inteiro

dela, e estoco com muita força novamente, sentindo seu corpo se estremecer. Gemo contra seu rosto, sabendo que minha expressão é de mais prazer do que nunca. Agarro sua bunda com uma mão, empurrando contra meu quadril, ainda com meu pau dentro dela, e empurro o quadril, querendo entrar mais, querendo rasgá-la e devorá-la. Achar algum lugar que eu posso me enfiar mais. Alice geme, e agarra minhas costas, cravando as unhas.

Como Alice é apertada, molhada e deliciosa. Não vou conseguir me controlar e ela precisa entender. Estoco com muita força, rosnando profundamente, e com a mão na sua bunda, empurro seu quadril contra a cama, com violência, entrando com meu pau e saindo, sentindo seu corpo ser prensado contra o colchão. Alice joga a cabeça para trás, com um gemido entrecortado, e mesmo assim não diminuo o ritmo, estocando selvagemente. Gotas de suor deslizam pelo meu

corpo, se juntando as dela, e agarro seu corpo, abraçando-o.

—Não consigo controlar a força com que quero me enterrar em você — sussurro contra seus lábios, e Alice sorri extasiada.

—Não controle. Eu quero mais, Tom. Faça exatamente o que você deseja, me deixe sentir o quanto me deseja. Me mostre como quer transar realmente comigo, sem controlar a força. — ela responde, me fazendo perder qualquer resto de consciência. Empurro meu pau com mais força ainda, sentindo suas pernas abrirem ao meu redor, e suas mãos deslizam das minhas costas até minha bunda, apertando-a, incentivando o movimento.

—Alice — gemo devastado, sentindo meu pau ser envolvido por sua abertura, por sua intimidade de orgasmos. A penetro novamente, ainda mais, sentindo meu corpo pulsar sobre o dela. Meu coração está acelerado de uma forma como se

eu estivesse em uma maratona malhando, e não quero parar, quero me afundar mais na minha Alice, até que se parta e eu a devore. Arfo no seu ouvido, abraçando seu corpo, e Alice se mexe embaixo de mim, diminuindo meu movimento. Levanto o rosto, encarando seu olhar inebriado, e ela sorri. Meu corpo inteiro entra em fogo, e sinto um arrepio enlouquecedor na espinha. Uma queimação envolve meu pau, subindo pelo meu ventre. Estou embriagado de prazer, e não quero parar.

—Alice — gemo, tentando perguntar o que ela está fazendo. Alice agarra meu quadril e me empurra para cima, tentando fazer eu sair dela. Franzo a testa, e faço o que deseja. Meu pau estremece, e me ergo. No mesmo instante, suas pernas agarram meu quadril e ela sorri devassada. Alice me agarra e me vira para o lado, parando sentada em cima de mim. Olho para a mulher que

desejo, que amo, sentada sobre meu ventre, e reviro os olhos. Porra, como posso desejá-la desse modo?

Agarro com força seu quadril, e subo até seus seios. Alice agarra minhas mãos, e as afasta. Encaro ela curioso.

—O que está fazendo? — minha voz rouca saí muito baixa, arrastada de prazer. Alice sorri, negando com a cabeça, e desliza para as minhas pernas.

—Quero sentir você um pouco mais — ela confessa, e vejo seu corpo entrar no meio das minhas pernas. Jogo a cabeça para trás, no travesseiro, ansioso para sentir sua boca no meu pau. Alice agarra a base dele com as duas mãos, e passa a língua. Rosno um gemido, sem conseguir tirar os olhos dela.

Ela abocanha ele, tentando colocar o máximo possível, e meu corpo se arrepia. Meu pau salta dentro da sua boca, descontrolado. Bato a

cabeça no travesseiro, descendo com as mãos e agarrando seus cabelos.

—Mais — rosno, empurrando seu rosto contra minha virilha, querendo sentir mais sua boca. Alice desliza os lábios sobre ele, subindo e descendo, aumentando a força. Fecho os olhos, enlouquecido de prazer, sentindo um gozo maior do que todos os outros. Ela começa a sugá-lo forte, me fazendo sentir ele ser puxado para si. Saio da razão, da sanidade, sentindo meu pau prestes a explodir, e agarro seus cabelos, puxando-os para cima. Alice solta um grito abafado e a puxo na direção do meu rosto. Ela me encara surpresa, e agarro sua cintura, virando-a de lado novamente. Me arrasto na cama e me levanto, de pé na sua frente. Ela franze a testa, descendo os olhos pela minha ereção dura.

—Não estava gostando, Tom? — ela pergunta séria, e respiro fundo. Ela mesma me disse para ir com tudo, e porra, nesse momento, é o

que vou fazer. Que se dane a força, a tentativa de me segurar. Agarro seus tornozelos e a puxo na minha direção, fazendo-a se virar de barriga para baixo. Alice sorri, entendendo, e se acomoda de quatro na minha frente.

É, eu realmente estou perdido na minha Alice, e vou possuí-la da maneira que mais anseio. Vou fazer amor com ela, vou transar com ela. Vou foder com ela.

Agarro sua bunda com muita força, cravando os dedos, e com a outra seguro a base do meu pau. Coloco os joelhos na cama, me ajoelhando ereto atrás dela. Alice olha sobre o ombro para mim, entorpecida de prazer, e me inclino sobre ela, roçando a cabeça do meu pau nos seus grandes lábios, inchados já, úmidos e tentadores. Não vou conseguir controlar. Antes que eu tente me acalmar, avanço com o quadril, retesando a mandíbula e rosnando de prazer.

Penetro ela novamente, agarrando seu quadril para ajustá-lo na altura certa, e seus cabelos, puxando sua cabeça para trás. Alice arqueia as costas para conseguir jogar a cabeça como eu quero, e penetro com mais força, me perdendo dentro dela.

Seu gemido se mistura com o meu rosnado profundo e rouco, e estoco com muita força, sentindo ela se abrir para mim de uma forma como nunca, como se estivesse rasgando ao redor. Ela grita, enlouquecida de prazer, e estoco com mais violência, batendo minha virilha na sua bunda. Puxo com mais força seus cabelos, e ela estende as mãos até a borda da cabeceira, agarrando-a para se equilibrar. Estou vagando dentro dela, querendo entrar mais, e por mais que eu queira perguntar se estou machucando-a, não consigo. Estou sem fôlego, sem voz, sem consciência. Estou selvagem, necessitando me enterrar cada vez mais. Sons saem de nós, pela força com que estoco, e porra, quero

entrar cada vez mais. Movimento com muita violência o quadril para frente e para trás, empurrando-a e ouvido seus gemidos altos ao me enterrar com força. Puxo ainda mais seus cabelos, fazendo-a arquear mais as costas e jogar a cabeça para trás. Soco com muita violência, deixando a cama pular junto quase.

Só consigo me enterrar com cada vez mais força, puxando seus cabelos. Solto seu quadril e levanto a mão, desferindo um tapa forte na sua bunda ao ponto de estalar. Meu pau estremece dentro dela com a sensação, e Alice dá um pulo, gemendo de prazer. Agarro sua bunda no lugar do tapa, e dou outro tapa forte, acompanhando cada estocada forte. Bato com a virilha na sua bunda, empurrando-a para frente com violência, e desfiro outro tapa. Alice continua segurando a cabeceira, entregue à mim, deixando seus gemidos se tornarem gritos de prazer. Aumento ainda mais a

velocidade força, empurrando seu quadril para frente o tempo todo, gemendo ao fazer força, me enterrando com muita violência, balançando o corpo inteiro, tanto o meu quanto o dela.

Meu corpo entra em uma orbita de prazer absoluto, e sinto queimar meu corpo inteiro de gozo. Estou inebriado, sentindo o quanto está molhada, o quanto está amando minha força. Empurro cada vez mais, penetrando fundo e com violência. Meu pau queima dentro dela, subindo um arrepio com formigamento pelo meu ventre. Meu coração acelera mais, e começo a respirar pesado. Enrosco mais dedos no seu cabelo, puxando-o, e agarro sua bunda, fincando os dedos. Estoco cada vez mais rápido e forte, sentindo que estou prestes a explodir dentro dela, com força. Sua bunda fica vermelha ao redor da minha mão, mas só consigo pensar em como é delicioso estar entrando e saindo dela com essa rapidez, com essa veemência.

—Alice — gemo em um rosnado profundo seu nome, e meu coração bate ainda mais forte. O suor escorre pelo meu corpo e uma queimação se irradia. Meu pau pulsa dentro dela, sentindo-a se apertar contra mim, e perco qualquer consciência de onde estou, sentindo apenas um prazer percorrer todo o meu corpo, em um êxtase. Perco o chão, o foco e tudo o que está ao meu redor, sentindo apenas Alice e como é maravilhoso estar nela. Meu corpo me abandona, e gemo alto, encarando seu rosto virado para trás, seus olhos em mim, sem realmente enxergar nada. Alice geme, entrando novamente em orgasmo, e dessa vez eu também não aguento. Meu corpo inteiro entra em um furacão de sensações, e explodo dentro da Alice, sentindo espasmos no meu corpo inteiro até o meu pau. Gemo alto, descontrolado, me inclinando contra as suas costas, perdendo as forças. Entro em um orgasmo extremo, mais intenso que qualquer

outro, e continuo gozando por segundos, sentindo Alice se contrair inteira ao meu redor. Gemo cada vez mais profundo, me sentindo queimar. Solto sua pele, vendo a marca dos meus dedos, um suor pelo seu corpo, e estremeço com um arrepio, sentindo que o êxtase ainda não passou. Um fogo se ascende dentro de mim, e permaneço sem conseguir raciocinar, apenas sentindo todas as sensações intensificadas no meu corpo.

Empurro meu quadril para cima, saindo de Alice, e meu pau se arrepia ainda mais. Gemo baixo, extasiado, e Alice levanta o tronco do corpo, me encarando embriagada de prazer, por cima do ombro.

Olho para ela, mas meus olhos não conseguem se focalizar. Minhas pálpebras pesam de tanto prazer que senti, e respiro fundo.

—Alice, se eu — começo a falar arrastado, tentando ver ela está bem. Alice se vira,

e ajoelhada também, se aproxima de mim.

—Você me fez sentir exatamente como eu queria — ela sussurra, encostando os seios no meu peito. Agarro seu rosto, inebriado de prazer ainda, e sorrio — você me deu mais prazer do que nunca, Tom. Eu amo você e todas as formas com que transa comigo.

Respiro fundo, sentindo ainda mais prazer ao ouvir isso, e mesmo que meu pau esteja sensível, ele pulsa ao entender suas palavras. Desço as mãos até seus ombros e a puxo para mim, abraçando seu corpo.

—Como eu queria possuí-la assim — confesso, sentindo suas mãos nas minhas costas — estou acabado — confesso ainda mais, sentindo todo o meu corpo implorando para que eu deite — você me fez enlouquecer, me devastar dentro de você.

Ouço a risada arrastada de Alice, que ainda

está extasiada também, e ela assente, concordando.

—Quero mais vezes assim — ela pede.

—Eu quero de todas as formas, inclusive assim — eu corrijo sua frase, e a puxo em direção aos travesseiros.

Deito de costas na cama, e puxo Alice no meu peito, sentindo seus seios se acomodarem no meu corpo, ainda rijos. Meu pau ainda deseja Alice, eu ainda desejo, mas estou sem forças, pela primeira vez, consegui usá-la toda na minha Alice, me perder dentro dela e gozar com toda a violência que sempre desejei. Porra, ela soube ser exatamente como eu queria, tudo nela, e agora percebo que estou ainda mais viciado.

Alice coloca a mão no meu peito, e me encara. Olho para baixo e colo meus lábios nos seus, segurando seu rosto pelo queixo. Seus lábios se abrem para mim, e eu pressiono os meus contra os seus, penetrando minha língua de forma lenta,

saboreando cada gosto da sua boca, a ponta da sua língua que brinca com a minha. Abraço ela com o braço que está embaixo do seu corpo, e com o outro permaneço segurando seu rosto. Arfo contra seus lábios, assim como ela, e afasto um pouco o rosto.

—Você é maravilhosa — sussurro para ela, que sorri inebriada, acariciando meu peito.

—Você é meu deus do sexo — ela sussurra com a voz baixa, que amo ouvir. Sorrio, mordendo o lábio.

—Você me faz ser assim com você, Alice. Me faz sempre querer dar mais prazer para você — sussurro — me faz amá-la cada vez mais.

Alice sobe com a mão até o meu rosto, acariciando meu maxilar, e permanece me olhando séria.

—Você realmente me ama, Tom? — ela pergunta, e franzo a testa, colocando a mão em seu queixo novamente e levantando-o. Sei que ela está

perguntando não porque se sente insegura, mas sim para confirmar o que já sabe. Para deixar claro tudo de uma vez.

—Sim, Alice. Depois de tudo, você sabe que eu a amo. Amo você como nunca amei antes, e nada vai mudar isso — respondo sincero. Alice me desarmou, me deixou à sua mercê, e porra, eu amo ficar à sua mercê. Eu amo me entregar para ela, entregar todo o sexo que posso ter com ela. Eu amo a mulher que é, o que me faz sentir. Ela é a minha Alice, e só será minha.

Ela sorri, assentindo lentamente, e beija suavemente meus lábios.

—Eu amo você, Tom Haltender, de uma forma que nunca imaginei amá-lo — ela sussurra, e sorrio satisfeito, passando o polegar pelos seus lábios.

—Você nunca imaginou estar aqui comigo, mas agora está — falo sério. Ela ri contra a

pele do meu pescoço, me deixando com tesão novamente, e reteso a mandíbula, encarando-a.

—Eu quero estar sempre com você — ela murmura extasiada e assinto lentamente.

—Você sempre vai estar, Alice — eu digo sério, e ela deita a cabeça no meu ombro, beijando a pele.

Como eu amo essa mulher, como eu amo Alice. Quero apertá-la contra mim, abraçá-la e nunca mais soltar, deixando claro o quanto ela me pertence, o quanto seu amor é meu. O quanto eu posso amá-la sem sentir medo de estar errado.

Alice estica uma perna, atritando-a com a minha, nua, e passa o pé sobre o meu. Observo extasiado seu toque íntimo, a forma como me encontro, comparado a uma vez, quando vagava de camas em camas, sentindo coxas e apertando seios, sem nunca me apaixonar por rostos, apenas por sexo.

Estico os dedos dos pés, deixando-a passar o pé sobre o meu, e ela sorri. Um arrepio percorre meu corpo, e percebo o quanto Alice entrou em mim, o quanto ela tirou uma parte de mim e reivindicou para ela, algo que nenhuma outra mulher conseguiu fazer.

Eu sempre amei sexo, sempre me viciei na sensação enlouquecedora e de esquecimento, me afundando nos corpos de mulheres, sentindo a forma de adrenalina que sempre consegui ao conquistá-las e dispensá-las, evitando de me relacionar para não me perder, para não deixá-las entrar no meu mundo e roubar a minha sensação de não estar ligado a ninguém.

Mas estou apaixonado pela sensação de estar ligado à Alice, de saber que ela está ligada à mim, e quero que todo homem que conhecê-la saiba que ela está comigo, que ela é minha. Não estou com medo que ela me engane, que ela utilize

do que sabe sobre mim para me machucar, porque sinto que ela ama cada parte de mim, mesmo as mais estranhas, e que ela realmente está comigo, não pelo dinheiro ou pelo fato de eu ser bom na cama, mas por ser eu, aquele homem estranho e desconhecido que a conquistou sem nem ao menos ela saber que eu era Tom Haltender, com muito dinheiro e deus do sexo, como ela diz.

Encaro seu rosto, que se vira para mim, e deslizo a mão pelas suas costas, saboreando sua pele quente. Porra, como ao encostar em sua pele, eu também fico mais quente, mais eletrizado. Desço até sua lombar, contornando-a, e paro na sua bunda. Aperto levemente, e ela ri.

—More aqui comigo — peço sério, e Alice arregala os olhos.

—Tom, ainda é um pouco cedo, vamos devagar, e se acontecer de eu vir para cá, que não seja às pressas — ela diz séria, me encarando atenta

— sabe que eu amo estar com você.

Assinto, sorrindo. Eu também amo estar com ela, e quero que ela fique aqui comigo, que não se afaste mais. Que esteja sempre no meu apartamento, como é minha, mas entendo e não quero pressioná-la. Ela virá.

—Deixei preparado nosso banho, antes de tudo o que aconteceu — sussurro para ela, e Alice sorri.

—E não está gelado agora? — pergunta arqueando as sobrancelhas. Rio roucamente, assentindo. Me sinto tão confortável com ela, tão inteiro.

—Nós podemos esquentar a água — respondo de forma devassa, sentindo sua mão deslizar pela minha barriga e parar sobre meu pau. Ele salta dentro da sua mão.

—E o que estamos esperando? Quero transformar aquela água em fogo — Alice sussurra

lentamente, massageando meu pau, subindo e descendo com a mão. Fecho os olhos, me concentrando no seu toque, na sensação de deixá-lo à mercê da sua mão, de deixar meu prazer à sua mercê, algo que nunca fiz com nenhuma mulher.

Quando Alice decidiu me dominar em Pandora, hesitei, relutei, mas com ela, eu quis provar a sensação, e contrariando toda a ideia que eu sempre tive, de que eu apenas me satisfaria dominando a mulher, eu amei a sensação de fazê-la me descobrir, de fazê-la experimentar todas as partes do meu corpo e deixar ela controlar.

E sei que Alice também amou, que era tudo tão diferente da sua antiga vida.

Agarro sua mão sobre meu pau, e sorrio torto, assentindo. Estou duro por ela, novamente, e se depender de mim, passarei a noite inteira dentro dela.

—Vamos transformar em fogo —

sussurro, e Alice solta meu pau, dando um pulo da cama. Ela para em pé, ao lado da cama, e estende a mão.

—Venha comigo, meu Tom — ela sussurra, mexendo lentamente o quadril. Me sento, agarrando sua mão, e saio da cama, deixando Alice me conduzir. Seu corpo caminha na frente do meu, e desço os olhos pelos cabelos loiros que amo puxar, pelas costas nuas que deixam seu corpo ainda mais enlouquecedor, e paro na sua bunda, rebolando de um lado para o outro. Ela caminha animada na minha frente, me puxando para o banheiro.

Me puxando para me deixar amando-a cada vez mais, me despindo de qualquer máscara que eu pudesse usar com ela. Mas estou sendo verdadeiro, estou aberto para ela, assim como ela está para mim.

Sigo minha Alice, sentindo sua mão apertar

a minha, e percebo o quanto ela está mudada, o quanto está diferente.

Liberta. Me deixando ainda mais enlouquecido, devastado por ela.

Percebo que agora ela está totalmente entregue à mim.

Alice está dentro do meu mundo.

ALICE

Eu estou me tornando meu lado escuro.

Abro os olhos, fitando a penumbra do quarto silencioso de Tom, ouvindo apenas sua respiração profunda. Sinto seu coração bater no meu ouvido e seu corpo embaixo do meu. Seu braço circula minha cintura, e minha mão está espalmada no seu peito nu, quente. Minhas pernas

estão sobre as suas, entrelaçadas, e seu sono é profundo. Levanto a cabeça, encarando seu rosto tranquilo, dormindo.

Tom se libertou comigo, não se segurou como sempre fez. Tom fez exatamente o que eu queria, e sentir sua força no sexo só me fez querê-lo ainda mais. Meu lado escuro ardeu no seu fogo de um modo enlouquecedor, e ainda preciso mais dele.

Acaricio seu peito, fitando a escuridão, e os momentos nublados do evento com Anya retornam na minha mente. A sensação que tenho, por causa do sedativo ou o que Anya colocou na minha bebida, é de sonho, como se eu tivesse andando sobre nuvens, fora de mim, e ao me recordar, sinto a mesma sensação.

De muita sonolência, sem conseguir controlar minhas pálpebras, meu corpo. De ver os olhos animalescos de Anya, seu sorriso de

satisfação, mostrando o quanto fui ingênua. E Mercedes, participando de tudo, aguardando o momento certo. Da fraqueza se apoderar do meu corpo, adormecer meu lado escuro e mandá-lo para longe. De perceber no último instante que eu estava sendo levada, que eu estava sendo sedada por Anya, e tudo clareou na minha mente, como se uma luz tivesse se acendido.

E me lembro de ver Ed. Tudo então se tornou escuro, e adormeci junto com meu lado escuro. Lembro de sentir mãos em mim e acordar assustada dentro de um quarto na penumbra, apenas com um abajur amarelado ligado. Eu me sentia mole, fraca, sem conseguir me movimentar, e minha cabeça continuava girando, pesada, até perceber que estava apenas de lingerie, ao lado de uma mulher também seminua. Mercedes. Mesmo com esse impacto, a sonolência e fraqueza ainda predominavam, deixando meu lado escuro

enjaulado.

Tive o momento de clareza, percebendo o que estava acontecendo, mas por causa do sedativo, tudo parecia lento, uma forma devagar de raciocinar e pensar. E me lembro de ver Anya no canto do quarto, surpresa por eu ter acordado rápido demais. Meu corpo não correspondia certo aos meus comandos, e a sensação de sonho, de estar distante, predominava. Me lembro de gritar, de lágrimas escorrendo pelo meu rosto e a raiva que senti das duas mulheres. Me lembro da raiva que senti de mim mesma.

Uma dormência se alastrava pelo meu corpo, mas mesmo assim me levantei e libertei um pouco da raiva que sentia por ela, dando um tapa no seu rosto. Não amenizou tanto a raiva que ainda sinto, mas agora tenho a sensação que me desprendi da sua manipulação. Que mostrei que a minha ingenuidade morreu.

E que não quero mais Anya perto de mim. Agora sei o caminho que devo seguir, a forma como devo agir para libertar o que ainda preciso.

Observo o rosto de Tom, e me lembro de quando ele invadiu o quarto, me desesperou por ver seus olhos ferozes em mim. E de como saber que ele transou com Mercedes me fez acordar sobre como as pessoas podem esconder segredos de mim. De como fui realmente manipulada o tempo todo no evento. Mas a informação não mudou o que sinto por Tom, porque como ele disse, eu sei que ele transou com muitas mulheres, mas agora está comigo. Agora é apenas o meu Tom.

Tudo pareceu ser lento, e não tinha forças para participar da conversa, porque o efeito do sedativo ainda estava presente, me deixando fraca, sem voz, sem reação. Meus olhos ameaçavam fechar, mesmo com lágrimas, e o sono me fazia perder um pouco da consciência.

Lembro de sentir suas mãos em mim, me abraçando, me carregando. De ouvir a voz de Ed, mas não conseguir compreender o que conversavam, e adormeci.

Acordar no colo de Tom, em frente a porta do seu apartamento foi tranquilizador, e ouvi-lo dizer que não acreditava em nada, que percebeu o quanto eu estava adormecida, me fez ficar aliviada. Me lembro de ouvi-lo falar com Anya, quando entrou no quarto para me socorrer, mas não consegui assimilar.

E no seu apartamento, agiu como se eu não tivesse feito algo errado por não ouvi-lo quando estava certo. Ele ignorou qualquer censura que poderia fazer, e me levou para o seu quarto. Adormeci novamente, em seu peito, me sentindo levada pela sonolência, desejando apenas sentir seus braços ao redor de mim, me dando a certeza de que eu estava certa sobre o que aconteceu dentro de

mim.

Eu acordei pela primeira vez sobre quem eu sou agora. Sobre a Alice que estou me tornando. E percebi que não preciso de Anya como muletas para seguir o meu caminho, não preciso que me apontem, eu posso trilhá-lo com tropeços, pedras e qualquer obstáculo, que sobreviverei, que aguentarei, porque sou forte com meu lado escuro, confio em mim mesma. Uma confiança que sempre duvidei, mas que agora vi que existe, porque se sobrevivi à tudo o que aconteceu, e estou inteira, significa que posso aguentar mais, me levantar e seguir.

Eu posso entrar no mundo de Tom sem medo de me machucar, porque se isso acontecer, eu posso me curar. Eu posso entrar sem medo de não ter confiança, porque agora sei que sou o suficiente para mim, que tenho essa confiança. Que tenho meu lado escuro.

E não preciso mais de amarras para me manter segura, na minha zona de conforto. Quero sentir o que Tom pode me oferecer, sem julgar, sem me julgar, porque estou aqui para isso, e se eu não aceitar que é isso o que eu realmente quero, irei me arrepender. Não tenho o por quê ter medo quando é o que anseio.

E Tom está ao meu lado.

Roço as pontas dos dedos no seu peito, descendo até a barriga, e subo novamente.

Quando acordei no seu quarto, ainda sonolenta, lutava para me manter acordada, para conversar com ele, mesmo sentindo estar dentro de um sonho, dentro de uma bolha. E Tom deixou claro que estava ao meu lado, que sempre estaria. A sonolência foi dando lugar ao fascínio, ao amor que sinto por ele, e mesmo na sensação de andar sobre nuvens, eu insisti que ele tocasse em mim, que me fizesse sentir o seu fogo na minha nova visão.

Eu quis senti-lo com a consciência de que agora não há mais nenhuma barreira que me impede de avançar, de pedir mais, e foi isso que fiz. Perdi o medo de aumentar, de me tornar selvagem com ele, perdi o medo de vê-lo perder o controle na cama comigo e usar a força. Eu quis isso, e Tom me deu o que pedi, me provando que eu estava certa, que eu realmente acordei e que a forma brutal, selvagem, com que transou comigo, me deixou à sua mercê, tragada para o seu prazer de uma forma única, mais intensa de todas as noites com Tom. Me provou que eu avancei sobre tudo, que eu realmente me libertei mais do que nunca, e que a forma com que quis e lidei com ele foi exatamente como eu sempre desejei. Não preciso mais me segurar. Perdi o medo.

E eu quero mais disso.

Tom foi violento, mas com amor, o que me deixou enlouquecida, e ouvir seus gemidos roucos

aumentou meu orgasmo para o mais absoluto e sublime possível. Eu o deixei em um estado que nunca havia deixado antes, que era o que eu queria, que ele se enterrasse em mim, com força, que fosse ele mesmo na cama, com violência e agressividade, mas que fosse Tom. O meu Tom, sem medo de me machucar, porque agora eu não sou mais frágil assim, não sou fraca, e ele pode me fazer entrar em seu mundo sem tentar me proteger.

E eu estou em seu mundo. Ouvi-lo confirmar que me ama, que sou a mulher da sua vida, me deu a certeza da minha confiança, e só de lembrar suas palavras, sua voz rouca, meu corpo inteiro se arrepia. Eu o amo da mesma forma, nunca pensei que estaria nesse estado por ele, mas agora, deitada sobre seu corpo, não me imagino sem ele. Eu o amo de todas as maneiras possíveis, assim como meu lado escuro.

Nunca pensei que Tom Haltender iria se

render à declarações de amor, pensando no homem que conheci, mas ele se abriu para mim. Não consigo acreditar, por mais que eu sei que é verdade, mas parece tão enlouquecedor, exatamente como eu desejei. Eu o amo ainda mais.

Sem abrir mão do seu jeito, insistindo para que eu more com ele. Estou ainda pensando sobre isso, sobre o fato de que passamos mais tempo juntos do que separados, e que por mais que isso pareça um grande passo, nós já praticamente vivemos um com o outro, seja no seu apartamento ou no meu.

Acordada agora, sem o efeito do sedativo, vejo o quanto eu evolui nessa noite. O quando nosso sexo avançou, o quanto eu me descobri na cama com ele, e sei que ele também me descobriu. O quanto eu sei que ele me ama, e o quanto sei que eu o amo.

Me sinto segura em seu mundo, confiante, e

quero deixar claro para todos. Quero fazer o que Tom me pediu, e deixar claro que estamos juntos.

E dessa vez, eu também me mostrei insaciável. Acho que o vicio de Tom é contagioso. Estar com ele na banheira foi enlouquecedor, sua força retornou e perdeu o controle novamente, me agarrando de um jeito violento que me deixou desestruturada. Deixou meu lado escuro perdido dentro do fogo inapagável dele.

Não tenho ideia de que horas são, mas ainda está um pouco escuro, e neste sábado não irei trabalhar. Olho para o seu rosto, e provavelmente, observando seu sono, meu chefe também não irá. Sorrio, satisfeita por tudo, e esfrego o rosto no seu peito. Tom se mexe, ronronando, e acorda. Seus olhos azuis escuros se focam ferozes em mim, e ele sorri torto.

—Já acordada, minha Alice? — sussurra com sua voz rouca de sono, me arrepiando, me

excitando. Mordo o lábio, assentindo, e ele agarra meu quadril com as duas mãos, me virando de costas para ele.

Apoio minha cabeça no travesseiro, sentindo seu braço embaixo de mim e o outro me abraçando por cima. Seu peito quente encosta nas minhas costas, e sua ereção na minha bunda. Sorrio, com tesão, e sua mão para na minha barriga. Ele me aperta contra o seu corpo, e uma eletricidade passa por mim, um calor estonteante. O quarto se torna abafado como antes, e sua cabeça para sobre a minha, no meu ombro. Ele puxa o meu cabelo, deixando meu pescoço nu, e o beija devagar, passando a língua. Arfo, derretendo sob seu toque.

—Você não imagina como é acordar ao seu lado — ele sussurra no meu ouvido, e beija minha orelha. Seus lábios descem pelo meu pescoço novamente, e ele o beija, descendo beijos

pelos ombros. Sua mão agarra meu pulso, e ele estende meu braço, começando a trilhar beijos molhados e quentes pelo braço — como é ter você só para mim.

—Se for igual à sensação que sinto ao acordar ao seu lado, eu sei sim — respondo sem conseguir esconder o sorriso. Tom beija meu antebraço e ri roucamente, olhando para mim. Ele volta a me abraçar e beija meu pescoço.

—Como está se sentindo? — ele pergunta com sua voz rouca no meu ouvido, passando os dedos pelo meu ventre. Viro um pouco o rosto para cima, sentindo seus lábios nos meus ouvidos e seu queixo no meu ombro.

—Estou realizada, Tom. Eu amei o modo como foi essa noite, neste apartamento. Eu estou tão segura de mim mesma — falo para ele, séria, e sinto sua cabeça assentindo — não existe nenhuma duvida, nenhum medo, de estar com você no seu

mundo — meu lado escuro finaliza.

—Nunca precisou existir — ele sussurra sedutor — você me tem, você tem meu mundo.

Rio, assentindo, e ele beija lentamente meu ombro, mordiscando a pele. Fecho os olhos, sentindo seus lábios macios, sua língua quente, molhada.

—Você não precisa mais se controlar comigo, eu — hesito, abrindo os olhos e ouvindo sua respiração alta — eu amei o modo como foi, e quero mais, Tom.

—E eu amo o modo como você é, Alice — ele responde imediatamente, sério. Sua voz rouca é sincera, e ele aperta meu corpo ainda mais contra o dele. Sua mão espalmada empurra minha barriga na sua direção, e sorrio — eu amo o modo como você se fez presente e insubstituível na minha vida. Na forma como eu quero compartilhá-la com você.

Meu coração acelera enlouquecido, e um

suor surge pelo meu corpo, com a vertigem e adrenalina de ouvir suas palavras. Meu lado escuro derrete ao ouvi-lo, e meu peito parece se encher de amor por ele. Me sinto dentro de um sonho, saboreando cada palavra. Tom me ama assim como eu o amo, e nada mais me afastará dele. Me sinto eufórica ao ouvi-lo, ao saber seus sentimentos tão íntimos.

—Eu amo você, Tom — sussurro, colocando a mão sobre a sua — e vou amar viajar com você.

Ele ri com a voz rouca no meu ouvido, e o beija novamente.

—Eu nunca iria perder a oportunidade de viajar com você — ele sussurra — de estar ao seu lado, minha Alice.

—Você nunca perde sua possessividade — digo de forma carinhosa, e Tom fica em silêncio por alguns segundos. Ele beija meu pescoço.

—Nunca — responde com a voz rouca demonstrando que está sorrindo — com você, eu não consigo.

—Eu sei — sussurro, e entrelaço meus dedos com os dele — também sou um pouco possessiva com você — confesso, e ouço sua risada.

—Como? — ele pergunta curioso, e sorrio ainda mais.

—Ao pensar que você é só meu, e que quero assumir isso — conto para ele minha decisão, e Tom respira fundo atrás de mim. Sinto seu peito subir e descer pelas minhas costas, e sua mão agarra mais minha barriga.

—Você quer que todos saibam que voltamos? — ele pergunta sério, e assinto lentamente.

—Quero, Tom. Estou segura disso — respondo sorrindo, e Tom beija meu pescoço

demoradamente, com os lábios colados na minha pele.

—Você consegue deixar a noite cada vez melhor — ele sussurra. Mordo o lábio, eufórica de estarmos tão bem.

—Você a fez ficar assim — o interrompo, e respiro fundo — você me faz amá-lo cada dia mais.

—Você é minha, Alice. Sempre farei você se apaixonar por mim — sua voz rouca me arrepia, e ele ri — só preciso convencê-la de morar comigo, mas isso eu deixo você decidir.

—Tom — falo firme — já conversamos sobre isso — e mesmo assim, não consigo esconder meu sorriso. Meu lado escuro já está com as malas prontas, apenas esperando a porta abrir.

—Enquanto isso, não brigue comigo se me encontrar sempre esperando você na sua cama — ele diz maliciosamente, e rio.

—Sabe que é isso que sempre espero quando saio do trabalho — respondo zombeteira, e sorrio — teremos que dar um jeito para não transarmos sempre na sua sala.

—Ou podemos não dar um jeito, e transarmos sempre que conseguirmos — ele fala sedutor, no meu ouvido — na minha mesa. Com você nua.

—Ficará difícil trabalhar assim — murmuro, desejando que seja exatamente assim.

—Nós podemos nos adaptar — ele sugere maliciosamente, e seus dedos sobem pela minha barriga, roçando a ponta, até pararem no contorno do meu seio — e vou conversar com Augustine e Eduardo para conseguir cópias de todas as suas fotos, para tê-las só para mim.

Rio. Meu lado escuro acha graça da forma como Tom é. E me lembro de Eduardo, sobre vê-lo no evento, uma preocupação e curiosidade me

invade.

—Eu deixo — murmuro — você pode ter minhas fotos, Tom — finjo mandar, e Tom ri, subindo com o dedos até agarrar suavemente meu mamilo. Arfo, desejando mais, derretendo. Mas preciso perguntar — e você viu Ed?

Tom se retesa atrás de mim, e o silêncio perdura por alguns segundos.

—Eduardo me ligou — ele diz sério, e respiro fundo — me contou que viu você ser carregada por Anya e Mercedes. Ele não sabia o que fazer, como lidar, e me ligou — arregalo os olhos, ouvindo sua voz de preocupação — eu enlouqueci quando soube, e fui atrás de você, e me encontrei com ele lá. Ele me ajudou, Alice. Eduardo se mostrou melhor do que eu imaginava.

—Ele é meu amigo, Tom. Ed nunca tentaria algo comigo para afastar você. Ele sabia que o correto era ligar para você — digo sincera,

satisfeita por ouvir Tom me contar — você não sente mais raiva dele?

Tom ri roucamente no meu ombro, deixando a respiração bater na minha pele e me arrepiar. Minha intimidade pulsa de tesão, meu lado escuro se derrete.

—Não, não sinto mais raiva, minha Alice, porque ele também sabe que você é minha e respeita isso — ele responde calmo — ele me ajudou.

Seus dedos descem pelo contorno novamente do meu seio, e sorrio.

—Você não sabe como é bom saber disso — confesso — que vocês se entenderam — e preciso me lembrar de falar com Ed, de agradecê-lo, perguntar como ele está.

—E como você está, em relação à Anya? — Tom pergunta, e ouço no seu tom de voz rouco preocupação. Respiro fundo, encarando o fato de

que Anya provavelmente não foi embora.

—Eu sinto raiva dela, por ter me engano, por tentar ganhar você. Por tentar nos machucar — respondo firme — mas de certo modo, eu precisei levar esse susto para acordar, para estar realmente no seu mundo.

Tom ronrona no meu ouvido, assentindo, e o beija.

—Nunca mais se aproxime dela, minha Alice. Você já acordou, como disse, agora não precisa estar perto de Anya. Eu não deixarei — ele diz autoritário, e assinto.

—Eu não quero estar perto dela — concordo com ele, me sentindo confiante com essa decisão. Meu lado escuro concorda comigo.

—E Pandora? Você ainda irá querer ir? — ele pergunta um pouco receoso, e sua voz rouca parece um pedido. Sorrio, fitando a penumbra. Eu quero ir para Pandora com Tom, quero me libertar

lá com ele, e meu lado escuro ainda está firme no meu plano de surpreendê-lo lá. Não quero enganá-lo, quero fazer um surpresa, encontrando com ele lá, perseguindo-o lá dentro, provocando-o até enlouquecer.

—Quero, Tom. Mas o próximo evento não poderei ir — murmuro, desejando que ele aceite e vá, para que eu o encontre lá. Para que eu enfrente Pandora sozinha e me entregue para ele.

—Mas — ele hesita, e percebo que franze a testa.

—Eu quero que vá, Tom — digo firme, sem conseguir pensar em uma mentira. Tom permanece em silêncio por algum tempo.

—Por que? — ele pergunta preocupado, e rio, negando com a cabeça.

—Porque eu sei que você gosta de lá, como eu gosto — confesso, tentando fazê-lo cooperar com meu plano surpresa — e eu irei

quando tiver novamente.

—Alice — ele tenta falar.

—Tom, eu sei o que estou falando, o que estou fazendo — respondo séria, e agarro sua mão firme e quente, levando-a até minha boca. Abocanho seu dedo, sugando-o, e Tom geme no meu ouvido — faça isso.

Ele suspira, e sinto sua ereção se avolumar ainda mais. Ele tira a mão do meio das minhas, e desliza os dedos para o meu seio, contornando o mamilo em círculos. Um arrepio percorre ele, junto com seus dedos, me arrepiando, me excitando, e minha intimidade pulsa. Um formigamento invade meu corpo, e meu ventre se contraí.

—Não use sedução contra mim — ele sussurra autoritário, e sorrio.

—Você sempre usa — afirmo, me lembrando dos seus olhos, dos seus lábios. Do seu charme. O silêncio permanece entre nós por alguns

segundos, e percebo que ele quer falar algo.

—Você realmente está mudada. Continua sendo a minha Alice, mas está liberta — ele sussurra sedutor — e isso está me enlouquecendo, Alice. Não consigo parar de beijar você, de querer você.

—Não pare, porque me sinto assim com você — falo maliciosamente, e Tom beija o meu ombro devagar. Beija novamente, fazendo círculos com os lábios, e então apoia o queixo nele, respirando fundo.

—Você está preparada para me saciar novamente? — ele pergunta sedutor. Meu lado escuro enlouquece, e arfo, devastada de tesão. Movo meu corpo um pouco, mas o cansaço sobre ele é maior, e percebo como as duas vezes que transamos no seu modo violento me deixou mais cansada do que o normal. Rio, desejando ter o mesmo tanto de força que tenho de tesão. Tom

percebe minha respiração pesada, e ri.

—Acho que você precisará se acostumar — ele diz sorrindo, e sua voz rouca volta a me arrepiar, me deixando derreter, mas sem forças para saciar minha vontade de tê-lo. Estou com tesão, derretendo encostada ao seu corpo, mas o cansaço ainda me predomina.

—Eu quero você — sussurro relutante, lutando para ter forças. Tom beija meu ombro e solta o meu mamilo, colocando a mão na minha barriga.

—Descanse, minha Alice, porque terá que me saciar amanhã — ele hesita propositalmente, encostando os lábios na minha orelha — assim como foi hoje. Preciso de você com força.

Meu corpo inteiro se arrepia, e me sinto excitada, mas preciso concordar com ele. Quero transar com Tom, as não consigo nem me mover, e se eu insistir, não terei forças no dia seguinte. E

provavelmente eu irei querê-lo amanhã. Meu lado escuro já quer. Me derreto ao pensar nisso, e respiro fundo, tentando me controlar. Tom apoia o queixo no meu ombro, contornado minha cintura com o braço e me abraçando com força.

—Boa noite, minha Alice — ele sussurra com sua voz rouca, me arrepiando — você está comigo.

Sorrio, ouvindo sua respiração, e me sinto completa, satisfeita comigo, com Tom, com nosso amor.

Satisfeita com meu lado escuro.

—Boa noite, meu Tom — respondo em um sussurro, percebendo que ele pegou no sono. Fecho os olhos, extasiada por estar em seus braços, por dormir com ele dessa forma.

Adormeço sem precisar sonhar, porque estou com ele, em seus braços.

Porque estou em seu mundo.

**

Fito meu reflexo no espelho, ansiosa para ir com Tom na festa de Carlos. Estou vestindo uma calça jeans escura, de cós alto, com uma blusa tomara que caia, branca. O colar que Tom me deu está no meu pescoço, assim como seu anel no meu dedo. Me maquiei de forma leve, e prendi meu cabelo no alto da cabeça, exatamente como Tom sugeriu, enquanto eu me vestia. Me afasto do espelho, e sorrio, encarando Tom pelo reflexo, deitado na minha cama, de calça jeans escura, uma camisa social branca, aberta no colarinho. Seus sapatos estão no chão ao lado da cama, e ele está com os pés cruzados, de meias brancas. Tom sorri torto para mim, com os braços cruzados atrás da cabeça.

—Está maravilhosa, minha Alice — ele fala sedutor. Sorrio, sentindo minhas bochechas ficarem vermelhas, e me viro, encarando-o.

—Você é maravilhoso — respondo, e Tom estende o braço.

—Se deite comigo um pouco — ele pede, estendendo a mão. Sorrio, assentindo. Passei o sábado inteiro no seu apartamento, na sua cama, me tornando insaciável junto com ele, e eu realmente precisei dormir bastante para acompanhá-lo na cama, na forma total dele. Na sua forma selvagem, sem medo de me machucar.

Seguro sua mão, e ele me puxa. Caio ao seu lado na cama, colocando minhas mãos no seu peito definido e encostando a cabeça no seu ombro. Tom me abraça, e levanto o rosto, encarando-o. Meu lado escuro se fixou ainda mais em mim, e está inteiro esperando por ele.

—Vamos ir juntos para a festa de Carlos, isso significa que todos saberão — ele diz firme. Mordo o lábio, assentindo.

—Dana já sabe — respondo.

—Todos saberão — ele afirma novamente, levantando uma sobrancelha.

—É o que eu quero — respondo confiante, e Tom coloca a mão no meu queixo, segurando-o erguido. Seus lábios colam nos meus, macios, molhados, e sua língua penetra a minha boca, com urgência, explorando e encontrando a ponta da minha. Ele dita o ritmo, respirando fundo, e suas mãos agarram meu rosto. Arfo contra seus lábios, sentindo minha língua ser perseguida pela sua, e ele a suga. Estou absorvida pelos seus lábios, pela sua língua que busca a minha, e fico sem fôlego, assim como ele.

—Você é minha — ele sussurra contra meus lábios, e me derreto, desejando ele pela milésima vez hoje. Tom é irresistível, é sexo puro, e estou viciada nele.

—Sou — sussurro, sentindo suas mãos descerem e apertarem meus seios sobre a blusa. Ele

sorri torto, charmoso.

—Desse jeito não iremos para a festa — ele fala maliciosamente, e rio, negando com a cabeça.

—Precisamos ir — falo, e meu lado escuro quer que eu diga que não precisamos — Dana e Carlos estão nos esperando, e já que você praticamente organizou toda a festa.

—É, precisamos — ele sorri torto. Observo encantada seu rosto, seu sorriso, e respiro fundo, satisfeita por nós. Me levanto da cama, e ouço meu celular vibrar. O pego, vendo o número de Gabriel. Abro sua mensagem, observando de canto Tom se levantar da cama e calçar os sapatos.

Ali, está no apartamento? Decidi de última hora ir para casa, e resolvi passar ai, ficar uns dois dias. Pode ser? Deixe a porta aberta para mim, eu sei o caminho. E não, não vou levar nenhuma mulher, se você sair com Tom e me

deixar sozinho no seu apartamento. Me sinto em casa, mas não vou levar.

Rio com a mensagem de Gabriel, e Tom para trás de mim, me abraçando por trás.

—Está rindo? — ele pergunta curioso, colocando a cabeça sobre meu ombro. Mostro a mensagem para ele, e Tom sorri — seu amigo é mais folgado do que eu pensei.

Digito rápido.

Estou indo em um aniversário com Tom. Deixarei a chave embaixo do tapete. Já que você se sente em casa, nem preciso dizer. Só deixe a louça limpa.

Envio, e Tom ri.

—Ele é realmente folgado — Tom sussurra roucamente.

O fuzilo com os olhos, zombeteira, e sorrio, negando.

—Você é mais — sussurro, me virando de

frente para Tom e segurando seu rosto com as mãos — você é atrevido, folgado, narcisista, autoritário, explosivo, controlador, perseguidor, colecionador de fotos minhas, meu chefe — minha voz saí maliciosa, e conforme vou falando, Tom começa a sorrir torto. Seus olhos azuis escuros são ferozes em mim, e sua expressão é sedutora — safado, viciado em sexo, sexy, insaciável, irresistível, maravilhoso, enlouquecedor, selvagem, fogo, sedutor, charmoso, possessivo, quente, mundo do sexo.

Tom sorri torto, e aproxima os lábios dos meus. Sinto sua respiração quente me arrepiando.

—E seu — ele completa com sua voz rouca, em um sussurro sedutor. Seus olhos azuis escuros são ferozes em mim, selvagens.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

MEIA HORA DEPOIS

Uma Harley-Davidson preta estaciona em frente a um prédio, e um homem desce da moto, tirando o capacete. Ele movimenta os cabelos escuros, curtos, e sorri, observando duas mulheres passarem pela calçada, com os olhos neles. Gabriel.

—Olá, senhoritas — ele murmura com

uma piscadela, e ambas dão de ombros, virando os rostos. Ele ajeita a jaqueta de motoqueiro de couro, e caminha até a entrada do prédio. Alice é mais do que uma ex-namorada, é sua amiga de infância, e por isso, vai respeitar seu apartamento e não vai levar nenhuma mulher, ele pensa.

Na verdade, depois de duas horas na estrada, dirigindo, o cansaço está vencendo-o, e ele só deseja deitar no bom e macio sofá de Ali e ligar a televisão em algum filme de ação para relaxar. E procurar comida em seus armários. Não pensa em sair do apartamento para nenhum bar ou festa, então não tem como nem encontrar uma mulher. É, Alice não tem com o que se preocupar.

Gabriel sorri para si mesmo, dentro do elevador. Ela o conhece tão bem como ele próprio. Decidiu de última hora que iria aproveitar os sete dias de folga para ir visitar os pais, e no caminho, aproveitar para dar um olá para Ali e ver o que a

cidade que ela mora pode oferecer.

Tom, pela mensagem que Ali respondeu, está com ela, e isso significa que eles voltaram e que Alice provavelmente não dormirá no apartamento, mas em qualquer caso, iria permanecer de calça, Gabriel pensou.

As portas do elevador se abrem, e Gabriel, segurando a pequena mala e o capacete, caminha até a porta. Ele se agacha, pegando a chave, e passa na fechadura. A porta se abre, e ele fita a sala escura, organizada.

Alice já saiu, pensou. O apartamento é meu agora.

Ele fecha a porta, sem trancá-la, e liga as luzes, fitando o bom e macio sofá. Se espreguiça, se sentindo em casa, e carrega a mala e o capacete até o quarto de hóspedes. Tira a jaqueta, colocando-a na cama, e aproveita e tira a camisa, permanecendo apenas de calça jeans escura.

Descalça os tênis, ficando apenas de meias brancas, e volta para a sala.

A boa e grande televisão da Ali, ele pensa, e pega o controle, sorridente. Seus sábados, morando sozinho em um apartamento no centro da cidade onde mora são sempre com os amigos. Algumas mulheres se aventuram com ele, mas depois do término do último namoro, preferiu dar um tempo para a cabeça. É bom apenas relaxar e não se preocupar.

Gabriel liga a televisão, ainda de pé, e começa a passar os canais, parando em um filme de bang-bang. Ele larga o controle no sofá e caminha até a cozinha, ligando a luz. Fita o balcão de comida, e abre suas portas, encontrando bolachas caseiras de algum mercado. Abre a geladeira, pegando uma coca-cola, e a fecha com o pé, já com uma bolacha na boca. Desliga as luzes da cozinha e volta para sala. Desliga algumas

luzes da sala, deixando apenas as LED's em um canto perto do corredor. A sala se torna um pouco mais escura, e Gabriel sorri. Enfim ele pode descansar, relaxar e comer.

Ele se atira no sofá, com o pacote de bolachas no colo, e se deita, espreguiçando as pernas e colocando a coca-cola na pequena mesa ao lado do sofá. Pega o celular do bolso e digita uma mensagem para Alice.

Estou no seu apartamento. Adorando estar sozinho e comendo toda a sua comida. Se divirta aí no aniversario. E não, eu não trouxe nenhuma mulher para cá, Ali. Estou aqui apenas com minha própria companhia assistindo um filme antigo. Mande um oi para o Tom, seu namorado bravo.

Tom não parece ser um cara ruim para Ali, ele pensa, encarando a tela da televisão, na verdade, parece ser o que cara que Ali precisa.

E uma transa é sempre bem-vinda. Ele sorri, começando a rir sozinho. Pega mais uma bolacha, mastigando devagar, enquanto entra em alguma rede social pelo celular. Seu celular vibra. Uma mensagem de Alice.

Se comporte, espertinho. E pode comer o que tiver aí, desde que lave o que suje. Durma no quarto, ao invés do sofá, ou vai sempre ter dor nas costas. Tom manda outro oi. E ele não é bravo.

Gabriel levanta uma sobrancelha, rindo.

Pode deixar, mãe. Vou dormir no sofá. Tom não é bravo? Diga para ele que precisamos nos conhecer melhor então, porque essa foi a minha impressão dele. Se divirta, vou voltar para o meu filme.

Gabriel entra nas outras mensagens recebidas.

Gabi, consegui nossos ingressos para o jogo de sábado que vem. Vem para a cidade ou vai

estar nos seus pais ainda?

Mensagem de Daniel. Gabriel sorri, e responde.

Cara, acho que vou voltar sábado então. Guarde o meu ingresso.

Envia, e coloca o celular na pequena mesa junto com a coca-cola. Pega mais uma bolacha e come, começando a assistir o filme antigo sobre faroeste.

Meia hora se passa, e Gabriel continua assistindo o filme, já sem mais bolachas para comer. Ele se espreguiça novamente, e cruza os braços atrás da cabeça, acomodado no sofá.

Um clique atraí sua atenção, e ele desvia os olhos da televisão, fitando a porta da sala. Ele franze a testa, curioso, e se lembra que esqueceu de trancá-la. Mas Alice provavelmente não voltaria esse horário, ele pensa.

A porta se abre lentamente, enquanto

Gabriel permanece deitado, com os braços atrás da cabeça, encarando curioso a porta. Porra, quem será? Essa pergunta se forma na sua cabeça.

A porta é empurrada lentamente por uma mão na maçaneta, como se a pessoa temesse encontrar alguém dentro do apartamento, que visse que ela está espionando.

Gabriel fita a abertura da porta, com uma expressão atenta, curiosa.

Seus olhos se encontram com os de uma mulher elegante, com cabelos castanhos. Seus olhos descem pelo pescoço fino, pelo busto exposto, com um decote mostrando os seios. Um macacão preto, fino, com decote em forma de v e acinturado com a calça larga. Um colar com um pingente de esmeralda está no seu pescoço, e seus lábios carnudos estão avermelhados.

Em uma mão, ela segura uma garrafa de

uísque vazia, e na outra mão, uma garrafa de uísque cheia. Os olhos de Gabriel sobem dos anéis de ouro para o rosto novamente. Sua expressão está devastada, é de cansaço, de desespero. Devastação. Seus olhos verdes, sobressaindo pela maquiagem leve, estão úmidos, e as lágrimas secam deixam um rastro nas bochechas.

Gabriel arregala os olhos, fitando os olhos verdes da mulher. Uma mistura de curiosidade com desespero.

Capítulo vinte e dois

Gabriel encara os olhos verdes da mulher, com lágrimas secas marcadas nas bochechas. A porta se abre cada vez mais, deixando o silêncio tenso esmagar ambos. Ele levanta uma sobrancelha, sem conseguir parar de olhar o estado de devastação da elegante mulher, e uma lembrança familiar o faz se sobressaltar.

Ele havia visto ela uma vez, no corredor do hospital, quando Alice sofreu o acidente, e um

nome diferente surgiu na sua mente. Anya Lehanster.

A mulher permanece em silêncio, parada na entrada da porta, apenas com os olhos fixos, sem expressão, no homem deitado no sofá, sob meia luz, observando a expressão dele mudar de assombro para curiosidade. Gabriel se senta no sofá, tirando as mãos detrás da cabeça, e abre a boca, arqueando as sobrancelhas. Que grande merda estava acontecendo para essa mulher aparecer no apartamento? A pergunta flutua na sua cabeça, mas Gabriel não consegue expressá-la.

—Olá — a voz grave, lenta e baixa de Anya ressoa pela sala, cortando o silêncio, e Gabriel ouve um toque de álcool no tom. Ela andou bebendo, e muito, pensa. Lógico, se for reparar no primeiro uísque vazio da sua mão.

—Olá? — Gabriel repete a palavra de Anya confuso, franzindo a testa, e a encara ainda

mais, colocando o braço no encosto do sofá — o que está fazendo aqui? Você não é Anya Lehanster? — pergunta cauteloso, levantando uma sobrancelha. Alice nunca comentou sobre uma amizade com ela, pelo contrário. Quando estava no hospital, parecia querer estar longe dessa mulher, então por que agora ela estava invadindo o apartamento de Ali?

Anya permanece em silêncio, como se não tivesse escutado, e dá um passo para entrar na sala. Sua expressão se torna cansada, e ela mexe as mãos que seguram as garrafas. Seus olhos se desviam para o chão e para Gabriel novamente.

—Nesse momento, não quero ser ninguém — ela murmura em uma voz embriagada, exausta. Anya dá passos lentos, entrando no apartamento, e para, sem tirar os olhos de Gabriel — neste momento, ser eu mesma é o que menos quero.

Gabriel franze ainda mais a testa, sem

entender. Que porra está acontecendo? Ela não parece ser uma mulher que se abala, mas no estado que se encontra, parece ter sido torturada. E por mais que ele não a conheça, que tenha ouvido falar mal dela, vê-la nesse estado o deixa curioso ao ponto de não conseguir mandá-la embora. Ele quer saber o que aconteceu.

—Mas você não é amiga da Alice — ele afirma, sério — por que veio aqui? Por que está invadindo o seu apartamento? — Gabriel pergunta de forma rude, se levantando do sofá. Anya respira fundo, e seus olhos vagam pela sala, pousando novamente em Gabriel. Ela sorri amargamente, e vira o braço para trás, fechando a porta atrás de si. Uma lágrima desliza pelo seu rosto, mas ela não se preocupa em limpar. Na verdade, parece não se preocupar com mais nada.

—Não — ela responde baixo, mas firme — não sou amiga da Alice, e nunca fui,

provavelmente. Alice é sempre amiga das pessoas, mas — Anya hesita, e sua voz é um pouco arrastada, de desabafo. Sua expressão firme é de cansaço e angustia — ela não conseguiu ser minha amiga — diz um pouco irônica.

—Então por que está aqui? — Gabriel pergunta incomodado. Ele queria estar sozinho, descansar, e não arranjar problema com Alice. Se ela não é amiga de Alice, por que está no apartamento?

Anya suspira, olhando ao redor, e franze a testa.

—Porque foi o lugar mais perto para vir — hesita, balançando a garrafa de uísque vazia — porque aqui consigo me afastar de mim mesma. De tudo o que fiz.

Gabriel arregala lentamente os olhos, colocando as mãos atrás da cabeça. Fugir de tudo o que fez? Caralho, o que ela fez? Pensa, tentando

refrear a curiosidade, mas já que ela está dentro do apartamento, não custa perguntar.

—Fugir do que? — murmura a pergunta, e Anya levanta a garrafa de uísque cheia, bebendo um longo gole, sem tirar os olhos de Gabriel. Ela sorri amargamente, e balança a cabeça.

—De Anya Lehanster, querido — diz irônica — fugir de quem eu sou. Do modo como vivo.

—E como é o modo que vive? — Gabriel pergunta, analisando a mulher tomar mais um grande gole. Ela respira fundo, e dá um passo em direção à ele.

—Eu vivo, independente se eu machuque alguém ou não. Independente se eu perca ou não. Eu deixo o caminho seguir, eu o controlo. E às vezes — hesita, dando mais um passo, e Gabriel se sente um pouco ameaçado, dando um passo para trás — eu perco o controle, e quando isso acontece,

eu preciso retomá-lo. Mas agora não perdi apenas um controle, perdi tudo o que planejei.

Caralho, Gabriel xinga mentalmente. A mulher é mais louca do que imaginou Ele respira fundo, ainda com as mãos atrás da cabeça, e observa a mulher encarar a parede branca, ao lado do corredor.

—E como não deu nada certo, resolveu encher a cara e invadir o apartamento de uma pessoa? — Gabriel pergunta um pouco irônico, tentando suavizar a situação, mas Anya permanece em silêncio — Alice gostaria que você estivesse aqui? — ele pergunta, tentando descobrir algo mais.

Anya sorri lentamente, negando com a cabeça, e caminha devagar até a parede perto do corredor. Ela se senta no chão, encostando as costas na parede, sem soltar as duas garrafas, e levanta os olhos para o homem, parado a alguns metros à sua

direita.

—Alice provavelmente me odeia, ela enlouqueceria se soubesse que estou aqui, e — Anya sorri — talvez seja um dos motivos que me levou a vir aqui — diz, bebendo mais um longo gole — mas agora eu só quero esquecer.

Gabriel respira fundo, em silêncio, mortificado pela indecisão. Se realmente for verdade, e Alice odiar Anya e não querer ela lá, sua obrigação é mandá-la embora, respeitando o apartamento da Ali. Mas ver o estado da mulher, a forma como desabafa, o faz desejar cavar mais, perguntar mais. Saber mais.

E no final, ele pode conversar com ela, fazê-la parar de beber e ir embora, antes que Alice volte e se incomode. Assim estará ajudando a mulher, saciando sua curiosidade e ao mesmo tempo não envolvendo Alice.

—E acha que encher a cara resolve? — ele

pergunta — acha que vir aqui, resolve?

Anya sorri ainda mais, e fecha os olhos.

—Álcool nunca é a solução, segundo Antone, mas às vezes não há solução, e isso torna o álcool sua única companhia — Anya responde, e abre os olhos, encarando Gabriel — vir aqui não resolve nada, pelo contrário, se Alice estivesse aqui, pioraria ainda mais — e dá de ombros — mas não estou mais me importando em quanta merda eu me afundo. Acho que eu queria provocar ainda mais, acabar com tudo de uma vez — hesita, e seus olhos parecem transparecer um sentimento que Gabriel nunca imaginou ver nesse rosto. Medo — eu estou perdida — Anya murmura, como se fosse para si.

—Você não está perdida, Anya — Gabriel fala firme, levantando as sobrancelhas — e seja lá quem esse Antone é.

—Antone é meu irmão — Anya o

interrompe, levantando uma sobrancelha — meu fiel irmão.

—Seu irmão, que seja — Gabriel continua — álcool não vai ajudá-la a pensar. Largue essa garrafa, já que bebeu a outra toda. Independente do que aconteceu, pare de beber, descanse, que tudo se ajeitará. Você não está perdida, Anya, você só está confusa e bêbada.

Anya ri, encarando Gabriel, e bebe mais um longe gole.

—Nada se ajeitará, querido. Nada nunca se ajeitou. Beber só me ajuda a ver como tudo aconteceu. E — ela hesita, franzindo a testa, um pouco confusa, e desce os olhos pelo corpo de Gabriel — eu invadi o apartamento de Alice, mas você já estava aqui. Quem é você, afinal?

Gabriel sorri um pouco irônico, e balança a cabeça, percebendo que não adiantará insistir para que ela pare de beber.

—Sou Gabriel, um antigo amigo de Alice, e seu antigo namorado — responde despreocupado — Alice deixou eu ficar aqui — ele para. Por que merda estava dando satisfação para essa mulher?

Anya arqueia as sobrancelhas, surpresa.

—Antigo namorado? E mesmo assim, está no seu apartamento? Tom está sabendo? — Anya pergunta maliciosamente, e Gabriel a encara sério.

—Sim. Sou um antigo amigo de Alice, acima de tudo, Anya. Tom me conhece e não está preocupado ou ameaçado — Gabriel responde rispidamente, e Anya ri, levantando a cabeça e a encostando na parede.

—Tom não precisa se sentir ameaçado, Gabriel. Eu já o ameacei o suficiente — ela fala rindo, e bebe mais um longo gole. Ela encara Gabriel de forma séria, analisando — você parece ser um menino bonzinho.

Gabriel ri, negando com a cabeça, e estende

a mão na direção de Anya.

—E você está bêbada — ele fala — me dê a garrafa.

Anya nega, virando mais um pouco na boca, e encara o teto, em silêncio, deixando Gabriel, com uma expressão de curiosidade e preocupação, observá-la.

—Nunca fui como Antone, em relação à bebidas. Sempre me mantive no controle, e sempre soube que o álcool me fazia perder. Mas eu perdi — ela diz, encarando novamente Gabriel — que diferença faz eu estar embriagada ou não? — uma lágrima volta a escorrer do seu olho direito, deslizando lentamente, e Anya fecha os olhos, bebendo novamente.

Gabriel se sente pesado, angustiado por ver um sofrimento, e respira fundo. Não iria mudar nada fazê-la parar de beber agora, já bêbada. E talvez, no fundo, fosse melhor conversar do que

insistir que parasse com o uísque. Gabriel coloca as mãos nos bolsos e caminha até Anya, que o encara curiosa. Ele se senta ao seu lado, encostando as costas na parede, com as pernas flexionadas para cima também. Anya olha para o lado, encarando-o.

—Você não precisa se sentar — ela começa.

—Vamos, conte para mim o que fez você perder a cabeça — ele diz sério, levantando as sobrancelhas. Anya sorri amargamente, de forma lenta, e estende a garrafa de uísque para Gabriel. Esse, mesmo contrariado de que não iria beber, aceita a garrafa. Já que ia ouvir Anya Lehanster e pelo jeito, sua loucura, que bebesse um pouco também, até ela ir embora.

Gabriel agarra a garrafa, vendo o nome Glenfiddich, de 1937 no rótulo, e arregala os olhos. Olha na outra mão, vendo uma garrafa igual. Anya sorri lentamente, se deliciando ao observar o

espanto do homem.

—Nunca bebeu uísque caro, Gabriel? — ela pergunta maliciosamente, e Gabriel xinga baixo. Porra, beber algo caro até que sim, mas não nessa quantia.

—Quanto vale essa garrafa, Anya? — ele pergunta, e Anya sorri ainda mais.

—Beba — ela ordena — prove um pouco, Gabriel. Aproveite, porque eu não me importo com isso.

Gabriel virou a garrafa, experimentando o uísque que ele sabia que valia mais de cinquenta mil dólares. Talvez nunca tivesse outra chance de ver uma pessoa ostentar e ficar bêbada desse jeito.

—Isso é o que o dinheiro me dá, Gabriel, além de muitos outros problemas — Anya murmura, pegando a garrafa e bebendo um pouco.

—E quais são seus problemas, Anya, para vir aqui e se embebedar? — ele pergunta,

sentindo o gosto na garganta. A curiosidade ainda o engole, fazendo-o perguntar o motivo dela chorar. Anya volta a ficar séria, e encara ele. Pelo que ele percebe sobre essa mulher, algo muito ruim aconteceu.

—Eu perdi, Gabriel. Isso é o que aconteceu comigo — Anya responde lentamente, encostando a cabeça na parede, com o rosto virado na direção dele — eu perdi tudo o que planejei.

—E como você perdeu? — Gabriel pergunta, levantando uma sobrancelha. Anya o encara séria, como se ponderasse o que dizer, e respira fundo. Pela primeira vez, uma expressão de desistência surge em seu rosto.

—Sua amiga, Alice, me odeia — Anya murmura. Gabriel assente lentamente.

—Alice não costuma odiar muito as pessoas, Anya. Talvez passe, mas o que você fez para ela ficar com raiva de você? — Gabriel

pergunta cautelosamente, aceitando a garrafa novamente, e bebendo.

Anya respira fundo, sem tirar os olhos dele. Sua expressão de cansaço e tortura o faz ficar preocupado e ainda mais curioso.

—Eu armei para ela, Gabriel — Anya diz lentamente, com a voz baixa — eu não sou como Alice, não sou parecida com nenhuma outra mulher que conheceu. Eu tenho algo dentro de mim, algo que me faz levar as pessoas ao extremo. Eu armei para Alice, tentando separá-la de Tom.

Gabriel arregala os olhos, pegando novamente a garrafa e bebendo. Caralho, como assim? ele se pergunta. Para piorar a situação, a mulher que invadiu o apartamento de Alice tentou separá-la de Tom? Alice tem todos os motivos para odiá-la.

—Por que você fez isso, Anya? O que Alice fez para você querer ser ruim com ela? —

Gabriel pergunta bravo, franzindo a testa.

Anya pega a garrafa, bebendo, e vira o rosto, fitando a parede na frente. O silêncio perdura por alguns minutos, e ela respira fundo. Duas lágrimas deslizam pelo seu rosto, enquanto Gabriel a fita apreensivo.

—Alice não fez nada contra mim — ela murmura lentamente — Tom, há oito anos, me rejeitou, Gabriel, e eu não costumo aceitar que outros me ditem como me comportar, como conseguir o que eu quero. Eu gosto de desafios, e Tom foi um desses. Ele se mostrou um homem interessante, um homem que eu desejei na cama, mas não consegui. Na verdade, isso me incomodou, mas o que realmente me fez armar contra Alice — ela hesita, respirando fundo — foi por mim mesma. Um tormento me persegue, Gabriel. Eu queria provar para mim mesma que eu estava errada, que levar as pessoas ao extremo, testá-las e machucá-

las é algo não só meu, é algo que todos possuem. Queria provar que não é só eu, que todas as pessoas, em determinadas situações, fazem isso. Eu não sou uma pessoa boa, mas sempre me questionei se era eu a errada, a que quebra as pessoas. Quando conheci Alice, quando vi sua forma, decidi que iria tentar provar para mim mesma que não sou a única, que até uma mulher como Alice, levada ao extremo, muda, se parece comigo. Armei para Alice, para que ela se libertasse e se parecesse comigo, para que eu provasse para mim mesma que eu não sou a quebrada, mas que todos podem ser assim, quando postos ao que fiz com ela — Anya hesita, sem encarar a cara de espanto de Gabriel, que bebe mais um gole, sem sentir o álcool, envolvido pelas palavras de Anya — e isso provaria que Tom estava errado quando me julgou. Que todas as pessoas mudam, possuem faces.

Caralho, a mulher é mais problemática do

que ele poderia imaginar, ele pensa. Ela armou para Alice, para que Alice se tornasse como ela, para que provasse que Anya não é a errada, mas que todos podem fazer o que ela faz, se levados ao extremo. Que é do ser humano, e não de Anya Lehanster.

Gabriel sente uma pontada de raiva, fuzilando-a com os olhos.

—Você é cruel, sabia — ele murmura — não é porque você tem um problema, que precisa provar que todos podem ter esse mesmo problema. Se você é quebrada, Anya, não tente usar como desculpa para continuar, dizendo que todas as pessoas são, em determinadas situações. Se Alice está com Tom, é porque não conseguiu — Gabriel joga as palavras em Anya, que permanece calada, apenas bebendo mais um longo gole.

Anya vira lentamente a cabeça, e encara Gabriel. Uma lágrima desliza pelo seu rosto, e ela

estende a garrafa para ele.

—Eu afastei a única pessoa que eu poderia um dia confiar, exceto Antone. Eu sei o que eu sou, Gabriel — Anya afirma — eu não sou boa, e nem quero ser boa. Eu esperava provar isso, e ter Alice comigo, mas como percebeu, Alice não é como eu, e não consegui separá-la de Tom, perdendo meu plano que planejei meticulosamente, perdendo uma amizade que acreditei ter. No final, depois de tanto planejar, eu perdi. Eu armei sabendo que poderia perder, que seria ruim para mim, mas mesmo assim eu fiz — Anya fala mais devagar, dando a garrafa para Gabriel beber. Seus olhos se voltam para frente, focando o vazio da sala — Gabriel, eu tenho o controle de tudo ao redor, menos de mim mesma, e agora, por esse motivo, eu perdi o controle do resto, por eu não conseguir me controlar, me impedir de levar ao extremo.

Gabriel franze a testa, deixando a raiva

passar, já que Alice ainda está com Tom, e pelo estado da mulher, ela está sofrendo. Ele estende o braço, dando a garrafa para Anya, que a pega e vira um grande gole.

—Mas agora você tem consciência disso, Anya. Você viu que estava errada, e pode tentar mudar — Gabriel diz calmamente, sentindo o álcool começar a fazer efeito — você se arrepende pelos seus erros, você vê o que fez e pode começar de novo — Gabriel dá de ombros. Ele não é muito bom em conselhos, afinal, desde seu último término, quase não se envolveu com muitas mulheres, exatamente porque não consegue seguir conselhos. É a vida, como ele pensa, sem conselhos. O lado bom disso tudo, é que ao mesmo tempo em que conhece um pouco mais de Anya Lehanster, está aproveitando para ficar bêbado de uma forma como nunca, por um valor que nunca pagaria. É, está valendo a pena ser conselheiro de

Anya Lehanster, ele pensa, pegando novamente a garrafa e bebendo. Talvez no final ela pare de chorar, se levante, agradeça e fique melhor, graças à ele. Talvez depois dessa conversa, ela vire uma boa pessoa, e Alice não fique brava com ele por ter deixado Anya entrar no seu apartamento. Ele pode ajudar as duas.

Anya pega novamente a bebida, em silêncio, e toma mais um gole, deixando as lágrimas deslizarem.

—Eu sou Anya Lehanster, Gabriel. Não existe mudar, não existe remorso, não existe recomeçar. E depois de hoje, não existe mais nada — ela sussurra lentamente — eu fui ao extremo, e — hesita, respirando fundo — eu quebrei o coração do único homem que amei.

O silêncio se torna presente, e a expressão de Anya é de absoluta destruição. Gabriel abre a boca, sem conseguir falar, e respira fundo,

observando a lágrima escorrer pela bochecha da mulher. Ele vira a garrafa, deixando o álcool fazer ainda mais efeito, e oferece para Anya, que a pega e bebe lentamente. Gabriel a fita, e Anya vira lentamente a cabeça na sua direção, encarando-o.

—Eu o destruí — ela sussurra lentamente — eu perdi.

—Como você pode saber disso? — Gabriel sussurra, apreensivo. Caralho, a história parece ser ainda maior do que pensou. Que bela programação de sábado.

—Eu o conheço, Gabriel — Anya sussurra.

—Mas o que aconteceu? — ele pergunta, e percebe receio no rosto da mulher. Ela não parece ser do tipo que compartilha sua vida, mas por causa de estar perdida, ou bêbada, parece que ele tirou a sorte grande de estar por perto e ser o ouvinte.

Anya, pela primeira vez, parece não se

importar em contar, e respira fundo, encarando Gabriel. Bebe um longo gole e passa a garrafa.

—Hoje — ela pausa, virando mais um longo gole de uísque — pedi para ele algo que nunca imaginei chegar ao ponto de pedir — Anya desvia os olhos, fitando a sala — e ele negou meu pedido. Ele deixou claro que — Anya pausa, sorrindo ironicamente, e dá uma gargalhada que arrepia os pelos de Gabriel, que levanta uma sobrancelha — eu não mereço. Que eu provei para ele que sou uma mulher que não merece nem sua confiança — Anya permanece com um sorriso gélido no rosto, e Gabriel respira fundo, observando o modo como ela se expressa. Ele dá um longo gole de uísque, e passa para ela, que bebe devagar, em pequenos goles.

—O que você pediu? — ele pergunta sem medo. Já que ela está tão embriagada ao ponto de rir da tristeza, não custará saber mais.

Anya ri, negando com a cabeça, e encara Gabriel.

—O que você precisa saber, Gabriel, é que tudo o que eu havia construído, se desmoronou a partir do momento que um dos meus planos falhou. Eu estou perdida — Anya sussurra, semicerrando os olhos, e respira fundo, deixando sua expressão se tornar tensa — quero esquecer quem eu sou, a merda do meu dinheiro, do meu nome e da porra dos Lehanster. Quero esquecer o que eu preciso enfrentar — ela pausa, bebendo novamente — quero que ele desapareça da minha vida. Eu apenas quero esquecer e ver o fundo dessa garrafa.

Gabriel arqueia as sobrancelhas, um pouco aéreo por causa da bebida, e nega com a cabeça, pegando a garrafa da mão de Anya e bebendo.

—Quem é ele, afinal, que é tão importante, Anya? Caralho, é só um homem, você pode achar outros. E todos esses outros problemas podem ser

resolvidos — Gabriel diz simplório, tentando amenizar a situação. Anya ri amargamente, negando.

—Enzo — ela murmura o nome, e encara Gabriel — há segredos que é melhor você não conhecer, Gabriel. Apenas saiba que esse homem é o oposto de você, por exemplo. E meus problemas nunca se resolverão. Problemas que envolvem a porra de russos, de dinheiro, de pessoas. De — Anya pausa, respirando fundo — de mentiras. De mentiras de anos.

Gabriel sorri irônico, e dá a garrafa para Anya.

—Então fique feliz pela minha companhia, se eu sou o oposto do cara que faz mal para você — Gabriel levanta a garrafa, como um brinde. Anya pega a garrafa da mão dele, esticando as pernas no chão, e sorri. Gabriel sorri também, encarando Anya — esqueça seus problemas, então. Se não

quer me contar, não precisa, eu sou só um cara de passagem, amigo da Alice, que nem sabe quem é esse Enzo ou o quem é realmente Anya Lehanster — ele diz, percebendo que Anya não contará mais nada. Gabriel não quer vê-la triste, não quer ver ninguém triste como ele ficou com o término do seu antigo namoro, então se precisar se embebedar junto para que ela esqueça, mesmo que por uma noite, ele ajudará. Independente se ela for ruim, como a própria falou, ou não ser amiga de Alice. Ele pode ajudar sem incomodar Ali.

Anya ri ainda mais, levantando a cabeça, e toma da garrafa.

—Estou adorando sua companhia — ela sussurra, olhando para ele, sentado ao seu lado, apenas de calça — exatamente por não me conhecer.

—Estou adorando sua bebida — ele ri, pegando a garrafa e tomando mais um longo gole,

sentindo o álcool surtir ainda mais efeito. Ele sabe que alguns goles a mais e estará no mesmo estado da mulher — principalmente porque é de graça.

Anya ri, agarrando a bebida da sua mão e virando a parte de cima do corpo na direção de Gabriel.

—Começarei a cobrar os goles então, meu querido — ela sussurra maliciosamente, e Gabriel a encara por alguns segundos, pego de surpresa. Anya sorri, e encosta novamente as costas na parede, pegando a garrafa e tomando.

—E se eu não tiver dinheiro? — ele pergunta zombeteiro, e Anya dá uma gargalhada, bêbada.

—Eu não preciso de dinheiro, Gabriel — ela responde, entregando a garrafa para ele — você já está pagando por me ouvir.

Gabriel a encara por alguns segundos, percebendo que as lágrimas pararam de escorrer

pelo rosto, que a mulher passou para um estágio de embriagues ainda maior.

—Se é porque eu não a conheço, aproveite isso — ele diz, agarrando a base da garrafa e puxando da mão de Anya, bebendo um longo gole — e me diga o que você quer que eu saiba sobre você. Me diga você quem é você.

Gabriel encara o rosto surpreso de Anya por alguns momentos, e um grande sorriso malicioso surge em seus lábios. Gabriel levanta uma sobrancelha, curioso por ver uma expressão dessas, e Anya pisca lentamente, como se não conseguisse acreditar nisso. Ela pega a garrafa da mão dele, e a segura pelo cano, bebendo mais um gole, sem tirar os olhos dele.

—Sou uma mulher sozinha, Gabriel — Anya sussurra, abaixando a garrafa — sou uma mulher com um mundo que você não aguentaria. Você é um menino bonzinho, e eu sou egoísta, eu

sou — ela pausa, encarando Gabriel por alguns segundos, e fecha os olhos, negando com a cabeça, como se precisasse tirar uma ideia da mente. Anya respira fundo — estou bêbada, preciso parar — ela murmura, e dá mais um gole na garrafa de uísque. Anya abre os olhos, entregando a garrafa para Gabriel, que a encara com um grande sorriso, achando engraçado a forma como ela se tornou confusa.

Ela está confusa, está bêbada, e talvez conte sobre si mesma o suficiente para desabafar, para conhecer quem é Anya, pelas próprias palavras, Gabriel pensa, também já bêbado. Bela programação de sábado, para quem achou que iria ficar assistindo filme sozinho.

—Vamos — ele sorri, pegando a garrafa de uísque — me diga sobre quem é você.

Anya o encara por alguns segundos, embriagada, e nega com a cabeça, sorrindo. Ela

está fora de si, sem controlar seus movimentos, seus pensamentos. Suas palavras.

—Vamos, estamos tão bêbados que provavelmente amanhã nem lembraremos que conversamos — ele diz alto, balançando a garrafa, sentindo a sala girar pela bebida. É, ele realmente está muito bêbado, pensa, ao ponto de querer saber mais sobre Anya, a mulher que Alice sempre achou má.

Anya bate levemente a cabeça na parede, negando, e dá uma gargalhada de bêbada.

—Se você disser algo, eu também digo — ele incentiva ainda mais. Anya, ainda com a cabeça apoiada na parede, o encara, descendo os olhos pelo peito definido, pelas pernas esticadas, como as dela, perto do seu corpo.

—Você não tem nada para me dizer, Gabriel — Anya diz com firmeza, sorrindo — você é o menino bonzinho que conheci, apenas isso, o

primeiro namorado da Alice.

Gabriel a encara sério. Caralho, não é bem assim também, ele pensa. Pode não ser o pior cara, mas também não é como Anya diz.

—Também posso ter algo que nunca contei para ninguém, e nesse estado — ele ri, abrindo os braços — posso contar qualquer história que nem me lembrarei pela manhã.

Anya ri, pegando a garrafa e passando para Gabriel novamente.

—Então me diga, vamos — Anya aumenta o tom de voz, ainda mais embriagada — me conte algo que aconteceu com você, que pode ser pior do que o que está acontecendo comigo.

Gabriel dá uma gargalhada junto com Anya, e aos poucos seu sorriso desaparece. Ele a encara por alguns segundos.

—Bom — ele suspira, tomando um longo gole, e apoia a cabeça na parede, deixando-a um

pouco erguida, e fita o teto do apartamento — depois da Alice, comecei a namorar uma mulher mais velha. Estávamos bem, eu a amava, mas — ele pausa, e Anya, também com a cabeça encostada, observa-o séria, atenta — depois de dois anos de namoro, eu a pedi em noivado. Ela aceitou, mas — Gabriel pausa novamente, suspirando fundo, e seu rosto se torna tenso. Ele encara Anya pelo canto do olho — eu a peguei na cama com meu melhor amigo, e porra — ele levanta a garrafa para cima — eles estavam juntos há quase um ano, mas os filhos da puta não queriam que eu soubesse, porque meu amigo iria embora da cidade, e aquela cadela iria ficar comigo depois. Alice nunca soube disso — ele hesita, e pisca varias vezes, como se recobrasse um pouco da lucidez — na verdade, ninguém a não ser os envolvidos. Nunca contei isso antes.

Anya sorri, negando com a cabeça, e agarra

a garrafa da mão de Gabriel. Ele vira a cabeça, deixando-a ainda encostada, e encara Anya, que continua rindo.

—Bem, Gabriel — ela diz firme, lentamente, e sua voz é de pura embriagues. Anya dá um longo gole — ela realmente é uma cadela, mas deixe eu contar algo — ela fala, segurando a garrafa perto da boca — eu seria uma cadela também — e Anya começa a passar do limite da embriagues, cedendo à ideia de conversar, sem controlar as palavras — eu já fui a namorada, eu já fui a submissa, eu já fui a grande filha da puta, e também a amante — ela continua, aumentando a voz, e segura com força a garrafa — você foi a vítima, e infelizmente é a sua história triste, mas — ela ri — acho que é bom ficarmos com a sua história.

Gabriel a encara por alguns segundos, sério. Caralho, como assim? Por mais que não seja lá uma

grande história, pelo jeito que ela falou, há muitas histórias por trás, ele pensa, e a curiosidade do álcool aumenta ainda mais. Ele agarra a garrafa, puxando da mão de Anya, sério, enquanto ela o encara sorridente.

—Conte — ele ordena — eu contei algo, me conte algo sobre Anya Lehanster, que ninguém sabe.

Anya arregala os olhos, ainda com o sorriso, e ri levemente.

—Quase ninguém sabe sobre mim, realmente, Gabriel — ela afirma, sem tirar os olhos dos dele, enquanto ele vira a garrafa, quase no fim.

—Então me deixe ser o primeiro a saber, senhorita Anya — ele diz debochado, entregando a garrafa — como falei, estamos tão bêbados que nem lembraremos. Conte seus pecados, Anya.

Anya sorri maliciosamente.

—Se eu contar, talvez você caía em

pecado também, meu querido — ela sussurra, pegando a garrafa e bebendo mais — e você é um menino tão bonzinho, Gabriel, que não poderia — ela deixa a frase morrer, e Gabriel respira fundo, fuzilando-a com os olhos.

—Me conte, Anya — ele diz bêbado, com a voz arrastada, e bate com a nuca na parede, encarando-a pelo canto do olho.

Anya respira fundo, e sua expressão se torna tensa, pensativa. Ela bebe mais um gole, também com a cabeça encostada, e seus olhos vagam pela sala por alguns segundos.

—Me conte um segredo nunca contado, Anya — ele sussurra, e a encara pelo canto do olho, observando seus olhos vagarem pela sala. Anya suspira, deixando os lábios entreabertos.

—Sou dona de Pandora, um clube de sexo — ela sussurra com a voz lenta, embriagada, ainda fitando a sala. Gabriel arqueia as sobrancelhas,

arregalando os olhos — junto com meus dois irmãos.

Caralho, ele pensa. É, realmente ela não parece ser certa.

—Um clube de sexo, tipo strippers? — Gabriel pergunta assombrado, ainda mais curioso. E bêbado.

A sala dá um rodopio em sua cabeça, e os móveis parecem oscilar. É, a bebida está cada vez mais avassaladora. Anya sorri, sentindo a cabeça vagar, uma leveza pelo álcool, e uma abertura sobre si mesma, como se pudesse falar tudo o que quisesse, que nada seria lembrado. Como se não estivesse acontecendo.

—Não, meu querido Gabriel — ela sussurra, rindo levemente, achando da graça da forma como ele imaginou. Anya bate levemente a garrafa ao lado do corpo, e encara Gabriel — é um clube de sexo anônimo, onde nossos sócios podem

saciar seus fetiches, seus prazeres. Onde meus empregados encenam e fodem no palco, sob a luz.

—E você é dona? — ele pergunta, arregalando ainda mais os olhos, sem acreditar. Deve ser o álcool, só pode ser.

Anya ri, assentindo.

—Sim, eu e meus irmãos somos donos, uma sociedade sobre sexo — Anya sussurra, fitando a garrafa — o que mais poderíamos ser, se não isso? — ela murmura para si mesma.

—E você pratica, lá dentro? — Gabriel pergunta curioso. Anya sorri, olhando-o demoradamente.

—Sim, Gabriel. Eu sou uma pessoa altamente sexual. Meu mundo é pesado, em relação à isso, de uma forma que você nunca imaginou. Eu respiro erotismo, eu durmo em lençóis para foder, e não me importo com isso — ela sussurra — como eu disse, eu sou bem diferente das pessoas que você

conhece.

—É — ele ri, balançando a cabeça, e a sala parece se mover junto. Anya fecha os olhos, sentindo tudo rodar, uma sensação de paz, de euforia, por causa do uísque — e como é? — ela escuta a voz de Gabriel, curioso.

Anya sorri, ainda de olhos fechados.

—Eu nunca contei isso para alguém. É uma regra, na verdade, e agora eu estou quebrando-a com você — Anya murmura lentamente, e ri, achando graça de qualquer situação. Ela abre os olhos, sentindo seu corpo flutuar, e encara Gabriel de canto de olho — mas que se foda, hoje eu quebrei todas as minhas regras. Pandora surgiu há oito anos — ela sussurra, e seus olhos vagam pela sala, como se ela lembrasse de algo. Sua voz desaparece, e ela suspira, bebendo o resto do uísque. Anya levanta a garrafa e oferece para Gabriel — beba o último gole, meu querido.

Gabriel sorri, e pega a garrafa, bebendo, sem tirar os olhos da mulher, sem parar de sentir o chão tremer, a sala rodopiar. E ficar fascinado e incrédulo com Anya.

—Meu clube possuí regras, pessoas que trabalham para mim, lugares anônimos, sócios que pagam fortunas, sexo explícito, BDSM, erotismo, sofisticação e uma história que ninguém saberá, meu querido — ela fala firme, lentamente.

—Me leve nele — Gabriel pede, ainda mais alterado, sentindo seu corpo leve, navegando em álcool. Está fora de si, fora do controle. Anya ri, negando com a cabeça.

—Você não pertence à isso, Gabriel. Você é um menino bonzinho — Anya ri, descendo os olhos pelo peito nu de Gabriel, sentindo seu corpo despertar.

—Pare de falar isso — Gabriel fala sério, franzindo a testa — você fala como se eu não

fodesse com mulheres.

Anya sorri lentamente, virando o rosto na direção de Gabriel, e sorri maliciosamente.

—Essa é a questão, Gabriel. Você costuma foder com as mulheres, mas nunca vivenciou o oposto, o extremo. Eu fodo com homens — Anya diminui o tom da voz — eu já provei de tudo.

Gabriel nega com a cabeça, e começa a rir.

—Anya — ele ri — você é louca.

Anya sorri ainda mais, e começa a rir também, encostando a cabeça na parede e fechando os olhos. Nesse momento, ela não se lembra mais nada. Está confortável sob o efeito do álcool, ao lado de um homem que não conhece nenhuma das suas facetas.

Ela sente uma mão grande pousar na sua coxa, lentamente, subindo para o seu quadril, e abre os olhos, encarando surpresa Gabriel. O movimento é lento, e seus dedos roçam no seu quadril. Anya

sente a sala ondular, a sensação do toque arrepiá-la, e seus olhos se cruzam com os de Gabriel, curiosos.

—Gabriel — ela sussurra, sentindo o toque lento, e seus olhos descem para o braço que se movimenta lentamente, guiando a mão de Gabriel.

Ele quer experimentar, ele quer ver até onde essa mulher é realmente erótica. O álcool está mexendo com sua cabeça, criando um tesão que talvez nunca existisse.

Caralho, ele pensa, e reluta em aceitar o quanto é excitante o desafio de Anya.

Ela agarra sua mão, com força, e ele sente seu corpo inteiro arrepiar, a sala girar ainda mais, e suas ações fora de controle, uma total falta de lucidez. Anya empurra sua mão em direção ao peito nu dele.

—Gabriel, você não — Anya começa, e Gabriel semicerra os olhos.

—Eu o que? — ele sussurra devasso,

sentindo a vontade de transar, algo que fazia algumas semanas que não acontecia, depois de ter transado com uma mulher que lembrava sua ex.

—Você é um menino bonzinho, e eu não me envolvo com boas pessoas. Eu costumo me envolver com homens extremos, com homens violentos e cruéis — Anya sussurra séria, e então um grande sorriso surge. Uma risada leve invade a sala, e o álcool a faz rir sobre a ideia de transar com um homem como Gabriel.

Gabriel sorri, e arrasta a bunda no chão, encostando o corpo no de Anya.

—Já que estamos tão bêbados, e você mesma disse que não quer ser Anya Lehanster nesse momento — ele sussurra, aproximando os lábios do pescoço de Anya. Ela levanta as sobrancelhas, sentindo uma vertigem invadir seu corpo, um tesão desconhecido — por que não tentar algo diferente? Faça sexo com um cara bom, então.

PERIGOSAS NACIONAIS

Anya sorri, começando a rir levemente, sentindo o corpo inteiro de Gabriel ao seu lado, e vira o rosto, encarnado-o.

—Eu não quero envolver você — ela sussurra séria, sentindo o tesão aflorar lentamente, ao observar o rosto devasso dele bêbado, o seu peito definido, e a forma tranquila como ele conversa com ela. Gabriel sorri, ainda mais embriagado.

—E quem disse que eu quero me envolver? — ele pergunta, e dá de ombros — pode ser só uma foda.

Anya sorri, passando a língua sobre os lábios, lentamente, sentindo sua intimidade começar a pulsar, desejosa.

Gabriel sorri ainda mais, desejando ter essa mulher, desejando se aventurar por esse mundo que ela fala, e desde que citou esse clube Pandora, não consegue parar de pensar em como deve ser. Seus

olhos descem pelo decote, e ele volta a encarar Anya novamente nos olhos.

A sala parece dar mais um rodopio por causa do efeito do álcool, e tudo parece acontecer lentamente.

—E por que você quer uma foda, Gabriel? — A pergunta de Anya parece ser feita lentamente, e Gabriel ri, sem se controlar.

—Porque conforme você foi falando sobre essa tal de Pandora, caralho, eu imaginei você nua lá — Gabriel sussurra, semicerrando os olhos — e como você parece ser uma mulher diferente de todas as outras — ele sorri.

—Da sua ex? — Anya pergunta debochada, interrompendo-o. Gabriel sorri, dando de ombros.

—De todas — ele sussurra, encarando-a — eu quero provar. E talvez um sexo a faça ficar melhor e esquecer mesmo — ele diz com uma

expressão divertida. É, ele realmente quer se divertir, e talvez realmente faça ela ficar melhor.

Anya ri, negando com a cabeça, e a encosta novamente na parede.

—Estou tão fora de mim, que não sei o que dizer para você, Gabriel — Anya sussurra, fechando os olhos — sou tudo o que você pode não querer — ela continua — sou o extremo em todos os sentidos, e costumo levar as pessoas comigo — ela sorri, ainda de olhos fechados — e estou tão bêbada.

—É só uma noite — ele afirma devasso, sentindo seu pau latejar dentro da calça. Caralho, ou é o efeito da bebida, ou realmente ele estava excitado por essa mulher, pensou. Anya era uma mulher má, era uma mulher que Alice parecia não gostar, que armou para ela, que fez crueldades sem motivos. Mas ainda sim, estava ali, vulnerável, ouvindo seus conselhos, querendo esquecer quem

é, e principalmente, deliciosamente maravilhosa e erótica.

Gabriel, sem conseguir controlar seus próprios impulsos, avança sobre a mulher de olhos fechados, encostando as pernas e colocando os braços em volta do seu quadril, apoiando as mãos no chão. Os rostos próximos um do outro. Anya abre os olhos, lentamente, deixando o sorriso desaparecer, fitando os olhos de luxúria de Gabriel.

—Podemos fazer o que quiser, e esquecer amanhã. Podemos provar um ao outro, sem você se lembrar quem é — ele sussurra maliciosamente — sabe, apenas deixar levar.

Anya fecha novamente os olhos, sentindo a respiração quente, o calor emanando do corpo musculoso e do peito nu. A tentação é avassaladora, e por um instante, ela realmente quer provar dele, provar algo que há anos não fazia. Esquecer Enzo em um homem totalmente

diferente.

—Mas você pode se ferrar comigo — ela sussurra — você.

—É apenas uma foda — ele sussurra, com uma expressão de urgência, e aproxima os lábios dos dela, observando a forma carnuda, o desejo aumentado pelo álcool. Caralho, como ele adora as mulheres, principalmente as mais difíceis.

Anya abre os olhos, fitando-o demoradamente, com uma expressão indecifrável, sentindo o corpo inteiro desejá-lo, desejando ver o que há por dentro da calça, como ele pode ser na cama. Gabriel sorri, deixando as covinhas surgirem, e antes que previsse, Anya coloca as mãos no seu rosto, puxando-o para mais perto, e cola os lábios.

Gabriel sente sua língua ser caçada, e pressiona os lábios contra os dela ainda mais, sentindo seu pau estourar de tesão. Sente o beijo envolvente, molhado, e desce com as mãos até o

grande decote, fazendo o que desejava desde que o viu. Gabriel passa por dentro do decote, agarrando os seios com as mãos, e os aperta, ouvindo Anya suspirar contra seus lábios, deixando-o enlouquecido de tesão. Gabriel afasta os lábios, desejando mais, e encara os olhos verdes da mulher.

—Caralho, você é gostosa — ele sussurra, e Anya sorri maliciosamente, agarrando os seus cabelos e empurrando sua cabeça para baixo.

—Eu sou perigosa, meu querido — ela sussurra, sentindo os lábios de Gabriel no seu pescoço, e levanta a cabeça, permitindo que ele a beije. Gabriel beija a pele macia, descendo com os lábios. Ele afasta o rosto, descendo com os olhos até o decote, e satisfaz seu desejo, passando a língua pelo seu pescoço, descendo até o meio dos seios, e ainda com as mãos neles, desce o decote, revelando seus mamilos rosados, rijos. Seu pau se

contorce ainda mais, e ele os segura com as mãos, avançando com a boca.

Gabriel abocanha o seio esquerdo, sugando o mamilo lentamente, saboreando a sensação de tê-lo na boca, livre e à seu prazer. Anya geme, agarrando seus cabelos, incentivando-o, e Gabriel o suga cada vez mais, mordiscando o mamilo suavemente. Ele abre ainda mais a boca, sugando o seio, e se afasta, sorrindo para Anya.

—Sabe o que eu quero aqui? — ele sussurra, passando o dedo indicador no meio dos seios. Anya o encara séria, e começa a sorrir devassa.

—Você vai querer o que eu quiser — ela sussurra, e ainda com as mãos nos cabelos de Gabriel, o empurra novamente contra o seu seio direito. Gabriel o suga, e com a língua, brinca com o mamilo, ouvindo Anya arfar, excitada. Gabriel os agarra com ambas as mãos, e começa a revezar,

sugando os mamilos sem parar. Anya encosta a cabeça novamente na parede, à mercê do álcool, de Gabriel, sentindo o desejo ainda mais intenso, esquecendo quem é, ou o que aconteceu. Apenas quer transar.

Gabriel solta os seios de Anya, e avança contra seus lábios novamente, beijando-a, vagando com a língua na sua boca, procurando cada canto para explorar. Anya desce com as mãos até seus ombros musculosos, e com as unhas, percorre seu peito nu, desejando agarrá-lo ainda mais. Ela chega até o cós da sua calça, e abre o botão, deixando à mostra a cueca azul marinho.

—Abra as pernas — ele sussurra contra os lábios de Anya, e essa, guiada apenas pelo prazer, obedece, abrindo as pernas e Gabriel joga o corpo no meio delas, deixando Anya envolver seu quadril com as pernas. Ele agarra o corpo de Anya, e se levanta do chão, carregando-o no colo. Anya afasta

o rosto, sorrindo para ele.

—Quero foder como nunca com você — ele sussurra ainda mais alterado de álcool, e Anya dá uma gargalhada, sendo levada até o sofá. Gabriel a coloca sentada, sem conseguir tirar os olhos dela, fascinado.

—Então vá buscar o preservativo — Anya ordena, e Gabriel sorri ainda mais. Ele dá as costas e caminha apressado até o quarto que deixou a mala. Caralho, deve ter algum preservativo perdido no meio das suas roupas. Precisa ter, ele pensa.

Gabriel abre a mala, e começa a procurar, sentindo seu pau torturando-o, e não encontra nada. Ele respira fundo, e se amaldiçoa por ir para o quarto da Alice. Gabriel entra sorrateiramente no quarto, se odiando, e pensa dez vezes que precisará implorar perdão para Ali. Ele liga a luz, fitando o quarto, e caminha até a cômoda, abrindo as gavetas. Ele procura na primeira, e não encontra nada. Abre

a segunda gaveta, e seu coração se acalma, ao ver um saco de preservativos, mas evita pensar em quantos deve ter, e em como Tom deve ser altamente ativo.

Gabriel pega um, e caminha de volta para a sala, parando pasmo ao entrar. Ele arregala os olhos, sentindo seu pau explodir, e seu corpo inteiro arrepia. Anya está apenas de calcinha fio dental preta, com meias sete oitavos e os seios amostra, sentada de pernas cruzadas no sofá. Alguns hematomas roxos estão na parte interna da sua coxa, na sua barriga e abaixo dos seios.

Caralho, quem é essa mulher? Ele pensa, se desestruturando ainda mais, e suspira. Gabriel caminha até ela, com o preservativo na mão, e para na sua frente.

—Você está sempre vestida assim? — ele pergunta sério, com os olhos no corpo da mulher. Anya sorri, e assente com a cabeça.

—Você está esperando o que? — ela pergunta, e Gabriel morde o lábio inferior. Anya agarra o cós da sua calça, abrindo as pernas, e a puxa para baixo, deixando-o apenas de cueca. Gabriel suspira novamente, e Anya puxa sua cueca para baixo, deixando saltar seu pau ereto, desejoso. Ela sorri, e levanta a cabeça.

—Você faz jus ao que eu imaginei, meu bom menino — ela sussurra maliciosamente, e Gabriel geme de tesão. Anya pega o preservativo da sua mão, e o abre com a boca, tirando-o do pacote. Gabriel observa aturdido, sem conseguir acreditar na visão. Anya coloca lentamente o preservativo, encarando seu rosto de prazer, e assim que o desenrola até a base, se inclina e abocanha seu pau. Gabriel joga a cabeça para trás, sentindo os lábios carnudos o envolverem, e agarra os cabelos de Anya, em tesão por essa visão, sem acreditar que o seu sábado se transformou nisso. Se

conseguisse se lembrar, não iria acreditar.

—Caralho, que gostosa que você é — ele geme, acompanhando o movimento da cabeça de Anya, e quer fazer o que desejou antes. Gabriel abre os olhos, e puxa Anya para trás, encostando suas costas no sofá. Anya sorri, e Gabriel coloca o joelho no sofá, desejando colocar seu pau no meio dos seios de Anya. Ela abre as pernas, permitindo que ele se ajoelhe na sua frente, no sofá, ficando um pouco mais alto. Ela agarra a base do seu pau, e o guia até o meio dos seios, encarando-o nos olhos. Gabriel agarra os seios dela, juntando-os, e movimenta o quadril, sentindo seu pau apertado contra os seios. Anya permanece atenta, apenas observando o prazer extremo que ele sente, e em um impulso, o empurra para trás, fazendo-o parar de pé. Anya se levanta e agarra seu rosto, beijando-o furiosamente. Gabriel envolve seu corpo com os braços musculosos, descendo com as mãos até a

bunda e apertando-a com muita força. Anya geme contra seus lábios, e Gabriel agarra a borda da calcinha, puxando-a para baixo.

Caralho, ele quer foder com ela agora mesmo, pensa, e com pressa, a empurra contra o sofá, desequilibrando-a. Anya cai no chão, puxando-o junto, e dá uma gargalhada, fora de si, sem estar sã.

Gabriel se ajoelha, enquanto Anya permanece deitada, encarando-o, e ele a agarra, com urgência, colando os lábios, beijando sua boca com fome, invadindo-a. Anya retribui o beijo, puxando o corpo dele para cima do seu, abrindo as pernas para contornar seu quadril. Gabriel a devora com os lábios, descendo para o seu pescoço e novamente para o seios, sugando-os com força.

—Mais força — ela sussurra, pegando-o desprevenido, e ele abusa da força ainda mais, algo que nunca havia feito. Gabriel sente as unhas de

Anya percorrerem suas costas, deixando uma ardência, e as mãos agarram seu pau, guiando-o. Ele afasta os lábios, encarando-a, e empurra o quadril, penetrando-a um pouco. Anya suspira, sorrindo lentamente. Gabriel apoia os antebraços no chão, colocando a cabeça ao lado da dela, e empurra com força, penetrando-a totalmente, sentindo o pau envolvido, molhado, apertado. Ele geme, enlouquecido dentro de Anya, ouvindo o gemido profundo da mulher, e percebe o quanto está fascinado.

—Porra, Gabriel — ela geme, agarrando sua bunda e incentivando-o a se enterrar ainda mais dentro dela. Gabriel rosna, se enterrando ainda mais, sentindo as pernas de Anya apertarem seu quadril, e estoca com força, retesando os músculos dos braços para apoiar o corpo — mais rápido — Anya geme, e Gabriel geme ainda mais, empurrando o quadril freneticamente.

Ele se inclina, encarando Anya, vendo-a sorrir para ele.

—O que foi? — ele pergunta sem fôlego, e estoca com força, vendo-a revirar os olhos. Anya passa a língua sobre os lábios, colocando as mãos nos ombros de Gabriel. É, ele queria vê-la assim, uma mulher dessas, sentindo prazer por ele, como ele adora isso.

Anya prende suas pernas ainda mais, e o empurra para o lado, fazendo-o se virar e parar de costas no chão, com ela em cima. Anya passa as unhas pelo peito nu, e se inclina, aproximando os lábios dos dele.

—Você é delicioso, Gabriel. Que desperdício de homem — ela sussurra e passa a língua nos lábios dele, contraindo a musculatura da sua intimidade, apertando ainda mais seu pau. Gabriel arregala os olhos — você fode muito bem — fala, rebolando cada vez mais. Gabriel sente a

sala girar, seu mundo girar e seu pau ter espasmos.

—Mas que porra — ele geme, e revira os olhos, agarrando o quadril de Anya com força. Ela levanta lentamente o quadril, contraindo a musculatura, e senta com força, fazendo-o sentir cada movimento. Gabriel geme profundamente, sentindo a sensação diferente. Anya encosta os seios no peito nu de Gabriel, e começa a rebolar com força, deixando-o agarra sua bunda com força. Anya rebola cada vez mais rápido, e Gabriel enlouquece, sentindo um prazer extremo inundar seu corpo, de uma forma única, um arrepio acompanhado pelo gozo. Ele agarra a cintura de Anya e a vira novamente no chão, ficando sobre ele. Gabriel abraça o corpo dela e estoca com força, se enterrando cada vez mais fundo, movimentando o quadril para cima e para baixo, fazendo-a bater a bunda no chão, quase gritando, ao invés de gemer, sentindo seu pau espremido dentro dela,

enlouquecido de prazer. Anya geme alto, junto com ele, sentindo-o cada vez mais forte, mais profundo, e Gabriel atinge o êxtase, entrando em orgasmo de uma forma inesquecível. Ele estoca devagar, com o rosto enterrado nos cabelos castanhos de Anya, sentindo o cheiro delicioso, o corpo embaixo, a mulher deliciosa que ela é, como ele desejou. Anya geme contra seu ouvido, também entrando em orgasmo, deixando-o ainda mais molhado, inebriado.

Caralho, o que essa mulher fez com ele, Gabriel pensa. O que era para ser um sábado calmo, assistindo um filme, se transformou na melhor foda dele.

Ele permanece dentro dela por alguns segundos, abraçado, com os braços dela envolvendo suas costas, e os rostos colados, lado a lado, embriagados.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

ALICE

Sinto a mão de Tom na minha bunda, discretamente, e sorrio, olhando-o sobre o ombro.

—Sabe que desse jeito, vou querer ir ao banheiro com você — sussurro, sentindo seu peito definido, por baixo da camisa social, encostar nas minhas costas, e Tom me abraça por trás, encostando a cabeça no meu ombro.

—Essa é a proposta, minha Alice — ele sussurra roucamente no meu ouvido, me arrepiando. É, e eu irei aceitá-la com todo prazer.

Coloco minha mão sobre a dele, e seus lábios se encostam na minha bochecha. Estou cada vez mais fascinada com o seu lado que está me mostrando, como se estivesse realmente se aberto para mim. Meu lado escuro está quase todo fixado em mim, me deixando enlouquecida o tempo todo.

Olho ao redor, observando a boate em que eu o conheci, e a lembrança se torna viva. A primeira vez que vi seus olhos azuis escuros, e que acreditei que não me perderia nele.

Vejo Dana acenar para nós, ao longe, e sorrio. Quando ela nos viu chegando, estava eufórica por termos voltado dessa forma. Eu estava eufórica por ter oficializado que voltamos, por ter deixado todos saberem, e pela expressão de triunfo de Tom, ele também. Carlos e Dana conversaram

com nós durante quase toda a festa, e agora que estão na pista, dançando, estou lutando contra Tom para que ele me acompanhe também.

Olho novamente para ele, e sorrio.

—Dance comigo — insisto, e Tom sorri torto, negando.

—Sabe que não danço, Alice — ele sussurra.

—Eu sei. Sei que prefere exercitar seu corpo de outra forma, mas dessa vez, faça isso — imploro, me virando de frente para ele. Tom me fuzila com seus olhos azuis escuros, e sorrio, agarrando suas mãos e puxando-o em direção à pista. Tom retesa a mandíbula e respira fundo, dando um passo na minha direção. Arregalo os olhos, percebendo que venci, e o puxo com mais força. Tom avança sobre mim, me agarrando, e abraça minha cintura, deixando o rosto esculpido perto do meu.

—Se eu dançar, você terá que me recompensar — ele sussurra sedutor, e meu corpo inteiro esquenta, sentindo o seu corpo atritar no meu. Mordo o lábio, sorrindo, e vejo sua expressão divertida.

—E quando que eu não recompenso você? — pergunto retoricamente, e Tom sorri ainda mais. Me derreto ao vê-lo, e mesmo que meu lado escuro quer que eu vá ao banheiro com ele, o puxo para a pista de dança, sentindo alguns olhares em nós. Ou em Tom.

Dana sorri, ao nos ver, e paro no meio da pista, vendo Tom olhar para os lados, meio deslocado. É, ele realmente costuma ficar parado em festas. Pego suas mãos, tentando movimentá-lo, e Tom sorri para mim, deixando as luzes dançarem em seu rosto. Paro, encarando-o, e ele agarra meu quadril, me movimentando contra seu corpo, começando um ritmo junto comigo.

—Danço melhor com o seu corpo colado ao meu — ele sussurra, aproximando o rosto, e sua expressão é feroz.

Sorrio, levada por ele, e assinto. Tom me conduz em um ritmo fora da música, apenas nosso, e envolvo seus ombros definidos, colocando a mão no seu pescoço nu, quente. Meu corpo implora pelo dele, quente, sentindo a festa abafada. Sua mãos apertam com força meu quadril, e desejo que ele tire minhas roupas, me possua no meio das pessoas.

—Alice — uma voz grossa me acorda da sensação enlouquecedora, e franzo a testa, sem reconhecê-la. Tom se afasta, sem tirar as mãos de mim, e olha para o lado ao mesmo tempo em que eu.

Arregalo os olhos, e até meu lado escuro não consegue acreditar no que vê. Enzo está parado, no meio das pessoas, perto de nós, nos encarando. Sua camisa social, aberta no colarinho,

está amassada e um pouco desajeitada no colarinho. Seu cabelo está bagunçado, e sua expressão parece que ele acabou de sair da guerra. Seus olhos são perigosos, como se ele quisesse nos matar, e dou um pulo. Tom aperta minha cintura com mais força, e me puxa para perto, envolvendo meus ombros com seu braço definido.

—Enzo — ele fala sério, com a voz rouca, surpreso — o que aconteceu?

Enzo respira fundo, e seus olhos permanecem em mim, frios.

—Onde está Anya? — ele pergunta grosseiramente, e franzo a testa, sem entender.

—Como assim? — pergunto séria.

Enzo respira fundo novamente, e passa a mão no cabelo bagunçado, negando com a cabeça. Vejo sangue nos nós dos seus dedos, e um calafrio percorre meu corpo. Percebo que Tom também viu.

Enzo dá um passo na nossa direção.

—Anya falou que iria ver você, Alice. Que estava indo até o seu apartamento, mas porra — ele rosna — você está aqui, com Tom. Onde está Anya, então?

Nego com a cabeça. Anya não iria no meu apartamento, ela não teria essa coragem, depois de tudo o que fez.

—Enzo, não converso mais com Anya, depois que ela armou para mim — falo séria, firme — eu não sou amiga dela, nunca fui, e agora quero distância — Anya se mostrou a pessoa ruim que é, e por mim, não quero nunca mais falar com ela.

—O que aconteceu, Enzo? Onde está Antone? — Tom pergunta, soltando o meu corpo e dando um passo em direção à Enzo, preocupado — Anya fez mal para Alice, elas não se falam mais, por que Anya iria procurará-la?

Enzo balança a cabeça, e seus olhos vagam pela festa. Ele retesa a mandíbula, assim como

Tom, e passa a mão na boca.

—Porra — ele fala sério, e encara Tom — Anya está fora de si, Tom. Ela enlouqueceu, e tenho medo que aconteça alguma merda.

Abro a boca, incrédula. Como assim, enlouqueceu? Que merda aconteceu? Meu lado escuro quer saber mais do que eu, mesmo que eu não sinta nem compaixão por ela.

Tom passa a mão nos cabelos, e me fita por alguns segundos, para então encarar Enzo.

—Por que você acha isso, Enzo? — Tom pergunta sério, franzindo a testa — Vocês discutiram?

Enzo puxa o colarinho ainda mais para baixo, como se estivesse furioso, e respira fundo, passando a mão no rosto.

—Ela veio falar comigo — ele rosna, cerrando os punhos — e porra, discutimos, eu neguei um pedido dela, eu — ele hesita, como se

tentasse se lembrar — eu — ele cerra os dentes — eu deveria ter imagino que ela perderia qualquer razão, depois do que fiz, do que falei — Enzo olha para mim, e novamente encara Tom — eu joguei na cara dela o que ela nunca esperou e ela enlouqueceu, Tom. Desapareceu, junto com quatro garrafas de uísque de Antone. Ele não conseguiu segurá-la, ela simplesmente abandonou a casa, se embebedou e entrou no maldito Corvette, bêbada, sem se preocupar com a própria vida. Me ligaram, dizendo que a viram em alta velocidade pela cidade, e que era para eu pará-la, antes que capotasse a porra do carro, se matasse ou matasse alguém. Ela está fora de si, e nesse modo, nem eu sei do que ela é capaz, Tom — Enzo desabafa, colocando as mãos na cabeça. Seus olhos se fixam em mim novamente — ela disse para Antone, antes de sair de casa, que iria procurar uma pessoa, que iria atrás de uma mulher, para pedir desculpas, que

iria até o seu apartamento, Alice.

Meu coração parece parar aos poucos, e meu lado escuro está aturdido. Nego com a cabeça, eu não tive nenhum sinal de Anya.

—Não, Enzo. Estou aqui na festa com Tom desde cedo, e Anya não entrou em contato comigo — respondo séria, tentando não me preocupar com uma pessoa que me fez mal, mas mesmo meu lado escuro dizendo para não me preocupar, começo a pensar sobre o que pode ter acontecido.

—Você tentou ligar para ela? — Tom pergunta preocupado.

Enzo nega com a cabeça.

—Ela jogou o celular fora, quando saiu de casa. Ela — Enzo para de falar, e passa novamente as mãos no rosto — Anya está perdida, está desestruturada. Eu preciso encontrá-la.

Tom respira fundo, e me encara, sério.

—Alice, talvez Anya possa ter ido ao seu apartamento enquanto estávamos aqui, ou você não acha possível? — Tom pergunta calmo, e levanto as sobrancelhas, me lembrando da vez que Anya invadiu meu apartamento. Um calafrio, pavor, invade meu corpo.

—É, talvez — murmuro — Anya invadiu meu apartamento uma vez, talvez ela tenha ido enquanto estávamos aqui, sim.

—Se você não se importa, podemos verificar? — Enzo pergunta para mim, e eu o encaro. Merda, não queria ir embora agora, queria aproveitar mais com Tom, mas diante dessa situação, e pelo estado de Enzo, estou preocupada. Parece que algo grave aconteceu, e se ela estiver no meu apartamento, precisamos saber.

Espero que não esteja, porque não quero vê-la, quero distância. E também porque ela não teria motivo.

—Você se importa? — Tom pergunta, sério, se aproximando de mim. Nego com a cabeça.

E meu lado escuro me lembra de algo. Gabriel está no meu apartamento. Arregalo os olhos, e Tom franze a testa, percebendo minha expressão.

—Gabriel está no meu apartamento — falo para ele, e Tom arregala os olhos — vou ligar para ele — falo rápido, sentindo o olhar de Enzo sobre nós. Pego o celular e disco o número de Gabriel.

O celular toca uma vez, duas vezes, três vezes, e depois da sétima vez, caí na caixa postal. Olho para Tom, preocupada.

—Ele deve estar dormindo — tento me acalmar, e Tom retesa a mandíbula.

—Vamos? — ele pergunta sério. Assinto, e Tom estende a mão. Coloco a minha sobre a sua, e ele entrelaça os dedos, me puxando. Enzo começa

a caminhar, na nossa frente, e percebo como ele parece intimidador para as pessoas, como elas se afastam dele. Tom caminha ao meu lado, autoritário, e me esqueço de avisar Dana. Pego o celular e mando uma mensagem.

Dana, estamos indo embora. Até amanhã, adorei a festa, se divirta.

Envio, pegando novamente a mão de Tom, e saímos da boate. Vejo o carro de Tom estacionado, com um Escalade estacionado atrás. Enzo caminha até o Escalade e entra, fechando a porta com força. Tom abre a porta do passageiro, e entro, observando ele contornar o carro com passos firmes e largos, e também entra.

Encaro seus olhos azuis escuros, e ele coloca a mão quente na minha coxa, apertando-a.

—Está tudo bem? — ele pergunta com sua voz rouca, e assinto. Meu lado escuro pressente que há algo errado, e Tom também.

—Está, eu espero — murmuro, e Tom sorri torto.

—Vai estar — ele afirma, e começa a sair do estacionamento. Tom acelera, sendo seguido pelo Escalade de Enzo, e percebo que ele está incomodado, os nós dos seus dedos estão brancos pela força que faz ao apertar volante. Coloco a mão na sua nuca, acariciando seus cabelos.

—Não fique nervoso — sussurro calma, e sei que ele está pelo motivo certo. Toda vez que os Lehanster aparecem, é problema.

Tom aumenta a velocidade, dirigindo com pressa, e entramos na quadra do meu apartamento. Ele vira a quadra, e meu coração para. Meu lado escuro acerta mais uma vez.

Vejo a Harley-Davidon de Gabriel estacionada, e atrás dela, um Corvette preto está estacionado.

Merda, o que Anya pensa que está fazendo

no meu apartamento? Vou ensinar para ela o seu devido lugar, e depois que ela se vire com seu irmão descontrolado.

Tom respira fundo, e estaciona o carro. Vejo sua fúria na expressão facial, e ele me encara.

—Quer que eu suba? — Tom pergunta, e nego com a cabeça.

—Não. Anya está no meu apartamento, deixe que eu expulso ela de lá e mostro o devido lugar dela. Se ela ainda acredita que pode se aproximar de mim, mostrarei que não é bem vinda — respondo séria, e Tom arqueia uma sobrancelha, preocupado e furioso.

—Você sabe que Anya é perigosa, Alice, e se ela está tão bêbada assim — Tom argumenta calmo, insistindo. Coloco as mãos no seu rosto quente, fitando cada poro da sua pele, cada parte maravilhosa, e dou um leve beijo nos seus lábios. Ele retesa a mandíbula e sorrio.

—E você sabe que eu não sou mais burra — respondo. Tom sorri torto, e mesmo contrariado, assente. Ele sai do carro, contornando-o, e abre a porta para mim. Saio, me derretendo pelo seu modo, mas assim que vejo Enzo sair do Escalade, me lembro de toda a merda.

Meu lado escuro está furioso, e eu me sinto tensa. Me afasto, observando Tom caminhar até Enzo, e começarem a conversar. Enzo dá um soco na lataria do Escalade, furioso, e percebo que é porque Tom falou que eu iria subir sozinha.

Respiro fundo, entrando no prédio, e passo pelo porteiro, agradecendo mentalmente por ele ser incompetente e deixar entrar qualquer um no prédio. É, mas Anya, na sua posse, não é qualquer um, meu lado escuro me lembra.

Aperto o botão do elevador, sentindo meu coração acelerar pela ideia do que pode ter acontecido. As portas se abrem, e entro. Meu lado

escuro me comanda, e encaro meu reflexo no espelho. Minha expressão é tensa, meu corpo inteiro está tenso. As portas se abrem, e caminho até a porta do meu apartamento. Seguro a maçaneta, e respiro fundo. Gabriel sempre foi calmo, mas o que Anya fez, se estava tão bêbada e perdida?

Abro a porta, fitando a sala iluminada apenas por uma luz fraca. Meu coração bate como uma escola de samba, e um suor frio percorre meu corpo. Respiro fundo, e dou um passo, entrando na minha sala. Vejo um macacão preto caído ao lado do sofá, e uma calça jeans no meio da sala.

Não, não é o que eu estou pensando. Não pode ser.

Mas meu lado escuro assente que sim. Que é o que ele afirma, nós dois sabemos.

Caminho até o meio da sala, procurando por algo, e respiro fundo, ouvindo apenas o silêncio.

—Gabriel? — pergunto alto, séria, e o silêncio permanece. Não quero ir até o quarto, mas meu lado escuro me ordena, e como ele me domina, caminho lentamente até a porta do quarto, vendo-a aberta. Respiro fundo, sentindo todo o meu corpo tenso, meu coração ressoando nos meus ouvidos, e paro na porta, desejando poder chamar Tom e Enzo para estarem no meu lugar, mas sei que isso só iria piorar.

Dou um passo, entrando no quarto, e olho ao redor. meu coração para, ao invés de acelerar, e meu lado escuro só murmura que estava certo, sem conseguir acreditar.

Eu não estou acreditando no que vejo, eu não consigo raciocinar o que pode ter acontecido. Merda.

Encaro Gabriel deitado na cama, com o rosto relaxado e os olhos fechados. Anya está deitada em seu peito, com a mão pousada perto do

ombro, também de olhos fechados, com o lençol cobrindo ambos até o meio da cintura. Ambos estão dormindo, nus.

Abro a boca, incrédula, sem reação, e só consigo tentar pensar em como isso foi acontecer.

E acontecer no meu apartamento. Me lembro da mensagem de Gabriel dizendo que iria respeitar, e então transou, ainda mais com Anya.

Meu lado escuro me comanda novamente.

—Gabriel — grito, e ele dá um pulo da cama, arregalando os olhos. Anya abre os olhos, confusa, e ambos me encaram, confusos — o que você pensa que está fazendo? — grito com ele, furiosa. Meu lado escuro ultrapassou o limite de fúria. Gabriel arregala os olhos, assustado, e se inclina para cima, na cama. Fuzilo ele com os olhos, sem esconder a raiva, e aponto para Anya — e você, sua grande vadia, o que pensa que está fazendo com Gabriel, no meu apartamento? Passou

pela sua cabeça que eu não quero ver você nunca mais perto de mim? — falo furiosa, ríspida — se vista e desapareça do meu apartamento, Anya, e nunca mais coloque as garras no meu amigo, porque ele não merece alguém como você — continuo, vendo a expressão de espanto de ambos — se vista e vá embora, seu irmão Enzo está lá embaixo, esperando você — finalizo, e vejo algo que nunca vi no rosto de Anya. Desespero.

Gabriel franze a testa, pasmo, e encara Anya, como se tivesse acontecido algo, e seus olhos a encaram com espanto.

Anya arregala os olhos, desesperada ao ouvir que Enzo está esperando-a, e um calafrio percorre meu corpo. A expressão de Anya é de pavor.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

ALICE

Meu lado escuro não consegue entender a expressão de pavor de Anya, muito menos o espanto de Gabriel, e dou um passo na direção deles.

—Você não me ouviu? — pergunto ríspida, e fuzilo Gabriel com os olhos — e você, Gabi, estou decepcionada, para não falar furiosa.

Transar no meu apartamento, ainda mais com Anya?

—Ali — Gabriel fala, arqueando as sobrancelhas, e levanto a mão, pedindo para ele não falar, mas ele continua — eu não ia fazer nada, mas caralho — ele coloca a mão na cabeça, e encara Anya — eu fiquei bêbado, e — ele para, franzindo a testa, e uma lucidez surge no seu rosto — Enzo. Caralho, Anya, não é o que eu estou pensando, é?

Respiro fundo, furiosa, e encaro Anya.

—Se vista, e vá embora com seu irmão, Anya. Nunca mais apareça aqui — ordeno, furiosa, e Anya me encara por alguns segundos. Ela nega com a cabeça, e arregalo os olhos, incrédula com ela. O que ela pensa que está fazendo? Meu lado escuro quer agarrá-la pelos cabelos e jogar janela a fora, mas a expressão de pavor em seu rosto me deixa ainda mais curiosa. Ela continua negando, assustada.

—Alice, mande Enzo embora — ela murmura, e respira fundo — por favor.

Levanto as sobrancelhas, assombrada por ela estar pedindo, e fico ainda mais confusa. Minha expressão demonstra o quanto estou com raiva.

—Por que? — pergunto grosseiramente, enquanto Gabriel encara Anya boquiaberto.

As pálpebras de Anya parecem tremer, e ela nega com a cabeça.

—Apenas mande ele embora, diga que eu não o quero aqui — ela pede, e semicerro os olhos, negando.

—Eu não quero você aqui, Anya, ou ainda não entendeu? Desça agora, ou irei chamá-lo aqui — ordeno, enfurecida, e meu lado escuro sorri ao me ver assim. Anya arregala os olhos.

—Não — ela me interrompe, em pavor, e vejo a brancura do seu rosto — não faça isso, Alice, Enzo vai — ela hesita, e olha para Gabriel,

que arregala ainda mais os olhos. Franzo a testa, sem entender? Que merda está acontecendo aqui? Meu lado escuro quer esclarecer tudo.

—Caralho — Gabriel murmura, passando as mãos no rosto — me diz que isso não é verdade, Anya.

Anya fecha os olhos, e respira fundo. Percebo que ela está tentando se acalmar, e as palavras de Enzo parecem verdade. Ela está totalmente desestruturada.

—Gabi — ela murmura, e arregala ainda mais os olhos.

—O que está acontecendo aqui? — pergunto furiosa, batendo a mão na porta — quero você fora desse apartamento, Anya, e você, Gabriel, se vista e me espere na sala — ordeno, ainda mais furiosa. Gabriel coloca as mãos na cabeça, e Anya me encara desesperada.

—Caralho — ele murmura — que porra é

essa que você fez, Anya? — ele pergunta, encarando-a aturdido. Respiro fundo, tentando acalmar meu lado escuro, mas ele quer saber, ele quer se inteirar do assunto.

—O que está acontecendo, Gabriel? — pergunto brava, levantando uma sobrancelha. Aponto para Anya — se vista agora — ordeno — senão ligarei agora para Tom e mandarei ele trazer Enzo junto.

Anya me encara estarrecida, e meu lado escuro não sente pena dela. Eu poderia sentir, mas depois do que ela me fez sentir, não quero me preocupar com ela.

Anya senta sobre as pernas na cama, com o lençol enrolado no corpo, deixando uma parte para cobrar Gabriel, e fecha os olhos.

—Mande Enzo embora, Alice — ela pede com a voz baixa, lenta.

—Você não está em posição de pedir nada,

Anya. Está em posição apenas de obedecer — falo ríspida, jogando as palavras, e percebo que os olhos de Gabriel continuam fixos em Anya. Sua expressão é de espanto. Anya respira fundo, ainda de olhos fechados.

—Mande Enzo embora — ela repete — porque se ele chegar a subir, irá matar Gabriel.

Meu coração, que havia voltado a bater, decide parar novamente, e meu lado escuro cai de costas. Matar Gabriel? Não, isso não é verdade.

Arregalo os olhos, franzindo a testa, e Anya abre os olhos, me encarando.

—Eu não estou mentindo — ela sussurra.

—Caralho — Gabriel rosna, apavorado, e se levanta, sem se importar de ficar nu na minha frente. Ele para em pé, e percebo que ele está em torpor — caralho — ele repete, e seus olhos se encontram com os meus — em que merda eu me meti.

—Uma merda chamada Lehanster, Gabriel — respondo ríspida, e me viro de costas para ele. Caminho até a sala e pego sua calça jeans. Volto para o quarto, vendo-o parado no meio dele, encarando Anya — Gabriel — chamo ele, e jogo a calça jeans. Ele a agarra, e coloca em frente ao membro, sem tirar os olhos de Anya.

—Anya — ele a chama, e semicerra os olhos. Anya o encara, ainda sentada, com uma expressão desesperada, e meu lado escuro implora por saber o que está acontecendo, ainda mais no meu apartamento. Gabriel coloca uma mão na cabeça, como se não quisesse continuar a falar — me diga que existe dois homens com o mesmo nome.

Anya fecha os olhos, e respira fundo. Como assim, dois homens com o mesmo nome? Não estou entendendo nada.

—Como assim, Gabriel? — pergunto

séria. Gabriel me ignora, sem tirar os olhos de Anya.

—Me diga — ele se exalta — caralho.

Anya nega com a cabeça, ainda de olhos fechados.

—É o mesmo homem — ela sussurra lentamente — Enzo é meu irmão.

—Caralho — Gabriel coloca as mãos na cabeça, deixando a calça jeans cair no chão — que grande merda que me meti. Ele me encara, e percebo pavor no rosto dele. Gabriel volta a encarar Anya — você é realmente louca.

—Gabriel, se vista agora — exijo — e me diga que merda está acontecendo.

Gabriel ri irônico, e se abaixa, pegando a calça. Ele se veste, deixando o botão aberto, e me encara.

—A grande merda que está acontecendo, Ali, é que quando Anya veio aqui, ela me contou

sobre um cara — ele pausa, e a encara — e caralho, porra — Gabriel xinga, agarrando os cabelos e encara Anya, arregalando os olhos — como assim, me matar? Só por transar com você? Era sobre isso quando você disse que não queria me envolver? Merda — ele se exalta.

—O que está acontecendo, afinal? — me exalto também, furiosa por não saber o que está acontecendo com meu amigo e no meu apartamento — falem logo senão irei chamar Enzo e tiro a resposta dele.

Gabriel respira fundo, encarando Anya, e essa abre os olhos, me fitando devastada.

—O que está acontecendo, Alice, é que eu me relaciono com Enzo — Anya fala firme, me encarando.

Como assim, se relaciona? Meu cérebro não deve estar funcionando direito. Meus ouvidos não devem estar, e provavelmente meu lado escuro

entendeu errado. Não pode ser o que eu entendi.

Franzo a testa, e abro a boca, encarando Anya incrédula.

—Como assim, se relaciona? — pergunto para entender melhor. Gabriel me encara.

—Eles transam, Alice — Gabriel joga as palavras que evitei entender. Arregalo os olhos, sem conseguir acreditar. Não, não pode ser pior do que imaginei. Merda.

—Me relaciono com Enzo há oito anos, Alice — Anya completa, com uma voz firme, tirando meu chão, jogando meu coração para fora do corpo. Levanto as mãos, negando com a cabeça. Mas que grande merda é essa? Eles são irmãos, o quanto Anya é depravada? Respiro fundo, sem tirar os olhos da sua expressão angustiada — mas discutimos, nos perdemos. Chegamos ao nosso extremo, e depois do que aconteceu, eu me perdi. Enzo se perdeu. Ele passou do limite comigo, eu

passei do limite com ele, e — ela hesita, e vejo seus olhos marejarem de lágrima. Gabriel xinga baixo, encarando Anya, que fecha os olhos. Uma lágrima escorre pelo seu rosto, e arregalo os olhos — nós acabamos, mas não existe um fim, um meio, um início. Não com nós, e se Enzo souber que transei com Gabriel — ela respira fundo — depois de discutirmos, depois de tudo o que aconteceu, ele matará Gabriel. Ele está fora de si, por causa do que fiz, e se souber que eu fiz algo mais, perderá qualquer sanidade — ela finaliza em um suspiro, abrindo os olhos.

Não, não estou conseguindo acreditar. Enzo está transando com Anya, sua própria irmã? Meu lado escuro não quer ouvir mais nada. Isso é incestuosidade, isso é depravação. Não consigo raciocinar direito.

—Não — me exalto — não fale mais nada, Anya — falo furiosa — eu já achava você uma

grande vadia e uma mulher depravada, mas isso? Merda, vocês são irmãos, vocês são parentes. Você tinha tantos homens, por que Enzo? Anya, não — tento segurar uma risada irônica — você não pode estar falando sério. Isso não é errado, isso é horrível, é — me falta palavras para descrever o assombro que estou — que horror.

Não consigo imaginar, meu lado escuro não consegue imaginar. Eles são irmãos.

—Anya — continuo a falar exaltada — ele é seu irmão, merda.

—Enzo é perigoso, Alice. Mande-o embora — Anya sussurra — mande ele embora, por favor.

—Mas — abro a boca para falar, e ouço um baque vindo da sala. Anya arregala os olhos, segurando o lençol ainda mais envolta do corpo, e Gabriel dá um pulo, abrindo a boca apavorado. Sinto um calafrio pelo corpo inteiro, e meu lado

escuro sussurra que o baque foi a porta de entrada.

Eu sei que foi a porta.

Respiro fundo, sentindo o ar fugir dos meus pulmões.

—Alice — ouço a voz de Tom na sala, e Anya me encara apavorada, negando com a cabeça. Ela sussurra um não.

—Tom — eu o chamo, desejando que ele esteja só, ele precisa estar sozinho. Me viro e caminho até a sala, deixando Anya e Gabriel no quarto. Paro no final do corredor, encontrando dois olhos azuis escuros. Tom levanta uma sobrancelha, me encarando, parado no meio da sala, e a visão apavorante surge atrás dele. Enzo se abaixa e pega um macacão preto, caído no chão da sala. Ele retesa a mandíbula, apertando o vestido com força, e o leva até o nariz, sentindo o perfume. O perfume de Anya. Abro a boca, sentindo um pavor me inundar, e a cena parece acontecer lentamente. Tom arregala

os olhos, percebendo meu desespero, e olha sobre o ombro para Enzo.

Enzo me fuzila com os olhos verdes, segurando o macacão.

—Onde Anya está? — ele rosna furioso, e meu coração parece querer fugir dele. Sinto um calafrio me envolver, e meu corpo inteiro treme. Merda, Gabriel está com a corda no pescoço.

—Enzo, se acalme — Tom diz com sua voz rouca, calmo, levantando a mão — Anya está bem.

Meu lado escuro reina em mim, ainda aturdido pela revelação de minutos atrás. Meu pavor é engolido pela raiva de saber disso.

—Não é por ela estar bem que você está preocupado, não é, Enzo? — pergunto furiosa, e Enzo arregala os olhos. Tom também me encara surpreso.

—Alice — Tom fala curioso — como

assim?

—Conte para Tom, Enzo, o por quê de estar furioso — falo ríspida.

Enzo respira fundo, e seu rosto se transforma em uma fúria enlouquecida.

—Onde está Anya? — ele grita, como um animal. Dou um pulo, e vê-lo nesse estado me faz voltar a sentir medo. Arregalo os olhos, e Enzo me fuzila com os olhos. No instante seguinte, ele avança na minha direção, jogando o macacão para o lado, com violência. Dou mais um pulo, e sinto a mão de Tom agarrar meu pulso.

—Alice — Tom se exalta, me puxando para o lado, e Enzo passa por mim, caminhando firme pelo corredor. Abro a boca, incrédula.

—Não — grito, me desesperando ao pensar em Gabriel, e puxo meu braço da mão de Tom. Ele me encara preocupado — segure Enzo — peço, e caminho atrás de Enzo, quase correndo.

Vejo ele parar na porta do quarto, e abro ainda mais a boca — Tom — grito, e Tom se assusta atrás de mim — segure Enzo — me exalto, vendo Enzo arregalar os olhos com a visão de dentro do quarto.

—Seu filho da puta — Enzo grita e sua voz grossa me dá calafrios. Tom corre, colocando as mãos nos meus braços e me puxando para o lado, para dar caminho para ele. Sigo Tom com os olhos, e no instante que Enzo avança para dentro do quarto, Tom agarra seus ombros e o joga contra a parede do corredor, colocando o antebraço um pouco abaixo do pescoço de Enzo. Corro, parando em frente ao quarto, encarando Tom e Enzo.

—Se acalme — Tom grita contra o rosto de Enzo — o que pensa que está fazendo?

Enzo fuzila Tom com os olhos furiosos. Viro o rosto, olhando para dentro do quarto, e vejo Gabriel parado, apenas de calça jeans, no meio do quarto. Anya está de pé, ao lado dele, com o lençol

enrolado no corpo como um vestido. Gabriel está com uma expressão de pavor, e Anya permanece desesperada.

—Me solte, Tom, antes que eu passe por cima de você — Enzo rosna, e volto a olhar para eles.

—Não tem por quê você querer passar por cima de mim, Enzo. Porra, é sua irmã, e daí que estava transando com o amigo de Alice? — Tom rosna contra Enzo — desde quando se importou com quem Anya vai para a cama?

Arregalo os olhos, encarando Enzo, e começo a pensar em quantos anos ela falou que eles estavam juntos. Mas e Nássia? Merda, preferia não saber disso.

—Me solte, Tom — Enzo rosna novamente.

—Só vou soltar você, quando me contar que porra aconteceu, Enzo, porque não quero ver

você perder o controle e encostar na sua irmã. Porra, se você fizer isso na minha frente, sabe que me enfrentará e será um grande covarde — Tom rosna furioso, e meu lado escuro pressente que a situação irá piorar. Gabriel avança para a porta do quarto, furioso, e arregalo os olhos, vendo-o se aproximar de mim. Ele para no meu lado, e aponta o dedo para Enzo.

—Você é um canalha, seu filho da puta. Você já encostou na sua irmã, não é verdade? Eu vi os hematomas, seu grande merda. Vocês dois são — ele se exalta, se referindo à Anya — são depravados por foderem juntos.

Coloco as mãos nos cabelos, me desesperando diante da situação, e dessa vez, nem meu lado escuro sabe o que fazer. Lentamente vejo a expressão de espanto de Tom, Gabriel dá as costas para Enzo, e passa por mim, caminhando até a sala. Encaro Enzo, vendo seus olhos verdes

seguirem Gabriel, e eles quase saem da orbita, de fúria. Enzo empurra Tom com força, agarrando seu peito e empurrando inesperadamente. Tom rosna, sendo derrubado para trás, e Enzo dá um soco na parede. Um grande animal caçando.

Arregalo os olhos, e dou um grito, vendo-o passar por mim, avançando em Gabriel.

—Enzo — Anya grita atrás de mim, desesperada, e Tom se levanta do chão no mesmo instante que Gabriel se vira a tempo de ver Enzo acertar em cheio seu rosto com um soco. Grito, e Tom passa por mim, correndo.

Gabriel cambaleia, aturdido, e cai no sofá. Enzo avança com o punho erguido, rosnando furioso, e Tom pula sobre ele, agarrando seus ombros e fechando os braços dele.

—Porra, Enzo — Tom grita, puxando Enzo para longe de Gabriel — se afaste de Gabriel — Tom ordena furioso, puxando Enzo pelos

ombros. Esse rosna, furioso, e tenta se livrar do braços de Tom.

Gabriel se levanta em um pulo, furioso, e passa a mão no lábio encharcado de sangue. Corro ao seu encontro, passando por Tom e Enzo, e seguro o rosto de Gabriel com as mãos.

—Você está bem? — pergunto preocupada, ainda sentindo minhas mãos tremendo.

—Seu filho da puta, desapareça dessa cidade, porque vou caça-lo até matar você — Enzo grita, apontando o dedo para Gabriel. Olho para trás, assustada, vendo Tom segurar Enzo. Tom permanece de frente para Enzo, segurando-o com os próprios ombros, músculos contra músculos. Anya surge no final do corredor, pálida, com os olhos em Enzo.

Tom agarra o queixo de Enzo, com força, e o encara.

—Por que, Enzo? — Tom rosna, furioso

— por que irá matar Gabriel? O que ele foder com sua irmã tem demais? Diga — Tom rosna autoritário, e Anya passa por eles, lentamente. Os olhos verde de Enzo se focalizam nela, e vejo um desespero surgir no rosto de Anya.

Respiro fundo, soltando o rosto de Gabriel, e me viro de frente para Tom.

—Eles estão juntos, Tom. É por isso que Enzo está assim — conto direta, vendo os olhos de Enzo se arregalarem, me fitando. Tom me olha sobre o ombro, e sua expressão é de puro assombro. Anya fecha os olhos, parando de frente para mim — eles transam.

—Porra — Tom fala exaltado, voltando a encarar Enzo — Alice está falando sério, Enzo? — Tom pergunta, retesando a mandíbula.

Enzo o encara friamente.

—Me solte, Tom — Enzo rosna.

—Você encostou em Anya? — Tom grita,

furioso — você bateu em Anya, Enzo? Você fode com ela?

—Bateu sim, porque vi os malditos hematomas, seu filho da puta — Gabriel grita atrás de mim, apontando o dedo para Enzo — seu canalha.

Enzo enlouquece de vez, e grita furioso, empurrando o corpo contra Tom.

—Enzo — Tom grita, ainda mais furioso — pare com isso, porra — e empurra Enzo contra a parede novamente, mas Enzo começa a agarrar os ombros de Tom, tentando afastá-lo.

—Tire Enzo daqui, Tom — grito — antes que ele destrua o apartamento.

Tom respira fundo, agarrando os braços de Enzo.

—Seu filho da puta — Enzo grita novamente, apontando para Gabriel — desapareça dessa cidade, fuja, porque eu vou encontrar você, e

quando encontrar, vou esmagar você com minhas mãos.

—Tom — grito novamente, deixando minha voz mais alta que a de Enzo — tire-o daqui.

—Porra, Enzo — Tom grita, puxando Enzo para o canto da sala, em direção à porta — vamos — ele ordena, empurrando Enzo. Esse continua encarando Gabriel furioso, e seus olhos param em Anya. Enzo para, e Tom o encara surpreso.

Enzo aponta o dedo para Anya.

—Você, Anya — Enzo fala, lentamente, e sua voz grossa ressoa pela sala. Arregalo os olhos, e Anya parece se encolher ao meu lado. Enzo passa a mão nos cabelos — você me destruiu, você destruiu a nós dois. Espero que esteja satisfeita agora — ele diz lentamente, abaixando o tom de voz, e meu lado escuro não consegue acreditar no que vê. Seus olhos verdes parecem marejar em

lágrima, e Enzo retesa a mandíbula — desapareça da minha vida, e reze para que eles não cacem você, porque não moverei a porra de um dedo para protegê-la — ele fala devagar, e sua voz grossa me causa arrepios. Enzo encara Gabriel — fuja, corra, porque eu encontrarei você, e quando eu por minhas mãos, ninguém salvará você.

Gabriel respira fundo, encarando-o, e Tom empurra Enzo em direção à porta.

—Ande, Enzo — Tom fala sério, bravo, e Enzo levanta um braço, impedindo que Tom encoste nele. Tom me olha sobre o ombro.

—Vou levá-lo para casa, e depois volto. Quero conversar com ele — ele sussurra para mim, e leio seus lábios maravilhosos. Assinto, sentindo meu coração voltar a bater, e Enzo cruza a porta de saída, furioso. Tom o segue, caminhando elegantemente. O meu Tom.

Ele fecha a porta, me deixando com o

silêncio, Gabriel, e Anya. Meu lado escuro quer dar dois tapas em cada um e mandá-los a merda. Me viro, encarando Gabriel.

—E você, está satisfeito por não ter se aguentado diante de uma mulher? — falo furiosa, e Gabriel levanta as sobrancelhas, ainda espantado.

—Caralho, Alice, eu fui ameaçado de morte, e você não poupa um sermão né — ele diz, passando as mãos no rosto.

—Não deixarei que Enzo machuque Gabriel — ouço a voz sem firmeza de Anya, e viro o rosto, encarando-a.

—E você ainda pensou em deixar? — pergunto irônica, arqueando as sobrancelhas — você meteu Gabriel nesse problema com seu irmão, o mínimo que pode fazer é livrá-lo disso, Anya, e desaparecer das nossas vidas. Tudo que é relacionado à você, é problema.

—Caralho, Anya, por que você fode com

seu irmão? — Gabriel me interrompe, sentando no sofá — isso é apavorante.

Olho para ele, pasma, e meus olhos voltam para Anya. Nem meu lado escuro sabe o que dizer.

—Porque eu o amo, Gabriel — Anya responde séria, e dá um passo na nossa direção, soltando o lençol. Esse desliza pelo seu corpo, caindo no chão e deixando-a nua na nossa frente. Arregalo os olhos, vendo hematomas roxos pelo corpo de Anya, em sua coxa, costelas. Anya caminha nua até o macacão e sua calcinha, e se abaixa.

Meu lado escuro não consegue parar de olhá-la, de ver o contraste na pele, e abro a boca, assombrada.

—Enzo bateu em você? — pergunto incrédula, e Anya se levanta, me encarando.

—Ele passou do limite, Alice — Anya responde firme, e franzo a testa, sem entender.

—Como assim? — Gabriel pergunta, sentado atrás de mim, no sofá, com as mãos na cabeça. Anya coloca a calcinha, e começa a vestir o macacão. Observo atenta seus olhos firmes em mim.

—Ele estava descontrolado por causa de um problema, e quando transamos, ele me submeteu ao seu domínio. Ele passou do meu limite, e quando percebeu, era tarde demais — ela responde lentamente. Um calafrio passa pelo meu corpo — nós praticamos BDSM, mas Enzo deixou seus problemas entrarem e eu não consegui ter controle sobre ele.

—Caralho — ouço novamente Gabriel xingando atrás de mim, e meu lado escuro quer xingar também. Me viro, e sento ao lado de Gabriel, furiosa com os dois, mas aturdida com as revelações. Tudo parece surreal.

Gabriel se inclina, apoiando os cotovelos

nas coxas, e levanta a cabeça, encarando Anya.

—E qual foi a porra do problema, Anya? Qual foi o seu pedido? — ele pergunta algo que não entendo. Franzo a testa, encarando-o.

—Isso não é problema seu, Gabriel — Anya responde firme, já vestida. Ela respira fundo.

—Claro que é — Gabriel se exalta, abrindo os braços — estou sendo caçado por um lunático, um grande filho da puta, e você diz que não é problema meu.

—Deixe que eu me viro com Enzo — Anya responde rude.

—Ei — me exalto também — não é bem assim. Você se vira, Anya? — pergunto irônica — você se virou antes? Por que Enzo voltou atrás de você?

—Me virei, Alice — Anya se exalta, e vejo fúria em seus olhos — é por isso que Enzo veio atrás de mim. Eu assumi a responsabilidade de

tê-lo levado à porra da loucura.

Gabriel coloca as mãos no rosto, respirando fundo.

—Do que está falando? — Gabriel pergunta em um sussurro — ele realmente pode me matar, Anya?

Respiro fundo, sentindo todo o meu corpo retesar, e Anya encara Gabriel.

—Pode, Gabriel, mas não vai — Anya responde firme.

Arqueio as sobrancelhas, surpresa.

—E por que Enzo não iria? — pergunto séria.

A porta se abre no mesmo momento, e Tom entra por ela. Seus olhos azuis escuros são ferozes em mim, e sua expressão é indecifrável.

—Tom — falo ansiosa, e me levanto do sofá. Caminho até ele, e o abraço. Sinto seus braços fortes me envolverem, e seus lábios nos meus

cabelos.

—Por que Enzo não irá me matar, Anya? — Gabriel repete a minha pergunta, furioso. Tom me afasta dele, e encara Anya.

—Porque Anya vai ir até Enzo, não né, Anya? — Tom fala autoritário — porque você vai se entregar à fúria dele.

Anya desvia os olhos de Gabriel para Tom, lentamente, e arregalo os olhos.

—Mas ele não vai matar você? — Gabriel pergunta aturdido, e se levanta do sofá, caminhando até ela. Anya sorri amargamente, e nega com a cabeça.

—Enzo nunca me mataria, Gabriel — ela responde, encarando o rosto de Gabi — ele nunca faria isso consigo mesmo. E Antone não permitiria.

—O que você fez contra Enzo, Anya? — pergunto, e meu lado escuro está curioso e furioso

— além claro, de foder com o próprio irmão.

Anya me encara, levantando a cabeça, e fecha os olhos.

—Enzo me contou, Anya — Tom responde minha pergunta, e o encaro surpresa.

Anya abre os olhos e encara Tom. Vejo desespero em seu rosto, novamente. O braço de Tom aperta meu quadril, e Gabriel dá um passo na direção de Anya.

—Enzo não queria contar para você que Vladmir morreu, não é? Você procurou, você foi atrás, e descobriu — Tom fala autoritário.

—Quem é Vladmir? — pergunto confusa, arregalando os olhos. Tom respira fundo, e me olha de canto.

—O chefe da Máfia Russa, Alice — Tom responde — e um grande amigo de Enzo.

Anya sorri amargamente, e deixa o sorriso desaparecer, negando com a cabeça. Tom volta a

encará-la.

—Você fez ele contar para você, depois de ultrapassar o limite, não foi? — Tom pergunta, levantando uma sobrancelha.

—Sim. Eu fiz — Anya responde firme, e Gabriel coloca as mãos na cabeça.

—Porra, máfia? Realmente existe essa merda? — Gabriel murmura, e Anya o encara.

—Sim, Gabriel — ela responde firme, e volta a encarar Tom — eu fiz Enzo me contar a promessa que fez com Vladmir. Enzo foi convocado à se tornar um membro e assumir o posto de chefe. Eu pedi para ele ser meu, apenas meu. Que negasse o pedido, que acabasse com Nássia também — Anya hesita — mas ele negou.

—E com isso, você se perdeu, não foi? — Tom afirma — você viu Enzo deixando-a, você sentiu que estava perdendo-o.

—Sim — Anya murmura, e seus olhos se

enchem de lágrima.

—E você não aguentou, Anya — Tom continua firme — porra, você tinha que ir atrás do braço direito da máfia, e foder com ele? — Tom rosna, começando a deixar a fúria dominá-lo. Dou um pulo, e arregalo os olhos. Como assim?

—Como assim? — pergunto assombrada, sem conseguir tirar os olhos de Anya.

—Eu queria virá-lo contra eles, Tom. Queria que Enzo os odiasse e tentasse negar a ordem, mas nunca imaginei que ele o caçaria, mandaria tudo à merda e o mataria — Anya desabafa.

Arregalo os olhos ainda mais, sentindo meu coração sair pela boca, e Gabriel coloca as mãos na cabeça, apavorado. Tom respira fundo, negando com a cabeça.

Merda. Enzo assassino alguém, mesmo que seja um mafioso. Enzo é um assassino. Fecho os

olhos, negando, e sinto uma angustia dentro de mim, um medo.

—Você estourou uma bomba na mão de Enzo, Anya — Tom rosna — você fez ele matar o homem mais importante da máfia, depois dele próprio. E pelo que Enzo me contou, ele está ferrado com a decisão que eles tomarão e possivelmente virão atrás de você.

—Eu sei — ela responde firme.

—Você me meteu nisso? — Gabriel se exalta, furioso — agora vou ser caçado também? Porra, ele matou um cara.

Abro os olhos, vendo Anya negar com a cabeça, encarando-o.

—Eu vou até Enzo, Gabriel, não vou mais lutar contra ele — Anya responde séria.

—Mas ele disse que não quer mais ver você, Anya, o que isso mudaria? — pergunto brava. Anya me encara.

—Ele disse isso porque sabe que teria que implorar para eu ceder, mas se eu ceder por vontade própria, ele esquecerá Gabriel — ela responde séria.

—Anya — Tom diz sério, levantando uma sobrancelha — o que Enzo pode fazer com você?

Anya sorri lentamente, e nega com a cabeça.

—Isso é entre eu e ele, Tom — ela responde.

—Se ele bater em você, Anya — Tom começa.

—Não, Tom — ela diz lentamente — Enzo nunca ergueu a mão para me bater, a não ser quando praticamos sexo, no qual eu também exerço força. O último foi um erro, mas eu também permiti, eu também quis. Como resolvemos nossos problemas, é assunto nosso, Tom.

—E por que você faria isso, Anya? —

pergunto ríspida, e ela sorri, encarando Gabriel.

—Porque Gabriel é um menino bonzinho demais para se envolver, porque eu me encantei por você, Gabriel —ela sussurra. Gabriel respira fundo, fitando-a, e coloca uma mão na boca.

—Não faça isso — ele fala sério — deve haver outro jeito.

Anya sorri, como se não estivesse preocupada.

—Deixe que apenas um Lehanster sabe lidar com outro Lehanster, Gabriel. Você me verá ainda — ela pisca para ele, e então nos encara — fiquem em silêncio. O que ouviram aqui, precisa permanecer aqui, e não se envolvam mais do que já estão. Apenas eu sei lidar com Enzo, Tom, por mais amigos que vocês possam ser. Apenas eu e Antone mantemos nossa família dentro do controle.

—Vocês são loucos — murmuro, e Tom

coloca uma mão no rosto.

Anya caminha na minha direção, parando na minha frente, e vejo seus olhos ainda com lágrimas. Tom me aperta com mais força, mas encaro Anya de igual. Ela aproxima o rosto do meu.

—Me desculpe, Alice. Me desculpe por armar contra você, por tentar afastá-la de Tom — as palavras saem lentamente da sua boca, e não consigo acreditar. Abro a boca, incrédula, e vejo os olhos surpresos de Tom. Sua expressão é de assombro, enquanto Anya permanece me fitando com um semblante de rendição — eu vi em você uma oportunidade de mostrar para mim mesma que não sou a errada, que todos possuem lados que desconhecem, como eu possuo, mas percebi que o meu lado é maior que todos os outros. Eu acreditei que você pudesse ser como eu, mas estava enganada. Eu errei com você, Alice, porque

realmente queria sua amizade, acreditei que você pudesse me ajudar, e mesmo assim, fui cruel com você — ela pausa, me encarando por alguns segundos. Estou sem reação, sem conseguir acreditar que Anya desceu do seu pedestal para me pedir desculpas. Ela se afasta, e passa por mim, caminhando até a porta. Anya segura a maçaneta, e me encara novamente — espero que um dia possa me perdoar, porque você é uma mulher forte — ela sussurra, e abre a porta, dando as costas para nós. Observo Anya caminhar pelo corredor, e meu coração volta a bater. Meu lado escuro começa a martelar cada palavra.

Tom me envolve com os braços, e olho para ele.

—Ainda não acredito que Anya pediu desculpas — murmuro.

—Ela estava arrependida desde ontem, Alice — Gabriel fala, me chamando a atenção. Me

viro, vendo-o sentado no sofá, com uma expressão angustiada — ela veio aqui, bêbada, chorando, e me contou.

—E então transou com ela? — Tom pergunta irônico. Gabriel o encara por alguns segundos.

—Caralho, a mulher me contou umas histórias, e a cada gole que eu dava naquele maldito uísque, eu ficava mais fascinado. Parecia coisa de filme, sabe? — Gabriel fala, se levantando — tinha até um clube de nome Pandora, já ouviram falar?

Meu coração daqui a pouco vai me mandar a merda e me abandonar de vez. Meu lado escuro dá uma risada dentro de mim, e meu corpo inteiro se retesa. Olho para Tom pelo canto do olho, e vejo sua expressão insondável.

—Não. Que clube é esse? — ele pergunta sério, levantando uma sobrancelha.

Gabriel arqueia as sobrancelhas, e nega com

a cabeça, abanando a mão.

—Achei que não ia lembrar, mas me lembro de tudo — ele diz — era uma parada com sexo explícito, pelo que ela falou, mas vai saber. Sabe — Gabriel respira fundo, e passa as mãos no rosto, nos encarando — eu realmente gostei da Anya, ela me fascina, mas essa história de transar com o próprio irmão me deixa apavorado. E agora assassinato? Porra, é loucura demais, e me meti nessa ainda.

Dou uma risada nervosa, ainda tensa com toda a história.

—Não se preocupe, Gabriel, Anya não deixará Enzo vir atrás de você. Acredite, Anya é capaz o suficiente disso — Tom afirma.

—Eu sei, cara. Ela é capaz até na cama, mas caralho, eu fui ameaçado, ele parecia um animal pronto para me comer — Gabriel comenta — dá medo, sabe.

—Eu também posso intervir, Gabriel, se precisar — Tom fala sério — Enzo sempre me ouvirá.

Gabriel coloca as mãos no rosto.

—Se você diz, mas ainda me preocupo — ele murmura. Também estou preocupada, também estou com medo, mas pela tranquilidade com que Tom está lidando, realmente parece que Anya segurará Enzo longe de Gabriel.

Respiro fundo, me sentindo cansada, esmagada por tanta confusão. Tom me encara.

—Vou levá-la para o meu apartamento — ele sussurra. Nego com a cabeça, não quero deixar Gabriel.

—Tom — murmuro, observando Gabriel caminhar para o quarto, e olho para os olhos azuis escuros de Tom, preocupados — não quero deixar Gabriel sozinho nesse estado, depois de tudo isso. Acho que ele não ficará muito bem.

Tom assente, retesando a mandíbula, e antes que eu preveja, ele se afasta de mim e caminha atrás de Gabriel.

—Gabriel — ele chama, e Gabi se vira, encarando — o que acha de trocar o apartamento da Alice pelo meu? Acho que se sentirá mais seguro.

Abro a boca, incrédula com a audácia de Tom até mesmo depois de tudo. Gabriel dá de ombros, e sorri.

—Podemos ir — ele responde — se tiver mais comida do que o da Alice, começo a ficar por lá.

Fuzilo Gabriel com os olhos, sem acreditar que ele consegue fazer piadinhas depois de tudo.

Tom se vira para mim, e sorri torto. Sua expressão é de triunfo.

—Agora você pode ir — ele sussurra com sua voz rouca. Nego com a cabeça, sem acreditar, mas meu lado escuro está mais que satisfeito.

—Ei, Alice, esqueci de pedir desculpas por pegar uma camisinha sua. Mas com aquela sua coleção lá, uma não faz falta — ouço a voz de Gabriel do corredor, e o sorriso de Tom desaparece. Ele respira fundo, incomodado com Gabriel, e fecho os olhos, sentindo vontade de bater em Gabriel.

—Diga para ele que eu possuo ainda mais coleções — Tom sussurra para mim. Respiro fundo, fuzilando-o com os olhos, e rio. Tom sorri novamente, e caminha na minha direção, segurando meu rosto — Anya contou sobre Pandora, mas isso é errado, Alice. Pandora deverá permanecer em segredo — ele sussurra, e assinto, colocando minhas mãos nas dele — se Antone ou Enzo souber que ela contou, piorará tudo.

—Gabriel não acreditou — respondo séria — ele não contará para ninguém. Na verdade, tudo isso está sendo surreal para ele. Gabi sempre foi um

homem de vida tranquila, sem esse mundo.

Tom assente, com os olhos azuis escuros ferozes em mim.

—Terei que trancar o quarto que está suas fotos — ele sussurra — porque pelo jeito, ele costuma mexer em tudo.

Rio, assentindo, e minhas bochechas ficam vermelhas ao me lembrar das fotos, e de como Tom as vê, mas agora não sinto receio ou vergonha. Me sinto desejada, sinto prazer ao pensar nisso.

—Terá que vigiar Gabriel — sussurro, e Tom ri.

—Vamos? — Gabriel diz, saindo do corredor para a sala, com o capacete e uma mão e a mala em outra — estou louco para sair do lugar que aquele filho da puta pisou.

Rio, vendo Tom olhar para trás, para Gabriel, e sorrir.

—Vamos, eu mostro o caminho — Tom

fala, soltando meu rosto e caminhando para a porta. Gabriel passa por mim e dá uma piscadela.

—Agora vou conhecer o apartamento do seu namorado, Alice — ele sussurra zombeteiro — e pelo jeito vai ser melhor que o seu.

Abro a boca, incrédula com Gabriel, e o fuzilo com os olhos.

—Tom nunca deixará você dormir no sofá — respondo irônica, e Gabriel ri. Tom me encara sério, e Gabriel passa por ele, rindo. Tom balança a cabeça, achando graça, e sorri aos poucos. Ele estende a mão para mim, e seus olhos são ferozes.

—Vamos — ele diz com sua voz rouca, e sorrio de volta, colocando minha mão sobre a sua.

—Vamos — respondo, e Tom me guia para fora do meu apartamento. Tranco a porta, desejando que ninguém mais o invada. Desço com eles no elevador, e silêncio, ouvindo-os conversar sobre a próxima temporada de algum jogo. As

portas se abrem, e Gabriel saí na frente, passando pelas portas do prédio e se dirigindo para a Harley-Davidson. Tom sorri, olhando Gabriel subir na moto, e me puxa contra o seu corpo, contornando minha cintura com a mão.

—Seu ex namorado tem um gosto bom para motos — ele sussurra no meu ouvido, zombeteiro. O fuzilo com os olhos, sem reconhecer Tom. Não era ele o ciumento, o possessivo? Como agora se refere à Gabriel como meu namorado de forma tão relaxada?

Sorrio, sem entender, e meu lado escuro sabe o por quê. Tom sabe que realmente não há nada entre nós, e Gabriel o conquistou também por isso. Gabriel senta na moto, e nos fita, enquanto Tom contorna seu Porsche e abre a porta do passageiro para mim. Sorrio, e olho de canto para Gabriel, que me encara surpreso. Dou risada, e entro no carro, observando Tom contorná-lo e

entrar ao meu lado.

—Você está bem mais calmo em relação à Gabriel, não é? — pergunto satisfeita, e Tom sorri torto.

—Em relação à você, sim. Ele sabe que você é minha, e a trata realmente como uma amiga, mas — Tom hesita, e respira fundo, apertando o volante e olhando para frente, começando a dirigir — receio que Gabriel possa querer repetir a dose com Anya, ainda.

Abro a boca, incrédula, e nego com a cabeça. Não, Gabi não é louco assim. Fito a rua à frente, e vejo pelo retrovisor Gabriel nos seguindo.

—Gabriel está apavorado com Enzo, Tom. Com o fato de que eles cometeram incesto — eu estou apavorada, pensando bem. Respiro fundo, e balanço a cabeça novamente — é medonho, para não falar de outra forma. Anya passou dos limites que eu imaginei.

PERIGOSAS NACIONAIS

—Ela sempre foi assim, Alice — Tom murmura, com os olhos fixos para frente — só nunca percebi a que extremo eles chegaram. Nunca imaginei que iriam se envolver, por mais que — ele hesita, e retesa a mandíbula — por mais que Nássia uma vez, há alguns anos atrás, tenha me dito que suspeitou de algo entre eles durante uma noite no cassino, mas era apenas suspeita.

—E Nássia, nessa história toda, como fica? — pergunto séria, encarando. Me lembro de quando ela veio me visitar, de quando ela sugeriu que eu aceitasse a ajuda de Anya. Provavelmente ela não imaginou o que Anya faria.

—Anya e Nássia não se dão bem, Alice. Elas dividem ações da empresa, junto com Enzo e Antone, e Anya ainda tenta comprar a parte dela, já que Anya possui mais. Nássia é submissa de Enzo, e nunca abriria mão dele. Ela — Tom hesita, e me encara de canto de olho — você sabe que ela é uma

PERIGOSAS ACHERON

antiga amiga minha.

—Eu sei, Tom — digo calma — Nássia é apenas sua amiga agora.

Tom retesa a mandíbula, e assente.

—Nássia conhece Enzo há anos, como eu — ele continua — mas ele não conta nada para ela mais. Enzo se fechou em relação à sua vida, a tratando como uma submissa na cama apenas, mas no cotidiano, se afastou dela.

—Mas não foram sempre assim? — pergunto curiosa. Tom nega com a cabeça.

—Não. Nássia me contou isso há anos atrás, e juntando tudo o que Anya falou, provavelmente Enzo se distanciou quando começou a se relacionar com a própria irmã — ele diminui o tom de voz — porra, como eles podem fazer isso.

—Antone sabe? — pergunto receosa, voltando a olhar para frente. Tom ri irônico, e aperta ainda mais o volante.

PERIGOSAS NACIONAIS

—Provavelmente, Alice. Antone sabe tudo o que se passa, apenas se finge de desentendido. Provavelmente ele está ao lado de Enzo, agora, discutindo sobre os russos — Tom responde calmo — porra, eles parecem procurar problemas.

Assinto, e permaneço em silêncio. Meu lado escuro ainda não consegue esquecer as palavras de Anya sobre Enzo e seu pedido de desculpas. Eu sinto raiva dela, eu a vejo como uma mulher cruel, mas no fundo, sei que ela está perdida, sozinha. E agora desesperada. Mas acima de tudo, meu lado escuro sabe que ela está pagando por tudo o que fez, e que ela é forte para isso.

Tom dobra a esquina do seu apartamento, e o portão da garagem se abre. Ele entra, estacionando o carro em uma vaga. Gabriel entra atrás, estacionando a moto ao nosso lado, e Tom saí do carro, contornando-o e abrindo a porta do carro para mim.

PERIGOSAS ACHERON

Saio do carro, vendo Gabriel tirar o capacete e sorrir.

—Quanto cavalheirismo — Gabriel ri, e Tom o olha sobre o ombro.

—Você não consegue não fazer comentários — Tom responde com um sorriso, e sei que não está incomodado.

—Na falta de alguns homens, Tom tem de sobra — respondo Gabriel, que me fuzila com os olhos. Ele sai de cima da moto, deixando o capacete, e Tom entrelaça os dedos nos meus, me guiando para o elevador. Gabriel nos segue, digitando algo no celular.

Entramos no elevador, e o celular de Tom toca. Ele me encara por um momento, e atende.

—Antone — Tom murmura, ficando em silêncio por alguns segundos — sim, eu sei que Enzo não virá atrás de Gabriel, mas e Anya?

Os olhos de Gabriel voam para Tom, e ele o

encara curioso.

—Eles sumiram? Você sabe que provavelmente estão resolvendo isso, mas porra Antone, Anya contou sobre eles — um silêncio se instala no elevador, e Tom retesa a mandíbula — não se faça de desentendido comigo. Você sempre soube — Tom rosna, e após alguns segundos, desliga o celular, fixando os olhos em mim.

—Anya desapareceu? — Gabriel pergunta curioso, franzindo a testa. Tom o encara.

—Sim. Ela e Enzo saíram juntos e não voltaram ainda. Provavelmente estão resolvendo tudo, Gabriel. Não se preocupe com Anya, faça um favor a si mesmo — Tom fala autoritário, deixando claro que é melhor não se envolver.

Gabriel levanta uma sobrancelha, e concorda.

—Eu sei — ele murmura.

As portas do elevador se abrem, e

caminhamos para a porta do apartamento. Tom a abre, e entra, segurando a porta para nós entrarmos.

Gabriel entra, assobiando, e sorri.

—Não falei que o apartamento seria melhor que o seu, Ali — Gabriel comenta sorridente.

—Não se acostume — respondo séria, e Tom fecha a porta, sorrindo, achando graça de nós dois.

—Estou convencendo Alice a vir morar comigo. Aqui é melhor para ela, do que naquele apartamento — Tom fala sorridente, e o fuzilo com os olhos.

—Estou muito bem lá — respondo, e Gabriel ri.

—Faça o favor de arrastá-la para cá, Tom — Gabriel concorda. Tom levanta uma sobrancelha, triunfante.

—Uma opinião a mais ao meu favor, Alice — Tom sussurra, e dou as costas para ele, ignorando-o, mas meu lado escuro está achando engraçado.

—Gabriel, venha que eu mostro o seu quarto — Tom fala animado — sinta-se em casa.

—Opa, pode deixar que já estou me sentindo, mano — Gabriel ri, segurando a mala e seguindo Tom. Dou risada, achando ainda mais graça, e Tom também ri, subindo as escadas. Observo eles subirem, e os sigo, observando o apartamento ao redor. Tom realmente é muito organizado, clear. Chego ao topo da escada, vendo-os entrar na porta de um quarto. Meu coração bate calmo, mais leve, depois de tudo o que aconteceu, mesmo ainda não saindo da minha cabeça a expressão de Anya.

Passo pela porta, e vejo Gabriel sentar na cama, se acomodando. Tom está conversando com

ele, animado, e sorrio, passando pela porta. Passo por mais portas fechadas, e chego ao quarto de Tom.

Entro, ligando uma das luzes fracas, amarelada. Tudo está organizado, e suspiro, aliviada. Sento na cama, e vejo em cima da pequena mesa, no outro lado do quarto, o convite de Pandora.

Me lembro do meu plano, e depois de tudo o que aconteceu, estou receosa em fazê-lo.

Mas meu lado escuro quer fazer, quer que eu encare Pandora sozinha, e que se dane se os donos são depravados ou estão metidos em problema. Pandora não está envolvida, e lá dentro, de certo modo, eu estou segura.

Meu lado escuro quer que eu veja as apresentações e me sinta confiante, que eu pare de colocar uma venda sobre mim mesma e veja o quanto eu realmente gosto sem julgar.

E eu quero surpreender Tom, seguindo-o lá dentro, me revelando lá dentro.

Respiro fundo, e me levanto. Caminho até o convite e o seguro na mão. Ao lado está um envelope branco, aberto. Franzo a testa, e tento lutar contra meu lado escuro, mas ele me vence. A curiosidade me vence, merda.

Largo o convite de Pandora, e pego o branco, abrindo-o. Uma caligrafia à mão, feminina, está em todo o papel. Olho para a porta, receosa, e me viro novamente, começando a ler.

Tom. Soube que tentou entrar comigo outra noite. Por que? Para quê? Estive magoada com você por muito tempo, desde que você transformou nossa amizade em algo mais, e depois foi embora. Por que está entrando em contato novamente comigo, agora que está em um relacionamento? Para me iludir novamente? Estou muito bem longe de você, e mesmo que eu

realmente não tenha perdido o sentimento por você, peço que me responda de uma vez o por que quer conversar comigo. Seja franco e sincero, ao invés de me tratar como todas as outras. Sempre considerei você meu amigo, mas você não me poupou. Se está arrependido, diga. Estou muito bem com meus franceses, e saiba que encontrarei algum bem melhor que você, se é possível. Você não disse o que queria, ao tentar entrar em contato comigo, duas vezes essa semana. O que queria? Estou temporariamente sem comunicação.

Antonella.

Abro a boca, sem acreditar nas palavras, e minhas mãos começam a tremer. Antonella? Tentar entrar em contato duas vezes? Um antigo caso? Merda, estava indo tudo muito bem.

Meu lado escuro quer picotar a carta em milhões de pedaços e esparramar pelo quarto, mas respiro fundo e a guardo como antes. Vou tirar a

limpo sobre essa Antonella, vou tirar a limpo tudo isso.

Tento controlar o tremor, e um suor frio começa a brotar pelo meu corpo. Estou furiosa, extremamente furiosa por isso, e meu lado escuro não consegue esconder isso na minha expressão. Estou magoada também com Tom, porque depois de tudo, por quê ele faria isso? Qual o sentido disso tudo. Meu coração parece não bater, e o sangue foge de mim. Meu corpo inteiro parece doer, e o suor frio aumenta.

Respiro fundo, olhando para o quarto, me sentindo deslocada, mas estou confiante, liberta, e isso não me fará abaixar a cabeça. Se Tom me machucar novamente, darei as costas para ele e mostrarei que quem errou, quem nos arruinou, foi ele.

Me abraço, furiosa e triste, esperando ele voltar para conversar, para tirar a limpo, e meu lado

escuro quer que eu vasculhe, que eu procure mais algum vestígio.

Olho para tudo no quarto, e vejo o balcão no fundo do quarto, perto da grande janela para o terraço e da mesa. Uma gaveta possuí entrada para chave. Olho para a porta novamente, e mordo o lábio inferior, receosa, mas a fúria do meu lado escuro é maior.

Caminho apressada, e tento abrir, mas está trancada. Abro as portas do balcão, procurando a chave, mas não a encontro. Merda, preciso olhar, preciso procurar o que há ali dentro. Abro todas as outras gavetas do quarto, mas não encontro nada mais do que sempre soube. Se houve algo ou se está havendo algo de errado, preciso saber. Deve haver algo mais nesse quarto, além daquela maldita carta, e até Tom não retornar, vou vasculhar sim.

Procuro nas gavetas dos criados-mudo perto da cama, e nada. Respiro fundo, pensando, e volto a

encara o grande espelho do quarto. Franzo a testa, e caminho até ele, puxando uma cadeira. Subo em cima, passando a mão por toda a borda, e meu lado escuro está certo. A chave está acima dele.

Olho para a chave dourada, e meu coração bate como uma escola de samba. Respiro fundo, e desço da cadeira, indo até a gaveta. Enfio a chave, e dou uma volta, ouvindo um clique. Mordo o lábio, ainda mais ansiosa, e abro a gaveta.

Vejo dentro vários convites antigos de Pandora, várias máscaras pretas. Mexo nelas, procurando embaixo, e nada. Coloco minha mão mais para dentro da gaveta grande, e meus dedos batem em algo de veludo. Meu coração bate ainda mais rápido, e sinto que vai rasgar meu peito. O suor e o tremor aumentam, e puxo para fora a mão, agarrando o que quer que seja.

Meus olhos pousam em uma pequena caixa quadrada de veludo vermelho escuro. Arregalo os

olhos, sentindo minhas pernas tremerem, e meu lado escuro grita: abra, abra.

Respiro fundo, e abro a caixa. Meu lado escuro desmaia, sem sentir nenhum sentido, pela primeira vez, sem comentar nada. Meu coração, que batia freneticamente, parece decidir que não quer mais bombear sangue, e que irá parar realmente, depois de bater tanto. Minhas mãos tremem de uma forma que tenho que segurar firme a caixinha para não cair, e merda, depois de ler aquela carta, não parece haver sentido. Por que tem que existir aquela carta? Por que precisa ser tão confuso? Isso parece ofuscar qualquer razão, qualquer animação, e me sinto confusa.

Meus olhos estão fixos em um anel de ouro branco, e mesmo não conhecendo muito bem esse ramo, provavelmente são diamantes incrustados, já que vem de Tom, e ele não costuma poupar. Os diamantes estão incrustados em todo o anel, e no

centro, há um grande solitário que no mínimo deve ter uns 18 quilates. Nego com a cabeça, sem conseguir tirar os olhos do que é um exagero gigantesco. Meu lado escuro acorda, mas ainda permanece sem conseguir me dizer nada. Eu não consigo pensar em mais nada, e fecho os olhos, sentindo todo o meu corpo tremer. De surpresa, de fúria, de tristeza.

Fecho a caixinha, deixando o anel dentro, guardo na gaveta de volta, trancando-a. Caminho devagar, e subo de volta na cadeira, colocando a chave no mesmo lugar. Coloco a cadeira no lugar também, e respiro fundo, fitando meu reflexo no grande espelho.

O que significa esse anel dentro da gaveta? Algum anel que Tom já deu, ou um anel que ele pretende dar para mim? Mas e a carta? Quem é Antonella? As perguntas me enlouquecem, e coloco as mãos na cabeça.

PERIGOSAS NACIONAIS

Vou perguntar sobre a carta, quero tirar a limpo essa história, mas não quer contar que bisbilhotei por todas as gavetas, não quero contar que vi o anel, porque por mais que exista a carta, também existe o que significa esse anel, e se for para mim, Tom enlouquecerá ao saber que vi, conhecendo-o como eu conheço.

Mas o que realmente ele significa? E Antonella? Por que Tom a procurou, um antigo caso?

Balanço a cabeça, confusa, tentando acalmar meu coração, que voltou a retumbar nos meus ouvidos, e respiro fundo.

Estou tão cansada, parece que não há calmaria. Depois de Gabriel de Anya, depois daquelas malditas revelações apavorantes, de Enzo, agora a carta, o anel. Estou forte graças ao meu lado escuro, à mim, mas é demais. Quando sei de algo bom, há algo ruim para diminuir tudo.

PERIGOSAS ACHERON

Abaixo as mãos, fechando os olhos. Preciso descobrir e meu lado escuro está comigo, só assim para ir para Pandora sem estar nesse estado, e sei que Pandora está se aproximando.

Não conseguirei ficar calma até saber a verdade.

Ouço um clique na porta, e abro os olhos, olhando para trás, sobre o ombro.

Os olhos azuis escuros de Tom estão fixos em mim, ferozes, e sua expressão é de urgência. Ele entra no quarto.

ALICE

Os olhos azuis escuros de Tom descem pelo meu corpo, e novamente para o meu rosto. Ele sorri torto, tentando me seduzir.

Respiro fundo, sentindo meu lado escuro ainda mais furioso. Tom fecha a porta atrás de si, me encarando, e começa a caminhar na minha direção, com os olhos fixos em mim.

—Está tudo bem, minha Alice? — ele ronrona com sua voz rouca, e respiro fundo novamente, sentindo meu corpo inteiro retesado. Tom levanta as mãos e começa a desabotoar a camisa social, aos poucos, deixando o peito definido aparecer lentamente. Mordo o lábio, desejando-o, furiosa. Merda, Tom me consome, Tom me deixa a beira de todos os sentimentos. Viro o rosto, evitando olhá-lo, e fito meu reflexo novamente no espelho. Sinto sua presença atrás de mim, e seus braços definidos me envolvem. Sua cabeça encosta no meu ombro — qual o problema? — ele pergunta sério, me encarando pelo reflexo do espelho, e percebo um tom de preocupação.

É, está na hora de perguntar, de tirar a limpo, e meu lado escuro está tomando as rédeas. Me afasto, saindo do meio dos seus braços, e ele levanta uma sobrancelha, surpreso. Caminho até a mesa em que está o envelope branco, e o pego,

sentindo minha mão tremer de raiva. Agarro o envelope e me viro de frente para ele, caminhando em sua direção. Paro na sua frente e estendo o envelope na sua direção.

—Quero que você me diga se está tudo bem, Tom — respondo suas perguntas, e seus olhos azuis escuros descem lentamente do meu rosto para o envelope. Ele levanta uma sobrancelha.

—Como assim? — ele pergunta calmo, e sua pergunta me deixa ainda mais brava.

—Eu li a carta dessa Antonella, Tom — conto — li cada palavra, cada linha. O que significa? — pergunto controlando minha voz, minha expressão de fúria. Tom respira fundo, e pega o envelope da minha mão. Ele abre, puxando a carta, e me encara sério, autoritário, como se não gostasse de ser questionado.

—Eu já estive com Antonella, Alice, quando viajei, há anos atrás — ele hesita,

analisando minha expressão, mas esse fato não me importa. Eu sei que Tom dormiu com mais mulheres do que posso imaginar, mas não me importo com isso, porque sei que está comigo. O que me importa é saber o por quê procurou essa mulher, exatamente por estar comigo.

—E? — pergunto, levantando as sobrancelhas. Tom passa a mão no cabelo, e olha novamente para a carta. Seus olhos desviam e me encaram.

—Ficamos juntos por um tempo, Alice. Éramos amigos de infância por causa dos meus pais, dos pais dela, que passavam as férias juntos. Não quis iludir Antonella, mas ela se iludiu. Transou comigo e depois de algum tempo juntos, ela se apaixonou — ele pausa.

—Eu não me importo com isso, Tom, sei que é passado — falo calma, tentando esconder a raiva.

PERIGOSAS NACIONAIS

—Isso foi um pouco depois de Eva — ele continua — mas eu a deixei, e voltei para cá, como sempre fazia. Antonella não aceitou e mesmo depois de anos, parece ainda não ter aceitado.

Assinto com a cabeça, concordando. É, depois de anos, ela ainda não aceitou. Mas por que mesmo Tom entrou em contato?

—Não me importo se vocês se envolveram no passado, Tom. Sei que está comigo, e é por isso que quero saber o motivo de você ter entrado em contato com ela novamente — hesito, e encaro o rosto tenso de Tom — duas vezes. Como eu disse, eu li a carta, e ainda quero saber o motivo.

Tom levanta uma sobrancelha, e me encara. Percebo que ele está receoso de me contar. Respiro fundo, sem tirar os olhos dele, e pego a carta da sua mão. Meu lado escuro irá insistir.

—Tom, pode me contar. Eu não vou enlouquecer ou algo assim, se realmente não for

nada de importante. Apenas me conte — falo calma, e assente lentamente. Ele se afasta de forma inesperada, e tira a camisa, colocando-a em cima da cama. Tom caminha ao redor da cama, e se senta, levantando a cabeça e me fitando.

—Os pais de Antonella eram amigos dos meus, e faziam negócios. Eu herdei a empresa, e continuei a fazer negócios com eles, mas há seis meses, eles faleceram em um acidente de carro — Tom pausa, analisando minha expressão. Arqueio as sobrancelhas, surpresa por um fato trágico assim. Tom respira fundo, e passa as mãos no cabelo, encostando as costas na cabeceira da cama — Antonella está à frente da empresa dos falecidos pais, com a maior parte das ações, e desde então, ela vem cortando nossos negócios — ele pausa, e levanta uma sobrancelha — não quero perder meus negócios com a empresa que ela herdou, e por isso, precisei entrar em contato diretamente com ela, já

que ela quer encerrar nossos negócios, que de certa forma, são uns dos mais lucrativos.

Respiro fundo, e meu lado escuro está soando um alarme estranho. Um alarme pedindo para eu me acalmar e não dar assas à minha imaginação. Que essa minha imaginação vá a merda, junto com Antonella.

Mordo o lábio, observando Tom se inclinar e tirar o sapato. Esticar as pernas na cama, cruzando os pés e colocar os braços cruzados atrás da cabeça. Seus olhos azuis escuros me fitam, e ele os semicerra.

—Você estava suspeitando de algo, Alice? — Ele pergunta sério. Não, claro que não.

Talvez um pouco, mas eu confio em mim mesma, e com isso, não preciso me sentir ameaçada. Tom está comigo, Tom é meu e sei o que sente por mim. Nego com a cabeça, e me viro, deixando a carta novamente no balcão.

—Não — respondo firme, me virando e fitando ele começar a sorri lentamente. Seu sorriso torto me derrete, e respiro fundo.

—Você estava. Pensou que poderia existir algum motivo para eu entrar em contato com uma mulher do meu passado — ele fala ainda sorrindo, e estende a mão na minha direção — venha aqui, minha Alice.

Meu lado escuro quer que eu corra e pule no colo dele. E obedeço.

Caminho até ele, sentindo meu corpo se arrepiar com a visão dele sentado na cama, e paro ao seu lado, colocando minha mão sobre a sua. Tom me puxa, e abro as pernas, sentando no seu colo, com uma perna em cada lado do seu corpo, e nossas intimidades roçando. Mordo o lábio, encarando seu rosto tão próximo, e sorrio.

—Talvez eu tenha pensado — sussurro — mas sei que você é meu. Sei que nenhuma outra

mulher faz você sentir o que sente comigo — respondo, e coloco minhas mãos no seu rosto, sentindo a barba rala. Tom morde o lábio inferior, assentindo lentamente.

—Você sabe o quanto me leva à loucura — ele sussurra, e sua voz rouca me deixa excitada. Sorrio, e suas mãos agarram minha cintura, me empurrando para baixo, contra sua ereção já grossa — sabe que eu perdi até o decoro dentro da minha empresa.

—Isso que nem usamos tanto sua mesa — sussurro zombeteira, e Tom dá uma risada rouca. Sua mão direita solta o meu quadril, fazendo um lento caminho com os dedos até a minha intimidade, e a toca, por cima da roupa. Arfo, desejosa, e Tom me devora com os olhos.

—Então precisamos usá-la mais — ele sussurra, e agarra meu pescoço com a outra mão, me puxando em direção à sua boca. Seus lábios se

colam com os meus, e eu os abro, deixando sua língua quente e úmida me invadir. Suspiro contra seus lábios, sentindo sua língua explorar minha boca, bater a ponta contra a minha e sugá-la. Ele desce com os lábios para o meu queixo, mordiscando-o devagar, e sorrio, ainda com os olhos fechados, em puro tesão. Sinto seus lábios quentes descerem para o meu pescoço, e levanto mais a cabeça. Ele beija minha pele, deixando um rastro molhado, segurando minha cabeça com uma mão. Levanto as mãos, passando as pontas dos dedos pelo seu peito quente, definido, como se me chamasse para mais.

Tentador.

Suspiro, e me afasto, abrindo os olhos. Encontro seus olhos azuis escuros fixos em mim, inundados de tesão, e aperto as pernas ao redor do seu corpo, empurrando minha intimidade para baixo, roçando ainda mais em seu membro.

Eu o quero, eu o desejo, com meu lado escuro, minha sede devassa, e agora, me sentindo liberta, quero tê-lo na minha mão durante o sexo, quero mostrar para ele, para mim mesma, que esse mundo do sexo também me pertence.

Tom sorri de forma devassa, percebendo meu tesão, e aperta com mais força meu pescoço.

—Eu quero você — sussurro, e minhas mãos descem do seu peito definido para o botão da sua calça. Tom levanta uma sobrancelha, observando minha urgência, e abro o botão, fitando a cueca branca que usa. Quero tirá-la, quero deixá-lo nu e inteiro para mim.

Ouço sua risada rouca, e levanto os olhos, fitando seu sorriso devasso.

—Você é tão viciada quanto eu — ele sussurra roucamente, deixando meu lado escuro queimar, torrar no fogo. É, estou viciada no seu sexo, no seus braços, no seu beijo. Me viciei em

Tom e não conseguirei me livrar disso.

Sorrio, assentindo lentamente, e mordo o lábio inferior, adentrando pela sua calça com a minha mão esquerda. Roço a palma da mão no volume por baixo da sua cueca, sentindo o contorno do seu membro na palma da mão, e agarro com força, sentindo-o tremer na minha mão.

—É, estou viciada mesmo, mas sabe o que é melhor? — sussurro, e me inclino na sua direção, sussurrando contra seus lábios. Tom me segue com o olhar, ferozmente — o melhor é que você está sempre disposto em saciar meu vicio, já que está viciado também.

Tom morde meu lábio, avançando contra mim, e suas mãos circulam meu corpo, agarrando minhas costas.

—Acredite, minha Alice, sou mais viciado que você — ele sussurra, e assinto, roçando meus lábios nos dele.

—Está esperando o que para tirar minha roupa? — pergunto autoritária, em um sussurro, e Tom demonstra surpresa pela expressão. Ele sorri, devasso, e suas mãos agarram meus seios.

—Estava esperando você me mandar — ele responde da forma que sabe como me deixar enlouquecida. Suspiro, sem conseguir esconder o sorriso, e ele aperta novamente meus seios sob a roupa. Fecho os olhos, sentindo sua força, suas mãos firmes, e desejo que ele faça mais.

—Mais — murmuro, e Tom solta meus seios. Sinto suas mãos agarrarem meus pulsos, com força, como se ele realmente não maneirasse mais, e me empurra para o lado. Abro os olhos, assustada, e bato as costas na cama, deixando Tom levantar meus braços com veemência, vindo sobre mim e parando no meio das minhas pernas. Ele roça a intimidade na minha, com os olhos ferozes em mim.

—Sabe que se você pedir mais, eu me perderei em você — ele rosna enlouquecido. Sorrio, e meu lado escuro está mais que satisfeito.

—Mais — falo lentamente, atiçando-o. Tom desce com os olhos pelo meu corpo, fitando meu busto exposto. Ele me encara selvagemente, e sorri.

—Diga — ele ordena com a voz rouca, sedutora.

—Faça o que quiser comigo — sussurro, desejando me sentir em suas mãos, desejando senti-lo nas minhas mãos. Tom solta meus braços e agarra meu rosto, me beijando furiosamente. Sua língua penetra minha boca, busca a minha, ansiosa para encostar, para prender a minha língua na sua boca. Arfo, sem fôlego, e suas mãos descem para a minha blusa, puxando-a para baixo e deixando meus seios à mostra. Tom se inclina, fitando-os de uma forma esfomeada, e sorri para mim. Ele

avança sobre eles, beijando-os, e abocanha meu mamilo esquerdo, me deixando sentir sua língua molhada brincar lentamente com ele, circulando-o, sugando-o e mordiscando. Gemo enlouquecida, querendo senti-lo dentro de mim.

Encosto as pontas dos dedos na cabeceira da cama, ainda com os braços esticados, à mercê de sua boca, e Tom avança contra o meu outro mamilo, sugando-o. Suas mãos acariciam minhas costas, com força, empurrando meu corpo de encontro ao seu.

—Tom — gemo seu nome, ofegante, sentindo derreter embaixo do seu corpo musculoso, quente.

—Diga, minha Alice — ele sussurra propositalmente contra meu seio, e levanta a cabeça, me encarando.

—Tom — uma voz familiar soa pela porta, e franzo a testa, sentindo meu lado escuro furioso.

Tom semicerra os olhos, também ouvindo — cara, está acordado?

Merda. É Gabriel. Vou realmente atirá-lo pela janela.

Duas batidas na porta, e Tom respira fundo, encarando meu rosto furioso. Sua expressão é de fúria também, e ele retesa a mandíbula.

—Estou — Tom responde alto, autoritário.

—Cara, está ocupado? — ouço a voz de Gabriel do outro lado da porta.

—Diga que você está ocupando transando comigo — sussurro para ele, e Tom me fuzila com os olhos.

—Estou — Tom responde rispidamente, e um silêncio permanece por alguns segundos.

—Cara, não estou conseguindo conectar o PlayStation — Gabriel fala alto, e fecho os olhos, querendo fazê-lo engolir o Play.

Tom respira fundo, retesando ainda mais a

mandíbula, e cerra os punhos.

—Posso entrar? — Gabriel pergunta, e Tom arregala os olhos.

—Não. Já estou indo — Tom rosna furioso, e sai de cima de mim. Respiro fundo, brava com Gabriel, e sento na cama, observando Tom fechar o botão da calça jeans. Observo o contorno do seu corpo, e mordo o lábio inferior, ainda desejando-o.

—Vá rápido — sussurro, e Tom me olha de canto, caminhando até a porta.

—Me espere exatamente desse modo — ele sussurra autoritário, e abre a porta, saindo do quarto.

—Cara, desculpa atrapalhar sua foda — ouço a voz de Gabriel do outro lado da porta, e fecho os olhos, tentando imaginar a expressão de Tom.

—É, você atrapalhou — Tom rosna, e as

vozes deles se tornam mais baixas, conforme se afastam — se me atrapalhar de novo, tranco você no quarto até transar com Alice o suficiente para os gemidos e deixar você atormentado.

Rio, tentando imaginar a expressão de espanto, e as vozes são substituídas pelo silêncio. Respiro fundo, sentindo meu lado escuro se acalmar, e olho para o quarto organizado de Tom, exatamente como ele é.

E meus olhos são atraídos para a gaveta com o anel. O que isso significa? Tom já pensou em pedir alguém em noivado? Porque segundo sua história, sua relação com Antonella não foi duradoura, e independente se ela tivesse se apaixonado por ele, amado ele e talvez ainda amar, ele nunca a amou.

Ele apenas amou Eva, e depois me amou. Mas Eva nunca amou Tom, sempre amou Antone, sendo um fantoche nas mãos de Anya.

Vanessa foi recente, quando nos afastamos, e pelo que soube, ele não conseguiu nem transar com ela. E todas as outras mulheres da sua vida parecem ser passageiras. Mas e o anel? Não quero perguntar, porque meu lado escuro sussurra que pode ser para mim, e se eu estragar a suposta surpresa, Tom enlouquecerá.

Respiro fundo, tentando acalmar minha curiosidade. Eu posso esperar, e se não for para mim, irei perguntar, sem criar suposições. Olho para a carta no balcão, e volto a lembrar o que Tom contou. Eles foram amigos desde novos, por causa dos pais, e depois se envolveram. Tom não a quis, foi apenas mais uma mulher, mas Antonella parece ter amado ele, parece estar ainda amando, mesmo depois de anos. Tom realmente é enlouquecedor.

E agora Tom terá que fazê-la separar a vida profissional da pessoal, terá que tentar continuar os negócios com a empresa dela, e isso de certo modo

está incomodando meu lado escuro, mas não entendo o por quê.

Coloco as mãos no rosto, tentando não pensar mais, e fito a porta. Tom está demorando, e eu o queria agora. Puxo a blusa para cima, e saio da cama. Abro a porta, e caminho pelo corredor, ouvindo as vozes dele e de Gabriel. Paro na virada do corredor, e olho discretamente, observando os dois de pé na sala embaixo.

—Cara, você tem certeza? — Gabriel fala, e Tom passa uma mão no cabelo. Ambos estão de costas para mim, e de frente para a televisão. Um jogo está rodando, e Gabriel segura o controle.

—Tenho — Tom responde seco.

—Alice irá pirar, você sabe disso. Talvez ela nem imagine que você fez isso — Gabriel começa a falar, e Tom começa a se virar para trás — cara, fico feliz que tenha confiado em mim para contar essas coisas, sabe. Sabe que pode contar

comigo, mesmo que Alice fique brava depois e imagino que você esteja na ponta da faca pensando sobre como Alice reagirá quando ver aquela mulher na viagem de vocês, depois de.

—Não contei para Alice que Antonella mora na França — Tom responde e se vira. Volto um passo no corredor, sumindo da visão deles, e encosto as costas na parede, respirando fundo. Meu coração bate acelerado, e meu lado escuro está ainda mais curioso — muito menos que precisarei falar com ela pessoalmente, quando formos. Mas depois de tudo, isso será o menos importante.

—Você tem certeza do que irá fazer, Tom? — Gabriel pergunta, e ouço Tom começar a subir as escadas. Ele para, e prendo a respiração, querendo saber mais — talvez Alice não aceite o que você pensa em fazer, e depois essa Antonella.

—Tenho, Gabriel — Tom interrompe Gabriel, autoritário, e sua voz está cada vez mais

perto.

—Cara, não sei o que dizer para você — ouço a voz de Gabriel, e me viro. Corro de volta para o quarto, curiosa para saber o que Tom contou para Gabriel. Curiosa para saber o que afinal está acontecendo e que eu não estou sabendo. Fecho a porta, e respiro fundo, fitando o quarto. Ouço uma batida atrás de mim, e dou um pulo.

—Alice? — ouço a voz rouca de Tom atrás da porta, tentando abri-la, e percebo que estou segurando-a. Merda. Meu lado escuro me comanda novamente, e me afasto. A porta se abre, e Tom entra, com uma sobrancelha erguida, me olhando preocupado — está tudo bem? — ele pergunta calmo, suspeitando de algo.

Respiro fundo, e nego com a cabeça. Meus olhos se desviam dos deles, e fito a parede branca ao lado, tentando escapar do seu olhar feroz.

—Eu ouvi parte da sua conversa com

Gabi, e quero saber o que está acontecendo — falo firme, e pisco demoradamente, criando coragem para encará-lo. Abro os olhos, e fito sua expressão tensa. Tom retesa a mandíbula.

—O que você ouviu? — ele pergunta tentando aparentar estar calmo. Dou uma risada irônica.

—O que você não quer que eu saiba, Tom? — pergunto firme, direta, e cruzo os braços na frente, criando uma barreira. Tom abaixa a cabeça, e passa a mão no cabelo.

—Alice — ele murmura, e caminha pelo quarto, passando por mim. O sigo com os olhos, observando seu peito nu, seus ombros largos, e meu lado escuro sussurra para não cair na tentação agora. Mate a minha curiosidade primeiro, e depois o meu desejo. Ele caminha até a grande janela da varanda, e a abre, apoiando os braços nas laterais — venha aqui.

PERIGOSAS NACIONAIS

Nego com a cabeça, mesmo ele estando de costas.

—Não. Quero que me conte agora, Tom — respondo firme. Ele vira a cabeça para trás, e me encara de canto de olho.

—Não estou evitando de contar para você, apenas não quero que você tenha a impressão que isso estragará nossa viagem — ele diz autoritário, levantando uma sobrancelha. Franzo a testa.

—Isso o que? — pergunto séria, e Tom estende a mão na minha direção.

—Venha aqui — ele ordena, e mesmo contra minha vontade, cedo, caminhando na sua direção. Coloco minha mão sobre a sua, e Tom me puxa contra o seu corpo, me colocando na frente dele. Sinto seu membro contra a minha bunda, e fecho os olhos, resistindo.

—Me conte, Tom — peço séria, de olhos fechados. Tom envolve minha barriga com os

braços musculosos, sua respiração bate nos meus cabelos.

—Estamos indo para a França, Alice, para a sua campanha, mas estou aproveitando a oportunidade para visitar Antonella. Ela mora em Lyon, e desde que ela está cortando relações com a minha empresa, eu penso em uma forma de entrar em contato com ela. Vi uma oportunidade quando surgiu a sua proposta, e tentei entrar em contato com ela, mas como você mesma leu na carta, ela está me evitando. Quando formos, irei querer visitá-la — Tom fala calmo, e sua voz rouca tem uma pontada de preocupação. Viro o rosto, encarando-o.

—E qual o problema disso? Se você vai visitá-la, eu posso ir junto e — dou de ombros, tentando dar pouca importância — são assuntos de negócios. Você sabe que seu passado não me incomoda mais, e se você está tentando falar com

ela sobre negócios, não tenho motivo para ficar brava, Tom. Só não vi motivo para você não me contar tudo antes, quando conversamos sobre a carta — falo calma, fitando seus olhos azuis escuros. Estou mais calma, e realmente não é nada sério como eu comecei a imaginar. Tom só irá visitá-la para conseguir continuar com os negócios.

Tom sorri um pouco.

—Esperamos que seja assim, minha Alice. Não se incomode com ela — Tom sussurra, aproximando os lábios dos meus ouvidos — talvez Antonella possa ainda me amar, mas eu nunca a amei. Temi que você se incomodasse com o fato de existir algum sentimento por parte dela.

Dou de ombros, tentando não pensar muito.

—Você é meu, o problema é somente dela, se ainda existir algum sentimento — respondo firme, e Tom ri roucamente no meu ouvido.

Viro o rosto, encarando-o novamente, e

arqueio as sobrancelhas.

—É só isso? — pergunto curiosa, e Tom retesa a mandíbula.

—Sim — ele responde sério, e meu lado escuro desconfia que não seja. Merda.

Assinto, e me afasto, sem conseguir evitar de encarar a gaveta trancada. Meu lado escuro não se controla.

—E o que você guarda nessa gaveta trancada, Tom? — pergunto calma, tentando não demonstrar a ansiedade. Tom se vira, me encarando, e percebo sua expressão de espanto.

—Por que, Alice? — ele pergunta sério, e dou de ombros, virando de costas para ele propositalmente. Preciso esconder minha expressão de curiosidade.

—Talvez eu queira abrir — hesito, ouvindo sua respiração — ou já tenha aberto.

—Alice — Tom me chama, e merda, estou

sem conseguir me controlar. Me viro, levantando as mãos.

—Está bem — conto — eu abri a gaveta e — hesito, encarando sua expressão tensa — encontrei uma caixinha com um anel dentro. Quero saber de quem foi, Tom.

Tom fecha os olhos, balançando a cabeça, e passa a mão nos cabelos, como se tentasse se controlar.

—Alice — ele fala baixo, e percebo que ele está bravo. Tom levanta a cabeça, e começa a caminhar firme na minha direção. Meu corpo inteiro fica tenso, e ele continua — esse anel era da minha mãe, apenas isso. Acho que agora você já não precisa criar mais histórias, como se o tempo que estivéssemos juntos não fosse o suficiente para você não suspeitar de nada — ele diz, e para ao meu lado, me encarando — eu apenas guardei o anel quando minha mãe faleceu, respondendo sua

pergunta.

Mordo o lábio, encarando-o, e Tom se afasta. Agarro seu braço com urgência, segurando-o perto de mim.

—Eu não criei nenhuma história, Tom. Eu apenas o encontrei e quis saber de quem foi ou o que significou. Eu não pensei em nada — tento explicar, mas Tom permanece inexpressível, com a mandíbula retesada. Ele assente lentamente, e puxa o braço da minha mão.

—Talvez eu devesse ir jogar com Gabriel — ele murmura, virando de costas para mim. Arregalo os olhos, pasma por essa fúria controlada dele, e respiro fundo.

—Tom — o chamo, e ele para no meio do quarto, sem olhar para trás. Fito suas costas nuas, e vejo o P de Pandora. Merda, se Gabriel for um pouco mais concentrado, irá ver a tatuagem e relacionará ao clube — você ficou bravo comigo

por ter mexido no seu quarto? Eu apenas fiquei curiosa, mas — começo a falar, e pauso. Tom me olha sobre o ombro, sério.

—Não estou bravo, Alice — ele fala roucamente, e percebo o quanto está tentando se controlar — apenas não quero mais ouvir suspeitas ou o que for — ele diz, e se vira, caminhando até a porta. Observo ele abri-la e sair do quarto, sem dizer mais nada.

Coloco as mãos no rosto. Merda, eu não suspeitei dele, apenas quis saber o que era afinal a conversa que ouvi e o anel. Se não posso imaginar, quero perguntar, mas Tom parece não tolerar muitas perguntas mais.

Respiro fundo, e em uma fúria do meu lado escuro, por ter acontecido essa pequena discussão sem motivo, pego a carta do balcão e a rasgo em vários pedaços, desejando que eu não tivesse perguntado. Mas eu quis perguntar e isso me levou

ao anel. Não quero criar ideias, apenas quero que Tom entenda que eu quero nosso relacionamento claro, sem meias palavras ou imaginação.

Tiro a roupa, colocando-a em uma cadeira, e deito na cama apenas de calcinha, me cobrindo com o lençol. Tom provavelmente está na sala junto com Gabriel, enfurecido sem motivo. Fecho os olhos, me recusando a ficar pensando nisso. Se Tom quer ficar bravo, que fique, eu não fiz nada de errado a não ser perguntar, e ele terá que se acalmar.

Meu lado escuro não irá mais ceder.

E por um momento meu lado escuro está frustrado por ter criado uma pequena ilusão que seria para mim. Adormeço, evitando de pensar em algo mais.

Acordo com o barulho de água, e abro os olhos, fitando o quarto na penumbra. Viro para o lado, esticando o braço, e sinto a cama vazia. Tom

não está deitado. Pego o celular, fitando a hora. Seis horas da manhã, e franzo a testa, curiosa.

No mesmo instante a porta do banheiro se abre, e Tom sai por ela, com uma toalha enrolada no quadril e os cabelos molhados. Arregalo os olhos, fitando-o, e sua expressão continua insondável. Seus olhos se cruzam com os meus, e ele levanta as sobrancelhas.

—Acordada? — ele pergunta sério. Arregalo os olhos, e me sento.

—Sim. Onde você estava? — pergunto séria, voltando a olhar a hora no celular. Tom caminha pelo quarto, e tira a toalha, parado de costas para mim. Não, não vou olhar.

Meus olhos descem pelas suas costas, e eu olho para seu corpo escultural. Mordo o lábio, resistindo a vontade de correr até ele e apertá-lo inteiro para ver se é real. Tom se vira, me encarando.

—Estava conversando com Gabriel — ele responde curto. Franzo a testa, ainda confusa, e balanço a cabeça.

—Até agora? — pergunto calma, e Tom coloca uma cueca branca, deixando a visão ainda mais quente. Ele assente, e caminha na minha direção, parando no pé da cama.

—Sim, Alice — ele responde sério — depois de tudo o que aconteceu, quando saí do quarto, já era quatro horas passada da manhã.

Respiro fundo, assentindo, e percebo que ainda está bravo.

—Tom — falo, deixando-o se deitar ao meu lado na cama, e ele senta, me fitando — não fique bravo por eu ter perguntado sobre o anel.

Tom fecha os olhos, e assente.

—Eu só não quero voltar a sentir suspeitas, Alice. Você sabe que tudo o que é importante eu conto, e a partir do momento que

você começa a mexer em tudo, como se procurasse algo, passa a impressão que não confia nas minhas palavras — ele fala calmo, e abre os olhos, me fitando.

—Eu sei, eu apenas fiquei curiosa, não porque não confio em você, Tom. Se estou com você, depois de tudo, é porque confio, porque quero estar — respondo, sentindo sua expressão se suavizar — e sei que você ainda está receoso sobre eu me incomodar com Antonella, mas você mesmo disse que não há motivos. Eu estou bem com você, e ninguém estragará isso novamente, Tom — falo lentamente, e me inclino na sua direção, colocando a mão no seu rosto — se Anya não conseguiu, ninguém mais conseguirá.

Tom assente, e pega a minha mão, beijando-a.

—E você realmente não se importará se eu for para Pandora? — ele pergunta calmo, e assinto.

É, eu não irei me importar, porque encontrarei você lá.

—Não, Tom — sussurro, e ele puxa a minha mão, ansiando para me ter. Meu lado escuro sorri, e irá puni-lo por ter ficado bravo por pouco. Vou ao seu encontro, e seus lábios quentes se colam nos meus. Meu corpo esquenta, e o sinto ainda mais quente. Sua língua penetra minha boca, com urgência, e me afasto, colocando as mãos no seu peito quente e empurrando-o suavemente.

—Vamos dormir — afirmo, e sorrio devassa. Tom franze a testa, perplexo.

—Você irá negar? — ele pergunta sério, e sorrio ainda mais.

—Isso é porque você ficou bravo comigo — respondo, e me viro de costas para ele, deitando na cama de lado. Sinto seus olhos em mim, e sorrio. Depois de tudo, voltamos a ficar bem, mas ele aprenderá que também será punido.

Ouço o barulho do lençol e os movimento na cama, e sorrio ainda mais. Tom se deita atrás de mim, e um dos seus braços circulam minha barriga. Sua palma aberta sobe, roçando os dedos, e ele agarra meu seio. Suspiro, tentando resistir, e sinto seu membro pressionar minha bunda.

—Você conseguirá resistir, minha Alice? — ele sussurra com a voz rouca no meu ouvido. Mordo o lábio, tentando controlar o tesão que me inunda. Preciso resistir.

—Vou — respondo firme, e fecho os olhos, tentando me concentrar. Sua mão larga o meu seio, e desce lentamente pela minha barriga.

—Quero sentir se você está resistindo — ele sussurra, e seus dedos trilham o caminho até a minha calcinha. Meu coração acelera, e sinto um arrepio pelo corpo. Sua mão quente invade minha calcinha, e ele passa o indicador pelos meus grandes lábios. Arfo, ainda de olhos fechados,

sentindo o fogo me consumir, e seu dedo quente me queima, seu corpo quente me derrete — você está molhada — ele sussurra contra meu ouvido, e sua voz rouca me derrete ainda mais. Seu dedo invade meus grandes lábios, e mordo o lábio, contendo o gemido, sentindo os dedos de Tom dentro de mim, me explorando. Seu indicador e polegar passam pelo meu clitóris, me deixando à beira da loucura. Quero ser possuída por ele, quero senti-lo em mim. Tom começa a movimentar os dedos em pequenos círculos — você está muito molhada, minha Alice, para quem não queria me ter aqui — ele sussurra, e seu dedo toca os meus pequenos lábios. Gemo profundamente, sem conseguir me controlar, e assinto — você me quer aqui? — ele pergunta sedutor, deixando a respiração quente bater na pele do meu pescoço.

Meu lado escuro quer, eu quero. Abro um pouco as pernas, permitindo que ele movimente

mais os dedos, e Tom me penetra lentamente com o polegar. Gemo, mordendo o lábio, e cerro os punhos, com um tesão inebriante. Sinto sua língua quente no meu pescoço.

—Diga que me quer — Tom sussurra contra minha pele — diga que não é um castigo.

—Tom — gemo, sentindo seus dedos se movimentarem ao redor do meu clitóris, me deixando implorar para entrar em orgasmo com ele — transe comigo — sussurro.

A mão de Tom sai de dentro da minha calcinha, e ele para de me tocar. Abro os olhos, surpresa, e olho para ele.

—O que está fazendo? — pergunto confusa, e Tom leva os dedos para a boca, sugando-os. Abro a boca, derretendo ainda mais com a visão, e ele sorri devasso. Seus olhos azuis escuros são ferozes em mim.

—Isso é o seu castigo, por ter ameaçado

me castigar — ele sussurra maliciosamente e puxa meu quadril contra o seu membro duro, deixando minha bunda senti-lo.

—Tom — reclamo, e ele contorna a minha cintura com o braço, me imobilizando.

—Boa noite, minha Alice — ele sussurra no meu ouvido.

Meu lado escuro está furioso. Eu estou furiosa.

E terrivelmente excitada para tê-lo.

Fecho os olhos, ouvindo sua respiração perto do meu pescoço, e percebo que ele adormeceu realmente. Merda, Tom conseguiu virar o jogo, como se eu não soubesse que isso iria acontecer. Ele é o meu mundo do sexo.

Respiro fundo, tentando me acalmar, e meu lado escuro sussurra uma pergunta que eu evitei pensar. Como será Antonella? Cerro os dentes, tentando mandar o pensamento para longe, e me

concentro em algo mais perto, algo que me deixa apreensiva e ansiosa.

Pandora.

ALICE

Dois grandes olhos claros me encaram, e fios vermelhos de um cabelo ruivo voam e caem em um rosto de pele clara. Abro os olhos, fitando a escuridão do quarto. Merda, meu subconsciente entrou no meu sonho, e mesmo que eu tenha lutado para não pensar, a ideia parecer ser obvia. Todas as outras mulheres da vida de Tom eram ruivas. Mas

isso é sem importância, isso é apenas um fetiche, e até melhor que seja ruiva, igual a todas as outras.

Respiro fundo, e me viro, encarando o rosto adormecido de Tom. Sorrio levemente, sabendo que ele está comigo, que é realmente meu agora, e lutarei para que nada nos atrapalhe.

E novamente penso em Pandora. Pandora acontecerá no próximo final de semana, e preciso criar a coragem necessária para colocar meu plano em prática. Tom decididamente irá, mas não espera me encontrar lá. Quero surpreendê-lo, quero me surpreender. Quero Pandora.

Deito novamente a cabeça em seu peito, e penso sobre a viagem. Estou realizada comigo mesma por aproveitar essa oportunidade, e no fundo, adorei a ideia de ter Tom junto. Meu lado escuro sempre desconfiou que ele não iria me deixar ir sozinha.

Adormeço novamente, me sentindo em

parte tranquila por estar transcorrendo exatamente como eu quero.

Por estarmos bem. Por eu me sentir liberta, confortável com meu lado escuro e livre dos tentáculos de Anya e da sua manipulação. Nunca precisei dela para iluminar um caminho que sempre quis, e agora, deitada com Tom, percebo isso. Anya sempre soube, mas preferiu omitir isso. Preferiu seus planos à minha amizade.

E sei que segunda-feira, Ana e Mônica irão destilar o mais puro dos venenos, quando souberem que eu e Tom voltamos, agora que saímos juntos perante todos. Mas realmente estou me importando com isso? Não. Elas podem dizer o que querem, podem insinuar ou comentar, eu já não me irrito com suas línguas e olhos devoradores. Tom está nu na cama comigo, e não com elas, independente do que falam .

E meu lado escuro está louco para esfregar

isso.

Fecho os olhos, voltando a adormecer lentamente, sentindo seu peito subir e descer em uma respiração pesada.

Meu lado escuro adormece junto comigo, esquecendo Antonella.

Passo as mãos pelo meu vestido tubinho preto, e sorrio, me sentindo ainda mais confiante. Estou indo seduzir meu chefe, já que o mesmo fez questão de me fazer dormir excitada. Irei fazê-lo trabalhar excitado.

Na faculdade, Dana quis saber exatamente todos os detalhes da nossa volta, que de repentina, para ela, não teve nada. Tentei explicar de uma forma que deixasse Gabriel, Anya e Enzo de fora, e de uma forma que não a deixasse mais curiosa.

Desde a noite em que caí na armadilha de Anya, não tive mais notícias de Ed, e ele me faz falta. Sinto falta da sua amizade, mas temo tentar

alguma aproximação e deixá-lo iludido novamente, ou machucá-lo. Preciso dar um tempo para ele entender, e talvez se aproximar por iniciativa própria.

Gabriel foi embora ainda no domingo, e tentou descobrir algo sobre onde Anya estava, de forma discreta, mas nem Tom nem eu soubemos informá-lo. E eu não diria, mesmo se soubesse. Desejo que Gabriel permaneça afastado dos Lehanster, ele não merece esses problemas.

Respiro fundo, tentando imaginar os olhares que Ana e Mônica lançarão quando me verem mais arrumada do que o normal.

E meu lado escuro me sussurra sobre como será o olhar que Tom tentará disfarçar.

As portas do elevador se abrem, revelando já o corredor familiar para mim. Em como ele pareceu ser profissional na primeira vez que coloquei meus pés na empresa do Sr. Haltender.

Agora ele se transformou no meu Sr. Haltender, sua mesa se transformou na minha cama e sinto tesão ao me lembrar de quando o seduzi de noite, na empresa. Piso firme, caminhando lentamente e ouvindo o salto mais alto que o normal ressoar pelo corredor.

Viro o corredor, e duas cabeças ruivas se levantam. Ana e Mônica. Sorrio, e ambas arregalam os olhos. Ana abre a boca em um perfeito círculo, e sorrio ainda mais, adorando a sensação.

—Ali — Ana murmura, e passo por sua mesa.

—Oi Ana — murmuro de volta, e Mônica finge uma tosse.

—O que está acontecendo, que eu não estou sabendo? — Mônica pergunta séria, e Ana semicerra os olhos, desviando o olhar para a outra secretária. Sento na minha cadeira, ligando o

notebook, e observo o olhar de Mônica em mim.

—Não está sabendo? — Ana pergunta surpresa e deixo o sorriso desaparecer aos poucos. Ela volta a me olhar acusadoramente — me disseram que viram ela e nosso Sr. Haltender — nosso Sr. Haltender, Ana? Meu Sr. Haltender. Meu Tom — em uma festa, sábado. E Alice não teve a capacidade — ela fala lentamente, me censurando — de nos contar que estava voltando com o homem mais enlouquecedor.

—Ana — corto ela, tentando esconder o sorriso, e Mônica abre a boca, pasma.

—Como assim, vocês voltaram e você não nos contou, Alice? — Mônica se exalta, e bate as mãos na mesa, se levantando. Coloco a mão na frente da boca, escondendo o riso, e nego com a cabeça.

—E qual obrigação eu tinha de contar? — meu lado escuro fala antes de mim. Mônica me

fuzila com os olhos.

—A obrigação de nos contar que está transando de novo com — Mônica começa a falar, e inesperadamente a porta da sala de Tom se abre. Ana dá um pulo da cadeira, escondendo o sorriso, e passa uma mão nos cabelos ruivos, deixando os olhos percorrerem o corpo de Tom, escondido pela roupa.

As bochechas de Mônica ficam da cor dos seus cabelos, e ela se senta veemente, tentando disfarçar. Abaixo os olhos, evitando contato visual com Tom propositalmente, por alguns segundos, e sinto seus olhos em mim, discretos.

Sorrio levemente, e levanto a cabeça, encontrando seus olhos ferozes em mim. Tom não está conseguindo disfarçar, e meu lado escuro está triunfante. Os olhos de ambas as secretárias estão em nós, e percebo o desconforto de Tom. Ele retesa a mandíbula, e vira o rosto, encarando Ana, que

permanece surpresa.

—Ah — ela gagueja — Sr. Haltender — e completa a frase, tentando se concentrar. Tom caminha na direção da sua mesa, e entrega alguns documentos que estavam em sua mão desde que saiu da sala. Mordo o lábio inferior, apenas observando, e Tom começa a caminhar de volta para a sala, parando repentinamente na porta.

—Não transfira nenhuma ligação para mim hoje — ele diz autoritário, sem olhar para trás, e fecha a porta. Mônica abre a boca, e Ana se abana, rindo.

—Alice, vou continuar insistindo em saber como ele é na cama — Mônica sibila, e sorrio irônica para ela.

—E vai continuar querendo saber, apenas isso — respondo sem grosseria. Ana joga os cabelos para trás, e se levanta, caminhando na minha direção. Ela aponta o dedo para mim, séria.

—Você vai nos contar ao menos quem pediu para voltar — ela exige, e dou de ombros, rindo.

—Não houve alguém, Ana. Apenas — hesito, tentando encontrar alguma palavra que descreva, mas nada surge na minha mente — apenas aconteceu.

—Apenas aconteceu, Alice? — Mônica repete minhas palavras, irônica, da sua mesa — apenas acontece você transar com o seu ex quando você não encontra outra pessoa, ou esbarrar em um homem que transou bêbada, e na hora achou maravilhoso. Não acontece em cada esquina você se envolver com Tom Haltender, acabar e voltar a se envolver. Se acontecesse, eu não estaria conseguindo sentar hoje.

Franzo a testa, sem saber o que dizer com a expressão de Mônica, e meu lado escuro se contorce para evitar contar sobre como realmente,

se deixar Tom usar a força, poderá ficar difícil.

Mordo o lábio, para segurar a risada, e nego com a cabeça.

—Apenas aconteceu — repito — concordamos em tentar novamente.

Ana arregala os olhos, e dá uma risada.

—Por que um homem desses não concorda comigo também? — ela pergunta retoricamente, e sorrio. Me levanto da mesa, observando Ana parada de frente para mim, e contorno a mesa.

—E falando nele, eu preciso conversar com ele — murmuro, passando por Ana, e sinto seus olhos me fuzilarem.

—Conversar? — Mônica diz sugestivamente, e eu a encaro séria. É, realmente conversar, e provocar, certamente. Quero enlouquecer Tom, como ele fez comigo, e depois deixá-lo torturado na vontade. Ele terá o troco devidamente dado aqui na empresa.

—É, conversar — afirmo, e seguro a fechadura da sua sala, dando dois pequenos toques na porta. A abro, espiando para dentro da sala. Tom levanta lentamente a cabeça, desviando os olhos da tela do notebook para mim. Meu corpo inteiro arrepia ao fixar o olhar nos olhos azuis escuros, ferozes, e dou um passo para dentro da sala, sentindo o vestido preto torneando meu corpo, de uma forma como nunca me vesti para trabalhar, e sorrio. Fecho a porta atrás de mim, sem tirar os olhos da sua expressão selvagem, e a sala se torna abafada, o ar parece queimar com seu fogo.

Está na hora de mostrar que eu também aprendi a jogar. Está na hora de mostrar que posso usar seu próprio truque contra ele.

—Olá, chefe — falo lentamente, de forma sensual, e minha voz ressoa pela sala. Tom retesa a mandíbula, arqueando uma sobrancelha, e percebo que sabe exatamente a minha intenção.

Tom reconhece o próprio fogo.

—Está precisando de algo, Alice? — Tom pergunta autoritário, tentando não transpassar o tesão pela expressão séria. Sorrio ainda mais, satisfeita por saber que ele está tentando se controlar.

Dou um passo de cada vez, sentindo o salto alto estalar no chão, como uma contagem, e meu coração decide contar junto, cada retumbada ainda mais alta. Meu lado escuro quer que eu avance, que eu mostre o que posso fazer com ele.

Eu quero dominar seu mundo, meu lado escuro quer me dominar, e eu estou deixando cada vez mais.

—Estou — respondo sedutoramente — estou precisando do que você tem.

Tom retesa ainda mais a mandíbula, tentando desviar do desafio, e respira fundo, passando uma mão no rosto.

—E o que eu tenho? — ele pergunta relutante, não resistindo. Sorrio, e enquanto caminho lentamente na sua direção, levanto uma mão, fechando-a com o dedo indicador erguido. Encosto a ponta nos meus lábios, e desço lentamente, roçando no meu pescoço. Tom respira ainda mais fundo, tentando não demonstrar a excitação, e mordo o lábio inferior, deixando o meu dedo descer para o meu busto nu, passando por entre os seios, sob a roupa. Tom arqueia novamente a sobrancelha, e seus olhos azuis escuros, ferozes, seguem meu dedo, que percorre o caminho em linha reta pela minha barriga.

Dou mais um passo, parando na frente da sua mesa, e meu dedo desce até o meu ventre, chegando ao lugar da minha intimidade.

—Você sabe o que tem — sussurro maliciosamente, e Tom retesa a mandíbula, perdendo qualquer controle. Seus olhos me

engolem, e sua expressão devassa expressa exatamente o que Tom é. Fogo. Sexo. Quente.

Tom levanta uma mão, afrouxando bruscamente a gravata, sem tirar os olhos de mim, e encosta toda as costas na cadeira.

—Alice — ele sussurra com sua voz rouca, me arrepiando — não faça isso neste momento. Estou ocupado, estou resolvendo assuntos da empresa.

É, está Tom? É exatamente este momento que eu quero.

Me inclino, empinando a bunda para trás, e apoio as mãos na mesa, deixando o decote discreto mais visível.

—É? — pergunto fingindo inocência, e levanto as sobrancelhas, passando o dedo indicador pelos lábios — assuntos muito importantes, chefe? — sussurro maliciosamente — muito importante para não interrompê-los e me deixar sentir você na

minha boca? — meu lado escuro me faz falar algo que não estou muito acostumada. E por incrível que pareça, a sensação é ainda mais libertadora. Merda, estou amando meu lado escuro cada vez mais.

Tom abre a boca o suficiente para eu saber que está surpreso. Permaneço séria, encarando-o, e ele puxa ainda mais o nó da gravata, negando com a cabeça.

—Vou está fazendo de propósito — ele murmura — você quer me deixar louco aqui.

Nego com a cabeça, tentando controlar o sorriso, e sugo meu dedo, encarando-o.

—Fazendo o que, meu Tom? — pergunto maliciosamente, me inclinando mais até apoiar os cotovelos na mesa, de frente para Tom — só estou pedindo para você me deixar — hesito, e merda, merda. Merda, não vou conseguir controlar meu lado escuro — chupar você.

A expressão de Tom se torna intensamente

selvagem, e seus olhos parecem me penetrar. Tom puxa com força a gravata, arrancando-a do pescoço, e em um soco, empurra a cadeira para trás com as mãos, avançando na minha direção. Antes que eu consiga reagir, Tom agarra meu rosto com as duas mãos, sem controlar a força, e me puxa para frente, batendo meu ventre na mesa.

—Não me faça perder o controle aqui — ele rosna sedutoramente, devasso, e segurando meu rosto para que eu não me afaste, avança contra meus lábios, colando-os com os dele. Puxo o fôlego, mas no mesmo instante, Tom abre minha boca com a língua, penetrando com urgência. Sua língua explora minha boca com avidez, percorrendo minha língua com a ponta da sua, quente, molhada. Gemo contra seus lábios, sentindo suas mãos cada vez mais firmes, me puxando, e ele geme.

Uma de suas mãos desce abruptamente para os meus seios, e ele o aperta com força.

—Tom — gemo, e empurro seu corpo para trás, afastando-o. Tom me olha aturdido, em puro desejo, e dou um passo para trás, séria.

—Eu não dei permissão para você me tocar — afirmo, levantando uma sobrancelha, e Tom me fuzila com os olhos.

—E eu preciso de permissão? — ele rosna, apoiando as mãos na mesa. Sua expressão intensa mostra o quanto está devastado de tesão. Sorrio lentamente, assentindo.

—Dentro da sua empresa, precisa — eu sussurro — aqui sou sua estagiária, chefe.

Tom levanta as sobrancelhas, e ri roucamente, negando.

—Aqui você continua sendo minha, Alice — ele afirma autoritário, com os olhos azuis escuros, penetrantes, em mim. Tom começa a desabotoar o colarinho, e meus olhos vagam pelo seu pescoço nu — em todo lugar, você é minha —

ele diminui o tom de voz, e seus dedos ágeis começam a descer para os botões abaixo, desabotoando a camisa social. Respiro fundo, sentindo meu corpo inteiro esquentar, inflamar e explodir — em todo momento, você é minha, e sempre será, Alice — seus dedos chegam no último botão, e a camisa se abre, revelando seu peito nu, definido, irresistível — e eu sempre colocarei meus lábios e mãos em você.

Mordo o lábio inferior, e desço com os olhos pelo seu peito nu, sem me importar dele ver a fome da minha expressão.

—Só quando eu permitir, Tom — sussurro, voltando a encará-lo nos olhos — aqui você precisará se manter na linha, ou quer que Ana e Mônica, além do prédio inteiro, saibam o que acontece por trás daquela porta?

Tom respira fundo, cerrando os punhos, e retesa a mandíbula.

—Alice — ele parece ameaçar, e sorrio, dando mais um passo para me afastar.

—Sente-se, chefe, e se acalme — sussurro, e começo a caminhar em torno da mesa. Tom me segue com os olhos, enlouquecido — sente-se e me deixe trabalhar — arqueio as sobrancelhas, parando na sua frente — ou aqui não é nosso ambiente de trabalho?

Tom franze a testa, e antes que pense no que irei fazer, dou um empurrão no seu peito, fazendo-o cair na cadeira. Tom ri nervoso, como se temesse entregar o controle dentro da própria empresa. Ele irá me entregar.

Dou um passo na sua direção, e agarro a borda do vestido, levantando-o. Tom retesa a mandíbula, agarrando a borda da cadeira com uma mão e passando a outra na boca, em pura luxúria. Levanto a perna lentamente, e a coloco flexionada sobre a sua, ocupando um pouco da cadeira. Faço o

mesmo com a outra, e sento no seu colo, de frente para ele, com as pernas abertas.

—Porra — ele rosna, abaixando a cabeça e fitando minhas coxas expostas. Suas mãos agarram as laterais dela, com força, e sinto que a pele provavelmente ficará vermelha. Sorrio, pegando as suas mãos, e Tom me encara perplexo.

—Deixe que eu o guie — sussurro devassa, e coloco suas mãos nos meus seios, sob o vestido. Tom morde o lábio inferior, e seus olhos, fixos nos meus, descem para os meus seios. Tom os aperta com força, com as minhas mãos sobre as suas, e rebolo meu quadril, com força, fazendo-o imaginar o sexo.

—Alice — Tom sussurra torturado, devastado de desejo, apertando cada vez mais meus seios, e continuo rebolando lentamente, deixando seu membro roçar nas minhas coxas.

—O que, Tom? — pergunto inocente,

passando as unhas pelo seu peito nu. Tom me encara, com os olhos banhados de luxúria, e sua expressão é selvagem. Meu quadril faz círculos, e subo com uma mão, agarrando o rosto de Tom pelo queixo. Estico os dedos, contornando seu maxilar, e levanto seu rosto ainda mais. Me inclino, empinando a bunda para trás, e mordo seu queixo levemente. Ouço seu gemido, e minha outra mão massageia sua ereção sobre a calça.

—Alice — Tom geme meu nome enlouquecido, e subo com os lábios, roçando nos dele, encarando seus olhos azuis escuros, ferozes.

—Diga, meu mundo do sexo — sussurro para ele, deixando minha respiração bater nos seus lábios. Suas mãos agarram minha bunda, com força, e meu corpo inteiro explode em fogo. A sala parece estar em chamas, e um calor insuportável me invade. O vestido parece apertado, a respiração ofegante e meu coração sobre brasas. Estou

queimando por ele, e a cada suspiro rouco que ouço, me derreto ainda mais. Suas mãos quentes agarram minha bunda nua, e ele a aperta por baixo. Gemo, mordendo o lábio inferior de Tom e puxando-o para mim, desejando seu membro em mim. Meu lado escuro está enlouquecido por ele.

—Mais — ele sussurra — mais, suba em mim, rebole — ele geme — goze para mim.

Sorrio, ainda mais satisfeita, e passo a língua nos seus lábios quentes, seduzindo-o cada vez mais. Seu prazer está entregue para mim. Tom permanece com a cabeça levantada, e desço com a língua pelo seu pescoço, acariciando com a ponta dos dedos sua ereção sobre a calça, sentindo-a quase estourar o tecido. Subo com a língua até seu ouvido, ouvindo sua respiração rouca.

—Mais o que, Tom? Eu quero que você goze para mim, não o contrário — sussurro de forma devassa, e mordo seu lóbulo. Tom rosna, e

agarra meu quadril, puxando meus cabelos para trás. Afasto o rosto do seu ouvido, encarando-o, e seus olhos são ferozes em mim, enlouquecidos.

Tom agarra meus cabelos, bagunçando-os, com violência, e avança contra meus lábios, colando-os nos meus, me engolindo. Sua língua avança contra a minha, prendendo-a na sua boca, sugando com veemência. Arfo contra seus lábios, sentindo seu corpo quente no meio das minhas pernas, suas mãos puxando e bagunçando meus cabelos na raiz, e coloco as mãos no seu rosto, acompanhando seus lábios que me beijam profundamente. Sua língua molhada encosta na minha, envolvendo-a, circulando sua ponta. Tom arfa rouco, enlouquecido, e preciso voltar ao controle, senão acabarei como na noite anterior.

Afasto o rosto do dele repentinamente, e antes que ele raciocine, eu levanto da cadeira, parando de pé na sua frente. Tom franze a testa,

furioso por eu me afastar.

—Volte aqui — ele sussurra, estendendo o braço para agarrar o meu pulso, mas me esquivo, negando com o dedo indicador.

—Você vai se comportar, chefe, senão irei castigá-lo — sussurro de volta, e Tom aperta os braços da cadeira, furioso.

—Porra que eu vou — ele rosna, e sua expressão é selvagem. Dou um passo para trás — vou me enfiar em você até me saciar hoje — ele se levanta, e arregalo os olhos, vendo-o transtornado de desejo.

—Tom — falo firme, levantando uma mão, e dou um passo para trás — pare agora. Me obedeça, senão darei meia volta e sairei por aquela porta — exijo autoritária, e Tom para, me encarando.

—Você não quer? — ele pergunta confuso, levantando uma sobrancelha, e sorrio

maliciosamente, negando com a cabeça.

—Eu quero você inteiro, mas agora — pauso, apontando para a cadeira — você só me terá se for do meu jeito.

Tom rosna, furioso, e se senta novamente. É, exatamente assim que eu quero. Encaro seu semblante devastado, e percebo que ele está lutando contra si mesmo para ceder o controle dentro da própria empresa.

—Você ficará satisfeito — afirmo com um grande sorriso — nós ficaremos satisfeitos.

—Vou ficar satisfeito quando sentir você molhada, junto comigo — ele responde sério, retesando a mandíbula — quando ouvi-la gemer por mais.

—Vamos ver quem irá pedir mais — eu sussurro ameaçadoramente, e agarro a borda do vestido já no meu quadril, subindo-o um pouco mais. Tom desce os olhos azuis escuros, seguindo

minhas mãos, e pego a borda da minha meia calça cor da pele, parada no inicio da coxa, na perna esquerda. Tom levanta uma sobrancelha, retesando ainda mais a mandíbula. Desço a meia calça, empinando a bunda, e tiro o salto, tirando a meia calça. Tom morde o lábio inferior, prazerosamente.

—O que pensa que está fazendo? — ele pergunta com a voz rouca, sedutor. Olho para ele, e sorrio levemente.

—Estou preparando suas algemas — respondo autoritária, e Tom arregala os olhos, um pouco confuso. Agarro a borda da outra meia calça, e desço também, tirando o outro salto e a meia. Seguro ambas as meias nas mãos, esticando-as na frente dos meus seios — estou fazendo-o você se render à mim aqui, e em todo o lugar. Você é meu, e irei mostrar isso.

Tom inclina levemente a cabeça para o lado, e dou um passo na sua direção. Abaixo o

vestido com uma mão, enquanto balanço as meias calças na outra.

—Você sempre quis deixar claro o quanto eu sou sua, o quanto o meu gozo é seu — sussurro desafiadoramente — o quanto meu orgasmo é intenso com você, e realmente, Tom, você me queima, você é o meu mundo do sexo, e cada transa com você, eu me vicio mais.

Caminho em sua direção, lentamente, deixando meu lado escuro dominar. Tom sorri torto, satisfeito, e sua expressão se torna feroz.

—Eu sou sua, mas quero sentir o quanto você é meu, não apenas na cama, mas em qualquer lugar, também — diminuo o tom de voz, me aproximando dele. Tom levanta a cabeça levemente, me seguindo, e contorno sua cadeira. Levanto uma mão, e roço as pontas dos dedos na sua camisa, sobre o ombro, contornando seu braço musculoso, irresistível. Tom vira a cabeça, me

seguindo com os olhos azuis escuros — assim como meu prazer, meu orgasmo está à sua mercê, na cama, em qualquer lugar, eu quero o seu exatamente assim para mim. Quero que você ceda para mim, não só no seu apartamento, mas aqui, agora.

—Você sabe disso — ele sussurra roucamente, exalando desejo, e sorrio, negando.

—Você sempre está no controle, fora da cama, de certo modo. Você sempre me dobra, me faz desejá-lo e depois me mostra que é do seu jeito — sussurro, e meus dedos chegam no seu pulo. Me inclino no seu ouvido, e Tom respira fundo — mas agora não será assim. Agora eu quero seu orgasmo — hesito, e merda, lá vai meu lado escuro — agora sou eu quem quer que você goze para mim, que se perca. Agora eu quero que você se entregue realmente, dentro da sua própria zona de conforto — e assim que sussurro, fecho a mão no seu pulso

e o contorno com uma meia calça. Tom arregala os olhos, fixando-os na meia, e dou mais uma volta, prendendo o seu pulso na cadeira com a abertura embaixo.

—Porra — ele fala assustado, e me encara — o que está fazendo?

—Eu quero você à minha mercê, Tom — sussurro, acariciando seu pulso — eu quero sua entrega. Eu quero você sem conseguir dominar aqui.

Tom ri nervoso, e seus olhos percorrem a sala por um momento. Percebo o seu receio, e sorrio, contornando a cadeira por trás. Meus dedos trilham um caminho pelo seu pescoço quente, e chego em seu outro braço. Ele vira o rosto, me encarando.

—Alice, me solte — ele pede sério, e nego com a cabeça.

—Do que você tem medo, Tom? Você já

me deixou amarrá-lo na cama, qual o problema de ser em outro ambiente? — pergunto, levantando a cabeça, e chego ao seu outro pulso, agarrando-o. Tom retesa a mandíbula, e fecha os olhos.

—Na cama eu sei que mesmo assim, estou no controle, de certo modo. Mas aqui, assim — ele sussurra, e hesita — eu sempre estive no controle.

—Por isso mesmo. Ceda, experimente estar à minha disposição, sem controlar meus atos. Experimente não saber o que fazer — murmuro lentamente, e passo a meia pelo seu pulso, duas vezes, fazendo um nó — experimente se entregar no lugar onde sabe mandar, de uma forma que fique imóvel, sem reação.

Ele abre a boca, mas percebo que está lutando contra o desejo de provar. Ele fecha os olhos, e sorrio, me afastando um pouco. Encaro Tom, meu homem quente, sentado, com os pulsos amarrados nos braços da cadeira, imóvel. Seu peito

nu, definido, está à mostra pela camisa social aberta, seu cabelo loiro está bagunçado, e sua expressão é de puro tesão. Ele abre os olhos penetrantes.

—E o que irá fazer? — ele sussurra desafiadoramente, e sua voz rouca me arrepia. Vou fazê-lo provar o que me fez ontem.

—O que vou fazer, Tom? Vou transformar sua sala no meu palco, e irei fazê-lo gemer até implorar que eu rebole em você — sussurro — vou mostrar que aprendi muito bem com você.

Tom ri roucamente, nervoso. Caminho na sua direção, e me ajoelho no meio das suas pernas. Coloco as mãos sobre suas coxas, e sorrio.

—Agora seu prazer vai estar à mercê das minhas mãos — sussurro devassa, e coloco as mãos no botão da sua calça, abrindo-a. Tom levanta uma sobrancelha, retesando a mandíbula, e mordo o lábio inferior, abrindo o zíper da sua calça — ou

melhor, da minha boca.

—Porra, Alice — Tom rosna, tentando levantar as mãos, mas as meias o deixam balançar a cadeira apenas — não me torture, não — sua voz rouca morre, e ele suspira.

—Não o que, Tom? — pergunto autoritária, exatamente como ele faz comigo, e Tom respira fundo — não quer minha boca aqui? — pergunto, e minha mão entra por dentro da calça, agarrando sua ereção grossa sobre a cueca. Tom fecha os olhos, torturado de prazer, e assente lentamente.

—Quero — ele confessa — porra, como quero sua boca no meu pau — ele se rende, abrindo os olhos e me encarando ferozmente — quero — ele repete, como se estivesse perdido, e deita a cabeça na parte de cima da cadeira, apoiando-a — você está me fazendo perder qualquer senso, qualquer lucidez. Estou na porra da minha empresa,

e implorando para você me chupar.

—Você não tem o total controle sobre mim, nem na cama, nem aqui — sussurro, e agarro a borda da sua cueca preta, puxando-a para baixo. Tom suspira roucamente, e abaixo sua cueca um pouco, junto com a calça, deixando seu membro ereto, duro, pular para fora. Sorrio, satisfeita por ver sua ereção pulsante, e Tom cerra os punhos. Agarro a base com uma mão, encarando seu rosto devastado — eu não tenho total controle sobre você, mas agora estaremos de igual para igual. Se você me castigar, eu castigarei você. Se eu gozar, quero que goze comigo.

—Você irá competir comigo? — ele pergunta surpreso, com a voz arrastada de tesão, e sorri um pouco irônico — você sabe que irá perder, Alice. Eu sempre consigo deixar você molhada e enlouquecida para transar comigo.

—E você não? — pergunto, semicerrando

os olhos. Tom morde o lábio, e assente.

—Você sabe que sim — ele responde, e aperto a base do seu membro. Tom geme, levantando a cabeça, sem tirar os olhos de mim — você sabe que sim — ele repete, com a voz rouca arrastada — mas eu me controlo, eu venço você na sedução.

Arqueio as sobrancelhas, sentindo o desafio, e nego com a cabeça.

—É? — pergunto irônica — mudaremos isso.

Tom ri, ainda mais nervoso, e percebo que está exatamente pelo fato de estar amarrado, ameaçado, em sua zona de conforto, sentindo que está se rendendo. Meu lado escuro está em êxtase.

Seguro seu membro erguido, grosso, sem tirar os olhos do rosto ansioso de Tom, e abro a boca, passando a língua lentamente pela base dele, subindo até a glande. Tom geme, retesando a

mandíbula, e joga a cabeça para trás, sem tirar os olhos de mim.

—Alice — ele geme — me solte, me deixe — ele sussurra, e a voz desaparece antes de completar a frase. Sorrio, satisfeita, sentindo seu membro grande ter leves espasmos na minha mão, de prazer. Desço com a língua novamente, e passo levemente os dentes perto da base. Tom geme, cerrando ainda mais os punhos, sem se controlar.

—Não quer que eu continue, Tom? — pergunto, subindo novamente com a língua. Tom me encara, em torpor de gozo, e assente, mordendo com força o lábio.

—Quero, quero que me chupe, que me faça gozar — ele confessa — e que me deixei tocá-la.

Sorrio, negando com a cabeça, e paro com a boca sobre a ponta do seu membro. Encaro ele, retribuindo seu olhar feroz.

PERIGOSAS NACIONAIS

—Estou tão molhada como minha boca — sussurro, e a abro, abocanhando o que eu consigo do seu membro. O sugo, subindo lentamente.

—Ah — Tom geme, retesando a mandíbula, e seu semblante expressa a devastação de prazer que sente. Ele está enlouquecido, ansiando por mais. Subo com os lábios até sua glande, sugando-a, e passo a língua ao redor, sentindo seu membro saltar cada vez mais. Tom geme profundo, em um rosnado rouco que me arrepia, me deixando extremamente molhada, ansiando por mais. Meu corpo inteiro está em chamas, e meu lado escuro está afundando em prazer, em gozo por saber o prazer que Tom sente na minha boca. Por saber que está se rendendo totalmente, não só na cama.

-Está gostando, chefe? — pergunto maliciosamente, deixando minha respiração bater na sua pele, e Tom revira a cabeça, perdido,

PERIGOSAS ACHERON

devastado.

—Estou amando — ele geme arrastado, roucamente, e abocanho novamente seu membro, sugando-o com muita força. Tom está rendido, está entregue, e irei provocá-lo até deixá-lo no fogo como fez comigo. Desço pela sua extensão, sugando-o, até onde consigo, e subo novamente, começando a fazer um movimento de subir e descer. Tom geme, tentando se controlar, e agarra a cadeira, tentando levantar os punhos, mas sem conseguir. Seu gemido, chamando meu nome, se transforma em suspiros roucos, e sua expressão selvagem revela a urgência dele — mais — ele geme, e aumento a velocidade e força. Minhas mãos me acompanham, subindo da base até a glande. Seu membro parece esquentar mais, me deixar ferver, e a sala parece em chamas. Meu coração está acelerado, e assim como ele está ofegante, eu também estou. Tê-lo na minha boca,

controlando seu prazer, me deixa devastada de prazer, em um gozo sublime. Tom franze a testa, gemendo profundo, e sinto seu membro prestes a explodir, em grandes espasmos.

Meu lado escuro irá colocar em prática o que planejo. Sugo com mais força, passando a língua pela cabeça do seu membro, e pressiono os lábios. A expressão de êxtase do seu rosto mostra que ele está prestes a atingir o orgasmo, e então afasto meus lábios do seu membro, fitando seus olhos ferozes. Subo sua cueca, deixando o grande volume.

—Meu trabalho está feito — sussurro maliciosamente, e Tom arregala os olhos, torturado.

—Como assim? — ele rosna arrastado, e sorrio, me levantando. Passo o dedo pelos seus lábios, e aproximo o rosto do dele, observando cada poro do seu rosto divino.

—Estou castigando você pelo que me fez ontem, e aqui, quando eu atravessar aquela porta, não poderá fazer nada. Ficará em tesão, dentro dessa sala, imaginando o quanto eu poderia estar molhada, do outro lado da porta — sussurro de forma devassa, e Tom retesa a mandíbula.

—E você estará sabendo o quanto eu estou duro e excitado aqui dentro da sala — ele responde em uma fúria de luxúria. Sorrio, e passo lentamente a língua sobre seus lábios macios, úmidos e quentes. Terrivelmente sedutores.

—Mas é exatamente isso o que eu quero — respondo zombeteira — quero saber que você está louco aqui dentro, tendo que trabalhar e acalmar esse tesão e essa vontade de transar comigo.

Tom respira fundo, forçando os pulsos, e agarra meu lábio inferior com os dentes. Me afasto, segurando seu rosto pelo maxilar.

—Você me pagará por isso, Alice, e não será do modo de sempre — ele ameaça sedutoramente. Sorrio, assentindo.

—Estou contando com isso, meu Tom — respondo firme, e fico de pé na sua frente. Ajeito o vestido, ainda na sua frente, e passo os dedos sobre os lábios, indo para os meus cabelos, desarmando-os. Tom observa tudo fascinado, inebriado de prazer, e caminho até os meus saltos, calçando-os.

—Você realmente irá fazer isso? — ele pergunta baixo, e o encaro sobre o ombro, sorrindo.

—Vou, mesmo eu estando muito molhada — sussurro, e coloco as mãos na bunda — desejando suas mãos aqui.

Tom retesa a mandíbula, absorto em desejo, e tenta forçar os nós novamente. Caminho na sua direção, e agarro seu pulso esquerdo.

—Agora iremos voltar a trabalhar — afirmo, e puxo o nó, pegando a meia de volta. Tom

agarra meu quadril, me puxando para ele, e coloco as mãos no seu peito nu, afastando-o com força — fique sentado — ordeno, e Tom me fuzila com os olhos. Me afasto, escapando da sua mão, e deixo a meia calça cair no chão. Caminho para longe, contornando a mesa, observando ele começar a tirar a outra meia do pulso. Paro de frente para ele, do outro lado da mesa, e Tom levanta a cabeça, me encarando com os olhos azuis escuros, ferozes.

—Bom trabalho, chefe — sussurro sensualmente para ele, e me viro, caminhando em direção à porta. Tom arfa, enlouquecido de desejo, e segue meu quadril, que rebolo de um lado para o outro, propositalmente. Paro perto da porta, e o encaro sobre o ombro — espero que pense em como eu estou molhada, e em como eu poderia estar rebolando em você.

Ele levanta uma sobrancelha, retesando a mandíbula, já com o outro pulso livre.

—Você sabe que quando eu estiver à sós com você, hoje à noite, não deixarei você respirar. Você saberá que sobre o sexo, eu ganho de você, minha Alice. Irei sentir seu gosto lentamente até você me implorar para eu me enterrar em você. Acho que você não conhece o suficiente do sexo para competir comigo — Tom me desafia. Sorrio maliciosamente, e pisco para ele.

—Me ensine então, chefe — sussurro, e me viro de costas para ele, antes que Tom responda. Abro a porta e saio da sala, fechando-a atrás de mim. O calor permanece no meu corpo, insuportavelmente, desejando sentir Tom inteiro em mim, mas meu lado escuro está satisfeito.

Levanto os olhos, encontrando os rostos perplexos de Ana e Mônica.

—O que aconteceu lá dentro? — Ana pergunta curiosa, com um sorriso sugestivo. Respiro fundo, séria, e caminho até a minha mesa.

—Nada — murmuro.

—Nada? E essa demora toda, Ali? — Mônica pergunta de forma suspeita, semicerrando os olhos. Permaneço olhando a tela do notebook.

—Apenas assuntos importantes — respondo séria, tentando cortar qualquer pergunta, e ouço a risada de Ana, mas ambas percebem que permaneço séria, e que não conseguirão puxar conversa. Não deixarei nada transparecer, que tudo fique na imaginação delas.

E meu lado escuro está confiante em relação à isso.

Eu estou confiante, e depois de hoje, parece que a conversa de sábado está muito distante, que Antonella realmente está no passado, independente dos negócios ou não.

Volto a atenção ao trabalho, conseguindo acalmar meu tesão, e aos poucos o calor se dissipa. Meu lado escuro continua intenso.

Algumas horas se passam, e Tom permanece dentro da sala. Sorrio ao pensar em quanto ele permaneceu excitado e furioso pelo castigo que recebeu, e estou mais do que satisfeita.

Ouço meu celular vibrar, e o pego dentro da bolsa, discretamente, sentindo os olhares em mim. Ligo a tela, tentando imaginar se é Tom, Dana ou Gabriel. Ou ainda Ed, depois do sumiço.

Mas um número estranho aparece na tela. Franzo a testa, curiosa, e levanto os olhos para encontrar Ana e Mônica tentando disfarçar que estão me encarando. Volto os olhos para a tela, e abro a mensagem.

Olá, Alice. Muito prazer, sou Antonella. Acredito que nunca tenha ouvido falar de mim, mas eu já ouvi falar de você, e preciso admitir que despertou uma certa curiosidade. Curiosidade o suficiente para eu quebrar meu afastamento, e fugir do meu retiro, para entrar em contato direto

com você e conhecer a mulher que está com o homem da minha vida.

Devo dizer que ele entrou em contato comigo, mas eu o recusei? Estou em dúvida se respondo suas mensagens ou não, você pode me aconselhar? Estou ansiosa para conhecê-la, e ver o quanto Tom pode estar errado, muito errado.

Estou sendo impertinente, ao entrar em contato com você, mas compreenda, Tom é o meu homem, sempre foi, e sempre será, independente se já não estamos mais juntos. Eu tentei, realmente, esquecê-lo, mas ele retornou para a minha vida desde a semana passada, entrando por iniciativa própria, e depois de me contatarem e contarem sobre suas ligações, me questionei se eu realmente estava certa esses anos todos, tentando esquecê-lo. Isso mostra que não, que por mais que eu tentasse esquecê-lo, ele retornou à mim.

Deixe-me perguntar. Ele está feliz com

você? Ele está confortável com você? Tom consegue ser ele mesmo com você?

E você, Alice, está lidando bem com a intensidade que Tom pode ser, às vezes? Tenho a impressão que você deve ser puritana demais, e se você não conseguir acompanhá-lo, precisará ceder o lugar.

Você confia em si mesma?

Estou à frente da minha empresa, que por sinal é uma das parcerias mais lucrativas da empresa de Tom. Acho que me considero uma mulher de sorte.

Estou ansiosa para negociar com Tom.

Se conhece um homem bem não apenas no sexo, não é verdade? Se bem que para Tom, sexo é um grande vicio.

De Antonella DuVon.

Meu coração para, e sinto o ar fugir dos meus pulmões. Meu lado escuro está encarando

fixamente a tela do meu celular, e as palavras vagam pela minha cabeça. Um suor frio percorre minhas mãos, se alastrando pelo meu corpo, e respiro fundo, puxando o ar.

Merda, Antonella não está mais negando o sentimento, e agora não parece ser algo tranquilo.

Meu lado escuro grita que Tom é meu, e sim, sou confiante o suficiente para encará-la. Meu coração volta bater, e uma fúria surge dentro de mim. Como ela conseguiu meu número? Quem ela pensa que é.

Vou respondê-la à altura, e mostrar que a puritana que ela acredita que eu sou, irá deixá-la no devido lugar dela, mesmo antes de conhecê-la. Não vou fugir ou me sentir ameaçada, como fiz com Eva. Se Antonella quer meu conselho, deixarei meu lado escuro dar.

Abro a caixa de mensagens para digitar, mas uma nova mensagem surge na tela, de um

número familiar. Franzo a testa, tentando disfarçar meu espanto, e meu lado escuro fica ainda mais furioso. Leio a mensagem.

Alice. Preciso que faça algo por mim. Entre em contato com Antone, peça que não deixe nada acabar, apenas diga isso. Voltarei em breve. Voltaremos em breve. Não pergunte, não peça nada para Antone, e não o deixe acreditar que estamos na Rússia. Não estamos mais. Apenas diga isso para ele. Faça o que achar certo.

Anya.

Arregalo os olhos, sem acreditar, e por um momento, o meu coração desiste de bater novamente, eu estou sem reação.

Ainda no domingo de madrugada, após Anya sair do apartamento de Alice.

Anya sentiu seu corpo inteiro gelar, lentamente, enquanto seus olhos procuravam algum movimento na sala da grande mansão. Ela sabia que Enzo estava lá, por causa do seu carro.

Mas sabia que não eram mais o Enzo que conhecia, de certa forma. Ele se perdeu, ela se

sentia perdida, e porra, nada parecia consertar. Gabriel, aquele menino inocente, a havia feito esquecer do homem que amava, mas apenas por um momento. Um momento em que ela não se lembrava quem era, as experiências que carregava, por causa de um homem calmo, por causa de um uísque de Antone. Cerrou os punhos, sentindo as lágrimas ameaçarem surgir novamente, mas não iria mais chorar, não mais. Ela precisava ser forte, e se Enzo iria afastá-la, ela também iria afastá-lo. A merda já havia sido feita, aquele maldito russo havia sido morto, e Enzo culpado pela morte perante os Vors, tendo seu cargo de chefe posto em xeque.

Exatamente como Anya quis, antes de perder o controle.

Anya começou a subir as escadas, lentamente, sentindo o corrimão de madeira, grosso, gelado, acompanhando seus passos em uma

contagem, e alcançou o topo da escada. Precisaria estar preparada para encarar os olhos enlouquecidos de Enzo Lehanster. Os olhos enlouquecidos do seu irmão, que talvez estivesse afastado para o resto da vida.

Ela engoliu em seco, contando em silêncio seu maior medo. Não ver nenhum resquício de sedução ou desejo nos olhos verdes dele. Ela temeu isso quando viu a loucura em sua expressão ao encontrá-la com Gabriel. Nunca imaginou que Enzo subiria, e quando percebeu que ele estava lá, sabia que iria fazê-lo ultrapassar qualquer limite. Sabia que já havia perdido-o, mas após ficar cara-a-cara, seminua, nos braços de outro, naquele momento, talvez não houvesse nem considerações.

Anya respirou fundo, e chegou ao topo das escadas, fitando o corredor escuro, estreito, da grandiosa mansão Lehanster. Era muito dinheiro, era muito poder, e os cantos escuros daquele

corredor, com um tapete persa, bordo, parecia sussurrar as fodas que teve com seu irmão naquele lugar. A história que se passava lentamente pelos olhos dos três Lehanster, e os espelhos, as paredes, pareciam murmurar até onde eles iriam. Qual o limite para eles?

Mas não existia limites, Anya pensou, e fechou os olhos, respirando fundo. Todos os limites eram ultrapassados por eles.

Ela também ultrapassou quando fodeu com aquele russo, não apenas uma vez. É, ela chegou ao extremo e levou Enzo junto. Não que ele se importasse com quem ela fodia. Armando continuava como submisso, mas a grande merda foi se envolver com o russo. Enzo havia pedido para ela se manter longe dele, para não se envolver com mais nenhum Vor.

Para Enzo, a loucura seria se ela voltasse a se envolver com o maldito russo, e Anya sabia

disso. Isso seria a aposta final dela para usar contra o cargo que Enzo ocuparia, mas não imaginou que ele perdesse o controle. O controle que ela lutava tanto para ter.

Abriu os olhos, e seus olhos percorreram o corredor, parando lentamente na porta escura do quarto de Enzo. Ele estava lá dentro, e a grande pergunta surgiu em sua mente. O que ela encontraria quando entrasse?

Enzo abriu os olhos, fitando o vidro escuro da janela, escondido pela cortina pesada, escura. Fechou-os novamente, sentindo o corpo tremer pelo calafrio, ao se lembrar das últimas palavras de Vladmir.

Porra, como ele poderia ter acertado? Como tudo havia escapado das suas mãos?

Enzo abaixou a cabeça, sentindo os braços começarem a doer, retesados pela força que fazia, ao mantê-los esticados, apoiando as mãos na

bancada escura, de frente para a janela. Não sentia frio, mesmo estando apenas de cueca preta. Não sentia porra nenhuma, e por um momento, não sentiu mais amor.

Sua respiração se tornou acelerada e alta, e ele visualizou mentalmente a mulher que tanto desejou, enrolada na porra de um lençol, depois de foder com um homem que nunca viu. Não que Anya fosse monogâmica com ele, Enzo riu irônico, pensando. Não, não havia isso entre eles, mas porra, depois do que ela fez, do que pediu, ele nunca esperaria isso dela, por mais que houvesse sido avisado, não apenas uma vez.

Ele sentia possessividade, de certo modo, e só conseguia se contentar em saber que ela transava com quem ele, de certo modo, poderia permitir. Mas agora, ele queria que ela voltasse a sofrer, que ela fosse embora. Ele queria agarrar aquele grande filho da puta que encostou nela, depois do que

Anya fez, e estrangulá-lo lentamente. Sentir as veias saltarem, a respiração lenta, os olhos fugindo do foco e o choro.

Enzo retesou a mandíbula, lembrando das palavras de Nicolai. É, ele poderia não ser a porra de um Vor, mas o sangue estava lá, o início das tatuagens, e a fúria implacável de não conseguir raciocinar nem diante da morte, do assassinato.

Enzo abriu os olhos, balançando a cabeça. Ele iria caçar esse filho da puta, chamado Gabriel, até o inferno, e quando colocasse as mãos nele, a tortura que sofreu há oito anos se tornaria fraca.

Enzo respirou fundo, e soltou a bancada, dando dois passos firmes para trás, com os pés frios. Ele se virou, e encarou o grande espelho na parede ao lado da porta. Seus olhos perscrutaram as feições devastadas. As lágrimas estavam secas, e seus olhos verdes pareciam animalescos, contrastando com os cabelos loiros.

PERIGOSAS NACIONAIS

Seus olhos desceram para o pescoço nu, e ele fitou a fina corrente de ouro, dada por Anya. Ele levantou a mão, e a agarrou, arrancando-a do pescoço. Seu olhar desceu para o peito nu, e de certo modo, ele se sentiu reconfortado por estar vazio, sem nenhuma tatuagem ali.

Se Anya não tivesse feito o que fez, talvez houvesse uma rosa-dos-ventos ali, um maldito símbolo dos Bratva. Enzo levantou as mãos, furioso, e passou pelos cabelos, fitando as costelas definidas, a barriga definida. Uma tatuagem preta atraiu seu olhar, no meio da barriga, e ele retesou a mandíbula. A maldita tatuagem que simbolizava os dias que ficou preso naquela prisão russa.

Se lembrou de anos atrás, quando Nicolai, então seu amigo, se apresentou, e nu, apontou cada tatuagem que possuía. É, não era uma catedral tão grande quanto a dele, mas era um crucifixo, com as pontas retangulares, simbolizando que entrou na

PERIGOSAS ACHERON

pior cárcere que poderia entrar. Abaixo das pontas laterais, uma caveira estava desenhada, do lado direito.

Seu primeiro assassinato. Domênico. Uma outra caveira estava desenhada no outro lado, seu segundo assassinato.

Enzo fitou os ombros, respirando fundo, e por um momento, sentiu alivio ao não ter aquelas ombreiras que Nicolai possuía. Fechou os olhos, e se virou de costas, caminhando para a cama.

O espelho refletiu a grande tatuagem nas suas costas, um P maiúsculo, ocupando praticamente todas as costas, quase ombro a ombro, até o final da lombar. O primeiro P, e o P que escondeu o que ele recebeu por Anya.

Enzo colocou os joelhos na cama, desarrumando o lençol preto, e deitou, se arrastando. Sua expressão de fúria parecia transfigurá-lo, e seus olhos se fixaram no teto do

quarto. Ele iria matar Gabriel, e receber o que os Bratva haviam decidido.

Anya poderia ser a grande culpada, de certo modo, mas o sangue estava novamente nas suas mãos, não nas mãos dela, por mais que os Bratva quisessem puni-la também, por mais que ela tenha levado-o a assassinar o homem que poderia ocupar o posto de chefe, caso Enzo não existisse.

Mas foi ele quem matou, friamente. Enzo respirou fundo, colocando os braços cruzados atrás da cabeça, e se lembrou do russo de pé, na sua frente. Do sangue escorrendo, mas da promessa de nunca se ajoelhar, ele era um maldito Vor.

Ele iria voltar para a Rússia, pensou, e talvez não saísse de lá vivo, porque iria carregar a culpa sozinho, independente se Anya o levou ao extremo. E ele precisaria manter Antone na linha, precisaria fazê-lo diminuir a bebida, e pedir para Eva controlá-lo.

E Anya. Porra, Enzo pensou, fechando os olhos. Ele sentia desprezo por ela, por Anya ser a mulher que o enlouqueceu. Anya foi a única mulher que ele tentou desesperadamente dominar, mas sem conseguir totalmente. Foi a única mulher que realmente desejou ter a submissão, mas também foi a única que não conseguiu. Era uma grande disputa de poder contra ele, e nenhum dos dois poderia ceder.

Enzo respirou fundo, e se lembrou de noites anteriores. Anya havia cedido quando o encontrou naquele estado. Ela cedeu porque sabia que isso iria salvá-lo.

Mas porra, pensou, ao salvá-lo, o destruiu novamente, e agora, depois de amá-la, sentia ódio por sentir esse sentimento, por continuar amando-a, mesmo sabendo que ela era fria, que ela o destruiu, e depois de implorar seu perdão, fodeu com um desconhecido.

Enzo cerrou os punhos atrás da cabeça. Ele sabia que ela fodeu com o russo para tirá-lo da Máfia, para acabar com o seu envolvimento, mas não contou que isso o deixaria desestruturado.

Ele amava-a por ser igual a ele, lutar contra poder e sedução, e a odiava-a por não conseguir controlá-la ao mesmo tempo, por ela ter levado-o ao extremo.

Enzo riu irônico, se lembrando de todas as outras merdas que aconteceu por causa deles. Quando ele e Anya não iam ao extremo, e levavam as pessoas ao redor junto? Era algo intenso demais, que parecia uma intoxicação que nunca passou. E ele amava essa sensação que chegava a ser doentia.

Fechou os olhos, e se lembrou das noites anteriores, quando Vladmir o chamou, sabendo que não escaparia da morte. De como deixou claro que não haveria escapatória, e depois da promessa de anos atrás, os Bratva iriam cobrar dele. Se lembrou

de como voltou para a cidade arruinado, desejando largar a empresa, os Lehanster, a porra de tudo.

Mas Anya estava lá, esperando-o, algo que nunca imaginou, e quando viu seu estado, sua expressão, insistiu, investigou e o tirou do sério, fazendo-o assumir o controle na força, e permitiu submetê-la na cama, com o objetivo de fazê-lo contar.

Anya sempre tem segundas intenções. Nada é feito sem um plano, pensou, e retesou a mandíbula, se lembrando do desespero dos olhos dela, ao ouvir dos lábios dele o que aconteceria. Anya viu que ele iria embora, que ela iria, de certo modo, perder o que quer que eles tivessem.

Anya se perdeu naquele momento, Enzo pensou, furioso, retesando a mandíbula o suficiente para o seu maxilar doer. Ela pediu para ele, algo que nunca fez.

E ao perder o controle, desapareceu por um

dia. E quando descobriu onde estava, a caçou, a encontrou com aquele maldito, e o matou, se perdendo também. Anya voltou a pedir, voltou a deixar mostrar sua dor, pela primeira vez, mas ele já havia enlouquecido. O controle da situação havia desaparecido, e ele sabia, pensou, que depois se seguiu a discussão, onde tudo acabou. Anya havia destruído-o, mas de certo modo, depois que ela discutiu com ele, que chorou e despareceu com as garrafas de Antone, Enzo acreditou que ela iria se encolher em algum canto, que iria se manter quieta, sofrendo e sentindo tudo o que aconteceu.

Mas isso não era do feitio de Anya, não, pensou.

E depois aquele menino que nem deve saber usar o pau, fodeu com Anya. Ela não merecia mais nem estar na mesma casa que ele, mas Anya era uma Lehanster, e ele jamais poderia expulsá-la.

Respirou fundo, sentindo o corpo cansado, a

sensação de peso. Ele iria para a Rússia, iria ser punido novamente, e talvez morto, mas era preciso. Uma agonia parecia invadir seu peito, ao lembrar dos anos que haviam se passado, do convívio com Anya, e como tudo acabou.

Enzo ouviu um clique na fechadura, e abriu os olhos animalescos, descendo lentamente o olhar e fitou a porta escura. Esta lentamente se abriu, deixando a claridade entrar, e o vulto de uma mulher surgiu. Enzo respirou fundo, ciente de quem era, e desviou o olhar.

—Não se atreva a entrar aqui, Anya — sua voz grossa ressoou pelo quarto, arrepiando a mulher parada na porta — você já fez o suficiente.

—Precisamos conversar, Enzo — a voz lenta e firme da mulher o interrompeu. Enzo retesou a mandíbula, e abruptamente sentou na cama, fitando-a animalescamente.

—Eu não tenho mais porra nenhuma para

conversar com você — Enzo rosnou, e Anya o encarou, entrando no quarto. Fechou a porta atrás de si, deixando-os na penumbra, e respirou fundo.

—Mas eu tenho — ela respondeu com firmeza, sem abaixar a cabeça — eu tenho muito que conversar com você, Enzo.

Enzo piscou lentamente, tentando se controlar, e se virou na cama, colocando as pernas nuas para fora. Saiu da cama, caminhando em direção à Anya, parada em frente a porta. Sua expressão era fria, e assim que fitou o rosto tenso da mulher, desviou os olhos.

—Nossa conversa acabou naquela discussão. Fique com a maldita casa, com a porra da empresa e com o dinheiro. Estou indo embora daqui, dessa vida — Enzo rosnou baixo, com a voz grossa, e passou por Anya, ignorando-a.

Anya sentiu o coração apertar, e em um impulso sem pensar, se virou, agarrando o braço de

PERIGOSAS NACIONAIS

Enzo.

—Eu não quero o que você está deixando — ela falou ríspida — eu não quero ser inocentada.

Enzo sentiu o sangue ferver, a raiva explodir dentro de si, e assim que ouviu as palavras de Anya, o aperto em seu braço, perdeu o resto do controle. Se virou, e avançou com a mão erguida, contra o pescoço de Anya. Ela arregalou os olhos, assustada, e Enzo fechou os dedos em seu pescoço, com muita força, aproximando o rosto do dela.

—Enzo — Anya murmurou ofegante, e Enzo aproximou os lábios perto dos dela.

—Quando eu digo para me deixar em paz, é porque estou prestes a perder qualquer lucidez, Anya — ele sussurrou lentamente, e seus olhos deixaram passar a fúria. Seu semblante era perigoso, frio — e se você testar meu limite, perceberá que na verdade não existe. Eu não sou

PERIGOSAS ACHERON

como você, eu não possuo esse controle próprio fodido que você tem — Enzo abaixou o tom de voz, se tornando ainda mais ameaçador. Anya encarou seus olhos verdes, escondendo o medo que sentia — eu a odeio, Anya, e nesse momento, eu me recuso a ouvir sua voz, sua grande filha da puta.

A expressão de Anya endureceu, e por um momento Enzo sentiu o corpo arrepiar, o coração parar. Já estava dito, já havia acabado mesmo.

Uma lágrima brotou no olho direito da mulher, e Anya fechou os olhos, deixando-a escorrer.

—Eu estou destruída, Enzo — Anya sussurrou lentamente as palavras que doíam para serem ditas. As palavras que ela nunca imaginou dizer — quando implorei que ficasse, quando implorei que permanecesse aqui, você negou. Você foi um filho da puta egoísta, depois de tudo — ela

pausou, e abriu os olhos, fitando o rosto devastado do irmão — quando eu coloquei em prática meu último plano, eu já estava destruída, Enzo, mas você o matou, você mostrou o monstro que eu despertei em você, e mesmo assim, eu implorei novamente — Enzo retesou a mandíbula, ouvindo a voz firme da mulher, sentindo o coração ser chicoteado. Seu corpo inteiro tremia, mas ele continuou a apertar o pescoço da mulher, enquanto essa deixava mais uma lágrima deslizar. Suas feições animalescas demonstravam até que ponto estavam — eu implorei que ficasse comigo, que fosse apenas meu, que abandonasse essa porra de Vor, que abandonasse Nássia, e eu abandonaria qualquer outro homem. Eu o amei, mas você me deu as costas por não perceber que me destruiu.

Enzo aproximou o rosto ainda mais, o suficiente para Anya sentir a respiração fria do homem loiro.

—Eu destruí você, Anya, mas você fez o mesmo comigo — Enzo sussurrou lentamente, pesando cada palavra. Seus olhos fitavam devagar o rosto da mulher — eu estava destruído quando voltei, e você fez eu perceber o quanto eu poderia ter você, o quanto eu poderia dominá-la, para então descobrir que você apenas usou a porra da submissão para eu confessar, e agiu por si mesma. Eu não dei as costas para você, Anya, você fez isso comigo quando ouviu que eu assumiria o cargo de Pokhan dos Bratva e iria para Moscou, e agiu por conta própria, pensando apenas no que queria. Você sempre foi uma cadela egoísta, nunca pensou no que poderia acontecer comigo, se eu chegasse ao ponto de matar um Vor.

—Eu não queria que você o matasse — Anya respondeu firme.

—Mas você sabia que eu ia matá-lo. Quando transou com ele a primeira vez, há oito

atrás, eu deixei claro que se tocasse nele novamente, eu não perdoaria nenhum dos dois. Mas você não se importou, você pensou só na porra da sua própria dor. Você não despertou nenhum monstro em mim, Anya, eu mesmo despertei quando a conheci. Eu cheguei ao fundo do poço com você. Você implorou que eu ficasse com você, que eu abandonasse Nássia, que eu não fosse um Vor, mas se esqueceu de que você nunca foi capaz de demonstrar o por quê eu deveria confiar em uma mulher que pensa apenas em si mesma.

—Eu pedi antes de foder com aquele Vor, e mesmo assim você negou — Anya respondeu, deixando a raiva invadi-la.

—Exatamente porque você nunca provou que eu deveria confiar em você, Anya. Todos esses anos, você sempre agiu com segundas intenções. Eu sempre tive que estar preparado para a facada final que você poderia me dar. Me responda — ele

sussurrou, aproximando até encostar a ponta do nariz no dela — por que eu deveria abrir mão de algo importante, de algo que todos contavam comigo, para confiar em uma mulher que sempre pensou em si mesma primeiro? Você confiaria em si mesma, a ponto de abandonar tudo? Por que eu deveria acreditar em você?

—Eu amei você, Enzo — Anya respondeu lentamente, deixando mais uma lágrima escorrer — eu amei você de uma forma que eu não queria acreditar, e se cheguei ao ponto de me perder, é porque o que sentia fugiu do meu controle — Anya falou ameaçadoramente, e levanto uma sobrancelha, colocando uma mão sobre a mão de Enzo, ao redor do seu pescoço. Suas unhas eram ainda vermelhas, e em seu dedo indicador estava um grande anel em forma de P. Anya apertou os dedos de Enzo, incentivando-o a apertar seu pescoço ainda mais — você deveria ter acreditado

em mim, porque eu estava lá por você. Se eu fiz o que fiz, é porque cheguei ao desespero de ver você ruir.

—Você me fez ruir — Enzo esbravejou, furioso, perdendo o controle da voz, e em um impulso, largou o pescoço de Anya, jogando-a para trás. Se virou de costas, respirando fundo, tentando se controlar, mas a fúria emanava em ondas.

Anya fitou as costas de Enzo, o P de Pandora, e cerrou os punhos. Enzo explodiu, depois de tanto se controlar.

Anya observou o irmão se virar de frente para ela, e apontar o dedo, com o rosto transtornado.

—Você, sua grande filha puta — ele gritou, apontando o dedo e dando um passo na direção de Anya — você pode ter me amado, mas queria a porra do controle mais do que tudo. Sempre planejando, sempre me deixando

enlouquecido, sem perceber o extremo que eu estava chegando. Eu já era ferrado na minha mente, já era fodidamente assim por causa do meu passado, mas depois que você — Enzo gritou — apareceu na merda da minha vida, tudo pareceu se intensificar — Enzo pausou, e respirou fundo, fechando os olhos. Anya deu um passo na direção dele, percebendo que ele estava desse jeito apenas por um motivo. Dor. Enzo cerrou os punhos, ainda de olhos fechados — e depois de toda a merda, de ver o quanto estávamos perdidos, o quanto estávamos destruídos. Depois de saber que eu iria ser punido pelos Bratva, você mandou tudo à merda e fodeu com um homem, sem pensar no que havia acontecido. Eu a odeio, Anya, e porra — Enzo permaneceu com os olhos fechados, e uma lágrima escorreu pelo seu rosto, descendo pelo olho esquerdo e dissipando no maxilar — eu a odeio por ser exatamente igual ao meu extremo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Anya sentiu o coração abandoná-la, e porra, pensou, tudo parecia piorar. Ela havia perdido-o, e parecia afastá-lo cada vez mais, em um círculo vicioso de dor, um caminho doentio. Ela caminhou lentamente em sua direção, fitando a expressão exausta de Enzo, e parou na sua frente. Levantou as mãos e segurou o rosto dele pelos lados. Enzo abriu os olhos, ainda furioso, encarando a expressão devastada de Anya.

—Nós dois somos o extremo um do outro — Anya sussurrou lentamente — mas está acabado. O que você é, eu também sou. A culpa que carrega também é minha. Eu me entrego à você, Enzo. Depois do que eu fiz, você merece minha submissão. Eu me submeto à você, fique aqui, negociaremos com os Vors, de algum jeito, você esquece Gabriel, e eu acabo com Armando. Você me terá inteiramente, sem controle, sem planos —Enzo encarou friamente Anya, com o

PERIGOSAS ACHERON

semblante impassível. Uma lágrima escorreu pelo seu rosto, assim como no dela, e Anya deixou transparecer o desespero — eu me entrego à você — a voz firme e lenta de Anya ressoou pelo quarto na penumbra.

Enzo colocou as mãos sobre as delas, sem piscar, e retesou a mandíbula. Em um impulso enlouquecedor, cedeu à tentação que crescia dentro de si, ao tormento de ainda desejá-la. Avançou com violência contra seus lábios, colando-os no dele, e abriu sua boca. Sua língua vagou pela boca de Anya, desesperada, procurando a dela, e uma de suas mãos desceu pelo corpo de Anya, agarrando sua bunda com força. Empurrou o corpo dela contra o seu, fazendo-a sentir todo o seu corpo, todo o seu desejo, mesmo com a fúria. Anya gemeu contra os lábios de Enzo, e sentiu um tapa forte na bunda, deixando uma ardência subir, excitando-a. Enzo desejou jogá-la na cama, amarrá-la, castigar e

deixar a fúria, o tesão, dominá-lo, mas não podia. A situação chegou à um nível que ele precisava se afastar, que precisava permanecer acabado. Sua língua, molhada, circulou pela língua dela, envolvendo-a, e sugou para a sua boca, deixando a respiração pesada bater na pele macia de Anya. Porra, como a desejava, ainda, pensou, e mordeu o lábio dela, com força. A beijou animalescamente, e então a empurrou para longe, encarando-a intimidadoramente.

—Agora é tarde demais — Enzo respondeu friamente, e sua voz grossa arrepiou Anya — eu já estou morto.

Anya fechou os olhos, sentindo as palavras pesarem em seu corpo. Estava excitada, desejando-o, desejando suas mãos, seu corpo, sua luta na cama. Queria mais daquele beijo, daquela força, mas sabia que tudo estava acabado. Abriu os olhos, e assentiu, caminhando até a porta, dando as costas

para o irmão. Enzo a seguiu com os olhos, em silêncio, e Anya saiu do quarto, sem olhar para trás.

Enzo fechou os olhos novamente, sentindo o corpo ruir. Ele a odiava, mas a amava, e a viu ir embora de sua vida.

Anya fechou a porta, deixando as lágrimas surgirem novamente, relutante, e sabia que havia destruído tudo. Ela perdeu o controle de si mesma, e agora precisava retomá-lo. Precisava aceitar a culpa.

Ela entrou no quarto, e caminhou até o grande espelho, fitando o próprio reflexo. Ela sempre teve coragem para tudo, e não iria fraquejar. O erro também havia sido dela, a culpa também era dela, e não deixaria Enzo carregar novamente, pensou.

Ela sabia que ele não estava mais se importando com Gabriel, depois de ouvir que ela

aceitaria a obediência, mesmo não tendo dito. E depois do que iria fazer, Enzo não iria mais pensar nisso. Ela sabia que os Bratva poderiam perdoar tudo, e por Enzo ser exatamente quem ele é, poderia ser perdoado, mas o castigo viria antes. E talvez, se fosse como realmente Enzo disse, e aquele russo fosse o segundo ao cargo, talvez não houvesse perdão, apenas a morte.

Anya sabia que ele iria para a Rússia, já que eles souberam, entraram em contato e exigiram a presença de Enzo para o julgamento, como culpado pela morte. Enzo não negou, e contou toda a verdade, negando levar Anya junto, independente se ela havia incitado ele a fazer isso. Ele havia matado, não ela, mas Anya não queria aceitar isso. Ela sabia que ele ainda a amava, exatamente por odiá-la mas não levá-la junto. Os Vors haviam insistido, mas Enzo implorou que a culpa havia sido dele, mesmo que Anya enlouquecesse por

saber disso.

Ela não queria ser inocentada. Ela já havia destruído Enzo, que ao menos assumisse a culpa que tinha, pensou.

Anya respirou fundo, criando a força necessária que sempre precisou, e ligou a tela do celular.

Discou um número do exterior, e esperou. Chamou uma vez, chamou uma segunda vez.

—Alô — uma voz cortou o silêncio, em russo. Anya fitou o próprio rosto. Estava acabado, pensou. Ela iria acabar com tudo, até com os problemas de Enzo.

—Alô — ela respondeu em russo, ouvindo uma respiração pesada —É Anya Lehanster.

—Como conseguiu meu número, Sra. Lehanster? — o russo perguntou rudemente. Anya retesou a mandíbula, sentindo o temor se alastrar pelo corpo.

PERIGOSAS NACIONAIS

—Pelo celular do meu irmão, Enzo Lehanster — Anya respondeu firme.

—Estamos aguardando-o. Se não tiver nenhum assunto do nosso interesse, estou desligando a ligação, não retorne — o russo respondeu friamente — perdemos um irmão.

Anya respirou fundo, ela iria em frente.

—Eu tenho um assunto de grande interesse para vocês — hesitou, ouvindo a respiração pesada — sobre esse Vor que morreu.

O silêncio pairou por alguns segundos, e Anya fechou os olhos com força.

—O que tem a dizer sobre isso, Sra. Lehanster? Seu irmão nos contou que ele o matou sozinho. A Sra. não estava presente — o russo falou rispidamente. Anya balançou lentamente a cabeça, e abriu os olhos.

—Eu o matei — falou firme, encarando o próprio rosto tenso, na penumbra — eu o matei.

PERIGOSAS ACHERON

Enzo chegou depois, e assumiu a culpa para me proteger.

—A Sra. tem consciência do que está dizendo? — o russo se alterou, deixando a voz se exaltar — você está admitindo um assassinato para nós, de um dos nossos irmãos.

Anya sentiu o corpo inteiro tremer, e fechou os olhos.

—Estou. Eu sou culpada, e por isso, estou indo para Moscou amanhã, encontrar vocês, para o meu julgamento. Peço que não informem Enzo, porque ele insistirá na versão dele, para me proteger — Anya falou calmamente, controlando o medo — como vocês sabem, para Enzo, a família vem primeiro, por isso, peço que não contem. Façamos o julgamento conforme as leis de vocês. Eu estou disposta a acatar qualquer punição.

Uma risada irônica, fria, surgiu do outro lado da linha.

PERIGOSAS NACIONAIS

—Talvez a punição seja a morte, Sra. Lehanster. Aguardamos você no aeroporto — o russo respondeu, e desligou imediatamente, antes que Anya pudesse responder. Desligou o celular, deixando-o na bancada, e deitou na cama, pensando sobre como Enzo reagiria quando descobrisse a mentira que contou, mas até lá, ela já estaria na Rússia.

Fechou os olhos, e se lembrou do beijo de minutos antes. A violência com que Enzo avançou, a agarrou, mostrou o quanto precisava dela, o quanto ansiava por ela. Anya sentiu o corpo estremecer, desejando-o também, e se lembrou de uma das noites que estiveram juntos. Sentiu o tesão aumentar, o desejo descontrolado e irresistível de tê-lo, de tentar dominá-lo e lutar contra sua força de dominá-la. O desejo de foder com Enzo da forma inesquecível que era. Beijá-lo, sentir sua força animal.

PERIGOSAS ACHERON

Semanas atrás, histórias atrás.

Uma noite na qual Enzo a submeteu e deixou ser submetido. Eles estavam no controle, e lutavam por ele.

Uma noite que jamais voltaria, pensou. O que aconteceria com Enzo Lehanster, se e quando ela morresse?

Bônus

Anya puxou um pouco mais o cachecol branco, grosso, para cima do queixo, escondendo parte do rosto para protegê-lo do vento cortante. Olhou para o céu acinzentado de inverno e se lembrou da última vez que colocou os pés em Moscou, há oito anos.

Se lembrou dos rostos perversos de cada Bratva, e um calafrio percorreu seu corpo. Todos

estavam contra ela agora, e não teria mais escapatória. Mas ela era Anya Lehanster, não fugiria, não abaixaria a cabeça ou demonstraria medo. Ela iria até o fim, pensou, ela nasceu forte, e morreria forte. Observou o homem carregar suas malas, e o seguiu, pisando firme com seu salto fino, preto. Fechou ainda mais o sobretudo preto, tentando diminuir o frio do inverno da Rússia.

Kirill Vyssótski, o Brigadier dos Bratva, o segundo homem mais frio que ela conheceu, estava esperando-a no hotel que havia reservado. Ela precisava estar preparada, pensou, e apertou com força a alça da pequena bolsa preta que segurava. Ela havia falado com ele por telefone, há quase vinte e quatro horas, e agora iria estar frente a frente com ele, após oito anos.

Entrou dentro da Mercedes preta, observando as ruas, e sentiu o celular vibrar na bolsa. Respirou fundo, controlando seu coração

acelerado, o nervosismo que relutava a deixar dominá-la. Ela demonstraria estar calma, como sempre foi.

Pegou o celular, e o nome na tela fez seu corpo arrepiar. Atendeu.

—Alô — falou calma, fitando a nuca do motorista que a levava para o hotel antigo, luxuoso.

—Onde você está? — a voz grossa foi um rosnado, e Anya fechou os olhos. Enzo. Respirou fundo, visualizando nitidamente a provável expressão animalesca que ele deveria estar.

—Estou assumindo meu papel, Enzo — Anya respondeu firme, sem deixar transparecer o nervosismo. Ela precisava ser fria. Uma respiração pesada cortou o silêncio do outro lado.

—Qual papel, Anya? Volte para casa agora — Enzo falou baixo, controlado, e sua voz grossa era de fúria e receio — Antone me contou

que você saiu com malas, e o fez jurar que não me contaria onde estava indo. Porra, Anya, encontrei Antone caído na sala, com duas garrafas de úisque e Eva desesperada. O que você disse para nosso irmão?

Anya lembrou da noite anterior, quando ligou para Antone, pedindo para ir para casa. Contou para ele seu plano, e mesmo contra sua vontade, o fez jurar que não contaria para Enzo. Anya sabia que Antone era um túmulo, e que poderia confiar nele.

Antone havia se desesperado, mas Anya mentiu que voltaria segura, que iria apenas acertar as contas.

Anya sorriu amargamente, e olhou para o anel de P no dedo.

—Contei onde estava indo — hesitou — mas não tudo. Preferi deixar Antone acreditar que eu não corria perigo.

—Onde você está, porra? —Enzo se exaltou do outro lado da linha.

Anya fechou os olhos novamente, tentando não pensar na reação de Enzo.

—Estou em Moscou, Enzo. Estou indo me encontrar com Kirill. Eu assumi a culpa, eu o deixei fora disso — Anya confessou, e o silêncio pareceu esmagá-la.

—Você fez o que? — Enzo sussurrou lentamente, sem conseguir acreditar. No outro lado da linha, ele encarou sua expressão apavorada, refletida no espelho, e todos os pelos do seu corpo pareceram arrepiar. Enzo retesou a mandíbula, enlouquecido — o que você falou para Kirill? Porra, o que você fez, Anya? O que está fazendo aí?

—Eu assumi minha culpa, Enzo — Anya falou, e sua voz a traiu, soando fraca — eu falei que você tentou me inocentar, me proteger, mas que —

hesitou, e seus olhos se cruzaram com os do motorista, pelo espelho — eu havia matado aquele homem, antes de você chegar. Estou indo encontrá-lo, e não voltarei, Enzo. Cuide de Pandora por mim — Anya apertou os olhos, e uma lágrima escorreu pela sua bochecha direita — eu o amo.

—Porra, Anya. Ele irá matá-la — Enzo gritou no celular, enlouquecido do outro lado da linha, mas Anya afastou o celular da orelha, e o desligou. Seu coração parecia pesado, e ela abriu lentamente a janela do carro. O vento frio entrou, balançando seus cabelos, e pequenos flocos de neve começaram a cair. Anya sorriu friamente, e jogou o celular pela janela, fechando novamente o vidro.

Estava acabado.

Enzo respirava com dificuldade, sentindo seu coração ser destroçado lentamente. Seus músculos estavam retesados, e em um ataque de fúria, jogou o celular na direção do espelho. O

celular tocou o espelho, fazendo um estrondo, e trincos surgiram de todos os lados, despedaçando o espelho. Enzo rugiu, cerrando os punhos, enlouquecido, e caiu de joelhos na penumbra do quarto, deixando as lágrimas escorrerem pelo seu rosto.

Sua voz grossa ressoou pelo quarto, e ele colocou as mãos na cabeça, sentindo o corpo inteiro tremer. Anya estava nas mãos de Kirill, pensou. Anya iria morrer, mas antes Kirill a faria sofrer.

Enzo urrou furioso, sem conseguir controlar as lágrimas, e cerrou os punhos com toda a força, até os nós dos dedos ficarem brancos.

—Anya — ele gritou, enlouquecido, e a respiração se tornou ainda mais alta, acelerada. Seu coração parecia pesado, e Enzo fechou os olhos, visualizando o rosto da mulher. Ele não poderia permitir, pensou. Anya poderia ter parte da culpa, mas ela não poderia receber o castigo, ele deveria

receber por ela, porque sabia que ela jamais aguentaria.

Enzo colocou as mãos nas coxas, e se levantou. Sua expressão se tornou insondável, e seus olhos sombrios. Ele precisava ir atrás dela, pensou, ele precisava chegar a tempo, porra.

Olhou para o celular destruído no chão, ainda furioso, e passou a mão pelos cabelos. Caminhou furioso para fora do quarto, e parou no topo da escada, fitando a sala abaixo. Antone estava sentado no sofá, com Eva ao lado.

—Antone — Enzo chamou-o alto, firme, e ambos olharam para trás. Enzo desceu rapidamente as escadas, tentando controlar o tremor que a fúria fazia pelo corpo, e parou atrás do sofá. Eva arregalou os olhos, com os cabelos ruivos presos no alto da cabeça. Antone colocou as mãos no rosto, com a sensação de dor nos olhos e um gosto ruim na boca — me empreste seu celular.

—Por que, porra? — Antone perguntou baixo, e Eva colocou a mão no bolso da sua calça jeans, puxando o celular — ei — Antone gritou, agarrando o celular da sua mão — a bosta de celular é meu, o que pensa que está fazendo, Eva?

—Emprestando para o seu irmão, Antone, ou ainda não percebeu que Enzo está preocupado? — Eva o censurou, se levantando. Enzo fechou os olhos, tentando se acalmar. Antone franziu a testa, encarando atentamente as feições do irmão. Porra, Enzo parecia atormentado, pensou, e então raciocinou.

Anya.

—Porra, o que aconteceu? — Antone se exaltou, arregalando os olhos. Enzo respirou fundo, retesando a mandíbula, e encarou Eva.

—Eva, poderia nos dar licença? — Enzo pediu educadamente. Eva assentiu, e sem perguntar, caminhou até a cozinha, deixando os

dois homens sozinhos. Antone deu dois passos para trás, caminhando, e colocou as mãos na cabeça.

—Anya está em Moscou, Antone — Enzo falou baixo, levantando uma sobrancelha — ela assumiu a culpa pelo assassinato que eu cometi.

—Eu sei — Antone o interrompeu, erguendo uma mão — Anya me contou, Enzo — Antone franziu a testa, arqueando as sobrancelhas — mas ela disse que iria voltar, não disse? Ela disse que estaria segura.

Enzo riu irônico, e virou o rosto.

—Anya pode estar morta neste momento, Antone, se Kirill não tiver algum outro plano para ela — Enzo falou firme, rosnando — Anya mentiu para você. Eu preciso ligar para Kirill, eu preciso — Enzo começou a falar, e sua voz desapareceu. Ele estendeu o braço em direção à Antone, pedindo o celular — eu preciso avisar Kirill que estou indo para Moscou.

Antone arregalou os olhos, negando com a cabeça.

—Você vai ir para aquele inferno? Não, Enzo — Antone começou a falar.

—É o único jeito de Anya voltar, Antone. Porra, você sabe com quem estamos lidando — Enzo falou baixo, ameaçadoramente — você sabe que eu preciso ir.

—Por isso mesmo. Eu sei o modo como você retornou, depois de ir lá — Antone se exaltou — as duas vezes. Porra, Enzo.

—Me dê o maldito celular, Antone — Enzo exigiu, e Antone apertou o celular com força, e estendeu o braço, entregando-o a Enzo.

Enzo pegou o celular, e apontou para cozinha, onde Eva estava.

—Deixe Eva aqui com você e porra, não entre dentro da garrafa de uísque — Enzo ordenou, e fechou os olhos — se não voltarmos até sábado,

você e Eva estarão como responsáveis pelo evento. Não deixe — Enzo falou lentamente, abrindo os olhos — nada fugir do controle, nem nesta casa, nem na empresa, muito menos em Pandora. Seja o Lehanster que todos esperam que você seja.

—Você é esse Lehanster — Antone respondeu firme. Enzo riu, negando com a cabeça.

—Eu só sou o seu irmão mais velho. Amanhã de manhã, esteja na empresa, e diga que viajei à negócios — Enzo falou baixo, e virou de costas para Antone, subindo novamente as escadas. Antone observou o irmão desaparecer, e respirou fundo, caminhando para a cozinha, precisando dos braços de Eva, da sua voz calma e fina.

Enzo entrou no quarto, enfurecido, e discou o número de Kirill, fechando a porta com força. O telefone tocou uma vez, uma segunda vez.

—Alô — a voz grossa e sombria de Kirill surgiu no telefone.

—É Enzo Lehanster — Enzo falou firme.

—Ah, olá, Enzo — Kirill falou firme, e deu uma risada leve — é um prazer conversar com você.

—Onde está a porra da minha irmã, Kirill? — Enzo rosnou no telefone — ela é inocente.

Kirill gargalhou no celular, e Enzo respirou fundo, desejando chegar a tempo.

—Anya Lehanster não parece ser uma mulher inocente, Enzo, e pelo que ela me contou, realmente devo admitir que foi ela — kirill falou calmo — ninguém parece conhecer meu filho tão bem assim, no sexo.

—Porra, Kirill. Onde está Anya? — Enzo rosnou, enfurecido. Kirill deu mais uma gargalhada.

—Por enquanto ela está sentada na minha frente, digamos, bem, Enzo. Mas provavelmente irei descobrir o por quê dessa mulher ter atraído

meu filho. Veremos como uma Lehanster se comporta comigo — Kirill pausou, ouvindo Enzo rosnar e sorriu — você já se despediu de Anya, ou quer que eu passe o telefone para ela?

—Se você encostar em Anya, Kirill — Enzo falou lentamente, retesando a mandíbula, fitando o reflexo no espelho quebrado. Sua voz grossa era ameaçadora, intimidadora — eu irei me juntar aos Vor, e juro para você, que irei tirar você do posto de Brigadier e caçá-lo até os confins do inferno. Vou transformar sua vida na pior miséria que pode existir.

Kirill riu novamente.

—Quem disse para você que os Vor irão querê-lo, Enzo? Só porque Vladmir deixou dito como desejo, antes de morrer, que você entrasse como chefe, por ter algo relacionado à ele, não significa que depois dessa merda que aconteceu, iremos aceitar. Na realidade, em nossas normas, o

segundo à comando seria eu. Você estava como indicado por ter alguma merda envolvida com Vladmir, e depois o favorito seria — Kirill respirou fundo, e rosnou — mas Anya o matou.

Enzo riu, enlouquecido, e balançou a cabeça.

—É, isso seria o correto, Kirill, mas acredite — Enzo diminuiu o tom de voz, falando lentamente — se eu chegar aí, e Anya estiver diferente um fio de cabelo, juro que me juntarei aos Vors, e o que contarei fará com que todos votem ao meu favor, e assim que eu me tornar chefe, irei caçar o seu rabo, seu grande filho da puta.

O silêncio durou alguns segundos, confirmando que Kirill sentiu a ameaça.

—E o que seria, Enzo? Ou me fará tirar isso da sua irmã? — Kirill tentou ameaçar.

—Tente, apenas tente, Kirill, que será uma tentativa frustrada. Um Lehanster nunca conta os

segredos do outro, preferimos morrer à contar. Você terá encostado em Anya, sem conseguir nada, e quando eu por meus pés aí, irei esfolar você vivo, irei torturar você de uma forma que nem Vladmir fez alguma vez na vida. Acredite, se você achava Vladmir o homem mais cruel dos Vors, é porque você realmente não me conhece. Toque em Anya, que eu farei os Bratva quererem a sua pele — Enzo falou lentamente, de forma intimidadora.

O silêncio perdurou por alguns segundos, e Kiriil respirou fundo.

—O quanto você conhecia Vladmir, para dizer isso, Enzo? Eu o conheci na minha juventude, sobrevivemos ao KGB juntos, e porra, matamos juntos, torturamos, estupramos e esquartejamos juntos. Meu menino, você não sabe o que diz — Kirill riu.

Enzo riu com a voz grossa, e do outro lado da linha, Kirill sentiu os pelos dos braços se

arrepiarem. Porra, a risada era como de Vladmir.

Enzo fechou os olhos, balançando a cabeça.

—A pior geração é a próxima que procede a outra, Kirill. Eu aprendi muito com Vladmir, mesmo não convivendo tanto com ele, acho que é instinto. Se você não tinha medo de Vladmir, faça, Kirill, faça. Mas esteja aí quando eu chegar, porque o último rosto que verá será o meu — Enzo rosnou, e desligou o telefone, tremendo de raiva. Discou para outro número.

—Romeo, preciso que consiga liberação para voarmos para Moscou — Enzo pausou, ouvindo o piloto — sim, estarei pronto em duas horas, e esperarei na pista. Consiga todas as malditas autorizações e me leve até lá, estarei sozinho.

Enzo ouviu o piloto confirmar, e desligou o telefone. Ouviu uma batida na porta, e esperou. Antone abriu lentamente a porta, com uma

expressão de pavor.

—Você se tornará um Vor, Enzo, se precisar? — Antone perguntou perplexo, sentindo o medo percorrer o corpo.

—Se eu tiver essa alternativa, farei o que for preciso, Antone — Enzo respondeu, dando as costas para o irmão — irei tomar banho. Em duas horas partirei para Moscou.

—Não fique lá, Enzo. Volte com Anya — Antone pediu, segurando a maçaneta da porta. Enzo parou na porta do banheiro, e olhou para o irmão sobre o ombro.

—Se eu puder, voltarei, Antone, mas não conte com isso — Enzo respondeu, e entrou no banheiro, fechando a porta.

PERIGOSAS NACIONAIS

O vento cortante machucou seu rosto, e flocos de neve caíram sobre os ombros do sobretudo preto, mas Enzo não se importava.

Levantou os olhos, encarando o céu acinzentado de Moscou, e colocou os óculos escuros, ajeitando o cachecol preto envolta do pescoço. O segurança desceu do carro, ao seu lado, e abriu a porta de entrada do grandioso hotel. O luxo era visto pelos pequenos detalhes em ouro, e Enzo se lembrou da última vez que esteve em Moscou, nesse mesmo hotel, com Vladmir.

A Mercedes acelerou, sumindo pelas ruas, e Enzo Lehanster entrou no hotel. O segurança o acompanhava, lado a lado, e ele permaneceu de óculos escuros. A fúria poderia ser vista em seus olhos verdes, mas o medo também estava presente.

PERIGOSAS ACHERON

O medo de não encontrar mais Anya viva, mesmo depois das ameaças. O que encontraria quando entrasse no quarto? Pensou, e retesou a mandíbula. O tremor em seu corpo permanecia.

Porra, já havia era segunda-feira de tarde, o que poderia ter acontecido? Enzo pensou, e o calafrio percorreu seu corpo. Ele se virou, e parou, se inclinando na direção do segurança.

—Fique aqui embaixo e peça o meu quarto de sempre — Enzo ordenou, e o segurança assentiu, se dirigindo para a recepção. Enzo respirou fundo, e encarou a grande escadaria arredondada, com corrimões marrons e dourados. Um grande tapete bordo cobria os degraus, e no alto, um grande quadro à óleo, de Caravaggio, ocupava toda a parede.

Enzo subiu as escadarias, e caminhou pelo corredor, observando as portas escuras. A luz amarelada fazia sombras dançantes no tapete bordo

que percorria o corredor, e Enzo parou na última porta. Segurou a maçaneta, e sem bater, abriu.

Seu coração pareceu parar, e Enzo arregalou os olhos. Porra, não podia estar acontecendo isso. Um calafrio perturbador percorreu seu corpo, e o tremor o enlouqueceu. Seus olhos pareciam sair de orbita, e sua expressão era animalesca. Enzo sentiu o rosnado surgir do fundo do seu cerne, e retesou a mandíbula, sem conseguir tirar os olhos da mulher no meio da cama.

Anya estava nua, desmaiada.

Seu corpo estava envolvido por cordas, em uma prática de bondage. Seus cabelos caíam em ondas pelo seu rosto, pendido para baixo. Seus pulsos estavam amarrados juntos no alto, com os braços estendidos, e a corda, preta, contornava seus braços, juntando-os para cima. A corda, amarrada no teto, entrava em uma argola e saía para o outro lado, contornando os seios de Anya, descendo por

suas costelas, formando um trançado nelas, e a levantando. A corda ainda descia para suas coxas, juntando-as, e flexionando as pernas para trás, finalizava com trançados nos tornozelos.

Anya estava suspensa sobre a cama, inerte.

Os olhos animalescos de Enzo, saindo de orbita de fúria, vagaram pelo quarto, e ao lado da cama, sentado em uma poltrona vermelha e dourada, sob a luz amarelada do abajur, Kirill fumava um charuto, deixando a fumaça subir lentamente. Um grande sobretudo preto estava aberto, revelando a camisa social preta e a gravata escura. Seus cabelos acinzentados estavam penteados para trás, e suas rugas aumentaram conforme sorria.

—Estávamos esperando-o, Enzo Lehanster — Kirill falou em russo, sorrindo cruelmente — Anya decidiu dormir.

—Seu filho da puta — Enzo rosnou baixo,

voltando o olhar para Anya — o que você fez com ela? Se você encostou.

—Se acalme, menino — Kirill falou calmo, interrompendo-o, e sorriu ainda mais — tive uma longa conversa com sua irmã, e percebo o por quê de Nicolai ter se interessado por ela. É uma mulher interessante, determinada, uma Lehanster mesmo, como Otávio. Se ela tivesse a oportunidade, provavelmente poderia levar todos os Vors para a cama.

Enzo rugiu, e agarrou a maçaneta da porta, fechando-a com força.

—Seu desgraçado, você a amarrou — Enzo se exaltou, e Kirill riu.

—Ela não pareceu ter medo da prática, Enzo. Acho que sua irmã é uma praticante, sabe. Talvez eu deva testar os limites dela, porque durante toda a prática, ela se manteve fria, sem expressão — Kirill falou.

PERIGOSAS NACIONAIS

Enzo se aproximou do corpo suspenso de Anya, e seus olhos frios desceram para Kirill.

—Você encostou em Anya, seu desgraçado? — Enzo falou baixo, intimidador. Kirill riu, negando com a cabeça, e se levantou da poltrona, tragando o charuto.

—Meu querido, você sabe como somos, mas eu poupei sua irmã, por enquanto. Ela ficou relutante para ser amarrada, mas depois que eu perguntei se ela realmente havia matado nosso Vor, ela concordou — Kirill arqueou as sobrancelhas, irônico, e caminhou pelo quarto, sendo seguido pelos olhos enlouquecidos de Enzo — ela até me entregou uma prova irrefutável, Enzo. Anya realmente assassinou um Vor, eu poderia tê-la levado à julgamento antes mesmo de você chegar, mas decidi fazer uma surpresa — Kirill sorriu, se virando de frente para Enzo — ela permaneceu quieta durante todo o meu trabalho — disse, e a

PERIGOSAS ACHERON

apontou para Anya — mas depois de feito, ela parece ter ficado louca. Acho que a submissão a deixa agitada, então tivemos que sedá-la.

Enzo arregalou os olhos, e o tremor surgiu novamente em todo o seu corpo. Ele colocou as mãos na cabeça, enlouquecido.

—Porra, você está fodido, Kirill — Enzo murmurou, sem controlar a fúria, e seus olhos permaneceram fixos no russo, em silêncio. Kirill levantou uma sobrancelha, curioso, e o sorriso desapareceu do rosto.

—Por que eu estou fodido, moleque? — Kirill esbravejou em russo — Anya Lehanster irá morrer assim que for julgada, culpada com provas, e você — Kirill apontou com o charuto — irá ser castigado por protegê-la, e meu garoto, eu irei assumir o posto de Pokhan e adorarei dar a sentença.

Enzo colocou as mãos no rosto. Porra, Anya

estava suspensa, adormecida. Porra, Anya provavelmente sofreu, e ele não poderia mais se controlar. Ele iria para o inferno, mas iria protegê-la, iria até fundo do poço, realmente.

Ele respirou fundo, mandando o controle à merda, e abriu os olhos, encarando friamente Kirill. O russo sentiu o corpo gelar, vendo algo que via apenas nos olhos de Vladmir. Crueldade extrema, frieza e uma fúria sem raciocínio. Um perigo real.

—Kirill Vyssótski, eu irei me reunir agora com todos os Bratva, inclusive com você, e contarei a verdade à eles. Depois disso, assumirei o posto de Pokhan, e juro que farei você implorar meu perdão de joelhos — Enzo rosnou devagar, e Kirill permaneceu calado, apenas observando.

Enzo se virou de costas para ele, e subiu na cama. Seu coração voltou a bater, e seu rosto ficou na mesma altura do rosto pendido de Anya, escondido pelos cabelos. Enzo segurou seu rosto

com as mãos, e colocou os cabelos para o lado, observando cada detalhe da pele, da expressão adormecida. Anya não deveria estar sofrendo agora, e ele iria tirá-la dali.

—Iremos sim nos reunir, Enzo. Farei o favor de ligar para todos, e em quinze minutos nos encontre na sede. Adorarei ver você cair perante meus pés — Kirill falou sério, ameaçador, e se dirigiu para a porta do quarto. Enzo olhou para trás, observando o russo abrir a porta.

—Vá, Kirill, se prepare, porque será seu último dia como Vor — Enzo falou firme, intimidador, e Kirill deu as costas para ele, fechando a porta.

Enzo voltou a olhar para Anya, adormecida, e passou os dedos pelo seu rosto, fazendo o contorno do nariz.

—O que fizeram com você? — ele sussurrou para ela, e sua voz grossa demonstrou a

angústia que o torturava — eu irei tirá-la daqui.

Enzo caminhou ao redor do corpo, e começou a desfazer os nós dos tornozelos. Tirou a corda, vendo as marcas vermelhas na pele.

—Porra — xingou baixo, retesando a mandíbula, e começou a desfazer os das coxas. Mais marcas vermelhas contornavam as pernas, assim como os seios. Enzo estendeu os braços, e desfez os nós dos braços, segurando o corpo de Anya pela cintura. Os braços da mulher caíram, e Enzo agarrou seu corpo mais, levantando as pernas. Desceu da cama, segurando-a nos braços, e se virou. Deitou Anya, e se ajoelhou ao lado, tirando os cabelos do rosto — Anya? — ele sussurrou, e sua voz rouca era cheia de preocupação. Anya permaneceu adormecida, e Enzo respirou fundo.

Ele se levantou, fitando o corpo nu, e puxou um lençol dos pés da cama, cobrindo todo o corpo de Anya. Olhou para o relógio no pulso, e fechou

os olhos. Estava na hora de contar o segredo, estava na hora de perder o seu real medo. Ele iria continuar a ser um Lehanster, independente disso.

Respirou fundo, e encarou novamente o rosto de Anya. Se inclinou e segurou o rosto pelo queixo, beijando suavemente seus lábios. Anya suspirou, ainda de olhos fechados, e Enzo se afastou, indo em direção à porta. Arrumou o cachecol preto, deixando-o sobre o sobretudo preto, comprido, e suas botas grossas ornavam com a calça jeans preta. Enzo saiu do quarto, fechando a porta, e caminhou firme pelo corredor, sentindo uma tortura por deixá-la assim, mas precisava. Agora Kirill veria frente a frente quem era Enzo Lehanster.

Enzo desceu as escadas, encontrando o segurança à sua espera.

—Vigie a porta do quarto que Anya Lehanster está. Não entre, não deixe que ninguém

entre nem saía — ordenou autoritário.

—Sim, Sr. Lehanster — o segurança respondeu. Enzo confiava nele, era seu segurança há mais de dez anos.

Enzo caminhou para fora do hotel, e uma Mercedes já estava estacionada à sua espera. Enzo entrou no carro, e foi levado para uma antiga catedral, fechada há anos. A Mercedes estacionou em frente, e Enzo desceu do carro, fitando a catedral e sua abóboda pequena. A antiga catedral, fechada e comprada por Vladmir há mais de cinquenta anos, era a sede dos Bratva, fora todas as casas, hotéis e cassinos. As pessoas de fora, que vissem os homens estacionando em frente, acreditariam na religião, mas de religioso não havia nada. Era uma antiga catedral turca, restaurada ainda em 1570, mas fechada em 1840 pra nunca mais ser usada. Vladmir havia comprado-a de uma antiga família de Kiev, e depois disso, se tornou a

sede oficial dos Bratva.

A cor dourada parecia reluzir contra a neve branca que caía, ofuscante, branca, como se fosse um prelúdio para uma mudança para Enzo. E o vento gelado avançou contra seu rosto, mas Enzo permaneceu fitando a cor avermelhada e dourada da catedral, sendo pintada lentamente de branco. Fitou as cruzes que nada mais diziam, e o que isso iria significar para ele.

Enzo fechou os olhos, e respirou fundo.

—Que Otávio esteja certo. Que Vladmir esteja certo — sussurrou com sua voz grossa para si mesmo, e começou a subir a antiga escadaria de pedra. Suas botas deslizavam pela neve que se acumulava, mas ele pisou cada vez mais firme.

Enzo alcançou o topo da escadaria antiga, tendo duas estátuas antigas de anjos em cada lado. Respirou novamente, sentindo o ar frio, o vento cortante. A neve caía sobre sua roupa, deixando

marcas brancas no preto, e seus cabelos loiros voavam com o vento. Enzo empurrou a grande porta de madeira entalhada, e entrou na catedral.

Seus olhos se aguçaram, e ele se acostumou com a penumbra. Um grande salão se estendia dentro da catedral, arredondado. O piso de cerâmica, de ladrilhos pequenos, bordo e reluzente, reluzia as chamas das velas penduradas nos candelabros de chão, dourados.

Os candelabros estavam dispostos rentes as paredes, contornando o círculo que era o salão, seguidos um do outro a cada dois metros. O salão possuía paredes bordos, iluminado apenas por velas amareladas que dançavam no piso bordo e nas paredes, deixando sombras fantasmagóricas. No centro do salão estavam dispostos dez poltronas pretas, em círculo, baixas e com braços de detalhes dourados. As dez poltronas estavam ocupadas por homens de túnicas pretas, vestidos com ternos e

gravatas por baixo. Enzo respirou fundo, e começou a caminhar na direção deles, e assim que alcançou o círculo, os dez homens se levantaram. Todos com os olhos fixos em Enzo, que em nenhum momento deixou transparecer o medo em sua expressão fria.

Enzo sabia o por quê da vestimenta e de estarem os dez homens mais importantes dos Bratva. Era o julgamento. Kirill estava entre eles, e provavelmente contou sobre Anya, deixando que ele fosse castigado e ela morta. Mas tudo iria ser diferente.

O julgamento não iria acontecer desse modo, Kirill estava enganado. Estava na hora de falar, Enzo pensou, e respirou fundo, caminhando para o meio do círculo. Encarou cada Vor nos olhos, já conhecidos.

—Sou Enzo Lehanster — Enzo falou firme, alto, e sua voz grossa ressoou pelo salão,

intimidadora. Sua expressão era intensa, e seus olhos animalescos. Enzo começou a falar.

Bônus

Anya abriu lentamente os olhos, sentindo a cabeça girar, e ergueu os pulsos, sentindo dor neles, no corpo. A penumbra do quarto foi reconfortante para ela, e Anya esfregou o rosto, tentando se lembrar.

E o rosto de Kirill surgiu na sua mente. Sua conversa ameaçadora, e de como contou sobre aquele Vor de uma forma que a deixasse na cena do crime, como a assassina. Kirill acreditou nela, e

para provar, ela entregou a corrente de ouro que ele usava. Isso deixava claro que ela estava lá.

Kirill a ameaçou, a fez concordar em aceitar a bondage, mas assim que estava suspensa, tentando lutar contra o medo, contra o desespero, este venceu, e ela se sentiu destruída ainda mais.

Mas Kirill a sedou, Anya pensou, lembrando da dor ao sentir a injeção, e do alívio ao esquecer de tudo, ao apagar. Ela iria morrer, mas Enzo não voltaria para a Rússia.

Franziu a testa, fitando o teto do quarto, e começou a ficar confusa. Como ela estava deitada? Onde estava Kirill? Quando seria seu julgamento. Anya apertou os olhos, se acostumando com a penumbra, e ouviu um barulho no quarto. Levantou a cabeça, e seus olhos se fixaram nas costas nuas de um homem familiar. Seu corpo inteiro arrepiou, e seu coração pareceu acelerar contra sua vontade. Anya cerrou os punhos, agoniada, e um desejo

cresceu dentro dela.

—Enzo — sua voz firme ressoou no quarto, demonstrando o quanto estava assombrada. Enzo respirou fundo, tentando evitar de se preocupar com a provável expressão que Anya faria, ao ver seu peito, e cerrou os punhos, retesando a mandíbula. Se virou lentamente, e a encarou.

—Anya, estou aqui — sussurrou lentamente, e sua voz grossa foi profunda. Anya encarou os olhos verdes, frios, do irmão, sua expressão animalesca, e vagarosamente desceu para o vermelhidão que se alastrava pelo seu peito e joelhos. Duas rosas dos ventos estavam tatuadas no peito, uma em cada lado, e duas nos joelhos.

O sangue fugiu do rosto de Anya, e a respiração pareceu parar. Anya abriu a boca lentamente, sem conseguir reproduzir palavras. Seus olhos vagavam pelo corpo de Enzo, apenas de

cueca preta, sem conseguir compreender. Que porra havia acontecido? pensou, sentindo pavor.

—Está tudo resolvido — Enzo continuou a sussurrar, e deu um passo na direção da cama — eu a tirei de Kirill, eu a salvei.

Uma lágrima deslizou pelo rosto de Anya, e ela virou o rosto, passando a mão para escondê-la.

—Eu não pedi para ser salva, Enzo — Anya respondeu rispidamente — eu não pedi para você vir. Eu — hesitou.

—Você mentiu, Anya — Enzo falou calmo, respirando fundo — você deu provas contra si mesma, e agora todos acreditam que você é a assassina de um Vor.

Anya franziu a testa, sem entender, e balançou a cabeça. Esse era o seu plano, pensou, mas por que Enzo estava ali, tatuado?

—Eu sei — murmurou — mas por que está aqui?

Enzo fechou os olhos, ainda caminhando na direção de Anya.

—Porque se eu não estivesse aqui, Kirill a entregaria para o julgamento, você seria estuprada, torturada e morta, da pior maneira possível — Enzo falou baixo, e parou de frente para ela.

—Eu sei — Anya sussurrou lentamente, tentando não demonstrar a aflição. Iria permanecer no controle, forte, pensou — Eu estava ciente disso, eu havia aceitado.

—Mas eu não — Enzo rosnou, bravo, encarando Anya nos olhos, deixando transparecer o desejo — eu não iria aceitar que você recebesse toda a culpa, Anya.

—Mas eu o incitei, eu — Anya começou a falar.

—Porra, você me incitou, mas eu matei. Você tem culpa, mas eu também, tenho. Eu aguento mais do que você, Anya — Enzo se exaltou, e

Anya cerrou os pulsos.

—O que você fez, Enzo? — Anya perguntou novamente, encarando as rosas dos ventos. Enzo fechou os olhos, e passou as mãos nos cabelos. O vermelhidão ao redor era vivo, e Anya sabia que as tatuagens eram feitas com a técnica de sangue — o que você fez, para eu não ser morta? — insistiu, começando a ficar brava.

Enzo respirou fundo, e a encarou.

—Eu me tornei um Vor — Enzo falou com sua voz grossa, lentamente, e Anya abriu a boca, sem conseguir dizer nada. Se sentou ereta, encarando os olhos intensos de Enzo, sua expressão animalesca — eu aceitei a proposta que eles haviam feito há anos atrás, e aceitei o pedido de Vladmir, ocupando seu posto — Enzo pausou, analisando a expressão de angústia de Anya surgir, como se ela não controlasse — eu me tornei o Pokhan dos Bratva. Eu sou o chefe dos Vors, Anya.

Anya fechou os olhos, sentindo toda a angústia fugir do seu controle, todo o desejo ser tragado para o seu pavor. Perder Enzo, deixá-lo perder os resquícios de sentimentos que ele tinha. Ela estava novamente no controle de si mesma, mas havia perdido qualquer controle sobre Enzo. Negou lentamente com a cabeça, deixando a expressão se tornar fria.

—Você se tornou um maldito Vor? — ela sussurrou lentamente, e sua voz felina ressoou pelo quarto. Abriu os olhos, fitando a expressão intensa de Enzo — você nos trocou.

—Minha família ainda é a Lehanster, Anya, mas eu precisei — Enzo respondeu devagar, arqueando uma sobrancelha — eu precisei, porque iriam matá-la.

Anya riu irônica, e negou com a cabeça.

—Você iria aceitar antes de tudo acontecer, Enzo — ela afirmou, jogando o lençol

para o lado, revelando o corpo nu, com hematomas. Enzo retesou a mandíbula, descendo os olhos para o corpo de Anya, e os fechou com força.

—Porra — rosnou — eu não iria aceitar, Anya. Você fez toda essa merda para me impedir de aceitar, acreditando apenas na própria opinião, pensando apenas em si, e não parou para entender que eu havia me encontrado com Vladmir, e mesmo ele tendo pedido, eu havia respondido que precisava de algum tempo para decidir. Eu não iria aceitar, mas agora foi preciso.

—Por que não me deixou morrer, Enzo? — Anya perguntou controlada, manipulando qualquer expressão facial. Enzo respirou fundo, e abriu os olhos, encarando a mulher sair da cama, nua. Anya parou no meio do quarto, de costas para ele. Não havia nenhum P em seu corpo, nenhuma tatuagem — por que precisou tentar ser mais forte?

Enzo riu furioso, balançando a cabeça.

—Tudo para você é questão de poder, de força, Anya? — Enzo perguntou com raiva — o que você buscava sentir, ao vir aqui? Ser mais forte que esses homens?

Anya fechou os olhos. Ela não buscava nada, pensou, ela apenas queria acabar com tudo. Queria que Enzo parasse de odiá-la, queria que Enzo não fosse embora. Queria poder se olhar no espelho e não ver mais pavor nos próprios olhos. Ela queria ser a Anya Lehanster que possuía mais controle do que sentimentos.

—Não, Enzo. É questão do que eu sou, do que somos — ela sussurrou, e se virou lentamente, nua, no meio do quarto. Seus olhos se fixaram nos olhos do homem loiro — quem nós somos, um para o outro? Somos apenas marionetes dentro da sedução e poder um do outro? Todos esses anos que levamos, que vivemos.

—Somos o que construímos, Anya, um

dentro do outro. Somos a caixa de Pandora, e só nós temos nossa própria chave, para mergulharmos no ser que somos, para mergulharmos um no outro, de uma forma que apenas nós nos conhecemos. Eu a conheço, e você me conhece. Quem nós somos? Somos o que vivemos, somos o reflexo das nossas escolhas, e acima de tudo, das nossas vontades — Enzo respondeu lentamente, e sua voz grossa arrepiou Anya.

—E quem é você agora, Enzo, com essas malditas tatuagens? O que isso pode significar? — Anya sussurrou, encarando-o. Enzo deu um passo na sua direção, ansioso, agoniado, e cerrou os punhos, retesando a mandíbula.

—Sou Enzo Lehanster, Anya. Sempre fui, e sempre serei. Vor ou não, continuo sendo um Lehanster, continuo sendo o Enzo que a deseja mais do tudo na porra desse mundo. Essas tatuagens apenas significam que ocupo mais de

uma cadeira, que posso protegê-la ainda mais de si mesma, da sua loucura — Enzo sussurrou animalescamente, dando um passo firme de cada vez, até parar a centímetros de Anya — quem é você, Anya, depois de me ver assim? Quem é você, depois de ser submetida novamente?

Anya respirou fundo, criando toda a força para permanecer com a expressão fria, mas seus olhos fraquejaram, e ela desceu o olhar para as tatuagens recém feitas. Levantou a mão e tocou a do lado esquerdo. Encarou o rosto tenso de Enzo, sua mandíbula retesada, seus olhos famintos.

—Sou a Anya Lehanster que sempre fui, Enzo. Nada é mais forte do que eu, para me fazer cair, para me fazer mudar — ela sussurrou — continuo sendo a Lehanster que escolhe a dedo o que faz, continuo sendo a Anya que luta por seu amor ao mesmo tempo em que luta para não amá-lo com a mesma intensidade — falou palavra por

palavra, deixando o desejo enlouquecido de Enzo aumentar. Seus olhos penetraram nos de Enzo — continuo tentando ter o seu controle exatamente porque perco o meu para você. Você me leva ao extremo ao mesmo tempo em que eu o levo, e esse é o meu lugar.

Enzo fechou lentamente os olhos, assentindo, sabendo a verdade por trás de cada palavra. Eles se torturavam, eles ultrapassavam os limites, mas não conseguiam se afastar. Eles assombravam um ao outro, e gostavam disso. Enzo abriu os olhos verdes, banhados de luxúria.

—Que se foda toda essa merda — sussurrou com a voz grossa — eu quero você — e avançou contra os lábios de Anya, agarrando seu rosto pelas laterais. Pressionou os dedos nas bochechas de Anya, deixando-a surpresa com o avanço repentino, e pegou seus lábios para si. Sugou-os em um beijo violento, abrindo-os com

pressa, com força, empurrando a ereção grossa contra a intimidade de Anya.

—Enzo — Anya sussurrou contra seus lábios molhados, deixando a língua dele entrar em sua boca, vagar ansiosa para ter mais. Ela colocou as mãos em seu peito, tentando empurrá-lo, e afastou os lábios dos dele — nós acabamos — ela tentou argumentar.

Enzo afastou o rosto do dela, e a encarou furioso.

—Diga que você não quer foder comigo, Anya. Diga que você aceita me ver de longe, com outras mulheres, amando-as, esquecendo de você. Diga que você não ama saber que está comigo — Enzo a provocou, deixando a respiração bater nos lábios dela — diga, Anya, e eu me afasto completamente de você.

Anya fitou o verde dos seus olhos, a pele clara, as marcas de expressão e seus lábios

deliciosos. Porra, pensou, ela queria foder na sua boca, queria sentir que por mais mulheres interessantes e poderosas que poderiam tê-lo na cama, só ela o tinha por inteiro, tinha seu coração. Só ela era Anya Lehanster, para ter Enzo Lehanster.

Anya cedeu ao desejo que crescia desde seu ventre até seu peito, e agarrou abruptamente o rosto de Enzo, avançando em segundos contra seus lábios. Seus dedos subiram, e ela agarrou os cabelos loiros deles, puxando-os para trás. Enzo gemeu contra seus lábios, segurando seu rosto com força, percorrendo com a língua toda a extensão da boca de Anya, saboreando cada gosto, cada sensação.

Em um impulso enlouquecido, ele empurrou ela contra a parede do quarto, fazendo-a andar para trás. Anya bateu as costas com força na parede, deixando escapar um grito, mas Enzo calou

sua boca com a própria boca, sugando sua língua, mordendo seus lábios. Anya desceu com as unhas por suas costas, e com uma mão, agarrou o alto da cabeça de Enzo, empurrando-a para baixo. Enzo cedeu contra a força de Anya, descendo com a cabeça até seu pescoço. Beijou-o vagarosamente, deixando os gemidos de Anya preencherem o silêncio do quarto, e seu pau explodiu de tesão ao saber que mesmo depois de anos, depois de homens, seu prazer extremo era apenas com ele.

Anya fechou os olhos, levantando mais a cabeça, acompanhando com a mão a cabeça de Enzo, que vagava em seu pescoço, de um lado para o outro, chupando-o, sugando cada parte da sua pele com uma força arrepiante. Seus lábios molhados trilhavam um caminho, deixando a respiração bater por cima, e sua língua lambia cada parte.

Anya empurrou sua cabeça mais para baixo,

ditando o ritmo, e Enzo desceu, agarrando com as duas mãos seus seios, e a encarou, com os olhos erguidos, animalescos.

—Você continua sendo a mesma mulher da primeira transa que tivemos, mas que porra — ele gemeu, e avançou contra os seios de Anya, passando a língua no meio deles. Anya revirou os olhos, perdida no tesão que sentia, e cada beijo que sentia nos mamilos, cada abocanhada quente, molhada, se sentia ainda mais molhada. Sentiu seu mamilo esquerdo ser envolvido pela boca úmida de Enzo, a sensação de sugamento, da língua dele circular a pele.

—Enzo — gemeu seu nome, perdendo qualquer razão, e Enzo afastou os lábios, passando apenas a língua pelo mamilo, percorrendo um caminho até o outro seio. Anya agarrou seus cabelos com violência, e o empurrou mais para baixo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Enzo travou, duro, competindo com a força de Anya, e ela abriu os olhos, assustada. Olhou para baixo, encontrando os olhos duros de Enzo, e compreendeu. Ele, se fosse seguir à risca os Bratva, não poderia se ajoelhar. Ela abriu a boca, sem conseguir pensar no que falar, e Enzo retesou a mandíbula, fechando os olhos. Anya soltou seus cabelos, sentindo um calafrio começar a percorrer o corpo, mas antes que tentasse se afastar, seus olhos não acreditaram no que viram.

Enzo agarrou sua cintura, com força, e cravou um joelho no chão, seguido de outro, se ajoelhando em sua frente, em cima das rosas dos ventos recém feitas. Ele abriu os olhos, fitando-a de forma faminta, penetrante, e pela sua expressão, sentia dor por colocar peso nas tatuagens.

—Enzo — Anya tentou pedir para que se levantasse, mas deixou a frase morrer, analisando a expressão enlouquecida do irmão.

PERIGOSAS ACHERON

—Aqui, com você, eu sou apenas Enzo — ele sussurrou com a voz grossa, e antes que Anya previsse, ele avançou contra o seu ventre, beijando-o. Anya suspirou, sentindo o tesão retornar de forma intensa. Sentiu os lábios molhados de Enzo beijar a pele do seu ventre, com força, e suas mãos grandes, firmes, circularam seu quadril, parando na sua bunda. Anya sentiu o aperto forte na bunda, empurrando-a contra a boca de Enzo, e essa desceu ainda mais, beijando o início da sua intimidade.

Anya gemeu profundamente, se sentindo cada vez mais molhada, à mercê dos seus lábios, e cedeu cada vez mais. Agarrou seus cabelos novamente, e abriu ligeiramente as pernas, permitindo Enzo colocar a cabeça no meio das suas pernas. Sentiu a língua molhada de Enzo passar sobre seus grandes lábios, saboreando-a, e revirou novamente os olhos, sentindo o tesão se alastrar pelo corpo. Puxou com força seus cabelos,

gemendo cada vez mais alto, e a língua de Enzo penetrou seus grandes lábios, tocando a ponta em seu clitóris. Anya gemeu, sentindo Enzo brincar com seu clitóris com a língua, em círculos rápidos, enlouquecedores.

—Me foda — Anya deixou escapar dos lábios, sem qualquer controle. Enzo retesou a mandíbula, deixando a excitação animalesca invadi-lo. Porra, toda vez que ouvia essas palavras de Anya, perdia qualquer controle, qualquer raciocínio. Ele só queria possuí-la de todas as formas possíveis.

Enzo colocou os lábios nos grandes lábios de Anya e os sugou com força, fazendo-a gemer alto. Sentiu sua excitação molhar sua boca, transformando-o em um animal, e sabia que Anya amava vê-lo nesse estado. Rosnou exatamente como o animal faminto que estava, e se levantou rapidamente, agarrando o quadril de Anya com

muita força e virando-a de costas para ele. Abaixou completamente a cueca, deixando a ereção pular para fora, grossa, potente.

Anya gemeu, sentindo a força com que ele lidava com ela, e bateu os seios na parede. As mãos de Enzo empurravam seu corpo ainda mais contra a parede, e uma das suas mãos agarrou o queixo de Anya, virando sua cabeça para o lado. Anya sentiu o pau de Enzo bater em sua bunda, e fechou os olhos, desejando-o.

—Quero me afundar em você de todas as formas possíveis, e porra, quanto mais você pede, mais eu quero — gemeu no ouvido dela, mordendo o lóbulo da sua orelha. Anya gemeu, sabendo exatamente o que ele queria.

Anya empinou levemente a bunda, e Enzo empurrou suas costas com mais força contra a parede, prensando-a com violência. Anya gemeu profundamente, e com a outra mão, Enzo agarrou

sua nádega direita, apertando-a.

—Você quer me sentir, não é? Quer sentir a porra que você faz comigo — Enzo rosnou, fincando as unhas na pele de Anya, exposta para ele. Passou o pau lentamente sobre a pele de Anya, ouvindo-a suspirar, e o tesão se tornou insuportável. Seu pau estava prestes a explodir, pensou. Enzo gemeu, e largou o queixo de Anya, agarrando a base, o guiou até a entrada apertada, deixando-o ainda mais excitado — porra — ele gemeu, e revirou os olhos, forçando o quadril para frente, com muita força. Anya gemeu, fechando com força os olhos, sentindo Enzo preechê-la por trás de uma forma intensa, enlouquecedora. A dor foi envolvida por prazer, e a sua respiração se tornou ofegante.

Enzo sentiu o aperto, o lugar incerto para entrar, e empurrou mais fundo, se perdendo em Anya. Gemeu profundo, deixando sua voz grossa se

sobressair à de Anya, e agarrou seu quadril com uma mão, empurrando-o contra a parede e deixando-o imóvel. Com a outra, enroscou os dedos nos cabelos de Anya, puxando a cabeça dela para trás, e Anya jogou a cabeça. Enzo agarrou seu pescoço, deixando o polegar em seu queixo, e empurrou a ereção dentro de Anya, gemendo como um animal. Anya gemeu em um grito, e Enzo encostou o peito em suas costas, colocando a cabeça ao lado da sua.

—Porra, você me fode também desse jeito — sussurrou enlouquecido — quero que sinta o que faz comigo — e empurrou o quadril com força novamente, se afundando em Anya. Começou a estocar com muita força, segurando Anya pelo pescoço e fazendo-a bater os seios e a barriga da parede, e a cada estocada, Anya gemia em puro gozo, deixando à mercê seu prazer, sentindo Enzo avançar dentro dela, abrindo-a de uma forma

diferente, rasgando-a e deixando um rastro de dor que se transformava em prazer. Pressionou as mãos contra a parede, forçando seu corpo para baixo, sentindo a pontada de dor e o puro prazer, as mãos firmes de Enzo, o gemido profundo, e no segundo seguinte, avançou com uma mão na base do pau de Enzo, agarrando-o e o impedindo de continuar.

Enzo cerrou os dentes, cedendo, e parou, encarando a nuca de Anya. Ela sorriu, inebriada, e se virou de frente para ele, passando a língua nos lábios.

—Quero ir para o seu quarto — ela sussurrou, e os olhos de Enzo pareceram brilhar. Ele sorriu, assentindo.

—Já está arrumado — confirmou, se abaixando e pegando a cueca no chão. Anya observou Enzo se afastar lentamente, ainda com a ereção erguida, e sorriu, sabendo que ele não iria conseguir se acalmar até se enterrar nela

novamente. O prazer dele era dela.

Enzo vestiu a calça jeans, e colocou a camisa social preta, abotoando-a. Colocou o sobretudo preto, e encarou Anya.

—Você não vai se vestir? — perguntou, levantando uma sobrancelha. Anya sorriu lentamente, de forma felina, e caminhou firme até um grande casaco branco de pele, comprido até os joelhos. O vestiu, fechando-o na frente, e encarou Enzo.

—Já estou pronta — respondeu, e pegou o celular da bancada. Observou Enzo caminhar até a porta do quarto, e abriu a caixa de mensagens. Não poderia mandar uma mensagem para Antone agora, já que ele iria enchê-la de perguntas. Precisava deixá-lo informado que ambos estavam vivos, e que Pandora deveria continuar. Tudo deveria continuar.

Abriu uma mensagem para a pessoa que

sabia que poderia confiar, por mais que tivesse armado contra ela. Alice. Digitou uma mensagem e enviou, guardando o celular no bolso do grande casaco que havia levado junto.

Saiu do quarto, descalça, sem se importar com as outras pessoas, e seguiu Enzo pelo corredor. Ele abriu a porta de um quarto, e entrou. Anya o seguiu, fechando a porta atrás de si, e fitou um quarto grande, com uma cama grande, com lençóis vermelhos. As paredes eram amarronzadas, e o piso um bordo envelhecido. A mobília de madeira escura ornava com as pesadas cortinas acinzentadas que ocultavam as grandes janelas ovais. Um divã vermelho estava no outro lado do quarto, com quatro cordas amarradas nos pés, e no outro canto, de frente para o espelho, havia as algemas penduradas em uma armação no teto. Velas estavam acesas na bancada ao lado do espelho, junto com três maletas pretas.

Enzo parou no meio do quarto, encarando Anya, apenas com a iluminação amarelada do grande lustre do teto. Anya sorriu felinamente, sentindo prazer por estar com ele, depois de tanta merda, e desabotoou o casaco, tirando-o.

Enzo retesou a mandíbula, cedendo novamente ao desejo, e observou Anya caminhar lentamente para o banheiro, como um convite. Ela amava aquele banheiro, pensou, e a seguiu.

Anya fitou a banheira já cheia, com espumas, e na borda da cabeceira da banheira, duas argolas estavam em cada lado, prateadas. Em cada argola, uma algema aberta estava pendurada, e o mesmo acontecia dentro da banheira, onde ficavam os pés. Anya sorriu, e olhou para Enzo sobre o ombro.

—Hoje eu quero você — ela sussurrou, e Enzo passou uma mão no rosto, relutante. Mas porra, pensou, se ela fizer isso, ele também fará.

Levantou a cabeça, sério, encarando-a, e seu olhar frio não demonstrou que cedeu, mas começou a desabotoar a camisa. Deixou-a deslizar pelos braços musculosos, e tirou a calça jeans junto com a cueca, ficando inteiramente nu. Anya passou a língua sobre os lábios, descendo os olhos pelo corpo escultural de Enzo, por cada tatuagem que a assombrava, e fitou ele caminhar até a banheira branca, no centro do banheiro luxuoso.

Enzo entrou no banheiro, levantando os braços, e Anya foi até ele. Fechou a primeira algema ao redor do pulso, e fez o mesmo com a outra. Se abaixou, deixando os lábios encostarem no ouvido de Enzo.

—Você me faz gozar apenas com essa visão — sussurrou maliciosamente.

—Porra, venha aqui logo — Enzo rosnou, e Anya riu, se levantando. Colocou as pernas na banheira, fitando-o algemado, imóvel, e viu em

seus olhos a luta pela dominação e submissão. Sentou, passando as mãos pelo seu peito, embaixo da água quente, e o arranhou, deixando o rastro vermelho. Enzo moveu o quadril para cima, enlouquecido, e Anya agarrou seu pau com força. Levantou o quadril e se encaixou nele, sentando abruptamente. Enzo levantou a cabeça, cerrando os punhos e puxando as mãos para baixo, forçando as algemas. Gemeu alto e profundo, sentindo seu pau quente ser envolvido pela intimidade ainda mais quente de Anya, e retesou a mandíbula. Ele queria força, e Anya sabia disso.

Anya agarrou seus pulsos sobre as algemas, e começou a cavalgar com muita força, controlando seu corpo, seu prazer. Enzo gemeu, sem tirar os olhos de Anya, que subia e sentava com violência, deixando a água ser esparramada ao redor da banheira. Anya gemeu, sentindo Enzo penetrá-la cada vez mais fundo, a grossura provocando cada

parte sua, deixando o prazer embriagá-la. Apertou com mais força os pulsos de Enzo, ouvindo-o gemer, e isso a deixou em gozo puro.

Saber que Enzo Lehanster estava à sua mercê, que havia cedido o controle, e não importava de quantas formas eles fodiam, de quantas mulheres passavam por sua cama, no final, o gemido e prazer extremo dele era dela.

Anya gemeu, cerrando os dentes, cavalgando e rebolando ao ponto de quase pular sobre ele, pressionando seus pulsos contra a banheira, deixando-o ser inteiramente submetido. Enzo fechou os olhos, deixando escapar mais gemidos profundos, e Anya agarrou seu queixo com uma mão, levantando o seu rosto. Aproximou os lábios dos dele, e os lambeu. Enzo abriu os olhos, enlouquecido, e sua expressão se tornou ainda mais animalesca.

—Quero que goze, Enzo. Agora, quero

que mostre o quanto goza ao me ter — sussurrou autoritária, e sua expressão era de puro prazer.

—Ah — Enzo gemeu, semicerrando os olhos e retesando a mandíbula — porra, me solte — ele pediu, deixando a voz se tornar ainda mais arrastada. Anya sorriu, e parou de rebolar. Enzo a fuzilou com os olhos, e o semblante de Anya se tornou sério. Ela apoiou mais as pernas na banheira, e começou a subir e descer devagar, sentindo o pau de Enzo entrar e sair lentamente. Enzo revirou os olhos, cedendo ao prazer, e entrou em orgasmo, gemendo enlouquecido. Anya sentiu seu orgasmo quente, seu controle, e a levou à loucura, fazendo um arrepio invadir seu corpo, sufocar seu coração. Sua respiração se tornou entrecortada, igual à de Enzo, e gozou também, em um orgasmo intenso. Rebolou com força, sentindo os espasmos do pau de Enzo, e sorriu, encarando os olhos perdidos em gozo de Enzo. Aproximou mais

os lábios dos dele, e o beijou lentamente, deixando a língua vagar dentro da sua boca. Enzo permitiu esse controle por alguns segundos, e então avançou com a língua contra a dela, prendendo-a. Anya afastou os lábios, e passou lentamente os dedos pelo rosto de Enzo, analisando suas feições intensas, seus olhos intimidadores, exatamente como ela desejava.

—Você continua sendo a minha perdição — sussurrou contra seus lábios, e Enzo deu uma leve risada grossa.

—Nós já estamos perdidos — ele sussurrou lentamente, desejando agarrá-la com força.

Anya encarou Enzo acabar de se vestir, sentada na cama do quarto, sentindo-se um pouco mais calma, mas não demonstraria isso. Enzo colocou o sobretudo, e a encarou pelo espelho.

—Agora precisamos conversar — ele falou sério, e havia algo de macabro em seu olhar. Anya franziu a testa, e assentiu.

—O que você precisa me contar? — ela perguntou, e cruzou as pernas, roçando a calça jeans escura. As botas de cano longo roçaram nos joelhos, e Anya fechou o grande casaco de pele preto.

Enzo respirou fundo, e passou as mãos no rosto. Porra, como ele poderia contar para ela, depois do sexo que tiveram? Como ele poderia contar? pensou. Anya se levantou, percebendo que

ele não escondia a tortura mental que sofria, e se aproximou. Colocou as mãos no seu rosto, e aproximou os lábios.

—Conte, Enzo. Você sabe a mulher que sou — Anya afirmou. Enzo retesou a mandíbula, e assentiu.

—Quando a vi, depois que retornei da reunião, não tive coragem de contar — ele começou, e sua voz grossa se tornou mais baixa, sombria — você estava aqui, nua, e de certo modo, segura por minha causa. Depois transamos, e essa foda sempre me consome — ele pausou, e colocou as mãos sobre as dela — mas como tentei começar a contar antes, me tornei o chefe dos Vors, Anya.

Anya cerrou os dentes, assentindo contra gosto.

—Houve um acordo — Enzo falou, arqueando uma sobrancelha — a única forma de você não ser sentenciada à morte, era se eu me

tornasse o chefe, depois do que contei. Eles me aceitariam como chefe, já que até Kirill não teve argumentos contra a verdade, e — Enzo pausou, e os olhos frios se tornaram intensos — eles me fizeram um acordo. Eles ainda queriam matar você, Anya, e só não fariam isso se me tornasse chefe. Se eu aceitasse, mesmo assim, você não poderia sair impune, então iriam dar um castigo para você. Um castigo que eles iriam decidir, mas quem iria executá-lo seria eu.

Anya fechou os olhos, sentindo um calafrio percorrer o corpo. Porra, ela já havia imaginado isso, pensou. Desviou os olhos para o grande lustre de cristal, com lâmpadas amareladas, e assentiu. Se Enzo aceitou ser o chefe, ela também deveria aceitar seu castigo.

—E o que é, Enzo? — ela perguntou, abrindo os olhos e encarando a expressão tensa do irmão.

—Eu ainda não sei, Anya. Eles ficaram de me notificar e — Enzo pausou, olhando para o celular na bancada — eu passei o seu número. Enquanto você se arrumava, eu recebi a mensagem. Eles estão reunidos, nos esperando.

Anya respirou fundo. Iria ser forte, pensou, não iria demonstrar medo, porque se o fizesse, sabia que Enzo fraquejaria na frente dos Vors, e ele iria negar o castigo.

—Eles irão nos contar lá? — Anya perguntou, observando a expressão preocupada de Enzo. Ele abaixou a cabeça, e colocou as mãos no rosto. Anya pegou suas mãos — então vamos, Enzo. Se você sabe a mulher que sou, sabe que estarei de pé o tempo inteiro. Não tenha medo por mim, porque eu não estou com medo — mentiu com firmeza, e Enzo respirou fundo.

—Você não sabe como pode ser — ele murmurou, e Anya pegou seu rosto nas mãos,

vendo medo em seus olhos verdes.

—Eu estarei aqui depois, para fodermos como antes, Enzo. Não me ache fraca, porque isso é uma afronta. Seja o homem forte que eu vejo que você é, porque só você faz o que faz comigo, então você é forte, e não fraqueje diante daqueles desgraçados. Não demonstre sofrimento, não demonstre nada — Anya afirmou lentamente, e os olhos de Enzo se tornaram intensos.

—Mas — ele tentou falar.

—O que você tiver que fazer, faça. Caso contrário, você estará me decepcionando, Enzo. Eu quero que você seja forte por mim, porque ao vê-lo fraquejar, eu também fraquejarei. Mostraremos que os Lehanster se manterão firme — Anya sussurrou lentamente, e as palavras pesaram dentro da mente de Enzo. Ele fechou os olhos, e assentiu.

—Seja forte, Anya. Se eu vê-la sofrer, cederei — ele sussurrou, ainda de olhos fechados

— não sofra lá.

—Eu sou Anya Lehanster, Enzo, não mostrarei minha dor — Anya respondeu, e Enzo abriu os olhos, encarando o sorriso da mulher que tanto amava — vamos?

Enzo assentiu, e Anya se afastou, pegando o celular. Enzo respirou fundo, e colocou as mãos no bolso do sobretudo. Caminhou até a porta do quarto e a abriu, dando passagem para Anya. Esta saiu, com as botas ressoando pelo corredor, e caminhou firme, com o irmão atrás. Os olhos verdes de Enzo seguiam Anya, e ambos desceram as escadas, saindo do prédio e entrando na Mercedes preta estacionada, esperando para levá-los.

A neve havia aumentado, caindo em mais quantidade, e vento frio batia nas janelas do carro. Anya ajeitou melhor a gola do casaco, enquanto Enzo apenas observada as ruas passarem pela janela.

Por mais que ele fugisse, por mais tempo que demorasse, ele sempre acabava voltando, pensou.

Após alguns minutos se passaram, em que permaneceram em silêncio, absortos nos próprios pensamentos. Anya estava reunindo toda a força que possuía para não fraquejar. Percebeu que o carro diminuiu a velocidade, e pararam em frente a uma antiga catedral. Anya franziu a testa, curiosa.

—Patrimônio de Vladmir, Anya — Enzo sussurrou, e abriu a porta do carro, saindo. Segurou a porta aberta e estendeu a mão, ajudando Anya a descer. Os olhos de Anya percorreram as abóbodas douradas, já cobertas pela neve, e o vento aumentou, balançando seus cabelos. Um calafrio percorreu seu corpo, e Anya respirou fundo.

—Estão nos esperando — murmurou, e Enzo retesou a mandíbula.

—Sim — respondeu, e se virou para o

segurança, sentado no banco da frente — nos espere aqui.

O segurança assentiu, e Enzo estendeu a mão para Anya. Ela o encarou por alguns segundos, sem entender o por quê do gesto.

—Me dê sua mão neste momento, Anya — ele pediu, e sua voz grossa deixou claro que iria insistir. Anya assentiu, e sua mão, com luva preta de couro, pousou na mão de Enzo. Ele apertou a mão de Anya, e a segurou, caminhando lado a lado. Anya subiu os degraus, tentando aceitar a sensação reconfortante de ter a mão dentro da de Enzo, e percebeu que era isso o que ele queria. Passar segurança para ela.

Enzo se sentiu um pouco mais calmo, segurando a mão de Anya, e alcançaram o topo da escadaria. Enzo retesou a mandíbula, e Anya percebeu a expressão facial dele mudar drasticamente. Seus olhos endureceram, e suas

feições se tornaram frias, perigosas. Anya respirou fundo, e deixou seu semblante impassível, sem emoções.

Enzo abriu a porta da catedral, e ambos entram, ouvindo o silêncio esmagador do salão. Anya arregalou os olhos, fitando o piso bordo, as paredes bordos, sombreadas pelas velas amareladas, como um ritual. Dez poltronas pretas estavam afastadas, em um grande circulo, e no meio, dois grandes pilares de pedra haviam sido postos, afastados. Um calafrio perturbador invadiu o corpo de Anya, e contra sua vontade, sua mão tremeu. Seu coração a traiu, acelerando, mas ela se manteve calma, aparentemente.

—Porra — Enzo xingou baixo. Ele sabia o que iria acontecer, pensou. Sabia qual seria o castigo. Mas teria força para isso?

De cada pilar de pedra saia uma corrente, e na ponta, uma algema grossa. Nove homens

estavam em pé, com túnicas pretas, em frente a cada cadeira. Os sapatos de Enzo e Anya ressoaram pelo salão grandioso, e ambos pararam quando alcançaram a grande roda.

Um homem saiu da posição, e caminhou em direção à eles. Enzo apertou a mão de Anya e a soltou. O homem parou em frente a eles, sério, com os cabelos escuros, penteados para trás. A pele lisa do rosto e o inicio da gravata aparecendo por baixo da túnica.

—Bem-vindo, Enzo — o homem falou em russo, e estendeu a mão. Enzo a apertou, assentindo lentamente.

—Obrigado, Kobatskovy — Enzo respondeu.

—Mikaeli — o homem corrigiu — me chame de Mikaeli.

Enzo assentiu, e se virou para Anya.

—Esta é Anya Lehanster — falou baixo,

mas todos os homens presentes a encararam. Anya levantou a cabeça, sem demonstrar medo, e encarou o russo nos olhos. Estendeu a mão.

—Prazer — ela falou firme. O russo apertou sua mão, e desviou os olhos para Enzo, sem dizer nada.

—O que vocês querem? — Enzo perguntou direto, em russo, e Mikaeli assentiu.

—Como foi negociado, você se tornou nosso chefe, Sr. Lehanster — hesitou — Enzo, e como foi negociado, Anya Lehanster será castigada por suas mãos, se assim prefere, ao invés da morte.

—Sim — Enzo respondeu firme — ela está de acordo.

—Ótimo — Mikaeli falou autoritário, e encarou Anya — você será castigada, Sra. Lehanster, por ter matado um irmão nosso, um Vor, um Bratva de alto cargo, um amigo, um homem. Ele era um filho nosso, um irmão nosso, nascido

pelo sangue de um Vor, engatinhando com nossas regras. Este será um aviso para se manter distante de nós, e só receberá esse aviso porque nosso chefe aceitou o acordo — pausou, e Anya concordou lentamente, com os olhos em Mikaeli — como castigo, Sra. Lehanster, receberá dez chicotadas nas costas nuas — Mikaeli pausou, e seus olhos cruéis pousaram em Enzo — dadas pelo nosso chefe.

Anya respirou fundo, sentindo o ar fugir dos seus pulmões, e encarou Enzo. Ele permanecia com a expressão fria, sem demonstrar a luta insuportável que estava acontecendo dentro de si. Ele precisaria ser forte.

—Eu aceito — Anya respondeu firme, e Mikaeli assentiu, com uma expressão insondável. Se virou de costas e fez um gesto para os outros homens. Dois homens se posicionaram ao lado de cada corrente, e Enzo retesou a mandíbula.

—Será perante todos? — Enzo perguntou

autoritário, baixo, Mikaeli se virou, encarando-o por alguns segundos.

—Será perante os Vor de mais alto nível, Enzo. Nós assistimos nossos julgamos para que seja feito como decidido. Não haverá piedade, não haverá alteração de força. As dez chicotadas terão que ser feitas com a mesma força, a mesma velocidade — Mikaeli falou em russo, arqueando as sobrancelhas. Anya cerrou os punhos, tentando não pensar na possível dor, e assim que os olhos do russo fitaram seu rosto, suas feições se tornaram frias. Ela não iria demonstrar um resquício de medo, de dor. Não iria demonstrar sofrimento.

Enzo fechou os olhos por segundos o suficiente para criar a força necessária de não vacilar. Anya havia pedido, e como chefe, como um Lehanster, ele não poderia demonstrar sentimentos. Não poderia fraquejar diante desses homens. Abriu novamente os olhos, encarando

PERIGOSAS NACIONAIS

Mikaeli.

—Eu estou pronto — falou alto, anunciando que o castigo começaria. Anya o encarou pelo canto do olho, analisando seus traços frios, seu olhar perigoso, e tentou manter a mesma posição. Mikaeli assentiu, e se virou de costas novamente, caminhando firme em direção ao meio dos pilares de pedra. Parou no espaço entre as algemas grossas, e se virou de frente para Anya.

—Como Enzo Lehanster, nosso atual chefe, recém assumiu o posto, desconhecendo das regras e formas de castigo, eu hoje regerei este castigo. Conforme combinado com o Sr. Lehanster — Mikaeli estendeu o braço em direção à Enzo — ele punirá Anya Lehanster pelo crime cometido à um Vor, uma redução da sentença de morte, por ter aceitado cumprir a promessa de Vladmir, nosso falecido Pokhan. Eu o ensinarei a fazer da forma certa, para que futuramente ele possa usufruir do

PERIGOSAS ACHERON

cargo plenamente.

Enzo retesou a mandíbula, ouvindo, e Anya deu um passo para o lado, aproximando-se dele.

—Onde está Kirill? — perguntou em um sussurro felino. Enzo a encarou pelo canto do olho, percebendo a vingança em seus olhos.

—Quando assumi o posto, o fiz com a condição de que Kirill fosse afastado — Enzo respondeu, e hesitou — você não tocará nele, Anya. Eu o farei pagar, mas pelas minhas mãos.

Anya o encarou furiosa, e virou o rosto, guardando a raiva para si. Não era o momento, pensou, e encarou Mikaeli novamente, que estendeu o braço na sua direção. Seu coração pareceu abandonar o corpo novamente, e o suor frio, traidor, começou a percorrer seu corpo. Ela não queria estar nervosa, não queria sentir medo.

—Sra. Lehanster, receberá o castigo com as costas nuas. Tire suas roupas, permanecendo

apenas com as peças íntimas, e venha até aqui — Mikaeli ordenou. Anya o encarou friamente, demonstrando a igualdade, e assentiu. Abriu o casaco de pele, revelando uma blusa social preta. Enzo a encarou por alguns segundos, sem deixar transparecer nenhuma emoção, enquanto Anya começou a desabotoar lentamente a camisa.

O vento gelado do ambiente, mesmo com a calefação, a fez arrepiar, e seu sutiã preto torneava seus seios. Enzo retesou a mandíbula, lutando para não demonstrar a luxúria, e percebeu que todos os Vor encaravam a cena.

Anya tirou as botas, desabotoou a calça, deixando-a deslizar pelas pernas, e levantou a cabeça, apenas de sutiã e calcinha pretos. A tensão do ar pareceu se intensificar, e um homem saiu do círculo, caminhando até um canto, onde um velho baú estava fechado. Se abaixou, abrindo-o, e de dentro tirou um grande chicote de couro, preto, de

apenas uma tira, grossa. Anya o seguiu com os olhos, vendo-o dar o chicote para Mikael

—Venha para o meio — Mikaeli ordenou, e Anya não hesitou, evitando demonstrar fraqueza. Caminhou firme, atraindo o olhar de Enzo, e parou de frente para Mikaeli.

—Estou aqui — respondeu em russo, desafiando-o. Mikaeli disfarçou um sorriso irônico, e deu dois passos para trás.

—Se ajoelhe, Anya Lehanster, e estenda os braços para os lados — ordenou. Anya olhou para as correntes no chão, grossas, com as algemas nas pontas. Cerrou os dentes, e com o semblante sem demonstrar emoção, se virou de frente para Enzo, dando as costas para Mikaeli, se ajoelhou, estendendo os braços. Os dois Vors que estavam parados perto dos pilares se aproximaram, levantando as correntes, e circularam os pulsos de Anya com as algemas, deixando as correntes

esticadas, assim como os braços de Anya, como se estivesse em uma cruz.

Permaneceu com a cabeça erguida, e sentiu uma mão agarrar seus cabelos, prendendo-os no alto da cabeça.

—Venha até aqui, Enzo — Mikaeli falou atrás dela, e Enzo pareceu hesitar por algum tempo. Anya encarou seus olhos frios, e ele começou a caminhar, firme e devagar. Todas as cabeças acompanharam o novo chefe dos Bratva, até contornar um dos pilares e parar ao lado de Mikaeli.

—Como nosso chefe, precisa mostrar seu comprometimento com nós. Sua demonstração de lealdade, de ser um Vor — Mikaeli falou, encarando-o — tire a camisa e a calça, Enzo. Permaneça apenas de cueca, e deixe à mostra o símbolo de que é um Vor, de que o castigo será feito por um Vor, não por apenas um homem.

PERIGOSAS NACIONAIS

Enzo fitou de volta Mikaeli por alguns segundos, e levantou os braços, tirando o sobretudo. Desabotoou a camisa social, e descalçou as botas. Seu peito ficou nu, revelando as tatuagens antigas e as recém feitas, com um vermelhidão ao redor. Sua calça deslizou pelas pernas, deixando à mostra as rosas dos ventos nos joelhos. Anya permaneceu em silêncio, com a cabeça erguida, ajoelhada e os braços esticados para os lados, puxados no limite pelas grossas correntes. Encarava cada rosto russo, sem demonstrar medo.

Mikaeli deu um passo para trás.

—Pegue, Enzo. Segue com força, e se vermos que, por um momento, está diminuindo a força, iremos dobrar a punição, e será dada por mim — Mikaeli falou — esse foi o acordo. Nós decidimos o castigo, o ensinamos que não há perdão sem sangue, e depois você terá voz perante nós.

PERIGOSAS ACHERON

Mikaeli estendeu o chicote para Enzo. Ele abaixou os olhos, encarando a mão grande, estendida, com o cabo do chicote sobre a palma. Respirou fundo, e o pegou, sentindo os dedos fecharem em volta do couro gelado. Um calafrio percorreu seu corpo, e seus olhos se voltaram para as costas nuas de Anya.

—Comece o castigo — Mikaeli declarou em tom alto, em russo, e se afastou, caminhando rápido até retornar à frente da cadeira. Todos os Bratva permaneceram em silêncio, aguardando o inicio.

Anya sentiu o silêncio se tornar cada vez mais tenso, conforme os segundos transcorriam, mas permaneceu com o semblante calmo.

Enzo encarou o chicote novamente, desviando os olhos para Anya, e novamente para o chicote. Seu coração iria ser chicoteado junto, mas nesse momento, ele precisava fazê-lo. Fechou os

olhos, tentando afastar a ideia, se focando apenas em fazer, e deu um passo para trás, com os pés descalços. Caminhou mais dois passos, e no terceiro passo, deixando uma distância para manusear o chicote, parou.

Abriu os olhos, respirando fundo, e tentou controlar a respiração que ameaçava acelerar. Ele iria fazê-lo.

Anya levantou um pouco mais a cabeça, deixando claro que estava encarando os homens de igual para igual, e ouviu os passos de Enzo. Fechou os olhos por alguns segundos, até ouvir novamente o silêncio, e os abriu, vendo as luzes das velas tremeluzir no piso e paredes bordos. Os Vors permaneciam com os rostos sem expressão, apenas assistindo.

Anya respirou fundo, e agarrou toda a sua força para manter a expressão fria. Iria permanecer de pé, diante do castigo, diante dos Vors. Ela não

iria fraquejar.

Enzo abriu os olhos, encarando cada canto mais escuro do salão, os olhos atentos nele e Anya mais no claro, com as correntes grossas, escuras. Apertou com força o cabo do chicote, não iria recuar, não iria demonstrar fraqueza.

Anya permaneceu com a cabeça erguida, os braços esticados, seminua, e Enzo atrás dela, a alguns centímetros, com os cabelos já um pouco bagunçados, apenas de cueca preta, deixando à mostra seu símbolo dos Bratva e o chicote.

Eles estavam lá, e ambos iriam a diante. Enzo retesou a mandíbula, e seus olhos perigosos se fixaram em Anya, sua expressão se tornou ainda mais fria.

Levantou o chicote com força, e o chicote fez o movimento no ar. A tira subiu, e em um semi círculo, desceu, chicoteando as costas de Anya, com força.

PERIGOSAS NACIONAIS

O estalo ecoou no salão, cortando o silêncio, contando a primeira chicotada.

PERIGOSAS ACHERON

ALICE

Olá, Antonella. Devo dizer, o prazer é meu? Sim, é meu. Respondendo sua primeira pergunta, já ouvi falar de você, mas nada muito interessante, talvez a pessoa que tenha falado de você não estivesse muito interessada em falar, lembrar. Posso compreender sua curiosidade, já que eu sou a mulher da vida do homem que é a sua vida. Sua

curiosidade será decepcionante para você, porque não conseguirá nada saindo do seu retiro.

Já estou informada que meu namorado entrou em contato com você, mas não vejo muita importância nisso. Confio em nós, e estou ao lado dele. Você quer meu conselho? Responda, resolva os assuntos que precisam resolver, não estamos falando de relacionamento, muito menos ele. Tom está satisfeito ao meu lado, preciso dizer algo mais?

Tom não retornou para você, Antonella, porque Tom está comigo, e não tem nenhum intenção de se afastar de mim.

Respondendo suas perguntas finais. Tom está muito feliz comigo, principalmente no sexo. Sua intensidade é no mínimo quente para mim, e o acompanho sem nenhum esforço. O lugar está preenchido por mim, Antonella, uma mulher que sabe satisfazer Tom na cama, de uma forma que só

eu sei saciar, e isso responde sua outra pergunta. Se eu não confiasse, não estaria calma como estou.

É, você é uma mulher de sorte, mas eu sou a mulher de Tom, conhecendo-o não apenas no sexo, mas sabendo saciá-lo da melhor maneira possível na cama. Sei fazê-lo um homem completo, dentro e fora da cama.

Sorrio, satisfeita pelo meu lado escuro ter tomado o controle das minhas mãos e respondido Antonella. Envio a mensagem, sentindo minhas mãos suarem frio, e respiro fundo. Levanto os olhos, percebendo que a atenção de Ana e Mônica estão nos notebooks. Entro na outra mensagem, recebida por Anya.

Avisarei. Não se aproxime mais de mim.

Envio, desejando que Anya permaneça longe, com sua vida perturbadora e seu jeito manipulador. Meu lado escuro está confiante de

que eu consigo sozinha, e que em Pandora eu confirmarei isso.

Desligo o celular, e volto a trabalhar, tentando me distrair. Levanto os olhos, observando o ambiente clear, as paredes brancas, e a forma como os cabelos ruivos de Ana e Mônica se destacam. Sou a única loira a ter Tom, e me sinto triunfante sobre isso.

A tarde transcorre lentamente, como se os minutos sussurrassem suas passagens me mantendo longe de saber como Tom está dentro da sala, mas algo me diz que ele ainda está excitado.

Faltando alguns minutos para o meu horário de trabalho acabar, a porta da sua sala se abre repentinamente. Levanto a cabeça, encontrando seus olhos azuis escuros, ferozes, e ele os desvia de mim. Sigo seu olhar, observando Ana encará-lo de forma esfomeada, assim como Mônica. Podem desejar comer, mas a única a tê-lo na boca sou eu.

Sorrio lentamente, apenas fitando Tom se aproximar da minha mesa. Franzo a testa, sem entender o que ele está fazendo, e Tom se inclina levemente.

—Preciso que fique alguns minutos depois da sua hora, Alice — Tom ordena, incorporando o Sr. Haltender diante dos meus olhos, e seu tom é autoritário. Levanto uma sobrancelha, confusa, e assinto, vendo de canto Ana abrir a boca, incrédula. Tom dá as costas, e entra novamente na sala, me deixando sem reação ao vê-lo se aproximar diante do seu ambiente de trabalho, de forma tão explícita.

É, ele continua com tesão, meu lado escuro sussurra para mim.

Fecho os olhos por alguns segundos, sentindo os olhares acusadores de Mônica e Ana em mim, e as encaro de volta.

—O que você fez com o Sr. Haltender, Alice? — Mônica me acusa, arregalando os olhos

— como assim, ele envolve a vida pessoal agora?

—Ninguém disse que ele me pediu para ficar alguns minutos a mais por causa disso, Mônica — respondo calma, arqueando as sobrancelhas. Ana ri debochada, balançando a cabeça.

—E por que mais ele pediria? — ela pergunta irônica, se levantando da mesa — se ele começar assim, acho que esse prédio cairá em chamas.

Sorrio irônica para ela, observando Ana arrumar a mesa e pegar a bolsa. Mônica para entre as mesas, me fuzilando com os olhos.

—Se comporte, Alice. Esse é nosso ambiente de trabalho — Mônica sussurra maliciosamente, e minhas bochechas se tornam vermelhas, ultrapassando qualquer barreira do meu lado escuro. Respiro fundo, e a encaro.

—Nada acontecerá, Mônica, tenho meu

apartamento para isso — respondo calma, e me levanto também. Ana ri levemente, e nega com o dedo.

—Espero que seja assim, Ali — Mônica continua.

—Eu até poderia ficar e assistir, se o Sr. Haltender deixasse — Ana ri ainda mais. Reteso a mandíbula, e sorrio amarelo.

—A casa de cada uma está esperando, por que não vão? — pergunto irônica. Ana e Mônica arregalam os olhos, fingindo surpresa, e começam a rir, dando as costas para mim.

—Se cuide, Ali — Ana abana pelo corredor, e ambas desaparecem, virando-o. Suspiro, voltando a me sentar, e coloco as mãos na cabeça. Que merda Tom está pensando em fazer, para querer horas extras? Fecho os olhos, me acalmando, e os abro, fitando a porta da sua sala.

Me levanto, deixando meu lado escuro

imperar, e caminho até a sua porta. Se Tom quer ser o Sr. Haltender, me deixando minutos a mais, como castigo, está errando no método. Não ficarei calada, sem entender, e meu lado escuro ditará as palavras. Dou duas batidas na porta, e a abro, fitando a sala por dentro.

Meus olhos se cruzam com seus olhos azuis escuros, ferozes em mim. Tom está parado, de pé, em frente a sua mesa, de frente para mim. Ele sorri lentamente, sedutor, e meus olhos descem para sua camisa social branca, aberta no colarinho. Sua gravata está pendurada no pescoço, e Tom passa a mão pelo queixo.

—Está me esperando, Alice? — ele pergunta, e sua voz rouca arrepia todo o meu corpo. Merda, Tom está tentando me seduzir. Aperto com força a fechadura, tentando acalmar o fogo do meu lado escuro que Tom acendeu com a visão.

—Estou, Sr. Haltender. Se não tiver mais o

que me passar, pretendo ir embora — respondo ríspida, e solto a porta, dando um passo para trás. Preciso me controlar, preciso enjaular meu lado escuro devasso, e ir embora antes de ceder à Tom, perdendo meu jogo de provocações. Tom levanta uma sobrancelha, retesando a mandíbula, e sorri ainda mais.

—Está dispensada, Alice — ele sussurra roucamente — mas se puder me esperar, irei descer com você.

Respiro fundo. Se ele continuar assim, eu não descerei apenas de elevador com ele, mas perderei nessa disputa.

—Acho que você sabe o caminho, não é Tom? — pergunto zombeteira, e dou as costas. Não consigo controlar o sorriso que surge no meu rosto, e pego minha bolsa em cima da mesa. Ouço passos atrás de mim, e a porta da sala de Tom se fecha em um baque. Olho para trás, surpresa, e Tom está

parado diante dela. Seus olhos descem pelo meu vestido preto, parando na curva do meu quadril, e ele os semicerra.

—Sabe que eu sei o caminho para outro lugar, Alice — ele sussurra maliciosamente. Mordo o lábio, tentando conter o calor que sobe atormentando todo o meu corpo, clamando por ele. Merda, e eu sei que Tom não está nem no início do que pode fazer comigo. Fecho os olhos, negando com a cabeça, tentando tirar a ideia. Preciso permanecer a mais forte, e espero que meu lado escuro não tenha mais tesão do que força.

—E sei que seguirá o caminho até o seu apartamento — respondo calma, e abro os olhos. Tom sorri torto, e nega lentamente com a cabeça. Puxo a barra do vestido um pouco mais para baixo, e Tom dá um passo na minha direção, estendendo a mão.

—Vamos? — ele sussurra sedutoramente,

e me derreto ao ouvi-lo. Ele enlouqueceu naquela sala, e está tentando me dar o troco, mas não conseguirá. Coloco minha mão sobre a sua, e ele entrelaça nossos dedos, me puxando para mais perto — você sabe que quanto mais perto está, Alice, menos chance terá de me vencer — ele sussurra no meu ouvido.

—Eu já estou vencendo, chefe — sussurro de volta, e me afasto, deixando o salto bater alto no piso. Sorrio, sentindo Tom se enfurecer lentamente, e começo a caminhar ao seu lado, observando sua outra mão agarrar a ponta da gravata solta. Franzo a testa, sem entender, e meu lado escuro soa o alarme de que ele tentará virar nosso jogo. Viro o corredor ao seu lado, encarando a porta do elevador, e de canto de olho percebo a gravata na sua outra mão.

—O que pensa que vai fazer com essa gravata, Tom? — pergunto séria, parando na frente do elevador. Tom permanece com a expressão

séria, e aperta o botão, chamando o elevador.

—Nada do que você imagina, Alice — ele diz autoritário, e sua voz rouca diz exatamente a verdade. Não consigo imaginar, meu lado escuro não consegue imaginar o que ele pode tentar fazer.

Assinto, tentando me manter calma, tentando acalmar meu tesão para poder provocá-lo, e as portas do elevador se abrem. Dou um passo na direção, cruzando o salto pelas porta, e no mesmo instante, sinto um empurrão nas minhas costas.

—Tom — grito, arregalando os olhos, e sinto suas mãos quentes, firmes, agarrarem minha cintura, me jogando na direção de uma das portas do elevador, aberta, impedindo dela se fechar, impedindo que o elevador saia do lugar. Suas mãos agarram os meus pulsos, e seu antebraço empurra minhas costas contra o metal da abertura da porta.

—Você não sairá ilesa, minha Alice — ele sussurra no meu ouvido, com sua voz rouca. Fecho

os olhos, sentindo minhas mãos suarem, e meu coração bate como uma escola de samba, me entregando.

—Eu estou ilesa, Tom — o provoco, e suas mãos juntam meus pulsos, na minha lombar. Sinto a ausência de uma das suas mãos, e então um tecido envolve meus pulsos. Arregalo os olhos, entendendo o que ele planejou fazer com a gravata. Meu lado escuro arde em chamas, mas preciso me acalmar — você acha que me amarrando mudará que eu venci você dentro daquela sala? — sussurro ameaçadora. Tom ri roucamente no meu ouvido, e empurra o corpo contra o meu. Sinto sua ereção na minha bunda, e suas mãos voam para os meus seios, apertando-os sobre o vestido. Cerro os dentes, tentando controlar o gemido, mas é impossível não gemer ao sentir todo o seu corpo me empurrando contra a porta na lateral do elevador. Tento mexer minhas mãos, mas Tom as amarrou

com força. Sua mão larga meu seio, subindo pelo meu pescoço, e ele roça os dedos quentes na minha pele, agarrando meu queixo e virando meu rosto para o lado.

—Você precisa estar preparada para um segundo round, Alice, ou você acredita que eu cederei? — ele sussurra sedutoramente. Suspiro, sentindo ele roçar a ereção na minha bunda, mostrando o quanto está excitado, me excitando.

—Eu estava vencendo — gemo, sentindo o aperto da sua mão cada vez mais forte no meu seio.

—Eu deixei você acreditar, para tê-la exatamente desse jeito — ele responde ferozmente no meu ouvido. Fecho os olhos, deixando um gemido abafado escapar dos meus lábios. O elevador faz um clique, tentando fechar as portas, e tenta empurrar meu corpo, mas o mesmo impede o avanço de uma porta, deixando o elevador parado no andar.

—Deve ter alguém querendo usar o elevador — sussurro.

—Então terá que esperar até eu fazer o que quero com você — Tom responde firme, e reviro os olhos, ouvindo a malícia no seu tom de voz rouco — quero que você peça que eu faça, Alice.

Mordo o lábio, resistindo, e nego levemente com a cabeça.

—Não vou — respondo em um sopro de voz, segurando o gemido.

—Eu terei que castigá-la um pouco mais — Tom sussurra roucamente contra meus cabelos, afastando o rosto, e afasta o peito das minhas costas. Respiro fundo, ainda empurrada contra o metal da porta, e suas mãos largam meu rosto e meu seio. Meu corpo se torna tenso, e tento ver o que ele está fazendo atrás de mim, mas a posição impossibilita qualquer visão. Sinto suas mãos agarrarem a barra do meu vestido, e em um puxão,

ele a ergue para cima, deixando minha bunda exposta.

—Tom — grito, sentindo minha pele arrepiar, e tento me afastar do metal da porta, mas uma de suas mãos se espalma nas minhas costas, e me empurra com força novamente. Bato os seios na porta, que tenta novamente se fechar, vindo à minha direção, e Tom permanece me empurrando, me impossibilitando. Seus dedos da outra mão percorrem o caminho contornando minha calcinha preta. Reteso a mandíbula, tentando ser mais forte que ele, e seus dedos chegam na minha bunda, contornando cada parte da calcinha — eu ainda não vou ceder — sussurro. Tom se inclina na minha direção, ainda massageando minha bunda.

—Vamos ver até que momento você aguenta, minha Alice — ele sussurra autoritário, e sua mão solta minha bunda. Por alguns segundos, deixo de sentir seu toque, e então ele dá um tapa

forte na minha bunda, me fazendo pular contra a sua mão nas minhas costas.

—Tom — o chamo, deixando minha voz se tornar em um gemido, e Tom dá mais um tapa forte na minha bunda, deixando o barulho ressoar pelo corredor. Me derreto ao sentir a ardência ser preenchida pelo prazer, e gemo. Sua mão agarra a pele da minha bunda, cravando os dedos com força.

—Não irá ceder, minha Alice? — ele pergunta desafiadoramente. Sorrio, inebriada de tesão.

—Não — gemo, e percebo que estou começando a ceder, merda.

—Então preciso ir um pouco mais — ele sussurra contra meus cabelos, e sua mão novamente agarra minha bunda. Tom solta minhas costas, e no segundo seguinte, agarra a borda da minha calcinha. Antes que eu consiga me movimentar, ele a abaixa, e com a mão, me empurra novamente

contra a parede. Gemo, sentindo minha intimidade exposta, e Tom desce com a mão, agarrando a gravata ao redor dos meus pulsos, me prensando contra a parede através dela. Bato a bochecha no metal gelado, assim como os seios, e me sinto derreter cada vez mais. Meu corpo inteiro está quente, com puro tesão, sentindo todo o ambiente abafado. Meu coração está batendo acelerado, e minha intimidade parece gritar por ele.

Sua outra mão começa a subir pela minha coxa, lentamente, contornando cada curva da minha bunda. Fecho os olhos, sentindo seu toque intenso, quente, arrepiando cada parte da minha pele em que toca, e suspiro, abrindo os olhos, encarando o corredor da empresa, branco, como se me dissesse o quanto isso já ultrapassou qualquer profissionalismo.

—Você está na minha mão, minha Alice — Tom sussurra atrás de mim, autoritário, e meu

lado escuro implora para que eu esteja em todo o seu corpo. Rio nervosa, tentando controlar a situação que escapa das minhas mãos.

—Você está enganado — sussurro, tentando negar, mas Tom ri roucamente atrás de mim, me derretendo ainda mais. Sua mão empurra meus pulsos ainda mais contra meu corpo, me empurrando contra o metal da porta, imóvel, e sua outra mão trilha lentamente um caminho para dentro das minhas coxas. Gemo, sentindo seu toque arrepiante, e seus dedos encostam nos meus grandes lábios. Dou um pulo, enlouquecida de tesão, sentindo meu Sr. Haltender comandando meu prazer. Tento virar a cabeça um pouco mais para trás, mas a visão continua distante.

Arfo, sentindo seus dedos roçarem para frente e para trás nos meus grandes lábios, e fecho os olhos. Tom continua acariciando devagar minha pele exposta, experimentando cada pedaço da

minha intimidade.

—O quanto estou enganado, Alice? — Tom sussurra sedutoramente — o quanto eu não consigo provocá-la assim?

Arfo, retesando a mandíbula, lutando para não dizer o quanto estou derretendo por ele, o quanto quero me virar e deixá-lo me dominar, mas quero mostrar que também estou no controle. Fecho os olhos, controlando o tesão enlouquecedor, e sinto ainda mais intenso seus dedos separarem lentamente meus grandes lábios, deixando minhas pernas ainda mais abertas, e minha bunda empinada na sua direção.

—Tom — gemo seu nome, e seus dedos penetram dentro dos grandes lábios, tocando meu pequenos lábios, deixando-os ainda mias molhada. Arquejo, jogando a cabeça para trás, sentindo o arrepio subir devagar pelas minhas pernas. Seus dois dedos quentes roçam pelos meus pequenos

lábios, e abro os olhos, esquecendo de tentar vê-lo, me concentrando apenas no toque, que continua percorrendo meu interior até chegar ao meu clitóris. Dou um pulo, enlouquecendo cada vez mais, deixando meu lado escuro reinar de desejo dentro de mim. Eu o quero, quero mais que apenas seus dedos deliciosos e quentes — mais — sussurro, deixando escapar dos lábios entreabertos.

Sinto Tom aproximar o corpo do meu, sem parar de tocar em círculos meu clitóris com dois dedos, como se saboreasse cada parte minha, como se gostasse de sentir o quanto estou derretendo por ele, o quanto preciso dele.

—Virei o jogo, minha Alice? — Tom pergunta desafiadoramente, encostando os lábios nos meus cabelos. Merda, Tom não apenas virou o jogo, mas me deixou à mercê do seu sexo. Gemo, e assinto lentamente. Seus dedos aumentam o ritmo, e seu corpo inteiro encosta em mim, me fazendo

gemer cada vez mais — você está deliciosa de tocar — ele sussurra de forma selvagem, aumentando a pressão no meu clitóris. Começo a sentir o corredor se afastar, meu coração pulsar forte, acelerado, e um suor frio ser acompanhado de calor, de uma sensação de esquecimento, vagando pelo prazer que sobe da ponta dos seus dedos, dentro de mim, tocando meu clitóris, até meu ventre. Estou inebriada de gozo, e não consigo mais negar.

—Virou — concordo, gemendo, e Tom agarra meu queixo com a outra mão, virando meu rosto o máximo que consegue para o lado. Ele avança sobre mim, sem parar de me tocar, e cola os lábios na minha bochecha virada na sua direção.

—Estou amando esse seu jogo, vê-la tentar me provocar, mas se entregar molhada desse jeito. Sabe que eu quero o seu prazer, e sempre o consigo, porque conheço cada pedaço desse país das maravilhas que me enlouquece — ele sussurra

firme, e sua voz rouca é pura luxúria.

—Tom — gemo, sem conseguir raciocinar, apenas sentindo o prazer subir em ondas, seus dedos me tocando violentamente. Tom morde levemente minha bochecha, aumentando o prazer ainda mais, e abro a boca, sem fôlego, deixando seus dedos ainda mais molhados. Tom assopra minha pele com sua respiração quente, e afasta a boca, me encarando ferozmente.

—Meu castigo está feito — Tom sussurra autoritário, e tira a mão de mim, deixando uma ausência devastadora. Sua boca se afasta do meu rosto, e perco do toque do seu corpo. Arregalo os olhos, começando a entender que nosso jogo ainda não acabou, que Tom está testando meu limite, está virando o jogo.

—Tom — me exalto, excitada o suficiente para mandar o jogo a merda, abraçar meu lado escuro e querer transar com ele aqui mesmo. Tom

puxa a gravata, desfazendo o nó, e eu puxo os braços, virando de frente para ele, encarando sua expressão selvagem, seus olhos inundados de tesão — você não vai fazer isso comigo — ordeno, furiosa, e franzo a testa. Tom sorri torto, satisfeito ao me ver assim, e dá um passo para trás, negando lentamente com a cabeça.

—Quero que imagine como seria não ser apenas minha mão, Alice — ele sussurra maliciosamente, me provocando — imagine se fosse minha boca — E merda, meu lado escuro faz o que ele manda.

—Tom — o chamo, e avanço contra ele, agarrando seu rosto e colando meus lábios nos dele. Tom envolve meu quadril nu com seus braços definidos, e agarra minha bunda, empurrando meu ventre contra sua ereção. Sinto todo o seu corpo definido contra o meu, e sua língua avança na minha boca, envolvendo a minha, quente, úmida.

Arfo contra seus lábios, desejando mais, mas repentinamente, suas mãos agarram meus pulsos e me afastam. Franzo a testa, encarando seu semblante de triunfo, e Tom levanta uma sobrancelha — o que está fazendo?

—Alguém precisa usar o elevador, Alice. Vamos? — Ele pergunta sério, passando a mão sobre a boca. Abro a boca, incrédula, sem acreditar que ele realmente vai interromper. Meu lado escuro quer que eu o agarre, que tire suas roupas e mostre que quem está no comando sou eu.

—Você não vai fazer isso — exijo brava — vamos para a sua sala.

—Vamos para o meu apartamento, Alice — Tom diz devasso, ajeitando o colarinho — vou esperar você lá.

Encaro ele por alguns segundos, me decidindo se aceito ou se o agarro agora mesmo, mas o elevador tenta fechar novamente. Respiro

fundo, furiosa por ele ter me castigado, e por eu ter cedido, e me abaixo, puxando a calcinha para cima. Tom observa com o olhar feroz em mim, e abaixo o vestido, entrando no elevador. Tom permanece olhando para frente, e sorri satisfeito, percebendo o quanto ainda estou excitada. As portas do elevador se abrem, e dois homens entram. Tom os cumprimenta, ainda ao meu lado, e assim que chegamos ao térreo, saio ao seu lado.

—Vou para o meu apartamento — murmuro, e ele para, franzindo a testa.

—Por que? — Tom pergunta autoritário. Rio, confusa com o fato dele querer que eu vá direto ao seu apartamento — você não estava enlouquecida para ir comigo?

—Tom — sorrio, observando seu carro estacionado ao nosso lado. Levanto os olhos, observando o céu escurecer, e volto a olhar seu rosto preocupado, tenso. Autoritário — eu ainda

moro no meu apartamento.

—Eu sei — ele murmura contrariado.

—Então quero ir para lá um pouco — explico, arqueando as sobrancelhas.

—Mas meu pedido para você se mudar para o meu apartamento ainda está feito, Alice — Tom comenta devagar, com a expressão ansiosa, e dá um passo na minha direção, colocando a mão na minha cintura. Sinto sua mão quente, firme, aumentando meu tesão novamente, mas meu lado escuro agora está atento em outro assunto, sua insistência — Assim você sempre estará comigo.

Rio, negando com a cabeça.

—Tom, estou sempre com você, mas também não precisamos dar esse passo, não agora — tento argumentar, e coloco minha mão sobre a sua — eu preciso de espaço também.

Tom me encara sério por alguns segundos, e assente relutante.

—Você é minha — ele afirma, retesando a mandíbula, e a frase soa possessiva de um jeito que deixa claro para o meu lado escuro o quanto Tom encara a situação de morar comigo de uma forma diferente.

—Mas antes de tudo, eu decido também, Tom — falo, desafiando — vou para o meu apartamento agora, e quem sabe depois eu apareço lá — digo sorrindo, tentando diminuir a tensão que começou a se criar.

Tom sorri, encarando minha expressão desafiadora, e se inclina na minha direção.

—Eu espero você no meu apartamento, assim que eu retornar do meu compromisso – Tom sussurra autoritário. Franzo a testa, curiosa e ao mesmo tempo confusa. Qual compromisso?

—Qual compromisso, Tom? – Pergunto calma, sem demonstrar curiosidade. Tom me encara por alguns segundos, com o semblante sério,

e hesita. Seus olhos parecem analisar meu rosto.

—Negócios, minha Alice – ele afirma sério, e passa o dedo pelos meus lábios. Arqueio uma sobrancelha, sem conseguir acreditar nas suas palavras, deixando meu lado escuro novamente questionar o que ele pode estar escondendo, acalmando todo o fogo que eu ainda estava sentindo.

—Negócios, Tom? – pergunto séria, e afasto o rosto do seu toque. Tom retesa a mandíbula, e assente devagar, com uma expressão insondável.

—Sim – ele responde autoritário – negócios sobre minha empresa, Alice – e hesita, me encarando sério – você está suspeitando de algo?

Respiro fundo, tentando controlar meu lado escuro de dizer sim, e nego com a cabeça, desviando os olhos.

—Não – murmuro, e observo seu carro

esportivo estacionado ao nosso lado.

—Alice? – Tom me chama, e permaneço sem encarar seus olhos, retornando a lembrar da mensagem de Antonella. Negócios. Mordo o lábio, relutante em pensar mais sobre isso, e decido que não irei contar para Tom. Não quero sentir que Antonella está conseguindo o que quer, se meter no meio da nossa relação. Além de que não preciso de Tom para resolver meus assuntos com ela, apenas preciso do meu lado escuro, e eu o tenho inteiramente ao meu lado – Alice? – Tom me chama novamente. Respiro fundo, e encaro sua expressão preocupada – você está suspeitando que eu estou mentindo para você? – ele pergunta sério, e percebo o início de fúria em seus olhos azuis escuros. Tom retesa a mandíbula, se controlando. Nego com a cabeça, dando um passo para trás.

—Não – respondo firme, sem tirar os olhos dele – estou atrasada, Tom – minto, dando

mais dois passos para trás, vendo-o levantar uma sobrancelha, confuso e desconfiado – nos vemos depois, talvez eu chegue atrasada no seu apartamento – murmuro, e dou as costas para ele, me afastando rápido. Sinto seus olhos ferozes em mim.

—Alice – Sua voz rouca é alta e autoritária – volte aqui.

Viro a cabeça para trás, sem parar de caminhar para longe dele, e mando um beijo com a mão, juntando os lábios. Seus olhos azuis escuros parecem sair de orbita de fúria, e percebo que Tom está enlouquecido por ver a minha suspeita, por ver eu me afastar sem conversar.

Mas agora eu preciso disso. Preciso estar sozinha para entender o que pode estar acontecendo. Caminho apressada, ainda sentindo seus olhos em mim, e atravesso a rua, parando na esquina da calçada. Olho para trás, a tempo de ver

PERIGOSAS NACIONAIS

Tom entrar elegantemente no carro. Respiro fundo, desejando estar com ele, desejando não precisar estar sozinha para pensar, mas meu lado escuro quer repassar tudo, quer abrir meus olhos. Volto a caminhar apressada, e ouço o ronco de um carro esportivo. Viro a cabeça rapidamente, vendo Tom passar lentamente por mim de carro. Seu vidro se abaixa, e ele vira o rosto na minha direção, com os olhos penetrantes em mim. Sorrio sem graça, vendo ele me encarar sério, como se tentasse descobrir o que está passando na minha mente. Seu carro passa por mim, e observo atenta desaparecer pela rua. Respiro fundo, tentando recapitular toda a sua fala. Chegará tarde porque tem negócios para resolver, negócios esses que evitou de me contar, e por mais que eu confie em mim mesma, Antonella deixou claro que seus negócios com Tom podem ser mais profundos. Cerro os dentes, e me lembro da sua mensagem e da minha resposta. Pego o celular na

bolsa, entrando no meu prédio, e assim que entro no elevador, ligo a tela, fitando uma nova mensagem de Antonella.

Esperamos grandes negócios, Alice.

Apago a mensagem, tentando não me alterar. Por mais que eu possa ter me comportado errado quando Tom disse que ia ter compromisso de negócios, algo me soou estranho, e depois dessas mensagens de Antonella, por mais confiança que eu sinta, parece que algo está a espreita nas sombras, e preciso afastar esse pensamento antes que isso interfira mais nos meus atos. Não quero me sentir afetada por suas ameaças, não quero suspeitar de Tom como fiz. Abro a porta do meu apartamento, e respiro fundo, ligando as luzes.

Fito a sala organizada, e me lembro das noites passadas, quando encontrei Gabriel com Anya. Merda, essa visão me assombra, e preciso esquecer o que aconteceu. Fecho a porta e me sento

no sofá da sala, tirando os saltos. Encosto as costas no encosto, e fecho os olhos, respirando fundo.

Eu me sinto confiante, meu lado escuro está seguro, e não quer se deixar afetar pelas palavras de Antonella, mas de certa forma, quando ouvi o assunto negócios, de forma vaga, percebi que me afetou, que deixou ativado um alarme de perigo, de suspeitas que não quero que aconteça. Preciso ser forte para não deixar isso me afetar novamente, para não fazer o que Antonella quer, afastar Tom de mim. Não tenho o por quê suspeitar, sou o que Tom precisa, e não posso deixar nada interferir nos meus pensamentos. Preciso me certificar que esse mundo me pertence, e farei isso em Pandora. Abro os olhos, começando a me lembrar do último evento, dos corredores na penumbra, dos olhos envoltos de máscaras, das apresentações. Do sexo. Eu estou ansiosa para estar lá, sozinha, encarar e mostrar para mim mesma que estou certa.

PERIGOSAS NACIONAIS

Suspiro, e meu lado escuro começa a tecer lentamente uma ideia para encontrar Tom em Pandora, mas para isso, precisarei de ajuda. Pego o celular novamente, e começo a pensar em quem poderia me ajudar no que preciso. Dana acharia estranho meu pedido, e iria ficar me questionando o tempo todo, além de que Pandora não é parte do seu mundo. Nego com a cabeça, e meu lado escuro a descarta.

Nássia faz parte desse mundo, mas de que forma? Ela é parte com Enzo, mas sabe sobre Pandora?

Esse mundo de Tom é o que eu quero, é onde estou, e olhando para o passado, percebo o quanto ele é contrastante com o meu antigo mundo, como eu me tornei uma Alice diferente, uma Alice sem barreiras, e de como por mais diferente que seja esse mundo, sensual e luxuoso, eu quero fazer parte.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Por mais que Nássia faça parte desse mundo, talvez ela não saiba, e talvez não possa me ajudar, por mais que tenha boas intenções, mesmo tendo errado a respeito de Anya.

Meu lado escuro sussurra um nome, apenas um e tento negar com todas as minhas forças, mas eu sei que ele está certo. Eu talvez possa pedir para essa pessoa. Respiro fundo, tentando pensar em como entrar em contato, já que não tenho o seu número, e me lembro do pedido de Anya, sobre avisar Antone. Como vou avisá-lo, se não tenho o seu número também? Posso pedir para Tom, ou posso unir o pedido de Anya com o que eu preciso.

Meu lado escuro está certo disso, e me convenceu. Me levanto, e no mesmo instante, meu celular vibra com uma mensagem de Gabriel.

Ali, está aí? Preciso falar com você.

Franzo a testa, sem entender a mensagem de Gabriel, e digito.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Oi Gabi, tudo bem? O que aconteceu?

Envio a resposta, preocupada com ele, e meu lado escuro começa a pensar nos dias até Pandora. Caminho até o meu quarto, deixo a bolsa sobre a cama e vou para o banheiro. Ligo o chuveiro, e mesmo lutando para não pensar, a curiosidade sobre a reunião de Tom começa a me incomodar. É apenas negócios, Antonella está na França, longe, e mesmo se estivesse perto, não há motivo. Não quero pensar nisso, e fecho os olhos, deixando a água cair sobre o meu rosto.

Alguns minutos se passam, e saio do chuveiro. Me enrolo na toalha, e caminho apressada para o quarto, vendo meu celular vibrar em cima da cama com uma mensagem de Gabriel. Respiro fundo, preocupada, e pego o celular, abrindo a mensagem.

Seus pais adoram Tom, não é? Contei para eles daquele apartamento gigante.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Rio, sem acreditar em Gabriel, e continuo a ler a mensagem.

Ali, preciso de um favor seu. Cara, eu sei que é errado, que eu não deveria estar pensando nisso, porque ela é totalmente errada, sem falar daquele irmão, mas estou preocupado com Anya. Você teve notícias dela? Não esconda de mim.

Respiro fundo, preocupada com Gabriel, assustada por ele estar preocupado com Anya, e mesmo que eu queira ser verdadeira com ele, não quero contar sobre a mensagem que recebi dela. Gabriel é correto demais, é outro mundo, e temo que Anya o destrua, destrua a inocência que ele tem. Começo a digitar.

Gabi, não tive notícias de Anya, e mesmo se tivesse, não iria contar. Anya não é mulher para você, Gabi. Você merece alguém melhor, alguém que não durma com o próprio irmão ou ponha sua vida em risco. Você sabe que eu estou certa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Envio, sabendo que ele ficará furioso ao ler minha mensagem, mas eu não me importo, desde que ele esteja em segurança e longe de Anya. Ando até o meu guarda-roupa, e pego uma calça jeans escura, uma blusa de mangas compridas preta, com um decote um pouco aberto em v, e visto, deixando os cabelos soltos. Olho para o meu celular, e provavelmente vou chegar no apartamento de Tom depois dele.

Faço uma maquiagem leve, e crio coragem para continuar meu plano, preciso de ajuda para Tom não me ver em Pandora antes do tempo, para que tudo ocorra conforme eu quero.

E também para perguntar sobre Antonella, meu lado escuro palpita. Nego com a cabeça para mim mesma, não quero tocar nesse assunto. Entro em um aplicativo de buscas do celular, e procuro o endereço dos Lehanster. Imediatamente fotos deles aparecem no visor, e mais abaixo, referências de

PERIGOSAS ACHERON

uma casa e o endereço. Arregalo os olhos, fitando a mansão luxuosa, em estilo gótico, ostentando exatamente como os donos.

Pego uma outra bolsa, menor, e coloco o celular dentro. Caminho até a porta, e saio do apartamento, criando cada vez mais forças para continuar. Entro, memorizando o endereço, e pego o celular novamente, ligando para um táxi. Assim que o taxista atende, explico o meu endereço, enquanto caminho pelo hall de entrada do prédio, e em dez minutos, o táxi estaciona em frente ao prédio. Indico o endereço da mansão dos Lehanster, e o taxista parece curioso.

Encosto as costas no banco, e respiro fundo. Estou indo para falar com Antone sobre a mensagem, e apenas estou indo porque sei que Anya está longe, mas merda, o calafrio parece insuportável. Não havia planejado realmente chegar mais tarde no apartamento de Tom, mas a ideia

para o meu plano surgiu e não posso perder a oportunidade. O taxista estaciona em frente à portões altos, escuros, e sorrio sem graça. Dou uma nota de dinheiro para ele, e desço do táxi, encarando o jardim luxuoso que se estende atrás do portão. Caminho até o interfone, ouvindo o táxi partir, e aperto o botão.

—Alô — ouço uma voz familiar, e o calafrio parece aumentar. Merda, por que fui ouvir meu lado escuro?

—Antone? — pergunto, já com a certeza de saber quem é. Um silêncio perdura por alguns segundos, e completo — sou Alice, namorada de Tom.

—Ah, Alice? — ele pergunta surpreso — um momento.

E em um instante, os grandes portões se abrem, dando passagem para entrar. Passo por eles, observando calmamente todos os detalhes

incrustados, e caminho pelo jardim, até alcançar a escadaria que leva para a grande porta de entrada. Assim que paro em frente, a porta de entrada se abre, revelando Antone apenas de calça jeans escura, os ombros musculosos e um cordão de ouro. Seu rosto parece inchado de sono, e um cheiro de álcool chega até as minhas narinas. Desço os olhos e vejo suas meias brancas, suas mãos com as veias saltadas.

—Olá, Alice — Antone fala sério, sem expressar nenhum sorriso brincalhão, comum em seu rosto. Respiro fundo, observando a escuridão atrás dele.

—Oi, Antone — murmuro, começando a me arrepender de ter decidido contar a mensagem de Anya, como ela pediu. Por quê tenho que fazer esse favor, quando ela foi uma vadia comigo? Mas estou aqui mais por mim mesma, para falar com a pessoa que pode me ajudar em Pandora. E se Tom

souber que estou aqui, ele enlouquecerá, mas não tenho culpa se o meu lado escuro pensou nisso depois de tê-lo visto. Ele agora está em uma reunião, uma reunião de negócios, e não vou interromper seus negócios. Na verdade, não quero nem pensar nisso, quero pensar que não tenho motivos para me preocupar, e focar no meu plano para surpreendê-lo em Pandora.

—Você precisa de algo? — ele pergunta sério, e percebo que está incomodado. Mordo o lábio, abraçando meu lado escuro para me ajudar.

—Sim — falo firme — Anya entrou em contato comigo, Antone.

Antone arregala os olhos, surpreso, e dá um passo para trás, estendendo a mão.

—Entre — ele convida, e assinto, entrando na mansão Lehanster. Olho ao redor, o lustre de cristais colossal, acima do hall de entrada, a escadaria bordo que sobe para o segundo andar, as

estátuas em tamanho real, os vários espelhos com molduras douradas. Tudo em um aspecto que me lembra o jeito de Anya. Respiro fundo, e sigo Antone até a sala. Um grande sofá está posto no meio da sala, e Antone senta nele, apontando um sofá menor para mim. Sento, fitando seu rosto preocupado, e ele se inclina, com as pernas abertas, apoiando os cotovelos nos joelhos — o que Anya disse, Alice?

Cruzo as pernas, tentando não demonstrar o receio que sinto, e levanto a cabeça.

—Anya apenas pediu para avisar que estão bem e que — hesito, tentando me lembrar da mensagem — que não pode acabar. Eles não estão mais na Rússia, e voltarão em breve — conto.

Antone abre a boca, sem dizer nada, e passa as mãos pelo rosto.

—Apenas isso? — ele pergunta sério, levantando a cabeça. Assinto, encarando seu olhar

se acalmar — Anya não falou nada sobre — Antone hesita, e percebo que ele está ponderando o que perguntar.

—Anya não falou mais nada, Antone, apenas isso — falo séria, enfatizando, e ele concorda com a cabeça.

—Seria isso? — ele pergunta, se referindo à minha visita. Mordo o lábio, chegando ao meu objetivo.

—Na verdade, não. Antone, eu gostaria de falar com Eva — meu lado escuro fala, ditando minhas palavras. Antone semicerra os olhos, curioso, e franze a testa.

—Com Eva? — ele repete minha frente, e assinto.

—Sim, preciso falar com ela — afirmo, e Antone analisa minha expressão.

—E sobre o que seria, Alice? — ele pergunta cauteloso. Rio, negando com a cabeça, e

tento suavizar a expressão.

—Não é nada de importante, Antone, é um assunto meu — respondo, e Antone se levanta, passando as mãos na calça jeans.

—Bem, Eva está no quarto, vou levá-la até lá — ele murmura, e sem esperar eu me levantar, começa a caminhar em direção às escadas. O sigo rápida, e ouço sua voz — é estranho — ele começa a comentar, sem se virar para trás — você querer falar com Eva, a mulher que parecia odiar mais do que tudo. Entendeu que ela e Tom nunca tiveram um sentimento?

Respiro fundo, sentindo o suor frio aumentar pelo meu corpo, e meu coração acelera, como se soasse um alarme. Sorrio amarelo, desejando que ele pare de falar.

—Sim, eu entendi — murmuro seca, tentando acabar o assunto, e começo a subir as escadas atrás dele.

—Eva se preocupou com você, eu também. Nos sentimos culpados pelo o que aconteceu, e Tom fez o favor de nos jogar na cara isso, mas agora você está bem. Eva está comigo, e apesar do que pensam, nós nos amamos — ele continua autoritário, e fico quieta, deixando-o falar — mas sabe o que eu acho interessante, Alice? Os boatos. As pessoas adoram inventar sobre nós, sobre como Eva trocou um amigo por outro, sobre como somos assustadores. Eva nunca amou Tom, sobre isso você não precisa se preocupar, não houve uma troca, apenas um abrir de olhos.

—É verdade — concordo, tentando não estender o assunto. Por que Antone está falando isso? Qual é a sua ideia?

—Se bem que, como você pode saber, o importante para mim é apenas sentimentos. Eva é — ele hesita, e arregalo os olhos, começando a diminuir o passo — é uma mulher sexual, como

você sabe, e porra, não me importo de vê-la nos espetáculos, o importante para mim é o que está guardado dentro dela, é saber que o dono do seu prazer, do seu amor, sou eu. Acho que no fundo gosto de saber disso.

Não consigo concordar nem comentar, apenas ficar quieta junto com meu lado escuro. Antone para em frente a uma porta, e segura a maçaneta, se virando de lado para me encarar. Paro perto dele, apenas desejando que ele abra a porta e me deixe com Eva.

—Se Tom fosse assim também, como eu e Eva, talvez nós pudéssemos experimentar algo diferente, nós quatro — Antone finaliza. Abro a boca, sem conseguir acreditar na sua proposta, e meu lado escuro se possuí de assombro. Com seus irmãos desaparecidos, uma mensagem de Anya para ele, e Antone ainda consegue pensar nessas merdas? E com toda a certeza, Tom nunca me

compartilharia com Antone, e eu nunca compartilharia Tom.

Antone percebe meu assombro, e começa a rir, abrindo a porta do quarto.

—Amor? — Antone chama Eva, ignorando meu olhar furioso. Ouço uma porta abrir dentro do quarto.

—Oi amor — ouço a voz de Eva, e Antone sorri, entrando no quarto. Espero na porta, fitando um quarto na penumbra, com paredes claras, cortinas pesadas, escuras, e um grande tapete marrom no meio do quarto. Um grande espelho está posto em frente a cama.

—Alice veio falar com você — Antone é direto, e percebo que é minha deixa. Entro no quarto, percorrendo com os olhos os móveis, uma porta para o closet, e a porta do banheiro aberta, com Eva parada em frente. Está vestida com um robe branco, e seus cabelos ruivos caem em

camadas pelo robe em seus ombros. Respiro fundo, me preparando para conversar com ela. Seus olhos se arregalam ao me ver, e ela sorri confusa.

—Olá, Alice — ela diz calma, e Antone sorri ao meu lado.

—Vou deixá-las à sós — ele murmura, dando as costas para nós e saindo do quarto. Ouço a porta ser fechada atrás de mim, e Eva passa as mãos nos cabelos molhados, caminhando até a cama. Ela senta, me encarando, e suas pernas são mostradas pela abertura do robe.

—Sente-se — ela murmura, apontando uma cadeira arredondada, branca. Mordo o lábio, assentindo, e me sento, também cruzando as pernas. Encaro seus olhos verdes por alguns segundos, sem saber como começar.

—O que você precisa, Alice, em que eu possa ajudá-la? — Eva pergunta séria, levantando as sobrancelhas.

PERIGOSAS NACIONAIS

Meu lado escuro está atento, reinando dentro de mim, e preciso que ele comande esse momento.

—Seu namorado tem ideias estranhas, Eva — murmuro, ainda chocada com a sugestão de Antone. Eva ri, colocando a mão na boca, e concorda.

—Antone sempre passa dos limites, e acha que as pessoas podem ser iguais à ele, mas independente do que ele falou, não dê bola, Alice. Às vezes, Antone fala brincadeiras que não podem ser levadas à sério — Eva fala sorrindo. Essa brincadeira é uma dessas que não pode ser levada à sério então.

—Então essa foi uma dessas — concordo, sentindo o meu corpo menos tenso. Meu lado escuro quer pedir sua ajuda, mas antes, insiste em perguntar sobre Antonella, por mais que eu lute contra.

PERIGOSAS ACHERON

—Eva, preciso perguntar algo — e meu lado escuro comanda meus lábios novamente. Eva deixa o sorriso desvanecer, e me encara séria.

—Pode perguntar, Alice — ela fala calma, e respiro fundo.

—Você já ouviu falar de Antonella? — pergunto, sentindo meu corpo suar frio. Estou bem com Tom, e estou afastando qualquer ideia ruim sobre os negócios, porque não preciso pensar, preciso apenas confiar em mim mesma, em nós, mas meu lado escuro quer saber mais dessa mulher que está tentando me incomodar, quer saber exatamente o que ela acha que têm com Tom, para então mostrar à ela o contrário.

Encaro a expressão de Eva se tornar um pouco distante, e seus olhos vagam pelas janelas.

—Antonella? — ela repete o nome, como se estivesse pensando, e seus olhos se fixam em mim — um antigo romance de Tom, isso?

PERIGOSAS NACIONAIS

—É — minha voz sai cortante, e Eva sorri.

—Se você está preocupada, Alice, não precisa estar — ela começa.

—Não, não estou preocupada, eu apenas quero saber — falo a verdade, dando de ombros e ignorando qualquer suspeita.

—Bem, Antonella é uma mulher de uns vinte e três anos. Ela vem de uma família muito rica de Lyon, na França, e seus pais eram amigos muito próximos dos pais de Tom, antes deles falecerem — Eva conta devagar, tentando manter a suavidade na voz — por causa disso, Tom sempre passava as férias lá, com ela, desde novo, e eram grandes amigos, até que — Eva pausa, como se tentasse lembrar — acredito que quando Tom tinha dezenove, um ano antes de me conhecer, em uma dessas férias, acabou por transar com ela, e passou as férias ao seu lado. Pelo que soube por ele, naquela época, Tom nunca deu esperanças reais

PERIGOSAS ACHERON

para ela, mas Antonella se apaixonou por ele, e Tom, ao invés de parar de iludi-la, deixou-a ainda mais apaixonada. Antonella contou para os pais, que por verem Tom à frente da empresa dos falecidos pais, acreditaram que poderiam fazer um casamento por negócio. Entenda, Alice, os pais de Antonella eram donos de empresas que fazem negócios com Tom, e pensaram em juntá-las, mas Tom negou, explicando que foi apenas sexo, e que a via como uma amiga. Pelo pouco mais que ele me contou, Antonella nunca aceitou, e ele foi embora — Eva fica em silêncio, apenas fitando o meu rosto, e evito demonstrar qualquer expressão. Sua história é parecida com a que Tom me contou, e pelo que eu percebo, Tom nunca a amou mesmo. Ela acredita em algo irreal, enquanto Tom está comigo. Assinto, satisfeita por estar certa, e Eva sorri levemente — por que, Alice?

Abro a boca, tentando explicar, mas não

quero contar tudo.

—Porque os pais de Antonella faleceram há alguns meses, e ela tomou a frente dos negócios. Pelo que soube, Tom precisou entrar em contato, e Antonella continua igual há anos atrás, com suas ideias — explico, e Eva franze a testa.

—E você queria saber com quem está lidando? — ela pergunta séria.

—Isso — afirmo — eu apenas queria saber quem ela é.

—Eu nunca conheci Antonella pessoalmente, Alice, para poder dizer com certeza, mas a impressão que tenho é que ela é o tipo de mulher que acredita conseguir tudo o que quer, inclusive quando está errada — Eva diz receosa — mas conhecendo Tom, e percebendo o que há entre vocês, acredito que você não precisa de preocupar.

—Não estou preocupada — dou de ombros, tentando mudar de assunto, agora que já

consegui o que eu queria — só queria confirmar o que achava mesmo.

Eva assente, percebendo que não quero mais falar sobre isso. Estou satisfeita com o que ouvi, confirmando o que achava de Antonella, e me acalmo novamente em relação aos negócios de Tom. Não quero criar suspeitas, e agora mais do que nunca, não vou mais criar ou pensar. Preciso me concentrar em algo que será bom para nós dois, Pandora. E agora me sinto mais tranquila em ir para o apartamento de Tom e fazê-lo acalmar todo o tesão que criou de tarde, esquecendo das mensagens de Antonella. Não preciso mais pensar nisso.

—Mas estou aqui para pedir uma ajuda, Eva, não apenas para perguntar — falo séria, e vejo que a expressão de Eva se torna mais atenta.

—E do que você precisa, Alice? — ela pergunta direta. Respiro fundo, e decido que é hora

de encarar o que eu quero.

—Preciso que você me ajude em Pandora, Eva — falo firme, sem demonstrar insegurança. Eva franze a testa, sem entender, e explico — sábado, no evento, pretendo ir desacompanhada de Tom. Disse para ele que não vou, que ficarei em casa com uma amiga, mas minha intenção é ir, é — hesito, sem encontrar palavras para descrever, e Eva sorri sugestivamente.

—Sua intenção é provar a visão e sensação que Pandora dá, sozinha. Sua intenção é ver como você realmente se sente, Alice — Eva completa minha frase. Assinto, sentindo que Eva está começando a entender.

—E depois encontrá-lo lá, surpreendê-lo — continuo, observando ela me encarar atenta — mas preciso conseguir um jeito dele não me reconhecer lá, quero surpreendê-lo de todas as maneiras, mas — pauso, olho ao redor do quarto,

fitando nossos reflexos no espelho.

—Mas precisa da minha ajuda, é isso? — Eva pergunta séria. Desvio os olhos do espelho, fitando-a.

—Sim. Preciso da sua ajuda, Eva. Sei que você é uma pessoa sexual, sei que você está relacionada com os donos de Pandora — afirmo, contando o que eu sei. Ela assente calma. Está na hora de contar meu plano, e meu lado escuro confia em Eva, dessa vez — Tom sabe como normalmente me visto, como normalmente sou, e por isso, pretendo ir de um modo mais — hesito, e meu lado escuro arde em chamas — mais chamativo, assim como pretendo conseguir algo para disfarçar meus cabelos loiros.

—Uma peruca? — Eva pergunta maliciosamente. Sorrio, sem conseguir esconder a sensação de imaginar como será.

—Sim — confirmo sua hipótese — mas

além disso, quero saber se você pode fazer um favor para mim, dentro de Pandora. Sei o que estou pedindo, e se for contra as regras, vou entender, Eva.

Eva sorri, como se estivesse feliz em me ajudar, e desliza mais para a beirada da cama, com os olhos curiosos em mim.

—Diga, Alice, e vou tentar ajudá-la se for possível. Eu e Antone seremos responsável por Pandora, este final de semana, já que Enzo e Anya não retornaram ainda — Eva pausa, analisando minha expressão ansiosa, e cerro os punhos, controlando meu nervosismo ao pensar. Meu coração ressoa pelos meus ouvidos, e de inesperadamente, um sorriso surge em meus lábios — o que você precisa, Alice? — Eva pergunta maliciosamente, deixando meu lado escuro contar exatamente o que quero fazer em Pandora.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

ALICE

O táxi para em frente ao prédio onde Tom mora atualmente, e sorrio, respirando fundo. Pago o taxista e saio do carro, satisfeita comigo mesma. Eva concordou em me ajudar, e por mais que eu não precise de uma segunda opinião, ela pareceu achar minha ideia extremamente surpreendente. Ela foi exatamente como desejei, e Antone foi

perturbador como seus irmãos.

Me sinto satisfeita por ter seguido em frente, por acreditar em mim mesma, por refrear minhas suspeitar e receios sobre Antonella. Tom é meu, e nenhuma mulher do seu passado irá tirá-lo de mim.

O taxista acelera, desaparecendo pela rua, e toco o interfone do prédio. O porteiro atende, e já notificado por Tom, abre o portão para eu entrar. Subo pelo elevador espaçoso, sentindo meu coração acelerar cada vez mais, e começo a decidir se conto para Tom que fui para a casa dos Lehanster. Se eu contar, Tom irá querer saber dos detalhes, e não posso contar sobre minha conversa com Eva, não agora.

As portas do elevador se abrem, e saio, caminhando firme até a porta do seu apartamento. Tom provavelmente a deixou aberta, caso eu chegasse antes, e conforme imaginei, assim que

aperto a maçaneta, a porta se abre. Fito sua sala com as luzes apagadas, sendo clareada pelas luzes da cidade que entram pelas paredes envidraçadas. Tudo está organizado, de um jeito que me lembra Tom, e sorrio, sentindo seu perfume doce no ar. Acendo uma luz, e fecho a porta atrás de mim. Percorro a sala com os olhos, e meu corpo inteiro se arrepia ao pensar que sou a única mulher a estar aqui, a ter esse poder de fazê-lo entregar seu refúgio. Olho para o corredor que leva até a cozinha, e decido esperá-lo de uma forma diferente. Deixo minha bolsa sobre uma poltrona e caminho apressada até a cozinha, tirando os sapatos. Atravesso a grande porta de vidro da cozinha e acendo as luzes, fitando um grande balcão branco, tampos de mármore e banquetas brancas ao redor do balcão branco, tudo devidamente organizado. A geladeira, ao lado do tampo da pia, é prateada, assim como todos os balcões, prateados e pretos,

com cromados nos puxadores. Abro a geladeira, tentando procurar algo para começar a cozinhar. Pego uma travessa de peito de frangos, legumes na gaveta da geladeira e um molho branco pronto. Fecho a geladeira com a perna, e começo a olhar ao redor, procurando o lugar das panelas da cozinha exageradamente grande para alguém como Tom, que não sabe cozinhar. Quando Tom usou essa cozinha?

Abro cada gaveta, e em uma delas, encontro duas panelas. Em uma delas faço o arroz, deixando-o no fogo baixo, enquanto preparo o frango, colocando-o no molho e deixando-o na panela. Respiro fundo, e olho para o relógio marcando nove horas. Meu lado escuro quer saber que horas Tom chegará, quanto tempo durará sua reunião, mas me contenho em mandar uma mensagem para ele. Enquanto as panelas continuam no fogo, saio da cozinha, e subo as escadas, em direção ao

quarto. Passo pela porta fechada do quarto que Tom insiste em deixar minha foto, e sorrio, me sentindo realizada por saber o quanto ele ama fitar a imagem. Ainda com o sorriso no rosto, entro no quarto de Tom, e ligo as luzes. Meus olhos percorrem o quarto, a cama arrumada, e ao lado da bancada, duas malas familiares. Minhas malas.

Abro a boca, incrédula, e me aproximo, puxando uma para perto. Puxo o zíper, e vejo algumas roupas minhas dentro. Como assim, minhas roupas, minhas malas? O que Tom fez, e quando fez? O que Tom está pensando?

Meu lado escuro afirma que ele está tentando me mudar para o seu apartamento sem o meu consentimento, e fitando essas malas, é essa a impressão que sinto. Quando Tom foi para o meu apartamento? Ele não tinha reunião? Merda, estou começando a ficar furiosa, desejando jogar as panelas com comida pela cozinha inteira e ir

embora. Com que direito Tom fez isso? Respiro fundo, tentando controlar a minha fúria, e sento na cama. Coloco as mãos na cabeça, decidindo como lidar com isso, e meus olhos são atraídos para a gaveta trancada, percebendo uma diferença. Ela não está mais trancada. Arregalo os olhos, e caminho até ela, abrindo-a. Mexo pelos convites antigos, pelas máscaras, e não encontro a caixinha do anel. O que Tom fez com ela? Meu lado escuro está ainda mais curioso, e olho ao redor. A carta de Antonella ainda está no mesmo lugar, minhas malas ao lado da bancada, e todo o restante do quarto arrumado. Fecho os olhos, me acalmando, lembrando da explicação do anel, mas as malas não possuem explicação. Abro novamente os olhos, e saio do quarto, passando pelo corredor. Desço as escadas até a sala, e vou para a cozinha, furiosa. Apoio minhas mãos na bancada, e respiro fundo, furiosa. Por que Tom precisa tentar controlar a

situação, quando eu estou no controle? Não me refiro ao sexo, mas ao dia-a-dia, às minhas decisões. Diminuo o fogo das panelas, e encaro novamente o relógio, vendo-o marcar nove e vinte. Onde Tom está? Por que está demorando tanto? Não quero discutir com ele, então preciso me acalmar até ele chegar, preciso acalmar a fúria do meu lado escuro por ver ele decidir por mim, e conversar com paciência. Pego meu celular do bolso, e dou a volta na bancada, sentando em uma banqueta. Nenhuma mensagem, Gabriel provavelmente está bravo comigo, Dana está com Carlos, Anya desaparecida, e de certa forma, estou aliviada por isso, e Tom na sua provável reunião. Meu lado escuro ainda não se acalmou, e largo o celular, fitando as panelas no fogo. Sempre que estamos calmos, Tom precisa fazer algo para demonstrar sua possessividade, e por mais que eu achasse que isso já havia passado, ele parece ter

recaídas.

Me levanto, e olho ao redor, vendo uma porta fechada, no lado oposto da cozinha. Caminho até ela, e a abro, vendo um corredor estreito, escuro. Ligo a luz branca, e caminho por ele, encontrando outra porta. A abro, e arregalo os olhos, fitando um grande terraço com pisos brancos, um parapeito de vidro contornando todo o terraço. O vento atinge meus cabelos, bagunçando-os, e atravesso a porta, fitando o céu estrelado acima. O apartamento de Tom é uma caixa de surpresas, e paro no parapeito, olhando para baixo. Meu lado escuro começa a se acalmar, e após alguns minutos, volto para cozinha. Procuro os pratos e talheres, organizando a mesa, escolhendo mentalmente as palavras que usarei com Tom, para não causar brigas. Deslizo as duas panelas, com a comida já pronta, e as coloco em travessas. Olho para a mesa posta, e sinto falta de algo para tomar,

um vinho. Tom provavelmente deve ter algum vinho aqui, e olho ao redor, vendo uma outra porta de madeira. A abro, encontrando sua adaga, e logicamente, seus vinhos. Sorrio, e pego um vinho seco, colocando-o na mesa também.

Olho para o relógio, marcando nove e quarenta e cinco, e começo a me sentir um pouco receosa. Digito uma mensagem para Tom.

Chegará que horas?

Envio, desejando que Tom retorne logo, que eu me mantenha calma e que resolvamos essa questão de tomar as decisões por mim. Espero alguns minutos, mas não recebo nenhuma resposta. Respiro fundo, e meu lado escuro está começando a ficar com raiva por outro motivo. Caminho pela cozinha por alguns minutos, tentando acalmá-lo, e continuo pelo corredor até chegar novamente a sala. Fito as paredes envidraçadas, revelando as luzes da cidade, e percorro com o olhar a sala de

Tom sob uma luz esbranquiçada. Tudo sofisticado, me lembrando exatamente quem Tom é. Caminho até a parede de frente para o corredor, e apoio as mãos nos vidros, observando os prédios menores ao redor, os da mesma altura, distantes, e as luzes dos carros embaixo. Tudo parece tão diferente da minha vida de tempos atrás, nunca eu imaginaria estar aqui, neste lugar, acompanhada. Eu nunca imaginei que o amaria desse jeito, e que passaríamos por tanto, mas de certo modo, meu lado escuro está feliz com o rumo que tomamos, com a forma como Tom se abriu comigo, e desejo que esse atraso seja sem motivo.

Espero a comida ficar pronta, observando os minutos do relógio passarem, e desligo o gás. Fito a mesa arrumada, mas sem a presença de Tom, e isso me incomoda, o fato dele ter me dito que chegaria um pouco depois ter se transformado em duas horas depois. Ando até a sala, observando atentamente

sua decoração, me aproximo de um balcão pequeno, branco, e me abaixo, abrindo uma porta. Meu coração parece saltar do meu peito, e um sorriso surge nos meus lábios. Pego pela borda um álbum branco, e sento no chão sobre minhas pernas, colocando o álbum sobre as coxas. Está na hora de dar uma olhada no passado de Tom mais a fundo. O abro, fitando a primeira foto. Uma mulher loira, com olhos azuis, me fita intensamente, e reconheço os olhos que Tom possui. Um grande sorriso está em seu rosto, e um bebê em seus braços. Meu lado escuro sussurra o que eu já sei, é a mãe de Tom. Passo o dedo pela fotografia, analisando as rugas ao redor dos olhos de uma mulher muito maquiada, no auge dos seus vinte e poucos anos. Seus cabelos loiros, lisos, caem sobre os ombros. Viro a página, encarando novamente o mesmo rosto, acompanhada de um homem com cabelos loiros, olhos escuros e um grande sorriso,

uma mandíbula quadrada e um queixo marcado, traços semelhantes à Tom. No meio de ambos, uma criança está sentada, com um grande sorriso e olhos fixos na mãe ao lado. Os cabelos loiros, lisos, caem sobre os olhos, e em uma mão está uma caixinha pequena, branca. Viro mais uma página, encontrando mais fotos deles três. Folheio todo o álbum, mergulhada em uma sensação de prazer, esquecendo do atraso de Tom, da comida gelada na mesa, e largo o álbum no chão, olhando para dentro do balcão. Vejo mais álbuns e pego outro.

Deixo no chão e decido que já que Tom está sumido, vou me divertir sozinha. Me levanto e vou até a cozinha, pegando o vinho. Procuro algum abridor, e o encontro dentro da gaveta da cozinha. Respiro fundo, e me sento, puxando a rolha. Puxo com força para cima, e em um baque, abro o vinho. Pego uma das taças da mesa e a encho, voltando para a sala. Sento de novo no chão, e bebo um

longo gole, abrindo o novo álbum. Vejo um menino de sete anos, loiro, com olhos azuis escuros, no meio de um gramado, de braços dados com uma menina loira, com olhos castanhos e cabelos compridos até os ombros. Em outra foto, estão deitados no gramado, apontando para algo no céu. Viro a página, e novas fotos de Tom com os pais, em eventos, festas e passeios surgem. Meu lado escuro está curioso para saber quem era a outra criança, e ela novamente se repete em fotos de eventos, ao lado de Tom e seus pais.

Pego um terceiro álbum, e a primeira foto é de um adolescente, com cabelos arrumados para trás, de terno e gravata. A mulher, um pouco mais envelhecida, está ao seu lado, e o homem loiro também. Várias fotos de Tom adolescente se repetem no álbum, desde formatura até jantares. Largo o álbum no chão e pego um outro, preto. Abro o álbum, e uma grande foto dos seus pais com

a legenda: *em memória dos meus anjos.* Folheio o álbum, que só possui fotos dos pais de Tom, desde o casamento, lua de mel e fotos dos passeios do casal. Sorrio, percebendo o quanto Tom deve ter sofrido, o quanto ele deve sentir falta, mesmo que não demonstre. Guardo esse álbum, pegando um outro, e a primeira foto é de Tom jovem, no meio de dois outros jovens. Semicerro os olhos, analisando os jovens, um de cada lado de Tom, e percebo que é Diego e Dário. Viro a página, e fotos de festas, de bebedeiras, viagens e turismo preenchem as páginas, dos três juntos. Um quarto jovem começa a aparecer na fotos, e pelos olhos azuis, o rosto ameaçador, reconheço Antone. Fecho o álbum, e pego um outro, começando a folheá-lo. Uma mulher surge em uma das fotos, loira, com olhos castanhos, abraçada à Tom, sentada no seu colo, e as mãos de Tom rodeiam sua cintura. Ambos estão de olhos fechados, rindo, e viro a

página, curiosa para ver mais, mas é apenas aquela foto. Todas as outras fotos são de Tom com os amigos, com Antone, Diego, Dário, e algumas com Enzo. Fecho o álbum, percebendo que acabei com a taça de vinho, e respiro fundo. Pego o celular do bolso e vejo que já seu passou mais de uma hora, e nem sinal de Tom.

Guardo os álbuns, e volto para cozinha, começando a ficar novamente furiosa por esse desaparecimento. É, eu já considero desaparecimento, e meu lado escuro quer ligar para ele. Pego o celular para ligar, mas paro. Tom não me disse aonde ia, apenas que era uma reunião, disse que iria se atrasar um pouco, um pouco, mas já está se resumindo em três horas. E eu estou furiosa com ele por ter se precipitado sobre morarmos juntos, passando por cima da minha opinião.

Olho para a mesa posta, e fecho os olhos.

Não vou ligar, porque se eu fizer isso, discutirei com ele pelo celular, prefiro me acalmar e conversar. Respiro fundo e saio da cozinha, deixando as luzes ligadas. Subo para o quarto, passando pela porta do quarto que está exposta a minha foto, e entro no quarto de Tom. Puxo minhas malas para um canto, e deito na cama, me cobrindo. Estou furiosa, estou chateada, e no fundo, meu lado escuro sabe que todas as perguntas precisam serem respondidas. Quero ir para Pandora, preciso estar lá, mas preciso estar segura de que estamos bem, de que Tom não está mais me escondendo nada, e só conseguirei isso se eu perguntar, quando ele chegar.

Acordo com o barulho de uma porta se fechando, e abro os olhos, fitando a penumbra do quarto.

-Acordei você? — ouço a familiar voz rouca ao meu lado, e viro a cabeça a tempo de ver Tom tirar a gravata, me encarando com um sorriso torto. Passo as mãos pelo rosto, sonolenta, e assinto.

-Onde você estava? — pergunto com a voz arrastada, observando ele desabotoar a camisa social, deixando a mostra seu peito definido, seus braços, musculosos. Tom sorri ainda mais, e seus olhos ferozes descem pelo meu corpo.

-Estava em uma reunião — ele responde calmo, desabotoando a calça. Franzo a testa, e pego

o celular ao lado da cama. Duas horas da manhã. Arregalo os olhos.

-Uma reunião até as duas horas da manhã? — pergunto retoricamente, passando a sonolência. Tom coloca a calça sobre a cadeira, apenas de cueca branca, e sua expressão se torna tensa. Ele coloca o joelho na cama, se deitando ao meu lado, e apoia a cabeça no travesseio branco, deixando os cabelos loiros, lisos, caírem sobre o tecido.

-Depois fui para o apartamento de Diego, bebemos um pouco — Tom conta, arqueando levemente as sobrancelhas.

-E por que não me avisou, Tom? — pergunto, tentando acalmar a fúria do meu lado escuro. Me viro, sentada na cama, encarando-o — você pediu que eu viesse aqui, que iria se atrasar um pouco. Eu fiz um jantar para nós, eu esperei você.

Tom passa a mão no rosto, como se sentisse

muito, e pega a minha mão.

-Desculpe, minha Alice. Eu achei que você não ia se importar, que você não iria me esperar — ele começa, e puxo a mão, franzindo ainda mais a testa.

-Você não é de fazer isso, Tom. O que está acontecendo? — pergunto brava, e Tom retesa a mandíbula, respirando fundo — você não é de me deixar esperando, de esquecer ou de — pauso, tentando refrear as palavras. Fecho os olhos, me controlando, e meu lado escuro quer pular no pescoço dele.

-Me desculpe — ouço sua voz rouca, verdadeira, e abro os olhos, observando Tom se sentar na minha frente — eu — ele hesita, e percebo que está evitando de me contar — eu precisava fazer algo, mas não é importante.

-Fazer o que, Tom? — pergunto, fuzilando ele com os olhos. Tom passa a mão pelos cabelos,

negando com a cabeça.

-Agora não é o momento, Alice — ele tenta falar, mas me levanto da cama em um pulo, tremendo de fúria.

-Fazer o que, Tom? — explodo — você pede que eu venha, mas seu atraso se transforma em horas, depois vejo que você esqueceu da nossa conversa e me mudou para cá sem a minha opinião, para então você fazer algo — paro de falar, recuperando o fôlego — que levou a noite toda, para dizer que agora não é a hora? O que está acontecendo?

Tom fecha os olhos, retesando a mandíbula, e nega com a cabeça.

-Eu vou contar para você, Alice, só não agora — ele fala autoritário, me deixando ainda mais enfurecida. Respiro fundo.

-Por que? — pergunto, e Tom se levanta da cama, parando na minha frente. Luto contra meu

lado escuro, contra sua sedução, mas acabo deixando meus olhos descerem para o seu pescoço, seus ombros largos, seu peito definido, os gomos da sua barriga, o cós da sua cueca branca contra seu corpo, e suspiro, sentindo meu corpo queimar.

-Porque agora você não entenderia — ele sussurra, me deixando confusa. Levanto uma sobrancelha. Como assim? Tom dá um passo na minha direção, e coloca as mãos quentes no meu rosto, segurando-o. Ele se aproxima até nossos corpos se encostarem, e coloco as minhas mãos sobre as suas. Olho para ele, observando cada detalhe do seu rosto — porque agora você não faria o que quero, porque ainda não é o momento, mas prometo que não é algo ruim.

-Quando que não é, Tom? — falo ainda brava — eu estou brava com você, e não é só sobre isso. Por que você insiste em se sobressair das nossas conversas? — pergunto calma — nós

havíamos conversado sobre morar junto, e eu havia dito que não era o momento.

-Eu sei — ele murmura rouco, retesando a mandíbula.

-Então por que minhas malas estão aqui? — o acuso, e Tom respira fundo, admitindo a atitude.

-Porque eu quis, Alice — ele responde autoritário, me encarando selvagem — porque não vejo motivos para não darmos esse passo.

-Mas eu vejo, Tom. O motivo é esse, você querer mandar em mim, sem me consultar — o interrompo, e vejo seu rosto se tornar ainda mais sério, como o homem que conheci na festa.

-Leve suas malas embora, se você quer, Alice — Tom fala sério, autoritário — mas fique — ele arqueia uma sobrancelha, e percebo que ele está receoso — fique.

Nego com a cabeça, tentando acalmar minha fúria.

-Por que, Tom? Você não me conta, parece que estamos retrocedendo, e depois que — hesito, vendo seu olhar vacilar, e ele franze a testa, descendo a mão até o meu pescoço — depois que Antonella apareceu, tudo parece retroceder. Você some, demora horas, depois não me conta, volta a vacilar sobre nossas conversas, sobre sua possessividade.

-Não é assim, Alice — Tom responde sério, retesando ainda mais a mandíbula — não estou escondendo de você, não tem nada a ver com Antonella.

-Prometa, Tom, que não me esconderá nada sobre isso, sobre qualquer outro aspecto — insisto, e me afasto, percebendo que Tom está controlando a raiva. Ele cerra os punhos, e fecha os olhos.

-Alice, não estou escondendo nada — ele sussurra ferozmente.

-Então me conte o que fez hoje — insisto.

-Não — ele responde sério — agora não é a hora, minha Alice.

-Não existe hora, Tom. Você está me enlouquecendo, não estávamos assim ontem, não estávamos assim — murmuro, colocando as mãos no rosto — e agora você traz minhas malas, você esconde. O que aconteceu hoje para você mudar de atitude?

Tom vira de costas, e fito suas costas nuas, o P de Pandora, e ele respira fundo, deixando o corpo mostrar o estresse.

-Não aconteceu nada, Alice — ele murmura.

-Então vou embora, Tom. Amanhã nos vemos, e tento não sentir essa raiva que sinto nesse momento, por você — falo firme.

-Não — ele se vira, arregalando os olhos azuis escuros — fique, Alice.

-Não vou ficar, Tom — respondo ríspida, e

caminho em direção à porta, passando por ele. Tom agarra meu pulso, me puxando para trás, e seu outro braço contorna minha cintura, me prendendo contra o seu corpo. Sua outra mão agarra com força meu rosto pelo maxilar, e ele aproxima o rosto. Sua expressão é selvagem, e seu olhar é feroz em mim.

-Você não vai fugir, Alice, não de mim — ele sussurra ameaçador, e arregalo os olhos, sentindo o aperto contra o meu corpo. Sinto o arrepio começar a surgir por cima da minha raiva, e seu corpo quente esquenta o meu — você é minha, se esqueceu? — ele pergunta, levantando uma sobrancelha.

-Sou sua quando eu quero, Tom — respondo firme, colocando as mãos no seu peito nu. Fecho os olhos, suspirando, e tento não ceder à tentação — me solte, me deixe ir embora.

-Você não sai daqui, Alice — Tom afirma, aproximando o rosto do meu. Sinto sua respiração

quente contra meus lábios, e abro os olhos — você precisa se acalmar.

-Então me conte o que é, Tom — insisto — o que é que eu não estou pronta, que não farei o que você quer?

Tom nega com a cabeça, aproximando o rosto ainda mais do meu, com os olhos fixos em mim.

-Diga que você não julgará, Alice, que você não suspeitará — ele murmura, e franzo a testa, sem entender — diga que você confia em mim — sua voz rouca é um pedido, e abro lentamente as mãos, começando a entender. Meu lado escuro soa um alarme atordoante, e eu compreendo a totalidade de suas palavras.

-Antonella está aqui — murmuro, percebendo seus olhos azuis escuros se arregalarem — Antonella esteve com você, esta noite, e você escondeu de mim.

-Não escondi de você, Alice, apenas iria contar na hora certa, porque não é importante — ele hesita, me encarando — e eu não estive com ela a noite toda. Eu estive envolvido em outro assunto, um assunto que você saiba na hora certa, porque agora você não iria entender.

-E o que é, Tom? — pergunto furiosa, ainda em seus braços — você acha que não é importante me contar que esteve com Antonella? Ela veio da França?

Tom retesa a mandíbula, e desvia os olhos por um momento, deixando-os vagar pelo quarto. Respiro fundo, tentando me acalmar, e ele volta a me encarar.

-Veio — ele confirma com a voz rouca — ela veio hoje de Lyon, e pediu um jantar comigo, para falarmos sobre alguns negócios que ela queria encerrar.

-Negócios? — falo irônica — Antonella não

quer negócios com você, Tom.

-Eu sei, mas é só o que eu quero com ela — ele responde autoritário.

-E ela sabe? — pergunto ainda mais irônica, tentando afastar seu peito do meu, mas Tom me empurra. Dou passos para trás, e bato as costas na parede. Ele empurra o corpo contra o meu, me prendendo, e seu nariz encosta no meu.

-Deixei claro isso para ela hoje, Alice — ele sussurra roucamente — deixei claro que estou com a mulher que amo.

-E por que me escondeu? — continuo a perguntar furiosa.

-Porque eu sabia que essa seria a sua reação. Você confia em mim, mas ainda acredita que o que tive com Antonella pode existir — ele fala os pensamentos mais torturantes que imaginei — você confia em si mesma, mas ainda acredita que há outras mulheres na minha vida. Diga que é mentira,

Alice? Porque você acha que eu peguei suas malas? Porque eu fiz isso hoje? Porque eu sabia que você ficaria brava quando soubesse que Antonella está aqui — ele pausa, me encarando ferozmente, e agarra meu rosto novamente pelo maxilar, segurando minha cabeça levantada. Sua outra mão agarra minha cintura, deixando o braço contorná-la. Sinto seu cheiro doce, e cerro os punhos — e quis mostrar o quanto eu quero você, o quanto é única na minha vida.

-Quis mostrar isso passando por cima das minhas palavras, escondendo seu jantar? — pergunto brava — você errou, Tom.

-Porra — Tom rosna, segurando com forma meu maxilar, e empurro seu peito para longe, tentando me livrar do seu abraço, mas ele permanece imóvel — eu não sabia como lidar com isso, Alice, porque não sabia sua reação.

-Me contasse, Tom — falo decepcionada —

se tivesse me contado, eu não teria ficado brava.

-Não? — ele pergunta irônico, arqueando as sobrancelhas.

-Não — respondo, e meu lado escuro faz a mesma pergunta. Mas não, eu não teria ficado brava, muito pelo contrário, eu gostaria de saber. Confio em mim, mas não quero mentiras.

-Me desculpe — ele sussurra — eu só quis evitar o que acabou de acontecer.

-Então não conseguiu evitar, Tom. Não esconda mais nada de mim, e não ache que uma ideia dessas — aponto para as minhas malas — melhoraria sua mentira. Vou levar minhas malas embora, assim como não ficarei aqui hoje — afirmo, e olho para ele, vendo a aflição em seus olhos.

-Alice — ele sussurra meu nome, empurrando todo o corpo contra o meu — fecho os olhos, sentindo sua ereção potente, seu braço

musculoso me apertando, seu desespero, sua respiração quente, e tento lutar ainda mais — não faça isso, fique.

-O que mais você fez essa noite, Tom? — pergunto séria, abrindo os olhos. Tom retesa a mandíbula, me encarando enlouquecido, e levanta uma sobrancelha.

-Não, Alice, isso eu preciso contar para você no momento certo — ele sussurra — eu estive com Diego, precisava conversar com ele.

-E por que precisa me contar no momento certo, Tom? — insisto, ficando cada vez mais furiosa, enlouquecida, lutando contra o tesão.

Tom nega com a cabeça, e agarro o seu rosto, mantendo seus olhos em mim.

-O que mais, Tom? — insisto autoritária, e Tom solta meu maxilar, socando a parede ao lado do meu corpo. Em um impulso ele solta o meu corpo, e se vira de costas para mim. Fito ele

agoniada, observando sua fúria surgir, e me afasto.

-Só fique, Alice, não transforme isso em uma discussão. Me desculpe se não contei, mas como disse, não é importante, Antonella cedeu, aceitou continuar com sua empresa relacionada à minha, ela entendeu — ele sussurra autoritário, e sua voz rouca me arrepia. Nego com a cabeça, me lembrando das suas mensagens — me desculpe, não escondo mais isso de você.

-E o que mais, Tom, diga — exijo autoritária, e ele se vira violentamente, me encarando.

-Nada, Alice — Tom explode, depois de tanto tempo, e dou um pulo, encarando seus olhos azuis escuros enfurecidos.

-Estou indo embora — afirmo, caminhando de costas até a porta, e seguro a maçaneta — espero que perceba o quanto é melhor ser verdadeiro, Tom, espero que veja que fez o que Antonella

queria, esconder de mim. Eu confio em nós, mas não quero mentiras. E se você está escondendo mais algo de mim, isso significa que irei embora.

-Alice — Tom rosna meu nome, enlouquecido, e abro a porta, dando as costas para ele. Ouço sua voz rouca me chamar novamente, e por um momento, luta contra as lágrimas de raiva. Estou brava com Tom não porque ele foi falar com Antonella pessoalmente, mas por ter escondido isso de mim, estou brava com Tom por ele achar que me mudando iria tornar sua mentira melhor. Não, Tom fez exatamente o contrário do que poderia ter feito, ele fez o que eu não esperava. Ele pode ter pensado nisso como o melhor que poderia fazer, mas foi o pior. Estou furiosa com ele por ter pensado errado desse jeito, e depois, o que mais ele fez com Diego, para estar escondendo de mim, para dizer que não é o momento?

Ele está escondendo tudo de mim, meu lado

escuro sussurra.

Desço as escadas, com os punhos fechados, respirando fundo, e passo pela sala. Meus olhos são atraídos para uma pequena caixa dourada, que não estava lá antes. Arregalo os olhos, e sem me importar, pego a caixinha na mão, em cima da bancada. Abro a caixinha, fitando uma antiga foto similar à que eu vi. Uma mulher loira, com olhos castanhos, ao lado de Tom, ambos com roupas sociais, no auge dos quinze anos. Pego a fogo, sentindo o suor frio percorrer meu corpo, meu coração acelerar cada vez mais, e a viro, fitando uma caligrafia já familiar.

Para Tom, sobre meus quinze anos. Parabéns, Tom Haltender, pelos seus vinte e sete anos.

Antonella, meu lado escuro sussurra repetidamente nos meus ouvidos, e viro novamente a foto, confirmando todas as minhas suspeitas. A

criança, a adolescente, a mulher nos álbuns, ao lado da família de Tom, era Antonella, e agora essa foto. Feliz vinte e sete anos. Abro a boca, incrédula, e arregalo os olhos. Primeiro, Antonella não é ruiva, não é igual a todas as outras ruivas da vida de Tom, ela é loira como eu, de certa forma, lembra a mim, e isso me deixa pasma. E aniversário?

Quando Tom faz aniversário? Meu coração saí pela boca, me abandonando, e largo a foto, deixando-a cair no chão. No mesmo instante, toda a sala escurece, me deixando na penumbra, e dou um pulo, acompanhado de um grito. A luz de todo o apartamento parece ter acabado, e olho ao redor, agradecendo pela claridade que entra das paredes envidraçadas.

-Alice — ouço a voz de Tom, e me viro veemente, encontrando-o no meio das escadas, apenas de cueca branca, com as mãos nas costas.

-Tom, o que aconteceu? — pergunto

assustada, olhando ao redor, na penumbra.

-Eu desliguei as luzes — ele fala autoritário, e sua voz rouca é pura sedução. Franzo a testa sem entender, e Tom chega a sala, caminhando elegantemente na minha direção, apenas de cueca. Abro a boca, vendo todo o seu corpo graças a claridade da janela e fecho os olhos.

-Por que? — pergunto brava, e Tom para na minha frente, com o olhar feroz em mim.

-Porque não precisamos de luz, porque desliguei toda a luz desse andar, do andar do meu apartamento, e isso significa que você não sairá — Tom afirma, e abro os olhos, ainda mais furiosa.

-Então quer me prender? Por que Tom? Eu estou brava com você — e meu lado escuro não esquece — sem dizer que agora vi uma foto sua com Antonella, uma loira bem parecida comigo, por assim dizer. Muito prazer — digo irônica, e Tom me fuzila com os olhos — e quando iria me

dizer quando é seu aniversário? Por acaso é hoje, por isso Antonella veio?

Merda, estou muito brava, e se Tom me segurar aqui, não me controlarei. Tom retesa a mandíbula, e assente com a cabeça.

-Meu aniversário é amanhã, Alice — Tom conta, e abro a boca, sem acreditar que ele não disse nada sobre isso.

-Por que você não me falou? — pergunto pasma, sem saber se isso aumenta ou diminui minha raiva. Tom sorri levemente, dando mais um passo na minha direção.

-Porque não queria que você fizesse algo para mim, ou comprasse algo, Alice — ele fala calmo, e sua voz rouca é sedutora — e sim, Antonella veio principalmente por causa disso. Ela quis me dar os parabéns, mas eu resolvi falar sobre negócios e deixar claro que estou com você. E também é por isso que eu passei no apartamento de

Diego, para conversar com ele sobre algo.

-E você continua me escondendo — acuso ele, furiosa, e dou um passo para trás, vendo ele se aproximar — agora, além de tudo, escondeu que faz aniversário amanhã. Escondeu seu jantar, o que fez com Diego e seu aniversário, estou decepcionada com você, Tom — falo, balançando a cabeça, e minha voz é cheia de aflição. Olho ao redor, para a sala na penumbra, para as luzes esbranquiçadas e amareladas que entram pelas parede envidraçadas, e volto a encarar seus olhos azuis escuros, ferozes — e nem quer que eu dê algum presente ou faça algo.

-Alice, se acalme — ele sussurra sério, dando mais um passo na minha direção, e caminho para trás, batendo a lombar no balcão.

-Não vou me acalmar, Tom. E é bom que você seja honesto comigo, o que realmente está acontecendo? — pergunto furiosa, me exaltando.

Tom para na minha frente, rosto com rosto, e vejo sua expressão feroz, seus olhos azuis escuros, selvagens.

-Era para ser amanhã, Alice — Tom sussurra, controlando a fúria.

-Chega — me exalto — pare com isso, o que está acontecendo?

Tom fecha os olhos por alguns segundos, retesando ainda mais a mandíbula, e me encara selvagemente.

-O que está acontecendo, Alice, é que Antonella veio, como expliquei, conversei sobre negócios, e antes que ela tentasse algo, deixei claro sobre você. Depois disso, fui para o apartamento de Diego — Tom hesita, e percebo que é essa parte que não quer me contar.

-Conte, Tom, seja honesto comigo — exijo furiosa.

-Não era para ser hoje, Alice — Tom

sussurra, e respira fundo.

-O que não era para ser hoje? — pergunto ríspida, e Tom se aproxima ainda mais, encostando o peito no meu, sua virilha na minha. Sua pele quente me arrepia, suas formas maravilhosas, e suspiro, tentando me manter séria. Encaro seus olhos, e Tom me retribui o olhar ferozmente.

-Quando digo que não era para ser hoje, e sim amanhã, é porque amanhã é meu aniversário — ele pausa, analisando de forma selvagem minha expressão confusa, e continua com a voz rouca, sedutora — e porque não quero que faça nada por mim amanhã, por isso não contei, quero apenas um presente — ele hesita, e vejo ansiedade em seu olhar, uma ansiedade que nunca vi antes. Sua expressão se torna intensa e ele levanta o braço que estava escondido nas suas costas, ao meu lado, mas antes que eu veja o que é em sua mão, ele aproxima rapidamente os lábios contra os meus, e sussurra

contra eles, perto o suficiente para eu sentir sua respiração quente — que diga sim.

ALICE

A voz rouca de Tom ressoa pelos meus ouvidos, mas nem meu lado escuro consegue compreendê-lo. Abro a boca, sem dizer nada, e lentamente meus olhos são atraídos para uma pequena caixa em sua mão direita. Viro a cabeça, com o rosto de Tom a centímetros do meu, sentindo um arrepio enlouquecedor começar a subir pelas

minhas pernas. Meu coração retumba pelos meus ouvidos, e na penumbra, meus olhos se fixam na caixinha.

—Tom — murmuro sem reação, tentando entender o que aquilo representa, e Tom se afasta, deixando um sorriso torto surgir em seus lábios. Ele segura a caixinha com as duas mãos, e percebo a familiaridade. Eu já a vi antes, e arregalo os olhos, puxando o ar pela boca entreaberta. Meu lado escuro já adivinhou antes de mim, e sem acreditar em meus olhos, o vejo abrir a caixinha, relevando o anel que era da sua mãe, com um grande diamante incrustado.

—Seja só minha, Alice — Tom sussurra roucamente, com a caixinha entre nós, aberta. Sua expressão ansiosa torna seu olhar feroz ainda mais intenso, e perco o chão sobre meus pés, sem conseguir acreditar em suas palavras — seja minha agora, amanhã e sempre. Seja minha noiva.

Meu lado escuro está ardendo em chamas, desejando gritar que eu aceite, mas apenas permaneço fitando o anel dentro da caixa. O que aquilo representa, realmente? Qual é o passo que ele quer dar, realmente?

Abro a boca, e levanto os olhos, encarando seu rosto ansioso, sua mandíbula retesada, e respiro fundo.

—Tom — começo a falar. Meu lado escuro quer que eu diga sim, mas estamos prontos para esse passo? Parece que tudo está acontecendo rápido demais, e por mais que eu o ame, isso cria a dúvida sobre se esse é realmente o momento certo para noivarmos. Tom arqueia uma sobrancelha, suspeitando de algo, e seu sorriso começa a desaparecer. Ele retesa ainda mais a mandíbula, e encaro seus olhos azuis escuros, ferozes — eu — hesito, tentando ter o domínio da minha voz, que soa fraca — eu não sei o que dizer — eu realmente

não sei o que dizer, não sei o que pensar, porque eu o amo, e parte de mim quer dizer sim, mas a outra parte está confusa sobre o agora.

A frase parece perdurar no silêncio da sala, e Tom retesa ainda mais a mandíbula. Seu olhar se torna furioso, e ele fecha a caixa do anel. Seu olhar furioso se mantêm fixo em mim, e respira fundo, tentando se controlar. Levanto as mãos, tentando encostá-lo, mas Tom se afasta abruptamente, e se vira de costas. Fito seus ombros largos, suas costas nua, o P de Pandora, na penumbra.

—Eu o amo, mas é um grande passo, eu preciso — começo a falar, mas Tom levanta uma mão, como se quisesse me silenciar. Paro de falar, e Tom vira a cabeça sobre o ombro, me encarando enlouquecido.

—Eu já entendi, Alice — Tom sussurra autoritário, feroz — você precisa pensar.

Abro a boca, sem conseguir responder, e

Tom vira o rosto, caminhando firme para as escadas. O sigo com os olhos, em silêncio, percebendo que ele está se retirando para evitar discussões, para não explodir.

Tom desaparece no topo da escada, me deixando sozinha com as palavras que parecem flutuar pelo ar ainda. Ele não aceitou que eu precise pensar, na verdade, nem meu lado escuro, mas isso significa muito para mim, agora que estou liberta, estou sob controle de mim mesma, e preciso entender até que ponto eu encaro isso.

Fecho os olhos, agoniada, e cerro os punhos, desejando que isso não tivesse acontecido, que tudo tivesse fluido de uma maneira melhor. Ouço meu celular vibrar no bolso, e abro os olhos, fitando a penumbra da sala. Eu preciso pensar, eu preciso ter uma resposta certa rápido, porque Tom está explosivo, e isso significa que ele pode fugir do próprio controle. Olho ao redor, e meu lado

escuro sabe que esse não é um bom momento para eu ir ao lado dele. Pego a bolsa que havia deixado sobre o sofá, quando cheguei, e sem hesitar, saio do seu apartamento, fechando a porta atrás de mim.

Entro no elevador, sentindo o suor frio aumentar cada vez mais, a sensação de ansiedade vir em ondas pelo meu corpo, junto com a palpitação, e respiro ofegante, fitando meu rosto vermelho no espelho.

Pego o celular, e ignoro qualquer mensagem, discando para o táxi. Paro em frente ao luxuoso prédio, e olho para cima, para o céu estrelado. Vejo a vidraçaria do apartamento de Tom, e tento imaginá-lo nesse momento dentro do quarto, sozinho. O que ele está pensando sobre tudo isso? Eu apenas preciso pensar e achar a resposta, uma resposta que agora eu não consigo dar. Eu o amo, mas casamento é um grande passo, e preciso saber se estou preparada.

Ouço o barulho do táxi chegando, e entro, sem conseguir parar de olhar para cima, procurando-o de alguma forma. Informo meu endereço, e o táxi saí. Fito as ruas ao meu redor, e pego o celular novamente, discando para Dana.

—Alô — ouço a voz de sono de Dana, e tento sorrir, mas meu pânico, minha ansiedade sobre contar isso a alguém, sobre tentar pensar o que significou o silêncio de Tom me esmaga.

—Dana — murmuro, fitando os olhos do taxista pelo retrovisor — está em casa?

Ouço um barulho no celular, e mordo o lábio, agoniada. Não consigo parar de pensar sobre o que minha resposta pode ter ocasionado.

—Estou — ela hesita — está tudo bem, Ali?

—Não, não está — respondo sincera, sem conseguir me segurar, e fecho os olhos, sentindo meu coração bater cada vez mais rápido, ao ponto

do meu corpo tremer — preciso conversar com você.

Um outro barulho no celular, e ouço a voz de Dana pedindo para Carlos dar licença.

—O que aconteceu, Ali? — Dana pergunta preocupada, e respiro fundo, desejando conversar pessoalmente.

—Tom — hesito, e o taxista vira a quadra do prédio onde moro — espere que eu estou chegando no meu apartamento — falo baixo, e abaixo o celular, observando o valor do táxi. Pego o dinheiro e pago, descendo do carro. O taxista saí, e observo as luzes nas ruas, como se eu precisasse de forças para entrar no prédio. Respiro fundo, e coloco o celular na orelha de novo — Dana, está ai?

—Estou, ande logo Ali, o que aconteceu? Me conte — Dana se exalta do outro lado da rua, e entro no prédio, passando pelo porteiro que maneia

a cabeça, me cumprimentando. Retribuo, e aperto o botão do elevador, esperando ele descer.

—Dana — digo, e respiro fundo, observando o elevador passar pelos andares — Tom me pediu em noivado, com o anel que era da mãe dele — conto, e ouço um grito do outro lado da linha.

—Ali, ali — Dana grita exaltada — como assim, Tom quer casar? Tom? Tom Haltender? — Dana grita, e sinto meu coração bater forte no meu peito, como se pesasse, como se a cada batida me dissesse o que eu fiz com a resposta.

As portas do elevador se abrem, e antes que eu entre, fito meu reflexo no grande espelho do elevador. Meus olhos parecem me acusar, cada parte do meu corpo que me lembra ele.

—Eu não respondi — conto para Dana — eu não disse sim, como ele esperava, mas também não disse não.

PERIGOSAS NACIONAIS

O silêncio parece esmagador, e permaneço sem entrar no elevador, apenas fitando meu rosto angustiado, tenso. Respiro fundo, sentindo o peso da ansiedade sobre mim, e entro.

—Como assim, você não respondeu? — Dana pergunta calma do outro lado da linha — Ali, como você está?

Mordo o lábio, virando de costas para o espelho, evitando me encarar. Evitando encarar o quanto me vejo liberta, o quanto vejo o mundo de Tom em mim.

—Estou confusa, Dana. Não estou bem, eu — hesito, e as portas do elevador se abrem. Respiro fundo, fitando o corredor.

—Por que você está confusa, Ali? Você não ama Tom? — Dana pergunta cautelosa, e sorrio, caminhando até a porta do meu apartamento. Coloco a chave e abro a porta, fitando minha sala escura.

PERIGOSAS ACHERON

—Eu o amo, Dana. Amo Tom Haltender, mas o quanto eu posso amá-lo? Estamos prontos para esse passo? Parece ser tudo tão rápido — respondo com um sopro de voz, e ligo as luzes, fechando a porta atrás de mim.

—Mas não importa o tempo, Ali, ou se está indo rápido demais. Se você ama ele, e ele também ama você, não vejo motivo para você recusar — Dana argumenta no telefone, tentando parecer calma.

—Eu sei — murmuro, e respiro fundo — Dana, vou desligar, amanhã conversamos melhor.

O silêncio demonstra que ela entendeu, e por mais que queira continuar, respeita meu pedido.

—Fique bem, Ali. Me ligue se precisar, e amanhã conversamos — ela diz calma.

—Boa noite — murmuro, e desligo.

Largo a bolsa no sofá, fitando-o, e me lembro de quando o fiz assistir um filme comigo,

de como estávamos indo com calma, um passo de cada vez. Mas agora, Tom quis que eu me mudasse para lá, me pede em noivado, como se estivesse com pressa, como se tudo fosse rápido demais. Como se. Respiro fundo, ignorando meu lado escuro, e vou para o meu quarto. Tiro a blusa, seguida da calça, tentando não sentir absolutamente nada, tentando relaxar, e vou para o banheiro. Ligo o chuveiro e entro embaixo da água, deixando-a cair pelo meu corpo, pelo meu rosto. Me lembro da expressão de Tom, da sua ansiedade seguida pela fúria. Não era qualquer fúria, eu o vi assim apenas duas vezes. A primeira quando eu o acusei sobre seu passado, após o aniversário de Ana, e quando eu o fiz contar sobre o que aconteceu com Eva.

Passo as mãos pelos cabelos molhados, fechando os olhos. Quero estar com Tom, eu o amo, mas não esperava esse pedido agora, tentei não pensar quando vi o anel exatamente porque não

sei a resposta. O que esse passo pode significar? Já estamos juntos, todos já sabem, eu respiro seu mundo, e não consigo pensar em mais ninguém além de Tom, mas é tão inesperado, é tão definitivo que torna tudo parecer as pressas.

Tomo um banho demorado e saio do banheiro, vestindo uma camisola leve. Olho ao redor, e sinto falta de Tom imediatamente, mas eu preciso pensar, e meu lado escuro suspeita que Tom ainda não se acalmou. Deito na cama, e pego o celular, fitando o visor. Ainda é de madrugada, e ainda tenho aula pela manhã, mas não consigo pensar em dormir. Abro a caixa de mensagem e digito para Gabriel.

Gabriel, está acordado? Aconteceu algo sobre Tom.

Envio a mensagem, fitando o teto escuro do quarto. Minutos depois, meu celular vibra. Abro a mensagem.

Estou, Ali. E provavelmente já sei o que aconteceu. Tom a pediu em noivado. Soube disso antes de você, querida Ali. Tom me contou que ia pedir você, mas achei que seria amanhã. E aí, como foi?

Mordo o lábio, e fecho os olhos, me lembrando de quando peguei a conversa de Tom com Gabriel pela metade. Gabriel dizia que eu iria enlouquecer, e pelo jeito, adivinhou. Então esse era o assunto daquela noite, merda. Digito rápido.

Eu não respondi. Não consegui dizer sim ou não. Eu apenas preciso pensar.

Envio, contando os minutos passarem pelo visor do celular, agoniada por saber se Gabriel sabe de algo mais sobre esse pedido. O celular vibra.

Puta merda, Ali. Você destruiu o pedido do cara. E Tom? Como você está? Você não quer se casar com Tom?

Abro a boca, agoniada por ver a mensagem

de Gabriel, e merda, de certa forma, Tom estava furioso por isso. Respondo.

Tom está furioso, Gabi. Ele simplesmente ficou em silêncio para não explodir. Eu estou ansiosa para conseguir encontrar a resposta, ansiosa por ter certeza antes de responder. Eu o amo, eu quero Tom, mas parece ser tudo tão rápido.

Envio, sentando na cama, e meu coração se acelera ainda mais. Meu lado escuro quer que eu entre em contato com Tom, que tente resolver essa situação, tente explicar e pedir que espere minha resposta. Cerro os punhos, e abro a caixa de mensagem dele. Digito.

Tom, como está? Eu apenas preciso pensar, mas isso não significa que não o ame. Tente compreender, não fique bravo comigo.

Fito a mensagem duas vezes, e envio, sentindo o suor frio invadir todo o meu corpo. A

tensão me domina, e respiro fundo, tentando recuperar o fogo. Gabriel me responde.

Ali, a resposta é simples. Ou você está pronta para assumir algo definitivo ou não. Tom pelo jeito está, mas e você? Ele provavelmente deve estar furioso porque não esperava essa resposta, mas tente entendê-lo, ele tinha expectativas de que você não precisasse nem pensar, ele tinha tudo planejado. Pelo que percebo, Tom gosta de dominar a situação, e sua resposta foi diferente do que ele imaginou, lógico que ele iria ficar bravo. Mas espere ele se acalmar, e conversem. Amanhã vou ir embora, e posso passar aí para conversar com você.

Olho a hora no celular, e percebo que já se passaram dez minutos desde que mandei a mensagem para Tom. Respondo Gabriel.

Adoraria que você viesse. Preciso conversar. Essa é a questão, Gabi. Eu não sei se

estou pronta para algo definitivo, mas ao mesmo tempo ele é o homem que quero na minha vida. Eu entendo, e sei que é por isso que explodiu, mas não precisava ficar bravo. Quero conversar com ele.

Envio, e abro a caixa de mensagem de Tom, sem ver nenhuma resposta. Me viro de lado na cama, observando meu celular vibrar com a mensagem de Gabi.

Fique calma. Espere até amanhã, e amanhã nós também conversamos.

Desligo a tela do celular, e fecho os olhos. Nesse momento, precisaria também dos conselhos de Ed, mas Ed desapareceu da minha vida depois de ter cedido para Tom, e não posso me aproximar se isso machucá-lo, não queria perder sua amizade, porque eu gostava dele, mas se é o melhor para ele, e se ele não se aproximou mais, preciso respeitá-lo.

E agora preciso falar com alguém importante na minha vida, mesmo que eu não tenha

falado tanto sobre Tom. Pego o celular, e disco o número, fitando o teto.

—Filha? — ouço a voz da minha mãe do outro lado da linha, e pela primeira vez na noite, sorrio.

—Oi mãe — murmuro, fechando os olhos.

—Como está? — ela pergunta sincera, e ouço a voz do meu pai atrás da dela. Sorrio ainda mais, e meu coração pesa ao me lembrar do jantar que fizemos na casa de Tom.

—Não sei dizer como estou, mãe — respondo sincera, e abro os olhos, sentindo ansiedade em contar. Ouço o silêncio da minha mãe por alguns segundos.

—O que aconteceu, Alice? — ela pergunta preocupada, e mordo o lábio, sem saber como começar a contar.

—Mãe — hesito, e deixo meu lado escuro tomar controle sobre minhas palavras — Tom me

pediu em noivado esta noite, e — respiro fundo, ouvindo um grito da minha mãe — eu não consegui responder.

—Tom pediu você em noivado, Alice? Como, me conte isso direito — minha mãe se exalta, e percebo que ela está feliz.

—Ele me pediu em noivado, com o anel da mãe dele, mas eu não consegui responder mãe, parece tudo tão rápido, quero dizer sim, mas quero ter certeza — tento falar, mas minha voz parece me abandonar cada vez mais. Ouço um suspiro do outro lado da linha.

—Você o ama, Alice? — e minha mãe faz a pergunta mais repetida do dia. Assinto com a cabeça para mim mesma.

—Eu o amo, por isso estou assim — murmuro.

—Então faça o que você decidir, Alice. Se você quer estar com Tom, eu irei apoiá-la. Quero

que seja feliz, que veja o futuro que desejou. Se é com Tom que você vê esse futuro, se é ao seu lado, aceite. Se não, paciência é uma virtude que ele terá que ter — minha mãe diz calma, e sorrio ouvindo sua voz.

—Obrigada, mãe — agradeço sincera, sentindo que suas palavras me deixaram ainda mais pensativa, da forma certa — eu vou me decidir.

—Se decida, e me conte. Estamos aqui por você — ela diz ainda mais calma.

—Boa noite — murmuro, e assim que ouço sua resposta, desligo o celular. Olho para a hora, e vejo a caixa de mensagem vazia, Tom ainda não me respondeu. Deixo o celular ao lado da cama, esperando que vibre, que Tom resposta, mas o silêncio perdura por minutos.

Adormeço, tentando não imaginar a fúria de Tom, e meu lado escuro deseja que eu aceite.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Caminho firme pelo corredor da empresa de Tom, sentindo meu coração acelerar a cada passo, como se contassem os segundos que me aproximam da sala de Tom, determinando a minha ansiedade, a minha agonia. Minha respiração aumenta, e meu coração pesa no meu peito, deixando o suor frio se espalhar.

Viro o corredor, fitando minha saia lápis preta, minha camisa social branca, e assim que levanto os olhos, encaro os olhos de Ana e Mônica, arregalados. Meu lado escuro entra em pânico ao vê-las assim, e meu corpo inteiro se retesa, como se pressentisse algo, como se alguma merda já tivesse sido feita.

Sorrio amarelo, tentando manter uma expressão calma, mas assim que passo pela mesa de

PERIGOSAS ACHERON

Ana, ela me encara preocupada.

—Ali, aconteceu algo? — Ana pergunta, pulando o boa tarde. Paro, franzindo a testa, e viro a cabeça na sua direção.

—Boa tarde, Ana. Não, por que? — pergunto calma, tentando domar meu lado escuro, e Mônica finge uma tosse do meu outro lado. Ana arqueia as sobrancelhas, surpresa, passa as mãos pelos cabelos.

—Porque parecia ter acontecido algo, quando o Sr. Haltender chegou essa manhã, cancelou todos os seus compromissos e reuniões, saiu ao meio-dia hoje, e disse que se alguém o procurasse, ele não estaria na empresa essa semana — Ana fala lentamente, como se quisesse dar ênfase em cada palavra.

E se o meu coração estava acelerado, agora ele parou. Meu lado escuro começa a sussurrar que a causa foi a minha resposta, que eu fiz a grande

merda de não saber lidar com as palavras. Mordo o lábio, tentando manter o semblante calmo, e respiro fundo.

—E ele não disse para onde ia, mas você deve saber, claro — Mônica completa. Assinto lentamente, e volto a caminhar até a minha mesa, evitando de olhar para elas — para onde o Sr. Haltender foi com tanta pressa, Ali?

—Resolver alguns negócios — murmuro, e me sento, ligando o notebook. Fito a tela inicial, seu sobrenome escrito, e cerro os punhos por baixo da mesa. Tom não respondeu minha mensagem, desapareceu da empresa, deixando claro o quanto não entendeu minha resposta, o quanto explodiu por não ser um sim imediato, como ele mesmo planejou. Olho para a data, e meu coração bate pesado, me recordando que hoje é o aniversário dele. Tom está completando vinte e sete anos, e merda, ele não deu notícias, simplesmente

desapareceu.

Um tremor invade meu corpo, e em um impulso, pego meu celular. Olho para a tela, vendo os minutos passarem, e me levanto. Ana e Mônica levantam a cabeça, me fitando curiosas, e vou para o banheiro, ignorando qualquer murmúrio que ouço por parte delas.

Fecho a porta do banheiro, e respiro fundo, fitando meu reflexo. Meu cabelo loiro está arrumado, assim como estou usando mais maquiagem do que os primeiros dias que comecei a trabalhar, e percebo o quanto eu mudei. Olho para o celular, e disco o número de Dana. O celular chama uma vez, chama uma segunda vez.

—Ali? — Dana atende, e suspiro um pouco aliviada.

—Dana — falo baixo, e fito a porta — preciso de um favor seu.

—Como está? Conversou com Tom? —

Dana me interrompe, me enchendo de perguntas. Volto a cabeça para o espelho, e fito a porta através do reflexo.

—Não. É por isso que preciso de um favor seu, Tom não entrou mais em contato, como se estivesse — hesito, franzindo a testa — furioso, bravo, por não ter entendido que o meu pensar não significa um não. Tudo foi tão rápido, que não percebi o quanto ele havia planejado meu sim — falo rápido, cerrando os dentes, sentindo meu lado escuro furioso.

—Eu entendo, Ali. Tom sempre quer ter o controle, não é? Mas e agora? O que você precisa? — Dana pergunta preocupada — de noite vou ao seu apartamento.

—Sim, eu estarei lá — falo tensa — mas preciso que você descubra algo, Dana. Hoje é o aniversário de Tom, e preciso saber se ele tem costume de fazer festa com os amigos, preciso

saber de alguma forma se ele irá sair, porque preciso conversar com ele, e provavelmente se ele não está na empresa, não estará no apartamento dele, muito menos na casa.

—Entendi — Dana fala animada, como se gostasse de se sentir prestativa — pode deixar que vou descobrir agora. Tenho alguns amigos que são amigos de Diego e Dário, se Tom for fazer com eles, meus amigos vão saber.

—Me responda por mensagem, por favor — falo agradecida.

—Já respondo, Ali — Dana afirma, e me viro em direção à porta.

—Muito obrigada, Dana — agradeço ela, caminhando para a saída do banheiro.

—Você não tem que me agradecer, Ali, amigas são para isso. Fique calma que logo respondo você — Dana me contradiz, e sorrio, desligando o celular. Saio do banheiro, fingindo

estar calma, e sento novamente na mesa, ignorando os olhares curiosos de Ana e Mônica.

A tarde se arrasta de forma torturante, como se cada segundo passasse, eu precisasse olhar para a porta da sala de Tom e me certificar que ele não sairá por ela. Meia hora antes do meu horário acabar, ouço o celular vibrar dentro da bolsa. Discretamente o pego, e abro a mensagem de Dana.

Ali, perguntei para alguns amigos meus, como se estivesse interessada em sair hoje, se haveria alguma festa ou comemoração. Dois deles me disseram que Diego e Dário estariam dando uma festa para um amigo, Tom Haltender, que está de aniversário, em uma boate. Uma festa privada, mas consegui dois convites para nós. Vou me arrumar no seu apartamento. As oito horas da noite estarei lá, para chegarmos na festa as onze horas da noite. Tudo dará certo.

Mesmo com a agonia percorrendo meu corpo, sorrio por Dana ser tão prestativa, por estar pronta para tudo. Digito uma resposta.

Você é a melhor amiga, sabia disso? Muito obrigada, Dana. Espero você lá.

Envio, e guardo o celular, desejando que Tom esteja calmo para conversarmos. Volto a trabalhar, e assim que meu horário acaba, desligo o notebook, fitando Ana e Mônica se levantarem.

—Vamos, Ali? — Ana sorri para mim, pegando a pequena bolsa e parando no corredor. Assinto, e pego minha bolsa, caminhando na sua direção.

—Vai ser triste não ter o Sr. Haltender essa semana aqui na empresa, é tão estranho, o trabalho é a vida dele, é como se ele não pudesse se afastar da empresa, e agora isso — Mônica murmura ao meu lado. Paramos em frente ao elevador, e eu aperto o botão, em silêncio, sem

responder nada, já que sei que o motivo é por eu estar aqui, provavelmente.

—Mas ele volta logo, né Ali? — Ana pergunta sorridente.

—Sim — murmuro ríspida, sem conseguir me controlar. Entro no elevador com elas, sentindo seus olhares curiosos, e permaneço com o olhar fixo para frente, evitando qualquer assunto. As portas se abrem, e saio antes delas, abanando um tchau rápido. Elas murmuram algo, e dou as costas, caminhando apressada para fora da empresa. Chego no prédio alguns minutos depois, e vejo a Harley-Davidson de Gabriel estacionada. Subo pelo elevador, e assim que entro no apartamento, o vejo deitado no sofá, com um grande sorriso no rosto.

—E aí está a noivinha — Gabriel me cumprimenta. Sorrio irônica para ele, e largo a bolsa na poltrona ao lado.

—Não comece — murmuro, e dou um

tapa nos seus pés, apenas de meias — vamos, me deixe sentar ao seu lado.

Gabriel sorri, e se senta, apoiando os cotovelos na perna. Ele junta as mãos, e me encara.

—Vamos, me conte o que aconteceu — ele exige, me encarando preocupado. Suspiro, e passo as mãos no rosto.

—Eu apenas não consegui responder um sim imediatamente, porque preciso pensar, preciso ter certeza, e não é porque não amo ele, porque amo. É porque parece ser tudo tão rápido. E agora, que eu quero conversar com Tom, ele simplesmente desapareceu, como se estivesse bravo comigo — conto tudo, e Gabriel levanta as sobrancelhas.

—Talvez é por que esteja bravo? — ele diz um pouco zombeteiro. Fuzilo ele com os olhos, e ele suspira — mas deixe Tom se acalmar, Ali. Talvez ele só precise de um tempo para entender

que não funciona do jeito dele. Quando ele me contou que ia pedir você em noivado, ele estava animado, como se já estivesse planejando até a festa. Ele não estava preocupado com o seu sim, só animado ao pensar na sua reação — Gabriel pausa, vendo meu olhar de aflição, e levanta uma mão, colocando fios de cabelos meus atrás da minha orelha, de forma carinhosa — ele disse que nunca havia pedido ninguém em noivado, nunca havia decidido isso por nenhuma mulher, e que se ele estava fazendo isso com você, é porque estava certo de que vocês estavam nessa juntos.

—Mas estamos juntos nessa, eu só precisei de um tempo — tento argumentar, sentindo uma angustia ao imaginá-lo dizendo isso — mas Tom não entendeu.

—Porque vocês não conversaram na hora, não é? — Gabriel adivinha o que aconteceu — assim como tudo parece acontecer rápido para

você, para ele pareceu que aconteceu tudo errado.

—Eu sei — murmuro, e Gabriel se arrasta no sofá, contornando meus ombros com o braço e me puxando.

—Converse com ele, Ali. Tom é um cara impulsivo, talvez vocês conversando, ele se acalme. Caralho, vocês ficam bem juntos — Gabriel sorri, tentando me alegrar. Rio, encostando a cabeça no seu peito — e depois, com a grana que ele tem, quero sua festa de qualquer jeito.

Dou um tapa no seu peito, sem conseguir parar de rir, e me afasto, encarando seu rosto.

—Isso se eu conseguir falar com ele, Gabi — falo preocupada — Tom não estava na empresa hoje, e pelo que as secretárias falaram, não vai ir essa semana. Provavelmente não está no seu apartamento, nem na casa, minhas mensagens ele não retornou. Está tudo tão mal entendido, Gabi — suspiro, tentando não dar asas para o meu lado

escuro pensar o pior.

—Ligue para ele, Ali. Tente ligar — Gabriel fala sério, e mordo o lábio.

—É verdade — murmuro, e pego o celular. Sinto os olhos ansiosos de Gabriel em mim, e disco o número de Tom. Chama uma vez, chama uma segunda vez, sendo repetidas por cinco vezes, e então ouço a caixa de mensagens dele. Desligo o celular, e olho para Gabriel — ele não atende.

—Espere, uma hora ele vai aparecer — Gabriel murmura. Nego com a cabeça, ansiosa.

—Eu vou ir para a festa que os amigos dele fizeram para ele, de aniversário. Quero conversar com ele, Gabriel, não vou deixar a situação assim, quando só uma conversa já resolve — afirmo, olhando para o relógio.

—Hoje é o aniversário dele? Que merda, Ali. — Gabriel murmura. Concordo com a cabeça, e Gabriel se levanta — eu vou ter que ir, mas

qualquer problema, me dê uma ligada, vou estar na estrada durante umas duas horas ainda, mas assim que eu chegar, a gente conversa, pode ser? — Gabriel fala preocupado.

Me levanto também, tentando sorrir para ele.

—Pode deixar, muito obrigada por passar aqui — agradeço por ele ser desse modo, e o abraço. Gabriel me aperta forte, e beija meus cabelos. Sorrio ainda mais, e o acompanho até a porta, abraçada nele. Abro a porta, e ele pega o capacete do lado da porta, segurando-o com as duas mãos.

—Sabe que o Gabi aqui é prestativo — ele sorri, piscando um olho — diga isso para Anya, se encontrá-la, por mais que — ele pausa, e percebo que iria falar sobre a relação com Enzo.

—Gabriel — o censuro — fique longe disso, seja prestativo com outras mulheres

melhores.

Gabriel ri, negando com a cabeça, e dá as costas, caminhando pelo elevador. Fecho a porta, e encosto minhas costas nela, fitando a sala. Meu lado escuro quer que eu fale com Tom, quer que eu me decida. Desde ontem, estou cada vez mais inclinada a aceitar, a dizer que quero, porque percebo o quanto eu o vejo ao meu lado no futuro, o quanto por mais rápido que possa ter acontecido, não posso pensar que isso pode ser com calma, nada é com calma, no mundo de Tom.

Vejo a luz do meu celular piscar, e ando apressada até ele, desejando que seja Tom, mas meu lado escuro urra de raiva ao ver a caixa de mensagem, com um número familiar. Antonella. Contra toda a minha vontade, abro a mensagem.

Olá, Alice. Posso pedir para você desejar parabéns para Tom? Ou você não está conseguindo dar parabéns para ele? Será que Tom

contou para você sobre nosso jantar, que ele teve infelizmente o prazer de estragar, trazendo o assunto de negócios? Mas para mim, posso resolver os negócios de dois jeitos: na mesa e na cama. Qual será a forma que resolverei o negócio com Tom, agora que ele está de aniversário, longe de você?

Pauso a leitura, sentindo meu coração explodir no meu peito, como se sambasse junto com uma escola de samba, e uma vertigem, uma sensação de estrangulamento se apodera do meu corpo. Arregalo os olhos, perdendo a força das pernas, e sento no sofá, sentindo um arrepio me gelar inteira. Como Antonella sabe? A pergunta ecoa pela minha cabeça, e um tremor começa a aumentar, me deixando em um torpor. Continuo a ler.

Posso ter ficado quieta até agora, mas depois que Tom entrou em contato comigo, depois

que assumi meus negócios, irei mostrar que uma mulher pode ser boa em todos os lugares, e pegarei meu homem de volta, fazendo-o perceber que o amor pode não ser tudo. Se um dia nos esbarrarmos por aí, se apresente para mim, querida Alice. Você sabe como eu sou, ou não viu a foto que dei de presente para Tom?

O ar parece fugir dos meus pulmões, meu corpo parece me abandonar, e um formigamento se alastra pelo meu corpo, junto com palpitações. Largo o celular no sofá, sem conseguir parar de olhá-lo, e meu lado escuro me condena por eu ter utilizado palavras erradas em um impulso. Merda, estraguei tudo, de certa forma, e não estou conseguindo consertar, sendo que uma conversa acalmaria tudo, mas Tom está furioso, distante. Eu deveria imaginar ser do feitio dele. Eu deveria saber que, quando Tom não consegue o que quer, ele explode, e se ele quer evitar de explodir, ele irá

se afastar, quantas vezes ele já explodiu por não ser do jeito dele?

Como Antonella sabe? Sobre seu aniversário e a foto eu já sei, porque arranquei de Tom, mas e sobre ele estar furioso comigo, distante, como se precisasse se afastar por causa da minha resposta? Como Antonella sabe disso, se as únicas pessoas para quem contei foram Dana, Gabi e minha mãe? Franzo a testa, sem entender, e meu lado escuro grita comigo, tomando o controle das minhas mãos. Estou começando a ficar furiosa com Antonella, por ela achar que pode tirar Tom de mim. Confio em mim, confio em nós, e por mais que estejamos nessa situação, ainda resolveremos, porque estou a cada segundo mais próxima de aceitar, e sei que assim que conseguir conversar com Tom, essa confusão acabará.

Meu lado escuro me domina, e digito.

Olá, Antonella. Devo dizer que realmente

agora não posso dar os parabéns, mas em breve, se você quiser tanto assim, eu dou os parabéns para Tom do meu jeito, na cama, deixando-o enlouquecido. Tom me contou, e até cheguei a ver a foto que você deu, mas para você, infelizmente, ele fez pouco caso da foto, nem tirando-a da caixa. Os meus negócios com Tom eu só resolvo de um jeito, na cama, então você pode ficar com a mesa. É difícil pegar de volta algo que nunca teve, mas se você quiser tentar, perceberá que pode não ser a única mulher boa aqui. Sei como você é, e mesmo com a nossa semelhança, foi à mim que Tom escolheu, Antonella. Se um dia nos esbarrarmos por aí, me lembre de cumprimentá-la sim, para dizer o quanto estou satisfeita por Tom estar comigo.

Envio, mandando-a para puta-que-pariu de todas as formas, deixando meu lado escuro me ensinar o que devo fazer, deixando ele me dominar

esta noite. Preciso ser ele, para que Tom se acalme e me escute, preciso ser meu lado escuro em tempo integral, para colocar Antonella em seu devido lugar, e se para isso, eu preciso ceder à minha Alice calma, para ser apenas meu lado escuro, estou cedendo. Estou deixando-o se fixar cada vez mais em mim.

Respiro fundo, e vejo a hora, percebendo que em breve Dana chegará. Me levanto, deixando o celular no sofá, e vou para o banheiro. Tiro a roupa e entro no chuveiro, sentindo minhas mãos tremerem de raiva da situação, e tomo um banho rápido, agoniada para conseguir conversar com Tom.

Saio do banheiro, enrolada na toalha, e entro no quarto, procurando alguma roupa. Meu lado escuro dita que eu preciso chamar a atenção de Tom, de todas as formas, para que ele pare de ficar enfurecido e me escute. Preciso atraí-lo de todas as

formas, e meus olhos percorrem as roupas do meu guarda-roupa.

Meu lado escuro escolhe a roupa por mim, e sorrio, mordendo o lábio. Pego o vestido, e desenrolo a toalha, pegando um calcinha. Me visto, ainda com os cabelos molhados, e caminho até o espelho, fitando meu reflexo.

Encaro o vestido vermelho, com um grande decote, justo pelo corpo inteiro e curto, delineando minhas coxas e bunda. Quando comprei esse vestido, incentivada por Dana, nunca pensei que iria usá-lo, e ficou um bom tempo guardado no meu guarda-roupa, mas agora com meu lado escuro, estou me sentindo bem com ele, como se eu estivesse me vestindo para caçar Tom, como se eu precisasse mostrar o quanto estou liberta, e o que quero seus olhos em mim, para eu poder quebrar seu gelo por minha resposta impulsiva, sem explicar que apenas precisava pensar.

Ainda preciso, na verdade, porque por mais que eu me aproxime do sim, não conseguindo me imaginar longe dele, eu quero ter certeza de algo tão concreto, mas não vou conseguir pensar enquanto ele estiver furioso desse jeito, sem entender.

A campainha toca, me tirando dos meus pensamentos, e com o vestido, vou para a porta da sala, abrindo-a. Dana arregala os olhos, com um grande sorriso.

—O que seria isso? — Ela sorri animada, descendo os olhos pelo vestido — agradeça a mim por ter insistido nesse vestido aquela vez. Está deslumbrante.

Rio sem graça, e dou espaço para ela passar. Dana entra com duas grandes sacolas, e observo ela caminhar até o meu quarto, se sentindo em casa. Fecho a porta e a sigo, observando ela esparramar as sacolas na minha cama.

—Trouxe o guarda-roupa? — pergunto achando graça da sua expressão preocupada. Dana faz um gesto com a mão, de tanto faz.

—Estava em dúvida, mas já que você vai ir de vermelho — Dana para, me encarando — vou de branco — e fala sorrindo, puxando um vestido também decotado, curto, e coloca sobre o corpo — vamos contrastando.

Rio, balançando a cabeça. Dana é única por conseguir me fazer rir desse jeito, quando estou preocupada com Tom.

—E Carlos? — pergunto curiosa, e Dana sorri.

—Mandei uma mensagem para ele, avisando que iria em uma festa com você, para ajudá-la e — ela dá de ombros — ele também está fora da cidade, não pode reclamar.

Dou ainda mais risada deles, e Dana me fuzila com os olhos, com um grande sorriso.

—Agora vamos nos arrumar porque quero ouvir logo você e Tom sobre o noivado, e me conte tudo — Dana exige, começando a procurar as maquiagens na bolsa — você me contou por telefone, mas ainda não consigo acreditar que Tom pediu você em noivado.

Respiro fundo, assentindo, e encaro seu rosto surpreso.

—E agora ele está distante porque eu não consegui explicar que preciso pensar — murmuro.

—Por isso vamos ir lá, e você conversará com ele — Dana afirma, e assinto, voltando a encarar meu reflexo no espelho.

—Preciso resolver isso logo — meu lado escuro sussurra, e sei que isso é a verdade. Preciso resolver, preciso acalmar Tom e fazê-lo entender a situação, e que nada está errado.

Preciso me decidir, por mais que meu lado escuro já tenha se decidido.

PERIGOSAS NACIONAIS

Após algumas horas, deixando Dana a par de toda a situação, me encaro novamente no espelho, fitando meus cabelos loiros caindo sobre meus ombros, a maquiagem forte e um batom combinando com meus lábios. Dana sorri, com o cabelo preso, olhos escuros e um batom claro.

—Você deveria se casar de vermelho — Dana comenta, com um sorriso malicioso, e a fuzilo com os olhos.

—Dana, não comece, e nem decidi ainda — respondo com um sopro de voz, e Dana sorri ainda mais.

—Você já se decidiu, Alice, só você mesma quem não vê. Você quer ter certeza, mas não abriria mão de Tom por nada, isso já é a resposta — Dana afirma, se levantando da cama. Respiro fundo, ciente das suas palavras, e me viro de costas para o espelho, me lembrando do fetiche de Tom por espelhos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

—Então vamos? — pergunto séria, e Dana assente, caminhando ao meu lado. Me sinto forte, me sinto cada vez mais decida, conforme os segundos me aproximam de Tom, me aproximam da nossa conversa.

Saio do prédio com Dana, e entramos no seu carro, percorrendo ruas por quinze minutos, até Dana estacionar em frente à um grande prédio, com luzes de LED piscando e seguranças do lado de fora. Saio do carro, seguida por Dana, e ela entrega as chaves para um manobrista. É um pouco ostentoso esse lado, e percebo o quanto nunca reparo nisso quando estou com Tom. Dana para ao meu lado, com um grande sorriso, e sussurra no meu ouvido.

—Vamos, porque nem Dário nem Diego sonham que um dos convites é seu — Dana sussurra no meu ouvido, e dou risada, sem conseguir acreditar nela. Entro ao seu lado no

PERIGOSAS ACHERON

grande prédio branco, e meus ouvidos se acostumam com a música eletrônica alta. Olho ao redor, fitando pessoas dançando, todas vestidas elegantemente, com taças na mão e conversas. Percorro o ambiente com os olhos, fitando os camarotes um degrau a cima da pista, com grandes pretas ao redor, baixas. Mesas redondas estão nos camarotes, uma em cada, circulada por um sofá circular, preto. Olho para o bar, no canto do centro da festa, e ao lado do bar, dois pequenos palcos estão postos, com pole-dance, e em cada, duas mulheres seminuas, ruivas, dançam. É, é a festa de Tom.

Respiro fundo, sendo meu lado escuro, e caminho por entre as pessoas, sendo seguida por Dana. Paro no meio da festa, olhando ao redor, procurando por Tom, mas não o vejo, assim como não vejo Diego ou Dário. Dana se inclina na minha direção.

—Vamos beber o que, Ali? — ela pergunta, tentando ser ouvida sobre a música, e a olho.

—Você escolhe — respondo, e Dana sorri, pedindo para o garçom uma bebida. Tento olhar novamente ao redor, e Dana percebe.

—Você não o encontrou ainda, Ali? — ela pergunta preocupada, e levanto uma sobrancelha, negando.

—Não. Não vejo ninguém — e assim que finalizo a frase, um homem de cabelos escuros, olhos escuros e uma barba rala, familiar, aparece na minha frente. Arregalo os olhos, surpresa por vê-lo — Eduardo — o chamo, e ele se vira, me encarando assustado.

—Alice — ele sussurra meu nome, sem parar de me encarar, e tento fingir um sorriso, mas a preocupação por Tom, e por Ed em um estado diferente, com uma expressão mais tensa, me deixa

ainda mais preocupada.

—Como você está? — pergunto preocupada, e ele dá um passo na minha direção, com os olhos um pouco intensos de mais.

—Estou bem — ele murmura, e antes que eu perceba, sua mão agarra minha cintura. Não é o mesmo Eduardo que eu conheci, não é o mesmo Eduardo que era meu amigo, e isso me apavora — e você, Ali? — ele sussurra, e dou um passo para trás, me livrando do seu aperto.

—Estou bem — murmuro confusa, e sinto o olhar de Dana também confuso.

—Você está bem, Ed? — Dana pergunta, chamando sua atenção, e o olhar de Ed parece vacilar. Ele encara Dana, um pouco confuso, e franze a testa, abrindo a boca, mas antes de responder, Armando surge ao seu lado, puxando seu ombro.

—Vamos, Ed — Armando ordena, e

arregalo os olhos. Armando me encara surpreso, e finge um sorriso — olá, Alice — ele murmura, e antes que eu consiga responder, ele desaparece entre as pessoas, puxando Ed consigo.

Abro a boca, incrédula com eles, com a forma como Ed avançou sobre mim, sem qualquer resquício do homem que conheci. Meu coração parece acelerar ainda mais, e franzo a testa, olhando para Dana.

—Algo está errado com ele — murmuro, sentindo que isso pode envolver não só Armando. Fito a expressão preocupada de Dana.

—Eu também percebi, e isso vem desde que ele se afastou de nós — ela comenta, pegando a taça da bandeja do garçom. Pego uma também, e tomo um longo gole, tentando me acalmar, mas como meu lado escuro me controla, não consigo.

Volto a procurar Tom pela festa, sentindo o suor frio começar a surgir por cada poro do meu

corpo, a música alta invadir meus ouvidos, as luzes coloridas dançarem sobre as pessoas, passando pelo meu olhar. Meu coração acelera cada vez mais, como se precisasse bombear sangue a cada segundo que não vejo Tom, e minha respiração fica pesada. Esqueço Dana ao meu lado, e começo a pensar sobre seu pedido de noivado, sobre seus olhos ferozes, azuis escuros, como eu o surpreendi, de certa forma, na sua fúria. A sensação do toque de Tom, da sua forma dominadora, da sua ansiedade.

Olho lentamente para as pessoas ao meu redor, observando mulheres rirem sobre a música, tomando taças de vinho, homens conversarem, grupos de pessoas gesticulando alegremente, homens e mulheres descendo e subindo de camarotes, os garçons passando com bandejas, assim como pessoas transitando entre outras pessoas paradas. Vestidos curtos, caríssimos, salto alto e camisas sociais.

PERIGOSAS NACIONAIS

Tudo parece acontecer em câmera lenta, como se meus olhos captassem cada detalhe, como se meu coração soubesse que eu preciso olhar, e meus olhos se desviam para o meu lado esquerdo, perto dos dois degraus que sobem para o camarote. Uma mulher passa virando a taça de vinho sobre os lábios vermelhos, saboreando-o, um homem cruza com ela ajeitando a gola da camisa social branca, e atrás deles meus olhos se focam em duas pessoas, rodeadas de outras pessoas. Um homem de olhos claros, barba clara e cabelos claros, familiar. Sua camisa social preta está aberta no colarinho, e ele sorri animado. Em seu ombro está uma mão clara, com unhas pintadas de pretas, e dois grandes anéis de ouro. Diego.

Arregalo os olhos, vendo o amigo de Tom, e meus olhos se desviam lentamente para a dona da mão. Um vestido vermelho também, com um pequeno decote, e cabelos loiros caindo sobre os

ombros. Abro a boca, e luzes brancas dançam sobre seu rosto, que se vira na minha direção, e seus lábios vermelhos sorriem. Seus olhos me encaram, e eu a encaro de volta. Antonella.

Ela se inclina em direção ao ouvido de Diego, contornando seus ombros com o braço, deixando claro o quanto são próximos também, e percebo como Antonella ficou sabendo de tudo. Ela sussurra algo em seu ouvido, e ele vira o rosto, com os olhos arregalados, que se cruzam com os meus, em um susto.

Antonella está agindo, e meu lado escuro está ciente disso.

Meu lado escuro está possuído, encarando a mulher loira, assim como eu. Meu lado escuro está queimando em seu próprio fogo por eu saber que tudo está fugindo do controle. Eu preciso agir rápido.

Preciso encontrar Tom, preciso saber o que

está acontecendo.

Meu lado escuro precisa agir agora.

ALICE

Meu lado escuro está me queimando, me jogando ao fogo junto com ele.

E antes que eu perceba, dou um passo em direção à Antonella, firmando o salto no chão. Uma mão agarra meu braço, e olho para o lado, encontrando os olhos de Dana.

—O que está fazendo? — Dana pergunta

confusa, sem entender o por quê do meu afastamento, e sorrio sem graça, evitando contar sobre Antonella.

—Nada — murmuro — reconheci Diego, um amigo de Tom, e preciso perguntar onde Tom está. — tento emendar a desculpa com verdade. Dana franze a testa, curiosa, e assente, levantando a cabeça.

—Então vou com você — ela afirma. Arregalo os olhos, vendo as luzes dançarem em seu resto, e antes que eu a impeça, Dana se posta ao meu lado, com um grande sorriso — você é minha amiga, não tenho motivo para não acompanhá-la.

Sorrio, sem conseguir responder, e volto meu olhar para Diego, que continua a me encarar pasmo. Antonella mantém o olhar firme em mim, observando cada passo meu. Caminho na sua direção, com os olhos fixos nela, sem demonstrar medo, sendo mantida de pé pelo meu lado escuro.

A cada passo, o sorriso de Antonella parece aumentar.

—Quem é a mulher acompanhando Diego, Ali? — ouço a voz de Dana atrás de mim, mas não consigo responder, apenas continuar a andar lentamente pelas pessoas, desviando dos seus ombros e braços, deixando as luzes brancas dançarem no meu rosto, a música alta, eletrônica, invadir meus ouvidos, e o calafrio enlouquecedor me deixar aturdida. Respiro fundo, e paro na frente de Diego, encarando-o nos olhos.

—Olá, Diego — Comprimento-o educadamente, percebendo que ele está tentando disfarçar a expressão de espanto ao me ver. A mulher loira ao seu lado me encara fixamente, sem deixar desparecer o sorriso. Diego não me responde, apenas permanece me encarando, e Dana para ao meu lado, ainda mais confusa, sem conseguir entender a reação do amigo de Tom. Mas

eu entendo, meu lado escuro sabe exatamente o por quê do seu espanto. Dou um passo na sua direção, aproximando o meu rosto do seu, e antes que eu perceba, incorporo a intimidação que aprendi com Anya, a força que de certa forma ela libertou em mim, mesmo com seu plano e sua crueldade. Semicerro os olhos, fuzilando Diego — devo perguntar onde seu amigo está? — sussurro calmamente, mas alto o suficiente para ele ouvir — ou devo perguntar de que forma você está envolvido nisso? — hesito, vendo-o franzir a testa e abrir lentamente a boca — suponho que quando Tom foi visitá-lo, outra noite, você não o incentivou tanto à fazer o pedido, não é? Por isso da demora de Tom, e depois, quando ele desapareceu, posso supor que ele foi pedir ajuda à você, e — hesito, e meus olhos percorrem o seu rosto, chegando ao rosto intenso de Antonella — e você, Diego, fez o trabalho de fazer Tom se sentir

ainda mais frustrado e furioso, dando um empurrão para sua amiga Antonella. Estou perto? — pergunto ameaçadoramente, voltando a encarar Diego, que a cada palavra parece se encolher mais. Não estou reconhecendo a fúria que cresce em mim, e por isso, não consigo refreá-la.

Diego abre a boca para me responder, furioso, mas antes que consiga, a mão branca em seu ombro o puxa para trás, e Antonella entra na sua frente, rosto a rosto comigo, pela primeira vez. Olho seus olhos claros, iguais aos meus, seus lábios medianos, reflexos dos meus, seus cabelos loiros, similares ao meus, e meu lado escuro tenta ignorar a ideia de semelhança entre nós. Podemos ser semelhantes, mas Antonella é o passado, e eu o presente e o futuro, não deixarei o passado voltar.

—Alice — sua voz fina chama meu nome, e um grande sorriso surge em seus lábios vermelhos. Reteso a mandíbula, mantendo a

expressão calma, e percebo pelo canto do olho Dana se esquivar de nós, sem conseguir tirar os olhos, perplexa — finalmente nos conhecemos pessoalmente. Estou surpresa por você ter mais cérebro do que imaginei, e devo dizer, não ser ruiva.

Respiro fundo, tentando ter ainda mais força, sem conseguir forçar um sorriso.

—Isso já quer dizer algo, não é, Antonella? — pergunto irônica, e percebo o quanto e enfrentar Vanessa, Mercedes e Anya me ensinou a ser forte, a usar as palavras. Tudo o que vivi me trouxe nesse momento, nesse confronto, e se eu não tivesse passado o que passei, talvez eu teria me encolhido frente à Antonella — também estou feliz por conhecer você, mas já estou acostumada a conhecer as mulheres do passado de Tom, que isso nem me surpreende mais. Você estar aqui ainda, junto com Diego, quer dizer que tudo foi parte de

conseguir afastar Tom de mim, de aproveitar a primeira oportunidade para mostrar as garras, estou errada? — pergunto firme, encarando-a intensamente. Antonella sorri ainda mais, sem disfarçar a satisfação.

—Você não é burra, Alice — Antonella sorri ainda mais, e Diego vira as costas para nós, desaparecendo rapidamente entre as pessoas — eu sei cada passo de Tom, cada reação que Tom pode ter, e depois que Diego me contou que ele iria pedir você em noivado, eu percebi que uma mulher como você, iria hesitar em responder, iria querer pensar antes de uma grande decisão — Antonella fala triunfante, aproximando ainda mais o rosto do meu — e eu deveria ainda estar aqui, para consolá-lo, para mostrar que talvez ele tenha amado a mulher errada. Eu posso ter ficado afastada dele por alguns anos, guardando raiva, mas eu o conheço desde pequena, Alice, eu conheço a criança que ele foi, o

menino e o adolescente. Eu conheço o homem que o adolescente se transformou, e conheço o homem que Tom é na cama, sem máscaras, sem receios. Esse não é o seu mundo, Alice, e assim que Tom perceber que pode ter outra mulher nos braços, forte o suficiente para aguentá-lo, ele irá esquecer de você, e você, minha querida Alice, ficará à deriva, vendo o mundo que tanto almejou alcançar escapar das suas mãos, porque você se esqueceu de um grande detalhe, que é o motivo de Tom ter entrado em contato comigo, do por quê eu estar aqui.

Respiro fundo, deixando meu lado escuro me dominar cada vez mais, e a festa ao nosso redor parece desaparecer, havendo apenas nós e nossas palavras. O calafrio é substituído pela raiva, e tenho vontade de pular em seus cabelos loiros e arrancar um por um. Percebo que agora amo cabelos ruivos. Dou um passo na sua direção, sem demonstrar

receio, aproximando ainda mais nossos rostos.

—E o que eu me esqueci, Antonella? Tente me lembrar — sussurro deixando a fúria começar a invadir minha voz. A expressão de Antonella se torna tensa, e seu sorriso desaparece.

—Tom pode ser sexo, amante, apaixonado, Alice, mas no final de tudo, Tom Haltender também é um homem de negócios. O quanto você arriscaria para saber o que irá prevalecer no final, sua vida profissional ou pessoal? Acho que o grande problema de Tom começou quando ele envolveu a profissional e pessoal, por sua causa, e isso resultou nele voltar a pensar em mim, de certa forma, e criar coragem para envolver o passado ao profissional, visando apenas o profissional, esquecendo dos riscos — Antonella diz, dando de ombros — ao menos foi o que Diego e Dário me contou.

Cada palavra sua parece aumentar a minha

raiva, e por mais que ela tente me enganar, eu conheço o homem que amo, conheço Tom Haltender da melhor maneira possível, e em nenhum momento acreditarei nas suas palavras. Sorrio irônica, negando com a cabeça.

—Tom não precisa escolher entre seus dois lados, Antonella, porque eu não sou o tipo de mulher como você. Eu posso acompanhá-lo sem medo, e se esse for o problema, posso solucionar com ele bem rápido, porque na verdade, ele nunca pareceu incomodado em misturar os negócios e sexo comigo — respondo firme, encarando-a nos olhos — e esse problema que estamos tendo, mesmo com você aqui, iremos resolver, porque você é apenas o passado para ele, como o próprio já deixou claro até para você. Não preciso ter medo de fantasmas.

Antonella ri, negando com a cabeça.

—Eu sou o fantasma do passado, Alice?

— ela pergunta debochada — se olhe no espelho, e me diga quem chegou primeiro na vida de Tom, para ser o reflexo da outra. A única diferença é que eu tenho tanto dinheiro quanto Tom, que eu o conheço desde pequeno.

—E a maior diferença, Antonella, é que é no meu dedo que Tom quis colocar um anel — a interrompo, jogando as palavras calmamente no seu rosto — acho que isso já deixa claro que sua vinda aqui, depois de anos, é frustrada, que sua tentativa de tê-lo é ainda mais fracassada. Tom nunca amou você, e mesmo que você tente aproveitar da situação, isso não mudará o que ele sente.

Antonella dá um passo para trás, ainda sorrindo.

—Vou adorar mostrar para você o que é mais importante no mundo de Tom, Alice. A empresa ou o amor — Antonella sorri ainda mais, passando uma mão nos cabelos — espero que

quando vê-lo, perceba o que fez.

—Então você não sabe onde ele está — afirmo, percebendo que em nenhum momento ela citou sobre estar perto dele. Antonella arregala os olhos, confusa, e tenta disfarçar, deixando o sorriso estampado no rosto, e percorre a festa com os olhos — Tom não está na festa, Antonella. Posso perceber pela sua expressão, por você estar com Diego tão livre. Tom não apareceu na festa que vocês estão dando para ele, não é? Tom desapareceu até para você.

Antonella retesa a mandíbula, respirando fundo, e percebo que consegui desestabilizá-la também. Sorrio, satisfeita, e dou as costas, deixando-a arregalar os olhos, mas antes que eu me dê por conta, bato de frente com um homem familiar, que sorri para mim, Dário.

Arregalo os olhos, sem reação, e suas mãos agarram minha cintura.

—Ei — Dana dá um empurrão no ombro de Dário, e dou um passo para trás, me livrando das suas mãos. Ele sorri maliciosamente, e seus olhos se fixam na mulher loira atrás de mim.

—Vejo que vocês já se conheceram — Dário sorri ainda mais, passando por mim. O sigo com os olhos, virando a cabeça para trás, e vejo ele abraçar animadamente Antonella, contornando seus ombros com o braço — Antonella veio mostrar o quanto é bom ter pessoas por perto, que possam ajudar, e de como você ainda é tão fechada, Alice.

O fuzilo com os olhos, e Dana agarra meu braço, tentando me puxar.

—Tom realmente é infeliz em questão de amizade — respondo firme — só tem homens que não valem nem onde pisam. Tomara que vocês se fodam — as palavras saem antes que eu controle, e Dário arregala os olhos, surpreso pela minha reação.

—Se ele é infeliz na amizade, imagina na cama, Alice — Dário responde debochado — você é o oposto da mulher liberta, da mulher avassaladora que Tom nos deu a entender. A imagem que ele nos passou de você é outra, que pena.

Meu lado escuro se remói de raiva, e perco o controle sobre minha fúria.

—É uma pena mesmo você não perceber o que é uma mulher, Dário. Talvez seja porque não é homem o suficiente para ter uma boa mulher na cama, e então fica julgando as mulheres dos amigos.

O sorriso de Dário desaparece, e ele semicerra os olhos. O deixei furioso, e me mantenho firme a cada passo que ele dá na minha direção, até nossos rostos estarem próximos. Não vou fugir das intimidações, não mais.

—Por que você não prova para mim o que

é uma mulher boa na cama, Alice? Já que você está confiante, talvez devesse me provar, porque até agora o que me provou é que é uma grande idiota que deu o fora no meu amigo, deixando-o entregue para Antonella — Dário rosna com o rosto próximo ao meu. Respiro fundo, tentando acalmar meu lado escuro, mas a cada palavra, ele parece enfurecer ainda mais.

—Não preciso provar nada para você, Dário, pelo contrário, você me provou que não é amigo de Tom. Não distorça as palavras, ou é burro mesmo? Não dei um fora em Tom, e espero que quando eu estiver com Tom, nos encontremos por aí, para que eu possa mostrar o quanto ele é feliz comigo, principalmente na cama. O oposto do que você deve ser — antes que eu consiga finalizar a frase, sinto a mão de Dário agarrar meu pescoço com força, me puxando para mais perto do seu rosto.

—Se depender de mim, Tom nunca mais encostará em você, Alice. Nunca gostei de você, e depois que Antonella, a mulher que sempre foi nossa amiga, voltou, estamos loucos para vê-lo longe de você. É apenas uma coitada perdida no meio de nós — Dário rosna contra o meu rosto, tentando me amedrontar. Sinto seus dedos no meu pescoço, e agarro seu pulso, puxando sua mão para longe. Ele me solta, com os olhos enfurecidos, e sorrio para ele.

—Se depender de mim, Dário, Tom nunca mais se aproximará de você, e essa mulher que você tanto gosta já foi rejeitada há anos por Tom. Nada do que fizerem vai fazê-lo amá-la. Não estou perdida, eu me encontrei muito bem aqui, e desse mundo eu não saio, se acostume com a minha presença, Dário, ou recue você, porque estou aqui para ficar — respondo firme, levantando a cabeça. Ele arregala os olhos, e antes que consiga responder

algo, dou as costas, me afastando dele, de Antonella, que permanece com os olhos fixos em mim.

Estou furiosa por ter discutido com Antonella, furiosa por Diego e Dário mostrarem de que lado estão realmente, e percebo que das pessoas próximas à Tom, só tenho contato com Eva, Antone e Nássia.

—Alice, o que foi aquilo? — Dana pergunta incrédula, arregalando os olhos. Paro, deixando ela me encarar, e respiro fundo, me sentindo perdida no meio das pessoas conversando e dançando. Tom não está aqui, Tom não está nem com as pessoas conhecidas. Onde ele está? Como vou resolver se ele desapareceu? — Alice? — Dana me chama novamente, e eu a encaro. Ainda estou furiosa com Antonella, Dário e Diego, mas não posso deixar isso me incomodar, porque é isso que eles querem. As pessoas do seu mundo estão se

virando contra mim, tentando me tirar dele, e não hesitar. Preciso me manter de pé, firme, e não demonstrar medo.

—Antonella foi um antigo caso de Tom, Dana, que voltou para me incomodar. Ela quer ele, e vai usar de alguma forma a empresa que herdou para ter ele — hesito, e Dana abre a boca, sem conseguir me responder, surpresa. Passo as mãos nos cabelos, ignorando seu espanto — mas eu não tenho medo dela, porque sei que Tom nunca a amou. E bem, você viu, nem seus amigos gostam que Tom esteja realmente envolvido em um relacionamento. Se tiver que ser um, eles preferem que seja com a mulher que eles gostam, Antonella, a mulher do mundo deles já.

—Mas — Dana começa a falar, mas hesita, como se ponderasse se continuaria a frase ou não, e nesse momento, não estou curiosa para saber o que ela iria falar, estou curiosa e preocupada em

saber onde Tom está. Preciso encontrá-lo antes de Antonella, preciso me decidir e ter a resposta até encontrá-lo. Encaro Dana por alguns segundos, tentando formular as palavras.

—Preciso ir embora — murmuro, e Dana franze a testa, sem entender. Balanço a cabeça, negando e respiro fundo, levantando as mãos — preciso pensar onde Tom está, preciso procurar na sua casa, preciso encontrá-lo, Dana.

—Mas se ele não está aqui, Ali, você acha que ele estaria em casa? — Dana pergunta preocupada. Olho ao redor, e meus olhos são atraídos para Dário e Diego sentados em um sofá do camarote, com copos de uísque na mão, e no meio de ambos, Antonella sorri, com um grande taça de vinho. Respiro fundo, tentando controlar o impulso de ir lá continuar a discussão, e procuro a saída com os olhos.

—Ele precisa estar em algum lugar —

murmuro, e começo a andar para a saída. Dana me segue confusa, olhando ao redor, e saio da festa, passando pelos seguranças.

—Ali — Dana fala, caminhando ao meu lado — eu posso ajudar você.

Nego com a cabeça, e tento sorrir para ela.

—Acho que agora eu preciso procurar sozinha, Dana. Eu conheço Tom, eu — hesito, e o nome de Eva surge nos meus pensamentos — eu preciso. — deixo a frase morrer, pensando na minha conversa com Eva, no que combinamos. Eu preciso falar com Eva.

Dana assente, sendo a boa amiga que é, e entramos no seu carro. Percorro todo o caminho em silêncio, e assim que Dana estaciona em frente ao prédio onde moro, dou um abraço nela e desço, pegando o celular na mão. Paro em frente a porta de entrada do prédio, e disco o número que peguei de Eva. O celular toca uma vez, uma segunda vez.

—Alô — a voz de Eva ressoa pelo celular. Respiro fundo, e entro no prédio, caminhando em direção ao elevador.

—Eva, sou eu, Alice — falo baixo, e aperto o botão do elevador.

—Ali, como está? — ela pergunta calma, e desejo que Antone não esteja por perto.

—Tom desapareceu, Eva. Ele — hesito, e as portas do elevador se abrem. Meu lado escuro quer que eu conte, que eu confie em Eva, mas merda, eu confiei em tantas pessoas, e dessas tantas, a maioria se mostrou o oposto do que imaginei.

Mas Eva está me ajudando, Eva está burlando as regras, meu lado escuro sussurra para mim. Eva está se mostrando o oposto do que imaginei.

—Tom me pediu em noivado, e eu não consegui responder — conto, e ouço um suspiro de

susto no telefone — depois disso, ele desapareceu. Antonella está na cidade, junto com Diego e Dário, mas nem eles sabem onde Tom está. Nós estamos juntos ainda, mas ele simplesmente está me ignorando, se afastando.

—Alice — Eva começa a falar com cautela — Tom nunca havia pedido ninguém em noivado.

—Eu sei — repito, e entro no meu apartamento, ligando as luzes — Discuti com Antonella e deixei claro que ela pode se esforçar ao máximo, que nunca irá tirar Tom de mim, mas eu preciso conversar com ele, Eva. Eu preciso vê-lo, acertar essa situação, mas não tenho ideia onde ele possa estar e — hesito — se isso continuar assim, não sei se o que conversamos sobre Pandora poderá acontecer.

—Alice, Tom ainda está com a presença confirmada em Pandora. Sei que não posso contar

isso, mas eu implorei para que Antone me contasse. Ele apenas disse que Tom confirmou — Eva hesita, e respiro fundo, sentando no sofá — tente encontrá-lo até sábado, mas senão, vocês ficarão cara-a-cara em Pandora, e lá você pode acertar a situação, além do que combinamos.

—E se ele não for? — pergunto receosa, e ouço um suspiro de Eva, deixando claro que ela sorriu.

—Ele vai ir, Alice. Deixe que o tempo diga o que irá acontecer — Eva sussurra no celular — E preciso falar algo.

—O que? — pergunto preocupada, e franzo a testa, fitando a tela da televisão apagada.

—Antone aceitou o nosso pedido. Ele permitirá, porém ele quer algo em troca — Eva fala calma. Respiro fundo, eu já deveria imaginar que fazer acordos com os Lehanster sempre precisa de moeda de pagamento.

—E o que ele quer? — pergunto receosa.

—Ele não disse. Apenas falou que na hora certa, irá pedir, e talvez não seja exatamente para você — Eva conta, me deixando ainda mais confusa.

—Como assim? O acordo é comigo, não com outra pessoa — falo furiosa, me levantando do sofá.

—Foi apenas isso que ele falou. É aceitar ou ele não aceita o pedido que fizemos para ele — Eva diz preocupada. Respiro fundo, temendo o que pode ser esse pedido de Antone no futuro, mas diante da situação de agora, da distância de Tom, talvez esse seja o único jeito de atrair seus olhos, de fazê-lo vir à luz para que possamos conversar.

—Diga que eu aceito — afirmo, e ouço o silêncio no celular, deixando claro que Eva se surpreendeu com a minha decisão — eu aceito o que Antone pedir no futuro.

—Alice, ele é um Lehanster, não será qualquer pedido — Eva tenta me fazer pensar, mas meu lado escuro já está decidido.

—Eu sei. Eu sei do que um Lehanster é capaz, Eva, e mesmo assim aceito. Quando começamos? — pergunto ansiosa, sentindo meu coração martelar nos meus ouvidos ao pensar.

O silêncio perdura por alguns segundos, e caminho até o meu quarto, fitando meu reflexo no espelho. Preciso trocar de roupa e ir até a casa de Tom.

—Amanhã a noite. Esperarei você aqui às oito horas da noite, Alice. Venha pronta — Eva me informa. Respiro fundo, sentindo a vertigem invadir meu corpo.

—Estarei aí — respondo, e desligo o celular. Visto uma calça jeans escura, e coloco uma blusa de mangas compridas, solta, preta. Calço um sapato baixo, e prendo o cabelo, sentindo meu

coração bater cada vez mais rápido, como se tentasse sair pela boca. Talvez, diferente do que eu imagine, Tom esteja na casa.

Pego minha bolsa e saio do apartamento, trancando a porta. Desço pelo elevador, sentindo o calafrio invadir ainda mais meu corpo, e respiro fundo. Disco para o número de um táxi, e o chamo. Em cinco minutos o táxi estaciona em frente ao prédio e entro, informando o endereço.

As ruas correm pela janela do carro, e quinze minutos depois o táxi estaciona em frente à portões altos, já familiares. Sorrio, sentindo uma nostalgia de quanto ficávamos nessa casa, e desço do táxi. Toco o interfone.

—É Alice — informo, e ouço um silêncio.

—Pois não, senhorita? — a voz grossa de um segurança ressoa pelo interfone, e minhas esperanças de que Tom estivesse na casa desaparecem.

—Tom Haltender está? — pergunto apenas para confirmar.

—Não. O Sr. Haltender não retornou ainda — o segurança informa.

—Muito obrigada — murmuro, me sentindo ainda mais confusa. Onde Tom está? Porque esse distanciamento ao invés de conversamos? Merda, tudo deu errado, e preciso resolver logo.

Volto para o táxi, e retorno para o meu apartamento, sentindo meu lado escuro enlouquecer a cada segundo sem saber sobre Tom.

Deito na cama, fitando o relógio do celular informar que já é madrugada, e desejo que amanhã, diferente do que Ana falou, ele apareça na empresa, que ele volte a ser o Tom que eu conheci. Algo está muito errado, e por mais que eu tente não pensar, esse afastamento de Tom, Antonella e o pedido de noivado parecem estranhos demais.

PERIGOSAS NACIONAIS

Diego e Dário estão ao lado de Antonella, e essa apareceu na cidade dias antes do pedido de noivado, que Tom contou para Diego, deixando Antonella a par também, mas ela apareceu ainda antes. E depois das palavras não ditas, Tom, diferente do que sempre foi, desapareceu, evitando conversar, evitando se impor da sua forma dominadora, como se. Pare, não posso apenas pensar, preciso ter certezas.

Também estou preocupada com Ed, que de certa forma, não é mais o homem que conheci. Ele está mudado, está parecido com Armando, está mais intenso. Parece estar perdido, e não consegui nem conversar com ele. Tudo está acontecendo tão rápido, e ainda tem meu plano com Eva, a mulher que nunca imaginei me aproximar, confiar.

E pensando em Eva, me lembro de Nássia. Talvez Nássia saiba sobre onde Tom pode estar, e desde que nos conhecemos, ela pareceu gostar de

PERIGOSAS ACHERON

mim, pareceu estar ao meu lado. Pego o celular, e mando uma mensagem.

Olá, Nássia. Tudo bem? Desculpe a hora, mas preciso saber de algo, você poderia me ajudar?

Envio, sentindo meu coração voltar a bater cada vez mais rápido, e fito a tela por alguns segundos, desejando uma resposta. Minha respiração acelera, ansiosa, e o celular vibra. Nássia.

Olá, Alice. O que você precisa?

Cerro os dentes, indecisa sobre o que contar, mas guiada pelo meu lado escuro, apenas digito o essencial.

Tom e eu tivemos uma discussão. Preciso saber se você sabe onde ele pode estar.

Envio, desejando ter tomado a decisão certa, e minutos depois, recebo a resposta.

Uma grande amiga minha, que veio da

França, também me pediu isso. Infelizmente não sei, estive ocupada com outros assuntos.

Abro a boca, sem reação. Nássia também não está mais ao meu lado, mas sim ao lado de Antonella. Ela chegou deixando claro que realmente pertenceu ao mundo de Tom, merda. Desligo a tela do celular, sem mandar mais nenhuma mensagem para Nássia, e percebo que inacreditavelmente só me resta Eva.

Meu celular vibra novamente, e olho para a tela, vendo uma mensagem de um número diferente, mas que eu já vi antes. Antonella.

Qual de nós duas encontrará Tom primeiro? Por enquanto, e continuará assim, eu estou na frente. Tenha uma boa noite, Alice, adorei conversar com você. Espero que nos encontremos novamente, depois das minhas palavras se concretizarem. Tom ainda será meu novamente.

Respiro fundo, ainda mais furiosa, e

respondo.

Na frente não significa a vencedora, Antonella. Estou ansiosa para nos encontrarmos novamente, e sabermos o que realmente ganha: negócios ou amor? Estou apostando no amor, boa sorte nos negócios, espero que não acabe por falir. Boa noite.

Envio a mensagem, tentando não aumentar minha fúria. Antonella irá me incomodar de todas as formas, ela quer me desestabilizar, e não vou deixar isso acontecer. Não vou pensar nas suas palavras.

Não quero me preocupar com isso, estou preocupada com a situação, com a forma com que tudo aconteceu rápido, e meu lado escuro também suspeita que há algo mais. Tudo está se voltando contra nós, tudo está escapulindo das minhas mãos, e as pessoas próximas a Tom parecem querer piorar tudo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Estou deixando algo escapar, e não é sobre Diego, sobre Dário ou Antonella, é sobre Tom.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Encaro os olhos verdes da mulher ruiva à minha frente, parada na porta da mansão Lehanster.

—Você está pronta? — Eva pergunta séria, e assinto, entrando na casa. Na verdade, não estou pronta, Tom não apareceu na empresa hoje, continuou desaparecido, e tive que tentar explicar para Dana sobre Antonella, além de aguentar os comentários insinuosos de Ana e Mônica. Mas agora, olhando ao redor da mansão dos Lehanster, sentindo a força nos olhos de Eva, percebo que estou agindo certo, que estou no caminho certo para conseguir Tom em Pandora. Diferente do que Dário disse, vou provar que não sou fechada, que estou liberta. Vou destruir todos os comentários das pessoas do mundo de Tom sobre mim. Vou provar

PERIGOSAS ACHERON

para Tom que o amor pode ser um grande negócio, e que estou disposta à tudo. Vou chamar seus olhos de volta para mim, e vou ter sua resposta até Pandora.

—O que você está pensando? — Eva pergunta curiosa ao meu lado, e sorrio sem graça, encarando-a.

—Se Tom vai para Pandora, se lá conseguiremos conversar — murmuro, e Eva indica as escadas. Subo ao seu lado, e sua mão pousa no meu ombro, pequena.

—Tom vai ir, Alice, foi só isso que Antone me disse, mas é o suficiente para continuarmos — Eva insiste.

—Mas tem algo errado, Eva. Antonella disse que Tom é um homem dos negócios, acima de tudo — tento lembrar das suas palavras, e alcanço o topo da escada ao seu lado. Eva se vira, parando de frente para mim — e deixou claro que

irá usar isso. E esse sumiço — franzo a testa — até o pedido, pareceu ser inusitado.

Eva respira fundo, sem parar de me encarar.

—E você acha que isso pode ter envolvimento de Antonella? — ela pergunta preocupada, e cerro os punhos, tentando não imaginar isso.

—Não, não vejo como isso pode ter envolvimento — murmuro, mas meu lado escuro está suspeitando que talvez, de algum modo, possa — mas parecia que Tom estava ansioso demais.

—Talvez porque ele nunca tenha feito isso, Alice — Eva fala calma, voltando a caminhar pelo corredor da mansão dos Lehanster. A sigo, fitando as várias portas fechadas.

—É — murmuro, mas ainda sim, não seria do feitio de Tom — Antone não soube nada dele?

Eva para, e se vira para trás, me encarando novamente.

—Antone não me conta sobre Tom, Alice. Talvez por causa do nosso passado, e por eu também ser amiga de Tom, Antone prefere esse individualismo, como se os segredos entre eles permanecessem entre eles — ela dá de ombros — e eu nunca fui de perguntar. Tentei descobrir algo depois que você me ligou ontem, mas Antone não é burro, e percebeu, me colocando contra a parede. Ele queria saber o que afinal tinha acontecido para você me fazer perguntar sobre Tom, deixando claro que ele também não sabia que Tom havia pedido você em noivado.

Respiro fundo, ainda mais preocupada, e nego com a cabeça.

—E Antone não disse o que ele quer? — tento pensar em outro assunto. Eva sorri desanimada, e nega com a cabeça.

—Ele não me disse. Isso é assunto seu e dele, segundo Antone, e quando ele quiser algo em

troca, pedirá. Fico preocupada por você, Alice, mas você é crescida o suficiente para saber onde se mete — Eva murmura, e assinto, dando um passo na sua direção. Coloco as mãos sobre seus ombros e sorrio para ela.

—Obrigada pelo que está fazendo por mim, Eva. Nesse momento, você é uma das poucas pessoas que está ao meu lado — agradeço ela, e Eva agarra minha cintura, me puxando para um abraço. Cedo, envolvendo seus ombros com os braços, e sinto seus braços finos ao redor da minha cintura.

—Não precisa agradecer, Alice — ela responde calma — apenas torça que Anya nem Enzo descubram o que eu e Antone permitimos, senão Antone perderá sua porcentagem em Pandora, e bem, eu — Eva hesita, e percebo que iria falar que perderá Antone. Me afasto, e olho em seus olhos verdes.

PERIGOSAS NACIONAIS

—Tudo dará certo para nós — sussurro, tentando acreditar nas minhas palavras, mas nem meu lado escuro parece crer. Eva se afasta, caminhando na minha frente, e abre uma porta. Ela entra pela porta aberta, sem me esperar, e paro em frente a porta, fitando o grande espelho dentro do quarto vazio. Espelhos sempre foram uma das manias de Tom, mas agora vejo que está presente em tudo nesse mundo. Nesse mundo que agora é meu, que firmarei meus pés nele dando esse novo passo.

E dou um passo para dentro do quarto, vendo Eva virar a cabeça para trás, jogando os cabelos para o lado, e me encarar, com um grande sorriso de satisfação. Eu vou fazer, eu vou mostrar quem sou agora, depois de tudo o que passei. Vou ser apenas meu lado escuro, sem interrupções.

**

PERIGOSAS ACHERON

Alguém trocará os pés pelas mãos... e o coração pelo impulso.

O homem abre os olhos azuis escuros, fitando a mulher seminua dançar na sua frente, em cima de uma mesa preta, redonda. Ele puxa lentamente o nó da gravata, como se precisasse respirar um pouco mais, e estende um dos braços sobre o encosto do sofá de couro preto, no qual está sentado.

A mulher ruiva coloca as mãos sobre os seios escondidos por uma lingerie vermelha, e se vira de costas para ele, descendo o corpo e empinando a bunda para cima. Ele respira fundo, retesando a mandíbula, e fecha os olhos novamente, passando a mão sobre os cabelos loiros.

Uma porta se abre, acordando-o dos pensamentos, e Tom Haltender fita o homem moreno entrar por ela.

—Ainda está vestido? — o homem de barba rala, castanha, assim como os cabelos, sorri, segurando um copo de uísque.

—Dário, me lembre de mandá-lo para o inferno por ter insistido que eu viesse. Que se foda essa mulher — Tom Haltender rosna, se levantando e apontando para a ruiva seminua — estou de saco cheio de você querer que eu me esqueça da merda que aconteceu.

Dário arregala os olhos, dando espaço para Tom passar.

—Ei — Dário o chama, atento — vai voltar correndo atrás dela? Palmas para Alice — Dário finge bater palmas — que mulher é essa que dá o fora em Tom Haltender.

Tom para na porta da pequena sala, e olha sobre o ombro para trás, furioso. Seus olhos azuis escuros se fixam em Dário.

—Vá para o inferno — Tom rosna,

transtornado e aponta para Dário — e se Antonella falou demais para Alice, é bom que você dê um sumiço naquela mulher e diga que eu não quero vê-la nunca mais.

Dário levanta as mãos, fingindo inocência, e ri.

—Calma, cara. Eu não estava lá, quem estava era Diego, e pelo que ouvi dizer, as duas bateram boca mesmo. Duas loiras bem gostosas, brigando por um homem — Dário ri, balançando a cabeça — o que elas disseram, acho que só Diego sabe.

Tom retesa ainda mais a mandíbula, furioso, e cerra os punhos. Ele levanta uma mão fechada e soca a porta com força, fazendo um estrondo.

—Porra — ele rosna, e encara Dário — vou embora, não deixe Antonella ou Alice me ver, enquanto eu saio dessa maldita festa.

—Alice já foi embora, Tom, e Antonella está sentada com Diego, bebendo. Ninguém sabe que você está aqui, mas por que? Está fugindo do que? — Dário pergunta sério — você pediu que fingíssemos que não sabíamos onde estava para Alice e Antonella. Além de ter levado um pé na bunda de Alice, que merda mais aconteceu?

—Cale a porra da boca, Dário — Tom se descontrola, se exaltando — a merda que faço é problema meu. Não estou fugindo de nada, apenas — ele hesita, sem fôlego — eu sei a merda que fiz, apenas não esperava que Alice me rejeitasse, piorando ainda mais a situação. Eu apenas estou tentando evitar pensar tanto, porque agora de nada me adiantará.

—Então acabou entre você e Alice? — Dário pergunta curioso, franzindo a testa, e Tom respira fundo, ainda mais furioso.

—Eu não sei — ele rosna, retesando ainda

mais a mandíbula, e seu corpo se torna tenso por baixo da camisa social. Seu pulso continua firme contra a porta aberta, e Tom fecha os olhos, sussurrando com a voz rouca em um rosnado — eu não sei o que acontecerá, Dário. Eu perdi o controle da situação quando Antonella veio, quando Alice me rejeitou.

ALICE

Encaro meu reflexo no espelho, e a Alice que vejo não é a junção de nenhuma outra Alice, não é a morte ou a criação de uma Alice interna. É a transformação do que sou para o meu lado escuro.

Meu lado escuro não existe mais, porque eu me transformei inteiramente nele.

Devo isso à Tom, por ter me trazido para o

seu mundo, transformando-o em meu mundo também. Devo isso à Anya, por ter feito eu ver a mulher que eu posso ser, por ter feito eu ver a confiança que sempre tive mais nunca pratiquei, e por ter aberto meus olhos sobre as crueldades e intrigas que espreitam ao meu redor. Mesmo que ela tenha me enganado, me machucado, agora percebo que esse não seria o resultado, se nada disso tivesse acontecido. Vanessa também me ajudou, mostrando que preciso enfrentar ainda mais o passado de Tom, sem me encolher. Antonella provou o quanto sou suficiente, o quanto confio em mim, confio no que posso fazer.

E Eva, a mulher que nunca imaginei me aproximar, agora está cada vez mais ao meu lado, e esta noite mostrará o quanto eu posso confiar nela.

Respiro fundo, e fecho os olhos, pensando nos dias que transcorreram. Desde terça-feira, todas as noites me encontrei com Eva na mansão

Lehanster para colocar em prática nosso plano. E todos os dias busquei Tom em todos os lugares, encontrando seu apartamento vazio, sua sala da empresa sem sua presença. Mensagens sem respostas, apenas pequenas mensagens irritantes de Antonella, que no final, optei por não responder mais. Tom desapareceu durante a semana, mas sua presença em Pandora continua confirmada, assim como a minha, sem que ele saiba.

Todas as noites com Eva fez meu lado escuro se prevalecer ainda mais, criando suas raízes de vez em mim, criando uma confiança nessa mulher ruiva que não controlo. Criando uma sensação de liberdade que apenas Pandora me dá. Minhas conversas com Eva se tornaram mais profundas, mais íntimas, e na sexta-feira, nossa última noite para deixarmos tudo pronto, percebi que era apenas isso que precisava para me libertar de vez. Desde que aceitei o acordo com Anya, eu

acreditava estar me libertando totalmente, acreditava ter conseguido, mas apenas com Eva me ensinando, que percebi que eu precisava de um empurrão a mais, que ainda não era a Alice que desejava. Eu precisava provar de mim mesma, provar para todos o quanto sou liberta, contrariando Diego, Dário, Anya e provando para Tom a verdade.

Eu pertenço à esse mundo, e é isso que eu vou provar para mim mesma.

Depois desses dias pensando, depois de perder Tom de vista e mostrar para mim mesma que eu ainda não estava liberta, que ainda havia amarras sobre comportamentos que eu deveria ter, respostas que eu deveria dar, agora eu me conheço realmente.

E tenho a resposta para o pedido de Tom. Não é a resposta com certeza, é algo arriscado, é algo sem planejamento nenhum, mas me libertar

significa isso, significa ser dona de mim mesma, do meu sexo. Não é sobre personalidade, sobre quem eu fui ou quem sou, é sobre sexualidade. O mundo de Tom é o meu mundo, porque é o mundo onde descobri minha sexualidade, meus limites, meus gostos, meu amor. Meu sexo.

Eu preciso encontrá-lo em Pandora, e lá irei provar que as palavras de Dário são erradas. Irei mostrar que quero estar lá, irei mostrar para mim mesma, em uma prova de confiança e liberdade, o quanto eu estou certa sobre isso. Eu preciso conversar com Tom, preciso esclarecer todos os nossos problemas.

Desço os olhos pelo meu corpo, fitando o vestido vermelho escuro, bordo, colado ao meu corpo. Um grande decote se abre nos meus seios, deixando-os parte à mostra, finalizando em v próximo ao umbigo. O mesmo decote se abre nas minhas costas, contornando a lombar, e em meus

ombros, alças finas fazem a ligação. Ele desce contornando meu quadril, e em minhas coxas, duas fendas se abrem. Sorrio, fitando o batom vermelho em meus lábios, a maquiagem pesada. Não precisei de ajuda de ninguém para escolher o que fazer, como ir, apenas precisei da ajuda de Eva para fazer o plano funcionar.

Olho para o celular, e uma mensagem de Eva pisca na tela.

Estou aqui embaixo.

Sorrio, sentindo uma vertigem avassaladora invadir meu corpo. Estou pronta, estou ansiosa. Minhas mãos tremem, suando frio, e meu coração bate como uma escola de samba, cantarolando uma melodia como trilha sonora para cada passo que dou. Minha respiração está ofegante, mas não estou com medo. Estou confiante que tudo dará certo, que Tom estará lá, e conforme meu plano, não conseguirá se esquivar de mim, conversando

comigo, entendendo minha resposta final.

Não será apenas um evento de Pandora, mas será o evento em que me revelarei para mim mesma, pela primeira vez. Guardo o celular na pequena bolsa, e saio do apartamento, carregando a bolsa e uma grande sacola branca, fechada. Desço pelo elevador, fitando os saltos pretos nos meus pés. Sorrio novamente, sentindo a ansiedade me enlouquecer, uma espécie de tensão. Atravesso o saguão do prédio e saio, fitando a Mercedes preta estacionada, com Eva de pé, na frente da porta aberta. Seu vestido preto, colado ao corpo, realça sua cintura fina, fechado em gola alta no pescoço, com os ombros a mostra. Ela sorri para mim, abrindo ainda mais a porta do carro, e sorrio, com uma cumplicidade no olhar.

Entro na Mercedes, seguida de Eva, e olho para o meu celular novamente. Faltam duas horas para começar o Evento Pandora.

PERIGOSAS NACIONAIS

Faltam duas horas para eu libertar a Alice que sou.

PERIGOSAS ACHERON

ALICE

Abro os olhos, fitando a escuridão. Meu coração bate calmo no meu peito, pela primeira vez, e possuo o controle sobre o tremor das minhas mãos. Eu estou em casa, dentro de mim mesma. Eu estou em Pandora, e pela primeira vez, me sinto confortável em estar aqui. Me sinto eu mesma.

Respiro fundo, deixando um sorriso brotar

lentamente nos meus lábios, e ouço um tic-tac. Tic-tac, contando lentamente os segundos que antecedem a sensação plena de encarar rostos, de encarar a mim mesma. Um, dois segundos.

Levanto a cabeça, fitando a escuridão ao meu redor, sentindo o metal gelado nas minhas costas, e o silêncio é preenchido por uma música grave, sem vocais.

—Está na hora, Alice — ouço a voz de Eva ao meu lado direito, em um sussurro, e tento esconder o sorriso que implora para surgir ainda mais. É, eu sei que está. Está na hora de mostrar para esse mundo que eu também pertenço, está na hora de mostrar o que eu quero. Está na hora de chamar os olhos ferozes de Tom para mim novamente, e deixar claro a minha resposta final. Eu quero estar com ele, eu aceito sua proposta. Ele não conseguirá me evitar assim, estará nas minhas mãos novamente, e com isso, resolverei todos os

problemas pendentes. Não sinto mais medo do desconhecido, medo da vertigem de encarar os desafios, eu quero experimentar.

A música aumenta, e respiro fundo novamente, fitando a escuridão acima da minha cabeça, que mantenho erguida ainda. Minhas mãos estão atrás do meu corpo, segurando o metal na altura da minha lombar, e o tecido de couro dentro da palma da minha mão esquenta todo o meu corpo. Estou sendo o fogo que sempre quis.

Fecho os olhos por alguns segundos, ouvindo os segundos da música. Está na hora. Abro os olhos, fitando o teto escondido por decorações pretas, e o véu preto pendurado até o teto desaba na minha frente, caindo lentamente.

Abaixo a cabeça no mesmo instante que Eva, que está na mesma posição que eu, cinco metros de distância, ao meu lado direito. Ouço o som da minha respiração sobre a música, mas não é

pavor, medo. É liberdade.

Abaixo ainda mais a cabeça, fitando os rostos voltados para mim, todos mascarados.

Abaixo ainda mais a cabeça, fitando os rostos voltados para mim, todos mascarados. Olhos curiosos, desejosos, exalando luxúria em smokings, vestidos longos e lábios carnudos. Este é o meu espetáculo, é Pandora.

O véu cai inteiro no chão do palco onde estamos, no centro de um grande salão. Um palco redondo, de dois metros de altura. Olho de canto para Eva, que assente lentamente. Uma ordem de início.

Ouço os segundos da música, e puxo minha mão direita para frente, abrindo as pernas com veemência, em uma dança erótica. Bato meu salto alto no chão, cravando-o no palco, e minha outra mão agarra minha coxa coberta por uma meia 7/8 rendada preta, com uma cinta-liga. Meu corpo está

coberto apenas por um espartilho estilo body preto, justo, deixando meus seios erguidos, em um grande decote tomara que caia. Meu rosto está escondido por uma máscara rendada preta, e meus cabelos estão por baixo de uma peruca preta, me deixando totalmente morena.

Impulsiono minha mão direita para frente, em direção ao meio do palco, e um grande chicote se estende no ar, com tiras de dois metros, chicoteando o próprio ar em um C completo, na minha frente. O chicote de Eva faz o mesmo percurso, e um grande estalo se sobressai à música, iniciando nosso espetáculo em Pandora.

Uma luz vermelha ilumina o salão, deixando os sócios na penumbra, e incide sobre nós, no palco.

Sorrio, deixando meus lábios mostrarem o batom vermelho, e empino a bunda para trás, encostando-a no pole-dance de metal atrás de mim.

Puxo o chicote para frente, sabendo que todos os olhos estão em nós, em nossos corpos, em nossos chicotes.

Jogo meus ombros para frente, inclinando o corpo para baixo, empinando ainda mais a bunda para cima, e jogo a cabeça para cima, deixando meus cabelos pretos voarem. Minhas mãos descem pelo meu corpo, sensual, ainda com o chicote sendo segurado na mão direita.

Ajoelho no chão, assim como Eva, arrastando o chicote ao lado do corpo, e começo a engatinhar eroticamente até alguns metros à minha frente, empinando minha bunda, com os olhos fixos nos sócios.

Paro, e ajoelhada, levanto minha cabeça para cima, passando o chicote pelo meu corpo, descendo pelo meu busto. Sorrio, extasiada, e com a outra mão, agarro um seio meu por cima do espartilho, jogando a cabeça para o lado. Me

levanto lentamente, sensual, empinando a bunda, e abro com veemência as pernas, chicoteando à minha frente em direção ao sócios.

Viro a cabeça em direção à Eva, no mesmo instante que ela faz o mesmo, obedecendo exatamente nossos passos ensaiados durante as noites dessa semana que passou. Ela sorri levemente para mim, e estendo o chicote no chão, arrastando-o em torno de mim eroticamente. Levanto meu tronco, e dou um passo para frente, com firmeza, sincronizada com Eva, e giro a cabeça, puxando o chicote para frente, deixando-o chicotear o ar em um outro estalo, com violência. Enquanto isso, passo a outra mão novamente pelo meu corpo, descendo dos seios até minhas coxas, como se quisesse provocar os sócios que mantém os olhos fixos em nós. Dou outro passo firme para frente, em direção à borda do palco, e viro o rosto em direção à Eva, chicoteando o ar em sua direção

no mesmo momento que ela também o faz, e nossos chicotes se cruzam no meio do palco. Giro eroticamente, e começo a caminhar na sua direção, rebolando devagar, fitando a roupa de Eva igual a minha, seus cabelos ruivos, seus olhos verdes por baixo da máscara. Ela caminha sedutoramente na minha direção, arrastando o chicote ao lado do corpo, assim como eu faço, e paramos uma de frente para outra, no meio do palco. Levanto a mão que seguro o chicote, colocando-a sobre seu ombro, e o chicote desce reto pelas suas costas. Eva levanta a outra mão, lentamente, acompanhando a música, e agarra meu pescoço, me puxando para mais perto. Levanto a outra mão em um movimento violento e agarro seu pescoço, passando o polegar pelo seu queixo definido, como se estivéssemos seduzindo uma a outra. Avanço contra ela, mudando de lado do palco, arrastando meu chicote, e agarro sua cintura, puxando-a contra meu corpo, controlando-

PERIGOSAS NACIONAIS

a.

Eva coloca as mãos nos meus ombros, com força, e contorno sua cintura com a mão, apoiando suas costas. Eva lentamente começa a se inclinar para trás, oferecendo seu corpo, e estende a mão para cima, jogando as tiras do chicote na direção oposta da nossa. Minha mão segura suas costas arqueada, e com o chicote, começo a subir com a outra mão pelo seu ventre, deixando as tiras seguirem o caminho trilhado pelas pontas dos meus dedos. Diferente do meu espartilho, o seu é aberto no meio dos seios em um v, e meus dedos adentram pela pele exposta pelo decote, subindo até o seu pescoço. Agarro seu rosto pelo maxilar, levantando sua cabeça, e avanço com os lábios até o seu decote, subindo pelo mesmo caminho com a língua, lentamente. Passo a língua entre seus seios, chegando ao seu pescoço, insinuando a pura sedução, com a luz vermelha sobre nós, e Eva

PERIGOSAS ACHERON

abaixa a cabeça, me fitando intensamente. Sorrio devagar, e ela se levanta. Me afasto devagar dela, puxando o chicote na minha direção, e Eva se afasta também, abrindo os braços. Ela lentamente fecha os olhos, levantando a cabeça, e na distância de dois metros, ergo o chicote, sem colocar muita força, e bato no ar, deixando as tiras pegarem impulso da minha mão, se contorcerem no ar e atingirem as coxas expostas de Eva, em uma total submissão. Abro as pernas em uma posição autoritária, empinando levemente a bunda para trás, e giro a cabeça, no mesmo instante que Eva agarra a ponta do meu chicote e a afasta de si, maneando o seu e batendo-o no ar contra a minha direção. Ergo a cabeça, fitando o teto na penumbra, e sinto as tiras de couro chicotearem minhas coxas, com força. Suspiro, sentindo prazer nesse espetáculo, e abaixo a cabeça, fitando os sócios ao redor do salão, apenas observando o espetáculo inicial.

PERIGOSAS NACIONAIS

Começo a caminhar firme em direção à Eva, e no meio do palco nos encontramos novamente. Passo por ela, encarando-a intensamente, e paro em frente ao meu pole-dance. Viro de costas para os sócios, firmando as pernas abertas, e agarro o pole-dance com as duas mãos, empinando a bunda e inclinando o tronco em direção ao pole. Rebolo lentamente, e avanço contra o metal, girando sobre ele até estar com ele entre eu e os sócios. Passo a língua lentamente sobre o pole, e com as mãos segurando ele na altura da minha cintura, ergo a perna, contornando-o com ela, e me inclino para trás, arqueando as costas o máximo possível. Jogo as tiras do chicote para cima, chicoteando o ar acima do meu corpo, estalando-o, e inclino a cabeça para trás, deixando a música grave entrar pelos meus ouvidos. Eva está fazendo exatamente o mesmo, e sinto a atenção de todos em nós, mas isso não me assusta, me faz querer mais. Levanto a cabeça,

PERIGOSAS ACHERON

fitando a porta de entrada de Pandora, e vejo uma mulher de cabelos castanhos entrar, com olhos cobertos por uma máscara preta, um longo vestido cinza escuro, com um decote em V até o umbigo, estilo sereia. Atrás dela, um homem loiro, mascarado, entra elegantemente. Anya Lehanster e Enzo Lehanster. Anya sorri lentamente, percorrendo meu corpo com os olhos. Desvio o olhar, evitando de encará-la.

Ergo meu corpo novamente, com as pernas abertas, e fito os olhos fixos em mim. Percorro rosto por rosto, e no meu canto esquerdo, olhos azuis escuros, ferozes, escondidos por uma máscara que cobre meio rosto, me fitam curiosamente. Seus cabelos loiros estão arrumados por cima da máscara, e seus olhos estão fixos em nós. Tom Haltender está exatamente onde eu quero, e por mais que perceba a familiaridade, não conseguiu identificar quem eu sou, por baixo da máscara, por

baixo dos cabelos escuros.

Dou um passo para o lado, firme, contornando o pole-dance, e paro de costas para o pole, assim como Eva. A música aumenta o ritmo, e abro os braços, chicoteando o ar ao meu lado, e volto com o chicote contra o meu corpo, sentindo as várias tiras finas, compridas, baterem contra minha cintura, mas a dor é envolvida pela sensação de prazer de estar sob a luz, de estar sob os olhos. De estar em Pandora.

Estou em extasiada, e sem controle, apenas fazendo os passos que tanto quero. Giro novamente a cabeça, deixando o chicote dançar na minha frente, na altura dos meus seios, fazendo um completo C e voltando, indo para frente novamente, estalando no ar, e voltando, em sincronia perfeita com o de Eva, em um espetáculo sobre domínio e mulheres. Inclino levemente a bunda para trás, arqueando as costas um pouco, e abro novamente

as pernas, em um perfeito V invertido, e jogo o chicote com força, para o lado, como se estivesse chicoteando alguém. As tiras voam em direção ao centro do palco, e voltam, voam novamente, com força, e voltam. Meu chicote dança no ar, enquanto giro a cabeça sensualmente, contornando as curvas do meu corpo com a mão. Fecho os olhos, me deixando levar, me deixando entregue cada vez mais, e os abro lentamente, fitando a luz vermelha que incide sobre nós. Abaixo mais a cabeça, fitando os rostos dos sócios, e encaro Tom intensamente, vendo-o franzir a testa, confuso.

Giro novamente a cabeça, sensualmente, assim como Eva, deixando os cabelos balançarem juntos, movimentando o chicote por todo o palco, e dou uma chicotada para o lado de Eva novamente, com força, estendendo o braço para impulsionar o chicote a estalar alto, a mostrar tamanho domínio. Mordo o lábio, e viro a cabeça com violência na

direção de Tom, encarando-o. O chicote estala e eu o puxo de volta, fazendo o mesmo movimento. Minhas pernas permanecem firmes, abertas, minha bunda levemente empinada e meu sorriso no rosto.

Ouço o estalo do meu chicote com força no ar, sob a luz vermelha, a vista de todos os olhos do sócios, e meus olhos se cruzam com os de Tom. Ele me encara ferozmente, e respiro fundo, retribuindo seu olhar com uma ferocidade nunca antes feita.

Uma mulher passa entre os sócios ao lado de Tom, e contorna o seu corpo, parando na sua frente, com as costas rente ao seu peito. Tom abaixo lentamente a cabeça, quase encostando os lábios em seus ombros, e vira o rosto, retesando a mandíbula. Meus olhos percorrem seu rosto, seus olhos azuis escuros, e param nos olhos claros da mulher. Seus cabelos claros caem sobre os ombros nus, ondulados, vestindo um longo preto, com uma

grande fenda e tomara que caia. Antonella, com uma máscara rendada que mal cobre o rosto.

Não quero acreditar no que estou vendo, mas está na minha frente, explícito. Respiro fundo, sentindo a tensão invadir meu corpo, e meus olhos se cruzam com os de Antonella. A luz vermelha sobre mim parece intensificar ainda mais a visão, e sinto o ar fugir ao meu redor, me sinto sozinha no palco. Eva e os sócios parecem ter desaparecido, e a música retumba longe nos meus ouvidos. Estou fora de controle, fora de qualquer raciocínio lógico, e frente à isso, deixarei a fúria me guiar. Estou em um patamar nunca antes alcançado, e minha ferocidade não será abafada. Os segundos parecem transcorrer lentamente, e pelo canto do olho, vejo sócios mascarados me fitarem curiosos, taças serem levantadas até a boca, murmúrios, pessoas sexuais andarem sensualmente e servirem bebidas. Volto a olhar para Antonella, e meus olhos são atraídos

para os olhos ferozes de Tom, em um azul escuro profundo. Em um impulso, dominada pela fúria, olho para Eva, que percebe o que estou sentindo. Reteso a mandíbula, e antes que o chicote faça a volta completa novamente no ar, eu o jogo para o lado, com força. A base de couro bate no chão, e levanto a cabeça, virando a cabeça e encarando Tom. Me viro e começo a caminhar firme na sua direção, em linha reta. Ouço o chicote de Eva estalando, e sei que ela está continuando a apresentação, como se tudo fosse parte do espetáculo.

Caminho firme, um pé na frente do outro, sem vacilar no salto altíssimo, e paro na borda do palco, em direção à Tom. Ele levanta a cabeça, assim como Antonella, e em um impulso brusco, puxo a peruca da minha cabeça, deixando meus cabelos loiros caírem nos meus ombros nus. Vejo Tom franzir a testa, arregalando lentamente os

olhos, e jogo a peruca no chão. Levanto a mão novamente, e puxo a máscara rendada do meu rosto, rasgando-a, revelando quem eu sou. Ouço o murmúrio dos sócios, e Tom abre a boca, enlouquecido. Seus olhos azuis escuros parecem sair de orbita, e sei que está assim porque foi pego. Olho para Antonella, que sorri lentamente, como se saboreasse a sensação. Volto a encarar Tom por alguns segundos, sentindo que esses segundos parecem eternos. A música parece alta demais, grave demais, e entendo o que ele fez. Tudo o que ele fez. Tom entende o que está acontecendo, e sua expressão se torna devastada. Todas as máscaras caíram. Seus olhos me encaram enlouquecidos, e eu devolvo o olhar.

Ele não iria me pedir em noivado às pressas, e se o fez, era porque iria fazer isso. Era planejado, e para que não tivesse peso na consciência, para que não sentisse que estivesse me perdendo, me

pediu antecipadamente em noivado, para que não houvesse forma de me perder, mas não contava com a minha resposta, não contava que eu o pegasse aqui em Pandora.

Seus lábios sedutores sussurram meu nome, e levanto a cabeça, sem demonstrar expressão. Viro de costas para ele, assumindo meus passos firmes novamente, e encaro Eva.

—Vá — ela sussurra, percebendo que eu não irei continuar o espetáculo. Assinto lentamente, e duas outras mulheres sexuais entram no palco, trazendo um chicote cada uma. Atravesso o palco devagar, rebolando, tentando manter as aparências do espetáculo, e desapareço atrás da cortina preta que permanece erguida, atrás dos pole-dance.

Paro, respirando fundo, e coloco as mãos no rosto, sentindo um calafrio percorrer todo o meu corpo seminu. Eu achava que estava errada, mas quem está errado é Tom. Olho ao redor, e vejo

mulheres sexuais me encararem curiosas.

Levanto a cabeça, sem demonstrar sofrimento, sem me deixar abalar, e caminho firme, saindo dos bastidores de Pandora. Paro em um corredor comprido, que se estende até uma escadaria, e olho para trás, para o salão onde estão os sócios. Meu coração está acelerado, o suor frio está percorrendo o meu corpo, mas eu estou firme, eu estou sendo forte contra toda a vontade de fraquejar. Vejo sócios darem espaço, e um homem loiro cruza o salão enlouquecido, na minha direção, sendo seguido por uma mulher loira. Ele empurra os sócios por onde passa, com os olhos cravados em mim, e arranca a máscara com força, jogando-a no chão. Seu semblante é uma fúria misturada com devastação, e Tom retesa ainda mais a mandíbula. Uma mulher loira o persegue, às pressas, com uma máscara que mal cobre o rosto. Antonella agarra o braço de Tom, impedindo-o de continuar, e ele

arregala os olhos, virando a cabeça para trás e puxando o braço com violência. Viro a cabeça e começo a andar firme, acelerando cada vez mais os passos. Não quero vê-lo, não quero ter Tom perto de mim nesse momento, e se precisar me perder dentro de Pandora, é o que farei, sem medo, sem receios. Caminho firme pelo corredor na penumbra, cruzando com sócios e pessoas sexuais. Estou vestida igual à uma, e por isso, os sócios me devoram com os olhares. Encaro todos nos olhos, mantendo meu passo firme, e cruzo portas abertas de outros espetáculos que estão começando. Meu coração parece se sobressair a música, e respiro fundo novamente, deixando a raiva me dominar cada vez mais. Raiva de não ter percebido nas mensagens de Antonella, raiva de ter pensado por um momento que tudo iria se resolver facilmente. Nada é fácil, e se Tom optou por aceitar o que quer que tenha tido com Antonella, escondendo de mim,

eu opto pela fúria, pela raiva descontrolada.

Avanço cada vez mais pelo corredor de Pandora, sendo seguida por Tom, e paro em frente à escadaria. Eu conheço essa escadaria porque eu sei onde Pandora está sendo. É a mansão Lehanster, e em seu segundo andar estão os quartos privados. Levanto a cabeça, fitando o topo da escada, onde dois homens sexuais estão parados, um em cada canto, segurando cada um correntes grossas de metal, pintadas de preto. Começo a subir sem vacilar, sentindo os sócios olharem para minhas pernas expostas, para minha bunda exposta, e continuo sem me sentir deslocada. Olho para trás a tempo de ver Tom correr em direção as escadas, e acelero o passo, tentando alcançar o topo, mas antes que eu consiga, uma mão quente agarra meu braço nu e me puxa. Viro com veemência para trás, encarando o rosto agoniado de Tom, um degrau abaixo do meu. Seu rosto está sem máscara, e seus

olhos azuis escuros parecem implorar compreensão, mas eu não quero entender, eu não quero mais ouvir. A música ressoa em nossos ouvidos, e mesmo na penumbra da escadaria, ele está nítido para mim. Encaro seus olhos azuis escuros por segundos a fio, sem planejar nenhuma palavra.

—Alice — ele sussurra com a voz rouca, torturada. Reteso a mandíbula, encarando-o ferozmente, e levanto a cabeça, sem deixar nenhuma emoção dominar meu semblante — Alice.

—Me largue — exijo autoritária, e Tom aperta com mais força meu braço.

—Me deixe explicar, eu — Tom começa a falar, retesando a mandíbula, descendo os olhos pelo meu corpo seminu do espartilho, e respiro fundo — eu não tive escolha — ele me encara ferozmente, e retribuo o olhar. Puxo meu braço,

tirando-o do seu contato.

—Há sempre uma escolha — sussurro furiosa, e dou as costas para ele, correndo pelos degraus que faltam até o topo.

—Alice — Tom grita meu nome, correndo atrás de mim, mas alcanço o topo e adentro por um corredor na penumbra, desejando que haja um quarto vazio, com portas apertas para que eu possa me fechar dentro, para que eu impossibilite Tom de me alcançar, para que ele me deixe em paz aqui em Pandora. Não quero conversar com ele, não agora. Não quero vê-lo, não quero que ele me prive da sensação que sinto em Pandora. Não quero ouvir suas desculpas. Estou furiosa com ele, e não há explicações plausíveis por ele ter me esconder isso.

Olho para os lados, encontrando apenas portas fechadas, e avanço ainda mais pelo corredor estreito, com paredes, teto e chão pretos. Luzes de

PERIGOSAS NACIONAIS

LED brancas deixam-no na penumbra, e olho para trás, vendo Tom avançar na minha direção, se desviando de sócios e pessoas sexuais, assim como eu. Passo por um homem sexual vestido com um véu gigante na cabeça, preto, apenas de véu e cueca de couro, segurando uma forma de incenso.

Olho para frente, e vejo um porta aberta no final do corredor. Começo a correr, mandando os saltos para o inferno, e entro sem hesitar pela porta. Respiro fundo, encarando o quarto, e meu coração acelera ainda mais quando vejo a pessoa dentro do quarto. Tudo parece estar acontecendo tão rápido diante dos meus olhos.

Não quero acreditar nos meus olhos, e então olho para trás, vendo Tom avançar em direção a porta, cada vez mais perto. Olho para dentro do quarto novamente, e sentado na lateral da cama, vestido com uma camisa social aberta, pernas abertas, apenas de cueca preta e cotovelos apoiados

na coxas, está um homem de barba rala e cabelos castanhos. Seus olhos me fitam, mas ele parece perdido. Eduardo Constancer está em Pandora.

Abro a boca, sem conseguir entender, e ele arregala os olhos, me reconhecendo. Ed franze a testa, assustado.

—Alice? — ele pergunta incrédulo, e se levanta. Respiro fundo, sem fôlego, sentindo que estou descabelada por correr, por tirar a peruca no palco. Sentindo que nada do que planejei está acontecendo.

—Ed — murmuro, sem conseguir acreditar que ele está aqui, e ele desce os olhos pelo meu corpo, confuso, percebendo a roupa de mulher sexual.

—Você — ele tenta falar, mas sua voz desaparece. Olho para trás, a tempo de ver Tom parar no corredor, fitando o homem na minha frente, visível para quem está no corredor. Olho de

novo para Ed, e vejo que ele viu Tom — o que está acontecendo? — Ed pergunta ainda mais confuso, e vejo cansaço em seu rosto, em seus cabelos bagunçados. Franzo a testa, mandando para o inferno qualquer tortura que eu poderia fazer. Eu poderia chorar, poderia me lamentar, mas isso não muda o fato de que Tom possivelmente me traiu, e se ele fez isso, irei fazê-lo sentir na pele o que fez comigo. Encaro os olhos escuros de Ed, deixando minha expressão dura.

—Tom provavelmente me traiu, Ed, aqui em Pandora, com uma mulher do seu passado — afirmo, e Ed arregala os olhos, assustado. Ele avança na minha direção, e enquanto se aproxima de mim, olho para trás, sentindo os segundos passarem lentamente. Tudo ocorre em segundos que parecem eternos. Tom percebe o movimento dentro do quarto e corre na minha direção, furioso, no mesmo instante que Ed para na minha frente.

Viro o rosto na sua direção.

—E o que você vai fazer, Alice? — Ed pergunta inocentemente, e respiro fundo, tomando a coragem necessária. Vou fazer o que eu quero nesse momento, não vou pensar, vou me render. E sem pensar, apenas ajo.

Encaro seus olhos escuros, e levanto a mão, agarrando sua nuca, entrelaçando os dedos pelos seus cabelos escuros, e avanço contra os lábios de Ed, beijando-o. Percebo seu susto, que dura segundos, e então suas mãos agarram minha cintura com desejo.

—Alice — ouço a voz de Tom atrás de mim, furiosa, enlouquecida, e invado a boca de Ed com minha língua, explorando-a. Ed arfa contra os meus lábios, em puro tesão, e agarro seu rosto com as duas mãos, enquanto as suas mãos empurram meu corpo contra o seu ainda mais.

—Não — ouço uma terceira voz de

homem se sobrepondo à de Tom, e percebo que é Antone. Permaneço de olhos fechados, beijando ferozmente Ed, e ouço o barulho de alguém colidindo contra a parede do corredor. A porta do quarto é fechada com força, em um estrondo, e Ed afasta os lábios dos meus, abrindo os olhos, confuso.

—O que você fez? — ele pergunta retoricamente, e nego com a cabeça. Olho para trás, fitando a porta fechada do quarto, e percebo que Antone evitou uma briga em Pandora, que ocasionaria no fim do Evento e na expulsão de Tom Haltender. Respiro fundo, sentindo o desespero ameaçar me invadir novamente, mas não quero permitir, não quero pensar. Volto a olhar Ed, que se afasta de mim, franzindo a testa.

—O que você está fazendo, Alice? O que — ele começa a falar, e fecho os olhos, reunindo forças para tentar explicar para Ed.

—Eu apenas agi, Ed. Eu apenas fiz Tom provar a sensação que é ser traído, ver as consequências das suas mentiras, dos seus atos. Foi o único jeito de fazê-lo recuar, se afastar e não me machucar mais com suas desculpas. Eu estou com raiva dele e não quero controlar minha fúria, meu impulso. Me desculpe por usar você, por — paro de falar, vendo-o me fitar intensamente. No segundo seguinte, ele avançar contra mim, segurando meu rosto com as mãos.

—Então prove mais — ele sussurra com uma loucura no olhar, e avança contra a minha boca. Eu poderia pará-lo, eu poderia me afastar como já fiz, mas não vou. Vou deixar a fúria me dominar, o tesão crescer, porque nesse momento, controle é o que eu não quero. Cada escolha traz uma consequência, e as escolhas de Tom resultaram no que estou fazendo. Eu poderia ser a Alice com medo, desejando recuar, mas agora não

sou mais, e para o azar de Tom, ele fez a escolha no momento errado. Pandora mexeu com o meu raciocínio, com minha forma de criar limites em mim.

Agarro a gola de Ed, lembrando dos olhos de Antonella, do sorriso de triunfo dela, e a fúria me guia ainda mais, retribuindo seu beijo. Sua língua invade minha boca, e eu a domino, comandando uma dança lenta. Suas mãos agarram meus seios por cima do espartilho com força, descendo pela minha cintura, contornando meu quadril e apertam minha bunda. Gemo contra seus lábios, deixando esse tesão estranho, sem amor, me invadir. Desço com as mãos pelo seu peito nu, sentindo cada definição, e empurro meu corpo contra o seu, seduzindo-o. Ed geme contra meus lábios, agarrando minha bunda com mais força, empurrando minha intimidade contra seu membro duro, em uma ereção explosiva. O tesão se alastra

em mim, misturado com uma fúria desejosa, e desço com as mãos pelo seu abdômen. Minha mão direita passa pelo cós da sua cueca, e agarro sua ereção por cima do tecido, sentindo-a grossa, latente.

—Alice — Ed sussurra eufórico contra meus lábios, e sinto cheiro de uísque em seu hálito.

—Fique quieto — sussurro, voltando a beijá-lo. Empurro Ed em direção a cama, e ele dá passos para trás, tirando a camisa social. Ouço o barulho do pano caindo no chão, e afasto os lábios dos dele, fitando seu rosto ansioso.

—Alice — ele me chama de novo, e tento não ouvi-lo, porque se eu parar para pensar, um segundo que seja, a razão me dominará e eu irei parar. Encaro seus olhos escuros, na penumbra do quarto em que estamos. Um quarto simples, sem janelas visíveis, com uma grande cama no meio. Suportes de madeira escura sobem em direção ao

teto, nos quatro cantos da cama, possivelmente para submissão. Duas bancadas de objetos sexuais estão ao lado da cama, e um grande espelho no teto reflete nossos corpos. Ed deita na cama, de costas, com os olhos banhados de luxúria, e apoio um joelho na cama, engatinhando no meio das suas pernas. Arrasto a ponta do sapato fechado, de salto, pela cama, apoiando minhas mãos, com os olhos intensos em Ed. Ele morde o lábio inferior, sem esconder o sorriso que surge em seus lábios, de puro tesão, e paro em cima dele, apoiando meus braços ao lado do seu pescoço. Encosto minha intimidade na sua ereção, e Ed retesa a mandíbula.

—Você é tudo o que eu sempre desejei — ele sussurra perdido, me encarando, e suas mãos agarram meu rosto, me puxando contra seus lábios. Permito seu beijo, abrindo meus lábios, e invado sua boca com a minha língua, sentindo a sua língua molhada envolver a minha, tentando dominá-la, e

empurro a ponta da sua, ditando o ritmo. Ed geme contra meus lábios novamente, e passo as mãos pelo seu peito nu, sentindo sua ereção empurrando meu ventre. Suas mãos agarram meu seio por cima do espartilho, apertando-os, desejando tirar minha roupa, e empurro meu corpo contra o seu. Ed agarra minha cintura e empurra meu corpo para o lado. Bato as costas na cama, vendo ele avançar por cima de mim. Ed apoia os cotovelos ao lado da minha cabeça, e desce com os lábios pelo meu pescoço. Fecho os olhos, sentindo minha intimidade molhada, e levanto a cabeça, permitindo. Sinto seus lábios molhados beijando meu maxilar, descendo para o meu pescoço. Sinto minha pele ser mordida, ser molhada por sua língua enquanto ele explora meu pescoço, e sua respiração abafada me arrepia. Seus lábios descem ainda mais, e ele começa a beijar meu busto, começando a trilhar um caminho até o inicio dos meus seios escondidos pelo

espartilho. Agarro seus cabelos, sem impedi-lo, e Ed começa a beijar o inicio dos meus seios, a única parte à mostra pelo tomara que caia. Sinto sua respiração na minha pele, sua língua, e suas mãos agarram o espartilho. Abro os olhos, e ele me encara por alguns segundos, como se estivesse receoso.

—Alice — Ed começa a falar, mas uma batida na porta o interrompe. Franzo a testa, e respiro fundo, voltando um pouco à lucidez. Uma segunda batida, e Ed senta na cama, mudo, apenas me encarando.

—Você está com alguém em Pandora? — pergunto repentinamente, voltando a me lembrar que eu o encontrei dentro de um quarto — você estava esperando alguém?

Ed desvia os olhos, fitando o lençol preto da cama, e assente lentamente, retesando a mandíbula. Arregalo os olhos, percebendo que em nenhum

momento pensei que estaria atrapalhando-o.

—Ed, me desculpe — murmuro, e começo a me afastar dele, na cama. Ed arregala os olhos, e agarra meu pulso, me segurando por perto.

—Não. Você não tem que pedir desculpas, Alice — ele sussurra ansioso — você sempre foi a mulher que eu quis, e tê-la aqui seria — ele pausa, e fecha os olhos — não sei o motivo pelo qual me envolvi com Mercedes, mas quando você entrou por aquela porta, nesse estado, eu me perdi mais ainda. Eu quero me perder em você.

Abro a boca, surpresa com sua entrega, com o nome que ouvi, e uma terceira batida ressoa pelo quarto.

—Ed — começo a falar, tentando entender tudo o que ele falou, e um nome martela na minha mente. Franzo a testa, balançando a cabeça, e o encaro — você se envolveu com Mercedes, a amiga de Anya?

Ele retesa a mandíbula, relutante, e assente lentamente, passando as mãos pelo cabelo escuro.

—Merda, sim, eu me envolvi — ele confessa, e solta o meu pulso. Abro a boca, sem reação, e uma quarta batida ressoa pelo quarto.

—Alice — ouço a voz de Eva do outro lado porta, e respiro fundo. Não é Mercedes. Ed franze a testa, confuso, e me afasto dele, saindo da cama. Contorno a cama, sentindo seus olhos me seguirem, e abro a porta do quarto.

—Eva — sussurro, encarando-a. Ed nos observa sentado na cama, apenas de cueca preta — o que faz aqui? — pergunto tentando me manter calma.

Olho para o corredor atrás de Eva, também na penumbra, com os sócios transitando, pessoas sexuais e espetáculos. A música continua, e volto a encarar seus olhos verdes.

—O que aconteceu? — ela pergunta,

desviando os olhos de mim para Ed. Respiro fundo, voltando a me lembrar de Antonella, de Tom, e nego com a cabeça.

—Tom me enganou, e eu o fiz se afastar — tento resumir a situação, mas Eva franze a testa, me encarando ainda mais preocupada.

—Tom e Antone conversaram, Alice, e agora Antone quer falar com você — Eva diz sem rodeios, e percebo um tom de preocupação na sua voz. Ela arqueia as sobrancelhas — agora, Alice.

—Falar o que, Eva? — pergunto séria, dando um passo para fora do quarto. Eva olha para Ed novamente, e me encara séria. A música de Pandora preenche o ambiente, e volto a olhar para os sócios e pessoas sexuais andando atrás de Eva.

—Não transe com Eduardo Constancer. Não agora — Eva pede com a voz baixa, e arregalo os olhos, sem entender. O que ela quer que eu faça? O que Antone quer? E o que Tom e Antone

conversaram? Onde está Antonella?

—Por que? — pergunto séria, sem demonstrar hesitação. Eva permanece quieta por alguns segundos, e continuo — onde está Antonella, Eva? O que Antone quer falar comigo?

Ela me encara, e então respira fundo, contrariada em me falar.

—Eu não sei, Alice. Tom e Antone conversaram, enquanto ela — Eva hesita, analisando meu rosto — enquanto ela permaneceu em um quarto, esperando Tom.

E as palavras de Eva aumentam ainda mais minha fúria. Fecho os olhos por alguns segundos, lutando para não imaginar a porra que deve estar acontecendo dentro de um maldito quarto em Pandora. Tudo escapou das minhas mãos agora que eu me encontrei, e eu deveria ter percebido isso nos primeiros sinais estranhos, desde que Tom pareceu preocupado em me manter por perto, em querer que

eu me mudasse, em me pedir em noivado rápido, em evitar me contar que jantou com Antonella. Tudo se encaminhou para isso, e eu não percebi. Abro os olhos, tentando não deixar transparecer nada, e Eva morde o lábio, me encarando.

—Venha falar com Antone, Alice — ela pede novamente, e assinto, sentindo um calafrio pelo corpo. Estou em Pandora, e tudo parece acontecer rápido demais, em uma loucura assustadora. Olho para trás, e fito o rosto perdido de Ed.

—Ed — o chamo, e ele me encara sério — me desculpe — murmuro, e antes de explicar ou esperá-lo falar algo, saio do quarto, deixando-o ainda mais confuso. Ele me segue com os olhos, e caminho pelo corredor ao lado de Eva. Não vou envolver mais Ed nisso, por mais que eu tenha seduzido-o, não quero vê-lo perto de Antone ou de Tom.

PERIGOSAS NACIONAIS

Uma mulher com um chapéu de policial, com seios à mostra, passa por nós, puxando por uma coleira um homem sexual, apenas de cueca de couro preta e mãos algemadas na lombar. A mulher sexual sorri para nós, com um espartilho de couro até o inicio das costelas e argolas. Sorrio de volta, sentindo um arrepio pelo corpo, e olho para o topo das escadas.

—Onde Antone está? — pergunto, e Eva olha para mim, séria, sem demonstrar nenhuma emoção também.

—Alice, —Alice, antes de tudo, quero deixar claro que eu sempre irei sentir o mesmo que sinto agora por você. Você sabe como eu lido com as situações — Eva sussurra, passando ao lado de sócios e sócias que entram em quartos, fechando as portas. Franzo a testa, sem entender, e começamos a descer as escadas. Acompanho o passo de Eva, sentindo sempre os olhares em nós, e Eva me guia

PERIGOSAS ACHERON

para outro corredor estreito, na penumbra. Pessoas mascaradas passam por nós, nos encarando, e caminho ao lado de Eva.

Começamos a passar por quartos com portas abertas, com espetáculos dentro. Olho de relance dentro de um e vejo uma mulher sexual tocar lentamente um piano de cauda preto, no meio de um quarto, rodeada de sofás de couro circulares. Sócios e sócias estão sentados, bebendo, transando e conversando, enquanto pessoas sexuais circulam pelo quarto. A mulher sexual sentada na banqueta do piano toca lentamente, vestida apenas com uma coleira grossa no pescoço, nua, e de sapatos altos. Seu rosto está coberto por um véu, e em cima da cauda do piano, uma outra mulher sexual está deitada, com os seios à mostra e um espartilho que sobe até o inicio das costelas. Ela balança as pernas no ar, dançando com elas, com o rosto coberto por uma máscara. Sinto uma vertigem ao ver a cena, e

por mais que Pandora me lembre Tom, estou tentando evitar sofrer aqui dentro, estou evitando pensar nele.

Passamos pela porta, e Eva se aproxima de mim, agarrando minha mão. Ela entrelaça nossos dedos, e eu a encaro surpresa, curiosa.

—Me desculpe pela situação de antes, Antone não me contou que Tom iria trazer uma visitante. Quando perguntei para Antone se Tom viria, ele apenas disse que sim, ocultando o resto, mas — Eva hesita, balançando a cabeça, frustrada — eu deveria imaginar que havia algo mais. Antone ama ver o circo pegar fogo.

—Eva — a chamo, encarando-a ao seu lado, e ela me retribui o olhar — a culpa não é sua, nem de Antone. A culpa é de Tom por ter mentido, ocultado isso e ter trazido Antonella aqui.

—Todos nós cometemos pecados, Alice, erros e impulsos, nunca se esqueça disso — Eva

sorri para mim — tudo é consequência de escolhas, e talvez algumas não nos deixam muitas opções. Às vezes não temos controle sobre escolhas e consequências.

Franzo a testa, tentando entender suas palavras, e solto sua mão, andando ao seu lado. A atmosfera em Pandora parece me envolver ainda mais na penumbra, e passamos por mais quartos.

Passo pelo quarto, seguindo Eva, e olho dentro de outro quarto. Uma mulher sexual está de quatro no meio do quarto, com um espartilho diferente, que sobe até o inicio das costelas, mas se abre na bunda, deixando-a exposta. Um homem sexual puxa a corrente que circula seu pescoço, e oferece a corrente, assim como um chicote, para um sócio parado ao seu lado, para que participe também. Sócios e sócias assistem curiosos à cena, e paro na porta do quarto, observando. O sócio aceita as correntes e o chicote, e a mulher sexual começa

a engatinhar, recebendo chicotadas na bunda exposta.

—Vamos, Alice — Eva me chama, e viro o rosto na sua direção, voltando a seguir ela. Na terceira porta, Eva entra no quarto, e franzo a testa, ainda mais curiosa. Entro atrás dela, observando o espetáculo do quarto.

Uma grande mesa de jantar, com seis cadeiras em cada lado está posta no meio do quarto, de madeira escura. Na frente de cada cadeira está um prato vazio, com preservativos dentro do prato, facas e garfos ao lado. Sócios e sócias estão sentados, e no centro da grande mesa, uma mulher sexual está deitada de costas, vestindo apenas um espartilho preto, cintilante, e sapatos de saltos. Luvas pretas sobem até seus cotovelos, e uma coleira no seu pescoço sustenta uma placa que descansa sobre seus seios nus, com os dizeres: coma. A mulher sexual está mascarada apenas com

uma máscara de renda preta, e seus cabelos loiros estão presos no alto da cabeça. No canto da mesa, um homem sexual caminha na direção da mulher deitada, lentamente, de pé em cima da mesa. Observo atenta o homem sexual se aproximar, sob a luz vermelha, no quarto na penumbra. Olho ao redor, vendo sócios e sócias entrarem e saírem do quarto, e me lembro de Anya, que também está aqui em algum lugar. Observo o quarto com a mesa no meio, e sofás postos nos cantos do quarto. Estátuas pretas, assim como candelabros estão espalhados, e pessoas sexuais estão paradas em cantos do quarto, dançando lentamente.

—Antone está ali, Alice — Eva me chama, e a encaro, procurando pelo lugar que ela apontou. Observo as pessoas sexuais andarem com bandejas de taças e pego uma taça de vinho. Passo por pessoas sexuais, seguindo Eva, e vejo Antone sentado no canto do quarto, em uma grande

poltrona preta, de couro. Seus dedos ostentam dois grandes anéis de ouro, seu smoking está arrumado, assim como sua gravata borboleta, e seus olhos estão fixos em nós. Ele está na penumbra, no lugar mais reservado do quarto, e Eva senta em uma poltrona próxima. Sento na poltrona ao seu lado, e Antone sorri para Eva, se levantando. Ele caminha até parar na frente da poltrona de Eva e se inclina, beijando suavemente seus lábios.

—Meu amor, você poderia nos dar licença? Tenho alguns assuntos pendentes com Alice — Antone sussurra para Eva, e tento me manter calma, apenas observando Eva assentir tranquila, sem pestanejar, e se levantar. Olho para ela, que me fita intensamente, e Eva sorri.

—Não se apavore — ela sussurra e caminha lentamente na minha frente, rebolando. Mordo o lábio, e volto a olhar para Antone, que se senta na poltrona ao meu lado. Ele abre um grande

sorriso, e cruza as pernas, me fitando. Fito a mesa de jantar novamente, na nossa frente, e desvio o olhar para ele.

—Olá, Alice — Antone fala baixo, e respiro fundo, virando o corpo na sua direção. A penumbra não é suficiente para me impossibilitar de ver seu rosto, e encaro seus olhos verdes.

—O que você quer falar comigo, Antone? — fito seu rosto intenso, seus olhos intimidadores na penumbra do quarto, e ele se inclina minha direção, sério. A música ecoa nos meus ouvidos, assim como minha respiração, e Antone desce os olhos pelo meu corpo.

—Você é direta — ele sorri, virando o copo de uísque, e faço o mesmo com a taça, sem tirar os olhos dele.

—Sim, quanto menos tempo eu passar na companhia de um Lehanster, melhor para mim — sussurro ríspida, e Antone dá uma gargalhada

baixa, balançando a cabeça.

—Já estou física, não é? Toda ação tem uma reação, Alice. — Antone começa a falar, e sinto meu coração pesar cada vez mais, martelando no meu peito. Fecho os olhos, desejando não ouvir mais, mas os abro novamente, mantendo uma expressão firme no rosto. Sou forte para aguentar — deixe-me explicar — Antone pausa, me encarando, e arqueio uma sobrancelha, em silêncio, esperando que ele continue. Antone apoia as costas na poltrona, me encarando, e faço o mesmo, bebendo mais um longo gole de vinho. Sinto o álcool passar pela minha garganta, e respiro fundo — quando você procurou Eva para pedir ajuda, e as duas me pediram para fazê-la participar do espetáculo inicial, devo dizer que amei a ideia, ainda mais por você estar me pedindo um favor. Eu sempre soube que Tom iria vir, e iria trazer Antonella, mas isso fazia parte do circo pegar fogo,

Alice, e eu não iria deixar a oportunidade passar.

Reteso a mandíbula, furiosa com Antone, com Tom. A fúria passa em ondas pelo meu corpo, e o fuzilo com os olhos.

—Você continua sendo um filho da puta como seus irmãos — as palavras saem em um impulso, utilizando todo o palavreado que não estou acostumada — esperando a oportunidade certa.

Antone sorri, semicerrando os olhos.

—Eu sou o mais bonzinho dos três, Alice. Anya é a bruxa má e Enzo é o lobo-mau — Antone sorri ainda mais, sussurrando. Respiro fundo, esperando ele continuar, mas Antone permanece apenas me fitando — você tem sorte em dever apenas para mim.

—Fale — exijo — o que você quer, Antone? — pergunto brava, tentando não apressar minhas ideias. A expressão de Antone se torna séria

novamente e ele passa a mão pelo queixo, me encarando. Seus anéis de ouro brilham na penumbra, e ele passa o indicador pelos lábios, apenas me encarando intensamente.

—Como expliquei para você, também expliquei para Tom. Alice, entenda, Pandora possui regras, regras que não podem ser quebradas. Eu quebrei uma por você, então preciso ser pago. Tom quase quebrou uma regra, cometendo violência dentro de Pandora, mas eu intervi por ele, impedindo-o de bater em Eduardo Constancer. — Antone para, e sorri — foi difícil fazer ele parar de querer derrubar aquela porta, mas enfim — Antone dá de ombros, sério — E eu não poderia cobrar isso de você, se você estivesse bem com Tom, então Antonella trouxe a minha oportunidade. Como você me deve, quero que pague, e deixei claro isso para Tom — Antone hesita, e sinto ainda mais raiva ao lembrar de Tom e Antonella.

—Eu não devo mais nada à ele, Antone, se Tom está com Antonella, ele não precisa saber de mim — o interrompo ríspida, e Antone assente lentamente.

—Mas por consideração à minha amizade com ele, eu devo, Alice. Você é muito nervosinha, e gosto disso — Antone sorri levemente, e morde o lábio, me encarando intimidador. Retribuo o olhar, sem medo — Tom implorou que eu não cobrasse de você, que eu cobrasse dele, mas agora ele não está aqui, isso significa que é com você que eu vou tratar.

—Tom está com Antonella? — a pergunta sai em um impulso, e Antone parece ponderar em me responder. Ele semicerra os olhos, e sorri, me deixando duvidosa se sua resposta é realmente sincera. Eu não confio em Antone.

—Sim, está — diz, dando de ombros — mas não tenho ideia em que parte de Pandora.

Respiro fundo, e fecho os olhos, tentando resistir à tentação de pensar nisso. Não vou procurá-lo, porque se eu fizer, irá mostrar que ele pode me machucar, que pode mentir para mim e que tudo ficará bem de qualquer jeito. Não é mais assim que funciona, e comecei deixando claro quando beijei Ed na sua frente. Tom trocou os pés pelas mãos, e eu mostrarei as consequências disso.

—E o que você quer, Antone? — pergunto ríspida, confiante. Ouço a música de Pandora, e um arrepio passa pelo meu corpo, meu coração acelera cada vez mais, e cerro os punhos, abrindo os olhos, fitando o rosto de Antone.

—Por consideração à Tom, Alice, estou dando duas opções de escolhas à você — ele pausa, e assinto, deixando-o continuar. Sua voz grossa continua lentamente — transe comigo, ou transe com Eva, aqui em Pandora, hoje — ele hesita, e sorri — ou melhor, uma terceira opção. Participe

comigo e com Eva. A escolha é sua, já que isso é consequência de um pedido seu. Sexo é a moeda de troca para mim.

Abro a boca, encarando-o perplexa, sentindo toda a situação fugir ainda mais de qualquer controle que eu poderia recuperar. Ser parte de um espetáculo foi libertador, ver Tom com Antonella foi pior que um tapa, provar de Ed novamente incitou uma chama dentro de mim sobre experimentar sem medir consequências, mas e a proposta de Antone? A proposta de Antone é consequência de um impulso meu, da minha ingenuidade em pedir seu favor acreditando que o acerto de contas poderia ser outro. E de certa forma, é consequência da situação, já que se Tom não tivesse sido covarde, e não ter trazido Antonella, eu teria feito o espetáculo, e estaria com ele, impossibilitando Antone de sugerir essa proposta, visto que eu estaria com Tom. Mas agora

estamos separados, e Antone quer usar a raiva que sinto por Tom. Antone realmente é um Lehanster.

Mas como Antone parou Tom? O que Antone fez para que Tom não derrubasse a porta do quarto?

E onde está realmente Tom?

Fito seus olhos verdes, ansiosos pela resposta, e liberta como estou, sem receios de Antone ou de mim mesma, decido a resposta.

TOM

Dias antes

Posso dizer com certeza que estou na merda, na maior porra que já fiz, mas talvez não houvesse outro jeito. Se houvesse outra saída, desejaria saber, mas porra, agora já está acertado. Não há como voltar atrás.

PERIGOSAS NACIONAIS

Fito meu reflexo no espelho, encarando meus olhos azuis que me encaram de volta. Me acusam de não ter certeza do que acontecerá. Ouço a porta da sala do meu apartamento bater, e desvio os olhos para as malas de Alice. Ela foi embora, ela percebeu que há algo errado, de certa forma, mas tudo está errado.

Reteso a mandíbula, controlando a respiração, e fecho o punho. A fúria de perder o controle da situação parece me enlouquecer, e em um acesso de raiva, soco o balcão à minha frente, jogando todos os objetos, inclusive a maldita carta de Antonella, no chão. Sinto ódio por aquela mulher porque ela me desestruturou, ela sabe o que faz, ela me conhece e sabe o que usar contra mim. Fito os objetos quebrados aos meus pés, e percebo que minhas mãos tremem de fúria. Fecho os olhos, me lembrando da mulher loira em meus braços, anos atrás, em uma grande cama em um hotel

PERIGOSAS ACHERON

luxuoso. Antonella estava apaixonada por mim, e mesmo conhecendo-a desde pequeno, eu não via o quanto ela era louca. Me lembro dos momentos em que a tive em meus braços em cafés e lugares de Lyon, em como ela enlouquecia a qualquer mulher que me cumprimentava, em como ela ameaçava enlouquecer sobre qualquer discussão. Antonella sempre foi desestruturada e estava me levando junto em um início de relacionamento controlador. Mas eu não estava apaixonado por ela, nunca estive, nem em nossos melhores momentos do pouco tempo em que estivemos juntos. Eu estava com ela porque Antonella insistiu em se relacionar comigo, e como minha amizade com ela era da infância, cedi. Eu estava com ela porque Antonella era bonita, inteligente e boa na cama, e quando aproveitei o que poderia, a deixei, querendo retomar nossa amizade, mas a situação fugiu das minhas mãos quando ela enlouqueceu, destruindo

meu carro, destruindo meu apartamento em Lyon. Eu a deixei, e cortei nossas relações porque sempre soube que ela não aceitaria.

Mas seus pais faleceram há meses, deixando seus negócios para a única filha. Negócios relacionados aos meus negócios, à minha empresa, e então entrei em contato com ela nessas últimas semanas, mas ela viu isso como uma bandeira branca, ou melhor, vermelha, e descobri que mesmo depois de anos, Antonella continua louca. E apaixonada por mim. Porra.

Abro os olhos, ouvindo apenas o silêncio de estar sozinho. Alice sabe que alguma merda está acontecendo, Alice está em dúvida se realmente ficaremos juntos, vi em seus olhos. Levanto meu olhos, fitando novamente meu rosto, e um sorriso irônico surge nos meus lábios.

Pela primeira vez decidi que queria estar realmente com alguém por um tempo indefinido,

um tempo sem fim. Pela primeira vez pedi uma mulher em noivado, deixando qualquer lado meu para trás, mas Alice negou, rejeitou de um modo educado, como se fosse um simples pedido feito por mim. Mal sabe ela como tive que derrubar minhas barreiras e ceder para pedi-la em noivado, porque por mais que a ame, nunca antes havia pensado em fazer uma proposta para alguém, e depois que passei a amá-la, a ideia me enlouquecia. Eu queria fazer isso, eu precisava fazer isso, e iria fazer quando fôssemos para a França, mas Antonella apareceu com sua porra de ideia, e senti que poderia perder Alice. Eu precisava tê-la com certeza, precisava fazê-la ficar mais perto, deixá-la confortável ao meu lado, segura de que a amo.

Mas ela negou.

E meus planos começaram a desmoronar, um pedaço por vez diante dos meus olhos, como se eu fosse um maldito jovem que nunca lidou com

pessoas difíceis. Negócios são negócios, mas a porra do amor é o que eu mais quero com Alice, porque agora meu mundo, meu negócios, esse apartamento ou qualquer lugar, não é o mesmo sem ela. Ela invadiu meu mundo, um mundo o qual ela não fazia parte, um lugar de dinheiro, de ostentação, de manipulação e jogos, além de muito sexo regado à mulheres bonitas, e me mostrou que há mais, e eu quero esse mais que ela tem.

Apoio as mãos no balcão, furioso, e respiro fundo, tentando me controlar, não explodir, como ela diria. Fito meu celular passar os minutos, no canto do balcão, e o pego, discando um número.

—Está aonde? — pergunto assim que a linha é preenchida por um bocejo.

—Estou em casa, cara, por que? — Diego pergunta despreocupado. Passo a mão na boca, decidindo o que fazer.

—Porque preciso falar com você. Estou

indo aí — pauso, e olho para a porta do closet — por um tempo indefinido.

—Como assim? — Diego pergunta sem entender, e dou uma risada irônica.

—Só acabe qualquer foda que esteja tendo aí e me espere — respondo e desligo o celular. Me visto com qualquer camisa social branca, jeans e pego uma pequena mala preta. Coloco algumas roupas dentro, e saio do meu apartamento, pegando a chave do meu Porsche, sem olhar novamente para trás. Dirijo pelas ruas movimentadas apenas vendo as luzes dos carros, dos prédios, e me pergunto onde Alice está, o que está pensando, planejando. Ela destruiu com o meu pedido antecipado, e me pergunto se eu não tivesse antecipado e feito em Lyon, ela teria negado também? O que eu faria naquela cidade, depois de ouvir sua resposta? É melhor que ela tenha feito isso aqui mesmo.

Estaciono em frente ao prédio onde Diego

mora, e subo até a cobertura. Não quero ver nenhuma mulher agora e é melhor que ele tenha entendido isso. Paro em frente à porta branca e abro, sem bater, fitando sua sala com a grande vista da sacada. Ele se vira, com um cigarro na boca, apoiado no parapeito, e sorri.

—E o que aconteceu cara? — ele pergunta, arregalando os olhos. Largo a mala e me jogo no seu sofá branco, arredondado. Passo a mão no rosto, fitando o teto iluminado apenas à meia luz, nos deixando quase na penumbra. Coloco as duas mãos na cabeça, me afundando no sofá, e olho para Diego, que serve um copo de uísque e me traz. Pego o copo e viro, apenas me lembrando das palavras de Alice. — E aí, Tom? O que aconteceu? — Diego pergunta de novo, apagando o cigarro no cinzeiro e se sentando na poltrona rotativa ao lado. Rio irônico e o encaro.

—Porra — reteso a mandíbula, me

curvando para frente e apoio os cotovelos nos joelhos, ainda com uma mão na boca. Arqueio uma sobrancelha, fitando a expressão preocupada de Diego — Alice brigou comigo, insistiu sobre onde estava. Disse que estava aqui com você, Diego — começo a falar devagar, e Diego assente. Viro a cabeça para frente, fitando o tapete oriental da sua sala — mas ela insistiu mais, e acabei contando que antes fui jantar com Antonella. Disse que foram só negócios — explico, gesticulando com as mãos — porque foram, mas Alice enlouqueceu por eu ter escondido isso dela, disse que se eu tivesse contado não seria ruim.

—Cara — Diego fala, se encostando na poltrona, colocando os braços nas laterais — Alice é meio complicada também né?

Encaro ele por alguns segundos e fecho os olhos.

—Alice é honesta, diferente da maioria de

nós, Diego — murmuro, e abro os olhos. Me levanto bruscamente, e vou para o seu pequeno bar do outro lado da sala. Pego o uísque e sirvo mais no copo, me virando de frente para ele, que se levanta. Sua sala é circular, com os sofás e televisão no centro. A sacada se estende por toda ela, na esquerda, com grandes portas de vidro, e na sua lateral direita, um pequeno bar de madeira escura e vidro fumê orna com a mobília clear. Grandes quadros de cubismo e mulheres nuas estão pendurados, e corredores se somam de ambos os lados. Diego caminha até o bar também, contornando o balcão e pegando uma garrafa de uísque mais velho. Pega um copo e bate no balcão, sorrindo para mim.

—Cara, não estamos falando em honestidade, mas em ser esperto. Alice poderia saber, mas não precisava brigar. E você poderia ter contado, e levado ela junto — Diego tenta achar

uma ideia. Rio irônico e viro o copo, me servindo de mais.

—Diego, eu jamais deixaria Alice perto de Antonella — falo, sentando na banqueta alta do bar — ainda mais para ela presenciar as merdas que Antonella fala? Você conhece aquela mulher.

—Ô se conheço, Tom. Aquela lá é difícil, acho que foi a mais louca com quem você já transou — Diego ri, bebendo o uísque, e se senta também do outro lado do balcão — mas — Diego semicerra os olhos, e sei que está pensando — foi isso então?

Dou risada, colocando o copo com força no balcão.

—Quando vi que Alice estava enlouquecendo e me deixando, Diego — começo a falar, e ele arregala os olhos. Minha voz saí mais sombria do que eu gostaria, mas porra, eu só quero me afundar no uísque agora e esquecer toda a

merda. Olho para o fundo do copo semi vazio, sem encarar Diego, retesando a mandíbula — eu antecipei meu pedido de noivado, Diego. Aquele que falei para você que iria fazer em Lyon. Eu menti dizendo que iria fazer amanhã, por causa do meu aniversário, e então a pedi hoje.

—Cara — Diego se exalta surpreso e serve mais uísque em nossos copos — você vai casar mesmo? — ele ri, balançando a cabeça — sabe que não deixo passar a despedida de solteiro.

—Cale a boca — murmuro, bebendo um longo gole, sem tirar os olhos do copo — Alice negou.

O silêncio permanece entre nós, e levanto os olhos, fitando sua expressão pasma. Ele levanta as sobrancelhas, sem acreditar.

—Alice negou o seu pedido, Tom? — ele repete minhas palavras — Cacete, pensei que ela ficaria mais do que feliz em casar com um cara

ricaço que não é lá tão feio.

—Cale a boca, Diego — o interrompo, virando o rosto na direção da sacada — você sabe que Alice não dá a porra de importância para o dinheiro, muito menos beleza. Alice não é essas mulheres superficiais.

—Com quem você sempre dormiu né? — Diego completa minha frase — exceto aquela Eva e Antonella. Uma se apaixonou por Antone e a outra tem tanto dinheiro quanto nós.

Assinto relutante, e respiro fundo, começando a sentir dor no maxilar de tanto apertá-los, com raiva.

—Ela percebeu que havia algo errado, no mínimo — tento falar.

—Cara, vamos ser sinceros. Mesmo se tivesse algo errado, ela poderia ter aceitado — Diego afirma, arqueando as sobrancelhas. Encaro ele, sem conseguir responder — ela simplesmente

deu um pé na bunda em você, Tom.

Viro o copo, sem responder, e me sirvo de mais uísque.

—Ela deu um pé na bunda de Tom Haltender, Alice não é qualquer mulher — Diego diz irônico, e o fuzilo com os olhos.

—Não significa um pé na bunda, Diego — rosno.

—Significa sim — ele fala, apontando o dedo para mim — e você está parecendo um fodido cara que não sabe o que fazer depois de ser rejeitado por uma mulher.

Fecho os olhos, e me lembro das palavras de Alice. Não acredito que seja um pé na bunda, mas também não consigo mais acreditar que algum dia ela iria aceitar. E depois de toda a merda, se ela descobrisse algo, jamais aceitaria mesmo.

Mas estou contando que ela jamais descubra, que eu possa contornar a situação no

final.

—E o que vai fazer, Tom? — Diego pergunta, segurando o copo. Encaro ele por alguns segundos, decidido.

—Vou ficar por aqui, Diego, até toda a merda acabar — respondo firme, e ele franze a testa.

—Aquilo que você me falou sobre Antonella? — ele pergunta sério. Assinto lentamente, virando o rosto para o lado, sem conseguir parar de retesar a mandíbula.

—Não sei se Alice realmente aceitaria algum dia, mas eu a quero, Diego. Se eu for atrás dela agora, ou deixar ela tentar esclarecer comigo, quando eu precisar fazer o que preciso, talvez eu não consiga. Ela pediu um tempo, e é isso que eu vou dar, para que, enquanto isso, eu finalize os meus problemas com Antonella. E quando voltarmos a conversar, eu enterre o passado de uma

vez — murmuro e pego o copo, segurando-o ao invés de beber — por isso vou sumir por algum tempo, para que eu possa resolver essa merda e depois me resolver com Alice. Vou ficar aqui, se você não se importa.

Diego sorri, contornando o balcão e dá um tapa no meu ombro.

—Cara, você pode ficar o tempo que quiser. Eu ainda acho que talvez seja hora de você seguir em frente. Um tempo também significa não, Tom — Diego fala, parado ao meu lado — e você tem ainda que vê-la na empresa.

Nego com a cabeça e me levanto.

—Vou ficar um tempo fora de lá também. Vou deixar tudo organizado, e depois que esse fim de semana passar, volto a colocar a situação nos eixos — tento simplificar a ideia, e caminho até a sacada, segurando o copo. Apoio os antebraços no parapeito e olho para baixo, para as luzes dos altos

prédios, das possíveis festas. Diego me segue, bebendo também.

—E amanhã à noite você irá com nós comemorar o seu aniversário. Não se torne um grande idiota por ter levado um pé na bunda, são vinte e sete anos, não passará em branco — Diego sorri, e o encaro — Dário está contando com você também.

Arqueio uma sobrancelha, curioso.

—Vocês convidaram Antonella? — pergunto direto, e Diego faz uma expressão de gato pego em flagrante.

—Sabe que Antonella é uma grande amiga nossa também, Tom. Ela sempre veio para cá nas férias, antes de vocês se envolverem e até mesmo naquele período. Ela está na cidade e não podíamos deixá-la de fora — Diego fala sério, e nego com a cabeça.

—Não quero vê-la — afirmo, e Diego

coloca a mão no meu ombro.

—Eu sei, Tom. Por mais que eu ache que você vendo-a talvez fizesse você esquecer da Alice por algum momento, eu vou respeitar sua decisão — Diego murmura.

—Antonella é louca — rosno e viro o copo, decidindo me afundar no uísque esta noite.

—Eu sei, você me contou, mas continua sendo minha amiga e de Dário, Tom. Sabe que adorávamos vocês juntos, mas — Diego começa a falar, mas eu o encaro.

—Apenas não diga à ela que estou na festa — ordeno, e Diego arregala os olhos, assentindo.

—Você é quem sabe, mas Dário prometeu que não deixará você para baixo lá — ele ri, bebendo o resto do uísque.

Volto para dentro do apartamento, servindo mais uísque no meu copo, dando as costas para Diego. Me sento e fito o copo na minha frente.

PERIGOSAS NACIONAIS

Sábado terá Pandora e eu preciso me manter em pé.

A situação não pode piorar, eu preciso colocá-la nos eixos, e quando eu fizer, isso tudo será passado. Mas agora só me resta esse maldito uísque e esperar, esperar para que tudo acabe rápido.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Passo as mãos no rosto inchado novamente. Fazia anos que eu não me encontrava no estado que estou agora. Meus olhos doem, meu rosto está inchado de sono e por mais que eu tenha me afundado na banheira, ainda sinto o cheiro de uísque em mim. Tentei deixar meu rosto o mais calmo possível, meus cabelos normais, mas nada está normal, porra.

Fito meu reflexo no espelho do elevador novamente, e ajeito a gravata no pescoço. Ana e Mônica são minhas secretárias há alguns anos, escolhidas a dedo pelo tom de cabelo e pelo currículo, e seus olhos analisam tudo o que acontece, principalmente comigo. Pelo que soube pela Alice, elas são fofoqueiras sobre mim, e nesse momento, tudo o que posso fazer é disfarçar na

PERIGOSAS ACHERON

frente delas.

A porta do elevador se abre e saio pisando firme, tentando manter meu autoritarismo de sempre, o que me manteve firme na minha vida profissional. Mas tudo desandou quando Alice apareceu na minha empresa, e minha divisão clara de ambos os lados da minha vida se misturaram, agora não consigo trabalhar sem envolver Alice aqui, e Antonella sabe utilizar disso também.

Viro o corredor e fito as secretárias, que disfarçam o olhar que lançam para mim. Entro na minha sala, e a primeira lembrança é Alice em pé na minha mesa. Fecho os olhos e reteso a mandíbula, mandando a visão para o inferno. A dor de cabeça é latejante, e me lembro da noite em claro, bebendo uísque e conversando com o Diego. Se dormi duas horas é muito, porque depois de ouvi-lo tantas vezes deixando claro o pé na bunda que segundo ele levei, estou furioso com tudo.

Organizo minha agenda e ligo para alguns contatos, ocupando minha manhã para que eu possa me ausentar. Checo o relógio quando esse indica o horário do almoço, e saio da sala. Vejo Ana me encarar surpresa, e paro na frente da sua mesa.

—Vou me ausentar por alguns dias. Transfira todas as ligações e reuniões para semana que vem, e a não ser que seja muito importante, não estarei disponível para que ninguém entre em contato comigo — ordeno autoritário e Ana assente, começando a se organizar para me obedecer.

Estou me afastando de Alice, estou dando o tempo que ela quer, o tempo que eu preciso.

Passo por sua mesa e volto para o elevador, saindo da minha empresa. Depois de muitos anos, irei me ausentar de novo. Irei me ausentar da minha vida, de Alice.

Menos de Pandora, porque é lá que eu vou

ter que estar, é lá que tudo poderá ser finalizado.

Caminho firme até o meu Porsche, e disco o número de Antone.

—Tom? — ele me chama do outro lado da linha, e aperto o controle do carro, destravando-o.

—Estou confirmando minha presença sábado, Antone. Deixei o convite no meu apartamento, então confirmo desse modo com você — falo, e abro a porta do carro, sem entrar. Olho ao redor e vejo Alice entrar no restaurante do outro lado da rua com sua amiga Dana. Entro no carro, retesando a mandíbula e me controlo para não olhar novamente.

—Confirmado, Tom. Confirmo apenas você? — Antone pergunta e percebo algo estranho na sua voz, uma certa ironia, mas ignoro. Talvez seja da minha cabeça, estou tão atolado em problemas, em suspeitas e na merda que tudo parece errado para mim.

PERIGOSAS NACIONAIS

—Não — respondo, apertando com força o volante, e começo a dirigir, acelerando o carro. Passo em frente ao restaurante, sem olhar para dentro — estou levando uma convidada.

Ouço um silêncio no telefone, e acelero ainda mais.

—Então Alice não irá? — ele pergunta em um tom malicioso, e respiro fundo. Antone é um dos meus amigos mais antigos, e mesmo depois de Eva, eu o perdoei e ele me perdoou. Nada mudou entre nós, mas odeio seu lado malicioso, seu lado que me lembra exatamente Anya.

—Não — respondo firme — confirme a visitante como Antonella Dellante. Envie duas máscaras para — pauso, franzindo a testa, e percebo que não posso pedir que mande no apartamento de Diego — pegue duas máscaras para mim, Antone, que hoje de tarde passarei na sua casa.

PERIGOSAS ACHERON

—Ei, só me avise antes, Eva não precisa saber que você foi pegar duas máscaras — Antone me interrompe. Franzo a testa, me aproximando do prédio de Diego.

—Como assim? — pergunto sério, desconfiado.

O silêncio novamente me consome.

—Eva e Alice se aproximaram, Tom. Alice veio ontem conversar com Eva, e bem, as duas conversaram bastante, não sei o assunto — Antone pausa, e percebo que está mentindo sobre algo — elas parecem duas amigas agora, chega a ser estranho — Antone ri, e tento imaginar Alice amiga de Eva. É algo realmente estranho, como se estivesse faltando algum encaixe para esclarecer essa amizade — então é melhor que Eva não veja você pegar as máscaras, porque se ela me pedir se você vai, confirmarei apenas você para ela.

—Está bem — concordo — daqui meia

hora estarei aí. Me espere.

—E Tom — Antone chama antes que eu desligue.

—O que? — pergunto, entrando pela garagem do prédio.

—Alice é boa de cama? — Antone pergunta. Franzo a testa e arregalo os olhos. Por um momento a visão de Alice nua na minha cama surge, e porra, meu corpo parece implorar por ela, meu pau parece querê-la ainda mais.

—Por que? — pergunto sério, começando a desconfiar de Antone.

—Só curiosidade, ela parece tão séria — ele desvia o assunto — nada importante. Espero você — e desliga o celular, me deixando parado dentro do carro, com o celular na orelha. Alguma merda está acontecendo, e dessa vez não é minha culpa.

Meia hora depois Antone me entrega as

máscaras no portão da sua casa, depois de receber um abraço e um relógio de ouro de Antone pelo aniversário, e retorno para o apartamento de Diego. Desliguei meu celular desde ontem, quando recebi uma mensagem de Alice, e alterado pelo álcool, digitei uma mensagem para ela, mas antes de enviá-la, apaguei. Passei a tarde inteira trancado no apartamento de Diego, apenas desejando parar de encontrar tantos uísques, e no final da tarde Diego e Dário se juntaram à mim.

Observo atento as horas passarem pelo relógio digital da sala de Diego, e quase próximo do horário da festa que eles organizaram para mim, decido tomar outro banho. Me afundo na banheira, sem conseguir pensar em nada, a não ser na porra que pode acontecer hoje se Antonella me ver, na confusão que aquela festa pode se tornar, mas para a minha tranquilidade, ou tormento, Alice não irá. Por ter sido organizada por Diego e Dário, eu já

tenho uma ideia de como será, e de como eu ficarei de fora da festa, trancafiado nos quartos para evitar Antonella.

Visto uma camisa social branca, jeans escuros e um sapato, e desço até o meu Porsche, sendo seguido por Diego com sua Mercedes. Dário também está indo para lá, e provavelmente Antonella chegará em breve. Passo pelas ruas, ansioso para que acabe logo, desejando que o maldito suor frio pare de me incomodar. Estou nervoso, furioso, e conforme as horas passam, estou piorando.

Fito a grande estrutura em que está acontecendo a festa, um prédio envidraçado, com luzes ao lado de fora, assim como seguranças, e piso fundo, fazendo uma manobra, e estaciono meu carro em frente ao prédio. Diego estaciona atrás de mim, e logo em seguida, vejo pelo retrovisor o Mustang de Dário estacionar. Depois de algum

tempo, estamos nós três juntos novamente em alguma maldita festa.

Saio do carro, entregando as chaves para o manobrista, e Diego e Dário fazem o mesmo. Coloco as mãos nos bolsos, fitando eles, e ambos sorriem para mim.

—Feliz aniversário, Tom — Dário abre um sorriso, vindo ao meu encontro. Nos abraçamos, e Diego dá uma alta risada, como se estivesse se divertindo. Eu não estou me divertindo, estou atormentado pela porra que está acontecendo comigo.

Caminho ao lado deles, e entro na festa, me acostumando com as luzes piscantes. Olho ao redor, para os camarotes, e começo a caminhar, mas uma mão agarra meu braço, e olho para Diego.

—Cara, Antonella já chegou — Diego fala sério, e amaldiçoo essa filha da puta por fazer isso comigo.

—Vou para a parte detrás da festa — murmuro furioso, e Dário pisca para mim.

—Tenho uma surpresinha esperando por você lá, agora que está solteiro depois do pé na bunda — Dário sorri, e cerro os dentes, ainda mais furioso.

—Não estou solteiro — rosno — e não levei um maldito pé na bunda.

Diego e Dário dão risadas, e me afasto, abaixando a cabeça para não ser visto. Pego um copo de uísque da bandeja do garçom que passa por mim, e com uma mão no bolso, atravesso a festa. Desvio das pessoas, encarando seus rostos com a cabeça baixa, e meus olhos são atraídos para uma mulher que passa na minha frente. Paro bruscamente e arregalo os olhos, fitando seus cabelos loiros, seus olhos claros. Seu vestido vermelho realça sua pele clara, seus lábios vermelhos. Abro a boca, desejando que ela não vire

o rosto na minha direção, e Alice passa distraída por mim, conversando com Dana. Abaixo a cabeça e passo rápido por suas costas, controlando meus olhos para não engoli-la. Passo pelo bar e entro na porta ao lado, acelerando o passo pelo corredor escuro, estreito. Porra, cada vez mais tudo está se desmoronando, e respiro fundo, tentando controlar a vontade de vê-la.

Alice não deveria estar aqui, porra, não tão perto de Antonella, e se elas conversarem, talvez Antonella enlouqueça e torture Alice. E isso acontecer, não poderei responder por mim. Entro em um quarto e olho ao redor. Um sofá preto arredondado contorna um pequeno palco de madeira marrom com um pole-dance no centro. Uma mulher se vira, olhando para trás, e sorri para mim.

—Olá, Tom Haltender. Estava esperando por você — a mulher ruiva diz lentamente, e reteso

a mandíbula, entendendo a surpresinha de Dário. Mas que porra, não foderei com ninguém, não quero companhia.

Sorrio irônico para ela, sem responder, e caminho até o sofá, me jogando nele. Ela me encara por alguns segundos, enquanto viro todo o copo de uísque, e começa a rebolar para mim. Meus olhos descem para o seu corpo, e por mais que meu pau esteja duro, é instinto, não tesão. Fito sua bunda rebolando lentamente e ela abre as pernas, descendo pelo pole-dance, insinuando sexo, como se apenas desse modo eu pudesse transar com ela. Uma época eu poderia jogá-la no sofá e foder, exalando apenas sexo, mas agora por mais que eu olhe, por mais que eu fique duro, não sinto tesão como antes. É automático, não com paixão, e eu me viciei na paixão que é transar com Alice.

A mulher faz seus movimentos no pole-dance durante meia hora, e percebo que está

começando a ficar frustrada. Provavelmente Dário afirmou que ela foderia comigo, mas ainda estou vestido, e não ficarei nu hoje. A porta se abre e encaro Dário, que entra sério. Sei o que possivelmente pode ter acontecido.

Antonella e Alice provavelmente se enfrentaram, me desestruturando ainda mais, jogando a porra contra mim.

Posso afirmar que cada vez mais estou me afundando nessa merda que me envolvi, e estou cansado de ouvir Dário e Diego dizerem que Alice me rejeitou.

Estou farto deles, porque sei que no fundo Diego e Dário estão satisfeitos por Antonella estar aqui, por tudo estar me distanciando de Alice, porque Alice não pertencia a esse mundo, Alice não é próxima deles ou participa das suas rotinas noturnas.

Encaro Dário por alguns segundos, e sei que

eles fizeram a merda piorar. Desejo mais um copo de uísque, mais uma garrafa inteira, e que esta noite termine. Desejo que não seja realmente uma rejeição o que Alice fez, e porra, eu sei que se Alice descobrisse, teria certeza que seria uma rejeição.

PERIGOSAS NACIONAIS

Mais uma maldita festa que Diego e Dário me arrastam, mas aceito ir porque sei que será mais uma noite sem estar em casa, sem estar sozinho. Estou fodido por amanhã ser sábado, por ter Pandora. Sei que meu celular deve estar cheio de mensagens de Antonella e algumas de Alice, mas desde que quase cedi à vontade de responder Alice, não o liguei mais. Sinto ele no meu bolso, mas prefiro mantê-lo assim. Acelero o carro cada vez mais, seguindo Diego e Dário, e estaciono em frente à uma outra festa. A maioria das minhas noites foram em claro, acompanhado de uísque ou vinho, ouvindo as tentativas de Diego e Dário para me convencerem de que Alice me rejeitou. Eu sei como eles são, eu os conheço há anos, e se não fosse por nossa longa amizade, os mandaria para o

PERIGOSAS ACHERON

inferno. Saio do carro, fitando as várias cabeças que se viram para encarar os três homens que saem dos carros, e Dário abre um grande sorriso, piscando para mim. O ignoro, seguindo Diego para dentro da festa. Mesas estão espalhadas pelo local, com strippers dançando seminuas sobre elas. Subo em um camarote e me acomodo no sofá. Sei que será mais um longa noite, e que possivelmente acaberei acordado.

Dário senta ao meu lado, enquanto Diego cumprimenta as várias mulheres que conhece. Apenas observo, ignorando qualquer cumprimento.

—Cara, você tem que parar com isso, Alice não é mulher para você ficar assim, Tom — Dário murmura ao meu lado, virando o copo de uísque recém servido. O encaro de canto de olho, sem me esforçar para responder. Não preciso discutir sobre isso — ela me insultou aquele dia, como falei, e bem, Antonella está à disposição,

Tom.

—Cale a porra da boca, Dário, porque estou farto de você — murmuro, sem encará-lo, e pego um copo de uísque da mesa — se você prefere Antonella, vá e foda com ela. Ela está disponível, como você disse, e quem sabe você não me livra desse tormento.

Dário ri, negando com a cabeça.

—Antonella ainda ama você, Tom, e disse que envolveu você com uma corda impossível de tirar — ele pausa, e franzo a testa, percebendo que ela quis dizer sobre Pandora — está com o pescoço enforcado, Tom? — viro o rosto, encarando a expressão curiosa de Dário.

—Antonella é louca — murmuro, tomando mais um gole de uísque. Porra, até onde ela levará isso?

—Louca ou não, ela disse que está confiante dessa vez, e sabe — Dário levanta o copo

em forma de brinde — estou torcendo por ela.

—Torça calado — murmuro e me levanto do sofá — fique nessa festa com Diego, porque estou farto disso. Avise Diego que vou estar no apartamento dele — aviso Dário, e antes que ele me impeça, desço do camarote, com as luzes dançando no meu rosto e fazendo os vários olhares me seguirem. Saio da festa e entro novamente no meu carro. Piso no acelerador, desejando não ouvir nada mais, porque estou furioso, e a cada dia que se passou, minha fúria parece ter aumentado. Tudo está desmoronando lentamente e estou de mãos atadas, apenas assistindo.

Acelero cada vez mais, e vejo ao longe uma Conveniência 24h. Diminuo a velocidade e estaciono, descendo do carro. Entro na pequena loja e caminho direto para os refrigeradores, sentindo o olhar da atendente me seguir. Pego um pequeno fardo de cerveja, decidido a misturar qualquer

bebida que seja, e pago no caixa, voltando para o carro. O uísque está no fim no apartamento de Diego, e a solução mais rápida é essa, nesse horário.

Volto a dirigir em direção ao apartamento, e entro na garagem, desligando o carro. Saio dele, e minha mão pega o celular no bolso. Fito a tela apagada, enquanto subo pelo elevador, segurando o fardo de cervejas, e assim que entro no apartamento, ligo apenas uma luz. Vou direto para o quarto que Diego ofereceu, e fecho a porta. Tiro os sapatos, e abro o fardo, deixando-o em cima da mesa redonda do canto do quarto. Abro uma cerveja e sento na cama, apoiando as costas na cabeceira, apenas com o abajur amarelado ao lado. Não sei por quê continuo a desejar ligar o maldito celular, é como se eu precisasse ver, precisasse conferir, e porra, eu vou ligá-lo.

Aperto o botão, e a tela inicial se acende.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele começa a se atualizar, e viro a lata de cerveja, bebendo cada vez mais, sentindo o álcool me alterar mais ainda. A tela se acende, e uma mensagem de Antonella pisca na tela, seguida de uma segunda, terceira, quarta, quinta, sexta. Na décima, seleciono todas, sem ler, e excluo, fitando apenas as poucas mensagens que Alice tentou me mandar. Mas também não as leio. Largo o celular ao lado da cama e fito a janela aberta do quarto. Pandora está se aproximando, e para a única parte da merda que não escapou das minhas mãos, Alice não irá, poderei resolver tudo e então tentar tê-la novamente nos meus braços.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Estaciono meu carro em frente ao hotel que Antonella está hospedada, e espero. Essa manhã respondi uma de suas inúmeras mensagens que não li, avisando-a o horário que eu passaria para buscá-la. Iríamos esperar dentro do meu carro, em frente ao hotel, e então o motorista de Pandora nos encontraria. Trocaríamos de carro, e vendados, iríamos para Pandora.

Antonella conseguiu o que queria, de certo modo. E eu não tive escolha, com toda a certeza que tenho. Ela utilizou o conhecimento sobre mim e conseguiu me dobrar. Porra, estou a caminho de Pandora, e não é com Alice.

Olho para o lado, em direção à entrada do hotel, e uma mulher loira, alta, vestindo um longo preto, sai do hotel, com um grande sorriso nos

lábios vermelhos. Antonella. Abaixo lentamente o vidro do meu Porsche, e a encaro, fitando seu olhos descerem para a minha gravata borboleta. Ela se aproxima, e aperto o volante do carro, já desligado. Fecho os olhos e ouço ela abrir a porta e entrar.

—Tom — ela me chama pelo nome, e respiro fundo, retesando a mandíbula. Estou furioso, enlouquecendo cada vez mais. Abro os olhos e a fito — você me evitou durante essa semana?

Viro o rosto novamente, evitando de olhá-la, e Antonella coloca a mão sobre a minha coxa. Fito sua mão clara, suas unhas pintadas, e meu corpo inteiro se retesa.

—Você está relutante em cumprir nosso acordo? — ela pergunta devagar, e viro a cabeça para encará-la. A fuzilo com os olhos, sem conseguir responder. Antonella me encurralou e estou sem ação, mas sei que se tentar respondê-la,

mandarei ela para o inferno — você se lembra do que conversamos, Tom?

—Sim — rosno, retesando a mandíbula.

—Então não fique relutante. Eu sei que no fundo isso é o que menos poderia machucar você, eu o conheço, eu o amo — Antonella fala, e sua mão sai da minha coxa. Ela encosta os dedos no meu rosto, e eu agarro seu pulso em um impulso, tirando sua mão de perto. Viro o rosto, encarando-a.

—Eu irei fazer o que combinamos, Antonella, mas não force a porra da barra, porque senão — começo a falar, e respiro fundo.

—Senão o que, Tom? — Antonella franze a testa, começando a se enfurecer também — vamos, diga, senão o que? — ela se exalta.

Viro o rosto, evitando encará-la, e cerro os punhos. Não há um senão.

—Nada — rosno.

PERIGOSAS NACIONAIS

—Você sabe o que eu penso, Tom? Penso que você não quer aceitar que cedeu para mim, como deveria ter feito àquela época, quando insistiu em acabar comigo — Antonella me acusa, e a encaro.

—Aquela vez que você destruiu meu Porsche? A mesma vez que você invadiu meu apartamento e destruiu tudo nele? Eu deveria ter aceitado você de volta, é isso? — pergunto irônico, e Antonella começa a sorrir.

—Eu exagerei, eu sei, Tom. Mas agora a situação é diferente, não sou uma jovem apaixonada — ela fala me encarando.

—Você continua louca — sussurro e minha voz acusa a verdade que ela é.

—Não sou mais louca. Eu apenas sei planejar meus passos, eu apenas não desisto do que quero, e peguei você mais vulnerável ainda — ela diz sorrindo, e o motorista de Pandora bate na

PERIGOSAS ACHERON

janela do carro, me assustando. Dou um pulo e olho para o lado, abaixando o vidro.

—Senhor, Pandora os espera — o motorista sussurra para mim, e assinto. Saio do carro, sem me incomodar de abrir a porta para Antonella, e caminho firme até a Mercedes preta estacionada atrás do meu carro. Tranco o meu carro e entrego a chave para o motorista de Pandora, que abre a porta da Mercedes para mim. Seguro em uma mão nossas máscaras.

Antes de entrar, o motorista levanta as mãos na minha frente e coloca a venda preta no meu rosto, escondendo parcialmente ele. Antonella nos observa do outro lado da Mercedes, fascinada. O e entro no carro. O motorista fecha a porta em um baque e contorna o carro, colocando a venda em Antonella. Sinto sua presença ao meu lado, sua respiração acelerada, e o motorista acelera a Mercedes.

Nunca levei alguém em Pandora, exceto Alice.

Pandora sempre foi um lugar íntimo para mim, único, e quando decidi levar Alice, eu sabia no que eu estava me metendo, sabia como estava me envolvendo de uma forma sem volta. Mas agora? Agora não sei que porra estou fazendo, porque estou lutando contra todas as minhas forças.

Ouço o ronco potente do motor me aproximando de Pandora, e pela primeira vez quero que demore para chegar, quero que a Mercedes pegue o caminho mais longo, que o tempo transcorra lentamente até nossa chegada, porque Antonella está me levando ao limite da sanidade, da fúria. Sinto sua mão sobre minha coxa, e cerro os punhos, sentindo vontade de arrancá-la de perto de mim.

Apoio minha cabeça no encosto do banco, e

respiro fundo, tentando relaxar, mas a presença de Antonella, o que eu terei que fazer em Pandora, me assombram, me deixam em um estresse incomparável, e a cada freada do carro, sinto que estamos nos aproximando.

Em que merda eu me meti? Me pergunto repetidamente, e não consigo pensar em outra imagem a não ser Alice parada no meio da sala do meu apartamento, sem nem ao menos saber o que realmente está acontecendo, e Alice jamais saberá o que aconteceu. Não para o meu bem, porque estou fodidamente ferrado, mas para que ela consiga ser feliz comigo, para que não haja sombra sobre sua luz.

A Mercedes estaciona e um suor frio parece se esparramar sobre minha pele. Aperto os dedos nas palmas das mãos, e respiro fundo, sentindo o corpo de Antonella se aproximar do meu. A porta ao meu lado se abre, me livrando do contato, e

sinto uma mão no meu ombro, me guiando para fora. Saio do carro, sendo guiado até degraus, e subo por eles, consciente de que Antonella está ao meu lado. Ouço o ranger leve da porta, e entro em uma total escuridão. Minha venda é tirada, e encaro a penumbra sobre uma porta preta, larga, iluminada por um LED branco fraco.

—O que é isso? — ouço a voz de Antonella, mas a ignoro. Caminho firme e abro a porta, encontrando um pequeno hall de entrada com dois seguranças. Casas diferentes, mas organizações iguais.

Estendo a mão e apresento meu anel para eles. Ambos assentem, e dão passagem sobre duas portas grandes, pretas, abrindo-as. Sigo por elas, com Antonella em meu encalço, e paro no corredor na penumbra, estreito, com paredes, teto e chão pretos, iluminados por LEDs fracos.

—Isso é Pandora? — ouço ela murmurar

ao meu lado, e sem olhá-la, estendo sua máscara.

—Coloque em mim, Tom — ela ordena, e reteso a mandíbula, fitando a mulher sexual no final do corredor, distante de nós. Viro a cabeça e encaro Antonella, que me olha autoritária — não estou pedindo. Cerro os punhos, mantendo um olhar furioso sobre ela.

—Se vire — murmuro roucamente, e Antonella sorri irônica, se virando de costas para mim. Levanto a máscara preta e passo sobre o seu rosto. Meus dedos roçam em seu cabelo loiro, e me lembro dos cabelos loiros de Alice. Fecho os olhos por um momento, sentindo a raiva cavalgar pelo meu corpo, e os abro, fazendo um pequeno nó nas fitas da máscara. Antonella se vira para mim, e sorri.

—Foder mascarada com você será maravilhoso — ela sussurra, e viro o rosto, ignorando-a novamente. Abaixo a cabeça, e tento

controlar a raiva que faz meu corpo tremer. Estou suando por baixo desse maldito smoking e reteso a mandíbula, levantando a minha máscara até o rosto. A coloco, fazendo um nó atrás, e levanto a cabeça, fitando o estreito corredor.

—Vamos — ordeno grosso, sem qualquer tato com Antonella. Começo a caminhar, e ela agarra meu braço, me impedindo.

—Quero que me dê a mão, Tom. Quero que sinta que estou com você. Esse era nosso acordo, estarmos realmente juntos aqui — Antonella murmura atrás de mim, e paro bruscamente. Respiro fundo, e me lembro daquele maldito jantar, daquela mesa quadrada, as cortinas avermelhadas do restaurante, o garçom servindo o vinho e Antonella sentada na minha frente. Porra, não houve escapatória das suas palavras, da sua mente maliciosa.

Viro a cabeça sobre o ombro, encarando-a

de canto de olho e estendo o braço. Antonella dá um passo na minha direção e coloca a mão sobre o meu braço, beijando suavemente o meu ombro.

—Sempre adorei você por fazer minhas vontades — Ela diz irônica, e quero fazê-la engolir cada palavra. Eu sinto raiva de mim nesse momento, raiva de Antonella e da merda toda.

Viro a cabeça, encarando o corredor, e começo a caminhar firme.

—Aproveite cada momento, Antonella — rosno devagar — porque serão os últimos momentos da sua vida perto de mim.

—Eu tenho você, Tom — Antonella sussurra ao meu lado, mantendo um sorriso gélido ao acompanhar meu passo elegante pelo corredor estreito, na penumbra. Ela mantém o olhar firme para frente, assim como eu.

—Você nunca me teve, nem em nossos melhores sexos — sussurro controlado para ela —

você não me verá novamente.

—Antes desse evento acabar, você será apenas meu, Tom — ela mantém a voz calma, e rio baixo, irônico. Nem em seus melhores dias ela conseguiu me ter, sob ameaças jamais terá.

—Antes desse evento acabar você já estará de volta no hotel — murmuro, e sinto as unhas pintadas de Antonella cravarem na manga do meu smoking. Me lembro das suas unhas no sexo, e de como nunca gostei delas, da forma como ela tentava me dominar, sem conseguir.

Paro em frente a mulher sexual ajoelhada. A encaro por alguns segundos, reconhecendo-a de outros eventos mesmo sob a máscara, e ela sorri lentamente, com os lábios pintados de vermelho. A mulher sexual, apenas com um corpete preto, acinturado e os seios à mostra, arredondados, apoia as mãos no chão e engatinha devagar na nossa direção. Antonella apenas observa atenta enquanto

a mulher sexual para na minha frente, de quatro. Estendo a mão em que está o anel de Pandora, e a mulher sexual lambe, com os olhos fixos em mim.

A primeira vez que presenciei essa cena, senti vontade de agarrar a mulher e tirar sua máscara, de entender o significado daquilo, mas agora estou acostumado, como se eu já esperasse isso. É parte do espetáculo que é Pandora.

A mulher sexual engatinha para o lado, nos dando passagem, e continuo a caminhar firme. Abro a porta, guiando Antonella ao meu lado, e um grande salão oval se estende diante dos meus olhos. Sócios e sócias caminham tranquilamente entre pessoas sexuais, com taças e máscaras. Percorro com os olhos o rosto de cada pessoa mascarada, como se eu estivesse à espreita de procurar algo que pudesse piorar a merda que estou. Estou começando a ficar paranoico acreditando que minha vida pode desmoronar mais, pedaço por

pedaço, como começou quando Alice negou.

—Todos usam máscaras? — Antonella pergunta um pouco assombrada, e reteso a mandíbula.

—Apenas quem quer. É uma opção aqui dentro, caso queira estar no anonimato, mas — pauso, e um casal passa por nós sem máscara, respondendo diretamente a pergunta de Antonella. Deixo por assim a resposta, e continuo a caminhar pelo salão. Olho para o grande palco arredondado no meio, no canto extremo, escondido por um grande cortina preta. Lá será o espetáculo inicial.

Guio Antonella para o canto esquerdo do salão, próximo de um pilar decorativo, preto, rodeado de detalhes púrpura. Mesmo na penumbra consigo visualizar os rostos, algumas mulheres sexuais que eu conheço de outros eventos. Um homem sexual passa com uma bandeja na minha frente, e pego uma taça de vinho, sem oferecer para

Antonella.

—Evite beber aqui dentro — murmuro roucamente, virando o rosto para encará-la — embriagues significa ter que ir embora, e se você continua a mesma, não permitirei que faça um escândalo aqui.

Antonella sorri, passando um dedo sobre os meus lábios para me silenciar.

—A menina que você conheceu não é mais a mesma, Tom, e acho que no fundo você está assustado por causa disso. Você esperava me encontrar aos prantos, implorando que mesmo depois de anos, mesmo que estivesse com outra, voltasse para mim. Mas o que você encontrou? — Antonella sussurra no meu ouvido, e viro o rosto, fitando a cortina preta. Fecho os olhos, ficando totalmente na escuridão que a penumbra permite quando faço isso. Me lembro de chegar relutante naquele restaurante estilo vitoriano, de vê-la

sentada em uma mesa no centro do restaurante, quadrada, de dois lugares. Seu vestido de alças preto realçava seus cabelos loiros, e assim que ela me viu, sorriu discretamente. Me sentei na sua frente, sem conseguir sorrir de volta. Eu não queria estar lá, queria estar no meu apartamento com Alice, mas sua mensagem horas antes me fez aceitar jantar. Seria apenas negócios, ela disse. Iríamos falar apenas sobre negócios.

Abro os olhos, retesando a mandíbula. Porra, eu deveria ter imaginado.

Sinto sua mão apertar meu braço.

—Precisamos ficar aqui? — ela pergunta séria, e franzo a testa, virando o rosto e encarando-a.

—Como assim? — pergunto baixo, e arqueio uma sobrancelha, observando os sócios fitarem a cortina preta, ansiosos.

—Precisamos assistir aos espetáculos?

Não podemos ir direto para um quarto? — Antonella pergunta, levantando as sobrancelhas. Nego com a cabeça.

—Pandora é isso, Antonella. É viver aqui dentro o que ela oferece, não apenas se fechar dentro de um quarto — sussurro.

—Então vou pegar uma bebida — ela afirma séria, largando meu braço — e espero que quando eu voltar, você tenha se lembrado bem do nosso acordo, Tom. Não combinamos que você seria frio ou distante comigo. Se precisa encenar, que seja um bom ator — ela sussurra ríspida ao meu lado, e me dá as costas, desaparecendo entre os sócios. Abaixo a cabeça, fitando a decoração preta do chão. Estou tão furioso que não consigo controlar minha respiração, apenas quero que acabe essa maldita noite.

Ouço a música começar a preencher o ambiente, e o evento começará, me desligando dos

pensamentos daquele jantar.

Levanto a cabeça, fitando a cortina, e essa começa a cair lentamente, em ondas. A música aumenta, e cerro os punhos, fitando a penumbra atrás da cortina. Dois feixes de luzes avermelhados surgem, um em cada lado do palco, iluminando duas mulheres sexuais paradas, de costas para nós, com um pole-dance. Fito seus corpos cobertos de meia-calça rendada, espartilhos que estranhamente cobrem os seios e um chicote comprido na mão. Subo os olhos pelos seus cabelos, uma mulher sexual ruiva e uma mulher sexual morena.

Ambas se viram para nós ao mesmo tempo, e fito os rostos cobertos por uma máscara preta, sem renda. Meus olhos analisam o rosto da mulher ruiva, e conforme toda apresentação inicial, é Eva. Eva foi uma mulher do meu passado, talvez a única mulher que eu senti algo além de Alice, mas ainda sim não se compara, e agora encarando-a, sinto o

de sempre por ela, carinho e uma certa amizade. Ela é de Antone, e de certa maneira, sempre foi.

Percorro os olhos pelo palco, e no momento em que fito o rosto da mulher morena, ela chicoteia à sua frente. O chicote fez uma curva no ar, estalando violentamente, guiado por uma forma e sexualidade que faz meus olhos voltarem para o rosto, a procura de saber quem é. Olhos para os lábios e a ponta do nariz, as únicas partes à mostra, e franzo a testa. Ela é tão familiar para mim, algo nela me lembra algo.

Ela se ajoelha no palco e começa a engatinhar para frente, mantendo a bunda inclinada. Olho ao redor, vendo que todos os sócios permanecem encarando o espetáculo, cochichando e bebendo. Fecho os olhos, estou ficando paranoico cada vez mais, preciso parar. Provavelmente não há nada, apenas a merda da minha mente ferrada.

PERIGOSAS NACIONAIS

Abro os olhos novamente, fitando seus lábios vermelhos. Desço os olhos pelo pescoço claro, rodeado pelo cabelo escuro, e meus olhos fitam seus seios levantados e escondidos pelo espartilho. Seu corpo me atrai, seu jeito de lidar com o chicote é tão familiar, merda, mas não me lembro de nenhumas mulher sexual morena em Pandora. Abro a boca, sem conseguir entender, e encaro a mulher morena caminhar pelo palco, levando meus olhos juntos. Ela caminha elegantemente, e sua bunda rebola de uma forma sexual.

Ela para de frente para a mulher sexual ruiva, Eva, e ambas se fitam. Franzo a testa, apenas encarando as duas trocarem de lado no palco, e a mulher sexual morena contornar o corpo de Eva com as mãos, fazendo-a arquear as costas para trás. A mulher sexual morena se inclina para frente, e sobe pela abertura do espartilho de Eva com a

PERIGOSAS ACHERON

língua, como se estivesse seduzindo-a. Passo a mão no rosto, sem parar de encarar o espetáculo.

As duas trocam de lugar novamente, e encaro a mulher sexual morena voltar para frente do pole-dance. Sua bunda rebola lentamente, e ela contorna o pole, envolvendo-o com a perna. Franzo a testa, fitando as curvas do seu corpo e porra, há algo errado comigo. Ela joga o corpo para trás, e ao retornar, sua língua lambe o pole-dance. Mordo o lábio, sem parar de olhá-la, e ela contorna o pole-dance, se posicionando na frente do pole. Ela começa a dançar eroticamente com o chicote, em uma encenação de dominação, e o chicote faz curvas no ar, na frente dela, estalando a ponta do chão. Ela vira a cabeça para o lado e chicoteia o ar em direção à Eva. Não consigo parar de olhá-la, e assim que ela chicoteia novamente, sua cabeça se vira na minha direção, seus olhos se encontram com o meu, e me sinto encurralado com sua

ferocidade. Ela me encara ferozmente, e reteso a mandíbula.

—Tom — ouço a voz de Antonella ao meu lado, e para na minha frente, de costas para mim. A ignoro, e ela fita o espetáculo — espero que já esteja pronto para ser um bom ator comigo — ela sussurra, e respiro fundo.

Abaixo a cabeça, fitando seu ombro logo abaixo do meu queixo.

—Isso, me beije — ela sussurra e cerro os punhos, encostando os lábios na sua pele nua do ombro. Ouço um estrondo vindo do palco e levanto a cabeça, franzindo a testa.

Vejo o comprido chicote preto no chão do palco, enquanto Eva continua o espetáculo, e a mulher sexual morena caminha reto na minha direção, com um andar firme, determinado. Arqueio uma sobrancelha, sem entender, e o suor frio parece piorar. Ela para na beirada do palco, na

minha frente, e sua mão se levanta, agarrando os próprios cabelos. Mas não são seus cabelos, e ela puxa longe a peruca preta. Fios loiros caem sobre seus ombros, e arregalo os olhos.

Porra, minha mente não estava fodida, havia algo familiar. Sua mão agarra a máscara preta e ela a joga do chão, revelando minha destruição, minha devastação. É Alice.

Meu coração parece bater em câmera lenta, e os sócios ao meu lado desaparecem. Meus olhos vagam pelo rosto de Alice, um rosto feroz, com algo que nunca vi antes.

Estou enlouquecendo, e meus lábios só conseguem sussurrar seu nome. Abro a boca, mas o ar parece fugir de mim.

Estou arruinado porque Alice descobriu a única merda que eu queria mantê-la longe. Se antes tudo estava desmoronando, agora vejo ruir de uma vez só, e Alice colocou o ponto final nisso.

Ela me dá as costas, caminhando firme, e desaparece por trás da cortina. Arregalo ainda mais os olhos, e olho para os lados.

—Alice está presente então — ouço Antonella murmurar maliciosamente, e me afasto dela. Vejo um vislumbre de cabelo loiro no corredor estreito à minha direita, e me viro, desviando dos sócios. Preciso alcançá-la, preciso esclarecer para Alice. Não poderei agir conforme meu plano, porque se eu o fizer, perderei ela, se já não perdi. Não queria precisar contar, mas gora eu devo contar. Mantenho os olhos fixos nela, e puxo a máscara do meu rosto. Que se foda o anonimato, qualquer merda. Vejo ela no meio do corredor, e seus olhos me fitam sobre o ombro. Porra, eu preciso dela, eu preciso agarrá-la e tê-la nos meus braços, preciso me confortar de que ela ainda é minha, de que Alice não escapou das minhas mãos, mas a mulher feroz que vi no palco me assusta, me

deixa claro que ela está furiosa, que há algo que ela libertou sem controle, e para o meu azar, foi neste momento em que estou nessa confusão.

Antonella agarra meu braço, me puxando para trás, e o puxo com violência, encarando-a sobre o ombro.

—Se você for atrás dela e me deixar sozinha aqui, Tom, nosso acordo está desfeito. E não digo apenas sobre a empresa, digo sobre — Antonella começa a falar.

—Que se foda — rosno — se você quer tentar fazer isso, faça, mas eu estarei lá para impedir que você destrua, Antonella. E a empresa estou pouco me fodendo sobre isso, como deixei claro naquele maldito jantar. Você sempre soube que sua empresa é importante para a minha, mas não é insubstituível, e se quiser fazer a merda que falou que faria quando eu deixei claro que não haveria acordo com sua ameaça de cortar os

negócios, tente. Eu estarei do outro lado impedindo você.

—Tom — Antonella grita furiosa, e dou as costas para ela, correndo atrás de Alice. A vejo desaparecer no final do corredor, e meu coração parece sair pela boca. Corro ainda mais, me desviando das pessoas sexuais, e a vejo subir a escadaria de Pandora.

Subo dois degraus por vez, e enlouquecido, agarro seu braço, puxando-a para mim. Alice se vira, e seus olhos me acusam, me devastam. Ela está com raiva de mim, furiosa de um modo que jamais vi. E há algo mais, algo que não havia ali antes. Há uma ferocidade liberta, uma forma de me encarar, de agir como se Alice agora estivesse consciente de quem é, de como é.

—Alice — a chamo enlouquecido, sentindo a loucura me invadir, me desestruturar. Encaro-a ferozmente, querendo puxá-la para mim

— Alice.

—Me largue — ela rosna furiosa, e arregalo os olhos, apertando seu braço com mais força, querendo mantê-la ali.

—Me deixe explicar, eu — tento falar e franzo a testa, tentando encontrar as palavras para começar. Como explicar toda essa porra que aconteceu? Como explicar o jantar que deveria ser sobre empresas mas caiu em outro assunto? Como explicar a ameaça, a loucura de Antonella? Olho para o seu rosto, e meus olhos são atraídos para o seu corpo sedutor. Meu pau parece explodir dentro da calça, e respiro fundo — eu não tive escolha.

—Há sempre uma escolha — Alice joga as palavras na minha cara, e puxa o braço da minha mão, subindo pelas escadas. A encaro por alguns segundos, vendo-a se afastar de mim. Eu estou perdendo-a, e não posso deixá-la se afastar. Começo a correr atrás dela, e a vejo entrar pelo

corredor dos quartos. Corro atrás dela, e uma última porta está aberta. Alice entra por ela, abrindo-a ainda mais, e paro perplexo, vendo uma outra pessoa dentro do quarto. Eduardo Constancer.

Abro a boca, sem conseguir acreditar nas coincidências que estão fazendo minha vida desmoronar diante dos meus olhos. Alice olha para trás e vejo em seus olhos algo que nunca vi, algo que me amedronta e me diz que a mulher que sempre esteve nos meus braços, no controle, perdeu qualquer controle, perdeu qualquer limite. Vejo algo que nunca vi, algo que me diz que Alice se libertou e não é mais tão conhecida minha. Há algo nela que eu não conheço, e que eu estou enlouquecendo para conhecer, vejo isso em seus olhos decididos, um fogo.

Eduardo se aproxima de Alice diante dos meus olhos, e no segundo seguinte pelo olhar que

ela me lança, eu sei o que fará. Preciso impedi-la, e começo a correr, mas vejo suas mãos agarrarem Eduardo pela nuca de um jeito violento, de um jeito que ela nunca fez, e me aproximo da porta, furioso, enlouquecido para arrancá-la de dentro desse quarto, dos braços de Eduardo, mas a porta se fecha diante do meu rosto. Arregalo os olhos, e Antone surge entre a porta e eu, tirando uma máscara em forma de bico, preta. Ele sorri lentamente, e me empurra contra a parede oposta do estreito corredor. Bato as costas em baque, transtornado, e o encaro furioso.

—Regras de Pandora, Tom. Não use violência ou se intrometa em assuntos dentro de quartos — Ele afirma, e sua expressão se torna séria. Franzo a testa, furioso.

—Saia da minha frente, Antone. Que se foda essas malditas regras de Pandora, me expulse se quiser, mas eu vou entrar nesse maldito quarto

antes que Alice transe com Eduardo — rosno, apontando para a porta atrás de Antone, e a fúria se transforma cada vez mais em algo pior, aumentando em ondas dentro de mim. Estou fora de controle, estou enlouquecido e derrubarei essa porra de porta — Saia da minha frente — grito para Antone, fechando a mão em um punho e Antone ri irônico, me deixando com ainda mais raiva. Agarro ele pelo colarinho, empurrando-o para o lado, e ele levanta as mãos como se fingisse inocência. Freio meu punho fechado antes que o acerte, e o fuzilo com os olhos — você já sabia, seu desgraçado.

—Eu sempre sei das merdas, Tom — Antone sussurra ameaçador, e porra, eu deveria ter imaginado. Ele é meu amigo, mas é um maldito Lehanster, e a confusão, a graça pela desgraçada alheia é seu divertimento — Alice está em uma dessas bem grande, assim como você.

Puxo ele para mais perto, aproximando o

meu rosto do dele, e preciso me acalmar, senão socarei Antone até apagá-lo.

—Você sabia que Alice estaria aqui e mesmo assim deixou que eu viesse com Antonella — rosno no seu rosto — você sabia que ia dar nisso, seu grande filho da puta.

Antone me encara sério por alguns segundos.

—Eu amo ver o circo pegar fogo, Tom, ainda mais quando eu ganho com isso — Antone rosna, e percebo que está furioso por eu avançar contra ele.

—Eu vou invadir a porra desse quarto — rosno, jogando Antone para longe, e me viro, encarando a porta. Porra, eu não quero imaginar o que está acontecendo lá dentro, mas pelo olhar de Eduardo, pela raiva de Alice, ela deve estar nua com ele. Cerro os punhos e reteso a mandíbula. Que esteja nua, que esteja na cama, talvez eu

mereça, mas vou tirá-la de lá. Avanço contra a porta, mas antes de alcançá-la, ouço Antone.

—Mesmo se você invadir esse quarto, Alice continuará me devendo, Tom, e com sua expulsão, será bem mais tranquilo para mim aqui dentro de Pandora — Antone afirma atrás de mim, e paro bruscamente, sem conseguir entender. Devendo para Antone? Que merda é essa?

Me viro lentamente, encarando-o sem entender, e arqueio uma sobrancelha, ainda furioso. Desde aquele dia que Alice negou estou atolado em nervosismo, em uma fúria que aumenta a cada minuto.

—Devendo para você? Que porra você está falando, Antone? — rosno, me virando na sua direção. Antone coloca as mãos no bolso e uma mulher sexual passa por nós, nos encarando.

—Se você vier comigo, posso explicar, Tom — Antone murmura, e fito seus olhos me

encararem na penumbra — posso explicar que Alice não foderá com Eduardo essa noite.

Respiro fundo e volto a encarar a porta. Se Alice está devendo para Antone, a situação com certeza piorará, e minha expulsão de Pandora será um caminho aberto para ele.

—Vamos, antes que não consiga realmente interromper Alice — Antone rosna, e franzo a testa, relutante. Preciso me acalmar, preciso saber mais, e então agir com alguma maldita razão que não usei desde então.

Dou as costas para a porta, furioso por fazer isso, e sigo Antone pelo corredor.

—Alice veio essa semana pedir ajuda para Eva, Tom — Antone começa a falar, caminhando na minha frente, com as mãos nos bolsos, desviando dos sócios e pessoas sexuais. Faço o mesmo, e começo a descer as escadas ao seu lado — e ambas me pediram para que ela pudesse se

disfarçar de mulher sexual e abrir o evento junto com Eva. Sabe que não nego os pedidos de Eva — Antone murmura, e me encara com um sorriso enigmático — e você sabe que não favores, faço trocas.

—É um maldito Lehanster, isso sim — murmuro, furioso, e desço até os últimos degraus. Adentro por um corredor estreito, na penumbra, como todos os outros, e Antone caminha na minha frente, se desviando dos sócios e pessoas sexuais. O sigo.

—Então Alice, sem pensar duas vezes, aceitou que eu fizesse essa troca, sem pedir o que seria, Tom. E você me ligou pedindo duas máscaras. Quando eu soube que Antonella estava na cidade, imaginei que seria ela. Você iria trazê-la, e Alice iria participar do espetáculo para chamar a sua atenção, para firmar sua decisão — Antone pausa e franzo a testa, sem entender sua frase. Ele

para em frente à um pequeno quarto em que está tendo uma apresentação sexual — Tudo estava conforme eu previ, Tom. Alice não poderia fazer o que eu quero se ela não visse você com Antonella, ela não teria a raiva suficiente, e você estaria muito perto dela. Agora, com o circo em chamas, eu posso pedir minha moeda de troca.

—Como assim, Antone? — rosno, sentindo a fúria aumentar ainda mais. Apoio uma mão na parede ao lado da porta, ignorando as pessoas ao meu redor — qual decisão? — minha voz rouca sai baixa, e Antone me encara sério.

—Eva me contou que Alice iria aceitar seu pedido de noivado, Tom — Antone diz calmo, e arqueia as sobrancelhas — mas agora acho que não aceitará mais.

Fecho a mão contra a parede e a soco, furioso.

—Porra, Antone — rosno, e ele me encara

sério.

—O maior erro de todos foi o seu, Tom, não meu. Eu apenas permiti que Alice descobrisse, mas se você não tivesse trazido Antonella, não haveria nada para descobrir — ele joga a merda contra mim, e o fuzilo com os olhos, sentindo minhas mãos tremerem.

—E qual é a sua maldita moeda de troca, Antone? — pergunto, mas já suspeito da resposta.

—Segredo, Tom, mas Alice agora não está mais em suas mãos. Ela sabe se virar sozinha, e nesse momento Eva já está interrompendo qualquer sexo animal que ela esteja tendo com Eduardo — Antone fala calmo e dá as costas para mim — se afaste, porque se Alice vê-lo aqui, jamais se aproximará.

—Não sairei daqui — rosno, furioso com Antone, e ele se vira, me encarando sério.

—E deixará Antonella em Pandora? — ele

pergunta sério.

—Que se foda Antonella, Antone — respondo grosseiramente, e Antone arqueia as sobrancelhas, como se me apontasse.

—Tom — ouço a voz de Antonella atrás de mim — estive procurando por você.

Porra, cada vez mais a situação parece piorar. Me viro devagar, encarando seu rosto furioso.

—Venha — rosno e a agarro pelo braço. Não quero que Alice veja Antonella de novo. A arrasto pelo corredor em direção oposta às escadarias.

—Me solte — ela se exalta, puxando o braço, e para, me encarando — espero que se sinta responsável pela merda que farei com Alice, Tom. Espero que saiba onde meteu sua namorada.

—Se você arruiná-la, Antonella — rosno contra o seu rosto, me aproximando o suficiente

para ouvir sua respiração. Não estou sob controle de mim mesmo, e avanço contra ela, empurrando-a contra a parede — eu me assegurarei de arruinar sua vida, sua carreira e qualquer maldita fama que tenha na França. Você não está lidando com Alice, você está lidando comigo, nunca se esqueça disso quando fizer algo contra ela.

—Você está me ameaçando, Tom Haltender? — ela sussurra ameaçadora — você sabe que não sou a melhor pessoa para ameaçar — e me empurra, se afastando de mim — esqueça os meus negócios — Antonella afirma e dá as costas para mim. A encaro por alguns segundos, seus cabelos balançando enquanto caminha pelo corredor de Pandora, se afastando. Estou fodido, e provavelmente fiz o mesmo com Alice.

Um homem sexual passa por mim e eu o encaro por alguns segundos.

—Ei — o chamo, e ele para, me encarando

— teria alguma máscara, por favor?

Ele assente lentamente, e desaparece dentro de um dos quartos de espetáculo. Respiro fundo, fitando o corredor, e ao longe, no lado oposto, vejo Alice caminhar firme ao lado de Eva. Meu corpo inteiro arrepia, e o homem sexual aparece ao meu lado.

—Senhor, aqui está sua máscara — ele sussurra, e a pego. Fito a máscara com um bico inclinado para baixo, preta, e a coloco sobre o rosto, escondendo-o totalmente.

—Obrigado — murmuro, e dou as costas para ele. Alice entra no quarto onde Antone está, e caminho na mesma direção. Paro na porta do quarto, e olho para o espetáculo no meio. Uma mesa de jantar com uma mulher sexual deitada no centro, seminua, como uma comida para ser servida. Procuro Alice pelo quarto e a vejo sentar em uma poltrona perto de Antone.

PERIGOSAS NACIONAIS

Eva se levanta da poltrona, cedendo o lugar para Antone e caminha na direção da porta, na minha direção. Viro o rosto para o lado oposto quando ela passa, e reteso a mandíbula. Preciso ouvir o que eles irão conversar, preciso intervir.

Entro no quarto com veemência, me esquivando nas sombras dos cantos, e caminho firme na direção deles. Sento em uma poltrona próxima o suficiente para escutá-los, na lateral perto da parede, e abaixo a cabeça para não ser visto.

—Por consideração à Tom, Alice, estou dando duas opções de escolhas à você, transe comigo, ou transe com Eva, aqui em Pandora, hoje — arregalo os olhos, confirmando minhas suspeitas. Porra, não deixarei que Antone faça isso, mas olhando para a mulher desafiadora sentada ao lado dele, Alice, eu sei que se eu intervir agora, na sua frente, ela enlouquecerá. Ela está furiosa

PERIGOSAS ACHERON

comigo — ou melhor, uma terceira opção. Participe comigo e com Eva. A escolha é sua, já que é consequência de um pedido seu. Sexo é a moeda de troca para mim.

Agarro a borda da poltrona enlouquecido, e sinto que irei explodir. Vou pular sobre Antone e fazê-lo engolir sua proposta. Respiro fundo, e encaro Alice, que por alguns segundos fica em silêncio. Ela não pode estar considerando aceitar isso, não, não pode. Não permitirei que Alice transe nem com Antone nem com Eva. Antone jamais a trataria da forma que ela merece.

Em um impulso, me inclino para frente, com a mandíbula retesada, ao ponto de pular entre eles, mas inesperadamente Alice se levanta com firmeza e uma ferocidade atordoante. A encaro com os olhos arregalados, e ela caminha até a poltrona de Antone, que mantém os olhos intensos fixos nela. Abro a boca, tentando puxar mais ar,

absorvido pela cena, e me esqueço que estou rodeado de pessoas.

Alice para em frente à poltrona de Antone e se inclina, apoiando as mãos nos encostos de braço da poltrona, como se prendesse Antone, e aproxima o rosto do dele, deixando o corpo ainda mais provocante para mim. Cerro os punhos, tentando me controlar para não avançar sobre eles, preciso ouvir o que ela irá dizer, ela não pode aceitar, não é do seu feitio, mas o assombro se apodera de mim. Uma loucura.

—Então está na hora de você não ser mais bonzinho, Antone — as palavras saem lentamente dos seus lábios vermelhos, e arregalo os olhos, devastado. Sua voz é firme, desafiadora, com uma confiança arrasadora. Alice está me deixando devastado sem estar perto de mim — porque terá que virar o caçador nessa história. Se quer tanto assim sua recompensa, venha caçar — olho para

PERIGOSAS NACIONAIS

Antone, que arregala os olhos, surpreso com Alice. Ela o encara séria, ameaçadora — Tente me achar em Pandora. Você me ajudou, mas ao mesmo tempo me sabotou também, então não conseguirá sua moeda de troca tão fácil assim, porque eu também posso sabotar você. Me procure, me encontre, me cace, Antone, porque enquanto você me procura, eu irei procurar Enzo e Anya, e se eu os encontrar antes de você me impedir, eles saberão as várias regras que você quebrou — ela pausa e semicerra os olhos, desafiadora. Abro a boca, puxando o ar, sem conseguir parar de encarar sua força — me encontre, me cace antes que eu encontre a bruxa má e o lobo-mau, porque se eu os encontrar antes, quem terá que se virar com eles será você. O quanto a bruxa é má e o lobo é mau com o próprio irmão? — Ela arqueia as sobrancelhas e em um impulso, solta os apoios de braços, parando em pé em frente à Antone.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

—Sua filha da puta — Antone rosna, e encosto as costas na poltrona, com uma certa calma, mas ao mesmo tempo um calafrio percorre meu corpo. E se Alice não os encontrar? Me levanto em um impulso, querendo interrompê-los, querendo mandar à merda qualquer problema, qualquer raiva que Alice sinta, mas ela dá as costas para nós, caminhando rápido pelo quarto. Paro bruscamente, e Antone se levanta, com os olhos fixos na mulher loira que desparece porta afora.

A caçada que Alice propôs começou e eu não consegui impedir. A música parece aumentar, mas sei que continua a mesma altura, é apenas a pressão que sinto. Encaro Antone por alguns segundos, e ele começa a caminhar firme pelo quarto, em direção à porta. O sigo devagar, acompanhando-o com os olhos. Vou segui-lo, não deixarei Alice nesse jogo sozinha, mesmo sob as sombras, e se eu precisar intervir, acaberei com

PERIGOSAS ACHERON

qualquer perseguição. Saio do quarto e olho para o lado esquerdo. O corredor está com sócios e pessoas sexuais transitando, e no meio deles, se desviando, está Antone, mas já sem sinal de Alice. Viro, seguindo-o discretamente, e começo a me desviar das pessoas sexuais que andam ao meu lado, dos sócios que me encaram confusos devido ao meu desviar. As paredes pretas do corredor na penumbra parecem me encurralar, parecem um labirinto que se fecha mais a cada passo, como se elas se aproximassem a cada segundo. Estou enlouquecendo, surtando por esses corredores, porque estou sem controle, porque sigo Antone sob pressão e não sei o final dessa caçada.

Coloco a mão sobre a máscara, deixando-a certa no rosto, e continuo a seguir Antone, que vira mais um corredor, sem saída. Ele para no final e olha para os quartos abertos. Paro a alguns metros e me viro de lado, disfarçando. Vejo-o socar a parede

furioso ao perceber que pegou o lado errado do corredor. Alice desapareceu e ele não está encontrando. Reteso a mandíbula, agoniado por pensar no que Alice está sentindo, e dou um passo para trás, entrando na primeira porta ao lado. Antone passa por mim furioso, e seus olhos procuram dentro dos quartos. Ele entra em um quarto e eu o sigo. Paro na porta discretamente, e pego uma taça de vinho da bandeja do garçom. Bebo um pequeno gole, e Antone passa por mim, voltando ao corredor. Ele volta a andar rápido pelo corredor, em direção ao salão, em direção às escadarias. Apresso o passo, sentindo a pressão aumentar sobre mim. Meu coração bate tão alto que parece que escuto cada batida sobre a música, o suor demonstra o nervosismo que sinto, a fúria que ainda existe. Apresso o passo, tentando não perder Antone de vista, e um caminhar frenético começa. Empurro os sócios que cruzam meu caminho com

as mãos, empurro as pessoas sexuais, me desviando com o corpo, e Antone caminha apressado na minha frente cada vez mais, esbarrando em sócios e pessoas sexuais. Caminho apressado perseguindo Antone, que anda ainda mais rápido, procurando Alice em todos os cantos. Porra, estou surtando e começo a andar ainda mais rápido, sentindo perdido dentro de um labirinto na penumbra.

Antone chega às escadarias e paro. Espero ele começar a subir e subo atrás, tentando me misturar aos sócios que sobem também. Passo pelos dois homens sexuais com correntes e viro o corredor à direita, vendo Antone no meio da penumbra do corredor. Ele fita as várias portas fechadas, e corre para a última, a única aberta. Espero no inicio do corredor, sentindo o nervosismo me torturar, e coloco as mãos nos bolsos, abaixando a cabeça. Olho de canto para a porta, e Antone sai por ela furioso, fechando-a com

força. Alice não está lá. Me viro, caminhando em direção às escadas, e Antone passa rápido por mim, furioso, e entra pelo corredor oposto. Mudo meu caminho e volto a segui-lo, entrando no corredor na penumbra também. Ele entra pela primeira porta aberta, e saí rapidamente, ainda bravo. Alice também não está nesse quarto. Antone passa por algumas portas fechadas e entra em uma outra aberta, mas rapidamente sai, confirmando que Alice também não está. Permaneço parado encostado em uma parede, com a cabeça baixa, apenas observando ele entrar em vários quartos vazios, passar por várias portas fechadas.

Ele para no meio do corredor na penumbra, e no meio dos sócios e pessoas sexuais ele rosna, furioso. Antone olha para o alto, e assim que abaixa a cabeça, fita a última porta que não entrou. Eu a encaro, um calafrio me desestabiliza. A não ser que Alice tenha ido para o outro lado do salão, o único

lugar que restou é esse quarto. Cerro os punhos, me desencostando da parede, e caminho firme em direção à Antone, que caminha firme em direção à porta. Talvez ele tenha encontrado a caça, mas eu estou de olho no caçador.

Estou nervoso, sem conseguir controlar a respiração, ouvindo-a junto com a música, e mesmo na penumbra, vejo nitidamente Antone. Ele para em frente à porta do quarto aberta, e suas mãos se fecham. Ele soca a parede.

—Porra — ele rosna, e alguns sócios que passam por mim olham para trás. Viro o rosto discretamente, sem parar de me aproximar de Antone, e ele entra no quarto. Acelero o passo, agoniado para ver o que há dentro, se Alice está lá, se está com Anya ou Enzo, ou se o quarto está vazio.

Me aproximo e paro em frente ao quarto. Abro a boca, surpreso, e meu corpo parece perder o

movimento. Travo, apenas fitando a visão. Estou fodido, mas Antone também está.

Alice está parada no meio do quarto, de pé, ao lado da cama, com a mão sobre o ombro de Anya, que está entre ela e a cama. Os olhos de Anya, assim como os de Alice, fitam intensamente Antone, que para perto da porta. Enzo levanta a cabeça, sentado na cama, ao lado de Anya, com os punhos fechados, furioso. Seus olhos fuzilam Antone, e ele retesa a mandíbula, se levantando.

—Você foi pego, Antone — Alice afirma séria, arqueando as sobrancelhas.

Apoio minha mão na parede, sem conseguir parar de olhar Alice no meio dos Lehanster, sem medo, sem receios e agora livre do acordo de Antone.

—Fique aqui, Antone — Enzo ordena furioso, apontando para o irmão, e encara Alice — Alice, se puder nos dar licença. Precisamos decidir

o que será feito.

Alice assente em silêncio, e dou um passo para trás, apoiando minhas costas ao lado da parede da porta. Preciso falar com Alice, preciso vê-la, preciso explicar. Eu posso ter perdido Alice, mas tentarei lutar.

Ela iria aceitar meu pedido, porra.

Alice cruza a porta e passa por mim rápido, caminhando firme. A sigo e começo a descer pelas escadas atrás dela, acelerando o passo. Preciso alcançá-la. A vejo entrar no corredor do quartos de espetáculos, e entro também. Arranco a máscara do rosto, caminhando firme atrás de Alice. Eu preciso tê-la de volta, e meus olhos descem para o seu corpo com o espartilho. Porra, ela está cada vez mais enlouquecedora, e mesmo com toda a merda que eu fiz, preciso que ela me perdoe.

Me aproximo cada vez mais, e uma mão agarra meu braço, me impedindo de continuar.

Olho para trás, encontrando Eva parada, me encarando.

—Tom — ela sussurra preocupada, e franzo a testa, sem entender. Olho para frente, vendo Alice caminhar firme entre os sócios e pessoas sexuais, confiante dentro de Pandora, atraindo todos os olhares, atraindo os meus olhos, e meu pau parece explodir dentro da calça.

—Onde ela está indo? — murmuro, franzindo a testa, e vejo ela entrar em um quarto de espetáculo.

—Talvez Alice participe de outro espetáculo, Tom. Ela está com permissão para isso, Anya concedeu — Eva murmura, e viro o rosto, encarando-a. Arregalo os olhos, sem conseguir imaginar Alice sendo o foco de mais olhos.

—Não, eu não vou permitir — rosno, puxando meu braço, e Eva me solta.

—Tom, eu preciso de você — Eva fala

rápido, antes que eu me afaste. A fito confuso. Porra, eu preciso chegar até Alice, mas o que está acontecendo para Eva vir pedir?

—O que foi? — pergunto, e minha voz rouca é sombria.

—Antonella está dentro de um quarto, Tom, e como ela é uma visitante sua, uma acompanhante sua, você é responsável por ela — ela diz sem rodeios. Respiro fundo, retesando a mandíbula, e viro as costas para Eva, caminhando furioso em direção ao quarto onde Alice está.

—Que se foda Antonella, Eva. Ela não está comigo, se quiserem mandá-la embora, peçam para um maldito segurança tirá-la discretamente daqui — respondo sério, em um rosnado baixo.

—Tom — Eva me chama preocupada, e paro, sem me virar — Antonella está apagada dentro de um quarto, ela está inconsciente.

Fecho os olhos, ouvindo as palavras de Eva.

Porra, eu preciso saber o que Alice está fazendo, eu preciso falar com ela, esclarecer, contar tudo de uma vez, mas parece que algo sempre impede. Que merda aconteceu? Reteso a mandíbula, furioso e me viro, abrindo os olhos.

—Em que quarto aquela filha da mãe está? — pergunto sério, e Eva suspira.

—Me siga — ela murmura e dá as costas, caminhando firme. A sigo pelos corredores de Pandora, furioso por me afastar de Alice, por não tê-la comigo, e avanço cada vez mais rápido. Eva começa a subir as escadas.

—Que merda aconteceu, Eva? — pergunto autoritário ao seu lado, e ela me encara preocupada.

—Antonella foi para um dos quartos com um homem sexual, Tom. Pediu algumas práticas para ele, e conforme ele foi aumentando, pediu se ela aguentaria. Ele me disse que Antonella

respondeu que sim, que estava bem, e então apagou. O homem sexual pediu minha ajuda, porque até então ele apenas estava cumprindo ordens, ele não sabia que ela era apenas uma acompanhante, e afirma não ter passado dos limites. Ela simplesmente apagou, como se estivesse dopada — Eva conta em um sussurro preocupado.

Arregalo os olhos. Porra, eu sabia que Antonella é louca, mas a que ponto ela chegou? Merda.

Cerro os punhos, furioso, e entro atrás de Eva por um corredor estreito, na penumbra.

—Ele não tocou mais nela, a deixou como estava, Tom. Você precisa resolver isso, e se for o caso, tirá-la de Pandora. Antonella Dellante é conhecida na França e no mundo dos negócios, jamais poderemos deixar um assunto desses vazar, e se aconteceu algo com ela, você terá que se

responsabilizar, sem comentar sobre Pandora — Eva diz relutante, e percebo que está apenas seguindo ordens. Assinto, eu entendo o que ela diz, mas porra, eu espero que ela apenas esteja dopada ou drogada. Eu espero que tenha sido apenas um limite ultrapassado.

Eva para em frente a uma porta fechada e abaixa a maçaneta. Cerro os punhos, retesando a mandíbula, e sinto todo o meu corpo retesar. Eva olha para trás, esperando um casal de sócios passar acompanhados de um homem sexual, e abre a porta, entrando no quarto. Ela me dá passagem, e entro atrás dela, ouvindo a porta se fechar.

O quarto está na penumbra, com uma cama no centro. Véus pretos caem sobre a cama, puxados para os lados. Dois balcões com objetos sexuais estão em cada lado da cama, e uma arara com fantasias sexuais no lado direito. A porta do closet está fechada, e o espelho no teto reflete a cama,

assim como um espelho no lado oposto da cama. A mobília é na cor marrom escuro, e tanto as paredes como o teto e o chão são pretos. Grades descem do teto com algemas, para práticas de BDSM, e em lençóis pretos, Antonella está deitada, nua, com os braços e tornozelos amarrados por braçadeiras de couro pretas, em cada ponta da cama, com marcas de chicote pelo corpo em lugares adequados. Seu rosto está coberto pelos cabelos loiros, e o ar foge do meus pulmões.

Porra, estou cada vez mais fodido.

Antonella, a mulher que mais detesto, que quero ver longe, está sob minha responsabilidade, desacordada em Pandora depois de uma maldita prática de BDSM.

E Alice, a mulher que amo, a mulher que iria aceitar ser minha noiva, está liberta dentro de Pandora, com uma confiança enlouquecedora, distante de mim, furiosa comigo, deixando claro o

quanto eu errei, o quanto eu fiz a maior merda. Alice está feroz, está segura de si, mas não está mais comigo. Ela é tudo o que eu quero, ela se transformou cada vez mais na mulher que me enlouquece, mas eu a perdi. Porra.

Alice está liberta, mas não está comigo.

Alice está furiosa, porra.

Alice está em Pandora sem mim.

ALICE

Rostos mascarados se voltam contra mim, com olhos desejosos, olhos curiosos. Os encaro séria, observando a mulher sexual morena estender a mão para mim, em um convite enlouquecedor. Coloco minha mão sobre a sua, aceitando entrar em mais um espetáculo, e a mulher sexual mascarada com uma máscara rendada preta, igual à que eu

estou usando novamente, me puxa para cima. Subo no palco um pouco mais alto do que o chão, me equilibrando nos sapatos de salto, e a mulher de cabelos escuros sorri para mim sob a luz vermelha do meio da sala.

Eva foi uma boa professora no quesito de pole-dance, e agora quero praticá-lo.

Dou um passo de forma sedutora na direção da mulher sexual, vestida com um espartilho preto, todo trançado nas costas, tomara que caia. Ela agarra minha cintura e me joga contra o pole-dance. Bato minhas costas no pole, e jogo minha cabeça para trás. Quero esquecer toda a situação que vivi dentro de Pandora com Tom, quero esquecê-lo por um momento, quero apenas pensar em quem sou, na minha sexualidade. Quero respirar a sensação que é me ver por detrás dos meus olhos.

Fecho os olhos, sentindo a música grave entrar pelos meus ouvidos e me envolver. Sinto o

metal frio, preto, nas minhas costas, e o agarro com as mãos, me virando lentamente enquanto arrasto uma perna para frente, levantando-a e contornando o pole-dance. Olho para o lado, ao pole-dance do meu lado esquerdo, e a mulher sexual morena esta pendurada no pole-dance. Espelhos estão em todos os nossos lados, refletindo os dois pole-dances no palco em frente à sofás de couro. Pessoas sexuais passam entre os sócios que nos encaram, e assim como em todos os quartos de Pandora que vi, alguns sócios estão transando sem receios. Uma sócia está sentada em uma poltrona afastada, com um homem sexual beijando seu pescoço enquanto a mão adentra pelo seu vestido longo levantado.

Seguro o pole-dance com uma mão, ainda com a perna contornando-o, e jogo meus ombros para baixo, aproximando o corpo do metal e jogando minha cabeça para trás. Meus cabelos loiros dançam sob a luz vermelha, e volto a encarar

os sócios mascarados. Agarro o pole com as duas mãos, sentindo a força emanar de mim, uma sensação de poder fazer o que eu quero sem receios, sem máscaras. Um anonimato enlouquecedor de ser eu mesma.

Contorno o pole-dance com a outra perna e me impulsiono para cima, subindo nele. No mesmo momento a mulher sexual ao meu lado coloca os pés no chão, e me impulsiono ainda mais para cima. Sinto os olhos dos sócios e de algumas pessoas sexuais em mim e solto uma perna, sentindo os músculos dos meus braços fraquejarem levemente. Respiro fundo, me lembrando de algumas instruções de Eva, e solto uma perna, contornando-o com a parte de trás da perna, me virando de lado. Desço lentamente deslizando pelo pole-dance, sentindo a sensualidade aflorar cada vez mais em mim. Antes de me aproximar do chão, o envolvo com as duas pernas novamente, de

frente. Jogo a cabeça para trás, deixando meus cabelos voarem, deslizo pelo pole-dance. Coloco os pés no chão e o agarro com uma mão, contornando-o em uma ritmo lento, inclinada para o lado, apenas com um pé no chão, arrastando o outro sedutoramente, enquanto minha perna se flexiona e vai para frente.

A mulher sexual morena larga o pole-dance dela, e com o canto de olho a vejo ver na minha direção. Não tenho ideia do que fará, mas participarei da sua coreografia. Ela avança contra o meu pole-dance, e sobre a luz vermelha, a encaro, frente a frente, com o pole-dance no meio de nós. Começamos a andar, contornando-o, sem tirar os olhos uma da outra, e sinto uma movimentação dentro do quarto, mas não olho ao redor. Deixo a penumbra ocultar meu campo de visão. A mulher sexual morena volta ao seu pole-dance, e agarro o meu novamente com as mãos. Me inclino sobre ele,

com a bunda empinada para trás, em um movimento de sobe e desce com o quadril, em um ritmo que quando subo com o quadril, logo depois subo com o ombro, em uma onda de sedução. Viro a cabeça com veemência, jogando meus cabelos para os lados, encarando o quarto. Meus olhos percorrem a sócia na poltrona com os seios amostra. O homem sexual está sobre ela, passando a língua em seus seios. Duas mulheres sexuais estão beijando um homem no outro canto do quarto, e enquanto pessoas sexuais transitam com badejas de bebidas, sócios e sócias estão sentados no sofá, conversando, e alguns com os olhos em nós, apenas em silêncio. Meus olhos sobem pela penumbra do quarto e fito a porta, onde um homem está parado no meio dela. Sem máscara.

Seu cabelo loiro está bagunçado, sua gravata borboleta está arrumada no pescoço, e seu maxilar está travado, retesado ao máximo, como se

estivesse ao ponto de trincá-lo. Meus olhos sobem pelo seu queixo definido, sua barba loira, rala, sua mandíbula quadrada, seus lábios largos, e seus olhos.

Seus olhos azuis escuros estão enlouquecidos, devastados, ferozes em mim, e pela sua expressão, ele está a ponto de enlouquecer realmente. Continuo o movimento do meu quadril, atraindo os olhos dos sócios e sócias. E o seu olhar.

Tom respira fundo, percebendo que estou encarando-o de volta, e dá um passo para dentro do quarto. Viro o rosto, e encaro o pole-dance, fechando os olhos. Não irei ceder, não irei querer explicações. Tom me traiu e isso é o ponto final, agora estou apenas comigo mesma, e irei me distrair em Pandora, irei me focar em mim mesma. Levanto o meu tronco, voltando a me aproximar do pole-dance, arrastando um pé eroticamente, e

contorno com uma perna. Percorro o pole-dance, levantando-a até onde consigo, e dou uma volta sobre ele, jogando meu corpo para o lado.

Olho de relance para os sócios, e vejo Tom parado atrás de um sofá, na penumbra, com os olhos selvagens em mim. Seu semblante está devastado, e percebo que ele está espreitando os outros sócios que estão de olhos em mim. Quero que ele olhe, quero que ele veja que não sou mais sua, quero que veja o maior erro que cometeu quando aceitou Antonella de volta na sua vida. E por falar nela, onde está? O que aconteceu depois que eu me tranquei no quarto com Ed?

Desço minha perna e envolvo o pole-dance com as duas, subindo-o lentamente por ele novamente. Com os braços envolvendo-o, solto minhas pernas, abrindo-as para cada lado, e deslizo pelo pole-dance até encostá-las no chão, sentada. Levanto a cabeça, imóvel por alguns segundos, e

meus olhos se cruzam novamente com os de Tom. Estou furiosa com ele, estou liberta em Pandora, e nada do que ele falar irá me convencer do contrário.

Desço meus braços, sentada atrás do pole-dance, com as pernas flexionadas na lateral do meu corpo, e inclino o tronco para frente, estendendo os braços para frente. Espalmo as mãos no chão, e as arrasto em direção ao meu corpo, seduzindo. Mantenho a cabeça abaixada, com os cabelos para frente, chego com as mãos até o meu corpo. Levanto a cabeça, jogando meus cabelos para trás, e agarro novamente o pole-dance com as mãos. Me impulsiono com as duas pernas, me agachando. Subo o corpo lentamente, movimentando o quadril em um rebolar de círculos. Encaro os sócios que me encaram de volta, fascinados, assim como encaram a mulher sexual morena. Paro em pé, e com uma mão, me balanço ao redor do pole-dance,

contornando-o. Os olhos ferozes de Tom me seguem, e solto o meu pole. Paro no meio do palco, e começo a andar na direção da mulher sexual morena, que está com pendurada no pole-dance, com ele no meio das suas pernas, que estão retas para frente. Ela rodopia, e para de costas para mim. A abraço por trás, colocando as mãos em seus ombros, e ela coloca os pés no chão. Meus olhos são atraídos para os de Tom por um momento, e o vejo sua expressão vacilar. Ele retesa a mandíbula, enlouquecido, devastado, e suas mãos agarram a borda do sofá com força.

A mulher sexual se vira de frente para mim, aproximando seu rosto do meu. Agarro seu rosto pelo maxilar, e a empurro contra o pole-dance. Solto seu rosto e me afasto, contornando o seu pole. Paro de costas para ela, encarando o quarto de frente. A mulher sexual avança contra o meu pole-dance, do outro lado do palco, e eu dou um passo

para o lado, segurando o pole com uma mão. Movimento o quadril para cima e para baixo, inclinando o tronco para frente. Avanço contra o pole-dance, e o envolvo com as pernas novamente, subindo. Estendo uma para frente, e começo a rodopiar no pole-dance, atraindo os olhares.

Vejo de relance um homem loiro entrar no quarto, intimidador. Rodopio mais uma vez, e paro, encarando Enzo parar ao lado de Tom. Enzo sussurra algo no ouvido de Tom, que o faz ficar furioso. Ele solta a borda do sofá e dá um passo na direção do palco, mas a mão de Enzo agarra sua camisa social branca no peito, impedindo-o. Tom abaixa a cabeça, e eu contorno o pole-dance novamente com o corpo, girando minha cabeça sobre meus ombros.

Vejo Tom dar as costas para o palco, enquanto Enzo permanece me encarando. Tom saí do quarto furioso, e a mulher sexual morena

caminha na minha direção. Ela coloca a mão sobre o meu pole-dance, e eu caminho até o dela, trocando de lugar.

Enzo cruza os braços com os olhos fixos em mim, e ao encará-lo, me lembro de Anya.

Quando Antone contou sua moeda de troca, tive que agir rápido, tive que pensar rápido, e a primeira chance que vi de como inverter a situação foi Anya. Eu a vi chegar em Pandora com Enzo, eu vi seus olhos em mim e vi o quanto ela não havia ficado brava pela minha participação.

De certa forma, eu não sabia onde eles estavam, mas eu sabia que Antone também não sabia, e isso tornava a situação um pouco ao meu favor. Eu precisei provocá-lo, deixá-lo furioso, porque a fúria atrapalha o raciocínio e no fundo eu sabia que Anya não deveria estar em um quarto de espetáculos porque assim que chegou ela desapareceu em direção às escadas. Eu tive que agir

rápido, sumir do seu campo de visão para que não pudesse me seguir, então assim que saí do quarto, sabendo que Antone estava me seguindo, me escondi no quarto ao lado, e ao perceber que ele tomou o corredor do lado oposto, caminhei sorrateiramente em direção às escadas, me dando uma vantagem.

Encontrei Anya dentro de um quarto de porta aberta, de pé, conversando furiosa com Enzo, mas ao me ver, seja qual for o assunto que tivessem, foi encerrado. Tive que engolir minha raiva por ela e esclarecer a situação. Contei que a desculparia se desfizesse meu acordo com Antone, e contei a situação para ela e consequentemente Enzo. Eles ficaram furiosos ao saber de como Antone estava se aproveitando em relação à Pandora, à mim, e assim que Anya mostrou o quanto estava do meu lado, Antone chegou.

Pela expressão perturbadora do rosto de

Enzo ao me encarar, algo está errado, algo saiu errado.

Jogo minha cabeça para trás, e rodopio ao redor do pole-dance novamente, seduzindo. Viro o rosto e o encaro, e Enzo semicerra os olhos, como se me estudasse. O encaro de volta do mesmo modo, e envolvo o pole-dance com as pernas. Rodopio sobre ele, soltando os braços, e me inclino para trás, agarrada ao pole apenas com as pernas. Faço um movimento com os braços e subo o tronco novamente. Colo os lábios no pole, com as pernas enlaçadas e meus olhos se encontram novamente com os de Enzo. Ele me encara intimidador, como se estivesse me testando, e viro o rosto para ele. A mulher sexual morena para, e encara os sócios. Ela se inclina lentamente para frente, em um cumprimento. Coloco os meus pés no chão e caminho ao lado dela, também me inclinando, finalizando o espetáculo. Ouço um murmúrio, e

levanto a cabeça. Enzo desapareceu da sala, assim como Tom não retornou. E onde está Anya? Onde está Antone? Onde está Eva? Onde está Antonella?

Respiro fundo, tentando tirar todas as perguntas da minha cabeça, porque nesse momento eu apenas quero esquecer, apenas quero seguir. Encaro a mulher sexual morena, e saio do palco na sua frente. Sou seguida por ela, e saio do quarto.

Entro pelo corredor na penumbra, e a mão da mulher sexual morena agarra meu braço, me virando para trás. A encaro, e ela tira a máscara, revelando um rosto delicado.

—Você é Alice? — ela pergunta séria. Franzo a testa, sem entender.

—Sim, por que? — respondo, ignorando o anonimato, ignorando o fato que usei a máscara para esconder meu rosto. A mulher sexual morena sorri, como se tivesse gostado de me conhecer.

—Ouvi falar de você — ela diz baixo.

Arregalo os olhos, ainda mais confusa. Como ela ouviu falar de mim?

—Como assim? — murmuro, dando um passo na sua direção.

—Preciso perguntar, Alice, o que você realmente tem com Eduardo Constancer? — a mulher sexual me pergunta. Abro a boca, começando a entender por quem ela ouviu falar de mim. Mas como?

—Somos amigos — sussurro apreensiva, e dou mais um passo na sua direção. Semicerro os olhos, séria — por que?

A mulher sexual morena parece vacilar, e balança a cabeça, negando. Provavelmente está receosa em me contar, porque segundo as regras, ela jamais poderá se envolver com um sócio. Mas ela realmente está obedecendo às regras, me perguntando sobre Eduardo?

—Por nada — ela murmura e das costas

para mim, entrando novamente no quarto. Fito suas costas até ela desaparecer na penumbra. Respiro fundo e olho para o lado, vendo mais pessoas sexuais ao meu redor.

Começo a caminhar pelo corredor, sem rumo, apenas permitindo me perder dentro de Pandora. Sócios e pessoas sexuais passam por mim, me encarando discretamente. Mantenho a cabeça erguida, me sentindo confortável dentro de Pandora, afastando qualquer lembrança de como vi Tom com Antonella. Não irei sofrer aqui dentro, por mais que meu coração pareça pesado.

Entro dentro de um quarto, e vejo duas mulheres sexuais sentadas no chão, de quatro, com focinheiras. Caminho até um canto do quarto, na penumbra, sem tirar os olhos das duas mulheres sexuais. Sócios transitam ao redor, observando, conversando. Um sofá ao lado está com dois sócios sendo cavalgados por duas mulheres sexuais nuas.

Respiro fundo e olho ao redor. Uma sócia está no canto da parede, sendo empurrada por um sócio, de costas. A mão do sócio contorna sua bunda e dá um leve tapa. Ambos sorriem, mascarados, e a sócia se vira de frente para ele, beijando-o. Desvio os olhos, fitando um homem sexual sentado em uma luxuosa poltrona de couro preto. Seus dedos batem no encosto de braço, e uma mulher sexual com tiras de couro contornando o corpo vestido de espartilho até o inicio das costas, com os seios de fora, contorna a poltrona, passando a mão nos ombros do sócio.

Volto meus olhos para as duas mulheres sexuais, e uma terceira mulher sexual, loira, entra no quarto. Em volta do seu pescoço está uma coleira de corrente preta, que se estende por uma corrente comprida, segurada por um homem sexual. A mulher está nua, apenas com a corrente, saltos e um grande P desenho de preto na barriga. Atrás dela, segurando sua coleira, está um homem sexual

vestido de cueca de couro, uma grande máscara em forma de bico e cabelos castanhos. Eles entram no quarto, e a mulher sexual nua, com uma máscara de cobre todo o rosto, carrega um comprido chicote preto, arrastando-o pelo quarto. Meus olhos parecem hipnotizados, e a mulher sexual para em frente às outras duas sentada.

As duas mulheres sexuais sentadas ficam de quatro, e o chicote é levantado no ar, chicoteando ambas. Mordo o lábio, me sentindo levada pela cena, pelo cheiro afrodisíaco do quarto, pelas máscaras na penumbra e o chicote sendo levado sob a luz vermelha.

O homem sexual larga a corrente da mulher sexual nua e avança contra o seu pescoço, beijando-o, enquanto ela continua a chicotear as outras duas. As mãos do homem sexual descem pelo seu corpo, e apertam seus seios. Ela geme baixo, apoiando a cabeça em seu ombro, e uma mão dele chega à sua

intimidade, penetrando-a. Mordo o lábio, assistindo como todos os outros sócios, e a mulher sexual nua se apoia nas costas das outras de quatro com as mão, ficando com a bunda inclinada para trás. O homem sexual abaixa a cueca de forma erótica, deixando seu membro saltar para fora, ereto. Ele a penetra com força, transando com ela no espetáculo, e a mulher sexual duas mantém as mãos apoiadas nas outras mulheres sexuais, como se fossem um móvel.

Ouço seu gemido baixo, e respiro fundo, sem conseguir para de olhar o efeito sob a luz vermelha.

Viro de costas e começo a sair do quarto, em busca de ver outro espetáculo. Percorro lentamente o corredor de Pandora, me desviando de sócios, e avisto saindo de dentro de um quarto uma mulher sexual carregando correntes. As correntes se juntam em uma coleira no pescoço de um

homem sexual, que engatinha na frente dela, nu, com o membro ereto. Eles passam por mim, e eu os sigo com os olhos até vê-lo entrar em um quarto. Pandora foge da minha imaginação, foge dos meus limites. É um mundo a parte que eu estou dentro.

Continuo a caminhar firme, atraindo alguns olhares, e alcanço o salão onde teve o espetáculo inicial. Encaro o palco na penumbra e meus olhos são atraídos para a porta de entrada de Pandora. Olho para trás e meus olhos se cruzam novamente com dois olhos azuis escuros, ferozes. Tom abre a porta, saindo, e ao me ver, para, segurando a porta aberta. Ele parece vacilar, como se quisesse vir até mim, mas dou as costas, cortando o contato visual. Sinto meu coração pesar dentro de mim, mas preciso ser forte. Começo a subir as escadas de Pandora para o andar dos quartos, sentindo os olhos de Tom ainda em mim.

Não quero pensar sobre ele, nem sobre onde

está Antonella. Chego ao topo da escadaria e paro, fitando o homem sexual parado ao meu lado, segurando um grande incenso religioso. Ele o balança para a esquerda e a direita.

Viro a cabeça sobre meu ombro, fitando a porta de entrada ao longe, e vejo Tom ainda parado, segurando a maçaneta.

Seus olhos em mim são selvagens, enlouquecidos, e sei que ele está ao ponto de subir as escadas atrás de mim, mas então viro a cabeça novamente e desapareço na penumbra do corredor.

Caminho firme, acelerando o passo, fitando todas as portas fechadas, e inesperadamente uma porta se abre. Eva sai por ela, e seus olhos pousam em mim.

—Eva — a chamo, me aproximando dela, e ela me olha surpresa — aconteceu algo? — pergunto parando na sua frente. Sua expressão é preocupada, e seus cabelos ruivos caem sobre seus

ombros. Ela olha para mim fixamente, e respira fundo, como se estivesse relaxando.

—Sim — ela murmura e agarra meu braço com uma mão — venha comigo — ela sussurra e me puxa para dentro do quarto atrás dela. Entro no quarto, fitando a cama de lençóis pretos. Uma luz vermelha incide sobre a cama, e como todos os outros quartos, esse também possui balcões com objetos sexuais. Eva fecha a porta, encostando as costas nela, e me encara. Paro no meio do quarto, preocupada, fitando-a.

—Que merda aconteceu, Eva, para você ficar preocupada assim? — pergunto preocupada. Ela respira fundo, como se realmente não quisesse falar sobre isso.

—Alice, você sabe que Tom trouxe Antonella — ela começa.

—Sim, eu sei — murmuro, desejando que ela não continue. Não quero saber sobre eles.

PERIGOSAS NACIONAIS

Levanto as mãos para impedi-la de continuar.

—Tom abandonou Antonella aqui dentro de Pandora — mas ela continua, e fala cada vez mais rápido, com urgência — ele a abandonou, Alice — Eva pausa, como se esperasse alguma expressão minha, mas apenas fito-a intensamente — Antonella ficou com raiva, provavelmente, e pediu que uma pessoa sexual a submetesse.

Arregalo os olhos, começando a entender. Eva percebe que estou pasma, e dá um passo na minha direção.

—E provavelmente Antonella se dopou de algo enquanto estava no banheiro. O homem sexual não percebeu e a amordaçou, a algemou. Antonella desmaiou, Alice, e ninguém estava conseguindo acordá-la. Eu chamei Tom, que estava indo atrás de você — Eva continua a contar, e sinto perder cada vez mais o chão, sem acreditar em tudo o que está acontecendo. Ela respira fundo — Tom também

não a acordou. Tivemos que chamar Enzo e Anya. Anya decidiu controlar a situação e a tirou de Pandora sorrateiramente. Ela foi levada para o hospital, onde provavelmente Tom deve estar indo.

Fecho os olhos, negando a vontade de perguntar algo. Eu não quero saber, eu não preciso saber mais.

Abro os olhos, fitando a expressão apreensiva de Eva.

—Por que você está me contando isso, Eva? — pergunto curiosa, franzindo a testa. Ela parece vacilar, e dá mais um passo na minha direção.

—Tom pediu que você o esperasse no apartamento dele, Alice. Ele estará lá assim que voltar do hospital. Ele iria apenas observar Antonella, já que ela estava sob a sua responsabilidade, e depois iria imediatamente para o apartamento encontrar você. Ele implorou que eu

a convencesse, Alice. Ele disse que iria contar tudo para você lá, que ele iria se explicar.

—Não — falo firme, fechando os olhos, e levanto uma mão, pedindo que Eva pare.

—Alice — ela tenta novamente.

—Não, Eva — afirmo, e abro os olhos — eu perdoei Tom na primeira vez, eu sofri por ele. Eu pedi que ele fosse honesto, eu pedi várias vezes, e quando ele poderia contar a verdade, ele a ocultou. Ele me enganou e me traiu.

—Mas você sabe se ele a traiu mesmo? — Eva faz a pergunta que tanto martela na minha cabeça. A encaro por alguns segundos, sem vacilar.

—Se Tom trouxe Antonella aqui, a intenção era essa, Eva — falo autoritária.

—Mas deixe ele se explicar, Alice — Eva insiste, e nego com a cabeça, começando a caminhar em direção à porta. Ela agarra meu pulso, me segurando, e a encaro — deixe Tom se explicar

— ela insiste em voz baixa.

—Não há explicação, Eva. O que poderia ser tão importante para que ela conseguisse fazer chantagem com ele? O que ele teme? E o principal, por que ele não me contou? — pergunto ríspida. Ela larga meu braço, desistindo, e respiro fundo.

—Eu sei que você é amiga dele também, que quer ajudá-lo e me ajudar, Eva, mas você sabe que Tom errou. Avise ele que não precisa me esperar, porque eu não irei — abaixo o tom de voz, fitando-a — eu não irei ouvir suas explicações.

Dou as costas para Eva e saio do quarto. Uma mulher sexual passa por mim, cavalgando sobre uma outra mulher de quatro. Ela finge ser levada, auxiliando-a com os pés. Encaro a cena, tentando esquecer o que acabei de ouvir. A mulher sexual está com um espartilho que acaba no inicio dos seios. O P de Pandora esconde seus mamilos, e uma máscara sobre seus olhos esconde

parcialmente seu rosto. A mulher de quatro está com um espartilho parecido, e sua máscara é em forma de cavalo.

As sigo, e desço as escadas com pressa, sem olhar para trás. Vejo alguns sócios me olharem, e viro o rosto, voltando à penumbra de um corredor. Entro em um quarto, observando um espetáculo acontecer. Observo os sofás e poltronas, e ao lado de uma dessas, um sócio mascarado está sentado, com cabelos escuros, sem máscara. Ele pega uma pequena taça que está sobre uma mulher de quatro, como se fosse um móvel.

Estátuas e candelabros estão espalhados pelo quarto, e no meio há uma grande caixa de madeira aberta na lateral. Dentro, uma mulher sexual está vestida com uma calcinha fio e meias finas. Uma máscara de gato está em seu rosto, e suas mãos estão algemadas para trás. Dois homens sexuais estão em cada lado da caixa, nus, se

masturbando. Encaro a mulher sexual, e ela se inclina para frente, lentamente, lambendo o líquido dentro de um pote, como um gato. Os homens começam a ejacular ao seu lado, deixando cair sobre potes iguais ao que está na frente dela. Caminho até um canto do quarto e me sento em uma poltrona pequena. Um homem sexual passa por mim e pego uma taça de vinho, assistindo ao espetáculo.

Fecho os olhos por um momento, sentindo o vinho descer pela minha garganta, a música envolver meus ouvidos. Abro os olhos, segura de mim.

Percorro o quarto com os olhos, lentamente, na penumbra. Meus olhos se focam na mulher sexual e nos dois homens sexuais sob a luz vermelha. Olho para os dois sofás circulares ao redor, com dois sócios transando sentados com duas sócias. No outro sofá um homem sexual está

deitado, recebendo sexo oral de uma sócia. Olho para os cantos, vendo sócios beijando sócias, pessoas sexuais levando bebidas e sócios conversando baixo, em sussurros.

Respiro fundo, e encosto as costas na poltrona, tomando mais um longo gole de vinho. Encaro novamente o espetáculo, vendo os dois homens sexuais pegar a mulher sexual, tratando-a como um gato.

Não quero saber das explicações de Tom, não quero saber se ele está me esperando. Estou sofrendo, mas estou lutando contra isso, estou lutando contra as lembranças, a visão, a tortura, porque não estou em Pandora para sofrer, e por mais que tenha sido um choque para mim, eu preciso me manter em pé. Tom errou, e essa é a consequência.

Ficarei em Pandora até o final, e depois irei para o meu apartamento.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Encaro meu reflexo novamente no espelho, e sinto meu coração acelerar cada vez mais, como se cada andar que o elevador passasse, a batida aumentasse dez vezes mais.

Fecho os olhos e respiro fundo.

Ontem fiquei até o fim de Pandora, sendo levada embora por um carro do evento, para o meu apartamento. Tentei evitar de pensar em Tom, mas assim que deitei a cabeça na cama, fitando a escuridão do meu quarto, o silêncio, meu cérebro apenas pensava se ele estava em seu apartamento me esperando, e depois de meia hora, meu celular vibrou. Era uma ligação dele, e depois de dez chamadas perdidas, eu desliguei o celular. Também pedi para que porteiro não autorizasse a entrada de ninguém, independente se ele dissesse que

compraria o prédio e o demitiria.

De manhã, ao ligar o celular, mensagens dele apareceram na tela, mas como ele fez comigo durante a semana passada, eu não respondi. Não posso negar que chorei, mas estou decidida a seguir adiante, e não quero ouvir suas explicações. Me sinto uma burra diante das mensagens que Antonella me enviava, porque na realidade elas possuíam alguma verdade.

O elevador para, e abro os olhos. Respiro fundo fitando meus olhos mais uma vez. A maquiagem realça meu rosto e estou usando um tubinho preto, com mangas sobre os ombros. Preciso de todas as minhas forças para fazer o que devo fazer.

Saio do elevador, caminhando firme, e viro o corredor. A cabeça de ambas as secretárias, ruivas, se levantam, e pela primeira vez percebo que eu gosto delas. Mesmo com seus comentários,

seus olhos devoradores e esfomeados, elas me distraíam, elas me faziam rir, e vou sentir falta disso.

Ana e Mônica sorriem para mim, e sorrio de volta, maneando a cabeça.

—Bom dia, Ali — Ana fala alegre — acho que está um sendo um bom dia apenas para nós — ela murmura e franzo a testa. Olho para Mônica que dá de ombros.

—Acho melhor não cutucar a fera dentro da sala — ela diz rindo, e respiro fundo. É, eu não irei cutucar, eu irei dar um tapa.

Assinto, e abaixo a cabeça.

—Bom dia — murmuro, e caminho direto para a sala de Tom. Ana e Mônica me seguem com os olhos, e antes que eu bata, escuto a voz de Ana.

—Está tudo bem, Ali? — ela pergunta séria e fico em silêncio. Não quero falar agora, não quero pensar muito, e dou duas batidas na porta,

abrindo-a. Meus olhos se encontram com dois olhos azuis escuros, devastados. Tom.

Ele larga o papel das mãos, deixando-o cair da mesa, e se levanta. Sua camisa social está aberta no colarinho, e sua gravata está frouxa. Ele retesa a mandíbula, e mesmo com os cabelos bagunçados percebo sua expressão de cansaço, de alguém que passou a noite em claro.

—Sr. Haltender — murmuro escondendo qualquer emoção, e entro na sala. Ele arqueia uma sobrancelha, confuso, e ainda atrás da mesa, ele morde o lábio, me encarando ferozmente.

—Alice — sua voz rouca é de urgência, uma pressa verdadeira. Fecho a porta atrás de mim, encarando-o, e respiro fundo. Começo a caminhar na sua direção, fitando seus olhos surpresos em mim, fixos, como se ele não conseguisse piscar. Paro em frente à sua mesa e mantenho a cabeça erguida, lutando o máximo que consigo para não

demonstrar emoção pelas minhas feições. Estou um turbilhão de emoções, e entrelaço as mãos para controlar o tremor. O suor frio invade meu corpo, e sinto meu coração pelo meu corpo inteiro, se recusando a acreditar no que farei. Tom desce os olhos pelo meu corpo e me encara meu rosto novamente, como se precisasse me analisar para entender que sou real — Alice — ele sussurra meu nome com a voz rouca novamente, me arrepiando. Respiro fundo, sentindo o tesão por ele me invadir, um tesão que existe mesmo quando estou com raiva dele.

—Tom — o chamo pelo nome, e ele me encara preocupado.

—Alice, me deixe explicar — ele começa falando baixo. Nego com a cabeça, e ele para, retesando ainda mais a mandíbula. Tom levanta a mão até o nó da gravata, afrouxando-a mais um pouco, e não consigo evitar de olhar para suas mãos

grandes, quentes. Meu corpo me lembra do seu toque, de como ela me esquenta, e então me lembro dele em Pandora, com Antonella, criando ainda mais raiva.

—Não — respondo autoritária. Ele arqueia as sobrancelhas e mantenho a voz firme — Sr. Haltender, estou aqui para pedir minha demissão.

—Não — Tom responde rapidamente, atropelando minhas palavras. Seu não soa como um rosnado, e sua expressão se transforma em desespero, um desespero enlouquecedor — não — ele repete, com os olhos penetrantes em mim.

—Eu me demito, Tom — afirmo novamente, encarando-o séria — como meu chefe, você precisa aceitar a minha decisão.

—Mas eu não posso — ele responde devastado, franzindo a testa.

—Não, Tom. Eu estou pedindo demissão sem aviso prévio, posso perder meus direitos, mas é

uma opção minha. Mesmo se você não aceitar, eu não virei mais — eu afirmo e cada palavra minha parece pesar dentro de mim.

—Alice — ele sussurra, e dá a volta na mesa, caminhando na minha direção com urgência. Dou um passo para trás, levantando as mãos. Não quero que ele se aproxime de mim, mas Tom avança cada vez mais.

—Tom, não se aproxime — falo autoritária, e ele para a alguns passos de mim. Ele cerra os punhos, furioso.

—Você não pode fazer isso, Alice. Me deixe explicar, você irá entender — Tom tenta, e sua expressão é de loucura, como se sua vida estivesse escapando das suas mãos. Nego novamente com a cabeça.

—Eu não quero entender, Tom — respondo.

—Mas eu precisava protegê-la, Alice —

ele começa, franzindo a testa, e fecha os olhos, dando um soco na mesa.

—Não quero suas explicações, Tom — falo exaltada, e respiro fundo — eu posso estar errada em não querer ouvi-lo, mas estou com raiva de você, não quero vê-lo, porque para mim, parece que havia todas as oportunidades para você contar, mas mesmo assim escondeu de mim. Eu não quero mais saber.

—Alice — Tom sussurra me encarando ferozmente. Encaro seus olhos azuis escuros, observando cada detalhe da sua íris, e me lembro de quando o conheci, de como suas mãos me envolveram. Meu corpo clama por sentir novamente, mas eu não quero. Não consigo aceitar o fato de quem o Tom que eu amo, que eu conhecia, levou Antonella para Pandora, quebrando minha confiança.

Fecho os olhos, e respiro fundo.

PERIGOSAS NACIONAIS

—Estou me demitindo. Adeus, Tom — falo firme, e abro os olhos, vendo o desespero surgir na expressão voraz do seu rosto. Essa foi a sua escolha, essa foi sua troca, e eu estou dando suas consequências. Cada jogada dele surtiu um efeito nas minhas jogadas. Ele pode ter pensado que eu não saberia, que isso não resultaria em nada, mas se enganou, e agora estou no controle de mim mesma. Desde de Pandora eu vejo minha vida mais ampla, meu campo de visão sobre mim mesma, sobre todos ao meu redor parecem ter aumentado.

Me viro de costas e caminho firme, ignorando seu olhar intenso sobre mim.

—Alice — ele me chama com a voz rouca, sedutora, mas não me viro. Pego na maçaneta, e abro a porta, saindo. A fecho atrás de mim e encaro Ana, que levanta a cabeça séria, surpresa. Ela arqueia as sobrancelhas ao me ver passar por sua mesa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

—Tchau, Ana, até um dia desses — falo para ela, e olho para Mônica — podemos combinar de fazer algo.

—Você está indo embora? — Ana pergunta assustada, arregalando os olhos. Assinto, parando entre as duas mesas, e respiro fundo.

—Eu me demiti — conto e olho para trás, para a porta. Estou contando os segundos. Estou contando quanto tempo irá demorar para Tom abandonar qualquer autoritarismo e aparência de Sr. Haltender e misturar de vez sua vida pessoal com a profissional. Tento disfarçar um sorriso, mas a raiva, a angustia e tristeza dentro de mim me arrasta para baixo. Não estou feliz por pedir demissão, mas não aguentaria vê-lo e lembrar que ele me traiu com Antonella — vou sentir falta de vocês — murmuro — mas preciso ir. Conversamos por mensagens — falo para elas, que me encaram espantadas.

PERIGOSAS ACHERON

Começo a caminhar em direção ao corredor, sentindo seus olhos em mim, e antes que eu vire, ouço um baque. Paro e viro a cabeça sobre o ombro, fitando a porta escancarada da sala de Tom. Ele está parado no meio, me encarando enlouquecido. Vejo Ana abrir a boca, pasma, e Mônica esconde um sorriso com a mão. Respiro fundo, e encaro o corredor à minha frente, que leva até o elevador. Recomeço a andar, cada vez mais rápido, e alcanço o elevador assim que Tom alcança o corredor, às pressas.

—Alice — ele me chama em tom alto, e as portas do elevador se abrem. Fito sua expressão ansiosa, angustiada, no final do corredor, seus cabelos loiros bagunçados, sua gola totalmente aberta no colarinho e a gravata já sem nó, pendurada ao redor do seu pescoço. Seus lábios se abrem lentamente, e fecho os olhos. As portas do elevador se fecham, e me despeço do andar da sala

de Tom. Não voltarei mais aqui.

O elevador desce e começo a pensar novamente em seu olhar, em sua expressão enlouquecida. E seus olhos me lembram os olhos de espanto quando ele me viu em Pandora, quando ele viu que eu o peguei no flagra. Eu sinto raiva por isso, sinto raiva por ele ter mascarado a situação e nenhum motivo irá mudar isso.

As portas se abrem no térreo e saio. Passo por outros empresários engravatados da empresa, cruzando o grande hall de entrada de mármore branco. As mulheres, a maioria ruivas, transitam com pastas e saltos, e me aproximo da porta de saída.

—Alice — ouço meu nome ecoar no hall de entrada do prédio, e todas as pessoas ao redor param, encarando algo atrás de mim, longe. Merda, merda. Porra. Respiro fundo, e reconheço a voz rouca que chama meu nome. Tom está perdendo a

razão, literalmente.

Dou um passo para frente, observando as pessoas disfarçarem o espanto de ver o dono naquele estado, e evito de olhar para trás. Acelero o passo e cruzo as portas de vidro da saída. O vento joga meu cabelo para o lado, e uma mão agarra meu pulso.

—Alice — Tom rosna transtornado, me virando. O encaro, batendo minha mão na sua camisa social, e o afasto, me livrando do seu toque. Tom franze a testa, como se não fosse deixar eu escapar.

—Me deixe, Tom — rosno de volta, furiosa — me deixe. Vá ver Antonella no hospital, talvez a faça recobrar algum juízo — jogo as palavras contra ele, e Tom semicerra os olhos, me encarando furioso.

—Me deixe explicar, porra — ele rosna furioso, e tenta agarrar meu braço novamente, mas

dou um passo para trás. No instante seguinte me viro, começando a correr. Ouço ele me chamar novamente, e acelero o passo, amaldiçoando o momento em que decidi usar sapatos de salto. Cruzo a rua e paro do outro lado. Respiro fundo, tentando recuperar o fôlego, mas luto contra todas as minhas forças, e evito de olhar para trás. Caminho firme em direção ao meu apartamento, desaparecendo do seu campo de visão.

Eu estou triste, mas também estou furiosa, o que faz com que minhas lágrimas se tornem lágrimas de fúria também, e elas deslizam pelo meu rosto sem pausa. Entro pelo hall do meu prédio, e paro de frente para o porteiro, que me encara assustado.

—Não permita que ninguém entre para me ver, e se insistirem, peço que ligue para a policia — hesito, vendo sua confusão, e emendo — estou sendo perseguida pelo meu ex-namorado

possessivo.

O porteiro concorda imediatamente, murmurando que não hesitará em me proteger. Tento sorrir, mas dentro de mim a amargura me prende, me tortura. Não consigo me sentir feliz, me sinto furiosa, triste.

Subo pelo elevador, sem encarar meu reflexo, porque infelizmente espelhos me lembram Tom, e Tom me lembra a merda que ele fez.

As portas se abrem e caminho firme pelo meu corredor. Pego meu celular dentro da bolsa, vendo chamadas perdidas de Tom.

As pessoas que sabem sobre o que aconteceu são apenas as próximas à mim, e os Lehanster. Contei na faculdade para Dana, que chamou Tom de nomes que nunca ouvi antes. Eva me mandou algumas mensagens pedindo que nos encontrássemos para conversar.

Entro no meu apartamento, fitando a sala

iluminada pelo abajur amarelado ao lado da poltrona, e me lembro de todas as vezes que Tom o invadiu. Merda, dessa vez ele não fará isso.

Tranco a porta e tiro a chave, jogando-a na bancada. Me sento no sofá, largando a bolsa ao lado, e tiro os saltos. Ligo a tela do celular e abro as mensagens de Gabriel. Preciso conversar com alguém que não saiba apenas xingar, como Dana, insistindo que eu conheça outros homens rápido. Preciso conversar com alguém que não tente proteger Tom, como Eva.

Digito uma mensagem para Gabriel.

Gabi, está ai?

Envio e permaneço fitando a tela do celular na penumbra da sala. Me deito no sofá, no silêncio, e desvio meus olhos para o teto. As janelas estão fechadas, deixando o apartamento no escuro. Eu entrei no mundo de Tom, e me sinto confortável, mas já não estou mais com ele. Não é mais o seu

mundo, é o meu mundo também.

Meu celular vibra na minha mão e abro a mensagem de Gabriel.

Estou, infelizmente.

Digito.

Por que infelizmente?

E alguns segundos depois recebo sua mensagem.

Porque preferia estar na cama com alguma gata, entende? Mas estou aqui disponível para uma conversa com minha querida amiga.

E pela primeira vez desde que vi Tom com Antonella em Pandora, um sorriso surge em meus lábios, desaparecendo logo em seguida. Respondo.

Estamos apenas na segunda-feira.

E Gabriel me responde.

Por isso mesmo. Precisa de algum conselho meu?

Fito sua mensagem por alguns segundos, e

fecho os olhos, respirando fundo. Preciso de muitos conselhos, preciso de lembranças novas, preciso esquecer Tom, preciso esquecer a visão de vê-lo com Antonella, preciso esquecer a sensação esmagadora que sinto sobre meu corpo ao pensar que o homem que quis para a minha vida supostamente poderia ter me traído. Me traiu.

Abro os olhos, e digito.

Sim. Eu havia decidido aceitar a proposta de noivado de Tom — começo a digitar, e hesito. Não posso contar sobre Pandora. Continuo — *mas quando fui conversar com ele, o encontrei com uma ex-namorada, e possivelmente com a intenção de me trair.*

Envio, e em segundos recebo uma nova mensagem de Gabriel.

Caralho, Ali. Você está falando sério que aquele bosta iria trair você? É realmente um bosta. Como você está? Não está mais com ele né?

Tudo é uma merda, isso sim. E para a minha tristeza é tudo verdade e não estamos juntos. Fecho os olhos por alguns segundos, e me lembro de vê-lo nu, na segunda vez que transamos. Em como ele me levou para o seu quarto naquela casa e me deitou em seus lençóis, me mostrou seu mundo, seu corpo, seu toque. Seu fogo.

De como ele me conquistou aos poucos, de como ele tentou usar da possessão para me ter, mas precisou se render. De como construímos nossa história, e no final de tudo, de todas as desculpas de ambos os lados, tudo se resultou em sua expressão de devastação ao me ver diante dele e de Antonella. É como se houvesse um véu entre nós agora, e não consigo acreditar que um dia ele tenha confiado em nosso relacionamento como eu confiei, que ele tenha realmente se entregado como eu me entreguei. É como se eu fosse todos os lados de nós, todas as palavras, e Tom deixou a máscara cair

agora. E está na hora de eu aproveitar a mulher liberta que eu sou, graças à tudo, à mim mesma. Está na hora de engolir minhas lágrimas que descem cada vez mais pelas minhas bochechas agora, enquanto fito a tela do celular. Está na hora de deixar a raiva me dominar e tentar seguir.

Respondo Gabriel.

Não. Não estamos mais juntos, Gabi. Não estou bem, mas focarei em mim mesma agora. Espero ver você em breve. Não estarei aqui na próxima semana, quando vier, me comunique que avisarei quando retornarei. Lembra do trabalho que aceitei com aquele fotógrafo famoso, francês? Começaremos semana que vem, e vou para a França. Eu deveria estar feliz por conhecer um lugar que eu demoraria anos para ir, mas no fundo estou triste ainda. Me deseje sorte, Gabi, e espero que não seja como foi a minha primeira sessão de fotos.

Digito, me lembrando de Anya, e um calafrio percorre meu corpo. Envio a mensagem, sem entrar em mais detalhes ao lembrar que Gabriel transou com ela, que ela transa com o próprio irmão. Os Lehanster são perturbadores.

Deito o celular na minha barriga e fecho os olhos, desejando que a semana passe logo, que eu embarque logo e me afaste de Tom, e uma ideia surge nos meus pensamentos. Pego o celular novamente e abro a caixa de mensagem de Augustine. Digito.

Olá, Augustine. Tudo bem? Estive pensando sobre as sessões de fotos para a campanha na França, e gostaria de saber se não teria como antecipar minha passagem para essa semana, para eu poder me adaptar melhor. Irei entender se não for possível. Boa tarde.

Envio. Não estou indo como apenas uma modelo, Augustine me trata como amiga por causa

de Ed e Tom, e talvez por isso eu consiga essa mordomia. Coloco meu celular sobre mim novamente e fechos os olhos. Meu último pensamento são os olhos de Tom, seu maxilar quadrado e seus lábios largos, se inclinando sobre um ombro branco, em um beijo suave. Adormeço sentindo raiva, angustia. Adormeço para fugir da realidade reveladora entre nós.

Acordo com uma vibração sobre mim, e dou um pulo do sofá. Percebo que anoiteceu e um bom tempo se passou desde que dormi. Pego o celular e me sento no sofá. Cinco mensagens de Tom, e antes de abri-las, as excluo. Dez ligações perdidas que são deletadas, uma mensagem de Gabriel dizendo que torce por mim, que está louco para ser amigo e ex-namorado de uma modelo.

E uma mensagem de Augustine.

Faça as malas, minha querida. Posso antecipá-la para quarta-feira, é muito em cima

para você? Minha esposa estará em Lyon para recebê-la no hotel. Sinta-se confortável e preparada. Aguardo sua resposta.

Meu coração, morto desde que vi Tom em Pandora parece ressuscitar, e respiro fundo. Sinto um arrepio pelo meu corpo, me comunicando que consegui o que queria, me afastar.

Meu coração parece saltar do meu peito, indo para a França antes de mim, e sorrio um pouco. França, Paris, Lyon. Estou em vertigem, em uma ansiedade avassaladora por conhecer esses lugares que apenas vi em fotos e filmes. Chega a ser surreal, mas ao lembrar da grande merda de Tom, a realidade se choca contra.

Minhas mãos tremem de ansiedade, de emoção, e a vertigem sobe pela minha barriga, como um frio, me deixando fora de mim mesma. Digito para Augustine.

Estarei pronta antes mesmo de quarta-

feira. Aguardo suas instruções, e desde já agradeço pelo carinho e atenção. Boa tarde.

Envio, e recebo minutos depois uma mensagem de Augustine.

Você é uma convidada, e a trato como tal. Estarei no aeroporto esperando você para embarcá-la em segurança. Logo mandarei o horário.

Meu coração se acelera ainda mais, como se nesse momento se esquecesse de qualquer tristeza por algum tempo. Eu preciso aproveitar minha viagem, não quero ficar amargurada pelos cantos, e manterei minha cabeça erguida.

Sorrio, mesmo sem estar inteiramente feliz, e me levanto do sofá. Caminho firme até o quarto, lutando contra todas as minhas forças para não pensar em Tom, na sua traição e nas lágrimas que ameaçam cair. Me concentro apenas nas imagens da França que vi em filmes e fotos, na minha

realização de conhecer esse país e de dar um passo na minha pequena tentativa de modelo fotográfica, que surgiu sem que eu visse. Não quero sentir tristeza ou raiva, quero apenas focar em mim mesma. Meu coração parece querer ir antes de mim, e sinto todo o meu corpo tremer. O suor frio me mostra o quanto estou ansiosa, nervosa.

Entro no meu quarto e puxo minhas malas para fora do guarda-roupa, fitando minhas roupas dentro dele.

Estarei sendo eu mesma nessa viagem, irei provar para mim mesma que sou inteira, que sou liberta e que sou dona de mim mesma. Que tenho confiança em mim. Que por mais ferida que eu esteja, por mais raiva e tristeza que eu sinta ao lembrar de Tom e o que ele fez comigo, eu posso viver, eu posso aproveitar eu mesma.

Respiro fundo e encaro as malas, vendo mais um passo na minha vida, mais uma distância

entre Tom e toda a merda que aconteceu.

Me viro, e encaro meu reflexo. Meus olhos ferozes, olhos que eu não possuía antes. Confiança que eu não tinha, força que eu sempre tive escondida em mim. Sinto a vertigem aumentar, uma sensação de não estar acreditando em tudo, tanto na parte boa como na parte horrível, na parte que me joga na realidade.

Eu estou indo para a mais nova campanha que farei, sozinha.

Eu estou indo para a França.

ALICE

Estou em Lyon, estou sozinha, mas estou segura, estou confiante.

Encaro o elegante saguão de entrada do hotel luxuoso em que a produção me hospedou, e sinto uma vertigem dentro de mim, uma ansiedade por experimentar algo que nunca viveria antes.

E Tom está longe, muito longe de mim.

PERIGOSAS NACIONAIS

Sofro ao pensar nele, sofro ao lembrar o motivo da nossa distância, mas convenci a mim mesma que não sofrerei aqui. Guardarei toda a raiva dentro de mim e a esconderei dos meus olhos. Esconderei o sofrimento e tentarei evitar de lembrar dos seus olhos azuis, do seu maxilar quadrado, dos seus lábios entreabertos. Merda, que grande porra acontece comigo quando decido não pensar? Eu sei que o caminho do seu rosto me leva à Pandora, naquela noite, e isso me lembra sua intenção de me trair.

Respiro fundo, e abro os olhos. Uma grande escadaria se estende na minha frente, com muitos entalhes dourados. O saguão é elegante demais, uma luxúria exagerada, e observo o topo da escadaria. Eu estou adorando estar aqui, e talvez por esse fato, eu me sinta feliz, por estar longe da minha antiga realidade, e em um lugar que não me lembre Tom.

PERIGOSAS ACHERON

Começo a subir a grande escadaria ao lado de vários hóspedes que também sobem. Cheguei em Lyon ao anoitecer, e desejo apenas deitar na minha cama e dormir. Augustine chegará apenas segunda-feira, e até lá poderei aproveitar do meu jeito, sem horários. Minha estadia e alguns pontos turísticos foram pagos pela produção, além de café da manhã e meu jantar no hotel. Mas essa noite quero apenas descansar, apenas dormir.

Alcanço o topo da escada e caminho por um largo corredor à direita, com paredes grossas, brancas, cheias de quadros grandes com molduras douradas. Vasos de flores e tapetes compridos, vermelhos, fazem parte da decoração, e cada quarto possuí um número e a entrada do cartão magnético.

Paro em frente à porta de número 34 e respiro fundo. Minhas malas já foram levadas para o quarto, e abro a porta. Um quarto de paredes

brancas, uma grande cama de casal branca, e um segundo ambiente dividido por portas de correr de vidro com detalhes de madeira divide o quarto entre a cama e um ambiente para a mesa do café da manhã com uma grande vista para a sacada comprida. Cortinas brancas estão tapando as janelas fechadas, e uma televisão grande está suspensa na direção da cama. Vasos de flores enfeitam sobre a mobília clara, e um grande espelho está ao lado da porta do closet. Ao lado do closet está a porta do banheiro, entreaberta, revelando um banheiro claro com uma banheira gigantesca.

Respiro fundo, espantada, e fecho a porta atrás de mim. O silêncio é reconfortante, e contra minha vontade, lembro que Tom estaria comigo aqui, se não fosse por suas merdas. Não quero pensar se ele já sabe que não estou mais na cidade, que estou longe. Caminho até a cama e me deito de costas, fitando o grande lustre de cristal do quarto,

deixando as paredes amareladas. Pego meu celular e digito para Dana, tentando afastar meus pensamentos.

Já cheguei. Obrigada por me acompanhar até o aeroporto. Adoro você.

Envio, e sorrio. Depois que avisei Dana que viajaria antes, ela praticamente se mudou para o meu apartamento, e tivemos uma grande noite juntas, relembrando algumas conversas. No dia seguinte tive que ir para a faculdade tentar me manter em ordem e negociar sobre minhas faltas nessas três semanas que ficarei longe.

E depois de Dana se manter ao meu lado o tempo todo, embarquei no horário que Augustine enviou para mim. Meu celular vibra nas minhas mãos e abro a mensagem.

E como é aí? Onde hospedaram você?

Meu coração acelera ao pensar onde estou, o que estou fazendo, a mudança radical da minha

vida. Nunca me imaginaria hospedada em hotel de luxo em Lyon, e agora estou aqui, como se pudesse me bancar tranquilamente. Mordo o lábio, e sorrio, digitando para Dana.

É outro mundo, ou melhor, é o mundo que não é fácil de pagar, mas é bem confortável. Meu quarto aqui é do tamanho do meu apartamento, e queria que você tivesse vindo junto.

Envio, e me sento na cama. Percorro o quarto com os olhos, e uma grande ideia invade minha mente, algo que sempre quis fazer. A vertigem aumenta, subindo pela minha barriga com um frio, e tiro os sapatos, caminhando até o banheiro. A ansiedade faz meu corpo arrepiar, e ligo as luzes esbranquiçadas do banheiro. Um grande espelho está atrás da pequena pia de cerâmica. Um tapete branco se estende por todo ele, e a banheira oval deixa claro que cabe cinco de mim. Olho para o lado e vejo velas, exatamente

como quero. Volto para o quarto e pego o telefone do hotel. Disco para a recepção e peço um vinho, um em conta, digamos, e pego meu celular novamente sobre a cama. Uma mensagem de Dana.

Então aproveite, porque se você se dar bem, talvez tenha mais disso, e no próximo eu com certeza irei acompanhar você.

Sorrio, e ouço o serviço de quarto. Me levanto, descalça, e abro a porta. Recebo a garrafa de vinho com uma taça, exatamente como pedi, e volto a me sentar na cama. Mais uma mensagem de Dana. Franzo a testa, curiosa, e abro.

E Ali, eu não queria tocar nesse assunto novamente. Sabe que por mim podemos nunca mais falar dele, mas preciso avisar que enquanto você estava no voo, Tom me procurou. Ele estava bem transtornado, se é que posso definir o estado dele. Pelo que entendi, ele entrou no seu apartamento e viu parte do seu guarda-roupa vazio. Ele veio me

procurar, Ali, insistindo em querer saber onde você estava, mas apenas bati a porta do meu apartamento na cara dele. Não contei que você já viajou, mas acho que Tom logo descobrirá.

Abro a boca, sem acreditar, mas era certo que Tom logo saberia. Mas estou longe dele, longe das suas mãos, de qualquer tentativa. Largo o celular na cama, sem responder Dana, e tiro minha roupa, ficando nua. A deixo sobre a cama e caminho até o banheiro, sentindo o piso entre os tapetes gelado. Ligo a banheira e despejo alguns sais. Acendo as velas lentamente, e as coloco perto da banheira. Sinto a água morna na minha mão, e olho para os lados. Vejo na bancada do quarto revistas, e decido pegar uma para me distrair. Quero relaxar, quero aproveitar

Pego a revista, encho uma taça de vinho e volto para o banheiro. Levanto uma perna e a coloco dentro da banheira, entrando. Sento na

banheira, deixando a água cobrir meus seios, morna, e sinto a tensão do meu corpo diminuir. Respiro fundo, e fecho os olhos por alguns segundos. Não consigo imaginar como será a próxima semana, nem o dia de amanhã, porque é tudo tão novo, tão irreal.

Abro os olhos, com a cabeça apoiada na borda da banheira, e estendo o braço, pegando a revista. Deixo meus cabelos se molharem, e ergo a revista na minha frente, folheando-a. Fofocas sobre pessoas famosas, sobre festas e mídia. Continuo folheando, lendo assuntos corriqueiros de fofoca, me distraindo, e assim que chego na metade da revista, viro uma folha. Um grande título de reportagem parece gritar contra meus olhos: Os solteiros mais cobiçados do patamar dos bilionários.

Paro de folhar, e leio novamente o título, sentindo meu coração, que também estava

aproveitando a banheira, acelerar novamente, enlouquecido, e um arrepio percorre meu corpo, tremendo minhas mãos. Respiro fundo, e tento lutar contra a vontade de virar a folha, mas minhas mãos me traem, mais ágeis, e viro uma folha. A foto de um japonês aparece, com um grande texto ao lado, explicando sobre sua nova tecnologia. Respiro fundo, e começo a me xingar mentalmente. Sou realmente burra, talvez Tom nem esteja nessa lista. Ele é desse patamar? Não, ele provavelmente não esta.

Mas não quero mais virar folhas, porra, e contra minha vontade, minha curiosidade me faz virar mais uma folha. A foto de um árabe aparece com a frota de iates e um texto sobre petróleo. Relaxo novamente, sentindo meu corpo se acalmar, meu coração diminuir as batidas, e respiro fundo. Sinto a água morna sobre o meu corpo, e olho ao redor, para o gigantesco banheiro com plantas

grandes em vasos compridos, brancos, tudo muito sofisticado. Volto a fitar a revista e viro a folha, sem interesse. Desvio os olhos da página para o espelho, mas vejo de relance dois olhos azuis escuros. Lentamente volto a encarar a página, e porra, é a foto de Tom.

Tom está sério me encarando, com seus olhos ferozes, e seu nome, Tom Haltender está estampado abaixo da sua foto. Merda, que grande porra. Por que eu peguei essa revista? Desde quando Tom aparece em revistas? Talvez sempre, mas eu nunca me importei de pegá-las para ler. Encaro seus olhos novamente, e vejo que a foto não é apenas de um empresário como foi do japonês ou do árabe. Ele está sem camisa, posando para a foto.

E minha curiosidade continua maior, e mesmo com raiva, triste com ele, leio o texto, sentindo minha raiva aumentar. Tom é descrito como um jovem promissor ao herdar os

empreendimentos do falecido pai. É citado como um homem da noite, mulherengo e com festas escandalosas. Uma nota diz que ele atualmente estava em relacionamento com uma mulher anônima, uma aspirante a modelo, e vejo meu nome escrito. Arregalo os olhos, espantada, e a nota continua sobre como ele está novamente solteiro, sendo visto na companhias do herdeiro de uma empresa de carros de corrida e um outro herdeiro de um homem ligado à alta tecnologia.

Respiro fundo, e continuo a ler. Tom é descrito como um bilionário que a cada dia investe mais, se expandindo no empreendedorismo. Com vinte e sete anos, é um dos solteiros cobiçados, tendo um caso antigo com uma francesa famosa. Arregalo os olhos. Antonella é famosa aqui? Merda. Encaro os olhos azuis escuros de Tom na revista novamente, sentindo a agonia preencher meu corpo, como se nem a água morna da banheira

resolvesse, e fecho a revista, molhando-a. Jogo no chão do banheiro e fecho os olhos, tentando não pensar mais nele, tentando relaxar. Parece que seu nome está me perseguindo, parece que tudo me lembra a merda que ele fez. Parece que o ar que eu respiro é ele, como se ele estivesse envolta de mim, me agarrando com seus braços para eu não conseguir me afastar, mesmo estando em outro país.

Porra, pare de pensar, não quero mais lembrar dos seus olhos. Tento me concentrar na água morna e abro os olhos. Estendo o braço e pego a taça de vinho que deixei ao lado da banheira. Tomo um longo gole fitando o grande espelho do banheiro, e esse me lembra o seu narcisismo.

Fecho os olhos novamente, e tento não pensar mais, passando mais alguns minutos dentro da banheira. Saio e visto um robe branco, colocando minhas pantufas que trouxe na mala.

Encho novamente uma taça de vinho e deito na cama. Pego o controle e ligo a televisão. Não sinto fome agora, e provavelmente dormirei sem comer. Puxo o celular para o meu lado, e vejo uma mensagem de Gabriel.

Como é ai?

Quando contei para Gabriel que iria mais cedo, ele ficou muito feliz por mim, e exigiu que eu trouxesse algum presente para ele, de preferência uma francesa. Sorrio, e ergo o celular, tirando uma foto minha deitada. Envio para ele, e digito.

Estou muito confortável.

Envio, e recebo uma mensagem minutos depois.

Vamos voltar a namorar? E como seu namorado, eu posso acompanhar você de graça também.

Começo a rir, depois de tanta tensão. Gabriel é uma graça. Respondo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu ganho de graça, se você for meu namorado, terá que pagar até as passagens.

Envio, e olho para as portas de correr abertas. Me levanto da cama e passo por elas. Abro as grandes janelas da sacada, e saio, apoiando minhas mãos no parapeito. Estou no segundo andar do hotel, e as luzes são intensas. Barulho de carros, motos, uma cidade fervilhando em pessoas, luzes, sons, sirenes. Meu coração parece acelerar, e começo a observar o estilo afrancesado das construções, os arabescos, as cores mais acinzentadas, as ruas antigas, ruelas. É como se agora eu realmente caísse na real que estou aqui, e começo a olhar os carros nas ruas, acelerando. Uma curiosidade me invade, uma ansiedade por mostrar que tudo isso é real. Eu quero conhecer a cidade, eu quero conhecer as pessoas, quero esquecer o que passou e ver o que a França é, mostrar para mim que eu realmente estou aqui.

PERIGOSAS ACHERON

Hoje ficarei no hotel, mas amanhã quero conhecer Lyon. Entro novamente, fechando as janelas, e deito na cama. Pego o celular, vendo uma mensagem de Gabriel.

E falando em ex-namorado, como você está?

Mordo o lábio, lendo novamente a mensagem de Gabriel. Digito.

Não quero mais pensar, nem falar sobre ele, Gabi. Me conte sobre você.

Envio, e largo o celular no criado-mudo ao lado. Entro embaixo das cobertas, fitando a televisão passar um filme de aventura, e começo a mudar os canais. Deixo em um filme de comédia romântica, sem interesse em assistir. Estou cansada, não estou conseguindo refrear meus pensamentos, e fecho os olhos, mergulhando a cabeça no travesseiro. Adormeço, e a última lembrança que tenho é seus olhos azuis, dentro da

empresa.

Acordo com um pouco de claridade entrando pela minha janela, e me espreguiço entre as cobertas. Pego meu celular, um pouco perdida no horário, e vejo que é dez horas da manhã. Um novo dia me espera, e minha intenção é me perder em turismo. Me levanto e tomo um banho rápido. Visto uma blusa de mangas finas, uma calça jeans e um tênis confortável. Pego minha bolsa e desço. Paro rapidamente para tomar um café da manhã do hotel, e verifico meu celular. Duas mensagens de Dana pedindo que eu mande fotos, e uma mensagem de Gabriel contando sobre sua aventura amorosa com a professora da faculdade. Rio, sem conseguir acreditar em Gabriel, e assim que termino o café, pego um roteiro para fazer.

Saio do hotel, sentindo o vento fresco nos meus cabelos, bagunçando-os. Coloco as mãos na cabeça tentando abaixá-los, sentindo o sol fraco

sobre mim. Olho para os lados, me sentindo extasiada por estar aqui, e pela primeira vez, Tom não está nos meus pensamentos.

Lyon é conhecida como uma cidade gastronômica, e como eu não vou deixar passar, decido começar meu turismo no Les Halles de Lyon, o mercado gastronômico oficial da cidade. Pego o metro para a parada mais próxima, na Place Gichard. Desço e começo a caminhar algumas quadras. Com meu celular começo a tirar fotos das ruelas, das construções históricas, diferentes de tudo o que já vi. Percebo o sol à pino, e sei que preciso encontrar algum lugar para almoçar.

Paro em frente ao mercado de Lyon, encarando-o encantada.

Entro, surpresa com seu tamanho, com a variedade de comidas nacionais, vinho, doces, pães, muitas variedades de queijo, linguiça, frango. Observo alguns restaurantes e decido entrar em um

para almoçar. Pego meu celular, e enquanto almoço, tento me distrair trocando mensagens com Dana sobre Lyon, e ela me conta sobre Carlos.

Acabo meu almoço, e decido não comprar nenhum queijo ou outra variedade de comida. Antes de ir embora voltarei para comprar.

Saio do mercado, e tiro novamente meu roteiro da bolsa. Hoje quero chegar no hotel apenas fim de tarde para descansar, me distraindo o tempo todo. Meu segundo destino será ver os famosos Mur Peinte des Canuts. O mais famoso é o pintado de 1987, fazendo parte da revitalização do bairro Croix-Rousse. Volto para o metro, e desço no bairro Croix-Rousse. Começo a caminhar devagar pelas ruas, olhando ao redor, com um grande sorriso no rosto e o vento jogando meus cabelos para frente, me impulsionando. Estou em Lyon e me sinto tão viva. É como se eu estivesse dentro de um sonho e visse todas as cores do dia, o azul claro

do céu acima, o sol, as ruas acinzentadas e as pessoas passando por mim. Meus olhos se focam na atração que eu estou procurando, e os arregalo, surpresa. A sensação de ver o muro é como se ele estivesse em três dimensões, formatos diferentes, alturas diferentes, como se não fosse apenas uma pintura. Uma ilusão de ótica. Me sinto perdida dentro de Lyon, perdida em surpresa e emoção.

Sinto o vento fresco das árvores ao redor baterem no meu rosto, jogando meu cabelo novamente, e respiro fundo, encarando cada detalhe da pintura. Meu coração parece saltar do meu peito e escalar o muro, como se ele precisasse ver para crer. Começo a tirar fotos com o meu celular, e envio para Dana e Gabriel. Meu sorriso parece aumentar cada vez mais, e permaneço parada. Estou com a cabeça erguida, ainda sem conseguir parar de olhar os detalhes da pintura, me perguntando como foi feito. Perdida em horário,

acredito que tenha se passado mais de quinze minutos em que estou parada, e olho para o celular. Volto a caminhar em direção ao metrô, indo para o terceiro ponto turístico e o último do dia.

Entro no metrô e vou até Vieux Lyon. Desço e entro pelas ruelas, sentindo a atmosfera mudar. Parece que entrei em uma cidade medieval, com ruas estreitas, impossíveis de transitar um carro, ruelas de paralelepípedos. É a parte velha da cidade, uma parte medieval, antiga, deixando claro como era Lyon antigamente, e a sensação é de retornar ao passado. Começo a caminhar pelas ruas, levantando a cabeça para olhar as construções, encantada, sem conseguir esconder o sorriso. Meus olhos percorrem por tudo, e me sinto ainda mais extasiada.

Me perco propositalmente nas ruas estreitas, ouvindo o francês ser falado fluentemente por grande parte das pessoas. Olho para cada

construção, cada detalhe, e começo a parar em lojas, comprando pequenas lembrancinhas para Dana, Gabriel, e por incrível que pareça, compro uma para Eva. Ouço uma música de violino ser tocada ao longe, e começo a procurá-la. Dobro esquinas, e vejo um músico de rua tocando violino. Uma roda de pessoas está ao entorno dele, escutando. Me junto à multidão, fascinada. Vejo um café na esquina próxima, com mesinhas brancas, redondas, e me dirijo para lá. Sento na mais próxima ao músico de rua, e peço um café, sem conseguir parar de ouvi-lo. Estou encantada por estar aqui, por estar vivendo esse momento e esquecer de todo o resto. A tarde transcorre rápido demais, e volto a me perder em pequenas lojas. Deixo os museus para outro dia, e quando vejo o sol abaixar lentamente, volto para o metrô. Retorno para o hotel, satisfeita pelo dia, e a sensação de cansaço é reconfortante. Subo até o meu quarto e

entro. Meus olhos percorrem o quarto e vejo que algo está errado. Algo está muito errado.

A cama está feita, tudo está organizado, mas em cima de uma bancada está dúzias de rosas vermelhas. Em cima da cama, forrando-a, estão mais rosas vermelhas. No chão, ao redor da cama, mais rosas vermelhas. Em cima da mesa no outro ambiente, mais rosas vermelhas. Meu quarto está forrado de rosas vermelhas. Franzo a testa, e por mais que eu suspeite de quem seja, tento me convencer que pode ser de Augustine me dando boas vindas. Fecho a porta atrás de mim, com o resto do sol entrando pela janela, iluminando os vidros, as paredes e o rodapé do chão. Largo minha bolsa na pequena poltrona estilo francesa, onde também estão rosas vermelhas, e caminho até a bancada, com o celular na mão, pisando em rosas vermelhas. Ao lado, no balcão, um cartão vermelho. Franzo a testa, sentindo meu coração

acelerar ainda mais, se é possível no dia de hoje, e um suor frio surge, me lembrando a sensação de tremor. Estou sem fôlego pelo passeio, mas também por saber de quem é. A raiva e tristeza me invade novamente, e mesmo cansada, decido ler.

Abro a carta, sentindo o sol sob meu ventre. A luz amarelada do quarto ilumina ainda mais, e respiro fundo, vendo uma caligrafia familiar.

Alice, como você está? Sei que não está atendendo minhas ligações nem respondendo minhas mensagens, mas preciso falar com você, e esse foi um dos jeitos.

Eu preciso de você.

Não faça isso comigo, não desapareça da minha vida sem dar alguma informação. Precisei ligar para todos os hotéis de Lyon para descobrir onde você estava. Você sabe o estado que me deixou quando eu descobri que você não estava mais no seu apartamento, que havia viajado antes?

Você está ainda mais longe de mim do que imaginei, e não suporto isso. Preciso de você.

Sei que não me considera mais seu namorado, e em parte eu entendo isso. Mas preciso me explicar, me deixe explicar, Alice. Me deixe ir até você para conversarmos, porque não suporto não ser mais nada seu, e não quero aceitar que você não é mais minha, porque a ideia de não tê-la nos meus braços, dentro deles, é agonizante. Me deixe ir até você.

Cada rosa era para significar o quanto estou pensando em você, mas não pude enviar mais porque não foi permitido, então as que estão no quarto são apenas uma pequena parcela do que penso em você. Eu preciso de você.

Estarei sempre com meu celular, e se uma vez sequer pensar em me ouvir, me mande uma mensagem, me mande algo, e irei até você.

Amasso a carta, sem acabar de ler, e a jogo

no chão. Estou furiosa por sua tentativa de se comunicar comigo, de se tornar presente em um dia que eu consegui parar de pensar nele. E estou triste porque ao pensar nele, também me lembro o motivo. Olho ao redor para as rosas espalhadas, e fecho os olhos. Tom sabe onde estou, me perseguiu, de certo modo, mas não irei responder.

Caminho até o telefone do quarto e ligo para o serviço de quarto. Peço para eles retirarem as rosas do meu quarto, todas. Troco de roupa, colocando uma calça jeans mais escura, uma blusa de alças solta, vermelha, e uma sapato de salto baixo, e saio do quarto. Voltarei apenas quando tudo tiver sido tirado, e até lá, ficarei no bar do hotel.

Desço até o bar, um elegante ambiente amadeirado, feito de madeira escura, com luminárias amareladas. Sento em uma banqueta no balcão e peço uma taça de vinho. Coloco o celular

na minha frente e abro uma mensagem de Gabriel.

Como foi hoje?

Gabriel parece ter adivinhado. Digito uma resposta.

A tarde estava sendo maravilhosa, até entrar no quarto do hotel e encontrá-lo recheado de rosas de Tom.

Envio, furiosa e triste ao lembrar disso, e digito ainda mais rápido.

Além de uma carta.

Envio, fitando a tela do celular.

—A moça está muito furiosa? — ouço uma voz grossa, com um sotaque francês, ao meu lado. Levanto a cabeça em um susto, e encontro um homem moreno sentado ao meu lado, com um grande sorriso — Prazer, sou Louis.

Encaro o homem por alguns segundos, receosa, sem interesse de incentivar seu assunto. Mantenho uma expressão distante, e viro o rosto. O

garçom serve meu vinho e pego a taça, pronta para sair do bar.

—Esse vinho que escolheu é bom, mas eu poderia recomendar um melhor — o homem insiste —- bons vinhos ajudam a passar a raiva, ainda mais se for uma raiva amorosa — ele diz, puxando o sotaque francês ainda mais. Respiro fundo e me levanto da bancada, dando as costas para ele — ei — ele me chama, mas o ignoro. Poderia até dar uma oportunidade de conhecer alguém, mas nesse momento, com meu humor, estou furiosa ainda. Começo a caminhar, e ouço ele se movimentar na bancada — colegas de trabalho precisam se dar bem. Desculpe se não me apresentei direito, apenas quis pregar uma peça em você.

Paro, franzindo a testa. Como assim, colegas de trabalho? Me viro lentamente, com a taça de vinho na mão, e fito o homem de pé na

minha frente, de costas para o bar e balcão feito de madeira escura, luzes amareladas e detalhes em dourado, sofisticado. Seus olhos são azuis claros, e seu cabelo é escuro. Franzo ainda mais a testa, encarando seu olhar brincalhão. Ele está vestido com uma camisa social branca, aberta no colarinho, e calça jeans escura.

—Colega de trabalho? — pergunto curiosa e ele sorri ainda mais.

—Augustine me contou que uma das modelos também estava hospedada aqui, e pelo seu sotaque, seu jeito, acreditei que fosse você — ele explica, se mostrando mais cortês — e pelo que ele me falou, você é uma convidada, diferente das outras modelos, por isso está aqui.

O encaro por alguns segundos, percebendo sua educação, e estendo a mão.

—Muito prazer, Alice — murmuro, e ele sorri, apertando com força a minha mão.

PERIGOSAS NACIONAIS

—O prazer é meu, Louis Du Valle, seu futuro colega de trabalho — ele responde de volta. O encaro um pouco sem graça por ter destratado-o antes.

—Por que não disse logo isso? — pergunto direta, e ele abaixa a cabeça, dando risada.

—Na verdade vi sua cara de brava e quis provocá-la — ele responde ainda rindo, e estende o braço na direção das banquetas — sinta-se a vontade para se sentar novamente comigo.

Hesito, encarando o balcão do bar com a taça na mão, e me lembro do meu quarto transbordando em rosas. Dou um passo na direção do balcão, Louis caminha e se senta, me esperando. Sento ao seu lado, e o encaro, bebendo um gole do vinho. Ele faz um sinal para o garçom e pede um uísque, voltando a me encarar.

—Augustine me contou que estaria aqui antes de segunda-feira, e como todos os outros

ficaram hospedados em outros hotéis, pensei em tentar me socializar com você — ele diz sorridente.

—Você não é daqui? — pergunto, percebendo o sotaque francês, além do seu nome. Ele assente, bebendo uísque.

—Sou de Paris, e como também sou amigo de Augustine, ele sugeriu esse hotel — ele explica, arqueando as sobrancelhas — mas não imaginei que você seria tão brava — ele diz, enfatizando o tão brava. Rio, negando com a cabeça, mas meu sorriso desaparece ao lembrar o motivo. Encaro a taça na minha frente.

—Digamos que eu tenha motivos para ficar assim — murmuro.

—Então realmente acertei no meu palpite de antes? — ele pergunta direito, arqueando as sobrancelhas. Franzo a testa, sem lembrar, e o encaro confusa — raiva do namorado? — ele me lembra.

PERIGOSAS NACIONAIS

Reteso a mandíbula e respiro fundo, negando com a cabeça.

—Ex-namorado — murmuro, voltando a encarar a taça — ele apenas encheu meu quarto com rosas.

—E então por que você não volta com ele? — Louis pergunta, e eu o encaro séria. Eu poderia ficar quieta, poderia guardar só para mim, mas eu não irei mais ver esse homem depois dessa campanha, e quem eu sou para ele, além de uma mulher aspirante a modelo, como aquela merda de revista disse?

—Porque — hesito, e tomo um longo gole de vinho, em silêncio.

—Ele traiu você? — Louis pergunta direito, sério, bebendo mais uísque, e o encaro intensamente.

—Não — respondo firme — o problema não é esse. O problema é que ele planejou tentar me

trair, e talvez trairia se eu não tivesse pegado-o no flagra. Não importa se ele chegou a me trair ou não, mas sim o fato dele ter pensado em fazer.

—E agora ele está tentando reconquistá-la? — Louis pergunta, e assinto, voltando a tomar meu vinho.

—Tom Haltender é — hesito, encarando o balcão de madeira escura, avermelhada, com o brilho do verniz — é complicado.

Ouço uma risada ao meu lado, e encaro Louis, que começa a rir incrédulo.

—Seu ex-namorado é Tom Haltender? — ele pergunta, e para de rir, me encarando. Arregalo os olhos, curiosa.

—Sim, por que? — pergunto sem entender, me virando um pouco mais para o lado. Louis nega com a cabeça.

—Não conheço o cara em questão, apenas o nome, e pelo que já li, imagino que você pode ter

sido já traída sim, Alice, sem querer dar notícias tristes — Louis fala, e respiro fundo. Que merda, a antiga fama de Tom ainda permanece para quem não o conhece, e depois do que fez, ficando solteiro, talvez até aumente.

—Não é bem assim — murmuro — ele mudou.

—Ele não é ex de Antonella Dellante? — Louis pergunta, me interrompendo, curioso. Reteso a mandíbula, furiosa ao ouvir esse nome, e o encaro.

—Daquela louca? — pergunto irônica — sim.

Louis começa a rir, balançando a cabeça.

—Se é louca eu não sei, mas ela é bem falada aqui, desde seus negócios lucrativos para o país, como suas doações milionárias para as entidades. Ela é praticamente uma das mulheres mais famosas aqui — Louis tenta me explicar, mas

nego com a cabeça.

—Não estou interessada em saber sobre ela — o interrompo um pouco ríspida — não estrague a França para mim.

Ele começa a rir novamente, e seus olhos descem pelo meu corpo. Viro o rosto, e peço mais uma taça de vinho.

—Como você conheceu Augustine? — ele pergunta, demonstrando interesse. Pego a nova taça e tomo um gole, voltando a fitá-lo.

—Como você pode perceber, não sou realmente uma modelo profissional como você ou todos os colegas da campanha. Eu apenas aceitei a proposta de — hesito, e me lembro de Ed, da sua loucura em Pandora. Onde ele está agora? Como ele está? — de um amigo, e depois disso, eu conheci Augustine e sua esposa em uma festa — pauso, vendo sua expressão satisfeita — e você?

Louis passa uma mão nos cabelos, e olha

para o copo de uísque.

—Todas as minhas parcerias com Augustine sempre foram bem sucedidas, e depois de uma viagem para Dubai juntos, nos tornamos amigos. Eu estava em Dubai quando ele me contratou para essa, e eu não pude recusar — Louis sorri, erguendo o copo — eu normalmente trabalho com ele sempre que posso, gosto do seu jeito.

—Não consigo imaginar como será — respondo franca, e Louis sorri.

—Você irá gostar — ele murmura.

—Senhorita — ouço uma voz com sotaque francês atrás de mim, e me viro, encarando um funcionário do hotel. Em suas mãos um grande buque de rosas vermelhas. Arregalo os olhos, sabendo o significado — estão chegando buquês de rosas para a senhorita a cada meia hora, e fomos instruídos a trazê-las até.

Levanto a mão e o interrompo.

—Leve-as daqui, e a cada buquê que chegar, dê para alguém ou o jogue no lixo — ordeno, furiosa, e antes que eu o impeça, Louis agarra o buquê, tirando da mão do funcionário.

—Dê para mim — ele murmura, e o funcionário assente, se virando de costas para nós e indo embora. Encaro Louis furiosa.

—Se você não quer mais nada com ele, me deixe ficar com as rosas. Posso precisar delas durante a noite — ele explica, e balanço a cabeça.

—Acho que vou subir — murmuro, e Louis franze a testa, me encarando.

—Você está em uma noite de Lyon, e não irá aproveitá-la? — ele pergunta fingindo surpresa.

—Na verdade não. Aproveitei Lyon de dia — murmuro um pouco rude, e ele nega com a cabeça.

—Aproveitou de dia porque não conhece nossas festas. Venha, vou levá-la em uma — ele

diz, e o encaro séria, receosa, deixando claro que não quero nada. Louis levanta as mãos, deixando o buquê no balcão — como colegas de trabalho, sem interesse algum, eu apenas gosto de mostrar meu país, meu povo, para estrangeiros.

Hesito, encarando-o, e sei que se eu subir agora, ficarei a noite inteira pensando em Tom, e por mais que eu não conheça quase nada desse Louis, eu posso me virar. Nunca fiz algo assim antes, mas também nunca fui assim antes. Está na hora de arriscar.

—Apenas por algumas horas — murmuro — e depois volto para o hotel.

Louis sorri satisfeito, e assente.

—Apenas para você conhecer — ele murmuro, e me levanto. Louis faz o mesmo, e tira uma nota para pagar as bebidas. Paro sua mão na metade do caminho e pego minha bolsa.

—Não quero que você me pague — falo

autoritária, e ele me encara surpreso.

—Se você insiste — ele ri, pegando uma nota menor e pagando seu uísque. Eu pago meu vinho e o sigo até a saída do bar. Caminho ao seu lado, percebendo estranhamente as pessoas olharem para nós.

—Por que estão encarando tanto você? — murmuro ao seu lado, curiosa, saindo do hotel com ele. Sinto o vento quente do verão da França, e Louis me conduz pela calçada. Ele ri, e me encara.

—Você não conhece nada sobre moda muito né? — ele pergunta retoricamente — digamos que eu faço bem meu trabalho, Alice, e sou reconhecido por isso.

—Você é famoso? — pergunto, me sentindo incrivelmente burra. Ele ri, assentindo, e para em frente à um Corvette antigo, preto. Louis abre a porta para mim, e esse gesto me lembra Tom. Respiro fundo, tentando não pensar mais, e

entro no carro. Louis senta ao meu lado em seguida, ligando-o e o acelerando.

—Vou levar você para o Since the Cavern — ele afirma, e franzo a testa. Ele percebe minha curiosidade e começa a rir, aumentando o volume da música. Olho para frente, para as milhares de luzes de Lyon, da cidade apinhada de gente em carros, indo e vindo, como se ninguém nunca dormisse — é uma festa subterrânea, dentro de uma caverna.

—Dentro de uma caverna? — pergunto retórica, achando um pouco estranho, mas de certa forma curioso. Louis assente, e começa a me explicar sobre o lugar. Ouço atenta, ouvindo seu sotaque forte, e começo a rir com ele. Algum tempo depois, ele estaciona o carro dentro de um estacionamento, me avisando que chegamos. O acompanho até a entrada, e assim que entramos, percebo a quantidade de pessoas, algumas sentadas

em mesas de pedra, outras na pista apinhada, dançando. Louis agarra minha mão e me puxa para a pista. Sou guiada por ele, vendo algumas cabeças virarem para nós, reconhecendo-o.

— Louis — grito seu nome no meio das pessoas, com a música do DJ alta demais. Ele sorri, e aproxima o ouvido da minha boca.

—Diga — ele grita, e rio, negando com a cabeça.

—Você não consegue ser anônimo em nenhum lugar? — pergunto, vendo algumas mulheres encarando-o. Ele sorri para mim, dando de ombros.

—Eu não me importo — ele responde, e me puxa para o meio da pista, começando a dançar na minha frente. O encaro por alguns segundos, vendo sua expressão de prazer, sem realmente se importar com as pessoas ao redor. Começo a dançar também, sem me importar inclusive com ele. Fecho

os olhos, na penumbra da festa, vendo a claridade das luzes coloridas, piscantes, através da minha pálpebra, e começo a dançar conforme a música alta, deixando-a me levar.

Não sei quanto tempo se passa, mas sei que foi o suficiente para Louis e eu ficarmos bêbados, dançarmos até nos sentirmos cansados, e depois de tentar acompanhá-lo mais, me aproximo dele, ainda na pista lotada.

—Louis, estou cansada, adorei a noite, mas acho que irei embora — grito no seu ouvido, para ser ouvida. Ele me encara por alguns segundos, e assente.

—Vamos, eu levo você — ele sugere, e nego com a cabeça.

—Não precisa — tento dizer, mas ele sorri.

—Eu trouxe você aqui, e se você gostou, deixará que eu a leve embora — ele contra-

argumenta. Vejo sua expressão insistente, e aceito.

—Está bem, você venceu — grito para ele, e Louis sorri satisfeito. Ele me guia entre as pessoas, e saio do lugar atrás dele. Entro no carro, sentindo o vento da madrugada ainda mais frio, e Louis dirige rápido pelas ruas ainda movimentadas.

—Você é divertida — ele diz para mim, rindo, e nego com a cabeça.

—Você até que não é tão mau quanto eu pensei — falo irônica, levando-o na brincadeira. Louis começa a rir, me contando sobre uma outra vez que foi nessa festa. Ele passa o caminho todo falando, e eu apenas o escuto, observando as luzes dos prédios, dos carros, observando a movimentação constante, me deixando ciente que estou em Lyon, e seu sotaque me deixa ciente que eu estou com Louis, mesmo não sabendo realmente quem é, mas assim que eu chegar no hotel, pesquisarei sobre quem é meu guia das festas

noturnas.

Louis estaciona o carro em frente ao hotel, e desce. Vejo ele tirar o blazer do banco de trás, e contornar o carro. Saio antes que ele abra a porta para mim, evitando mais uma lembrança, e ele para ao meu lado, sorridente.

—Você está com frio — ele diz educado, e coloca o blazer sobre os meus ombros. Sinto um pouco de receio, encarando-o, mas em nenhum momento durante a noite ele deu em cima de mim ou insinuou algo, assim como eu deixei claro o tempo todo a minha falta de interesse amoroso em relação à ele. Aceito seu blazer, e sorrio, caminhando ao seu lado para dentro do hotel.

—Obrigada — murmuro.

—Também sou cavalheiro, além de um guia das festas noturnas como você me chamou — ele zomba, e dou risada com ele, subindo a escadaria do hotel. Paro no meu andar, e ele para na

minha frente — adorei conhecer você. Amanhã, se eu não tiver compromisso — ele hesita, arqueando as sobrancelhas — nem você, ficarei honrado em ser seu guia novamente.

Sorrio, agradecida, e devolvo o blazer.

—Vou me decidir se deixo você servir de guia mais uma vez — falo sorrindo, e ele me abraça educadamente.

—Boa noite, Alice — ele sussurra no meu ouvido, e se afasta. Me viro lentamente, caminhando pelo corredor, e levanto uma mão, acenando.

—Boa noite — murmuro, e dou as costas para ele. Paro em frente a porta do meu quarto, e entro, fechando-a atrás de mim. Estou cansada, e me diverti muito, mas mesmo assim, Tom não saiu dos meus pensamentos. Ele se escondeu durante a festa, mas agora aqui no quarto, limpo, volto a vê-lo na minha mente. Vou até o banheiro e ligo as

luzes, me encarando no grande espelho. Me sinto um pouco bêbada, e tiro a roupa, ligando a ducha. Entro embaixo, tomando um rápido banho, tentando parar de pensar nele, em como tudo aconteceu.

Começo a pensar novamente em Lyon, em como estou experimentando uma vida que nunca tive antes, e de como estou deslumbrada com isso.

Saio do banho e visto uma camisola, deitando embaixo das cobertas. Pego meu celular e olho para a hora, percebendo que está quase amanhecendo. Não imaginei que iria dormir essa hora, mas nunca imaginei tudo o que já aconteceu comigo.

Coloco despertar para não acordar tão tarde, deixando para responder as mensagens de Dana e Gabriel no dia seguinte, e esqueço de pesquisar sobre meu guia, não que fosse realmente importante ou do meu interesse.

Fecho os olhos, sentindo um cansaço no corpo muito bem vindo, deixando claro que dormirei sem passar a noite em claro pensando no que ainda sinto, na tristeza e raiva.

Adormeço, e a última lembrança antes de dormir é a sensação de estar dentro de um grande sonho, mas sentindo falta de braços quentes, de lábios desejosos, sem dois olhos azuis escuros, ferozes, me penetrando como se precisasse de mim para viver.

BÔNUS – TOM

Abro os olhos, pela décima vez essa madrugada, sentindo meu corpo pesado, e porra, minha cabeça lateja por causa de mais uma garrafa de uísque vazia. Meu apartamento fodido nem parece mais o mesmo, é como se eu o tivesse destruído sem encostar nos móveis. Ele era tão meu, tão frio e sem envolvimento antes que eu deixasse Alice entrar nele, mas depois parece parte dela. Eu sinto seu cheiro nesses travesseiros abaixo da minha cabeça, e inspiro ainda mais, desejando

sentir cada vez mais seu perfume.

Estou tão ferrado com essa situação, com a sensação de perda, que não consigo mais dormir, não consigo funcionar, estou quebrado.

E ela está tão longe de mim, tão distante que parece irreal agora. Encaro o teto na penumbra e me lembro do resto do fim de semana. Anya tirou Antonella de Pandora, após tentar acordá-la, e dentro de uma discreta Mercedes, a levaram para a clínica da própria família Lehanster, para que não chamasse a atenção.

E eu precisei ficar em Pandora, eu precisei ir até Alice, vê-la mais um vez, e porra, o quanto eu estou devastado ao lembrar de como a vi naquele pole-dance, rebolando para mim, para todos os sócios. Aquele corpo deveria ser visto apenas por mim, e deverá ser tocado apenas por mim, porque Alice é minha, e eu não quero perdê-la. Ela estava deliciosa, incrível, uma mulher completa diante dos

meus olhos, com todos os lados que eu amo, e com novos lados que me enlouquecem. Meu pau parecia explodir, necessitando entrar nela, sentir sua umidade, seu aperto. Eu precisava sentir que ela ainda era minha, com minhas mãos, minha boca, meu pau.

Eu estava prestes a tirá-la de lá, de implorar seu perdão quando Enzo me impediu, e me mandou seguir para clínica, onde Antonella acordou lúcida. E eu tive que fazer isso, mas não sem antes ver Alice desaparecer pelas escadas de Pandora. Encontrei com Eva na saída, e implorei que pedisse para Alice vir aqui nesse apartamento.

Antonella estava e está tão puta comigo, ou pior do que a vez em que eu a deixei. Ela gritou para que todos ouvissem que iria foder com tudo, que se danasse a minha tentativa de cumprir o acordo, porque no fundo ela sabia que eu não cumpriria. E eu também sabia disso.

PERIGOSAS NACIONAIS

Mas eu também acho que ela não fará o que ameaçou fazer. Eu deixei claro em Pandora que ela estaria lidando comigo, e eu irei até o inferno para proteger Alice, mesmo não estando mais com ela. Se Antonella tem um pouco de consciência, perceberá que eu tentarei impedir se ela tentar o que ameaçou. Eu posso ter acreditado nela no início, naquele maldito jantar, quando ela expôs o que pretendia se eu não aceitasse o acordo, e eu acreditei que ela pudesse fazer isso até em Pandora. Mas ao ver Alice, eu perdi o controle e mandei tudo a merda, parando de acreditar que Antonella seria capaz de fazer isso contra Alice, e ainda acredito que ela talvez tenha desistido.

Eu esperei Alice nesse apartamento a madrugada inteira de sábado, encarando a cidade pelos vidros, encarando o silêncio que me acusava de tê-la enganado, de ter pensado em transar com Antonella. E eu precisei ligar ao perceber que as

PERIGOSAS ACHERON

horas passavam e não havia sinal dela. Eu sabia que ela não viria, e por isso meu estado era devastado, destruído. Eu permaneci com a roupa do corpo a madrugada inteira, com o rosto cansado e meus cabelos bagunçados.

No domingo ela permaneceu em silêncio, me ignorando, e me senti ainda pior. Eu destruí a confiança que ela havia criado em mim, eu destruí o que nós tínhamos por medo de que Antonella fizesse o que ameaçou. Mas agora não sinto mais medo, porque vi que Alice está forte, porque parei de acreditar que Antonella teria coragem de fazer isso, ela não pode ser tão louca.

Tentei ligar para Alice no domingo, mas assim como eu fiz com ela, Alice me ignorou. Passei o domingo trancafiado nesse apartamento, apenas com meu uísque e esperando-a. Esperando que segunda-feira chegasse logo para eu vê-la na empresa, mas porra, quando eu a vi lá, ela estava

firme, distante comigo, e pedindo demissão.

Eu não consegui aceitar e nem agora consigo aceitar isso. Minha empresa era tão profissional, mas agora não suporto a ideia de não tê-la lá, de não tê-la sobre o meu domínio. Não suporto entrar na minha sala, ver minha mesa e me lembrar dela seminua em cima, dançando eroticamente para mim, exalando sexo de uma forma que aprendeu a fazer. Transando comigo naquela mesa, naquela sala, e então perceber que ela não está mais lá.

Eu perdi qualquer razão quando ela pediu demissão, eu ruí por dentro e perdi o controle, mandando à porra as pessoas ao meu redor. Eu fui atrás dela diante das minha secretárias, diante dos meus funcionários, e mesmo assim ela desapareceu.

Porra. Eu precisei ir até o seu apartamento, e quando aquele desgraçado do porteiro me barrou,

ameaçando chamar a polícia, tive que entrar em contato com o dono daquele prédio. No dia seguinte assinei os papéis por um preço que sabia ser bem mais do que aquele prédio valia, mas eu o comprei, e como dono, o porteiro não pôde me barrar. Dinheiro não é problema, o problema é não ter Alice.

E quando entrei no seu apartamento, o silêncio me esmagou. Seu quarto estava arrumado, e seu guarda-roupa vazio. Revirei o apartamento atrás de alguma pista, mas não havia nada, apenas a lembrança das noites que passamos no seu quarto, no seu banheiro, na sua cozinha, na sua sala. Descobri o endereço de Dana e fui até o seu apartamento, mas ela apenas bateu a porta na minha cara.

Diego e Dário insistiam que eu deixasse Alice em paz, que eu acompanhasse Antonella de volta à França, mas mandei-os à merda. Depois que

vi Antonella na clínica, eu a ignorei, e fiquei sabendo por eles que ela embarcou de volta.

E por fim, descobri que Alice havia ido para a França também, escapando de vez de mim, não me deixando explicar. Enviei todas as rosas que permitiriam, e instruí aquele hotel à entregar mais rosas, mas porra, eu sei que Alice não aceitará.

E agora estou aqui, cansado na minha cama, sem vontade de me levantar para pegar mais uma garrafa. Me arrasto pela cama, apenas de cueca branca, na penumbra do meu apartamento, e me levanto. Desço as escadas descalço, apenas com o celular na mão, e chego até a minha sala. Sento em uma poltrona branca, apoiando os cotovelos nos joelhos, sentindo a sala rodar e minha cabeça explodir. Eu estou explodindo, furioso comigo por isso acontecer, furioso com tudo, e em parte, por Alice não me dar a oportunidade de contar, agora que eu sei que ela aguentaria.

PERIGOSAS NACIONAIS

Encaro a garrafa de uísque na mesa de centro na minha frente, e a pego, abrindo-a. Encho um copo e caminho até a parede envidraçada que permite que eu veja as luzes ao meu redor, os prédios, e na penumbra, vejo parcialmente meu reflexo no vidro, misturado com a visão de fora.

Ligo a tela do meu celular, bebendo um longe gole de uísque, apenas de cueca, e tento me distrair, porque a cada segundo, penso mais em Alice e estou devastado. Entro em um site de notícias, de fofocas, no qual vejo minha foto em uma título ridículo. Desço a páginas para notícias mais recentes, e um calafrio percorre meu corpo ao ver o título de uma matéria recém postada ainda de madrugada por um paparazzi. Apoio o antebraço na parede de vidro, me inclinando para frente, e encaro o chão, furioso. Seguro o copo com a outra mão, junto com o celular, e tomo um longo gole. Pego o copo e volto a apoiar o antebraço na parede

PERIGOSAS ACHERON

vidro, curvado um pouco para frente, e encaro a tela do maldito celular novamente, furioso, sentindo a raiva me despedaçar.

Leio o título novamente, em que diz que um dos modelos mais famosos da França, Louis Du Valle, poderia estar com novo romance, e a sortuda da vez seria uma anônima, vista apenas de relance, e que segundo fontes, é ex-namorada de Tom Haltender, um dos bilionários solteiros. Leio novamente a porra do título, e o texto curto diz que foram avistados dentro de uma casa noturna, e depois entrando em um hotel. A foto abaixo mostra Louis de lado para a foto, assim como a mulher loira, com um blazer masculino preto nos ombros. Por mais embaçada e longe que esteja a foto, eu reconheço a mulher que era minha. Eu reconheço cada parte do seu corpo, e ainda não consigo aceitar isso. Aperto o celular com força, urrando de fúria, e levanto a cabeça, apoiando a testa no meu

antebraço flexionado, apoiado no vidro.

Alice está mostrando o que eu fiz com ela, Alice está tentando me esquecer, e está em Lyon, longe o suficiente para não sentir minha presença. Encaro as luzes da cidade, que parecem me encarar de volta, me jogar na cara que estou perdendo por ter pensado em transar com Antonella, nem que tenha sido por um segundo, por ter escondido da Alice o que Antonella tem contra ela, por ter acreditado em Antonella, por ter acreditado que Alice enlouqueceria. Por ter pensado que Antonella poderia realmente fazer. Porra, estou fodido, e encaro novamente a foto. Alice é minha, apenas minha, e eu vou atrás dela, preciso ir, ou enlouquecerei dentro desse apartamento.

Encaro a cidade ao redor, retesando com força a mandíbula, sentindo a minha expressão deixar explícita a minha fúria, uma raiva descontrolada desse francês desgraçado, de mim,

da situação. Cerro os punhos, ainda com o braço apoiado, e tomo o resto do uísque, encarando meu reflexo no vidro, meu rosto furioso, meus músculos retesados de fúria.

Eu irei para a França. Eu vou tentar reconquistá-la, explicar o que aconteceu.

Eu sou Tom Haltender, e não deixarei Alice se afastar de mim, se tornar distante, porque porra, eu não costumo desejar tanto apenas uma mulher como eu a desejo, e não posso deixá-la ir embora, mesmo depois de tanta merda que eu fiz, depois de quebrar sua confiança e fazê-la achar que eu voltei a ser o que eu era. Eu fiz por ela, e irei contar isso, irei contar o que Antonella tem contra ela, porque agora acredito que aquela desgraçada não fará mais nada, depois de ver que eu não a quero e ela nunca conseguiria nada comigo.

Porra, eu preciso dela. Encaro o meu reflexo e as luzes atravessarem por ele, a cidade viva, se

movimentando. O silêncio que deixa claro a fúria, o que eu preciso fazer, e a penumbra do meu apartamento contra o vidro, contra o rosto que encaro, meu rosto, meus olhos, meu cabelo bagunçado. Reteso a mandíbula. Eu estou enlouquecido.

Eu vou atrás da Alice.

Eu estou me fodendo cada vez mais, e não sei sair dessa situação que eu mesmo criei.

Desde que Alice se tornou distante de mim, eu tenho encarado uma garrafa na minha frente, minha cama sempre mal feita, meus travesseiros vazios, o silêncio acusador do meu apartamento e meu corpo já sem calor. É como se ela tivesse entrado na minha vida, me mudado e levado embora o Tom que eu era, me deixando com um desconhecido quando me encaro no espelho. Um desconhecido que zomba de mim, que me encara e me lembra de como eu era, de como eu de certa

forma me pergunto como estou tão fodido.

Porra, e agora estou perdido, porque eu arruinei qualquer aparência que criei com o passar dos anos. Eu era um homem sem envolvimento, um homem apenas do sexo de mulheres sem rostos, um bom profissional e dono de mim mesmo, sabendo levar ambas as vidas na mão. Mas agora eu só quero um sexo, uma mulher que se mostrou mais forte que eu, que se mostrou mais sedutora que eu, que se mostrou mais quente que eu.

E depois de arruinar minha vida pessoal, levei isso à outro nível, arruinando minha vida profissional, mostrando para todos que estou no chão.

Abro os olhos, fitando a cidade se aproximar, o avião começar a fazer o pouso, e a cidade parece me encarar de volta.

Faz anos que não ponho os pés em Lyon, desde que Antonella enlouqueceu e destruiu meu

apartamento, meu carro. Eu evitei Lyon por um bom tempo, mas agora eu preciso estar aqui, eu preciso ir atrás de Alice, fazê-la me escutar.

E porra, eu preciso tirar ela das mãos daquele desgraçado afrancesado. Ela é tão minha agora como era antes, mesmo que ela não saiba disso. Não sou um cara que costuma desistir fácil, e vou até a merda do inferno atrás dela.

Eu não sabia a grande merda que eu estava entrando, mas agora tenho alguma noção do que causei em nós. Essa distância torturante é real, é uma porra de consequência.

O avião pousa, e encaro a pista da minha janela. Eu estou em Lyon agora, depois de tanto tempo, estou mais perto de Alice, e antes de procurá-la preciso fazer algo.

Pego minha bagagem e caminho até meu carro. Meu motorista já está me esperando, e entrego minhas malas. Coloco a porra de um óculos

para disfarçar as olheiras de noites de insônia, e entro no carro, ditando um endereço, meu antigo apartamento em Lyon.

O carro acelera pelas ruas de Lyon, e as luzes passam pelo vidro do meu carro, a cidade se movimentando no entardecer. Onde Alice está nesse momento? Onde a minha mulher está? Me sinto cansado, mas todas essas noites em que tentei dormir, acabei sentado no sofá da minha sala com um copo de uísque na mão e meu celular ligado procurando algo sobre Alice. Estou atormentado e só vou conseguir parar de me torturar, de pensar nela quando eu conseguir o que eu quero. Estou sem dormir, sem me concentrar.

O carro estaciona em frente à um grande prédio, e desço do carro. As malas serão levadas em seguida, e entro no hall, abaixando meus óculos de sol. Algumas atendentes se entreolham, provavelmente decidindo quem irá me atender e me

guiar para o meu apartamento. Passo por elas, eu sei o caminho do meu andar, não preciso de uma porra de bisbilhoteira sobre como retornei depois de anos ou de como estou com uma aparência devastada. Coloco novamente os óculos de sol, colocando uma mão no bolso, e faço sinal para um atendente. Ele se aproxima de mim, e aperto o botão do elevador no hall mais dourado do que branco, exageradamente detalhado.

—Sim, senhor? — O atendente se posiciona ao meu lado, educadamente. O encaro tentando diminuir a fúria que ainda sinto.

—Minhas malas estão chegando. Provavelmente irei pedir alguma comida do restaurante para ser levada até o meu apartamento — comunico, e ele assente lentamente, com os olhos curiosos em mim. As portas se abrem e entro, dando as costas para qualquer pessoa. Subo, de costas para o espelho, evitando me encarar. As

portas se abrem novamente, e encaro o hall de entrada do meu apartamento. Uma grande porta de vidro está à minha frente, com um imenso lustre de cristal. Abro a porta e entro, encarando uma grande sala com móveis brancos e em tons acinzentados. Ela parece me encarar de volta e me lembrar de anos atrás.

Fecho os olhos, e a imagem se projeta na minha mente. Eu andando pela sala, apenas de cueca, com uma grande taça, encarando uma mulher enrolada no lençol branco descer pelas escadas do meu quarto. Antonella. A sensação de como tudo era mais fácil, sem envolvimento real, sem sentimento.

Abro os olhos, e dou um passo, tirando os óculos. Antonella também está em Lyon, e porra, eu posso acreditar que ela não irá fazer o que ameaçou, mas não é certeza. Desde que ela foi embora, não entrei mais em contato, e nem ela

tentou. Isso pode significar que desistiu, ou que está tão puta comigo que está planejando fazer merda. De qualquer forma eu estou aqui agora, mais perto de Alice e perto o suficiente para tirá-la de qualquer filho da puta que tentar algo com ela, perto o suficiente para tentar evitar o desastre.

Caminho por trás do sofá e abro as grandes janelas envidraçadas da minha sacada. Saio, fitando Lyon embaixo de mim, suas luzes da noite. Eu deveria ter chego ontem, domingo, mas precisei deixar minha empresa organizada, o que restou da minha vida nos trilhos. Os carros passam acelerando, e fecho os olhos novamente. Me lembro da movimentada vida noturna dessa cidade que me sempre me chamou. Marquei presença na maioria das festas, em muitas camas antes de Antonella. Em qual festa Alice poderia estar? Ainda acompanhada daquele Louis?

Abro os olhos, e as luzes dançam na

penumbra. Puxo o celular do bolso e disco um número, chamando duas vezes.

—Alô — ouço o sotaque francês, e reteso a mandíbula.

—Olá, Augustine — respondo e ouço um barulho no celular.

—Como está, Tom? Estranhei seu sumiço — ele fala animado ao me ouvir. Assinto lentamente, e apoio uma mão no parapeito da sacada, me curvando para frente. Abaixo a cabeça, fitando meus sapatos.

—Eu também — murmuro, retesando ainda mais a mandíbula — mas não consegui vir para Lyon antes.

—Está em Lyon? — ele pergunta surpreso — mas como? — seu sotaque francês repuxa ainda mais — Alice me disse que você não iria vir mais, e eu deduzi que.

—Sim, nós não estamos mais juntos,

Augustine — o interrompo, adivinhando sua dedução — nós — hesito, e ainda com o braço esticado, apoiado no parapeito, levanto a cabeça, fitando as luzes dos altos prédios, acima de mim. Porra, me dói ter que dizer isso, mas é a verdade, nós não estamos mais juntos — nós discutimos — minto, apertando com força minha mão — e ela quis vir sozinha.

—Sim, eu percebi — ele murmura sem entender muito.

—Você já a viu? — pergunto sem rodeios, e um silêncio preenche o celular. Encaro os prédios ao redor, os carros abaixo, e mordo o lábio. Estou ansioso para saber, mas porra, preciso me controlar, preciso me acalmar, porque se eu deixar a maldita ansiedade se misturar com a fúria, irei buscá-la naquele maldito hotel, a trarei aqui e a algemarei na cama.

—Sim, começamos nossa sessão de fotos

hoje, Tom — Augustine me comunica animado — todos os modelos já estão em Lyon. Alice fez uma grande amizade, ela se dá bem com todos, principalmente — e Augustine hesita, confirmando minhas suspeitas. Respiro fundo para não enlouquecer no celular, e fecho o punho, socando o parapeito. Porra, principalmente com um homem. Reteso a mandíbula e passo a mão no cabelo, me virando lentamente de costas para a vista da cidade. Olho para o céu acima — principalmente com Louis Du Valle. Acho que preciso confessar que eles se dão muito bem, Tom. Você é um grande amigo e devo isso à você.

—Sim — murmuro furioso — e como Alice está? — pergunto, tentando desviar o assunto, porque porra, se eu continuar nesse caminho irei pedir o endereço desse filho da puta e deixá-lo imóvel o suficiente para não tentar nada com Alice.

—Alice está espetacular, Tom. Aquela

mulher tem futuro, se investir, se ela se empenhar. Com um bom acompanhamento e uma ajuda para progredir, posso colocá-la em contato com mais nomes — Augustine começa.

—Augustine, apenas pergunte para ela, faça o que ela quiser, eu — hesito. Porra, como Alice diria, estou sendo um maldito possessivo, mas dependesse de mim Alice não estaria nem nessa campanha. Eu a quero apenas para mim, não consigo imaginar outros admirando-a, com um fodido tesão. Eu senti isso em Pandora e me atormenta até agora — eu apenas quero saber se ela está bem.

—Tom, o que posso dizer é o que ela permite demonstrar para mim. Ela parece tranquila, fascinada, para dizer a verdade. Ela está bem — ele tira a minha duvida, e assinto lentamente — venha até a minha casa, e podemos conversar melhor. Todos sentem falta de você, faz anos que não o

veem.

—Eu irei — afirmo, entrando novamente no quarto — e precisarei pedir um favor à você, Augustine. Eu irei insistir até você aceitar fazer.

—O que é, Tom? — ele pergunta curioso, e começo a subir as escadas para o segundo andar do meu apartamento. Viro, entrando no meu quarto claro, e caminho até em frente ao espelho.

—Conto para você assim que eu chegar na sua casa — murmuro, e levanto a cabeça, encarando minha expressão tensa, feroz. Reteso a mandíbula.

—Estou esperando você — ele responde por final, e desligo o celular, jogando-o na cama. Desabotoo lentamente a camisa social, e a tiro, me fitando apenas de calça jeans. Apoio minhas mãos no espelho, estendendo os braços, e me inclino para frente, ainda com os olhos no meu reflexo.

Porra, eu terei que dar conta.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

ALICE

Tudo está acontecendo tão rápido que parece irreal. Olho para o movimento das ruas de Lyon da sacada do meu quarto do hotel, envolvida com as luzes que passam embaixo, com o barulho da cidade fervilhando, dos altos prédios, da vida noturna que existe.

Uma taça surge na minha frente, até a

metade com vinho, e sorrio.

—Uma bela bebida para uma bela dama — ouço a voz com sotaque francês atrás de mim — por que tão séria?

Me viro, encarando o rosto ansioso de Louis, e sorrio ainda mais.

—Não estou séria, apenas — murmuro, e hesito, encarando seus olhos claros, azuis.

—Apenas não consegue esquecer um ex-namorado? — ele diz, e abaixo os olhos, fitando meus pés descalços.

—Também — murmuro — eu estou feliz com tudo o que está acontecendo, mas ao mesmo tempo.

—As rosas pararam de chegar? — Louis pergunta, e mordo o lábio, assentindo.

—Ontem, pelo que a recepcionista me falou, era a última. Mesmo eu pedindo que não me entregassem e que o comunicassem que eu não

estava recebendo, ele continuou a mandar — conto, e Louis bebe um pequeno gole da sua taça de vinho.

—Ele não parece ser um cara que desiste fácil — Louis murmura, e sorri para mim, abaixando a cabeça. Respiro fundo e me viro novamente para o parapeito da sacada, encostando meu corpo, e apoio os braços, sentindo o vento balançar meus cabelos. Louis para ao meu lado, me encarando por alguns segundos.

—Você não quer perdoá-lo? — ele pergunta, e fico em silêncio, apenas fitando a cidade abaixo. Ele insiste — às vezes é melhor seguir em frente, e às vezes é melhor agarrar o que ainda temos.

—Como conselheiro você não é muito bom, Louis — murmuro, e rio, vendo-o sorrir e levar a taça aos lábios — você é melhor como guia de noite.

—E por isso eu deveria sentir medo do seu ex-namorado, Alice? — ele pergunta, e franzo a testa, bebendo um longo gole de vinho, sentindo seu sabor — sabe, você é apontada como meu romance passageiro — ele diz rindo, e começo a dar risada, negando com a cabeça — talvez seu ex-namorado esteja querendo minha cabeça.

—Ele provavelmente está, Louis — respondo ainda rindo, e o encaro — e como Andrei está lidando com isso?

Louis dá de ombro, com um grande sorriso no rosto, e olha para frente.

—Ele está em um desfile em Paris, amanhã voltará para cá. Andrei não se importa, ele sabe que às vezes me envolvo com mulheres, mas se estou com ele agora, ele pode confiar em mim — ele fala calmo, levando novamente a taça aos lábios. O encaro por alguns segundos, percebendo cada detalhe do seu rosto, e sorrio, satisfeita por ter

feito uma amizade assim, sem envolvimento, sem interesse amoroso.

—Vocês se conheceram como? — pergunto curiosa, apoiando os cotovelos no parapeito e voltando a encarar os carros que passam. Louis dá uma leve risada, e nega com a cabeça.

—Em um desfile de uma grife, na festa. Estávamos com amigos em comum, e bem — Louis dá de ombros — eu recém havia acabado com uma colega de trabalho, e não queria me envolver sério, disso surgiu Andrei, e sem compromisso, começamos a nos envolver.

Assinto, gostando de ouvir seu sotaque, e coloco a mão no seu braço.

—Obrigada por ter me acompanhado hoje na sessão, Louis, eu estaria perdida lá se não fosse você — agradeço, e me viro de lado para ele. Louis se vira de frente para mim, também com um grande

sorriso.

—Você sabe que costumo me socializar com todo mundo, e você parecia meio perdida lá mesmo — Louis fala rindo, e me aponta com a taça — mas você tem jeito, Alice, gostaria que me acompanhasse em alguns eventos — ele me convida, arqueando as sobrancelhas. Meu coração acelera, como se a ideia de mais eventos fosse assustadora com um gosto de emoção, de ansiedade.

—Quem sabe — sussurro, dando de ombros, e Louis semicerra os olhos.

—Você está pensando nele, aposto — ele sussurra de volta para mim, adivinhando minha lembrança de Tom em um evento com Nássia, e depois em outro evento, transando com força comigo no banheiro. Respiro fundo, sentindo meu corpo inteiro se arrepiar ao lembrar do seu toque quente, da sua força, da sua voz rouca. Fecho os

olhos, não me importando se Louis está me encarando, e passo a taça sobre os lábios, me lembrando dos olhos azuis escuros, ferozes, de Tom. Merda, por que eu mesmo me torturo? Por que faço isso? Eu estou com raiva dele, estou triste, mas é um vício pensar nele, é como se fizesse parte dos meus pensamentos fixamente. Abro os olhos, encarando o rosto sorridente de Louis.

—Algumas situações me lembram ele — murmuro, e dou as costas para Louis, entrando no meu quarto. Louis me segue com os olhos, e em seguida também entra, caminhando em direção à garrafa de vinho.

—Mais uma taça? — ele pergunta animado, e olho para trás, fitando-o por alguns segundos.

—Não temos que acordar às cinco horas amanhã novamente? — pergunto, me lembrando de hoje, o primeiro dia da campanha.

Passaram nos buscar no hotel às seis horas, e depois de mais de uma hora de viagem, chegamos ao interior da França, em um chateaux antigo, com grandes lagos e gramados ao redor. A locação já estava com todos os profissionais à posto, e depois de mais de uma hora de maquiagem, começamos a fazer as fotos. Me senti intimidada no início no meio de tantos modelos profissionais, mas foram todos tão receptivos, que passei a me sentir confortável. E Louis permaneceu ao meu lado o tempo todo, enquanto os fotógrafos tiravam nossas fotos, nos indicavam o que fazer, e o dia passou tão rápido, que nos intervalos não consegui nem visitar todo o chateaux por dentro.

Estou fascinada, estou feliz por estar vivendo isso, e de certa forma todas essas distrações me fazem não pensar na minha vida. Encaro Louis, que boceja, dando de ombros.

—É verdade — ele murmura, sorrindo, e

me encara — sinto que isso é um tchau, não é?

Rio, negando com a cabeça, e caminho até a minha cama, me deitando. Abro os braços, encarando-o.

—A cama me chama, Louis, se você quiser ficar aí bebendo, sinta-se à vontade, mas acho que hoje eu não acompanho você — afirmo, e Louis pega a garrafa na mão, erguendo-a na minha direção.

—Então levarei a garrafa comigo — ele diz sorridente, e me aponta — mas você não me escapa amanhã, Alice. Iremos dar uma saída, independente da hora.

Rio, apoiando os cotovelos na cama e me inclinando para cima.

—Aceito sua ordem, guia das noites — digo zombeteira, e Louis ri, balançando a cabeça.

—Você não existe — ele murmura, caminhando até a porta, e faz um aceno com a

cabeça — nos vemos amanhã, Alice.

Aceno para ele, vendo-o abrir a porta.

—Até amanhã, Louis, boa noite — me despeço, e ele fecha a porta, me deixando no silêncio do quarto. Estou cansada, com sono, mas sinto que toda vez que fecho os olhos, vejo dois olhos azuis escuros me encarando, me penetrando com sua intensidade. Preciso me concentrar para não pensar em Tom, em Antonella.

Estou em Lyon, estou me divertindo, não posso deixar me torturar, e vou lutar com todas as minhas forças para aproveitar cada distração.

Troco de roupa e entro embaixo dos lençóis macios da cama, desligando as luzes. Preciso estar bem para amanhã, preciso desligar meus pensamentos antes que eles vaguem novamente para um corpo quente, para olhos sedutores e um maxilar quadrado.

Acordo com o despertador me avisando o

horário, e me levanto. Olho para a janela, vendo o sol começar a nascer, e a sensação de mais um novo dia, um dia excitante para me animar. Vou para o segundo dia da campanha, e é tão irreal para mim, tão diferente do meu mundo que não consigo controlar meu coração, que salta pelo meu peito como uma bomba, explodindo em ansiedade e vertigem. As luzes do sol começam a invadir o luxuoso quarto, e vou para o banheiro, tomando um banho e visto uma calça jeans, uma blusa leve de alças e um mocassim claro. Deixo minha pele limpa, e ouço alguém batendo na porta. Sorrio, sabendo que é Louis, e a abro, encarando-o com uma camisa em gola v, calça jeans e os cabelos bagunçados.

—Estamos quase atrasados — ele me dá bom dia com um abraço, e retribuo.

—Bom dia para você também — sussurro, e o acompanho até o hall de entrada do

hotel. Entramos na van, e então ela nos leva pelo mesmo caminho que no dia anterior, se afastando de Lyon e entrando no interior. Passamos conversando durante uma hora na viagem, e Louis me conta sobre Andrei, que chegará de noite.

Após uma hora, a van estaciona novamente na locação, e desço, conversando animadamente com Louis sobre os grandes eventos que ele já foi. Alguns modelos nos cumprimentam, e a cada dia me sinto mais familiarizada com tudo, mesmo me surpreendendo com alguns rostos famosos, e me controlo para parecer natural.

Eles me levam para o estúdio de maquiagem que foi instalado em uma parte do local, e lá começam a maquiagem pesada.

Após uma hora de sessão de maquiagem, me junto aos outros modelos, e na parte externa do local, onde vários fotógrafos, acompanhados de Augustine, que coordena tudo, começam a se

preparar com os equipamentos. Assim que chego, Augustine me vê ao longe, e sorri, abrindo os braços, e caminha na minha direção.

Sorrio de volta, e o abraço, sentindo um leve beijo na minha bochecha.

—Você está linda, Alice — ele sussurra para mim, e se afasta — como está? Assustada com tudo?

Sorrio, negando com a cabeça, e olho ao redor.

—Estou adorando, Augustine, é tudo demais — respondo, e ele sorri ainda mais.

—Fico muito feliz que está se sentindo em casa — ele diz animado, e aponta na direção dos outros modelos — precisamos de você lá, Alice, para começarmos.

Assinto, e caminho pelo jardim, vendo Louis vir ao meu encontro com um grande sorriso. Ele me acompanha até os outros modelos, e

começo a ouvir os fotógrafos ditarem como fazermos. Várias fotos são feitas com as roupas que estamos, e então volto para o estúdio na parte interna do local, trocando de roupa.

Volto para o jardim, e um fotógrafo aponta em outra direção.

—Agora vamos começar as fotos individuais — ele me diz, e assinto, fazendo exatamente como ele diz. Paro um pouco mais afastada, observando que alguns modelos estão fazendo também as individuais. O fotógrafo, um francês com óculos quadrado, preto, e uma barba rala, começa a me indicar as posições, e obedeço. Flashes disparam no meu rosto, e olho atenta, sentindo o sol se esconder nas nuvens. Ele me traz um óculos escuro, e coloco, continuando a sessão de fotos.

—Agora preciso que vá para perto da piscina — o fotógrafo ordena, e observo o local

para onde ele aponta. Obedeço, e ele novamente começa a se posicionar ao meu redor, me dizendo para mexer os cabelos, fazer as poses certas. Olho para ele e começo a rir, achando graça. Ele sorri para mim, e em um segundo, me faz sinal para ficar séria novamente. Semicerro os olhos, sentindo o sol forte sobre mim, e respiro fundo, tentando focar a visão apenas na lente da câmera.

Volto para o estúdio, trocando novamente de roupa, e passo para as sessões na parte interna do local. Os fotógrafos se trocam, e uma fotógrafa me acompanha. Ela se aproxima de mim e sorri.

—Prazer, Alice, sou Sophie, vou acompanhá-la agora — ela se apresenta, e sorrio para ela, gostando do como como todos se tratam. Sophie me leva para um quarto arrumado com sofás e tapetes escuros. Cortinas escuras, pesadas, cobrem as grandes janelas, e toda a decoração improvisada é detalhista. Ela me indica o sofá, e

vestida com um vestido vermelho, me posiciono, fitando seu rosto atento — agora levante as mãos até a cabeça e incline as costas, Alice — ela me pede, e tento fazer o que falou — isso mesmo — ela diz, e se abaixa, começando a me fotografar.

Após várias fotos, Louis entra no quarto acompanhado de um fotógrafo, e ao me ver, sorri.

—Acho que vou incomodar você por enquanto, Alice — ele zomba, se aproximando de mim enquanto os fotógrafos conversam, e começo a dar risada.

—Você nunca incomoda, Louis, só vai me ofuscar na foto — murmuro zombeteira, e ele dá de ombros, sorrindo ainda mais.

Os fotógrafos voltam a atenção em nós, e se aproximam, começando a ditar instruções do que fazer. Iremos fotografar em duplas, e Louis é minha dupla. Assinto, e conforme eles vão indicando, deito na cama, esticando a perna para fora,

enquanto Louis se ajoelha no chão à minha frente, obedecendo cada pose. Os fotógrafos começam a disparar os flashes, e encaro o rosto divertido de Louis, que tenta disfarçar a risada, e quando eu consigo ficar séria, encarando as câmeras, Louis puxa meu pé, me arrastando da cama em uma brincadeira. Grito, e começo a rir, sabendo que os fotógrafos apenas nos observam, e então Sophie chama sua atenção. Volto a ficar séria, tentando me concentrar.

A sessão de fotos transcorre pela tarde inteira, e novamente volto às sessões com outros modelos. O sol começa a se pôr, e Augustine dá por encerrado o dia. Retorno para o hotel na mesma van que Louis, e ouço ele planejar a nossa noite, começando por um jantar para me apresentar Andrei, e finalizando em uma casa noturna de Lyon.

Admito que estou adorando esse lado da

vida que Louis está me apresentando, estou adorando a confiança que sinto, e a distração que Lyon e essa vida movimentada me traz.

A van estaciona em frente ao hotel e desço, sendo seguida por Louis. Paro na entrada, esperando-o, fitando o céu já escuro de Lyon, e Louis para ao meu lado, colocando uma mão nas minhas costas, me guiando para dentro do hotel.

Entro no hall luxuoso do hotel e subo acompanhada de Louis até o meu quarto, percebendo que para quem vê de fora, estamos juntos, mas agora eu não estou me importando. A antiga Alice ligaria para as opiniões, mas agora eu apenas quero viver minha vida, sem me pressionar. Entro no meu quarto, e Louis se despede, me comunicando que passará daqui a duas horas para irmos à um restaurante que ele reservou.

Fecho a porta assim que ele saí, e fito o quarto arrumado, luxuoso, uma realidade tão

distante da minha. Caminho até a cama, sentindo meu corpo cansado, e me deito, fitando o lustre de cristal.

As sessões de fotos são outro mundo, com modelos famosos, fotógrafos talentosos, e me sinto tão fascinada com tudo, mesmo tendo Tom nos pensamentos. Respiro fundo, e sinto que conhecendo-o, é estranho ele não estar aqui em Lyon, furioso, possuído, atrás de mim. Ele provavelmente viu alguma notícia sobre Louis, assim como Dana e Gabriel viram. Começo a rir, me lembrando de como Dana me ligou furiosa por eu não contar, mas quando eu contei que Louis não estava comigo realmente, ela se acalmou. Já Gabriel achou estranho, não que ele não entendesse sobre bissexualidade, mas apenas achou estranho.

Pego meu celular e vejo uma mensagem de Gabriel.

Então em breve verei seu rosto em uma

revista? Que triste. Posso me promover com isso, dizendo que fui seu ex-namorado e o melhor na cama?

Começo a rir novamente, e me sento. Digito uma mensagem.

Não, Gabi, você não pode se promover. E também porque — paro de digitar, e respiro fundo — *você é bom de cama, mas não foi o melhor.*

Envio, sentindo meu corpo inteiro se retesar, e me lembro de Tom nu, das suas costas definidas, o P de Pandora exposto, seu abdômen, seus ombros, seu maxilar e seus olhos azuis escuros. E então me lembro de Antonella. Dou um soco na cama, furiosa, e largo o celular. Caminho até o banheiro, e decido começar pelo banho. Irei me distrair essa noite, como fiz em outras noites, e quando chegar, estarei cansada e com sono para me torturar pensando em Tom. É um bom truque, e está fazendo efeito.

PERIGOSAS NACIONAIS

Lyon está me distraindo, Louis está me distraindo, e torço que Tom permaneça longe, como está nesse momento.

**

Acordo, fitando o teto claro do quarto, e meu despertador toca. Hoje é sexta-feira, o último dia da semana que faremos as sessões. Retornaremos na segunda-feira, e até lá terei mais tempo durante o fim de semana para conhecer os pontos em Lyon. Me levanto e tomo um rápido banho, colocando uma calça jeans e uma camisa simples, azul. Olho para o relógio e franzo a testa, achando estranho Louis não estar na minha porta ainda.

Saio do quarto e desço até o hall de entrada, procurando-o.

Na verdade não o vejo-o desde o fim das

PERIGOSAS ACHERON

sessões de quinta-feira, quando a van nos deixou no hotel. Desde que conheci Andrei, me encantei por ele também, no jantar de terça-feira. Eles formam um casal estonteante, e depois Andrei passou a nos acompanhar nas festas que fomos na quarta-feira também. Louis e Andrei começaram a passar horas da noite no meu quarto de hotel, contando suas histórias, mas desde ontem não tenho notícias deles. Acreditei que quiseram um tempo intimo juntos, e não os procurei, indo dormir cedo, mas agora de manhã, prestes a entrar na van, estou achando tudo muito estranho.

Olho para o hall de entrada novamente, e o procuro. Vejo o motorista da van me fazer sinal, e caminho apressada para fora do hotel. Paro perto do motorista, e olho para as ruas movimentadas e Lyon, procurando por Louis.

—Louis não virá com nós? — pergunto confusa, e o motorista me encara por alguns

segundos.

—Não, me disseram que apenas você iria hoje — o motorista responde, entrando no van, e arregalo os olhos, ainda mais confusa, curiosa. E com um pressentimento. Respiro fundo, e fecho os olhos, afastando qualquer pressentimento, mandando-o se foder. Não quero imaginar isso, e preciso acreditar que não é verdade.

Entro na van, e permaneço em silêncio durante a viagem. Mando algumas mensagens para Louis, perguntando sobre o seu sumiço, e respondo algumas mensagens de Gabriel. Após uma hora, a van entra pela estrada estreita do Chateaux, e estaciona no gramado. Desço da van, vendo Augustine me receber de braços abertos. Caminho firme na sua direção e o abraço, já me sentindo familiarizada.

—Bom dia, Augustine — murmuro e dou um beijo no seu rosto.

—Bom dia, Alice, como passou? — ele pergunta, se afastando e caminhando para o interior ao meu lado.

—Bem — murmuro, olhando para os lados, analisando cada modelo, cada fotógrafo. Todos rostos familiares, que sorriem de volta para mim, menos Louis. Desvio os olhos para Augustine, e franzo a testa — onde está Louis?

Augustine para repentinamente, e percebo que ele tenta disfarçar algo. Respiro fundo, e ele se vira, me encarando.

—Louis teve um conflito na agenda, Alice, e embarcou para a Itália nessa madrugada que passou. Ele tem mais uma campanha lá, e nosso contrato acabou — Augustine fala firme, e arregalo os olhos, achando ainda mais estranho Louis ir embora sem me avisar, sem se despedir. Nego com a cabeça.

—Augustine, o que está acontecendo?

Como assim, Louis foi embora? — pergunto confusa, e Augustine sorri, tentando me tranquilizar. Ele coloca as mãos nos meus ombros, e me guia para o estúdio de maquiagem.

—Calma, Alice. Louis teve que ir às pressas porque conseguimos um voo de última hora para ele, mas assim que chegar provavelmente ele mande alguma mensagem para você. De resto está tudo tranquilo, já temos um novo modelo também — Augustine diz, e sento na cadeira, vendo as maquiadoras atrás de mim. Arregalo os olhos, agarrando os encostos de braços.

—Como assim, outro modelo? — pergunto assustada, e meu pressentimento é certeiro. Porra, não pode ser. Augustine abre um grande sorriso, mas antes que responda, meus olhos são atraídos para uma movimentação na porta, e ambas as maquiadoras também olham.

Vejo um homem entrar, com uma camisa

social branca, aberta no colarinho, mãos dentro do bolso, um sorriso sedutor e uma expressão intensa, ansiosa. Meu coração, que batia calmo e adormecido, acelera, voltando a imitar uma escola de samba, e sinto todo o meu corpo se arrepiar ao lembrar do seu toque. Meus olhos parecem se enganar, como se o tempo que eu fiquei sem vê-lo o fez irreal.

Seus olhos azuis escuros estão fixos em mim, ferozes, e meu pressentimento se concretiza. Tom.

ALICE

Arregalo os olhos, sem acreditar no que eu estou vendo. Em quem eu estou vendo.

Dois olhos azuis escuros, ferozes, descem do meu rosto até o meu corpo, e sobem novamente, me encarando selvagemente, como se eu fosse tentadoramente irreal. Abro a boca, sem reação, e tudo começa a fazer sentido.

PERIGOSAS NACIONAIS

Tom soube sobre o meu suposto envolvimento com Louis, que na verdade é apenas amizade, o fez sair da campanha, substituindo seu lugar. Nego com a cabeça, tentando negar essa ideia, e desvio os olhos de Tom, encarando Augustine, que está com uma expressão ansiosa. Sinto o ambiente ao meu redor tenso, como se as maquiadoras apenas aguardassem um escândalo. Pelo jeito elas sabem sobre o bilionário solteiro e sua ex-namorada. Respiro fundo, pensando nessa ideia ridícula.

—Augustine, quem é o modelo que irá substituir Louis? — pergunto já sabendo a resposta, apenas preciso confirmar. Augustine tosse um pouco sem graça, e abre um grande sorriso, como se quisesse suavizar a situação.

—Alice — ele começa a falar, e caminha para perto de Tom, dando um leve tapa nas costas de Tom, que parece incomodado com esse gesto —

PERIGOSAS ACHERON

eu recebi um pedido de um amigo querido, e bem, na verdade eu havia feito essa proposta para ele há anos atrás, mas apenas agora ele aceitou. Como Louis realmente tinha uma agenda apertada, decidi que ele já havia feito seu trabalho aqui — Augustine pausa, percebendo meu olhar incrédulo e olha para Tom — Tom Haltender vai substituir Louis Du Valle.

—Não — falo em um impulso, e Augustine arregala os olhos, surpreso com a minha ousadia. Hesito, respirando fundo, e fecho os olhos — eu terei mais sessões de fotos em dupla? — pergunto, e abro novamente os olhos. Tom me fita furioso, e arqueia uma sobrancelha, como se não esperasse a minha reação tão negativa. Augustine parece vacilar, e se afasta de Tom.

—Sim, Alice. Seguiremos o cronograma conforme assinado — Augustine fala sério, e para, franzindo a testa para mim — eu não quero me

intrometer nisso, mas espero que ajam como dois profissionais.

—Estou aqui para ser profissional — Tom responde, e abro a boca, furiosa, fitando-o. É, ele está aqui para ser profissional mesmo, mas não nas fotos, e sim na arte de me deixar furiosa, triste. E porra, excitada.

Cerro os punhos, negando para os meus olhos o desejo de observarem seu corpo que há algum tempo eu não vejo, e contra a minha vontade, volto a encará-lo. Desço lentamente os olhos pela sua camisa social branca, rente ao corpo esculpido, tentador, e vejo sua calça jeans escura marcar a ereção. Levanto os olhos novamente, e vejo um sorriso surgir em seus lábios, devasso, satisfeito.

Porra, Tom viu eu analisar seu corpo, e eu caí na sua armadilha. Viro o rosto, e encaro as maquiadoras.

PERIGOSAS NACIONAIS

—Por favor, vocês poderiam agilizar a maquiagem para eu poder sair daqui o mais rápido possível? — peço, e ambas assentem com as cabeças, com os olhos curiosos. Viro a cadeira, e paro sentada em frente ao grande espelho. As duas maquiadoras voltam a se curvarem sobre mim, me maquiando.

—Preciso ver os outros modelos, por enquanto é isso — Augustine informa, e sai do quarto, passando por Tom. Evito de olhá-lo pelo espelho, mas sinto sua aproximação. Fico em silêncio, com os olhos fechados, desejando que ele não se aproxime, porque estou furiosa com ele, com suas tentativas, e triste por tudo o que ele fez, por ter jogado fora nosso amor por uma maldita transa, por merdas.

— Vocês poderiam nos dar licença, ou eu atrasaria o trabalho de vocês? — ouço a voz rouca de Tom ao meu lado, e sua rouquidão arrepia

minha pele. Sinto meu coração subir até minha boca, querendo sair daqui, e abro os olhos, furiosa. As maquiadoras se afastam de mim, e viro a cabeça na direção de Tom, que está encostado no balcão em frente ao espelho, com uma mão no bolso.

—Alguns minutos não são problema — uma delas responde, e arregalo os olhos.

—Não, seria problema para mim — a interrompo, e olho para a maquiadora — vocês não precisam sair, eu peço que fiquem.

—E eu peço privacidade — a voz rouca de Tom se sobressai sobre a minha, e as maquiadoras encaram o olhar autoritário dele.

—Você poderia parar de me incomodar, Tom Haltender? — falo ríspida, encarando-o intensamente. Tom parece sentir meu olhar, porque o seu vacila, e ele retesa a mandíbula.

—Vamos nos retirar por alguns minutos — uma das maquiadoras fala apressada,

percebendo a discussão, e antes que eu consiga pedir que fiquem, elas dão as costas para mim, saindo do quarto. Aperto o encosto de braços com as mãos, e viro o rosto, me encarando sentada pelo espelho. Não vou encará-lo, não quero conversar com ele, mas Tom se aproxima até parar entre a cadeira onde estou e o espelho. Suas mãos agarram a borda do balcão abaixo do espelho, e ele apoia o corpo.

—Alice, me escute — Tom pede com a voz rouca, e sua expressão intensa é de urgência. O encaro por alguns segundos, e nego com a cabeça.

—Escutar o que, Tom? Que você está arrependido, que não fará novamente? — falo ríspida, e ele arqueia uma sobrancelha, negando com a cabeça — porque é isso o que você sempre faz. Você mudou do homem que era, eu sei, mas ainda continua em partes iguais. Você sempre comete os mesmos erros, e depois se arrepende e

diz que não mentirá mais, que não esconderá nada mais. Quantas vezes, Tom? Qual a desculpa de agora? — continuo, ficando cada vez mais furiosa. Tom respira fundo, retesando a mandíbula, e larga o balcão, cerrando os punhos.

—Porra, Alice, eu sei que errei — ele rosna, virando lentamente a cabeça para o lado, um pouco abaixada, e me encara — eu sei que fiz a maior merda de todas, e não vou negar que aceitei transar com Antonella.

—Então não temos mais nada para conversar, Tom. Você assume seu erro e eu não o perdoo — digo furiosa, e sinto meu coração pesar no meu peito, como se pedras fossem atiradas nele. Tom aceitou transar com outra mulher enquanto estava comigo. Suas palavras, suas verdades.

—Mas eu não transei, Alice, eu não cheguei nem a beija-la — Tom tenta falar, e sua voz rouca é baixa, furiosa — eu.

—Não é isso que importa realmente, Tom — falo furiosa, e hesito. Respiro fundo, tentando me acalmar, e Tom em um impulso violento avança contra mim, agarrando os apoios de braços da cadeira, me encurralando, e se curva para frente, aproximando o rosto do meu.

—É isso o importante, Alice, sou seu agora como sempre fui antes. Sou tão seu que isso me devasta — Tom rosna no meu rosto, e encaro sua expressão feroz, seus olhos penetrantes, azuis escuros. Nego lentamente com a cabeça, sentindo ele se aproximar cada vez mais, até sentir sua respiração quente no meu rosto. Seus cabelos loiros estão bagunçados, e sua expressão deixa explícita a agonia e urgência.

—Então não seja, Tom — respondo baixo, me torturando — porque para mim o importante é que você aceitou. Você pode não ter transado com ela, mas planejou, pensou, enquanto estava comigo.

Você pensou em me trair, isso que é importante — as palavras saem em um sopro, e não consigo parar de olhá-lo. Seu pescoço com as veias retesadas, seus braços firmes em cada lado do meu corpo. O silêncio parece me torturar mais ainda, e encarando seu rosto tenso, me lembro da sua expressão em Pandora. Me lembro de tudo, e sinto a dor que guardei sair.

Tom abaixa a cabeça, como se pensasse no que dizer, e retesa a mandíbula.

—Antonella usou algo contra mim, Alice — ele começa, e nego com a cabeça. Não quero saber da sua desculpa.

—Não, Tom. Não quero saber. Não mudará nada eu saber ou não — o interrompo — eu não quero ser enganada, e é isso o que você sempre faz.

Tom levanta a cabeça, franzindo a testa.

—Eu não enganei você — ele sussurra, e

fecho os olhos.

—Enganou, Tom. Se eu não tivesse ido para Pandora, eu não saberia, e provavelmente você poderia ter transado com ela — começo a falar.

—Não — ele sussurra agoniado, me interrompendo.

—E eu nunca saberia — continuo a falar, sobrepondo minha voz à sua — eu posso ter errado também ao beijar Ed, ao pensar se transaria com ele ou não, mas isso foi depois — finalizo, e abro os olhos, sabendo do peso das minhas palavras.

Tom me encara sem reação por alguns segundos, e fecha os olhos lentamente, retesando a mandíbula.

—Não me lembre disso, Alice — ele fala furioso, e abre os olhos, me encarando devastado — eu não quero imaginar a porra que aconteceu naquele quarto.

—O que quase aconteceu é culpa sua,

Tom. É consequência do seu jeito de sempre achar que está certo, de sempre querer esconder de mim — respondo brava, e coloco as mãos no seu peito, empurrando-o, mas ele se mantém firme na minha frente, e meus dedos, por mais que eu não queira, sentem seus músculos do peito, e me lembro da sua pele quente encostando nos meus mamilos, da sua força sobre mim. Respiro fundo e afasto as mãos. Tom arqueia uma sobrancelha, percebendo minha fraqueza e se aproxima ainda mais. Uma de suas mãos voa para o meu rosto, e ele o segura pela lateral, no maxilar. Respiro fundo, encarando seu semblante de ansiedade, e ele se aproxima ainda mais.

—Alice, me escute — ele sussurra — eu preciso de você, eu quero você. Me deixe contar — ele insiste, e fecho os olhos, sentindo a pele macia no meu rosto, quente, me envolvendo, quebrando com a minha resistência. Sinto sua respiração

quente se aproximar ainda mais do meu rosto, e agarro com força a cadeira. Estou tão furiosa, triste e magoada com ele, mas não consigo resistir à tentação de senti-lo, ele é meu vício, e parece que todos esses dias longe só intensificaram seu toque.

Sinto seus lábios quentes encostarem nos meus lentamente.

—Eu estou aqui agora para pedir seu perdão, minha Alice — ele sussurra contra os meus lábios, e seu toque, sua voz rouca me arrepia, fazendo o tesão subir do meio das minhas pernas até o meu coração fora de ritmo. Minha respiração acelera — para contar que naquele maldito jantar, eu me sentei em frente à Antonella acreditando que seria apenas negócios. Quando ela tentou entrar em assuntos pessoais, eu deixei claro que estava com você, e que iria pedi-la em casamento. Antonella enlouqueceu — Tom fala contra meus lábios, em um sussurro excitante — e antes que eu previsse.

—Alice — uma voz feminina interrompe Tom, e abro os olhos em um pulo. Ele afasta a cabeça da minha, fitando algo atrás de mim. Volto à realidade, e percebo que quase cedi, quase aceitei sofrer de novo. Não, não quero sofrer novamente — desculpe interrompê-los — a voz continua, e aproveito o momento e empurro Tom, me levantando da cadeira. Me viro, encarando uma das maquiadoras, que parece vacilar na porta — nós precisamos nos apressar, Augustine já está esperando.

—Nosso assunto já acabou — afirmo, de costas para Tom — podem entrar.

—Porra — ouço o rosnado baixo de Tom atrás de mim, e me viro, encarando-o. Se ele quer tanto assim estar aqui, aceitarei que ele esteja, mas não será para a sua satisfação. Se ele quer tanto participar comigo, será torturado.

—Nosso assunto já acabou, Tom

Haltender. Eu não quero ouvir o resto da desculpa — digo brava, e Tom passa uma mão na cabeça. Percebo que está furioso por ser interrompido, principalmente porque estava quase conseguindo.

—Se nos permitem — a maquiadora entra, seguida pela outra, e permaneço encarando-o.

—Agora eu preciso de privacidade, Tom. Se puder fazer o favor de se retirar — falo para ele, e Tom retesa a mandíbula, furioso.

—Não acabamos de conversar ainda, Alice — ele sussurra.

—Não há mais assunto — respondo e dou um passo na sua direção — se você quer tanto ficar aqui, Tom, arcará com as consequências.

Tom franze a testa, e eu me viro, voltando a sentar na cadeira. As maquiadoras se aproximam de mim, e começam a me maquiar. Ignoro Tom, mas sei que ele está ao meu lado, hesitante em sair, mas após alguns minutos, ele saí do quarto.

PERIGOSAS NACIONAIS

As maquiadoras permanecem em silêncio, e assim que acabam, me visto com outra roupa. Caminho pelos corredores em direção ao jardim, e assim que chego até ele, observo os modelos já em frente às câmeras. Augustine está ao lado de Tom, conversando sério com ele, e ambos se viram, me encarando. Caminho firme até onde estão os outros modelos, e os fotógrafos se aproximam de mim, começando a mexer nos meus cabelos, indicando as posições certas. Abaixo a cabeça, jogando o cabelo para o lado, e assim que levanto os olhos, eles são atraídos para Tom, que caminha firme pelo gramado, vestido com a campanha. Seus olhos azuis escuros estão fixos em mim, ferozes, e sinto meu corpo inteiro derreter, um tesão se sobressair à minha fúria. Respiro fundo, e volto a encarar a câmera, ignorando o fato dele estar cada vez mais perto. Os fotógrafos também o posicionam por perto, e começam a sessão de fotos.

PERIGOSAS ACHERON

Conforme os flashes são disparados e os fotógrafos nos mandam mudar de posição, me sinto observada intensamente por ele, como se estivesse pronto para me devorar. Sinto o vento nos meus cabelos, e está na hora de torturá-lo. Se ele quer tanto, farei ele sentir a dor que eu sinto.

Viro lentamente o rosto para ele, e começo a encará-lo, sem receios. Tom percebe, e seus olhos me devoram ainda mais, desejoso. Me inclino lentamente para frente, como se estivesse expondo meu corpo, e vejo os músculos dos seus braços se retesarem. O jogo está começando.

Os fotógrafos fazem mais algumas fotos, e um deles se aproxima de mim, pedindo que eu vá para o outro lado do gramado, para as sessões individuais. Assinto, e olho para Tom de canto de olho, vendo-o enlouquecer. Caminho ao lado do fotógrafo, que segura a câmera, observando as fotos tiradas. Ele pede que eu troque de roupa, e faço o

que ele diz, colocando transparência, conforme me deram.

Caminho pelo jardim, e olho para o lado, vendo Tom também em uma sessão de fotos, sentado em uma cadeira grande, branca. Ele me encara por alguns segundos, como se tivesse se esquecido onde está, o fotógrafo ou as fotos. Mordo o lábio, guardando minha raiva dentro de mim, e paro onde o fotógrafo está, sorrindo lentamente. Ele me pede que levante os braços, e começo a fazer poses conforme ele diz, sentindo que estou sendo observada atentamente, mesmo que Tom precise fazer poses na sessão.

Irei torturá-lo, já que Tom decidiu vir. Continuo minha sessão de fotos perto dele, e troco novamente de roupa.

Tom tenta disfarçar a excitação e volta a se focar no fotógrafo. Continuo com a minha sessão, e então troco novamente de roupa, aceitando colocar

um maio. Caminho pela borda da piscina e me deito, desestruturando a sessão de Tom. Ouço o fotógrafo chamar sua atenção, e mordo o lábio inferior, tentando segurar o riso. Se Tom achou que chegaria e seria do jeito dele, está muito enganado.

Ouço um barulho, e olho para o lado, vendo-o caminhar furioso na minha direção. Arregalo os olhos, e vejo o fotógrafo segui-lo, segurando a câmera, também furioso. Tom não está sendo nada profissional, e está me deixando cada vez mais nervosa, tanto furiosa como, merda, excitada.

Me levanto do chão, sentando na beira da piscina, e o fotógrafo que está fazendo a minha sessão para de tirar fotos, confuso. Ele olha para trás e vê Tom, sendo seguido pelo outro fotógrafo.

—Não dê bola — murmuro, e o fotógrafo me encara ainda mais confuso.

—O que está acontecendo? — ele

pergunta, e no mesmo instante Tom para do lado dele. Me levanto, furiosa, e encaro Tom.

—O que está fazendo? — tento perguntar calma, e Tom retesa a mandíbula, ainda mais furioso.

—O que você pensa que está fazendo, Alice? — ele pergunta bravo, franzindo a testa.

—Estou tentando fazer o meu trabalho, Tom — respondo ríspida, começando a me sentir irritada por ele acreditar que mesmo depois de tudo, ele pode se intrometer. Vejo Augustine se aproximar, percebendo a confusão, e me afasto.

—Está tudo bem? — Augustine pergunta, parando ao lado de Tom, e vejo o meu fotógrafo se aproximar de Augustine.

—Acho que o namorado está irritado — o fotógrafo começa, e dou um passo na direção deles.

—Não é namorado, e estou ficando incomodada, Augustine, se me permite dizer. Posso

passar para outra sessão? — pergunto, sentindo Tom me fuzilar com os olhos. Augustine me encara surpreso, e seus olhos se desviam para Tom.

—Me desculpe — Tom murmura, com os olhos fixos em mim. Viro o rosto e caminho firme para a parte interna do Chateaux. O fotógrafo me segue, e deixo Tom sozinho. Começo as sessões internas, e troco de roupa, obedecendo novamente.

Depois de várias trocas de roupas e fotos, o fotógrafo se aproxima de mim.

—Agora passaremos para as duplas, Alice, se estiver tudo bem — ele me informa. Sinto meu corpo inteiro se retesar, e meus olhos voam para a porta. Tom entra por ela, elegante, sem camisa, apenas de calça jeans, e sinto a minha raiva gritar dentro de mim, sendo dominada pelo tesão.

Merda, estou ferrada, e de certa maneira, ele também.

—Tom, vá para perto de Alice — o

fotógrafo pede, e me sinto dura. Fecho lentamente os olhos, desejando não sentir mais nada, apenas raiva, mas sinto emoção, uma emoção que guardei desde que acabei com ele. Tom para ao meu lado, e ouço o fotógrafo dizer para ele pegar na minha cintura. Preciso inverter a situação e torturá-lo. Abro os olhos e respiro fundo, me concentrando. Obedeço o que o fotógrafo me pede, e me viro de frente para ele, abraçando-o. Levanto a minha perna até a altura do quadril de Tom e o contorno. Sinto sua mão agarrar minha coxa com mais força do que o mandado, e seus dedos quentes apertam minha pele.O encaro, com o corpo dele colado no meu, seu rosto perto do meu, com uma expressão selvagem, e respiro fundo, sentindo sua mão apertar minha perna cada vez mais. Flashes são disparados, e Tom aproxima cada vez mais o rosto. Ele quer me provocar, e pelo seu semblante devasso, está explícito isso. Irei virar o jogo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Coloco as mãos no seu peito nu, e começo a subir até o seu pescoço, agarrando-o. Sinto a pele dele arrepiar embaixo dos meus dedos, e sorrio lentamente. Seus olhos parecem sair de orbita, me encarando enlouquecido, e finco as unhas no seu pescoço, ignorando os flashes.

—Alice — Tom sussurra devastado, e largo ele, me afastando. Tiro minha perna do seu toque e dou um passo para longe. Os fotógrafos percebem a deixa e começam a pedir outra pose. Me deito no sofá do quarto, de bunda para cima, e flexiono as pernas para o alto. Tom agarra meu tornozelo com força, segurando uma perna minha flexionada, sentado no encosto de braço, e sinto sua mão descer lentamente pela minha perna. Respiro fundo, e mais flashes são disparados.

E a roupa que me pedem para usar é exatamente o que eu preciso.

Volto para o quarto apenas de salto, um

PERIGOSAS ACHERON

shorts e um blazer. Assim que entro pela porta, Tom, vestido com outra roupa, vira o rosto, me encarando. Ele arregala lentamente os olhos, enlouquecido, e abre a boca, sem falar nada. Sua expressão é feroz, e sinto meu corpo inteiro arder de tesão ao vê-lo nesse estado, mas disfarço, e caminho firme pelo quarto, cuidando para não mostrar demais. Os fotógrafos pedem que Tom fique deitado no sofá, e eu sente sobre ele, de pernas abertas. Sorrio lentamente, gostando da ideia de vê-lo imóvel, e observo Tom hesitar ao deitar. Caminho até ele e me sento sobre o seu quadril. Coloco as mãos no seu peito coberto por uma camisa, e encaro a câmera na nossa frente. Fotos sãos tiradas, e sinto as mãos de Tom tentarem subir pelas minhas pernas, mas ao mínimo toque, saio de cima dele, deixando-o à mercê do desejo. O fotógrafo me pede que eu sente no chão, e que Tom pare de pé atrás de mim. Faço o que ele manda, e

Tom roça a perna nas minhas costas propositalmente. Respiro fundo, tentando controlar o jogo, e então o fotógrafo nos informa que é para Tom voltar para outro ambiente, que eu continuaria sozinha. Respiro aliviada, e Tom hesita. Me levanto, encarando-o.

—Vá, Tom — ordeno para ele, séria, e Tom me encara surpreso com o meu olhar feroz. Ele está tão confuso.

—Depois conversamos, Alice — ele sussurra e dá as costas para mim. O vejo sair do quarto, caminhando autoritário, e sei que irei evitá-lo pelo resto do dia.

As sessões de fotos transcorrem tensas, e a cada intervalo, vejo Tom me espionar ao longe, com os olhos ferozes em mim, mas o evito, e assim que sou informada que acabou por hoje, entro na van às pressas, antes que Tom venha atrás de mim.

A van me leva para o hotel, e durante uma

hora, adormeço, cansada pelo dia, por ter Tom ao meu lado insistindo, e por lutar contra qualquer desejo.

Chego ao hotel e subo direto para o quarto. Encaro o quarto escuro, e ligo as luzes, fitando a cama arrumada, o silêncio. Antes Louis me distraia, mas agora Tom o afastou, e Tom está perto. Respiro fundo e deixo minha bolsa sobre a cama, indo para o banheiro. Pego meu celular do bolso e vejo uma mensagem de Dana pedindo como estou, assim como várias mensagens de Gabriel curioso sobre as fotos. Ligo a banheira e deixo-a encher. Tiro a roupa, deixando-a no chão, e entro na banheira. Pego o celular para responder Dana. Ligo a tela, mas antes que eu consiga entrar na caixa de mensagens, recebo uma mensagem de um número familiar.

Por que você foi embora?

Tom. Ignoro, e a apago. Respondo Dana.

Dana, está tudo bem, estou cansada hoje, e como Louis foi embora, estou sozinha. Ah, Tom entrou para a campanha, nem preciso dizer o motivo.

E envio, entrando nas mensagens de Gabriel, e digito.

As sessões foram maravilhosas Gabi, é outro mundo. Mas devo contar algo, Tom afastou Louis. Ele está aqui em Lyon.

Envio, sentindo uma vertigem percorrer meu corpo, e respiro fundo, fitando a água cobrir meu corpo. Mantenho o celular na mão, e ele vibra. Fito a tela, aguardando a resposta de Dana ou de Gabriel, mas outro número surge na tela, me lembrando seu jeito autoritário.

Responda, Alice.

A excluo, ignorando-o, mas meu coração não consegue ignorar Tom, batendo apertado no meu peito. Sinto sua falta, agora lembrando do seu

jeito, do seu toque, e fecho os olhos. A sensação de ter seu corpo em cima do meu, dos seus braços envolvendo minha cintura, dos seus lábios no meu pescoço. Me lembro dos seus olhos azuis escuros, ferozes, na sessão de fotos, na sensação de tê-lo por perto.

E a dor me arrasta à ideia de como estamos destruídos, de como eu não consigo lembrar dele e confiar. Eu não consigo mais confiar nele, e é isso o que me devasta ao lembrar de Antonella. Abro os olhos, furiosa comigo mesma por ainda sentir amor, tesão, uma mistura de raiva com tristeza.

Meu celular vibra novamente na minha mão, e abro os olhos, fitando a tela. Uma nova mensagem.

Alice, que porra, me responda.

Tom está enlouquecido, e percebo que ter vindo para cá me deixou sem rumo também. Eu estava bem enquanto ele se mantinha longe,

enquanto eu tinha distrações que não me lembravam dele, mas agora, vendo-o, tudo o que eu senti parece se intensificar. Respiro fundo, sentindo um misto de sensações, e digito.

O que você quer, Tom?

Envio, fitando a tela por alguns segundos, como se estivesse esperando o remorso por responder, a raiva gritar comigo, e em segundos, o celular vibra novamente. Uma mensagem de Tom.

Você.

Mordo o lábio, sentindo meu coração voltar cada vez mais à vida, como se todo esse tempo ele estivesse dormindo. Minhas mãos tremem. Merda, eu ainda estou decepcionada com Tom, e quero evitar essas sensações. Meu celular vibra.

Quero você.

E vibra novamente.

Só minha.

Porra, Tom está tentando me envolver

novamente. Digito.

Você me teve, mas não deu valor, Tom. Escolheu me trair ao invés de contar, escolheu arriscar ao invés de confiar.

Envio, sentindo a água quente no meu corpo me lembrar seu toque quente. Não quero me lembrar mais, e pego o número de Louis, digitando uma mensagem para ele.

Foi embora sem se despedir?

Envio, tentando me distrair, mas uma mensagem de Tom surge na tela.

Me dê mais uma chance.

Excluo a mensagem. Estou decidida à não mais respondê-lo, porque quando faço isso, um fogo ressurge no meu corpo, duelando com a minha mágoa. Fecho os olhos novamente, e encosto a cabeça na borda da banheira. O celular vibra novamente. Abro os olhos, fitando a mensagem.

Me dê uma maldita chance, Alice, apenas

uma, e farei você entender o quanto eu a quero.

Reteso a mandíbula, e excluo a mensagem novamente. Digito uma mensagem para Gabriel.

Está aí? Preciso de você.

Envio, e no mesmo momento, recebo mais uma mensagem de Tom.

Alice, volte para mim.

A excluo, e recebo uma mensagem de Gabriel.

Agora estou, Ali. Fale.

Respiro fundo e começo a digitar. Meus olhos vagam pelo banheiro claro, a banheira grande branca onde estou, e a grande janela de vidro escuro ao meu lado. As velas brancas ao meu redor, e um grande espelho. Eu quero aproveitar tudo isso, mas agora estou torturada. Digito rápido para Gabriel.

Tom está me enchendo de mensagens, Gabriel. Respondi algumas, mas ele não para, e

preciso me distrair para não respondê-lo. Preciso parar de pensar.

Envio, e mais uma mensagem de Tom.

Porra, Alice, não faça isso comigo. Você iria me escutar hoje, se não tivessem nos interrompido. Você iria me ouvir, você iria retribuir meu beijo.

Cerros os dentes, furiosa por ele achar que é fácil assim. E num impulso furioso por ele ainda tentar se achar no controle da situação, respondo.

Não, Tom. Em nenhum momento eu iria beijá-lo novamente, e pretendo não fazer isso nunca mais. Estou cansada de ser enganada, e acho que você já entendeu isso.

Envio, furiosa, e no mesmo instante recebo sua resposta.

Não consigo parar de pensar em você. De lembrar seu rosto, se toque, seu corpo. Eu preciso de você, pare de me torturar e venha aqui, Alice.

Semicerro os olhos, ainda mais furiosa com sua ousadia de tentar me mandar mesmo quando não estamos mais juntos. Minhas mãos tremem de raiva, e recebo uma mensagem de Gabriel também.

Não responda, Alice. Tom está fazendo isso de propósito, enchendo você de mensagens até levar você ao ponto de responder.

Leio, mas não consigo assimilar nada do que a mensagem de Gabriel tentou me passar. Me sento ereta na banheira, ainda mais furiosa com Tom, deixando a raiva ultrapassar a mágoa, o tesão, a saudade.

Abro sua caixa de mensagem e respondo sem raciocinar direito, cega de fúria.

Quem você acha que é na minha vida, Tom Haltender, para pensar em me trair, vir me incomodar mesmo em outro país e ainda querer mandar em mim? Sou uma mulher crescida, não preciso receber ordens de alguém que não está

mais na minha vida. Você me iludiu, me pediu em casamento para aliviar sua consciência e planejou transar com uma outra mulher, você me torturou primeiro. Você acha que eu estou torturando você? Então espere e verá.

Meus dedos enviam a mensagem antes que eu consiga alguma lucidez, e encaro a mensagem ser enviada. Abro a boca, assustada e arregalo os olhos. Porra, o que eu fiz? Leio cada palavra, mas não sinto remorso, sinto uma satisfação por jogar às claras toda a mágoa e dor que ele me causou.

E meu celular vibra. Reteso a mandíbula, sem conseguir imaginar o que ele respondeu, e mesmo que eu não queira sentir, meu coração acelera como se batesse por dois corpos. Leio sua mensagem.

Quem eu sou na sua vida, Alice? Eu espero que eu tenha sido o único homem que conseguiu fazer você ter o melhor orgasmo, que fez

você amar como jamais amará outro, como você fez comigo. Sou o homem que jamais vai deixá-la em paz, porque eu não tenho paz. Você me tortura por me acusar sem entender, sem me deixar explicar. Não há tortura pior.

Respiro fundo, e me inclino na banheira novamente, encostando a cabeça na borda. Porra, eu poderia deixar Tom se explicar, mas o que uma desculpa mudará na confiança quebrada? Não sinto que fará algo. Mordo o lábio, e uma nova mensagem surge na tela.

Pare de me torturar, Alice.

Leio sua mensagem, e contra minha vontade, meu cérebro me faz imaginar Tom, em algum lugar, implorando por essas mensagem. E isso me faz lembrar que poderíamos estar juntos. Que merda, meu coração não consegue decidir o que sentir. Ele está me torturando ainda mais, de certa forma, e estou furiosa por isso. Irei virar a

situação. Começo a digitar, focada em não pensar, apenas escrever.

Você quer tortura, Tom? Saiba que eu estou bem como eu estou, sentada dentro de uma banheira, nua, sem você. Se você continuar a me incomodar dessa maneira, irei torturá-lo sim, então pare.

Envio, e desço os olhos para a água abaixo das minhas mãos, tentando imaginar a sua expressão ao ler a mensagem. Interrompo meu cérebro para não pensar tanto, e meu celular vibra.

Porra, Alice. Pare, você sabe que eu não consigo.

Sorrio, satisfeita por ver dor nas suas palavras, e digito novamente. Se Tom achou que iria conseguir algo vindo, tentando, irei mostrar que está errado, muito enganado. Seu plano falhou.

Então será torturado, Tom. Isso é apenas consequência. Eu quero que você pare de me

incomodar, mas você não consegue. Você me quer, mas terá apenas a vontade.

Envio, fitando a tela do celular, o silêncio do banheiro parece uma contagem para a sua resposta, que chega rapidamente.

Alice, pare. Converse comigo.

Semicerro os olhos. Tom não está levando isso à serio, mas farei ele levar. Digito furiosa.

Estou ocupada, deixando a água escorrer pelo meu corpo.

Não irei responder Tom do jeito que ele quer. Ele quer conversar, mas eu não quero, porque sei que acabarei fazendo merda. Irei torturá-lo.

Envio a mensagem, e encaro o celular por alguns segundos. A tela pisca, e Tom responde.

Você ainda está nua?

Franzo a testa, percebendo o quanto ele deve estar devastado por pensar. É, faça isso Tom, se torture. Respondo.

Sim. Nua e molhada, mas impossível para você, Tom.

Envio, começando a me divertir com sua tortura. Eu sei que não deveria gostar de torturar os outros, e acho que aprendi isso com Anya, mas um grande sorriso começa a surgir nos meus lábios, e sinto a água esquentar ainda mais. Estou adorando pensar que Tom está devastado, sem conseguir realizar seu plano ao vir para Lyon. Movimento minhas pernas embaixo da água, formando ondas, e olho para o banheiro novamente, todo claro, com vasos altos de plantas, e uma meia luz esbranquiçada. Meu celular vibra na minha mão, e abro a mensagem.

Não faça isso, Alice. Me deixe falar primeiro, e depois deixe eu ver isso com meus olhos.

Respiro fundo, lendo novamente sua mensagem, sentindo que Tom deve estar excitado.

PERIGOSAS NACIONAIS

Porra, eu estou ficando excitada, mesmo com raiva dele ainda. Digito, preciso parar de pensar isso, assim. Preciso parar de pensar, apenas digitar. Não vou respondê-lo. A cada mensagem dele, vou apenas torturá-lo.

Nesse momento meus mamilos estão rijos pelo frio que sinto em relação à água quente que cobre meu corpo.

Envio, e em segundos Tom responde.

Me deixe beijá-los.

Respiro fundo, e contra a minha vontade, meu corpo me lembra dos seus lábios ao redor dos meus mamilos. Fecho os olhos, desejando não lembrar, e encosto novamente a cabeça na borda da banheira. Me lembro dos seus olhos azuis escuros, fixos em mim, seus ombros nus, seus lábios se abrindo sobre meu mamilo, sugando-o. Suspiro, e o tesão invade meu corpo, subindo pelo meu ventre. Lembro das suas mãos apertando meus seios.

PERIGOSAS ACHERON

Merda, preciso parar de pensar.

Abro os olhos, sentindo meu corpo muito quente, e fito a tela do celular. Porra, Tom me deixa com tesão. Não posso, preciso parar de pensar. Digito.

Meu corpo está arrepiado. Um arrepio que passa pelo meio dos meus seios, descendo pelo meu ventre até o meio das minhas pernas. Estou excitada. Acho que irei me masturbar.

E envio. Mas sinto meu corpo adorar a ideia, implorar por ela, na realidade. Sinto minha intimidade pulsar por sentir algo, por tentar acalmar a vontade de tê-lo. Estou viciada em sexo, em apenas um sexo, e é apenas esse sexo que estou negando. Suspiro novamente, desejando acalmar o fogo que acende em mim, esfriado por esses dias que passaram. Me sinto invadida por Tom, como se agora esse banheiro tão impessoal me lembrasse dele. Seu perfume adocicado parece invadir meu

olfato. Fecho os olhos, e largo o celular ao lado da banheira, prestando atenção caso vibrar, mas durante minutos que fito o teto branco, o grande lustre e a grande janela fumê ao meu lado esquerdo, o silêncio preenche o ambiente.

E a terrível ideia continua a martelar na minha cabeça. Não, não quero fazer.

Eu quero.

Mordo o lábio, me afundando ainda mais na banheira, e fecho os olhos, esquecendo o mundo ao meu redor. Estou sem sexo há um bom tempo, e ficar sem o sexo de Tom é avassalador. Meu corpo está implorando para mim, principalmente agora que eu o vi, que eu relembrei minha pele de como é o seu toque. A água cobre meu corpo até os ombros, e com uma mão, aperto meu seio esquerdo. Arfo, sentindo a força da minha mão, o tesão aumentar, e desço com a outra mão pelo meio dos meus seios. Passo minha barriga roçando a ponta

dos dedos, e chego até o meu ventre. Hesito, e minha mente vaga para as lembranças. Me lembro dos seus olhos azuis escuros, selvagens. Tom sobre mim, nu, com seu peito definido roçando nos meus mamilos. Sua respiração batendo na pele do meu pescoço, e seus lábios traçando um caminho pelo meu pescoço até os meus lábios. Gemo, visualizando suas mãos agarrarem meu quadril com força, e seu quadril pedir espaço no meio das minhas pernas. Seus lábios sugam meu lábio inferior, e descem pelo meu pescoço, mordiscando minha pele.

Encaro seu rosto na minha mente, seus lábios entreabertos, seu maxilar quadrado, seus olhos azuis escuros, ferozes, sua expressão selvagem, e ele volta pressionar os lábios contra os meus.

Adentro entre minhas pernas com minha mão, e meus dedos invadem meus grandes lábios.

Toco meu clitóris, arrepiando meu corpo, e inclino a cabeça ainda mais para trás, gemendo alto. Sinto o tesão e o prazer se misturarem dentro de mim em um fogo de gozo, aperto com prazer meu seio.

Visualizo na minha mente o rosto de Tom subir dos meus seios, e ele me encarar feroz, retesando a mandíbula. Me sinto mais molhada do que o possível, e gemo o seu nome, mordendo meu lábio inferior. Na minha mente, seu rosto avança contra o meu, e sinto uma das suas mãos fortes largar meu quadril. Os músculos do seu braço se retesam, e ele agarra a base do seu membro ereto, grosso, potente. Sinto-o nos meus grandes lábios, me penetrando, e aumento a velocidade dos meus dedos, gemendo baixo seu nome, sentindo meu clitóris explodir de prazer entre meus dedos, e começo a me provocar em círculos, subindo e descendo pelos meus grandes lábios.

Minha mente vaga para a imagem de Tom

novamente, dele agarrando meus cabelos, com força, puxando minha cabeça para trás, e me penetrando com veemência. Seu membro se avolumando ainda mais dentro de mim, me deixando cada vez mais molhada, e em um soco, me abrir inteira, ocupando todo o espaço, deixando sua marca de possessividade dentro de mim. Tom começa a estocar com força, atrás de mim, me segurando pelos cabelos, e meus dedos aumentam a pressão no meu clitóris, que implora por mais. Me masturbo ainda mais, esquecendo por um momento de toda a merda. Largo meu seio, e agarro a borda da banheira com força. Meu corpo grita de gozo, e de olhos fechados, abro a boca puxando ar, sem fôlego, sentindo todo o prazer inflar dentro do meu peito, dentro do meu ventre. Entro no meu mundo do esquecimento, visualizando Tom em cima de mim, me agarrando, beijando meu corpo, seus braços me envolvendo, seu membro estocando com

força dentro de mim. Meus dedos acariciam cada vez mais rápido e com força, e arqueio as costas na banheira. Vago pelo meu mundo do esquecimento, sentindo o prazer irradiar do meu ventre, subindo pelo meu peito e explodir em gozo puro, me deixando inebriada, sem reação. Ondas de prazer me invadem, me arrepiam, aumentando a vertigem no meu ventre, o formigamento e prazer, e começo a atingir o êxtase. Entro em um orgasmo avassalador, intenso, como se me lembrasse o tempo que eu não sentia, e sinto meus dedos deslizarem ainda mais pelo meu clitóris úmido. Gemo alto o nome de Tom, sentindo o orgasmo me deixa imóvel, e abro a boca em puro gozo, extasiada. Ele me invade, me queima como fogo, derretendo minha intimidade de prazer, e esqueço onde estou, como estou. Minha mente está no rosto de Tom, em seu corpo, em sua força, em seu sexo na minha mente, e meu corpo aumenta o orgasmo

enquanto me toco cada vez mais. Ainda de boca aberta, sem fôlego, em orgasmo, sentindo meu coração acelerar ainda mais, e meu corpo parecer suar, aperto com mais força ainda borda da banheira, com a cabeça na borda, jogada para trás, e arqueio as costas. Sinto o orgasmo me preencher por completo, sublime, queimando. Estou derretendo, estou tendo um orgasmo maravilhoso, prazeroso.

Arqueio ainda mais as costas dentro da água, agarrando a borda da banheira com força, ainda de olhos fechados, me sentindo vagar na imagem que visualizo de Tom, no orgasmo do meu corpo, do prazer que me enlouquece, e o orgasmo se intensifica, me deixando arrepiada, me deixando à mercê do esquecimento, do prazer. Gemo alto, e abro a boca, puxando o ar. Gemo o nome de Tom baixo, mantendo a boca aberta para recuperar o fôlego enquanto ainda sinto meu corpo queimar de

orgasmo.

—Alice — sua voz rouca me invade ainda mais, e gozo mais, sentindo meus dedos perderem os movimentos de tanto prazer que sinto — Alice — a voz rouca de Tom me queima, me derrete, e aperto ainda mais a borda da banheira, me masturbando — Alice — e minha mente visualiza a imagem do seu rosto selvagem, feroz. Permaneço de olhos fechados, gemendo, me masturbando devagar, gozando — Alice — e sua voz rouca arrepia minha pele intensamente — Alice — meu cérebro se ativa, e abro os olhos, arregalando-os. Não é a minha mente, porra. A voz rouca é real.

Deitada na banheira, com a água sobre os ombros, molhada e sentindo o orgasmo me queimar, me apertar de prazer, puxo o fôlego, começando a entender o que está acontecendo. Ainda me sinto flutuando no prazer, e lentamente, sem conseguir raciocinar, ainda com a mão

apertando a borda da banheira, viro a cabeça na direção da porta. Um homem loiro está parado na porta, com uma camisa social branca aberta no colarinho e calça jeans, os cabelos loiros bagunçados. O ombro musculoso apoiado na porta, um pouco inclinado como se estivesse se escorando, como se ele precisasse de apoio para se manter em pé. O outro braço esticado contra a parede da porta, confirmando que ele precisa se segurar.

—Alice — sua voz rouca me chama, e arregalo ainda mais os olhos. Não consigo raciocinar.

Sua expressão é de devastação por ver eu me masturbando. Seus lábios estão entreabertos, sedutores, e seus olhos azuis escuros são ferozes em mim.

Tom.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

ALICE

Meus olhos descem para seus lábios entreabertos, e volto a encarar seus olhos azuis escuros, ferozes em mim.

—Tom — sussurro ofegante, sentindo o orgasmo ainda presente no meio das minhas pernas, me queimando. Me mexo dentro da água, tentando afastá-lo, sem conseguir tirar os olhos de Tom. Ele

permanece na porta pelo que parece ser uma eternidade, e suas mãos se fecham. Arregalo os olhos, vendo as veias do seu pescoço se retesarem, e me afundo mais na banheira — vá embora — as palavras voam da minha boca, furiosas, rápidas.

Estou ainda mais furiosa por ele invadir o quarto do hotel, mas porra, estou tão excitada. Sinto o orgasmo começar a diminuir e afasto minha mão do meio das minhas pernas. Tom percebe o movimento, e inesperadamente abaixa o braço, agarrando sua camisa com as duas mãos e puxando-a para os dois lados. Os botões da camisa social saltam, e ele arranca a camisa, revelando o peito esculpido, delicioso. Meus olhos me traem, e desço com o olhar para seu abdômen. Abro a boca, sem fôlego, tentando acalmar meu corpo.

—Vá embora, Tom, eu não o quero aqui — tento falar para ele e para mim mesma, porque no estado que estou, com tesão, vendo-o seminu na

minha porta, eu preciso dele, eu o quero.

Tom morde o lábio inferior, com os olhos azuis escuros perdidos em mim, seu semblante é devastado, e merda, pelo sua fome devassa, fico ainda mais excitada. Aperto com força a borda da banheira, pronta para me levantar e me esconder dentro de um robe, mas no mesmo momento, Tom avança com passos largos, desesperado em direção à banheira, e percebo que está apenas de calça jeans e meias.

—Tom — grito, tentando parecer brava, mas a curta distância entre a porta e a banheira não me dá tempo de me levantar, e Tom para apenas um segundo ao lado da banheira, sem tirar os olhos de mim, sem camisa, apenas com uma calça jeans escura. A luxúria inunda seu rosto desesperado. O encaro, levantando a minha cabeça, e no instante seguinte, ele levanta uma perna, e a coloca dentro da banheira, esparramando água. Arregalo os olhos,

incrédula, sem reação, e Tom entra na banheira. Abro a boca para discutir com ele, mas assim que seu corpo entra na banheira à minha frente, ainda com os olhos fixos em mim e uma expressão enlouquecida, ele agarra minhas coxas e arrasta minha bunda no fundo da banheira, me puxando para perto, ficando no meio das minhas pernas nuas — pare — grito, mas não consigo dizer nada mais, fitando seu corpo mais alto que o meu, no meio das minhas pernas, de joelhos, com a água molhando parte do seu jeans — Tom — minha voz suplica porque porra, eu estou desejando-o mais do que qualquer outra vez.

Tom retesa a mandíbula, me fitando do alto, e seus olho azuis escuros estão selvagens em mim, sua expressão é autoritária, me dizendo que ele não irá parar. Respiro fundo, descendo os olhos pelo seu peito musculoso, desejando ter forças para afastá-lo, e agarro com as duas mãos cada lado da

banheira pela borda, começando a me impulsionar para levantar. No mesmo momento Tom coloca as mãos em cima das minhas mãos, prendendo-as contra a banheira, e se inclina na minha direção. Meu corpo inteiro se retesa, não por medo, mas por ansiedade para tê-lo, merda.

O corpo de Tom encosta no meu, dentro da água, quente, me derretendo com seu fogo, meus mamilos se enrijecem ainda mais, duros contra o peito de Tom, me queimando, e contra minha vontade, jogo a cabeça para trás, apoiando a nuca na borda da banheira.

—Tom — digo seu nome, e a tentativa de pedir para ele ir embora se torna um pedido para ele transar comigo, acalmar meu fogo. Suas mãos apertam ainda mais as minhas contra a borda da banheira, e fecho os olhos, sentindo seus lábios quentes, úmidos, beijarem lentamente meu pescoço. Seus dentes puxam a pele, e ele passa a

língua, saboreando cada pedaço. Tom beija novamente meu pescoço na lateral, lentamente, deixando seus lábios em contato por segundos, e então trilha um caminho até a frente do pescoço, subindo e descendo em beijos molhados. Ele hesita e abro os olhos, sentindo meu corpo arrepiar com cada beijo, com cada respiração quente que bate no meu pescoço.

—Alice — sua voz rouca é arrastada de prazer, um sussurro. Tento mexer as mãos, mas sinto seus dedos quentes pressionarem ainda mais, e mordo o lábio. Sinto sua língua molhada lamber meu pescoço, subindo até o queixo e descendo lentamente, me saboreando. Gemo, sentindo um arrepio avassalador surgir no toque da sua língua e se irradiar para cada mamilo, para cada parte do meu corpo, para a minha intimidade, deixando-a à mercê dele.

Contra a minha vontade. Não, eu estou com

vontade, eu estou com a porra do desejo de foder com Tom. Arqueio minhas costas, oferecendo meu corpo, desejando-o, e ouço Tom gemer contra a minha pele, ainda beijando-a. Seus lábios beijam lentamente. Ele beija meu pescoço e vai subindo com a língua até morder suavemente meu queixo. Seu rosto surge sobre o meu, e o encaro por segundos. Ele abre a boca, deixando escapar um suspiro, e seus olhos azuis escuros são ferozes, sua expressão é de urgência. Ele aproxima cada vez mais o rosto, e em um impulso violento, ele me beija, abrindo minha boca com seus lábios quentes, invadindo-a com sua língua molhada, explorando-a como se dissesse que está tomando posse de toda a minha boca, em um beijo profundo, selvagem. Gemo contra os seus lábios, retribuindo o beijo, minha língua caça a sua, e a encontro, envolvendo-a. Tom geme roucamente contra o meu rosto, me deixando ainda mais enlouquecida. Suas mãos

soltam as minhas, e voam para as minhas costas. Seus braços circulam minha cintura, e seus antebraços sobem pelas minhas costas. Ele espalma uma mão nas minhas costas e me puxa da borda da banheira, me fazendo sentar com ele no meio das minhas pernas. Arfo, e agarro seus cabelos com violência, puxando-os. Tom me aperta contra ele, sem parar de me beijar, e seus dentes se fecham suavemente no meu lábio inferior. Abro os olhos, vendo-o puxar meu lábio com uma expressão devassa. Ele o solta, e me mantendo sentada com as mãos nas minhas costas, ele desce o rosto. Jogo a cabeça para trás, fazendo força contra suas mãos, e sinto seus lábios vagarem novamente para o meu pescoço, selvagem, deixando um rastro vermelho de beijos fortes, de chupadas contra a minha pele.

—Tom — gemo seu nome, desejando mais, implorando por mais, e uma das suas mãos desce para a minha bunda. Ele a agarra por baixo, e

me ergue, me mantendo mais alta do que ele, enquanto sua outra mão permanece nas minhas costas. Meus seios saem da água, sentindo o frio, e se arrepiam ainda mais. Abaixo o rosto, fitando o rosto de Tom rente à pele do meu busto, e ele afasta lentamente os lábios. Seus olhos se levantam, e ele me encara debaixo, me devorando. Tom avança contra meu seio direito, abocanhando o mamilo. Sinto o calor envolver meu mamilo rijo, queimando-o de prazer, e Tom o chupa com força. Gemo de prazer e dor, agarrando seus cabelos novamente, incentivando-o a continuar. Sinto sua língua circular meu mamilo, e ele o chupa novamente, em sequências rápidas e contínuas, me deixando louca de prazer. Seus lábios se afastam do meu seio, e ele passa a língua, me encarando. Sua língua faz um caminho do meu seio direito até o esquerdo, e ele o abocanha, chupando com força também. Jogo a cabeça para trás, em puro gozo,

sentindo meu mamilo molhado, envolvido pela sua boca quente. Tom geme contra meu mamilo, e sua respiração quente arrepia a pele. Seus lábios sobem lentamente novamente pelo meu busto, vagando para o meu pescoço, e Tom me solta. Me inclino novamente na banheira, apoiando a cabeça na borda, e encaro seu rosto subir pelo meu. Seus lábios avançam contra o meu, e sua língua me penetra, sugando a minha, prendendo-a na sua boca. Suas mãos largam meu corpo, e voam para o botão da sua calça jeans. Tom abaixa a calça, e sinto seu membro ereto, potente, roçar duro contra minhas coxas. Abro a boca, sem conseguir me expressar, e Tom morde o lábio, me encarando devasso. Sinto sua mão na minha barriga, roçando os dedos lentamente enquanto ele desce até o meu ventre. Ele aperta com dois dedos meu monte vênus, e mordo o lábio, gemendo. Seus dedos abrem espaço pelos meus grandes lábios, e tocam

meu clitóris inchado, pedindo por prazer. Aperto a borda da banheira de cada lado com as mãos, entregue à ele, fitando seu rosto contra o meu, e seu olhar analisa cada expressão do meu rosto, como se Tom quisesse ver o prazer que estou sentindo. Uma de suas mãos agarra meu rosto pelo maxilar, com força, me prendendo contra a borda da banheira, e sua outra mão começa a tocar meu clitóris, me excitando ainda mais. Seus dedos se movem ágeis em círculos contínuos, deixando meu clitóris pulsar de prazer. Ele desce com os dedos para meus pequenos lábios, e delicadamente me penetra, sentindo meu prazer se fechar contra seu dedo. Tom franze a testa, me encarando, e abre a boca, suspirando ao me sentir. Mordo o lábio, mantendo um gemido baixo, e vejo que ele está perdendo o controle. Seu semblante me diz isso, seus olhos me dizem isso.

E eu quero que ele perca o controle.

Seu dedo sai de dentro de mim, e volta a me penetrar lentamente. Inclino meu quadril, pedindo mais, sem conseguir tirar os olhos do seu rosto rente ao meu, e Tom volta a tocar meu clitóris, aumentando a velocidade, a força.

—Eu sei o seu prazer, Alice, eu o conheço — Tom sussurra roucamente contra meus lábios, me encarando — porque ele é o meu prazer.

Assinto, sem encontrar palavras, sem forças, conseguindo apenas puxar o ar, porque seus dedos me deixam sem fôlego.

Tom afasta um pouco o rosto, e seus dedos se afastam dos meus grandes lábios. Segurando meu rosto com uma mão, sinto Tom agarrar a base do seu membro, e a cabeça do seu pau roça contra meus grandes lábios. Abro a boca, gemendo, e sinto seu membro abrir espaço nos meus grandes lábios. Tom o deixa na entrada da minha intimidade, sem tirar os olhos de mim, e solta a base do seu

membro, soltando também meu rosto. Os músculos dos seus braços se retesam, e ele agarra a borda da banheira em cada lado da minha cabeça, passando os braços pelos meus ombros. Aperto com força a borda da banheira em cada lado meu, e Tom impulsiona o corpo para frente, apertando com força a borda da banheira para ter ainda mais impulso. A água se esparrama ao lado da banheira em ondas, e Tom me penetra com muita força, me rasgando, tomando todo o espaço dentro de mim. Gemo, sentindo seu peito roçar nos meus mamilos, subindo e descendo, conforme toma impulso com os braços, fazendo força contra a borda da banheira. Jogo a cabeça para trás, sentindo seu membro sair quase todo de dentro de mim, e o encaro. Sua expressão é selvagem, seus olhos estão inundados de prazer, e ele sussurra meu nome com os lábios entreabertos. Ele puxa o próprio corpo com os braços, para frente, e me penetra com

violência novamente, me invadindo em um soco forte. Abro ainda mais as pernas, sentindo um prazer misturado com dor, uma sensação de ter seu membro dentro de mim, e Tom o afasta novamente, roçando seu corpo musculoso contra o meu. O encaro extasiada, gemendo alto, e Tom começa a estocar com força cada vez mais, entrando e saindo de dentro de mim, empurrando o quadril, e a cada estocada, ele cerra os dentes, rosnando de prazer. A água cai em ondas para fora da banheira conforme o corpo de Tom empurra o meu para cima.

—Tom — gemo, ouvindo-o rosnar, sentindo seu membro estocar com violência dentro de mim, me queimando, me jogando no fogo. O prazer sobe pelos meus grandes lábios, queimando meus mamilos e agarrando minha sanidade. Jogo a cabeça para trás novamente, sem conseguir tirar os olhos do rosto feroz de Tom, e começo a gemer alto. Meu gemido se mistura ao seu gemido rouco,

e seu quadril atrita cada vez mais no meio das minhas pernas. Largo a borda da banheira e agarro sua bunda com as duas mãos, pressionando os dedos, empurrando-a ainda mais para o meio das minhas pernas, incentivando seu ritmo frenético.

Gemo alto, e cerro os dentes, sentindo o prazer se intensificar em cada estocada forte que ele dá, e ele me encara feroz, avançando contra os meus lábios. Ele geme contra minha boca, e me beija furiosamente, penetrando sua língua, caçando a minha enquanto seu membro saí e entra em mim, me deixando cada vez mais molhada. Sinto meu corpo vagar para o esquecimento, para um mundo de prazer, o mundo de prazer de Tom, me envolvendo, e o gozo sobe em ondas em cada estocada forte, em cada vez que sinto seu corpo no meu. Seus lábios guiam os meus em um beijo profundo.

—Alice — ele geme contra os meus

lábios, e afasta o rosto. Sinto meu corpo dar um espasmo, me comunicando que estou prestes à entrar em orgasmo. Fecho os olhos, sentindo meu coração bater enlouquecido, meu corpo arder, e então Tom sai inteiro de dentro de mim. Abro os olhos em um susto, encarando-a aturdida, e Tom morde o lábio. Suas mãos agarram minha bunda, e eu circulo seu quadril com as pernas. Ele se ergue da banheira, me erguendo junto, e saí, derrubando ainda mais água. Mordo o lábio, ansiosa por senti-lo mais, desejando cada parte do seu corpo, e passo as mãos nos seus ombros musculosos, retesados pela força de me carregar. Finco as unhas na sua pele, encarando seus olhos fixos em mim, sua expressão devassa, e Tom me carrega para fora do banheiro, deixando a calça cair das suas pernas. Sinto seu membro roçar no meio das minhas pernas. Ele me carrega até a cama, e coloco os pés no chão, fitando-o prazerosamente. Tom agarra

meu quadril, com os olhos ferozes em mim, penetrantes, e com o semblante autoritário, a mandíbula retesada, ele me vira de costas com veemência, e me joga na cama. Caio de frente, com o quadril empinado, e sua mão agarra meus cabelos, puxando com força minha cabeça para trás, enquanto sua outra mão agarra meu seio com força, roçando os dedos pelo mamilo. Gemo com a cabeça erguida para trás, os braços apoiados na cama, e sua mão solta meu mamilo, descendo pela minha barriga até tocar nos meus grandes lábios. Sinto o corpo quente de Tom roçar nas minhas costas, e sua mão joga meus cabelos para o lado. Sua boca encosta no meu ombro esquerdo, e ele desce beijando lentamente minhas costas, deixando um rastro de chupadas na pele. Gemo, sentindo seus dedos me tocarem, tocarem meu clitóris com prazer.

Seus lábios passam pela minha lombar,

beijando, e Tom chega na minha bunda. Ele hesita, e sinto sua respiração bater na minha bunda. Sinto seus lábios nela, e seus dentes se fecham em uma mordida forte. Gemo, jogando minha cabeça para trás, e ele se levanta de mim. De pé, atrás de mim, Tom desfere um tapa na minha bunda, e dou um pulo na cama, deixando surgir um sorriso nos lábios.

Sua mão agarra o local onde desferiu o tapa, e ele aperta a pele.

—Minha Alice — ele rosna roucamente, com a voz inundada de prazer. Seus dedos roçam pela minha bunda, e ele agarra meu quadril com as duas mãos e me vira na cama. Bato a bunda no colchão, fitando seu corpo inteiro nu, de pé na minha frente. Meus olhos fitam seus olhos azuis escuros, e descem para os seus ombros largos, musculosos. Encaro seu peito definido, e desço para seu abdômen delicioso, fitando seu ventre

malhado e seu membro ereto, grosso, pronto para me penetrar.

Subo os olhos novamente, vendo seu maxilar retesado, seus olhos fixos em mim, e pelo seu olhar, sei o que pretende fazer. Minha intimidade clama por isso.

Tom sorri torto, percebendo minha expressão de prazer, e se ajoelha na minha frente, no meio das minhas pernas. Ergo a cabeça para vê-lo, e vejo seu rosto se aproximar ainda mais da minha intimidade. Agarro os lençóis da cama com as mãos, e jogo a minha cabeça para trás, batendo-a na cama assim que sinto seus lábios quentes contra meus grandes lábios, sua língua penetrá-los.

—Tom — gemo seu nome, sentindo sua língua abrir caminho dentro de mim, molhada, quente. Agarro seus cabelos, incentivando-o, e sua língua encosta no meu clitóris. Pulo na cama, agarrando com força os lençóis e puxando-os

contra meu corpo. Tom suga meu clitóris, tentando colocá-lo dentro da sua boca quente, e sua língua desce para meus pequenos lábios, voltando ao meu clitóris. Ele me toca com a língua em círculos lentos, saboreando meu gosto, meu prazer. — Tom — gemo seu nome alto, esquecendo das brigas, de todas as merdas. Meu prazer é o único pensamento que prevalece na minha mente.

Ele morde suavemente cada grande lábio meu, e beija minha intimidade, se levantando. Encaro seu rosto intenso, seus lábios úmidos, e Tom passa a língua sobre os lábios, me fitando selvagemente.

Ele apoia um joelho na cama, no meio das minhas pernas, seguido pelo outro, e com um braço apoiado na cama, sobe com o outro, roçando os dedos pelo meu corpo, e então agarra meus pulsos com as mãos, puxando-os para cima da minha cabeça. Ele prende meus pulsos com uma mão, e

com a outra agarra meu rosto pelo maxilar, mantendo minha cabeça erguida. Tom avança com a boca para o meu pescoço novamente, deixando-o vermelho com chupadas e mordidas, devorando minha pele enquanto me mantém presa.

Sinto seus lábios úmidos contra minha pele, sua língua quente, e o quarto se torna ainda mais abafado, como se um fogo de prazer nos queimasse. Minha intimidade pulsa agoniada para senti-lo, e sinto calor, muito calor emanando do meu corpo. Seus lábios descem novamente para o meu busto, e ele chupa meu seio esquerdo com violência, reivindicando-o para si, e então abocanha o direito, lambendo meu mamilo.

—Tom — gemo, arqueando as costas, ainda com as mãos presas à sua mão, e Tom sobe com o rosto até estar rente ao meu.

Ele roça os lábios contra os meus, deixando sua respiração quente me queimar ainda mais, e sua

outra mão agarra a base do seu membro. Sinto-o roçar nos meus grandes lábios, e em um empurrão, Tom atrita o quadril nas minhas pernas, empurrando o corpo para frente, esfregando o peito nos meus mamilos, e me penetra com força, largando minhas mãos. Seu rosto afunda nos meus cabelos, com a cabeça ao lado da minha.

—Alice — ele geme em um rosnado profundo, demonstrando o quanto está perdido em prazer, e sua voz rouca me arrepia, me deixa ainda mais extasiada. Gemo seu nome também, e Tom tira o membro de dentro de mim, me penetrando com força novamente. Gemo, e desço com as mãos pela suas costas, unhando-o, deixando um rastro vermelho. Contorno seu quadril com as pernas, incentivando-o a estocar com força, e Tom se perde dentro de mim.

Arfo, tentando recuperar o fôlego que seu fogo me tira, e Tom estoca cada vez mais forte,

mais rápido, me arrastando na cama, com violência. Sinto uma ardência dentro de mim envolvida com gozo, e estou inebriada de prazer. Seu membro soca dentro de mim, e Tom envolve meu quadril com as mãos, espalmando as mãos nas minhas costas. Uma delas agarra meus cabelos, puxando minha cabeça para trás, e abro os olhos, fitando-o sobre mim, com os olhos fixos em mim, de puro prazer, selvagem, enquanto estoca dentro de mim, retesando os ombros e movimentando o quadril. Ele sai inteiro de dentro de mim, soltando meu corpo, e se levanta. Arregalo os olhos, sem entender, e no instante seguinte, ele agarra meu quadril e me vira com veemência na cama. Bato os seios nos lençóis.

—Tom — tento perguntar confusa, mas vejo seus braços, com os músculos retesados, se apoiarem em cada lado do meu corpo, e seu peito encosta nas minhas costas, me cobrindo inteira. Seu

membro roça nos meus grandes lábios, e ele me penetra novamente, me empurrando contra a cama. Mordo o lençol, sentindo seu membro entrar profundamente dentro de mim, com força, com violência, sem receios em me rasgar.

Suas mãos agarram meu quadril, e ele se movimenta dentro de mim, empurrando o quadril contra o meu, ao mesmo tempo em que movimenta o meu contra o seu com as mãos. Gemo esticando os braços na cama, virando a cabeça para vê-lo, e Tom morde meu queixo, gemendo contra a pele, estocando cada vez mais rápido.

—Mais — gemo, e Tom hesita, afastando o rosto e me encarando. Ele retesa a mandíbula e arqueia a sobrancelha.

—Mais forte? — ele sussurra com a voz rouca, arrastada, e mordo o lábio, assentindo. Tom respira fundo, perdido em prazer, e inclina o corpo para cima, sem sair de dentro de mim. Ele apoia as

mãos nas minhas costas, me empurrando contra a cama, e com uma mão, agarra minha bunda, começando a estocar com muita força, entrando e saindo de dentro de mim. Me sinto preencher totalmente pelo seu membro com força, um soco prazeroso dentro de mim, e gemo, mordendo novamente o lençol, sentindo sua mão dar um tapa forte na minha bunda, enquanto com a outra mantém meu corpo rente ao colchão. Seu membro entra e sai de dentro de mim com violência, me rasgando, cada vez mais rápido, e a cada estocada, sinto um tapa forte na minha bunda. A dor me invade, levando junto o prazer, e vago novamente pelo meu mundo do esquecimento, o meu mundo do sexo. Gemo, colocando as mãos no seu quadril, sendo arrastada pela cama a cada estocada forte, e começo a sentir um formigamento me invadir, subindo do meu ventre e se irradiar por todo o meu corpo. Minha respiração se torna ainda mais

ofegante, meu coração bate frenético, e meu corpo é invadido por um calor insuportável, um suor que escorre pelos nossos corpo. Sinto o gozo me invadir, um arrepio arrebatador, e inebriada, entro em orgasmo, perdendo o chão, o pensamento, a sanidade.

—Tom — gemo sem nome no auge do orgasmo, abrindo a boca para puxar o ar, com os olhos anuviados de prazer. O orgasmo me arrasta para sensações enlouquecedoras, um arrepio sublime, e começo a ter espasmos embaixo de Tom, deixando seu membro inundado do meu prazer.

—Ah, Alice — Tom rosna meu nome, jogando o corpo contra as minhas costas e afundando a cabeça nos meus cabelos. Sinto seu gozo me preencher, quente, e seu corpo dar um espasmo potente contra o meu, quente, insuportavelmente quente. Respiro fundo, sentindo

o êxtase em cada poro do meu corpo, minha intimidade pulsar com o orgasmo que continua, e vago sem pensamentos. Seus braços circulam meu corpo e ele me abraça, beijando meus cabelos. Fecho os olhos, respirando ofegante, sentindo o prazer diminuir, deixando meu corpo dormente, e o cansaço me invade. Mordo o lábio, o Tom sai de dentro de mim, gemendo baixo. Sinto seu corpo sair de cima do meu, e deitar ao meu lado. Viro o rosto na sua direção, e o encaro. Seu rosto é de puro prazer, e seus olhos estão fechados. Ele os abre, me fitando com ferocidade, e sua mão agarra meu quadril, me virando de lado para deitar. Ele também se vira de lado, deixando o peito encostado nas minhas costas, e apoia a cabeça em cima da minha, com seu membro roçando minha bunda — fique comigo — ele sussurra, e respiro fundo, fechando os olhos. Um de seus braços está embaixo do meu corpo, e o outro em cima, me abraçando —

volte a ser minha — sua voz rouca sussurra no meu ouvido, e sinto meu coração pesado. Não quero conversar agora, não quero me lembrar agora, porque eu cedi ao desejo, cedi ao seu fogo, ao seu sexo.

Deixo a sonolência me levar para longe, para um sonho onde nada de ruim aconteceu entre nós, onde há apenas amor e nosso fogo, e sentindo seu corpo quente me abraçar inteira, sua voz rouca, adormeço.

Abro os olhos, fitando a penumbra do quarto, e lentamente meu cérebro se ativa, retorna à mim, me lembrando o sexo avassalador que fizemos. Sinto sua mão tremular na minha barriga, viro lentamente a cabeça, vendo-o abraçado em mim, deitado atrás, em um sono profundo. Seu rosto está calmo, seus olhos ferozes não me fitam, e respiro fundo. Eu cedi à ele, mas não sinto remorso, porque eu amo seu sexo, porque eu precisava dele.

PERIGOSAS NACIONAIS

Mas isso não significa que voltamos, que eu o perdoei. Tom queria transar comigo, e eu queria transar com ele, e fizemos isso, simples assim. Sexo não significa perdão, e se ele pensa que sim, está muito enganado e se machucará.

Quis transar com ele, e ainda quero, mas não quero ouvi-lo, não quero ouvir suas desculpas, porque agora, ao lembrar dele e de Antonella, de tudo o que aconteceu desde que ele me enganou, me pedindo em casamento, sinto tristeza, fúria. Tiro lentamente seu braço de cima de mim, e levanto da cama. De pé, olho novamente para ele, deitado nu, dormindo, e por mais amor que eu sinta, por mais tesão que me invada, a decepção me abraça, me faz desviar os olhos. Caminho firme até o banheiro e tranco a porta, ligando a ducha. Tomo um rápido banho, e me enrolo na toalha, voltando silenciosamente para o quarto. Visto uma calça jeans e uma blusa preta de decote v e mangas finas.

PERIGOSAS ACHERON

Coloco uma sapatilha e pego o celular, verificando que é duas e meia da manhã. Espero que o bar esteja aberto.

Pego minha bolsa, e começo a caminhar em direção à porta, mas hesito, e um pensamento se faz presente. Caminho até a bancada, pegando uma folha e uma caneta e escrevo. Deixo o bilhete no lugar onde eu estava deitada e caminho silenciosa para fora do quarto.

Caminho rápido pelo corredor, sentindo meu coração pesado, meu corpo arrepiado desejando Tom, mas estou certa no que estou fazendo. Eu não o perdoei.

Entro no elevador e desço até o térreo. Passo pelo hall em direção ao bar, vendo ainda algumas pessoas sentadas, conversando, e me sento em uma banqueta no balcão. O garçom pergunta o que eu quero, e peço uma dose de uísque, desejando algo mais forte. Ele franze a testa, um

pouco curioso, e me serve. Viro a dose, sentindo o gosto amargo, forte, e o álcool queima minha garganta, queima meu coração, me levando em direção à lembrança do sexo de Tom. Porra, estou tão viciada que fico cega em relação à raiva. Peço mais uma dose, e o garçom me serve novamente. Tomo mais duas doses, me sentindo aérea, e o celular vibra dentro da minha bolsa. O tiro, vendo uma mensagem de Tom.

O que significa isso?

Apago a mensagem, respirando fundo, e peço mais uma dose. Mais uma mensagem surge na tela.

Alice, volte.

A mensagem de Tom pisca na tela, e apenas desligo a tela, bebendo mais uma dose. Deixo o dinheiro na bancada e me levanto, me sentindo um pouco inebriada. Caminho pelo hall e saio do hotel. Se eu ficar no bar, Tom me achará, e não posso

subir para o quarto enquanto ele ainda está lá. Isso significa que preciso ir para algum lugar me Lyon. Saio do hotel e vejo um táxi parado a alguns metros. Corro até ele, e entro. O taxista vira a cabeça.

—Para onde, senhorita? — ele pede, e num impulso, peço que me leve para o Since the Cavern, a boate onde fui com Louis. O taxista acelera, e após alguns minutos, ele estaciona em frente ao local. O pago e desço, vendo pessoas saírem e entrarem. Entro na boate, vendo as luzes coloridas dançarem na penumbra, e sento no bar, pedindo uma dose de alguma bebida forte. Olho ao redor, vendo as pessoas dançarem, algumas abraçadas, algumas sozinhas, e pego o celular novamente, vendo dez mensagens de Tom, mas não abro nenhuma. Desligo o celular e largo dentro da bolsa. Não vejo as horas passarem, apenas tentando me distrair, e decido voltar para o hotel. Pego um

táxi e quando ele estaciona em frente ao hotel, meu coração acelera ao pensar que Tom talvez ainda esteja no meu quarto. Entro pelo hall, e antes de subir, paro na recepção.

—Tom Haltender já saiu? — pergunto para a recepcionista, que franze a testa e assente.

—Faz algumas horas — ela responde, e tento sorrir agradecida. Viro as costas e entro no elevador, subindo até o meu quarto. Paro em frente à porta, e respiro fundo. Ela pode ter mentido, ela pode fazer parte de algum plano de Tom. Fecho os olhos, e abro a porta.

Fito o quarto vazio, a cabeça desarrumada e a penumbra. Entro no quarto e ligo as luzes, sentindo ainda o cheiro do seu perfume adocicado. Largo a bolsa na poltrona e fecho a porta atrás de mim. Tiro as sapatilhas e caminho até a cama, vendo meu bilhete amassado. O abro e leio novamente.

Você já me deu o que eu queria, Tom, agora vá embora. Não quero mais nada de você.

Mordo o lábio, sentindo que eu talvez tenha sido um pouco cruel, mas Tom também não pensou nos meus sentimentos quando fez merda. Viro o bilhete, e vejo a letra de Tom.

O que você queria não era sexo, Alice, era sentir que ainda sou seu.

A fúria me invade, e dou um grito, amassando o papel no meio das minhas mãos. Fecho os olhos, sentindo a fúria se juntar à tristeza, e lágrimas escorrem pelo meu rosto. Estou tão agoniada, tão triste que não quero mais me lembrar de nada, porque sei que as palavras de Tom, no fundo, são verdades. Eu ainda o quero, eu o afasto porque sei que cederei mesmo não perdoando-o.

Jogo o papel amassado longe e me jogo na cama, deitando de roupa. Pego o celular dentro da bolsa e o ligo, vendo que terei apenas uma hora de

sono, e tento dormir, implorando que nada sobre ele invada os meus sonhos. Adormeço rápido devido ao álcool, e uma hora depois meu celular desperta. Abro os olhos, sentindo minha cabeça latejar de dor, uma espécie de ressaca, e me levanto. Caminho até o banheiro e tomo novamente uma ducha, tentando acalmar a dor de cabeça. Hoje terei mais sessões de fotos com Tom, e depois da noite passada, não sei o que fazer. Poso tentar manter meu plano, mas ao mesmo tempo em que é torturante para ele, também é para mim.

Saio da ducha e me visto, tentando dar vida ao meu rosto de sono, e desço, parando para um rápido café da manhã. Volto para o quarto e escovo os dentes, pegando minha bolsa e indo direto para a van que me espera. Durante a uma hora de viagem, me sinto tentada em pensar mais sobre Tom, mas afasto a tentação e tento me concentrar em como será as sessões. Meu celular vibra e o pego, vendo

uma mensagem de Louis. Abro, feliz por ter algo para me distrair.

Ali, quanto tempo. Desculpe a demora para responder, estou em uma correria. Como você está? Voltarei para Lyon em breve, espero que ainda esteja aí, não gosto de despedidas. Sinto sua falta e Andrei também.

Sorrio, e digito uma resposta.

Estou bem, Louis. Fico feliz que estão juntos aí, mande um beijo para Andrei. Espero estar aqui também.

Envio, e penso se devo contar para Dana ou Gabriel. Se Dana souber, ela começará a tentar ser minha psicóloga, e nesse momento é o que eu menos preciso. Abro a caixa de mensagem de Gabriel e digito.

Fiz merda.

Envio, sabendo que ele provavelmente está dormindo e só responderá depois de horas.

PERIGOSAS NACIONAIS

A van continua o percurso, e depois de uma hora, estaciona no terreno do Chateaux. Saio da van, e respiro fundo, vendo a movimentação dos fotógrafos, dos modelos. Vejo Augustine ao longe me ver, e sorri. Sorrio de volta e entro na parte interna do Chateaux, indo direto para a maquiagem.

As maquiadoras me maquiam, sem perceber minha expressão tensa, e ouço uma voz rouca irromper pelo corredor na frente da porta. Um fotógrafo passa, falando animadamente, e a voz rouca se aproxima. Tom cruza pela porta, e ele vira o rosto, me vendo surpreso. Seus olhos azuis escuros se tornam ferozes em mim, e desvio o olhar, vendo-o desaparecer. Minha intimidade pulsa, e sinto o quarto ficar mais quente. Porra, estou com tesão. Respiro fundo, e após alguns minutos, as maquiadoras acabam.

Vou para o lado externo, e me junto aos

modelos, mantendo distância de Tom, que está concentrado. As sessões começam, e várias fotos são tiradas. Depois de duas horas, o fotógrafo me chama, e troco de roupa para começar as sessões individuais.

Observo Tom passar atrás do fotógrafo, seguindo outros dois fotógrafos, e perto de mim, ele também começa a sua sessão. Pelo canto de olho o encaro, vendo-o começar. Meu corpo inteiro se arrepia, e a raiva é substituída pela luxúria.

Os olhos de Tom se encontram com os meus, ferozes, e diferente da sessão de ontem, não há diversão, mas uma tensão escondida na provocação. Os olhos de Tom descem pelo meu corpo, e conforme desce, meu corpo se arrepia nos lugares. Desvio o rosto, cortando nosso contato, e tento me concentrar na câmera. Depois de várias fotos e trocas de roupas, me sentindo observada atentamente por dois olhos azuis escuros, o

fotógrafo me chama para entrarmos.

Começo a sessão de fotos em um quarto, trocando de roupa várias vezes, e após quase duas horas, o fotógrafo me comunica que começaremos a sessão em dupla. Respiro fundo, sentindo o ambiente se tornar tenso, meu corpo retesar, e meus olhos são atraídos para a porta. Tom entra, com o rosto insondável, seus olhos azuis escuros fixos em mim, o arrepio percorre minha espinha. Ele se aproxima, e arqueia uma sobrancelha, me encarando.

—Pronta? — ele pergunta autoritário, me encarando, e sua voz rouca parece me dizer o quanto eu não estou pronta. Mordo o lábio e viro o rosto, tentando ignorá-lo.

O fotógrafo pede que Tom fique de pé, com as mãos no bolso, e que eu vá atrás dele. Obedeço, e conforme me mandam, contorno seu corpo com as mãos, subindo pelo seu peito coberto pela

camisa. Meus dedos sentem seus músculos do peito, e minha intimidade quer senti-lo mais. Respiro fundo, e flashes são disparados.

O fotógrafo pede que eu vá na frente de Tom, e o abrace. Tom puxa meu cabelo para o lado, rosto com rosto, para que o detalhe das costas da minha roupa apareça, e sua mão sobe pelas minhas costas. Fecho os olhos, me lembrando da sua mão fazendo o mesmo trajeto na noite anterior, no fogo, no sexo.

Me afasto num impulso, e Tom me encara surpreso, assim como os fotógrafos. Me viro, encarando-os, e tento sorrir, sem graça.

—Podemos mudar já? — pergunto, e os fotógrafos assentem, um pouco curiosos. Me afasto de Tom, sentindo meu coração bater furiosos no meu peito, e os fotógrafos me mandam sentar no sofá. Tom senta ao meu lado, e conforme mandam, ergo minhas pernas, e Tom passa a mão por elas,

colocando-as no seu colo. Olho atentamente para a câmera, tentando me concentrar, mas sinto os dedos de Tom adentrarem pelas minhas pernas cada vez mais, quente, lentamente. Respiro fundo, e me lembro das suas mãos na noite de ontem, por todo o meu corpo, percorrendo cada lugar, seus lábios molhados me beijando, seus dentes puxando minha pele, e minha intimidade pulsa molhada. Respiro fundo, tentando prestar atenção nos fotógrafos, e conforme dizem, deito lentamente no sofá, arqueando as costas. Tom se levanta, e se ajoelha na minha frente. Me inclino para frente e o abraço. Suas mãos agarram meus cabelos e encosto o queixo sobre o ombro, fitando a câmera na minha frente, sentindo seus braços firmes se fecharem ao redor da minha cintura.

—Você não pode fugir do que sente — ele sussurra roucamente no meu ouvido, sem que os fotógrafos percebam. Abro lentamente a boca para

respondê-lo, mas Tom continua — você fodeu comigo de todas as formas possíveis, Alice, e não me deixa explicar — sua mão puxa com força meu cabelo para trás — eu terei que fazer do meu jeito? — sua voz rouca pergunta de uma forma que desconheço, e arregalo os olhos, sentindo todo o meu corpo se arrepiar.

—Acabamos — um fotógrafo diz, interrompendo o que Tom iria dizer. Me afasto bruscamente e me levanto do sofá. Tom arregala os olhos, vendo que estou escapando dos seus braços, e cruzo o quarto com rapidez, alcançando a porta. Olho para trás por alguns segundos, vendo-o se levantar com os olhos em mim, e caminho para o corredor. Me troco de roupa, e sorrateiramente, tentando não ser vista, entro na van, rumando para o hotel.

Após uma hora, a van estaciona em frente ao hotel. Subo pelo elevador, cansada, sentindo

meu corpo cansado, mas minha mente está agitada, pensando sobre onde está Tom, o que fará agora. Preciso que ele se mantenha longe, preciso ser forte e não ceder como fiz na noite anterior. Meu celular vibra dentro da minha bolsa, e saio do elevador. Corro pelo corredor e abro a porta do quarto, fechando-a atrás de mim, e a tranco. Pego o celular de dentro da bolsa e vejo várias mensagens. Mensagens de Dana perguntando sobre as sessões e várias mensagens de Gabriel e Louis. Abro a mensagem de Gabriel perguntando sobre a merda que fiz, e respiro fundo, tensa. Digito.

Transei com Tom. E o mandei embora.

Envio, e abro a de Louis, que me conta sobre Andrei. Respondo animada sua mensagem, e recebo a resposta de Gabriel.

Você o mandou embora depois de trepar com ele? Não foi merda, Ali, foi ótima. Queria ter visto a cara dele.

E uma risada escapa dos meus lábios. Só Gabriel para me fazer rir dessa situação. Respondo rapidamente e largo o celular na cama. Tiro a roupa e vou para o banheiro, percebendo que tudo está arrumado, toda a bagunça e água foi arrumada. Entro embaixo do chuveiro e tomo um rápido banho, sentindo meu corpo ainda mais cansado. Coloco uma camisola branca, confortável, e caminho para a cama. Vejo a tela piscar com duas mensagens. Tom. As abro, mordendo o lábio, sentindo ansiedade com raiva, com angústia. Com tesão. Como posso sentir tantas emoções juntas?

Está no hotel?

Excluo a mensagem e leio a outra.

Já chegou? Me responda, Alice. Preciso de você.

Excluo a mensagem, e deixo o celular no outro lado da cama, o lado que Tom ocupou. Pare, não pense nisso, que merda. Deito a cabeça nos

travesseiros, fitando o lustre de cristal do quarto, o mundo que estou agora, e fecho os olhos. Quero dormir como fiz antes, quero esquecer o que aconteceu, quero apenas adormecer. Meu corpo relaxa, e lentamente adormeço, sem pensar em Tom, sem pensar nas sessões de fotos.

Ouço meu celular vibrar insistentemente, me acordando, e abro os olhos. Fito o celular vibrar contra o lençol, com a tela piscando, e o pego, deitada de lado na cama, com a cabeça apoiada nos travesseiros brancos. Dez mensagens de Tom. Franzo a testa, e um pouco sonolenta, abro as mensagens.

Alice, está ai?

Abro a segunda mensagem.

Porra, Alice, me responda.

A terceira.

Está no hotel?

A quarta.

Tive que ligar para a recepção, e eles me disseram que você não está atendendo ao telefone. Alice?

Respiro fundo, e fecho os olhos. Abro a quinta mensagem.

Está dormindo?

Reteso a mandíbula, começando a ficar furiosa com a sua insistência.

Alice, estou indo para o hotel.

Arregalo os olhos, e vejo que faz meia hora apenas que mandou a mensagem.

Alice, estou indo para que você volte a ser minha.

A oitava mensagem.

Vamos conversar, me deixe explicar.

Mordo o lábio, desejando que as mensagens parem. Abro a nona.

Estou chegando.

A décima mensagem.

PERIGOSAS NACIONAIS

Alice, seja minha.

Abro a boca, furiosa, fitando a mensagem, e minhas mãos tremem de raiva, de emoção, de ansiedade. Merda, ao ler me lembro de Tom, da noite anterior, de Pandora, da sua ideia de me trair. Fecho os olhos, tentando acalmar meu coração que bate como se precisasse bombear para toda a população de Lyon, e o celular vibra nas minhas mãos. Dou um pulo de susto, e o celular dá um pulo junto. O deixo escapar e o pego no ar antes que ele caia na cama. Viro, fitando a tela, e vejo a mensagem de Tom.

Alice, saia. Venha para a sua sacada.

Arregalo os olhos, confusa, incrédula, e jogo o celular na cama, me arrastando com violência para fora dela,agarrando um robe e vestindo-o no caminho. Corro para o segundo ambiente do quarto e passo ao lado da mesa circular. Paro em frente às cortinas claras das

grandes janelas de vidro e as abro, puxando uma para cada lado. Seguro a maçaneta das duas portas, e concomitantemente, as puxo para baixo, abrindo-as. O vento da noite de Lyon irrompe pelas janelas baixas, jogando meus cabelos e o robe para trás. Puxo o robe, cobrindo meu corpo, e dou um passo para fora, sentindo a brisa gelada, a noite movimentada de Lyon preencher os meus ouvidos. Caminho lentamente, descalça, sentindo o piso gelada, e paro na borda da sacada, colocando as mãos no parapeito murado. Me inclino e olho para baixo, para a rua não tão distante já que meu andar é baixo. Meu corpo inteiro arrepia, e meu coração decididamente quer sair pela minha boca, ou rasgar meu peito com cada batida e pular sacada abaixo. Minhas mãos tremem e aperto ainda mais a borda da sacada, abrindo a boca, sem conseguir acreditar no que os meus olhos veem. Um calafrio percorre meu corpo, um arrepio que causa um suor frio, uma

vertigem. Não quero acreditar nisso. Tom está tentando de todas as maneiras, literalmente.

Encaro a cena. O carro preto, luxuoso, permanece parado embaixo da minha janela, com a porta do passageiro aberta. Em cada lado do carro, buquês de rosas vermelhas estão alinhados no asfalto da rua que foi interditada. São mais de cinquenta buquês espalhados pela rua, e um grupo de homens de terno e gravata borboleta está em um pequeno palco atrás do carro, tocando violino, violoncelo e algum outro instrumento musical que não sei reconhecer. Um grande buquê está sendo segurado por um homem loiro, vestido de camisa social branca, aberta no colarinho e calça jeans. Sua cabeça está levantada na minha direção.

—Alice — sua voz rouca, alta, em um grito, se sobressaí aos instrumentos, e dou um pulo, sem largar o parapeito, com os olhos arregalados, sem acreditar no que Tom está fazendo. Abro a

boca, sem reação.

Meu coração quer trair minha raiva, minha tristeza, quer que eu o escute, por mais que eu não queira. Tom permanece me encarando imóvel, com o buquê de flores vermelhas nas mãos e a cabeça erguida, com os cabelos levemente bagunçados. Sua expressão é de satisfação, de ansiedade, de uma certa selvageria. Seus olhos azuis escuros são ferozes em mim.

ALICE

Não quero acreditar no que vejo, não quero acreditar que a visão de Tom, com buquês de rosas embaixo da sacada do hotel é real, porque a raiva está sendo dominada pela surpresa, pela vertigem de vê-lo fazer algo que nunca imaginei.

Tom sorri, me encarando debaixo, e pega o celular dentro do bolso. Os músicos continuam com

uma música romântica enquanto Tom disca, e o celular vibra ao longe, na minha cama. Mordo o lábio, tentando resistir à tentação de atender o celular, e em um impulso largo o parapeito da sacada e corro para dentro. Meus pés batem no piso gelado, e passo a mesa circular, me aproximando da cama. Vejo o número de Tom piscando na tela e em um impulso, o pego. Encaro a chamada recebida, e me viro.

Respiro fundo, e caminho para a sacada novamente. Sinto o vento novamente nos meus cabelos, e com o celular na mão, coloco a outra mão no parapeito. Olho para baixo, vendo Tom ainda com celular na orelha, o buquê de rosas na outra mão e as dezenas de buquês ao redor. Levanto o celular e atendo, colocando-o também na orelha.

—Alice — sua voz rouca ressoa pelo celular, com a música romântica ainda mais alta.

—Tom — sussurro sem fôlego por ouvi-lo, por ver isso. Meu corpo arrepia, e não consigo parar de encarar a rua.

—Me deixe subir, vamos conversar — ele sussurra no celular com seu jeito sedutor, com os olhos fixos em mim, a cabeça erguida, e um sorriso torto começa a surgir nos seus lábios, me derretendo. Aperto a borda do parapeito com força, tentando me convencer de não ouvi-lo, mas meu coração me trai a cada segundo, aumentando o meu batimento cardíaco, e a cada compasso da música do violino ouço meu coração pedindo que eu aceite ouvi-lo. A vertigem sobe em ondas pelo meu corpo, causando arrepios, e tento esconder o sorriso que quer surgir nos meus lábios, afastando toda a merda. Fecho os olhos, com a cabeça na direção de Tom, ouvindo os arranjos dos violinos e violoncelos, e Tom diz com sua voz rouca — volte a ser a minha Alice, volte a ser minha. Me deixe

explicar, me deixe fazê-la entender — sua voz penetra no meu ouvido, e suspiro, começando a ceder. Abro os olhos, e o encaro de cima, vendo a urgência no seu semblante. Seus olhos azuis escuros me encaram ansiosos.

—Suba — respondo para ele, calma, tentando me manter calma, escondendo minha surpresa. Tom morde o lábio, e arregala os olhos, abaixando o celular da orelha. Ele fita a porta de entrada do hotel e caminha rápido, firme, autoritário. Permaneço olhando a rua, o carro estacionado, os buquês, os músicos que param de tocar e olham para mim, com grandes sorrisos. Eu deveria estar sorrindo, mas estou agoniada em pensar que vou deixá-lo falar, que vou ouvir o que não quero talvez. Que eu possa me arrepender.

Dou as costas para a sacada, e caminho para dentro do quarto. Passo pela mesa circular, e paro em frente a porta do quarto, agoniada, aguardando

os segundos passarem lentamente. Fecho os olhos, escutando a minha respiração, e uma batida ressoa pelo quarto. Tom.

Abro os olhos, fitando a porta à minha frente, e pego na maçaneta. Respiro fundo, e abro a porta. Meus olhos encontram Tom parado, com as mãos nos bolsos, os olhos devastados de ansiedade, azuis escuros, e sua expressão tensa.

—Alice — ele sussurra roucamente, e mordo o lábio inferior, tentando me controlar. A visão de vê-lo parado na minha porta, depois de ver ele lá embaixo acelera ainda mais meu coração. Não consigo parar de encarar seu rosto intenso, e lentamente seus lábios se curvam em um sorriso torto — me deixe entrar, me deixe entrar na sua vida novamente.

Abaixo os olhos, tentando cortar a emoção que me inunda, que causa vertigem na minha barriga, e dou um passo para trás, permitindo que

ele entre.

—Vamos conversar, Tom — sussurro sem fôlego, e dou as costas para ele, caminhando até o meio do meu quarto. Sinto seus olhos me seguirem, e ouço o barulho da porta se fechando. Paro de costas para ele, perto da cama, e fecho os olhos. Segundos se passam em silêncio, e sinto suas mãos tocarem minhas costas, vagando pela minha cintura. Tom me abraça por trás, e sinto seus lábios na minha cabeça, nos meus cabelos.

—Você não sabe como eu esperei por isso — ele sussurra satisfeito, e balanço a cabeça, negando. Merda, não quero pensar que cedi tão fácil assim, porque na verdade não cedi, nós não voltamos, nós apenas iremos conversar, esclarecer.

—Não, Tom — abro os olhos e coloco as minhas mãos sobre as suas. As afasto do meu corpo e me viro, fitando seu rosto pasmo — nós não voltamos, eu apenas aceitei ouvir você. Talvez

voltaremos — hesito, arqueando as sobrancelhas — ou talvez depois do que você me contar, não haja volta.

Tom franze a testa, e respira fundo, retesando a mandíbula. Ele passa as mãos no rosto, fechando os olhos por alguns segundos, e coloca as mãos nos cabelos, me encarando.

—Alice — ele tenta começar a falar, e eu me afasto, caminhando para longe dele. Me viro de frente, e cruzo os braços.

—Fale, Tom. Você queria se explicar, você queria que eu ouvisse você, agora é a sua chance — o interrompo, e apoio a lombar na bancada atrás de mim. Tom respira fundo, e retesa a mandíbula, se sentando na cama. Ele apoia os cotovelos nos joelhos, um pouco inclinado para frente, e me encara, arqueando uma sobrancelha, retesando ainda mais a mandíbula.

—Eu quero me casar com você, Alice —

Tom afirma com sua voz rouca, seus olhos ferozes em mim. Fecho os olhos, e nego com a cabeça.

—Apenas fale, Tom — peço, e abro os olhos, fitando sua expressão devastada. Tom assente, abaixando os olhos para o meu corpo, e retorna a me encarar com os olhos azuis escuros, ferozes.

BÔNUS – TOM

Encaro a mulher loira à minha frente, esperando a minha resposta, a minha verdade, mas porra, o que eu posso dizer para convencê-la a voltar comigo, a voltar a minha fodida vida? O que eu posso falar para que ela aceite tudo o que aconteceu? Eu virei sua vida de cabeça para baixo, a coloquei no meu mundo, fiz dele o seu mundo, e a afastei como um filho da puta.

Alice me encara com uma expressão fria, mas sei que por trás dessa merda de máscara que está usando comigo desde Pandora, ela está ansiosa, ela está agoniada. Vi isso quando ela abriu a porta, vi isso quando ela estava na sacada. Ela não sabe o que fazer, e essa é a minha

oportunidade, eu sou bom no que faço, eu sei usar os jogos ao meu favor, e preciso saber lidar com isso agora.

—Eu quero me casar com você, Alice — falo, sabendo a resposta que terei. Encaro seu rosto que não demonstra qualquer emoção, qualquer abalo, e uma pergunta surge dentro da minha mente. Ela realmente casaria comigo algum dia? Porra, talvez Dário e Diego tenham razão no final das costas. Eu sei que ela está lutando para não ceder, para não demonstrar sentimentos como fez ontem, mas eu nunca a vi fria desse jeito, distante.

Ontem. A lembrança de ontem me tortura, e porra, estou excitado só de lembrar. Encaro seu rosto calmo, e ela fecha os olhos.

—Apenas fale, Tom — Alice diz, abrindo novamente os olhos para me fitar, e vejo fúria neles. Desço os olhos pelo seu corpo, evitando de ver isso, e seu corpo coberto me lembra quando o

vi nu.

Eu estava deitado na minha cama ontem, já sem roupas, apenas de cueca, esperando que ela respondesse as minhas dezenas de mensagens, e quando finalmente começou a me responder, foi com provocações. Eu estava excitado apenas de ler, de me lembrar da mulher que tive na minha cama, nos meus braços, gemendo meu nome, e porra, tive que começar a me masturbar para não invadir o hotel dela, mas quando Alice respondeu uma mensagem dizendo que iria se masturbar, ela me desestruturou.

Não queria mais ficar naquele apartamento, não conseguia ficar deitado, eu precisava tê-la, e fui atrás dela. Eu sabia onde ela estava e sua mania de não se preocupar em trancar as portas. Alice sempre esquece das chaves, sempre esquece que eu posso estar a espreita para invadir e possuí-la. E foi o que eu queira fazer. Entrei no seu quarto, nesse

quarto que estou agora.

Vi suas roupas, o silêncio do quarto e a porta aberta do banheiro. Tirei os sapatos e caminhei silencioso até a porta. E a visão dela se masturbando naquela banheira, gemendo o meu nome baixo, sem controle, foi devastador. Meu pau parecia explodir na minha calça, esperando que eu me enterrasse nela, que eu aliviasse o tesão de vê-la, a vontade de sentir Alice. Mas não chamei ela. Eu esperei.

Esperei observando seu corpo afundar cada vez mais na banheira, as ondas da água indicando o quanto ela estava se tocando, e seus lábios abrindo para ela gemer meu nome cada vez mais prazerosamente, deixando claro que sua fantasia era eu. E quando percebi que seu gemido estava mais profundo, indicando que ela estava gozando, não me controlei. Eu estava devastado vendo-a, e precisei me segurar na parede para aguentar o tesão

que me invadia. Eu a chamei, e o prazer de perceber que ela não conseguia entender que o meu chamado era real foi ainda maior. Mas depois de várias vezes, ela abriu os olhos, me fitando atordoada.

Ela sabia que eu era real, e que eu não a deixaria escapar.

Alice tentou me impedir, mas sua voz implorava que eu fodesse com ela, porque no estado que eu estava, que ela estava, eu não conseguiria transar apenas, eu iria me enterrar fundo, eu iria possuí-la com tudo o que eu poderia.

Arranquei minha camisa com pressa, e mesmo vendo-a pedir que não, entrei na banheira, sentindo a água quente, suas pernas quentes contra as minhas, e as abri, deixando o espaço certo para eu entrar. E a beijei. Senti seu gosto, possuí sua língua novamente, deixei claro o quanto era minha. Segurei suas mãos, porque naquele momento, o que

eu mais precisava era dominá-la. E porra, ela deixou, me arruinando ainda mais.

Senti seu corpo molhado com as mãos, com a boca, senti seu mamilo implorar para ser chupado ainda mais, implorar pela minha boca, e Alice gemeu meu nome ainda mais. Ela cedeu, não pediu que eu parasse. E não me controlei, meu pau estava explodindo para se enterrar nela, e dominando-a, eu me afundei, sentindo seu aperto, o quanto estava sentindo prazer. Ela era minha novamente, e enlouqueci, me afundando com força nela, fodendo como sempre imaginei fazer. Ela me queria novamente, e porra, isso era o que importava.

Penetrei nela com violência, sem me importar com a força, mas ela gostou, ela gemeu alto meu nome, mas a banheira não era mais suficiente, e a tirei de lá, levando-a até a cama. E na cama eu a tive nas minhas mãos, na minha boca, sentindo o gosto do seu prazer, o quanto ela estava

molhada. O quanto ela me queria, por mais vezes que me ignorou ou me afastou, ali estava a prova de que ela me desejava, porque porra, ela estava maravilhosa, pronta para mim. Seu corpo pedia por mim, ela me chamava com a voz sem fôlego, com prazer. Alice era minha.

Acho que eu tenho problemas com posse, como ela costumava chamar, dominação e possessividade, mas a única parte importante disso é que eu posso dizer que é minha. Que se foda se for problema.

E eu a deixei mais molhada, senti seu gosto, e a penetrei com violência novamente, sentindo seu corpo, e a virei de costas, para deixar claro que todo o seu corpo era meu. Suas costas nuas, sua bunda, e me enterrei de novo. Ouvir que ela queria com mais força foi enlouquecedor, porque eu estava tentando voltar a me conter, e isso quebrou com qualquer limite que eu me impus. Eu queria

entrar todo dentro dela, e foi o que fiz, obedeci seu pedido e mandei qualquer delicadeza a merda, fodendo com violência. E Alice gozou comigo, seu orgasmo foi o meu, e porra, foi um prazer enlouquecedor.

Eu a tinha novamente, e adormeci com ela dentro dos meus braços. Mas acordei com a cama vazia, seu cheiro nos travesseiros um bilhete dizendo que ela apenas queria sexo. Comecei a rir sozinho, percebendo a ironia da minha vida. Eu sempre quis sexo, eu sempre fiz isso com as mulheres, para então ouvir isso da mulher que quis para a minha vida. Alice queria me deixar furioso, e conseguiu, mas eu sabia o que ela realmente queria, e deixei escrito como resposta, porque seu gemido durante o sexo foi como uma confissão. Ela queria sentir que eu ainda era dela, que mesmo depois de Antonella e da sua distância, ela ainda não havia me perdido, ela ainda me deixava enlouquecido.

E deixei seu quarto. Tentei me aproximar nas sessões de fotos que estão sendo um porre. Sempre odiei a mídia, porque ela sempre me perseguiu, sempre especulou sobre minha vida pessoal e profissional, e me expor desse jeito é para foder de vez com qualquer privacidade, mas para conseguir Alice de volta, eu fiz Augustine me colocar na campanha.

Alice me evitou nas sessões, mas vê-la em roupas sensuais, em poses sob flashes foi devastador, me deixando com tesão, e Alice foi embora antes que eu conseguisse prendê-la para me ouvir. Tive que colocar meu plano em ação e comprei todos os buquês de uma floricultura, contratei músicos e interditei a rua. Alice conhece meu lado autoritário, meu lado possessivo, meu lado do sexo, mas não meu lado romântico. Nem eu conheço.

Mas fiz isso por ela, e como desejava, ela

cedeu.

Mas agora aqui, sentado nessa cama, encarando seu rosto endurecido, seus olhos frios, sinto que independente do que eu fale, nada a fará mudar de ideia.

Encaro seu rosto novamente, seu olhos fixos em mim, esperando que eu fale. Seu corpo está tenso, eu sei que está, e seus braços cruzados querem me impedir que eu chegue perto dela. Respiro fundo, e reteso a mandíbula.

—Quando me envolvi com Antonella, há anos atrás, ela era uma jovem sem muitos limites, eu até gostava disso, até que ela se tornou a pior mulher que eu poderia acabar. Ela acreditou que eu a amei, quando na verdade — dou de ombros — eu só quis sexo. Ela destruiu tudo o que eu tinha em Lyon, e eu deixei, ignorando-a e indo embora. Ela não aceitou, mas os anos passaram, e esse ano — hesito, e Alice arqueia uma sobrancelha.

—Eu sei, Tom. Você já me contou isso. Conte o que eu não sei — ela me interrompe furiosa, autoritária. Respiro fundo, e assinto, retesando a mandíbula ainda mais. Porra, a parte que ela não sabe.

Abaixo a cabeça, fitando minhas mãos juntas entre meus joelhos.

—A parte que você não sabe — murmuro, e levanto a cabeça, encarando-a, desejando-a — aquele anel que você encontrou no quarto do meu apartamento era da minha mãe, e eu tinha a intenção de dá-lo à você, Alice. Não por causa de Antonella, mas porque eu queria me casar com você antes mesmo dessa merda acontecer, mas iria pedir você quando viéssemos para Lyon. Naquela semana tentei entrar em contato com Antonella, porque pensei muito quando soube da morte dos seus pais, e como ela ocupou a presidência da sua empresa, eu precisava. Naquele dia ela respondeu,

e coincidentemente você encontrou a carta e o anel. Tive que mentir sobre o anel, porque você estava abalada com a carta, e não era no estado que você estava que eu queria fazer o pedido. Eu menti, me desculpe — abaixo o tom de voz, cerrando os dentes, e Alice respira fundo, imóvel, sem expressão, apenas me fitando. Fecho os olhos — e tive que responder Antonella. Ela queria um jantar para tratarmos de negócios, apenas disso, e me avisou que estava na cidade.

—E então você mentiu de novo — Alice completa a minha frase. Assinto devagar, cerrando os dentes e os punhos. Estou prestes a explodir de fúria, mas sei que isso só complicará mais a situação. Respiro fundo, tentando acalmar a fúria, e abro os olhos, encarando-a furioso, com vontade de avançar sobre Alice, prender suas mãos contra a parede, sua boca na minha e acabar com toda a conversa, mas fui eu quem pediu isso, e agora que

ela cedeu, preciso falar.

—Sim — rosno, retesando a mandíbula — Antonella esperou que eu marcasse o dia, e então fomos em um restaurante. Eu não quis contar à você porque, porra — abaixo a cabeça, diminuindo a voz — eu achei que você enlouqueceria, Alice, eu conheço você, mas naquela vez eu não sabia o que pensar. Sei que errei, mas achei que isso passaria sem mais problemas e não seria necessário contar. Faríamos um acordo de negócios e Antonella voltaria para a França, aceitando que eu estava com você.

—Mas você achou errado — Alice sussurra, e assinto. Encaro ela por alguns segundos, sem conseguir pensar em como contar do jantar.

—Vi você na empresa, e pedi que fosse para o meu apartamento, porque achei que o jantar não duraria muito.

E depois de me arrumar, fui ao encontro

de Antonella — murmuro, vendo Alice respirar fundo, deixando vacilar sua máscara fria — entrei naquele restaurante grande, um que eu costumava ir uma vez, em tons de dourado e vermelho, exagerado, mas o gosto de Antonella. Caminhei pelas mesas redondas, com toalhas douradas, sob luzes amareladas, garçons servindo casais alegres e discretos. Caminhei procurando a minha mesa, e a vi. Uma mulher loira, com um vestido preto, decotado, cabelos ondulados loiros, e um batom vermelho. Antonella estava sentada em uma mesa redonda, com uma toalha dourada, um pequeno vaso de flores vermelhas, e segurava uma taça de vinho, passando-a sobre os lábios. Seus olhos se fixaram em mim, e ela sorriu. Eu deveria ter percebido que estava caindo na sua armadilha, que ela continuava tão louca quanto antes. Me aproximei e a cumprimentei, tentando ser educado, tentando nos manter no formal. Me sentei de frente

para ela, fitando-a, e pedimos o jantar para o garçom. Jantamos conversando sobre alguns assuntos banais, e Antonella bebia cada vez mais. O álcool foi sempre seu ponto fraco, e vê-la exagerando no vinho me deixou desconfiado. Ela parecia precisar de álcool.

E quando aceitei uma taça de vinho, começando a falar sobre negócios. Pedi que mantivesse o acordo das empresas como era quando seus pais estavam vivos. Antonella riu, levantando a cabeça, segurando a taça, e se inclinou para frente, me fitando.

—Tom, você acha que eu sou uma mulher tola? Não faço acordos sem visar algo para mim, por isso estou ganhando cada vez mais dinheiro — Antonella sussurrou para mim, e seus olhos eram maliciosos, os mesmo quando ela destruiu meu carro — eu posso manter nosso acordo, se fizermos um novo.

Franzi a testa, tentando me preparar para o que ela pediria. Me inclinei na sua direção também, deixando a taça sobre a mesa. Senti sua mão acariciar a minha, e tirei a mão da mesa, cerrando os punhos. Retesei a mandíbula, vendo surgir um sorriso malicioso em Antonella.

—Soube que pretende casar, Tom Haltender — Antonella sussurrou maquiavélica, e respirei fundo. Porra, Diego provavelmente havia contado para ela. Retesei a mandíbula, mas à essa altura, não adiantava negar. Assenti, e Antonella continuou — Alice é a futura esposa?

Encarei ela por alguns segundos, furioso.

—Sim — rosnei baixo, e Antonella sorriu satisfeita. Porra, eu deveria ter adivinhado.

—E Alice costuma ser ciumenta, Tom? — Antonella perguntou, sorrindo ainda mais. Bati o punho fechado na mesa, tentando me controlar, e Antonella arregalou os olhos, satisfeita por me

desestruturar.

—Aonde você quer chegar? — perguntei furioso, e ela sorriu ainda mais, levando a taça aos lábios. Ela bebeu lentamente, e espalmou a mão na mesa, me fitando calma.

—Tom — Antonella começou com a voz calma, me deixando mais furioso. Encostei as costas na cadeira, deixando as mãos sobre as coxas, cerradas. Minha mandíbula doía de tanto retesá-la, mas precisava me acalmar — o meu acordo é o seguinte — ela hesitou, e sua expressão se tornou séria — eu manterei nosso acordo sobre as empresas, como meus pais tinham com você, clausura por clausura, e aceitarei qualquer negócio vantajoso para você — ela pausou, fitando meu rosto. Arqueei uma sobrancelha, esperando — se você aceitar meu outro acordo.

—Qual acordo? — rosnei, e Antonella se manteve séria.

—Me leve para Pandora, Tom. Me leve e transe comigo lá, me trate como você trataria Alice — Antonella afirmou com os olhos furiosos em mim — não quero um sexo frio, quero seu calor, quero que você me trate como trataria a mulher que ama, Tom.

—Não — rosnei firme, e me inclinei sobre a mesa — eu jamais veria você como vejo Alice.

Antonella arregalou os olhos, assustada com minha fúria, mas lentamente sorriu maliciosa, com os olhos em mim, me fitando prazerosamente, e levou a taça aos lábios.

Eu deveria saber, eu deveria ter imaginado que ela tinha uma carta na manga, e com a minha recusa, iria usá-la, porra, eu fodi com tudo".

—Chega, Tom — Alice me interrompe, furiosa, e vejo lágrimas deslizarem no seu rosto. Ela descruza os braços, levantando as mãos até o rosto, e nega com a cabeça — não quero mais ouvi-

lo.

Arregalo os olhos, percebendo que Alice não deixará eu contar a parte principal, a parte que fez eu fazer outro acordo com Antonella.

—Não — rosno, furioso, e me levanto da cama. Alice dá um pulo, e se afasta. Caminho firme na direção dela — Alice, me deixe continuar, Antonella tinha.

—Pare, Tom — Alice grita comigo, furiosa, e um calafrio percorre meu corpo. Nunca a vi furiosa assim. Tento me aproximar e levanto as mãos, mas ela arregala os olhos, percebendo que estou me aproximando, e corre até a porta, abrindo-a.

—Alice — grito seu nome, vendo-a escapar das minhas mãos, e ela olha para trás, sobre os ombros, me encarando ferozmente. Arregalo os olhos, e Alice abre a porta, correndo para fora do quarto, sem ouvir o resto. Corro até a porta e a

escancaro, vendo Alice no final do corredor, entrando no elevador — Alice — grito seu nome no corredor, mas as portas se fecham, distanciando-a de mim, fugindo de mim — porra — rosno, e bato a porta com força, ficando sozinho no quarto. Olho ao redor, o silêncio, o perfume de Alice ainda no ar, e fecho os olhos. Coloco as mãos sobre o rosto, me sentindo ainda mais fodido.

Alice não me deixou contar a pior parte, a parte que Antonella ameaçou usar contra Alice, e agora perdi a oportunidade de usar isso. Abro os olhos e caminho até a cama, me sentando. Olho ao redor, me inclinando para frente, e apoio os cotovelos nas coxas. Alice está fugindo, ela teme ouvir o resto.

Ela teme me perder de vez ao ouvir tudo, porque a ideia de ainda me ter, de ainda nos ter, existe, e até ela não ouvir tudo, Alice não poderá acabar de vez. Respiro fundo, retesando a

mandíbula, e encaro o espelho no outro lado do quarto, refletindo os móveis, o meu reflexo.

Antonella desapareceu, não deu mais sinal de vida, e não sei se isso é bom ou ruim, mas sei que se ela quisesse usar o que ameaçou contra Alice, já teria usado. Por isso me sinto calmo, errei ao acreditar que ela iria fazer o que ameaçou, mas no início eu me assustei e não queria que Alice perdesse o chão.

Agora eu preciso fazer Alice me ouvir, eu preciso tê-la de volta, não apenas no sexo, mas na minha vida. Me levanto, e encaro a porta do quarto. Vou deixá-la calma hoje, vou me afastar, e provavelmente ela se manterá distante nesses últimos dias de sessões de fotos, mas sei o que acontecerá em seguida, sei que Augustine finalizará a campanha com um grande evento, e farei de tudo para fazê-la me ouvir lá, prenderei ela no meu apartamento se eu precisar, mas Alice não fugirá de

mim.

Eu irei fazer Alice entender, saber o que aconteceu, e eu a terei de volta.

PERIGOSAS NACIONAIS

Encaro meu reflexo no grande espelho do meu quarto de hotel em Lyon, sentindo meu corpo se arrepiar lentamente. Respiro fundo e fecho os olhos.

Acabou as sessões de fotos ontem, e por isso, provavelmente será a última vez que verei Tom esta noite. Desde que ele começou a contar sobre seu jantar com Antonella, minha imaginação me tortura, e toda noite em que deito a cabeça nos travesseiros e fecho os olhos, eu os imagino naquele restaurante. Eu aceitei ouvir Tom, mas quando ele contou que o acordo era sobre não perder o maldito dinheiro, não quis ouvir o resto, independente se tivesse algo mais para contar. Tom me decepcionou, e não quero mais ouvir sobre a merda de dinheiro.

PERIGOSAS ACHERON

Nesses últimos dias de sessões de fotos, tentei agir como uma profissional em relação à ele, tratando-o educadamente na frente da produção, mas evitando qualquer diálogo longe das lentes, fugindo dele o mais rápido possível, e percebi que Tom não insistiu, como se ele percebesse que eu estava evitando-o e respeitou minha decisão.

Encaro meu rosto por alguns segundos no grande espelho de molduras douradas. Não é do feitio de Tom desistir, não é do feitio de Tom abrir mão, então eu preciso estar preparada hoje para a sua investida, conhecendo-o como eu o conheço.

Augustine me comunicou do evento um dia depois da tentativa de conquista de Tom, durante as sessões, assim como ele também me avisou que Louis voltaria para o evento. Recebi no mesmo dia mensagens de Louis me avisando que chegaria para o evento, e gostaria que eu o acompanhasse. Aceitei no mesmo momento, agradecendo por ele

vir em uma hora tão boa.

Desço os olhos para o meu vestido dourado, decotado, que escolhi a dedo em uma grife francesa. Com o cachê que estou recebendo, posso me presentear com um vestido caro uma vez que outra, e sorrio, tentando me sentir mais feliz. Eu estou feliz, de certo modo, com toda a novidade em minha vida, por estar em Lyon, mas ao mesmo tempo, Tom ainda está presente nos meus pensamentos, sua merda, sua opção pelo dinheiro.

Fecho os olhos por um momento, e respiro fundo. Contei para Dana por mensagens que transei com Tom, e ela me ligou, tentando entender o que estava acontecendo, mas deixei claro que foi apenas sexo. Gabriel está satisfeito com a minha resposta, e segundo ele, não vê a hora de me ver nas revistas e dizer para os amigos que já transou comigo. Gabriel sempre consegue me fazer rir, independente do momento.

Abro os olhos, fitando meu reflexo novamente.

—Você está maravilhosa — a voz afrancesada de Louis surge no meu ouvido, e sorrio, vendo-o colocar a cabeça sobre o meu ombro — aposto que serei novamente alvo de romance.

Começo a rir, e me viro de frente para ele, fitando-o. Ele dá de ombros, e sorri, se afastando de mim, segurando a camisa social na mão, apenas de calça jeans ainda.

—Horas no salão ajudam — respondo para ele, que sorri ainda mais — agora vá se arrumar de uma vez, Louis — ordeno, e ele ri, se virando de frente para mim, e abre os braços.

—Sabe, Ali, acho que vou assim, o que acha? — ele pergunta, e nego com a cabeça.

—Você é bonito, Louis, mas acho que será barrado ao entrar — respondo zombeteira, e ele

sorri, caminhando até o banheiro.

Respiro fundo e caminho até a cama, ouvindo o barulho dos meus sapatos de salto contra o piso, e me sento, fitando a tela do celular. Recebo uma mensagem de Gabriel, e sorrio, lendo-a.

Boa noite, Ali, estou aqui no seu apartamento, esperando que uma gata surja abrindo a porta, como Anya fez aquele dia. Vai que consigo um sexo surpresa de novo. E não transe com Tom, uma dose já é bom, duas é querer se embebedar, e depois de lambuzada, é fácil querer uma terceira vez.

Nego com a cabeça, não conseguindo ficar brava com Gabriel, e a porta do banheiro se abre. Louis sai vestido socialmente, e sorri para mim.

—Está lindo — elogio com um sorriso, e Louis sorri de volta, dando de ombros.

—Eu sei que você acha, mas estou com Andrei, Alice, deixe que sejamos um casal apenas

na mídia — Louis debocha, e começo a rir, negando com a cabeça.

—E Andrei não queria ir com você? — pergunto, e Louis caminha até parar na minha frente, me fitando de cima.

—Andrei ficou em Florença, ele ainda está lá a trabalho, e eu decidi voltar antes — Louis explica, e assinto, me levantando. Louis estende o braço, flexionado, e coloco minha mão sobre ele, vendo-o me fitar atentamente — vamos? — ele pergunta, e sorrio, assentindo.

—Vamos — confirmo, e Louis me guia para fora do quarto. Uma limusine preta está nos esperando na entrada do hotel, e assim que cruzamos a porta de saída, o motorista abre a porta para nós. Sinto meu coração saltar do peito pela situação, pela ansiedade, e uma vertigem me acompanha o trajeto inteiro até o grande local do evento, uma casa de teatro antiga, estilo vitoriano.

PERIGOSAS NACIONAIS

Fotógrafos estão apinhados em frente ao local, protegido por seguranças e um grande tapete vermelho se estende na entrada, com jornalistas, pessoas famosas no ramo, luzes e decorações. A limusine estaciona, e Louis desce primeiro, estendendo a mão para mim. Sorrio, agradecida por ter ele ao meu lado nesse momento, e seguro a sua mão, descendo do carro.

Flashes são disparados em nós, e Louis começa a me guiar pelo tapete. Uma jornalista nos impede de continuar, e coloca o microfone no rosto de Louis, mas esse educadamente vira o rosto, se desviando da jornalista e me puxando junto. Tento esconder o riso ao ver a expressão da jornalista, e caminho firme pelo tapete ao lado de Louis. Ele aproxima o rosto do meu.

—Vamos parar para uma sessão de fotos — ele sussurra no meu ouvido — já que você também está na mídia.

PERIGOSAS ACHERON

Franzo a testa, e olho confusa para ele.

—Você não acompanha fofocas né? — ele pergunta zombeteiro, e nego com a cabeça. Não tenho sorte em acompanhar, já que a última vez que fiz isso, me deparei com Tom. Louis ri, e continua — você foi apontada como meu caso passageiro, Alice, e agora de modelo amadora, por estar na campanha de Augustine, é uma ascensão na mídia, sendo vista como uma mulher bonita, uma boa modelo fotográfica — ele hesita, e percebo que está observando meu rosto para ver se continua. Arqueio as sobrancelhas, incentivando-o — meu caso amoroso e ex-namorada de Tom Haltender.

É, Tom não podia deixar passar em branco.

—Então sou famosa agora? — pergunto zombeteira, e Louis ri, assentindo.

—Já apareceu em vários tabloides — ele afirma, e viro o rosto, vendo os fotógrafos tirarem

nossas fotos — então vamos? — ele sussurra, e assinto, caminhando até as lentes. Louis se afasta de mim, posando para as fotos, e respiro fundo. Abaixo a cabeça por alguns segundos, criando coragem. Numa época distante, eu não gostava de me expor, mas agora estou adorando a sensação, estou começando a me sentir cada vez mais a vontade. Levanto a cabeça, fitando as lentes, e flashes são disparados.

Louis se aproxima de mim, e volto a colocar o braço no seu ombro, me afastando dos fotógrafos.

—Se saiu bem — ele sussurra debochado, e rio, negando com a cabeça. Ele me guia para dentro do evento, e levanto os olhos, fitando o luxo do ambiente. Um grande salão com o teto em forma de abóboda, em branco e dourado. A estrutura toda branca, com grandes janelas abertas, o tapete dourado revestindo todo o piso. Vasos gigantescos

de flores, em branco, com flores brancas, estão espalhados, ornando com a decoração de tons azulados. Cortinas pesadas, grossas, estão puxadas para os lados das janelas, douradas, e um palco está posto ao lado de uma escadaria circular, dourada, com adornos de flores no corrimão. Lustres de cristais estão pendurados no teto, e luminárias de cristais estão no palco, com um microfone. Espalhados pelo salão estão suportes grandes de fotografias com fotos de pré-lançamento da campanha, e garçons circulam pelo ambiente, servindo taças.

Respiro fundo, e caminho firme para dentro do salão, com Louis ao meu lado. Meus olhos percorrem todo o ambiente, e vejo Augustine sorrir para nós ao longe, rodeado de senhores com quem conversa. O cumprimento de longe, e sorrio, me sentindo confortável. Meu primeiro evento, acompanhada de Ed, eu estava tão pressionada, tão

tensa, e agora vejo como mudei, como me sinto mais calma, como se soubesse como me comportar, como agir. Louis me guia para o meio do salão, e me inclino na direção da sua orelha.

—Não conheço quase ninguém aqui — sussurro para ele, que ri, parando e largando minha mão. Ele para na minha frente, e pega duas taças com o garçom, me oferecendo uma. Atrás de Louis pessoas transitam, estão paradas ou observando as fotos. Grandes janelas douradas estão abertas, que levam para o terraço já com pessoas, também com detalhes em dourado e branco. Vasos de flores também estão espalhados lá, grandes e brancos.

—Não se preocupe, a maioria é da alta costura — Louis explica — e alguns estão fazendo cobertura do evento. Nada que uma notícia a mais. E claro, há os famosos de Lyon também — ele sussurra mais baixo, e discretamente aponta com a taça na direção da escadaria circular dourada, atrás

de mim, à minha esquerda. Viro lentamente a cabeça, e meus olhos passam pelo palco um pouco alto, com cadeiras, luzes, vasos, pessoas ao redor. Mulheres bem vestidas conversando em sussurros, taças sendo servidas e uma música baixa, ambiente. Meus olhos param na escadaria, e lentamente subo a visão para mulher que desce elegantemente, sozinha, segurando uma taça de champagne. Seu vestido tomara que caia, branco e preto, rodado, chama a atenção para o seu busto, e seu cabelo loiro está preso em um coque.

Respiro fundo, e meus olhos se encontram com os dela, seus lábios vermelhos se curvam em um sorriso. Antonella.

Seus olhos descem para o meu corpo, e ela volta a me encarar.

—Bem-vinda — ela sussurra para mim, e respiro fundo, virando o rosto e ignorando-a. Levo a taça ao lábios e bebo um lento gole. Louis volta a

me encarar.

—Antonella é ex-namorada de Tom Haltender, e por isso vocês não se dão bem — ele tenta deduzir, sussurrando para mim. Rio, tentando me descontrair, e assinto lentamente.

—Um pouco diferente disso — sussurro, sem querer entrar em detalhes, e Louis concorda, também bebendo um longe gole.

—Ela ainda está de olhos em você — Louis sussurra tenso, e sorrio, dando de ombros.

—Deixe que olhe, Louis. Estou começando a me acostumar — respondo, e tento acalmar meu coração, que acelera no meu peito, como se tentasse se sobressair à música. Minhas mãos soam frio, e respiro fundo. Preciso me acalmar, estou em um evento diferente, estou rodeada de pessoas, e preciso voltar a me sentir confortável. Eu gosto de estar aqui, e Antonella não atrapalhará minha noite. Encaro Louis, sorrindo

para ele enquanto bebo mais um gole, e Louis também bebe, fitando para algo atrás de mim. Ele arqueia as sobrancelhas e se inclina para frente, se aproximando mais de mim.

—Mas agora são outros olhos que estão em você — ele sussurra, e franzo a testa, sem entender.

—Como assim? — pergunto confusa, e Louis se aproxima ainda mais.

—Olhe para trás — Louis sugere, bebendo mais um gole, e me encara intensamente.

Respiro fundo e viro lentamente a cabeça para trás. Meus olhos percorrem as pessoas do salão, em grupos, conversando, ou transitando. Antonella está no pé da escada, conversando animadamente com senhores. Meus olhos passam por ela, e continuo a observar pessoas bebendo e analisando as fotografias, garçons passam com bandejas de taças, vejo os vasos brancos com flores

brancas, e meus olhos seguem até a porta de entrada do salão, grande e arredondada, como um arco. Dois vasos de flores brancos estão em cada lado, e luzes brancas e amareladas incidem na entrada, com as paredes de cada lado da entrada feitas de vidros com detalhes dourados. A parte da frente do grande salão é de vidro.

Um homem loiro está parado na entrada, com o cabelo arrumado para trás, vestindo terno e calça branca, elegantemente. Em seu braço direito está um grande relógio dourado.

Meu coração, antes já acelerado, perde a contagem de batimentos, e sinto minha respiração desaparecer. Meu corpo inteiro se arrepia, e sinto como se todo o salão ao meu redor desaparecesse. Louis parece estar distante, as pessoas parecem estar distantes, assim como a decoração e a música. Meu corpo arrepia ainda mais, e ondas de calor me invadem, como se cada parte do meu corpo se

lembrasse do sexo quente que tivemos. Minha mão que segura a taça treme, e respiro fundo, com os olhos fixos em olhos que me devoram. O suor frio parece me dominar, uma vertigem misturada com agonia, uma ansiedade enlouquecedora.

Ele começa a caminhar elegantemente, entrando no salão, e sua expressão selvagem é de ansiedade.

Dois olhos azuis escuros me fitam ferozmente.

ALICE

Permaneço encarando-o por um tempo indeterminável, e seus olhos azuis escuros parecem me possuir, me levar para o seu mundo do sexo. Tom caminha firme, se aproximando cada vez mais, e uma voz distante começa a chamar minha atenção. Lentamente retorno a ouvir a música, a me sentir rodeada de pessoas, e sentir a mão de Louis

no meu braço, me chamando, mas meus olhos ainda permanecem fixos nos olhos azuis escuros de Tom, ferozes em mim, como se não existisse pessoas entre nós. Percebo o quanto sentia falta desse olhar, percebo que nesses últimos dias ele também me evitou.

—Alice — Louis me chama, me tirando do devaneio e da sensação de flutuar em um mundo apenas de Tom. Pisco, e viro o rosto, fitando Louis, que me encara perplexo. Olho para ele um pouco sem graça e Louis franze a testa — vocês podem estar brigados, furiosos um com o outro, mas nesse exato momento só faltaram tirar a roupa um do outro.

—Louis — falo em um tom de censura, furiosa comigo mesma, e respiro fundo, tomando um longo gole de vinho da taça. Louis apenas me observa, e assente, escondendo o sorriso. O encaro — eu estou furiosa sim, e na verdade, estou

decepcionada, Louis.

—O que aconteceu, Ali? — ele pergunta, franzindo a testa, e percebo que não contei para ele que transei com Tom novamente, que deixei Tom contar a merda que fez. Respiro fundo, negando com a cabeça.

—Não quero falar disso esta noite, senão será mais uma noite estragada pela merda do passado — murmuro, e tomo mais um longo gole, sentindo o vinho descer pela garganta, impulsionando minhas forças.

—Eu entendo — Louis murmura, e aponta para longe — vamos cumprimentar Augustine? — ele pergunta, e assinto, colocando a mão no seu braço. Caminho firme ao seu lado entre as pessoas, sentindo olhos intensos em mim, mas o ignoro, tentando parecer calma, distraída. Eu preciso acalmar meu corpo, preciso pensar em algo que me acalme, porque não planejei deixar a noite tensa e

intensa por causa de Tom.

Caminhando lentamente entre as pessoas, acompanhada de Louis, em um ambiente luxuoso, sob os olhos de Tom, me lembro de todos os eventos que participei. Meu primeiro evento acompanhada de Ed, uma catástrofe, o evento em que comecei a cair na armadilha de Anya e abri os olhos, transando descaradamente com Tom. Suspiro, tentando me recompor, e balanço lentamente a cabeça, tentando parar de pensar.

Paro em frente ao Augustine, voltando a mim, e vejo Louis cumprimentá-lo. Sorrio.

—Augustine — o cumprimento com um abraço educado, e ele sorri. Cumprimento sua esposa também, e um terceiro senhor que não tenho ideia de quem seja. Augustine segura minha mão, enquanto com a outra seguro a taça.

—Minha cara — ele diz com o sotaque francês — estou tão feliz que esteja aqui — ele diz,

e hesita, encarando Louis — com Louis.

Sorrio, assentindo.

—Também estou feliz — murmuro — foi como imaginei — em partes. Tirando a parte Tom Haltender como modelo.

—Espero que seja apenas um de nossos vários trabalhos — ele completa, e sorrio, assentindo.

—Também espero, desde que não haja muitas mudanças de modelos — digo um pouco irônica, e Louis arregala os olhos ao meu lado. Não iria perder a oportunidade de deixar claro o meu desconforto. Augustine começa a gargalhar, levando para o lado esportivo, e aponta para mim.

—Essa Alice vai longe — ele ri, falando para a esposa, e me encara — mas eu entendo. Não haverá mais mudanças, houve algumas porque eu devia favores para alguns amigos.

—Mas agora não deve mais — completo

educada, e bebo um longo gole da taça, esvaziando-a. Louis vira o rosto, tentando esconder o riso, e Augustine assente sério, colocando as mãos nos bolsos.

—Sr, precisamos ir — o terceiro homem entre nós diz à Augustine, se referindo sobre o palco, e Augustine assente, pegando a mão de sua esposa e colocando-a sobre o braço. Ele nos encara sorridente.

—Se me permitem, agora começarei meu discurso — Augustine diz educadamente, e se afasta de nós. Louis os observa se distanciarem, e se vira de frente para mim, arregalando os olhos.

—Você é louca, Ali? Chamar a atenção de Augustine assim? — Louis me censura, e pego uma taça da bandeja do garçom que passa por mim. Dou de ombros, sorrindo para Louis, e tomo mais um gole, sentindo que passarei do ponto do álcool essa noite.

—Não chamei a atenção dele, Louis, apenas expressei meu desgosto pela troca. Eu preferia que você tivesse continuado, ao invés de ser substituído — hesito, e respiro fundo, sem completar a frase. Louis ri, negando com a cabeça.

—Augustine soube que eu tinha um outro trabalho em questões de semanas, e pediu que eu antecipasse isso. Se foi por causa de um pedido de um amigo, Tom em questão, eu não sei — Louis explica, e assinto.

—Foi um pedido de Tom, Louis — pauso, e bebo mais — mas agora chega, todos os assuntos caem nele, e estou cansada de pensar nisso — murmuro, diminuindo o tom de voz. Louis ri, concordando com a cabeça, e caminha até o meu lado, ficando de frente para o palco, assim como eu.

—Augustine começará o discurso, e ele odeia que conversem enquanto ele discursa, por

mais repetitivo que seja. Ele sempre usa as mesmas piadas, os mesmo exemplos — Louis comenta, colocando os lábios próximos ao meu ouvido direito. Rio, concordando, me preparando para as palavras cansativas e demoradas. Fotógrafos e jornalistas se aproximam do palco, começando a se preparar para gravar e anotar. Observo a movimentação ao redor, as pessoas começando a se organizarem próximas ao palco, por mais lotado que esteja o local, e meus olhos, insistentes, se focalizam em Tom, que entra pelas grandes janelas do terraço, caminhando autoritário, conversando com um empresário. Seus olhos passam pelas pessoas, e ao se focarem em mim, desvio o olhar, virando o rosto na direção do palco. A movimentação diminui, e mais luzes são acesas, focando no meio do palco, onde está uma bancada com o microfone. Respiro fundo, sentindo meu coração acalmar, a tremedeira passar e volto a me

sentir confortável, mesmo rodeada pela mídia e pessoas. Estou no meu mundo de certa forma.

—Caros Senhores e Senhoras — Augustine começa a falar no microfone, e sorrio, levantando um pouco a cabeça e fitando-o, com Louis ao meu lado, exatamente igual — é com imenso prazer que estou mais uma vez aqui para anunciar a coleção Primavera de Orsatti — me inclino para Louis.

—Depois haverá alguma festa, como sempre? — pergunto em um sussurro, e Louis tenta esconder o sorriso, concordando. A voz de Augustine continua a ressoar pelo microfone, e ele começa a contar sobre a história de vida, sobre as dificuldades e anseios. Começo a beber mais, apenas ouvindo, mas com os olhos nas pessoas ao redor. Olho para trás, e meus olhos se encontram com os de Antonella. Ela caminha lentamente entre as pessoas, longe de mim, em direção às escadas.

Ela sorri novamente, me fitando com um olhar estranho, como se estivesse feliz em me ver. Meu coração acelera lentamente, como se estivesse suspeitando de algo, e franzo a testa, confusa. Ela caminha devagar, puxando o vestido longo entre as pessoas, para se desviar, e levanta a mão, segurando seu celular fino, branco. Ela balança a mão que segura o celular, na altura do rosto, como se o mostrasse para mim. Abro a boca, sem entender, e sinto a mão de Louis apertar meu braço. Viro o rosto para frente com veemência, e olho para Louis pelo canto de olho.

—Ignore-a, Alice, Antonella costuma querer arrumar confusão às vezes, e pelo que entendi, vocês não são tão amigas assim — ele sussurra para mim. Mordo o lábio inferior, e assinto. Louis tem razão, não tenho motivo para ficar olhando-a ou dando atenção.

Abaixo a cabeça e fito por alguns segundos

o vinho escuro, bordo, dentro da minha taça. Porra, estou lutando para não pensar em Tom, mas agora meu corpo parece querer me lembrar que ele está no mesmo ambiente que eu. Levanto a cabeça, e olho ao redor, procurando-o. Estou decepcionada com ele e seu motivo, mas não consigo parar de procurá-lo, como se eu vivesse em um círculo fodido. Olho para trás, sobre o ombro no meu lado direito, com Louis ao meu lado.

Meus olhos o procuram, e lentamente vejo as pessoas se mexerem, em silêncio, assistindo o discurso de Augustine. As mulheres elegantes, com joias sorrirem, bebendo lentamente e cochichando. Homens em trajes sociais assentindo com as cabeças, o vento passar lentamente entre as flores, e fito o homem parado no outro canto do salão, de branco, destacando seu cabelo loiro e seus olhos azuis escuros, fixos em Augustine.

Abro lentamente a boca, fitando-o. Desço

os olhos pelo seu pescoço tenso, seus ombros largos, cobertos pelo terno branco. Seu peito largo, musculoso, escondido pela camisa social. Desço mais os olhos, analisando seu quadril, suas pernas cobertas pela calça branca, e lentamente subo com os olhos até seu rosto novamente. Meu coração explode dentro do meu peito, em batimentos acelerados, e respiro fundo, tentando recuperar o fôlego que me foi tomado. Minhas mãos suam frio, e meu corpo inteiro se arrepia. Tom está com os olhos azuis escuros fixos em mim, me encarando, percebendo como eu o analisei de cima a baixo. Abro mais a boca, puxando o ar, sentindo novamente o ambiente ao meu redor se tornar preto, desaparecer, e Tom arqueia uma sobrancelha, me fitando ferozmente.

Um sorriso torto, devasso, surge nos seus lábios, e ele leva a taça até eles, passando a borda sobre os lábios, me seduzindo. Puxo ainda mais o

ar, sentindo o calor me invadir, o seu fogo me queimar. Ele me devora com os olhos, e sua expressão ansiosa se torna selvagem.

Um toque familiar irrompe pelos meu ouvidos, mas parece tão distante. Ouço um segundo toque, estranho, vindo do bolso de Louis, mas também está distante, em outro mundo, porque meus olhos, minha respiração, meu coração, estão vagando pelo mundo de Tom, pelo nosso mundo, pelos seus olhos azuis, que me fitam, penetrantes. Mordo o lábio, sem conseguir parar de encará-lo, e o vejo arquear uma sobrancelha. Sua expressão se torna tensa, preocupada, e ele lentamente abaixa os olhos. Abaixo os olhos junto, vendo o seu celular na sua mão. Seu polegar liga a tela, e ele parece deslizar por uma página. Subo os olhos para o seu semblante, que se torna insondável, furioso, tenso. Desesperado. Franzo a testa, e Tom levanta a cabeça com violência, arregalando os olhos. Vejo

seus lábios sussurrarem meu nome.

—Alice — Louis me chama apavorado. Viro o rosto na sua direção, e vejo sua expressão tensa também, franzindo a testa.

Abro a boca, sem conseguir entender, e balanço a cabeça. Meus olhos descem do seu rosto até o celular na sua mão, e abro a boca sem reação, sem conseguir acreditar. Não quero acreditar no que meus olhos veem, e levanto a cabeça, olhando ao redor, me sentindo invadida.

Olho para as pessoas calmas, assistindo o discurso, sem perceberem nada, e vejo os jornalistas e fotógrafos com os celulares nas mãos. Seus olhos caçam entre as pessoas e param em mim. Arregalo os olhos, percebendo que todos os fofoqueiros estavam me procurando, e viro o rosto, procurando por mais sinais. Algumas pessoas abaixam a cabeça, fitando o celular, mas a maioria permanece imóvel, ouvindo o discurso e fitando

Augustine. Meus olhos percorrem o salão ao meu lado esquerdo, e param na mulher subindo a escadaria dourada. Em sua mão está um celular, e ela para, olhando para trás, para mim, e sorri. Um sorriso cruel, malicioso. Abro a boca, respirando fundo, e meu coração parece parar no meu peito. Antonella permanece parada no meio da escada, apenas me encarando, e abaixo a cabeça, voltando a fitar a tela do celular de Louis, que me encara apavorado.

Arregalo cada vez mais os olhos, sentindo que meu coração me abandonou de vez. O suor frio parece me inundar, o tremor sobe pelas minhas pernas até minhas mãos, e em uma fraqueza, a taça de vinho escapa da minha mão. O cristal desce pelo ar, e se espatifa no chão, esparramando o vinho no tapete dourado, mas meus olhos permanecem fitando a tela do celular. Tento respirar, mas parece que o ar fugiu de mim, e não consigo compreender,

não consigo acreditar. Cerro os punhos, me sentindo invadida, me sentindo deslocada. E meus olhos observam incrédulos fotos minhas estampadas na tela do celular. Fotos minhas nuas, em um puff grande, branco. Fotos íntimas, de perto e de longe, mostrando cada detalhe do meu corpo, meu rosto sorridente. Meu corpo exposto em todas as cores, em várias fotos, e então fotos que aparecem Tom, tiradas por mim, em uma brincadeira no puff. Várias outras fotos, em que faço pose, meus seios à mostra, minha bunda, minha intimidade. Abro a boca, sem conseguir respirar, sem conseguir raciocinar.

—Alice, vamos embora — ouço a voz de Louis distante, mas não consigo compreender, como se meu cérebro só conseguisse lembrar da noite em que aceitei o pedido de Tom para as fotos, e em como elas estão no celular de Louis. Meus olhos sobem pela tela, e percebo que não estão no

celular de Louis, mas que estão em um site. Nego com a cabeça, tentando negar para mim mesma que isso está acontecendo, e levanto a cabeça, furiosa. Uma fúria que faz meu corpo inteiro tremer, e respiro fundo, fechando a boca. Viro a cabeça, e encaro o rosto satisfeito de Antonella, ainda parada no meio da escadaria. Ela dá as costas e continua a subir.

—Fique aqui — sussurro para Louis, furiosa, vendo-o arregalar os olhos, e dou as costas para ele, caminhando entre as pessoas. Sinto olhares em mim, principalmente de jornalistas, mas estou em choque, estou tão aturdida que meu único pensamento é chegar em quem fez isso. Passo pelas pessoas, desviando de vestidos luxuosos e homens parados, e alçando o pé da escadaria. Vejo Antonella parada no topo, me encarando satisfeita, e respiro fundo, ainda mais furiosa. Sinto um misto de emoções, e luto contra as lágrimas, contra o

constrangimento de saber que todas as pessoas que estão ao meu redor poderão ver as fotos, que todos os jornalistas já viram. Olho para o lado, e vejo flashes disparados em mim. Abro a boca, me sentindo encurralada, perdendo qualquer conforto que senti antes, e agarro a calda do meu vestido, subindo a escadaria às pressas.

Sinto o degrau embaixo do meu salto fino, e a cada degrau, sinto meu coração ausente no meu peito, minha respiração alta retumbar nos meus ouvidos mais alta do que o discurso de Augustine, que continua como se nada tivesse acontecido. Mas aconteceu, minha imagem foi exposta, meu mundo desabou, e agora sei o que Antonella fez.

Subo cada vez mais rápido, e alcanço o topo da escadaria. Olho para os dois corredores, um de cada lado, e a vejo parada no final do corredor do meu lado esquerdo, estreito, todo branco com espelhos nas paredes. Ela sorri, e então desaparece

por um corredor que vira à sua direita. Cerro os punhos, furiosa, e caminho firme pelo corredor. Minha imagem é refletida pelos diversos espelhos em cada lado do corredor, e paro no meio, encarando o reflexo que faz um jogo de imagens. Minha imagem, o mundo de Tom que é agora o meu mundo. Tudo parece consequência de cada escolha minha. Encaro meu rosto que é repetido em vários outros reflexos, e a imagem das fotos nuas, da exposição total do meu corpo, da minha intimidade surge na minha mente. Uma lágrima escorre pelo meu rosto, pelos vários rostos refletidos pelo fetiche de Tom, e dou as costas, voltando a caminhar firme pelo corredor. Dobro, vendo um segundo corredor, com portas brancas, todas fechadas. A última porta está aberta, e vejo uma cadeira branca no meio do quarto. Antonella está sentada nela, com as pernas cruzadas e o celular na mão. Respiro fundo, e caminho

lentamente, sentindo o corredor se fechar ao meu redor a cada passo, o ar se tornar rarefeito, e meu coração continuar silencioso. Paro em frente a porta, e Antonella levanta a cabeça, me encarando firmemente.

—Alice — ela sussurra meu nome, sorrindo maliciosamente. Dou um passo para dentro do quarto, largando meu vestido, e cerro os punhos. Respiro fundo, criando a coragem para enfrentá-la, e a fuzilo com os olhos. Antonella descruza as pernas, ainda com um sorriso no rosto, e se levanta, deixando o celular na poltrona. Dou mais um passo para dentro do quarto, e de costas para a porta, agarro a borda desta e a fecho com força. O baque assusta Antonella, que dá um pulo e arqueia as sobrancelhas — está furiosa? — ela pergunta debochada.

—Como você conseguiu? — a pergunta sai antes que eu consiga controlar, e percebo que

estou com uma fúria sem controle. Eu estou sem controle, assim como estava em Pandora. Antonella arqueia as sobrancelhas me fitando, e dá as costas, caminhando para o meio do quarto. Este, feito com paredes brancas, ostenta um grande lustre de cristal com luzes amareladas, cortinas pesadas pendem nas janelas fechadas, e uma cama de casal, com lençóis e cabeceira branca está no meio do quarto. Uma porta fechada leva ao banheiro, e no outro canto do quarto uma mesa arredondada branca está de frente para um grande espelho de molduras douradas. Antonella caminha lentamente, arrastando o vestido longo, e para, de costas para mim, com os ombros eretos.

—A pergunta certa, Alice, é como eu sabia? — Antonella diz calma, se virando de frente para mim. Seus olhos maquiados são maliciosos em mim.

Franzo a testa, entendendo sua pergunta, e

cerro os dentes.

—Quem contou? — pergunto furiosa, e Antonella sorri, negando com a cabeça.

—Ninguém me contou, Alice. Eu sempre soube, porque Tom já teve fotos minhas aqui em Lyon — ela conta devagar, como se saboreasse, e semicerra os olhos — foi fácil adivinhar que uma mulher como você cederia às tentações de Tom, às suas fantasias.

Dou um passo na direção de Antonella, que permanece parada de costas para uma grande janela com cortinas fechadas.

—Assim como ele já teve de outra mulher, Antonella — afirmo, não demonstrando o quanto estou abalada — você foi apenas mais uma na vida de Tom.

Antonella ri, negando com a cabeça.

—Não estamos falando da vida de Tom, Alice, estamos falando de você — Antonella diz

maliciosamente — foi fácil adivinhar quem você era, ainda mais fácil adivinhar que ele já deveria ter suas fotos.

Respiro fundo, deixando minhas mãos soltas, e dou mais um passo na direção de Antonella, me aproximando. Estou tentando controlar a fúria, mas estou sem posse de mim mesma, estou sem controle, sem limites, e dentro desse quarto, colocarei Antonella em seu lugar.

—Onde você as conseguiu? — pergunto em um sussurro contido, mas deixando transparecer a raiva. Antonella me encara séria por alguns segundos, intensamente.

—Quando cheguei à cidade, Alice, e descobri que mulher que estava com Tom era sua própria estagiaria, uma mulher diferente das outras do seu mundo, e com resposta que ele me deu quando enviei aquela carta, percebi que Tom amava você — ela responde calma, arqueando a

sobrancelha e deixando o semblante furioso — Tom quando está apaixonado deixa fraquezas, é descuidado, e como ele tinha um apartamento em Lyon, descobri que ele também tinha um lá. O dinheiro abre portas, Alice, e abriu a porta do apartamento de Tom — Antonella continua a falar baixo, me analisando. Dou mais um passo na sua direção — e lá encontrei um quarto fechado, com uma grande foto sua, nua — ela arqueia as sobrancelhas, com o tom de voz debochado — e várias fotos reveladas, dentro de um pequeno álbum vermelho. Eu estava livre dentro daquele apartamento, e tirei cópias para mim. Várias cópias.

—Você invadiu o apartamento dele — rosno furiosa, dando mais um passo na sua direção — você é louca.

Antonella ri, negando com a cabeça.

—Eu sou a mulher que Tom precisa Alice — Antonella responde firme, e dou mais um passo

autoritário, parando na sua frente. Encaro o rosto de Antonella desafiador, seu corpo perto do meu. Ela me retorna o olhar furioso — Tom não precisa de uma mulher fora do seu meio, um peixe fora da água, que provavelmente está com ele por causa da beleza e do dinheiro. Você é apenas uma coitada fascinada por Tom Haltender, gananciosa, e por isso, o fez se apaixonar por você. Eu sou louca? Você é quem é a louca por achar que algum dia iria conseguir prosseguir com esse relacionamento, Alice.

A fúria toma posse de mim, e em um acesso de raiva, a fuzilo com os olhos. Levanto o braço e atinjo seu rosto com a mão direita, esbofeteando-a. O rosto de Antonella vira, e ela arregala os olhos, dando um grito. Perdi qualquer razão, qualquer controle.

Levanto a outra mão, e antes que Antonella consiga assimilar, dou outra bofetada em seu rosto.

Lágrimas deslizam pelo meu rosto, e ela agarra meu pulso, segurando-o no alto, firme. Suas unhas cravam na minha pele, me machucando, e dou um grito, puxando meu braço para longe. Ela solta meu pulso com violência, e dá um passo para trás, com os olhos arregalados e a mão no lado do rosto que dei o primeiro tapa.

—Você é louca, e se acha que as pessoas são iguais à você, é pior do que imaginei — respondo furiosa — você usou isso contra Tom, porque sabia que o amor que ele sente por mim é bem maior do que qualquer merda que ele sentiu por você. Tom sempre achou você uma louca, uma vadia, e você prova isso a cada segundo.

—Tom não achou isso em nosso jantar, Alice — Antonella sussurra para mim, dando mais um passo para trás, com um sorriso malicioso nos lábios — você sabe por quê ele chegou tarde?

Cerro os dentes, firmando os pés no chão

para não correr na direção de Antonella e agarrar seus cabelos, mas no estado descontrolado que me encontro, falta pouco para fazer isso. Antonella semicerra os olhos, percebendo que estou enlouquecida.

—Tom tentou negar meu acordo, Alice. Tom recusou a minha oferta — Antonella sussurra maliciosamente, se inclinando para frente, e dá mais um passo para trás, cerrando os punhos. Sua expressão é de prazer. Fico em silêncio, respirando alto, sentindo meu peito subir e descer, mas sem as batidas do meu coração. Minha visão é embaçada de tanta raiva, e tremo de fúria, deixando ondas de suor frio me causarem mal estar — ele aceitou jantar comigo, chegou tão confiante — Antonella continua, e eu permito, ouvindo cada detalhe, furiosa — chegou com seu jeito sedutor, achando que trataríamos de negócios — ela sorri — jantamos como amigos, e quando entramos no

assunto de acordos, eu expliquei que manteria o acordo das empresas, dinheiro — Antonella sussurra — se Tom me tratasse com amor, se Tom fodesse comigo, Alice — Antonella conta, deixando o sorriso desaparecer, e semicerra os olhos. Sua voz invade todo o quarto, e os segundos passam lentamente, tensos. Sinto meu corpo tremer ainda mais, enfurecido — se Tom me levasse à Pandora. Eu sei sobre o clube — ela sussurra.

—Mas Tom recusou foder com você, Antonella, porque o único sentimento que ele sente por você é pena — a interrompo, jogando as palavras contra ela. Antonella sorri, como se o que eu dissesse não interferisse.

—Eu sabia que ele iria recusar, Alice — Antonella diz, deixando o sorriso desaparecer — e então mostrei suas fotos — ela pausa, analisando meu espanto. Respiro fundo, tremendo de raiva — e você deveria ver a expressão que surgiu no

homem possessivo que Tom é, Alice. Ele não queria aceitar que eu tinha várias fotos suas, nuas, bem íntimas. Fotos do casalzinho que vocês formavam. Ele ficou furioso, mas então fiz novamente minha oferta — cerro os punhos, ouvindo-a atentamente, e dou um passo na sua direção. Ela percebe e dá um passo para trás, mantendo distância. Abro a boca, puxando o ar que me falta, fuzilando-a com os olhos, em uma raiva que eu desconhecia. Antonella me fuzila com os olhos também, e continua — mas ele fez uma nova oferta, Alice — um sorriso malicioso surge em seus lábios, e sinto vontade de pular nessa vadia — uma oferta envolvendo Pandora e uma tentativa de sexo. Tom não sabia se conseguiria, mas — ela pausa, sorrindo — ele iria tentar. Em troca, depois de fodermos, eu devolveria todas as fotos que eu tinha.

—Você é uma vadia — rosno furiosa, e Antonella sorri ainda mais.

PERIGOSAS NACIONAIS

—Tom disse a mesma frase quando entrou no meu apartamento depois do jantar — Antonella conta triunfante. Arregalo os olhos, sem entender sua frase, e franzo a testa. Ela abre a boca, arregalando os olhos e fingindo uma exagerada surpresa ao ver minha expressão — você não sabia, Alice?

Semicerro os olhos, fitando-a atentamente.

—Tom não transou com você, Antonella — afirmo, jogando na sua cara, e Antonella nega com a cabeça, séria.

—Não, Alice, não transou — Antonella concorda, balançando lentamente a cabeça — mas valeu a pena vê-lo tentando conversar normal comigo, vê-lo beber meu vinho e antes de ir embora, se esforçar para dar um beijo profundo em mim. O beijo que ela me dava uma vez — Antonella diz séria. A fúria sobe em ondas dentro de mim, e respiro alto, tentando conseguir mais ar,

PERIGOSAS ACHERON

porque estou prestes a calar sua maldita boca. Estou fervilhando de toda a raiva guardada. Cerro os punhos e os dentes, me mantendo firme — Tom enlouqueceu quando viu as fotos, Alice. Pense, um homem autoritário, possessivo como Tom, ao ver que as fotos da sua namorada, tão íntimas iriam ser expostas, ele cedeu. Cedeu obediente, com medo que você enlouquecesse ao ser exposta. Ele foi tão obediente até Pandora.

Meu corpo inteiro treme, e dou dois passos firmes na direção de Antonella.

—E então você perdeu, vadia — rosno, fuzilando-a com os olhos — porque Tom não aguentou mais. Tom me viu em Pandora e recusou seu acordo novamente — jogo na cara de Antonella, que me encara furiosa — nem chantagem o manteve ao seu lado, Antonella.

Antonella abre a boca por alguns segundos, deixando a raiva surgir na sua expressão.

—E por isso ele quebrou o acordo, achando que eu não iria fazer o que ameacei. Tom deve estar enlouquecido agora, vendo que o que ele tentou tanto evitar, aconteceu. Tudo por culpa dele — Antonella zomba, sorrindo maliciosamente — como é estar nua diante de todos, Alice, na sua forma mais íntima, sem máscaras, sem pudor? Me conte, como é ser alvo de todos os olhos em um mundo diferente? Eu esperei até você vir para cá, esperei sua campanha ridícula, esperei as tentativas fracassadas de Tom, assistindo ao longe você subir até o topo, para então eu derrubá-la e vê-la cair tão rápido.

E raiva se apodera de mim.

—Melhor do que ser uma mulher desprezada como você — rosno, e Antonella arregala os olhos, furiosa. Ela dá um grito e avança contra mim. Arregalo os olhos, e no instante seguinte a vejo na minha frente, furiosa. Suas mãos

agarram meus cabelos, e agarro seus pulsos, tentando afastá-la de mim. A empurro para longe, e ela se afasta bruscamente.

—Você sempre será uma mulher deslocada, Alice, uma mulher — Antonella grita, furiosa.

—Você quer falar sobre mim, Antonella? Então falaremos um pouco sobre você — a interrompo, sobrepondo minha voz furiosa e controlada, fuzilando-a com os olhos — você julga mal as pessoas. Você acreditou que Tom a amava, mas foi apenas mais um sexo para ele — começo a desafiá-la, e Antonella arregala os olhos — você achou que voltando atrás de Tom, ele a aceitaria. E então quando percebeu que nem sexo mais ele queria com você — arqueio as sobrancelhas, irônica — sendo negada por um homem que é viciado em sexo, decidiu chantageá-lo. Acreditou que chantageando Tom, o faria transar com você,

sendo assim, me trair e acabar com tudo. E se ele tivesse feito isso, Antonella? — grito furiosa, cerrando os punhos — você acha que mesmo se Tom tivesse me traído, e eu acabado, ele voltaria para você? Você acredita ser mais esperta, superior, mas em todas as suas tentativas, você falhou. E quando foi rejeitada, esperou o melhor momento para me humilhar, me desmoronar. Mas adivinhe, Antonella — rosno furiosa, vendo desespero, uma fúria com espanto em seu rosto — eu estou de pé, na sua frente.

O silêncio paira sobre nós por segundos tensos, e semicerro os olhos, fuzilando-a. Antonella corta o silêncio com um grito eloquente, e avança contra mim. Suas mãos agarram meus cabelos, e grito, sentindo a dor na minha cabeça. Ela avança com o corpo sobre o meu e me derruba. Bato as costas no chão, sentindo a dor invadir meu corpo, e agarro seus pulsos, tentando fazê-la soltar meus

cabelos.

—Me solte, sua louca — grito, vendo sua expressão furiosa, e agarro seus cabelos também. Jogo o meu corpo contra o dela, e a viro no chão. Ela dá um grito furiosa, e meu vestido sobe. Abro as pernas, prendendo seu quadril no meio das minhas pernas, e agarro seu cabelo, puxando-o com força, sentindo os fios cederem do coque. Ela grita de fúria e dor, e meu grito se sobressai ao dela. Estou furiosa, quero arrancar seus cabelos, seu batom vermelho, sua ironia, sua crueldade.

Largo seus cabelos, sentindo sua força contra os meus, puxando meu rosto para perto do dela, e inclino o corpo na sua direção, gritando de dor. Levanto a mão direita e esbofeteio seu rosto, virando-o. Sinto sua força diminuir, e levanto a mão esquerda, dando outro tapa no seu rosto. Antonella grita, e volta a agarrar com força meus cabelos. Grito também, furiosa, e dou outro tapa no

seu rosto, com força, deixando uma marca vermelha, borrando seu batom. Ouço um baque, mas não levanto a cabeça, porque eu sei que se parar, Antonella me dominará. Bato novamente no seu rosto, tentando fazê-la soltar meus cabelos para eu poder me afastar, mas ela os puxa com mais força, me inclinando ainda mais. Sinto dor e grito, deixando as lágrimas de raiva deslizarem pelo meu rosto, e dou mais um tapa, virando seu rosto. Estou sem fôlego de tanta força, de tanta violência, sentindo meu corpo fervilhar de raiva, tremer, mas meu coração continua silencioso. Respiro alto, resfolegando.

Mãos agarram os pulsos de Antonella com força e puxam na direção contrária do meu cabelo. Arregalo os olhos, conhecendo as mãos que largam os pulsos de Antonella e agarram meus ombros, puxando-os para cima. Abro a boca, e levanto a cabeça, me levantando de cima de Antonella. Sinto

a pele quente em contato com a minha pele, e me afasto bruscamente de Antonella, perdendo o contato com as mãos quentes.

Encaro Tom de pé, ao lado de Antonella, que se senta no chão, descabelada, me encarando furiosa. Seus olhos azuis escuros parecem perdidos, me encarando, e franzo a testa, respirando fundo. Antonella se levanta, com o vestido amassado, me fuzilando com os olhos. Ela abre a boca para falar algo.

—Vá embora, Antonella — Tom rosna furioso, baixo. O Tom explosivo. O encaro, vendo sua expressão devastada de fúria, uma fúria que eu não via há muito tempo, algo que ele guardava para não me assustar. Ele retesa a mandíbula, com os olhos firmes em mim, autoritários. Abro a boca, sem reação, e me lembro das fotos, o real motivo do acordo.

—Tom — a voz furiosa de Antonella o

chama, e ele desvia os olhos de mim, fitando-a enfurecido — eu preciso conversar com você — ela rosna, e Tom respira fundo.

—Vá embora, Antonella — Tom rosna novamente, fechando os olhos para se controlar. Antonella respira fundo, e vira o rosto, sem me encarar. Ela caminha na direção da porta do quarto, e para, virando a cabeça por sobre o ombro, me encarando.

—Adorarei ver suas fotos em vários sites, Alice, a modelo nua — ela sussurra debochada, e passa a mão sobre o batom borrado.

—Cale a boca — rosno, furiosa, e Tom caminha firme até a porta. Antonella franze a testa, encarando-o, e Tom agarra a maçaneta, fechando a porta com força, com uma veemência, deixando claro o quanto está furioso.

—Chega — ele rosna, e se vira lentamente na minha direção. Ele me encara por alguns

segundos — agora é a nossa vez de conversarmos — ele sussurra baixo, e sua voz rouca arrepia meu corpo. Me sinto sufocada, e encaro seu rosto tenso. Sei que a minha expressão também é tensa, furiosa, e começo a sentir o choque da realidade, da ideia de sair do quarto e ver a exposição das minhas fotos nuas. Fechos os olhos, deixando meu corpo ruir em dor, e tremo. Lágrimas escorrem pelo meu rosto, e o choro saí em soluços. Um choro que evitei, um choro que não queria que Tom visse. Cerro os punhos e os dentes, engolindo minha voz, e levanto a cabeça, de olhos fechados. Choro por toda a merda que aconteceu, por ter que me manter em pé diante de tudo. Sinto mãos quentes nos meus ombros, um peito largo, musculoso, nas minhas costas, e braços me abraçam. Sinto lábios contra meus cabelos — Alice — a voz rouca de Tom saí em um sussurro. As lágrimas escorrem pelo meu rosto, e nego com a cabeça. Levanto as mãos e

pego as suas mãos, tirando-as de mim. Me afasto, e abro os olhos, me virando de frente para Tom, que me encara em pânico.

—Não — sussurro sem forças, sentindo meu estômago queimar. Um mal estar sobe pelo meu corpo, e minhas pernas tremem. Nego com a cabeça — preciso ficar sozinha, Tom. Me deixe — digo, sentindo minha cabeça latejar de tanta pressão que senti, de tanta agonia e fúria.

Tom arregala os olhos, negando lentamente com a cabeça.

—Não — ele rosna com a voz rouca, furioso por ser contrariado — não — Tom arqueia uma sobrancelha, e sua expressão é selvagem.

Sinto o ambiente rodopiar, e a exaustão de aguentar a pressão me esmaga. Pisco repetidamente os olhos, vendo a imagem de Tom embaçar, e abro a boca para negar, mas minha voz não saí. Perco as forças, e sinto minhas pernas cederem. Minha

respiração se ausenta, tento puxar o ar, mas não existe força. O tremor desaparece, e as lágrimas escorrem ainda mais, me sinto desorientada, um suor gélido com ondas de calafrio. Meu corpo parece não aguentar, e um dor latejante escurece minha visão. Tudo apaga, e eu caio em uma escuridão.

—Alice — ouço a voz rouca de Tom devastada, e o silêncio acompanha a escuridão, me dominando.

Acordo. Sinto minha cabeça latejar, e uma sensação de estar aérea. Respiro fundo, sentindo o ar encher os meus pulmões, mas meu coração continua silencioso. Abro lentamente os olhos, me adaptando à penumbra do lugar onde estou, e começo a recobrar lentamente a consciência. A dor cortante na minha cabeça me acorda ainda mais, e me lembro das briga com Antonella, das suas palavras. As fotos. A imagem das fotos invade

minha mente, piorando a dor de cabeça, e me vejo nua, sob os olhos dos outros, meus seios à mostra, meu corpo, minha intimidade, meu sorriso, Tom. O choro volta a me atormentar, e lágrimas deslizam em desespero pelo meu rosto. Estou machucada por me sentir invadida assim, por ter sido tirada do meu conforto. Arregalo os olhos, recobrando ainda mais a consciência. Fui afastada de Antonella por Tom, e quando ela foi embora, Tom permaneceu comigo no quarto. Franzo a testa, tentando me lembrar. Tom tentou falar, mas eu neguei, e tudo se tornou escuro.

Eu desmaiei. Abro a boca, compreendendo, e meus olhos percorrem o teto que fito, branco, mas escurecido pela penumbra. Um pequeno lustre quadrado, de cristal, está acima de mim, mas a única luz que ilumina o quarto, deixando-o na penumbra, vem de algum canto que eu não consigo ver, amarelada. Franzo a testa, sem entender onde

estou, e sinto meus braços imóveis. Os puxo, mas meu movimento é barrado força. Arregalo os olhos, assustada, e olho para cima, para onde meus pulsos estão. Percebo que estou deitada em uma cama, com a cabeça sob um travesseiro confortável, branco. Lençóis brancos estão abaixo de mim, e uma grande cabeceira branca está no topo da cama. Em cada lado da cabeceira, subindo junto aos pés da cama, estão dois pinos que sobem, brancos. Na ponta está uma argola branca, e dentro dessa argola uma algema passa. O par de cada algema está ao redor do meu pulso. Abro a boca, sem acreditar, e puxo meus braços para frente, tentando testar as algemas, que tilintam contra o metal e se estendem até o limite, me impedindo de puxar mais.

Abaixo a cabeça, e movimento as pernas, sentindo-as livre. Tento abri-las, mas meu movimento é impedido, e arregalo os olhos. Olho para baixo, e percebo que estou apenas de lingerie

preta. Meus tornozelos estão presos em algemas, um com o outro, e movimento as pernas, flexionando-as.

Olho ao redor, na penumbra, e vejo meu vestido sobre uma poltrona branca. Franzo a testa, sem entender, confusa, e ouço um barulho no quarto. Arregalo os olhos, e na penumbra, vejo uma presença se aproximar. A cada passo, começo a ver as cores na penumbra. Cabelos loiros bagunçados, uma camisa branca, social, aberta, expondo todo o peito definido. Calça jeans escura, e dois olhos azuis escuros me fitam, selvagens. Uma expressão ansiosa.

Tom.

Abro a boca, surpresa, e tento puxar meus braços novamente, fazendo barulho com as algemas. Tom me encara preocupo, e retesa a mandíbula, me encarando com os olhos penetrantes.

PERIGOSAS NACIONAIS

—O que você está fazendo? — sussurro surpresa, respirando alto. Tom respira fundo, e se senta ao meu lado na cama, de frente para a cabeceira, e se vira, ficando de frente para mim. Encaro seu rosto tenso, preocupado. Ansioso. Tento me mexer novamente, e flexiono mais as pernas, puxando os braços — Tom — digo furiosa, franzindo a testa — me solte.

—Alice — sua voz rouca, sedutora, me interrompe, e meu corpo se arrepia, correspondendo. Merda. Ele se inclina na minha direção, aproximando o rosto, e a urgência inunda seu semblante — eu vou soltar você — ele sussurra roucamente, me fitando. Sua expressão se torna selvagem, e desço os olhos pelo seu corpo definido, quente. Meu corpo se excita, mesmo com toda a merda na minha mente, as fotos, e volto a encarar seu semblante selvagem. Ele retesa a mandíbula — mas primeiro você terá que me ouvir — ele

PERIGOSAS ACHERON

sussurra roucamente. Arregalo os olhos, e abro a boca, respirando fundo. Seus olhos azuis escuros são ferozes em mim.

E meu coração volta a bater.

ALICE

Seus olhos azuis escuros são ferozes em mim, e descem lentamente pelo meu corpo exposto, ferozmente. Em cada parte que seu olhar encosta em mim, minha pele se arrepia, se incendeia. Merda, estou fodida. Tom está enlouquecido, e seus olhos azuis escuros, devastados, me atraem de uma forma irresistível. Tom está no fogo.

Preciso me concentrar, preciso prestar atenção nos pontos importantes dessa situação, não em seus olhos, em seu corpo. Preciso deixar a fúria me abrir os olhos. Volto a me lembrar de cada palavra de Antonella, das fotos. Tom a levou embora, Tom a beijou.

Cerro os dentes, começando a ficar furiosa. Tom está louco, completamente louco. Quando imaginou que eu aceitaria ser algemada? Quando imaginou que isso seria certo?

Balanço a cabeça, enfurecida, e meus cabelos se jogam em cada lado da cama. Puxo os pulsos, tilintando as algemas na cama, e flexiono ainda mais as pernas, tentando chutar o ar.

—Me solte, Tom — rosno furiosa, fuzilando-o com os olhos. Bato as algemas na cama, me sentindo frágil, e franzo a testa — você está louco, você só pode ter enlouquecido. Por que me algemou? — pergunto, arregalando os olhos.

Sinto minha cabeça pesada, e fecho os olhos, respirando fundo. Ouço minha respiração ser acompanha pela dele, e me lembro das fotos expostas novamente, da minha intimidade em público. Eu estou enlouquecendo.

Abro os olhos, fitando-o sentado ao meu lado da cama. Seu peito nu sobe e desce lentamente pela camisa social branca, aberta, e Tom retesa a mandíbula, me fitando.

—Eu enlouqueci mesmo, Alice — ele diz sério, e apoia a mão na cama, se inclinando na direção do meu rosto — eu enlouqueci quando você me impediu de contar tudo o que havia acontecido. Eu enlouqueci quando vi que eu estava enganado, porra — ele rosna, e fecha os olhos, abaixando a cabeça — enganado por achar que você não seria forte, enganado por achar que eu poderia silenciar Antonella, e enganado por achar que ela não iria expor você — ele hesita, e arregalo

os olhos, abrindo a boca. Tom confirma o que eu pensei. Era isso que Antonella usou para chantageá-lo. Respiro fundo, fitando seus olhos abrirem, e se desviarem para mim, intensos. Ele retesa ainda mais a mandíbula — eu errei por sempre acreditar que eu tenho o controle da situação, por achar que sempre estou certo, e fodi com tudo, Alice.

—Então me deixe ir embora, Tom — minha voz saí como um sopro sufocado dentro de mim, e eu o encaro. Ele nega com a cabeça, abaixando-a e fitando o colchão à frente. Seus olhos percorrem a cama e ele me fita de canto de olho.

—Eu preciso contar tudo o que aconteceu, Alice — ele sussurra com a voz rouca, na penumbra do quarto. Cerro os pulsos, sentindo a adrenalina descer por eles até o meu coração, fazendo-o ressoar no meus ouvidos, me

confirmando de que voltou a bater.

—O que isso mudará, Tom? — pergunto ríspida, e ele me encara sério, respirando fundo.

—Talvez nada, mas eu preciso — ele rosna. Assinto, fechando os olhos, e viro a cabeça na direção do teto, evitando permanecer com os olhos nos dele, porque eu sei que ouvindo sua voz rouca, vendo seu rosto, sentindo seus olhos em mim, eu cedei, eu voltarei a me apaixonar cada vez mais pelo homem que me conquistou na minha própria cama.

—Então fale, e depois eu irei embora — afirmo, e fecho os olhos, deixando o silêncio predominar no quarto. Eu preciso ser forte, eu preciso ouvi-lo, mesmo suas desculpas, me levantar e dar as costas para Tom Haltender. Eu preciso acabar de vez.

O silêncio permanece por alguns segundos, e então é interrompido por Tom.

—Alice — sua voz rouca é um sussurro sedutor, um chamado para a minha intimidade, para o meu coração, que se acelera ainda mais, ansioso para ouvi-lo. Meu corpo arrepia, e abaixo as pernas, respirando fundo — depois que Antonella sugeriu aquele acordo sobre Pandora, em troca a permanência dos nossos negócios, eu neguei.

Minha imaginação me transporta para aquela maldita noite, e imagino o restaurante onde Tom estava. Imagino cada palavra sua.

“Eu a encarei por alguns segundos, incrédulo por ela acreditar que eu permanecia o mesmo de uma época, e ri da sua cara”. Antonella semicerrou os olhos, percebendo que havia perdido, e eu me encostei na cadeira novamente.

—Antonella, pegue essa sua empresa e enfie onde quiser, de preferência em alguma merda sua. Estou farto dos seus jogos, não preciso de você ou dos seus investimentos. Posso perder milhões,

mas eu os recuperarei em breve, e isso não irá interferir na minha vida — respondi debochado, encarando-a. Bati a mão na mesa, dando por encerrado o nosso jantar, e me levantei, fitando-a de cima — aproveite o vinho, porque não nos veremos novamente — rosnei, fitando-a, e dei as costas para a mulher loira, sentada na mesa, me encarando furiosa.

Caminhei dois passos em direção ao centro do restaurante, em direção à saída, mas sua voz me parou.

—Tom Haltender, então não faremos nenhum acordo, mesmo eu tendo em posse uma excentricidade sua? Ouvi dizer que Alice, sua namorada, era muito bonita, mas precisei comprovar — um silêncio me deixou tenso, e me virei lentamente. Encarei Antonella pegar a bolsa no colo e abri-la. Sua mão puxou um maço de fotos, e lentamente ela começou a espalhá-las na

mesa, com os olhos nas fotografias. Franzi a testa, sem entender, e dei um passo me aproximando. Meus olhos pararam no rosto de uma mulher familiar, da minha Alice. Seu rosto sorridente, seus cabelos sobre os ombros, seus seios e sua intimidade explícita. Arregalei os olhos, entendendo o que eram aquelas fotos. Eram a porra das minhas fotos.

Abri a boca, sem conseguir raciocinar, e avancei contra a mesa, pegando na mão uma das fotos. Encarei o corpo nu da mulher que amo, a sua intimidade completamente exposta, e tentei imaginar a reação de Alice diante disso. Porra, não consegui imaginá-la lidando com essa exposição. Eu não consegui me imaginar lidando com isso, porque porra, ela era apenas minha, apenas para os meus olhos. Sou a merda de um possessivo, mas não abriria mão disso.

Me sentei de volta na cadeira, com os olhos

fixos nas imagens espalhadas pela mesa.

—Alice estava bem à vontade, Tom. Não imaginei que você a deixaria tão apaixonadinha — a voz de Antonella era irônica, uma grande filha da puta. Levantei os olhos e encarei seu rosto satisfeito por me ver devastado. Ela se inclinou sobre as fotos, espalmando as mãos e semicerrou os olhos — como Alice reagiria diante disso, Tom? Será que ela lidaria bem?

—Como você conseguiu isso? — rosnei, cerrando os punhos embaixo da mesa para não avançar sobre Antonella. Minha vontade era agarrar seu corpo e jogá-lo contra os vidros do restaurante. Respirei fundo, me controlando. Antonella sorriu, olhando para os lados.

—Tom, Tom, às vezes você é tão burrinho — ela zombou de mim, e desviei o olhar, virando o rosto. Precisava me acalmar, porque senão eu acabaria com aquela mulher — seu porteiro se

vendeu de início. Ele me deixou subir. Abrir sua porta foi simples. Adorei o seu apartamento — ela hesitou, e a encarei, vendo seu sorriso. Retesei a mandíbula, apenas escutando, tenso na cadeira, desejando matar essa filha da puta — foi tão bom deitar na sua cama, sentir o seu cheiro — Antonella continuou, se encostando no encosto da cadeira, com os olhos em mim — e quando entrei naquele outro quarto, vi aquela grande foto de Alice sob holofotes, como você tirou umas minhas, anos atrás — Antonella pausou, analisando minha reação. Me inclinei violento contra a mesa. Nem me lembrava mais das suas malditas fotos.

—Você invadiu meu apartamento, sua filha da puta — rosnei, apontando o dedo para ela. Antonella riu, achando graça. Porra, eu estava muito furioso, porque eu imaginava essa louca no quarto, encarando a imagem de Alice. Antonella se inclinou sobre a mesa, e pegou as fotos, colocando-

a em um único monte, e aproximou o rosto do meu, satisfeita.

—Me conte, Tom. Você costuma se masturbar olhando para aquelas fotos? — ela debochou, e sua expressão se tornou séria. Virei o rosto, evitando encará-la — mas enfim, achei o álbum com as originais, e na mesma tarde fiz minhas várias cópias. Essas fotos — Antonella falou, colocando a mão sobre o monte — são apenas cópias de várias outras cópias. Posso dá-las à você agora, como um lembrete do que tenho em posse.

—Vá para o inferno com essas copias, Antonella — rosnei furioso, fitando o monte, e encarei Antonella.

—Posso ir, Tom, mas levarei Alice comigo — ela respondeu, começando a ficar furiosa — me diga — ela sussurrou, se inclinando ainda mais na direção do meu rosto — você está

disposto a transformar a vida de Alice em um inferno? Porque eu estou disposta. Quero que ela sinta como é ter você ao lado, como é carregar o seu mundo. Você está disposto, Tom? — a voz de Antonella me causou calafrios, seus olhos pareciam sair de orbita, loucos. Arregalei os olhos, enlouquecido, entendendo suas palavras. Ela sorriu cruel na minha frente, muito diferente da mulher com quem transei anos atrás — Você está disposto à levar Alice ao limite e deixá-la nas minhas mãos, apenas porque não quer ceder — ela hesitou, analisando meu semblante de fúria. Respirei fundo, retesando a mandíbula, e cerrei os punhos, batendo-os na mesa. O casal da mesa ao lado nos encarou, assustado e me inclinei ainda mais na sua direção, desejando agarrar seu pescoço e calar sua boca. Estava ao limite — ou está disposto a ser meu homem novamente, Tom, apenas por uma noite? O que importa mais para você, uma noite, como todas

as outras noite em que esteve com outras mulheres, ou Alice?

Fechei os olhos, sentindo a irá na pele, e cerrei ainda mais as mãos, sentindo dor nos nós dos dedos.

—Eu posso ferrar você, Antonella — sussurrei ameaçador, e abri os olhos, encarando-a — posso fodê-la e impedir essas fotos. Posso comprar a porra dos jornais que se vendem, posso processá-la.

Antonella sorriu.

—Tente, Tom. Adorarei ver você tentar. Vai me processar como fez naquela vez que destruí seu carro? O que aconteceu comigo? Nada. Ou vai comprar os jornais e tabloides? É isso? Mas e se eu for a dona dos que disponibilizarei as fotos, como irá comprá-los de mim? — Antonella jogou as palavras na minha cara, furiosa — tente, Tom. Você não está jogando com uma garota, mas com

uma mulher que aprendeu com você. Vamos ver o quanto Alice dura.

—Você é louca — rosnei furioso, e bati novamente os punhos na mesa, deixando a taça vibrar. Antonella sorriu, assentindo, e se recostou na cadeira novamente.

—Eu sou, Tom. Está disposto a negociar novamente? — ela perguntou, e percebi que estava fodido.

Eu poderia tentar comprar os tabloides, os jornais. Eu poderia denunciá-la por invasão de domicílio e roubo, mas o que isso acarretaria em Antonella? Porra, o dinheiro compra a situação, e dessa vez o valor não seria cobrado de mim, mas de Alice, porque por mais que eu tentasse tudo o que imaginei, Antonella, ao perceber as tentativas, iria soltar as fodidas imagens na internet, em algum site desconhecido. Como eu conseguiria saber qual seria? Ou quando? Como impedi-la sem um

acordo? Porra, estou fodido, porque posso tentar jogar com Antonella, posso tentá-la impedi-la, mas ela conhece os meios, ela sabe os jogos porque eu a ensinei. Eu construí minha ruína.

—Qual o acordo? — as palavras saíram forçadas. Fodidamente forçadas. Meu corpo parecia doer, e me recostei na cadeira também, furioso, rosnando. Apoiei o antebraço na mesa, e fitei a hora no meu relógio. Dez e meia. Alice provavelmente estava me esperando no apartamento. O celular vibrou novamente no meu bolso, e eu sabia que era a mulher que eu amava, mas eu não conseguiria levar o jantar adiante se lesse suas mensagens. Antonella sorriu satisfeita, me encarando, mas meus olhos eram furiosos nela.

—Como quer negociar, Tom? — ela perguntou com a expressão calma — veja isso como um negócio e faça sua proposta.

Fechei os olhos, vendo na minha mente a

cena de merda das fotos vazadas, da minha inutilidade. Porra, precisava achar outra saída. Eu poderia manter Alice afastada, levá-la para algum lugar distante, sem que ela conseguisse ter interação com essas fotos, com a mídia comunicar que fotos da minha namorada estavam à solta. Eu poderia, e assim, enquanto a deixava às cegas, iria caçar site por site e excluir as fotos. Mas eu conseguiria manter ela longe do próprio celular, de Dana e Gabriel? E quando ela soubesse, mesmo já sem as fotos, qual seria sua reação? Qual seria a porra da minha reação?

Retesei a mandíbula. Sou um fodido possessivo porque nessa história, imaginar a minha Alice, o corpo que pertence apenas à mim, exposto para outros olhos, me deixava ainda mais possessivo, furioso.

—Qual o acordo, Tom? — Antonella repetiu minhas palavras, e abri os olhos, fitando-a

enfurecido.

Eu teria que fazer a porra do acordo. Me inclinei sobre a mesa, espalmando as mãos, e meu corpo inteiro se retesou. Estava tão tenso que poderia trincar minha mandíbula. Eu tinha que fazer o acordo. Iria aceitar levá-la em Pandora, mas apenas isso.

—Você quer um acordo por essas fotos? — perguntei retórico, abaixando a voz em um rosnado — o que posso oferecer de acordo, Antonella, é que posso levar você à porra de Pandora, apresentá-la para esse clube, e acompanhá-la durante sua noite lá. Em troca, quero cada foto, cada cópia e seu desaparecimento da minha vida. Nossos negócios com as empresas acabaram, prefiro perder dinheiro do que voltar a ver você — minha expressão era autoritária, uma ameaça. Antonella arqueou uma sobrancelha, semicerrando os olhos, e se inclinou na minha

direção também.

—Sexo, Tom. Coloque sexo nesse seu acordo, porque sem isso, não haverá acordo nenhum. E não digo foder, quero amor. Quero que transe comigo como faz amor com Alice. Quero suas mãos com força, mas com carinho também — Antonella sussurrou desafiadora. Respirei fundo, retesando a mandíbula, e me lembrei da mulher loira que estava na minha frente, nua, entre lençóis brancos no meu apartamento em Lyon. Seu riso embaixo dos lençóis, seus lábios em mim, e a raiva aumentou, porque eu não sabia se conseguiria.

Fechei os olhos, me concentrando na respiração alta, e cerrei os punhos sobre a mesa, retesando a mandíbula. Os abri, fitando seu rosto atento.

—Eu não conseguirei foder com você, Antonella — afirmei furioso, em um rosnado. Ela sorriu, negando com a cabeça, e levantou uma mão,

com as unhas pintadas de dourado. Seu indicador se firmou embaixo do meu queixo, e ela segurou meu rosto pela ponta do dedo.

—Meu Tom, você me surpreende. Alice realmente mudou o homem que você era, um homem que não dispensaria uma boa foda com ninguém. Diego daria risada se ouvisse — ela murmurou. Levantei a mão e agarrei seu pulso com força, sem conseguir me controlar, sem medir a força de tanta raiva. O joguei para o lado, me livrando do seu toque, e me recostei na cadeira, voltando a fitar o meu relógio.

—Diego não está aqui — respondi autoritário, e a encarei. Antonella sorriu, massageando o pulso, e abaixou os olhos.

—Vamos dar uma mudada nesse seu acordo — seus lábios se curvaram em um sorriso, e ela me encarou — eu darei todas as cópias que tenho, e sumirei da sua vida — ela pausou,

analisando meus lábios se pressionarem de fúria. Assenti para que continuasse, cerrando os punhos sobre as coxas, e senti novamente o celular vibrar no meu bolso, porra. Antonella apoiou os antebraços na mesa, me encarando, ainda encostada no encosto da cadeira — depois que você me levar para Pandora e transarmos lá, Tom.

—Não sei se conseguirei — rosnei, interrompendo-a. Ela permaneceu com o sorriso, e negou.

—Vale a tentativa, meu amor. Eu prefiro surpresas mesmo — Antonella sussurrou satisfeita — me leve para Pandora, e tente. Talvez consiga, talvez não consiga, mas quero a sua tentativa, quero vê-lo tentar. Se não conseguir, mas realmente tentar, eu entregarei as cópias. E se conseguir, mataremos a saudade.

—Vá para o inferno, Antonella — rosnei, virando o rosto. Fitei o casal na mesa ao lado

brindarem as taças de cristal, e respirei fundo.

—Está feito o acordo? — a voz de Antonella me causava repulsa, e evitei encará-la.

—Sim — respondi em um sussurro. Retesei a mandíbula, engolindo a raiva, e virei o rosto, encarando-a — está feito essa merda de acordo, Antonella. O que quer mais?

Antonella sorriu, assentindo.

—Quero que me leve embora — ela ordenou. Franzi a testa. Antonella é uma mulher desequilibrada. Cerrei os punhos, retesando a mandíbula, e me levantei da mesa, batendo os punhos, furioso.

—Vá sozinha — respondi alto, e todos ao redor viraram os rostos, nos encarando assustados. Antonella arregalou os olhos — você tem pernas, um maldito carro e seu acordo. Nosso jantar acabou.

Ela abriu a boca, querendo me questionar,

mas porra, apenas dei as costas para ela. Os olhares me seguiram, mas eu estava mandando tudo a merda. Olhei para o meu relógio de pulso marcando onze e meia. Eu estava descontrolado, devastado, porque havia feito um acordo que me faria trair a mulher que amo.

Eu estava fodido comigo mesmo, porque estava com ódio por ter aceitado o maldito acordo e furioso por não ter achado outra saída. A merda da ideia de trair me torturava, me corroia, e se eu fosse para o meu apartamento com Alice lá, ela perceberia meu estado, meu nervosismo. Eu não queria que ela soubesse dessa merda, e então peguei o celular. Vi suas mensagens, e disquei para Diego, perguntando se ele estava no apartamento dele. Dirigi furioso, vendo a cidade passar pelos vidros, as luzes dançarem, e apenas me perguntava como eu conseguiria lidar com Alice, como eu conseguiria transar com ela enquanto estivesse na

tentativa de traí-la. Eu não conseguia imaginar traindo-a, eu não conseguia imaginar Antonella comigo em Pandora, e para estragar ainda mais, no dia seguinte seria meu aniversário. Um aniversário que havia planejado passar com Alice, apenas com ela. Como eu iria aguentar encarar seus olhos?

Eu precisava fazer algo, e assim que cheguei ao apartamento de Diego, precisei contar que Antonella estava me chantageando. Cortei a parte sobre Pandora e sobre as fotos, apenas contando sobre uma suporta chantagem. Diego achou graça, e ao invés de me ajudar, apenas riu da situação. Eu estava enlouquecendo, e as horas passavam, enquanto a deixava sozinha no meu apartamento. Eu a imaginava me esperando, e isso me devastava, porque eu aceitei tentar traí-la. Eu não conseguia me imaginar encarando-a. Eu a amava demais para isso.

—E decidi antecipar meu pedido de

casamento — a voz rouca de Tom ressoa pelo quarto, e abro os olhos, fitando o teto claro, na penumbra — o pedido que eu faria para você, Alice, aqui em Lyon. Não inventei nenhum pedido para enganá-la, eu queria pedi-la, e para não sentir que eu estava perdendo-a, para deixar claro para você, que acima de toda merda, de toda porra e fodida que é minha vida, eu a amo, eu a quero — a voz rouca de Tom se torna um sussurro sedutor, e sua voz possuí urgência, ansiedade. Viro lentamente o rosto, sem deixar transparecer o choque que suas palavras causaram em mim. Eu me sinto devastada com tudo, como se ser exposta foi apenas o começo de toda a queda dentro de mim mesma. Encaro seu rosto tenso, com ansiedade e agonia, e respiro fundo. Eu ouvi cada palavra sua, eu imaginei cada cena, eu vi Antonella na minha imaginação, eu vi o maldito restaurante e cada expressão.

PERIGOSAS NACIONAIS

E me sinto devastada por saber que Tom tentou impedir, que tentou controlar uma situação que de uma maneira ou de outra fugiria das suas mãos. Ele poderia ter me contado, ele poderia ter tentado diferente, mas não o fez. Tom estava ciente de que talvez não conseguisse me trair, estava ciente que talvez fracassasse. E ele sabia das fotos. Ele tentou argumentar com Antonella, e então fez o acordo e a deixou sozinha. Franzo a testa, me lembrando da conversa com Antonella. Ela disse que Tom a beijou, o que me deixa com mais raiva ainda. Reteso a mandíbula, encarando-o furiosa.

—Você está mentindo — afirmo, e Tom arregala os olhos, entreabrindo os lábios, sem entender. Respiro fundo e continuo — Antonella disse que você a levou embora, que beberam no seu apartamento e a beijou, como ela mandou.

Tom me encara por alguns segundos, sério, sem piscar, e então ri irônico, negando com a

cabeça. Ele a abaixa, e volta a me encarar.

—E você prefere acreditar em uma mulher que expôs você para me ter, Alice, ou no homem que ama você? — Tom pergunta controlado, tentando não explodir em fúria. Fito seu rosto tenso.

—Um homem que me enganou, você quer dizer — o corrijo, e Tom fecha os olhos, respirando fundo. Ele retesa a mandíbula, e cerra os punhos contra o colchão.

—Porra — ele rosna, esmurrando o colchão. Arregalo os olhos, dando um pulo, e vejo um Tom que não via há muito tempo, um Tom explosivo ao extremo. Ele respira fundo, com o punho firme no colchão, e abre os olhos, me fuzilando com eles — um homem que ama você e errou ao tentar mantê-la protegida, Alice. Eu acreditei que aceitando o acordo e levando Antonella para Pandora estaria protegendo você. Eu

não sabia se conseguir transar com ela, mas mesmo se eu não conseguisse, ela não exporia suas fotos.

—Mas você mandou tudo à merda, não é? — pergunto séria, e seus olhos descem para o meu corpo. Sinto minha pele queimar, e fecho os olhos.

—Quando a vi em Pandora, perdi qualquer racionalidade. Eu poderia ter continuado com o acordo e ter fracassado na hora do sexo, mas antes mesmo de tentar, eu a mandei se danar, Alice, porque estava farto, não aguentaria me trancar em um maldito quarto com ela, independente se você estivesse lá ou não. Eu estava sendo torturado — A voz rouca de Tom adentra pelo meu ouvido, e abro os olhos, fitando-o novamente. Sua expressão é angustiada — e por isso, Antonella expôs você. Ela queria vê-la cair do auge, ela esperou que a mídia se focasse em você, para então ser algo ainda mais chamativo.

—E você acreditou que eu não aguentaria

— murmuro, sentindo meu coração acelerado, e cada batida pesa no meu peito. Minha respiração está entrecortada e minhas mãos, contra as algemas, suam.

Tom abaixa a cabeça, concordando.

—Sim, eu acreditei que isso poderia derrubar você. Mas eu também não conseguia suportar a ideia de que você, minha Alice, seria exposta assim. É uma tortura para mim vê-la na porra de revista, e imaginá-la nua foi devastador — Tom se vira de costas para mim, ainda sentado.

—Mas não foi apenas imaginação. Antonella esperou o momento certo e publicou. Tudo o que você fez foi em vão, até mesmo a ideia de me trair. Ela destruiu nós dois — minha voz é um sopro, e o silêncio me esmaga. Tom não diz nada, apenas permanece imóvel, de costas para mim. Respiro fundo, fitando sua nuca, seus cabelos loiros, sua camisa social — e tentou me manipular.

Ela disse que não pertenço ao seu mundo, que sou fraca, interesseira e que nunca seguraria você por muito tempo. Ela contou sua versão do jantar, contou sobre um beijo e me atacou. Eu me machuquei, Tom, eu caí. Eu estou ferida desde o início, desde que você não acreditou na minha força, desde que você mentiu. O fim começou nesse momento que você achou que eu não aguentaria. E a cada situação, eu me decepcionava mais, eu me machucava mais, até ser literalmente agredida. Eu poderia dizer que tudo me levou ao limite que eu aguento, que eu já estava machucada, já estava ferida por você, e que quando fui exposta, a queda foi ainda maior, que quando discuti com Antonella, cheguei no chão, e quando ela me agrediu, eu fui derrubada no próprio chão — hesito, ouvindo sua respiração pesada, mas sem conseguir ver seu rosto. Lágrimas surgem nos meus olhos, e deslizam pelo meu rosto em um choro silencioso —

e para agravar ainda mais, depois de tudo, acordo algemada. — pauso, deixando as lágrimas aumentarem, e aperto os olhos, fitando sua nuca ainda — eu poderia dizer que estava no limite que eu aguento, mas agora, aqui, deitada nesse quarto, vendo tudo o que aconteceu, sentindo como é real a história, sentindo como é ser exposta. Não uma ideia, mas um fato, eu percebo que sou mais forte do que você imaginou, Tom. Sou mais forte do que eu imaginei, porque eu cheguei ao chão, eu me senti humilhada ao me ver nua no celular de uma outra pessoa, me senti decepcionada com você e agredida pela situação, mas eu percebo que ainda estou de pé, que eu ainda me sinto de cabeça erguida e com coragem para enfrentar a merda de mundo que me espera lá fora. Eu ruí com as fotos, mas da mesma forma como ruí, eu me ergui, porque acima de tudo, eu confio em mim mesma, eu não tenho vergonha da mulher que sou. Eu

acredito que sou forte, e me sinto completa o suficiente para encarar toda essa situação —pauso, tomando fôlego, sentindo meu corpo tremer, meu coração saltar pelo peito, e lentamente vejo Tom virar a cabeça para trás. Sua expressão é de tortura, de devastação. Seus olhos azuis escuros estão enlouquecidos, e deles deslizam lágrimas, fazendo uma trilha pelo seu rosto. Ele fecha os olhos com força, retesando a mandíbula, e encaro sua expressão — você errou quando me julgou. Eu também errei. Eu posso superar as minhas imagens nuas, eu posso superar a decepção. Eu posso manter minha cabeça erguida, porque assim como eu fui atingida, eu me levantei.

Tom abre os olhos, marejados de lágrimas, deixando-as escorrer, e seus olhos azuis escuros ficam ainda mais intensos, ferozes em mim.

—Você se mostrou mais forte do que eu imaginei, Alice. Você se encontrou, e eu a perdi —

Tom sussurra roucamente.

—Você preferiu não confiar em mim — o acuso, e Tom assente, deixando as lágrimas escorrerem pelo seu rosto — você não viu como eu realmente era, Tom. Você apenas tentou me proteger, eu entendo você, mas ao mesmo tempo me enganou.

—Mas agora você sabe toda a verdade, Alice — Tom levanta uma mão e limpa as lágrimas do rosto, mas novas lágrimas escorrem. Fecho os olhos com força, deixando as minhas lágrimas também escorrerem, e choro baixo, ouvindo sua voz rouca — você sabe que eu fiz o acordo apenas por você, porque eu a amo, porque eu queria protegê-la, mas errei. Você sabe que Antonella mentiu, que eu não a beijei, e eu aceitei que você tenha beijado Eduardo — ele pausa, e respiro fundo, lembrando desse detalhe. Encaro seus olhos molhados de lágrima — você sabe que em nenhum

momento eu tinha certeza que conseguiria fazer aquela porra, mas pelo contrário, tinha quase certeza que fracassaria. Agora você sabe que sobre a chantagem — Tom pausa, e choro mais, sem parar de encará-lo — eu ainda amo você.

—Eu sei — sussurro sem forças, sentindo meu corpo doer. Tom me encara por mais alguns segundos em silêncio.

—Vi as fotos vazadas porque Antonella enviou diretamente o site para o meu celular, e enlouqueci. Vi você ver as fotos no celular daquele Louis, e percebi que a merda já havia acontecido. Eu a vi seguir Antonella, e sabia que ia ser pior ainda. Eu precisava continuar a tentar proteger você, Alice, porque Antonella é desestruturada. Eu cheguei a tempo de parar a briga, e assim que você desmaiou, eu — ele hesita, retesando a mandíbula, e franze a testa, arqueando uma sobrancelha — eu precisava fazê-la me ouvir, porque depois das fotos

expostas, eu precisava explicar tudo, mas você não iria me ouvir por livre vontade — sua voz rouca é um sussurro — e então enlouqueci, vendo-a nas minhas mãos, mas incapaz de conseguir fazer você me ouvir. Eu a trouxe para o meu apartamento com a ajuda de Louis — arregalo os olhos, percebendo o desconforto de Tom — ele procurou você, e a encontrou desmaiada nos meus braços. Tentei explicar e ele pareceu entender, achando melhor tirá-la de lá. Eu a trouxe para cá, e enquanto você permanecia desacordada, liguei para todos os tabloides que publicaram suas fotos. Todos eram de Antonella, e então tive que denunciá-los. Os outros sites que copiaram as fotos eu os ameacei e alguns eu comprei, tirando de circulação as imagens. A minha denúncia contra os sites de Antonella não surtiu efeito, e — Tom hesita, e percebo que ele está relutante em dizer — como eles continuaram a expor suas fotos, mesmo com denúncias, precisei

pedir ajuda — Tom hesita, e desvia os olhos — de Anya e Enzo.

Arregalo os olhos, espantada, e Tom se levanta da cama, de costas para mim.

—Anya conhece Antonella porque ela morou aqui em Lyon durante anos. Foi fácil para ela ligar para Antonella, e deixar claro que você era amiga íntima da família Lehanster. Se Antonella não ordenasse a retirada das fotos, e as mesmas cópias serem entregues no endereço da casa dos Lehanster, Anya ignoraria sua amizade antiga com ela e viria para Lyon. A caçaria, enquanto Enzo faria sua empresa falir, e por mais dinheiro que Antonella tem, ela sabe que se Enzo Lehanster se envolver nos negócios para afundá-los, ele consegue. Anya ameaçou Antonella de morte, Alice, implicitamente, e foi entendida — Tom pausa, e se vira de frente para mim, tirando a camisa social branca. O tecido escorre pelos seus

braços musculosos, definidos, e caí no chão. Meus olhos voam para o seu peito, seu abdômen definido, e cerro os punhos, controlando qualquer tesão. Porra, me sinto doída, com esse turbilhão, mas o tesão parece percorrer meu corpo, arrepiando-o. Encaro o rosto de Tom, autoritário, tenso — um pouco antes de você acordar, verifiquei que não havia mais nenhuma foto sua em circulação, e contratei sites para ficarem de olho se surgisse novamente — Tom respira fundo — vou iniciar um processo contra Antonella, e irei até o inferno com isso. E depois você acordou.

Respiro fundo, sentindo um choque ainda maior ao saber disso. Anya e Enzo se envolveram para me ajudar. Apenas eles poderiam silenciar de vez Antonella, porque ela não tem medo de Tom. E minhas fotos não estão mais em sites. Tom fez o que estava em seu alcance enquanto eu estava desacordada, e ainda irá abrir um processo. Franzo

a testa, perdida em emoções. Meu coração está retumbando alto demais nos meus ouvidos, e meu corpo treme. Encaro Tom, que me observa, e deixo estampada a minha confusão. Balanço a cabeça, deixando mais lágrimas escorrerem, e vejo lágrimas também em seu rosto. Tom dá um passo para frente, perto da cama.

—Peço desculpas por algemar você, Alice, mas foi a única forma que consegui de fazê-la me ouvir, e eu precisava contar para você. Eu não conseguiria aceitar a sua decisão se você não me ouvisse primeiro — Tom diz, e se inclina na minha direção, esticando as mãos. Vejo uma chave na sua mão, e ele abre uma das algemas. Puxo um braço, flexionando-o, e Tom estica o braço, me oferecendo a chave. Abro a palma da mão, encarando-o de pé ao meu lado, e ele coloca a chave na minha mão, dando um passo para trás. Meus olhos descem novamente para o seu corpo

definido, sua barriga malhada, e volto os olhos para o seu rosto urgente, devastado. Torturado. Seus olhos azuis escuros sãos ferozes em mim, e ainda permaneço deitada na cama, com a chave na palma aberta, sentindo o metal gelado. Encaro seus olhos azuis escuros, e sua voz é rouca, um sussurro — agora você está livre, Alice. Não irei mais perseguir você, insistir para que você volte comigo. Você quer acabar, você quer ir embora, e eu não irei impedi-la. Eu tentei, eu me expliquei, eu deixei você a par de tudo — ele respira fundo, retesando a mandíbula — eu fiz o possível e o impossível para que me desculpasse, mas perdão não é fácil. Eu — Tom hesita, e vejo mais uma lágrima escorrer pelo seu rosto, esmagando meu coração. Ele abaixa a cabeça por alguns segundos, e depois a levanta, me encarando com seus olhos azuis escuros, feroz — eu queria você como a mulher da minha vida, eu queria me casar com você, mas não a forçarei à

isso, não insistirei por algo que você não quer. Eu a algemei porque apenas queria me explicar, para que talvez você mudasse de ideia, mas não a manterei presa. Você faz o que você quiser, já que não estamos mais juntos. Se você ainda prefere deixar tudo acabado, eu aceito, Alice, e você pode ir embora. Eu a amo, e por isso, estou deixando-a livre.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Dias depois

Respiro fundo, fitando as pessoas na entrada do grande local onde está acontecendo o evento, e a porta do carro se abre. Sorrio para o motorista, que assente com a cabeça, e estende a mão. Coloco a mão sobre a sua, e saio do carro, segurando uma pequena bolsa na outra mão. Firmo os saltos no chão, e encaro as mulheres de vestidos caríssimos, homens em trajes sociais, entrando no grande prédio envidraçado. Luzes brancas ficam rodeando, móveis, o céu ao redor, e vejo uma grande iluminação e decoração em tons de pastel dentro do local. Começo a caminhar, observando o imenso jardim decorativo ao redor do grande salão envidraçado de dois andares. Sacadas de todos os lados contornam a estrutura, brancas, e cortinas pesadas estão puxadas pelo lado de dentro,

deixando as imensas janelas de vidro abertas para circulação. Paro, e respiro fundo, fitando a passarela reta até a entrada do salão. Mulheres sozinhas, homens sozinhos, assim como casais, caminham elegantes na direção da entrada. Olho para baixo, para o meu vestido preto, longo, e um decote entre os seios. Vejo minha pequena bolsa preta, caríssima na minha mão, algo que nunca imaginei usar, mas como um mimo de Anya, acabei aceitando. Porra, eu realmente me sinto confortável e no meu mundo, como se agora entendesse.

Abro minha mão esquerda na minha frente, e a fito por um tempo indefinido. O grande anel brilhante, com diamantes incrustados, além de um solitário na frente, me causa um arrepio enlouquecedor, e um sorriso surge lentamente nos meus lábios. Meu coração salta no meu peito, me lembrando da sensação de senti-lo ser colocado no meu dedo. Meu corpo se arrepia, e minha

respiração se acelera. Levanto lentamente a cabeça, fitando a noite ao meu redor totalmente iluminada pelas luzes luxuosas e brancas que saem do salão envidraçado e ao redor dele. Me sinto dentro de um sonho, e lentamente vejo algumas mulheres virarem as cabeças para trás de mim, como se observasse algo. Mordo o lábio, e o sorriso no meu rosto aumenta ainda mais. Viro devagar a cabeça para trás.

E vejo um Audi preto estacionar na rua, em frente à passarela de entrada onde estou. As luzes do carro se desligam, e a porta do motorista se abre. Um homem loiro se levanta, e saí elegantemente de dentro do carro, trajando um smoking preto, calça jeans escura e uma camisa social por dentro branca. Seu cabelo loiro está arrumado, sua barba rala está feita, e seus olhos azuis escuros percorrem as pessoas ao meu lado, até se cravarem em mim, ferozes. Sorrio ainda mais, sentindo meu coração

saltar pela minha boca, e a cada batida correr ainda mais na direção do meu homem, do meu Tom.

Ele sorri torto, e inclina um pouco a cabeça para baixo, apertando o botão para trancar o carro. Tom coloca as mãos no bolso e caminha autoritário na minha direção, atraindo os olhares de mulheres ao redor. As luzes brancas passam por ele, e o vejo caminhar reto na minha direção. Me viro de frente para ele, e Tom para na minha frente, tirando as mãos dos bolsos. Estendo minha mão esquerda, e ele a segura, levando-a até os lábios. Fecho os olhos, sentindo meu coração inundar de uma felicidade sem tamanho, e sinto seus lábios macios, úmidos, contra meus dedos, contra o meu anel.

—Você está maravilhosa — ele sussurra sedutor, com a voz rouca, e abro os olhos, fitando-o. Sua expressão é de prazer, de satisfação, e seus olhos ferozes me invadem, olham para a Alice que sou. Sorrio, e dou um passo na sua direção, tirando

a mão da sua, e a levo até o seu queixo definido, segurando-o. Aproximo o meu rosto do seu, e ainda de olhos abertos, dou um beijo leve nos seus lábios.

—Você é maravilhoso — digo sorridente, e Tom nega com a cabeça, retesando a mandíbula.

—Você me deixa assim — ele sussurra contra os meus lábios, e sua mão firme circula minha cintura, roçando a palma e me colocando ao seu lado. Seus lábios deslizam para o meu ouvido — vamos, quero mostrar para todos o quanto você é minha.

Sorrio, e abaixo a cabeça, começando a andar ao seu lado. Tom tira o braço da minha cintura e o flexiona ao meu lado. Coloco a mão sobre sue braço e me inclino no seu ouvido.

—Você está sendo possessivo — sussurro e Tom ri roucamente, balançando a cabeça. Ele vira o rosto com um sorriso torto na minha direção, e pisca um olho. Me perco no azul escuros dos seus

olhos.

—Me deixe aproveitar o momento — ele sussurra rouco — não é sempre que às pessoas me veem com uma noiva — ele sorri, abaixando a cabeça, como se estivesse sem jeito, e arregalo os olhos, sentindo desejo de agarrá-lo aqui mesmo, tirar suas roupas e chupá-lo, sentir seus lábios. Tom sorri, e inclina a cabeça na minha direção, me encarando de canto de olho, deixando meu coração ainda mais frenético, me sufocando. O arrepio é arrebatador, e perco os segundos sem respirar. Seus olhos azuis escuros, ferozes em mim, também são de satisfação, triunfo — com a minha noiva.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

ANTERIORMENTE

Seus olhos azuis escuros são ferozes em mim, derrubando qualquer raiva que eu sinto. As palavras parecem esmagar minha fúria diante da percepção que Tom está indo embora da minha vida, definitivamente. Encaro sua expressão devastada de aceitação, as lágrimas escorrendo livres pelo seu rosto, marcando sua pele, e fecho os olhos com força. Estou abrindo mão da minha raiva, estou mandando minha fúria se danar, porque acima de tudo, eu ainda o amo.

Abro os olhos, sentindo as lágrimas escorrerem pela minha bochecha, sentindo meu coração partir meu peito e correr na direção do homem parado no meio do quarto. Meu corpo dói, mas nada se compara a sensação de perda que me inunda. Eu não quero perdê-lo.

Tom desce os olhos pelo meu corpo, e abaixa a cabeça, se virando de costas para mim. Vejo seus ombros largos, seus braços definidos ao lado do corpo, suas costas malhada e o P de Pandora no meio dela, me lembrando sobre o clube. Tom dá as costas para mim e começa a caminhar devagar para a porta do quarto. Arregalo os olhos, sentindo-o escapar das minhas mãos, e Tom caminha autoritário para fora do quarto.

Em um impulso enlouquecedor, que transforma meu corpo em pura luxúria, em um puro desejo, criando um rodopio de vertigem e ansiedade dentro de mim, esmagando meu coração de adrenalina, sem paradas para batidas, jogo meu braço de encontro contra a algema vazia, pendurada no suporte. Enfio minha mão dentro da algema, tilintando-a contra o metal, e jogo a chave.

O barulho da chave caindo, metal contra o porcelanato do piso, ecoa pelo quarto na penumbra,

e meus olhos sobem pela calça jeans escura de Tom, percorrendo suas costas definida, seus braços, sua nuca, seus cabelos loiros, e ele para.

Eu preciso de Tom, eu o quero. Eu o perdoo, porque acima de tudo, ele tentou se redimir. Tom errou, Tom mentiu, Tom me enganou e não abriu mão de alguns jeitos dele. Mas ele também é o mesmo homem que abriu seu mundo para mim, que se apaixonou por mim, que implorou meu perdão, que percorreu quilômetros para pedir perdão, que fez serenatas e loucuras por mim. É o mesmo homem que está diante de mim, chorando, sem máscaras, se deixando vulnerável. É o mesmo homem que me enlouquece de uma forma que eu nunca imaginei. É o mesmo homem que vejo por inteiro, verdadeiro. É o mesmo Tom Haltender que me ama.

O silêncio derradeiro me arrepia, e vejo a pele das suas costas se arrepiar, como se uma

eletricidade percorresse o meu corpo e chegasse ao seu. Meu coração está em chamas, eu estou queimando por ele. Abro a boca, puxando o ar, vendo-o parado de costas para mim, de frente para a porta aberta, na qual uma suave luz branca invade o quarto, ilumina Tom parcialmente.

—Tom — em um impulso, meus lábios se abrem e minha voz ressoa pelo quarto, agoniada, ansiosa, cortando o silêncio. Sua cabeça lentamente se vira para trás. Seus ombros se retesam, seu corpo se torna tenso, e Tom arregala os olhos, me devorando com o olhar. Respiro fundo, sentindo seu olhar me invadir, e deixo as palavras saírem, com os olhos fixos nele, meu corpo apenas com lingerie e minhas mãos nas algemas. Mantenho a mão livre dentro da algema, sem conseguir fechá-la, e flexiono levemente as pernas, fitando seu rosto. Ele se vira lentamente, me encarando confuso, torturado. Sua expressão é de urgência, de

ansiedade e curiosidade. Seus olhos azuis escuros são ferozes em mim, me encorajando — Eu sou sua — as palavras saem em uma explosão pelo quarto, e sua expressão deixa claro o quanto ele não consegue acreditar, o quanto ele está surpreso — sou sua — repito, aumentando a voz, firme e autoritária. Tom retesa a mandíbula, deixando seu semblante selvagem, e ele me encara enlouquecido.

ALICE

Os olhos azuis escuros de Tom são ferozes em mim, e o silêncio na penumbra do quarto parece ecoar minha frase. Ele arregala os olhos, e vejo sua mão apertar com força a maçaneta da porta, fechando-a devagar. Meu corpo arrepia, como se esperasse seu toque, imaginasse seu toque. Estou queimando nessa cama, sentindo o metal gelado

contra meus pulsos.

—Alice — sua voz rouca é sedutora, devastada, como se não acreditasse no que acabei de dizer. Mas eu acredito, eu me rendo, eu quero Tom Haltender na minha vida, eu o perdoo. Respiro fundo, com os pulsos dentro das algemas, e Tom arrasta os pés, virando de frente para mim. Abro a boca, puxando o ar, e vejo seus olhos descerem enlouquecidos pelo meu corpo coberto apenas pela lingerie preta — você o que? — ele sussurra retórico, e passa uma mão no rosto.

—Eu sou sua, Tom — repito em voz alta, encarando-o ferozmente, vendo-o se devastar ainda mais. Mexo as pernas, confortável sobre o lençol, sentindo a vertigem se alastrar por toda a minha pele, e seus olhos dizem exatamente o que imagino. Tom está enlouquecido.

Ele avança na minha direção com urgência, com a expressão selvagem e os olhos azuis escuros

fixos em mim. Sorrio, mordendo o lábio. Eu não quero pensar se estou sendo fraca, eu não quero pensar na merda do passado. Sei que Tom errou, mas eu o quero, eu quero minha vida com ele.

Tom avança e para ao lado da cama, me encarando por alguns segundos.

—Você tem certeza disso? — sua voz rouca é um rosnado, e depois de toda agonia, de toda merda ter acontecido, sorrio para ele e assinto devagar.

—É a maior certeza que eu tenho agora, Tom. Eu o quero, eu o perdoo — sussurro para ele, fitando seus olhos azuis escuros, ainda mais ferozes na penumbra do quarto. Ele retesa a mandíbula e respiro fundo, criando ainda mais coragem. A loucura parece me invadir, o desejo me domina e eu quero apenas senti-lo. Quero sentir as mãos de Tom em mim, quero sentir sua força, seu amor. Quero sentir que Tom é meu. Arqueio lentamente

as costas, encarando-o e mordo o lábio, me perdendo dentro de mim mesma — me possua — sussurro ferozmente — me prenda novamente.

Um sorriso devasso surge em seus lábios, e sua expressão se torna ainda mais enlouquecida. Ele coloca o joelho no colchão ao lado do meu quadril, e apoia as duas pernas. Suas mãos agarram as algemas, e seus polegares acariciam meus pulsos. Sua mão esquerda envolve a algema aberta e ele a fecha, com os olhos fixos em mim, banhados de luxúria.

—Faça o que você quiser, Tom — sussurro para ele, sentindo uma euforia me invadir. Tom se rendeu, e no final, eu me rendi.

Ele arrasta o corpo para cima do meu, de calça jeans, e se deita sobre mim, encostando o peito musculoso sobre mim, ainda com as mãos em meus pulsos. Seu rosto fica rente ao meu.

—Você é minha, Alice, só minha — ele

rosna com autoritarismo, e sorrio. As palavras me causam vertigem, me causam uma ansiedade por avançar sobre ele.

—Eu sempre fui, apenas não aceitava realmente — sussurro — você sempre me teve — sussurro contra seus lábios, e levanto a cabeça, avançando contra sua boca. Colo nossos lábios e os abro, ditando o ritmo. Sua língua invade minha boca, tentando me controlar, e Tom geme contra meus lábios. Sinto sua ereção explodir dentro da calça jeans, e porra, eu não consigo nem imaginar como ele deve estar. Na verdade, eu também estou excitada, muito excitada.

Sua língua persegue a minha em um beijo molhado, e seus lábios se abrem mais, como se me devorasse. Arfo contra ele, e puxo os braços em um impulso de agarrá-lo, mas as algemas me impedem. Tom ri roucamente contra meus lábios.

—Você está presa, Alice, à minha mercê

— ele sussurra devasso, e me perco em seus olhos selvagens. Assinto, e aproximo os lábios dos dele. Passo a língua sobre eles, lambendo-o.

—Me toque, Tom — sussurro — me toque com suas mãos, me toque com sua boca. Me tenha.

Tom respira fundo, como se eu o desestabilizasse e retesa a mandíbula.

—Você está me tirando do controle, Alice — ele parece querer me alertar em um rosnado, e colo os lábios nos dele, fitando-o.

—Eu não quero que você se contenha. Eu quero sua força, eu quero seu amor, eu quero foder com você, Tom — sussurro a verdade, o que eu mais desejo. Estou explodindo em tesão, e não quero que Tom tenha cuidado comigo. Quero o homem que vi na banheira, quero o homem que ele é.

Tom geme, e avança contra meus lábios.

PERIGOSAS NACIONAIS

Sua língua invade minha boca, molhada, em um beijo urgente, explorando. Suas mãos descem lentamente pelos meus braços, roçando os dedos, e ele agarra minha cabeça pelos cabelos. Arquejo, sentindo seus dedos quentes, seu corpo caloroso, e o quarto parece esquentar, meu corpo parece esquentar. Eu estou no fogo, implorando por ser queimada por Tom.

—Mais — gemo contra seus lábios, e Tom afasta o rosto do meu, me encarando com uma expressão feroz. Ele avança contra o meu pescoço, chupando-o, e sinto seus dentes morderem devagar a pele, descendo em uma trilha de beijos. Suas mãos circulam minha cabeça e uma agarra meus cabelos, puxando-os para trás. Jogo a cabeça para trás, entregue, e sua outra mão avança para os meus seios, apertando-os. Gemo, sentindo sua mão apertar meu seio esquerdo e seus lábios molhados descem em direção à eles — Tom — gemo seu

PERIGOSAS ACHERON

nome, batendo os pulsos contra as algemas, e ouço sua respiração alta, sua excitação. Seu membro empurra o tecido da calça contra meu ventre, e ele empurra o corpo contra o meu, me provocando. Me derreto, sentindo minha intimidade implorar por mais — mais — gemo, fechando os olhos, com a cabeça erguida, e a mão de Tom puxa meu sutiã para baixo. Meus mamilos se arrepiam, rijos, e mordo o lábio, abrindo os olhos. Olho para baixo, e vejo Tom me encarar enlouquecido.

—Como eu a quero — ele rosna roucamente, e abre os lábios, abocanhando meu mamilo esquerdo. Meu mundo se explode em prazer, e sinto meu mamilo dentro da sua boca quente, sendo sugado. Gemo alto seu nome, mexendo as pernas embaixo do seu corpo, e ele empurra o corpo contra o meu ainda mais, me prendendo na cama. Ele suga devagar meu mamilo, com força, e sinto a dor se alastrar pelo seio, se

transformando em prazer. Jogo a cabeça novamente contra os travesseiros, enlouquecida, sentindo sua língua molhada circular meu mamilo, brincar com ele para então chupá-lo novamente. Ele afasta a boca e me encara com os olhos azuis escuros.

—Eu amo o seu corpo — ele sussurra devasso, e assinto sem raciocinar, apenas sentindo prazer. Tom avança contra meu seio esquerdo, e o suga também. Seus dentes mordiscam suavemente o mamilo e gemo, com vontade de agarrar seus cabelos e incentivá-lo. Sua língua roça pelo mamilo, e ele afasta o rosto, me encarando por alguns segundos. Sua expressão é selvagem, e sei que Tom está perdido em prazer. Ele arrasta o corpo sobre o meu, e retesa os músculos dos braços, apoiando as mãos na cama e se levantando. Ergo a cabeça, encarando-o de pé de frente para a cama, e respiro fundo. Meus olhos descem pelo seu peito definido, e me lembro a primeira vez que vi

Tom Haltender. Ele transformou minha vida, ele me transformou, e mesmo esse tempo todo em que estamos juntos, não me canso de olhá-lo. Ele abaixa levemente a cabeça, e sorri torto, me encarando ferozmente.

—Você está me devorando com os olhos — ele sussurra roucamente, sedutor, e mordo o lábio, assentindo. Tom respira fundo, tornando a expressão selvagem, e meu corpo inteiro arrepia na expectativa. Ele desce lentamente as mãos pelo abdômen definido, prendendo meu olhar, e para no cós da calça jeans. Ele abre o botão da calça, revelando o cós da cueca branca, e arfo, sentindo minha intimidade derreter por ele. Estou enlouquecida de tesão, e Tom arqueia uma sobrancelha, me seduzindo, selvagem — mas agora eu vou devorar você com a boca, Alice.

Sua voz rouca é enlouquecedora, e meu corpo entra em um arrepio arrebatador. Porra, estou

fervendo em tesão. Ele agarra a borda da calça, me deixando fascinada, e a desliza pelas pernas, parado apenas de cueca branca, deixando o tecido da cueca marcar sua ereção potente e dura.

—Tom — começo a dizer, mas minha voz some, como se o tesão me engolisse, engolisse todas as minhas forças.

—Diga, Alice — ele rosna sério, e dá um passo na minha direção. Encaro seu rosto intenso, seus olhos penetrantes, e Tom caminha devagar pela cama, contornando-a. Ele pega a chave do chão e me encara. Franzo a testa, sem entender, e ele se inclina, agarrando meus tornozelos algemados — você não poderá abrir as pernas para mim se continuar algemada — ele sussurra, me provocando. Ele abre as algemas dos meus tornozelos, deixando-a cair na cama, e acaricia meu tornozelo direito.

—Então venha, meu Tom — sussurro

devassa, e flexiono as pernas, escapando do seu toque. As abro lentamente, arrastando os pés pela cama, e Tom me encara fascinado. O fito feroz — venha me devorar.

Sorrio, percebendo que Tom está perdido, como se não acreditasse no que está acontecendo. Seus olhos descem do meu rosto para o meu corpo, e em um impulso, ele caminha rápido, contornando a cama e para de frente para mim. O arrepio volta a me enlouquecer, e meu corpo esquenta, esperando-o. Ele agarra meus tornozelos com força e me puxa, deixando meus braços estendidos nas algemas. Arrasto a bunda no colchão e as mãos quentes de Tom sobem pelas minhas coxas, com força, agarrando-as.

Gemo com os olhos fixos nele e ele agarra minha calcinha, puxando-a pelas minhas pernas, deixando minha intimidade exposta, arrepiada. Seus olhos me devoram e Tom morde o lábio

inferior, com os olhos fixos no meio das minhas pernas.

—Tom — minha voz implora por ele, meu corpo implora por ele, e seus olhos azuis escuros sobem para o meu rosto, me fitando. Tom apoia um joelho na cama, colocando em seguida o outro, e agarra minhas coxas, se inclinando no meio das minhas pernas. Seus lábios molhados encostam nos meus grandes lábios, beijando-os, e gemo, sentindo o prazer subir do meu ventre até o meu coração, e esse bate enlouquecido no meu peito, tornando minha respiração ofegante.

Sua língua passa pelos meus grandes lábios, subindo e descendo antes de abri-los devagar, penetrando entre eles. Gemo, sentindo a ponta dela quente encostar no meu clitóris. Tom é sexo puro, Tom é meu sexo, é meu fogo, é meu vicio.

—Tom — gemo seu nome, cerrando os punhos contra as algemas, e Tom avança contra

minha intimidade. Seus lábios úmidos colam nos meus grandes lábios, e sua língua circula meu clitóris, devagar, provocando-o, deixando-o inchado de tesão. E esse tesão se irradia por todo o meu corpo. Suas mãos apertam com força minhas coxas, e ele morde devagar meu grande lábio, sugando-o para dentro da sua boca. Me derreto ainda mais, e Tom rosna contra minha intimidade.

—Como eu amo o seu gosto — ele sussurra devasso, me deixando transtornada de prazer.

Respiro fundo, tentando recuperar o ar que Tom tira de mim e ele avança novamente contra minha intimidade. Sua boca suga meus grandes lábios, e sua língua volta a provocar meu clitóris, circulando-o devagar, aumentando a pressão, e desce para meus pequenos lábios, lambendo-o. Gemo, girando a cabeça contra os travesseiros da cama, enlouquecida de prazer. Ele volta para o meu

clitóris, aumentando a velocidade, me deixando inebriada de prazer. Sinto meu corpo rodopiar dentro de um mundo de prazer, e o encaro com os olhos embaçados de gozo. O arrepio se torna ainda mais intenso, e o prazer que sinto na minha intimidade pelos seus lábios sobe queimando, me devastando.

Jogo a cabeça contra os travesseiros, ofegante, gemendo seu nome alto e meu corpo inteiro se retesa. Sinto o êxtase se irromper dentro de mim, e Tom percebe isso ao sentir o quanto estou molhada. Gemo seu nome baixo e arqueio as costas, mas no mesmo momento, sinto a ausência da sua língua no meu clitóris. Seus lábios se afastam da minha intimidade. Arregalo os olhos, assustada e abaixo a cabeça, encarando-o. Seu rosto está no meio das minhas pernas, satisfeito. Seus lábios estão molhados e seus olhos azuis escuros me encaram ferozes.

—Você está como eu quero — ele sussurra sedutor e aperta ainda mais minhas coxas. Suspiro e Tom se levanta da cama. Mordo o lábio, embevecida de prazer, e Tom se inclina, com as mãos nas minhas coxas. Com veemência ele as aperta e me vira com força. Bato o ventre contra o colchão, cruzando os braços por cima da cabeça, com as mãos dentro das algemas.

—Tom — grito seu nome no susto, e ouço sua respiração alta, como um animal pronto para dar o bote. Porra, eu quero ser a presa.

Mordo o lábio inferior, sem esconder o sorriso, e a pele da minha bunda arrepia, exposta para cima. Apoio a bochecha direita no colchão, tentando olhar para o lado. Vejo Tom pelo canto do olho. Seus olhos azuis escuros em mim, seus lábios entreabertos, seu queixo definido, seu maxilar quadrado. Respiro fundo, banhada em tesão, e desço os olhos pelos seus ombros musculosos, seu

peito definido e a cueca marcando sua ereção. Merda, estou fascinada por ele como se fosse a primeira vez que o visse. Ele permanece inclinado contra a minha bunda, e sem delicadeza, abre as minhas pernas. Minha respiração se torna entrecortada, e meu coração samba no meu peito. Eu quero seu amor, eu quero sua loucura. Seu fogo é o meu fogo.

Tom apoia um joelho na cama, e suas mãos sobem para a minha bunda, apertando com força cada nádega. Gemo alto, sentindo a dor na pele arder em prazer e Tom sorri, subindo os olhos para o meu rosto. Ele se abaixa ainda mais e com o rosto colado na minha bunda ele a morde. Seus dentes apertam a pele e fecho os olhos por alguns segundos, deixando o gemido baixo. Sinto sua língua quente na minha pele, suas mãos sobem pela minha lombar, roçando a ponta dos dedos e Tom avança com a boca pela minhas costas, beijando-a.

Ele sobe com a língua até o meu sutiã, e o abre. Arfo, sentindo sua ereção contra a minha bunda.

—Tom — gemo seu nome e ele sobe com o rosto para o meu pescoço, se deitando em cima do meu corpo.

—Estou aqui, Alice — ele sussurra roucamente no meu ouvido e morde minha orelha. Sorrio, deixando o gemido escapar e empino a bunda contra seu membro. Tom geme baixo e se levanta. Meu corpo está tenso, em uma adrenalina por saber o que ele fará em seguida. Suas mãos agarram minhas pernas novamente, e ele me vira de frente para ele com força, abrindo-as. Seus olhos descem para a minha intimidade, e sua expressão selvagem releva o quanto está enlouquecido.

Ele agarra o cós da cueca e a abaixa, deixando seu membro saltar para fora, ereto, potente. Meus olhos se perdem ao encará-lo e suspiro, me lembrando como é senti-lo.

A cueca branca desliza pelas suas pernas, e Tom dá um passo na direção da cama, pisando sobre a cueca. Movimento as pernas, abrindo-as mais, e Tom sobe na cama com os joelhos, vindo ferozmente na minha direção. Suas mãos agarram minhas coxas por fora, e ele adentra no meio das minhas pernas com a cabeça novamente. Seus lábios colam com violência contra minha intimidade, sugando-a e gemo, jogando a cabeça contra os travesseiros.

—Tom — gemo seu nome alto, sentindo seus lábios roçarem nos grandes lábios, sua força contra meus pequenos lábios, sua língua molhada e quente, ágil contra meu clitóris, me enlouquecendo, me levando ao auge do prazer. Uma vertigem leva um arrepio arrebatador pelo meu corpo e arregalo os olhos, em um mundo de prazer sublime. Arqueio as costas, fechando as mãos contra as algemas, e gemo, sentindo que estou prestes a gozar. A língua

de Tom continua circulando meu clitóris com força, com rapidez, e sobe pelo meu monte Vênus. Ele passa pelo meu ventre trilhando beijos quentes e uma das suas mãos solta minha coxa. Seu peito roça pela minha intimidade, e seus lábios se fecham contra meu mamilo direito. Puxo as mãos contra as algemas, tilintando-as contra o metal. Arqueio as costas ainda mais, mergulhada em prazer, em sensações quentes, e sinto meu mamilo ser sugado com força ao mesmo tempo em que dois dos seus dedos abrem meus grandes lábios, começando a me masturbar. Encaro seu rosto contra meu seio, sugando-o com desejo. Sua expressão é de puro prazer, seus lábios estão cravados contra meu seio, e sinto sua língua brincar em círculos. Ele abre os olhos, subindo-os até o meu rosto. Seus olhos azuis escuros, selvagens, me encaram esfomeados, e arfo, respirando pela boca. Seus dedos me tocam, circulam meu clitóris e ameaçam me penetrar com

força. Balanço a cabeça contra os travesseiros, gemendo e seu dedo me penetra com delicadeza, sentindo o quanto estou molhada. Tom geme contra meu mamilo, e o morde suavemente, me encarando — mais — gemo e Tom parece rosnar. Seus olhos se tornam devastados, e Tom apoia as mãos em cada lado do meu corpo. Ele levanta o corpo pelos braços, retesando os ombros e arrasta o corpo contra o meu. Seu membro roça na minha intimidade, parando sobre ela. Fecho os olhos em puro tesão, e sua mão desliza pela minha barriga. Ela agarra seu membro grosso e o sinto roçar contra meus grandes lábios. Arregalo os olhos, excitada, e seu membro abre caminho por eles. Tom agarra meus pulsos com as mãos, prendendo-os contra as algemas, e sustentando o corpo assim, empurra o quadril contra minha intimidade.

Tom me penetra com força, abrindo espaço dentro de mim, quente. Gemo sem controle,

jogando a cabeça contra os travesseiros, encarando seu rosto feroz, sua mandíbula retesada pela força e seus lábios entreabertos, com os dentes travados.

Ele geme profundamente em um rosnado rouco, e empurra com mais força o quadril contra minha intimidade, me afundando na cama. Puxo os pulsos contra suas mãos e ele as aperta ainda mais, me prendendo mais.

—Tom — gemo, e seu gemido rouco se sobressaí do meu. Ele levanta o quadril, saindo quase todo de dentro de mim e penetra com força novamente, rosnando. Arfo e envolvo seu quadril com as pernas, incentivando o movimento — mais forte — gemo, e Tom me encara devastado, perdido em puro prazer. Ele retesa ainda mais a mandíbula, e se enterra com força dentro de mim, gemendo. Tom começa a estocar com força, empurrando o quadril contra mim, contra o colchão, e a cada estocada, aumenta a força,

apertando meus pulsos e balançando a cama. Gemo alto, gemendo, ouvindo o gemido e a respiração alta de Tom. Seus olhos azuis escuros estão perdidos em prazer, focados em mim, e ele aperta os lábios, com força, estocando com violência, balançando meu corpo contra a cama. Seu membro me penetra cada vez mais rápido, com urgência, me rasgando em prazer. Suas mãos sobem dos meus pulsos e entrelaçam os dedos com os meus, com força, se apoiando contra elas para continuar o movimento de estocar dentro de mim. Seu quadril malhado bate contra minhas coxas, em um barulho prazeroso de ouvir, e sua respiração é ofegante. Tom geme profundo, e meu corpo queima embaixo dele. Sinto o ambiente ainda mais abafado, e me perco em prazer. Meu corpo pula em um espasmo, e dentro do meu mundo do esquecimento, sinto ondas de sensações arrepiantes, subindo do meu ventre e irradiando pelo meu peito. O

formigamento me inunda, e um prazer agudo pulsa na minha intimidade — Tom — gemo seu nome, e entro em orgasmo, derretendo contra seu membro. Tom me encara banhado em prazer, sentindo meu êxtase, e aumenta a força ainda mais, gemendo alto. Sinto seu prazer quente se misturar ao meu, e Tom entra em orgasmo também. Sua expressão feroz se perde em gozo e seu gemido é baixo, rouco, descontrolado. Seus olhos se perdem no meu rosto, e Tom larga meus pulsos, ainda dentro das algemas. Ele apoia os antebraços em cada lado da minha cabeça, aproximando os lábios dos meus, e geme propositalmente contra eles, prolongando meu orgasmo. Ele estoca devagar, mas com força, gemendo contra meus lábios, me encarando. Gemo, me sentindo perdida em prazer, esquecendo quem sou, onde estou, apenas focada em sentir seu membro, sentir o êxtase puro que me parte ao meio. Ele estoca com força, lentamente e abaixo as

pernas, fraca, com a respiração ofegante. Tom sai de dentro de mim, e me encara por alguns segundos, ofegante.

—Eu estava louco para foder com você — ele rosna baixo, e assinto, sem forças para falar. Ele avança contra os meus lábios, abrindo-os com urgência, e sua língua penetra minha boca, caçando minha língua, prendendo-a contra a sua. Arfo, sem ar e Tom afasta os lábios, deixando surgir um sorriso torto — eu me perco em você, Alice.

—Você pode se perder quando quiser, Tom — sussurro devassa, e Tom sorri ainda mais. Ele segura meu rosto com uma mão, e beija suavemente meus lábios, descendo até o meu queixo e o morde. Gemo, querendo tocar nele, e bato os pulsos contra as algemas. Tom percebe e me encara. Ele se levanta e pega a chave, caminhando na direção dos meus pulsos. Ele abre as algemas, e puxo os braços, passando as mãos nos

pulsos. Tom me encara por cima.

—Vem cá — sussurro para ele, e Tom coloca o joelho na cama, se deitando ao meu lado. Me viro, e abro as pernas, sentando sobre seu quadril. Seu membro roça nas minhas coxas, me incendiando novamente.

Olho para ele, e Tom agarra minhas coxas, acariciando-a.

—Não achei que acabaria a noite desse jeito — ele sussurra sedutor, e coloco as mãos contra seu peito definido, sentindo-o duro. Tom me enlouquece.

—E como você imaginou que acabaria? — e eu também não imaginei desse jeito, mas sinceramente, é o que eu mais queria.

Tom arqueia uma sobrancelha, sério, e sua mão direita começa a subir lentamente pelo meu quadril, apertando a pele com força.

—Imaginei que você ficaria brava por

algemá-la inconsciente e — ele hesita, sério, e respira fundo — e que não entenderia que o fiz o que fiz porque a amo demais, porque.

—Quieto — o silencioso, colocando o dedo indicador contra seus lábios úmidos, quentes — eu ainda estou brava por você me algemar, e é bom você se preparar porque irei revidar isso.

Tom ri roucamente, com os olhos azuis escuros em pura satisfação.

—Se você conseguir aguentar primeiro, porque minha intenção é provocá-la cada vez mais, minha Alice — Tom sussurra, e sua mão sobe lentamente pela minha barriga, roçando a ponta dos dedos. Desço o dedo pelo seu queixo, acariciando-o, observando cada detalhe do seu rosto. Circulo seu rosto pelo maxilar quadrado, encarando-o.

—Eu entendo o que você fez, Tom — sussurro séria, encarando-o — pode não ter sido a melhor escolha que fez, mas conhecendo você,

provavelmente foi a única que achou.

Tom assente, sério, e retesa a mandíbula.

—Eu amo você, Alice — ele sussurra ferozmente — depois que as fotos vazaram, eu precisei explicar tudo, mas achei que você não aceitaria. Eu estava aceitando deixar você livre porque acreditava que eu já a tinha perdido.

Fito seu rosto sério por alguns segundos, e me inclino, segurando seu rosto com a mão na bochecha. Beijo seus lábios entreabertos, de olhos abertos, e sorrio.

—Eu não havia perdoado você, Tom, mas quando percebi que realmente iria perdê-lo, que tudo o que fez foi por mim, eu não consegui me imaginar sem você — sussurro contra seus lábios, e Tom sorri. Volto a ficar ereta sobre eles, sentada, e sua mão alcança meu seio. Ele acaricia meu mamilo e gemo, encarando seu rosto intenso.

—Você nunca iria me perder, Alice. Achei

que você já soubesse disso, você me conquistou quando me deixou deitar na sua cama na primeira vez — ele confessa sério, e sua mão desliza pela minha barriga novamente, acariciando-a. Sinto seu toque quente e sorrio. Estou extasiada com ele, com a sensação quente do seu corpo no meio das minhas pernas, do seu rosto, de tê-lo. Tom desliza com a mão ainda mais, e pega a minha mão do seu rosto. Ele a beija, e mantendo-a erguida contra o seu rosto, entrelaça os dedos. Seus olhos são ferozes em mim, e percebo receio na sua expressão.

—O que foi, Tom? — pergunto arqueando as sobrancelhas. Ele retesa a mandíbula, sério, e aperta meus dedos contra os seus.

—Eu ainda quero me casar com você, Alice — Tom sussurra sério, autoritário, e arqueia uma sobrancelha. Encaro ele por alguns segundos, sem fala. Meu coração volta a acelerar no meu peito, retumbando nos meus ouvidos. Meu corpo se

arrepia, e abro a boca, sem força para responder. Tom retesa ainda mais a mandíbula e respira fundo — você não quer?

Estou sem reação. Vi seu pedido antes como uma fuga da merda que fez, mas agora, seu pedido é verdadeiro e a realidade parece demais para mim, porque nunca me imaginei casada, ainda mais casada com Tom Haltender. A euforia explode dentro de mim, e sorrio para ele.

—Eu aceito me casar com você, Tom — sussurro sem esconder o sorriso, e Tom arregala os olhos.

—Sério? — ele pergunta cauteloso, arqueando as sobrancelhas. Me inclino contra ele, e roço a ponta dos nossos narizes.

—Sério, Tom. Eu aceito ser sua esposa — sussurro contra seus lábios. E Tom envolve meus ombros com um abraço, me jogando de lado na cama. Seu corpo cobre o meu, no meio das minhas

pernas, e Tom permanece me abraçando com o rosto colado no meu.

—Você está me tornando o homem mais feliz — ele sussurra contra os meus lábios. Encaro ele por alguns segundos, e sorrio.

—Mas para que dê certo, Tom, você não poderá mais me esconder nada — peço para ele — e — hesito, percebendo preocupação nos seus olhos — eu irei me mudar para o seu apartamento somente após o casamento.

Um sorriso zombeteiro surge em seu rosto, me deixando curiosa, e ele assente.

—Concordo — ele sussurra, e franzo a testa.

—O que você está escondendo de mim? — pergunto direta, e Tom retesa a mandíbula, hesitante — me conte — exijo.

Tom respira fundo, e saí de cima de mim, deitando de costas na cama. Deito de lado,

encarando-o, e coloco a mão sobre o seu peito.

—O que foi dessa vez? — pergunto séria. Não estou brava, apenas preciso saber. Tom assente, e o sorriso se torna ainda maior. Ele me fita demoradamente.

—Eu concordo com tudo o que disse, minha Alice — ele diz com a voz rouca e coloca uma mão quente sobre a minha. Sinto seu peito quente embaixo da minha palma, e meu corpo arrepia novamente — mas você ainda concordará em morar no seu apartamento depois de saber o que eu fiz? — ele pergunta.

Arregalo os olhos, sem entender.

—O que você fez? — pergunto curiosa, e Tom ri rouco.

—Eu comprei seu prédio, Alice — ele conta calmo, como se fosse uma piada. Abro a boca, incrédula. Não, Tom não pode ter feito isso.

—Você comprou meu prédio — repito sua

frase — por que você fez isso?

Tom ri, subindo com os dedos pelo meu pulso, um toque quente arrebatador.

—Porque você pediu demissão, Alice. Você sumiu da minha vida naquele momento, e o único lugar que imaginei que estaria era no seu apartamento. Como o porteiro não me deixou entrar, comprei o prédio, mas seu apartamento estava vazio e então descobri que estava aqui em Lyon.

Dou um leve tapa no seu peito, mas não consigo ficar brava com ele, porque sinceramente, isso não me surpreende. Tom é possessivo, dominador, autoritário, um pouco egocêntrico, mas é meu.

—E não era mais fácil saber primeiro se eu realmente estava na cidade, antes de gastar dinheiro? — pergunto e ele me encara sério. Deixo surgir um sorriso, e Tom respira fundo, percebendo

que não estou furiosa.

—Assim eu já tenho passe livre para o seu apartamento — ele brinca, e dá uma piscada de olho.

—Tom — chamo sua atenção, dando mais um tapa no seu peito definido. Ele ri, balançando a cabeça contra os travesseiros.

—E isso pode significar também que você agora pode morar comigo, porque não fará muita diferença — ele insiste, e respiro fundo, encarando seu rosto. Começo a descer pelo seu peito com a ponta dos dedos, delineando seus músculos. Sigo meus dedos com os olhos, séria.

—E se por hipótese, eu aceitasse — sussurro sem encará-lo, trilhando um caminho no seu peito com os dedos — como seria?

—Como você imagina que seria? — ele pergunta, e dou de ombros. Não consigo imaginar como seria morar com Tom. Permaneço em

silêncio e Tom continua — eu não iria morar com você no meu apartamento, Alice. Eu quero você comigo na minha casa.

—Por que? — pergunto, e encaro seu rosto sério.

—Porque foi lá que eu realmente a tornei minha, minha Alice — ele sussurra, e passa o polegar pelos meus lábios — foi lá que você aceitou meu mundo.

Sorrio, assentindo, e deito a cabeça no seu peito, ouvindo sua respiração. Começo a pensar em tudo o que Tom me disse, e percebo que me reergui, que a atitude de Antonella não me derrubou realmente, só mostrou o quanto sou forte e o quanto quero Tom. E me lembro dos Lehanster. Franzo a testa e encaro seu rosto.

—Anya aceitou ajudar você por bondade, simples assim? — pergunto séria, e Tom retesa a mandíbula.

—Não sei, minha Alice — ele sussurra, me encarando — provavelmente não, mas naquele momento eu não pensei nisso.

Assinto e mordo o lábio. Merda, não sei o que esperar de Anya Lehanster, mas no fundo me sinto agradecida pela ajuda.

—E Louis? — Tom pergunta autoritário e percebo ciúmes na sua voz. Rio, balançando a cabeça contra seu peito e encaro seu rosto bravo — vocês estavam juntos?

Sorrio ainda mais, e passo a mão no seu rosto.

—Tom — sussurro — você anda lendo fofocas demais. Louis se tornou meu amigo, um grande amigo.

—Você e esses seus amigos que querem roubar você de mim — ele me interrompe com a voz possessiva, e franzo a testa.

—Tom Haltender — finjo estar brava e

apoio o antebraço na cama. Ele retesa a mandíbula, acreditando — você realmente acredita que eu estava com Louis? — pergunto e sorrio — Louis está com outro homem, Tom.

Ele franze a testa, começando a entender e sorri.

—O tempo todo? — ele pergunta, e assinto.

—O tempo todo, desde aquele dia que você encheu meu quarto de rosas — digo, me lembrando da primeira tentativa de Tom. Ele ri roucamente.

—Você me fez participar de uma campanha, não se esqueça disso — ele diz autoritário, e passa os dedos pela minha bochecha, descendo a mão pelo meu pescoço.

—Eu não o forcei, mas posso afirmar que foi divertido ver você tentar — falo rindo — e se expor, algo que nunca imaginei que faria.

PERIGOSAS NACIONAIS

—O que eu não fiz para ter você de volta? — ele pergunta retórico, me encarando sério. Mordo o lábio, descendo a ponta dos dedos pela sua barriga.

—E Antonella? — pergunto. Merda, não queria falar sobre ela, mas é preciso. Encaro o rosto tenso de Tom, e ele retesa a mandíbula.

—Antonella se amedrontou, minha Alice. Todas as suas fotos desapareceram, e depois da pequena conversa à distância com Anya, Antonella ficou quieta. Ela desistiu, e eu cortei toda relação com ela sobre as empresas — Tom explica sério, com a voz baixa — não acredite em nada do que ela disse. Eu não a beijei, eu não fui ao seu apartamento.

Assinto, me lembrando das palavras de Antonella e então das lágrimas de Tom.

—Eu acredito em você, Tom — sussurro. Ele sorri torto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

—Venha aqui porque não matei minha vontade de você, minha Alice — Tom sussurra sedutor, e com as duas mãos agarra meus cabelos, me puxando de encontro ao seu rosto. Seus lábios colam nos meus, e sua língua penetra minha boca. Levanto uma perna, colocando-a no outro lado do quadril de Tom, envolvendo-o, e sinto seu membro ereto roçar nas minhas coxas, me excitando. Sua respiração ofegante contra meus lábios me arrepia, e encaro seus olhos azuis escuros. Suas mãos agarram meu quadril com força — como você é minha — ele sussurra contra meus lábios, e seus olhos azuis escuros são selvagens. Estou no fogo por Tom novamente, e quero me queimar a noite inteira em seu fogo, em seu mundo do sexo.

PERIGOSAS ACHERON

DIAS DEPOIS

Encaro meu reflexo no espelho, no meu quarto de hotel, e sorrio, extasiada. O vestido preto, longo e com um decote realça meu corpo. Pelo espelho vejo um homem louro, de olhos azuis escuros, fixos no meu reflexo sair do banheiro, vestido de smoking preto, uma camisa social branca aberta no colarinho e calça jeans escura. Sorrio ainda mais, e respiro fundo, começando a sentir tesão novamente.

Tom me mostrou o quanto é realmente viciado em sexo, depois que voltamos, e por incrível que pareça, ele se tornou amigo de Louis. Passamos a jantar juntos quase todas as noites, e Andrei se juntou à nós. O evento de hoje foi

organizado por Tom, e pelo que entendi, é uma comemoração para doações para a instituição de caridade que Augustine tem em Lyon. Mas sinto que há algo mais, que Tom está escondendo algo de mim.

Encaro ele se aproximar devagar, e colocar uma mão no bolso. Permaneço de frente para o espelho, e Tom para trás de mim com um olhar feroz em mim.

—Alice — ele sussurra no meu ouvido e com os olhos fixos nos dele, pelo espelho, vejo suas mãos contornarem meu corpo com algo. Abaixo os olhos, e na minha frente Tom abre uma pequena caixinha, com o anel que encontrei naquela época — seja minha noiva.

Sorrio, extasiada com a visão na minha frente, e mordo o lábio, assentindo. Me viro de frente para Tom, agarrando seu rosto com as duas mãos, e o beijo com urgência, sentindo sua língua

quente envolver a minha. Afasto meus lábios.

—Eu aceito — sussurro e Tom coloca a caixinha na minha frente. Ele se afasta, pegando o anel e arregalo os olhos, percebendo o que fará. Meu coração bate freneticamente, querendo sair do meu copo, que treme e começa a suar frio — Tom — falo surpresa, e Tom ajoelha uma perna, parado na minha frente. Ele me encara com satisfação nos olhos, e pega minha mão.

—Alice, continue me fazendo o homem mais feliz — ele sussurra, e coloca o anel no meu dedo — continue sendo meu mundo — sua voz rouca me arrepia, e Tom beija minha mão.

O puxo, e Tom se levanta. Avanço contra ele, emocionada, e sinto as lágrimas deslizarem pelo meu rosto. Merda, não queria chorar, mas ainda não parece real. Ele envolve meus ombros com os braços, e beija minha cabeça. Eu a levanto, encarando seus olhos emocionados, ainda mais

azuis, e sorrio.

—Você é o meu mundo — sussurro para ele, e Tom me beija, penetrando com a língua na minha boca, devagar, em um beijo profundo e quente.

Seu celular toca, e ele se afasta, interrompendo o beijo. Tom pega o celular do bolso, e atende o motorista, informando que já está nos esperando. Sorrio, e me viro de frente para o espelho. Meus olhos voam direto para a minha mão com o anel, e a fito extasiada. Estou noiva de Tom Haltender. Meu coração não parece aguentar, e me lembro que preciso contar para Dana, para Gabriel, para os meus pais.

Tom para trás de mim, e abraça meu corpo por trás.

—Vamos, minha Alice? — ele pergunta com a voz rouca e com uma expressão ansiosa. Assinto, e me viro de frente para ele. Tom estende

o braço, e coloco a mão sobre ele, apertando.

—Vamos, meu Tom — sussurro zombeteira, com um grande sorriso.

Entro no grande salão acompanha de Tom, e sinto todos os olhares sobre nós. Sorrio satisfeita, e aperto levemente o braço de Tom, me inclinando em direção ao seu ouvido.

—Você está me escondendo algo, Sr. Haltender — o desafio, e encaro seu rosto sério. Ele sorri misteriosamente, e cumprimenta um empresário ao longe, desviando os olhos de mim.

—Por que você acha isso, minha Alice? — ele pergunta demonstrando que está mentindo. Rio, negando com a cabeça, e vejo Louis ao longe. Sorrio para ele, acenando, e Louis, acompanhado de Andrei, caminha na nossa direção. Vejo Augustine também, acompanhado da esposa, em uma pequena roda de amigos. Franzo a testa, começando a achar estranho e então Louis, junto

de Andrei, param na nossa frente.

—Alice — Louis me cumprimenta sorridente, enquanto Andrei cumprimenta Tom.

—Louis — sorrio para ele, animada e pego na sua mão — como você está?

—Estamos de partida — ele diz e olha de canto para Andrei — era para irmos para Saint Tropez hoje, mas não poderíamos recusar o convite de Tom para esse evento.

Franzo a testa, achando um pouco estranho.

—E por que não poderia? — pergunto confusa.

—Porque Louis me considera um grande amigo — Tom responde por Louis com a voz rouca, e franzo ainda mais a testa. Olho para Andrei, que ri disfarçadamente. Andrei não consegue esconder nada, é um livro aberto, e talvez seja por isso que Louis tenha se encantado por ele.

—Agora fale sério — digo para Tom,

séria. Ele sorri torto para mim, me deixando perdida na sua expressão de sedução.

—Mas é a verdade — Louis diz sério. Semicerro os olhos, encarando-o, e Tom começa a rir com a voz rouca.

—Alice — uma voz me surpreende, e me viro, encontrando Augustine.

—Augustine — sorrio, abraçando-o, e cumprimento também sua esposa — como estão? — pergunto, enquanto Augustine conversa animado com Tom.

—Estamos bem — sua esposa me responde, e Andrei se aproxima de mim. O encaro um pouco confusa, e ele se inclina no meu ouvido.

—Não insista em descobrir, Alice — ele sussurra animado. Arregalo os olhos. Então está realmente acontecendo algo. Volto o olhar para Augustine e sua esposa, que se afastam para cumprimentar outras pessoas. Olho ao redor, para a

decoração em tons de pastel. Cortinas pesadas estão abertas para todas as sacadas que circulam os dois andares. Estátuas e vasos gigantes de flores fazem parte da decoração, e ao lado da escadaria marrom claro, com um tapete bege, está um palco um pouco alto, com luzes brancas com sobre ele.

—Sr. Haltender — uma mulher com um pequeno rádio na mão e uma prancheta se aproxima, e Tom a encara — gostaria de se preparar para começar o discurso?

Tom assente e pede um momento, se virando para mim.

—Minha Alice, já volto. Sabe que preciso abrir o evento — ele sussurra, e sorrio, assentindo. Ele segura meu rosto com as duas mãos e me dá um suave beijo, me excitando. Minhas pernas se esfregam disfarçadamente, e um fogo derrete minha intimidade. Tom dá as costas para mim, caminhando elegantemente em direção ao palco.

Olho para Louis e Andrei, parados ao meu lado, conversando. Percebo que algumas mulheres olham para Tom, que sobe no palco, e meu olhar é atraído para uma mulher loura, entrando por uma sacada. Uma taça está na sua mão, e ela caminha elegante com um vestido branco e o cabelo preso em um coque. Seus olhos estão em Tom e seus lábios estão com batom vermelho. Antonella. Respiro fundo, tentando acalmar a fúria, e sinto a mão de Louis no meu braço.

—Não se preocupe com ela, Alice, hoje é a sua noite — Louis fala com um grande sorrio, e vejo Andrei rir, pegando uma taça. Abro a boca, sem entender, e as luzes se apagam, deixando o salão na total escuridão.

Uma luz se acende, focada no centro do palco, onde está um balcão fino e alto, com um microfone em cima. Tom está parado em frente ao microfone, e a luz realça ainda mais seus traços,

seu corpo sob o smoking. Todas as pessoas bem vestidas, com taças na mão se voltam para o palco, e Louis e Andrei também. Permaneço parada de frente para o palco, bem no meio do salão, com Louis de um lado e Andrei do outro. Tom respira fundo, retesando a mandíbula, e começa.

—Boa noite a todos — a voz rouca de Tom ressoa no microfone, me arrepiando, e vejo o olhar de todos sobre ele, inclusive de Antonella. Cerro os dentes, evitando de encará-la, e continuo a olhar para Tom. Estou com raiva, mas nesse momento, não a deixarei atrapalhar a noite. Tom continua — é com imensa satisfação que hoje podemos comemorar o grandioso trabalho de Augustine — Tom fala sério, levantando uma taça na direção de Augustine, parado perto do palco — um homem brilhante e bondoso. Estamos aqui para a arrecadação de fundos do seu instituto de caridade do Câncer, que comemora vinte anos hoje.

É graças à essa generosidade que poderemos ajudar pessoas que estão passando por momentos difíceis na vida, e que possamos dar mais esperanças para famílias especiais — Tom pausa, e todos batem palmas. Bato palmas também, e Louis dá um passo mais perto de mim. Franzo a testa, achando um pouco estranho, e os olhos azuis escuros de Tom se fixam em mim. Minhas bochechas começam a ficar vermelhas, e percebo uma movimentação no salão. Olho ao redor, e arregalo os olhos.

De uma sacada, mesmo na penumbra, vejo uma mulher loura entrar, com grandes olhos azuis e um sorriso gigante, como sempre teve. Um vestido azul claro realça seu corpo, e ela sorri animada para mim, com uma taça na mão e a outra mão no braço de um homem de cabelos castanhos e olhos claros. Dana e Carlos.

Abro a boca, confusa, seguindo eles com os olhos, e meus olhos percorrem as pessoas ao redor

deles, encontrando outro rosto conhecido. Cabelos escuros que ornam com olhos escuros, e um rosto zombeteiro. Gabriel.

Abro a boca, sem acreditar, e ao lado de Gabriel, uma senhora acena para mim, loura, com traços parecidos com os meus. Minha mãe e ao seu lado, meu pai sorri, dando uma leve risada. Gabriel ri, sendo abraçado pela minha mãe, vestido apenas de camisa social preta, aberta no colarinho e calça jeans. Merda, o que está acontecendo?

E meus olhos são atraídos para uma mulher chamativa, do outro lado do salão. Arregalo os olhos, vendo Anya, e em cada lado, seus irmãos. Ao lado de Antone, Eva sorri para mim, dando pulos discretos. Anya está com um longo vestido vermelho, decotado até quase o umbigo, e seus irmãos vestem smokings pretos. Eva está vestida com um simples mas elegante vestido branco de frente única, realçando seus cabelos ruivos. Anya

sorri para mim, e levanta a taça na minha direção, como um brinde.

—O que está acontecendo? — pergunto surpresa, e olho para Louis, que dá risada. Volto meus olhos para o palco, aonde Tom segura uma taça erguida, com os olhos fixos em mim.

—E é com muita felicidade que hoje eu também estou comemorando — sua voz rouca irrompe o silêncio do salão na penumbra, iluminado apenas pela luz em Tom — estou comemorando porque minha empresa abrirá uma filial aqui em Lyon. É um grande investimento para mim, e estou torcendo que dê certo, como as grandes amizades que fiz aqui, junto de Augustine — uma salva de palmas o interrompe, e bato também, confusa, franzindo a testa. Tom continua, e um sorriso sedutor, torto, surge em seu rosto satisfeito, ansioso — essa empresa será presidida à distância por uma mulher incrível, que aceitará meu

convite para participar disso — meu coração acelera enlouquecido. Não, não estou ouvindo isso. Meu corpo começa a suar frio com a euforia, e um sorriso nervoso surge em meu rosto. Pego uma taça da bandeja do garçom que passa ao meu lado e tomo um longe gole, encarando o rosto divertido de Tom ao perceber meu espanto. Respiro fundo, imóvel, sentindo meu corpo tremer, e meu coração parece saltitar no meu peito — e com isso, faço um outro comunicado do qual estou comemorando — abro a boca, arregalando os olhos e começo a entender o que meus amigos e pais estão fazendo aqui — é com muita felicidade que estou aqui hoje para anunciar meu noivado com a mulher que me conquistou, com a mulher da minha vida — ele pausa, erguendo a taça na minha direção. Todas as pessoas do salão voltam os olhos para mim, cabeças se viram para trás e para os lados, e ouço fogos de artifícios serem estourados no lado de fora

do salão. Abro a boca, petrificada de surpresa, de emoção, meu coração batendo de uma forma que quase parte meu peito em dois. Respiro ofegante, sentindo o ar fugir dos meus pulmões, e com todos os olhos e atenções em mim, de desconhecidos, conhecidos, meus pais e amigos, encaro o rosto ansioso de Tom, seus olhos azuis escuros ferozes em mim — Alice.

BÔNUS – TOM

Olho para a mulher parada no meio do salão, com todos os olhos fixos nela, na minha mulher, na minha Alice. Olho para a mulher que me tirou da cama de desconhecidas, que me fez querer ter um relacionamento e porra, que me fez querer vê-la caminhar na minha direção, para sempre.

Alice sorri, percebendo rostos conhecidos ao redor, mas permaneço encarando-a, segurando a taça na sua direção. Sei quem são esses rostos

conhecidos, todos convidados meus.

Seus pais foram os primeiros para quem eu liguei, e quando contei a minha proposta, sua mãe estava chorando do outro lado do telefone. Ouvi seu pai mostrar para quem Alice puxou a teimosia e os sermões, mas ambos concordaram em serem levados pelo meu avião particular.

Em seguida liguei para Enzo. Antone perdeu grande parte da minha amizade desde que colocou Alice em perigo e sugeriu sexo, mas ainda o considero próximo. Preferi conversar com Enzo e como esperado, os quatro vieram. Anya não perderia por nada, e porra, sei que ela cobrará o favor de alguma forma. Eva se mostrou mais verdadeira do que eu jamais imaginei dela.

Dana foi a pessoa mais difícil de convencer. Ela me xingou no telefone, e tenho que admitir que foi engraçado ouvi-la narrar desde quando me viu com Alice na primeira vez. Disse que se assustou

ao ver a amiga mais comportada nas garras do viciado em sexo da sociedade, além de eu ser um completo imbecil em relação à mulheres e relacionamentos. Devo admitir que Dana estava certa, eu era, mas Alice me mudou. Alice se tornou parte do meu mundo até se tornar ele inteiro.

Eu contei sobre o meu pedido, e ela me xingou sobre as fotos que viu, mas no final cedeu e avisou que tentaria levar Eduardo.

Mas Eduardo não está aqui, e eu estou feliz por isso.

E Gabriel foi a pessoa mais fácil de convidar. Não consigo imaginar Alice com ele, e nem gostaria. Ao ouvir que eu mandaria um avião particular para levá-lo, ele me informou que estava com as malas prontas.

Agora, diante de todos, porra, é minha possessividade falando, demonstrando que Alice é minha, que ela aceitou ser minha.

Dou um passo na sua direção com a taça erguida e sorrio, vendo seus olhos lagrimejarem. Estendo a mão na sua direção, satisfeito por vê-la assim. Porra, não há mais ninguém que poderá tirá-la de mim e agora é definitivo.

Eu a havia perdido, porra. Eu havia perdido Alice duas vezes, e nessa última vez, acreditei que não a teria de volta. Eu a vi irredutível, eu a vi destruída por uma mulher que eu mesmo criei, mas ela se ergueu na minha frente, ela se mostrou mais forte do que qualquer outra mulher que esteve ao meu lado e mostrou o quanto estou enlouquecido por ela. Ela mostrou que eu amo a mulher certa para mim.

Alice se tornou meu mundo, e hoje eu o apresento para o mundo que eu vivia, eu apresento o meu novo mundo ao velho. Meu sexo vicioso de uma mulher ao meu antigo mundo do sexo.

Eu lutei por ela, eu insisti. Fugi dos meus

limites, perdi qualquer racionalidade, mas diante do seu sorriso para mim, eu faria tudo novamente. Eu acreditei que ela estava com esse francês, eu acreditei que porra, ela estava me deixando no passado e quando a vi naquele evento, acompanhada do francês, me perdi. Eu me senti devastado, trocado como uma roupa. Eu senti na pele o que outras mulheres sentiam quando eu as ignorava, quando eu aparecia com outras. Eu senti o que era perder, mas não conseguia parar de olhá-la, não conseguia acreditar porque eu via seus olhos me procurando, me caçando. Eu ruí por dentro, e porra, quando recebi a mensagem de Antone com as fotos da minha Alice nua, seu corpo nu, enlouqueci.

E diante dos meus olhos ela caçou Antonella, ela mostrou a força que tinha, mas eu conheço Antonella, eu conheço a mulher com quem dormi, e sabia que ela mentiria, que ela tentaria

arruinar Alice. Cheguei a tempo de salvar Alice da loucura de Antonella e quando ela desmaiou na minha frente, porra, minha possessividade falou mais alto.

Eu precisava fazê-la me ouvir, mesmo que isso significasse o fim de tudo. Eu precisava explicar para então abrir mão por vê-la sofrer.

E Alice se entregou, Alice se algemou na cama e pediu que eu a fodesse. Porra, e como eu amei fodê-la sem medo, como eu amei cada parte do seu corpo. Como eu me perdi em sua pele, em seu cheiro, em sua voz. Eu estava enlouquecido para me enterrar nela, e foi o que fiz. Não me segurei, transei como sempre quis, e vi o quanto ela amou. Alice é minha Alice.

Deixo um sorriso aparecer no meu rosto ansioso, e ouço as palmas ressoarem pelo salão. O rosto de Alice se torna vermelho e ela vira a taça, exatamente como eu previa. Toda vez que Alice

sente vergonha ou nervosa, acredita que o álcool é a solução. Suas bochechas relevam que gostou da minha surpresa.

E para o meu espanto, eu também estou gostando. Jamais imaginaria que eu estaria em uma situação dessas. O homem que eu era antes não iria propor casamento, não iria convidar pessoas para contar isso. Mas estou aqui, com uma taça erguida na direção da minha noiva e o coração nas suas mãos. Se me contassem anos atrás que eu seria um homem apaixonado desse jeito, eu daria risada e mandaria a pessoa se foder.

Mas agora eu estou fodendo apenas com uma mulher e porra, estou viciado em seu sexo, em seu corpo, em seus lábios. Eu estou fodido por amar Alice, e gosto de saber disso, porque sei que ela é será só minha. É minha maldita possessividade falando, e eu me fodo sobre isso.

—Alice — falo autoritário, decidido a ir

em frente, e dou um passo na sua direção. Como eu a quero. Quero tirar seu maldito vestido e transar com ela.

Seus olhos me fitam surpresos, e porra, isso me deixa feliz porque sei que ela não esperava isso de mim.

Continuo a caminhar até a borda do palco, atraindo toda a atenção.

—Seja minha noiva — peço novamente, para confirmar meu pedido, e Alice arregala os olhos, assentindo devagar. Sorrio, tentando seduzi-la. Amo seu olhar perdido quando eu a seduzo, porque seu olhar mostra o quanto ela está em minhas mãos, e ter a minha Alice em minhas mãos me deixa devastado de tesão.

Eu decidi que daria para Alice uma parte de ambas as minhas vidas. Ela seria a minha Alice, ela seria a minha esposa, e seria em parte minha sócia. Conheço a mulher que amo e sei que ela não

aceitaria mais trabalhar para mim sendo minha esposa. Ela é liberta, ela é decidia, ela quer ser independente do meu autoritarismo. Me lembro de todas as brigas sobre possessividade, sobre como eu tentava controlar sua vida e mandar nela por medo de perdê-la.

Eu amo ser possessivo com Alice, mas porra, eu preciso abrir mão, um pouco apenas, para deixá-la mais livre, e abrir uma filial, com Alice no comando, mesmo à distância, aqui em Lyon, onde perdi a parceria com Antonella, foi um presente para Alice, para mostrar que eu a quero ao meu lado, de igual para igual. Eu a quero por inteira com a minha merda de possessividade, mas por ela também me controlo.

Alice empurra a taça na direção de Louis, e porra, devo confessar que agora, conhecendo-o, entendo o por quê Alice se tornou amiga dele. Ainda não gosto dele tanto, já que sua presença ao

lado de Alice é sempre uma merda para mim, mas sei que ele respeita nosso relacionamento, e sei que está com Andrei.

Louis segura a taça da minha Alice, e ela agarra o vestido, correndo na direção do palco. Sorrio e vejo seus pais sorrirem para mim. Conquistei sua mãe no primeiro jantar, exatamente como planejei, e agora ganhei seu pai. Alice deve me odiar por isso. E eu me amo por isso.

Ela sobe as escadas laterais, e como todas as vezes que a vejo, deixo meus olhos a seguirem, desejando agarrar seu corpo, ter seus lábios, sua intimidade. Porra, Alice é tão minha que consigo sentir como é tocá-la mesmo longe.

Alice caminha confiante na minha direção, e a encaro de canto, seduzindo-a. Porra, ela lança o mesmo olhar que o meu, e sinto a sensação que ela deve sentir. Nenhuma mulher conseguiu me seduzir, exceto Alice, e agora estou devastado pela

ferocidade do seu olhar, pela sua confiança conquistada. Alice se tornou confiante nesse tempo que passou, se tornou liberta de um jeito que me enlouquece.

E por me enlouquecer, nesse curto tempo em que ela aceitou ser minha noiva, eu planejei todo o nosso casamento. Porra, sou um maldito controlador e possessivo, mas não consigo evitar. Precisei organizar, precisei deixar no meu controle e sei que Alice enlouquecerá ao saber disso.

Mas isso nós resolveremos depois. Agora só quero mostrar a minha Alice para o meu mundo. Agora só quero segurá-la em meus braços e desejar estar sozinho com ela, na minha cama, para transar com força, para sentir o quanto eu a faço ter prazer. Agora estou enlouquecido por ela.

Largo a taça em cima do balcão e caminho ao seu encontro. Agarro sua cintura com força, cravando os dedos no vestido e desejo sentir sua

pele. Subo com a mão até seu rosto e beijo devagar seus lábios, encarando a Alice liberta que tenho, meu mundo. Porra, como eu a quero, como eu a desejo. Agarro com força seu rosto, encarando-a com desejo, com tesão.

—Eu amo você — sussurro para Alice, minha noiva, minha Alice — você é minha — sussurro seduzindo-a, encarando-a com a ferocidade com que a desejo.

ALICE

Afasto os lábios dos seus e abro os olhos, fitando seus olhos azuis escuros, ferozes em mim.

—Você é minha — Tom sussurra sedutor e sua voz rouca arrepia minha pele. Sorrio, sem conseguir tirar os olhos dele. Tom é meu, apenas meu. Tom é meu mundo do sexo.

Olho para o lado, vendo pessoas

desconhecidas com os olhos fixos em nós, e sinto a vergonha começar a me inundar. Encaro os rostos conhecidos e vejo Gabriel fazer um gesto obsceno com as mãos, insinuando sexo. Começo a rir, voltando a olhar para Tom, que permanece com os olhos fixos em mim.

Não consigo ainda acreditar que agora sou noiva de Tom, que aceitei seu pedido, e que esse era verdadeiro. É quase inacreditável, mas depois de tudo o que passei, depois de tudo o que vivi, a minha realidade é bem diferente do que era antes.

Tom se afasta de mim, pegando novamente a taça, e suas palavras começam a fazer sentido. Sócia? Franzo a testa, encarando-o e Tom sorri torto.

—Tom, precisamos conversar — falo séria, e vejo ele me encarar preocupado. Olho ao redor, vendo as pessoas se distraírem entre si, nos deixando sem a atenção de antes.

—Conversar sobre o que, minha Alice? — ele pergunta se fingindo de desentendido. Balanço a cabeça, tentando não sorrir, mas seus olhos azuis escuros, fixos em mim, arrancam um sorriso. Mordo o lábio, fitando a taça na sua mão.

—Sobre eu me tornar sua sócia — falo direta, fitando seu olhar preocupado. Tom arqueia uma sobrancelha, me fitando.

—Você não quer ser minha sócia? — ele pergunta sério, autoritário. Fito seu rosto, séria, e nego com a cabeça.

—Não é isso, Tom. Você não me perguntou antes — começo a falar, e Tom se aproxima de mim novamente. Ele coloca a mão no meu rosto, segurando-o pelo queixo.

—E mudaria algo eu ter perguntado antes? Qual seria a graça da surpresa? — ele pergunta, e um sorriso torto surge em seus lábios. Merda, Tom está certo, qual seria a surpresa? Respiro fundo,

fitando seu rosto descontraído, e sorrio também, pegando a taça da sua mão. Bebo um longo gole, fitando seus olhos azuis escuros, ferozes em mim, e me aproximo, beijando seus lábios entreabertos.

—Você sabe que pagará um preço alto por isso — sussurro contra os seus lábios. Suas mãos fortes agarram minha cintura, com força, e me puxa contra o seu corpo. Sinto seus músculos contra minha barriga, seus braços definidos contornam minha cintura, e porra, me sinto queimar em seu fogo. Eu desejo Tom agora, sem me preocupar com as pessoas ao nosso redor. Encaro seus olhos, e sei que ele percebeu meu tesão. Abro a boca, puxando o ar, sentindo o tesão subir pelo meio das minhas pernas, e Tom se aproveita disso. Ele desce lentamente com a mão até a minha lombar, deixando claro que está prestes a chegar até minha bunda, e deixa os lábios contra os meus.

—Quem cobrará será eu, minha Alice. Seu

orgasmo vai ser incomparável — ele sussurra, com os olhos ferozes em mim — nas minhas mãos.

Encaro ele por alguns segundos, tentando desafiá-lo, e passo a mão pelo seu peito definido, sendo cada vez mais atraída por ele, e a ideia de que ele é meu noivo, apenas meu, sem mais problemas, sem mais segredos, me deixa ainda mais excitada. Subo com a mão até seu pescoço, contornando-o e sinto sua pele quente, me esquentando ainda mais.

—Vocês podem esperar até estarem à sós para foderem, ou é tão urgente assim? — a voz de Gabriel me desperta, e me viro, soltando o corpo de Tom. Sua mão desliza pela minha lombar, me soltando, e encaro Gabriel, parado atrás de nós, com um sorriso sugestivo.

—Se você não nos interromper novamente — Tom começa a responder, e sorrio, negando com a cabeça.

—Não é urgente, Gabi — digo sem graça, sentindo Tom me fuzilar com os olhos. É, para Tom talvez seja urgente. Gabriel sorri, balançando a cabeça, e dá um passo na minha direção.

—Quando será o casamento, Tom? — Gabriel pergunta, fitando Tom ao meu lado. Arregalo os olhos, percebendo que agora é real, que eu realmente aceitei me casar. Respiro fundo, me sentindo um pouco fora de mim. Nunca pensei em casamento, muito menos tão cedo. Encaro o rosto sério de Tom por alguns segundos, sentindo o motivo pelo qual eu aceitei. Eu o quero, e com ele, isso não parece ser algo assustador.

Os olhos azuis escuros de Tom se desviam de Gabriel e pousam em mim, ferozes. Meu corpo se arrepia e entreabro os lábios, puxando o ar que Tom tirou de mim. Mordo o lábio inferior, vendo a expressão urgente de Tom se transformar em um sorriso torto.

—O quanto antes — ele responde autoritário. O quanto antes? Franzo a testa, surpresa, e nego, voltando a encarar Gabriel.

—Na verdade demorará um pouco — respondo sem graça — porque nem começamos a fazer os preparativos, não é? — completo, encarando Tom ao meu lado, que estranhamente permanece em silêncio, fitando Gabriel com uma expressão um tanto quanto preocupada. Arregalo os olhos. Eu conheço o homem que Tom Haltender é, e merda, como não previ isso antes. Respiro fundo, vendo-o retesar a mandíbula, e Gabriel começa a dar risada. Me viro de frente para Tom — não, é, Tom? — pergunto novamente, e Tom lentamente vira a cabeça na minha direção.

—Na verdade, alguns preparativos já foram providenciados — ele sussurra, deixando o sorriso charmoso tentar me seduzir, mas não, não dessa vez. Abro a boca, incrédula, sem acreditar

nele, e pelo canto do olho vejo Gabriel dar um passo para trás.

—Acho que vou dar uma olhada por aí — Gabriel diz despreocupado, pressentindo que é hora de ir. É, realmente agora Tom e eu precisamos conversar. Tom se vira de frente para mim, com a mandíbula retesada, e dá um passo na minha direção.

—Você poderá decidir, minha Alice — ele começa, e nego com a cabeça.

—Como assim, eu poderei decidir? O que você já decidiu por mim? — pergunto séria, e Tom desvia os olhos, me recordando de todas as nossas brigas. Merda, estamos em uma fase do relacionamento em que não precisa mais haver essas brigas. Tom olha para as pessoas ao redor do palco, conversando, e retesa ainda mais a mandíbula.

—Tudo — ele murmura. Arregalo os

olhos, incrédula. Porra, ele decidiu todo o meu casamento? Isso não pode estar acontecendo. Me aproximo dele e agarro seu rosto com as mãos, virando-o para que me encare. Seus olhos azuis escuros analisam a minha expressão enfurecida.

—Até o vestido? — pergunto séria, e Tom respira fundo, sem me responder, mas sua reação tensa já é a resposta.

—Como estão os noivos? — ouço a voz familiar da minha mãe atrás de mim, interrompendo minha tentativa de por em ordem meu casamento. Sorrio amarelo, contra a minha vontade, vendo a satisfação no semblante de Tom por eu ter sido interrompida. Me viro, encarando a minha mãe sorridente.

—Mãe — sorrio e a abraço, sentindo os olhos de Tom em nós. Em seguida minha mãe dá um abraço em Tom e a vejo sussurrar algo em seu ouvido. Tom sorri, se afastando.

—Eu cuidarei bem da sua filha — ele diz com um sorriso de triunfo, fixando os olhos dominadores em mim — muito bem.

—Acho que precisarei da sua ajuda para organizar o casamento, mãe — digo séria, com os olhos em Tom, desafiando-o — temos tudo para organizar, além claro, do vestido.

Minha mãe sorri, eufórica, e sorrio, satisfeita por deixar claro que Tom terá que desistir de tudo o que já preparou. É o nosso casamento, não o dele apenas.

Tom retesa a mandíbula, tentando disfarçar a possível explosão na frente da minha mãe.

—Na verdade, eu já havia planejado alguns detalhes — ele argumenta, fitando minha mãe, que sorri ainda mais.

—Mas então o que já planejou, Alice provavelmente concordará — ela completa e me sinto no meio de um complô feito por eles. Tom

sorri triunfante e contorna a minha cintura com o braço.

—Minha noiva adorará a surpresa — ele sussurra mais para mim do que para a minha mãe. O encaro furiosa no mesmo momento que ouço meu nome ser chamado por Dana. Olho para o lado, vendo-a no meio das pessoas, acenando para mim. Me afasto de Tom, decidindo continuar o assunto depois, e o deixo com a minha mãe. Desço do palco indo na direção de Dana, olhando ao redor, e uma cena me deixa estarrecida. Merda, o que Gabriel pensa que está fazendo?

O vejo cumprimentar Anya, que segura de forma elegante uma taça, com os irmãos um em cada lado. Paro no meio do caminho, observando a cena, sem acreditar que Gabriel teve essa coragem, ou burrice. Vejo Anya cumprimentado enquanto Enzo permanece com os olhos fixos em Gabriel, imóvel. Merda, Gabriel está brincando com fogo.

Antone coloca a mão no ombro de Gabriel, puxando assunto com ele, e o conduz para longe de Anya, deixando-a apenas com Enzo.

—Ali — a voz de Dana me desconecta da cena dos Lehanster, e a encaro parada na minha frente — estou furiosa com você, como você não me contou sobre Tom? — ela diz com um sorriso, entregando que não está realmente brava. Rio, negando com a cabeça.

—Eu não sabia até que ponto daria certo — respondo sincera, pegando a taça da bandeja de um garçom — tudo aconteceu tão rápido, e depois.

—Depois que Antonella foi tão medíocre ao ponto de achar que poderia arruinar minha amiga — Dana completa minha frase com um tom furioso — eu a vi aqui — Dana diz séria, bebendo um pouco da taça — espero que tenha assistido todo o discurso de Tom.

Dou risada, assentindo. Eu também espero,

gostaria de vê-la agora, gostaria de ver o fracasso em seu rosto.

Olho ao redor, procurando-a, mas não a vejo. Volto a encarar Dana, que sorri ainda mais.

—Então você será a Sra. Haltender agora, Alice? — ela pergunta com zombaria, e abro a boca, sem reação. Não havia pensado nisso, na verdade, ainda não consigo imaginar isso, muito menos ser sócia em negócios com Tom. Me sinto dentro de uma outra realidade, muito diferente da que sempre tive. Concordo lentamente, tentando entender, e Dana sorri ainda mais — ou querer ajudá-la nos preparativos.

—Se Tom me deixar — respondo, deixando claro o que ele fez — porque Tom já fez os preparativos por mim.

Dana arregala os olhos, espantada.

—Ele não pode — ela diz surpresa — a noiva precisa decidir também.

—Também concordo — digo e meus olhos são atraídos por um cabelo louro, olhos claros, fixos em mim, lábios vermelhos em um sorriso debochado. Antonella. Meu coração acelera, furioso. Por que ainda sinto raiva dessa mulher? Ela não conseguiu me derrubar, ela não conseguiu tirar nada de mim, por que me incomodo?

Vejo Antonella caminhar lentamente pelas pessoas, em direção ao palco, e corro os olhos até o palco, vendo Tom conversar divertidamente com meus pais. Meu coração acelera ainda mais, tentando imaginar o que ela poderia dizer ou fazer na frente dos meus pais, e volto a encará-la. Antonella caminha firme pelas pessoas, e ao mesmo tempo vejo outra mulher atrás dela, de cabelos castanhos, olhos maliciosos e lábios carnudos, seguindo-a. Anya.

—Dana, se me der licença — murmuro sem me explicar, e dou as costas para a minha

amiga, caminhando firme na direção de Antonella. Vejo Anya agarrar seu braço e puxá-la, virando Antonella de frente para ela. Acelero o passo, tentando me aproximar. Merda, tento prestar atenção nos lábios de Anya enquanto me aproximo.

—Como duas mulheres de negócios, Antonella, sabemos o que está em jogo — leio Anya falar, e apresso ainda mais o passo, parando atrás de Antonella. Deixo Anya falar — não é mais um jogo, Antonella, como você sempre costumou fazer. É uma ameaça, eu não jogo como você, e se eu precisar afundar e destruir, farei isso sem hesitar — os olhos de Anya são felinos, e se desviam do rosto de Antonella para o meu, deixando surgir um sorriso malicioso.

—Antonella — a chamo, vendo-a virar a cabeça sobre o ombro e me encarar com desprezo. Mantenho o olhar firme, reunindo toda força que possuo — você não é bem-vinda aqui.

Antonella me analisa com os olhos e sorri sem demonstrar receio.

—Adorei saber que Tom a colocou na frente dos negócios aqui em Lyon, Alice. Nos divertiremos — ela sussurra ameaçadora. Finjo um sorriso e bebo um longo gole, escolhendo bem as palavras.

—Também adorei, Antonella. Meu noivo sabe o que faz, mas acho que não me misturarei com o seu nível. Ninguém mais precisa de você — respondo séria, vendo Anya apenas continuar a sorrir, atrás de Antonella — e se depender de mim, nunca mais ouvirei sobre você ou sua empresa. E preciso agradecer você, por graças ao seu plano, consegui perdoar Tom e aceitar seu pedido de casamento.

Antonella respira fundo, furiosa, e vejo Enzo se aproximar de Anya, sussurrando algo em seu ouvido. Anya concorda com a cabeça e em

seguida Enzo coloca a mão no ombro de Antonella, chamando-a.

—Se permitir, eu irei acompanhá-la até a saída, ou precisaremos chamar os seguranças? — Enzo diz educado, mas seu tom de voz grosso é ameaçador. Vejo a mão de Antonella tremer, e ela respira fundo, desviando os olhos para mim novamente. Enzo insiste — quanto mais tempo insistir, Antonella, mais vergonha passará.

Antonella franze a testa, furiosa e dá as costas, sendo conduzida por Enzo, passando entre as pessoas. Anya dá um passo para o meu lado, se aproximando de mim.

—Antonella não incomodará mais, Alice — ela afirma, fixando os olhos em mim. Viro o rosto, encarando-a.

—Obrigada, Anya — murmuro.

—Você não tem que me agradecer, eu gosto de você — ela responde, e me lembro de

Gabriel. Merda, ele pode me odiar por isso, mas preciso protegê-lo.

—Anya — a chamo, vendo-a procurar alguém entre as pessoas. Ela lentamente desvia os olhos e me encara de canto — não deixe Gabriel se aproximar de você. Ele não é assim.

—Assim como? — ela pergunta séria.

—Ele não tem essa malicia que você tem, ele não saberá lidar. O deixe em paz — peço séria, tentando impor minha voz. Anya analisa minha expressão autoritária e sorri, assentindo.

—Gabriel foi apenas uma transa, Alice. Eu não quero nada com ele, e não faria isso com Gabriel porque — ela hesita, sorri maliciosa — ele é puro e bonzinho demais para mim.

Sorrio, aliviada por saber que Anya não possuí nenhum interesse em Gabriel. Volto a encarar as pessoas, me lembrando da primeira vez em que conheci Anya Lehanster. Estávamos como

agora, lado a lado, mas na época eu estava incomodada, vendo-a destilar o veneno sobre Tom.

Agora me sinto confortável ao seu lado, sem medo do que ela poderá falar ou fazer, não porque ela mudou, mas porque eu mudei. Estou confiante em mim mesma, em meu relacionamento, na minha vida.

Bebo lentamente da taça, ao lado de Anya, vendo-a a fazer o mesmo, e pelo canto do olho a vejo virar o rosto na minha direção, com os olhos felinos em mim.

—Alice, você sabe que eu ajudei Tom a tirar suas fotos de circulação, que eu ameacei Antonella e colocaria em prática as ameaças, se precisasse — ela sussurra maliciosa. Sinto meu coração bater em um compasso pesado, retumbando em meus ouvidos, como se pressentisse algo. Merda. Respiro fundo, assentindo, tentando não mostrar tensão na

expressão, e viro a cabeça, encarando Antonella beber da taça novamente, com os olhos felinos em mim — e eu continuarei ajudando se precisar.

—Sim — digo firme — e agradeço por isso, Anya.

Ela sorri maliciosa, segurando a taça na altura dos seios.

—Não precisa agradecer, Alice — ela sussurra lentamente — mas você sabe que tudo tem um preço.

Merda, merda. Eu sabia que algo assim aconteceria ainda, mas não esperava ser agora. Eu deveria imaginar, os Lehanster não costumam perder as oportunidades.

A encaro por alguns segundos, séria, e bebo um longo gole, me preparando. Anya analisa minha expressão já tensa, e seus lábios carnudos se curvam em um sorriso ainda mais malicioso.

—E o que seria? — pergunto autoritária,

enfrentando-a. Anya mostra os dentes em um grande sorriso, e bebe mais um gole, virando o rosto e voltando a encarar as pessoas à nossa frente. Ela abaixa a taça, ainda com um sorriso, e me encara de canto de olho.

—Logo você saberá, minha querida Alice — ela sussurra ameaçadora, com os olhos desejosos em mim, maliciosos.

ALICE

As portas do elevador se abrem, e respiro fundo, encarando o meu reflexo no espelho do elevador. Meu cabelo louro está solto sobre meus ombros, meu rosto maquiado de forma simples.

Meu coração acelera, retumbando nos meus ouvidos, como se eu precisasse me lembrar o tempo todo o que estou vivendo, o quanto estou eufórica.

Sorrio, sentindo a vertigem inundar meu corpo, uma ansiedade me deixar com a respiração pesada. Desço os olhos para o meu corpo pelo espelho, encarando a camisa branca que Tom insistiu em me dar. Desço ainda mais os olhos, encarando a calça colada, cós alto, preta, também presente modesto de Tom.

Seu pedido não foi na verdade um pedido, foi um presente colocado dentro do guarda-roupa do seu apartamento, junto com a nova tentativa que eu morasse com ele, já que agora iremos nos casar. O grande detalhe foi que ele me convidou para passar a noite no seu apartamento, e para a minha surpresa, que na verdade está mais para burrice, porque Tom sendo Tom era de se esperar, fez o gentil favor de colocar roupas novas no seu apartamento, já que não havia nenhuma roupa minha mais lá.

Mas devo confessar, merda, que nesse

momento, não quis brigar com ele. Desde o seu pedido de noivado na frente de todos, na sua declaração, percebi que ele abriu mão do seu jeito fechado, autoritário, ele se entregou totalmente para mim, e por isso, decidi ceder um pouco.

Mas exatamente porque ele, do jeito que Tom sempre foi, tentou organizar o meu casamento sozinho, impondo seu autoritarismo e dominação, neguei. Vou morar no meu apartamento até o dia do casamento, por mais que o prédio agora também é de Tom, merda.

Respiro fundo, e meus olhos param no grande anel no meu dedo.

Me viro, encarando o corredor clear, branco, já familiar. A vertigem me enlouquece, sinto meu coração bater como uma escola de samba no meu peito. O suor frio começa a brotar nas minhas mãos, acelerando minha respiração, e fecho as mãos, diminuindo o tremor.

PERIGOSAS NACIONAIS

A primeira vez em que vi esse corredor foi no meu primeiro dia de estagiária nessa empresa, depois de conhecer um homem louro e sedutor em uma festa, e então descobri que esse homem seria o meu chefe.

Mordo o lábio inferior, deixando o sorriso surgir no meu rosto. Essa empresa é do homem mais cafajeste que eu conheci nesse mundo. Mas Tom Haltender também é o homem mais sedutor, charmoso, mais excêntrico, principalmente narcisista, dominador, egocêntrico, autoritário, exibido, atrevido, possessivo, obsessivo, sexual, enlouquecedor e quente, muito quente, que eu já conheci.

E Tom também é meu noivo.

Sorrio ainda mais, sentindo a adrenalina eletrizar minhas veias ao pensar nisso. Meu corpo parece rodopiar ao perceber a ideia. Tom agora é meu, apenas meu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Dou um passo para frente, me equilibrando no salto fino do sapato também estranhamente encontrado no guarda-roupa do apartamento de Tom.

Meus pés já sabem o caminho até a porta da sua sala, e caminho firme, sentindo todo a confiança que agora possuo. Viro o corredor, fitando as duas mesas, uma de Ana e uma de Mônica. Seus cabelos ruivos chamam minha atenção novamente, mas agora eu as conheço, agora eu não preciso mais me sentir insegura. Percorro com os olhos o pequeno local e vejo a minha mesa vazia, sem ninguém. Sorrio, Tom ainda não contratou ninguém para me substituir.

Meus saltos ressoam pelo corredor e ambas levantam a cabeça, me encarando. Ana abre a boca, surpresa, com os olhos arregalados.

—Ali — ela me chama espantada. Sorrio ainda mais, um pouco amarelo, para dizer a

verdade. Merda, odeio quando vejo os olhos investigativos de Ana, sem falar na sua curiosidade. Ela se levanta da cadeira e contorna a mesa, vindo na minha direção, com um grande sorriso vermelho, deixando explícito que me encherá de perguntas.

—Ana — a cumprimento, tentando parecer animada também, mas não estou com muita vontade de contar todas as informações que elas provavelmente irão querer arrancar de mim. Vejo Mônica caminhar na minha direção, com um sorriso que entrega o quanto não está muito satisfeita, no fundo.

—Ali — Mônica pega minha mão, e merda, é justamente a mão do anel. Seus grandes olhos pousam no anel ao mesmo tempo em que Ana o vê, e arregala os olhos.

—Você precisa nos contar — Ana declara sem vergonha alguma, me ordenando. Sorrio

forçada, e nego com a cabeça, puxando minha mão de volta.

—Não é nada demais — murmuro, dando de ombros — vocês sabiam que eu já havia namorado com ele.

—Não, Ali — Ana me interrompe autoritária, como se estivesse exigindo — namorar o Sr. Haltender sempre namorou, transou, que seja — ela diz, fazendo um aceno com as mãos — mas agora, noivar? — ela diz dando ênfase no noivar, arregalando os olhos — ele nunca noivou.

—Vamos, Ali, você precisa nos contar como foi que voltaram, como foi o noivado — Mônica começa.

—Nós vimos na revista a foto de vocês juntos em Lyon — Ana completa — o que era aquele vestido? — ela pergunta retórica — Alice, você está famosa já. Eu vi a sua campanha.

—Como foi fotografar com aquele homem

gostoso? — Mônica pergunta animada na minha frente, como se estivéssemos em uma noite de pijama ao invés da frente da sala de Tom. Franzo a testa, sem entender, encarando-a.

—Homem gostoso? — pergunto um pouco confusa e relutante em continuar o assunto. Mônica fica séria, como se não acreditasse na pergunta.

—Louis, Alice, Louis — ela explica.

—Você estava mesmo com ele, antes de voltar com Tom? — Ana faz a pergunta que Mônica estava prestes a fazer. A encaro sem graça, sem conseguir manter o sorriso. Merda, estou me sentindo em uma interrogatório que não conseguido sair.

—Não, eu — começo a falar.

—Deveria ter ficado, agarrado aquele homem por nós — Mônica me interrompe eufórica.

Sorrio sem graça, negando com a cabeça.

—Eu — tento começar a falar novamente, encarando ambas na minha frente.

—E Tom, como foi o pedido? — Ana pergunta quase gritando, como se o pedido tivesse sido para ela. Abro a boca para falar, tentando escolher o que contar, isso se elas me deixarem falar.

—Ele apenas pediu — tento resumir — ele.

—Foi depois daquelas fotos escandalosas terem vazado? — Mônica realmente não consegue ficar com a língua dentro da boca. A olho séria, decidindo se a faço engolir a língua ou respondo.

—Foi — digo séria — aquelas fotos não foram nada — afirmo sem hesitar. Ana bate palmas, e eu a encaro surpresa, sem entender.

—Foi o que eu disse para Mônica, Ali. Aquelas fotos só mostraram o quanto você é linda — ela diz séria, e sorrio um pouco sem graça —

mas qual foi a reação de Tom? — ela pergunta. Merda, deveria ter imaginado que faria essa pergunta.

—Ele ignorou — murmuro — ele.

—E depois ele fez aquela proposta de noivado em público, como foi? — Mônica me interrompe novamente — e o sexo, Ali, nos conte, ele está como sempre, agora que está noivo?

A encaro por alguns segundos, incrédula com a pergunta.

—Agora vocês estão morando juntos? — Ana pergunta sem esperar eu responder. Abro a boca para falar, e Mônica avança.

—Quando será o casamento? — e começa a torrente de perguntas.

—Você virou sócia mesmo dele? — Ana completa, e me sinto confusa com tantas perguntas, uma atrás da outra, sem esperar a resposta. Fecho os olhos, tentando me controlar. Merda.

PERIGOSAS NACIONAIS

—Vocês podem parar? — pergunto firme, sem demonstrar a fúria. Abro os olhos, encarando-as boquiabertas. Levanto as mãos — são perguntas demais, não percebem? Poderiam apenas perguntar o essencial?

—Alice — Ana começa a falar com um tom de censura na voz, mas uma tosse fingida a interrompe. Levanto os olhos ao mesmo tempo em que as duas viram a cabeça para trás, encontrando o Sr. Haltender parado na porta de entrada da sua sala, com o braço apoiado na parede lateral da porta, nos encarando sério. Ambas dão um pulo de susto.

—Vocês poderiam voltar ao trabalho, ou estão muito ocupadas? — Tom pergunta autoritário, arqueando uma sobrancelha. Sorrio, satisfeita por ele ter interrompido a possível discussão. Ambas desaparecem da minha frente, como se tivessem visto o diabo, e se sentam nas

cadeiras, voltando ao trabalho como se eu não estivesse mais ali. Tom me encara, descendo os olhos pelo meu corpo, ferozes. Sinto minha intimidade derreter, merda, estou enlouquecendo por ele.

Sinto o arrepio subir pelas minhas pernas, irradiando pelo meu corpo, e o ambiente parece esquentar, parece derreter de tão quente. Encaro Tom de camisa social e gravata, com os olhos azuis escuros ferozes, sedutores. Ele sorri torto e entra na sala, deixando a porta aberta para mim. Caminho até a porta, sentindo os olhos de Mônica e Ana em mim, mas as ignoro. Fecho a porta atrás de mim, com os olhos fixos em Tom, que encosta a lombar na mesa e cruza os braços, deixando a camisa social branca marcar levemente os músculos, me provocando. Porra, estou ardendo no fogo para tê-lo.

—Como está a minha noiva? — ele

pergunta em um sussurro, arrastando a voz rouca para me seduzir, e obtendo sucesso. Mordo o lábio, sentindo meu corpo chamar por ele, minha intimidade pulsa desejosa, e respiro fundo.

—Ansiosa para ver o noivo na cama — sussurro atrevida, caminhando na direção dele. Rebolo o quadril, tentando provocá-lo do mesmo jeito que ele faz comigo, com os olhos fixos nas mãos de Tom, que apertam os braços, lutando para não ser seduzido. Encaro seus olhos azuis escuros, ferozes em mim, sua expressão ansiosa, seus lábios entreabertos e os cabelos louros arrumados para trás. Tom é meu, apenas meu, e vou saciar todo o tesão que ele me faz sentir. Sou viciada no seu sexo, e agora terei sempre.

Seu semblante é sério, ansioso, e sorrio, parando no meio do caminho.

—Por que me chamou aqui, Tom? — pergunto curiosa, observando seus olhos desejosos

em mim, sua expressão selvagem — você quer transar comigo — sussurro e aponto para a mesa — ali?

Tom morde o lábio e retesa a mandíbula, lutando contra o tesão.

—Diga, Tom — falo sedutoramente, dando um passo para frente.

Tom sorri sedutor, entregando o quanto está enlouquecido, e fecha os olhos azuis escuros, descruzando os braços. Ele estende o braço esquerdo para trás e pega um maço de folhas encadernadas. Franzo a testa, sem entender, e Tom abre os olhos, estendendo o maço na minha direção. Encaro seu semblante satisfeito ao ver minha surpresa, e ele sorri triunfante.

—Eu quero transar com você o tempo todo, minha Alice, você fode até com o meu trabalho — ele afirma autoritário, retesando a mandíbula — e espere quando eu estiver no meu

apartamento com você, esta noite — ele hesita, afrouxando a gravata, respirando fundo, como se estivesse imaginando, e merda, eu é que estou começando a imaginar.

Abro a boca, puxando o ar que Tom acabou de tirar de mim com esse gesto. Atrito uma perna na outra, tentando acalmar o tesão que me derrete, e fito as folhas na mão dele, curiosa. Me aproximo rápido e pego, encarando o título Contrato. Permaneço com o maço de folhas levantado nas minhas mãos, e levanto a cabeça, encarando o rosto triunfante de Tom, autoritário.

—O que é isso, Tom? — pergunto séria, franzindo a testa? O que um contrato poderia significar?

Tom sorri torto e estende o braço com rapidez. Sua mão agarra minha cintura e ele me puxa com desejo. Bato o corpo contra o dele, sentindo cada músculo do seu corpo e suspiro,

excitada. O encaro, sentindo seu corpo quente contra o meu, me esquentando, deixando a sala ainda mais quente, abafada. Sorrio, encarando seu rosto perto do meu.

—Apenas assine, Alice — ele ordena autoritário, com um sorriso sedutor, e franzo a testa, confusa.

—Mas o que seria, Tom? — insisto, encarando-o séria. Ele retesa a mandíbula, franzindo a testa.

—Eu sabia que você iria teimar — ele sussurra roucamente. Abro a boca e puxo as folhas no meio de nós, abrindo o contrato. Levanto os olhos, encarando-o, e Tom continua, com os olhos no contrato — é um contrato sobre a empresa, minha Alice. Foi um pedido do meu pai antes de falecer, de que se um dia eu decidisse me casar, que eu fizesse um contrato com minha noiva como ele havia feito com a minha mãe.

PERIGOSAS NACIONAIS

Levanto os olhos, sem acreditar. Meu coração está batendo na velocidade da luz, tentando rasgar meu peito. Minhas mãos tremem, segurando o contrato, e perco a fala, encarando apenas o semblante preocupado de Tom. Ele retesa a mandíbula, com as mãos segurando firme minha cintura. Sinto meu corpo ser dominado pela vertigem e permaneço petrificada, pasma. Tom retesa a mandíbula e pega o contrato da minha mão, colocando-o na mesa, voltando a me puxar contra o seu corpo.

—Como seria esse contrato? — sussurro, já começando a entender.

—Quando meus pais se casaram, meu pai decidiu que iria dividir cada parte da sua vida com a minha mãe. Ele não queria que nada estivesse entre eles ou que, de alguma forma, excluísse um dos dois — Tom explica sério, preocupado, e franze a testa — esse contrato significa que

PERIGOSAS ACHERON

enquanto estamos casados, esta empresa é cinquenta por cento minha e cinquenta por cento sua, você tomará as decisões junto comigo — Tom hesita, com os olhos azuis escuros fixos em mim, acariciando minha cintura com ambas as mãos — nunca pensei nesse contrato, como nunca havia pensado em casar, mas agora é diferente, e meu advogado me lembrou dele — ele hesita, e coloca a mão no meu rosto, segurando-o firme. Merda. Tom continua — não é nada muito importante, eu apenas quero que estejamos juntos — ele hesita, retesando ainda mais a mandíbula, e seu olhar azul escuro é autoritário — em tudo. Isso significa que você pode trabalhar comigo, diretamente também, sem precisar continuar seu curso ou ir atrás de algum trabalho depois.

Merda, merda, por que isso está acontecendo? Em outras palavras, Tom quer que estejamos sempre juntos em tudo, ou seja, eu não

posso ter minha profissão, nem um emprego longe dele, em uma espécie de dominação.

Respiro fundo, ponderando o que falar, escolhendo as palavras certas. Estamos tão bem que não quero que isso seja motivo de brigas. Tom percebe meu olhar e solta o meu rosto. Coloco as mãos no seu peito, tentando acalmar sua preocupação, e sinto seu coração contra a palma da minha mão, me chamando, me seduzindo ainda mais. Encaro seu semblante sério, autoritário.

—Tom, acho bonito o que seus pais negociaram, há anos atrás — começo a falar calma — mas eles são eles, nós somos nós, são outros pensamentos. Eu — hesito, vendo sua expressão demonstrar o quanto ele está incomodado, merda — eu quero ter minha profissão, eu quero ter um emprego independente de você, não quero depender inteiramente de você, trabalhar em um emprego que você me der. Quero conseguir pelo meu

esforço, quero me formar, quero ser independente. Vamos nos casar, mas isso não significa que serei dependente.

Tom fecha os olhos e sinto suas mãos tremerem de raiva. Percebo fúria na sua expressão e que está lutando para não explodir. Me afasto, perdendo contato com ele, e dou dois passos para trás, encarando-o. Ele abre os olhos, me encarando com o olhar penetrante.

—Por que você não pode assinar, Alice? Por que você precisa ir sempre contra? — ele sussurra com a voz rouca, controlando a fúria. Abro a boca, confusa.

—Eu não estou indo contra — merda, não estou mesmo, mas não é do meu feitio querer ser totalmente dependente. Achei que ele soubesse disso desde o início — eu apenas estou recusando uma proposta de dependência. Eu não posso recusar? — pergunto séria, e Tom passa a mão no

cabelo, virando o rosto para o lado, deixando seu maxilar marcado, retesado — Tom —chamo sua atenção, e ele me encara novamente — eu não posso recusar?

Tom abre a boca por um instante e a fecha novamente, como se estivesse decidindo o que falar.

—Tom? — insisto, começando a me incomodar. Por que essa dominação novamente, essa possessividade?

—Pode, Alice — ele diz com a voz rouca, relutante, sem me encarar — você já recusou.

—E qual o problema nisso? — pergunto ríspida e Tom me encara novamente.

—Por que você se incomodou com isso? — ele pergunta sério e franze a testa — qualquer outra mulher teria concordado.

Chega, a discussão chegou ao fim, senão enlouquecerei e não será no bom sentido. Levanto

as mãos, em um pedido para que fique em silêncio, e respiro fundo, tentando controlar a fúria. Tom me encara preocupado e franze a testa. Reteso os dentes, fechando os punhos.

—Chega, Tom. Exatamente por isso, me incomodei porque não sou qualquer mulher — respondo ríspida, furiosa, e Tom retesa a mandíbula, percebendo a merda que falou, mas agora é tarde. Não quero mais ouvir nada disso. Dou as costas e caminho apressada para a porta de saída. Ouço o soar dos seus passos atrás de mim.

—Alice — ele me chama preocupado, e abro a porta, saindo. Fecho-a atrás de mim e encaro os rostos de Ana e Mônica, virados na minha direção, curiosos. Sorrio amarelo, disfarçando qualquer merda que aconteceu naquela sala, e caminho firme, sorrindo. Dou as costas para elas e respiro fundo, virando o corredor. Merda, chegamos há dois dias de Lyon e já brigamos

novamente, por que isso sempre acontece?

Caminho apressada pelo corredor e entro no elevador. O celular toca dentro do bolso da minha calça e eu o pego, vendo uma mensagem na tela, de Tom. A abro.

Alice, por que fez isso? Por que fugiu?

Rio irônica. Por que eu fugi? Eu não fugi, mas não quero ser comparada a qualquer outra mulher com quem ele já transou, não sou qualquer outra, sou sua noiva, sou Alice. Apago a mensagem e as portas se abrem. Encaro o grandioso hall de entrada da empresa de Tom, com empresários e secretárias caminhando por ele, e caminho firme em direção à saída. Passo pela porta giratória e chego na calçada, encarando a rua cheia de pessoas e carros. O sol aquece meus cabelos, e meu celular toca novamente, uma ligação de Tom. A ignoro, e caminho direto para o meu apartamento, deixando meu celular no silencioso.

PERIGOSAS NACIONAIS

Meu apartamento está exatamente do mesmo jeito que deixei. Meus pais foram embora ontem, para se organizarem, e semana que vem retornam novamente. Segundo minha mãe, ela não quer perder nenhum segundo desse momento da minha vida.

Agora que não estou mais estagiando, com minha tarde livre, estou começando a colocar em dia as matérias que perdi com a viagem, assim como estou percebendo que meu mundo realmente mudou depois da sessão de fotos. Ver meu rosto estampado em outdoors e revistas é assustador. E ao mesmo tempo prazeroso. Dana não para de falar disso, Louis ainda me manda mensagens para combinarmos algo, assim como Gabriel, que ainda está na cidade, hospedado em um hotel, já que segundo ele, contra a vontade, está fazendo um favor de não atrapalhar os pombinhos. É, mas do jeito que está, não há o que atrapalhar.

PERIGOSAS ACHERON

Entro no prédio e o porteiro me cumprimenta. Sorrio a contragosto, e subo pelo elevador, chegando ao meu apartamento. Abro a porta, me lembrando de trancá-la, e tiro os sapatos, caminhando firme até o meu quarto. Respiro fundo, me sentindo aliviada de estar aqui, e deito na cama. Tiro o celular do bolso e encaro a tela, vendo duas mensagens de Tom, além de três chamadas perdidas. As abro.

Me desculpe, Alice.

A apago, e abro a segunda mensagem.

Você não é qualquer mulher, me desculpe. Você é a única mulher que me fez sentir como estou agora. Venha até o meu apartamento de noite, vamos conversar, não me ignore como faz sempre, não faça mais isso.

E ignoro novamente sua mensagem, deletando-a.

Largo o celular ao meu lado na cama, ainda

no silencioso, e respiro fundo, ainda furiosa. Tom, quando está furioso, mostra exatamente o homem possessivo, autoritário e egocêntrico que é, e isso me enfurece.

Encaro o teto por alguns instantes, iluminado pela fresta de sol que entra pela janela, e respiro fundo novamente, tentando me acalmar. Isso não deveria ser motivo de brigas, nem de discussões. Desço os olhos para a bancada do meu quarto, com os cadernos de Dana e livros para estudo da faculdade. Não abandonarei o que gosto para ficar dependente de Tom, não sou assim.

Assim como fiz com o casamento. Tom concordou em desfazer todos os preparativos que havia feito, porque senão eu não iria me casar. Quando voltamos para cá, ele já estava sem nada pronto novamente, e nosso casamento será organizado por nós dois. Dana me ajudou a brigar com Tom sobre isso em Lyon.

Pego o celular novamente e vejo a hora, me lembrando que Dana combinou que viria ao meu apartamento às quatro horas, e pontualmente ouço a campainha. Me levanto e caminho até a porta da sala, abrindo-a.

Dana sorri, com a mesma animação enérgica de sempre.

—Ali — ela diz animada, me abraçando, e retribuo o abraço, feliz por vê-la.

—Dana — digo, sorrindo, e me afasto, deixando-a entrar no apartamento.

—Como você está? — ela pergunta, caminhando direto para o sofá, e tira as sandálias, se sentando. Sorrio, fechando a porta novamente, e me sento ao seu lado, sobre as pernas.

—Furiosa — conto, e vejo sua expressão curiosa — acabei de voltar da empresa de Tom. Você acredita que ele me pediu que trancasse a faculdade, abandonasse qualquer ideia de ter uma

profissão ou outro emprego e assinasse um contrato para dividir a empresa com ele e trabalhar apenas com ele?

Dana me encara pasma, e pisca repetidamente os olhos, como se estivesse absorvendo o que contei.

—Tom o que? — ela pergunta retórica — eu não acredito que aquele filho da mãe fez isso, Ali, sabendo como você é.

Concordo com a cabeça, e me levanto.

—Eu também não consigo acreditar — murmuro, e caminho até a cozinha, enquanto Dana digita algo no celular. Pego duas taças e uma garrafa de vinho, e volto para a sala — vamos até beber por isso — digo séria, e vejo um grande sorriso surgir no rosto de Dana.

—As quatro horas da tarde? — ela pergunta surpresa, mas sem demonstrar recusa, pelo contrario, sua expressão é de empolgação. Dou

de ombros, sentando novamente ao seu lado no sofá, flexionando as pernas, assim como ela, e entrego a taça para Dana.

—Ambas não estamos fazendo nada de tarde, nossa aula é só amanhã de manhã, estou noiva de Tom Haltender, no qual quis que eu assinasse um contrato totalmente possessivo e agora estou brigada com meu noivo — digo, sorrindo — acho que podemos beber algumas taças.

—Então vamos beber, porque de noite ainda tenho que encontrar a família de Carlos — Dana diz, aumentando ainda mais o sorriso — e preciso beber, principalmente porque seus pais e sua irmã me odeiam. Imagina, seu filho, que está no final da faculdade de advocacia para ajudar os pais nos negócios está apaixonado por uma jovem que faz jornalismo apenas por amor, sem pensar nos negócios dos pais, que gasta o dinheiro dos pais

que vivem viajando e que são mais loucos que ela, além dos enormes escândalos que eles fazem em festas.

Começo a dar risada, adorando ouvir a tragédia de Dana.

—Um brinde à briga de noivos e ao meu jantar catastrófico — Dana diz, erguendo a taça, e coloco vinho nela, assim como na minha. Brindo com ela, concordando.

—Tudo dará certo — murmuro, bebendo um longo gole. Dana sorri, colocando a taça na mesa de centro, e se recosta no sofá, estendendo os braços para os lados.

—E Anya, deu algum sinal de vida, depois de ter ajudado você? — Dana pergunta. Contei para Dana sobre a ajuda de Anya em relação às fotos, assim como tudo o que aconteceu com Antonella. Dana queria tacar fogo nela na festa em que Tom anunciou o noivado, mas para a sorte de Antonella,

Enzo já a havia levado embora. Durante todos os dias até a nossa volta, Dana me perguntou de Anya e Antonella, mas ambas desapareceram. Nego com a cabeça.

—Não, não a vi mais depois da festa, assim como Antonella não me incomodou mais — respondo séria, achando estranho na verdade, principalmente em relação à Anya. Antonella ter desistido, eu entendo. Seu plano com as minhas fotos fracassou, porque nada de ruim recaiu sobre mim, pelo contrário, fui levada ainda mais aos holofotes e me acertei com Tom, noivando. Além de que as ameaças dos Lehanster são verdadeiras e Antonella demonstrou saber disso. Acredito que tenha desistido mesmo, escolhendo não arruinar seus negócios.

Mas agora, Anya ter desaparecido é muito estranho. Depois de me dizer que iria cobrar os favores que fez, ela foi embora da festa

acompanhada de Antone, e não vi mais nenhum Lehanster depois disso. Eva me ligou quando retornei de Lyon para me contar o quanto estava feliz, o quanto estava animada pelo meu casamento e me deu os parabéns, mas diferente do que imaginei, não quis combinar nada, como se algo estivesse errado.

Balanço a cabeça, tentando esquecer. Provavelmente é problema Lehanster, e com isso eu não quero me envolver, porque nunca é pouco ou fácil.

—Que estranho — Dana murmura, bebendo mais um longo gole — mas é até melhor, eles são sempre perturbadores.

Sorrio, concordando. É, Dana, se você os acha perturbadores assim, imagina se soubesse sobre Pandora ou sobre a merda que aconteceu ou acontece entre Enzo e Anya. É um mundo louco, até demais. Bebo mais um longo gole, afastando os

pensamentos disso para longe, e encaro Dana.

—E Louis virá quando para cá? Você o convidou para o casamento né? — Dana pergunta empolgada. Rio, assentindo.

—O convidei, Dana, assim como Andrei. Eles aceitaram o convite, e virão assim que Louis acabar a nova campanha em Paris — respondo animada, feliz por Dana e Carlos terem se dado bem com Louis e Andrei. Meus amigos sendo amigos é sempre bom, exceto o fato de que sempre me lembro do amigo que perdi, Ed. Respiro fundo, mordendo o lábio, e encaro Dana.

—Você não falou mais com Ed? — pergunto, sabendo que Dana o convidou para ir a Lyon. Dana encara a taça por alguns segundos, e nega. Franzo a testa, percebendo preocupação na sua expressão, e conhecendo Dana, sei que é algo que ela não quer contar — Dana, o que aconteceu que você não me contou? — insisto.

Dana respira fundo, séria, e se inclina para frente, bebendo o resto do vinho. Ela se serve de mais, e me encara.

—Ali, quando eu disse que Ed negou ir comigo para Lyon, quando o convidei, não foi verdade. Na verdade, quem me atendeu foi Armando — ela hesita, e meu coração acelera. Merda, o que aconteceu? Desde Pandora, ele se afastou de mim, eu não tive mais notícias dele, e na verdade, sou culpada por isso. Errei ao beijá-lo, ao dar esperanças e tirá-las em seguida, mas estou preocupada com ele. Quando o vi em Pandora, ele estava estranho, e principalmente, estava em Pandora e com Mercedes. Arqueio as sobrancelhas, incentivando Dana a continuar — Ed havia desaparecido com uma mulher. Armando não quis me contar quem era ou como foi, apenas disse que Ed estava diferente, e que numa noite, desapareceu com ela, deixou todas as roupas em casa. Ele pediu

que se tivéssemos alguma notícia dele, era para avisar, porque ele estava preocupado, mas ao mesmo tempo estava calmo, porque sabia que nada de ruim iria acontecer com Ed. Ele conhecia a mulher, seus amigos e conheciam, e provavelmente Ed voltaria em breve, só queria notícias, porque nem mensagens ele respondia.

Abro a boca, incrédula. Merda, o que aconteceu com Ed? E sem dúvidas, eu sei quem é essa mulher. Mercedes. Eu deveria ter alertado ele em Pandora, eu deveria ter feito algo. E agora eu posso fazer. Eu magoei Ed, provavelmente perdi sua amizade, mas eu ainda o considero muito, e quero o seu bem. Sei que ele está chateado comigo, e talvez seja um dos motivos do que aconteceu.

—Dana — digo séria, preocupada — você deveria ter me contado.

—Eu sei, eu sei — ela diz rápido, levantando as mãos — eu só não queria estragar o

seu noivado.

—Não estragou — digo rápida, me sentindo culpada, e tomo o resto do vinho, me servindo de mais. Pego o celular, vendo mais uma mensagem de Tom, mas não a abro. Desço as mensagens, percebendo há quanto tempo não troco mensagens com Ed, e abro sua caixa de mensagem. Percebo Dana se inclinar para olhar o que estou fazendo, mas não me importo.

—O que você vai mandar? — ela pergunta curiosa, e bebe mais um gole de vinho.

—Você vai ver — murmuro e começo a digitar.

Eduardo, como você está? Eu sei que provavelmente você está furioso comigo e chateado por tudo o que aconteceu — evito citar Pandora, já que Dana está lendo ao meu lado — *mas preciso saber como está. Estou preocupada com você, e como sua amiga, acho que mereço saber o seu bem*

estar, já que percebi o quanto estava estranho. Seu irmão está preocupado com você, por que está fazendo isso? Não é da minha conta, eu sei, mas você não é assim. Não afaste as pessoas que querem o seu bem, peço desculpas, mas sou sua amiga ainda. Me Desculpe por demorar tanto tempo para conversar com você, mas não faça nada que não faria quando estava bem. E não estou pedindo, estou exigindo sua presença aqui. Vou me casar, e como meu amigo, quero você ao lado de Dana.

Envio a mensagem sem pensar novamente. Dana volta a se encostar no encosto do sofá, com os olhos fixos em mim, e bebe mais um longo gole.

—Se ele não respondeu nem o próprio irmão — Dana comenta, e concordo com a cabeça, com os olhos fixos na mensagem ainda. Bebo um longo gole. Merda, não quero pensar na sua reação ao ver a mensagem que irei me casar, mas talvez

ele já saiba pelas notícias de fofocas.

—Talvez ele repense na nossa amizade — murmuro, e encaro Dana, que dá de ombros.

—Talvez ele venha para o casamento — ela comenta. É, talvez. Dana bebe mais um gole, e pega o celular, digitando algo — E Gabriel? — ela pergunta séria, com os olhos no celular — ainda está na cidade?

—Está sim — respondo, tentando esquecer a preocupação com Ed. Me encosto no sofá também, bebendo um longo gole, sentindo o álcool começar a fazer efeito — está em um hotel, mas provavelmente daqui a pouco dará sinal de vida. Ele ficará até o casamento aqui, e depois voltará para a cidade dele.

—Ele não está perdendo aula? — Dana pergunta séria, e em encara. Dou risada, negando com a cabeça.

—Na verdade, está perdendo algumas —

murmuro, decidindo contar a merda que Gabi está fazendo — mas na verdade, das dez matérias que faz, quatro ele — hesito, tentando encontrar um jeito para contar, mas tem algum jeito de contar isso? Dana franze a testa, sem entender — para a sorte de Gabi, ele tem quatro matérias que duas professoras dão, e bem, para a sorte dele, essas duas professoras são um pouco novas e — dou de ombros, vendo Dana abrir a boca — Gabi está transando com elas, e dessa forma conseguiu não ter falta esses dias — conto de uma vez.

—Com as duas? E elas sabem? — Dana pergunta pasma, e começo a dar risada. Nego, bebendo um longo gole de vinho.

—Segundo ele, não. Ambas não se encontram muito, e por isso, ele consegue conciliar. Claro que é errado, mas ele está gostando disso — murmuro, me lembrando de quando Gabi me contou em Lyon sobre isso, dando risadas enquanto

terminava uma lata de cerveja. O censurei, mas segundo ele, ambas gostavam disso, assim como ele, que mal havia? Era errado, muito errado, elas poderiam perder o emprego, mas era problema deles.

—E as outras matérias? — Dana pergunta ainda com um grande sorriso. Dou de ombros.

—Segundo ele, não reprovará porque recuperará com trabalhos, mas Gabi às vezes me surpreende — digo sorrindo também.

—Ainda bem que Tom gosta dele — Dana diz rindo, e sorrio, assentindo, me lembrando de Tom, se é que tem como esquecer.

—É, nem me fale dele — digo, voltando a ficar séria, e decido ver sua mensagem. A abro.

Venha até o meu apartamento, minha Alice.

Ignoro a mensagem, para ele entender que não é assim que funcionará. Ele não pode dizer o

que quiser e depois tudo ficará bem como ele quer, tão rápido. Às vezes Tom é egoísta, e precisa pensar sobre isso.

Volto a minha atenção para Dana.

—E seus pais, Ali, voltam quando? — ela pergunta, bebendo mais. Tomo mais um longo gole, me sentindo um pouco alterada pelo álcool já.

—Eles voltam semana que vem, meu pai nem consegue ainda acreditar que vou me casar tão rápido e cedo assim, mas minha mãe me liga todas as noites agora, perguntando sobre a faculdade e sobre Tom — conto, e começo a rir — além claro, de ligar para ele, para saber o que eu posso ter não contado para ela.

Dana ri, arregalando os olhos.

—E Tom? — ela pergunta curiosa — ele sabe lidar com sua mãe? Não consigo imaginar ele.

—Sabe, e muito bem — a interrompo, rindo, assim como ela — Tom puxa o saco da

minha mãe. Faz de tudo para agradá-los.

—É, realmente não consigo imaginar — Dana diz, fazendo um gesto com a mão, espantada. Ela sorri — E está empolgada em começar os preparativos, afinal, o casamento é daqui a duas semanas.

Respiro fundo, me lembrando da data, e um arrepio passa pelo meu corpo. Merda, não sei lidar com isso, nunca me imaginei casando, e agora preciso organizar.

—Ainda não comecei — digo preocupada e Dana ri — amanhã preciso de você, Dana — digo, virando a taça — tenho que começar a ver o local, o bolo, o vestido — começo a listar e arregalo os olhos, desesperada. Dana começa a rir ainda mais.

—Calma, Ali — ela diz — vou ajudar você em tudo, quero ser a madrinha mais prestativa que alguém terá. Será o casamento mais perfeito —

Dana diz, abrindo os braços — e mesmo que Tom vá junto, eu também irei para ajudar.

Assinto, satisfeita. E é claro que Tom irá junto, Tom sendo Tom, ele também irá participar de tudo, provavelmente até da escolha do vestido.

E ainda temos que escolher onde nos casaremos, a lua de mel. Respiro fundo, ainda mais preocupada.

—Ali — Dana me chama, pegando na minha mão e me tirando dos pensamentos — não se preocupe, tem tempo, ainda mais que você está se casando com Tom Haltender. Dará tudo certo — ela tenta me acalmar e sorrio. Preciso relaxar. Tomo mais um longo gole de vinho.

—Me conte sobre o jantar de hoje a noite — peço, tentando me distrair. Dana sorri, assentindo muito animada, e se ajeita no sofá.

—Carlos irá me buscar às oito horas, e segundo ele, dará tudo certo. Carlos sabe que seus

pais não gostam muito de mim, mas não se importa — Dana começa a contar, me distraindo, e a cada história, começo a rir ainda mais.

Não percebo o tempo passar, conversando com Dana, e só vejo que são seis e meia quando ela se levanta para ir embora. Me despeço dela, desejando boa sorte, assim como estarei aqui para qualquer problema que surgir. Assim que Dana vai embora e fecho a porta, percebo o quanto ela me acalmou e o quanto ela é minha melhor amiga. Sorrio, satisfeita, mais calma, distraída, e decido não pensar em nada. Caminho firme até o quarto e me deito novamente na cama, deixando o celular ao meu lado na cama. Encaro o teto por alguns segundos, cansada, e lentamente a sonolência me invade. Sem pensar em brigas e problemas, adormeço.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Abro os olhos na penumbra do meu quarto, começando a recobrar a consciência. Adormeci e agora já é noite. A luz da lua e dos prédios entram pela janela, deixando o quarto na penumbra, e meus olhos se acostumam. Me inclino para frente, apoiando os cotovelos na cama, e dou um pulo. Meus olhos param na presença parada na porta do meu quarto. Meu corpo inteiro arrepia, sinto meu coração acelerar, como se precisasse bombear sangue para o mundo inteiro, e abro a boca.

Tom está parado na porta, com o braço apoiado na parede, a camisa social branca aberta no colarinho, a calça jeans escura e os sapatos escuros. Seu cabelo louro está bagunçado, e seus olhos azuis escuros são ferozes em mim.

—Alice — ele sussurra com a voz rouca,

sedutor. Sua expressão é de urgência.

Cerro os punhos. Como Tom entrou aqui? Franzo a testa, confusa, encarando-o, e Tom levanta as mãos até o colarinho da camisa, começando a desabotoá-la. A cada botão aberto ele dá um passo na minha direção.

—Tom — digo séria, me sentando na cama — o que faz aqui? — pergunto ríspida.

Tom dá mais um passo na minha direção e para no pé da cama. Ele tira os sapatos, desabotoando o último botão da camisa social, deixando-a solta contra o peito musculoso. Merda, não vou olhar.

E meus olhos descem pelo seu peito malhado. Mordo o lábio, sentindo meu quarto esquentar cada vez mais, minha intimidade derreter, pedindo por ele, o arrepio acelerar meu coração mais e mais. Estou em puro tesão ao vê-lo sedutor, com os cabelos bagunçados, a calça

marcando seu membro duro, seu peito musculoso à mostra e seus olhos ferozes em mim.

—Estou aqui para fazer as pazes, Alice — ele sussurra com a voz rouca, cortando o silêncio do quarto. Respiro fundo, sentindo minha respiração acelerar também, e um suor frio invade meu corpo. Tom se inclina e apoia as mãos na cama, engatinhando na minha direção. Me arrasto para a cabeceira, me afastando.

—Tom, não é assim que se faz as pazes, precisamos conversar — digo firme, vendo Tom Haltender engatinhar na minha cama, feroz, com a expressão selvagem, os olhos ferozes em mim, como um leão dando o bote.

—É assim que eu faço as pazes, Alice — ele sussurra rouco, ainda mais sedutor. Merda, estou perdendo para o meu tesão. Respiro fundo, tentando lutar contra, mas o desejo é ainda maior, e engole minhas palavras. O encaro, de boca aberta,

vendo-o avançar. Seus braços passam ao lado das minhas pernas, e seu corpo começa a cobrir o meu, até o seu rosto estar rente ao meu. Vejo seus olhos azuis escuros na penumbra do quarto, enlouquecidos de luxúria — não me deixe mais sozinho no meu apartamento, Alice. Você é minha noiva, você é minha, e nenhuma briga ou discussão a tirará de mim.

—Então vamos conversar, Tom — sussurro, tentando resistir. Tom, apoiado com os braços na cama, um em cada lado dos meus ombros, e o corpo musculoso sustentado por eles, sem encostar em mim, coloca um dedo sobre meus lábios, me silenciando. Seu corpo caí contra o meu, e sinto seu membro contra meu ventre, empurrando-o, duro. Seu peito musculoso encosta no meus seios, me provocando. Respiro fundo, e Tom aproxima ainda mais o rosto, com o dedo entre nossos lábios.

—Fique quietinha, minha Alice. Você prefere conversar, a me deixar dar prazer a você? — ele sussurra quente como fogo.

—É assim que adultos fazem — sussurro um argumento ridículo. O tesão está me dominando, imperando em mim, e perco qualquer raciocínio. Tom sorri sedutor, tirando o dedo contra meus lábios.

—E é assim que um viciado no seu sexo faz — ele sussurra roucamente contra os meus lábios, com os olhos azuis escuros penetrantes. Merda, não quero mais conversar.

Tom coloca todo o seu corpo contra o meu, e sinto seu corpo quente, definido, empurrando o meu corpo contra a cama. Suas mãos quentes pegam meus pulsos com força e os agarram, levantando-os para o alto da minha cabeça. Mordo o lábio, encarando-o, e empurro o meu ventre contra sua ereção. Tom retesa a mandíbula,

gemendo, e segurando meus braços no alto da cama, com força, me prendendo, ele avança contra os meus lábios.

Sua língua molhada invade minha boca, buscando a minha, e a ponta encosta na minha, sugando-a para uma dança, ditando o ritmo. Sua língua explora minha boca com calma, em um beijo profundo, molhado, e sinto seus lábios macios pressionarem os meus.

—Tom — gemo contra os seus lábios, tentando puxar o fôlego que o beijo tirou de mim, mas Tom não espera, e seus lábios voltam contra os meus. Sua língua entra na minha boca, buscando a minha, e sinto sua língua quente levar a minha até a sua boca úmida, ainda mais quente, saborosa. Gemo contra seus lábios, sentindo seu membro duro pulsar de tesão, e suas mãos largam meus pulsos. Seus dedos começam a descer lentamente, roçando na minha pele dos braços, e chegam até os

cotovelos, adentrando pelos braços. Gemo ainda mais com o toque quente, sentindo a pele arrepiar em cada parte que seus dedos tocam. Sinto o ar do quarto abafado, quente, como se estivesse sendo queimado pelo fogo de Tom. Gemo, e afasto os lábios dos dele, abrindo os olhos.

Arqueio as costas, jogando a cabeça para trás, contra o colchão, e as mãos de Tom agarram meus seios. Sinto seus lábios úmidos tocarem a pele do meu pescoço, e ele o morde levemente, respirando quente contra a minha pele. Gemo, mexendo as pernas embaixo dele, desejando-o. Sinto o tesão me molhar ainda mais, e a cada respiração que sinto contra minha pele, a cada beijo molhado e quente, me excito ainda mais. O tesão sobe pelo meu ventre, e meu coração bate rápido, deixando meu corpo suado.

—Tom — gemo, e seus lábios beijam devagar meu pescoço. Suas mãos apertam com

força meus seios, deixando-os com os mamilos rijos, e fecho os olhos, ardendo de desejo pelo seu fogo.

Tom levanta o rosto, perdendo o contato com minha pele, e abaixo a cabeça, confusa, encarando-o.

—Esse é o meu jeito de pedir desculpas, minha Alice — ele sussurra com a voz rouca inundada de prazer e suspiro, ainda mais excitada ao ouvi-lo desse jeito. Seu semblante é de puro tesão, e Tom apoia os braços na cama, impulsionando o corpo para cima, retesando os músculos. Ele se levanta e saí da cama. Franzo a testa, sem entender, e Tom para no pé da cama, me encarando.

—O que está fazendo? — pergunto sem entender, e Tom sorri torto, sedutor, safado. Seus olhos são devassos em mim, Tom se inclina, agarrando meus tornozelos sobre a calça e me puxa,

me arrastando na cama, até minhas pernas estarem fora dela, uma em cada lado de Tom. Dou um grito, surpresa, e Tom me encara.

—Desabotoe a calça, Alice — ele ordena, autoritário, devasso. Mordo o lábio, assentindo, e lentamente abro a calça sob seu olhar. Tom retesa a mandíbula e se inclina sobre mim, agarrando minha cintura e me levantando. Paro de pé na sua frente, encarando-o, e Tom tira a camisa social, revelando seus braços torneados. Suspiro, excitada ao vê-lo, e Tom desce com as mãos até o cós da minha calça, puxando-a para baixo. Sinto um arrepio assim que a calça desliza e sorrio, excitada. Tom encara minha calcinha branca, rendada, e retesa a mandíbula, me encarando ferozmente.

—Eu não me canso de sentir você, inteira minha — ele sussurra — eu não me canso de dar prazer à você.

Perco a fala, apenas encarando-o, e Tom

começa a desabotoar minha camisa, botão por botão, com os olhos fixos em mim, urgentes.

—Então me dê prazer, Tom — sussurro devassa, ansiosa por sentir seus lábios, por senti-lo em mim. A expressão de urgência de Tom se torna selvagem, e ele puxa os lados da minha camisa, deixando os últimos botões saltarem. A camisa desliza pelos meus braços, e fito seu rosto devastado de tesão. Seus olhos se fixam no meu sutiã branco, e ele agarra meus seios sobre o sutiã, beijando-os. Gemo, sem conseguir tirar os olhos dele. As mãos de Tom deslizam pelas minhas costelas até chegarem nas minhas costas, e ele abre meu sutiã, deixando-o deslizar pelos meus braços também, deixando à mostra meus seios. Tom sorri, encarando-os, e sorrio também, confiante comigo, sentindo prazer ao ver o seu prazer. Suas mãos descem para a minha calcinha, e ele a puxa para baixo, revelando minha intimidade nua. Mordo o

lábio inferior, sem me sentir insegura, e Tom retesa a mandíbula, com os olhos desejosos em mim. Ele avança contra o meu rosto, colocando os lábios no meu ouvido, encostando o peito definido nos meus mamilos. Sinto-os se tornarem ainda mais rijo, e minha intimidade se inunda de tesão. Merda, eu preciso tê-lo, eu quero ter Tom agora, quero sentir seu fogo.

—Deite na cama — ele sussurra a ordem, e assinto lentamente. Vou fazer o que ele me pedir, porque sei que será para o meu prazer, e eu o quero. Dou um passo para trás, encarando sua expressão autoritária mas inundada de tesão, de pura luxúria e sexo. Sento na cama e me arrasto, sem tirar os olhos de Tom, até parar no meio da cama. Me deito devagar, com os olhos nele, e sorrio, abrindo lentamente as pernas, me entregando.

—Porra, Alice — Tom geme, enlouquecido de tesão, sua expressão é feroz. O

encaro, e vejo Tom abrir a calça devagar, mas com os olhos urgentes em mim. Ele a tira, e o encaro parado no pé da cama, apenas de cueca preta. Tom é o deus do sexo, é sexo puro.

Minha intimidade pulsa, desejando-o, e Tom volta a avançar sobre a cama, engatinhando na minha direção. Meu coração adivinha o que ele fará e bate frenético no meu peito, ansioso por senti-lo. Abro a boca, me preparando para senti-lo, estou derretendo mesmo antes de qualquer toque. Tom para no meio das minhas pernas e senta sobre suas pernas. Tom coloca as mãos nas minhas coxas, e sinto seu toque quente me esquentar ainda mais.

—Tom — chamo seu nome como um pedido.

—Estou aqui, minha Alice — ele sussurra com a voz rouca, elevando o nível de tesão do meu corpo, se isso é possível.

Encaro seu rosto com o semblante

selvagem, seus lábios entreabertos e seus olhos azuis escuros, banhados de luxúria. Tom lentamente se inclina para baixo, se aproximando da minha intimidade, e seus lábios quentes tocam meus grandes lábios, arrepiando-os.

—Tom — gemo seu nome, jogando a cabeça para trás e agarrando o lençol. Seus lábios beijam minha intimidade, e sinto sua língua roçar pelos meus grandes lábios, saboreando-os. Mordo o lábio, tentando abafar o gemido. Tom suga meus grandes lábios, e sua língua penetra por eles, saboreando o caminho. A ponta da sua língua encosta no meu clitóris, e dou um pulo, derretendo na sua boca — Tom — gemo novamente, mais alto, e sua língua circula meu clitóris, se deliciando nele. Sinto-a quente, molhada, me excitando, e adentro em um mundo de prazer dado pela boca de Tom. Agarro com mais força o lençol, arqueando as costas, sentindo a língua de Tom me provocar em

círculos ao redor do meu clitóris, devagar, e abaixo a cabeça, encarando seu rosto no meio das minhas pernas. Sua língua encosta na ponta do meu clitóris, me inundando de prazer, e gemo, sentindo sua língua fazer novamente círculos ao redor do meu clitóris, aumentando cada vez mais o ritmo e a força. Respiro ofegante, sentindo o ar fugir de mim, meu corpo suar cada vez mais de prazer, meu coração acelerado, e a língua de Tom desce para os meus pequenos lábios no mesmo instante que ele suga meus grandes lábios — Tom — gemo seu nome sem fôlego, vagando no meu mundo de prazer, sentindo o gozo subir pelo meu ventre, se alastrando pelo meu corpo em um arrepio e me derreto em seus lábios quentes, sentindo o quarto pegar fogo, me sentindo queimar em chamas de prazer feitas por Tom. Meu corpo dá um espasmo, rodopiando dentro de ondas inebriantes de prazer, e abro a boca, respirando fundo. Estou

enlouquecendo de prazer.

Sinto as mãos quentes de Tom apertarem minhas coxas, e sua língua avança contra meu clitóris novamente, em círculos contínuos, rápidos e quentes. Desço os braços e agarro os cabelos de Tom, incentivando-o a continuar. Faço força com as pernas contra suas mão, rodopiando dentro do meu mundo de prazer. Encaro seu rosto por alguns segundos, sentindo meu ventre queimar de prazer, e fecho os olhos, gemendo sem parar, cada vez mais alto. Tom suga novamente meus grandes lábios, mordiscando-os, enquanto sua língua continua em um movimento prazeroso de vai e vem contra meu clitóris, descendo para os meus pequenos lábios. Gemo seu nome, e sou engolida pelo gozo. Meu ventre queima de prazer, subindo em ondas que me deixam embevecidas, e agarro com força seus cabelos, perdida em prazer. Gemo alto seu nome, sentindo meu corpo entrar em uma onda de

espasmos, anunciando meu orgasmo, e entro em êxtase na boca de Tom, derretendo de prazer. Gemo seu nome cada vez mais alto, em um orgasmo enlouquecedor e Tom suga meus grandes lábios, envolvendo meu clitóris, sugando meu prazer para si. Jogo a cabeça para trás, enlouquecida no orgasmo que estou, empurrando o rosto de Tom contra minha intimidade, sem forças, sem pensamentos. Entro no meu mundo do esquecimento, apenas sentindo o prazer queimar meu corpo, e respiro ofegante, sem ar, sentindo meu coração saltar pela boca. A língua de Tom prolonga meu orgasmo, e gemo mais baixo, me sentindo vagar em um gozo puro, que arrepia meu corpo por segundos sem parar. Tom afasta o rosto da minha intimidade e levanta a cabeça, me encarando, vendo minha expressão enlouquecida de tesão. Estou perdida dentro do orgasmo e não consigo parar, sentindo meu corpo ter espasmos

arrepiantes. Encaro seu rosto enlouquecido de tesão, seus olhos azuis escuros ferozes em mim e seus lábios molhados entreabertos.

—Você está como eu quero — ele sussurra enlouquecido, mas não consigo raciocinar nem entender, perdida no orgasmo que ainda me domina. Tom apoia as mãos no lado do meu corpo e engatinha sobre mim. Semicerro os olhos, ainda gemendo, e vejo Tom agarrar seu membro duro, grosso, guiando-o no meio das minhas pernas. Arregalo os olhos, entendo o que ele quis dizer. Sinto a cabeça do seu membro roçar nos meus grandes lábios, já sensíveis, e seu membro os abre lentamente. Encaro o rosto banhado de tesão de Tom, com os olhos fixos em mim, famintos, desejando me sentir, ansiosos por estar dentro de mim, aproveitar meu orgasmo.

Respiro ofegante, desejando-o ainda mais, queimando dentro do meu próprio orgasmo, sem

forças embaixo de Tom. Seu braço continua flexionado ao lado do meu ombro, sustentando seu corpo, enquanto sua outra mão guia seu membro. Sinto seu membro abrir meus grandes lábios, sensíveis, e Tom me penetra com força.

—Alice — ele geme contra meu rosto, rouco, enlouquecido de prazer. Sinto seu membro me abrir, me rasgando de prazer, e gemo alto, agarrando suas costas com as unhas. As finco na sua pele, enlouquecida de prazer, sem conseguir me controlar, e puxo o seu corpo contra o meu, sentindo seu braço ceder ao meu lado, e todo o seu corpo encosta no meu. Me sinto explodir de prazer, já sensível por ter gozado, e o membro de Tom dentro de mim parece intensificar todas as sensações. O sinto ainda mais dentro de mim, cada parte, e encaro seu rosto de puro prazer, sua mandíbula retesada, seus olhos perdidos em gozo.

—Tom — gemo seu nome, arranhando

suas costas, puxando-o para mim. Ele me encara, com os olhos ferozes em mim. Sua expressão é selvagem, e ele abre os lábios, sem dizer nada, deixando os cabelos caírem sobre a testa, bagunçados.

Sinto seu corpo roçar no meu e gemo. Seu quadril empurra o meu, e seu membro me penetra ainda mais, com força. Gemo, puxando-o mais para mim, e Tom afasta o quadril, saindo de dentro de mim. Sinto sua falta e ao mesmo tempo sou preenchida novamente. Envolvo seu quadril com as pernas, incentivando o movimento. Sinto seu corpo muito quente contra o meu, molhado de prazer, e Tom rosna de gozo, com o rosto contra o meu. Seu quadril se afasta do meu novamente, e Tom me penetra de novo, com força. Sou preenchida novamente por ele, me sentindo rasgar de prazer, sentindo Tom inteiro dentro de mim, com força, e ele sai, começando a estocar. Desço as mãos pelas

suas costas, me lembrando do P de Pandora, e passo pela sua lombar, chegando na sua bunda definida. A agarro, empurrando-a contra minha intimidade, incentivando as estocadas de Tom.

—Porra, Alice, como eu preciso de você — Tom geme contra meus lábios, com os olhos azuis escuros fixos em mim, vidrados de prazer, perdido em seu próprio mundo, e sua expressão selvagem. Tom começa a estocar com força, entrando e saindo de dentro de mim, e a cada vai e vem, gemo junto com seu rosnado profundo de prazer, sentindo seu membro me preencher inteiro. Aperto ainda minha sua bunda, empurrando-a, incentivando o movimento, e a cada estocada, meu ventre queima de prazer ao sentir seu membro dentro de mim, se alastrando em um arrepio. Gemo seu nome, com os olhos fixos nos dele, rosto com rosto, em um confidência de prazer, gemendo ao mesmo tempo em que ele. Começo a movimentar o

quadril no mesmo ritmo das suas estocadas, e Tom começa a gemer mais alto. Sinto meu corpo queimar inteiro, e novamente os espasmos começam a me dominar.

—Tom — gemo seu nome, sentindo minha intimidade derreter novamente, ainda mais sensível. Tom aumenta o ritmo, e com as pernas envolta do seu quadril, agarro seus ombros, empurrando-o para o lado. Tom cede, deitando na cama, e paro em cima dele, cavalgando no seu membro. Coloco as mãos no seu peito, unhando-o, e Tom geme, com os olhos fixos nos meus. Começo a rebolar cada vez mais rápido, sentindo os espasmos se intensificarem, e rebolo com mais força. Tom agarra meus seios, acariciando meus mamilos, e gemo, sentindo o êxtase me inundar novamente. Entro no orgasmo, rebolando devagar, sentindo meu corpo rodopiar em prazer. Entro no meu mundo e fecho os olhos, gemendo alto,

sentindo o arrepio me jogar no fogo e me deixar no meu mundo de prazer puro, sublime. me deixando sem ar, ofegante, com o corpo trêmulo e o coração acelerado. Cada parte do meu corpo parece saltar de gozo, me inebriando, e abro os olhos, sem forças, encarando o rosto de puro prazer de Tom. Seus olhos parecem sair de orbita, de puro prazer, e percebo que Tom está prestes a gozar. No mesmo instante, me levanto e saio de cima dele. Tom abre a boca, confuso, perdido em gozo, sem entender, me encarando. Sorrio, ainda ofegante, extasiada e ao lado do corpo de Tom, encaro seu membro duro, pulsando, precisando de mim. Tom franze a testa, com a boca semiaberta, sem entender. Também quero dar o mesmo prazer à Tom.

Sorrio e me inclino para baixo, sentada sobre as pernas. Tom arregala os olhos, entendendo, e coloco a mão direita ao redor da base do seu membro grosso, pulsante. Tom franze a

testa, mergulhado em prazer, e me inclino mais. Abocanho sua ereção, sugando-a na minha boca, e desço com os lábios o máximo que consigo, sugando-o com força, acariciando seu membro com a língua. O sinto dentro da minha boca, potente, urgente, e olho para Tom. Subo com a boca e desço novamente, acompanhando com a mão.

—Alice — Tom geme com a voz arrastada, rouca, e joga a cabeça para trás, com os olhos fixos em mim, mas sem foco, perdido em prazer. Começo a subir e descer com a boca e a mão, cada vez mais rápido e mais forte, com os olhos fixos na expressão enlouquecida de Tom, devastado de prazer, mergulhado em um mundo de gozo. Ele geme meu nome mais uma vez, gemendo cada vez mais alto. Começo a fazer movimentos alternados, sugando seu membro, enquanto subo o desço com a boca e com a mão, e com a língua começo a circulá-lo, desce a cabeça até a parte em

que alcanço. Tom geme, enlouquecido, e com uma mão, agarra meus cabelos com força, incentivando o movimento — mais — ele geme, empurrando minha cabeça contra seu membro. O sugo cada vez mais rápido e mais forte, com os olhos em Tom, vendo-o agarrar o lençol com força. Tom joga a cabeça para trás, com uma expressão enlouquecida de prazer, e franze a testa, com os olhos fixos em mim, banhados de gozo. Seu corpo estremece e seu membro pulsa na minha boca com espasmos. Tom abre os lábios úmidos.

—Alice — ele geme alto, rouco, e seu membro pulsa com força dentro da minha boca. Tom entra em êxtase, vagando pelo puro orgasmo, e seus olhos permanecem fixos em mim, mas mergulhados em seu mundo de prazer, enlouquecidos. Toco cada vez mais forte, sem parar. Sinto sua goza, seu prazer, que me queima, me excita e me mostra o quanto dou prazer para ele

— Alice — Tom geme meu nome novamente, devastado de prazer, e afasto os lábios, soltando seu membro duro, sensível. Sorrio, vendo-o ofegante, com o corpo molhado de prazer, quente.

—Estou aqui, meu Tom — sussurro sedutora para ele, vendo-o entregue para mim, para o prazer que eu dei, sem forças. Me inclino sobre ele e beijo levemente seus lábios úmidos. Vejo seu corpo arrepiado, sua respiração ofegante que faz seu peito subir e descer, e coloco a mão sobre seu coração, sentindo-o acelerado. Sorrio ainda mais e desço com os dedos pelo seu abdômen, contornando cada curva. Tom sorri para mim, ainda ofegante, e agarra meu rosto, acariciando-o. Encaro seus olhos azuis escuros, ferozes em mim, e aproximo o rosto.

—Venha comigo — sussurro contra seus lábios e me afasto, saindo da cama. Paro nua, de costas para ele, e viro a cabeça sobre o ombro,

encarando-o sedutor, deitado nu na minha cama. Sorrio, e viro a cabeça, caminhando para fora do quarto. Entro no banheiro e abro o boxe, ligando o chuveiro. Entro embaixo da água e olho para trás, vendo Tom entrar no banheiro, nu, sedutor, irresistível, quente.

Ele sorri, charmoso, e avança pelo banheiro, entrando embaixo da água comigo. A água caí sobre seus ombros, deslizando sobre seu corpo e seus cabelos, e retesa a mandíbula, agarrando minha cintura e me puxando contra seu corpo. Contorno seus ombros com os braços, embaixo da água com ele, e sorrio, encarando.

Suas mãos descem para a minha bunda, e ele a aperta, subindo novamente para as minhas costas, acariciando-as. Aproximo o rosto do dele, e beijo suavemente seus lábios.

—Você é irresistivelmente quente, meu Tom — sussurro contra seus lábios. A expressão de

Tom é de puro prazer, enlouquecida, e ele sorri sedutor, embaixo da água que caí sobre nós.

—Você é meu fogo — ele sussurra roucamente contra meus lábios, com os olhos azuis escuros fixos em mim, ferozes.

Encaro o celular mais uma vez, vendo que é duas e meia da tarde.

Depois de transar quase a noite inteira com Tom, conversamos sobre o contrato. Tom não quis mais insistir, dando como encerrado o assunto, e concordei com ele. Não haverá contrato, e seu pedido de desculpas foi muito bem aceito.

Tom dormiu no meu apartamento, mas acordou mais cedo como sempre, indo malhar e depois para a empresa.

Ed não respondeu minha mensagem, e acho que nem responderá, mas me preocupo com ele, e gostaria que estivesse bem. Já Gabriel, me mandou mensagens de manhã, perguntando se poderíamos jantar hoje, convidando Tom. Concordei, assim como Tom, quando perguntei. Minha mãe pediu

que eu a deixe a par de todas as decisões e semana que vem já estará aqui.

Tom me mandou mensagens de manhã e de tarde, perguntando como estou, ansioso por me ver, como se não tivéssemos passado a noite juntos, além de uma pergunta inusitada. Se eu queria ajudar ele a escolher uma nova estagiária, já que eu decidi não voltar a trabalhar lá. Ainda não decidi, mas acho que uma pequena ajuda não significa nada, e ele pediu porque quer que eu o ajude a encontrar alguém qualificado, apenas isso. Acredito que uma vez não significa nada.

Na faculdade, estou conseguindo colocar em dia todas as matérias, e durante a manhã inteira consegui não pensar sobre os preparativos do casamento, prestando atenção nas aulas.

Mas agora, encarando a hora mais uma vez, meu coração parece assustado, batendo frenético no meu peito. Dana está me esperando lá embaixo,

assim como Tom. Marquei com ambos para hoje começarmos a ver os preparativos. Ainda não escolhemos o local, e veremos com a decoração que Tom indicou onde será melhor, além claro, de conversar com Tom sobre as ideias onde podemos nos casar. É, eu já tenho algumas, e talvez Tom concorde.

Respiro fundo, encarando meu reflexo no espelho. Encaro a calça jeans escura, a blusa de alças finas, amarela clara, e meu cabelo solto, assim como a maquiagem leve que fiz, e pego minha bolsa, descendo.

A cada minuto, meu casamento se aproxima, e hoje começarei os preparativos com Tom.

Desço pelo elevador e atravesso o hall de entrada. Vejo Dana dentro do seu conversível. Sorrio, acenando para ela, que ergue o braço e acena de volta, animada. Desvio os olhos dela e

vejo Tom, encostado na lateral do seu Audi preto, com os braços cruzados. Tom está com uma camisa social azul, uma calça jeans escura e o cabelo bagunçado propositalmente. Sua expressão é de urgência, ansiedade, e percebo que está sem jeito para começar os preparativos. Sorrio, percebendo que Tom está inseguro, já que nunca fez isso antes. Sorrio ainda mais, e caminho na sua direção. Tom descruza os braços e agarra minha cintura, me puxando contra o seu corpo. Encosto o meu corpo no seu, sentindo-o quente, me esquentando e excitando. Respiro fundo, sentindo minha intimidade derreter, e coloco as mãos no seu peito, desejando-o. Tom é sempre quente. O ar parece ainda mais quente, mais abafado, e um calor me invade. Respiro fundo novamente e encaro seu rosto com a expressão urgente. Sorrio, achando-o ainda mais irresistível por isso. Ele não sabe o que fazer nessa situação de casamento e está nervoso

com isso.

Aproximo os lábios dos dele.

—Dará tudo certo — sussurro contra seus lábios, demonstrando que percebi. Tom sorri um pouco nervoso. Dou um beijo levemente nos seus lábios quentes, tentando acalmar o tesão de senti-lo assim, e afasto os lábios. Sua expressão é de urgência, e seus olhos azuis escuros são ferozes em mim.

EDUARDO CONSTANCER

Eu poderia estar deitado na minha cama, ouvindo Armando sair com Anya novamente, se afundando cada vez mais na merda que eles têm. Eu poderia estar pensando em Alice. Porra, na verdade estou.

Abro os olhos na penumbra de um quarto de hotel luxuoso, mal iluminado por um abajur

amarelado, com cortinas escuras, pesadas, um grande tapete bordo e paredes com detalhes em dourado. Muita ostentação para a minha cabeça.

A porta do banheiro abre e encaro a mulher morena sair nua, com um grande sorriso e lábios vermelhos.

—Já está acordado? — Mercedes pergunta para mim e recosto a cabeça nos travesseiros. Dormi ao seu lado a noite inteira, a semana inteira, ouvindo-a gemer, ouvindo-a ditar as regras, como se eu já não me importasse mais com o que acontecesse comigo. Viro o rosto, encarando as duas garrafas de uísque caro, vazias. Eu já não me importo, na verdade.

—Não dormi direito — murmuro e volto a encarar Mercedes. Ela é tão estranha para mim. Estou há um mês com essa mulher, mas eu não a conheço realmente. Desde que Armando me apresentou para ela, Mercedes me perseguiu, como

se gostasse de brincar de gato e rato, e tanto no meu apartamento como na rua, eu a via, quando na verdade poderia ser apenas minha imaginação. Era uma perseguição sem que eu soubesse, e eu perdi sem entender.

E quando eu a encontrei nua no meu quarto, me esperando, me lembrei da merda que aconteceu com Alice. Ela era a mulher que estava com Anya naquela noite em que ajudei Tom Haltender. Ela era a velha amiga de Anya, por isso Armando me apresentou para ela, provavelmente a mando de Anya.

Mas eu estava cansado, eu estava triste, e vê-la me chamando para a cama esgotou todas as minhas forças, e me meti nessa merda. Fodi com tudo e fodi com Mercedes, aceitando ir à um evento chamado Pandora. Ela não me contou nada, apenas me convidou, e para a minha surpresa, era sexo puro, assustador. E excitante.

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu estava me acostumando com aquele lugar, mas então o primeiro espetáculo começou, e acabou comigo. Alice estava lá, com toda a sua força, maravilhosa, e não consegui mais pensar em Mercedes, apenas na única mulher que ainda amo.

Me tranquei em um quarto, esperando a merda da noite passar para voltar para o meu apartamento, mas para o meu espanto, Alice estava no quarto, Alice me beijou e me deixou agarrá-la. Eu estava prestes a transar com ela, mesmo sabendo que ela jamais sentiria algo por mim. Eu mandei tudo a merda e qualquer decência de respeitá-la. Eu a queria, eu a tinha nas mãos e iria aproveitar.

E para o meu azar, a mulher de um dos Lehanster apareceu e estragou tudo. Alice me deixou, sem que na verdade nunca esteve realmente comigo. E Mercedes voltou. Não a quis, estava quebrado, ainda estou, e ela me tirou de lá.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mas não voltei para o meu apartamento. Fomos para o quarto de hotel de Mercedes, e lá eu enchi a cara, apenas lembrando do corpo de Alice nas minhas mãos, do seu beijo, da sensação de tê-la deitada na cama comigo. Eu quase a tive, e na verdade não consigo imaginar a real sensação de tê-la.

Enchi a cara como Armando faz quando Anya o deixa, quando Anya o manda para longe. Enchi a cara como se eu fosse um homem doentio, e desde então não passo um minuto sóbrio. Já perdi a conta de quanto gastei nesse bar do hotel ou em quanto sexo tive com Mercedes. Ela é esperta, e vendo o meu estado, abaixou minhas calças, me chupou, transou comigo, e desde então eu tenho estado a seu dispor, em um estado de embriaguez e sexo.

Eu respiro a merda que estou vivendo, e não quero ouvir qualquer censura de Armando em suas

mensagens, por isso deixo o celular no silencioso, longe da cama, dos meus ouvidos.

—Vamos sair hoje? — Mercedes pergunta, rebolando na minha direção. A encaro, bêbado, sentindo meu corpo mergulhado no álcool.

—Para onde? — pergunto sem a mínima vontade de ouvir a resposta. Mercedes sorri, colocando os joelhos na cama e engatinhando na minha direção. Vejo uma camisinha na sua mão direita, e ela a abre com a boca.

—Para uma festa — Sussurra com o pacote de camisinha na boca. Sorrio, sentindo meu pau começar a se erguer. Porra, é como se essa parte do meu corpo funcionasse sozinha, enquanto minha cabeça ainda continua em outra mulher, Alice.

Mercedes engatinha na minha direção, rebolando a bunda de um lado para o outro, hipnotizando meus olhos. Abro a boca, apenas

encarando-a, e seu rosto para sobre o meu, suas pernas ao redor do meu quadril, e suas mãos no meu peito. Ela sorri, satisfeita, ainda segurando a camisinha com os dentes.

—Vamos jogar antes, meu querido — ela sussurra, deixando a camisinha cair sobre a minha boca. Minha ereção se sente aprisionada pela calça, e porra, estou de novo no meu estado catatônico de embriaguez. É como se tudo flutuasse ao meu redor, como se eu não tivesse controle sobre o meu corpo, como se eu estivesse me assistindo como uma terceira pessoa.

Sinto o cheiro amadeirado do perfume de Mercedes nas minhas narinas, seus cabelos castanhos escuros caem sobre meus ombros, roçando as pontas, e no meu controle automático, no qual estou desde que saí de Pandora, abro a calça, puxando minha cueca branca para baixo. Meu pau salta para fora, roçando no ventre de

PERIGOSAS NACIONAIS

Mercedes, que olha para baixo, sorrindo.

—Alguém está começando a mudar — Mercedes sussurra maliciosa. Mordo o lábio inferior com força, encarando seus olhos bem maquiados. Ela abaixa mais o rosto e lambe meus lábios, me provocando. Subo com as mãos até sua bunda, apalpando-a com força.

—Vamos foder — sussurro inebriado e puxo o quadril de Mercedes mais contra minha ereção, deixando meu pau roçar nos seus grandes lábios. Mercedes morde o lábio inferior, satisfeita e agarra meu rosto pelo queixo, aproximando os lábios dos meus.

—Quem será algemado hoje? — ela sussurra provocativa. Semicerro os olhos, me lembrando da noite anterior, quando ela pediu para ser algemada.

—Ninguém — respondo autoritário, procurando alguma normalidade nessa vida de

PERIGOSAS ACHERON

boêmio. Agarro seu rosto também, apertando sua bunda com a outra mão, e grudo meus lábios nos de Mercedes, abrindo sua boca com a língua. Invado sua boca, caçando sua língua em um beijo violento, ouvindo-a gemer, satisfeita. Encosto a ponta da minha língua na sua, envolvendo-a em uma dança erótica, e a sugo para a minha boca. Mordo seu lábio inferior, puxando-o para mim. Mercedes afasta o rosto, me encarando felinamente, e se levanta do meu corpo. Ela para ao lado da cama, com os olhos no meu pau.

—Vou trabalhar um pouco em você — ela sussurra devassa e reviro os olhos, sentindo o álcool subir ainda mais na minha cabeça. Ela sorri, percebendo o quanto estou perdido, e caminha até a mesa do outro lado do quarto. A vejo pegar um óleo afrodisíaco e mais uma garrafa de uísque Dalmore. Ela sorri, erguendo a garrafa para o alto e se vira de frente, deixando seus seios balançarem

no ar, me atraindo. Mercedes caminha de volta para a cama e coloca o uísque e o óleo sobre o criado-mudo, pegando a camisinha caída ao meu lado na cama.

—Você não cansa de sexo? — pergunto ainda mais embriagado. Ela sorri, negando.

—Você não cansa de murmurar apenas um nome enquanto está bêbado? — Mercedes joga na minha cara o buraco onde me encontro. E meus pensamentos voltam para a ideia de que Alice ainda está com Tom Haltender, o homem que não merece ela.

Encaro Mercedes por alguns segundos, vendo-a tirar a camisinha de dentro do pacote aberto.

—Você não se incomoda em foder comigo enquanto penso em outra mulher? — pergunto sério, tentando desvendá-la. Mercedes sorri maliciosamente e movimenta apenas os olhos, me

encarando por alguns segundos.

—Eu não quero seu amor, meu querido. Sou uma mulher prática, gosto da prática do sexo, não do envolvimento. E se você ainda estiver ao meu dispor com esse pau e essa energia, pode pensar em todas as mulheres do mundo. Não quero seu pensamento, quero seu pau — Mercedes responde franca, com um sorriso enigmático.

Se ela pensa assim, me traga mais uma garrafa de bebida, por favor.

Sorrio para ela, satisfeito com a resposta.

Mercedes se inclina sobre meu pau, prestando mais atenção nele do que em mim realmente, e coloca a camisinha, sorrindo. Ela agarra o óleo com uma mão e passa sobre meu pau e coxas. Coloca o óleo de volta ao local e pega a garrafa de uísque, subindo na cama. A observo sentar sobre as pernas no meio das minhas pernas, e sorri ainda mais, abrindo a garrafa.

—Vai beber antes de me chupar? — pergunto curioso, franzindo a testa. Mercedes me encara, séria.

—Meu querido, não vou chupar você — ela responde seca e coloca a garrafa aberta no meio das pernas, equilibrando-a. Mercedes se inclina e agarra minhas coxas com as mãos, cobertas de óleo. Um arrepio sobe pelo meu pau, e sinto seus dedos começarem a massagear a pele no local. Um prazer sobe pelo meu corpo, uma sensação inebriante de álcool e prazer me invade, e reviro os olhos, deixando um gemido escapar. Sinto tesão ao sentir sua massagem descendo e subindo pelas minhas coxas, excitando ainda mais minha ereção. Mercedes permanece com os olhos fixos na minha expressão de gozo, atenta.

Fecho os olhos, me deixando levar pelo prazer, e sinto meu pau vibrar cada vez mais, excitado. Meu corpo parece mergulhar em ondas de

arrepios constantes e um fogo que queima cada parte do meu corpo. Meus pensamentos vagam pelas mãos que massageiam minhas zonas erógenas e caem em cabelos louros, olhos claros e um sorriso que me atraí. Alice. A vejo seminua em Pandora, seus lábios, sua voz. Abro os olhos encarando a mulher morena no meio das minhas pernas, Mercedes.

Suas mãos agarram a base do meu pau, e ela sorri, me atraindo.

Ela aperta a base com uma mão, e com a outra pega a garrafa. Franzo a testa, curioso.

—O que vai fazer? — pergunto em um sussurro. Mercedes levanta a garrafa, e olha para cima, levantando a cabeça. Ela vira a garrafa no alto, deixando um fio de uísque descer pelo ar até sua boca, deixando a língua para fora. Lentamente o uísque desce na sua boca e se esparrama, descendo pelo queixo e caindo sobre seus seios. Ela

movimenta a garrafa para frente e olha para mim, deixando o uísque cair sobre meu pau, molhando a cama. Ela lambe os lábios.

—Agora eu vou chupar você — ela diz devassa, e larga a garrafa de uísque na cama, sem se preocupar. Mercedes se inclina, com as duas mãos no meu pau molhado, e começa a chupá-lo. A encaro, gemendo, desejando mais, e Mercedes começa a me chupar com força, movimentando as mãos.

—Porra — gemo, jogando a cabeça nos travesseiros e fechando os olhos. Sinto sua boca ao redor do meu pau, sugando-o, massageando-o, e o único pensamento me invade. O meu desejo era que fosse Alice, e merda, o álcool faz mais efeito ainda. Tudo parece rodopiar, e a ideia de imaginá-la no lugar de Mercedes me domina. Abro os olhos e encaro Mercedes, puxando sua cabeça pelos cabelos.

A levanto do meu pau e com veemência a jogo na cama, abrindo suas pernas com o quadril e arranco minha calça jeans. Ela gargalha, satisfeita, e a encaro surpreso.

—Quem você acha que eu sou? — ela adivinha minha necessidade, e sorri ainda mais. Agarro seu quadril com força, puxando-o contra meu pau, e me ajoelho na cama, inclinado para frente, erguendo sua bunda da cama.

—A mulher com quem foderei — rosno furioso por desejo e muito, demasiadamente bêbado. Fodidamente bêbado.

A encaro, imaginando Alice no lugar, e meu desejo me consome. Cerro os dentes, fantasiando junto com o álcool e agarro seu pescoço, empurrando-o contra a cama.

—Isso, meu amor, vamos — Mercedes grita devassa, me incentivando. Porra, essa mulher é louca.

PERIGOSAS NACIONAIS

Puxo sua bunda para o alto, puxando-a contra meu pau, e com a outra mão agarro a base dele, guiando-o até onde quero. Ela sorri, oferecendo mais e agarra os próprios seios com as mãos, me provocando. Gemo e me enfio todo dentro dela, sentindo-a apertada, molhada para mim. Fecho os olhos, sentindo todo o tesão explodir em prazer e ouço o gemido de Mercedes. Movimento o quadril para trás e a penetro novamente, abrindo os olhos e cerrando os dentes, abafando meu gemido.

Sinto o prazer se irradiando pelo meu corpo, me queimando, e encaro o rosto mergulho de prazer de Mercedes, rebolando o quadril no meu pau enquanto estoco com força. Me inclino contra ela, agarrando sua cabeça com ambas as mãos e avanço contra seus lábios, estocando cada vez mais forte até balançar a cama. A beijo, buscando sua língua, explorando sua boca e trazendo sua língua até a

PERIGOSAS ACHERON

minha boca. Gemo contra seus lábios, me enterrando com violência nela. Desço com as mãos e com a boca, trilhando um caminho com a língua até o meio dos seus seios. Agarro o direito com força e chupo o mamilo, ouvindo-a gemer ainda mais. Me afundo nela mais rápido, sentindo tudo rodopiar ao meu lado, a sensação de embriaguez e prazer me tirando da realidade, e assim que subo os olhos, vejo o rosto de Alice no lugar de Mercedes.

Que porra está acontecendo comigo? Estou tão bêbado assim?

Subo com os lábios novamente até sua boca e beijo Mercedes, fechando os olhos e me esquecendo da realidade. Estoco ao mesmo tempo em que Mercedes rebola cada vez mais, e espasmos começam a subir pelo meu corpo, arrepiando até o meu pau. Gemo em um rosnado e gozo, me sentindo em um orgasmo delirante. Estoco devagar mas com força, me perdendo dentro de Mercedes, e

abro os olhos, sentindo suas unhas criando uma trilha nas minhas costas. A encaro, voltando a realidade, sentindo o suor escorrer pelo meu peito, pelas minhas costas, e Mercedes sorri.

—É tão bom ter você, Ed — ela sussurra maliciosa e cerro os dentes, sem conseguir raciocinar, apenas fitando os olhos devassos de Mercedes. Quem é essa mulher realmente? Acho que está na hora de descobrir.

Gemo, saindo de dentro de Mercedes, e me largo ao seu lado na cama, ofegante, respirando fundo. Encaro o teto com o grande lustre ostentoso por alguns segundos, sentindo Mercedes ofegante também ao meu lado.

—Quem é você? — faço a pergunta que uma pessoa normal teria feito há dias. Mercedes começa a gargalhar.

—Sou uma mulher que você não precisa se preocupar — ela sussurra firme. Viro a cabeça,

sério.

—Não, não nomes — sussurro, curioso. Estou tão bêbado que estou interessado em saber sobre uma mulher que na verdade não me interessa. Ela sorri, me encarando por alguns segundos, como se decidisse o que contar. Insisto — eu sou apenas mais um cara, não sou? Você se sente bem trocando de homem como troca de roupa?

Mercedes me olha como se sentisse pena, e levanta uma mão, acariciando meu queixo, ainda deitada ao meu lado.

—Roupas foram feitas para serem trocadas, e homens — ela sorri — homens são tão bem feitos que aprecio conhecer vários. Não vejo isso do modo que você vê. Sou uma mulher livre, não me apaixono fácil, aproveito o homem até o momento certo para então me divertir com outro. Não fui criada assim, mas aprendi a ser assim. Por que não posso escolher como ser sem me julgar ao

mesmo tempo? Sou o que quero, quando quero.

Encaro ela por alguns segundos, não acreditando realmente nas suas palavras.

—É algum trauma com relacionamentos? — pergunto sério, ignorando toda a sua filosofia. Mercedes ri, ainda me encarando.

—Essa é a sua definição? Talvez seja, talvez eu tenha aprendido a lição da pior maneira. Meu marido foi o pior cafajeste que eu poderia ter encontrado, meu querido. Ele me quis por dinheiro, e quando teve, achou que o dinheiro já era dele. Mal sabia que o meu acordo de casamento era cheio de cláusulas quando eu o fiz assinar. O abandonei, me divorciei e levei meu dinheiro embora — Mercedes conta no mesmo tom de voz — e então decidi aproveitar a vida que tenho. Aproveitar o corpo dos outros.

—Você vive pelo sexo? — pergunto sério, apoiando os cotovelos na cama e olhando-a de

cima. Mercedes me encara com um pequeno sorriso.

—Você vive pelo que? Eu vivo pelo sexo, melhor do que viver pelos outros — Mercedes joga na minha cara minha frustração amorosa. Viro o rosto, ignorando-a. Sua mão sobe pelas minhas costas, e volto a encará-la.

—E trabalho, família? — pergunto me achando patético. Mercedes ri.

—Eu não preciso trabalhar, Eduardo, por quê eu faria isso, se não preciso? — ela pausa, me olhando de cima a baixo — e família? A minha está ótima em Bali.

Balanço a cabeça, negando. Que merda estou me metendo com uma mulher nível de Anya Lehanster. Flexiono as pernas, apoiando os cotovelos nos joelhos e enterro a cabeça nas mãos, me sentindo muito bêbado.

Tudo parece flutuar, a cama parece flutuar,

sinto minha cabeça girar. Estou muito embriagado.

Sinto a mão de Mercedes nas minhas costas e um toque de celular familiar toca ao longe. Uma vez, duas vezes, me fazendo recobrar um pouco da razão. Um toque diferente do meu celular, um toque que coloquei para uma pessoa específica. Arregalo os olhos, levantando a cabeça, e encaro o meu reflexo nu, sentado ao lado de Mercedes nua, na cama. Encaro meu rosto pelo espelho em frente a cama, com uma grande moldura dourada, refletindo o luxo exagerado do quarto, as várias garrafas e roupas.

O celular toca mais uma vez e dou um pulo, saindo da cama. Tropeço na minha calça, jogando os braços para cima, desesperado. Olho para cima, para a cama, e vejo Mercedes me olhar surpresa, sem entender.

E bêbado, tento me levantar do chão, mal respirando. Olho para o celular na bancada, com a

tela piscando.

—Alice — murmuro ensandecido, caminhando firme até o celular.

—Aquela mulher? — ouço a voz curiosa de Mercedes. Pego o celular, sentindo meu coração acelerado, as mãos suando álcool, meu estômago revirar.

Abro a mensagem e leio rápido. Arregalo os olhos, sem acreditar na merda que está para acontecer. Ouço Mercedes sair da cama, e ouço seus passos atrás de mim. Suas mãos contornam meus ombros, e ela para ao meu lado, com uma mão no meu pescoço e outra no meu braço. Viro a cabeça, encarando-a, e vejo ler a mensagem que Alice me mandou. Ela arregala os olhos, lendo o que eu li, e lentamente me encara de canto de olho, imóvel. Um sorriso começa a surgir nos seus lábios, e seu aperto no meu pescoço e braço se torna mais forte. Encaro seus olhos, sentindo minha

cabeça rodopiar mais uma vez. Merda, Alice aceitou. Estou tão perdido. O chão parece flutuar novamente e me sinto levado pelo álcool.

Encaro o rosto enigmático de Mercedes, com um sorriso sugestivo e olhos fixos em mim. Minhas mãos tremem e deixo o celular escapar delas, com os olhos fixos em Mercedes, parada ao meu lado. Ela se inclina um pouco na direção do meu rosto, com uma expressão de cumplicidade.

—Eu vou ajudar você — ela sussurra com a voz melódica para mim, com os olhos fixos nos meus.

Permaneço encarando-a, tentando absorver o que Alice mandou, sem conseguir acreditar, mas sei que é verdade. Estou tão fodido, tão perdido. Me sinto assistir ao desastre que estou nesse quarto de hotel.

—Alice vai se casar — sussurro o único pensamento que tenho, a única ideia que tira toda a

minha razão. Estou prestes a enlouquecer.

ALICE

A porta do carro fecha e vejo Tom dar a volta no carro pela frente. Ele caminha firme e vira a cabeça na minha direção. Sua expressão nervosa parece de ansiedade, e ele sorri torto, abrindo a porta do carro no lado do motorista. Tom entra e me encara por alguns segundos.

—Está pronta? — ele pergunta com a voz

rouca. Sorrio, me sentindo empolgada demais. Estamos há duas semanas do casamento, e só agora estamos indo atrás dos preparativos. Parece rápido demais, mas Tom me tranquilizou, dizendo que tudo será dentro do prazo. Ele dará um jeito. Conheço o jeito controlador de Tom, e sei que por causa disso, posso confiar.

—Estou — sussurro e coloco a mão no rosto de Tom, acariciando-o. Tom pega minha mão, virando o rosto para o lado, e a beija. Sorrio ainda mais, satisfeita — para onde iremos primeiro?

—Para onde imaginei ser o nosso casamento — ele sussurra sedutor, e sua voz rouca me arrepia, como se meu corpo nunca fosse se acostumar com o seu tom. Franzo a testa, me lembrando de quando ele disse sobre a surpresa do local para a minha mãe. Arqueio as sobrancelhas, curiosa e tentando controlar a irritação. Tom desistiu da ideia de escolher tudo, ele apenas irá me

dar uma sugestão. Sorrio nervosa e abro a boca para responder, mas uma buzina atrás de nós me interrompe. Olho pelo retrovisor e vejo Dana acenar, animada.

—Dana está mais ansiosa do que nós — comento e começo a rir. Tom sorri, passando a mão nos cabelos e segura o volante, ligando o carro.

—Vamos começar — ele sussurra mais para si mesmo, deixando o sorriso desaparecer e um semblante de nervosismo surge. Ele começa a dirigir, acelerando, com os olhos fixos no caminho adiante. Respiro fundo e olho pela janela, vendo as construções, carros e pessoas passarem rápido por nós. Ou nós por eles. Alguns minutos passam, e observo as mãos de Tom apertarem firme o volante, deixando os nós dos dedos brancos. Sorrio, mordendo o lábio inferior, sentindo uma vertigem ao vê-lo assim.

Meu coração acelera ao me dar conta de que

eu estou deixando Tom assim. Seu nervosismo é porque irá se casar comigo, e provavelmente a sensação que ele sente é única, estranha, nova.

—Você está ainda nervoso — falo baixo, animada. Estou me divertindo com isso, fazendo com Tom o que ele fez comigo ao me levar em Pandora. Era um mundo diferente para mim, novas sensações, descobertas de emoções e do que eu era capaz de fazer.

Ele fez isso comigo, ele fez eu me descobrir. Agora é minha vez. Estou fazendo Tom perceber que há mais em sua vida, estou fazendo-o ter sensações diferentes do sexo, mas que causa o mesmo nervosismo.

—Eu não estou nervoso — ele murmura sério, autoritário, resistindo à demonstrar fraqueza, exatamente como sempre. Sorrio ainda mais, balançando a cabeça.

—Você está diante de algo que nunca fez,

que nunca imaginou, é normal estar nervoso, Tom — sussurro, levantando o braço e coloco a mão na sua nuca, acariciando-a. Tom sorri nervoso, sem jeito, com os olhos fixos para frente.

—Você não está? — ele pergunta ainda com o meio sorriso. Acaricio sua pele com a ponta dos dedos, arrepiando-o.

—Eu estou, mas você está mais — sussurra provocando-o. Tom me olha rápido pelo canto do olho, surpreso. — Onde está me levando? — pergunto curiosa. Tom sorri, quebrando a tensão da sua expressão.

—Você já irá perceber — ele sussurra misterioso e volta os olhos para frente.

Como assim, eu já irei perceber? Eu conheço o local? Olho para os lados, tentando identificar algo familiar.

Uma grande mansão passa por mim, já familiar, e abro a boca, surpresa. Olho para Tom,

que sorri, satisfeito.

—Você está me levando para a sua casa? — pergunto surpresa, sem entender. Tom respira fundo por alguns segundos, em silêncio. Sinto meu coração saltar, dando cambalhotas aceleradas no meu peito, e minhas mãos soam frio. Uma vertigem sobe pelo meu estômago, como se eu estivesse voando, e sorrio.

—Foi onde, de certa forma, tudo começou, onde você aceitou meu mundo — ele sussurra sedutor, mas algo dentro de mim parece explodir em emoções. Sorrio ainda mais, sem conseguir parar, encarando-o.

—Você pensou nisso desde o início de quando me pediu em casamento? — pergunto curiosa, desviando os olhos para frente. O carro vira a quadra e vejo os grandes muros com cerca viva.

—Eu pensei em tudo desde que pedi você

em casamento — ele sussurra, com os olhos penetrantes, fixos na estrada — eu pensei em vários lugares, até em praia, mas no final, sua mãe adorou a ideia.

Abro a boca, incrédula, arregalando os olhos. Minha mãe? Cerro os dentes, sem acreditar que minha mãe foi comparsa de Tom. Nego com a cabeça.

—Preciso ter uma conversa com ela — murmuro fingindo estar brava, mas nessa situação, nesse momento, não há como ficar. Sinto meu coração bater em uma felicidade que esmaga meu estômago, minha adrenalina me eletriza.

—Não brigue com ela, minha Alice — Tom diz em voz baixa, voltando a me encarar pelo canto do olho — sua mãe apenas opinou quando eu liguei para ela. Ela achou adequado — ele dá de ombros — e eu não tinha nenhuma ideia dos seus gostos sobre isso. Nunca conversamos antes sobre

casamento, nunca ouvi você falar nada e sua mãe confessou que também nunca ouviu.

Assinto, concordando, e fecho os olhos. Junto as mãos, tentando pará-las de tremer.

—Eu nunca pensei nisso — falo séria — nunca esteve nos meus planos também, talvez seja por isso que minha mãe não sabia responder — abro os olhos, encontrando uma expressão de triunfo no rosto de Tom — por que você não me perguntou antes?

Tom sorri, analisando minha expressão e não responde, voltando a atenção para frente. Ele para o carro em frente aos grandes portões, que se abrem, e adentramos no terreno da casa. Olho pelo retrovisor, confirmando que Dana está atrás de nós. Olho para o grande chafariz da frente da casa, os ostentosos jardins, grandiosos, e no meio deles, estão algumas pessoas. Centenas, literalmente, centenas de rosas estão dispostas pelo gramado, em

grandes vasos brancos. Arregalo os olhos.

—Você pediu para as floriculturas — começo a falar, perdendo a voz.

—Eu pedi as flores mais bonitas que poderiam existir, Alice — ele completa a minha frase — para você escolher.

Nego com a cabeça, incrédula.

—Nós não poderíamos ir até as lojas? — pergunto séria. Tom estaciona o carro e me encara, sorrindo.

—E qual seria a graça? — ele pergunta retórico e saí do carro. Estendo o braço para abrir a porta e me lembro das maneiras de Tom. Olho para a janela, vendo-o parado, e ele abre a porta para mim, estendendo a mão. Coloco a minha sobre a sua, e saio do carro.

—Vou pedir para você dar uns conselhos para Carlos — ouço Dana ao longe, e viro a cabeça para trás, vendo-a sair do seu carro. Rio, achando

graça do espanto dela — você ligou para todas as floriculturas?

—Não havia tantas — Tom responde, sorrindo, audacioso — e também a organização da decoração está nos esperando no meu escritório — Tom diz, e volto a encará-lo. Ele hesita, vendo meu olhar furioso, e arqueia as sobrancelhas — para você escolher a decoração, minha noiva.

Sorrio com a frase final, e assinto.

—Então estamos esperando o que? — pergunto retórica, dando as costas para Tom, que me encara surpreso. Dana sorri para mim, e caminha ao meu lado na direção do jardim. Paro na entrada da trilha pelo jardim e olho sobre o ombro, vendo Tom caminhar atrás de nós, com um sorriso de satisfação. Sua expressão é de diversão, suas mãos estão dentro dos bolsos e seus olhos azuis escuros estão intensos em mim.

—Vamos esperá-lo? — Dana pergunta ao

meu lado. Concordo, mordendo o lábio inferior. Tom para trás de mim, ainda me fitando.

—Já podemos continuar — ele sussurra e sorrio, andando ao seu lado, com Dana no meu outro lado.

—E a lua de mel? — ela pergunta mais curiosa do que eu. Olho de canto para Tom, ainda surpresa. Eu não havia pensado nisso, são tantos acontecimentos ao mesmo tempo em que me sinto dentro de uma montanha-russa. Olho para frente, para o grandioso gramado, o chafariz branco, e me lembro da primeira vez que vi a casa de Tom. Exagerada, ostentosa, e a raiva que eu sentia por ele era uma espécie de tesão.

—Alice ainda não decidiu — ouço Tom responder, mas permaneço absorvida dentro das memórias de quando vi Tom no segundo andar, do seu contato que parecia me eletrizar, e de quando decidi ficar, de quando conversei com ele, resisti à

ele, até ceder e transar de uma maneira inesquecível. E Pandora.

—Alice? — Dana me chama pela segunda vez. Dou um pulo acordando, e a encaro, assim como Tom me encara. Arqueio as sobrancelhas, perdida no assunto — onde será? — ela me localiza.

—A lua de mel? — pergunto retórica, e olho para Tom, que me encara preocupado — eu não sei — murmuro — eu — percebo que realmente não pensei nisso — nós iremos fazer lua de mel? — pergunto me sentindo uma burra. Tom ri roucamente, me encarando, e desvia os olhos para o centro do jardim, nos aproximando.

—Faremos — ele afirma autoritário — e se você não pensou, eu pensei.

Que tipo de noiva eu sou? Sou o tipo de noiva que noivou há o que, uma, duas semanas? E já vai casar. Está difícil acelerar meu pensamento

como Tom acelerou nosso casamento.

—E onde será? — pergunto curiosa, arqueando as sobrancelhas. Tom levanta uma sobrancelha, me encarando por alguns segundos, como se ponderasse o que responder.

—Deixe ele fazer uma surpresa, Alice — Dana se intromete, dando um leve tapa no meu ombro. Sorrio e olho para ela.

—Você está começando a ficar do lado de Tom, é isso, Dana? — pergunto fingindo espanto. Dana começa a rir, e pelo canto do olho vejo Tom sorrir torto, se divertindo. Dana dá de ombros, encarando-o.

—Agora que ele parece que parou de ser um cafajeste e pediu minha melhor amiga em casamento, talvez eu possa tolerar Tom Haltender por algum tempo — ela diz debochada, e Tom ri roucamente, fitando-a.

—Quer dizer que você não gostava de

mim? — ele pergunta em tom baixo, rouco. Sorrio, e me intrometo.

—Dana odiava você, Tom. Ela não achava você digno de nenhuma mulher — começo a falar, e Dana sorri.

—Na verdade sua fama era maior do que qualquer outra impressão — Dana completa, e dá de ombros — mas isso você já sabia.

Tom vira o rosto, fitando as flores, e sorri, concordando.

—Agora será a madrinha do meu casamento, que mudança — ele murmura, pegando Dana desprevenida. Merda, eu esqueci de mencionar essa ideia para ela.

—O quê? — Dana dá um grito, surpresa, e me fuzila com os olhos — Alice não me disse nada — ela diz furiosa. Tom coloca as mãos no bolso novamente, fingindo sair da situação. Abro a boca, pasma, encarando Dana.

—Dana — começo, e Dana para, me apontando o dedo.

—Sua filha da mãe — ela diz furiosa — quando iria me contar? No dia do casamento?

Começo a rir, achando engraçado sua reação, e levanto as mãos em uma tentativa de defesa.

—Eu esqueci — começo.

—Isso não é algo para se esquecer — Dana me censura.

—Eu sei, eu sei — falo rápido — mas você já deveria ter imaginado.

Dana respira fundo, me encarando, e no instante seguinte, abre os braços, me abraçando forte. A abraço com força, retribuindo o carinho.

—Obrigada, Ali. Amo você — ela sussurra no meu ouvido, beijando minha bochecha direita.

—Também amo você. Vai ser a melhor

madrinha — sussurro, agradecida por ter Dana como amiga, e me afasto, pegando nas suas mãos, enquanto Tom se distancia, se aproximando dos floristas. Olho agradecida para Dana — convide Carlos para ser seu par, e venha de vermelho — digo com um grande sorriso.

—Vermelho? — Dana repete, arqueando as sobrancelhas — não quer uma cor mais suave?

—Não. Vermelho — digo autoritária, sorridente. Eu já imagino parte da decoração, já imagino como será, e espero que Tom opine também. Eu estou organizando meu casamento, parece que só agora está caindo minha ficha. Eu vou me casar. Minhas mãos começam a tremer, e Dana as aperta com força, percebendo minha expressão de ansiedade. Lágrimas brotam nos meus olhos, e escorrem pelo meu rosto, fitando o sorriso gigantesco de Dana. Vou me casar. Meu coração bate tão rápido que poderia me deixar viva por mil

anos. Uma adrenalina misturada com vertigem faz meu corpo parecer flutuar, um arrepio que faz cócegas. Dana afasta uma mão das minhas e a coloca no meu rosto, limpando minhas lágrimas.

—Depois de tudo, Ali, você merece esse momento — ela sussurra de forma carinhosa — vocês merecem. Acho que eu jamais pensei que vocês fossem se casar — ela dá de ombros — na verdade, não achei que duraria muito. Mas ele faz bem para você, eu vejo isso, e bem — ela sorri, mordendo o lábio — Tom é um homem mais leve, parece, depois que conheceu você. Você fez bem para ele, e acho que no fundo ele também sabe disso.

—Tom me deu confiança, Dana, fez eu me sentir — começo a falar, mas a frase morre no meio do caminho. Avanço sobre Dana e a abraço mais uma vez, sentindo meu corpo fraco, minhas emoções me destruírem de tão fortes. É tão irreal a

minha realidade que preciso fazer esforço para me situar, para entender que tudo o que está acontecendo é comigo.

Me afasto novamente, e de mãos dadas com Dana, volto a caminhar na direção de Tom. Levanto a cabeça, observando-o rodeado pelo jardim verde vivo, realçando ainda mais sua elegância, sua beleza. Ele conversa animado com os floristas.

—Tom está nervoso — confesso para Dana — e empolgado.

—Eu percebi. Nunca imaginei vê-lo assim — Dana concorda, rindo. Fico em silêncio por alguns segundos, observando-o. Agora ele é meu noivo.

—E quem mais é padrinho ou madrinha do seu casamento? — Dana pergunta e mordo o lábio, fitando-a. Sua expressão é de curiosidade. Na verdade, eu havia pensado em Dana, mas ainda não

havia decidido quem mais. Respiro fundo, começando a pensar.

—Eu pensei em você — hesito — e em Eva.

—Em Eva? Mas você realmente gosta dela? — Dana pergunta séria. Sorrio, assentindo.

—Eva não é uma pessoa ruim, Dana. Ela é ex de Tom, mas nunca amou ele. Seu amor sempre foi Antone Lehanster, e depois — hesito, me lembrando que não posso citar nada relacionado à Pandora — Eva ficou ao meu lado, quando acabei com Tom. Ela foi uma grande amiga.

Dana assente, voltando os olhos para as flores.

—Pensei também em Gabriel, Louis e Andrei — comento. Dana assente, satisfeita.

—E Tom? Não escolherá ninguém? — Dana pergunta, e encaro Tom, me aproximando dele.

PERIGOSAS NACIONAIS

—Tom conversou brevemente com Dário e Diego, mas me disse que não os convidou para serem padrinhos. Ele sabe que Dário e Diego não o ajudaram quando precisou, e mais atrapalharam. No fundo ele sabe que eu e seus amigos não nos damos muito bem — murmuro, séria, um pouco apreensiva com tudo — Antone, por mais brigas que já tiveram, será padrinho junto com Eva, e Tom convidou Augustine e sua esposa, além de Enzo Lehanster.

—Enzo? — Dana repete — vai dar todos os Lehanster no seu casamento?

Rio. É, provavelmente. E pelo que imagino, Enzo virá acompanhado de Anya, já que eu não convidarei Nássia.

—Ainda não os convidamos. Hoje chegará os convites que Tom me mostrou. Eu os adorei, darei um para você — digo com um grande sorriso — e então farei o convite para todos.

PERIGOSAS ACHERON

—Mas eles vão aceitar — Dana afirma, e paro atrás de Tom, ouvindo-o conversar sobre a estação das flores com um florista de barba longa, preta. Levanto as mãos e as coloco sobre seus ombros. Tom vira a cabeça sobre o ombro, me encarando de canto de olho, surpreso.

—Está decidindo as flores sem mim? — pergunto séria, fingindo estar brava. Tom sorri, se virando e dando espaço para mim e para Dana.

—Ruan estava explicando sobre quais flores são as mais propícias para essa época do ano — Tom explica, e sorrio, achando graça de como ele é tão controlador para se ater até nesses detalhes. Olho para Ruan, que permanece sério, profissional.

—Ruan, eu quero ver todas as flores vermelhas que vocês tiverem — peço, observando a expressão de Tom mudar para curiosidade. Ele arqueia uma sobrancelha e se aproxima de mim.

Levanto as mãos, agarrando seu rosto, e beijo suavemente seus lábios.

—O que acha de branco e vermelho? — sussurro contra seus lábios. Tom abre um sorriso satisfeito.

—Vamos ver as flores brancas também, então — ele responde autoritário.

—Ali, olhe essa — Dana grita no meio do jardim de Tom, ao lado de um pequeno vaso branco, com rosas diferentes. Franzo a testa, espantada, e me afasto de Tom. A flor parece me fascinar, de tão diferente e bonita. Dou um passo na direção de Dana, e Tom agarra minha mão, entrelaçando nossos dedos. Caminho ao seu lado, em direção à Dana e à florista loura ao seu lado. Paro em frente ao vaso com as rosas, encantada.

—É essa mesma — Tom afirma.

—Qual seria essa rosa? — pergunto espantada, e a florista loura sorri, pegando uma na

mão e me oferecendo. Pego pelo caule, segurando-a, e a cheiro, sentindo seu perfume. Levanto os olhos, fitando Tom me encarar com os olhos azuis escuros, ferozes.

—É híbrida. Uma mistura de rosas brancas e vermelhas, plantadas em uma estufa para conseguir a mutação. São raras, mas como o Sr. Haltender enfatizou que não era para nós nos preocuparmos com o valor, procuramos trazer até as espécimes mais raras — a florista explica, e arregalo os olhos.

—Tom está certo, essa é perfeita — Dana concorda, pegando a rosa da minha mão, com um grande sorriso, como se fosse para o seu casamento. Olho para Tom, um pouco espantada e preocupada. Ele pretende gastar quanto nesse casamento? Abro a boca para desistir da rosa, mas Tom aperta com força a minha mão, e seu semblante é autoritário.

—Você gostou — ele diz irredutível — será essa.

Olho para a florista, que sorri profissional para mim, provavelmente torcendo para que eu aceite. Concordo, observando novamente as flores.

—Elas farão parte da decoração — digo um pouco cautelosa, e olho para Tom, que assente.

—Eu também concordo — ele diz satisfeito, e a florista recolhe a rosa de Dana, colocando-a de volta no vaso. Olho para os lados, e vejo um grande vaso com flores brancas. Sorrio, e aponto para o outro pequeno vaso.

—E aquelas? — pergunto, e olho para a florista, e segue com os olhos a direção.

—São orquídeas brancas — ela responde e caminha apressada até o vaso, pegando-o.

—Você quer essas para o que, Ali? — Dana pergunta, enquanto a florista volta, e olho para ambos, sorridente.

—Para o meu buquê — respondo, estranhando dizer que o buquê é meu. Merda, ainda não estou acostumada. A florista para na nossa frente e me oferece o vaso. O pego, encarando as flores na minha frente.

Olho para Tom, parado ao meu lado, e fito sua expressão satisfeita.

—O que você acha? — pergunto séria, um pouco indecisa. Tom me encara achando graça.

—São lindas, Alice. O buquê será seu, precisa ser apenas do seu gosto — ele responde com um sorriso torto e uma voz que me arrepia. Sorrio de volta, sem graça.

—Tom tem razão, Ali. As flores serão suas — Dana concorda, puxando uma das flores na sua direção. Assinto, e fito a florista.

—Quero essas para o meu buquê — peço educada, e ela sorri, pegando de volta. Olho para Tom, ansiosa.

—Podemos ver da decoração já? — pergunto e mordo o lábio, sentindo a adrenalina explodindo dentro de mim. Tom abaixa a cabeça, colocando as mãos nos bolsos, e ri rouco.

—Você está ansiosa também — Tom murmura, me encarando com os olhos azuis escuros, e sorrio, assentindo — então vamos — ele diz, estendendo a mão na minha direção — eles estão nos esperando.

Coloco minha mão sobre a sua e Tom entrelaça nossos dedos, me puxando para o seu lado. Dana caminha ao meu lado, se aproximando de mim.

—E quando veremos o vestido? — ela pergunta empolgada. Sorrio, decidida a ver tudo o que eu puder hoje. Olho de canto para Tom, que nos observa atento.

—Hoje — afirmo, e Tom sorri.

—Mas Tom vai junto? — Dana pergunta

surpresa, e Tom sorri ainda mais, satisfeito. Ele provavelmente acha que vai.

—Não — respondo eloquente — será só nós duas.

E fito o semblante surpreso de Tom. Ele abre a boca para responder, mas Dana aponta para ele.

—Você não vai — ela afirma — ver o vestido antes do altar dá azar.

Dou risada, assim como Tom, e paro na entrada da casa. Tom abre a porta para nós, e entro, seguida de Dana. Encaro o grande hall de entrada da casa de Tom, me lembrando de todas as vezes que estivemos juntos aqui, no início do nosso relacionamento. E agora estamos noivos. Sorrio, sem conseguir conter a euforia, e Tom caminha firme na nossa frente, nos guiando por um corredor. Dana olha ao redor, percebendo os vários espelhos.

—Tom é narcisista, Ali? — Dana pergunta

inocente, arregalando os olhos. Começo a rir alto, vendo-o olhar sobre o ombro para mim, me repreendendo, mas rio ainda mais.

—Você nem imagina, Dana — murmuro divertida, e Dana sorri, balançando a cabeça.

—Aos poucos vou descobrindo os defeitos do noivo — ela comenta maliciosa, e ri também. Tom nos ignora e abre uma grande porta escura, de madeira. Ele entra, deixando-a aberta para nós, e assim que Dana a cruza ele fecha a porta novamente. Olho ao redor, vendo uma grande escrivaninha de madeira clara no canto, com uma grande janela e terraço atrás, com pesadas cortinas brancas. Em cima da escrivaninha está um porta-retrato com a foto de Tom e seu pai. Além disso, há vários álbuns grossos, pedaços de tecidos e enfeites espalhados também pela outra mesa do escritório. Várias estantes de prateleiras sobem até o teto, com livros, e sofás brancos estão dispostos pelo

escritório, ornando com o tapete da nude.

Cinco homens engravatados levantam as cabeças, todos morenos, e sorriem para nós.

—Tom — um deles, aparentando ter quase cinquenta anos, abre os braços e caminha em direção à Tom, que retribui o abraço, aparentando serem amigos antigos — como você está? Não sabe como fiquei feliz com a notícia, já estava na hora.

Tom ri rouco, cumprimentando com um aceno de cabeça os outros quatro homens, que permanecem inclinados sobre os vários álbuns.

—Cinco anos depois de você, sou eu quem me caso, e é você quem organiza a decoração — Tom brinca com o homem — espero que seu negócio faça jus ao que eu quero.

O homem moreno gargalha, assentindo, e desvia os olhos nós, sorrindo.

—Qual das louras é a noiva? — ele pergunta brincando, e Dana prontamente aponta

para mim. Sorrio, assim como Tom. Me aproximo, acompanhada de Dana, e ele estende a mão.

—Muito prazer, Sra. Haltender — ele começa, e olho para Tom, surpresa. A expressão de Tom é de puro prazer, seus olhos azuis escuros parecem brilhar.

—Ainda não — interrompo educada — meu nome é Alice — digo, apertando a mão dele.

—Sou Roberto Barreiros — o homem moreno, de olhos escuros, alto e corpulento diz — dono da Decoart, e um velho amigo de Tom — ele sorri — serei responsável em primeira mão do seu casamento. Cuidarei de toda a decoração, do Buffet, assim como dos convites que devem chegar hoje, os kits de presentes para os padrinhos e mimos para os convidados. E em parceria temos nossos melhores fotógrafos para a cobertura completa, com fotos e vídeos, além claro, de providenciar todos os detalhes a mais que os noivos

desejarem — Roberto diz, e sorri — nossos jatinhos estão à disposição também.

—Não — digo rápido demais, espantando todos. Sorrio sem graça — sem jatos — explico. Não quero ostentação, por mais que seja o casamento do Tom também, mas ele não faria isso.

Roberto levanta as mãos, rindo.

—Sem jatos então — ele repete e olha para Tom — ouviu Tom, sua mulher não quer gastar o tanto que você quer.

Tom ri, assentindo, colocando as mãos nos bolsos.

—Alice me fará mais rico — Tom diz se divertindo, e franzo a testa, fitando-o confusa. Ele percebe e sorri ainda mais, olhando para o Roberto — ela cortará meus gastos de extravagância, poupando meu dinheiro de ser gasto com futilidade.

Roberto ri ainda mais, apontando o dedo

para mim.

—Essa aí deveria ensinar minha esposa — ele comenta, piscando para mim. Sorrio sem graça e puxo Dana comigo, me aproximando da grande escrivaninha. Os quatro homens nos fitam, e se afastam um pouco.

—Já quer começar a decidir, Alice? — Tom pergunta atrás de mim, acompanhado de Roberto, e sorrio, olhando-o sobre o ombro.

—Vamos decidir — concordo, e Roberto puxa um álbum, abrindo-o para mostrar algumas decorações.

A tarde se estende, e a cada meia hora, folheamos um álbum, nos atendo nos pequenos detalhes, desde o tecido, a forma dos vasos, as posições, os bancos no gramado. Como pedido de Tom, aceitei me casar no jardim da casa, e durante a tarde, com a ajuda dele e de Dana, escolhi todos os detalhes do casamento, até a altura do altar onde

ficaríamos, a posição dos fotógrafos e a música.

E a cada detalhe, meu coração aumenta um compasso, me mostrando que meu casamento com Tom é real.

Olho para a chave na minha mão, novamente, e respiro fundo, tentando aceitar. Minhas mãos tremem, meu coração é uma escola de bateria de carnaval, e sorrio. Após uma insistência de pedidos feitos depois que Dana foi embora, eu aceitei ter a cópia das chaves do seu apartamento, que ele fez especialmente para mim.

Respiro fundo novamente, encarando minha mão, e enfio a chave na fechadura, vendo meu anel brilhar no dedo. Meu anel de noivado, para o nosso casamento que já está praticamente organizado. Durante esses dias, iremos monitorar a organização para que tudo o ocorra bem, assim como Tom contratou organizadoras para nos auxiliar. Eu serei sua esposa, e Tom será definitivamente meu, por escolha, por vontade. Minha respiração acelera, não

consigo acreditar ainda. Fecho os olhos, me lembrando de todas as escolhas que fizemos de tarde, e de como depois deixei Tom na casa e fui com Dana para a melhor loja de vestidos, segundo ela.

E hoje também escolhi meu vestido de noiva. Dana me obrigou a ir por gosto, não por valor, enfatizando que Tom pediu, insistiu, mandou, que eu não visse o preço dos vestidos. A atendente me mostrou os vestidos das marcas mais famosas, exclusivos, e para o meu azar, escolhi o de um estilista famoso. Mas não quero pensar nisso, Tom começaria uma briga se eu questionasse o valor do meu vestido de noiva.

E no fundo era o vestido dos meus sonhos.

Quando o provei, percebi o que estava fazendo, com quem estava fazendo. Mas a sensação real se dará no altar, eu tenho certeza.

Respiro fundo novamente, abrindo os olhos,

e giro a chave, abrindo a porta do apartamento de Tom. Entro, vendo-o sentado no sofá, conversando alto no celular. Está apenas de calça jeans escura, me chamando atenção. Sorrio, fechando a porta atrás de mim, e caminho até a poltrona giratória branca, deixando minha bolsa nela.

—Eu não preciso discutir com você — Tom diz sem se alterar. Franzo a testa, curiosa. Sua expressão é de irritação, e ele me encara por alguns segundos, sério. Olho ao redor, para os detalhes já familiares da sua sala, e me sento ao seu lado, tirando o sapato de salto. Tom estende o braço musculoso e o coloca atrás de mim, contornando minha cintura. Ele a acaricia e sorrio, apoiando minhas costas no seu antebraço — eu preciso desligar. Eu entendo você, Diego, mas no momento, acredito que já não temos os mesmos pensamentos. Devido à nossa amizade, enviei o convite, mas se prefere ficar em Lyon com

Antonella, eu não vou insistir. Dário irá por você — Tom diz ríspido no celular e o desliga, sem esperar a resposta do outro lado da linha. Arregalo os olhos, surpresa.

—Diego não irá? — pergunto, e no fundo, prefiro que não vá. Tom retesa a mandíbula, me encarando por alguns segundos.

—Não — Tom responde — Diego está com Antonella. Não virá para o casamento.

Encaro Tom por alguns segundos e tiro o celular da sua mão com veemência, sem medo. Ele arregala os olhos, surpreso com minha audácia, e coloco o celular ao meu lado. Me levanto, pegando sua mão da minha cintura, mantendo-a entrelaçada com a minha. Abro as pernas e apoio uma lado do seu corpo no sofá. Coloco a outra do outro lado e sento sobre Tom. Ele sorri, dissipando o semblante tenso.

—Se ele não for, não fará falta —

sussurro, aproximando o rosto do seu. Observo cada detalhe do seu rosto — o casamento é nosso, é o nosso momento, não precisamos de pessoas que são contra nós — hesito, vendo Tom arquear uma sobrancelha, um pouco contrariado. Levanto sua mão entrelaçada na minha, e continuo, me impondo — Diego nunca gostou de mim, e mesmo sendo seu amigo, provavelmente é contra o casamento. Deixe ele — sussurro, aproximando meus lábios do dele.

—Mas — ele começa.

—Shh — faço em um sussurro, colocando o dedo sobre seus lábios — por cada pessoa que não for, e que não me fará falta, eu irei recompensá-lo —sussurro maliciosa, e sorrio. Abro a boca e passo a língua nos seus lábios entreabertos, seduzindo-os.

Tom solta minha mão, e seus olhos se tornam ferozes em mim. Ele agarra minhas costas com ambas as mãos e avança contra meus lábios,

abrindo-os com a língua. Sua língua invade minha boca, caçando a minha com vontade, com desejo. Encosto a ponta da minha na sua, cedendo ao seu beijo molhado, e Tom começa a circular minha língua, puxando-a para a sua boca.

Arfo contra seus lábios e sorrio, me afastando um pouco. Sinto a sala pegar fogo, um calor invadir meu corpo, muito quente.

—Gabriel está quase chegando — sussurro com pesar, sentindo sua ereção acariciar o meu ventre, desejando-o. Estou derretendo para ter Tom dentro de mim, sentir seus lábios em mim, suas mãos. Tom rosna insatisfeito, me encarando por alguns segundos, e afasta os lábios.

—Quando Gabriel for embora — ele começa e avanço, mordendo seu lábio inferior.

—Eu irei aprisioná-lo na cama — sussurro devassa contra seus lábios. Tom se mexe embaixo de mim, excitado, me encarando de forma

selvagem, como se precisasse transar com urgência. Seus olhos são urgentes.

—Porra, Gabriel poderia não vir — ele rosna e sorrio, assentindo. Me afasto um pouco, ainda sentada no seu colo. Encaro Tom por alguns segundos.

—Ainda não pensei onde poderíamos ir na lua de mel — confesso preocupada, e Tom segura meu rosto com uma mão, acariciando meus lábios com o polegar. Fecho os olhos, sentindo seu toque quente, eletrizando meu corpo.

—O que você acha de praia? — ele pergunta sério. Franzo a testa, sem entender, e Tom ri roucamente, percebendo minha confusão. Ele arqueia uma sobrancelha, me sondando — não digo uma praia aqui. Estava pensando em uma ilha que sempre quis conhecer — ele hesita — mas me faltava uma companhia.

Sorrio, ansiosa, e mordo o lábio inferior,

fitando-o. Passo a mão pelo seu maxilar, e ele retesa a mandíbula, sendo provocado pelo meu toque.

—E onde seria? — sussurro curiosa. Tom sorri.

—Eu pensei nas ilhas da Tailândia, no Oceano Índico, as ilhas Phi Phi — ele diz em um tom baixo, sugestivo, mais como um pedido. Sorrio sem graça.

—Tom, prefiro que me mostre, nunca ouvi falar — digo sincera, e Tom sorri, compreendendo.

—O que você acha de eu escolher então? — ele pede, me surpreendendo ainda mais. Tom está realmente pedindo? Fito seus olhos azuis escuros, sua expressão ansiosa, e assinto lentamente.

—Eu aceito — sussurro e sorrio ainda mais — você pode escolher, confio no seu gosto.

Tom me encara surpreso por alguns

segundos e sua mão desce para a minha cintura novamente. Ele me agarra e me joga para o lado. Bato as costas no sofá, e ele se vira, subindo em mim.

—Tom — grito, começando a rir, e ele agarra meus pulsos, levando-os para acima da cabeça, me prendendo.

—Podemos desmarcar com Gabriel? — ele sussurra devasso, com o semblante de pura luxúria. Abro a boca para responder, mas no mesmo instante a campainha toca. Sorrio, negando.

—Gabriel já está na porta — sussurro o óbvio. Tom sorri decepcionado, e se levanta de cima de mim. Me levanto do sofá, enquanto Tom senta novamente e me encara. Olho para ele, confusa. Ele não vai atender a porta? Tom percebe minha confusão e arqueia as sobrancelhas.

—Não quer atender você, já que esse também é o seu apartamento? — ele pergunta e

abro a boca, incrédula.

—Mas não é — começo a responder e a campainha toca novamente. Tom se levanta, com um sorriso torto e passa por mim, em direção à porta. Ele segura a maçaneta e me olha sobre o ombro.

—Você já tem a chave — ele enfatiza e abre a porta. Gabriel sorri ao ver Tom, e o abraça. Sorrio, mordendo o lábio, achando graça ver os dois tão amigos. Tom dá passagem para Gabriel, que entra com um imenso buquê de rosas. Arregalo os olhos, surpresa, e ele sorri para mim. Está vestido com uma camisa polo comum, azul escuro e calça jeans escura.

—Aí está a minha noivinha — ele diz alto, animado. Sorrio ainda mais, me divertindo, e vejo a cara de fúria de Tom ao ouvir isso, fechando a porta atrás de Gabriel. Gabi para e olha sobre o ombro para Tom, fingindo entender — ah, é

verdade, não é minha — ele diz debochado.

Começo a rir, e Gabriel caminha na minha direção, oferecendo o buquê.

—Para mim? — pergunto, pegando o buquê na mão. Gabi sorri, me abraçando, e retribuo o abraço.

—Para a noiva mais linda do mundo — ele diz sorridente e olha para Tom, que caminha na nossa direção — eu já cheguei, Tom, pode colocar a camisa.

Tom fecha os olhos e balança a cabeça, como se precisasse ter paciência. Rio, e Tom caminha em direção às escadas.

—Já volto — ele murmura, provavelmente indo fazer o que Gabriel falou. Olho novamente para Gabriel, que sorri.

—Esse aí leva tudo à sério, não é? — ele pergunta apontando na direção onde Tom foi. Concordo, rindo.

—As vezes até demais — murmuro, e Gabriel se joga no sofá, se acomodando. Coloco as flores no balcão e sento ao seu lado, vendo-o me encarar.

—E como está sendo a preparação para o casamento? — ele pergunta interessado. Respiro fundo, voltando a ficar apreensiva e nervosa. Dou de ombros.

—Espero que ocorra como planejamos — digo séria — já vimos praticamente tudo, agora falta inspecionar para que façam como nós queremos, realmente.

—E o vestido? — Gabriel pergunta. Sorrio, achando graça o seu interesse.

—É maravilhoso, Gabi. É único e — hesito — bem, é caro.

Gabriel começa a rir, dando um tapa na minha coxa.

—Alice, você está se casando com um

cara podre de rico, acho que dá pra gastar no vestido — Gabriel começa.

—Disse o mesmo para ela — ouço a voz de Tom no pé das escadas, e o encaro. Agora ele está vestido com uma camisa social rosa claro e calça jeans escura.

—Mas — tento começar a falar, mas observando a expressão de ambos, fecho a boca.

—Que bom que entende — Gabi diz debochado. Começo a rir, e me lembro que ainda não o convidei, apenas mandei o convite para o casamento. Me levanto.

—Espere aí — digo para Gabriel e dou as costas. Caminho apressada para o quarto ao lado e pego uma caixinha e volto para a sala. Gabriel se levanta, enquanto Tom para ao seu lado, e sorrio. Tom sabe o que vou fazer. Respiro fundo e paro na frente de Gabriel, estendendo a caixinha preta e vermelha para ele, com um grande laço vermelho

— para o meu padrinho.

Gabriel sorri, arregalando os olhos.

—Você está me chamando para ser seu padrinho? — ele pergunta sério.

—Pare de fazer charme e pegue logo a caixa — Tom diz se divertindo, e sorrio. Gabriel finge esnobar Tom e pega a caixa, inspecionando-a.

—O que é? — ele pergunta com um grande sorriso. Mordo o lábio inferior, ansiosa.

—Abra — ordeno, e Gabi puxa o laço, abrindo a caixa. Ele puxa um Rolex grosso de ouro e uma garrafa de uísque.

—Puta merda — ele diz sincero, encarando ambos os presentes, e sorrio. É, um pouco exagerado, mas para os homens, foi ideia de Tom. Eu apenas concordei, já que ele me deixou a ideia para as mulheres.

—Foi ideia de Tom — acuso ele,

apontando o dedo, e Gabriel sorri.

—Graças a Deus que foi ideia dele — Gabriel responde animado e encara Tom — custou o olho da cara esse Rolex? — ele pergunta retórico, e Tom apenas ri.

Gabriel guarda novamente os presentes na caixa e a coloca no sofá, me encarando.

—Agora eu aceito ser seu padrinho — ele diz debochado. Dou um tapa nele, empurrando-o, mas sem levar a sério. A campainha toca novamente, e Tom olha no relógio de pulso.

—O jantar chegou — Tom diz apressado e caminha até a porta.

—Quem mais será padrinho do seu casamento? — Gabriel pergunta curioso, enquanto Tom permite que o entregador leve o carrinho com o jantar para a cozinha. Olho desconfiada para Gabriel.

—Dana, Eva, Antone, Augustine e sua

esposa, Louis, Andrei e Enzo — respondo firme, analisando a expressão de Gabi, e assim que digo Enzo, seus olhos parecem brilhar. Meu coração dá um pulo, e dou um passo na direção de Gabriel, apontando o dedo no seu peito — e você mantenha uma distância de no mínimo cinco metros de Anya Lehanster no meu casamento. Eu não quero confusão, Gabriel.

Ele arregala os olhos, fingindo surpresa.

—Não sei do que você está falando — ele murmura e passa por mim, caminhando na direção da cozinha. Respiro fundo. Merda, espero que se mantenha na linha.

Os sigo, enquanto o entregador passa por mim e saí do apartamento. Chego na cozinha a tempo de ver Gabriel se sentar na mesa sem nos esperar. Balanço a cabeça, estou indignada com Gabi, e me divertindo.

Tom puxa uma cadeira e olha para mim

com seu jeito autoritário.

Caminho até ele e me sento, sentindo ele empurrar a cadeira. Tom senta na ponta ao meu lado, enquanto Gabriel está sentado na minha frente.

—E onde será a lua de mel? — Gabriel pergunta, começando a se servir. Me sirvo também, assim como Tom.

—Tom sugeriu uma ilha chamada Phi Phi, na Tailândia — conto, e Gabriel arregala os olhos, encarando Tom.

—Não poderia ter sugerido uma prainha aqui perto né, tem que esbanjar — Gabriel diz debochado, e começo a rir.

—É a nossa lua de mel, acho que posso aproveitar — Tom responde, entrando na brincadeira.

—E vão morar aqui? — Gabriel continua sua lista de perguntas. Respiro fundo, encarando-o

curiosa.

—Não, por que? — pergunto curiosa. Gabriel dá de ombros, comendo.

—Porque Gabriel gostaria de utilizar esse apartamento quando viesse nos visitar aqui na cidade, Alice — Tom responde por ele e arregalo os olhos. Não, Gabriel não pode ser tão folgado assim.

—Não — respondo rápido — não comece, Gabi.

Gabriel e Tom começam a rir, e franzo a testa, sem entender.

—Tom já disse que sim, Ali, eu só perguntei pra você para ver a sua reação — Gabriel explica, e olho para Tom, fuzilando-o com os olhos. Ele retribui o olhar com uma expressão de súplica.

—Por que fez isso, Tom? — pergunto incrédula.

—Porque estará fechado esse apartamento — Tom explica — ficaremos na casa, e bem — ele dá de ombros — Gabriel não virá sempre, será algumas vezes apenas.

Estou indignada com ambos, mas Tom percebe e muda de assunto, conversando sobre a filial em Lyon. Entro no assunto, e o jantar se estende por mais de uma hora. Gabriel se animou com isso, como se pudesse aproveitar também.

Assim que acabamos de jantar, me levanto e coloco os pratos na pia, já que Tom insistiu que era para deixar assim, e juntos fomos para a sala.

Gabriel senta no sofá, enquanto Tom caminha até a adega, pegando uma garrafa de vinho, abrindo-a. Ele serve três taças e as coloca na mesinha em frente aos sofás.

—Já volto — murmuro, precisando ir ao banheiro. Tom se sente na poltrona de frente para Gabriel, voltando a conversar animado com ele,

como velhos amigos. Sorrio, satisfeita por ambos se darem tão bem, e subo as escadas, indo em direção ao quarto. Abro a porta, entrando, e vou direto ao banheiro.

Após alguns segundos, saio do banheiro e caminho em direção à porta, olhando ao redor. Sob a luz amarelada do abajur, algo chama minha atenção sobre a bancada. Franzo a testa e paro, indo em direção à bancada. Duas caixinhas douradas.

Arregalo os olhos. Pandora.

Olho para os nomes em cada caixinha. O nome de Tom em uma, e o meu na outra. Terá outro evento.

Respiro fundo, saudosa por Pandora, e meu coração acelera como se fosse o cronômetro frenético de uma bomba prestes a explodir. Sorrio, e com as mãos, suadas, trêmulas por causa da vertigem que rodopia dentro do meu estômago e se estilhaça em adrenalina, pego a caixinha, abrindo-a.

PERIGOSAS NACIONAIS

Uma máscara preta, com o convite de Pandora.

Olho para a data. Dois sábados depois do nosso casamento.

Levanto a cabeça, fitando meu reflexo no espelho a cima da bancada. Vejo minha expressão devassa, de satisfação. Merda, eu quero ir. Fito a caixinha pelo reflexo do espelho, e volto a encarar meu rosto confiante, minha ansiedade por estar em Pandora com Tom. Minha intimidade pulsa ao lembrar, e me sinto derreter, sentindo um arrepio me inundar de tesão.

Nós iremos para Pandora.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

ALICE

Respiro fundo, contando os segundos da minha respiração para me acalmar.

Mas meu coração não tem parada, não tem pausa, está acelerando em uma escala crescente, como se tentasse atingir todos as notas músicas existentes.

Sorrio, e ainda de olhos fechados, ouço a

minha mãe cochichar algo sobre o vestido com Dana. Ouço um leve choro e sorrio ainda mais, mordendo o lábio inferior.

Minhas mãos suam frio, me alertando do nervosismo que irrompe por cada poro do meu corpo, deixando meu estômago em uma montanha-russa. Estou nessa montanha-russa desde de manhã, quando o maquiador, o cabeleireiro, a grife do vestido, Dana e minha mãe vieram para o apartamento de Tom. Estou nesse nervosismo desde que Tom saiu cedo de manhã para a sua casa, para se vestir longe de mim.

Meu estômago parece viajar sobre ondas inebriantes, me dando arrepios pelo corpo inteiro, criando uma vertigem que me deixa sobrecarregada de desespero, de adrenalina. Nunca estive tão nervosa na minha vida. Junto minhas mãos na frente do meu ventre, sobre o vestido, e as aperto, tentando parar o tremor, mas até as minhas pernas

tremem.

Respiro fundo novamente. Eu vou me casar hoje. Sorrio, sem conseguir controlar a felicidade que me invade, a sensação de estar flutuando dentro de um sonho e não conseguir assimilar todos os detalhes ao meu redor, como se tudo acontecesse rápido demais.

Não é como se tudo acontecesse rápido demais, está acontecendo, e parece que é irreal demais.

—Alice? — ouço a voz da minha mãe ao meu lado, e respiro fundo novamente, abrindo lentamente os olhos. Vejo minha mãe, vestida de azul escuro, de frente única, com um coque no alto da cabeça. Dana está atrás de mim, vestindo um longo vestido vermelho escuro, da cor que escolhi para as madrinhas. O vestido é colado ao corpo, com as mangas rentes aos ombros. Desvio lentamente meus olhos para o meu reflexo.

Fito meu rosto maquiado de forma delicada, com tons claros de rosa. Meus cabelos estão puxados para trás, formando uma coroa na minha cabeça com alguns fios presos em grampos com brilhantes. O restante dos meus cabelos caem em ondas harmoniosas sobre meus ombros nus. Sorrio, fitando meus lábios rasados, e olho para o meu pescoço. Um delicado colar com um pingente de diamante igual ao meu anel de noivado está pendurado, chamando a atenção.

Dou um passo para trás, com dificuldade por causa do vestido, e respiro fundo novamente, me contemplando. Um longo vestido de noiva tomara que caia preenche todo o meu reflexo no espelho. O tecido marca minha cintura, apertado, se abrindo na saia armada, com rendas.

Dana sorri para mim ao longe, ao lado de Diane, a mulher que trouxe o vestido, e ambas caminham na minha direção, segurando o longo

véu. Permaneço com os olhos fixos nela, observando-as encaixá-lo sobre meu cabelo em forma de coroa. Elas se afastam, e dou mais um passo para trás, fitando meu vestido de noiva.

O véu cobre meus ombros, se alongando para trás, arrastando no chão. A porta se abre e os dois maquiadores entram, sorrindo para mim.

—Você está maravilhosa, Alice — um deles diz animado, e viro a cabeça sobre o ombro, sorrindo para ele.

—Obrigada — murmuro sem conseguir raciocinar direito. Viro a cabeça novamente, e fito meu reflexo no espelho novamente. Minha mãe se aproxima de mim e olho para ela.

—Você vai se casar hoje — ela sussurra emocionada, e pega meu rosto com as duas mãos. Mordo o lábio, segurando a emoção, e sorrio para ela, colocando minhas mãos sobre as suas.

—Ainda não acredito — confesso, e Dana

ri atrás de mim, se aproximando também.

—Ainda acho que o noivo deve estar mais nervoso do que a noiva — Dana cochicha no meu ouvido, rindo ainda mais. Começo a rir, assim como minha mãe, que com um olhar sugestivo, se aproxima de Dana.

—Não duvido que o meu marido esteja mais — minha mãe diz e sorrio ainda mais, negando com a cabeça.

Sorrio para ambas, me encarando no reflexo novamente, e a porta se abre novamente. Meu pai entra por ela, com os olhos fixos em mim, e um grande sorriso.

—O noivo já está no altar — ele diz animado, e caminha até o meu lado. O abraço, sentindo-o retribuir o abraço por um bom tempo — diga para Tom que ficarei de olho nele, agora que entrou para a família — meu pai sussurra no meu ouvido, e rio. Ficar de olho em Tom? Acho melhor

não.

Me afasto, deixando meu pai segurar minhas mãos.

—E todos estão lá? — pergunto para ele.

—As madrinhas já estão vindo para cá — ele sorri, e no mesmo instante ouço uma batida na porta. Dana sorri para mim e corre abrir a porta. Me viro, fitando Eva entrar, com os longos cabelos ruivos se misturando à cor do vestido, de frente única, estilo sereia. Seus olhos se arregalam ao me ver.

—Você está maravilhosa — ela grita, abrindo os braços. Sorrio, e espero ela correr na minha direção. A abraço, sentindo seus braços me apertarem com força, e me afasto dela.

—Está quase na hora — Dana diz animada, e respiro fundo, encarando todos dentro do quarto. Minhas mãos voltam a suar, e fecho os olhos, tentando acalmar meu coração, que bate de

um jeito que nunca senti antes. Olho para Eva, parada na minha frente.

—Como Tom está? — pergunto, sabendo que ela e Antone estavam com ele antes. Eva sorri, balançando os cabelos soltos.

—Nunca vi Tom assim antes, parece que está tendo um ataque de pânico, Alice — Eva diz rindo. Ele se olhou cem vezes no espelho, consultou mil vezes o relógio, e assim que subiu ao altar, analisou cada detalhe — como um bom controlador que ele é, completo mentalmente. Eva pausa, me encarando — ele está esperando você. O carro já está lá fora — Eva diz calma, e assinto.

Está na hora de ir para o meu casamento, está na hora de me casar com Tom.

Pego um pouco da saia do vestido e puxo para cima, me auxiliando a andar, e Diane pega a ponta do meu véu, me seguindo sem arrastá-lo no chão. Minha mãe coloca uma mão sobre a boca,

emocionada, e Dana para ao lado de Eva, sorrindo para mim. Caminho até a porta, sentindo meu coração pulsar mais rápido a cada passo. Sinto andar em nuvens, dentro de um sonho, com uma vertigem que me sobrecarrega de ansiedade. Meu pai para na porta e estende o braço na minha direção, para eu acompanhá-lo. Sorrio para ele, que pisca para mim. Coloco a mão sobre o seu braço, e saio pela porta, fitando o corredor do apartamento de Tom.

—Não esqueça o buquê — ouço Eva gritar para Dana, ainda dentro do quarto. Rio, ainda mais nervosa.

—Não fique tão nervosa — meu pai sussurra, e fito a escada à nossa frente. Desço devagar, me equilibrando no salto, e passo pela sala do apartamento. Um dos ajudantes passa por nós e abre a porta de saída. Saio acompanhada do meu pai, em silêncio, sendo seguida por Diane, que

carrega meu véu. Não consigo pensar em nada, apenas no momento em que cruzei os portões da casa de Tom. Dana e Eva saem atrás de nós, acompanhadas da minha mãe. As portas do elevador abrem, e entro. Fito meu reflexo, o véu descendo pela minha cabeça, meus olhos maquiados, o colar no meu pescoço — você está linda — meu pai sussurra e me dá um beijo no alto da cabeça.

—Obrigada — murmuro, em um estado de êxtase. O elevador desce apenas comigo, com meu pai e Diane. As portas se abrem e saio do prédio. Uma limusine preta está estacionada na frente do prédio, com o motorista mantendo a porta do passageiro aberta. Solto o braço do meu pai, e entro, seguida por Diane. Dana, Eva e minha mãe, acompanhada do meu pai, entram em seguida. A porta se fecha, e Dana sentada ao meu lado, oferece o buquê na minha direção.

PERIGOSAS NACIONAIS

Encaro as orquídeas que escolhi, arrumadas em um buquê gigantesco. Respiro fundo e o pego, colocando-o no meu colo. A limusine acelera, percorrendo as ruas em direção à casa de Tom. Olho pela janela, vendo o sol em direção ao horizonte, começando a se pôr. Sorrio, me lembrando das duas semanas que se passaram.

No dia seguinte que havíamos escolhido os detalhes, os preparativos começaram, e junto com Tom, observamos junto com os supervisores que organizavam nosso casamento no jardim da casa de Tom. Todos os convidados foram confirmados, assim como enviei a cor adequada dos vestidos para as madrinhas. Consegui colocar em dia minhas matérias atrasadas, assim como me organizei para encontrar outro estágio, já que prefiro não estagiar mais na empresa de Tom.

E Tom começou a organizar os papéis da filial em Lyon, a qual serei presidente à longa

distância, possuindo um representante. Estava meio receosa sobre isso, se eu realmente iria aceitar essa ideia de Tom, mas ele insistiu, dizendo que seria o único pedido, e após conversar com meus pais e Dana, acabei aceitando.

Para a felicidade de Gabriel, Tom fez uma cópia das chaves do apartamento para ele, deixando claro para o porteiro que Gabriel poderia se hospedar lá quando quisesse. Gabi está apaixonado por Tom, no mínimo, lucrando às custas do meu relacionamento.

Diego não foi convidado para o casamento, estando em Lyon, e Dário foi apenas convidado. Tom não o quer como padrinho.

E meus pais chegaram há uma semana, se hospedando na casa de Tom, já que voltamos para lá. Tom providenciou todas as mordomias possíveis para puxar o saco dos meus pais, como jantares todas as noites em diferentes restaurantes.

PERIGOSAS NACIONAIS

O quarto com minhas fotos foi mantido trancado.

E nossa presença em Pandora foi confirmada.

Abro os olhos, fitando as ruas familiares, e avisto o muro de cerca viva da casa de Tom. Sorrio, sabendo que estou chegando. Minhas pernas estão trêmulas, a vertigem faz uma montanha-russa no meu estômago e meu coração parece explodir em contagem regressiva. A limusine atravessa os portões da casa, passando pelos vários seguranças. Sorrio, vendo pela janela escura o gramado verde, um grande arco com as flores híbridas que escolhi se estende, fazendo um túnel pela trilha do gramado de Tom, que leva para o canto do gramado, ao longe, onde está organizado o casamento.

Olho ao redor, tudo está com flores, o corrimão da escada da casa está fechado com rosas, assim como o chafariz e todas as decorações do

PERIGOSAS ACHERON

jardim.

O carro estaciona em frente ao túnel, e respiro fundo. Estou enlouquecendo.

O motorista desce do carro e abre a porta do passageiro, deixando meu pai sair primeiro. Ele estende a mão, ajudando minha mãe, e em seguida, Dana e Eva saem. Diane me ajuda com o véu, e desço do carro, fitando o grande jardim enfeitado. O sol ilumina alaranjado o céu, se pondo, começando a escurecer.

Está na hora. Levanto a cabeça e respiro fundo. Ouço uma música começar a tocar no violino, lenta, romântica, e tento imaginar Tom parado no altar, nervoso de um jeito que nunca imaginou, esperando para se casar, comigo.

Duas organizadoras, da empresa do amigo de Tom se aproxima de nós, rodeadas de assistentes.

—Está na hora — uma delas diz educada,

indicando o caminho para Eva E Dana. Vejo Carlos vindo ao longe, apressado, acompanhado de Antone.

—Ali — Carlos me dá um abraço, parando ao lado de Dana, enquanto Antone apenas sorri para mim, do seu jeito estranho. Vejo Gabriel vindo também, acompanhado de Andrei e Louis. Sorrio, feliz por vê-los, e atrás deles, vejo Enzo e Anya.

Me pergunto se Gabriel se aproximou de Anya novamente, mas espero que não. Todos saem da casa, caminhando na minha direção. Louis se aproxima antes de todos e me abraça, animado.

—Quem diria que vocês fossem se casar — ele sussurra com o sotaque francês, e rio, assentindo.

Respiro fundo, vendo as organizadores conversarem pelo rádio com outras pessoas, e uma delas se vira para as minhas madrinhas.

—Vamos, vamos — ela diz rápido,

indicando o túnel — primeiro, os padrinhos — ela diz, apontando para Enzo e Anya. Observo curiosa Anya ao lado de Enzo, vestindo um longo vermelho, já que está acompanhada do padrinho que Tom escolheu, teve que ir com o tom que eu escolhi. O vermelho escuro realça seus lábios carnudos, que pela primeira vez estão da cor nude. Ela olha atenta para mim, ignorando a organizadora, e avança na minha direção. Arregalo os olhos, curiosa, e Anya para na minha frente.

—Estou feliz por estar aqui nesse momento com você, Alice — ela diz de forma estranha, lenta, e sorrio, sem saber o que responder. Anya se aproxima, encostando os lábios no meu ouvido — o presente eu deixei na casa — ela sussurra maliciosa, e a encaro surpresa. Ela pisca um olho e abre um largo sorriso.

—Obrigada — murmuro receosa. O que seria um presente de Anya? Devo esperar o pior ou

o melhor?

—Estão prontas? — a organizadora pergunta, e Anya a encara sobre o ombro, séria.

Enzo sorri, parado na entrada do túnel, e estende a mão na direção de Anya, vestindo um smoking luxuoso, preto. Anya, com um longo vestido vermelho escuro, com decote em V e alças finas, esvoaçante, com várias camadas, e um coque bagunçado, caminha devagar na direção de Enzo, passando por Gabriel, que praticamente a come com os olhos. Merda, vou precisar segurá-lo no meu casamento.

Observo Anya colocar a mão no braço de Enzo, e ambos adentram pelo túnel, devagar, de forma elegante. A música se torna mais alta, um violino acompanhado de piano. Sorrio, e após minutos, caminho para mais perto do túnel, vendo Louis e Andrei, vestidos de smoking preto, como Tom escolheu, caminharem na direção do túnel,

adentrando também.

Mais alguns minutos se passam, e a organizadora conversa pelo rádio, confirmando que Anya e Enzo já alcançaram o altar.

—As madrinhas — a organizadora aponta para Eva, que acompanhada de Antone, caminham em direção ao túnel. Ela olha sobre o ombro para mim e sorri, mandando um beijo com a outra mão. Desde o convite para ser minha madrinha, Eva me visitou quase todos os dias, animada, como se o casamento fosse dela, e para a minha surpresa, ela e Dana, nessas duas semanas, fizeram amizade. Dias atrás fizemos um jantar no meu apartamento, e nunca vi Eva ser tão divertida antes. Ela definitivamente conseguiu minha amizade, e sei como ela é uma boa pessoa.

Mando um beijo para ela, e balanço o buquê sugestivamente. Ela ri, e vejo Antone virar a cabeça sobre o ombro, semicerrando os olhos na minha

direção, de forma ameaçadora. Ele sorri, quebrando o olhar perturbador e volta a encarar o túnel, guiando Eva para dentro. Observo o casal que eles formam, e sorrio.

Dana e minha mãe se aproximam de mim, enquanto Carlos conversa com Gabriel e meu pai.

—Vão embarcar direto para a lua de mel? — Dana pergunta, e nervosa, apenas assinto, com os olhos fixos no túnel. Não consigo pensar em mais nada, a não ser Tom me esperando no altar. Dana se vira para a minha mãe — e vocês ficarão até que eles voltem?

—Tom insistiu — minha mãe diz animada — ele insistiu que ficássemos, mas vamos ter que voltar para casa. Alice nos avisará quando voltarem.

Sorrio, assentindo para a minha mãe, em silêncio de tão nervosa. Aperto o buquê com as mãos, ansiosa, e a organizadora se aproxima de

Dana.

—Vocês são os próximos — ela diz, e Dana aponta para Carlos.

—Amor, somos nós — ela diz animada, e Carlos sorri, acenando para Gabriel, que caminha na direção da minha mãe, acompanhado do meu pai.

—Ainda bem que não sou eu no altar, não é mesmo? — ele diz de forma divertida para a minha mãe, que ri, assentindo.

—Por anos achei que seria você — ela responde animada também. Desvio os olhos para Dana e Carlos, que caminham devagar, adentrando no túnel. Dana vira a cabeça sobre o ombro e me olha.

—Vou me sentir a noiva por um tempinho enquanto entro nesse túnel — ela grita para mim, e rio, assim como Carlos. Volto minha atenção para o meu pai, que se aproxima, pegando no meu

braço.

—Dará tudo certo — ele diz calmo e vejo alegria nos seus olhos — nunca pensei que eu a casaria tão cedo. Nem que vocês se casariam tão rápido.

É, eu também não, mas aqui estou com véu e grinalda, um grande buquê e Tom me esperando no altar.

—Eu também — digo sincera, e meu pai ri, passando as mãos nos cabelos arrumados.

—Mas agora você já está subindo no altar, hoje é o seu grande dia — ele diz emocionado, e emocionada por vê-lo assim, avanço na sua direção, abraçando-o forte.

—Tudo dará certo — sussurro, e me afasto, vendo a organizadora se aproximar da minha mãe.

—A senhora é a próxima — a organizadora diz, e minha mãe sorri, me encarando.

Ela caminha rápido na minha direção e me abraça com força.

—Espero você lá, Alice. Será perfeito — ela diz emocionada, e uma lágrima desliza pelo seu rosto. Respiro fundo, me contendo, e sorrio, beijando seu rosto.

—Obrigada, mãe — sussurro, e minha mãe se afasta. Vejo Gabriel se aproximar do túnel, me olhando sobre o ombro, e estende o braço para a minha mãe.

—Posso eu me casar com Tom, Alice? Assim vou no seu lugar para aquelas ilhas que tem nome de canto de passarinho — ele diz debochado. É um folgado.

—Fique no seu lugar, Gabi — grito de volta. Gabriel ri, e pisca um olho para mim. Minha mãe dá um leve tapa no braço dele, censurando-o.

—Fique quieto, Gabi — ela diz animada, e ambos caminham para dentro do túnel.

Olho ao redor, percebendo que todos já foram, restando apenas eu e meu pai. Ele pega na minha mão, apertando com força, sem dizer nada, e fito a organizadora conversar pelo rádio. Conto os segundos que me aproximam de Tom, e lentamente vejo ela se virar na minha direção.

Tudo parece acontecer lentamente. Ela se aproxima de mim, e vejo seus lábios se mexerem, apontando para o túnel, mas meus sentidos parecem me abandonar de tanta emoção, e ouço apenas o retumbar alto do meu coração nos meus ouvidos. Parece que estou dentro de um sonho, e tudo ao redor desaparece, ficando apenas a entrada do túnel das rosas que escolhi.

Meu pai estende o braço ao meu lado, com um grande sorriso.

—Está pronta? — ele pergunta emocionado. Sorrio, sem conseguir esconder o nervosismo e felicidade, e com o buquê na outra

mão, coloco a mão no braço do meu pai, e olho para a casa, vendo Diane vir na minha direção. Ela se aproxima e arruma o meu véu que se estende atrás de mim, comprido. Começo a caminhar na direção do túnel, sendo seguida por Diane, que monitora a cauda para que fique reta.

Paro em frente ao túnel, e respiro fundo, criando coragem. Estou tão confiante, estou tão extasiada. Estou tão feliz.

Dou um passo e entro no túnel.

—A noiva entrou — ouço a organizadora falar pelo rádio e sorrio, olhando ao redor, o túnel fechado inteiramente pelas rosas híbridas, todas iluminadas por luzes amareladas, deixando o túnel claro, já que o sol já se pôs.

Caminho devagar, sentindo tudo acontecer lentamente, as rosas passarem uma por uma em cada lado meu, por cima da minha cabeça, e meu salto ressoar na trilha. Olho para frente, vendo a

curva que túnel faz, e continuo devagar, sentindo meu coração entrar cada vez mais em um ritmo frenético. Ouço uma outra música começar, devagar, aumentando gradativamente o piano, mas sobrepondo a música, ouço as batidas do meu coração, contando os segundos que me levam ao altar.

Faço a curva, acompanhada do meu pai, em silêncio, e o longo túnel se estende ainda mais, reto. Vejo no final dele um corredor rodeado de bancos de madeira escura além de folhagens na lateral e atrás do altar. Todos os bancos estão com pessoas viradas de lado, voltadas com a cabeça para o túnel.

Caminho devagar, me sentindo mergulhada em um sonho lento, em uma felicidade que arrepia, e sorrio cada vez mais, apertando com força o buquê.

Dou passo por passo, sentindo o vento da

noite passar por mim, sentindo o vestido ao meu redor, e levanto o buquê contra o meu peito. Olho de canto para o meu pai, que sorri, e ouço a música ser preenchida por um violino.

A cada passo, me aproximo do final do túnel, e a cada passo, ouço ainda mais meu coração, o sinto acelerado, quase rasgando meu peito de emoção, de adrenalina. Minhas mãos suam, minhas pernas fraquejam, e meu corpo parece explodir em felicidade.

Chego no final do túnel e olho para cima, vendo luzes penduradas em lustres de cristais, montados para iluminar todo o altar.

Sorrio e dou mais um passo, saindo do túnel. Olho para os rostos de todos, em pé, com sorrisos de satisfação. Sorrio ainda mais, nervosa, ansiosa, com uma vertigem avassaladora, e desvio os olhos para o caminho a minha frente, rodeado de flores e folhagens. No altar, vejo o padre no meio,

um pouco mais afastado, no lado esquerdo está Dana, Carlos, Eva, Antone, Enzo, Anya, Louis e Andrei.

Desvio os olhos e vejo minha mãe ao lado direito, com Gabriel, Augustine e a esposa.

Meus olhos são atraídos para o meio do altar, e meu coração parece saltar de vez do meu peito e correr em direção ao meu noivo, Tom.

Sorrio, sem conseguir conter a emoção, e Tom sorri de volta, com os olhos azuis escuros fascinados em mim, penetrantes, intensos como um fogo, parado no meio do altar, vestido de smoking preto. Seus cabelos louros estão arrumados. Eu me sinto inebriada, em um prazer, em uma felicidade que explode meu corpo em arrepio e adrenalina. Não sinto nem ouço mais nada, apenas vivo a emoção de estar aqui, de vê-lo. Sorrio e dou um passo na sua direção, sem controlar meus sentidos, mergulhada em êxtase. A música de violino

aumenta, adentrando pelos meus ouvidos, me envolvendo ainda mais, acompanhada pelas batidas enlouquecidas do meu coração.

Parece que estou caminhando dentro de um sonho, com a sensação de flutuar, sem me controlar. Dou mais um passo, sentindo que todos me olham.

Fito Tom, sentindo a emoção me queimar, como se ficasse abafado, quente, sentindo o fogo dele se alastrar por mim, me eletrizar, me queimar em suas chamas. Sei que não é um sonho, sei que é real. Esse fogo é real, é tão quente, é Tom.

Ele sorri torto e dá um passo na minha direção, devagar, descendo do altar. Tom para, me encarando com os olhos azuis escuros, ferozes.

BÔNUS – TOM

Encaro a mulher que escolhi para ser minha noiva, para ser a minha esposa, para ser a única mulher na minha vida, a única mulher que amo, minha Alice.

Ela sorri, e eu conheço esse sorriso, Alice está envergonhada, está sem graça com toda a atenção sobre ela, mas seus olhos fixos em mim não são mais os mesmos. Porra, o que vejo é a confiança que ela conquistou para si, o que me deixa ainda mais excitado ao tê-la.

Desço do altar e paro, esperando-a. Não consigo descrever a sensação que sinto parado em frente ao altar, vendo minha Alice vir na minha direção vestida de noiva. Porra, é algo que nunca imaginei antes de pensar em perdê-la, e depois de quase perdê-la realmente, foi o que eu mais passei a imaginar, ter Alice apenas para mim, ter Alice como minha esposa.

Porra, eu nunca estive tão nervoso antes, eu nunca senti perder o controle da situação desse jeito, mas é uma sensação de satisfação, é uma sensação de tomar um rumo diferente na minha vida, um rumo que me afasta do meu passado, e me questiona quem eu estou me tornando, de certa forma. Não sou mais o mesmo homem de antes, mas permaneço com os meus vícios, como se tudo o que se refere à Alice me torne mais possessivo, mais autoritário, controlador e viciado em seu sexo.

Sorrio, e Alice sorri ainda mais,

caminhando devagar para mim, para os meus braços. Estou excitado em vê-la desse jeito, em vê-la caminhando para o que eu quero. Estou fodidamente fascinado em ver Alice de branco, emocionada para dividir toda a sua vida comigo.

Se me perguntassem há um ano que tipo de homem eu era, poderia responder que era um maldito homem que gostava mais de sexo do que de conversas com mulheres. Meu prazer era o sexo, independente da mulher, independente se a mulher estivesse apaixonada por mim. Minha vida era Pandora e negócios e jamais comprometeria um futuro inteiro com uma mulher de sentimentos incertos.

Depois de amar Eva e ser traído de uma forma fodida, eu havia perdido a vontade de me envolver emocionalmente, eu na verdade estava na merda de sentir algo. O sexo era como um prazer que substituía qualquer falta de companhia. Eu

sempre fui suficiente para mim mesmo, eu era um fodido homem de negócios e sexo que preferia se manter assim. Era melhor me manter com a mente aberta do que controlado por sentimentos.

Mas Alice apareceu nesse mundo de sexo que eu vivia, que eu ainda vivo, e o transformou em seu mundo. O amor que eu senti por Eva era pouco comparado ao envolvimento que eu queria ter com Alice. Eu a queria, e todas as noites que eu não a tinha, se transformaram em tortura, mesmo dentro de Pandora, vendo outras mulheres nuas, beijando outras bocas, não foi o suficiente.

Não foi apenas o sexo que tive no seu apartamento que me fascinou, mas a vontade de tomar seu corpo novamente para mim. Sempre senti prazer em ter o corpo da mulher nas minhas mãos, o seu prazer controlado por mim, e quando beijei Alice naquela boate, eu buscava apenas colocá-la no lugar que eu sempre coloquei as

mulheres, na cama, no meu pau, com as minhas mãos e ouvir seus gemidos, dar um prazer que só eu poderia fazer. Mas Dana a levou antes que eu a convencesse de ir para algum lugar ou me deixar tocá-la lá mesmo.

E porra, confesso que quando a vi dar as costas para mim sem nenhuma relutância, me tratando como seu eu fosse um qualquer, como eu tratava as outras, enlouqueci. Eu precisava convencê-la de que ela precisava de mim, que estava excitada como eu estava fodido em tesão.

Foi fácil conseguir seu número, ainda mais fácil discar e ouvir sua voz. Alice tentou jogar comigo, tentou se mostrar forte, e me deixou ainda mais enlouquecido.

Mas perdi o jogo quando a vi na minha empresa, meu ambiente impessoal de trabalho, pronta para me obedecer, me deixar comandar. Porra, sou um fodido controlador porque assim que

me tranquei na minha sala, imaginando-a como minha estagiária, sentada do outro lado da porta, à espera de uma ordem minha, precisei me tocar, estava ferrado, porque a ideia era tentadora, me deixava em um tesão maldito.

Me torturei pensando em como seria tê-la na cama, mas eu não poderia, ela era agora parte do meu mundo profissional. Eu era um homem fodido, e acabei cedendo ao tesão.

Eu precisei conversar com ela, e a maldita conversa me deixou mais excitado ainda. Eu precisei encontrar seu endereço e invadir o seu apartamento. E porra, Alice cedeu ao desejo como eu cedi, eu a tinha como queria e poderia ter dado como satisfeito depois disso, como já fiz com algumas mulheres, mas algo me fez querer de novo, algo me fez pensar nela e a cada dia que eu a via na empresa, mais eu precisava me enterrar em seu corpo e sentir seu desejo por mim.

E então teve a festa que eu dei na minha casa, e Alice foi. Desde que eu a convidei, eu me proibi de me aproximar dela, precisava me manter na linha, mas depois de vê-la com Eduardo Constancer, mandei tudo para o inferno e fui um maldito possessivo, deixando claro o quanto Alice já era minha. Eu já a via como minha, como se eu fosse o único homem que pudesse dar prazer daquele jeito e a convenci de ficar na minha casa, a convenci de transar comigo novamente. Eu precisava apresentar meu mundo com calma para ela, porque percebi que ela não era uma mulher parecida com as que eu me envolvia. Ela não pertencia à esse mundo de sexo sem pudor, de ostentação e erotismo. Alice era calma, era centrada, era tradicional, e eu era um fodido viciado em sexo e excêntrico. Na verdade, ainda sou, e gosto disso.

Ela entregou o seu prazer para mim, me

deixou guiar seu orgasmo até onde eu queria, como sempre gostei de fazer, e me fez ir além, me fez ficar viciado em senti-la gozar comigo, em ouvir seus gemidos e seus desejos. Eu enlouqueci e contei sobre Pandora, algo que nunca havia pensado em fazer.

Diferente de muitas mulheres que aceitariam sem pestanejar, Alice recusou, Alice ficou com medo e deixou claro o quanto estava insegura com tudo, comigo. Eu insisti, eu sei que sou um maldito teimoso, que sempre insisto, mas quando se trata de Alice, eu não consigo parar, e ela cedeu, como eu queria, como eu desejava.

Eu a levei, eu vi a emoção que ela sentiu, eu vi que algo mudou dentro dela. Ela própria não se reconhecia, porque ela me queria lá, ela queria sentir o que Pandora faz com as nossas mentes, e se entregou para mim. Porra, eu estava enlouquecido por ela, eu a tinha sob controle, dentro de Pandora,

ao meu dispor. Eu tinha em Pandora uma mulher que jamais imaginei lá, e isso me deixou fodidamente excitado, apaixonado. Eu a tinha sob meu controle.

E então ela quis me dominar. Ela quis me tirar o controle que sempre gostei, e quis inverter os papéis. Me senti desesperado, me senti fora de mim mesmo, experimentando uma sensação que nunca pensei, mas Alice pediu, e porra, eu poderia ter dito não, como fiz com muitas mulheres, mas não consegui dizer não para Alice. Eu cedi, eu a deixei no controle, e pude ver até onde ela iria. Eu a vi se transformar em uma mulher do sexo, em uma pessoa que me deixou excitado apenas de tocar.

Por mais estranho que pareça, mesmo agora, ao pensar nisso, eu gostei de Alice me dominar, eu gostei de vê-la buscar meu prazer. Eu me perdi por ela desde aquele momento.

Eu queria levá-la de novo para Pandora, eu

queria ter ela novamente, e comecei a me envolver em um relacionamento sério, algo que na verdade não buscava, mas para ter Alice, eu não podia evitar. E porra, eu gostava de estar apenas com ela, de saber que ela era minha, eu gostava de entrar em seu apartamento como um namorado, de possuí-la por ela só me querer. E eu queria assumir isso, eu queria mostrar para o meu mundo que eu tinha Alice.

Mas meu passado, meu mundo, sempre pesou sobre mim, e minhas escolhas de amizade e envolvimento me perseguiram. Antone precisava da minha ajuda sobre Eva, Enzo me pedia para ajudá-lo, e mesmo sabendo que talvez eu pudesse me envolver demais nessa merda, eu não pude negar para os meus amigos. Eu precisei me meter na porra que Antone fez, e isso colocou Alice em perigo.

Eu achei que a tinha perdido, e ela me

recusou. A mulher que mais amei já não me queria mais. Eu me arruinei, eu estava desesperado, não queria ir mais para a porra da empresa, não queria mais saber o que acontecia com Alice, porque eu sabia que Eduardo iria atrás dela. Mas percebi que seria o melhor para ela, se afastar de mim. Eu a fiz ficar nesse estado, eu a trouxe para meu mundo, e esse não era o lugar para ela. Desisti de Alice na intenção de fazê-la parar de me amar, desistir de estar comigo.

Viajei com Nássia, uma antiga amiga, me aproximei novamente dela, e eu deveria ter percebido o plano delas desde o início, quando Nássia começou a falar de Antonella, mas eu não me importava, eu estava desmoronado por dentro por abrir mão da única mulher que amei.

E então vi Alice em um evento, acompanhada de Eduardo, e eu sabia pelos seus olhos que ela se incomodou por me ver com

Nássia. E isso me deixou devastado, me deixou claro que, porra, ela ainda me amava, que meu plano havia fracassado. Fui atrás dela, invadi seu apartamento, e a vi nos braços de Eduardo, beijando-o do jeito que ela deveria me beijar.

Enlouqueci, mas eu estava errado, eu não deveria ter ido, eu deveria tê-la deixado com Eduardo, talvez ela se esquecesse de mim. Mas fui fraco ao mesmo tempo, porque eu sabia que estava errado, mas não conseguia aceitar que ela não fosse minha, não consegui abrir mão do que eu sentia.

Eu tentei evitá-la, eu tentei me manter longe, mas Alice veio atrás de mim, me seduziu de um jeito irresistível, de um jeito quente, e eu cedi, eu precisei me enterrar nela, eu precisei possuí-la. E ela começou a jogar comigo para que eu a quisesse de volta, mas porra, eu estava quase fora de mim para voltar com ela, e esse jogo de sedução me desestruturou e eu cedi, eu me entreguei.

Eu estava apaixonado por Alice e não pude ver o que ela aceitou fazer. Alice aceitou a ajuda de Anya, um plano elaborado para tirá-la de mim, para libertá-la de um jeito que a fizesse preferir a companhia a de Anya, mas eu sabia que Alice não era assim, que ela iria se perder. E ao mesmo tempo em que me preocupava com o plano de Anya, deixei Nássia de lado, sem perceber que ela estava com Antonella, apenas esperando que eu me separasse de Alice.

Eduardo me ajudou, e porra, eu a peguei na cama, devastada, e a levei para o meu apartamento. Eu a amei, e Alice pediu que eu fodesse com ela, do meu jeito. Eu já a amava, e esse pedido me desestabilizou, me deixou fodidamente mais apaixonado. Como eu a queria desse jeito, como eu queria me perder dentro dela, e foi o que fiz.

Ela já não era uma mulher tradicional de quando a conheci, ela estava liberta, me fascinando,

e então descobri que os pais de Antonella haviam falecido há algum tempo, eu precisava entrar em contato com ela sobre nossos negócios. Mas antes decidi avançar com Alice, a pedi em casamento, para a minha segurança e porque eu queria mais com ela, eu queria ter esse relacionamento, mas Alice negou, me deixou perdido.

Eu caí no seu plano e Antonella estava em posse das fotos de Alice nua. Ela ameaçou expor Alice, e porra, eu não iria permitir, ela era só minha, eu não iria permitir que Alice se sentisse destruída, e aceitei levar Antonella para Pandora.

Eu estava fodido, havia feito a pior merda, e para piorar, Alice estava lá, livre, liberta, sedutora. Era a mulher por quem eu me perdia sempre, mas eu estava acompanhado de Antonella, e isso destruiu Alice, me destruiu. Eu mandei para o inferno a ameaçada de Antonella, depois de ver Alice, eu corri atrás dela para vê-la se trancar em

um quarto com Eduardo.

Mas Eva e Antone me ajudaram, na verdade, apenas Eva. Antone tirou proveito da situação, mas Alice se mostrou mais esperta do que ele, e o entregou para Anya, que no fundo sei que gosta de Alice de uma forma boa.

Alice sabia lidar com as situações do meu mundo, Alice estava confortável no meu mundo, sem mim. Ela viajou, me deixou, me ignorou, e eu precisei ir atrás dela. As notícias diziam que a minha mulher era de outro, as notícias diziam que Alice estava feliz sem mim, e eu precisei fazer algo. Me arrisquei me expor, fui ao limite e implorei seu amor, seu perdão. Eu a possuí, eu fodi com ela, e antes de consegui-la novamente, Antonella expôs suas fotos, mas diferente do que achava, Alice apenas se tornou mais forte.

E voltou para mim.

Porra, eu enlouqueci, eu tinha novamente a

Alice sem mais inseguranças, e pedi para Enzo afastar Antonella e refiz meu pedido de casamento.

Alice aceitou, Alice se entregou para mim, se tornou meu mundo, e agora ela é apenas minha.

Eu estou experimentando uma nova sensação, ela me tirou da minha zona de conforto.

Olho para a minha Alice, caminhando na minha direção. Porra, ela está vindo para unirmos nossas vidas, para deixar claro o quanto sou dela, o quanto ela é minha. Sorrio, satisfeito por ter conseguido, por ter acabado com toda insegurança, por Alice ter se descoberto e ter confiança em si mesma, por se ver como a mulher que eu a vejo.

Dou um passo na sua direção e estendo a mão. Eu a quero rápido, eu a quero aqui comigo. Olho para o seu pai, que sorri, me ameaçando com os olhos. Eu cuidarei bem da minha mulher, eu não a deixarei sofrer mais, eu estarei sempre ao seu lado, porque sou assim, sou um fodido possessivo e

obcecado, mas estarei sempre de olho em Alice.

Alice para na minha frente, e seu pai da um beijo em seu rosto. Reteso a mandíbula, esperando-a. Porra, estou nervoso de um jeito diferente. Pego sua mão e vejo a felicidade em seus olhos, a minha felicidade. Estou fodidamente perdido por ela, eu a amo de um jeito enlouquecedor.

A puxo para o altar, vendo-a caminhar com o vestido de noiva, e sorrio. Alice parece tão confiante.

Olho para o padre à nossa frente, e pelo canto do olho a vejo ansiosa, apertando forte a minha mão.

Esse é o nosso momento, esse é o momento que Alice será apenas minha, oficialmente.

E então ouço um grito. Porra. Olho sobre o ombro e vejo dois seguranças correrem entre os bancos dos convidados. Solto a mão de Alice e me viro. Que porra está acontecendo?

PERIGOSAS NACIONAIS

Os dois seguranças correm em direção do túnel, e um homem aparece caminhando, desesperado. Ele cruza o túnel e para no corredor do casamento, com os olhos famintos na minha Alice.

—Pare — ele grita, e uma mulher corre atrás dele, no mesmo desespero.

—Eduardo — ela grita, puxando sua camisa social branca para trás, mas Eduardo Constancer a ignora, olhando para nós, para a minha mulher. Vejo pelo canto do olho Alice desesperada.

Eduardo dá um passo na nossa direção, e porra, eu avanço, descendo do altar. Esse é o meu casamento, não deixarei ninguém atrapalhar o momento de Alice, o nosso momento. Sou um fodido controlador, e não deixarei que essa situação fuja do controle.

Capítulo Quarenta e Sete.

PERIGOSAS ACHERON

Isso não pode estar acontecendo. Isso não é real. Meu coração parece parar, o ambiente rodopia e minhas mãos suam frio.

Tom avança, fugindo das minhas mãos, assumindo seu jeito explosivo, furioso, e pelo seus modos, ele está enlouquecido.

—Tom — grito, desesperada, e Tom olha para trás, para mim, parando. Olho ao redor, e percebo que todos estão olhando para nós. Minha mãe abre a boca, sendo segurada pelo meu pai, e vejo Enzo agarrar o braço de Anya, mantendo-a parada ao seu lado.

Desvio os olhos e volto a olhar para Eduardo, parado no meio do corredor entre os bancos, me encarando com olhos desesperados, uma expressão perdida. O que aconteceu com ele?

—Eduardo, não faça isso — Mercedes diz atrás dele, puxando-o — não era para você realmente vir para cá.

—Alice — ele grita meu nome, embriagado, totalmente perdido, e aponta para mim, puxando o outro braço do aperto de Mercedes — não se case. Tom não merece você, Tom é um cafajeste que nunca a fará se sentir segura — ele pausa, respirando fundo, e olho Tom retesar a mandíbula ainda mais, cerrando os punhos. Ele vai avançar em Eduardo a qualquer momento.

—Ed — o chamo, e vejo seus olhos me fitarem perdidos, respiro fundo, confusa. Merda, o que posso fazer para resolver essa situação? Me viro, dando um passo na direção de Ed. Tom me olha furioso, e respiro fundo novamente — eu estou me casando por escolha, eu amo Tom — tento falar.

—Eu amo você, Alice — Ed grita, abrindo os braços. Merda, a situação está piorando.

Tom cerra os dentes, furioso, e rosna, fechando os punhos e caminhando em direção à Ed,

furioso.

—Tom — o chamo, mas ele me ignora, de costas, caminhando firme na direção de Ed, que o fuzila com os olhos.

—Porra — ouço a voz de Enzo e olho para trás, vendo-o largar Anya e correndo. Ele passa por mim e corre na direção de Tom — seguranças — Enzo grita autoritário, e Tom para, furioso, a alguns passos de Ed.

—Vá embora, Eduardo — Tom diz autoritário, em um rosnado — vá embora, Mercedes — Tom abaixa a cabeça, e percebo que está tentando se controlar para não explodir.

Dois grandes seguranças correm nas direção de Ed, e assim que Enzo agarra o braço de Tom, os seguranças agarram os braços de Ed, jogando-o para trás. Mercedes dá um grito e arregalo os olhos. Ed me encara furioso, e puxa os braços, tentando se soltar dos seguranças, mas esses o arrastam em

direção ao túnel. Ed me fita ensandecido.

—Não case, Alice — ele grita enquanto é arrastado para o túnel, com Mercedes desaparecendo no túnel antes dele. Merda, eu jamais imaginaria isso, eu jamais imaginaria que Ed estava nesse estado.

Respiro fundo e olho ao redor, vendo o assombro nas feições de todos os convidados.

—Se me derem licença — Anya diz em um tom alto, lento, e passa por mim, caminhando firme na direção de Tom e Enzo. Permaneço aturdida, apenas observando, como se isso não estivesse acontecendo no meu casamento. Anya agarra o braço de Enzo e cochicha algo em seu ouvido. Tom a encara por alguns segundos e assente, dando passagem para Enzo e Anya, que caminham firme em direção ao túnel, abandonando meu casamento.

Tom se vira lentamente e me encara

preocupado.

—Podemos continuar? — ele pergunta educado, e sem raciocinar, apenas assinto. Ele caminha firme, autoritário, na minha direção, e sobe o altar, parando ao meu lado. Respiro fundo, vendo seus olhos fixos em mim — você quer continuar? — ele pergunta sério, e abro a boca.

—Sim, eu quero — respondo firme. Mesmo com Ed atrapalhando nosso casamento, eu ainda quero continuar — o que Anya falou? — pergunto curiosa. Tom retesa a mandíbula e abaixa a cabeça.

—Eduardo estava bêbado, estava devastado e controlado por Mercedes. Anya disse que precisaria afastar Mercedes de Eduardo, para conseguir fazê-lo voltar a si. Mercedes brincou demais com ele — Tom sussurra e ouço meu coração voltar a bater devagar. Eu devo confiar em Anya?

PERIGOSAS NACIONAIS

—Anya vai realmente ajudá-lo? — pergunto preocupada, e Tom assente.

—Anya fará isso por Armando. Há mais em jogo do que apenas ser solidária — Tom sussurra e fecha os olhos.

—Eu quero me casar com você, Tom — decido, mesmo com a confusão de Ed, ainda acredito que podemos levar esse casamento adiante — podemos continuar?

Tom, ainda de olhos fechados, sorri torto, retesando a mandíbula, e me encara com os olhos azuis escuros, ferozes.

—Nós vamos continuar — ele afirma autoritário, sedutor, me deixando arrepiada com o tom rouco da sua voz. Sorrio, tentando esquecer a confusão, e olho para o padre, que acompanha a nossa conversa em silêncio — por favor, continue — Tom pede, e o padre assente.

Meu coração, antes parado, volta a se

acelerar, como se o choque de antes me fizesse sentir ainda mais emoção. A música de violino volta a tocar, e sorrio, ouvindo os murmurinhos acabarem e deixarem apenas a voz do padre na nossa frente. Tom pega a minha mão, enquanto seguro o buquê erguido, e sinto seu aperto forte, seu nervosismo.

—Hoje, perante Deus, caríssimos noivos, estaremos unindo duas vidas em apenas uma. Cristo abençoará essa união, para que seja a felicidade de ambas as partes, assim com, perante testemunhas, jurarão cumprir o dever do santo matrimônio. O casamento significa união de fidelidade, um comprometimento com a felicidade um do outro, assim como a busca pela união estável, pelo companheirismo, e com a benção de Deus, permanecerem fiéis até o final da vida — o padre pausa, e respiro fundo, sem conseguir acalmar meu coração. Minhas mãos tremem, e sinto

minha respiração acelerada. O arrepio é arrebatador, e me sinto dentro de um sonho. Olho para Tom, que me fita de canto de olho, sério, feroz. O padre continua — hoje, perante Deus, perante todos, estarão firmando votos de grande responsabilidade, estarão se comprometendo em uma promessa eterna, um casamento é a promessa de estarem comprometidos a cumprirem o papel fundamental na vida um do outro, a estarem dispostos à compartilharem alegrias, tristezas, desejos e sonhos. Um casamento é consentir com uma união. Ambos estão por livre e espontânea vontade aqui hoje, para fazerem juramento? — o padre pergunta, e levanto a cabeça, virando-a na direção de Tom. Seus olhos azuis escuros me encaram ferozes, e ele sorri sedutor.

—Sim — Tom sussurra com a voz rouca, me deixando enlouquecida. Sorrio, apertando com força o buquê.

—Sim — sussurro de volta, em êxtase.

—Seguindo o caminho do matrimônio, estais dispostos a amar-vos, respeitar-vos, ao longo de toda a vida? — o padre pergunta novamente.

—Sim — respondo, e Tom sorri, inclinando levemente a cabeça para o lado.

—Sim — ele sussurra roucamente, me comendo com os olhos. Sorrio, sentindo o fogo de Tom, quente.

—Estais dispostos a cumprirem os papéis responsáveis na vida, a união em busca da felicidade?

—Sim — Tom sussurra ao mesmo tempo em que eu.

—Uma vez que é o vosso propósito o matrimônio, uni as mãos direitas e manifestai o vosso consentimento na presença de Deus e de todos os presentes nesse casamento — padre pede, e Tom se vira de frente para mim. Sorrio, sem

graça, e me viro de frente para ele. Encaro Tom, o meu noivo, o meu futuro marido. Desço os olhos para o seu corpo, o corpo que me deixa em um prazer extremo, e volto a encarar seus olhos azuis escuros, ferozes em mim.

Tom estende a mão direita, e eu estendo a minha, entrelaçando meus dedos aos deles. Sorrio, ansiosa, em um nervosismo cada vez maior. Sinto sua mão suar frio, assim como a minha, e sua expressão é de ansiedade também. A vertigem me deixa em adrenalina pura. Tom sorri torto para mim, sedutor.

—Eu, Tom Haltender, recebo-te, minha Alice, como minha esposa — ele hesita, e vejo emoção em seu rosto. Respiro fundo, tentando conter a emoção de ouvir sua voz rouca me jurando. Tom continua, e sua voz rouca me arrepia — prometo ser-te fiel, amar-te, respeitar-te, estar ao teu lado, na alegria e na tristeza, na saúde e na

doença, todos os dias da nossa vida. Comprometo-me a te amar cada dia mais, como eu te amo hoje.

Uma lágrima escorre dos seus olhos azuis escuros, deslizando pelo seu rosto, e pisco, deixando uma lágrima também deslizar pelo meu rosto. Aperto com força sua mão, sentindo meu coração como uma escola de samba às pressas.

—Eu — pauso, respirando fundo — recebo-te, Tom Haltender, como meu esposo — sorrio, vendo-o sorrir emocionado, um sorriso que nunca vi antes, uma emoção em seu semblante desconhecida. Respiro fundo, tentando não deixar a voz tremer — prometo ser-te fiel, amar-te, respeitar-te, estar ao teu lado, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, todos os dias da nossa vida. Eu te amo hoje, assim como amarei todos os dias da minha vida — finalizo e sorrio, sem conseguir esconder a felicidade.

—Confirme o Senhor, benignamente, o

consentimento perante Deus, e enriquecer-vos com a sua benção. Não separe o homem o que Deus uniu — o padre continua, e permaneço olhando os olhos azuis escuros de Tom. O padre continua — que Deus abençoe o matrimônio aqui realizado — o padre pausa, e Tom o olha pelo canto do olho. O padre sorri, se dirigindo à Tom — as alianças.

Tom sorri, e com a mão esquerda, puxa do bolso uma pequena caixinha preta. Meu coração parece fugir do meu corpo pela boca, correr e avançar túnel afora. Sorrio, emocionada, sem conseguir conter a risada nervosa, e Tom sorri, satisfeito por me ver nesse estado. Ele solta a minha mão, e com uma segurando a caixinha, ele a abre na minha frente. Duas grossas alianças de ouro reluzem dentro da caixinha.

Tom tira a menor, com diamantes incrustados, e pego a maior, apenas de ouro. Ele guarda novamente a caixinha e me encara, com os

olhos brilhando de emoção. Sua expressão é de ansiedade pura. Estendo minha mão esquerda e Tom a segura. Ele se inclina e a beija, arrepiando minha pele, aumentando a sensação de emoção plena.

Ele olha para mim, sorrindo torto, e começa a colocar a aliança no meu dedo anelar.

—Alice, minha Alice — ele sussurra sedutor, com a voz rouca, com uma expressão de pura satisfação, com os olhos azuis escuros ferozes em mim — a mulher que mais amei na minha vida, a mulher que amo e que juro me comprometer a fazer feliz todos os dias, a amá-la todos os dias, recebe esta aliança como sinal do meu amor e da minha felicidade, a felicidade que você me faz sentir.

Uma lágrima desliza pelo meu rosto novamente, e sorrio emocionada. Mordo o lábio, vendo Tom sorrir, e estender a mão esquerda na

minha direção. A pego, e começo a conduzir o anel para o seu dedo anelar. Tom sorri sem jeito, nervoso.

—Tom, meu Tom — sussurro ansiosa — o homem que me fez ver o quanto eu poderia ser feliz, o quanto posso amar. Eu o amo e juro me comprometer em fazer você feliz todos os dias da nossa vida, recebe esta aliança como sinal do meu amor e da minha felicidade. Eu o amarei sempre.

Coloco a aliança em seu dedo, e Tom se inclina novamente, pegando minha mão e a beijando. Sorrio, sem conseguir acreditar ainda que esse casamento ostentoso é meu, e de certa maneira, é a cara de Tom. Não consigo acreditar que eu estou casando com Tom. Olho para o seu rosto intenso, seus olhos azuis escuros fixos em mim.

—Pode beijar a noiva — ouço a voz do

padre.

Tom me puxa pela mão contra seu corpo, e bato meu peito contra o seu, batendo o buquê também. Suas mãos contornam minha cintura, apertando-a, e ele aproxima os lábios dos meus, sedutor.

—Agora você é minha esposa — ele sussurra triunfante e avança contra os meus lábios, em um selinho longo. Sinto sua respiração quente bater na minha pele, minha intimidade derreter por ele, e com uma mão, subo até seu rosto, acariciando-o.

—Sou sua — sussurro contra seus lábios, e Tom sorri, se afastando. Mordo o lábio, tentando me recompor do tesão ao sentir sua vontade. Dou alguns passos para trás, um pouco sem graça, e em viro de frente para o padre, assim como Tom.

—Perante os convidados, convido-vos para se dirigirem para o canto direito, oficializando

no civil — o padre diz, e olho para o lado, vendo um grande livro sobre uma pequena mesa de flores vermelhas. Tom pega a minha mão e se vira, me ajudando a descer o degrau do altar. Sorrio, um pouco sem graça com todos os olhos em mim, sem acreditar que eu estou vivendo esse momento, e caminho ao lado de Tom, parando de frente para a mesa. Tom larga a minha mão e se inclina, assinando o caderno. Mordo o lábio, vendo-o assinar seu nome, e Tom se vira, me oferecendo a caneca. A pego, ainda imóvel.

—Você não me disse que o casamento civil seria hoje também — murmuro um pouco sem graça — que tipo de acordo você fez? — pergunto curiosa, e na verdade, temerosa. Merda, Tom fez de propósito. Tom sorri, satisfeito por me ver sem saída, e se aproxima, sussurrando no meu ouvido.

—Agora você não tem escapatória, minha Alice, apenas assine. Depois você pode saber — ele

sussurra roucamente no meu ouvido. Merda, definitivamente Tom fez de propósito. Respiro fundo para não ficar brava com Tom no altar do nosso casamento, e o encaro séria.

—É bom que você tenha pensado como eu pensaria, Tom Haltender — o ameaço, e Tom pisca um olho de forma devassa, dando passagem para eu assinar. Me inclino, largando o buquê ao lado, e assino, vendo o nome de Tom. Largo a caneca sobre o livro, pego o buquê de volta e me viro de frente para Tom, que estende a mão na minha direção. Coloco a minha sobre a sua, e Tom me conduz de volta para o altar. Paro de frente para o padre, de mãos dadas com Tom.

—Perante Deus e todos os presentes aqui hoje, é com orgulho que os declaro marido e mulher — o padre declara, espirrando água benta em nós, fazendo o sinal da cruz. Sorrio, olhando de soslaio para Tom, e ele aperta com força minha

mão. Sorrio, e Tom me puxa contra seu corpo, dando um rodopio comigo e me jogando para baixo, me sustentando com a mão nas minhas costas.

—Minha esposa — ele sussurra contra os meus lábios, e me beija devagar, apenas encostando os lábios quentes nos meus. Suspiro contra seus lábios e ele me levanta. A música aumenta, e sorrio, de frente para os bancos. Todos os convidados se levantam, aplaudindo. Vejo Dana no primeiro banco, ao lado dos meus pais e com os outros padrinhos. Ela sorri emocionada, e olho minha mãe, que chora abraçada ao meu pai. Sorrio ainda mais, vendo Gabriel animado. Olho ao redor, vendo mais pessoas que eu não havia visto antes, e Tom, de mãos dadas comigo, me conduz para descer do altar. Desço, e começo a caminhar devagar ao seu lado, sorrio. Tom sorri também, nervoso, me conduzindo, e caminhamos devagar

entre os bancos pelo caminho. Do alto ouço um estouro e olho para cima, vendo milhares de pétalas de rosas vermelhas caírem do teto instalado com lustre, como uma chuva vermelha, caindo sobre todos, contínua. A música aumenta, e olho para Tom, sentindo a emoção explodir dentro de mim.

Paro em frente ao túnel de rosas e olho para trás, vendo todos nos aplaudirem. Tom me puxa e entra no túnel, me conduzindo por ele. Permaneço em silêncio, ouvindo a música e meu coração no mesmo ritmo, acompanhada de Tom.

—Foi como imaginou? — a voz rouca de Tom me acorda. Olho para ele, sem conseguir esconder o sorriso. Estou casada com Tom, estou casada com o homem que amo. Aperto sua mão com força, e assinto.

—Foi mais do que imaginei — sussurro, e pelo canto do olho vejo Tom sorrir torto, com uma expressão de satisfação, como se ele estivesse no

controle de tudo, e merda, eu sei que de certa forma, ele está.

Saio do túnel ao seu lado, vendo o caminho que nos leva até sua casa, toda decorada com as rosas que escolhi. Tom me puxa e agarro a barra do vestido, correndo ao seu lado. Ele sorri para mim, deixando os cabelos louros ao vento, me enfeitiçando, e respiro fundo, sem fôlego por tudo o que eu estou vivendo. Parece que estou dentro de um sonho.

Corro e alcanço as escadas ao seu lado, fitando os dois seguranças ao lado das portas de entrada da casa. Eles as abrem para nós, e olho para o hall de entrada, decorado para o casamento.

Olho ao redor, me certificando que está exatamente como queríamos, e sorrio, sentindo Tom me observar com os olhos azuis escuros ferozes em mim, como se não quisesse estar na festa do casamento, mas sim dentro de um quarto

de porta fechada, comigo, nu. Viro o rosto, encarando-o, e seus olhos azuis escuros, selvagens, parecem me queimar, me chamar para o seu fogo. O calor sobe pelas minhas pernas, e suspiro, sorrindo sem graça. Eu também não quero estar na festa, quero Tom dentro do quarto, quero seus lábios, suas mãos. Desço os olhos pelo seu pescoço, pela sua roupa delineando seu corpo e olho para o meu longo vestido.

—Acho que dará trabalho — murmuro sem graça, me referindo ao vestido. Tom ri roucamente, balançando a cabeça, e caminha elegante até mim. Ele roça os dedos no meu pescoço, e seu toque quente me arrepia.

—E não daria tempo — Tom sussurra com a voz rouca — mas teremos tempo de sobra depois, minha Alice, e não me cansarei nenhum pouco.

Mordo o lábio inferior, encarando-o, e assinto, imaginando como será minha lua de mel.

Uma praia paradisíaca, luxuosa, um lugar que jamais imaginarei que iria. E Tom, atraindo olhares aos montes, de todas as mulheres do hotel, da praia. Merda.

Mas ele é meu marido, não é? Todas poderão olhar, todas poderão babar, mas Tom é meu marido, a aliança no seu dedo é minha, e só eu poderei vê-lo nu.

Tom levanta minha cabeça pelo queixo, e sorri torto, me seduzindo ainda mais.

—O que você está pensando? — ele pergunta preocupado, e arqueia uma sobrancelha, com os olhos azuis escuros inspecionando meu rosto. Nego com a cabeça, esquecendo meus pensamentos.

—Estou pensando em como será nossa lua de mel — confesso, e Tom franze a testa, confuso.

—Os noivos — a organizadora nos chama, e a olho, vendo-a nos indicar para continuarmos —

os convidados já estão vindo.

Sorrio, assentindo, e Tom desce a mão pelo meu pescoço, roçando os dedos até alcançar minha mão direita. Ele a agarra, entrelaçando nossos dedos. Olho de canto para Tom, e meus olhos se encontram com os seus, famintos em mim. Passamos do hall, chegando ao grande salão da casa de Tom, organizado com mesas com várias rosas escolhidas por mim, lustres imensos, mesas com toalhas vermelhas, arredondadas, espalhadas pelo grande e luxuoso salão. Mais sofás estão dispostos, elegantes, ornando com a decoração, para que os convidados descansem também. O teto foi escurecido, com flores caindo por ele, acompanhando os vários lustres de cristais, deixando um ambiente parecido ao ar livre, mas dentro da casa. Abro a boca, sem conseguir acreditar que esse luxo todo é o meu casamento. Dias antes, quando acompanhei os preparativos, o

salão não estava inteiramente pronto, mas Tom me garantiu que ele cuidaria disso. É, Tom cuidou exatamente do jeito dele. Sorrio, sem graça, sentindo Tom me observar atento, observando cada detalhe da minha expressão. Olho para ele, que sorri satisfeito ao ver minha aprovação.

—Eu disse que cuidaria — Tom sussurra com a voz rouca. Exibido. E satisfeito.

Olho para a maior mesa, com o nosso grande bolo de casamento, que escolhi junto com Tom. Mais rosas que eu escolhi estão distribuídas pela mesa, junto com castiçais e velas.

—É, você cuidou até demais — comento, sem conseguir parar de sorrir, e Tom caminha elegante, me puxando ao seu lado.

—É o nosso casamento, Alice — ele sussurra autoritário, no meu ouvido, virando a cabeça na minha direção. Seus lábios quentes roçam na minha orelha, me arrepiando. Fecho os

olhos, sentindo meu coração pulsar acelerado no meu peito, sem ainda acreditar que é nosso casamento — eu quero que tudo seja como imaginamos, e não medi esforços para isso.

—E não está sendo? — pergunto curiosa, virando o rosto e encontrando o seu rosto esculpido rente ao meu. Seus olhos descem para a minha boca, e ele permanece sério, me encarando de forma fascinada.

—Será quando eu a tiver na minha cama — ele sussurra sedutor, sério, roçando os lábios quentes nos meus. Suas mãos agarram minha cintura sobre o vestido, com força, e empurra meu corpo contra o seu. Bato meus seios no seu peito musculoso, e sorrio, me derretendo por Tom. Encaro seus olhos azuis escuros.

—Os convidados estão chegando — sussurro, e Tom rosna, contrariado, me soltando. Respiro fundo, tentando diminuir o tesão, e olho ao

redor novamente. Ouço o barulho de salto e a organizadora chega novamente, seguida de vários seguranças. Ela nos vê, com um rádio na mão, e faz um sinal, nos chamando.

—Os convidados estão vindo. Alice, deixe o buquê sobre a mesa, para ser admirado, e venha com Tom para a entrada do salão — ela nos ordena, e Tom agarra minha mão novamente, entrelaçando os dedos, e me guiando. Sorrio, achando tão estranho Tom ser mandado e obedecer sem questionar. Entrego meu buquê para ela e caminho ao lado de Tom, parando na entrada do salão, ao lado de Tom, perto das grandes portas de vidro.

Uma música começa a tocar, me arrepiando. Olho ao redor, sob o som da música, para cada vez enfeitada, para cada taça de cristal, para cada luxuoso vaso e sofá. Isso tudo é o meu casamento, é o meu casamento com Tom. É tão estranho me imaginar há meses atrás, e então agora casada com

essa sofisticação. É tão irreal.

Desvio os olhos, virando a cabeça, e olho para o homem louro ao meu lado, seus olhos azuis escuros, fixos em mim, me lembrando por tudo o que passamos. Tom. É tão real sua mão quente sobre a minha, apertando meus dedos, sua pele quente, a pulsação enlouquecida do meu coração.

Ouço passos, e viro a cabeça, vendo meus pais caminharem conversando, vindo à nossa direção. Minha mãe sorri ao me ver, abrindo os braços.

—Filha — ela me chama, parando na nossa frente e me abraçando — você não sabe como estou emocionada.

—Eu também, mãe — sussurro no seu ouvido, sorrindo, e ouço Tom conversar animadamente com meu pai. Olho para eles, e meu pai me abraça forte. Uma mulher, parte da organização, se aproxima, indicando para eles a

mesa. Meus pais se afastam, e vejo Gabriel caminhando sozinho, com as mãos no bolso e a cabeça abaixada, como se estivesse incomodado. Franzo a testa, sem entender, e assim que ele levanta a cabeça, me fitando, sua expressão se torna animada.

—Ali — ele diz, passando pelas portas de vidro e me abraçando com força — é bom que tenha comida boa — ele diz zombeteiro no meu ombro, para mim e para Tom. Me afasto, dando um leve tapa no seu peito, e rio.

—É sempre comida boa, Gabriel — Tom responde antes de mim, e Gabi assente, sendo conduzido para a mesa. Em seguida vejo Dana e Carlos aparecerem, sendo seguidos por Augustine e sua esposa. Os cumprimentos, prometendo passar na mesa de Dana depois. Mais convidados passam por nós, e com educação, cumprimentamos todos, deixando-os serem conduzidos para as mesas. Após

várias pessoas, me viro para Tom, começando a pensar.

—Acho que todos já estão aqui, Tom — sussurro, e Tom nega.

—Agora todos estão. Os Lehanster chegaram — Tom me informa, e viro a cabeça, arregalando os olhos. Vejo Anya caminhar firme, de forma elegante na minha direção, com um irmão em cada lado, sendo guiada por eles, e Eva ao lado de Antone. Meus olhos se encontram com os de Anya, e ela sorri. Me lembro do presente que disse que deixou na casa, mas eu ainda não o vi.

Eles passam pelas portas de vidro, e Antone e Enzo param em frente de Tom, cumprimentando-o. Eles conversam de forma contida, e Anya para na minha frente, sorrindo lentamente.

—Ainda não abriu o presente, Alice? — Ela pergunta direta. Arqueio uma sobrancelha, curiosa.

—Ainda nem o vi — respondo sincera, começando a suspeitar de que eu não vou gostar. É tão estranho estar diante deles, e não sentir mais nenhum desconforto, é como se eu já tivesse me acostumado. Anya assente, e se inclina na minha direção. Dou um pulo, me assustando. O que ela pretende fazer?

Anya levanta os braços e me abraça de forma elegante, encostando a bochecha na minha. Franzo a testa, achando estranho, mas retribuo o abraço, sentindo seu perfume forte e provavelmente caríssimo.

—Não precisa me dizer se aceitará ou não. Você já sabe o que fazer — Anya sussurra lentamente no meu ouvido, e se afasta, virando o rosto sem olhar minha reação. Abro a boca, sem entender sua frase, e a vejo se afastar com seus irmãos, me ignorando. Olho de canto para Tom, que me observa preocupado. Ele estende o braço

para que eu coloque minha mão, e assim que o faço, ele se inclina na minha direção.

—O que Anya disse? — ele pergunta autoritário, deixando claro que não há escapatória. Encaro seus olhos azuis escuros e respiro fundo.

—Algo sobre um presente que deixou para mim — respondo. Tom percorre o salão com os olhos até pará-los em Anya, de forma ameaçadora.

—Vamos abri-lo depois — Tom afirma, se colocando na situação, mas isso já era de se esperar.

Caminho ao seu lado até o centro do salão, sentindo todos os olhos em mim, e sorrio. Um grupo de violinistas entra pela porta, e arregalo os olhos. Tom não me contou nada sobre isso. Olho para ele, surpresa.

—É a nossa dança — Tom sussurra, me puxando. Abro a boca, incrédula. Quando ensaiamos, a música era gravada, nada de acústico

ou com violinos. Tom agarra minha mão, levantando-a, e sua outra mão espalma na minha lombar. Meu corpo cola ao seu, e sorrio. Todos os convidados se levantam, e a música começa a tocar, lenta, uma valsa romântica.

—Tom, eu — começo a falar, confusa, preocupada com a dança. Tom aproxima o rosto do meu, com os olhos fixos em mim.

—Relaxe, minha Alice, deixe que eu guie você — Tom sussurra com a voz rouca, charmoso, e sua mão aperta a minha com força, enquanto a outra me empurra mais contra o seu corpo. As luzes se apagam, e uma luz branca se acende, incidindo em nós. Sorrio, olhando ao redor — isso tudo é para você — Tom sussurra satisfeito, e me guia, começando a dançar. A música do violino se torna mais agitada, e me deixo ser guiada, lembrando dos ensaios que fiz com ele. Tom me guia pelo centro do salão, rodando comigo, com os olhos fixos em

mim, e o rosto rente ao meu. Mergulho no azul dos seus olhos, enfeitiçada, me perdendo na ferocidade do seu semblante, da urgência dos seus olhos. Giro com ele, e giro mais uma vez. Tudo parece desaparecer ao nosso redor, e a cada giro que fazemos, meu coração parece girar junto. Tudo desaparece, só existe apenas Tom e seus olhos ferozes em mim, seu perfume adocicado, suas mãos quentes, me guiando, seu corpo contra o meu. Ele sorri devagar, torto, sedutor — se você continuar a me encarar desse jeito — ele sussurra com a voz rouca contra os meus lábios — terei que levá-la para o meu quarto, terei que algemá-la na cama e explorar seu corpo.

O arrepio sobe pelas minhas pernas e fecho os olhos, suspirando. Merda, todos estão olhando para nós.

Sorrio, sem graça, e abro novamente os olhos, conseguindo controlar o tesão. Tom me joga

para trás, estendendo o braço, e meu vestido se esvoaça contra a luz. Estendo o braço, e Tom me puxa de volta, mostrando maestria na dança. Bato minhas costas no peito dele, sentindo sua definição, me excitando. Sorrio, e Tom coloca a cabeça no meu ombro, com os lábios no meu ouvido.

—Para quem uma vez não gostava de dançar — sussurro, e Tom ri com a voz rouca no meu ouvido, me arrepiando até a espinha.

—No meu casamento posso abrir uma exceção — ele responde sedutor. Danço no mesmo ritmo do seu quadril, esquecendo novamente as pessoas ao nosso redor.

—Como é estar casado, Tom? — pergunto séria, virando a cabeça sobre o ombro, encarando seu rosto a centímetros do meu. Seus olhos azuis escuros são urgentes em mim, e ele permanece com o semblante autoritário, me guiando para frente.

—É estranho — ele sussurra rouco e sorri

lentamente — e excitante.

—Por que excitante? — pergunto curiosa, arqueando uma sobrancelha.

—Porque agora posso tê-la sempre, em qualquer momento. Porque agora você é minha sem que ninguém possa questionar, agora você é oficialmente minha — ele sussurra devasso — por mais que eu não tenha imaginado que casaria com você quando a seduzi.

Rio, negando com a cabeça, e me lembro da frase que disse para Dana dentro do carro, na primeira vez que encontrei com Tom.

—É, eu também não — sussurro, me lembrando — naquela época afirmei para Dana que o meu beijo com você não foi um compromisso de casamento nem nada do tipo — hesito, observando Tom analisar meu rosto com uma expressão de desejo, como se quisesse me devorar. Seus olhos azuis escuros descem para os meus lábios e voltam

a encarar meus olhos — mas acho que estava enganada.

—Eu sabia que estava me envolvendo quando a convidei para Pandora — Tom diz sério, com os olhos penetrantes em mim — eu sabia que não conseguiria me manter longe de você mais.

—Agora você não precisa mais, não há nada que me afastará de você — afirmo, encarando os olhos de Tom e ele me joga novamente, me seguindo com os olhos ferozes em mim. Rodopio, avolumando a saia do vestido, e volto para Tom, de frente, entrelaçando meus dedos ao dele. Tom apoia a mão na minha lombar e me inclina para trás, finalizando a dança. Sorrio, deixando-o me guiar e subo novamente, olhando ao redor. As luzes se acendem, e todos aplaudem, com sorrisos. Olho para os vários fotógrafos, que tiram fotos e filmam a dança, e me pergunto o que eles filmaram.

Sorrio, lisonjeada, e os violinistas saem do

salão. Tom me guia até a nossa mesa, contornando-a, e com todos em pé, ele pega uma garrafa de champagne, abrindo-a. A rolha estoura em um baque, e todos levantam as taças. Sorrio, erguendo a minha, e Tom a serve, servindo a sua em seguida. Ele a ergue, fitando todos nas mesas.

—Agradeço a presença de todos os que aqui estão hoje, para celebrar nosso casamento — Tom diz, me olhando — todos vocês, de alguma forma, fizeram parte da nossa história. Nos conheceram antes de nos envolvermos, nos conheceram como um casal, mas o mais importante, nos acompanharam — Tom pausa, e sua expressão é de satisfação, seus olhos azuis escuros são ansiosos, e ele sorri. Sua voz rouca é autoritária, demonstrando o quanto ele é bom com discursos — muitos devem se pergunta como eu estou me casando. Quando conheci Alice — ele pausa, me olhando fixamente. Sorrio, em pé ao seu

lado, e olho para todos, sentindo os olhos em mim — eu não a imaginei como minha esposa, era muito difícil imaginar isso para mim. A cada dia, eu me envolvi mais com ela, como Dana — Tom levanta a taça na direção de Dana, que ri alto — deve saber. Eu me apaixonei pela mulher que Alice é, pela mulher que eu sabia que ela era a cada dia que passava. Tive alguns imprevistos — Tom sorri, olhando para Antone e Eva, que abaixa a cabeça — mas de certa forma, isso apenas me mostrou o quanto eu precisava de Alice na minha vida, o quanto eu estava apaixonado — Tom sorri, voltando os olhos para os meus pais — conheci os pais de Alice, sentindo que estava dando mais um passo em nosso relacionamento, e então conheci seu ex-namorado — todos os convidados franzem a testa, curiosos, e Gabriel sorri, levantando a taça — que quase me pediu em casamento — todos começam a rir, e rio também, acreditando nas

palavras dele. É bem típico de Gabi. Tom continua com a voz rouca, autoritária, mas com um grande sorriso — e então tivemos mais alguns contratempos — essa é a definição que ele está dando para Antonella — e Alice se tornou de certa forma, famosa — Tom sorri, me olhando — era um inferno ver seu rosto em outdoors, sabem por que? — ele pergunta sério para todos, que permanecem surpresos. Dana ri, assim com Gabriel — porque odiava a ideia de compartilhar a beleza da minha mulher com outros homens. Mas como eu disse, ela era minha, e isso já bastava. Eu não posso escolher o que minha esposa quer fazer na vida, eu posso, e devo, apenas incentivá-la e acompanhá-la, porque a sua felicidade é a minha. Alice — ele pausa, e com a taça em uma mão, ele estende a outra mão para pegar a minha. Estendo a mão, colocando-a sobre a sua — foi uma mulher que me conquistou, que despertou curiosidade em mim, porque ela é

simples e ao mesmo tempo perfeita para mim. Ela era e é diferente de todas as mulheres com quem eu já estive, e por me ignorar, por me mostrar que eu é quem deveria agradecer por tê-la, me conquistou — Tom pausa e levanta a taça, segurando a minha mão — eu sou o mesmo homem que eu era, mas com algo a mais. Hoje estou apaixonado, hoje me casei com a mulher que me conquistou, com a mulher que me fez perceber que há mais para se viver. Hoje sou um homem que ama uma mulher — Tom pausa, e olha para mim — eu amo você, Alice, e a amarei todos os dias da minha vida, por ser simplesmente a mulher que eu conheci e me apaixonei. Você é a única mulher que eu quis ao meu lado, e hoje, consegui tê-la como minha esposa. Você me tornou o homem que eu sou hoje, e por isso, sou seu também.

Sorrio, e meus olhos se enchem de lágrimas. Cada palavra de Tom aperta meu coração, revira

meu corpo em um arrepio enlouquecedor. Balanço a cabeça, deixando as lágrimas escorrerem, e encaro seus olhos azuis escuros, fixos em mim, sedutores, ferozes. Satisfeitos. Tom sorri torto, e se vira de frente para mim. Ele coloca a mão no meu rosto, e aproxima o seu, beijando suavemente meus lábios. Fecho os olhos por um instante, ouvindo sua respiração acelerada, sentindo seus lábios quentes contra os meus, e sua mão queimando minha pele. Ele afasta o rosto e abro os olhos, fitando seus olhos azuis escuros.

—Amo você — sussurro, e sorrio — agora é a minha vez.

Tom arqueia uma sobrancelha, curioso, e me afasto, levantando a taça na direção dos convidados, que retribuem o sorriso.

—Agradeço à todos que estão aqui presentes, no meu casamento — pauso, vendo Tom com os olhos vidrados em mim, intensos, sem

piscar. Seus olhos azuis escuros descem para a minha boca, e voltam a encarar meu rosto. Sua expressão é de ansiedade. Olho para os convidados, e sorrio para Dana — quando conheci Tom Haltender, eu estava com Dana, e naquela época, ela me aconselhou a me afastar. Ele era o pior homem que eu poderia conhecer. Mas por mais que eu quisesse me manter longe, Tom sempre soube ser sedutor — pauso, e olho para ele — e jogou o seu charme em mim — zombo e Tom ri, sorrindo sem jeito — acabei por me envolver com ele — volto a contar, olhando para todos — e aos poucos fui descobrindo o quanto ele era narcisista, egocêntrico, metido — começo a falar, e Tom franze a testa, arqueando as sobrancelhas — me perguntei como eu poderia um dia me apaixonar por ele. Mas na verdade — pauso, sorrindo para ele — eu já estava apaixonada, porque Tom possuí defeitos e qualidades, e é a junção de ambos que o

fazem ser esse homem maravilhoso. Tom — olho novamente para todos — soube ser atencioso comigo, estava presente até mesmo quando não era convidado — falo, me lembrando da viagem com Dana — e sempre quis o meu melhor. Sempre buscou me fazer feliz, e suas qualidades são maiores do que qualquer defeito que possuí. Eu me envolvi com Tom, eu perdi o medo de conhecê-lo a fundo, de criar um relacionamento maduro, e quando percebi, estávamos dividindo a casa praticamente. Tom entrava e saía do meu apartamento como se fosse dele — pauso — e na verdade, o prédio é — eu não poderia deixar passar. Todos olham para ele, surpresos, e Tom sorri sem jeito, passando a mão na boca e abaixando a cabeça. Sorrio triunfante e continuo — e quando nos afastamos, percebi que eu já não estava apenas apaixonada. Eu o amava e não conseguiria me manter longe. Tom me surpreendeu sempre, e por

mais brigas que tivéssemos, eu o amava, e eu o queria. Eu era uma mulher um pouco insegura — um pouco? Não preciso ser fiel aos fatos — e Tom me ajudou a descobrir a confiança que eu precisava. Tom me mostrou que a vida poderia ser mais do que imaginei, e até esse momento, parece que estou vivendo dentro de um sonho. Tom é um homem que jamais imaginei me casar, que quando o conheci, decidi manter distância, mas ele é apaixonante, é um homem completo para mim. Eu me apaixonei pelos seus carinhos, pela sua atenciosidade, pela paixão que ele possuí. Eu me apaixonei pelo homem que ele é, eu amo você, Tom — digo, me virando de frente para ele — eu amo cada momento que passamos juntos, e se hoje sou essa mulher, é porque você me ajudou a ver quem sou, a viver dessa forma. Eu o amarei a cada minuto que passar, até o resto das nossas vidas — digo sorrindo para ele, e levanto a taça, brindando

com a dele. Todos batem palmas, e levantam as taças. Tom sorri, e se vira de frente para os convidados.

—Um brinde — ele diz autoritário, levantando a taça, e brinda com a minha. Todas as taças tilintam e observo séria Tom, seus olhos em mim, seu sorriso satisfeito.

Todos voltam a conversar, e a organizadora nos guia até o bolo, para o primeiro corte. Junto com Tom, corto o primeiro pedaço, e entrego para Tom. Ele faz o mesmo, enquanto o coquetel continua a ser servido. Volto para a nossa mesa, acompanhada de Tom, e os pedaços começam a ser servidos.

Após a entrega do bolo, o jantar é servido, com pratos simples, que escolhi, contrariando os pratos sofisticados que Tom havia escolhido. O jantar é servido, e após comermos, passamos de mesa em mesa, conversando com os convidados.

Algumas horas se passam, em que os convidados se dirigem para os sofás, deixando algumas cadeiras vagas. Um DJ profissional, contratado, chega ao salão, já com o equipamento e a mesa instalados em um canto. As luzes se tornam mais fracas, e o ouço chamar meu nome.

—Alice — o DJ me chama, e me levanto do sofá onde estava sentada com Tom, Eva, Antone, Gabriel, Dana e Carlos. Todos voltam a atenção para o DJ, e sorrio, já sabendo o que é — Alice — ele me chama novamente — a senhorita poderia se dirigir ao palco, é a hora de passar o buquê adiante.

Sorrio, e olho o buquê em cima da mesa. Tom se aproxima, me abraçando por trás.

—Faça um pedido — ele sussurra. Franzo a testa, sem entender, e sorrio para ele, assentindo. Qual pedido eu poderia fazer? Tenho tudo o que poderia desejar.

Caminho apressada até o buquê e o pego, me dirigindo até o palco onde está nossa mesa. Uma música agitada começa a tocar, e os homens da festa se afastam do centro do salão. Todas as convidadas se reúnem em um grupo. Olho para elas, vendo Dana e minha mãe à frente do aglomerado. Anya permanece sentada no sofá, ao lado de Enzo, sem manifestar vontade de pegar o buquê. É, pegar o buquê significa casamento, e não consigo imaginar Anya se casamento. É capaz de amedrontar até o padre.

Sorrio, vendo Antone empurrar Eva para o aglomerado e sussurrar algo em seu ouvido.

—Jogue para mim, Alice — Dana ordena, fingindo estar brava. Dou de ombros, vendo a esposa de Augustine se aproximar também, assim como Mônica e Ana, que pela primeira vez, permaneceram sem comentários ou olhos sedentos no meu casamento. Vejo Lívia também se

aproximar, assim como várias outras. Me viro de costas, e olho para as flores na mesa. Sorrio, respirando fundo. Minhas mãos suam com a adrenalina, meu coração bate como uma escola de samba, e minhas pernas tremem. A adrenalina me sobrecarrega como uma eletricidade, e não consigo acalmar a alegria e ansiedade. A vertigem e emoção é tão grande que não cabe dentro do meu peito, dentro do meu coração. Ameaço jogar o buquê e paro com ele levantado.

—Irei jogar no três — grito, e sorrio — contem comigo. Um — todas as mulheres do aglomerado atrás contam também — dois — pauso, sentindo o suspense me invadir, a tensão. Olho para frente e mordo o lábio, fechando os olhos. Abaixo os braços, segurando o buquê com as duas mãos — três — grito, e ouço o três ser repetido. Impulsiono os braços para cima e jogo o buquê, me virando no mesmo momento.

O buquê sobe, voando, e faz uma parábola, descendo no meio do aglomerado. Elas pulam baixo, todas juntas, e uma mão branca, com unhas pretas, agarra o buquê. Desço os olhos por cabelos ruivos, e encontro o rosto tenso e assustado de Eva, segurando o buquê na frente do corpo. Sorrio, abrindo os braços.

—Eva — grito, e meus olhos voam para Antone, parado com as mãos nos bolsos, ao lado de Tom. Tom sorri, dando tapas nas costas de Antone. Eva sorri sem graça, mexendo no buquê, e desço do palco. Todas as pessoas olham para ela, e caminho na sua direção. Coloco minhas mãos sobre as suas, e ela me encara.

—Você não queria ter pegado o buquê? — pergunto curiosa, enquanto o aglomerado se dissipa, cada uma voltando à sua mesa ou ao sofá. Eva sorri, e assente.

—Claro que eu queria — ela diz não muito

convincente. Franzo a testa, sem entender o que está acontecendo entre ela e Antone, e respiro fundo. Eva se afasta — vou dar para Antone — ela diz, se esquivando de mim, e dá as costas, caminhando até Antone. A sego, já que Tom está com ele, e paro ao lado de Tom, vendo Eva oferecer o buquê à Antone, séria — agora você não poderá me dizer não — ela diz firme, e Antone abaixa a cabeça, sério. Olho para Tom, sem graça, e o puxo para longe, nos afastando deles.

—Acho melhor deixá-los à sós — sussurro para Tom, que arqueia uma sobrancelha, preocupado.

—Eva falou algo para você? — Tom pergunta. Franzo a testa, me sentando no sofá. Tom senta ao meu lado, com os olhos fixos em mim.

—Não, por que? — pergunto. Tom se inclina no meu ouvido, sério.

—Eva está grávida de Antone, minha

Alice — Tom sussurra — Eva está esperando um filho dele.

Abro a boca, incrédula, e fito os olhos preocupados de Tom, azuis escuros, intensos.

—E eles não queriam? — pergunto sem acreditar. Discretamente, observo eles. Antone segura o buquê na mão, enquanto entrelaça a mão com Eva, puxando-a contra o seu corpo. Tom hesita, me encarando sério.

—Não é que não queriam. Antone e Eva estão animados com isso, mas ao mesmo tempo eles temem ter um bebê nessa — Tom hesita, e respira fundo, analisando minha expressão curiosa — nessa família.

Arqueio as sobrancelhas, entendendo. É, ter filho de um Lehanster não deve ser fácil.

—Mas Antone pediu sigilo — Tom pede, e assinto, dando de ombros.

—Não quero me envolver mais em

nenhum problema Lehanster — digo séria, me levantando — agora, precisamos aproveitar o nosso casamento — digo animada, decidida a deixar de lado essa história. Não quero me preocupar no meu casamento, quero evitar pensar no que aconteceu com Ed, quero evitar pensar em Eva e Antone. Depois irei perguntar o que Enzo e Anya fizeram com Ed, mas agora não é o momento. Esse é o meu casamento com Tom, e pela primeira vez, eu não quero ir atrás de problemas.

Estendo a mão para Tom, puxando-o do sofá, levando-o em direção à pista, comandada pelo DJ. Várias pessoas dançam no centro do salão, que se tornou a pista, e Tom ri, se divertindo com a minha animação.

Puxo ele para dançar, e horas se passam, em que ele permanece apenas de camisa social branca, se divertindo de um jeito que nunca havia visto. Conforte as horas passam, pulo de mesa em mesa,

conversando com os convidados, e acabo sentada no sofá com os meus pais e Tom, conversando sobre nossa lua de mel e sobre o futuro.

Horas se passam, e os convidados começam a se despedir, indo embora, um por um.

Me despeço deles, e vejo Anya, Enzo, Antone e Eva caminharem na nossa direção.

—Estamos indo — Enzo diz, e enquanto meus pais permanecem sentados, me levanto junto com Tom, me despedindo de Enzo. Abraço educadamente Anya, achando tão estranha, e faço um aceno para Antone. Eva se aproxima de mim, me abraçando com força. Retribuo o abraço, curiosa por saber o motivo dela não ter me contado.

—Precisamos conversar, não é mesmo? — sussurro no seu ouvido, e Eva assente, sorrindo. Eles e afastam, e vejo Dana se aproximar, acompanhada de Carlos, sendo os últimos a deixar a festa. Exceto Gabriel, que só irá embora quando

eu mandar, já que está aproveitando a bebida com o DJ.

—Ali, quero todas as notícias da sua lua de mel — Dana exige, me abraçando forte — você estará longe, mas existe celular.

Rio, assentindo.

—Manterei você e minha mãe informadas todos os dias — confirmo para ela, e Dana abraça Tom, dando um tapa nas suas costas.

—Parabéns, Tom, conseguiu de vez minha amiga. Cuide bem dela — Dana ordena, e Tom ri. Me despeço de Carlos e Tom conversa com ele, combinando algo quando voltarmos. Eles partem, e volto a me sentar com meus pais, que conversam entre si. Gabriel se aproxima, agarrado à uma garrafa de champagne, e senta com nós.

—Anya apenas me cumprimentou — ele diz um pouco alterado. Olho para ele, séria, enquanto Tom conta para os meus pais sobre a ilha

que iremos.

—Bem que ela fez, Gabi — digo firme — esperava o que? Ela estava com os irmãos, estava querendo se suicidar? — pergunto para ele, que ri.

—Estava querendo transar — ele responde sincero, se levantando — bom, já que não tive aquela mulher, acho que vou ir dormir.

Franzo a testa, sem entender, e Gabriel aponta para Tom, que sorri para mim.

—Tom me deixou ficar na casa essa noite, como seus pais, Ali. Há tantos quartos que ele nem vai sentir falta — Gabriel conta, e fuzilo Tom com os olhos.

—Você está se aproveitando do meu marido — censuro Gabi, que ri, assentindo.

—E você está sendo egoísta — Gabriel diz, dando as costas para mim. Tom se aproxima de mim, sério.

—Ofereci porque sabia que Gabriel

beberia muito. É melhor ele ficar aqui, é mais seguro — Tom diz sério, e assinto. É, conhecendo Gabi, é melhor mesmo.

Mais algum tempo se passa, em que converso animada com a minha mãe, enquanto Tom conduz meu pai para conhecer a casa. O DJ guarda os equipamentos e se despede. Me levanto, conduzindo a minha mãe também, contando sobre a ideia de ir atrás de outro estágio, decidindo a perguntar para Anya sobre Ed depois da minha lua de mel. Eu estou preocupada com ele, mas agora não quero que nada estrague o que viverei com Tom, e talvez seja melhor eu me manter afastada.

Respiro fundo e abro os olhos, fitando minha mala pronta sobre a cama de Tom, com lençóis pretos, ornando com a decoração de sempre do quarto de Tom, seus quadros de sexo explícito, seu grande espelho. Sua decoração que é parte do que ele é, que já me acostumei, que amo.

—Nós não iríamos amanhã? Gabi está na casa, assim como meus pais — falo apressada, e sinto duas mãos quentes contornando minha cintura com força, apertando minha pele. Fecho os olhos, inclinando minha cabeça para o lado, e sinto lábios quentes, macios, contra a pele nua do meu ombro esquerdo. Tom morde meu ombro devagar, passando a língua.

—Eles já estão sabendo que iríamos hoje — Tom sussurra, roçando os lábios quentes pelo meu pescoço, arrepiando cada parte da pele em que encosta. Sua respiração quente me causa tesão, assim como sua voz rouca. Sua mão direita sobe pela minha barriga, apertando meu seio por cima do sutiã branco, enquanto a outra desce e entra por dentro da minha calcinha de renda branca — a surpresa é somente para você.

Sorrio, balançando a cabeça, e ouço Tom ronronar no meu ouvido, excitado. Seu membro

roça na minha bunda, ereto.

—Então seu avião já está nos esperando? — pergunto excitada, começando a deixar meu corpo me dominar. Minha intimidade pulsa desejosa, e a vertigem, o desejo me invade.

—Já está tudo pronto — Tom sussurra e repentinamente tira as mãos de mim, deixando o vazio do desejo. Arregalo os olhos, e me viro, fitando-o incrédula. Tom percebe meu tesão, e desço os olhos para a sua cueca boxe branca, marcando seu membro duro, desejando meu corpo. Sorrio, satisfeita, mas Tom respira fundo, se controlando, e me encara autoritário, com a expressão feroz — e como é o nosso casamento, eu só transarei com você quando começarmos nossa lua de mel.

Abro a boca incrédula. Não, Tom não pode fazer isso. Eu passei meu casamento inteiro desejando transar com ele.

PERIGOSAS NACIONAIS

—Você também está com tesão. Conseguirá aguentar? — pergunto furiosa, e Tom sorri triunfante, dando as costas para mim. Fito suas costas definidas e o P de Pandora, me excitando ainda mais.

—Aguentarei porque depois será recompensador — ele sussurra rouco, entrando no closet. Respiro fundo, furiosa e ouço sua voz rouca — você encontrou o presente que Anya deixou? — o seu tom de voz é de pura curiosidade, e franzo a testa, me lembrando.

Olho ao redor, curiosa, e vejo sobre o balcão do quarto uma grande caixa dourada, com um grande laço vermelho, sofisticado.

—Encontrei — falo alto, ouvindo o silêncio de Tom. Caminho apressada, sentindo a adrenalina recarregar meu coração, batendo frenético de ansiedade por saber o que é. Cada batida parece muito forte, e suo frio, tremendo.

PERIGOSAS ACHERON

Minha respiração se torna ofegante, e pego a caixa nas mãos, parada apenas de lingerie.

—O que é? — Tom pergunta preocupado, e me viro de frente para ele, com a caixa na mão. O encaro, parado na porta do closet, com o braço esquerdo apoiado na parede, retesando os músculos, apenas de cueca branca, deixando seu corpo irresistível à mostra. Sua expressão é de curiosidade, e Tom retesa a mandíbula, com os olhos azuis escuros fixos em mim.

Abro a caixa e abaixo a cabeça, fitando papéis de seda vermelhos. Franzo a testa, puxando-os, e vejo uma roupa dentro. coloco a caixa no balcão, sentindo os olhos de Tom em mim, ferozes, e puxo a roupa de dentro da caixa. Um espartilho se releva na minha frente, decotado, bordo, com cinta liga preta e detalhes em preto. Abro a boca sem entender, e vejo que há mais dentro da caixa. Puxo um tecido fino, sofisticado, vermelho, e ele se

estende até o chão, como um véu de noiva. Arregalo os olhos, percebendo os detalhes. É uma fantasia sexual de noiva, em bordo.

Olho para Tom, que me encara surpreso, arqueando uma sobrancelha. Sua expressão é de urgência e abaixo a cabeça novamente, sentindo seus olhos selvagens em mim. Vejo uma carta dentro da caixa, com uma letra feminina, escrito em um papel dourado, com tinta vermelha. Provavelmente Anya. Abro a boca, incrédula, lendo.

Querida Alice, é com prazer que a parabenizo pelo seu casamento.

E é com prazer que a convido para mais um evento para os seus prazeres.

Para libertar seus fetiches e desejos que apenas o anonimato permite.

Eu sei o que sentiu quando participou de Pandora. Eu sei o que sentiu ao fazer parte do

espetáculo de Pandora. Não estou cobrando o que me deve, ainda. Isso é apenas um presente.

E como presente, eu a convido para ser o espetáculo de Pandora.

Seja a noiva de Pandora.

ALICE

Eu poderia tentar me beliscar para descobrir se é realmente um sonho ou se é real, mas sinceramente? Se for um sonho, prefiro permanecer dormindo, porque tudo aconteceu tão rápido, de uma forma que nunca imaginei, e agora me

encontro em um momento da minha vida que jamais sonharia.

Abro os olhos, fitando a paisagem pela janela do avião. Sabe quando dizem que tudo acontece rápido demais e você não possuí controle? Acho que foi assim desde que aceitei fotografar em Lyon. Me expus, algo que nunca imaginei, e gostei. Conheci pessoas famosas do meio, e me vi sob holofotes. E então o homem que amava, que parecia se distanciar cada vez mais, se tornar diferente do que imaginava, me reconquistou, me mostrou que o Tom que eu amava, permanecia o mesmo. Um homem que antes de tudo acontecer, eu jamais imaginei ter algum envolvimento, pertencíamos à mundos completamente diferentes, assim como contas bancárias. Não era acostumada a me iludir ou fantasiar muito, sempre tive minhas metas e meus pés nos chãos.

Mas depois que conheci Tom, eu passei a

vivenciar situações inimagináveis, até resultar em Pandora, e sim, eu me apaixonei por Tom, eu me apaixonei por Pandora.

Abaixo a cabeça, e fito minha mão com a aliança de ouro. E agora estou casada com Tom Haltender, agora sou Sra. Haltender. É quase inacreditável, se não fosse pelo fato de que agora que eu viro minha cabeça, encaro seu rosto relaxado, dormindo, seus lábios grossos, rosados, sua barba rala, loura, assim como seus cabelos e cílios louros. Sua mandíbula quadrada permanece relaxada, e percebo a ausência de autoritarismo em seu rosto enquanto dorme.

Desde que aceitei a proposta de casamento de Tom, minha vida passou pelos meus olhos e eu apenas fui vivendo, sem querer controlar o que acontecia. Eu me permiti experimentar ser levada pela vida, e Tom soube estar ao meu lado. O casamento foi como imaginei, ou melhor ainda.

Tom mudou também, e pude ver isso no meu casamento. Ele permanece o mesmo controlador, autoritário, viciado em sexo e sedutor de sempre, mas há um romantismo em seus gestos que me surpreende, como se eu não esperasse isso dele, e na verdade, não esperava.

Ontem a noite, após nossa festa acabar, fomos para a sua casa, que agora é nossa. Dentro do quarto, estava o presente de Anya, um convite para participar do próximo evento de Pandora. Admito que a proposta, como Anya imaginava, é tentadora para mim. Anya parece me conhecer, mas eu preciso ter controle sobre minhas ações, sempre pensei sobre diversos ângulos, junto com as minhas velhas Alice encantada e Alice indiferente.

Tom, antes mesmo de eu dizer algo, enlouqueceu. Entrou dentro do closet furioso, sem dizer nenhuma palavra, e no fundo eu sabia que ele estava assim porque ele estava enlouquecido para

me mandar não aceitar, para tomar o controle da situação, mas se segurou, para mostrar que agora casado, ele iria tentar não me controlar.

E por isso, larguei o convite de Anya e fui atrás dele dentro do closet, vendo-o tirar a camisa social, de costas para mim, com o P de Pandora à mostra, me lembrando que Pandora é maravilhosa porque Tom está lá comigo. Ele sabia da minha presença, e fitando seus ombros tensos, largos, musculosos, ele respirou fundo, resistindo em explodir. Eu o chamei, eu o abracei e afirmei que não aceitaria.

Tom se acalmou, sentindo que estava novamente no controle da situação e imagino sua raiva por Anya. Ele me beijou, e finalmente perguntou se eu queria ou não. A ideia era tentadora, mas no fundo, eu não queria. Se eu realmente quisesse, eu teria aceitado, mas participei de um espetáculo de Pandora com o intuito de

conquistar Tom, não porque eu queria fazer parte do espetáculo. E agora que eu o tenho, não preciso encarar isso novamente. Gostarei da sensação, mas é porque foi a primeira e única, talvez uma segunda não seja igual, seja terrível.

Tom concordou com a minha resposta, e voltou a se vestir, se aprontando para viajar comigo. Ele não queria esperar mais para começarmos nossa lua de mel, e depois que descobri que iríamos ainda naquela hora, me tornei a pessoa mais ansiosa do mundo. Revisei tudo o que estava dentro da mala, enquanto Tom apenas me observava de braços cruzados, rindo, afirmando que se eu tivesse esquecido algo, nós compraríamos lá.

Mas nunca viajei tão rápido assim, nunca precisei não me preocupar dessa forma, mesmo na minha viagem de sonhos para Lyon, eu revisei tudo, eu não gastei mais do que precisava, porque

sempre permaneci pensando igual à antes de ganhar um pouco a mais com as campanhas, e sinceramente, não é como as pessoas de fora imaginam. Minha conta não se aproximou a nada à de Dana ou qualquer outra pessoa, então não houve nenhuma ilusão. E mesmo todo o tempo em que estive com Tom, nunca pensei em seu dinheiro ou compartilhá-lo, mas agora, ele insiste em me afirmar que tudo o que é dele, agora é meu, e isso é tão estranho para mim, porque nunca imaginei. Acabo por não conseguir pensar nisso direito, não conseguir realmente acreditar.

Tom levou a mala para o carro, e eu o segui, vendo-o abrir a porta como sempre para mim, da mesma forma elegante, e fomos para o aeroporto. Eu deveria ter imaginado que não iríamos como pessoas normais, já que Tom de normal não tem nada, ele adora ostentar.

E então embarcamos no seu avião

particular. Tom, após me beijar e perguntar como eu estava me sentindo em relação à tudo, acabou por dormir ao meu lado.

Olho para ele novamente, vestido de camisa social azul escura, aberta no colarinho, e calça jeans branca. Uma das suas mãos permanece fechada, enquanto a outra está pousada na minha coxa. Sorrio, satisfeita por vê-lo assim. Quando o conheci, jamais o imaginaria nesse estado, calmo ao meu lado, casado. Quando o conheci, ele era um cafajeste sedutor, e muito irresistível. Ele continua sendo incrivelmente irresistível e sedutor, mas parece que faltava ele se apaixonar por alguém, e foi o que aconteceu comigo.

Coloco a minha mão sobre a sua, sentindo-a quente, e volto a olhar pela janela. Vejo o oceano azul abaixo, e sorrio. Tom estava tão ansioso quanto eu por essa viagem, deixando claro o quanto queria estar lá comigo.

PERIGOSAS NACIONAIS

—Alice? — ouço sua voz rouca, arrastada de sono. Viro o rosto, encarando-o. Seus olhos estão fixos em mim, azuis escuros, e sua mandíbula está retesada.

—Oi — digo sorrindo, vendo sua expressão preocupada.

—Não dormiu? — ele pergunta, arqueando uma sobrancelha. Sua mão aperta a minha, e ele se endireita no banco, sem tirar os olhos de mim. Balanço a cabeça, negando, ainda sorrindo, despreocupada.

—Não consegui — respondo — estava pensando em tudo.

Tom franze a testa, e se inclina na minha direção. Sua mão larga a minha e voa para o meu rosto. Ele o segura pela lateral, contornando minha mandíbula com a mão até a orelha.

—Pensando no que? — Tom sussurra roucamente, me arrepiando, e arqueia as

sobrancelhas. Sorrio, achando graça da sua preocupação. Coloco a minha mão no seu rosto, acariciando sua barba rala, e nego com a cabeça.

—Sobre em como tudo aconteceu — sussurro, aproximando meu rosto do dele — sobre como agora somos casados, parece irreal.

—Mas é real, minha Alice — Tom afirma, retesando a mandíbula — é tão real porque eu acordo e você está sempre ao meu lado.

—Eu sei — e como sei. É exatamente o mesmo que sinto. Sorrio e viro o rosto, me esquivando do seu toque. Olho pela janela novamente — já estamos chegando?

Tom se inclina sobre mim, observando também, e coloca uma mão novamente na minha coxa.

—Estamos — ele afirma como se soubesse.

—Você deixou tudo reservado? — faço a

pergunta mais burra possível. Tom, imóvel, inclinado sobre mim, me olha de canto de olho, me deixando claro o quanto a pergunta é burra. Sorrio e começo a dar risada. É claro que Tom deixou tudo reservado e sob controle.

—Nossa estadia está toda reservada — Tom diz a resposta mais óbvia e volta se sentar ereto na cadeira, com os olhos em mim — até nosso carro já está nos esperando lá.

—Nosso carro? — pergunto incrédula, arqueando as sobrancelhas. Como assim?

—Sim, nosso carro — ele afirma e abre um sorriso torto — vamos visitar todos os lugares possíveis. Quero que você experimente tudo o que puder lá.

—Tom — tento começar a censurá-lo, mas seus olhos azuis escuros me fuzilam, e deixo a frase morrer. Ele arqueia as sobrancelhas, me encarando.

—Alice, você fala como se devêssemos

poupar os gastos, como se não pudéssemos aproveitar o que quero fazer — ele diz sério, analisando de forma atenta meu rosto. Dou de ombros. Merda, Tom tem razão, mas é algo meu, algo que não consigo não comentar. O encaro sem dizer nada, e ele continua — você pode ser assim, eu entendo, você sempre viveu assim, mas agora você precisa relaxar, porque está comigo, e eu sou bom no que faço, poupar não é problema para mim, e quero que você tente relaxar na nossa lua de mel, sem tratar tudo como valor, e sim como importante, porque para mim, o valor não importa.

Merda, eu sei que tudo o que Tom falou é verdade, mas não consigo ficar sem comentar.

Sorrio, me rendendo, e concordo.

—Eu sei — hesito, vendo-o levantar as sobrancelhas, sorrindo torto, de forma sedutora — vou tentar me controlar, Tom — falo firme, e Tom assente.

—E prometa que também não ficará crítica em relação ao fato de ser minha sócia na filial em Lyon — ele completa, com os olhos atentos em mim. Olho para ele sem acreditar, por alguns segundos.

—Eu concordei com você, não concordei? — pergunto séria, e Tom ri, balançando a cabeça. Seus cabelos bagunçados voam com o movimento, e ele abaixa a cabeça, me encarando de canto de olho.

—Eu conheço a mulher com quem me casei, minha Alice — Tom sussurra com a voz rouca, sedutor — apenas prometa.

Merda. Tom realmente me conhece e sabe que assim que o dia de fazermos a reunião na empresa, eu enlouquecerei. Ele está se antecipando.

Cerro os dentes, relutante, vendo-o permanecer me encarando de canto de olho.

PERIGOSAS NACIONAIS

—Prometo — sussurro relutante e Tom sorri. Sua expressão é de triunfo, e ele respira fundo, aliviado.

O avião começa a fazer o pouso, e Tom entrelaça os dedos aos meus, apertando minha mão com força. O avião pousa, e após alguns minutos, a aeromoça nos comunica que podemos descer. A porta é aberta e a escada é colocada. Tom se levanta, pegando a pequena mala de mão, retangular, preta, e me levanto. Ele para no meio do corredor do avião e se vira, estendendo a mão para mim. Coloco a minha sobre a sua e deixo-o me guiar para fora do avião. Olho ao redor, percebendo que não estamos no lugar que imaginava. Franzo a testa, um pouco confusa, descendo atrás de Tom. Ele para, me esperando, e assim que paro ao seu lado, ele sorri, percebendo minha confusão.

—Estamos em Krabi, minha Alice — Tom diz de forma descontraída, olhando ao redor —

PERIGOSAS ACHERON

para irmos para Phi Phi Don — ele diz, e franzo a testa. Merda, eu deveria ter perguntado tudo o que eu podia para Tom, mas quis deixá-lo me fazer surpresa sobre nossa lua de mel, e agora me sinto perdida. Olho para os lados, e Tom começa a rir, me puxando. Olho para ele, e Tom abre os braços, me envolvendo neles, e me abraça forte. Ele segura minha cabeça com as duas mãos — minha Alice, Phi Phi Don pertence à um arquipélago de ilhas entre a Tailândia e as ilha de Phunket. Estamos em Krabi, na Tailândia. Daqui vamos para o píer, pegar um barco da Phuket Ferry, que nos levará até Phi Phi Don.

Abro a boca, tentando entender, e franzo a testa, ainda encarando o rosto animado de Tom. Ele me fita, esperando a minha compreensão, mas sem um mapa é um pouco confuso. Me afasto, sentindo um pouco de calor com calça jeans e camisa, e olho ao redor.

—Acho que um mapa facilita a explicação — digo com um sorriso, e pego sua mão, puxando-o na minha direção. Tom ri, se deixando ser puxado por mim, e caminha atrás de mim, enquanto eu o puxo — e vamos para onde agora?

Ouço sua risada rouca e paro, encarando-o.

—O que foi? — pergunto franzindo a testa, e Tom levanta a mão junto com a minha, entrelaçando nossos dedos apontados para cima.

—Agora vamos entrar naquele carro ali que nos espera — Tom diz, apontando para a entrada do pequeno aeroporto — e vamos para o hotel que reservei, para nos trocarmos, e então embarcaremos para Phi Phi Don.

—Ah — digo sem saber o que falar, e rio, achando graça da forma que Tom explica. Assinto, e Tom me puxa, caminhando rápido ao meu lado. Olho para ele, satisfeita por vê-lo animado com tudo, e Tom solta minha mão, contornando meus

ombros com o braço e me puxa contra o seu peito, sem parar de andar. Circulo seu abdômen com os braços, abraçando-o de lado, agradecida por tê-lo ao meu lado. Tom, mesmo com toda a merda que aconteceu, é o homem dos meus sonhos, é o homem real que me faz fantasiar, e acima de tudo, é o homem que amo.

—Deixe eu explico melhor para você depois, minha Alice, apenas relaxe, eu não vou sequestrá-la — ele sussurra contra os meus cabelos e rio, levantando a cabeça. Encaro seus olhos azuis escuros, fixos em mim, seu maxilar quadrado, e ele sorri — porque não preciso sequestrá-la, você já é minha.

Sorrio junto com ele, ciente de que o que ele diz é verdade. Tom me guia para dentro do saguão do aeroporto, e olho ao redor, vendo pessoas andarem rápidas, com bagagens. Olho para trás, vendo três seguranças atrás de nós, carregando

nossa bagagem. Tom não iria poupar em ostentar, não posso esquecer disso.

As pessoas passam por nós no saguão abarrotado, distraídas, e Tom me guia para fora. Saio do aeroporto, vendo dezenas de taxistas, carros e pessoas transitando, em correria.

—Onde está o carro? — pergunto em tom alto, e Tom me puxa para o lado, me esquivando de colidir com outra pessoa. Ele me olha de canto de olho, atento, e sorrio sem graça. Ele aponta em para o lado direito.

—Lá — ele diz firme e sigo com os olhos o lugar onde ele apontou. Um luxuoso carro preto está estacionado, com o motorista do lado de fora da porta, nos esperando. Caminho ao seu lado, sendo seguidos pelos seguranças. O motorista abre a porta para nós, e entro, sendo seguida de Tom, enquanto eles guardam as malas. Um segurança senta no banco da frente do passageiro, e o

motorista entra, fechando a porta.

Olho para Tom, um pouco curiosa.

—Precisamos mesmo de segurança? — pergunto um pouco incomodada. Tom pega a minha mão e a coloca sobre sua coxa, virando o rosto na minha direção e sorrindo.

—Na verdade não, é apenas para as malas — ele tenta explicar — quando chegarmos lá, não haverá mais ninguém além de nós dois — Tom sussurra com a voz rouca e levanta a minha mão, beijando-a.

Sorrio, assentindo, um pouco mais tranquila, e o carro acelera, nos conduzindo pelas ruas movimentadas até um pequeno hotel de quatro andares, estilo antigo. O carro estaciona na frente, e o motorista saí, abrindo a porta para nós. Tom saí do carro e estende a mão. Coloco a minha sobre a sua, e ele me puxa. Sorrio, olhando ao redor, vendo o sol forte, o azul claro do céu e sinto a brisa suave

do oceano mexendo nos meus cabelos. Olho para os olhos azuis escuros de Tom, ainda mais vivos.

—Vamos ficar duas horas aqui, e então partiremos para o píer — Tom diz, começando a andar de mãos dadas comigo. O motorista e o segurança pegam nossas bagagens, enquanto caminho apressada ao seu lado. Olho para a entrada do hotel, toda de vidro com folhagens grandes. Passo pela porta giratória, na frente de Tom, admirada com o luxo, e olho para o saguão de entrada do hotel. O piso branco, de mármore, é reluzente, e uma grande fonte está no meio do saguão, com sofás brancos ao redor. Tom passa por mim, indo em direção à recepção, e vejo a recepcionista loura olhar para ele, com os olhos famintos. Merda, eu já deveria me acostumar, não é?

O sigo, apressada, parando ao seu lado, e apoio os antebraços no grande balcão de mármore

da recepção.

—Tom Haltender — Tom diz firme — reservei por telefone a suíte número três — ele diz, puxando o passaporte. A recepcionista sorri, olhando para ele e para a foto, como se isso já bastasse.

—Sr. Haltender — ela diz, encarando-o descaradamente — Acompanharão o senhor e — ela pausa, me encarando.

—Sra. Haltender — digo firme, encarando-a. Ela sorri para mim, assentindo.

—Para a suíte, aguardem um momento — ela diz apressada, e dá as costas, desaparecendo. Tom me olha pelo canto do olho, com um olhar sugestivo. Sorrio, dando de ombros.

—O que foi? — pergunto sorridente, e Tom abaixa a cabeça, dando risada. Um funcionário aparece, nos indicando as escadas brancas, e pego a mão de Tom, entrelaçando os

dedos. Subo ao seu lado, passando pelo primeiro andar. Subo mais lances de escadas, reparando na decoração branca com folhagens, e no segundo andar, o funcionário adentra por um corredor. Ele para em frente a duas grandes portas, no final do corredor, e as abre simultaneamente. Arregalo os olhos, surpresa por não ser o luxo que esperava vindo de Tom, e sorrio, satisfeita.

O funcionário explica para Tom sobre os serviços de quarto, e nos deixa à sós. Tom, dentro do quarto, me olha, estendendo a mão.

—Não vai entrar? — ele pergunta se divertindo com o meu sorriso, e assinto, entrando. Olho ao redor, vendo a cama no canto direito, no centro, com uma cabeceira contra uma parede toda decorada. Uma janela, de frente para nós, mostra o movimento nas ruas abaixo do hotel, e o oceano ao fundo. No lado esquerdo está o banheiro, com uma grande banheira branca, e ao lado da porta, um

pequeno guarda-roupa ornando com as cores.

As nossas malas chegam, e dou passagens, vendo-as serem depositadas ao lado da cama. Tom fecha a porta assim que ficamos à sós, e sorri para mim.

—Está ansiosa? — ele pergunta com a voz rouca, dando um passo na minha direção. Caminho de encontro a ele, e o abraço, segurando seu rosto com as mãos.

—Tudo o que você faz me deixa ansiosa, Tom — e estou sendo sincera, ainda mais que agora é tudo uma surpresa. Sorrio, olhando ao redor, e Tom puxa meu rosto pelo queixo, virando-o de frente para ele novamente.

—E você me deixou ansioso quando concordou de me deixar organizar nossa lua de mel como surpresa — ele sussurra. Sorrio, sabendo que isso também é verdade. Me afasto, olhando ao redor, e caminho até a grande janela, abrindo-o.

PERIGOSAS NACIONAIS

—Me conte sobre o arquipélago, porque ainda não entendi — digo rápido, e olho para ele sobre o ombro. Tom ri balançando a cabeça, e senta na cama. Ele pega o celular do bolso e começa a mexer nele, sem me responder. Franzo a testa e me viro de frente para ele — não responderá?

Tom levanta a cabeça, com um sorriso torto, e com os olhos fixos em mim, estende a mão na minha direção.

—Venha aqui — ele sussurra autoritário — vou explicar.

Respiro fundo, sem conseguir parar de sorrir, e caminho até a cama, sentando ao seu lado. Tom coloca o celular na minha frente, mostrando um mapa.

—Aqui — Tom aponta para o canto superior direito do mapa — estamos em Krabi. As ilhas Phi Phi é um arquipélago de duas ilhas, a Phi Phi Don e a Phi Phi Leh — ele aponta para o mapa

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— ficaremos na Phi Phi Don, onde há os hotéis e centros. Phi Phi Leh possuí a famosa praia Maya Bay, e por ser uma reserva natural não possuí hotéis.

Assinto, entendendo, e Tom sorri para mim, largando o celular na cama e avança contra mim, me jogando. Bato as costas na cama, deixando que ele coloque o corpo sobre o meu, e Tom agarra meus pulsos, levando-os para o alto da minha cabeça, me prendendo. Ele aproxima os lábios dos meus, respirando fundo, deixando sua respiração quente bater na minha pele.

—Estou enlouquecido para estar lá realmente com você — ele sussurra sedutor, e pressiona seu membro contra minha intimidade. O calor me invade e sorrio, sem aguentar. Sinto meu corpo esquentar em contato com o seu, e o ar parece queimar. O sinto duro, e seus olhos azuis escuros são ferozes em mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

—E por que quer esperar até lá? — pergunto em um sussurro. Tom sorri, percebendo meu tesão insuportável, e saí de cima de mim, se levantando da cama.

—Porque é nossa lua de mel — ele diz com um sorriso devasso — por mais que não sejamos dois virgens que nunca se tocaram — ele hesita, e imagino Tom nu, nesse quarto, pronto para mim. Merda, eu preciso dele. Tom continua — acho importante seguir essa tradição.

Respiro fundo, tentando parecer enfurecida, e Tom ri rouco, dando as costas para mim.

—Se quiser, poderá me acompanhar no banho — ele diz sugestivo, e arregalo os olhos. Tom, sendo Tom, viciado em sexo, não conseguirá se segurar comigo nua, embaixo da água. Sorrio satisfeita, e salto da cama, indo atrás dele. Entro no banheiro, observando a sofisticação, mas meus olhos são atraídos para o meio do banheiro.

PERIGOSAS ACHERON

Tom está ao lado do boxe de vidro do chuveiro, nu, de costas para mim. Subo os olhos pelas suas pernas torneadas, sua bunda que me deixa sem ar, e olho para o P de Pandora no meio das suas costas. Subo mais os olhos, fitando seus ombros largos, malhados, e meu coração acelera, enlouquecido, desejando-o mais do que minha intimidade. Ou não.

Sorrio, satisfeita por saber que esse homem inteiro é meu, e Tom olha sobre o ombro, sério, autoritário. Suspiro, deliciada com a visão, sem conseguir disfarçar a luxúria que inunda meus olhos. Merda, preciso virar essa situação agora.

Deixo o sorriso desaparecer e mordo o lábio inferior, tentando seduzi-lo, e começo a desabotoar minha camisa branca, relevando meu sutiã rendado branco. Tom, ainda de costas, me engole com os olhos azuis escuros, com uma expressão de urgência. Me inclino, deslizando a calça jeans pelas

minhas pernas, ficando apenas de calcinha branca, e olho para ele. Pego a borda da calcinha e a puxo para baixo, deslizando-a também, e em seguida abro o sutiã por trás, deixando-o cair na minha frente.

Tom respira fundo e retesa a mandíbula, me olhando ferozmente.

E dá as costas, entrando no chuveiro. Ele o liga, deixando a água cair nas suas costas, e observo os pingos deslizando pela sua pele, passando pelo P de Pandora. Porra, eu vou agarrá-lo se continuar assim. Sorrio, sem conseguir ignorar o tesão, e caminho apressada, com os olhos fixos nele. Tom se vira, e levanta a cabeça, deixando a água cair sobre seus cabelos, sobre seu rosto, de olhos fechados, e levanta as mãos, passando-as pelos cabelos, colocando-os para trás. Ele abre os olhos, e me fita sedutor.

—Você sabe que eu não vou conseguir —

admito, entrando no boxe e olhando-o perto de mim. Tom, molhado, sorri, assentindo, e desce os olhos para o meu corpo, desejoso.

-Eu estou adorando provocá-la — ele sussurra e no mesmo instante, com os olhos fixos em mim, Tom me puxa para debaixo da água. Suas mãos firmes agarram minha bunda e ele a aperta com força, subindo com uma mão até o meu rosto, e o agarra pela mandíbula, avançando com os lábios até os meus. Seus lábios abrem os meus, em um beijo quente, e sua língua invade minha boca, buscando a minha em um beijo molhado, deixando a água escorrer pelos nossos rostos. Sinto seu corpo molhado contra o meu, e minha intimidade derrete, pulsando por ele. Sinto seu corpo quente, me queimando em tesão, e contorno seu pescoço com os braços, puxando-o mais para mim. Sua mão aperta com mais força minha bunda, enquanto a outra segura meu rosto, e sua língua dita a dança

dentro da minha boca, explorando-a, até encostar na ponta da minha língua,envolvendo-a e sugando-a para a sua boca. Gemo contra seus lábios, e sua mão contorna meu quadril, apertando minha pele com força. Arfo contra seus lábios, me afastando um pouco, e Tom agarra meu quadril com as duas mãos. Seus olhos são desejosos em mim, ferozes, e ele me empurra contra a parede. Bato a bunda, arquejando, e abro as pernas. Tom agarra meu quadril, e com a mão esquerda, levanta minha cabeça para cima, beijando meu pescoço — como você é deliciosa, Alice — ele geme, empurrando seu membro duro no meio das minhas pernas, me provocando. Meu coração parece enlouquecido dentro do meu peito, e estou escalando minhas paredes internas de tesão, de desejo. Tom geme contra minha pele, molhado, beijando com força meu pescoço. Fecho os olhos, gemendo, sentindo sua língua lamber meu pescoço, seus dentes

mordiscarem a pele e seus lábios quentes pressionarem em beijos molhados.

-Tom — gemo, agarrando seus cabelos molhados, deixando-o continuar a abocanhar meu pescoço, e suas mãos sobem até meus seios, apertando-os com força. Gemo seu nome novamente, enlouquecida, ouvindo seu gemido rouco, e Tom se afasta do meu pescoço, levantando a cabeça, me encarando com os olhos ferozes. Seu semblante é de luxúria, de urgência, e ele agarra minha cintura, me jogando de frente contra o boxe. Gemo, apoiando as mãos no vidro frio do boxe, sentindo seu corpo atrás de mim. Sinto seu membro duro, quente, roçar na minha bunda, e Tom rosna, possuído de desejo.

Seus braços musculosos, definidos, contornam os meus, me prendendo em um abraço por trás, e seu corpo força o meu para frente. Sinto seu peito molhado, quente, contra as minhas costas,

e gemo, me inclinando para frente, com ambas as mãos no boxe de vidro, embaçado.

—Minha Alice — Tom geme contra meu pescoço, por trás, e com uma mão, ele puxa meus cabelos para o lado. Sinto seus lábios encostarem no meu pescoço — Alice — ele geme novamente contra a minha pele, com a voz rouca, me arrepiando. O fogo parece me queimar, sinto minha intimidade ainda mais molhada, implorando por senti-lo. Uma vertigem avassaladora invade meu corpo, me queimando no fogo ardente de Tom.

Sua mão desce do meu pescoço e contorna minha barriga, passando pelo ventre. Ele afasta gentilmente minhas pernas com a mão, acariciando o interior da minha coxa esquerda, e a ponta dos seus dedos quentes tocam meus grandes lábios. Dou um pulo, excitada, e olho sobre o ombro, encontrando seus olhos selvagens em mim.

—Tom — gemo, vendo-o retesar a

mandíbula de puro tesão, seu rosto mergulhado em prazer, e seus dedos separam meus grandes lábios, me penetrando, e encostam as pontas no meu clitóris. Gemo de prazer, e o arrepio se irradia do meu ventre até pulsar em uma batida frenética do meu coração. Abro a boca, puxando o ar, sem conseguir parar de encarar seu semblante enlouquecido — Tom — gemo seu nome novamente, e ele começa a me tocar em círculos, me provocando. Jogo a cabeça para trás, perdendo a força nas pernas, e a apoio no ombro direito de Tom, musculoso. Sinto seu cheiro adocicado, e Tom morde devagar minha bochecha, beijando-a, gemendo contra a minha pele, enquanto seus dedos círculos rápido e suavemente meu clitóris, me tocando. Sinto meu clitóris inchar de prazer, e a outra mão de Tom aperta com força meu seio, acariciando meu mamilo. Gemo alto, sem me controlar, e o prazer se derrete, sentindo os dedos

de Tom me tocando, em círculos do meu clitóris até meus pequenos lábios, voltando ágeis e com destreza. Ele me penetra devagar, rosnando com a voz rouca no meu ouvido, e volta a tocar em círculos meu clitóris. Gemo, me entregando ao prazer. Meu corpo parece flutuar no vapor quente do chuveiro, e sinto seus dedos quentes na minha intimidade, me pressionando, me tocando com prazer. O gozo sobe pelo meu corpo, irrompendo em arrepios delirantes pelo meu peito, e entro no meu mundo de esquecimento, sentindo apenas seu toque quente, ouvindo apenas sua respiração pesada, abafada no meu ouvido, e sentindo seu corpo atrás do meu, grande, me envolvendo.

O arrepio se torna avassalador, e perco meus sentidos, sentindo uma queimação no meu ventre arder desde a minha intimidade até meu peito, e mergulho em ondas inebriantes de prazer puro, pleno. Gemo seu nome alto, esquecendo de

qualquer preocupação, esquecendo quem sou, onde estou, apenas sentindo prazer. Minha intimidade explode, encharcando a mão de Tom, que continua a me tocar. Abro os olhos, sem foco, com a respiração ofegante, e espasmos começam a invadir todo o meu corpo. Entro em orgasmo pelas mãos de Tom, em seus braços, e largo meus braços ao lado do corpo, perdendo qualquer força. Tom me segura, sem parar de me tocar, e olho sobre o ombro, em êxtase, sem raciocinar, sentindo todo o meu corpo em espasmos, queimando minha intimidade, que pulsa, me enlouquecendo. Encaro seus olhos azuis escuros, gemendo, sem conseguir respirar direito, mergulhada no orgasmo, sentindo-o se intensificar a cada toque de Tom.

Lentamente seus dedos saem de dentro de mim, mas ele continua a me abraçar pelas costas. Respiro fundo, tentando recuperar todo o ar que Tom tirou de mim, ainda escutando meu coração

bater enlouquecido, retumbando pelos meus ouvidos, enviando sangue para a minha intimidade pulsante, que pulsa junto com meu coração. Permaneço encarando Tom, com os lábios entreabertos, ofegante, e ele morde o lábio inferior, satisfeito por me ver nesse estado.

—Nossa lua de mel está apenas começando — ele sussurra com a voz rouca, sedutor, me arrepiando. Respiro fundo, sem conseguir raciocinar ainda, me sentindo sonolenta, e Tom se afasta, me soltando. Permaneço imóvel, fitando o vidro do boxe embaçado, e ouço ele entrar novamente embaixo do chuveiro. Meu coração começa a se acalmar e minha respiração se torna normal. Sorrio, e me viro, vendo-o se ensaboar embaixo da água, e sorrio.

—Você sabe que eu me vingarei de você — sussurro devassa, me aproximando, e Tom ri com a voz rouca, me olhando. Entro embaixo da

água, e ele começa a ensaboar meu corpo com cuidado, de frente para mim.

—Você sabe que no sexo eu sempre vencerei você, minha Alice — ele sussurra satisfeito — eu sempre venço, porque amo ouvir você gemer meu nome, porque amo saber o quanto está excitada por mim.

Mordo o lábio inferior, encarando-o, e pego o sabonete da sua mão, passando pelo seu corpo.

Tomo um longo banho com Tom, e saio primeiro que ele, vendo-o ainda demorar mais dez minutos. Seco meus cabelos, abrindo uma das malas e pegando minhas maquiagens, enquanto Tom finalmente saí do banho.

Coloco um vestido longo, de tecido fino, branco, e um cinto preto, um pouco grosso, na cintura. Escovo meus cabelos, lisos.

Tom saí de dentro do boxe e enrola uma toalha branca da cintura, caminhando até o quarto.

Meus olhos são atraídos pelo seu corpo, e o sigo com o olhar, observando-o abrir a mala e tirar uma cueca branca, uma calça de caminhada preta e uma camiseta de malha cinza. Franzo a testa, surpresa por ver que ele tem esse tipo de roupa, e saio do banheiro.

—Não imagino você vestindo isso — comento, olhando-o surpresa. Tom ri, balançando a cabeça, e me olha, se virando de frente, ainda de toalha.

—Não posso usar apenas camisa social na nossa lua de mel. Estaremos em uma praia, acho que posso trocar meu guarda-roupa — ele responde com um sorriso torto, caminhando na minha direção. Ele para de frente para mim.

—Eu sei — sussurro, e abro um sorriso — vou adorar ver você assim, mas despojado.

Tom começa a dar risada, e passa por mim, caminhando até o banheiro. Enquanto ele se veste,

fecho nossas malas, guardando as roupas usadas em um saquinho separado na mala. Olho ao redor, reparando se estamos esquecendo de algo, e Tom saí de dentro do banheiro, vestido. Olho para ele, surpresa, e sorrio, amando vê-lo desse jeito. Ele passa as mãos nos cabelos úmidos, e levanta a cabeça, com eles bagunçados. Seus olhos são ansiosos, e sua expressão é de pura satisfação, ele sorri torto. Tom está feliz, assim como eu.

—Você está maravilhosa — ele diz, descendo os olhos pelo meu corpo, inundados de luxúria novamente. Respiro fundo, sentindo minha intimidade voltar a vida, e meu coração bate acelerado novamente, como se estivesse voando até as tal ilhas, batendo asas.

—Você também está maravilhoso assim — sussurro maravilhada, e caminho na direção dele. Envolvo sua cintura com os braços e levanto a cabeça, encarando-o. Tom me abraça, aproximando

o rosto do meu, e seus lábios avançam contra os meus, os abrindo. Sua língua penetra minha boca, e arfo, deliciada com sua língua controlando a minha. Seu toque é quente, e sinto seu fogo se espalhar pelo meu corpo, me queimando. O quarto parece abafado, quente.

Tom se afasta lentamente, beijando meus lábios, e sorri, retesando a mandíbula.

—Precisamos ir — ele sussurra contra meus lábios, e assinto, me afastando. Volto para o banheiro, enquanto Tom chama o motorista novamente, e coloco um casaco fino por causa do vento. Pego a pequena bolsa que havia deixado separada, junto com óculos de sol, e me olho no espelho.

Ouço uma batida na porta, nos avisando que o motorista já está de prontidão.

—Minha Alice, vamos? — Tom aparece na porta do banheiro, e o encaro pelo espelho.

Assinto, e me viro, saindo do banheiro. Tom abre a porta do quarto e as malas são levadas.

Ele para na porta e estende a mão para mim, com um sorriso torto.

—Vamos para a nossa lua de mel — ele sussurra com a voz rouca, e meu corpo inteiro se arrepia. Estou flutuando em um sonho real. Coloco a minha sobre a sua mão, sentindo-a quente, e o deixo me guiar para fora do quarto. Caminho ao seu lado, em silêncio, apenas observando o hotel, e desço pelas escadas, atravessando o saguão.

Tom me puxa para fora do hotel, e o sol nos ilumina, forte. Olho para Tom, percebendo que em nenhum momento prestei atenção na hora.

—Que horas são? — pergunto assustada, e Tom sorri, satisfeito por me ver assim. Ele para de frente para o carro, me dá passagem, sem responder. Entro no carro, sendo seguida por ele, e Tom senta ao meu lado, colocando a mão na minha

coxa. Olho para ele, atenta.

—É a hora de você não se preocupar com isso, minha Alice — Tom diz sério — percebi que você em nenhum momento pegou seu celular, assim como não havia pedido a hora. Quero que esse apenas nosso momento, sem se preocupar com outros detalhes menores. É apenas nós aqui — ele sussurra mais baixo, e leva a minha mão até os lábios quentes, beijando-a. Sorrio, percebendo que Tom também não se preocupou com nada disso, e sorrio, concordando. Me recosto nele, apoiando a cabeça no seu ombro, e o carro acelera, nos levando até o píer.

O carro passa pelo trânsito turbulento de Krabi, e durante o trajeto ouço Tom contar sobre os costumes locais da Tailândia, sobre como eles acreditam que os pés são impuros, ao contrário da cabeça. Ouço com atenção, dando risada da forma como Tom se empolga em contar sobre os templos

budistas, ou de como quando ele era mais jovem e viajou para Bangkok, visitando todos os templos possíveis.

A viagem de carro dura cerca de vinte minutos até o píer, e ao longe, pela janela, vejo a praia abarrotada de barcos grandes, barcos pequenos e pessoas.

Percebo o quanto de barcos pequenos, estilo canoas, estão na água cristalina, e a imagem me hipnotiza.

—É maravilhoso — sussurro.

—Você não viu nada, minha Alice — Tom sussurra no meu ouvido, com a voz rouca, me arrepiando, e sorrio, fascinada. Vejo o píer ao fundo, e começamos a nos aproximar. O carro para no alto do píer, e me mexo, me afastando de Tom. O motorista saí do carro, e para a minha surpresa, os três seguranças de antes aparecerem, pegando nossas malas. Eu deveria ter imaginado, Tom

jamais pararia.

A porta do carro abre, e saio, sendo seguida por Tom. Olho para o píer, cheio de pessoas entrando, procurando os barcos, com vários estilos e nacionalidades. Um turismo pesado, intenso.

Tom agarra minha mão entrelaçando os dedos.

—Vamos? — ele sussurra, e assinto, mordendo o lábio inferior, um pouco receosa pela multidão.

—Vamos — sussurro decidida, e Tom me puxa, me guiando para o píer. Começo a andar entre as pessoas, ao seu lado, desviando de casais, homens e mulheres, assim como famílias, que gritam e conversam em diversas línguas. Sorrio, encantada por tudo, e vejo duas mulher louras passarem por nós, com os olhos fixos em Tom. É, eu preciso me acostumar, porque será assim em todos os lugares.

Tom olha para mim, fixamente, sem notar outras pessoas, me guiando para embarcar no barco já pago, e o movimento e conversas altas nos impossibilitam de nos comunicar facilmente.

—Vamos embarcar — Tom diz em tom alto, me puxando, e entro na fila de embarque junto dele. Seu braço contorna minha cintura, me puxando contra seu corpo, como se quisesse me proteger, e aguardo na fila ao seu lado.

Passamos pelo embarque, e Tom me auxilia a subir no barco, sendo ajudado por um funcionário. Agradeço, e Tom me guia para dentro, procurando algum banco no início do barco.

—Ali — Tom diz apressado, apontando dois bancos vagos, um ao lado da janela. Ele me dá passagem, e sento ao lado da janela, observando a água azul cristalina, maravilhosa, ao nosso lado. Tom senta ao meu lado, me fitando — sempre quis vir conhecer, mas imaginava que sozinho não seria

tão prazeroso — ele diz baixo, com a voz rouca, pegando na minha mão novamente. A aperto com força, satisfeita por ouvi-lo, e viro o rosto, fitando-o intensamente.

—Mas nunca imaginou que viria na sua lua de mel — sussurro faceira por ver seu rosto ansioso, uma forma que quase nunca vi na sua expressão. Tom ri, assentindo, e olha pela janela.

—Está saindo melhor do que qualquer imaginação minha — ele diz calmo, e os bancos começam a lotar, até o barco estar cheio. Observo atenta as pessoas se acomodarem, e ambas as louras que vi antes sentam na nossa frente, de costas para nós. Respiro fundo, sentindo a mão quente de Tom envolvendo a minha, apoiada na minha coxa, e sorrio, voltando a olhar pela janela. O barco começa a zarpar, ganhando velocidade. Olho a paisagem em azul do mar, cristalino e o azul do céu, e entre eles, o verde e cinza da paisagem

inacreditável. Barcos passam por nós, também zarpando, assim como turistas. Olho tudo maravilhada.

—É maravilho — sussurro para Tom.

—Estou feliz por você ter gostado — Tom responde satisfeito, triunfante. Sorrio, assentindo.

O barco ganha velocidade, e viro o rosto, fitando Tom, que também observa pela janela ao meu lado. Meus olhos vagam para as duas louras, que sorridentes, olham sobre o ombro para Tom. Franzo a testa, e elas me olham, disfarçando e virando o rosto novamente para frente. Merda, eu sei que Tom é meu, mas às vezes gostaria de esfregar a aliança no rosto dessas esfomeadas.

Respiro fundo, me controlando, e Tom me olha, se inclinando no meu ouvido.

—Apenas ignore, você sabe que está comigo, que estou casado com você e sou apenas seu — ele sussurra sedutor no meu ouvido,

acordando minha intimidade. Sorrio, arrepiada, e assinto, levantando a mão e acariciando seu rosto. Beijo suavemente seus lábios, e volto a olhar pela janela, ignorando as duas louras que a cada dez minutos olham sobre o ombro para o meu marido.

Tom solta minha mão e passa o braço sobre meus ombros, me abraçando. Apoio a cabeça em seu peito, e permaneço observando a paisagem, assim como ele. Tom começa a falar sobre a história da Tailândia, sobre a influência da China e Índia e das dinastias de reinados. Ele também me lembra do tsunami que aconteceu em 2004, e durante as duas horas de viagem, converso baixo com Tom sobre tudo isso, admirando a paisagem ao nosso redor, que a cada meia hora se torna ainda mais maravilhosa, uma imagem de paraíso.

O sol forte reflete na água, deixando o dia ainda mais azul, como se o azul do mar se completasse com o azul do céu, e vejo barcos

passarem por nós nessas duas horas.

Duas horas depois vejo uma praia começar a surgir distante, se aproximando cada vez mais, e sorrio. Vejo pessoas na água, muitas pessoas, abarrotando a praia movimentada, assim como lanchas e barcos ao longe, e o barco começa a se direcionar para o píer. Tom me abraça forte, e ouço sua respiração no meu ouvido. Olho para ele, vendo sua expressão animada, ansiosa, e seus olhos azuis escuros são ferozes em mim, me queimando, me arrepiando. Sorrio, enlouquecida, e olho pela janela, vendo as montanhas de pedras ao redor da praia, com partes em verdes, contrastando com o azul do céu e o azul do mar, sob a luz forte do sol.

—Chegamos — Tom sussurra no meu ouvido, com a voz rouca, ansioso, satisfeito.

Estamos em Phi Phi Don, estamos na nossa lua de mel.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

ALICE

Sorrio, sem conseguir conter a euforia, e o barco começa a se aproximar do píer. Percebo que o píer fica no centro da ilha, sendo muito movimentado. Tom aperta com força a minha mão e olho para ele no mesmo instante em que vejo as duas louras secando-o com os olhos. Sorrio para elas, sem me aguentar, enquanto o barco começa a

manobrar para atracar no píer. Tom arqueia uma sobrancelha, percebendo o que estou fazendo, mas não me para. Me inclino sobre ele, na direção das duas louras que devoraram meu marido com os olhos, e elas se viram, tentando disfarçar. Cutuco o ombro da loura na minha frente, e ambas se viram, de olhos arregalados para mim. Eu engolia tudo, eu aceitava ouvir provocações sobre meu Tom, mas aqui é minha lua de mel, e não deixarei isso acontecer.

—Peço que as duas guardem a baba para homens solteiros, porque esse aqui está bem casado comigo, se bem que — sorrio, dando de ombros — vocês podem olhar, contanto que sei que apenas eu posso tocar.

Tom tosse ao meu lado, surpreso e sorrio. Ambas as louras ficam púrpuras e se viram de costas, se acomodando nas poltronas, provavelmente desejando se enterrarem nelas.

Volto a me encostar na poltrona e olho para Tom, que me encara com os olhos arregalados. Sorrio para ele, que começa a rir.

—Não quero incomodo na minha lua de mel — sussurro e Tom começa a rir roucamente, balançando a cabeça.

—Isso ainda incomoda você? — ele pergunta curioso, arqueando uma sobrancelha, com os olhos azuis escuros sugestivos. Semicerro os olhos, percebendo que ele está se divertindo as minhas custas.

—Na verdade, incomoda sim — digo, ficando séria — você não se incomodaria também? — pergunto sugestiva, e o sorriso de Tom desaparece. Ele arqueia novamente a sobrancelha, me encarando possessivo.

—Eu não permito — ele diz autoritário, e começo a dar risada, apenas balançando a cabeça.

—Também não estou permitindo — digo

me divertindo, e o barco atraca no píer. Olho para as pessoas no píer, e Tom se inclina no meu ouvido. Ouço sua respiração rouca, e sua mão pousa suavemente na minha coxa, apertando-a devagar. Suspiro, sentindo minha intimidade derreter pelo seu toque, e fecho os olhos, sorrindo. Merda, estou subindo minhas paredes internas para ter Tom na cama. Ainda bem que já chegamos, tudo o que eu mais quero é chegar logo no quarto de hotel que ele reservou.

—Chegamos no píer Ton Say — ele sussurra no meu ouvido com a voz rouca, deixando a respiração arrepiar a pele da minha orelha propositalmente. Mordo o lábio inferior, assentindo, mais preocupada em chegar no hotel.

Tom solta minha coxa e pega na minha mão, entrelaçando os dedos.

—Vamos — ele sussurra rápido e me puxa. Levanto de supetão da poltrona, e meu olhar

se cruza com os das duas louras, que desviam o rosto e evitam de olhar para Tom. As pessoas saem apressadas dos seus lugares, se tornando um caos. Tom me puxa animado por entre elas, desviando de algumas e esbarrando em outras.

—Tom, calma — digo apressada, sendo puxada pela mão para frente, como se ele estivesse correndo. Tom olha para trás, animado e sorri torto.

—Vamos, minha Alice — ele diz animado, e um sorriso enche o meu rosto. Nunca o vi tão animado assim, e percebo que ele nunca esteve em uma situação dessas também, na sua lua de mel, conhecendo um lugar acompanhado que sempre quis ver. Entendo a animação de Tom, porque também é a minha. Rio, achando graça, e apresso o passo, acompanhando-o.

Saio do píer atrás dele, e Tom para, com um sorriso torto para mim.

—Nossas malas chegarão em breve ao

nosso quarto, quer chegar antes delas ou conhecer a ilha primeiro? — ele pergunta sedutor, enquanto desço os olhos pelo seu corpo, analisando seu pacote completo. Mordo o lábio inferior, deliciada pelas suas pernas definidas, sua barriga marcada pela camisa e seus ombros largos e musculosos. Acho que prefiro chegar antes das malas. Sorrio, e Tom percebe minha excitação. Ele agarra minha cintura com força e me puxa contra o seu corpo, me segurando firme. Bato o meu corpo contra o seu, sentindo-o duro, e respiro fundo, acalmando minha excitação.

—Prefiro chegar antes — sussurro contra seus lábios, e Tom sorri satisfeito, roçando nossos lábios.

—Vou levar você à loucura — ele sussurra sedutor, e encaro seus olhos azuis escuros, ferozes em mim. Minha intimidade derrete ao ouvir sua voz rouca, e sorrio, assentindo. Sinto o calor subir pelas

minhas pernas, desejando-o. Aperto uma coxa contra a outra, me acalmando, e Tom solta meu quadril, entrelaçando nossos dedos e me puxando para acompanhá-lo.

—Aonde iremos? — pergunto apressada, e começo a olhar ao redor, vendo a agitação do lugar. As pessoas, muitas pessoas, passam por nós agitadas, conversando, e olho para a beleza surreal do lugar, da água azul, transparente. Estou mesmo aqui? Parece tão irreal. Sorrio, aturdida e meus olhos são atraídos para o homem que me puxa para frente. Fito seus dedos entrelaçados nos meus, e ele me encara sobre o ombro, me engolindo com seus olhos azuis escuros. É tão real.

Caminho com Tom, deixando-o me guiar até uma rua, e vejo um grande jipe verde, da marca Land Rover. Tom me guia na direção dele, e franzo a testa, sem acreditar que é o carro que Tom alugou.

—Não é bem a sua cara — digo rindo, parando em frente ao jipe. Tom me olha de canto de olho, sério, e retesa a mandíbula, arqueando uma sobrancelha.

—Por que? — ele pergunta baixo e sorrio ainda mais.

—Imaginava algo mais ostentoso — digo zombeteira, e sorrio para ele. Tom me encara por alguns segundos, demorando para entender minha sátira, e então balança a cabeça, abaixando-a e rindo.

—Você tem uma impressão muito errada do seu marido, Alice — Tom sussurra acusador, se virando de frente para mim e sorrio, dando de ombros.

—Tenho a impressão certa — respondo e me viro de frente para Tom, encarando-o por alguns segundos — e que você acha de me deixar dirigir? — pergunto repentinamente. Tom arregala

os olhos por alguns segundos, como se eu tivesse falado um absurdo, e abre a boca, sem dizer nada. Ele arqueia uma sobrancelha, me encarando e dou um passo na sua direção — e por que não? Por mais que faz quase dois anos que não dirijo, é como andar de bicicleta, não é? — pergunto zombeteira novamente, e coloco os braços nos seus ombros, envolvendo seu pescoço. Tom agarra minha cintura e me puxa contra o seu corpo, batendo nossos corpos. Ele contorna minha cintura com os braços musculosos, me prendendo com força e aproxima seus lábios dos meus.

—E o que eu ganharia com isso, além de um risco de vida? — ele pergunta sedutor, com a voz rouca. Semicerro os olhos. Merda, qual será minha moeda de troca. Sorrio, tendo uma ideia, e olho para o jipe estacionado atrás dele.

—Um sexo selvagem dentro desse carro — sussurro e volto a encarar seus olhos azuis

escuros, sendo iluminados por um fogo avassalador. Sinto o membro duro de Tom contra meu ventre, e já sei a resposta. Sorrio, piscando um olho — acho que já sei a resposta.

Tom fecha os olhos por alguns segundos, ainda com um sorriso torto no rosto, como se estivesse relutante, e antes que ele mude de ideia, desço rapidamente com a mão até seu bolso direito e o invado, não encontrando nada. Tom solta minha cintura, abrindo os olhos, e se afasta, arqueando uma sobrancelha.

—Quem é você e o que fez com minha Alice? — ele diz sério, arqueando uma sobrancelha, e enfia a mão no outro bolso, puxando uma chave e a levantando. Ele abre um grande sorriso — você errou.

Merda. Acho que agora minha ideia de ser aventureira perdeu a luta. Respiro fundo, aceitando, e Tom, ainda sorrindo, estende a mão com a chave,

me oferecendo. Encaro ele por alguns segundos.

—Mesmo? — pergunto séria, arqueando as sobrancelhas. Tom retesa a mandíbula, travado.

—Pegue rápido, antes que eu mude de ideia — ele murmura sério. Agarro a chave, animada, e passo por ele, caminhando na direção da porta do motorista.

—Vamos — digo apressada, e abro o carro, entrando. Sento, sentindo os olhos acusadores de Tom em mim e olho para ele, sentado ao meu lado — o que foi?

—Você poderia ter esperado para eu ajudá-la a entrar no carro — ele me repreende com a voz rouca, bravo. Coloco as mãos no volante e sorrio, começando a rir. Olho para as pessoas que passam por nós e jogo a cabeça para trás, rindo ainda mais, sem me importar com a fúria nos olhos de Tom. Estou rindo do motivo dele ficar bravo, estou rindo porque mesmo dentro de um jipe, na

sua lua de mel, Tom continua sendo exatamente Tom.

—Ainda está achando graça? — Tom pergunta, arqueando as sobrancelhas, e diminuo a risada, olhando para ele pelo canto do olho.

—Você é a graça, meu Tom — digo carinhosa, e sorrio, vendo ele respirar fundo, irritado. Coloco a chave e a giro, ligando o carro. Aperto com força o volante rústico, e respiro fundo, me lembrando da sensação de dirigir. Fazem anos que não dirijo, já que desde que me mudei da casa dos meus pais, não tive mais nenhum carro, mas estou vivendo uma realidade tão inesperada, por que não posso tentar dirigir novamente? Porra, eu estou casada com Tom Haltender, o homem mais sexy, quente e maravilhoso que conheci, estou na minha lua de mel, e segundo ele, a sua conta agora é minha. Mas o mais importante, estou casada com o homem que mais amo na minha vida, e sinto que

é recíproco. Quando eu me imaginei assim? Jamais. Acho que posso aproveitar.

Coloco o pé no acelerador e começo a acelerar, saindo pela rua devagar.

—Aonde vamos? — pergunto calma, com os olhos fixos na rua à minha frente, perdida. É, eu quis me aventurar, mas não conheço um metro quadrado dessa ilha, e nem sei nosso trajeto. Tom fica em silêncio, fitando a rua à nossa frente também, e franzo a testa, virando a cabeça na sua direção — Tom? — o chamo, e ele arregala os olhos.

—Não tire os olhos do caminho, minha Alice — ele diz apressado, autoritário, e sorrio, voltando a olhar para frente. Pelo canto do olho vejo-o apreensivo.

—Então me diga para onde ir, estou perdida — digo sincera, acelerando devagar. Tom morde o lábio inferior, e aponta a minha esquerda.

—Vire aqui — ele diz, e pela rua movimentada, cercada de folhagens e paisagens surreais, assim como lojinhas e turistas, viro, ouvindo-o — pegue à primeira a direita, na direção da praia e depois vire à próxima a esquerda.

Acelero mais, fazendo exatamente o que ele diz e piso fundo no acelerador, vendo-o agarrar o banco. Sorrio, achando graça.

—Porra — ele rosna e me fuzila com os olhos.

Dou de ombros, sorrindo.

—Estou com pressa — muita pressa, para ter Tom dentro de mim.

—Vá devagar — ele sussurra e coloca a mão na minha coxa. Porra, desse modo vou querer ir ainda mais rápido. Respiro fundo, segurando firme o volante, e diminuo a velocidade, sentindo sua mão quente acariciar minha coxa — vá bem devagar — ele sussurra erótico, e sua mão vaga

para dentro da minha coxa. Mordo o lábio inferior, começando a sentir o calor subir junto com a sua mão, a excitação de ser tocada por Tom. Respiro ofegante, e Tom toca na minha intimidade, acariciando-a — vá devagar, minha Alice — ele sussurra com a voz rouca, me tocando devagar — bem devagar — ele sussurra, como se estivesse me pedindo para sentir seu toque e não dirigir.

—Tom — gemo, sentindo perder a força nas pernas, indo muito devagar. Sinto meu corpo flutuar com seu toque, e o arrepio percorre minhas coxas, subindo pela minha intimidade e se irradiando no meu peito. Abro a boca, puxando o ar, e me mexo no banco, incentivando-o. Tom, inclinado para o meu lado, respira contra meu pescoço, me tocando, enquanto faço o trajeto que ele me indicou, sem conseguir me focar na direção.

—Preste atenção no volante — ele diz calmo, mas merda, como vou fazer isso, se apenas

consigo prestar atenção no seu toque caloroso? Sua mão continua a acariciar minha intimidade, me arrepiando, me deixando derretida de tesão, e então ele aperta com força minha coxa. Arfo, e no impulso piso no acelerador. O jipe avança com tudo para frente e Tom dá um pulo, largando minha coxa. Paro o jipe, sentindo seus olhos em mim, e viro lentamente a cabeça, encarando-o sério, pasmo.

—Me empolguei — sorrio, e Tom respira fundo, como se estivesse zangado. Ele fecha os olhos, e volto a pisar no acelerador, continuando o caminho. Ele abre os olhos, me fitando.

—Eu pensei em dar um carro para você, mas acho que prefiro dar um motorista particular do que ficar o dia todo me preocupando se você chegará a salvo em casa — ele diz em um murmuro e franzo a testa, encarando. Tom arregala os olhos, autoritário — olhe para frente, minha Alice.

PERIGOSAS NACIONAIS

—Como assim, me dar um carro? Eu não quero um presente assim — digo rápido, e volto a olhar para frente. Nego com a cabeça. Tom não pode ter cogitado essa hipótese, não quero um presente desse porte, por mais que seja típico dele.

—Por que não? — ele pergunta franzindo a testa.

—Porque é demais — digo séria, e vejo Tom desviar os olhos, como se quisesse contar algo, mas se controla. Arqueio uma sobrancelha, curiosa — o que você quer falar, Tom? — pergunto cautelosa, e Tom passa as mãos nos cabelos louros, jogando-os para trás — Tom? — insisto e ele me encara sério.

—Você verá quando voltarmos para casa — ele se limita a responder com a voz rouca. Cerro os dentes, merda, ele sabe me deixar furiosa e curiosa ao mesmo tempo. Mas vindo dele, não é pouco.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

—Tom — começo.

—Apenas vamos aproveitar nossa lua de mel, minha Alice — ele diz autoritário, e respiro fundo. Tom tem razão, agora estamos aqui.

Sinto o couro do volante embaixo das minhas mãos, e sorrio, virando a esquerda como Tom pediu. Vejo ao longe um luxuoso Resort e arregalo os olhos, surpresa. Por que estou surpresa? Eu sabia que não seria um quartinho em um albergue que Tom alugaria, mas isso? Merda.

—Tom — começo — é demais, é exagero — e começo a falar em torrente, assustada. Meu coração bate como um pandeiro dentro do meu peito, e vejo Tom sorrir satisfeito.

—Eu sabia que você falaria isso — ele sussurra rouco — e por isso, fiz questão de reservar esse lugar.

Merda.

Olho para a entrada do Resort, escrito PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Holliday Inn Phi Phi, todo iluminado.

—Estacione o carro aqui na entrada, provavelmente já devem estar nos esperando — ele diz tranquilo, como se eu não estivesse surpresa com tudo. Eu sei que Tom gosta de gastar, mas jamais imaginei um lugar desses. Nego com a cabeça.

—Tom — tento começar.

—Pare, Alice — ele diz sério, colocando a mão sobre a minha no volante. Olho para ele, e Tom arqueia uma sobrancelha — eu quero isso para nós.

Respiro fundo e assinto. Ele saí do carro, contornando-o e abre a minha porta. Sorrio, pegando na sua mão, e desço num pulo, afundando os pés na areia. Olho para toda a estrutura do Resort.

—Você escolheu a dedo, não é? — pergunto, e sorrio, fascinada pelo lugar. O sol forte

PERIGOSAS ACHERON

ilumina todas as piscinas, e vejo a praia de água cristalina logo adiante, depois dos coqueiros. É um sonho.

Tom pega com delicadeza minha mão, entrelaçando os dedos.

—Eu escolho tudo à dedo para você — ele sussurra sedutor, e sorrio, encarando-o. Tom levanta a mão, soltando a minha, e contorna meus ombros com o braço definido, me puxando contra o seu corpo. Encosto a cabeça no seu ombro musculoso, sentindo seu corpo definido, sua pele muito quente e seu cheiro adocicado. Meu Tom, apenas meu.

—Vamos? — sussurro, e Tom começa a caminhar, me levando junto. Entro no Resort abraçada com Tom. Entro na recepção, vendo uma mulher ruiva atrás do balcão, nos esperando. Ruiva? Dou de ombros, não vou me incomodar mais com isso.

PERIGOSAS NACIONAIS

—Sr. e Sra. Haltender? — ela diz educada, e Tom assente. Paro, deixando-o seguir adiante até o balcão e olho ao redor do hall de entrada do lugar, vendo pilares de madeira, grandes folhagens verdes e janelas gigantescas de vidro. Olho para os grandes lustres, fascinada, e sinto dois braços me envolverem.

—Vamos para o nosso quarto? — Tom sussurra no meu ouvido, por trás, e roça sua ereção potente na minha bunda. Fecho os olhos, excitada, desejando já estar no quarto para ver Tom nu, pronto para mim. Abro os olhos e me viro de frente para ele.

—Me guie até lá — sussurro sedutora, e Tom sorri, puxando minha mão. A mulher ruiva saí pela porta da frente, e Tom me guia, seguindo-a. Ela vira à esquerda e contorna o prédio da recepção, revelando várias cabanas ao longo do Resort.

PERIGOSAS ACHERON

—É demais — sussurro, e Tom me puxa, envolvendo meu corpo em seu braço, e coloca os lábios no meu ouvido, continuando a caminhar.

—Você não viu nada — ele sussurra, e desce com a mão pelas minhas costas, roçando os dedos. Arfo, sentindo o arrepio quente me excitar. Sua mão desliza agressiva pela minha lombar, queimando-a, e Tom dá um tapa com força na minha bunda, fazendo barulho. Dou um pulo, arregalando os olhos, e encaro a mulher ruiva na nossa frente, um pouco distante. Minha bunda arde e olho para Tom, que sorri satisfeito para mim. Fico sem reação, sentindo meu corpo implorar por mais.

Me afasto dele, tentando recuperar o ar, e caminho ao seu lado, vendo a mulher ruiva adentrar na cabana mais longe, a última.

—Você queria reclusão? — pergunto para ele, olhando-o. Tom sorri torto e dá uma piscadela, confirmando minhas suspeitas. Merda, algo me diz

que Tom se tornará fogo puro. E que eu vou gostar.

A mulher ruiva permanece dentro da cabana, e Tom entra. Eu o sigo, vendo-a começar a explicar sobre o atendimento, que para qualquer pedido, era apenas usar o interfone que seríamos servidos. O bar ficaria aberto durante a madrugada também, assim como as piscinas, e poderíamos ter o café da manhã no quarto ou na área de lazer coletiva. Concordo com a cabeça, ouvindo-a, e então vejo no canto do quarto nossas malas já colocadas. E uma mala adicional, pequena. Franzo a testa, sem entender, esquecendo o que a mulher está falando ou que ela ainda está presente.

Tom continua a conversar com ela, enquanto começo a caminhar devagar na direção da pequena mala preta, curiosa. Começo a me aproximar, e então Tom agarra meu pulso, me impedindo. Olho para ele, parado ao meu lado,

segurando meu pulso de forma discreta, enquanto ainda conversa com a mulher, e franzo a testa, sem entender. Ela se despede cordialmente, e saí do quarto, fechando a porta. A sigo com os olhos, assim como Tom, até que a porta se fecha, nos deixando sozinhos no silêncio do quarto. Olho para Tom por alguns segundos, curiosa, e ele larga meu pulso, me fitando de forma feroz.

E avança contra mim, me empurrando contra a parede e segurando meu rosto com as duas mãos, com força. Bato a bunda contra a parede, gemendo e Tom silencia minha boca com a sua, colando-a na minha.

—Tom — gemo, ouvindo rosnar contra meus lábios, excitado. Sua língua invade minha boca, caçando a minha, envolvendo a ponta da minha língua com a sua e ditando uma dança erótica. Seu corpo pressiona o meu contra a parede, como se estivesse desesperado em me sentir.

—Porra, como eu queria você — ele rosna inundado de tesão, descendo com as mãos do meu rosto pelo meu pescoço. Seus dedos roçam minha pele e fecho os olhos. Tom morde meu lábio inferior, puxando-o para si, agressivo, como se estivesse enlouquecido de desejo.

—Tom — gemo seu nome, e ele me empurra com mais força contra a parede, sem se preocupar em me machucar. Ele não quer transar comigo, ele quer foder comigo, mas sinceramente? Eu também quero.

Agarro seus cabelos louros, com força, cravando meus dedos no seu couro cabelo e o puxo ainda mais para mim, ouvindo-o rosnar profundamente, empurrando o ventre contra o meu. Sua ereção grossa pressiona o meio das minhas pernas, e levanto a perna direita, deixando o vestido deslizar por ele, deixando-a amostra. Suas mãos descem do meu pescoço e Tom afasta um pouco o

rosto, com os olhos sedentos em mim. Ele devora meus seios com os olhos, e os aperta com força, cerrando os dentes. Envolvo seu quadril com a minha perna, deixando-o grudado ao meu corpo, e Tom desce com uma mão até a minha coxa, apertando-a com força. Ele avança contra o meu pescoço, me beijando inteira, descendo por ele até o ombro e subindo novamente, deixando um rastro de mordidas.

Dou um pulo e envolvo seu quadril com as duas pernas, desejando que ele me jogue na cama, que ele me possua do jeito que só ele sabe fazer. Porra, eu o quero.

Tom agarra minha bunda, e me afasta da parede, caminhando até a cama. Afasto meus lábios dos dele, encarando seu rosto inundado de tesão, selvagem.

—Já quero começar nossa lua de mel — sussurro devassa, e Tom suspira, excitado, com os

olhos azuis escuros ferozes em mim.

—Eu já quero começar a ouvir você gemer meu nome enquanto me enterro em você — ele rosna com a voz rouca, e meu corpo inteiro arrepia. Suspiro, vendo o desejo estampado em seu rosto selvagem. Tom me joga na cama, e caio de costas, de pernas abertas, esperando-o. Rebolo, me oferecendo para o meu deus do sexo, e Tom retesa a mandíbula, enlouquecido, com os olhos descendo pelo meu corpo. Sorrio devassa, e empino meu ventre para cima.

—E está esperando o que? — sussurro excitada. Agora é a minha vez de vê-lo subir as paredes. Tom permanece me encarando, e coloco em prática minha ideia. Quero ver Tom enlouquecido mesmo. Desço com as mãos pelas minhas coxas expostas pelo vestido levantado, e com os pés na cama, abro ainda mais as pernas, deixando-o ver minha calcinha. Tom cerra os

dentes, retesando ainda mais a mandíbula, e vejo sua ereção grossa empurrando a calça para frente. Estou no caminho.

Vago com as mãos para dentro da minha coxa, e puxo a calcinha para o lado, deixando-o ver minha intimidade molhada. Tom arregala os olhos, e parece que eles saltarão dos seus globos oculares. Mantenho a calcinha para o lado e com os dedos da outra mão, toco nos meus grandes lábios, invadindo-os.

—Oh, Tom — gemo propositalmente, encostando no meu clitóris. Jogo a cabeça para trás, arqueando as costas, e começo a me masturbar na sua frente, fechando os olhos. O prazer guardado por todos esses dias explode pelos meus dedos, me derretendo, e a ideia de saber que Tom está parado na minha frente, assistindo, me dá ainda mais prazer — Tom, venha — gemo para ele, e abro os olhos. Um sorriso brota nos meus lábios ao vê-lo,

jamais o imaginaria assim. Tom está parado, de boca aberta, com os olhos arregalados, fixos no meio das minhas pernas, com as mãos no alto da cabeça, agarrando os próprios cabelos, enlouquecido. Sua expressão é fúria misturada com ferocidade, e ele rosna profundamente, retesando a mandíbula.

E me toco ainda mais rápido, rebolando contra os meus dedos.

—Tom — o chamo em um gemido, sentindo meu gozo subir pelo meu ventre, me queimando, desejando-o por inteiro. No instante seguinte, antes que eu consiga acompanhar, Tom simplesmente dá as costas, furioso, e caminha até a mala preta. Franzo a testa, sem entender, e abro a boca para questioná-lo, mas ele se inclina, pegando-a, e se vira de frente para mim, furioso.

—Não — ele rosna, com os olhos faiscando de tesão — faça nunca mais isso — ele

rosna entre dentes, com a mandíbula marcada de tanto apertá-la.

Sorrio, satisfeita por ver o estado que estou deixando-o.

—E o que você tem aí nessa sua mala? — digo, indicando-a com a cabeça — se bem que, oh — gemo, me arqueando novamente, de propósito e gemendo alto seu nome, me masturbando ainda mais. O fogo parece se alastrar pelo meio das minhas pernas, e desço os olhos para a sua ereção desesperada por mim.

—Chega — Tom rosna furioso e joga a mala contra a cama. Dou um pulo, largando minha intimidade molhada, e Tom abre a mala, revelando algemas, chicotes e braçadeiras. Abro a boca, ainda deitada, começando a entender, mas antes que eu complete o raciocínio, Tom agarra meu tornozelo direito e passa a algema, prendendo-o contra o pé da cama alto.

—Tom — grito assustada, e ele, abaixado, levanta a cabeça, me fitando feroz, furioso.

—Agora será eu — ele rosna sem completar a frase. Abro a boca, pasma, sentindo meu prazer subir de nível. Porra, nem se compara com a ideia de eu me masturbar. Tom agarra meu outro tornozelo, acariciando-o, e se inclina, beijando meu pé. Sorrio, jogando a cabeça para trás, e no mesmo momento ele o prende com a algema. Respiro fundo, me sentindo indefesa contra a cama, e vejo Tom ficar de pé. Levanto a cabeça, vendo-o parado em direção da minha intimidade.

—O que você fará? — pergunto em um fôlego só, e Tom sorri devasso, sedutor.

—Vou devorar você, minha Alice — ele sussurra com a voz rouca. Porra. Fecho os olhos, sentindo meu corpo explodir em tesão, em imaginar seu corpo malhado contra o meu, seus lábios molhados contra meus seios, contra minha pele, sua

pele quente me queimando. Seu fogo me derretendo.

Ele retesa a mandíbula e dá um passo para frente, apoiando a perna na cama. Tom sobe no meio das minhas pernas abertas, e agarra minhas coxas, me puxando contra si. Minha bunda arrasta na cama e dou um grito. Ele se inclina e agarra minha calcinha com a boca, puxando-a com força até a renda preta se rasgar inteira. Tom levanta o tronco, com a minha calcinha na boca, e arfo, enlouquecida.

A visão de Tom assim me destrói, como se eu não precisasse de muito mais para gozar. Ele sorri, satisfeito pelo meu estado, e joga a calcinha para o lado, avançando contra a minha intimidade. Seus lábios macios, molhados, encostam na minha intimidade, e dou um pulo, arquejando. Tom suga meus grandes lábios, como se reivindicasse para si, e gemo, agarrando o lençol da cama, mexendo as

pernas. Suas mãos apertam com força minhas coxas, me imobilizando, e sua língua avança, explorando toda a minha intimidade, como se ele precisasse sentir tudo o que sou, tudo o que estou sentindo por ele.

—Tom — gemo perdida em gozo, sentindo meu clitóris pulsar desejoso contra sua língua, que o circula com vontade, sugando-o para si, como se fosse devorá-lo mesmo.

—Como você tem um gosto bom — ele geme de propósito contra a pele dos meus grandes lábios, e sua respiração quente me arrepia inteira. Viro a cabeça para o lado, não me aguentando mais. Tom brinca com meu clitóris, sugando-o e lambendo-o devagar, saboreando meu prazer.

—Tom — gemo, implorando que ele entre inteiro em mim. Tom se levanta, largando minha intimidade, e saí da cama, parando no meio das minhas pernas. Ele agarra a camisa por cima e a

puxa, deixando-a cair no chão. Abro a boca, já absorvida em gozo, vendo seu abdômen definido, seu peito musculoso me levando à loucura. Tudo isso é só meu, porra. Eu quero tocar, eu quero morder, eu quero sentir.

Tom sorri torto, e abaixa a calça, ficando inteiramente nu na minha frente. Seu membro duro brilha com a ereção potente, prestes a se soltar inteira por mim. Ele me encara feroz com os olhos azuis escuros.

Sento na cama, com as pernas presas ainda, e puxo meu vestido para cima, arrancando-o desesperada. Como eu o quero. Tom ri, vendo minha ansiedade, e olho para ele, apenas de sutiã. Em um segundo, tiro o sutiã também, sentindo meus mamilos arrepiados.

—Alice, quero que deite — ele sussurra autoritário, com a voz rouca. Respiro fundo, cedendo, e me deito. Fito ele, que desce os olhos

por todo o meu corpo, ronronando, apenas balançando a cabeça, como se estivesse satisfeito em saber que sou inteira dele.

Ele se aproxima e pega duas braçadeiras de couro, esticando-as devagar. Franzo a testa, curiosa.

—O que você fará com isso? — pergunto apreensiva, seguindo-o com os olhos enquanto ele dá a volta na cama.

—Estique os braços, Alice — ele ordena, parado na cabeceira da cama.

—Por que? — pergunto, levantando a cabeça. Tom semicerra os olhos, apenas esperando que eu obedeça, e faço o que ele pede. Estendo os braços, e sinto sua mão quente envolver meu pulso, puxando meu braço até esticá-lo para cima. Tom envolve meu pulso com o couro e o prende contra a cabeceira. Ele faz o mesmo com o outro, e permaneço em silêncio, apenas vendo-o. Ele sorri

torto, satisfeito e se inclina contra os meus lábios.

—Isso é um castigo por você se tocar, minha Alice, quando eu já disse várias vezes que apenas eu posso fazer isso. Você é minha, e apenas eu tenho esse direito — ele rosna furioso contra os meus lábios. Abro a boca, incrédula, e Tom contorna novamente a cama, subindo pelo meio das minhas pernas.

Porra, a visão é deslumbrante, vê-lo engatinhar no meio das minhas pernas, avançando sobre mim. Seu corpo cobre o meu, e ele deixa todo o peso cair, me prendendo na cama. Tom desce com as mãos pela minha cintura, apertando minha pele com força.

—Tom — gemo seu nome — mais — imploro, e Tom rosna, avançando contra meu pescoço. Sua boca abocanha minha pele, e ele desce pelo meu corpo, beijando cada centímetro do meu corpo até chegar no meio dos meus seios.

PERIGOSAS NACIONAIS

—Como eu quero me afundar em você — Tom geme e abocanha meu seio direito, sugando meu mamilo com força. Gemo, batendo meus braços contra o couro da braçadeira, tentando encostá-lo. Me mexo embaixo de Tom, ansiando por mais, e ele suga com força meu mamilo, cada vez mais forte, passando a língua ao redor. Tom pressiona a ereção contra minha intimidade molhada. Ele avança contra o outro mamilo, sugando-o com força, reivindicando para si, e sobe com as mãos, agarrando meus seios e apertando-os com força. Ele se inclina e tapa a minha boca com a sua, com a expressão enlouquecida. O beijo, deixando sua língua quente vagar pela minha boca. O quarto parece derreter, o calor sobe pelos nossos corpos e a pele quente de Tom se transforma em fogo puro. E solta meu rosto e agarra a base do membro, guiando-o no meio das minhas pernas. Sua outra mão sobe pelo meu braço esticado,

PERIGOSAS ACHERON

roçando os dedos devagar, apertando a pele, e sinto seu membro roçar nos meus grandes lábios, me deixando derretida por inteiro. Fecho os olhos, ouvindo sua respiração rouca, quente, e Tom empurra o quadril contra minhas coxas, se enterrando inteiro.

—Porra — ele rosna em um gemido profundo, me penetrando com força, me reivindicando para si, mostrando o quanto estava enlouquecido para estar dentro de mim. Me sinto rasgar em prazer e gemo seu nome alto, fechando as mãos e me contorcendo embaixo do seu corpo definido. Tom se inclina, apoiando os cotovelos em cada lado do meu corpo, e abre os olhos, inundados de prazer, um azul profundo. Ele retesa a mandíbula e empurra o quadril novamente, me penetrando de novo, se enterrando inteiro.

—Tom — gemo, empinando o quadril para cima — mais forte — gemo e ele arregala os

olhos, se perdendo inteiro. Ele começa a estocar, rugindo de prazer e força, em um vai-e-vem agressivo, batendo o seu corpo contra o meu. Meu prazer sobe pelas paredes, me levando junto a um mundo inteiro de gozo, e sinto seu membro sair e entrar de dentro de mim, potente, me rasgando e me deixando molhada. Gemo seu nome ainda mais alto, ouvindo-o gemer, sem tirar os olhos azuis escuros, ferozes, deixando claro o quanto ainda é possessivo, o quanto ainda quer deixar claro que sou apenas sua. Mas no fundo eu sei, eu sempre fui de Tom desde que o beijei.

Tom se inclina para cima, retesando todos os músculos dos ombros, dos braços, fazendo força para se enterrar cada vez mais dentro de mim, se perdendo, e sua respiração se torna pesada, assim como a minha. Sinto meu corpo mergulhar dentro do meu próprio mundo, me libertando, me transbordando em prazer, e o gozo sobe pelo meu

ventre, se irradiando em arrepios arrebatadores. Puxo os braços com força, me contorcendo, entregue, e gemo alto, sentindo minha intimidade pulsar contra seu membro. Esqueço onde estou, esqueço tudo, apenas concentrada em sensações inebriantes ao sentir o peso do corpo de Tom contra o meu. Ele estoca cada vez mais rápido, se afundando na cama comigo, fazendo barulho, e estremeço, entrando em êxtase.

—Tom — grito entregue, entrando em orgasmo, sentindo seu membro duro e grosso dentro de mim. Os espasmos percorrem todo o meu corpo, me deixando sensível e arregalo os olhos, puxando o fôlego para conseguir respirar. Tom se rende, batendo o peito contra os meus seios, roçando nossos corpos a cada estocada forte e demorada, saboreando a sensação de sentir meu orgasmo. Sinto meu mundo rodopiar em sensações avassaladoras, e me sinto queimar contra sua pele

quente. O quarto parece abafado, e não consigo raciocinar direito. Fecho os olhos, ouvindo meu coração rápido, o orgasmo me deixando inteira sensível, e gemo baixo. Tom geme cada mais baixo, em um rugido rouco profundo, e estremece contra o meu corpo. Abro os olhos, vendo seu rosto rente ao meu, e Tom se esvai inteiro dentro de mim, estocando devagar. Ele goza, entrando em orgasmo, e retesa a mandíbula, rosnando de forma agressiva. Ele caí em cima de mim, sem forças, e seus braços envolvem minha cintura. Respiro fundo, sem fôlego, ouvindo a respiração alta de Tom, abraçado ao meu corpo, e sorrio, ainda extasiada.

E estamos apenas começando.

Tom respira com dificuldade e se levanta, me encarando por alguns segundos, mordendo o lábio inferior, sedutor.

—Eu preciso respirar um pouco — digo

pronta para ouvi-lo dizer que quer uma segunda, mas Tom ri com a voz rouca, assentindo, e pega uma chave dentro da mala, tirando minhas braçadeiras. Ele caminha ao redor da cama, em silêncio e abre as algemas. Puxo as pernas e os braços, massageando-os, vendo as marcas da força que fiz, e levanto a cabeça, vendo-o me encarar apreensivo, com a testa franzida. Me levanto da cama, exausta, e caminho até ele, colocando as mãos no seu peito molhado de suor, quente, fervendo. Acaricio sua pele, sentindo-a tão minha, só minha, e olho para o seu rosto esculpido.

—Eu amei a sua ideia — sussurro satisfeita, e Tom sorri, pegando as minhas mãos e levando-as até a boca. Observo extasiada, e ele as beija devagar, com os olhos fixos em mim.

—Preparei tudo para você, Alice — ele sussurra sedutor, e me puxa pelo pulso, batendo o meu corpo contra o seu. Suspiro, enlouquecida por

ele, e Tom acaricia meu rosto devagar, com os olhos inundados de luxúria, de possessividade. É, ele ainda continua possessivo.

—O que você acha de me mostrar o banheiro? — sussurro para ele, e Tom sorri, dando um passo para trás, devagar, me levando junto. Arrasto os pés, acompanhando o seu ritmo, e Tom bate com as costas na porta do banheiro entreaberta, escancarando-a. Olho ao redor para o banheiro branco com detalhes em madeira clara. Uma grande banheira arredondada está no centro, com sais de banho e velas. Sorrio, maravilhada. Não consigo acreditar que estou vivendo isso.

Tom sorri torto, percebendo meu assombro, e me larga, se afastando. Olho para ele, que estende a mão na minha direção, deixando a aliança dourada brilhar.

—Venha comigo — ele sussurra sedutor, com os olhos azuis escuros fixos em mim, ferozes.

PERIGOSAS NACIONAIS

Minha intimidade, ainda sensível, pulsa, enlouquecida e desço os olhos pelo seu corpo definido. Reparo no seu peito ofegante, no seu abdômen definido e no seu membro ereto, implorando por mim.

É, eu quero tê-lo nessa banheira. Mordo o lábio inferior, sentindo todo o meu corpo incendiar ao ver esse homem na minha frente, o meu homem, e dou um passo na sua direção, colocando a minha mão sobre a sua. Tom me puxa com força e pulo, abrindo as pernas e envolvendo seu quadril. Ele me segura pelas coxas com força, apalpando minha pele, e envolvo seu pescoço com os braços, puxando sua cabeça até a minha.

—Me esquente nessa água, Tom Haltender — ordeno séria, e os olhos de Tom se tornam selvagem, sua expressão urgente. Tom caminha até a banheira, e sinto sua ereção se movimentar no meio das minhas pernas, grossa.

PERIGOSAS ACHERON

Ele para em frente a banheira, e levanta a perna, entrando comigo no colo. A água bate nos meus pés, e ele se agacha, se sentando. A água me inunda, morna, subindo pelas minhas coxas até cobrir meus seios. Apoio as pernas no fundo da banheira, com Tom no meio delas, rosto com rosto, e ele ronrona com a voz rouca, apertando com força a minha bunda.

—Vou esquentar você em todos os lugares — ele sussurra devasso contra os meus lábios, e agarra meu pescoço com uma mão, me puxando e me beijando de forma ardente. Sua língua invade minha boca, e retribuo o beijo, descendo as mãos pelo seu corpo, memorizando cada detalhe até deslizar pelo seu ventre e agarrar a base do seu membro, ouvindo-o gemer contra os meus lábios.

O calor começa a subir pelas minhas coxas, formigando todo o meu corpo em um arrepio avassalador, e sinto derreter dentro da água,

sentindo necessidade de senti-lo se enfiar em mim, em se enterrar e gemer meu nome, deixando claro o quanto esse homem é só meu, está entregue para mim.

Me olho no espelho. Estou me sentindo tão viva nesse momento, que jamais imaginei na minha vida. Respiro fundo, sentindo a felicidade me inundar de um jeito inexplicável, e Tom caminha atrás de mim, na minha direção, fitando meu reflexo no espelho. Observo seus ombros musculosos, sem camisa, seus braços firmes, com músculos, e o quadril escondido por uma toalha branca. Sorrio, desejando arrancar a toalha e deixar à mostra a perfeição que ele é.

Seus olhos azuis escuros, me fitando pelo espelho, descem pelo meu corpo, e ele sorri torto, deixando claro o quanto gosta da visão. Me viro de frente para ele, tentando fazer a mesma expressão, e cruzo os braços.

—Está analisando o pacote, Tom? — digo zombeteira, e Tom ri, abaixando a cabeça e cruzando os braços também, parando na minha frente, apenas de toalha. Porra, por que mesmo deixei ele se enrolar em uma?

—Estou — Tom afirma sério, e descruza os braços, colocando as mãos na cintura, sério, autoritário — estou analisando o pacote que é apenas meu, acho que isso é no mínimo o que tenho como direito — ele afirma. Abro a boca, incrédula com sua audácia, e dou risada, apontando para ele.

—Se você tem esse direito, eu também tenho — afirmo e dou um pulo para frente, agarrando sua toalha e puxando-o. Tom dá um pulo, nu na minha frente, e sorrio, levantando a toalha para o lado, fitando o pacote Tom Haltender.

Tom sorri satisfeito, e dá uma piscada para mim, me seduzindo.

—Está satisfeita com o pacote, ou precisa de mais uma demonstração? — ele diz confiante, levantando a cabeça. Respiro fundo, e desço os olhos pelo seu corpo maravilhoso, seu membro se avolumando na minha frente. Merda, estou exausta já, mas aceitaria mais uma demonstração. Mordo o lábio inferior, e Tom dá um passo na minha direção, me agarrando.

—Demorou demais — ele sussurra — deixe eu me vestir, quero mostrar o lugar para você — Tom sussurra aproximando o rosto do meu, e sorri charmoso — teremos muito tempo — ele sussurra rouco, me convencendo. Ele pega a toalha da minha mão e me solta, dando as costas.

—Gosto dessa bunda também — extrapolo qualquer decoro ao vê-lo andar de costas, deixando a bunda exposta. Tom para e olha sobre o ombro com os olhos arregalados, surpreso. Começo a rir sem graça, sem me arrepender de deixar passar

esse comentário. Eu precisava falar, e preciso apalpar uma hora dessas.

Tom ri roucamente, e começa a se vestir sob meus olhos. Respiro fundo, assistindo-o colocar a cueca boxe branca, e então ele veste uma bermuda azul escura, abotoando uma camisa.

Tom se vira de frente para mim, e sorri torto, pegando o celular e colocando-o no bolso.

—Estamos prontos, vamos? — ele afirma sem perguntar se estou pronta realmente. Me viro, prendendo o meu cabelo, fitando a saia leve e curta que visto, a blusa de alças, também leve e solta, e sorrio para ele, pelo espelho.

—Agora estou pronta — afirmo, e dou as costas para o espelho, caminhando em direção a cama. Pego meu celular também, vendo a tela piscar, e franzo a testa, curiosa, sabendo que Tom está me olhando furioso por eu mexer no meu celular. Mas preciso ver, e ligo a tela, abrindo as

várias mensagens.

Como você está filha? Chegaram bem? Precisamos de notícias suas.

Sorrio, deixando para responder minha mãe depois, e abro a mensagem de Dana.

Ali, sua amiga do cão, por que ainda não me mandou mensagem dizendo como está? Preciso saber tudo sobre sua lua de mel e essa viagem maravilhosa. Estou dando indiretas para Carlos me levar.

Rio, também deixando para responder depois a mensagem de Dana, e abro a mensagem de Louis.

Estamos em Roma, você iria adorar aqui. Sugeri que oferecem uma proposta para você, uma agência muito boa, Ali, espero que aceite, mas entenderei se quiser dar um tempo. Como estão? Andrei manda um beijo para vocês.

Sorrio, animada com a mensagem de Louis,

e vejo a mensagem de Gabriel, ainda de ontem.

Ali, como anda aí as coisas? Foda bastante nessa ilha aí, aproveite essas praias, porque eu estou ferrado aqui. Lembra daquelas professoras com quem fodia? Me fodi com elas, literalmente. Fui descoberto, e estou correndo o risco de ser expulso e elas demitidas. Estou ferrado, mas no fundo, tenho sorte grande de poder tirar umas férias para a minha cabeça nesse apartamento que recém ganhei. Agradeça ao querido e prestativo Tom por isso, estou adorando toda a mordomia de me sentir rico. Posso participar da família? Desculpe por contar meus problemas, apenas precisava desabafar, mas não esquente, dou um jeito. Amanhã voltarei para lá, já que preciso ir enquanto é visto o que fazer comigo, me avise quando voltarem, quem sabe dou um pulo e visito você de novo.

Porra. Abro a boca, pasma com a mensagem

de Gabi, e olho para Tom, que arqueia uma sobrancelha, preocupado. Ele caminha e mostro o celular para ele, que lê toda a mensagem de Gabriel.

—Ele me assusta às vezes com essa burrice — Tom murmura e olho acusadoramente para ele. Seus olhos azuis escuros vagam até o meu rosto, e ele sorri sem graça, dando de ombros. Olho para a mensagem novamente, e algo a mais me chama a atenção. Franzo a testa e guardo o celular, olhando para Tom, e cruzo os braços.

—E você não tem nada para me contar, que está escrito nessa mensagem? — pergunto sugestivamente. Tom arqueia uma sobrancelha e retesa a mandíbula, um pouco relutante — Tom? — pergunto arqueando as sobrancelhas e ele respira fundo, tentando resistir, mas ele abaixa a cabeça, colocando as mãos no bolso.

—Dei o apartamento para Gabriel — ele

diz baixo, com a mandíbula marcada. Não, não pode ser.

—Você o que? Tom — digo furiosa — por que você fez isso? — pergunto apressada, e Tom me encara sério, passando a mão no queixo, na barba rala.

—Porque nós não iríamos mais lá, minha Alice, e Gabriel tinha adorado. É algo do meu passado que eu não quero mais, agora que me casei com você. Concordei em dar o apartamento para ele, e já que o prédio é meu, ele não precisará pagar o condomínio, só o que gastar com água e luz — ele diz apressado.

—O prédio é seu, também? — pergunto assustada. Merda, por que ainda me surpreendo?

Tom ri roucamente, percebendo meu espanto, e caminha até parar na minha frente, levantando os braços e segurando meu rosto com as mãos firmes. Ele observa devagar meu rosto, com

carinho, e com o polegar, acaricia meu lábio inferior. Me derreto sentindo seu toque quente, sua forma carinhosa, e sorrio, encantada por ele, fitando seus olhos azuis escuros. O arrepio percorre meu corpo, e pego fogo sentindo suas mãos no meu rosto.

—Minha Alice, você me conhece melhor do que qualquer outra pessoa, melhor do que qualquer outra mulher. Você sabe que tudo o que eu quero eu consigo, e isso inclui você — ele hesita — e mesmo assim, você ainda se surpreende, me deixando ainda mais excitado ao ver o que faço com você — sua voz se torna mais baixa, rouca, me arrepiando, e fecho os olhos, ouvindo meu coração saltitar no meu peito, sentindo seu toque quente, arrepiante, e ouvindo sua respiração pesada. Eu estou fervendo para tê-lo novamente, e porra, é um vício continuo.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Bônus

Gabriel abaixa o grande copo de cerveja, batendo-o na mesa do bar, sentado na banqueta, de frente para o barman, seu amigo de noitadas, e seus dois outros amigos de faculdade, cada um sentado em cada lado.

—Cara, você tá fodido — o barman diz sério, apontando para Gabriel, que apoia os antebraços no balcão e abaixa a cabeça.

—Ezequi, cara, eu sei. Fodido é pouco, tô nadando na merda — Gabriel murmura, e um dos seus amigos, sentado ao seu lado esquerdo dá um leve tapa das suas costas.

—Eu avisei você, Gabi, que você se sairia mal ainda. Por que faltou tanto cara? — ele pergunta sério, virando o copo de cerveja.

—E nem venha inventar mais mentiras, Gabriel — o outro amigo sentado ao seu lado direito fala, começando a dar risada, e faz sinal para Ezequi servir mais cerveja. A música alta, um rock antigo, invade todo o bar estudantil, um bar estilo pub com balcão de madeira antiga e poltronas ao redor de mesas quadradas. Quadros pendurados e um palco ao longe, sendo ocupado por uma banda estudantil está abarrotado de estudantes.

—Eu não estou inventando, seus filhos da puta — Gabriel rosna, socando o balcão.

—Você poderia ter faltado, mas quando

chegou no limite de faltas, mesmo contornando as provas e se saindo bem, por que decidiu se envolver com as professoras para se safar das faltas? Uma noitada com uma professora é ótimo, mas levar isso adiante é só para se foder — o amigo da direita diz sério, e Gabriel olha para ele, segurando o copo perto do rosto.

—Era divertido ver as duas, Felipe, principalmente porque elas eram gostosas, cara. Eu não fazia isso só para não ter as faltas, eu fazia porque era bom — ele dá de ombros, e vira a cabeça, balançando, abaixando-a — eu precisava faltar porque eu queria estar naquela maldita cidade, na esperança de ter mais uma noite com aquela mulher.

—Aquela mulher fantasia sua? Cara, é bom você acordar, parece coisa de filme, você andou se masturbando muito vendo pornô — o seu amigo da esquerda diz rindo, batendo o copo vazio

no balcão. Ezequi e Felipe dão risada, negando com a cabeça.

—Deixe ver se eu entendi — Ezequi diz sério, e apoiando os cotovelos tatuados no balcão, aponta para Gabriel, que permanece fitando Felipe, seu amigo moreno de olhos escuros, e então desvia os olhos para Ezequi, um homem mais velho, barbudo e ruivo — você conheceu uma mulher.

—Rica, podre de rica, mas assim oh — Felipe faz com as mãos um movimento de punheta — podre de rica — e Ezequi ri — e além de tudo, gostosa. Como é que você contou, Gabi? Com um bocão e que sabe fazer e desfazer de um homem na cama. Boa, mas boa mesmo de cama. E não esqueça o louca — Felipe completa rindo — segundo esse aqui — Felipe diz dando um tapa no ombro de Gabriel — é tão louca quanto rica, que chegou com duas garrafas que valiam mais de cinquenta mil e mostrou uma lingerie para lá de

foda, que fazia qualquer pau se levantar rapidinho.

—Mas cale a boca — Gabi murmura, furioso. Ezequi bate palmas zombando, gargalhando, e a música do bar, tocada e cantada por uma banda de homens faz uma pausa. Ezequi se vira, pegando um pequeno copo no balcão de madeira e de vidro atrás de si, e se abaixa, pegando uma garrafa de uísque.

—Depois dessa, vamos passar para algo mais forte — Ezequi fala — por minha conta — ele diz rindo e serve os copos, misturando o uísque com o resto da cerveja — agora deixa eu ver se entendi, Gabriel — ele diz sério, apoiando os braços no balcão, de frente para Gabriel, que respira fundo — você diz que começou a faltar mais porque além de sua amiga namorar um cara podre de rico, e isso sabemos ser verdade, já que as revistas comprovam, conheceu uma mulher tão boa de cama como de conta bancária? E louca? —

Ezequi pergunta retórico, franzindo a testa — e por isso, começou a faltar mais, preparando sua cordinha — ele diz sorrindo — e então decidiu se envolver com duas das suas professoras gostosas para se safar das faltas e continuar a esperar pela mulher dos sonhos? Só que daí se enforcou quando foi pego e descobriu que a mulher nunca mais transaria com você?

—Se é que ela existe né — o outro amigo diz, e Gabriel o fuzila com os olhos.

—Cale a boca, Otávio, é claro que Anya existe — Gabriel rosna, virando o copo de uísque. O álcool desce queimando, acordando-o um pouco da embriagues da cerveja.

—E por que você não transou mais com ela? — Felipe pergunta debochado, também virando o copo. Gabriel dá de ombros. Porra, nem ele sabia.

—Porque ela não te quis? — Ezequi

pergunta malicioso, e Otávio ri, assentindo.

—Porque é difícil transar duas vezes com uma mulher imaginária — Otávio diz irônico, e uma antiga música dos Rolling Stones começa a ser cantada. Os jovens cantam juntos bebendo e jogando sinuca em um canto, enquanto várias mulheres se abarrotam em sofás, conversando animadas.

Gabriel finge uma risada irônica e faz sinal com a mão, pedindo mais uma dose de uísque.

—Já que é por sua conta e amanhã a diretoria decide o que fazer comigo, encha o meu copo — Gabriel pede, e Ezequi levanta a garrafa, enchendo o copo.

—Gabi, vai lá no banheiro e toque uma para essa mulher imaginária, talvez alivie essa carranca — Ezequi diz gargalhando — porque uma mulher dessas jamais existirá, e se existir, nunca estará perto de você.

—Cara, é verdade — Felipe concorda rindo — você viu filme demais, parece aquelas adolescentes que querem conhecer um vampiro? Como é mesmo o nome, Otávio? — Felipe faz um gesto com a mão, batendo uma palma na outra, imitando sexo.

—É pornô, Felipe, é isso que é — Otávio debocha, enquanto Gabriel seca mais um copo, furioso com os amigos. Ele encara ambos, vendo as risadas na penumbra do bar, sendo iluminada por luzes vermelhas e amarelas do balcão e do palco.

—Por que vocês não acreditam em mim? Eu contei aquele dia que ela era louca, que estava bêbada e fodeu comigo pra valer, como se não houvesse amanhã, e além de tudo era uma mulher de classe, rica, sofisticada e — Gabriel hesita — e sabia mais de sexo do que eu imaginava. E fazia bem, porra — Gabriel rosna, agarrando a garrafa de uísque do balcão e enchendo novamente o copo.

Ele passa as mãos na camisa social preta, aberta no colarinho, assim como as dos amigos, e respira fundo, pegando o copo ao lado da garrafa em cima do balcão.

—Gabriel, essa sua descrição pode ser até real, mas cara, vamos combinar, qual a chance de uma mulher dessas, ainda mais se for inteligente, conhecer um estudante com seus vinte e pouco aninhos sem um tostão direito no bolso? Cara, você já está fodido com a diretoria, pare de foder com a sua cabeça — Ezequi diz sério — estou começando a ficar com pena de você.

—Porra, pensem o que quiserem, ela — Gabriel rosna furioso e então ele para, vendo vários homens virarem a cabeça em direção à porta de madeira escura e vidro à sua esquerda, a uns cinco metros. Ezequi, o dono do bar, franze a testa, e Gabriel vê a expressão em choque dele. Ezequi abre a boca, arregalando os olhos, e vira todo o

copo de úisque.

—Caralho — Ezequi murmura, e Felipe e Otávio viram a cabeça, procurando o que deixou Ezequi boquiaberto.

No meio de vários jovens estudantes, caminhando para sair e entrando no bar, uma mulher caminha elegante, devagar, se desviando de forma elegante de cada corpo que passa por ela. A maioria das cabeças se viram para encará-la, e a mulher continua a caminhar devagar, chamando a atenção por estar diferente.

Seus cabelos castanhos caem em ondas pelos ombros nu, expostos por um longo vestido preto, solto, com um grande decote em V até quase o umbigo, deixando à mostra o inicio dos seios. Um ostentoso colar de ouro está em seu pescoço, combinando com grandes anéis de ouro, em sua mão direita ela segura uma pequena bolsa de couro, e em seus lábios um batom vermelho. Seus olhos

percorrem todo o bar até pararem em um homem de cabelos castanhos e camisa social preta. Ele permanece de costas para ela.

—Caralho — Felipe sussurra e Gabriel arqueia as sobrancelhas, ficando curioso.

—Que porra está acontecendo? — ele pergunta e se vira para olhar o que os amigos tanto observam. Gabriel deixa o copo cair sobre o balcão, arregalando os olhos. Porra, não era possível, ele pensa. Ele permanece imóvel, boquiaberto, sentindo o corpo arrepiado. É Anya Lehanster.

Ela caminha devagar, elegante no meio dos estudantes e seus olhos felinos param em Gabriel. Lentamente ela sorri, deixando seus lábios carnudos ainda mais chamativos.

Gabriel abre ainda mais a boca, sem acreditar, estupefato. Caralho, Anya Lehanster?

—Gabriel, não me diga? — Ezaqui murmura baixo, e Gabriel permanece sem reação,

encarando a mulher caminhar lentamente na sua direção.

—Anya — Gabriel sussurra.

—O quê? — Felipe pergunta, se engasgando com o uísque. Anya sorri ainda mais, maliciosa, e caminha mais rápido, parando atrás dos três homens sentados, virados com a cabeça para olhá-la.

—Olá, Gabriel — Anya diz devagar, deixando todos embasbacados. Ezequi engasga, enquanto Otávio olha incrédulo para Gabriel, que permanece imóvel. Otávio e Felipe descem os olhos pelo corpo de Anya e voltam a encará-la. Ela sorri, percebendo o espanto, e se inclina, passando a parte de cima do corpo entre Otávio e Gabriel, sendo seguida pelo olhar de ambos. Ela agarra a garrafa de uísque e olha para Ezequi — mande a conta para os Lehanster — ela diz com um sorriso malicioso, vermelho, coloca a mão no ombro de

PERIGOSAS NACIONAIS

Gabriel e arqueia uma sobrancelha, com a expressão firme. Anya diz devagar — agora precisamos resolver seu problema.

PERIGOSAS ACHERON

ALICE

Respiro fundo, respirando o ar puro do oceano, da ilha maravilhosa em que estou, e sinto a mão quente de Tom envolver a minha, apertando-a com força. Ele entrelaça nossos dedos, e sorrio, encarando-o, caminhando ao meu lado.

—Vamos para onde primeiro? — pergunto curiosa, e Tom arqueia uma sobrancelha,

analisando minha ansiedade. Ele vira a cabeça, fitando o caminho a frente.

—Vamos conhecer o que chamam de centro — ele diz animado, e sorri. Vejo felicidade em seus olhos azuis escuros, a mesma felicidade que eu sinto. Ele me puxa rápido, e olho para frente, vendo as lojas começarem a surgir.

—É tão diferente — murmuro ao passar pelas lojas, e Tom sorri, assentindo. Olho para o redor, vendo lojas e mais lojas. Turistas passam por nós, abarrotando as ruas, e tento me manter ao lado de Tom, desviando das outras pessoas.

—Por isso é bonito, é diferente — Tom diz animado, e me puxa, caminhando apressado em direção à uma loja. Ele para e pega um chapéu branco, redondo, colocando-o na minha cabeça.

—Tom — falo surpresa, e ele me empurra contra o espelho. Rio, vendo o vendedor nos olhar atento. Olho para a minha imagem, o chapéu na

minha cabeça, e Tom parado atrás de mim, com o rosto contra o meu ouvido direito.

—Está maravilhosa — ele sussurra animado. Abro a boca para responder, mas ele se vira rápido para o vendedor — vamos levar.

—Espera aí — digo apressada, sorrindo, e pego um chapéu parecido, preto, e me viro de frente para ele. Tom arregala os olhos, e sorri torto, um pouco apreensivo. Coloco o chapéu na sua cabeça, vendo como ele fica sempre maravilhoso, mesmo se fosse um chapéu de palha. Sorrio, fascinada por Tom, e dou um passo para o lado, para ele se ver no espelho. Ele arregala os olhos, e me viro para o vendedor — vamos levar.

Tom começa a rir com a voz rouca, uma risada confortável, e assente, me olhando pelo espelho. Ele puxa a carteira e se vira, pagando o vendedor.

—Vamos, vamos — grito para ele,

puxando-o assim que Tom guarda a carteira. Já que ele quer se divertir assim, vamos elevar o nível — você quer gastar, não quer? — pergunto retórica, virando a cabeça sobre o ombro para fitá-lo, enquanto o arrasto no meio das pessoas, e Tom continua a rir, como se estivesse se divertindo com a minha euforia.

Arrasto Tom pelas ruas, olhando ao redor.

—Alice — ele grita atrás de mim, tentando apressar o passo, sem soltar a minha mão, e paro em frente à uma tenda de colares de conchas feitos à mão. A mulher da tenda sorri para mim, e começa a oferecer diversos tipos de colares. Tom franze a testa, estranhando, e começo a dar risada. Quem diria que Tom estaria de chapéu e bermuda comigo, prestes à usar um colar de concha.

—Esse — aponto para um grande colar de conchas e a mulher me entrega.

—O que pensa que está — Tom começa a

falar e me viro de frente para ele, passando o colar pela sua cabeça. Tom começa a rir e se vira para se olhar no espelho.

—Agora está a cara da ilha — digo animada, e me viro para a mulher — vamos levar.

—Alice — ele me repreende, mas olho para o seu sorriso animado, e sei que está se divertindo também. Tom tira a carteira do bolso e paga, e assim que guarda novamente no bolso, ele agarra a minha mão e me puxa pelas ruas da ilha, passando pelas pessoas, parecendo que somos dois jovenzinhos. E somos mesmo, um casal jovem em sua lua de mel.

—Ali — grito, puxando-o contra, correndo para uma tenda diferente.

—Ah, não — Tom grita atrás de mim, e começo a dar risada.

—Vamos sim — grito, puxando-o e ouço sua risada rouca, me arrepiando, me deixando

enlouquecida. Olho para trás, vendo-o me puxar, relutante — vamos, Tom, sem medo. Largue esse luxo e ostentação e prove algo — digo animada e Tom cede, me deixando arrastá-lo até em frente à uma tenda com copos e cobras. Ele para ao meu lado e respira fundo, me encarando incrédulo.

—Você tem certeza, Alice? — ele pergunta, e o homem da tenda sorri para nós.

—Sempre quis provar — afirmo corajosa. Na verdade, sempre quis mas sempre tive medo. Estou aqui, não estou? Então vou provar. Meu coração bate acelerado, e começo a suar frio, encarando o alerta.

—Duas doses, por favor — peço, e o homem começa a explicar o preparo e o valor. Tom puxa uma nota e paga, e então o homem enche dois pequenos copos de doses com sangue de cobra.

—Porra, só você mesmo para fazer eu beber isso — Tom murmura contrariado, e começo

a dar risada, segurando o copo também.

—Você primeiro — afirmo, e ele me olha pelo conto do olho, me fuzilando com os olhos azuis escuros. Ele levanta a cabeça, inclinando-a para cima, e vira o copo, franzindo a testa e fazendo uma careta. Dou risada, e ele bate o copo do balcão da tenda, me olhando.

—Agora é sua vez — ele me acusa, e respiro fundo, olhando o sangue escuro de cobra no copo. Merda, por que tive essa coragem mesmo? — Alice? Agora é sua vez — ele diz bravo e rio, assentindo. Fecho os olhos, contando os segundos, ouvindo meu coração acelerado, e viro o copo. O gosto amargo de sangue desce pela minha garganta e começo a tossir, abrindo os olhos. Tom está parado, rindo de mim, e pega o copo da minha mão. Olho para o homem da tenda que sorri para nós, e Tom no mesmo instante, sem esperar eu me recuperar, agarra a minha mão e me puxa, correndo

pela multidão.

—Tom — tento chamá-lo, mas ele me puxa, desviando das pessoas — onde está indo? — grito, tentando me fazer ouvir no meio da multidão. Tom olha para trás, sorrindo, e dá uma piscada.

—Você já vai ver —ele diz animado, e arregalo os olhos, vendo uma loja com tatuagens de henna.

—Tom, não — grito, puxando-o, e Tom me arrasta, dando uma risada rouca boa de ouvir, boa o suficiente para me fazer aceitar. Caminho com ele até a loja, e paro em frente, ao seu lado, de mãos dadas. Olho para o homem com a maquina, e desvio os olhos para Tom, que possuí uma ferocidade no olhar.

—Tem certeza? — pergunto apreensiva, mordendo o lábio inferior. Tom sorri animado.

—Você começou, minha Alice, agora aguente — ele diz desafiador, e caminha para

dentro da tenda, me puxando junto. Respiro fundo, e ando ao seu lado.

—Para vocês? — o homem pergunta, e Tom sorri malicioso, deixando claro que eu vou sair perdendo nesse jogo. Ele me encara por alguns segundos.

—Minha esposa — a palavra dita pela voz rouca maravilhosa de Tom soa tão bem que me arrepia — quer tatuar meu nome.

O quê? Abro a boca, incrédula, arregalando os olhos, e começo a negar com a cabeça.

—Apenas de henna mesmo — ele completa, tentando me tranquilizar e vira para o homem — com o tempo saí.

—Claro, é apenas uma tatuagem provisória — o homem concorda, e começo a dar risada, nervosa. Tatuar o nome de uma pessoa? Jamais, Tom está louco.

—Não, Tom — começo a falar séria, mas

Tom sorri, colocando as mãos quentes nos meus braços, me mantendo parada na sua frente.

—Minha Alice, é apenas uma brincadeira por alguns dias, ela sairá — ele diz animado — é uma loucura, mas estamos aqui para isso.

—Você fará uma igual? — pergunto desafiadora e os olhos de Tom se arregalam. O sorriso congela, e sorrio. Peguei ele — farei só se você também fizer — afirmo, arqueando as sobrancelhas — é apenas por alguns dias, Tom.

—Mas — ele tenta falar, e dou de ombros, me virando.

—Então ninguém fará — afirmo, e no mesmo instante sinto sua mão se fechar no meu pulso, me virando. Seus olhos azuis escuros são urgentes em mim, e ele sorri nervoso.

—Faremos — ele afirma e sorrio, assentindo.

—Então você começa — peço para ele, e

Tom começa a rir, se virando para o homem.

—Eu farei primeiro — ele diz sério, mas percebo receio na sua voz. O homem concorda, começando a conversar com Tom, e o conduz para um canto, puxando a maquina de henna. Cruzo os braços, vendo a cena, e começo a dar risada. Merda, nunca o imaginaria fazendo isso, e vejo o tatuador começar a tatuar o seu braço, perto do ombro. Alguns minutos se passam, e Tom se levanta, enquanto o homem se afasta. Arregalo os olhos, vendo meu nome desenhado, e coloco as mãos na boca, surpresa.

—Tom — digo emocionada e caminho até ele, agarrando seu rosto com as duas mãos e colando minha boca na sua. Permaneço sentindo seus lábios macios nos meus por segundos, e afasto o rosto, fitando seus olhos azuis escuros.

—Agora é sua vez — ele pede, e dou um passo para trás, pronta para sair correndo. Tom

percebe meu movimento e agarra meu pulso — Alice, agora é sua vez — ele diz categórico, furioso. Começo a dar risada, vendo o desespero nos seus olhos, e assinto, desviando os olhos para o homem que me espera. Respiro fundo e passo por Tom, me sentando na cadeira. O tatuador se inclina.

—O que desenhará? —ele pergunta e olho para Tom, que retesa a mandíbula, preocupado. Sorrio, e olho para o homem.

—Escreva o nome Tom — digo séria e ele assente, ligando a maquina. Viro a cabeça, sentindo pinicar a pele do meu braço, no mesmo lugar da tatuagem de Tom, também pequena e após alguns minutos, ele se afasta, desligando a máquina. Me levanto, vendo os olhos de Tom ferozes em mim, a expressão explícita de como sua possessividade está satisfeita. E muito satisfeita.

Paro na sua frente, e Tom envolve minha cintura com os braços, com força.

—É só por alguns dias — afirmo e Tom sorri.

—Não sou tão louco assim, minha Alice — ele sussurra aproximando o rosto do meu, e dou um beijo nos seus lábios quentes, irresistíveis. Me afasto e Tom paga as tatuagens.

A tarde transcorre com esse jogo, e ao final da tarde, estamos com sacolas e mais sacolas de bugigangas da ilha sem motivos. Comemos algo em um restaurante à beira mar e antes que a noite adentre, volto com Tom para o Resort, tomando um longo banho com ele.

Saio do banho enrolada em uma toalha branca, enquanto Tom permanece na banheira, recuperando as forças do sexo quente, se é que ele precisa recuperar forças. Estou tão viciada quanto ele, merda.

Paro em frente ao grande espelho do banheiro e me viro de lado, vendo o nome de Tom

tatuado no meu braço, perto do ombro, na horizontal, pequeno. Sorrio e passo a mão.

—Não gostou de ver meu nome? — a voz rouca de Tom ressoa pelo banheiro e viro a cabeça sobre o ombro, vendo-o sentado dentro da banheira, apenas com o peito definido e os ombros musculosos para fora, de braços esticados para o lado, acompanhando o encosto da banheira. Sorrio, mordendo o lábio inferior.

—Se é só por alguns dias — hesito — gostei — abaixo o tom de voz, e volto a me encarar no espelho, vendo a grossa aliança no meu dedo.

—Você está linda, minha Alice — Tom diz sedutor, e dá uma piscada para mim. Suspiro, merda, estou incendiada por ele e é como se o sexo fosse gasolina, aumentando o meu fogo por Tom ao invés de abaixá-lo.

—Nós temos vizinhos? — pergunto maliciosa, e Tom franze a testa, arqueando uma

sobrancelha.

—Não, somos a última cabana, por que? — ele pergunta apreensivo, e então sorrio satisfeita, dando as costas para ele, e abro os braços, deixando a toalha deslizar pelo meu corpo.

—Ops — digo devassa, nua, e saio do banheiro, rebolando-o, ouvindo a água se esparramar pela banheira. Tom já está enlouquecido. Caminho pelo quarto, me desviando da cama, liberta e nua. Sorrio, e olho sobre o ombro para trás, vendo Tom parado na porta do banheiro, todo molhado, com os músculos do corpo retesados, o membro ereto, explodindo para se enterrar em mim, seus olhos azuis escuros selvagens em mim, sua expressão urgente e sua mandíbula retesada. Pisco para ele viro a cabeça, continuando a caminhar em direção à sacada de frente para a nossa piscina particular.

—Alice — Tom rosna possuído por um

tesão animal e avança na minha direção. Rio e começo a correr na direção da sacada, saindo, totalmente nua. Tom avança e agarra meu quadril, me puxando para trás. Dou um grito e agarro a grande da sacada que a separada da piscina, criando uma varanda — você sabe que eu não aguento — Tom rosna devastado contra os meus cabelos molhados, mordendo o meu ombro por trás. Sinto meu membro duro, grosso roçar minha bunda, me esquentando inteira, e arfo, desejando-o. Suas mãos sobem pela minha barriga e ele agarra meus seios, apertando-os com força e ele empurra o corpo contra o meu, me prendendo contra a varanda.

—Tom — gemo — mais — peço, implorando, e ele rosna atrás de mim, agarrando meus cabelos com uma mão e os jogando para o lado, deixando meu pescoço livre para seus beijos que o molha, deixando um rastro molhado de beijos e mordidas pelo meu pescoço até o meu ombro

direito. Tom empurra a ereção contra a minha bunda com força, e um arrepio arrebatador me invade. Abro as pernas, enlouquecida para tê-lo novamente, e em um rosnado profundo, ele morde meu ombro.

—Não me aguento, Alice, preciso — ele rosna sem completar, e suas mãos agarram minha bunda, empinando-a para trás. Arregalo os olhos, agarrando a grade da varanda e suas mãos apertam com força minha bunda. Ele desfere um tapa forte e dou um pulo, sentindo a ardência saborosa. Ele rosna profundo, cheio de tesão e sua mão adentra no meio da minha bunda, me acariciando. Respiro fundo, sentindo que Tom busca algo mais, e então ele desfere mais um tapa com força. Dou um pulo, ouvindo-o rir devasso, com a voz rouca me arrepiando.

—Oh, Tom — gemo, empinando mais a bunda para trás, oferecendo para ele bater, e viro a

cabeça sobre o ombro, encontrando seus olhos azuis escuros sedentos de desejo. Ele retesa a mandíbula e bate na minha bunda com força, acariciando com a outra mão. Mordo o lábio inferior, molhada com a sensação, e Tom agarra a base do seu membro, se inclinando para frente. Ele franze a testa, como se estivesse desesperado.

—Porra, Alice — ele rosna com a voz de pura luxúria, rouca, e sua mão solta a minha bunda, descendo para os meus grandes lábios. Arfo, arqueando as costas e me empinando ainda mais para trás, me oferecendo para Tom. Ele toca meus grandes lábios, me penetrando com os dedos, e meu corpo inteiro se arrepia. O por do sol sobre nós parece nos esquentar ainda mais, e gemo, sentindo meu corpo explodir em fogo. Sinto o ar abafado, roubado dos meus pulmões, tudo está muito quente.

—Como você está molhada para mim, porra — Tom geme — como quero foder com

você, minha Alice — ele rosna em desespero e sinto seu membro roçar nos meus grandes lábios, abrindo espaço. Tom empurra a ereção contra mim e gemo, sentindo-o me invadir. Tom me penetra com força, com pressa, se enterrando e me empurrando para frente. Suas mãos agarram minha bunda, mantendo-a erguida, e Tom saí quase todo, dando um pausa. Respiro fundo, ofegante, desejando mais, sentindo sua ausência, e olho sobre o ombro novamente. Ele retesa a mandíbula, com uma expressão urgente e olhos azuis escuros selvagens, e com os braços retesados, fazendo força para me deixar empinada, ele se enterra novamente em mim, rosnando em puro prazer com a voz rouca. Gemo junto com ele, Tom levanta a mão, e dá um tapa na minha bunda com força, começando a estocar junto, me empurrando para frente. Gemo, sentindo seu membro ir em um vai-e-vem enlouquecido, me queimando junto, me

incendiando. O prazer sobe pelo meu corpo em ondas inebriantes, e suas mãos agarram minha bunda novamente. Ele sobe com uma pelas minhas costas arqueada, acariciando-a, e seu toque quente intensifica meu arrepio, me deixando embevecida de prazer. Porra, estou quase entrando em êxtase tão rápido. Tom estoca cada vez mais rápido, gemendo profundo como se a cada enterrada se perdesse dentro de mim, precisasse estar em mim, e ele agarra minha bunda, segurando-a erguida, e desfere mais um tapa forte. Grito um gemido, e no instante seguinte ele saí de dentro de mim. Arregalo os olhos, sentindo sua ausência, e Tom me puxa pela bunda, me virando de frente e avançando com a boca na minha. Seu beijo rouba meu ar, puxando minha língua para sua boca e me controlando. Suas mãos fortes descem pelo meu corpo, me queimando, me esquentando, e ele agarra minhas coxas, me erguendo do chão. Envolvo seu quadril

com as pernas, e Tom começa a caminhar, contornando a varanda e descendo o degrau para a piscina.

—Quero foder com você nessa piscina — ele geme contra os meus lábios e sinto seu membro roçar na minha virilha, potente e grosso. Arquejo, tentando concordar, sem fôlego, e ouço o barulho de água. Tom entra na piscina, e sinto a água bater na minha bunda, subindo pelo meu corpo, gelada, até me cobrir inteira. Suspiro alto, me arrepiando inteira no colo de Tom, contra seus lábios, mas seu corpo parece me esquentar, fazer calor. Ele entra inteiro na água, me segurando, e meus cabelos se molham. Sorrio, afastando o rosto de Tom, com a água cobrindo meus seios, batendo abaixo dos ombros de Tom, e ele caminha na piscina até me encostar na borda. Bato as costas na parede da borda, de costas para o por do sol, fitando os olhos ferozes de Tom em mim.

—Então me foda — peço e Tom geme, franzindo a testa em um tesão insuportável. Seu membro roça meus grandes lábios novamente e ele abre caminho, me penetrando com força e me empurrando contra a parede. Gemo, jogando a cabeça para trás, e Tom morde meu queixo devagar, gemendo baixo, estocando com força, fazendo ondas ao nosso redor. Suas mãos seguram minhas coxas com força, e Tom se enterra cada vez mais, como se quisesse se afunda até o talo em mim. Empurro sua bunda com os pés, incentivando-o, e ele aumenta a força e o ritmo, indo e vindo de mim, gemendo alto contra o meu queixo. Abaixo a cabeça, fitando seus olhos azuis escuros, fora de orbita de prazer, e o seu fogo começa me queimar, irradiando pelo meu ventre. Sensações inebriantes de gozo me tiram do chão e entro no meu mundo do esquecimento, apenas ouvindo o meu gemido e o de Tom, sentindo seu

membro estocar com força dentro de mim, e gemo mais alto, sentindo suas mãos apertarem minhas coxas. O arrepio se torna enlouquecedor, e entro em êxtase, tendo espasmos pelo meu corpo inteiro, esquecendo onde estou, esquecendo quem sou, apenas sentindo o vicio e o fogo que Tom é. Tom rosna, sentindo o meu orgasmo, e aumenta o ritmo. Me contorço em seus braços, sensível, gemendo alto, e agarro seus ombros musculosos, passando as unhas pelas suas costas largas.

—Tom — gemo seu nome — mais, mais — a frase morre em um orgasmo pleno, e explodo em prazer, derretendo em seu membro e sentindo-o pulsar dentro de mim. Tom me aperta ainda mais e enterra os dedos na minha pele, retesando a mandíbula e gozando comigo. Seus olhos se fixam em mim, e Tom entra em orgasmo também, explodindo em gozo, em prazer. Sua expressão é de prazer puro, e ele rosna a cada estocada lenta e

forte do êxtase, um rosnado profundo e rouco. Minha respiração se torna ofegante junto com a dele, e aos poucos ele diminui o ritmo, saindo de dentro de mim. Abaixo as pernas, sem forças e fôlego, e Tom me abraça dentro da água, me esquentando ainda mais, deixando a água se movimentar ao nosso redor.

Suspiro contra seu ombro e levanto a cabeça, encarando-o.

—Estamos apenas no começo , minha Alice — Tom sussurra carinhoso, e sobe com as mãos pelo meu corpo dentro da água, segurando meu rosto. Sorrio e beijo sua mão, fechando os olhos.

—O que mais você preparou de surpresa? — pergunto curiosa e ouço a risada rouca de Tom. Abro os olhos, vendo-o me encarar ansioso.

—Isso você só saberá amanhã — ele sussurra e desce com as mãos até pegar as minhas,

entrelaçando os dedos — vamos tomar outro banho rápido para tirar o cloro, e quero levá-la até a praia — ele diz ansioso e respiro fundo, deixando-o me puxar dentro da água.

Não quero que essa lua de mel acabe nunca, e se depender de Tom, ele também não.

Saio da piscina ao seu lado, vendo seu corpo subir molhado, pingando. Porra, eu não me canso nunca de vê-lo. Mordo o lábio inferior, ainda cansada do sexo, ofegante, e caminho até o banheiro com Tom, tomando um banho rápido de chuveiro para tirar o cloro. Me enrolo em outra toalha, olhando para a bagunça do quarto, enquanto Tom seca os cabelos.

—O que a camareira irá pensar? — pergunto achando graça, enquanto visto um vestido branco, solto e de alças finas. Tom saí do banheiro nu, me deixando derretida com a visão, e sorri.

—Irá pensar que poderia estar no nosso

lugar, que desejaria estar — ele diz sedutor, caminhando charmoso até parar na minha frente, e retesa a mandíbula, me devorando com os olhos — vou fazer você nunca esquecer dessa viagem.

—Você sempre faz eu nunca me esquecer do que faço com você, Tom — digo sincera, e coloco as mãos no seu rosto, acariciando-o — você se supera sempre.

Ele sorri e se afasta, abaixando a cabeça e veste uma calça larga, uma camisa de verão jeans, azul e olha para mim, ansioso.

-Nosso jantar está esperando — ele sussurra, e sorrio, seguindo ele até a porta. Ele a abre, dando passagem, e a fecha em seguida, me guiando de mãos dadas pelo caminho das cabanas. O sol já se pôs e luzes de várias mesas, cadeiras e um restaurante à beira mar do Resort iluminam a areia perto da praia.

—É para lá que vamos? — pergunto

curiosa e Tom olha para mim, sorrindo torto.

—E você não quer ir? — ele pergunta curioso. Rio, puxando-o mais rápido, passando pelas escadas de madeira e descendo em direção ao local.

Vários hospedes, tanto casais como nós, jovens, mais velhos, assim como grupos de mulheres e grupos de homens estão sentados nas cadeiras, alguns caminhando entre as mesas, e outros nos sofás ao redor, assim como no bar do restaurante, se servindo de bebidas coloridas.

—É demais isso aqui — digo surpresa, olhando a beleza da praia à noite.

—Amanhã você se surpreenderá mais — Tom afirma, parado ao meu lado. Franzo a testa, olhando para ele, curiosa.

—O que faremos amanhã? — pergunto, e Tom apenas nega com a cabeça, deixando claro que não me contará. Ele me puxa em direção à uma

mesa, passando por várias pessoas, e o sigo, vendo várias mulheres bonitas virarem a cabeça na direção do meu marido, engolindo-o com os olhos. Devem ser parentes de Ana, só pode.

Passo por elas, sentindo que elas nos seguem com os olhos, de forma discreta. Tom para em frente à uma mesa com duas velas, e puxa uma cadeira para eu sentar. Sorrio e me sento, observando-o contornar a pequena mesa e se sentar na minha frente. Estendo a mão na sua direção e ele a pega, apertando com força. Olho para a sua aliança no dedo e mordo o lábio inferior, querendo não me incomoda com o fato de que Tom sempre traí a atenção das mulheres.

—Você está sendo devorado com os olhos — digo baixo e Tom abaixa a cabeça, rindo baixo, rouco.

—E você ainda se importa, minha Alice? O que preciso fazer para que você não se incomode

com isso? — ele pergunta, largando a minha mão e apoiando os cotovelos na mesa. Respiro fundo, fazendo essa pergunta para mim mesma. Espero que com o tempo eu me acostume.

Ouço risadas ao longe e viro a cabeça, vendo as três mulheres sentadas à algumas mesas de nós rindo, com os olhos fixos em mim. Respiro fundo, cerrando os dentes.

—Alice — Tom me chama, e olho para ele, vendo-o sério — não dê bola. Sabe o que eu vou fazer, se você continuar a dar bola? — ele pergunta ameaçador e franzo a testa, me remoendo para olhar para trás. Meu coração está furioso, e olho novamente para as mulheres que devoram Tom com os olhos. Ouço o barulho da cadeira e arregalo os olhos, virando a cabeça e vendo Tom se levantar.

—O que você está fazendo? — pergunto surpresa, e Tom para ao meu lado.

PERIGOSAS NACIONAIS

—Se levante, Alice — ele diz sério, e pela sua expressão autoritária, acho melhor obedecer. Arrasto a cadeira para trás e me levanto. No mesmo instante, Tom coloca a mão no bolso e puxa uma caixa de veludo, se ajoelhando na minha frente — eu iria fazer isso na praia, mas vou fazer agora — ele diz rápido e abro a boca, sem entender. Eu já estou casada com ele, isso não é um pedido de casamento. Tom levanta a caixa de veludo vermelho e a abre, revelando um colar de ouro com um grande pingente de diamante como o do meu anel de noivado. Arregalo os olhos — obrigado por ser a mulher da minha vida, por estar aqui e por ser minha esposa e futura mãe dos meus filhos — Tom diz tão alto que acho que a ilha inteira ouviu. Começo a rir nervosa com a declaração de Tom, sem reação, e pego o colar, levantando-o. Tom se levanta, abrindo um sorriso torto, e coloco o colar no meu pescoço, me virando de costas para ele.

PERIGOSAS ACHERON

Tom o fecha atrás, e me viro de novo, envolvendo seu pescoço com os braços.

—Obrigada por você ser o homem da minha vida, Tom Haltender — sussurro contra seus lábios, satisfeita por saber que as três do canto assistiram tudo. Tom ri rouco, e aproxima o rosto ainda mais.

—Agora está mais calma? — ele diz satisfeito, e vejo que há ansiedade em seu rosto.

—Estou, podemos jantar agora — afirmo, e solto Tom, voltando a me sentar. Tom volta ao seu lugar e o cardápio é oferecido. Escolhemos comidas exóticas para provar, e mesmo eu questionando o valor, Tom se mostra autoritário o suficiente para tirar o cardápio das minhas mãos, afirmando que o valor não importa.

Jantamos à beira mar, sob as velas em cadeiras estofadas, e a cada garfada, olhava ao redor, fascinada pelo lugar, olhava para Tom,

amando-o cada vez mais. Um vinho foi servido, e Tom quis tomar toda a garrafa. Conversamos durante o jantar inteiro, e após beber todo o vinho com Tom, rindo e saboreando a sua risada rouca, sabendo que ele chamava a atenção de todas as mulheres, mas isso não me incomodava mais.

Decidimos então ir para o centro da ilha, à pé.

Assim que chegamos ao centro, lotado de turistas e atrações, assim como música, Tom me guia por entre as pessoas até a praia lotada, cheia de pessoas.

—Veja — ele aponta ao longe, e vejo grandes luzes fortes se movimentando.

—O que é? — pergunto curiosa, mas antes que ele responda, Tom me puxa na direção, e corro atrás dele, dando risada.

Vários homens estão fazendo malabarismos e dançando com fogo, cercados de pessoas que

assistem, ao som de uma música praieira local.

—Nunca tinha visto isso — murmuro, e Tom envolve meus ombros com o braço musculoso, me puxando para perto, assistindo comigo ao espetáculo.

—Olha como ele se movimenta, como faz figuras conhecidas com o fogo — Tom observa, sério, apontando para um dos homens. Permaneço muda, assistindo vidrada à cena, e então fogos de artifício sobem aos céus, se explodindo em luzes coloridas. Olho para o céu, abraçada à Tom, e sei nesse momento, que tomei todas as decisões certas. Eu amo ele, e sei que Tom Haltender também me ama.

A noite se estende pela praia, enquanto conversamos caminhando à beira mar, vendo as atrações com fogos e máscaras, assim como observamos o mar com as algas fluorescentes.

Voltamos para o quarto já na madrugada, e

dessa vez estávamos exaustos. Adormeci nos braços de Tom, nua, ouvindo sua respiração pesada, tranquila. Sentindo seu corpo quente ao lado do meu, me queimando, quente, muito quente.

Após o café da manhã servido no quarto, em frente à piscina com o sol nascendo, fui com Tom para a praia, passando a manhã inteira na areia com ele, bebendo água de coco e outros produtos exóticos do lugar. Tom armou um guarda-sol para nós na praia movimentada e passou a manhã inteira conversando animado comigo, rindo e fazendo observações sobre a ilha.

O mar, a paisagem e Tom parecia surreal, algo de outro mundo, e minha manhã se estendeu maravilhosa, observando a vista que a ilha e sua praia tem, a água cristalina. Entrei na água com Tom, nadando com ele, aproveitando de uma forma inexplicável a beleza do lugar, a beleza de estar com ele. Alugamos trajes de mergulho e nos

aventuramos mais para o fundo.

Depois do mergulho, Tom deu a ideia de procurarmos uma praia deserta, sem tantas pessoas. E eu sabia qual seria a sua ideia. Concordei com ele, e após quase cinquenta minutos de caminhada, dando risadas sobre como Tom é um péssimo aventureiro, tropeçando e se batendo em vários lugares, encontramos a praia Laem Tong Beach, sem ninguém no memento, com a areia branca, árvores ao redor, deixando-a privativa praticamente e o mar azul cristalino.

Assim que percebeu que a praia estava deserta, Tom estendeu uma toalha na areia e me agarrou, tirando meu biquíni com pressa, muita pressa e se enterrou em mim, desesperado. Transamos devagar, mas com força, e Tom não poupou um suspiro meu, transformando meu orgasmo ao ar livre em um dos melhores que já tive com ele. E depois de recuperarmos o fôlego,

entramos no mar, aproveitando a água limpa, a praia deserta, e ficamos deitados, conversando baixo, de forma carinhosa. A todo o momento Tom me beijava, como se precisasse ser cada vez mais carinhoso, e então mais pessoas acharam a praia, nos fazendo voltar ao centro da ilha.

Após o almoço, Tom insistiu que voltássemos para o quarto, e assim que chegamos lá, ele pediu que eu trocasse de roupa e pegasse algum casaco para a noite. Mesmo não entendendo, concordei, e o vi pegar uma roupa também.

—O que vamos fazer? — pergunto curiosa, vendo-o me puxar para fora do quarto. Tom para, sorrindo, e olha para mim.

—Essa é a minha surpresa, minha Alice, vamos passar a noite em Maya Bay — ele conta animado, e arregalo os olhos, deixando-o me puxar pelo trajeto do Resort.

—Como assim, Tom? Não estou

entendendo — digo rápido, apressando o passo para acompanhar seu puxão. Tom ri com a voz rouca, e para, me olhando.

—Estamos em Phi Phi Don, minha Alice — ele explica empolgado, se virando de frente para mim — a outra ilha, Maya Bay, não possuí pousadas nem Resorts, e é permitido passar apenas uma noite na ilha como aventura. Vamos ir de barco até lá.

Abro a boca, começando a entender.

—Ela é mais bonita do que essa? — pergunto curiosa e Tom sorri satisfeito, voltando a andar de mãos dadas comigo.

—Pode apostar que é — ele diz confiante, e me puxa — contratei um passeio privativo, apenas para nós dois — e imagino o valor que deve ter pagado, mas esse comentário evito de falar, apenas olho para Tom, vendo-o tão empolgado — e ele nós levará daqui a pouco, mas precisamos estar

lá já.

—Um passeio privativo? — pergunto curiosa, andando rápido ao seu lado.

—Sim — Tom diz com um sorriso torto — eles chamam de Sleep Aboard, é o único barco que é permitido passar a noite. Do meu jeito, consegui fazer com que fossem dois, um para os turistas, e um só para nós.

—Porra, Tom — digo num impulso e ele ri com a voz rouca, achando graça da minha surpresa.

A cada minuto que paro para pensar no nosso que estou vivendo, Tom me surpreende ainda mais.

Vou com Tom, a pé, até o píer de Phi Phi, ouvindo-o falar animado desse passeio, e assim que chegamos, às três horas da tarde, o piloto se prepara para zarpar com nós. Tom pega o meu casaco, assim como o dele, e entrega para o piloto guardar, e me ajuda a embarcar.

PERIGOSAS NACIONAIS

O barco saí do píer, começando nosso passeio, deixando meu coração em êxtase, meu corpo arrepiado com a paisagem que se torna cada vez mais bonita, e sentada, Tom envolve meus ombros com o braço, entrelaçando os dedos das nossas mãos.

Após trinta minutos de barco, vendo a paisagem surreal, me surpreendendo e vendo que Tom também está surpreendido, o piloto diminui a velocidade e Tom me puxa mais para a ponta, me mostrando o passeio.

—Essa é nossa primeira parada, minha Alice, a Viking Cave — ele diz, apontando e me levanto, olhando admirada a beleza exótica do lugar. O piloto começa a contar sobre a caverna, e Tom se levanta também, parando atrás de mim e me abraçando por trás.

-Parece a caverna de um pirata — digo animada, fascinada, e Tom ri com a voz rouca,

PERIGOSAS ACHERON

concordando.

—Quem sabe não tem um tesouro — ele sugere, e começo a rir. O piloto volta acelerar o barco, e me sento ao lado de Tom, aproveitando o passeio em seus braços.

Mais alguns minutos se passam, e o piloto diminui a velocidade até parar. Ele se vira para nós e começa a explicar que essa área em que estamos, chamada de Phi Ley Bay é perfeita para mergulho, e nos oferece os trajes.

O visto, assim como Tom, e paro de pé no barco, parada ao seu lado. Ele sorri nervoso para mim, e retribuo o seu sorriso.

—Está pronta? — ele pergunta com um sorriso torto, e agarro sua mão, pulando do barco no mesmo momento que ele. A água azul cristalina me engole, e mergulho, vendo Tom vir até mim. Ele faz um sinal com as mãos e meu coração dispara cada vez mais, estou maravilhada com ele

até embaixo da água. Agarro sua mão, entrelaçando nossos dedos, e subo para a superfície, colocando a máscara de oxigênio, assim como ele. Olho ao redor, maravilhada com as montanhas, com o sol forte, com a água. É um sonho real, palpável e que faz meu corpo arrepiar a cada segundo. A euforia é tão grande que não cabe em mim.

Tom me puxa e mergulho com ele, de mãos dadas para o fundo. Começo a ver os corais, os peixes coloridos passando por nós, e mergulho ao lado de Tom mais para o fundo, sentindo meu coração enlouquecido no meu peito de felicidade. Olho para Tom, através da viseira, vendo seus olhos azuis escuros, animados, e mergulho mais para o fundo com ele. Os peixes passam por nós, e estendo uma mão, assim como Tom, tentando tocá-los. A beleza da ilha é também embaixo da água, com tantas cores e espécies.

Após o mergulho de mais de vinte minutos,

vivendo uma experiência única com Tom, vendo peixes, anêmonas e corais tão coloridos que jamais imaginei, seguimos o passeio adiante e após alguns minutos, enquanto Tom organizava as roupas de mergulho que tiramos, avisto uma praia maravilhosa. Não, maravilhosa é pouco. A praia é como Tom, isso pode?

A praia surge à nossa frente, e me levanto do barco, sem conseguir esconder a emoção, o coração como uma escola de samba, e Tom se levanta ao meu lado, agarrando minha mão e entrelaçando os dedos.

Porra, merda. O que posso dizer?

O piloto diminui a velocidade, se aproximando da praia deserta, mas já com esteiras e mesas preparadas e um lugar para a fogueira. O barco vai lentamente pela água azul cristalina, e permaneço parada de pé, de mãos dada com Tom, sentindo sua mão quente apertar a minha.

Olho para ele, e vejo ansiedade em seus olhos azuis escuros, urgência em sua expressão animada, deixando claro o quanto ele também está eufórico. Assim como eu, Tom também está vivendo isso pela primeira vez.

—Chegamos em Maya Bay — Tom diz com a voz rouca, sedutora e empolgada, e sorrio, respirando fundo e deixando a felicidade explodir no meu peito, causando arrepios. Olho para frente, fitando a praia novamente.

E vamos dormir aqui.

ALICE

O barco atraca na praia, e o piloto o estabiliza na areia, enquanto observo boquiaberta a praia deserta.

—Ficaremos aqui mesmo? — pergunto sem conseguir acreditar, e Tom dá risada com a voz rouca, me puxando pela mão. Ele desce e estende as mãos para me ajudar à descer. Ele agarra minha

cintura e dou um pulo, afundando os chinelos na areia.

—Ficaremos, mas chegará mais pessoas — ele diz enquanto paro ao seu lado, olhando ao redor.

—Vocês podem explorar a praia enquanto organizo as coisas — o piloto diz, e vejo ao longe mais um barco começando a se aproximar com algumas pessoas.

—Vamos? — Tom pergunta empolgado, e agarro sua mão, correndo pela areia fofa da praia, puxando ele atrás de mim — Alice — ele diz animado, correndo junto comigo, e contorno a praia, observando cada lugar.

—Quando você teve essa ideia? — pergunto curiosa, andando de mãos dadas com Tom, afundando os pés na areia. Tom sorri, e olho para ele, vendo sua expressão ansiosa.

—Quando você deixou eu decidir nossa

lua de mel, eu escolhi esse lugar. Procurei me informar dos passeios — ele hesita — achei que você gostaria desse.

—Eu amei — digo eufórica, e paro de frente para frente do mar no outro extremo da ilha, observando as grandes pedras que aparecem embaixo da água cristalina. Tom me puxa, continuando a caminhar até a água bater nos nossos calcanhares, e para. Sorrio ao seu lado e abraço seu corpo, envolvendo sua barriga com os braços.

—Eu amo você, minha Alice — Tom sussurra fitando a linha do horizonte, e olho também — nunca imaginei que estaria assim.

—Eu amo você, Tom — respondo emotiva, vendo a paisagem à nossa frente.

Volto com Tom para a praia, encontrando mais outros casais que também passarão a noite. Tom se afasta, enquanto converso com uma mulher, fazendo amizade, e ouço ele pedir para o

piloto nos deixar mais afastados dos outros. Sorrio, sem me surpreender com esse pedido do Tom, e então ele retorna, se enturmando com os outros casais.

A tarde transcorre em que sentamos na areia e conversamos com os casais, criando amizade, mas Tom permaneceu o tempo todo querendo me abraçar e envolvendo minhas mãos na suas.

Os organizadores do acampamento improvisado na praia começam a preparar o jantar, e vejo Tom um pouco apreensivo. E como ele não vai ficar? Acostumado ao luxo, agora acampará numa praia e comerá no coletivo. Começo a dar risada, perdendo o foco da conversa na roda, e Tom franze a testa, curioso. Me inclino no seu ouvido.

—Você está deixando aparente o quanto está nervoso, meu Tom — sussurro, e ele retesa a mandíbula, voltando a olhar para a comida e arqueia uma sobrancelha.

—Não imaginava bem isso — ele sussurra.

—Mas está se divertindo? — pergunto arqueando as sobrancelhas. Tom vira o rosto contra o meu, e sorri torto.

—Estou amando estar aqui com você, minha Alice — Tom responde com a voz rouca, e apoio a cabeça no seu ombro, voltando a prestar atenção à historia que estão contando.

O jantar é servido, e os guias e organizadores da ilha organizam a mesa improvisada. Olho para as panelas, com arroz, um molho estilo tailandês e legumes. Pego um prato para me servir, em fila, e Tom para trás de mim, segurando um também.

—Nunca imaginei você em uma fila esperando para se servir em panelas arroz e legumes — digo zombeteira, e Tom começa a rir, apenas balançando a cabeça.

Paro na frente das panelas e arregalo os

olhos, percebendo que são baldes também, e começo a dar risada. Olho para o lado, observando Tom, que para, com os olhos arregalados, sem saber o que fazer. Pego a concha do arroz e a encho de arroz, servindo o prato de Tom.

—É assim que se faz, Tom — digo como se estivesse ensinando-o a se servir. Ele levanta a cabeça, me fuzilando com os olhos, e o sirvo com bastante molho.

—Menos — ele pede rápido — isso deve ser muito apimentado.

Começo a rir ainda mais, olhando o quanto de molho que o servi, e me sirvo um pouco, caminhando até as mesas improvisadas. Tom senta na minha frente e dá uma garfada. Olho para ele, vendo-o tossir um pouco.

—Está apimentado — ele sussurra depois de engolir, e respiro fundo. Merda. Dou uma garfada, e sinto a pimenta queimar toda a minha

boca.

—Merda — engasgo e Tom começa a rir, tentando comer também. Com dificuldade, tanto ele quanto eu comemos, e depois de jantar, foi oferecido coxas de frango com molho doce. Recusei, assim como Tom, que olhou uma trinta vezes para a coxa antes de arregalar os olhos.

Após retirar as panelas e organizar novamente o lugar, a fogueira foi acesa, e uma roda foi formada ao redor. Os guias e organizadores também participaram, e sentei com Tom perto de um homem com o violão, que começou a cantar músicas nativas.

Mais conversas e histórias foram contadas, e assim como eu, Tom ria sem parar. Devo confessar que nunca o imaginei tão entrosado e relaxado assim, mas agora parece que ele é assim comigo o tempo todo, quando quer.

A noite se estende, e quase uma hora da

manhã, Tom se inclina no meu ouvido.

—Vamos deitar? — ele sugere, e olho ao redor, vendo alguns casais já se retirarem. Assinto, mordendo o lábio inferior, e Tom se levanta, estendendo a mão para mim. Me levanto, agarrando sua mão, e caminho com ele até o lado mais distante da praia, onde foi organizado o nosso lugar.

Sento nas esteiras que foram colocadas na areia, e olho para a praia sob a luz das estrelas e Lua. Tom senta ao meu lado, estendendo as pernas para frente, e olha para mim.

—Você imaginou sua lua de mel assim? — ele pergunta sério, e olho para ele, vendo sua expressão apreensiva.

—Tom, você não errou em nada — afirmo — estou amando tudo o que você pensou.

Ele sorri, assentindo e abaixa a cabeça, um pouco nervoso.

PERIGOSAS NACIONAIS

—Olha essas ondas luminosas — digo surpresa, apontando para a água iluminada, brilhante contra a penumbra do lugar, iluminado apenas pela luz amarelada atrás de nós — são plânctons luminosos, não é? — pergunto animada e Tom assenti.

—Toda a praia aqui é assim — ele conta.

—É maravilhoso, Tom — sussurro, encostando a cabeça no seu peito, e olho ao redor, vendo que estamos bem distante dos outros.

—Você está pensando no mesmo que eu? — ele pergunta ao perceber que olhei ao redor. Começo a rir, assentindo.

—E se nos verem? — pergunto curiosa.

—Estamos no escuro — Tom sussurra no meu ouvido, e suas mãos acariciam minha coxa, adentrando pelo vestido. Suspiro, sentindo seu toque quente subir até a minha virilha, e fecho os olhos.

PERIGOSAS ACHERON

—Então vamos entrar — afirmo e me levanto, sorrindo para ele. Tom olha pasmo, surpreso pela minha iniciativa, e sorri, se levantando. Observo ele caminhar até a pequena muda de roupa dele e pegar um calção de banho, se escondendo atrás das toalhas e se trocar de roupa. Tiro o vestido, ficando apenas de biquíni, e o espero.

Tom saí de trás das toalhas apenas de calção de banho, deixando a visão da praia ainda mais esplêndida. Ele caminha até parar na minha frente, e estende as mãos.

—Venha comigo, minha Alice — sua voz rouca é um ronrono sedutor, e coloco as minhas mãos sobre as suas, sendo conduzida até o mar. A água luminosa bate nos meus pés, e entro ainda mais, vendo Tom na minha frente, me guiando. A água começa a cobrir o seu corpo, assim como o meu, devagar, até bater no meio dos meus peitos, e

ele para, se virando de frente para mim — que esse seja apenas o começo das nossas vidas — ele sussurra sedutor, e avança contra mim. Suas mãos agarram minha bunda, fazendo ondas, enquanto meus pés afundam na areia do mar, e elas sobem até a alça da parte debaixo do meu biquíni — agora — ele sussurra se aproximando e encostando os lábios nos meus — fique nua para eu poder foder com você nessa praia.

O calor nasce na minha intimidade enlouquecida e sobe em ondas pelo meu corpo. Sinto o tesão avassalador me comandar, e Tom puxa meu biquíni para baixo. Levanto as pernas, deixando-o tirar, e Tom simplesmente o larga na água, sem se preocupar em perdê-lo. Sorrio, enfeitiçada por ele, e suas mãos agarram minhas coxas, me puxando para cima. Agarro seu rosto devastado de tesão e o beijo, invadindo sua boca com a língua, caçando a sua língua, e ele encosta a

ponta na minha, envolvendo-a e ditando o ritmo de um beijo profundo. Desço com as mãos pelo seu peito definido, entrando na água e agarrando seu calção, puxando-o para baixo com violência. Seu membro pula para fora, roçando no meu ventre, implorando para estar em mim e Tom rosna desejoso contra os meus lábios, afastando o rosto.

—Entre em mim, Tom, me possua, eu sou inteira sua — peço em um sussurro devasso, e Tom retesa a mandíbula, com os olhos azuis escuros ferozes, e se perde em tesão. Com violência ele agarra minhas coxas e as puxa para cima. Pulo, envolvendo seu quadril com as pernas e agarro a base do seu membro, guiando-o até os meus grandes lábios. Tom cerra os dentes, com os olhos fixos em mim, a expressão selvagem, e empurra o quadril, me penetrando com força. Me segurando com uma mão, com a outra, no momento que ele me penetra, tapa a minha boca rapidamente,

abafando o meu gemido enlouquecido por senti-lo inteiro em mim.

O calor se explode em fogo no meu ventre, subindo em ondas calorosas e inebriantes e ouço o gemido baixo de Tom, controlado. Olho para ele, ainda com a mão dele na minha boca, e Tom se movimenta, começando a estocar. Agarro seu pescoço as mãos, arranhando suas costas, e seu membro começa a se enterrar com força dentro de mim.

—Tom — gemo contra a sua mão, e ele retesa a mandíbula, cerrando os lábios para não gemer alto, mas ouço o seu rosnado baixo. O fogo me queima a cada estocada forte que ele dá, se enterrando e saindo de dentro de mim. Jogo a cabeça para trás, embevecida de prazer, sentindo o gozo me arrepiar de um jeito único nesse lugar. Abro os olhos, ouvindo sua respiração acelerada junto com a minha, e fito as estrelas acima de nós.

Tom estoca mais rápido, gemendo, me apertando com uma mão contra seu corpo, e sinto seu membro me abrir inteira, tomar posse de mim. O arrepio se torna insuportável e gemo cada vez mais contra sua mão. Abaixo a cabeça, fitando seu rosto devastado de prazer, seus olhos fora de orbita e cada socada que seu membro dá em mim. O calor me queima, a água parece quente, e vago para o meu mundo do esquecimento, o meu mundo de sensações avassaladoras, onde apenas sinto o corpo musculoso de Tom contra o meu, seu membro entrando e saindo e suas mãos quentes.

—Alice — Tom geme baixo, se enterrando rápido e sinto ele estremecer junto comigo. Entro em êxtase, sentindo meu corpo explodir dentro da água, e no mesmo instante Tom geme enlouquecido, subindo um rosnado profundo. Mordo sua mão, em orgasmo, me sentindo sensível e queimando de gozo, enquanto Tom se movimenta

devagar dentro de mim, tendo espasmos junto comigo. Respiro com dificuldade, assim como ele, ofegante, e ele afasta a mão da minha boca, tapando-a em seguida com a sua em um beijo profundo, demorado. Sua língua acaricia a minha, envolvendo-a e puxando-a para a sua boca. Ele morde meu lábio inferior e afasta o rosto. Sorrio, com os braços envolta do seu pescoço, e fito seu rosto exausto de prazer, seus olhos azuis escuros ainda ferozes. Seu peito sobe e desce ofegante contra o meu e puxo o ar.

—Agora nossa noite está completa — ele sussurra devasso — como eu amo foder com você — Tom diz entredentes e sorrio, assentindo, exausta. Ele me larga e coloco os pés no chão, vendo-o puxar o calção para cima. Vejo a parte debaixo do meu biquíni começando a se afastar e estico o braço, agarrando-o. O visto, sentindo os olhos de Tom em mim, e o olho.

—Vamos tentar dormir agora — sussurro, pegando sua mão e caminhando até a areia ao seu lado. Pego uma calcinha na pequena muda de roupa que Tom trouxe e a visto, tirando a parte de cima do biquíni também, colocando um shorts e uma blusa mais confortável. Tom faz o mesmo, sempre com os olhos em mim.

Tom deita, esticando o braços para eu deitar em cima, e faço isso, me aconchegando contra o seu peito definido. Sinto seu perfume maravilhoso e beijo a pele do seu peito, dura e quente.

—Você é o meu deus do sexo — sussurro contra seu peito, sentindo-o me abraçar, entrelaçando nossas pernas, e fecho os olhos.

—Você é o meu mundo, minha Alice — Tom sussurra com a voz rouca, arrastada, me arrepiando e adormeço em seus braços.

Abro os olhos devagar, sentindo a brisa do

mar passar pelo meu corpo, e ouço a respiração pesada de Tom, ainda dormindo. Olho para frente, sem me mexer, vendo o nascer do sol em Maya Bay, me deixando maravilhada. Olho para Tom, deitado de barriga para cima, com um braço embaixo do meu corpo e a outra mão entrelaçada com a minha sobre a sua barriga. Sinto sua pele quente e observo seu rosto relaxado, seus lábios. Respiro fundo, sentindo uma felicidade plena, e olho novamente para a praia à nossa frente.

Sorrio, satisfeita. Estou casada com Tom, o homem que amo, e essa está sendo a lua de mel mais perfeita que ele poderia fazer comigo. Viro a cabeça, fitando-o novamente, cada detalhe do seu rosto, seus olhos fechados, sua sobrancelha, seu maxilar quadrado, marcado. Acaricio devagar seu rosto, sentindo sua barba rala roçar na ponta dos meus dedos, e contorno seu maxilar com os dedos, amando-o. Esse homem maravilhoso é Tom. Tom é

PERIGOSAS NACIONAIS

somente meu.

PERIGOSAS ACHERON

UMA SEMANA DEPOIS

Olho para o espelho, fitando o terninho preto, escolhido a dedo para hoje. Sorrio, jogando meus cabelos louros para trás, sob a luz do sol que entra pela janela do quarto de Tom, ou melhor, do nosso quarto. Eu decidi manter do mesmo jeito, com seus vários quadros de sexo explícito e os grandes espelhos, mas acrescentei minhas coisas e nossas fotos.

Olho para as fotos da nossa lua de mel. Aquela semana foi maravilhosa, foi um sonho, Tom foi o homem mais romântico, algo que nunca imaginei, e passar a noite naquela ilha foi extraordinário. Ainda fizemos mais turismos pela ilha, passamos tardes ao sol e noites no mar.

A volta foi tranquila, e depois de descansar e mandar mensagens para todos, obtendo a resposta

de todos, menos de Gabriel, o que me preocupa, Tom me ajudou a me mudar. Tranquei aquele apartamento e todas as minhas coisas agora estão aqui, na nossa casa. Acho ainda estranho ter empregados, ter até um jardineiro, mas se eu tentasse convencer Tom a se desfazer de tudo, acho que ele explodiria como uma bomba atômica. E não imagino como Tom viveria sem essas mordomias todas que ele tem.

Dana e Carlos vieram jantar na primeira noite nossa aqui, e ficamos até tarde conversando. No dia seguinte, meus pais vieram e quiseram ver as fotos da lua de mel. Louis e Andrei continuam em Roma, mas avisaram que uma hora dessas viriam. E Gabriel continua desaparecido, mesmo com minhas milhares de mensagens.

Dana me contou sobre Eduardo. Ele não foi mais visto, e mesmo as mensagens que ela mandou, ele não respondeu. Ela tentou entrar em contato

com Armando, mas o pouco que ele disse foi que Eduardo viajou para fora, para espairecer e sumir das garras de Mercedes. Bem que fez, pela primeira vez, preciso agradecer à Anya.

Eva também não respondeu mais minhas mensagens, o que me preocupa, já que ela não me contou nada.

Respiro fundo, e a porta do quarto se abre. Olho para Tom, parado na porta, com o colarinho aberto da camisa social branca, e os olhos azuis escuros parados em mim. Ele retesa a mandíbula, maneando a cabeça, e desce os olhos pelo meu corpo.

—Assim eu terei que acompanhá-la à sua entrevista de emprego — Tom diz autoritário e dou risada, negando com a cabeça.

—Tom, já conversamos sobre isso, é apenas uma entrevista para o meu estágio. Você está mais tenso do que eu — digo rápido, me

virando e caminhando na sua direção. Tom respira fundo, relutante, e segura meu rosto com ambas as mãos.

—Eu já disse à você que poderia continuar a estagiar na minha empresa, não disse? E a filial que iremos abrir, não conta? — ele pergunta preocupado, arqueando uma sobrancelha. Coloco o indicador sobre seus lábios macios, silenciando-o.

—Não, Tom, não conta. E eu não quero ser a estagiária do meu próprio marido, vai parecer que eu não consigo o que eu quero por mérito, e sim porque você dá — digo séria, e Tom sorri.

—Mas e se eu quero dar para você? — ele me questiona sedutor, tentando me convencer.

—Mas eu não quero — digo firme, me afastando, e pego a bolsa preta em cima da cama — será apenas no jornal da cidade, Tom.

—Qual jornal? — ele pergunta curioso. Franzo a testa, suspeitando de algo, e olho para ele.

—Por que, Tom? Não quero que você se envolva no meu estágio — peço, e Tom assente, retesando a mandíbula, contrariado. Pego o celular, vendo a hora, e arregalo os olhos. Merda, estou quase atrasada.

—Posso dar uma carona, ao menos? — ele pergunta sedutor, e sorrio, achando graça da sua insistência. Olho para hora novamente, e respiro fundo.

—Pode, meu Tom, eu aceito a sua carona — digo sorrindo, e caminho até ele, envolvendo seu pescoço nos meus braços. Tom abraça minha cintura, me apertando contra o seu corpo, e aproxima os lábios dos meus.

—Sentirei falta de você na empresa — ele confessa com a voz rouca, arrastada, tentando me provocar. Mordo o lábio inferior, sentindo sua ereção se avolumar contra mim.

—Também sentirei, mas é preciso — digo

séria e hesito, semicerrando os olhos — só não contrate nenhuma ruiva.

Tom começa a rir, achando graça, e dou um tapa no seu peito, de leve.

—Estou falando sério — afirmo, e Tom sobe com a mão na minha nuca e me empurra contra o seu rosto, me beijando. Sua língua penetra minha boca, ágil, com fome da minha, caçando minha língua e a sugando para a sua boca. Arfo, sentindo o calor me derreter no meio das pernas, o tesão arrastar meu corpo em direção à Tom, e afasto os lábios, fitando seus olhos azuis escuros.

—Não haverá nenhuma ruiva — ele afirma — e mesmo se houvesse, a única mulher que amo é você.

—Eu amo você — respondo, segurando seu rosto com as mãos, e ele olha no relógio atrás de mim.

—É melhor irmos, minha Alice — Tom

diz apressado e me solta, entrelaçando nossos dedos e me puxando pela mão. Saio do quarto, descendo as escadas da nossa casa e saio pela porta da frente com ele, vendo seu Audi estacionado. Ele abre a porta para mim, e entro, vendo-o contornar o carro e entrar, dando partida.

Tom acelera, saindo pelo jardim da casa e passando os portões.

—Você já sabe com quem fará a entrevista? — Tom pergunta, dirigindo, com os olhos fixos à frente e as mãos apertando com força o volante de couro. Abro a bolsa, pegando o contato que tive.

—O nome dele é Sr. Razera, Nicolas Razera — digo séria e olho para Tom, que retesa a mandíbula — o que foi?

—Acho que sei quem é — ele sussurra e arqueio as sobrancelhas.

—E isso é problema? — pergunto e Tom

rapidamente olha para a aliança no meu dedo. Dou risada, balançando a cabeça.

—Não, não é problema — Tom afirma e sorri torto para mim, me seduzindo. Ele dirige rápido e vejo um grandioso prédio cinza, inteiro de vidro surgir — esse é o jornal — Tom diz, estacionando em frente ao comprido terreno do jornal. Sorrio para ele, tirando o cinto, e seguro seu rosto com as mãos.

—Me deseje sorte, meu Tom. Esperarei você em casa — digo apressada, e beijo seus lábios, vendo seu olhar preocupado.

—Vou esperar você — ele diz sério, e saí do carro, contornando-o e abrindo a porta para mim. Sorrio e desço. Tom me beija rapidamente, e contorna o carro novamente, entrando. Dou um passo para trás, e me viro de costas, caminhando apressada para a entrada do prédio. Ouço o ronco do carro, e Tom desaparece pelas ruas.

PERIGOSAS NACIONAIS

Subo até o décimo quinto andar pelo elevador, ouvindo o barulho de cada andar passando, e assim que chego, as portas do elevador se abrem.

Um corredor cinza claro se estende diante de mim, com folhagens verdes em vasos pretos, geométricos. Respiro fundo, me lembrando de quando comecei a estagiar na empresa de Tom, e começo a caminhar. O corredor faz uma curva adiante, e assim que me viro, vejo um balcão da recepção com uma mulher loura, com os cabelos presos em um rabo-de-cavalo. Ela levanta a cabeça e sorri para mim. Paro na sua frente e estendo a mão.

—Prazer, Alice. Estou aqui para a entrevista de estágio com o Sr. Rezera — digo séria.

—Ah, sim. Prazer, Anabele. Sra. Haltender, poderia aguardar um momento que eu

PERIGOSAS ACHERON

vou comunicá-lo que chegou — ela diz cordial e o sobrenome de Tom me arrepia. Sorrio, derretida por ouvi-la me chamar assim, e assinto, caminhando até as poltronas cinzas e me sentando. Anabele se levanta, caminhando até as duas grandes portas de madeira escura, e dá uma batida, entrando em seguida e a fechando. Alguns minutos se passam, e ela saí, deixando a porta aberta. Respiro fundo, e uma mão abre ainda mais a porta. Levanto os olhos, vendo um homem moreno, de gravata e camisa social branca, com a barba rala, abrir a porta, com os olhos em mim.

—Sra. Haltender? — ele pergunta, arqueando as sobrancelhas. Franzo a testa, sentindo eu o conheço de algum lugar. Merda, Tom disse que também o conhecia, mas de onde? Merda, merda.

Sorrio, ainda com a sensação familiar, sentindo algo estranho, e me levanto, caminhando

na sua direção. Estendo a mão.

—Pode me chamar de Alice, muito prazer — digo, cumprimentando-o, e ele assente, dando passagem para eu entrar.

Entro na sua sala, e observo ele caminhar na minha frente.

—Recebi seu currículo, e estou bem interessado, gostaria de conversar com você sobre a questão de começar direto no jornal — ele começa a falar com a voz grave, sério. Assinto, seguindo-o, e me sento nas cadeiras forradas de marrom, em frente à sua mesa.

—Ficaria muito interessada em começar assim — concordo e vejo ele com o meu currículo na mão, se sentando na mesa. Ele apoia os braços na mesa abarrotada de papel e pastas, e olha para mim.

Respiro fundo, e minha mente começa a martelar, analisando seu rosto. Eu conheço de que

lugar? Se Tom conhece, significa que eu também já vi? Mas aonde? Ele continua a falar sobre meu currículo, perguntando sobre minha faculdade e os horários, e vou respondendo, mas ao mesmo tempo tentando me lembrar de onde eu o conheço.

E então meu coração para. Tento disfarçar. Merda, era melhor não lembrar. Olho para ele, sabendo agora de onde Tom o conhece, de onde eu o vi.

Porra. Pandora.

Ouço passos se aproximando e olho para a porta do quarto. Permaneço deitada de barriga para cima, mexendo no celular, conversando com Dana sobre a volta das aulas depois das férias, e então a porta se abre.

Olho para Tom, parado na porta do quarto, com a gravata pendurada no pescoço e a camisa social aberta. Que visão que me deixa derretida por ele.

—Alice — ele sussurra, entrando no quarto após voltar da empresa, e o sigo com os olhos, vendo-o dar as costas para mim e passar pela cama, entrando no closet.

—Adivinhe só — digo me sentando sobre as pernas, vendo-o dentro do closet. Tom para na frente do espelho, se admirando por alguns

segundos, e tira a gravata, assim como a camisa social, ficando apenas de calça. Respiro fundo, fitando o P no meio das suas costas, me lembrando que amanhã haverá o evento de Pandora. Meu coração acelera ao lembrar, e também me lembro que recusei o convite de Anya.

—O que, minha Alice? — Tom pergunta arqueando as sobrancelhas, e me encara, tirando a calça, ficando apenas de cueca boxe preta. Mordo o lábio inferior, e o calor começa a subir pelas minhas pernas. Suspiro, desejando arrancar sua cueca para vê-lo inteiro nu. Olho para seus músculos nos braços, seu abdômen definido, e volto a encarar seus olhos azuis escuros. Tom sorri, percebendo minha análise, e rio, me levantando da cama, tentando me focar no que ia falar.

—Consegui meu estágio. Vou trabalhar todas as tardes diretamente no jornal — digo animada, e Tom continua sorrindo, como se já

soubesse. Franzo a testa, analisando sua expressão e o acuso — você já sabia?

Tom começa a rir com a voz rouca, abaixando a cabeça e passando a mão no queixo, acariciando a barba rala, e saí do closet.

—Nicolas ligou para mim quando a contratou — ele conta satisfeito e arregalo os olhos.

—O que? — pergunto pasma — por que ele fez isso?

Tom para na minha frente e coloca as mãos na minha cintura, subindo pelas minhas costas, até encostar a palma no alto das costas.

—Porque Nicolas é um velho conhecido meu, Alice. Você conseguiu por mérito, não se preocupe — ele diz sério, retesando a mandíbula e analisando todo o meu rosto tenso — mas depois de contratá-la, ele me ligou porque queria me informar que ele havia contratado minha esposa. É uma forma educada de manter bons relacionamentos

entre velhos conhecidos.

Respiro fundo, e coloco os braços nos seus ombros, acariciando sua cabeça, passando os dedos pelos seus cabelos macios.

—E ele também é conhecido de Pandora, não é? — pergunto curiosa, deixando claro que eu já o vi lá. Tom sorri, piscando devagar e assentindo.

—Sim, Nicolas é um antigo sócio que não se preocupa com máscaras — Tom confirma minha memória.

—Será que ele me reconheceu? — a pergunta saí antes que eu pense novamente, e Tom inclina a cabeça, me olhando sério.

—Minha Alice, Nicolas sabe que eu sou sócio, já nos encontramos lá algumas vezes — ele hesita e sorri, se divertindo minha expressão de pavor — e sabendo que você é minha esposa, provavelmente ele sabe que você é sócia.

A linha de raciocínio de Tom tem lógica, muita lógica, merda.

—Mas isso não é importante — Tom completa, me empurrando para trás. Dou passos e bato as pernas na cama — o importante é que eu tenho uma proposta para você.

Caio na cama de costas, vendo-o de pé na minha frente, apenas de cueca.

—Qual proposta? — pergunto curiosa, e Tom sorri, descendo os olhos pelo meu corpo coberto apenas por uma blusa solta e uma calcinha. Ele parece temeroso em começar a falar, e franzo a testa, me sentando — o que foi, Tom? — pergunto preocupada, e Tom sorri, se ajoelhando na minha frente e pegando as minhas mãos. Ele abaixa a cabeça, fitando-as, e as leva até a boca, beijando-as. Seu toque me arrepia, e fecho os olhos, sorrindo, sentindo seus lábios quentes, sua pele calorosa. Meu coração acelera, e abro os olhos, sentindo o

arrepio se intensificar. O calor sobe pelas minhas pernas, e a vertigem me enlouquece. E a curiosidade também.

Tom levanta a cabeça, me encarando muito ansioso.

—Eu sei que você gosta dessa casa, da nossa casa, mas eu queria ter algo que nós escolhêssemos, não algo que eu escolhi e que você concordou. Essa casa é isso, e eu queria comprar um apartamento juntos, para que você escolhesse, para que você me ajudasse a montá-lo e decorá-lo, com os gostos dos dois — ele diz sério, preocupado com a minha resposta, e sua voz rouca é baixa e controlada. Abro a boca, sem saber o que dizer, balançando a cabeça.

—Tom — murmuro, surpresa — eu gosto dessa casa.

—Mas aceitaria me ajudar a escolher um apartamento para nós? — ele pergunta rápido —

ainda teríamos a casa, poderíamos vir a qualquer momento, mas seria um apartamento também com o seu gosto.

Olho para ele por alguns segundos, pensando. Eu gosto dessa casa, amo a decoração de Tom, mas a ideia de construir algo do zero, apenas nosso, é prazerosa. Assinto lentamente, mordendo o lábio inferior.

—Eu aceito — digo animada — quando podemos começar?

—Segunda? Agora que você está de férias da sua faculdade, posso arranjar um tempo para irmos ver, já tenho ideia de algumas coberturas — ele diz empolgado, se levantando, e me levanto junto, sorrindo. Me sinto empolgada para começar também, e várias ideias invadem minha mente.

—Vamos escolher juntos — afirmo, arqueando as sobrancelhas, e Tom sorri, assentindo. Já que ele fez a sua proposta, agora é a minha vez.

PERIGOSAS NACIONAIS

Andei pensando nisso, e agora quero colocar em prática. Volto a envolver seu pescoço com os braços, e me aproximo o suficiente para sentir sua respiração contra meus lábios.

Tom — digo arrastando a voz, seduzindo-o. Ele retesa a mandíbula, e fogo acende em seus olhos. Respiro fundo e continuo — eu gostaria que você tomasse um banho comigo, se vestisse e saísse comigo — digo devagar, analisando sua expressão se tornar de surpresa. Ele arqueia uma sobrancelha e sorrio — para irmos na boate em que nos conhecemos.

Ele sorri surpreso, sem esconder o espasmo.

—Mesmo? — ele pergunta sem acreditar, e sorrio animada.

—Mesmo — afirmo e me afasto dele. Puxo a blusa para cima, ficando apenas de calcinha e passo por ele, caminhando em direção ao banheiro. Sinto seu olhar feroz nas minhas costas, e

PERIGOSAS ACHERON

sorrio, parando na porta do banheiro. Olho para trás e faço um sinal com o dedo para ele me seguir — agora — sussurro devassa, e no instante seguinte, Tom desliza a cueca pelas pernas, ficando nu, com o membro rijo, desesperado por mim.

Entro no banheiro, sendo seguida por Tom.

Após quase vinte minutos tomando um banho quente, muito quente com ele, e de jantar , começo a me arrumar, vendo-o colocar uma camisa social azul, combinando com seus olhos, uma calça jeans clara e seu grandioso relógio de ouro.

Me olho no espelho, dentro do closet, já cheio com as nossas roupas, e sorrio, adorando o vestido que comprei para isso.

Tom para atrás de mim, pronto, e me abraça por trás, passando as mãos nos meus seios sobre o vestido.

—Você está maravilhosa — ele sussurra — aquela noite foi a minha noite de sorte.

Sorrio, virando a cabeça sobre o ombro e encarando seu rosto colado no meu.

—Todos os meus dias com você são dias de sorte — sussurro contra seus lábios, e me viro de frente para ele, passando as mãos pelos seus ombros. Vejo ansiedade em seu olhar, e me animo ainda mais por ver o quanto ele também quer ir. Agarro sua mão e o puxo — vamos, não quero chegar tarde — digo apressada, e Tom sorri, deixando ser puxado. Pego a bolsa preta sobre a cama e saio apressada do quarto, sendo seguida por Tom.

Tom escolhe ir com a sua nova aquisição, um novo Audi A5 preto. Ele faz todo o trajeto devagar, e durante todo o caminho em que conversamos, ele me olha apreensivo, como se quisesse pedir algo, e então sua expressão se suaviza ele se descontraí.

A cada quadra que nos aproximamos, meu

coração acelera, lembrando da noite em que o conheci, de como meus olhos se cruzaram com os dele, quando ele me salvou. De como me esbarrei nele e tentei ajudar a limpar sua boca cortada. E de como ele me agarrou e me deixou no fogo. Suspiro, vendo a estrutura da boate surgir à frente, toda iluminada.

—Você chamou a minha atenção aquele dia — Tom sussurra sedutor, colocando a mão na minha coxa e a acariciando, me incendiando por dentro. Suspiro, excitada, sentindo seu toque firme e quente.

—Posso dizer que você me chamou a atenção de um jeito que cheguei a transar com você sem nem conhecê-lo direito, o que nunca fiz — murmuro, sentindo meu corpo queimar de prazer e calor. Ouço a risada rouca de Tom e olho para ele, observando-o manobrar o carro e entrar no estacionamento privativo, estacionando. Ele olha

para mim, tirando o meu cinto.

—Eu precisava provar como era ter mais que um beijo seu, eu estava enlouquecendo na empresa, apenas gozando com você na imaginação — ele confessa e arregalo os olhos. Merda, essa confissão me transborda de tesão e imagino a cena dele se masturbando ao pensar em mim. Porra, como é quente.

—Desse jeito vou querer inaugurar esse carro — sussurro devassa e minha mão voa para a ereção volumosa na sua calça. Tom retesa a mandíbula, com a expressão de pura luxúria e me agarra, avançando sobre mim. Seus lábios abrem os meus e sua língua invade minha boca, caçando a minha em uma dança molhada de gemidos. Agarro seus cabelos arrumados, querendo cavalgar sobre ele, mas Tom se afasta abruptamente.

—Espere para depois, aqui há muitas pessoas — ele diz relutante, retesando ainda mais a

mandíbula. Suspiro e Tom segura meu rosto pelo queixo, beijando suavemente meus lábios — quero transar com você nesse carro, hoje, depois dessa festa.

—Então vamos embora cedo — murmuro excitada e Tom sorri.

—Muito cedo — ele murmura com a voz rouca, e se afasta, saindo do carro. Observo ele contorná-lo e abrir a porta para mim. Saio do carro, e Tom estende a mão para segurar a minha. Coloco a minha palma sobre a sua e sorrio, vendo-o entrelaçar nossos dedos.

E uma ideia invade minha mente. Naquela primeira festa, eu jamais imaginaria que voltaria à essa boate de mãos dadas com Tom e casada. Quando tudo se transformou nisso?

Caminho até a entrada da boate, e o segurança faz sinal para nós, nos deixando passar direto. As luzes piscantes, coloridas e brancas caem

em nós, na penumbra lotada de pessoas da boate. Olho ao redor, me recordando da primeira noite em que conheci Tom. Tudo parece uma lembrança, e de mãos dadas com Tom, caminho para a pista da boate, sentindo algumas mulheres olharem para Tom. Aperto sua mão, me aproximando ainda mais dele, e Tom olha para mim, fascinado, deixando claro o quanto está relembrando também.

Ele para no meio da pista, onde a maioria está dançando, e se vira de frente para mim, me abraçando pela cintura. Seus braços quentes me agarram, e suspiro.

—Vamos subir? — ele diz tentando se fazer ouvir. Assinto, ouvindo a música alta, agitada, e Tom me guia para as escadas. Paro no alto das escadas e olho para o lado esquerdo, vendo o sofá que Tom me levou naquela noite. Sorrio, vendo que ele também está de olho nele, e caminho apressada até lá, puxando-o. Me sento, e Tom senta ao meu

lado, colocando o braços sobre os meus ombros, me puxando para perto. Levanto a cabeça, encarando-o.

—É nostálgico — sussurro eufórica, e Tom dá uma risada rouca, fazendo sinal para o garçom.

—Eu poderia ter tocado em você aqui nesse sofá, naquela noite, se Dana não tivesse me impedido — ele conta e o garçom se aproxima. Tom olha para mim — o que irá querer, minha Alice?

Sorrio, olhando-o nos olhos, e olho para o garçom.

—Uma caipirinha — peço, e Tom arqueia as sobrancelhas, surpreso.

—Um uísque — Tom pede, e permanece em silêncio até o garçom se afastar.

Me viro, ainda dentro do seu abraço, e coloco as mãos no seu peito.

—Sério? — pergunto surpresa com sua confissão. Tom sorri, sedutor, e assente, acariciando meu rosto.

—Eu estava enlouquecido para ouvi-la gemer, para ver como era sua expressão de prazer e a sentir molhada nos meus dedos — Tom diz com um sorriso devasso — mas Dana foi rápida.

—E quem disse que eu iria deixar? — digo ameaçadora. Tom desce os olhos pelo meu corpo e volta a me encarar.

—Você não conseguiu negar transar comigo quando invadi seu quarto, minha Alice — ele me acusa e abro a boca, surpresa. Porra, é mesmo.

—Mas talvez tivesse sido diferente — tento argumentar, e Tom ri.

—Mas Dana não mudou muito, porque se eu tivesse conseguido tocar você, teria invadido seu quarto ainda antes. Eu já estava enlouquecido, e

caso ela não tivesse interrompido, teria ficado ainda mais devastado para ter você — Tom conta sério, e o garçom se aproxima novamente com a bandeja. Ele nos serve, e Tom agradece, pegando o copo e tomando um gole de uísque. Bebo um pouco da caipirinha, sentindo o álcool descer queimando.

—E eu teria morrido de vergonha quando encontrasse com você na empresa, por mais que eu quase morri de vergonha mesmo — digo dando risada, ao lembrar de quando o encontrei. Tom ri, assentindo, e bebe mais um pouco.

—Eu fiquei sem reação. Parecia que não era real, a mulher com quem me imaginei transando e provocando, depois de encontrá-la aqui, era a que seria minha estagiária. Porra, Alice, não sabe quantas vezes me masturbei até ter você mesmo na minha casa, porque aquela noite no seu antigo quarto foi só para me deixar pior. Foi pouco para o que eu queria — Tom sussurra com a voz rouca,

aproximando o rosto do meu, e então avança contra o meu pescoço, respirando fundo — o seu cheiro sempre foi maravilhoso, e depois que eu o senti, precisava provar.

Sinto a respiração quente de Tom me arrepiar inteira, me torturando para transar com ele, e fecho os olhos. Ele se inclina, sentado no meu lado, mas com o corpo quase na minha frente, e avança com a mão no meio das minhas pernas, abrindo-as ligeiramente. Arregalo os olhos, tranquilizada pelo seu olhar autoritário e a penumbra ao nosso redor.

—Me deixe realizar esse fetiche, minha Alice, me deixe tocá-la aqui, agora — ele pede com a voz rouca, sedutor. Encosto as costas no encosto do sofá, contra o seu braço que ainda me envolve, e abro um pouco mais as pernas. Ele é o meu marido, ele é o meu Tom, e também quero realizar isso.

—Me toque, Tom, me deixe molhada por

você — sussurro devassa, e Tom rosna baixo, perdido em desejo, retesando a mandíbula, tentando se controlar. Faz tanto tempo, e olha onde estamos, o que estamos fazendo, penso comigo mesma.

A mão quente e firme de Tom avança no meio das minhas pernas, roçando os dedos quentes pela minha coxa, me arrepiando. Ele toca na minha calcinha e a puxa para o lado com delicadeza. Sinto um arrepio nos meus grandes lábios, uma urgência para ser tocá-la, e então Tom os toca. Sinto seus dedos quentes e macios abrindo meus grandes lábios, devagar, e sorrio, extasiada, com os olhos vidrados no rosto intenso de Tom, na ferocidade e luxúria explícita no seu semblante. Ele entreabre os lábios, gemendo de tesão, e retesa a mandíbula, tocando no meu clitóris. Dou um pulo, arrepiada, e o tesão se transforma em prazer.

—Tom — gemo muito baixo, tentando me controlar, e cerro os punhos, sentindo-o me tocar

em círculos, acariciando meu clitóris e me deixando molhada. Ele toca mais rápido, em um movimento contínuo e frenético, com força, gemendo profundo, com os olhos fixos em mim, analisando cada expressão de prazer, como se ele gostasse de ver o estado em que me deixa.

O gozo sobe pelo meu corpo e meu coração acelera, entregando meu prazer para os seus dedos. Derreto na sua mão, sentindo-o descer até os pequenos lábios e subir novamente, acariciando em círculos meu clitóris.

—Como você está molhada — ele geme, franzindo a testa de tesão — porra, como eu queria estar aqui — ele geme, e abro um pouco mais as pernas, enlouquecida. Gemo, sem conseguir me controlar, e me perco no prazer, esquecendo onde estou. Jogo a cabeça para trás, sentindo que vou explodir em prazer, e ondas inebriantes sobem pelo meu ventre. O ambiente se torna abafado, quente,

muito quente, e respiro com dificuldade, sentindo o ar fugir dos meus pulmões.

—Tom, vou gozar — gemo baixo e Tom sorri devasso, tirando a mão de dentro de mim. Arregalo os olhos, apavorada, sentindo sua ausência, e ele volta a se endireitar ao meu lado. Olho para ele, confusa, e Tom sorri, levando os dedos molhados até boca. Ele os puxa com prazer, e fecha os olhos.

—Você é deliciosa, minha Alice, mas quero que goze no meu pau, não nos meus dedos — ele sussurra sedutor, devasso.

Abro a boca, subindo pelas paredes ao ouvi-lo dizer isso com os olhos azuis escuros ferozes em mim, e arfo, sentindo o tesão se tornar insuportável. Mexo as pernas, tentando me acalmar, e franzo a testa, olhando-o com uma expressão de pedido.

—Não faça isso — peço, sentindo meu ventre se contrair de desejo, de prazer. Sinto minha

intimidade molhada pulsar, enlouquecida, e Tom apenas balança a cabeça, negando, e aproxima os lábios dos meus.

—No carro, você poderá gozar no meu pau até deixá-lo pingando, e eu terei você com força — ele sussurra com a voz rouca contra os meus lábios, me provocando, me arrepiando, e avança contra mim, me beijando. Sua boca cola na minha, abrindo-a, e deixo sua língua vagar, em busca da minha, molhando minha boca, satisfazendo minha necessidade de um jeito mais suave. Agarro seus cabelos e com uma mão desço até sua calça, apalpando sua ereção volumosa, tentando sair da calça.

—Tom — uma voz masculina me assusta e dou um pulo, arregalando os olhos. Tom se afasta abruptamente, e olha para frente, assim como eu. Diego está parado, segurando um copo de uísque, vestindo uma camisa social preta e agarrado à uma

loura de vestido vermelho — você por aqui, cara.

Olho para Tom, que não parece muito contente. Ele retesa a mandíbula e se levanta. Me levanto junto, encarando Diego sem sorrir. Tom se aproxima de Diego, e eu o sigo.

—Como está? — Tom diz educado, e Diego larga a mulher, dando um abraço em Tom. Ele retribui educado, e paro ao lado de Tom, encarando Diego, que se afasta e olha para mim.

—Alice — ele diz como se nada tivesse acontecido no passado — como está, agora que casou?

—Estou muito bem — respondo seca, e Diego olha para Tom, ignorando a minha rispidez.

—Cara, desculpe não ir no seu casamento — Diego diz um pouco irônico — eu estava em Lyon e sabe o que é.

—Diego — Tom diz sério, retesando a mandíbula, e maneia a cabeça — não fez muita

falta lá. Dário estava, e só a presença dele e de Antone já era o que eu queria — arregalo os olhos, surpresa, e tento esconder o riso. Diego pisca, um pouco surpreso e assente, sem dizer nada. Tom dá um tapinha no ombro de Diego, sorrindo — agora se me permite, quero aproveitar a noite com minha esposa — Tom diz com um sorriso satisfeito e sua voz rouca é autoritária. Ele pega a minha mão, entrelaçando nossos dedos e olha para a mulher loura atrás de Diego, que devora meu marido com os olhos — por que não faz o mesmo com essa aí? Está tudo bem entre nós, não se preocupe.

Diego abre a boca para responder, mas antes que consiga, Tom me puxa e passa por ele, dando as costas. Olho para Diego e não consigo me controlar. Sorrio irônica para ele, me viro o rosto, ignorando-o. Tom me puxa para as escadas, e começo a rir.

—Você tem certeza que queria ter dito

aquilo? — pergunto apressada, descendo as escadas ao seu lado. Tom olha para mim, e as luzes da boate dançam em seu rosto.

—Eu estava querendo dizer isso há algum tempo já — ele diz animado — acho que Diego merecia ouvir algo assim.

Concordo, arqueando as sobrancelhas.

—E se merecia. Disse o que eu queria ter dito — confesso e Tom começa a rir, apertando minha mão com força. Chego na pista ao seu lado, e uma música mais calma começa a tocar. Ele me puxa e agarra minha cintura. Envolvo seu pescoço, acompanhando seu ritmo, e colo nossos corpos, sentindo seu corpo definido se mexer contra o meu. A música alta invade meus ouvidos e as luzes dançam contra nossos rostos. Aproximo o meu contra o seu ao ponto de sentir sua respiração, e mergulho no azul voraz do seu olhar.

—Alice — Tom diz sério, e percebo a

preocupação no seu olhar, a mesma que vi no carro. Franzo a testa, curiosa. Ele quer me dizer algo, mas está preocupado, está temeroso.

—Diga, Tom. Pode dizer — digo calma, acariciando seu pescoço por trás, roçando os dedos nos seus cabelos. Tom acaricia minhas costas, colado em mim, e sinto seu cheiro adocicado, seu corpo duro. Ele retesa a mandíbula, preocupado e tenso e arqueia uma sobrancelha. Seu semblante tenso também é urgente, e sinto um arrepio de ansiedade, de curiosidade e adrenalina por ele não falar — o que? — peço curiosa. Tom respira fundo e me encara feroz, retesando a mandíbula.

—Quando disse à você, naquela noite na ilha, que eu a amo, que você é a mulher da minha vida — ele começa a dizer com a voz rouca, sedutor e autoritário, me arrepiando, dançando devagar, colado ao meu corpo. Assinto, me lembrando. Ele retesa a mandíbula ainda mais,

tenso — é verdade, eu a amo, você é a mulher da minha vida, e também é verdade quando eu disse que eu quero que você seja a mãe dos meus filhos — ele hesita, e franzo a testa, sem entender. Tom me aperta ainda mais contra o seu corpo, parando de dançar, e com a mandíbula ainda mais retesada, os olhos selvagens, ele aproxima o rosto contra o meu, os lábios quase grudados ao meus — Minha Alice, eu quero que você tenha um filho comigo.

Meu coração, que batia junto com a música, para, e arregalo os olhos, sem saber o que dizer.

Merda, Tom está falando sério? Olho para o seu rosto ansioso pela minha resposta, e percebo que é muito sério.

Arregalo os olhos, pasma. Quando eu imaginaria que Tom Haltender estaria me pedindo isso? Quando eu imaginaria que o homem daquela primeira festa, devasso e cafajeste estivesse casado comigo e pedindo que eu tivesse um filho dele?

Jamais. Olho para ele pasma, surpresa, sem conseguir acreditar. É inacreditável Tom estar pedindo isso, mas ele está.

Dá pra acreditar que Tom Haltender está pedindo um filho comigo?

Abro a boca, tentando responder, e a fecho novamente, sem conseguir encontrar as palavras. Merda, merda, porra. O que vou dizer? Respiro fundo, e Tom abaixa a cabeça, ainda com os olhos em mim.

—Tom — começo, analisando seu semblante tenso, preocupado, e respiro fundo — eu também quero ter um filho com você — respondo séria e o vejo arregalar os olhos como se não acreditasse, mas continuo rápido, arqueando as sobrancelhas — mas acho que agora não é momento. Você já está estabilizado, tem a sua vida, sua empresa, mas eu estou começando agora. Recém nos casamos, e eu me formarei ano que

vem. Eu quero ter um filho com você, mas depois de formada, já com a minha carreira — digo séria, calma, e Tom respira fundo, com os olhos autoritários em mim.

—E quando seria isso? Ano que vem? — ele pergunta controlado. Mordo o lábio inferior, e assinto.

—Você me entende, não é? Você sabe que eu sou assim, que eu quero me formar primeiro, ter a minha profissão — começo a dizer, e Tom me aperta ainda mais, colando os lábios contra os meus e me silenciando.

—Você já respondeu o que eu queria, minha Alice — ele sussurra sedutor contra os meus lábios, e percebo que ele se controlou ao máximo para não explodir, me entendendo. Franzo a testa, sem entender.

—Como assim? — pergunto contra seus lábios.

PERIGOSAS NACIONAIS

—Você já disse que quer ter um filho comigo, o quando não é tão importante. Eu entendo você, e é exatamente por você ser assim que eu continuo apaixonado — ele diz e sorri torto. Respiro aliviada. Acreditei que Tom iria explodir, parecia pela fúria controlada, mas ele parece calmo agora.

O abraço com força e o beijo, deixando minha língua avançar na sua boca. Tom me beija com violência, me apertando e controlando minha língua com a sua, ofegante, quente.

E diferente do que imaginei quando eu o vi bravo, a noite transcorre calma, sem que ele toque novamente no assunto. Adentramos pela madrugada dançando na pista, colados, e então Tom decidiu que queria algo mais, algo mais quente dentro do carro.

E se já estava quente na boate, dentro do carro foi fogo puro. Porra, Tom estava

enlouquecido e me fez entrar em orgasmo tão rápido que enlouqueci em seus braços, em seu fogo e em seus tapas fortes acompanhados de beijos molhados.

Chegamos em casa exaustos, e Tom assim que chegou, tomou um rápido banho comigo, me esperando apenas de cueca branca na cama de lençóis pretos.

E agora, aqui, parada dentro do banheiro, apenas de camisola branca, transparente, respiro fundo, ainda excitada ao pensar no homem que me espera seminu na cama.

E a conversa sobre filhos volta à minha mente. Olho para o meu rosto pelo espelho. Eu quero ter com Tom, mas realmente agora não, tenho alguns outros projetos pela frente, mas Tom pareceu entender, por incrível que pareça.

Saio do quarto, vendo-o deitado de barriga para cima, na penumbra do quarto, me esperando.

Olho para o seu corpo musculoso, definido, seu membro marcado pela cueca branca, irresistível e olho para seu rosto calmo, seus olhos azuis escuros ferozes em mim.

Deito ao seu lado e Tom coloca o braço embaixo de mim, me abraçando e me puxando contra seu corpo. Deito a cabeça no seu peito quente, ouvindo seu coração acelerado, sua respiração pesada e o acaricio.

—Eu amo você, meu Tom — sussurro, sentindo que ele sorri. Tom agarra minha mão no seu peito e a leva até a boca, beijando-a, colocando de volta no mesmo lugar.

—Eu amo você, minha Alice — Tom sussurra com a voz rouca, me arrepiando. Fecho os olhos, ouvindo sua respiração se tornar ainda mais pesada, demonstrando que ele adormeceu. Penso em amanhã, no evento de Pandora. Meu coração acelera, e tento me imaginar lá com ele. Sorrio,

satisfeita com tudo, e adormeço nos braços de Tom.

ALICE

Abro os olhos, fitando meu reflexo no espelho.

A Alice que vejo não é nenhuma Alice encantada ou Alice indiferente. Elas não existem mais nessa forma individual, elas se uniram ao meu lado escuro, e esse também eu não vejo mais. O que vejo é a mulher que me tornei, a força e

confiança que conquistei. Vejo a Alice que sempre quis ser, a Alice que se conhece o suficiente para se ver completa.

Eu me conheci realmente, conheci o meu prazer, conheci meus receios e do que sou capaz. Agora eu sou Alice, sem mais justificativas, medos ou hesitações.

Respiro fundo e fito meus olhos claros, delineados pela maquiagem pesada. O contorno preto realça os cílios postiços, e as imperfeições são escondidas pela maquiagem clara e meus lábios vermelhos. Desço os olhos pelo pescoço, fitando o colar grudado em meu pescoço, de couro com um pequeno pingente de rubi, presente que Tom insistiu que eu usasse.

Quando Tom abriu a pequena caixa e me entregou, seus olhos azuis escuros diziam exatamente o que ele imaginava. Eu vi o fogo em seus olhos, eu vi a luxúria. Ele queria que eu usasse

apenas aquele colar, sem roupa, sem nada. Há algo em mim que eu já não consigo mais controlar, há algo relacionado ao sexo que me deixa liberta, que me faz querer provar mais e mais. Não existe mais pudor, não existe mais julgamento ou receio. Eu me libertei na cama com Tom, eu me libertei dentro de mim mesma e meu prazer é meu ar.

Tom me quer em Pandora, Tom quer experimentar tudo o que Pandora tem a oferecer.

E eu também quero.

Sorrio ainda mais, fitando o meu cabelo loiro preso no alto na cabeça em um coque, e desço os olhos pelo vestido que comprei. Eu queria comprar com o meu dinheiro, mas Tom enfiou seu cartão na minha bolsa e me encheu de mensagens até que soubesse que eu havia comprado com seu cartão. Tom continua sendo o mesmo teimoso, acredito que agora que estamos casados, ele piorou, isso sim.

Suspiro e desço os olhos pelo vestido caro, transparente, feito com um tecido leve, fino e com uma pequena parte cor da pele para esconder meus seios e a bunda. Tom enlouqueceu quando o viu, isso que na verdade nunca o provei na sua frente. É como se agora que estamos casados, sua possessividade e ciúmes se tornaram uma terceira pessoa no casamento. É como se ele não quisesse que outros vissem o meu corpo. É como se sua possessividade gritasse dentro dos seus olhos azuis escuros, seus defeitos que o tornam único.

Rio, balançando a cabeça, fitando o vestido colado ao corpo, e afasto uma perna para frente, revelando a grande fenda lateral.

Volto a encarar meu rosto, e me lembro do último evento de Pandora que eu fui.

Eu não estava lá apenas como sócia, eu fui parte do espetáculo com Eva. Eu fui o espetáculo para Tom, e lá ele mostrou a mentira em que

estávamos vivendo. Lá ele me mostrou que o passado havia voltado para destruir o que construímos juntos.

E eu cedi à Antonella, eu enlouqueci. Eu me perdi. Mas acho que é isso o que Pandora nos faz, ela transforma nossa cabeça, ela torna algo grande em algo gigantesco, ela traz para a luz vermelha seus medos, pudores e receios, os despedaça e faz você provar de cada um lentamente, assistindo você reunir por dentro até se encontrar. Ela me levou ao limite e sinceramente? Eu gostei. Eu gostei do limite do sexo, eu gostei da sensação de estar em um mundo de máscaras, um mundo liberto onde eu posso provar com Tom o que eu quiser. Eu gostei de sentir o meu medo, de vivê-lo e perceber que o monstro que vejo na verdade é ilusão. Tudo é ilusão diante do que o prazer pode fazer.

Pandora revela quem nós somos, revela quem realmente somos sem roupa, sem nomes, sem

identidades ou julgamentos. É sobre sexo, é sobre autoconhecimento, é sobre experimentar seus fetiches ao máximo. A máscara é o oposto do que significa. Mesmo com máscaras, lá não há máscaras. Pandora é onde todas as máscaras caem e revelam os desejos e anseios que cada um sente. O lado escuro de cada pessoa que todos evitam mostrar no dia-a-dia. Pandora arrasta você pelos cabelos, fazendo provar de cada vontade, de cada fetiche nunca antes imaginado.

Na primeira vez que fui à Pandora, eu estava estarrecida. Eu fiquei apavorada quando fui vendada, porque o escuro me tornou vulnerável, como se eu estivesse relevando minhas fraquezas, como se eu estivesse entregue nas mãos de outra pessoa. E é isso que Pandora fez comigo. Ela me mostrou minhas fraquezas, ela apontou cada fraqueza e me deixou liberta, como se dissesse para mim que não havia razão para temer ser vulnerável,

esse é o grande truque do sexo, abrir mão da sua força do cotidiano para se tornar entregue e sem identidade na cama.

Quando chegamos ao evento, vi a mulher sexual beijar o anel de Tom em forma de submissão, de quatro, e me apavorei com a visão. Era incomum, era algo que nunca imaginei ver. Sabe quando a visão foge do óbvio do seu dia-a-dia, um gesto que deixa explícito a submissão? Era uma alegoria literal do que significa submissão ao clube e nunca imaginei que Tom e todas as pessoas mais elitizadas da cidade estavam ali. E isso me deixou desconcertada, mas acima de tudo, espantada com a sensação de querer ver mais, de experimentar o que isso estava me oferecendo, a sensação prazerosa. Eu neguei, eu gritei por dentro com todas as minhas forças, eu usei as antigas Alices para me esconder de mim mesma, para ocultar o que eu queria.

PERIGOSAS NACIONAIS

E então Tom me guiou pelos corredores de Pandora. Tom me provocou, Tom me seduziu e fez meu tesão extrapolar todos os limites. Eu perdi qualquer racionalidade e me entreguei dentro de um quarto de Pandora. Eu amei a sensação ao mesmo tempo em que menti para mim mesma sobre isso. E então tive Tom Haltender, o homem mais dominador e egocêntrico que conheci, à minha mercê, vendado e amarrado na cama, abrindo mão de qualquer dominação, entregando seu prazer e controle para mim. Eu não conseguia acreditar, ele estava receoso, ele estava com medo, mas por prazer ele aceitou. Era isso o que significava prazer? Aquilo me tirou dos eixos, eu esqueci quem era, eu esqueci que haveria um dia seguinte. Pandora entrou na minha cabeça e eu apenas conseguia respirar sexo. Eu estava levada pela loucura desse mundo sofisticado e de prazer, eu estava mergulhando de cabeça no clube e jamais

PERIGOSAS ACHERON

imaginei que nunca mais sairia.

Mas a razão voltou depois e me senti perdida. Eu não reconheci o que Pandora revelou sobre mim, e fugi. Tom me encontrou, Tom me tirou da sensação de julgar cada ato, e transei com ele no meio de vários sócios. Foi libertador, foi assustador. Foi prazeroso. Era uma liberdade perante os olhos de todos sem que eu me envergonhasse ou sentisse que fosse errado. Mal sabia eu que não existe errado ou certo quando o assunto é sexo e prazer. Tudo é certo, tudo é permitido quando há consentimento de ambas as partes.

Não posso negar que depois de experimentar o primeiro evento, havia uma curiosidade dentro de mim, meu lado escuro, que me fez aceitar o segundo evento. Eu queria estar lá, eu queria ter Tom lá. Eu queria me ter lá. Principalmente porque o segundo evento seria na

casa de Tom.

E merda, o segundo evento me desestruturou. Eu estava com Tom, eu estava sentindo prazer em tudo o que eu via, eu queria experimentar. Eu estava hipnotizada com cada detalhe que no primeiro evento passou despercebido, e percebi que havia um tema para cada espetáculo. Mas quando vi Eva, a antiga namorada e única mulher que Tom chegou a amar antes de mim, perdi o chão, e perdi a cabeça. Ela estava lá novamente, sendo mulher sexual, exatamente como Tom me contou. Seus cabelos ruivos chamavam a minha atenção, e a ideia de que um dia ela esteve com ele, do fetiche de Tom por ruivas me deixou enlouquecida. Perdi o controle e acho que Pandora estava à espreita para esse momento, porque revelou para mim o quanto perdi o pudor também. Arrastei Tom para um palco de pole-dance e transei com ele lá, assim como dentro

de um quarto, provando formas diferentes.

Mas eu não estava preparada para o que viria em seguida. A revelação de Eva, sendo usada por Anya Lehanster, dona de Pandora, para me afastar de Tom, para eu correr para seus braços e ser usada por ela. Eu não sabia que nesse mundo que estava entrando, prazer também significa poder, que as pessoas são tão boas quanto maldosas. Não existe pessoas somente boas, cada um possuí uma sequela de maldade, e Anya estava à espreita para se aproximar sorrateiramente. Nesse mundo de Tom, o dinheiro dita as regras de certa forma, o prazer é a coleira da outra pessoa, e eu era uma mulher perdida dentro de um mundo de pessoas com olhos maliciosos e ideias que eu jamais pensei. Ideias egoístas e vontades absurdas. Era um mundo de luxúria, sofisticação e máscaras.

Eu estava furiosa dentro de Pandora depois de saber que Tom deixou Eva em sua casa, mesmo

quando transávamos em outro quarto. Tom mentiu para mim, Tom escondeu a verdade do que estava acontecendo por medo da minha reação, sem me dar a oportunidade de escolha, exatamente do seu jeito. Eu fugi dele, eu corri por Pandora até ser sequestrada pelos problemas dos Lehanster, irmãos amigos de Tom.

E então me acidentei. A última lembrança era a velocidade, a minha tentativa de capotamento. E acordei no hospital com Ed ao meu lado e as flores de Tom. Ele ia me visitar, mas a culpa entre nós foi um véu. Eu estava furiosa com ele, eu estava magoada e cega dentro desse mundo, ao ponto não ver que a cada palavra dita, a cada acusação, eu estava afastando o homem que mais amei. Tom se afastou e Anya aproveitou minha cegueira para entrar em ação. E eu, burra, aceitei.

Não posso simplesmente dizer que Anya fez tudo de errado comigo, não. Anya me usou para o

seu proveito, tentou me manipular e até certo ponto eu achava que tinha as rédeas da situação, mas graças à ela, eu me masturbei, eu conheci meu corpo, eu perdi a vergonha que me impedia de estar inteira ao lado de Tom.

E então descobri os planos de Anya. Aquilo me magoou, mas não me machucou realmente. Eu descobri que sou forte, que Tom me conhece tão bem quanto eu me conheço, e isso me fez querer foder com ele, querer avançar cada vez mais.

Sua proposta de casamento me pegou de surpresa, e como não tive reação, quis me redimir com o evento de Pandora. Eu estava pronta para o passo que queria dar, estar dentro de um espetáculo para surpreender Tom. Eu queria mais de Pandora, ela estava dentro da minha mente, ela se tornou parte dos meus desejos sexuais.

E o espetáculo me fez enlouquecer. Eu estava livre realmente, liberta, sem receios. Eu

estava como nunca imaginei na primeira vez que pisei em Pandora, e amei a sensação. Mas tudo foi destruído quando descobri que Tom estava com Antonella. Tom estava me traindo.

Isso foi algo que nunca imaginei, algo que me deixou perdida. Me perdi dentro de Pandora, deixando-a me levar por caminhos desconhecidos. Pandora parece algo vivo. Se você não se controla lá dentro, ela controla você, ela leva o sócio à beira do abismo e o joga. Eu caí em queda livre, deslizando por suas paredes e corredores, sendo levada à loucura e à decisões que não eram minhas. Eram impulsos de fúria, de luxúria. E encontrei com Eduardo Constancer. Eu poderia ter parado e me afastado, mas Pandora estava dentro de mim, dizendo em sussurro para eu aproveitar, para eu experimentar. E beijei Ed.

Eu o levei à loucura e fui egoísta, porque sabia que ele me amava e dei esperanças, deixando-

o sozinho em seguida. E lá estava Antone, esperando a primeira oportunidade, mostrando que o sangue Lehanster de Anya era o mesmo que o dele. Ele queria foder comigo, por mais amigo que fosse de Tom, ele assistiu tudo o que aconteceu, manipulando a situação ao seu favor. Ele foi um canalha, mas eu sabia o que fazer. Eu fui gato e rato com ele, eu corri por Pandora procurando minha única ajuda e a mais inusitada, Anya Lehanster.

Mesmo depois de toda a raiva que eu senti dela, de tudo o que ela me fez, eu também era grada à ela porque Anya me guiou para eu me descobrir. E eu sabia que ela gostava de mim, que ela me ajudaria.

Encontrei ela e Enzo dentro de um quarto, aos gritos e interrompi qualquer discussão de irmãos. Contei para ela, e tanto Anya quanto Enzo ficaram furiosos, esperando Antone comigo.

E então entreguei Antone de bandeja para

os próprios irmãos. O que aconteceu entre eles depois? Isso é problema Lehanster que não quero saber.

Eu me afastei de Tom, eu havia decidido que não queria mais ele. Eu sofri, eu me aventurei por escolhas que jamais pensei em fazer, cheguei a viajar e conhecer outras pessoas. Mas eu queria Tom ainda, e ele tentou ao máximo se redimir, deixando claro o quanto estava afundado em querer me salvar do que Antonella poderia fazer.

E no final, ela fez do mesmo jeito, e isso me fez aceitar quem eu era. Graças ao meu autoconhecimento, à ajuda de Anya e minha entrega, eu não me importei realmente com as fotos, eu aceitei Tom de volta e o perdoei.

Olho pelo espelho o homem loiro descer as escadas do grande salão de entrada da casa. Sorrio, vendo seus olhos azuis escuros me procurarem e pararem fixos em mim. Ele sorri satisfeito, uma

autoridade estampada em seus olhos ferozes, sua expressão de prazer em saber que sou sua.

Tom caminha devagar na minha direção e o observo pelo espelho. Ele carrega duas máscaras pretas. Desço os olhos pelo seu pescoço, seus ombros largos, irresistíveis e o peito definido e quente marcado pela camisa social. A gravata borboleta preta o deixa ainda mais elegante, e Tom sorri sedutor, parando atrás de mim.

Meu coração se torna uma bateria frenética, batendo em ritmos acelerados e descompassados. O calor sobe pelas minhas pernas ao me lembrar que esse homem delicioso é meu, apenas meu e seu prazer está entregue à mim. Minha intimidade se derrete com a ideia e sorrio eufórica, sentindo o calor em ondas pelo meu corpo, a sensação de que estou enfeitiçada, uma realidade deliciosa.

—Minha Alice — ele sussurra, contornando meu corpo com os braços, um de cada

lado, e me abraça por trás, respirando fundo contra o meu pescoço. Sua respiração quente me arrepia, causando uma vertigem que arrepia todo o meu corpo. Suas mãos se postam na frente do meu corpo, segurando as máscaras, e vejo a aliança de ouro no seu dedo. Tom é meu.

Sorrio, decidida a ir em frente. Coloco as minhas mãos sobre as suas, usando a aliança de ouro também, o anel de noivado e o outro anel que Tom, há muito tempo atrás, deu para mim. Nunca imaginei que estaria desse jeito, nessa vida, algo totalmente diferente da realidade do começo de tudo, mas agora entendo e quero. Esse é o mundo de Tom.

Fito ele pelo espelho, vendo-o encostar o queixo quadrado no meu ombro, com as mãos estendidas na minha frente e as minhas sobre as máscaras.

—Eu não quero máscaras — sussurro

séria, e Tom arqueia uma sobrancelha, me fitando ferozmente.

—Você quer ir sem máscaras? — ele pergunta sedutor em um sussurro. Sua voz rouca é um arrepio no meu ouvido e derreto ainda mais, imaginado-o nu com essa voz rouca. Porra, eu mergulhada no tesão, afundando cada vez mais. Quero ele agora.

Respiro fundo e sinto seu perfume doce, seu cheiro quase comestível.

—Quero — sussurro firme — hoje eu não quero máscaras em Pandora. Quero o que Pandora tem à nos oferecer, Tom — digo devagar e sorrio, vendo sua expressão se tornar pura luxúria. Seus olhos azuis escuros se tornam selvagens e ele sorri satisfeito.

—Sem máscaras, minha Alice — ele sussurra contra o meu ouvido — apenas nós dois.

Me derreto dentro dos seus braços,

sentindo-o quente, muito quente. Meu coração dispara ainda mais, minha pele arrepia e a vertigem aumenta, trazendo junto a adrenalina, aquela sensação emocionante que faz o corpo enlouquecer. Respiro fundo, sentindo minha respiração entrecortada e mergulho no azul escuro dos seus olhos.

A campainha toca e dou um pulo. Tom sorri e se afasta. Me viro, ficando de frente para ele, e pego as máscaras, colocando-as no balcão embaixo do espelho. Uma porta é aberta e o mordomo deixa um grande segurança negro, de terno e gravata entrar. Ele caminha na nossa direção, autoritário e profissional e no mesmo segundo Tom agarra a minha mão, entrelaçando nossos dedos. Olho para ele, vendo a urgência em seu semblante, desestabilizando todas as emoções do meu corpo.

—Vamos? — ele sussurra com a voz rouca, e perco a voz, apenas assentindo. O

segurança para na nossa frente, com duas vendas pretas na mão. Ele olha para Tom.

—Sr. Haltender — o segurança diz sério, e Tom apenas assente, deixando-o se aproximar. Fito o rosto apreensivo de Tom, eu sei que ele não gosta de perder o controle. Ele é vendado, tapando seus olhos azuis escuros, e fito o seu maxilar marcado, retesado. O segurança se vira para mim — Sra. Haltender? — sua pergunta me tira do chão, acho que nunca vou me acostumar a ser chamada assim. Sorrio nervosa, e assinto. Ele dá dois passos na minha direção e levanta a venda preta.

Tudo se torna escuro. Todas as minhas sensações são intensificadas, e aperto ainda mais forte a mão de Tom, sentindo seu aperto possessivo, autoritário. Meu coração ressoa em meus ouvidos, o suor frio começa a envolver meu corpo e minha respiração alta e rápida mostra o quanto a vertigem do desconhecido, do que está por

vir injeta ainda mais adrenalina no meu organismo, me fazendo tremer. Eu pareço explodir em emoções e sensações prazerosas, e sorrio, gostando da sensação.

E no escuro, uma pergunta surge na minha mente. Anya estará lá para cobrar o seu favor?

Eu estou indo para Pandora. Hoje, o que ela reserva para nós?

ALICE

Eu estou em Pandora.

Ouço passos ao meu lado e duas mãos firmes puxam minha venda. Abro os olhos, fitando o hall escuro. Um pouco de luz esbranquiçada passa debaixo de uma grande porta a minha frente, preta. Sinto a mão de Tom apertar a minha com força, como se ele estivesse tão ansioso quanto eu.

Respiro fundo, sentindo meu coração sair pela boca.

Há quanto tempo eu não sentia essa sensação de estar em Pandora?

Ainda no escuro ouço passos e a grande porta a minha frente abre devagar, rangendo baixo. Vejo pela claridade que entra o segurança abri-la ainda mais, usando uma grande máscara de corvo. Abro a boca, encarando-o e um corredor se estende à frente. Tom me impulsiona para frente, caminhando ao meu lado e dou um passo firme em direção ao corredor.

—Está pronta? — ele sussurra ao meu lado e sorrio, assentindo devagar, mesmo sabendo que na penumbra ele não verá. Eu estou pronta para Pandora, hoje eu sei.

Caminho firme ao seu lado e passo pela grande porta, ouvindo-a ranger atrás de mim, se fechando. Paro no início do corredor estreito. Olho

para os lados, suas paredes altas são da cor vermelho escuro como sangue. As luzes que incidem do teto para o chão são vermelhas também, deixando penumbra entre as lâmpadas vermelhas afastadas por metros. O estreito corredor é comprido e vejo no fundo a saída. E a mulher de quatro.

Abaixo os olhos, fitando meu anel em forma de P. Quando imaginei que eu estaria nessa situação no início de tudo?

Levanto os olhos novamente e sorrio. Olho para o meu lado esquerdo, encontrando Tom parado ao meu lado, com os olhos fixos em mim. Seus olhos azuis escuros são ferozes em mim, como se me ver aqui já fizesse Tom querer transar comigo. Mordo o lábio inferior e volto a olhar para frente.

—Vamos? — sussurro para ele e Tom aperta minha mão com força, entrelaçando nossos

dedos, consentindo. Caminho firme ao seu lado, ouvindo a música grave de Pandora, sem vocal, começar a se tornar mais alta.

A mulher de quatro começa a parecer ficar mais perto e percebo que ela anda de um lado para o outro da porta, algo que antes não fazia. Seu rabo de gato arrasta da sua bunda exposta pela calcinha fio-dental até o chão. Uma meia-calça rendada começa no início da sua coxa, descendo até seus saltos altíssimos. Suas mãos estão cobertas por luvas que vão até os cotovelos e seus seios estão à mostra. Um espartilho que começa no início das costas até o quadril reluz na luz avermelha sobre ela, de verniz duro.

Caminho devagar, com os olhos fixos nela. Em seu pescoço uma grande coleira de couro combina com a máscara de gato que cobre apenas seus olhos. Um batom vermelho destaca seus lábios carnudos e assim que ela nos vê se aproximar, para,

de frente para nós.

—É sempre a mesma? — pergunto para Tom, tentando me lembrar da última que vi, e então reparo que o cabelo dessa é avermelhado, diferente da última vez — não — murmuro a resposta no mesmo instante.

Paro na frente da mulher-sexual, fitando-a engatinhar na nossa direção, de quatro. Tom larga a minha mão e a estende para frente, deixando o anel com o P à mostra. Faço o mesmo e observo a mulher-sexual, de quatro, parar de frente para o seu anel. Sua língua saí da boca e passa pelo anel devagar. Tom abaixa a mão e a vejo virar o rosto, me encarando por alguns segundos.

E uma pergunta se forma na minha mente. O que essa mulher sexual pensa de nós, clientes?

Respiro fundo, vendo-a dar um passo de quatro na minha direção. Sua língua passa pelo anel apenas, devagar e então ela engatinha novamente,

dando as costas.

A mulher-sexual para ao lado da porta, nos dando passagem. Tom agarra a minha mão, desviando meu foco e dou um pulo. Olho para ele e sorrio, percebendo o quanto estava absorvida pela mulher-sexual.

Tom me puxa para frente, me guiando para a saída do corredor e empurra a porta para frente. Um imenso salão se estende à frente, arredondado, com uma grande escadaria dourado-escuro no meio. Um ostentoso tapete vermelho esconde os degraus e o piso do salão é preto reluzente, reluzindo as luzes de LED fracas, deixando o ambiente em uma atmosfera de penumbra.

Sócios e sócias mascarados, com máscaras de animais e outras mais simples, pretas e apenas nos olhos, transitam pelo salão, com os olhos felinos ao redor ou conversando baixo. Homens-sexuais e mulheres-sexuais passam vestidos com

capas pretas, de couro, arrastando no chão, com os seios à mostra e apenas uma calcinha de couro pequena, assim como os homens apenas com uma cueca de couro justa, segurando bandejas com taças de bebidas caras.

Tom aperta ainda mais a minha mão, com os olhos fixos em mim, tentando desvendar meus pensamentos.

Nas paredes ao redor do salão, candelabros altíssimos estão encostados, e entre cada candelabro, distanciados em três metros cada um, há uma grade preta, do teto ao chão, prendendo mulheres-sexuais imóveis contra a parede, com os olhos fixos em nós, sem máscaras, agachadas, estáticas e iguais, como estátuas. Seus mamilos estão tapados com tarjas pretas, um espartilho desce do início da costela até o quadril, se juntando à calcinha e às meias rendadas. Saltos pretos reluzem sob a penumbra e seus lábios estão

pintados com batom vermelho vivo. Luvas cobrem seus braços ate os cotovelos e reparo que todas são morenas, com os cabelos pretos lisos, descendo pelas costas.

Em cada uma, uma luz vermelho-escuro incide forte, em um círculo, iluminando-as, destacando-as na penumbra dentro da grade.

-Qual o tema desta noite? — sussurro para Tom, olhando ao redor.

—Ainda não sei. Saberemos no espetáculo principal — Tom sussurra, aproximando os lábios do meu ouvido esquerdo. Sua mão solta a minha e sobe até as minhas costas, se espalmando devagar, com força, uma demonstração de que quer dizer que está comigo. Olho para ele, vendo seus olhos azuis escuros ainda fixos em mim e sorrio.

—O que foi? — pergunto sem graça, sem entender o por quê de tanto me encarar. Tom sorri sedutor e um garçom vestido de capa preta, com o

rosto coberto pelo capuz escuro, cueca de couro e botas de couro passa por nós, segurando uma bandeja com taças de vinho branco. Tom pega uma taça, oferecendo para mim. Aceito, pegando-a e observo ele também pegar uma.

—Por que me olha tanto? — insisto e observo ele levar a taça até os lábios entreabertos. Tom sorri torto, charmoso e me olha pelo canto do olho.

—Porque não consigo acreditar que o que vejo em seus olhos é fascínio por Pandora, minha Alice. Você está radiante aqui, eu nunca imaginei que você fosse gostar deste evento mais do que eu — ele sussurra com a voz rouca. Abro a boca, surpresa e sorrio também, percebendo que o que ele falou é verdade. Eu me sinto confortável agora, eu sinto que pertenço à esse lugar.

Viro o rosto, voltando a olhar ao redor. Mais de cem sócios transitam pelo salão, alguns

entram ou saem de corredores. O salão circular possuí quatro entradas para corredores, duas de cada lado, deixando a escadaria no centro. Uma sócia passa por nós, com uma taça na mão ao lado de um sócio. Seus rostos estão escondidos com máscaras de corvo, um bico pontiagudo para baixo. Seu cabelo louro está preso em um coque alto e um imenso decote desce até o seu umbigo no vestido preto, justo e cintilante.

Os sigo com os olhos, vendo-os adentrar em um corredor na penumbra. A música grave parece aumentar, se intensificando dentro de mim, acompanhando as batidas enlouquecidas do meu coração, que parece saltar a cada segundo. Sinto minhas mãos suarem frio ao observar as mulheres-sexuais apenas de calcinha, meia-calça rendada e saltos, com o rosto coberto pelo capuz da longa capa preta, servirem os sócios.

—Eu também não — sussurro para ele,

voltando ao assunto — eu também não consigo entender como me sinto tão atraída, tão fascinada. A cada evento eu me envolvo mais, eu sinto que faço parte disso, que aqui é o nosso lugar — murmuro para ele. Tom sorri e o encaro. Ele vira a taça, esvaziando-a e se vira de frente para mim, colocando uma mão no meu rosto.

—Você se sente assim porque você ama o sexo como eu. Não é apenas um ato, é uma forma de se conhecer, de conhecer a outra pessoa. Nós nos conhecemos dessa forma tão intensa, minha Alice. E dentro de Pandora é que eu percebi que você deveria ser minha realmente — ele sussurra com a voz rouca e dá um passo na minha direção, aproximando nossos corpos. Sinto o calor subir pelas minhas pernas, arrepiando meu corpo e sinto o ambiente se tornar abafado. Sua mão no meu rosto é macia, quente e mordo o lábio inferior, sorrindo.

—Você me deixou dominá-lo — sussurro, me lembrando do primeiro evento. Tom assente devagar, com a expressão devassa, os olhos azuis escuros ferozes em mim e aproxima o rosto do meu até ficar rente. Ouço sua respiração pesada, seu tesão irresistível e sinto meu coração bater frenético. Ele me encara ferozmente.

—E hoje eu deixarei novamente — Tom sussurra com a voz rouca, me seduzindo. Merda, se antes eu já estava excitada, agora quero abrir mão do espetáculo principal e fazer isso dentro de um quarto. Coloco a minha mão sobre a dele, sentindo-a muito quente e avanço contra ele, colocando nossos lábios. Envolvo seu pescoço com os braços, segurando a taça ainda e grudo nossos corpos, atritando minha virilha contra a dele.

Tom arfa roucamente contra os meus lábios, agarrando meu corpo com um braço. Sua mão desce abruptamente até a minha bunda,

apertando-a com força, fincando o dedos no tecido do vestido. Gemo contra os seus lábios, desejando transar com ele. Sua língua molhada invade minha boca, explorando-a devagar, como se quisesse saboreá-la. Ela vaga lenta contra a minha, encostando a ponta e seus lábios molhados pressionam os meus em um beijo profundo. Envolvo sua língua com a minha, sentindo seu outro braço envolver meu quadril, enquanto sua mão aperta minha bunda, me empurrando contra sua ereção potente que sinto contra a minha intimidade. Tom está enlouquecendo. Subo com uma mão até a sua nuca, agarrando seus cabelos, beijando-o ferozmente e adentro com a língua na sua boca, explorando-a, dominando sua língua. Sinto seus lábios se curvarem em um sorriso contra os meus e mordo seu lábio inferior com força, tomando-o para mim. Esse homem é meu, seus lábios são meus, seu coração é meu, seu sexo é

meu.

Ele afasta o rosto do meu e abro os olhos, encontrando os seus, azuis escuros, me devorando.

—Quer transar aqui? — ele pergunta com a voz arrastada, inundado de tesão.

Minha intimidade pulsa, se derretendo. Sinto meu corpo gritar de vontade e atrito as pernas, com um tesão avassalador. O arrepio sobe a minha espinha e a vertigem se expande com a ideia de transar no salão central.

Tom percebe que estou inclinada a aceitar e arregala os olhos, surpreso.

—Você quer? — ele insiste com a voz rouca, autoritária, arqueando uma sobrancelha. Sorrio e assinto devagar. No mesmo momento a música se torna ainda mais alta e uma luz vermelho-escuro se acende no alto da escadaria, forte, chamando a atenção de todos.

Tom vira a cabeça sobre o ombro, olhando

também e sinto que a oportunidade acabou. Agora começará o espetáculo principal.

—Porra — Tom rosna e vira a cabeça, me encarando com desejo. Nego com a cabeça e sorrio satisfeita. Coloco o dedo indicador sobre seus lábios e aproximo os meus.

—Agora terá que esperar. Consegue aguentar o tesão, Tom? — sussurro contra os seus lábios. Seus olhos me fuzilam, desejosos. Seu semblante é de pura luxúria e ele retesa a mandíbula.

—Só deixarei você ver esse espetáculo, Alice, depois disso — ele hesita, me encarando autoritário — eu farei você gemer — ele sussurra sedutor contra o meu dedo e o abocanha. Seus lábios macios se fecham ao redor do meu dedo e sinto sua língua passar por ele, chupando-o. Arfo, sentindo o tesão se tornar insuportável. Minha intimidade derrete dentro da minha calcinha, é

como se eu não conseguisse pensar nada a não ser foder com ele, realmente.

Seus olhos azuis escuros são fixos em mim enquanto ele chupa o meu dedo e puxo a mão, vendo-o sorrir ao perceber que não estou aguentando. Ele dá um passo para trás e pisca para mim, vindo ao meu lado. O sigo com os olhos e Tom cola nossos corpos, lado a lado. Franzo a testa, sem entender e lentamente sua mão direita para no alto das minhas costas. Ele se inclina, sussurrando contra o meu ouvido esquerdo.

—Assista ao espetáculo, minha Alice — ele sussurra e sua mão desce pelas minhas costas, firme, autoritária até parar na minha bunda. Ele a aperta com força, muita força e dou um pulo. No mesmo instante ele dá um tapa, tornando minha intimidade encharcada. Porra, vou ter que agarrar ele se Tom continuar assim. Reteso a mandíbula, controlando meu tesão. Sua mão volta a apertar

com força minha bunda e olho para ele, que fita as escadarias como se não estivesse me provocando. Merda, ele está fazendo de propósito.

E então do alto da escadaria, uma porta se abre embaixo da luz vermelho-escuro. Meus olhos se fixam lá enquanto sinto Tom apertar minha bunda com força. Seus dedos parecem acariciar ao mesmo tempo e a vertigem diante do desafiador, do desconhecido me deixa flutuar em adrenalina.

Um mulher-sexual aparece no alto da escada. Seus longos cabelos louros, lisos, descem pelos seus ombros nus. Ela está nua, apenas vestindo luvas vermelhas até os cotovelos, saltos pretos, uma meia-calça rendada preta até a cinta-liga no meio das coxas e uma longa capa vermelha escura, da cor das luvas. A capa desce pelas suas costas, preta nos seus ombros, embaixo dos cabelos louros, e sobe pelo seu pescoço formando um capuz redondo, grande, escondendo seu rosto.

Seus seios redondos estão à mostra, assim como sua intimidade lisa. Ela caminha devagar e começa a descer a escadaria, colocando a mão direita no corrimão dourado da escadaria. Seus saltos descem degrau por degrau contra o tapete vermelho escuro que cobre os degraus dourados da escadaria. Olho ao redor e vejo lentamente os sócios pararem de andar, parados com a cabeça erguida para olhar a mulher-sexual na escada.

Desvio os olhos para Tom, vendo-o com os olhos fixos na mulher-sexual. Volto a olhá-la, vendo-a descer, com rosto oculto pelo capuz, os cabelos louros lisos. Ela desce lentamente cada degrau, e a cada degrau meu coração acelera ainda mais. Pandora transforma minhas emoções, intensificando-as, transforma meu corpo. Sinto meu coração enlouquecido e minha respiração se torna entrecortada. A mulher sexual desce ainda mais devagar, passando a mão pelo corrimão, seu quadril

delineado, arredondado, dança de um lado para outro em um rebolar hipnótico enquanto ela desce os degraus e então ela para no último degrau, imóvel, de frente para nós.

Suas mãos se levantam e ela agarra a borda do capuz, jogando-o para trás. Arregalo os olhos, fitando seus olhos claros, seus cabelos louros e tenho a impressão que essa mulher é parecida comigo. É como se ela fosse minha substituta. Abro a boca, incrédula. Anya me queria no espetáculo, Anya me convidou, insistiu e então me presenteou. Mas eu neguei. Era para ser eu?

Sinto Tom se mexer incomodado do meu lado e percebo que ele também está com essa impressão. E está odiando pensar nisso.

Sua mão permanece imóvel na minha bunda e percebo pela sua expressão que ele está furioso. Desvio os olhos para a mulher-sexual novamente e então a analiso mais afinco. Seu corpo é magro

como o meu, o louro dos seus cabelos é como o meu, assim como seu comprimento. E então meus olhos pousam em suas luvas vermelhas. Uma réplica do meu anel de noivado. Porra, o que Anya pensa que está fazendo? É uma grande filha da puta, mesmo.

—Tom — murmuro mas ele parece não me ouvir. Seus olhos azuis escuros continuam vidrados na mulher-sexual e volto a encará-la, imóvel no pé da escada, um degrau acima de nós. Todos estão em silêncio e a música grave aumenta ainda mais. Uma luz vermelho-escuro surge sobre a mulher-sexual e ela lentamente desce o último degrau.

Ouço correntes baterem no chão e ergo os olhos, vendo no alto da escada, sob a luz vermelho-escuro, cinco mulheres sexuais, vestidas com espartilho preto de couro, que começa do alto do pescoço, cobrindo-o como uma coleira, descendo

pelos ombros, contornando os seios à mostra, assim como os mamilos rijos, e descem pela costela até a virilha, escondendo a intimidade. Suas pernas estão cobertas pela meia-calça rendada, e em cada coxa há um P desenhado, grande. Saltos vermelhos fazem contraste com a meia-calça e o espartilho preto, e todas são louras, com os cabelos presos em um rabo-de-cavalo. Seus rostos estão escondidos por uma máscara de couro preta, tapando apenas os olhos e seus lábios estão vermelhos.

Elas saem pela porta puxando correntes grossas, fazendo força, como se estivessem dominando uma fera.

E então as correntes são puxadas ainda mais e um homem-sexual surge. As correntes estão ligadas à uma coleira de couro grossa no seu pescoço. Seu peito largo, musculoso, está coberto por um avental de couro, seus braços musculosos estão nus, assim como seus ombros e suas costas.

Ele está descalço, com o membro duro sendo delineado pelo avental solto, sendo possível vê-lo de lado. Suas mãos grandes agarram as correntes, como se ele quisesse se livrar da coleira e seu rosto está coberto por uma máscara grande, em um formato oval, sem aberturas, apenas uma pequena abertura onde seria o nariz, no qual passa uma grande argola. Dois pequenos buracos existem onde são os olhos e chifres grandes sobem pela máscara, que contorna toda a cabeça, de frente até a nuca.

Ele se chacoalha, enlouquecido contra as correntes, tentando se libertar, como um touro furioso.

As mulheres-sexuais que o dominam fazem ainda mais força, puxando-o para frente e ele chacoalha a cabeça, ensandecido, tentando se libertar, mas é arrastado para frente, se deixando dominar. Elas o puxam, descendo as escadas, e lentamente observo as mulheres descerem devagar,

juntas, como uma encenação treinada segundo por segundo. Seus saltos batem nos mesmos degraus ao mesmo tempo, iguais e o homem-sexual vestido de touro desce um degrau a cima. Cada movimento em conjunto, perna com perna e meu coração bate dentro da minha boca, descendo junto. Sinto o tremor de adrenalina pelas minhas pernas, os pelos do meu corpo arrepiados e a vertigem dando um nó no meu estômago.

A mulher-sexual loura, de capa vermelha permanece imóvel no pé da escada, alheia ao que acontece às suas costas. Lentamente as mulheres sexuais com o touro começam a se aproximar e abro a boca, vendo a mulher-sexual de capa vermelha virar a cabeça sobre o ombro, fitando-os. Ela volta a olhar para frente e caminha firme, se afastando até parar no meio do salão.

E então ela agarra a capa que desce pelas costas, pegando-a dos dois lados e a abre como se

formasse asas, levantando os braços. A mulher-sexual se vira de frente para as outras, que descem com o touro.

O touro parece enlouquecer, se debatendo contra as correntes que descem do seu pescoço e as agarra com as grandes mãos, puxando-as. A coleira saí do seu pescoço e as cinco mulheres-sexuais param, como se travassem. Dou um passo para trás, fascinada com a cena, e sinto a mão de Tom subir pelas minhas costas.

Olho para ele, vendo-o também com os olhos fixos no touro enlouquecido, agora liberto.

As mulheres sexuais se viram de frente para a mulher-sexual de capa vermelha e todas sobem um degrau, parando em fileira, lado a lado, atrás do touro enlouquecido, que ergue as grossas correntes. Ele retesa os grandes músculos dos braços, assim como do ombro e desce um degrau devagar, como se estivesse furioso, marchando. Ele desce mais um

degrau e a música se torna ainda mais alta. Um homem-sexual passa por mim segurando uma bandeja e pego mais uma taça de vinho branco, devolvendo a vazia. Tom faz o mesmo, com os olhos fixos no touro.

Volto a encarar o homem-sexual vestido de touro, que desce firme os degraus, de forma ameaçadora, segurando as correntes. Ele para no último degrau e a mulher-sexual de capa, com os braços erguidos, olha para os lados. Ela se vira e começa a correr na nossa direção. Antes que chegue perto dos sócios ela para, se inclinando e estendendo os braços para frente em sinal de desespero, pedindo ajuda. O touro desce o último degrau e a mulher-sexual corre para o lado direito, fazendo o mesmo gesto. Ele a acompanha com a cabeça, enquanto ela corre para o lado esquerdo, fazendo novamente o gesto de desespero, pedindo ajuda. As cinco mulheres-sexuais descem as

escadas devagar, passando pelo touro e pegam as correntes da mão dele. O touro permite, imóvel no pé da escada.

A mulher-sexual vestida com a capa olha para trás, desesperada, vendo as cinco mulheres-sexuais se aproximarem dela e caí de joelhos, abaixando a cabeça.

Abro a boca, absorvida pela visão de dominação. As cinco mulheres-sexuais caminham firmes até pararem de frente para a mulher-sexual de capa, ajoelhada e de cabeça abaixada. Uma das cinco se inclina para frente e levanta a cabeça da mulher-sexual de capa, fazendo-a fitar seu rosto. As outras quatro a contornam e uma delas pega a capa, puxando-a com força, arrancando-a dos seus ombros. A capa voa pelo ar, vermelha como sangue, como um prenúncio.

A mulher-sexual nua agora, permanece de cabeça erguida e uma das quatro se inclina atrás

dela, colocando a coleira com as grossas correntes de guia. A corrente bate contra o piso preto, reluzente e uma luz vermelho-escuro se acende, de forma a focar na mulher-sexual nua.

As cinco mulheres-sexuais se afastam, formando um círculo ao redor da ajoelhada e o touro começa a caminhar firme, autoritário, um dominador completo. Sinto minha intimidade pulsar com a cena, como se ver a dominação aflorasse meu tesão.

O touro caminha firme e para de frente para a mulher-sexual ajoelhada. Uma outra, parada em círculo estende a mão, oferecendo a guia de corrente para o touro. Esse agarra as correntes e puxa com força, fazendo a mulher-sexual cair de quatro na sua frente.

Ele dá um passo para trás e a puxa. A cada passo que ele dá, ele a puxa com força, fazendo-a engatinhar de quatro e ambos andam no mesmo

ritmo. Meu coração parece acompanhar esse ritmo firme, um martelo contra o meu peito. Tom desliza a mão pelas minhas costas e agarra a minha mão, entrelaçando nossos dedos.

O touro para no meio do salão, de lado para as escadarias e puxa com força as correntes, mandando a mulher-sexual se aproximar. Ela engatinha rápido e para aos seus pés, se ajoelhando, sentada sobre os pés. Ela lentamente levanta a cabeça, encarando o touro musculoso, que a domina.

Ela lentamente ergue os pulsos para ele e o touro os envolve com as correntes da guia, mantendo-a também algemada, uma completa submissão.

Aperto com força a mão de Tom, com os olhos fixos no espetáculo, sentindo sua pele quente, sentindo-o comigo.

O touro solta as correntes, que pendem para

baixo, envolvendo os pulsos ainda erguidos da mulher-sexual e agarra seus cabelos, deixando a mão firme, aberta, contra a nuca da mulher. Com a outra mão ele agarra a borda lateral do avental e o puxa para o lado direito, revelando seu corpo nu. Seu abdômen definido, com os gomos descendo delineados pela barriga, seu quadril marcado, seu ventre definido e seu membro grosso e grande contra ele, ereto em uma potente ereção. Respiro fundo, me sentindo molhada e o touro empurra a cabeça da mulher-sexual contra seu membro. Ele segura a base do membro para ela, fazendo-a abocanhá-lo quase por completo. O touro permanece imóvel, fazendo a mulher-sexual chupar sem membro em um ritmo rápido, indo e voltando, com a mão firme na cabeça dela, dominando-a, ditando o ritmo.

Observo sem conseguir desviar o olhar e o touro solta a base do membro, deixando-a subir e

descer com a boca. Ele agarra novamente as correntes e a puxa com violência para cima. A mulher-sexual se levanta, parando em pé na frente dele, nua.Ela encara a máscara de touro do homem-sexual e ele agarra sua bunda com as mãos, fincando os dedos na carne, puxando-a contra seu corpo.

As cinco mulheres sexuais começam a caminhar, se aproximando e agarram os braços da mulher-sexual nua, puxando-a para trás. O touro agarra sua bunda com mais força, formando um cabo de guerra e as cinco mulheres-sexuais puxam ainda mais para trás, libertando a outra das mãos do touro. A mulher-sexual nua levanta as mãos unidas pela corrente e cobre o rosto, sendo levada para a escadaria. O touro marcha atrás dela, enfurecido, buscando-a. As cinco mulheres-sexuais a jogam contra os primeiro degraus da escadaria e ela para de quatro, com as pernas em um degraus e os

cotovelos apoiados nos degraus de cima. Abro a boca, vendo o touro caminhar firme até parar atrás da mulher-sexual de quatro. As cinco mulheres-sexuais o contornam, fazendo um círculo ao redor do touro e se aproximam, colocando as mãos em seu corpo, acariciando seus ombros, suas costas. Uma delas, no lado direito, puxa o avental, deixando o seu membro duro e grosso visível. O touro agarra a bunda da mulher-sexual de quatro e a penetra por trás. Abro a boca, observando as mulheres-sexuais ao redor dele continuarem a acariciá-lo. Duas agarram sua bunda, uma de cada lado, apertando-a com força, enquanto ele estoca com violência a mulher de quatro. A música grave se torna mais alta e rápida, como se acompanhasse o ritmo que o touro transa com a mulher-sexual. As cinco mulheres-sexuais continuam a acariciá-lo, passando a mão pelo corpo do touro, enquanto esse estoca forte, entrando e saindo de trás da mulher-

sexual. Ele dá um tapa forte em sua bunda, agarrando-a com as duas mãos.

A luz vermelho-escuro incide sobre eles, tornando a cena ainda mais intensa. Do alto da escadaria a luz vermelho escuro acende novamente e surge um homem-sexual nu, com o membro ereto, grosso. Em suas costas desce uma capa preta, ele veste uma máscara que cobre apenas os olhos e um grande chapéu antigo. Ele olha para a cena nas escadas e levanta as mãos, segurando grossas correntes.

As cinco mulheres-sexuais recuam, parecendo assustadas, se afastando do touro que continua a estocar com força na mulher-sexual de quatro. O outro homem-sexual, com o chapéu de príncipe, segurando grossas correntes, moreno e com os músculos retesados, vestindo apenas botas de couro com um P pintado de preto no meio do peito, desce as escadas correndo.

Ele levanta as correntes no alto e as rodopia no ar. Sinto meu coração rodopiar junto e fixo meus olhos na corrente de metal preta. Ela gira no ar, gira e gira novamente, balançando no ar, descendo conforme o homem-sexual desce.

Ele para de frente para a mulher-sexual de quatro, sendo dominada pelo touro, e esse continua a estocar com força. O outro homem-sexual passa por eles e para atrás do touro. Franzo a testa, tentando entender e arregalo os olhos, vendo-o passar a corrente no pescoço do touro e puxá-lo com força para trás, como se estivesse salvando a mulher-sexual do touro.

O touro é jogado para trás, caindo de costas no chão do salão. Vejo a bunda vermelha da mulher-sexual e o touro se debate no chão enlouquecido, com a corrente envolta do pescoço.

O outro homem-sexual, com chapéu de príncipe para de frente para a mulher de quatro, que

se vira de frente, sentando no degrau das escadas. Ela lentamente encosta as costas no degrau de cima e abre as pernas, oferecendo-se como um agradecimento.

As cinco mulheres-sexuais correm na direção do touro, puxando-o pela corrente, afastando-o e eles sobem pela escada. O touro se debate furioso, passando pela mulher-sexual deitada nas escadas. Volto a encarar o homem-sexual príncipe, que se ajoelha no meio das pernas da mulher, segurando o membro erguido e a penetra com força.

Ele começa a estocar com força, enquanto a mulher-sexual envolve seu quadril com as pernas, ainda com os pulsos algemados com a corrente.

—Vamos caminhar? — Tom sussurra no meu ouvido. Franzo a testa e olho para ele, me surpreendendo. Seus olhos estão inundados de luxúria, deixando explícito que ele está com muito

tesão. Sinto o fogo subir pelas pernas, se alastrando pelo meu peito e assinto devagar.

—Vamos — sussurro — quero fazer o mesmo que você.

Tom sorri e se vira de costas, me puxando pela mão.

Tom caminha entre os sócios, abrindo espaço, e homens-sexuais e mulheres-sexuais com bandejas passam por nós, servindo os sócios. Ele passa entre os sócios e passo atrás dele, me desviando dos corpos. Olho ao redor, observando que o espetáculo ainda não acabou. A mulher-sexual continua a transar com o homem-sexual nas escadas. Tom me guia para o corredor do lado esquerdo do salão e assim que passo pelas paredes com castiçais e mulheres-sexuais, as duas mulheres-sexuais dos lados do corredor viram o rosto para nós, nos fitando intensamente.

Adentro pelo corredor de Pandora, atrás de

PERIGOSAS NACIONAIS

Tom. O corredor é igual aos de todos os eventos. Estreito e comprido, com o teto preto, assim como as paredes e o chão. Luzes de LED fracas passam por cima, das laterais do teto, deixando o corredor na penumbra. Meus olhos se acostumam com a penumbra e sócios passam por nós. Pessoas-sexuais também, entrando em quartos de portas abertas, sendo seguidos por sócios. Tom caminha firme na minha frente, me guiando pelo corredor de Pandora e vejo ao longe, no corredor, uma mulher-sexual caminhar devagar na nossa direção. Ela está nua, com meia-calça rendada até metade da coxa, saltos vermelhos, finos e altíssimos. Seu rosto está coberto por uma máscara circular preta, de couro, escondendo-o por completo, deixando-a cega. Ela caminha com os braços erguidos, tateando para frente, realmente cega. Seus mamilos estão escondidos por tarjas, no meio deles uma tira de couro caí da sua máscara e ela vaga pela penumbra

PERIGOSAS ACHERON

do corredor, cega e desorientada.

—Aonde você quer ir? — pergunto para Tom, atrás dele. Ele para, observando a mulher-sexual se aproximar. Ela passa por nós, tateando para frente, sem nos encostar e a fito fascinada, vendo-a continuar pelo corredor. Sócios e sócias se desviam dela, assim como pessoas-sexuais vestidas com espartilho de couro, deixando à mostra os seios ou cuecas de couro.

—Para um lugar onde posso transar com você — Tom responde direto com a voz rouca. Respiro fundo, sentindo meu tesão saltar dentro da minha intimidade. Se ele quer, então tenho pressa, muita pressa. Olho ao redor, vendo várias portas de quartos abertas, quartos com espetáculos. Aperto sua mão e passo por ele, puxando-o. Tom arqueia uma sobrancelha, me devorando com os olhos azuis escuros e o guio pelo corredor, adentrando na primeira porta aberta.

PERIGOSAS NACIONAIS

Paro na porta, fitando o quarto.

Um quarto quadrado, com paredes vermelhas, o chão preto assim como o teto. Não há luzes de LED no quarto mas velas em cima de grandes castiçais sobre mesas redondas, pequenas e pretas e candelabros perto das paredes, um ao lado do outro, com meio metro de distância cada. O quarto, iluminado por luzes amareladas de velas, com um dançar fantasmagórico na penumbra que se forma, está com sócios e sócias, mais de vinte, em pé, parados, com os olhos fixos no espetáculo do quarto, ou caminhando devagar, conversando baixo e bebendo em taças. Outros sócios e sócias estão sentados em três sofás de dois lugares, um de frente para o outro e um no meio dos dois, na lateral, de couro preto. Ao redor dos sofás, mesas redondas, pequenas e altas deixam os castiçais em pé, assim como há estátuas grandes de deusas gregas, todas pretas.

PERIGOSAS ACHERON

Olho ao redor e vejo uma mulher sexual cavalgando de costas para um sócio mascarado com uma máscara que cobre todo o rosto, deixando apenas os olhos e o queixo à mostra. Ele está vestido com o traje black-tie mas com a calça abaixada, deixando a mulher-sexual sentar e levantar no meio das suas pernas, de bunda para ele. Ela está vestida com um espartilho que começa no inicio das costas, deixando seus seios a mostra e acaba no inicio do ventre, com uma tira de couro cruzando a abertura em sua barriga. Em cada coxa está desenhado um P e ela usa saltos vermelhos. Seu rosto está coberto por uma máscara de gato, tapando o olhos e seus cabelos ruivos estão enrolados na mão do sócio, que a força a sentar e levantar, cavalgando devagar.

A visão me deixa excitada e respiro fundo, sentindo a respiração de Tom nos meus cabelos.

—Entre — Tom ordena atrás de mim. Dou

um passo para frente, desviando os olhos para uma sócia de vestido preto, com uma grande fenda lateral. Ela está de pé, apoiada na parede, com os cotovelos, usando uma máscara que tapa os olhos. Seus cabelos escuros caem para o lado, e ela está com a cabeça virada sobre o ombro, fitando o sócio atrás dela, estocando. Ele está com a calça aberta na frente, transando com a sócia de vestido levantado, ambos de pé na parede. O sócio usa uma máscara com chifres, tapando todo o rosto, deixando à mostra seus cabelos castanhos. No sofá, uma sócia abre as pernas e observo um homem-sexual, usando uma cueca de couro e uma coleira grossa, também de couro, caminhar até ela. Ele se ajoelha no meio das pernas dela e puxa sua calcinha para o lado, começando a lamber sua intimidade. O homem-sexual não usa máscaras, revendo um rosto moreno, assim como o corpo e olhos verdes.

A sócia, usando uma máscara rendada que

tapa seus olhos e nariz, joga a cabeça para trás, gemendo baixo, quase inaudível. Seu vestido preto é tomara que caia com duas grandes fendas laterais. Ela agarra os cabelos curtos do homem-sexual, incentivando-o a continuar. Entro no quarto, dando um passo para o lado e Tom para ao meu lado, fitando as duas mulheres-sexuais no centro do quarto, perto dos sofás. Volto meu olhar para elas também. Seus cabelos castanhos caem sobre as costas. Uma delas está sentada sobre as pernas, com os braços para trás e os pulsos algemados. Ela usa uma máscara que cobre apenas os olhos, com pequenos chifres. Seu corpo está nu, coberto apenas com um grande P de Pandora na barriga. Seus mamilos estão escondidos com tarjas e sua intimidade está com um P desenhado sobre ela. Seus saltos vermelhos contrastam com a meia-calça rendada preta.

Encaro seu rosto por alguns segundos, sem

conseguir ver a parte de cima, mas algo nela parece ser familiar. E então me lembro da mulher-sexual que me parou no último evento, pedindo sobre Eduardo Constancer. É ela? Quem é ela?

A mulher-sexual parada atrás dela agarra suas algemas e na outra mão levanta um pênis postiço, grande e de metal. A mulher-sexual sentada no chão levanta a cabeça, abrindo a boca, enquanto a outra se inclina para frente e coloca o pênis postiço na boca dela, fazendo-a chupar com força. A mulher sexual em pé também está nua, com os cabelos louros caindo sobre os seios nus, sem tarja. Ela usa apenas saltos vermelhos e um grande P desenho no meio dos seios. Seu rosto está tapado por uma máscara rendada, cobrindo até o queixo, deixando seus olhos à mostra por uma abertura de riscos, tornando a máscara macabra.

Respiro fundo e olho para o meu lado esquerdo, fitando Tom observar as mulheres-

sexuais. Sinto meu coração bater enlouquecido no meu peito, causando vertigem no meu estômago, arrepiando meus braços e me inundando de adrenalina. Quero transar com Tom aqui, agora. Sinto minha intimidade encharcada pela ideia de ter Tom Haltender aqui em Pandora, meu marido sob os meus domínios. Quero foder com ele nesse quarto, no meio desses sócios, quero que ele me possua. Continuo a encará-lo, esperando ele perceber meu olhar, mas Tom continua a fitar o espetáculo.

Perco a paciência e agarro seu rosto pelo queixo marcado, virando seu rosto para mim. Ele arqueia as sobrancelhas, surpreso, me fitando com os olhos azuis escuros e avanço sobre ele, colando nossos lábios. Seus lábios macios se abrem, pressionando os meus e ele entende o meu tesão, gemendo contra os meus lábios. Tom agarra minha cintura com força, apertando-a com as mãos firmes

e me empurra para trás. Dou passos para trás e bato as costas na parede, abrindo as pernas. Tom empurra a ereção potente contra a minha intimidade, atritando com força. Ele rosna contra os meus lábios, sedento de desejo. Uma de suas mãos sobe pelo meu corpo, roçando a palma no meu vestido, passando pelos seios e parando no meu rosto, segurando-o pelo maxilar. Sua língua avança pela minha boca, feroz, selvagem, buscando a minha em um beijo violento. Tento puxar o ar, mas ele não permite, enlouquecido de tesão. Sua outra mão solta minha cintura e avança contra as minhas coxas, indo para a minha bunda. Gemo e ele a aperta com força, empurrando em direção ao seu corpo. Sinto sua ereção me pressionar na frente e agarro seu rosto com as duas mãos, envolvendo sua língua com a minha, sugando-a para a minha boca. As nossas pontas se encostam e eu envolvo a sua, empurrando-a e invadindo sua boca. Tom geme

roucamente contra os meus lábios, segurando meu rosto com uma mão. Sua outra mão na minha bunda puxa o meu vestido para cima. Envolvo seus ombros com um braço e puxo seu rosto contra o meu ainda mais. Sua boca saí da minha e ele desce, vagando para o meu pescoço.

Sinto o ambiente se tornar abafado, ainda mais quente. É como se eu fosse a chama em cima das velas, queimando sob o pavio que é Tom. Ele geme contra a pele do meu pescoço e sinto seus lábios se abrem contra ela, molhando-a. Sua língua molhada e quente passa na pele, me arrepiando. Jogo a cabeça para trás, gemendo e pulo, sentindo a mão de Tom agarrar minha bunda. Envolvo seu quadril com as pernas, puxando meu vestido para cima. Sua mão continua na minha bunda, apertando-a com força e seus lábios sobem para o meu ouvido.

—Vou querer mais de você hoje, minha

Alice, mais do que você jamais me deu — ele sussurra eroticamente no meu ouvido. Sua voz rouca me arrepia e derreto contra seu corpo, sem entender, sem raciocinar, extasiada em tesão.

—Mais como? — pergunto de olhos fechados, com o tesão me roubando qualquer pensamento. Minha intimidade pulsa desejosa e sinto seu corpo quente contra o meu. Sua mão segura firme meu rosto e seus lábios voltam ao meu pescoço, chupando-o devagar. Sinto sua boca se fechar na minha pele,chupando-a devagar, passando a língua e soltá-la. Seus lábios quentes me esquentam, sinto meu corpo em combustão, em tesão avassalador e sua mão dá um tapa forte na minha bunda. Ele empurra meu corpo ainda mais contra a parede, me mantendo presa ao seu corpo, com as pernas envolta do seu quadril. O aperto mais contra mim, com um braço ao redor do seus ombros largos, me segurando. Com a outra mão

avanço entre nós, puxando sua camisa social para fora da calça, adentrando por baixo dela. Toco com a mão seu peito quente, irresistível e passo os dedos pelos seus gomos definidos. Gemo, sentindo seus lábios quentes pressionarem a pele do meu pescoço. Ele rosna devasso e percebo o quanto ele deseja estar dentro de mim, o quanto Pandora o torna um animal sedento pelo meu sexo.

Eu quero Tom, minha intimidade o quer por inteiro, entrando e saindo, matando o desejo que escorre pelas minhas pernas e me tortura em prazer. E me lembro do que ele falou antes. Gemo, cravando as unhas em seu peito definido, musculoso.

—Mais como, Tom? — gemo a pergunta novamente e abaixo a cabeça, sem fôlego, sentindo meu coração extasiado em tesão, estou excitada demais. Tom respira contra a minha pele, me arrepiando e a morde devagar. Sinto seus dentes

demonstrando o quanto me quer, o quanto está louco de tesão por mim e ele solta a minha pele, lambendo-a. Tom empurra a ereção volumosa e dura contra o meio das minhas pernas e gemo, abrindo os olhos.

—Mais, Alice — ele rosna enlouquecido de tesão e dá um tapa forte na minha bunda, apertando-a com força em seguida, deixando claro o que quer. Arfo, sentindo a vertigem pela ideia elevar o nível do meu tesão. Mordo o lábio inferior, sentindo que estou preparada. Que estou no auge do tesão e confiança com meu marido que posso fazer o que eu quiser, posso tentar ter prazer em tudo. E isso eu ainda não tentei.

—Eu dou, Tom — gemo e Tom para de beijar meu pescoço, levantando a cabeça até ficar com o rosto rente ao meu. Ele me encara ferozmente, com o desejo devastador no rosto, os olhos selvagens em mim.

—Agora? — ele rosna a pergunta com a voz arrastada. Seu rosto é de puro tesão e assinto devagar. Tom avança como um animal contra os meus lábios, me beijando. Sua língua caça a minha com vontade, precisando dela e eu a ofereço, deixando ele me dominar por enquanto. Agarro seus cabelos, bagunçando-os e sua mão solta meu rosto, voando para a calça. Sinto ele começar a desabotoar a calça, apertando com força a minha bunda — porra, Alice, assim você vai me matar, estou tão duro para entrar desse jeito em você — Tom rosna contra os meus lábios, sem parar de me beijar.

Mordo o seu lábio inferior, sem responder, imaginando o quanto ele deve estar duro. Desço com a mão para a sua calça aberta e agarro seu membro dentro dela, sentindo-o duro como uma pedra. Ele pulsa minha mão e Tom avança para o meu pescoço novamente, beijando cada parte da

pele, deixando marcas molhadas. Sorrio extasiada, inundada de tesão, molhada demais para negar qualquer pedido e percorro com os olhos o quarto, atenta para ver se há alguém nos olhando.

Passo os olhos pelas mulheres-sexuais do espetáculo. Agora o quadro se inverteu, e a mulher-sexual que antes fazia sexo oral agora introduzir o pênis postiço na outra mulher, deitada no chão, com as pernas abertas. Sinto minha intimidade pulsar molhada, desejando Tom e seus lábios pressionarem com força o meu pescoço, sua língua passar molhada. Sinto tudo quente, o ar foge dos meu pulmões. Desvio os olhos, vendo sócios e sócias sentados nos sofás, conversando e bebendo, enquanto mulheres-sexuais passam com espartilho preto servindo bebidas. Em pé alguns sócios também conversam, assim como transitam, passando pelo quarto, entrando e saindo da porta à nossa esquerda. Desvio os olhos novamente,

sentindo a mão de Tom apertar com força a minha bunda, desejando meu corpo. Ele arfa contra o meu pescoço, descendo ainda mais e sua outra mão aperta sobe até os meus seios, apertando-os com força. Aperto seu membro, sentindo-o cada vez mais duro e passo o dedo pela grande, sentindo-o molhado, lubrificado de prazer.

Porra, preciso transar agora com ele. Cerro os dentes, gemendo de prazer e percorro os olho para o meu lado direito, na parede ao nosso lado.

Um sócio está parado, encostado na parede, vestido de black-tie. Sua esquerda está segurando a base do seu membro moreno e grosso, saltado para fora da calça aberta, ainda erguida no seu quadril, apenas com o botão aperto para o seu membro sair. A mulher-sexual está ajoelhada na sua frente, chupando com desenvoltura seu membro, com as mãos para baixo, sem segurá-lo, apenas indo e voltando com a boca. A mulher-sexual é loura, com

os cabelos lisos soltos nas costas. Ela veste um espartilho preto, do pescoço até a virilha, tapando seus seios e sua intimidade, de couro preto. Em suas pernas estão o P de Pandora desenhado em cada coxa, sendo coberto por uma meia-calça rendada. Saltos vermelhos contrastam e ela não usa máscara. Sua boca de batom vermelho deixa rastros vermelhos no membro do sócio e subo com os olhos para o seu rosto. Ele está coberto por uma máscara de animal, um corvo com um bico para baixo onde seria a boca. Tom geme contra o meu pescoço e gemo junto, necessitando que ele me penetre, que ele acabe com o tesão.

Agarro seus cabelos louros com uma mão, com força e com a outra tento puxar seu membro para cima, tocando-o dentro da calça, duro e grosso. Tom arfa, enlouquecido e sinto minha intimidade derreter. Estou em puro tesão, sentindo a adrenalina por estar assim, aqui com ele. O

arrepio é enlouquecedor e cerro os dentes, arfando, sentindo sua mão na minha bunda, seus lábios e língua no meu pescoço.

Meus olhos se desviam novamente para o sócio parado na parede, recebendo sexo oral e ele vira o rosto na minha direção no mesmo momento. Sua mão esquerda, livre, enquanto a outra segura o membro para a mulher-sexual chupar, sobe e agarra a borda da máscara, puxando-o para cima. Gemo, enlouquecida para ter Tom, sentindo seus lábios em mim, suas mãos. E então fito o rosto do sócio.

O sangue foge do meu rosto e encaro seus olhos claros. Eu o reconheço. Abro a boca, sem reação. É Nicolas Razera. E ele sabe que sou eu. Eu decidi vir sem máscara.

Ele sorri para mim, com os olhos fixos em mim, inundados de prazer pelo sexo oral e com os olhos banhados de luxúria. Ele joga a cabeça para trás, batendo-a na parede e geme baixo, me fitando

com uma luxúria exposta pelo seu sorriso.

Sinto o tesão enlouquecedor por sentir Tom contra meu corpo, mas merda, os olhos de Nicolas são desejosos sobre mim. Viro o rosto, desviando o olhar.

—Tom — ouço uma voz familiar e dou um pulo. Tom rosna furioso contra a pele do meu pescoço e levanta a cabeça. Largo seu membro, deixando-o dentro da calça e coloco os pés no chão. Tom me encara por alguns segundos, com os olhos azuis escuros banhados de tesão.

—Ainda não acabei, minha Alice, estamos apenas começando — ele sussurra contra os meus lábios, me arrepiando com a voz rouca. Assinto devagar, sentindo olhos em mim.

—Tom — ouço uma voz feminina chamá-lo novamente e ele retesa a mandíbula, virando o rosto para olhar para a porta do quarto. Faço o mesmo e encontro olhos felinos em mim,

escondidos pela máscara de renda que cobre apenas os olhos. Seus lábios carnudos estão cobertos pelo batom vermelho e mesmo com a máscara eu sei quem é. Anya.

Seus longos cabelos castanhos descem pelos ombros. Seus vestido é de manga longo, preto fosco, grudado no corpo, com um imenso decote que se abre em V do pescoço até debaixo do umbigo, deixando a volta dos seios apertados pelo vestido à mostra. Ela sorri devagar e olho para o homem vestido de black-tie ao seu lado, com uma máscara igual à dela, deixando o maxilar quadrado à mostra e os cabelos louros. Enzo.

—O que vocês querem? — pergunto seca antes de Tom, que envolve minha cintura com o braço, me puxando para perto do seu corpo.

—Precisamos resolver um assunto — Enzo responde com a voz grossa. Franzo a testa e olho para Tom, que retesa a mandíbula, arqueando

uma sobrancelha.

—Sobre? — ele pergunta autoritário, dando um passo na direção deles. O acompanho, com o corpo colado ao dele, o braço de Tom envolvendo minha cintura.

—Você logo saberá — Enzo responde seco — venha — ele diz, dando as costas. Tom ameaça segui-lo e vou junto, mas Enzo para, olhando sobre o ombro — apenas você, Tom — ele sussurra.

—Não — afirmo brava.

—Você logo saberá também, Alice, não se preocupe — Enzo diz sério, vendo o quanto estou brava — é algo bom.

Por que não posso ir junto? Porra. Cerro os dentes, furiosa e olho para Tom, que também está furioso.

—Cinco minutos, Enzo — Tom rosna — você tem cinco minutos, depois voltarei.

—Em dois eu converso com você — Enzo responde sorri. Anya também sorri, dando as costas para nós e caminhando. Agarro a mão de Tom e o puxo, encarando seu rosto furioso.

—Vocês têm três minutos, Tom, depois eu não irei mais esperar. Estou cansada disso — digo firme e Tom respira fundo. Ele agarra meu rosto com as mãos e me beija devagar.

—Volto em menos tempo que isso, só saber o que Enzo quer afinal, mas não deve ser nada importante — Tom sussurra contra os meus lábios, tentando me acalmar e se acalmar. Encaro furiosa seus olhos azuis escuros e respiro fundo, aceitando. Ele aproxima ainda mais o rosto do meu — eu amo você — ele sussurra e dá as costas sem esperar a minha resposta, seguindo Anya e Enzo, desaparecendo pelo corredor.

Respiro fundo, irritada por novamente ser interrompida por algum Lehanster. Talvez não seja

nada demais e no fundo prefiro não estar na companhia deles, mas também gostaria que Tom não estivesse. Darei três minutos e nada mais. Dou as costas para a porta e olho para o quarto novamente. O bruxulear de penumbra das velas dançam pelo espetáculo das duas mulheres-sexuais e meus olhos de desviam a tempo de ver Nicolas. Ele levanta a mulher-sexual e guarda o membro dentro da calça, com os olhos vidrados em mim.

Meu coração para e dou um passo para trás, sentindo a adrenalina me inundar. Porra.

Ele passa pela mulher-sexual, caminhando firme na minha direção, com os olhos fixos em mim.

ALICE

A música grave parece adentrar pela minha mente e encaro os olhos claros de Nicolas. Ele caminha devagar na minha direção, na penumbra do quarto. Cada passo seu me causa calafrios e o vejo em câmera lenta se aproximando de mim. Dou um passo para trás, decidindo o que será melhor. Encará-lo ou ignorá-lo? Porra, é apenas o meu

futuro chefe dentro de Pandora.

Segundo as regras, quem se conhece aqui dentro não poderá dizer nada do que acontece ou vê ao se encontrarem fora de Pandora. Se eu refutar Nicolas, ele terá que agir normal comigo, mas eu conseguirei vê-lo como um chefe normal?

Calma, respiro fundo. Talvez ele venha apenas me cumprimentar. Encaro seus olhos inundados de luxúria e seus lábios se curvam devagar em um sorriso. Porra, não há nada de amistosidade nisso, apenas desejo.

Desvio meus olhos para o espetáculo do quarto. As mulheres-sexuais estão em pé e então começam a caminhar na minha direção, para a saída do quarto. Olho para Nicolas, vendo-o se desviar de um sócio parado, bebendo uma taça de vinho branco. Seus olhos estão fixos em mim e então as duas mulheres-sexuais passam por mim, saindo pela porta.

Me viro no mesmo instante e as sigo, dando as costas para Nicolas.

Saio no corredor, vendo-as irem para a esquerda. Sócios e pessoas-sexuais transitam pelo corredor. Viro também para a esquerda, seguindo-as, fitando-as de mãos dadas, caminhando firme. Para onde elas irão? Aonde eu irei?

E então me lembro que combinei de esperar Tom durante três minutos naquele quarto. Porra, conhecendo-o como eu conheço, o que ele fosse fazer, ele faria em três minutos bem feitos.

Mas eu saí em um. E agora ele não saberá onde estou.

Olho para frente, vendo o comprido e estreito corredor na penumbra, com todas as partes em preto e as fracas luzes de LED. As duas mulheres-sexuais continuam a caminhar firmes, passando pelos sócios. Apresso o passo, passando por sócios e sócias que me encaram ao passar,

como se quisessem saber o que faço apressada assim.

Respiro fundo, sentindo meu coração voltar a bater acelerado e decido olhar para trás.

Viro a cabeça, vendo Nicolas atrás de mim. Merda, o que vou fazer agora? Eu já fiz isso antes, eu já brinquei de gato e rato com Antone Lehanster, mas era diferente, eu tinha um plano, eu estava com o controle e conhecia Antone, de certa forma.

Mas e Nicolas Razera? O que ele pretende com isso? Eu o conheci essa semana, eu apenas fui contratada, não há nada demais nisso muito menos no que conversamos. E ele conhece meu marido, ele ligou para Tom e conversou com ele. Qual o problema de me ver em Pandora? Qual o seu interesse de me seguir aqui?

Continuo a caminhar apressada e olho para frente. As duas mulheres-sexuais passam por uma mulher-sexual com uma máscara cobrindo todo o

rosto. Outra cega igual à que vi com Tom.

Caminho apressada na sua direção, vendo-a tatear para frente, às cegas na penumbra do corredor, nua, apenas de meia-calça rendada e sapatos de salto vermelhos. Seus seios estão à mostra, com um grande P desenho no meio, e fios de couro descem da sua máscara no meio dos seios.

Avanço pelo corredor de Pandora e olho para trás novamente, vendo Nicolas passar por sócios, se desviando, com os olhos fixos em mim.

Bato com violência na mulher-sexual cega e fecho a boca, evitando gritar. Os sócios olham para mim surpresos, passando ao nosso lado e fito a mulher-sexual caída no chão na minha frente.

—Me desculpe — murmuro constrangida. Estendo a mão, pegando a dela, mas a mulher-sexual não me responde, apenas aceitando minha ajuda para se levantar. Ela para em pé na minha

frente, muda e passa por mim, continuando sua encenação. Um calafrio percorre meu corpo e olho para trás, vendo Nicolas muito perto. Recomeço a caminhar apressada e olho para frente, procurando as duas mulheres-sexuais.

Estou começando a pensar em algo. Estou sozinha nesse momento, as únicas pessoas que conheço aqui estão em algum outro lugar e aquela mulher-sexual do espetáculo do quarto falou comigo em outro evento, talvez ela possa me ajudar. Ou eu encaro Nicolas.

Olho para frente, vendo-as dobrar dentro de um quarto. Acelero o passo e paro em frente a porta aberta, fitando um espetáculo que está começando.

O quarto é arredondado, totalmente na penumbra. No seu centro há um palco um pouco baixo, redondo também. Ao redor do palco sofás estão dispostos, todos de três lugares, com sócios conversando, assistindo ou transando. Ao redor,

pelo quarto, sócios e pessoas-sexuais transitam, alguns servindo sócios ou apenas de passagem.

No centro do palco uma mulher-sexual está em pé, com os cabelos curtos em cachos, castanhos. Seus olhos estão escondidos por uma máscara que sobe pela cabeça com chifres de diabo. Seu pescoço está escondido com uma ostentosa coleira cheia de pedras brilhantes, que conhecendo os Lehanster, provavelmente são preciosas caríssimas.

Ela está com um espartilho com decote arredondado, deixando os seios volumosos e erguidos, sem mostrá-los. O espartilho vermelho escuro desce torneando seu quadril e forma uma calcinha, deixando suas coxas expostas. Em cada coxa, coberto pela meia-calça preta, há o P de pandora desenhado e seus saltos são da mesma cor do espartilho. Ela usa luvas vermelhas também, e seus lábios estão em um vermelho berrante. Seus olhos bem maquiados estão expostos pela abertura

da máscara.

Paro na entrada do quarto, fitando o espetáculo surreal.

A mulher-sexual, em pé, levanta os braços com duas tochas apagadas e então as duas mulheres-sexuais que eu seguia antes se postam em cada lado do palco arredondado. Elas levantam isqueiros e os apertam contra as tochas, que se acendem rapidamente. O fogo se levanta, deixando o quarto inteiro com uma luz amarelada.

As duas mulheres-sexuais dão um passo para trás, deixando o espetáculo para apenas a que está no palco. E essa levanta a cabeça e levanta os braços para cima, criando uma espécie de cauda de fogo na subida e então rodopia no palco. O fogo dança ao seu redor.

Abro a boca, fascinada pelo espetáculo. A mulheres-sexuais cruza os braços no alto da cabeça e rodopia, deixando o fogo criar um véu.

E me lembro de Nicolas. Olho assustada ao redor e avanço para o lado, me escondendo entre os sócios, no canto do quarto. Olho para a porta a tempo de vê-lo chegar e olhar ao redor.

Dou um passo para frente, me ocultando ao lado de um sócio com uma máscara que cobre os olhos, bebendo uma taça de champagne.

A mulher-sexual no centro do quarto continua a fazer malabarismos e dançar com e contra o fogo, dominando a arte, deixando todos hipnotizados. Respiro fundo, aliviada e torcendo que Nicolas não me veja. Primeiro deixar assim, um mal entendido sem motivo nenhum e encontrá-lo na empresa de forma amistosa, esquecendo essa perseguição, do que confrontá-lo e pedir demissão futuramente. Porra, eu acabei de ser contratada, por que está acontecendo isso?

Alguns sócios dão as costas para o espetáculo, caminhando para a saída e de forma

discreta, mantendo minha cabeça abaixada, olho para a saída. Nicolas não está mais lá. Respiro aliviada e procuro alguma mesa com máscaras. Vejo uma alta, arredondada, perto de mim e caminho apressada para pegar uma máscara.

Pego a máscara e sinto meu braço ser puxado com força. No mesmo momento sinto meu corpo ser jogado e bato com as costas na parede do quarto. Arregalo os olhos e Nicolas para na minha frente, com o rosto rente ao meu e as mão fechadas em meus pulsos contra a parede.

—Alice — ele sussurra com os olhos sedentos em mim.

—Nicolas — murmuro perplexa e franzo a testa — o que está fazendo?

—Você não queria brincar de gato e rato comigo? — ele pergunta retórico e arqueia uma sobrancelha. Abro a boca, furiosa. O que ele pensa que eu sou?

—Não — rosno, puxando meus braços, mas ele os aperta ainda mais, me prendendo. Fito ele por alguns segundos, furiosa. Estou com raiva dele, por que fazer isso? Que merda, ele não entendeu que eu estava evitando-o? — Me solte, Nicolas — ordeno — eu não estava fazendo nada. Pelo contrário, eu estava evitando você. Eu sou casada, muito bem casada e estou aqui com o meu marido.

—Onde está Tom? — Nicolas pergunta com o rosto rente ao meu. Encaro seus olhos verdes, furiosa.

—Ele voltará. E se voltar com você assim, em cima de mim, ambos serão expulsos desse clube — digo seca — me solte. Tudo isso é por que eu vi você recebendo um sexo oral? — pergunto ríspida. Nicolas me encara sério por alguns segundos e nega com a cabeça.

—Não, Alice. Eu apenas acho que por

você ser esposa de Tom Haltender e estar aqui, vocês não devem ter problemas em ser poligâmicos. Estou arriscando, porque para se casar com Tom, você deve ser boa de cama e eu adoraria tê-la aqui em Pandora. O que acontece aqui, morre aqui — ele sussurra devagar, com os olhos analisando meu rosto.

Encaro seu rosto, incrédula. Eu não acredito que ele pensa isso. Mas que merda. E a raiva sobe em ondas por saber disso. Fecho os punhos, furiosa.

—Me largue, Nicolas. Você é doente. Eu sou casada com Tom e se sou boa na cama ou não você jamais saberá. Eu estar com Tom e sermos sócios de Pandora não significa porra nenhuma — perco qualquer bom-senso e rosno contra o seu rosto. Minha voz saí seca e ríspida — não nos envolvemos com ninguém. Me solte — ordeno furiosa.

PERIGOSAS NACIONAIS

Nicolas me encara por alguns segundos, sério e então suas mãos soltam meus pulsos. Levanto a mão direta e em um impulso esbofeteio seu rosto, virando o para o lado.

—Nunca mais encoste em mim, me respeite. Da próxima vez, farei com que você seja expulso daqui — afirmo furiosa. Nicolas arregala os olhos, me encarando furioso e dou as costas, ignorando seu olhar fixo nas minhas costas.

—Sinto muito — ele diz mais alto, atraindo olhares acusadores ao redor — nos vemos segunda.

Sinto minhas mãos tremerem levemente e as fecho, tentando controlar o nervosismo. Olho para o espetáculo, que continua, com a mulher sexual dançando com o fogo. Dou as costas e saio do quarto. Paro no meio do corredor e olho ao redor. Sócios e sócias passam por mim, devagar, conversando ou acompanhados de pessoas-sexuais.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Preciso voltar para o quarto onde eu estava. Talvez Tom ainda esteja lá.

Caminho apressada, desviando de pessoas-sexuais e sócios, olhando ao redor. E me pergunto, eu devo contar para Tom ou não? Eu devo continuar nesse estágio?

Mesmo com esse negócio de que o que acontece em Pandora, fica em Pandora, porra, como eu vou trabalhar para um homem que pensa isso? Que tentou me agarrar? Eu não consigo ignorar o que acontece aqui dentro. As pessoas são o que são, em qualquer lugar, uma máscara não esconde seu verdadeiro caráter, não mais.

Eu preciso achar outro estágio e pedir demissão, mas seu contar para Tom, ele vai surtar e eu já resolvi isso. Talvez seja melhor apenas ignorar e pedir demissão de uma vez.

E torcer que Nicolas Razera seja um homem decente fora de Pandora.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Paro em frente à porta do antigo quarto onde eu estava e olho para dentro. Sócios e sócias estão conversando, alguns transando com outros ou com pessoas-sexuais. Mas Tom não está aqui.

Respiro fundo, sabendo que se passaram mais do que dez minutos no mínimo. Ele deve estar me procurando também.

Olho ao redor. De onde eu estava ele não foi, então voltarei para o grande salão. Caminho devagar pelo corredor na penumbra, olhando para cada sócio ou pessoa-sexual que passa por mim.

Sinto meu coração batendo na boca, não porque estou sozinha em Pandora. Eu me sinto confortável em Pandora, mesmo com os olhares. Eu estou preocupada com o estado de Tom, ele deve estar enlouquecido por não me encontrar. E deve estar imaginando muito.

Paro na entrada do grande salão, fitando mais um espetáculo acontecendo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Duas mulheres-sexuais descem devagar pela escadaria. Ambas estão nuas, com os seios totalmente à mostra, assim como sua intimidade lisa. Cintas-ligas estão em suas coxas e embaixo há um P desenhado. Saltos vermelhos chamam a atenção. Uma está abaixo do degrau da outra. A mulher-sexual de cima está com uma capa vermelha igual ao do espetáculo inicial e seus olhos estão escondidos por uma venda preta. Seus lábios vermelhos estão curvados em um sorriso erótico. Seus pulsos possuem uma braçadeira cada um, com uma corrente que os liga até as braçadeiras dos pulsos da mulher-sexual à sua frente. Essa está com uma grande máscara preta, também totalmente cega, descendo degrau por degrau, como se soubesse o que fazer.

A cena me hipnotiza e abro a boca, surpresa com a ideia. Ambas descem devagar as escadas, na penumbra do salão, nuas. Um sócio com o rosto

PERIGOSAS ACHERON

escondido por uma grande máscara animalesca sobe as escadas ao seu encontro. Ambas as mulheres-sexuais param, sentindo a presença de alguém e o sócio levanta as mãos, apertando os seios à mostra da mulher-sexual parada um degrau mais baixo.

Arregalo os olhos, percebendo que ambas estão entregues. O sócio agarra a corrente entre os pulsos e as puxa para baixo, conduzindo-as pela escadaria. A luz vermelho escuro incide sobre eles, acompanhando-os.

Viro o rosto e passo por eles, sabendo que provavelmente o sócio transará com ambas. Passo pelo grandioso salão, cheio de sócios e pessoas-sexuais. Uma mulher-sexual passa por mim com uma bandeja e pego uma taça de vinho branco. Preciso me acalmar, não quero pensar no estado de Tom, apenas preciso encontrá-lo e saber o que os Lehanster queriam.

PERIGOSAS NACIONAIS

E então travo. Eu não vi Antone, muito menos Eva. Aconteceu algo com eles?

Abaixo a cabeça e fito o fundo da taça de vinho, me perguntando sobre a gravidez. Eva está grávida, então provavelmente não participará mais dos espetáculos.

Tom talvez tenha voltado para o lado de Enzo e onde eles estariam nesse momento? Nas outras vezes que os encontrei, Enzo e Anya estavam na área de BDSM.

Cerro os dentes, relutante e levanto a cabeça, fitando um dos corredores diferentes, totalmente vermelho. As paredes, o teto e o chão são em um tom vermelho escuro, e a penumbra é feita por luzes fracas também avermelhadas. Caminho devagar, me preparando para entrar novamente nessa área. Caminho firme, sentindo alguns olhares em mim e adentro pelo corredor, sendo engolida pelo vermelho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Paro no início do corredor, vendo sócios e pessoas-sexuais caminharem devagar, alguns acompanhados e outros sozinhos. Meus olhos são atraídos para a mulher-sexual que já vi em outros eventos.

Ela caminha firme, com sapatos de saltos altíssimos, caminhando devagar, como se estivesse desfilando. Seu corpo é coberto por um macacão de couro, do pescoço até os pés, deixando apenas as mãos à mostra, com unhas pintadas de vermelho, compridas. Seus olhos estão cobertos por uma máscara de couro e seus lábios pintados de vermelho. Seu cabelo preto está preso em um coque alto e suas duas mãos seguram coleiras de corrente grossas, cada uma ligada à cada um dos três homens-sexuais que engatinham como cachorros à sua frente. Cada passo dela é um passo deles. Em cada homem-sexual, de cabelos curtos e escuros, há um P de Pandora desenhado nas largas costas

PERIGOSAS ACHERON

musculosas. Eles usam cuecas boxe de couro e pés descalços. Todos estão com os olhos vendados, cegos.

Paro, dando espaço para eles passarem e vejo a mulher-sexual, mais alta do que eu, passar por mim, virando o rosto na minha direção, com os olhos fixos em mim.

—Você está deslocada nessa sessão, mocinha — a mulher-sexual diz brincalhona para mim. Sorrio para ela, vendo-a dar as costas para mim, caminhando em direção ao salão. É, talvez eu esteja, mas no fundo, eu quero conhecer essa sessão. Estava relutante em entrar, mas eu me sinto confortável em todos os outros lugares de Pandora. Nunca experimentei BDSM para saber se irei gostar ou não. Talvez eu goste. Talvez eu ame. Ou talvez eu odeie.

Volto a caminhar, olhando os sócios passarem e passo por um quarto aberto. Olho para

dentro, procurando Tom. Um espetáculo de BDSM está acontecendo. Há uma grande cama arredondada no meio do quarto feita apenas de couro. Um homem-sexual está deitado na cama, nu, com os braços pendurados em cada canto da cama. Duas mulheres-sexuais com espartilho de couro do início da costela até as coxas, com meias-calças rendadas e saltos vermelhos, caminham ao redor da cama, pingando cera de vela. A cera escorre lenta e vagarosa, delineando os músculos do peito do homem-sexual vendado. Elas usam máscaras de cachorro e em uma das mãos seguram uma palmatória. A cama é iluminada por uma luz vermelho escuro. Olho os sócios sentados em poltronas, sócias caminhando e pessoas-sexuais servindo bebidas. Uma sócia está recebendo sexo oral de um homem-sexual e dois sócios estão transando com uma mulher-sexual cada um. Dou as costas para o quarto e volto a andar pelo corredor

na penumbra vermelha.

Ao longe vejo duas mulheres-sexuais caminharem devagar, uma atrás da outra. No meio delas há uma bandeja de bebidas pendurada, como se elas fossem parte de um móvel. Ambas estão com uma máscara que cobre ao redor do olhos e a de trás usa um chapéu policial.

A da frente está com um espartilho que cobre os seios, delineando seu corpo até a virilha, escondendo suas partes íntimas. Uma meia-calça desce pelas pernas até os saltos vermelhos. Seus cabelos castanhos estão presos atrás da cabeça.

A outra mulher-sexual usa um chapéu de polícia, com os seios à mostra e uma calcinha de couro. Suas pernas estão à mostra e ela usa saltos pretos. Atrás dela um homem-sexual com um chapéu policial, o cacete em uma mão e o chicote em outra, usando uma calça de couro colada e botas, caminha firme, dando chicotadas nos ombros

de ambas, comandando-as.

Elas passam por mim e agarro mais uma taça de vinho de dentro da bandeja entre elas, colocando a minha vazia. Merda, estou começando a ficar um pouco alterada e não encontrei Tom ainda.

Elas passam e viro um pouco da taça na boca, bebendo o vinho. Olho para frente, disposta a continuar e caminho firme. Passo por mais sócios e pessoas-sexuais e entro em mais um quarto.

Não há nenhum palco, apenas cadeiras estofadas de couro preto no meio do quarto, de paredes pretas, teto e chão pretos. Não há móveis nem sofás. Os sócios e pessoas-sexuais estão ao redor, apenas observando. Há cinco cadeiras no meio do quarto apenas, e essas são ocupadas por homens-sexuais sentados, com os braços algemados para trás e máscaras com forma de cavalo. Paro, fitando o espetáculo.

PERIGOSAS NACIONAIS

No meio do círculo de cinco cadeiras, há uma mulher sexual com um sutiã de couro com pedras pontiagudas, assim como sua calcinha de couro. Ela usa uma máscara que cobre ao redor dos outros e sobe em um chifre de unicórnio. Franzo a testa e observo que os homens sexuais usam uma cueca boxe de couro com um furo no qual o membro ereto, duro e com ereção passa, erguido. A mulher-sexual engatinha no meio deles, usando salto alto vermelho e meia-calça rendada até metade da coxa.Seus cabelos são ruivos, curtos e ondulados. Seus lábios estão com um batom vermelho e vejo marcas vermelhas ao redor de cada membro dos homens-sexuais.

Ela para no meio das pernas de um e se ajoelha, abocanhando o membro e chupando-o. Olho ao redor no quarto, vendo uma sócia agarrada com dois homens-sexuais contra a parede, beijando um na boca enquanto o outro chupa seus seios.

PERIGOSAS ACHERON

Dou as costas. Tom não está nesse quarto. Volto a caminhar pelo corredor avermelhado, me desviando de sócios e pessoas-sexuais. Bebo mais vinho e paro de frente para outro quarto.

Olho para dentro do quarto, também inteiramente preto, com sofás de couro preto dispostos pelo quarto, ao redor de um palco circular. Em cima do palco há um divã preto, de couro. Olho ao redor, vendo estátuas de deusas também em preto, altas mesas arredondadas, pretas, com máscaras, taças, bebidas e preservativos.

E então meus olhos são atraídos para lábios carnudos, vermelhos.

Anya está sentada em uma poltrona de couro, no canto do quarto, com os olhos escondidos por uma máscara rendada. Ao seu lado dois homens louros estão em pé, conversando, ambos sem máscaras. Enzo e Tom.

Arregalo os olhos e avanço pelo quarto, me

desviando dos sócios.

—Sua esposa chegou, Tom — faço leitura labial dos lábios carnudos de Anya.

Me desvio de uma mulher-sexual com uma bandeja e vejo Tom e Enzo levantarem as cabeças, com os olhos fixos em mim. A expressão preocupada de Tom se torna de alívio e ele caminha na minha direção.

Eu deveria estar brava com ele? Ou ele me procurou?

Tom caminha autoritário na minha direção e para de frente para mim, agarrando meu pulso direito. Franzo a testa, sem entender seu gesto.

—O que está fazendo? — pergunto e arqueio uma sobrancelha.

—Eu estava preocupado — ele sussurra com a voz rouca — eu pensei que você estivesse furiosa comigo.

—E que eu teria ido embora? — sinto sua

mão aliviar o aperto e ele entrelaça nossos dedos. Tom levanta a outra mão e acaricia meu rosto, passando o polegar sobre meu lábio inferior.

—Sim. Eu cheguei no quarto e não encontrei ninguém. Por um momento me lembrei que havia visto alguém conhecido dentro do quarto e — Tom hesita e seus olhos azuis escuros analisam meu rosto.

—Nicolas? — pergunto retórica. Tom retesa a mandíbula.

—Você o viu? — ele arqueia uma sobrancelha.

—Você está com ciúmes? — meu tom de voz é calmo e inclino a cabeça sobre a sua mão. Eu deveria contar a merda que aconteceu, mas se Tom já está assim sem saber, imagina se souber. Talvez eu conte depois, depois de irmos embora de Pandora.

—Alice — ele diz autoritário — ele veio

atrás de você?

—Tom — afirmo e levanto as mãos, segurando seu rosto — não se preocupe, eu apenas saí do quarto exatamente porque não queria estar perto do chefe do meu estágio. Não aconteceu nada.

—E como você sabia que eu estava aqui? — ele pergunta mais calmo, com os olhos ainda fixos em mim, me analisando. Ele pode ter mudado de assunto, mas seus pensamentos não.

—Eu imaginei — dou de ombros e sorrio — que esse seria o lugar onde encontraria Enzo.

E então ouço uma chicotada. Olho para o meio do quarto, à minha direita. Um homem-sexual está ajoelhado, nu, com o membro erguido em ereção e musculoso. Em seu peito está um P de Pandora enorme, pintado de vermelho. Seus cabelos louros são compridos até o maxilar quadrado, sem barba e seus olhos estão vendados.

Ele está nu.

Atrás dele, segurando com firmeza uma corrente que se prolonga até o pescoço dele, uma mulher-sexual está parada com uma roupa de couro. Um vestido justo até os tornozelos, de couro, sobe torneando suas pernas e sua cintura. Ele sobe até seu pescoço, cobrindo seus braços e se abrindo em um decote V, deixando à mostra o contorno dos seus seios apertados pelo couro. Ela usa luvas de couro nas mãos e seus lábios vermelhos combinam com os cabelos vermelhos, lisos.

Ela levanta um chicote no alto. As várias tiras de couro sobem no ar, sendo iluminadas pela luz avermelhada que incide neles, no meio do palco. O chicote desce com violência e estala nas costas nuas do homem-sexual.

—É uma Dominatrix, Alice — ouço a voz de Anya atrás de Tom. Viro o rosto, fitando-a em pé atrás dele — você já tentou ser uma? — ela

insinua e seus lábios carnudos se curvam em um sorriso malicioso. Seus olhos dizem exatamente o que ela quer insinuar. Faça, prove. Você vai gostar.

—Se eu já tentei ou não, apenas Tom sabe, Anya — digo firme e sorrio, vendo-a sorrir de verdade.

—Não vou importuná-la, Alice. Tom tem alguns assuntos para conversar com você, não é, Tom? — Anya diz devagar com os olhos fixos na nuca loura de Tom, que com os olhos fixos em mim, retesa a mandíbula.

—Vamos, Anya — a voz de Enzo corta Anya e ele passa por ela, dando as costas para nós, sem me olhar. Anya desvia os olhos e me encara.

—Você sabe que eu gosto de você e sei que isso é recíproco, no fundo — ela diz baixo e pisca o olho direito, dando as costas para nós.

Fecho os olhos, ciente disso. No fundo, talvez Anya seja mal compreendida, mas não vou

me incomodar com ela hoje, já que a própria decidiu parar de me importunar. Minha relação com ela é confusa, estranha. Ela consegue despertar em mim a amizade, simpatia e então destroçar com tudo e me deixar furiosa.

—Não dê bola para Anya — Tom começa e sorrio, abrindo os olhos.

—Eu sei. Ela é sempre assim, nunca consegue esconder o veneno — zombo e Tom sorri torto, assentindo. Seus olhos azuis escuros permanecem fixos em mim e o encaro, tentando descobrir o que pensa. Semicerro os olhos e dou mais um passo na sua direção, tentando desvendar o que aconteceu entre ele e os Lehanster — que Enzo queria com você, Tom? — minha voz saí firme, autoritária — diga, Tom.

Seus olhos parecem vacilar e Tom vira o rosto na direção do espetáculo. Ele retesa a mandíbula, com os olhos fixos na Dominatrix com

o chicote.

—Aqui ainda não é a hora — ele sussurra autoritário. Seus olhos sobem e descem e viro o rosto também. O chicote da Dominatrix sobe pelo ar, estalando e então sob a música grave de Pandora, ele desce com força, estalando nas costas do homem-sexual.

—E quando será a hora, Tom? Hoje? — pergunto brava, autoritária, mostrando que eu irei saber. Meus olhos sobem novamente com o chicote sob a luz vermelha.

—Sim, minha Alice. Hoje — ele hesita e ouço sua respiração rouca rente ao meu rosto. O viro, encontrando os olhos de Tom fixos em mim — dentro de um quarto — ele sussurra devasso, com a expressão de tesão — eu a quero agora.

Franzo a testa e analiso seu rosto. Seus olhos estão inundados em luxúria, como se ver o espetáculo atiçasse seu libido. Abro os lábios e

Tom passa a mão no meu rosto novamente, contornando meu lábio inferior com o polegar.

—Quero você na cama comigo, Alice, quero foder com você de um jeito que venho pensando há muito tempo — ele sussurra enlouquecido e sua mão contorna minha cabeça. Ele agarra meus cabelos com força e bate as nossas testas. Percebo que está sem controle, que está desejando que eu queira o mesmo, como se estivesse pensando nisso.

—Você quer anal, Tom? — pergunto direta, sentindo a ideia subir em um calor pelas minhas pernas. Ele insinuou isso na lua de mel, ele deixou claro isso antes e vendo esses espetáculos, eu quero experimentar.

E quero descobrir o que há com os Lehanster, merda.

Levanto as duas mãos e agarro a nuca de Tom, fincando meus dedos em seu couro cabeludo,

dominando-o como ele me domina. Seus olhos me encaram ferozes pelas palavras e ele abre a boca, respirando fundo.

—Diga, Tom — sussurra sedutora. Minha intimidade se encharca ao encarar seu semblante de puro tesão, de desejo avassalador, seus olhos selvagens fixos em mim. Ele está ardendo em desejo puro, em tesão devasso. Seus lábios abrem devagar.

—Quero, minha Alice — sua voz rouca arrastada arrepia todo o meu corpo, deixando o tesão queimar no meu ventre com a ideia. Assinto devagar e avanço sobre o seu rosto. Seus olhos continuam abertos, fixos em mim e mordo seu lábio inferior, puxando-o para mim.

—Então me tenha, Tom — sussurro contra seus lábios — e me deixe dominá-lo.

Sinto sua respiração quente contra o meu rosto e sorrio, satisfeita por vê-lo mergulhado em

um desejo insuportável. Dou um passo para trás. Eu também quero ir para um quarto e quero descobrir o que posso sentir a mais.

E descobrir o que Tom tem para me contar. Além de deixar a merda da confusão com Nicolas para trás, longe dos meus pensamentos nesse momento. Só irei me preocupar com isso segunda-feira ou se eu decidir contar para Tom depois. Ainda não tenho certeza se vale a pena contar.

Tom me segue com os olhos e me viro de costas. Viro a cabeça sobre o ombro e o encaro.

—Venha pegar, Tom — sussurro devassa. Seus olhos ferozes me devoram e viro o rosto, avançando para a saída do quarto. Eu sei onde são os quartos de Pandora, eu sei que nesse exato momento, Tom está seguindo meus passos.

Caminho devagar, deixando o salto firmar no chão e rebolo o quadril, seduzindo-o ainda mais. Desvio dos sócios, dando as costas para a

Dominatrix e sorrio satisfeita, saindo do quarto. Conduzo Tom pelos corredores de Pandora, deixando-o me seguir. Sei o que eu quero esta noite, sei que é o que ele quer.

Seus olhos azuis escuros são fixos em mim, me seguindo como um animal pronto para o bote, em uma necessidade devastadora, me deixando em um fogo que apenas ele sabe fazer.

ALICE

O cheiro afrodisíaco invade minhas narinas e inspiro fundo, olhando ao redor, na penumbra do corredor de Pandora.

A sensação de estar aqui é extasiante, é avassaladora, e saber que tenho a total atenção de Tom, ansiando pelo sexo, enlouquecido por mim, me seguindo pelos corredores de Pandora, me

deixando conduzi-lo desde o início é excitante.

Fecho os olhos por alguns segundos, deixando a música grave adentrar nos meus ouvidos e sinto meu coração acelerar ainda mais, ansiando por mais, ansiando pelo toque de Tom, mas eu quero manter o controle agora, eu quero dominá-lo.

Olho para o meu lado esquerdo, o lado que passei. Uma mulher-sexual está caminhando sozinha, atraindo a atenção de vários sócias e sócios, que caminham ou estão parados no corredor. A mulher-sexual caminha firme na minha direção, sem máscaras, com o rosto ocultado por pintura. Ela está apenas de calcinha de couro preta, de fio, caminhando devagar, jogando o quadril de um lado para o outro de forma exagerada, atraindo todos os olhos. Da sua barriga sobe uma pintura imitando uma onça, tapando seus seios à mostra. Seus cabelos estão levantados e embaraçados como

uma juba, e percebo que ela é felina. Seus olhos estão fixos em mim e ela sorri devagar, caminhando na minha direção.

Uma sócia, vestida com um longo vestido preto, com um decote em V até o umbigo, as pernas à mostra por fendas e o rosto impecável ocultado por uma máscara simples, tapando os olhos, analisa a mulher-sexual e começa a segui-la, ambas caminhando na minha direção.

Sinto uma mão grande agarrar meu braço, apertando-o e viro o rosto, encarando Tom.

—Peguei você — ele sussurra para mim de forma sedutora, com os olhos azuis escuros fixos em mim. Sorrio, negando devagar e mordo o lábio inferior, voltando a fitar as mulheres à minha frente. Tom também vira a cabeça, percebendo minha atenção.

—O que está acontecendo? — pergunto curiosa e a mulher-sexual passa por mim,

continuando a andar devagar, deixando a sócia segui-la.

—Acho que você não vai gostar de saber — Tom murmura, virando a cabeça para olhá-las também.

—Por que? — pergunto, franzindo a testa.

—Porque a sócia irá dominar a outra mulher, Alice. Os gostos aqui são um pouco extremistas para você — Tom murmura e se inclina no meu ouvido — aqui é a sessão que Enzo e Anya mais gostam, acredito que você consegue imaginar — a voz rouca de Tom me arrepia e arregalo os olhos, voltando a me lembrar que Enzo e Anya mantém uma relação, mesmo sendo irmãos. Estremeço, sentindo um calafrio e assinto devagar, desejando não imaginar o que Enzo e Anya costumam fazer.

—E se consigo — murmuro, ouvindo a risada de Tom rouca no meu ouvido. Volto a pensar

sobre o que Enzo queria conversar com Tom, e sei que farei ele me contar dentro do quarto. Eu quero que ele conte, eu preciso saber.

—Você quer ir? — ele pergunta, sem finalizar a frase. Viro a cabeça lentamente, encarando seu rosto rente ao meu. Seus olhos azuis escuros são ferozes em mim e sei que está ansioso. Sorrio devagar e levanto a mão, colocando um dedo sobre seus lábios.

—Me siga, Tom — sussurro sedutora — venha me pegar, e assim ganhar a sua recompensa.

Tom retesa a mandíbula, enlouquecido e me afasto bruscamente, dando as costas para ele, caminhando pelo corredor de Pandora. A música grave parece ressoar pelos meus ouvidos, acompanhando meus passos e na penumbra de Pandora passo por sócios e sócias, mascarados e vestidos de forma elegante. Levanto a cabeça, encarando o corredor na penumbra, com paredes

pretas, assim o chão e o teto, sendo iluminados por uma fraca luz LED que acompanha as laterais do teto. Caminho firme, rebolando devagar o quadril, ciente de que Tom está enlouquecido atrás de mim, com os olhos azuis escuros fixos no meu quadril. Estendo as pernas para frente, esticando-as em cada passada, querendo seduzi-lo cada vez mais. Uma sócia mascarada, loura, com uma grande máscara de teatro de Veneza passa por mim, vestida com um vestido púrpura elegante. Seus olhos se fixam em mim e passo por ela, atraindo sua atenção o suficiente para fazer ela virar a cabeça. Sócios passam por mim com os olhos curiosos, vendo Tom, sem máscara, me seguir também.

Sorrio, satisfeita com tudo e desvio os olhos, sentindo meu coração parar lentamente. No final do corredor, meus olhos se encontram com olhos castanhos, uma boca entreaberta e um sorriso malicioso. Nicolas está parado no final do corredor,

com uma mão ajeitando a gravata-borboleta e a outra segurando uma taça de vinho. Meu corpo parece gelar, odiando a visão e respiro fundo, tentando me acalmar, tentando não imaginar o que Tom está pensando. Continuo a caminhar firme, avançando pelo corredor de Pandora, e Nicolas começa a caminhar na minha direção, com os olhos fixos em mim.

Ele passará por mim, ele não irá parar, Tom não fará nada. Rezo por isso, desejo isso. Continuo a caminhar firme, e Nicolas encurta a distância, avançando na minha direção. Dou um passo para o lado, querendo me desviar dele, e no mesmo instante ele me imita.

Uma mão agarra meu braço e Tom me puxa para trás com força, trocando de lugar com Nicolas, ficando cara-a-cara com ele.

—Tom — murmuro surpresa, agarrando seu braço.

—O que está fazendo, Sr. Razera? — Tom pergunta de forma ameaçadora, com os olhos furiosos em Nicolas — Alice é minha esposa.

—Percebi que ela gosta de brincar de gato e rato, Tom — Nicolas diz sem vergonha nenhuma, com os olhos fixos em mim — por mais que tivemos nossa conversinha antes — ele hesita e sorri ainda mais — é difícil evitar de tentar algo com alguém que — ele sorri ainda mais — é tão gostosa assim — ele diminui o tom de voz e encara Tom sem nenhum medo — esposa ou não, isso nunca foi problema, acho que você me entende, não é, Tom?

—Tom, ignore ele — ordeno, puxando seu braço, mas Tom se torna relutante, se inclinando na direção de Nicolas, querendo ameaçá-lo.

—Eu poderia entender você, Nicolas, se eu já não estivesse casado. Não divido a cama com mais ninguém a não ser Alice, e ela também não

dividirá com você. Você ainda quer ser sócio de Pandora? — ele rosna furioso e sua voz rouca é ameaçadora — se você ainda quiser, coloque a porra do pau entre as pernas e pare de seguir a minha mulher, porque como eu disse, ela é minha. E se você se acha tão parecido comigo, também deverá concordar que vou insistir nisso até vê-lo desistir.

—Você não tem como me expulsar sem ser expulso também — Nicolas rosna e perco a paciência com ambos, puxando com força Tom. Ele vira o rosto, me encarando e arregala os olhos. Dou um passo para frente, encarando Nicolas.

—Entenda isso como minha demissão, Nicolas — rosno furiosa e levanto a mão, dando um tapa no seu rosto, desejando que Anya não veja, que ela realmente goste de mim o suficiente para não me expulsar. Nicolas levanta a mão, colocando-a sobre o rosto, me encarando perplexo

— se continuar, irei gritar e insinuar que encostou em mim. Regras de Pandora — sussurro devagar — são regras, considere isso como uma ameaça de acusar você de abuso. Acho que os donos não tolerarão isso.

Nicolas me encara por alguns segundos, com os olhos furiosos e os fecha.

—Vamos, Tom — sussurro e sem esperar sua resposta, dou as costas para Nicolas, passando por ele. Tom me segue, tentando me alcançar, furioso.

—Nicolas disse que vocês conversaram — ele começa a questionar o ignoro, avançando para o salão de Pandora. Olho para cima, vendo uma mulher-sexual descer as escadas devagar, guiando duas mulheres-sexuais na coleira, ambas com espartilho da cintura até o início das costelas, torneando seus seios à mostra e se fechando no pescoço, combinando com a coleira de corrente

fina. A mulher-sexual que as guia está vestida com um espartilho de couro preto, cobrindo os seios e se fechando no pescoço também. Sua calcinha é coberta por fios da cinta-liga e seus saltos altíssimos ressoam pelo salão. As três mulheres-sexuais estão mascaradas, com os olhos cobertos pela máscara pequena, de couro, e ambas as três estão com cabelos presos em um coque, pretos e de franjas.

—Alice — Tom rosna atrás de mim, furioso, e continuo a caminhar firme. Viro, começando a subir as escadas, um passo de cada vez. Sinto alguns olhos em mim, chamando a atenção, e acelero o passo, ouvindo Tom atrás de mim. Passo pelas mulheres-sexuais, que sorriem, virando a cabeça na minha direção. As ignoro também, subindo a escadaria na penumbra. Paro no alto da escada, vendo Tom me alcançar e me viro, caminhando firme. Adentro no corredor dos

quartos, também todo preto, com luzes de LED fracas o suficiente para deixá-lo na penumbra.

Olho para o lado direito, vendo portas pretas fechadas, todas fechadas. Olho para o lado direito, vendo também fechadas. Porra, há alguma aberta? Olho para frente, vendo o corredor se tornar uma encruzilhada de dois lados. Ele vaga para o lado esquerdo e para o lado direito. Paro no meio, olhando para os lados. O corredor do lado esquerdo continua igual, todo preto, com a luz de LED esbranquiçada tornando-o uma penumbra. Olho para o direito e franzo a testa, percebendo a diferença. Ele também é todo preto, porém a luz que o deixa na penumbra é vermelha, e há portas abertas. Caminho para o corredor da direita, avançando sobre ele.

—Alice, pare — Tom me chama, me seguindo furioso. Viro e entro na primeira porta aberta, fitando o quarto. Suas paredes são pretas,

assim como o teto e o chão, forrado por um carpete preto. No centro do quarto, com a cabeceira contra a parede oposta à porta, há uma grande cama arredondada, com lençóis pretos e um dossel preto, caindo sobre a cama, transparente. Ao lado esquerdo da cama há uma espécie de suporte. Uma barra grossa de couro, comprida e mais arredondada, numa altura um pouco acima da cama, pendurada por correntes vindas do teto. Franzo a testa, fitando o lado esquerdo da porta. Um grande espelho, do teto ao chão, reflete todo o quarto. Do lado direito da cama há um grande balcão preto, com chicotes de vários tamanhos, maletas de couro, taças, vinhos, cubos de gelo, mordaças, braçadeiras, palmatórias, cassetetes, prendedores de mamilo, vendas, correntes, velas, tubos com líquidos que não tenho ideia do que sejam e mais objetos estranhos. A luz de LED esbranquiçada deixa o quarto na penumbra.

—Aqui é um quarto de BDSM, minha Alice — Tom sussurra contra os meus cabelos, me pegando de surpresa. Dou um pulo, sem conseguir tirar os olhos do quarto e viro a cabeça, encontrando-o parado atrás de mim.

—Foi o único que achei — murmuro surpresa. Tom me encara por alguns segundos, analisando minha expressão.

—O que conversou com Nicolas? — ele pergunta direto e dá um passo na minha direção, encostando nossos corpos. Dou um passo para trás e ele avança mais um, fechando a porta atrás do corpo sem parar me encarar ferozmente.

—Eu apenas o mandei parar, Tom — respondo séria, também me impondo.

—O que ele disse? — Tom pergunta rápido, furioso. Cerro os dentes, começando a ficar incomodada e paro, deixando-o se aproximar.

—Por que? Está desconfiando de novo? —

pergunto brava. Ele para com o rosto rente ao meu e levanto a mão, agarrando seu rosto pelo maxilar — está desconfiando de algo?

Tom retesa a mandíbula e sinto isso contra os meus dedos. Ele fecha os olhos e respira fundo.

—Você me deixa inseguro dentro de Pandora, Alice. Não sei como vai se comportar, não sei se vai querer experimentar algo mais — ele sussurra devagar e sua voz rouca é sincera — depois que eu a vi no palco, sedutora, de uma forma que nunca imaginei.

—Eu sou sua esposa, Tom, e nem Pandora mudará isso — sussurro contra seus lábios — você sempre acaba tendo os mesmos defeitos, e mesmo assim ainda amo você, ainda acabo desculpando o que você pensa ou faz. Mas — a ideia de saber que Tom se sentiu inseguro, é tão estranha. Eu era assim, eu me sentia insegura em seu mundo, eu me sentia insegura em Pandora com ele, e então agora,

é ao contrário. Mas ao mesmo tempo saber que Tom Haltender, meu marido, se sente inseguro com o que faço, me deixa com tesão. Eu sei que ele confia em mim, mas ao mesmo tempo ele mostrou sua fraqueza. Sorrio — devo dizer que você inseguro é inusitado — sussurro contra seus lábios e Tom abre os olhos, surpreso. Aproximo ainda mais o rosto e beijo levemente seus lábios macios — e excitante — levanto uma mão e puxo o grampo do meu coque, desfazendo-o.

Tom rosna e agarra meu rosto com ambas as mãos, afundando os dedos nos meus cabelos e me beija. Sua língua urgente invade minha boca, caçando a minha, envolvendo minha língua com a sua, molhada, e suga a minha para a sua boca. Arfo contra os seus lábios, sentindo seu corpo duro contra o meu e desço as mãos para o seu pescoço, tentando desfazer sua gravata. Suas mãos agarram as minhas e ele afasta os lábios, abrindo os olhos.

Encaro seus olhos azuis escuros, sedutores.

—Você me dará o que eu pedi, Alice? — sua voz rouca é um sussurro provocante, arrepiando todo o meu corpo.

—Tom — sussurro seu nome e fecho os olhos, pensando sobre o que ele pediu. Para algumas mulheres, isso parece ser um tabu. Na verdade, para mim, antes de conhecer Tom, era um tabu, eu jamais pensaria nisso, eu jamais iria querer experimentar, afinal, se já há um devido lugar, porque existir outro? Mas Tom me fez querer provar tudo o que o prazer pode me fazer sentir e aos poucos descobri que todo o meu corpo me dá prazer, minhas mãos me dão prazer, seu toque me dá prazer, seu membro, sua boca e até sua voz. Por que não experimentar o que sei que Tom insinuou na nossa lua de mel? Pandora abre todos os limites do prazer e os faz desaparecer.

Sinto o toque das mãos de Tom, lentamente,

pelos meus braços. Suas mãos roçam minha pele, descendo pelos meus braços devagar, acariciando-os. Permaneço de olhos fechados, deixando o seu toque guiar meu prazer. Suas mãos continuam a descer e perco o contato, voltando a senti-las no meu quadril, descendo devagar por ele, contornando meu corpo. Ouço Tom se agachar, acompanhando meu vestido.

—Diga, Alice — Tom sussurra, com as mãos subindo novamente pelo meu corpo, contornando minhas pernas, subindo pelo quadril até parar na minha cintura. Abro os olhos, encarando-o com desejo, sedenta para tê-lo.

—Faça ser o melhor sexo, Tom — sussurro como se fosse sim. Tom lentamente arregala os olhos, como se ainda sim se surpreendesse. Ele retesa a mandíbula, se controlando e sorri devagar, torto, me seduzindo.

—Faça como eu pedir, minha Alice. Eu

garantirei que irá gozar comigo — Tom sussurra — de uma forma que nunca pensou.

Sinto o calor subir pelas minhas pernas e minha intimidade se encharca com a ideia, um arrepio sobe pela minha intimidade, me provocando. Assinto devagar, sorrindo.

—Vire de costas, Alice — Tom pede autoritário, com a voz rouca, com os olhos fixos nos meus, ansiosos, inundados de luxúria. Obedeço e dou um passo para trás, me equilibrando no salto. Viro de costas e Tom coloca uma mão nos meus cabelos, puxando-os para o lado. Sua outra mão para no zíper do meu vestido e ele o puxa para baixo. Sinto o tecido ceder ao redor do meu corpo e abro os braços, deixando o vestido deslizar, guiado pelas mãos de Tom. Ele caí em um baque abafado no chão e permaneço de calcinha rendada preta, fio, assim como uma cinta liga preta e um sutiã rendado. Sorrio, satisfeita por ter escolhido essa

lingerie. Ouço Tom rosnar excitado e agarrar minha mão por trás, guiando-a para trás. Ele a coloca sobre o seu membro ereto, por fora da calça — sinta como você me deixa, Alice, mesmo depois de tantas vezes. Porra, eu consigo controlar o quanto você me deixa com tesão.

Sorrio, ainda mais excitada e apalpo sua ereção, toda minha.

—Não se controle, Tom — o provoco em um sussurro.

—Você quer experimentar esse quarto? — Tom pergunta curioso e olho ao redor, vendo as algemas no teto, grandes também penduradas por correntes, descendo do teto.

—O que você sugere? — pergunto devassa.

—Sugiro que você me dê seu corpo — Tom sussurra sedutor — que você me conduza, dizendo o que sente prazer, o que a faz ter orgasmo.

Eu sou o dono do seu prazer, eu quero conhecê-lo tão a fundo — Tom se inclina sobre o meu ombro, deixando a respiração bater na minha pele — eu quero ouvi-la gemer, Alice, como nunca antes.

O calor se transforma em fogo e suspiro, sentindo minha intimidade saltar de tesão, derretendo. Meu coração acelera, enlouquecido, e sinto tesão, muito tesão. O quarto se torna quente, abafado, assim como sua respiração, e cada palavra de Tom rouba meu ar.

—Isso é possível? — pergunto com a voz fraca.

—Vamos descobrir — Tom sugere com a voz autoritária, sussurrando contra o meu ombro e então o morde devagar, com delicadeza, me provocando.

—Tom — arfo, dizendo seu nome e sua mão contorna meu corpo, pousando sobre meu seio direito. Ele o aperta devagar e o solta, dando um

passo para trás.

—Vamos começar devagar, Alice — Tom sussurra — vá para a cama.

Caminho firme até a cama, sentindo o carpete morno sobre os meus pés. Meu corpo está em combustão, ansiando para Tom incendiá-lo ainda mais, e deito, me virando de barriga para cima. Olho para Tom, vendo-o caminhar até o balcão, pegando uma algema. Ele para, ainda de costas para mim e de frente para o balcão, com as algemas nas mãos e vira o rosto, fitando os diversos produtos. Ele estende o braço e pega dois pequenos frascos.

—O que vai fazer? — pergunto curiosa e ouço sua risada rouca. Tom se vira, caminhando devagar na minha direção. Desço os olhos pela sua roupa — você ainda está vestido.

—Se acalme, minha Alice, nós temos a noite inteira — Tom sussurra e para ao lado da

cama, se inclinando sobre mim — levante os braços — ele pede e faço o que diz, levantando-os até a cabeceira. Tom passa as algemas nos meus pulsos e as fecha, mantendo-os erguidos. Seus olhos azuis escuros descem pelo meu corpo, inundados de desejo. Ele caminha, contornando a cama, e para nos meus pés, largando os frascos sobre a cama e se inclinando para frente. Ele apoia uma perna na cama, fechando as minhas pernas, e agarra minha calcinha, puxando-a para baixo junto com a cinta-liga. O arrepio percorre minha intimidade e sorrio, excitada, sob seus olhos atentos.

—Irá me deixar nua? — pergunto devassa, sentindo apenas o colar no meu pescoço, exatamente como Tom queria.

—Eu amo você nua — ele responde ainda mais devasso, subindo os olhos azuis escuros pelo meu corpo, me provocando. Tom passa a calcinha pelos meus pés e sorri, apertando-a na mão,

levando-a até os lábios. Ele a beija e inspira fundo — eu amo o seu cheiro — ele sussurra e me encara, jogando a calcinha para o lado. Atrito as pernas, enlouquecida, excitada o suficiente para desejar ele dentro de mim. Tom percebe e sorri sedutor, curvando levemente os lábios — você está molhada, Alice? — ele pergunta devasso e ainda inclinado sobre as minhas pernas fechadas, coloca um dedo sobre meus grandes lábios, abrindo-os. Seu dedo afunda na minha intimidade e gemo com o toque.

—Você sabe — suspiro, fechando os olhos.

—Eu sei — ele concorda com um sussurro rouco. Abro os olhos, vendo-o ficar em pé novamente, pegando um dos frascos. Ele o abre, despejando o líquido transparente na mão e levanta os olhos, me fitando autoritário — abra as pernas para mim, Alice — ele pede, e lentamente deslizo

as pernas pelo lençol preto, me entregando para ele. Seus olhos descem para a minha intimidade exposta e ele retesa a mandíbula, com os olhos de pura satisfação. Tom sorri e suspira, apoiando um joelho na cama, depois o outro. Ele se inclina na minha direção e passa o produto na minha intimidade. Eu a sinto se eletrizar, esquentando repentinamente.

—Oh, Tom — gemo surpresa, sentindo minha intimidade pegar fogo.

—Está quente, minha Alice? — ele pergunta com a voz inundada de desejo. Assinto, mordendo o lábio inferior, e Tom sorri, deixando a mão repousada contra meus grandes lábios. Lentamente ele abre os meus grandes lábios e com dois dedos toca meu clitóris. Estremeço, com os olhos fixos nos seus, e Tom começa a me acariciar devagar, contornando meus clitóris, como se quisesse descobrir cada parte, acariciando-o em círculos lentos.

PERIGOSAS NACIONAIS

—Tom — gemo, me contorcendo de tesão. Ele aumenta o ritmo dos dedos, me tocando rápido, subindo e descendo até os pequenos lábios, ameaçando me penetrar com os dedos e voltando ao clitóris.

—Tão molhada — ele sussurra e então se inclina para baixo, beijando meu ventre. Encaro seu rosto sedento de desejo.

Gemo alto seu nome, desejando-o e Tom desce com a boca até a minha intimidade, beijando meus grandes lábios — tão quente. Você me esquenta, Alice — Tom sussurra contra meus grandes lábios e suga sem força um deles, saboreando-o. Gemo enlouquecida, sentindo minha intimidade na sua boca, e sua língua avança, abrindo meus grandes lábios, tocando a ponta no meu clitóris.

—Tom — gemo, abaixando as mãos, algemadas, e cravando meus dedos nos seus

PERIGOSAS ACHERON

cabelos louros, bagunçando-os. Empurro sua cabeça contra a minha intimidade e ele a suga com desejo, brincando com o meu clitóris com a língua, se deliciando. Gemo, batendo a cabeça contra os travesseiros pretos e me contorno de prazer, sentindo o gozo subir pela minha intimidade, guiado pela sua língua. Ele afasta o rosto e saí da cama, deixando sua ausência torturante. Tom sorri, em pé na ponta da cama, com os lábios molhados de prazer.

Suas mãos sobem para o pescoço e ele desfaz a gravata-borboleta, desabotoando a camisa social, abrindo o smoking.

—Fique nu comigo — imploro, ansiando por mais. Tom assente devagar, tirando o smoking, deixando a camisa social aberta, revelando seu peito definido, esculpido. Arfo, desejosa por ele, e Tom tira a camisa, tirando os sapatos também. Ele desabotoa a calça, guiando meu olhar com as mãos

e a abaixa, revelando uma cueca boxe preta, rente ao seu membro erguido, enlouquecido por mim. Sorrio, satisfeita por vê-lo assim e Tom tira as meias — tire mais — peço, me referindo à sua cueca.

—Mais o que Alice? — ele pede, me forçando a falar. Rio, sem graça e merda, eu estou enlouquecida.

—Quero ver seu pau, Tom, quero ver o quanto está duro por mim — perco a vergonha, vendo-o respirar fundo, devastado de tesão. Tom abaixa a cueca e seu membro pula para frente, duro, implorando por mim. Abro mais as pernas, desejando seu corpo no meu — venha comigo, me prove, prove o quanto estou molhada — começo a prová-lo com palavras. Tom nega com a cabeça, devagar, e então se inclina, pegando o outro frasco. Arquejo, desejando-o e o vejo despejar mais um líquido sobre a mão — o que está fazendo? —

pergunto curiosa, desejosa, e Tom sorri, abaixando a mão e fechando-a ao redor do seu membro duro. A visão me dá prazer e eu o vejo lambuzar o membro com o líquido, se tocando devagar, com os olhos em mim. Me lembro de algo que ele contou, me deixando ainda mais excitada — foi assim que você fez, quando me via na empresa, antes de me ter, Tom? Era assim que se tocava, na sua sala? — eu o provoco, fitando sua mão subir e desce no seu membro, se tocando devagar. As veias ao redor do membro aumentam, aparecendo, mostrando o quanto ele está se aguentando, e sua glande aponta lustra na minha direção, inundada com a sua ereção potente, mostrando o quanto ele está pronto para se enterrar em mim.

—Não, Alice. Na minha sala eu me tocava forte, rápido para gozar imaginando você comigo, porque era torturante, porque eu precisava gozar ao imaginá-la — Tom me provoca ainda mais,

rosnando as palavras em um sussurro sedutor. Sua voz me arrepia e franzo a testa, encarando-o.

Ele dá um passo na minha direção, com a respiração entrecortada e apoia os joelhos na cama, parando no meio das minhas pernas. Abro a boca, puxando o ar, vendo o seu corpo definido sobre o meu e Tom se sustenta com um braço apoiado ao lado meu corpo. Sua mão agarra as algemas e ele levanta meus braços para cima, mantendo-os presos para cima. Ele se sustenta com os joelhos e com a outra mão agarra o membro, mantendo-o firme na minha direção. Sinto minha intimidade queimar ainda mais com o produto que ele havia passado, um fogo quente, insuportável e então sua glande roça nos meus grandes lábios, gelada, me provocando. Dou um pulo, excitada, percebendo que ele passou o produto oposto no corpo. Abro a boca, puxando o ar e Tom sorri, encaixando seu membro contra os meus grandes lábios, encostando

o corpo no meu, mantendo o braço estendido para cima, segurando as algemas. Sua outra mão agarra meu quadril e seu rosto cola no meu, seus olhos azuis escuros são ferozes em mim e sua expressão é selvagem.

—Me sinta, Alice — ele rosna enlouquecido e empurra o quadril para frente, me penetrando com força. Gemo, sentindo o fogo contra o gelado, arrepiando todo o meu corpo, intensificando a sensação de abrigá-lo. Tom me abre inteira, me rasgando com desejo e gemo, jogando a cabeça para trás, arqueando as costas contra o seu corpo. Ele geme, se enterrando dentro de mim com força, perdido em prazer e estoca mais uma vez, me desejando por completo. Encaro o seu rosto, rente ao meu e Tom retesa a mandíbula. O oposto ao fogo dentro de mim me destrói e gemo enlouquecida, sentindo todas sensações possíveis. Me perco no seu rosto devastado de prazer e gemo,

me entregando, sentindo o prazer subir em ondas, me arrastando para o meu mundo de gozo, se irradiando em um arrepio entorpecedor. Me sinto inebriada, ouvindo seus gemidos roucos, seu quadril bater com força contra minha virilha e Tom geme, se perdendo dentro de mim. Sinto perder o raciocínio, sendo levada para o meu mundo do esquecimento, e Tom se inclina, estocando com força, puxando meu sutiã para baixo. Suas mãos agarram minhas costas e ele se ajoelha na cama, me sentando, sem parar de se enterrar dentro de mim. Abaixo os braços, envolvendo seu pescoço com as algemas, e Tom abocanha meu seio direito, sugando meu mamilo. Gemo, jogando a cabeça para trás, enlouquecida, desejando mais força.

—Mais forte, Tom — imploro em gemidos e Tom morde meu mamilo, se enterrando com força, subindo e descendo o pau de dentro de mim, me invadindo com seu gozo. Ele sobe com a boca

até o meu pescoço, me beijando e seu rosto cola com o meu. Ele geme, rosnando baixo a cada estocada forte que faz, retesando a mandíbula. Reviro os olhos, sentindo minhas forças sumirem, me sinto embevecida de prazer e me perco, sendo tragada por sensações de prazer, de queimação, que sobem pelo meu ventre. Tom percebe que estou entrando em orgasmo e arregala os olhos. Franzo a testa, perdida e ele puxa meus braços para cima, me deitando na cama e saindo de dentro de mim.

—O que está fazendo? — pergunto perdida, ansiando por ele, perdendo o orgasmo. Tom respira fundo, tentando se controlar e saí da cama, dando um passo para trás.

—Se levante, Alice — ele pede.

—Mas — tento falar e o vejo me encarar sério, com os olhos de luxúria. Arrasto as pernas dormentes pela cama e me levanto. Tom agarra a corrente no meio das algemas e me guia até o

suporte ao lado da cama, feito de couro e mais alto. Paro na frente de Tom e ele sorri, levantando uma mão e acariciando meu rosto.

—Eu não consigo aguentar mais, minha Alice — Tom sussurra, com os olhos fixos nos meus — eu preciso ter você de outro jeito, e se você está prestes a gozar, é porque está preparada.

Assinto, sentindo o meio das minhas pernas molhado e Tom sorri, me virando e me inclinando para frente.

—Apoie as mãos aqui — ele diz, apontando o suporte — e empine a bunda para mim — Tom sussurra devasso. Arfo, ansiosa, apreensiva e com tesão. Faço o que ele pede. Apoio as mãos contra o couro preto, ficando quase de quatro em pé, com os braços esticados, a bunda empinada e olho para o lado, vendo Tom contornar a cama e pegar mais um produto. Ele para e pega um pequeno chicote. Respiro fundo, sentindo meu

coração sair pela boca, e Tom se vira, com um sorriso torto, sedutor, com os olhos azuis escuros ferozes em mim. Ele caminha até a minha direção e eu o perco de vista, sentindo-o parado atrás de mim — você é minha — ele sussurra e sua mão pousa na minha bunda. Ele passa a palma pela minha bunda e então a tira. No instante seguinte dá um tapa e eu dou um pulo, derretendo de tesão, sentindo a ardência substituída pelo prazer. Gemo, cerrando os dentes e Tom percebe que gostei. Ele levanta a mão e dá mais um tapa, arrepiando todo o meu corpo. No mesmo momento sinto dois dos seus dedos abrirem meus grandes lábios, sentindo meu gozo, e Tom dá mais um tapa forte, me desestabilizando.

—Tom — gemo enlouquecida, sem conseguir vê-lo, sentindo suas mãos. Ele dá mais um tapa, sentindo o quanto derreto contra os seus dedos e então esses tocam no meu clitóris no mesmo instante que sinto um líquido quente contra

a minha bunda, deslizando até o meu ânus. Tom o toca, deslizando o líquido para dentro, acariciando minha entrada em círculos, assim como faz com meu clitóris, me estimulando.

—O que você sente, minha Alice? — Tom sussurra e sinto sua respiração contra a minha bunda. Ele a beija, sem parar de me tocar por trás e pela frente,em círculos contínuos.

—Prazer — sussurro enlouquecida, sentindo um prazer estranho. Seu toque atiça uma área que me devasta, causando um arrepio estranho, um prazer repentino que sobe em arrepios pela minha perna.

—Quero que você sinta mais — ele sussurra e seu dedo me penetra por trás devagar, me explorando. Fecho os olhos, fechando as mãos, sentindo minhas pernas fraquejarem e gemo, cedendo o meu corpo. Minha intimidade banha os dedos de Tom e ele continua a tocar meu clitóris

em círculos rápidos e leves.

—Você me quer aqui? — ele sussurra, me tocando por trás, me penetrando com o dedo e saindo.

—Sim — minha voz é um sopro de desejo e Tom para de me tocar, permanecendo apenas no meu clitóris, e então também para, tirando as mãos de mim. Permaneço ardendo de desejo, ansiando por mais daquele toque desconhecido. Sua mão esquerda abre minha bunda devagar.

—Me diga se não aguentar, se não gostar, minha Alice — ele sussurra preocupado.

—Tente, Tom — imploro, sentindo o prazer nos meus grandes lábios, meu coração na boca e a respiração acelerada.

Sua glande adentra pela minha bunda e toca na entrada que ele busca, acariciando-a, subindo e descendo pela minha bunda.

—Porra, Alice, como eu sonhei com isso,

eu desejava tanto — ele rosna com a voz rouca, se perdendo, sem controle. Ele empurra o quadril e seu membro me penetra parcialmente, me abrindo. Sinto uma dor estranha, como se Tom estivesse me rasgando e gemo, sentindo-a misturada com prazer. Abro os olhos, sentindo o ar sendo roubado de mim e cerro os dentes, aguentando.

Seu membro permanece imóvel dentro de mim, como se estivesse esperando eu me abrir e Tom geme, sem conseguir aguentar mais.

—Ah, Alice — ele geme, colocando as mãos nas minhas costas arqueadas e empurra o quadril ainda mais. Dou um grito, sentindo dor e prazer e ele para.

—Continue — rosno ansiosa por mim, sentindo a dor diminuir, sendo transformada em um prazer enlouquecedor. Tom respira fundo e se enterra, batendo a virilha contra a minha bunda. Gemo enlouquecida, sentindo-o inteiro por trás,

reivindicando um lugar, me rasgando por dentro e esperando eu me acostumar com o tamanho do seu desejo.

—Alice — ele geme ofegante — porra, como eu a amo — ele geme — como eu amo foder com você.

Suas palavras me derretem e gemo, sentindo a dor passar, se transformando em puro prazer. Empino ainda mais a bunda, desejando senti-lo ainda mais, sentindo o prazer se tornar intenso, uma forma estranha e entorpecedora, me roubando o ar. O suor escorre pelo meu corpo, me arrepiando, e rebolo a bunda contra o seu membro, provocando. Tom geme, se perdendo e agarra a minha bunda.

—Assim não consigo me controlar — ele sussurra para si mesmo.

—Não se controle — imploro, me sentindo molhada demais. Ele empurra o quadril, me

provocando e gemo, jogando a cabeça para trás. Tom agarra meus cabelos no mesmo instante, mantendo meu corpo arqueado e o sinto inclinar para o lado, como se estivesse pegando algo. No instante seguinte, sinto uma chicotada contra a minha bunda, não muito forte, mas o suficiente para me excitar. Grito um gemido, sentindo o seu membro sair todo de trás de mim e se enterrar novamente, acompanhando o chicote.

—Porra, Alice, como você é apertada — Tom geme enlouquecido e se enterra novamente. Ouço o barulho do chicote cair no chão — quero sentir com a minha mão — ele geme e dá um tapa na minha bunda, se enterrando novamente. Eu o sinto ainda mais do que o normal, sentindo o seu membro grosso, sua glande subindo e descendo por trás, como se fosse ainda mais sensível. Sinto minhas pernas fraquejarem, como se o anal tirasse minhas forças e gemo ainda mais, sentindo um

prazer maior. Tom larga meus cabelos e sua mão abre meus grandes lábios, enquanto ele estoca com força atrás de mim, me acompanhando com gemidos altos e roucos. Seus dedos tocam meus grandes lábios e ele me masturba, transando comigo por trás. Seu membro estoca com força, enquanto seus dedos tocam meus grandes lábios, rápidos e leves, me levando à loucura. Me sinto inebriada de prazer, de uma forma nunca antes, sendo provocada por dois lugares.

—Tom — gemo seu nome, sentindo sua outra mão bater com força na minha bunda, me arrancando a sanidade. Enlouquecido, ofegante, ouvindo-o ofegante também, sua virilha dura batendo contra a minha bunda e gemo cada vez mais, deixando meu corpo ser arrastado pelo prazer. Entro no meu mundo do esquecimento, apenas sentindo seus dedos fortes, seu membro inteiro, saindo e entrando com força na minha

bunda, me empurrando para frente.

E Tom perde o controle.

Ele geme enlouquecido, me empurrando para frente, com força, se enterrando até o talo, entrando e saindo como se precisasse de mais. O sinto por toda sua extensão, percebendo o quanto sou sensível atrás, e sua glande roça a entrada e entra novamente, se enterrando por completo. Ele levanta a mão direta e dá mais um tapa forte, acompanhando as estocadas, me acabando em prazer. Sua outra mão me toca com desejo, me deixando molhada ainda mais, e sinto perder a lucidez. As sensações se intensificam e perco o chão, fechando os olhos. Ondas arrepiantes sobem pelo meu ventre, em uma queimação que me entorpece, e sinto um formigamento se formar, com desejo e vertigem. Enlouqueço.

—Tom — grito seu nome no auge do êxtase e gozo contra seus dedos, encharcando-o.

Entro no maior orgasmo que já tive, me sentindo liberta, sentindo seu membro duro de prazer por trás, se enterrando com desejo enquanto seus dedos se afundam no meu orgasmo. As sensações se intensificam, um arrepio enlouquecedor e um estremecimento por todo o corpo. Esqueço onde estou, sentindo apenas seu membro, sua mão dentro de mim e seu tapa na minha bunda. Gemo cada vez mais, ofegante, sentindo espasmos por todo o corpo e então sinto seu membro estremecer dentro de mim.

—Alice — Tom geme meu nome, enlouquecido e goza dentro de mim, me esquentando por trás, me devastando, prolongando meu orgasmo. Arregalo os olhos, sentindo-o quente de uma forma que nunca senti antes e gemo, sentindo meu coração acelerado e a respiração ofegante. Tom entra no orgasmo comigo, gemendo baixo, rouco, perdido em prazer. Meu corpo inteiro

se arrepia, experimentando a sensação de prazer por dois lugares, uma sensação inebriante e única.

Tom saí de dentro de mim, sensível e ofegante, agarrando meu quadril e me puxando para ele. Ele me abraça por trás, beijando meus cabelos.

—Eu amo você — Tom sussurra contra os meus cabelos e sorrio ofegante, sentindo meu corpo fraco. Me viro de frente para ele, encarando-o e levanto as mãos, acariciando seu rosto.

—Eu amo você, Tom — sussurro, passando o dedo pelos seus lábios e Tom me abraça, puxando minhas pernas para cima e me pegando no colo. Sorrio, extasiada ainda, e Tom me carrega até a cama, me deitando.

O fito, vendo-o caminhar até o balcão e pegar a chave das algemas. Fito o P em suas costas e sorrio ainda mais, satisfeita por tudo o que está acontecendo com nós. Ele se deita ao meu lado e

levanto os pulsos, vendo-o abrir as algemas.

—Você gostou? — Tom pergunta, agarrando minha cintura e puxando meu corpo contra o seu, se virando de lado, com o rosto rente ao meu, o peito definido contra os meus mamilos. Passo a mão pelos musculosos do seu braço e ele o flexiona, acariciando meu rosto.

—Eu não imaginaria que fosse assim — respondo sincera, encarando seus olhos azuis escuros, ainda ferozes em mim.

—Assim como? — ele pergunta com a voz rouca arrastada. Sorrio, acariciando sua boca.

—Prazeroso — respondo. Eu jamais imaginei que iria gostar, mas percebo o quanto eu senti prazer e o quanto eu irei querer novamente. Tom sorri, satisfeito pela minha resposta — você também queria tanto?

—Eu estava enlouquecido para ter você assim, não sei explicar — ele sussurra, com os

olhos fascinados em mim — eu me perdi em você.

—Você não se perdeu, Tom, você se encontrou — sussurro zombeteira e Tom ri roucamente, assentindo devagar. Encosto o meu nariz no dele e beijo suavemente seus lábios, acariciando seu rosto, sentindo seu corpo definido contra o meu.

-Você é o meu mundo — ele sussurra com a voz rouca, arrancando meu coração do peito. Respiro fundo, sentindo um prazer imenso e sorrio. Tom permanece me encarando, como se quisesse memorizar meu rosto, seus olhos azuis escuros vagam por ele e sinto meu corpo cansado, minha respiração mais calma.

—E o que você iria contar sobre Enzo? O que ele queria? — pergunto, ciente de que agora é o momento. Tom retesa a mandíbula e seus olhos azuis escuros se tornaram preocupados. Ele arqueia uma sobrancelha, imóvel. Seus olhos vagam pelo

meu rosto.

—Enzo e Anya querem cobrar o favor que fizeram à você e à mim, minha Alice — Tom sussurra devagar e sua voz rouca me arrepia. Franzo a testa, me lembrando que Anya havia dito algo sobre isso.

—E como eles querem cobrar? — pergunto curiosa, um pouco temerosa. Tom ri roucamente, nervoso.

—Eu não sei se você aceitará, expliquei isso para eles — Tom começa a falar, com os olhos azuis escuros, ainda fixos em mim.

—Qual é o favor, Tom? O que eles querem? — pergunto, analisando a expressão ansiosa do seu rosto. Tom sorri devagar, um pouco nervoso, com os olhos azuis escuros ferozes em mim.

—Eles querem que nós nos tornemos sócios deles, Alice — Tom sussurra, me encarando

intensamente. Sinto meu coração bater novamente acelerado e começo a suar frio, tentando entender.

—Como assim? — pergunto e Tom acaricia minha bochecha com o polegar, me encarando ferozmente.

—Como donos de Pandora — Tom sussurra — você quer? — seus olhos azuis escuros são ferozes e ansiosos, fitando os meus, esperando a minha resposta.

PERIGOSAS NACIONAIS

O despertador toca mais uma vez e abro os olhos, fitando o teto da casa de Tom, ou melhor, da nossa casa. Arregalo os olhos, percebendo que perdi o horário. Levanto, me sentando, e pego o celular, vendo uma mensagem de Tom.

Alice, está pronta? Daqui meia hora posso passar para vermos os móveis?

Merda, como pedi demissão, estou sem estágio, e assim, tenho a tarde livre. Por isso, decidi dormir um pouco, esquecendo do meu compromisso com Tom. Levanto rapidamente, abrindo o grande guarda-roupa de Tom e pegando uma calça jeans e uma regata leve, branca, assim como um sutiã e uma calcinha. Corro para o banheiro e ligo o chuveiro, tomando um rápido banho.

PERIGOSAS ACHERON

Me visto, fazendo uma maquiagem leve e seco o cabelo, consultando o horário no celular. Nenhuma mensagem de Tom, merda.

Saio do quarto, passando pelo comprido corredor da casa e desço as escadarias, olhando ao redor, os quartos, as estatuas, tudo o que Tom ostenta e sorrio, achando graça da ideia de que tudo isso ainda é meu.

Desço as escadas e atravesso o salão, saindo da casa. Olho para o grandioso jardim, com chafarizes e desenhos feitos com arbustos. Olho para baixo, vendo um motorista encostado em um Mercedes-Benz AMG GT branco e sorrio.

O segurança, louro com olhos escuros, levanta a cabeça, ajeitando o terno e me cumprimenta com a cabeça. Desço as escadas de fora da casa e aceno para ele, parando na sua frente.

—Para onde vamos? — pergunto e o segurança sorri, abrindo a porta do carro.

—Para a sua empresa, Sra. Haltender — ele responde educado e entro, sentando no banco de couro. Olho ao redor, vendo o grande painel do carro, tudo em um bom acabamento. O motorista entra e acelera, conduzindo o carro para fora dos jardins, passando pelo portão.

Olho pela janela e começo a pensar. Para a minha empresa, para a nossa empresa. Tom transformou tudo em nosso antes mesmo de me consultar e acabei cedendo, porque sei que isso também o faz feliz. Nunca o vi tão feliz como hoje pela manhã, quando acordei para ir para a faculdade e ele para a empresa. Ele está radiante, casado e ansioso a cada vez que me vê. Quando eu o veria assim? Jamais imaginei e continuo me surpreendendo. Minha vida mudou completamente, eu mudei e não consigo pensar em como tudo aconteceu, em como tudo se culminou para esse momento que vivemos hoje. Lentamente reconheço

as ruas que tanto cruzei e vejo a calçada comprida da frente da empresa, que sobe em um arranha-céus gigante, com partes de vidro. O motorista entra no estacionamento e saio, agradecendo.

Caminho apressada, me lembrando de quando andava pelo mesmo lugar como sua estagiária, sem imaginar que estaria casada, prestes a decidir o apartamento e móveis que iremos morar.

Sorrio, extasiada com a ideia e caminho entre as pessoas, vendo-as conversarem, andando apressadas. Entro no prédio, vendo os funcionários passarem por mim e um segurança me observa ao longe, fazendo sinal para outro.

—Por aqui, Sra. Haltender — dou um pulo ao ouvir um segurança atrás de mim e olho sobre o ombro.

—Obrigada, eu sei o caminho — digo sem graça, entrando no elevador. Esse sobe os andares e

então para no andar onde eu antigamente trabalhava.

As portas se abrem e avanço pelo corredor claro, ansiosa para ver Ana e Mônica, para ver o meu Tom. Sorrio e levanto a cabeça, caminhando firme. Viro o corredor e vejo as duas ruivas levantarem as cabeças, me fitando surpresas.

—Ali — Ana sorri falso o suficiente para não sustentar o sorriso por mais de dois segundos. Sorrio para ela e vejo a minha mesa vazia.

—Oi Ana — murmuro e olho para Mônica, que em pé, desce os olhos até os meus pés e volta a me encarar — oi Mônica — olho para Ana novamente e paro em frente à sua mesa, satisfeita por não ouvir seus comentários — Tom está?

Ela abre a boca, sem reação por alguns segundos e assente devagar

—Vou avisá-lo — ela começa e sorrio, negando.

—Não precisa, eu vou entrando — digo educada e dou as costas, ciente de que tanto ela como Mônica estão me seguindo com os olhos. Paro na porta e a abro silenciosamente, levanto os olhos e vejo Tom parado em pé, de costas para a porta, com os olhos fixos nas janelas de vidro atrás da sua cadeira.

—Eu sei que isso é antiético, mas é apenas uma pergunta. Falei com Henrique e ele disse que eu poderia ligar para o Sr. — Tom pausa e permaneço muda, ouvindo-o. Fecho a porta devagar, em silêncio para ele não ouvir — mas se, em uma hipótese, eu a fizesse parar de tomar os anticoncepcionais, e tanto eu quanto minha esposa fôssemos saudáveis, quantos meses demoraria para ela engravidar? — meu coração para e abro a boca, aturdida. O que Tom está planejando fazer? Fico em silêncio, ouvindo-o — não, não. Não sou pai ainda — ele diz rindo roucamente — ainda. Estou

pensando em trocar seus anticoncepcionais por algo sem efeito — ele pausa — eu sei, ela poderá ficar brava, mas gostaria de saber o que me indicaria.

—Tom — o chamo furiosa e ele vira rapidamente a cabeça sobre o ombro, assustado. Ele arregala os olhos, surpreso e retesa a mandíbula. O encaro furiosa, ciente de que meu semblante expressa o quanto estou brava. Tom estava pensando em me enganar para que eu engravidasse?

—Ligo para você depois — ele murmura no celular e desliga, me encarando em silêncio.

—Você disse que iria esperar, que entendia o tempo que estou pedindo — o acuso brava, dando um passo na sua direção e aponto para ele — você estava pensando em me enganar.

—Não é isso — ele murmura, largando o celular na mesa e dando a volta nela, vindo ao meu encontro.

—É claro que é, eu ouvi sua conversa no telefone — o acuso, brava — por quê? Você não pode esperar?

Ele fica em silêncio, parado na minha frente, me encarando ferozmente.

—Você sabe que eu não consigo esperar — Tom murmura contido, com a voz rouca controlada — eu queria vê-la grávida, com o meu filho. Eu.

—Não agora, Tom. Eu nem me formei ainda, eu perdi meu estágio — começo a falar autoritária.

—Você não precisa de estágio, minha Alice. Você é dona de tudo — Tom começa a falar e levanto uma mão, interrompendo-o.

—Você me conhece, Tom. Quero algo meu, quero algo por qual lutei e estudei. Pare — murmuro brava — eu quero um filho também, mas não agora, não insista, Tom. Não comece uma briga

comigo.

Tom respira fundo, relutante e fecha os olhos, cerrando os punhos, furioso. Ele retesa a mandíbula com força e assente devagar.

—Então diga — exijo, cruzando os braços.

—Eu aceitarei seu tempo, Alice. Eu não a farei engravidar antes da hora — ele sussurra a contragosto e abre os olhos, me fitando ferozmente. Sorrio, assentindo, deixando meu nervosismo passar e relaxo os ombros, vendo-o fazer o mesmo. Tom avança, agarrando meu rosto com ambas as mãos, acariciando minhas bochechas. Ele deixa o rosto rente ao meu, com o semblante ansioso, os olhos penetrantes em mim.

—Não seja ansioso nem controlar, Tom — sussurro contra os seus lábios — agora vamos ver nosso apartamento.

Ele sorri torto, sedutor, e permanece me segurando.

—Apenas me diga, minha Alice — Tom sussurra com a voz rouca, me arrepiando e provocando. Respiro fundo, sentindo meu corpo eletrizado por seu toque — quando você quiser ter um filho, quando achar que é a hora, irá me contar.

—É claro que irei, Tom — digo séria e sorrio devagar — quando for a hora, nós dois iremos tentar.

Tom sorri, satisfeito, e dou um passo para trás, estendendo a mão para ele.

—Vamos, a corretora nos espera — digo animada e Tom ri roucamente, achando graça da minha animação. Ele pega a minha mão e entrelaça os dedos, me conduzindo para fora da sala.

Passamos por Ana e Mônica, deixando-as nos seguir com os olhos, e desço com Tom pelo elevador. Ele me conduz para fora do prédio e eu o espero enquanto ele manobra o carro, saindo do estacionamento. Tom estaciona na minha frente e

saí do carro, contornando-o, abrindo a porta para mim. Entro e ele a fecha, contornando-o novamente, sentando ao meu lado.

Olho para ele, fitando seu rosto, sua expressão urgente e seus olhos azuis escuros, ferozes em mim.

—Está pronta para escolher onde viverá comigo, minha Alice? Está pronta para começarmos tudo? — ele pergunta com a voz rouca, sedutora. Coloco a minha mão sobre a sua, no volante, e sorrio, assentindo.

Estou pronta para começar tudo com Tom, meu marido, o meu mundo. Estou pronta para viver tudo com Tom, desde Pandora até no nosso apartamento, nas nossas manhãs, nas nossas noites calorosas.

Eu jamais teria vivido tudo isso se não fosse por causa de Tom. Agora eu me conheço, sei que sou todas as Alices que existiram, sou meu lado

escuro e sou a antiga Alice. Agora me conheço o suficiente para saber o que me provoca, o que me dá prazer, o meu corpo e o meu mundo.

Estou pronta para viver nos braços quentes de Tom, porque agora não é apenas o seu mundo, é o nosso mundo.

TOM

Cinco meses depois

Minha Alice. A mulher da minha vida.

De todas as formas que imaginei como estaria neste momento, jamais imaginei que estaria casado, com uma grossa aliança no meu dedo, dividindo um grande apartamento, abandonando

minhas festas, minhas noites sem dormir ou meu antigo apartamento.

Alice mudou minha vida aos poucos, mantendo meus defeitos, meu narcisismo, como ela adora dizer, minha ostentação, possessividade e todos os rótulos que ela insiste em dizer.

Mas de todos, eu sei que dois são verdadeiros. Sou um maldito egoísta e possessivo, querendo ter Alice e sua vida apenas para mim, porque ela se tornou o meu mundo, ela se tornou o que eu quero, e depois de vê-la indo embora, me abandonando, eu jamais aceitarei que isso aconteça novamente.

—Tom — sua voz me chama e levanto a cabeça, encarando-a. Seus cabelos louros caem sobre os ombros nus, e porra, ao descer os olhos pelo seu corpo torneado pelo vestido, vendo-a tão linda, sinto vontade de mandar tudo a merda e arrancar sua roupa, possuindo-a bem no meio da

sala.

Como fiz ontem, quando ela insistiu em acabar de assistir um maldito filme. Não consigo acabar nenhum filme com Alice, porque enquanto seus olhos prestam atenção no filme, os meus prestam atenção no seu corpo, querendo devorá-lo com força, querendo ouvir seus gemidos baixos, gradativamente aumentando conforme eu a faço gozar.

Porque apenas eu sei o que Alice precisa na cama, porque apenas eu sei satisfazê-la de um jeito único, e agora que ela se libertou de qualquer pudor, experimentando todo tipo de sexo, eu acabo me perdendo em seu corpo.

Há alguns meses, quando ela me surpreendeu aceitando fazer sexo anal, eu jamais imaginei ouvir ela pedir novamente, mas desde então, ela me devasta a cada pedido, a cada vez que desliga todas as luzes do apartamento e leva para o

quarto duas taças e um vinho, vestida apenas com a porra do colar que eu dei para ela, competindo comigo na provocação.

E no final da noite, eu agradeço à mim mesmo por ter comprado a cobertura e o andar debaixo do prédio, acabando com qualquer hipótese dos vizinhos nos escutarem, porque porra, quando ela empina a bunda para mim, deitada nos lençóis, gemendo o meu nome, dizendo o quanto é minha, apenas em outras palavras, eu perco o controle, eu mando tudo a merda e me enterro nela, sentindo-a tão apertada, tão minha.

E eu sei que ela gosta quando eu perco o controle, quando eu não a trato com cuidado, porque assim ela também se liberta na cama.

Como sei que ela gosta de ter o controle, como fez semana passada, quando recebeu minha mensagem de que eu iria ficar até mais tarde na empresa. Eu deveria imaginar quando ela não

respondeu, e meia hora depois, ela entrou na minha sala, com uma lingerie vermelha, os cabelos soltos e um batom vermelho, me fazendo largar o trabalho e vê-la me arrancar da mesa, para foder com ela no chão da minha sala.

Assim como, por ver que eu estava insistindo para ela não ir, Alice foi com Anya em um maldito evento da empresa de Armando, deixando claro quem estava no controle.

Mas eu jamais deixaria Alice ir sem eu estar cuidando, e como Enzo também estava, ele foi meus olhos, ele cuidou da minha Alice, mesmo ela não sabendo. De certo modo, Anya parou de tentar tirá-la de mim, percebendo que é mais fácil se tornar amiga do que inimiga de Alice.

—Você está me ouvindo? — ela pergunta séria, parada na minha frente, me encarando. Sorrio devagar.

—Estou — murmuro e a vejo sorrir,

radiante na minha frente, vestida para ir à Pandora comigo.

—Coloque para mim — Alice pede educada, se virando de costas e levantando a mão com um colar de rubi que eu dei para ela. Pego o colar da sua mão, roçando os meus dedos nos dela e o coloco sobre o seu pescoço, fechando-o no fecho. Aproximo o meus lábios do seu ouvido.

—Vou ter o prazer de tirá-lo lá, deixando-a nua para mim — sussurro no seu ouvido, vendo os pelos do seu pescoço se arrepiarem devagar. Sorrio, ciente de que sempre fiz isso com ela, mesmo que ela não percebesse o quanto meus olhos observavam.

—Não antes — ela hesita e se vira, sorrindo ainda mais — da minha surpresa.

Arqueio uma sobrancelha, surpreso e dou um passo para trás, odiando esse momento. Porra, o que Alice está planejando?

—Qual surpresa? — pergunto autoritário. Odeio surpresas, principalmente quando não posso ter o controle sobre elas. Alice nega com o dedo levantado, dando um passo na minha direção.

—Você só saberá em Pandora — ela sussurra e então dá as costas novamente, caminhando até o espelho. Desço os olhos pelo seu corpo, fitando sua bunda rebolar de um lado para o outro e sorrio, excitado. Vou ter essa bunda hoje, vou ter todo o seu corpo para mim.

Alice para na frente do grande espelho da sala, refletindo o sofá vermelho, o tapete branco e toda a mobília clara que ela escolheu, depois de uma longa discussão nas lojas.

—Por que você não me conta agora? — insisto, começando a ficar bravo, e Alice puxa os cabelos para o lado, deixando suas costas à mostra. O longo vestido preto, tomara que caia, é todo aberto nas costas e meus olhos se fixam no pequeno

P igual o meu, tatuado no meio das suas costas. Meu pau lateja dentro da calça e me imagino empurrando Alice contra o espelho e fodendo com ela aqui mesmo.

Mas precisamos ir para Pandora, porque agora, também somos os donos junto com os Lehanster.

Alice não quis me responder na noite em que eu contei sobre a proposta de Anya. Ela passou a semana sem conversar sobre isso, e então, no fim de semana seguinte, ela simplesmente disse que estava pronta para ser também a dona de Pandora, mas que não gostaria de ir aos eventos sabendo onde seria. Ela gostava do anonimato, das surpresas e eu aceitei o que ela pediu, explicando para Enzo. E não conseguiu esconder o como ficou surpresa e ao mesmo tempo sem reação ao ser dona.

Desço os olhos até sua mão, fitando seu grosso anel no dedo indicador, de ouro grosso,

brilhante, reluzindo com as luzes brancas da nossa grande sala. Passo os olhos pelos móveis claros, o grande espelho à nossa frente, ao lado da escada, assim como os sofás vermelhos.

—Porque se eu disse surpresa, meu Tom, significa surpresa. Não apresse demais — Alice murmura, parada em frente ao espelho, descendo os olhos para o corpo e avanço furioso contra ela, não me aguentando. Cravo minhas mãos em seu quadril e puxo seu corpo, fazendo sua bunda colidir contra o meu pau, que já lateja dentro da calça. Porra, como não vejo a hora de chegar em Pandora, de foder com ela. De amá-la. Encaro seu rosto pelo espelho, encostando meu queixo no seu ombro e ela sorri, ainda com o cabelo puxado para o outro lado.

—Eu não estou pedindo — sussurro, desejando que ela obedeça, mas Alice apenas balança a cabeça, voltando a encarar o longo vestido que me provoca, me deixando

enlouquecido. Ele levanta a perna direita, passando-a pela fenda do vestido e sinto meu pau tentar explodir a calça, fitando usa cinta-liga preta.

—Você não está em posição de mandar, Tom — ela sussurra e aperto a mandíbula, furioso.

—Você nunca esconde um segredo de mim por muito tempo, você sabe que eu sempre descubro — sussurro desafiador no seu ouvido, ouvindo-a suspirar com a voz fina, me lembrando seus gemidos. Encaro nossos reflexos pelo canto do olho, vendo-a se observar — e há mais alguém nessa sala que se tornou narcisista.

Alice ri da maneira que sempre riu, espontânea e um pouco sem graça.

—É impossível não se tornar narcisista morando com você — ela afirma e se vira, deslizando o corpo nas minhas mãos, levantando os braços e apoiando-os sobre os meus ombros, me encarando séria — mas você continua sendo o

mestre do narcisismo, Tom.

—Apenas do narcisismo? — sussurro tentando seduzi-la e arranco seu sorriso, deixando seus olhos vagarem pelo meu pescoço. Deslizo minhas mãos pelas suas costas, espalmando-as na sua bunda e empurro seu corpo contra o meu, colando seu ventre contra meu pau, para ela sentir o quanto eu estou enlouquecido. Aproximo meu rosto até encostar meus lábios nos dela, e porra mais um pouco desisto de ir para Pandora — uma vez você dizia que eu era o seu mundo do sexo.

—Você ainda é — ela sussurra contra o meu rosto, deixando o sorriso esvanecer e seus olhos se fixam nos meus — você ainda é o meu mundo do sexo.

—Você se tornou o meu mundo, minha Alice — sussurro, interrompendo sua voz fina e levanto uma mão, sentindo a pele macia do seu rosto contra a minha palma. Ouço o seu celular

tocar e porra, novamente alguém está ligando, interrompendo o que poderia ser o início de uma transa. Alice ameaça sair dos meus braços e a seguro com força, porque eu quero tê-la agora, eu preciso do seu cheiro, da sua voz, das suas mãos. Ela me encara indecisa e sorrio — não atenda, se for importante ligará depois, porque agora, nós dois somos mais importantes.

O celular toca novamente e Alice olha indecisa para o lado, vendo-o sobre o balcão.

—Mas pode ser minha mãe — ela murmura, indecisa e franzo a testa.

—Sua mãe? Por que ela estaria ligando? Vocês não conversaram hoje a tarde? — pela sua expressão curiosa, presumo que algo aconteceu. Solto Alice e ela sorri, se afastando de mim, dando as costas e pegando o celular. A encaro sobre o ombro, vendo-a parada de costas para mim, com as costas nua, os cabelos contra a pele e o P de

Pandora.

—Gabi — é Gabriel, porra. Por mais que Alice ache estranho, Gabriel se tornou um amigo, mas toda vez que quero transar com Alice, ele parece adivinhar, chegando sem avisar ou ligando. Ele não tem mais o que fazer? Volto a prestar atenção e Alice sorri, se virando de frente para mim, sobre sapatos de saltos que a torna mais alta — você está na cidade? Como assim? E a faculdade? Depois que você conseguiu convencer o reitor a aceitá-lo de volta, sei lá como, você disse que não iria mais faltar. Como assim está aqui desde quinta-feira? — Alice diz séria, franzindo a testa — Gabriel — ela parece rosnar furiosa e arqueio uma sobrancelha.

—O que foi? — me aproximo e ela desliga o celular na cara de Gabriel, me encarando brava.

—Gabi está no apartamento que você deu desde quinta-feira — ela explica, relaxando os

ombros e suspirando — ele disse que o reitor nem liga para as suas faltas, mas isso soa estranho, não parece que Gabriel teria um poder desses — ela dá de ombros, jogando os cabelos para o lado, atraindo meus olhos. Paro de ouvir o que ela está falando, me concentrando apenas nos seus dedos que roçam sua bochecha e tento me controlar. Aperto as mãos, lutando para não puxar meu pau para fora e silenciá-la com tudo o que eu quero fazer — isso parece ameaça — ela completa e me chama a atenção. Encaro seu rosto preocupado e porra, eu desconfio do que seja.

—Anya — murmuro e Alice arregala os olhos.

—Anya? — ela abre a boca — como você sabe?

—Anya já transou com Gabi, Alice — caminho na sua direção, agarrando suas mãos — provavelmente deve ter livrado ele da expulsão,

isso parece o jeito da Anya.

Alice fecha os olhos, furiosa e largo suas mãos, segurando seu rosto levantando.

—Pare com isso — murmuro, atraindo seus olhos — não quero você preocupada em Pandora.

—Não estou preocupada — ela dá de ombros e sorri.

—Você sempre mentiu mal — a acuso e Alice ri, arrepiando cada centímetro do meu corpo. Porra, o que ela consegue fazer comigo?

—E você confirmou com Dana? O aniversário dela é sábado que vem, eu avisei que você iria confirmar hoje de manhã — Alice começa a pensar em um milhão de problemas e tarefas, como sempre fez.

—Sim — digo autoritário, agarrando seu rosto — eu já falei com Dana, já peguei o presente que você encomendou, já deixei o quarto dos seus

pais prontos e já estou pronto para ir para Pandora com você — começo a dizer tudo o que imagino que ela falará.

Alice ri, assentindo contra as minhas mãos e se afasta, voltando a se aproximar do espelho, sumindo do meu campo de visão, parada atrás de mim.

—Você esqueceu de uma coisa — ela murmura se divertindo. Franzo a testa e me viro, encarando-a.

—O que? — eu sempre me lembro de tudo. Ela sorri e me encara pelo espelho.

—Nossas máscaras — ela sorri — estão no guardo, eu as tinha colocado dentro da minha bolsa, mas acho que tirei — ela parece pensar — estão em cima do balcão do quarto.

Não consigo não achar graça dos seus pensamentos e sorrio, avançando novamente até ela, parando atrás do seu corpo, encarando-a pelo

espelho.

—Quer ir de máscara hoje? — tento seduzi-la e levanto a mão, roçando os dedos pelo seu ombro esquerdo. Ela sorri, virando a cabeça sobre o ombro e me fitando do forma que Alice sempre me olhou, apaixonada.

—Vamos variar um pouco — ela sussurra e assinto, me lembrando que talvez Nicolas também esteja lá, e por mais que Alice tenha pedido demissão e conseguido outro estágio, eu ainda não o quero por perto. Eu o conheço porque ele é como eu já fui, e se Alice despertou algo em mim, também pode despertar nele, ainda mais no estado que ela está, porra, devassa desse jeito.

—Você quer que busque? — pergunto, vendo-a sorrir e dou as costas, me afastando — vou querer uma recompensa por isso — exijo, subindo as escadas de cor preta, posicionadas no meio da sala, para os quarto no andar de cima.

—Se você for rápido, veremos isso em Pandora, meu Tom — ela grita no andar debaixo e sorrio. Eu a quero algemada hoje, eu quero ouvir seus gemidos e ouvir ela pedir por mais. Alice conseguiu me dobrar e fazer eu ceder o controle no sexo, mas hoje eu quero estar no controle.

Paro no alto da escada, em frente ao largo corredor branco com tapete preto e caminho até a última porta do corredor, o nosso quarto. Passo pelas portas dos quartos fechados, do quarto trancado onde ainda existem as fotos de Alice, que não me canso de ver, o quarto de hóspedes onde seus pais dormirão quando chegarem, segunda-feira, para passarem dois dias aqui, para conhecer o nosso apartamento.

Paro no meio do corredor e balanço a cabeça. Só Alice para me fazer apresentar um apartamento para pais de alguém, nesse caso, os dela. Nunca fui de fazer isso, mas eu acabo, como

ela diz, puxando o saco da mãe dela. E comprei também um imenso buquê para a mãe dela, que Alice nem desconfia, assim como uma garrafa de uísque para o seu pai.

Provavelmente Gabriel virá aqui amanhã, tocando a campainha como um louco, nos acordando. Toda vez que ele está na cidade, ele aparece.

Volto a caminhar para o quarto e abro a porta, fitando o nosso quarto, tudo escolhido por Alice.

Quando a levei para escolher os móveis, ver os móveis sob medida e tudo o que poderia planejar, ela travou, dizendo que não queria. Tive que insistir e insinuar ajudá-la a escolher, mas grande parte foi do seu gosto, quando ela se empolgou.Encaro a grande cama posta na parede lateral à porta, do lado direito, a grande cabeceira forrada branca, os dois criados-mudo pretos, com

abajures em vermelho, o grande tapete branco sob o piso de cerâmica branco, o espelho de frente para a cama e um imenso guarda-roupa preto em cada lado do espelho. Entro no quarto, ligando as luzes esbranquiçadas, e olho ao redor, vendo sua bolsa em cima da mesa arredondada em frente à varanda do quarto, do lado oposto à porta de entrada.

Ela disse que estava na sua bolsa. Passo pelo meio do quarto, me certificando do que farei durante a semana. Porra, Alice conseguiu um novo estágio e preciso dar uma olhada nisso, sem ela saber, porque se souber, ficará puta da vida comigo. Também preciso entrar em contato com meu representante em Lyon, sobre a empresa que dei para Alice ser minha sócia, mas ela ainda está relutante à isso, ela aceitou mas não disse absolutamente nada sobre quando irá aceitar realmente.

Alice disse algo sobre Antone e Eva

voltarem de viagem, mas ainda não tive notícias, já que Enzo e Anya não disseram mais nada sobre eles.

Paro em frente à bolsa vermelha e enorme e franzo a testa. Por que Alice precisa de uma bolsa tão grande? Quando dei um cartão para ela usar à vontade, Alice quase o quebrou, mas Dana insistiu que ao menos fossem comprar algo. E pelo que Dana contou, Alice havia adorado essa bolsa, mas pelo valor, não iria levar.

E então Dana explicou qual bolsa era e eu comprei para ela. Alice ainda não se acostumou com a ideia de que o que é meu, também é dela agora, insistindo em poupar. Mas eu não poupo para ela, prefiro que fale que eu ostente do que fique poupando.

Abro a bolsa, procurando dentro, encontrando batons, maquiagem, sua carteira. Abro mais a bolsa, começando a me preocupar com a

demora. Porra, daqui a pouco o motorista de Pandora tocará o interfone e precisaremos descer.

Tiro suas maquiagens da bolsa e coloco do lado, tiro seus batons, sua caixa de óculos de sol, sua carteira, começando a esvaziar a bolsa e franzo a testa, vendo algo no fundo da bolsa. Enfio a mão e puxo, pegando uma pequena caixa retangular, de papel.

Meu coração para, minha respiração para.

Tudo em meu corpo está fodidamente estagnado.

Olho novamente, lendo a caixinha e dou um passo para trás, deixando a luz acima iluminar ainda mais. Um teste de gravidez.

Levanto a mão direita, ainda segurando a caixa com a outra mão e afrouxo a gravata-borboleta, começando a me sentir nervoso, de uma forma que nunca fiquei antes.

Porra, o que significa isso? Alice insistiu

que queria um tempo e na verdade eu acabei dando, já que ela descobriu meu plano de acabar com seus anticoncepcionais. Eu não fiz porra alguma, então o que é isso?

Sento na cama, puxando ainda mais a gravata-borboleta e olho para a lateral da caixa, aberta já.

Fazia muito tempo em que eu não me sentia assim, na verdade, desde quando Alice sofreu o acidente, quase morrendo. Percebo que minhas mãos tremem, que estou começando a suar frio e que meu coração está batendo rápido demais.

Abro a caixa, sem esperar mais e puxo para fora o teste, fitando o pequeno visor. Essa era a surpresa? Porra, estraguei de novo.

Sinto meu maxilar doer de tanta força que aperto, mas não consigo parar de olhar para os dois riscos no teste. Alice está grávida, minha Alice está esperando um filho meu.

PERIGOSAS NACIONAIS

—Tom? — ouço sua voz se aproximando e enfio o teste dentro da caixa, me levantando e avançando sobre sua bolsa, jogando-o dentro da bolsa junto com tudo o que eu tirei. Passo os olhos pelo balcão e vejo as duas máscaras.

—Estou aqui — a chamo, sem demonstrar nada.

—Não achou? — sua voz soa perto e viro a cabeça sobre o ombro, vendo-a parada na porta, com os cabelos jogados para trás, os lábios vermelhos, o vestido colado ao corpo e o anel de Pandora no dedo. Desço os olhos pelo seu corpo e fito sua barriga, sem conseguir disfarçar. Porra, um filho meu.

—Aqui — pego as duas máscaras e sorrio, tentando provocá-la. Paro na sua frente e pisco para ela, agarrando sua cintura e aproximando seu rosto do meu — ainda dá tempo? — sussurro e avanço contra seus lábios, ansiando por ouvi-la dizer a

PERIGOSAS ACHERON

verdade, por beijar e me afundar na sua boca. Invado sua boca com a minha língua, caçando a dela, sentindo-a tão quente contra o meu corpo. Suas mãos agarram meu rosto com desejo e dito o ritmo para a sua língua, comandando-a. Alice suspira contra os meus lábios, me provocando, me devastado, e perco o controle, empurrando-a contra a parede do quarto. Agarro suas coxas, puxando-a para cima, apertando sua pele com força, pressionando seus lábios nos meus, querendo arrancar seu vestido, beijar seus seios e me perder dentro dela, me afundar com a vontade insaciável de estar dentro do seu corpo apertado.

—Tom — ela sussurra, me provocando ainda mais. Meu pau duro parece explodir, ansiando por ela e desisto de aguentar.

—Aqui, porra, Alice — rosno com um desejo descontrolado, querendo provar do seu gosto, de penetrá-la com força.

PERIGOSAS NACIONAIS

—O interfone — ela sussurra e ouço o interfone de fundo. Abro os olhos e ela afasta o rosto, sorrindo — precisamos ir para Pandora. Lá, você poderá se enterrar em mim — sua voz devassa me deixa ainda mais fodido.

Não quero ir agora, quero jogar ela na cama, agradecer por ter um filho meu e me acabar dentro dela, mas Alice me afasta e volta para a porta, me encarando sobre o ombro.

—Vamos, meu Tom? — ela sussurra, dando as costas para mim. Permaneço parado, encarando seus cabelos roçarem nos ombros, seu quadril rebolar e ela para na porta, virando a cabeça na minha direção. Minha Alice sorri, com os olhos intensos e apaixonados em mim. Porra, como eu a amo.

Ela estende o braço na minha direção, virada de lado para mim, com um sorriso erótico e sei que nesse momento ela percebe pelo meu

PERIGOSAS ACHERON

semblante enlouquecido que eu a amo, que eu a quero, que eu preciso me perder nela.

—Vamos, meu Tom? — ela repete, com o braço estendido na minha direção e a palma da mão virada para cima, como se quisesse me guiar.

Estendo o braço e entrelaço nossos dedos, avançando na sua direção. Alice sorri, apertando com força a minha mão.

—Você é meu mundo — seus olhos entregam o quanto ela quer estar em Pandora comigo e porra, não consigo negar o quanto é enlouquecedor estar com ela.

Ela dá as costas, me puxando para frente, me guiando, deixando os cabelos louros roçarem nas costas. Subo os olhos pela sua bunda, vendo sua cintura torneada, suas costas à mostra, o P de Pandora tatuado no meio e seus cabelos sobre os ombros. Aperto com força sua mão, deixando-a me guiar para fora do quarto, me arrastando pelas

escadas para ir comigo para Pandora.

Eu estou fodidamente apaixonado por ela. Eu estou fodidamente excitado pela minha Alice, para me saciar no seu corpo, nos seus gemidos e no seu orgasmo que me deixa com mais tesão ainda, desejando me enterrar cada vez mais forte.

E porra, eu serei pai de um filho da minha Alice. Essa era a surpresa. Sorrio, vendo-a descer degrau por degrau na minha frente, animada do jeito que ela sempre fica ao ir para Pandora, um nervosismo que deixa explícito o quanto ela gosta.

Encaro seus cabelos louros e ela vira a cabeça sobre o ombro, me encarando emocionada, com os olhos mergulhados nos meus. Sorrio, tentando seduzi-la e ela retribui o sorriso, me desafiando.

Alice me guia, e juntos, vamos para o evento de Pandora. Quero enlouquecer com seu prazer, com o nosso prazer.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Epílogo

TOM

Pessoas mascaradas passam por mim, mas consigo prestar atenção em apenas uma mulher, minha Alice. Sua mão aperta a minha com delicadeza, e percebo que está nervosa. Sorrio, saboreando a sensação de vê-la nervosa desse jeito, e desconfio que não seja por estar em Pandora, porque aos meus olhos, ela parece se sentir em casa

em Pandora. Esse se tornou o seu mundo.

—Está nervosa? — Sussurro em seu ouvido com a intenção de provocá-la. Ela sorri sem graça e me olha sobre o ombro, voltando a desviar os olhos para o espetáculo principal. Volto meus olhos para a mulher sexual parada no meio da escadaria, ajoelhada, completamente nua, com um grande chifre de unicórnio de couro preto na cabeça. Atrás dela, um grande homem sexual começa a descer as escadas, arrastando um grande chicote. Não sei quais são as ideias de Enzo, mas há algumas apresentações iniciais que poderiam passar sem o BDSM.

Mas percebo que minha Alice continua absorvida no espetáculo, vivendo-o por completo, enquanto eu não consigo parar de pensar em uma única imagem: o teste de gravidez. Quando Alice irá me contar? Eu devo parecer surpreso? Não acredito que irei conseguir, mas conhecendo minha

esposa, ela ficará furiosa se perceber que eu descobri sua surpresa antes do tempo.

—Quero ir para um quarto agora. — Ordeno ao invés de pedir e suspiro na pele do seu pescoço, vendo-a ficar arrepiada, exatamente como pretendia. Alice suspira, fechando os olhos, e deslizo minha mão pelo seu vestido, indo para um dos meus lugares preferidos, sua bunda. Como é insuportável ficar sem ela, agora que Alice se libertou completamente, a entrega que ela faz, a forma como geme ao me ter. Sinto meu pau duro dentro da calça, implorando para se libertar também, e dou um tapa na sua bunda. Ela ri, dando um pulo, e vira a cabeça sobre o ombro, com o rosto rente ao meu.

—Por que a pressa, meu Tom? — Eu poderia responder que tenho pressa em ouvir ela dizendo que está grávida, que está esperando um filho meu. Porra, por que ela precisa fazer

surpresa? Eu preciso saber pela sua boca, eu preciso agora.

—Porque quero a sua surpresa. — Murmuro, desviando os olhos, ciente de que talvez eu não consiga esconder a maldita ansiedade que senti apenas uma vez na vida, quando vi Alice no altar.

—Você sabe qual surpresa? — Ela pergunta, franzindo a testa, e arqueio uma sobrancelha, retesando a mandíbula.

—Você ainda não me contou, como eu saberia? — Pergunto retórico e Alice semicerra os olhos, me investigando. Sorrio, tentando seduzi-la e vejo seus olhos me devorarem, desejando me ter. Aperto sua bunda, afundando os dedos na sua carne macia e reteso ainda mais a mandíbula, desejando foder com ela, amá-la. Alice suspira novamente, voltando a olhar o espetáculo, e deslizo ainda mais a mão, empurrando o vestido para o meio das suas

pernas. Talvez depois eu queira mais um filho. — E por que não me conta agora? — Insisto. Alice vira a cabeça sobre o ombro novamente, me fuzilando com os olhos.

—Porque surpresa é surpresa, Tom. — Alice sussurra sem graça, e vejo que também está ansiosa.

—Já estamos em Pandora. — Murmuro, abaixando a cabeça e subindo a mão para o seu pescoço, roçando os dedos por baixo do seu cabelo. — Olhe para frente, minha Alice. Ouça apenas a minha voz.

—Por que? — Ela pergunta curiosa e rio baixo, balançando a cabeça.

—Apenas se vire, minha Alice — Peço e ela obedece, voltando a fitar a mulher carregada no colo pelo homem sexual, sendo mostrada para todos os sócios. A mulher sexual abre os braços, no colo do homem sexual e aproximo meus lábios do

seu ouvido. — Sinta a minha mão — Sussurro contra o seu ouvido, e roço os dedos pelo seu pescoço. — Sinta o meu toque. Gosta que eu a toque aqui? — Pergunto com tesão, desejando tocá-la com a boca. Acaricio seu pescoço, apaixonado pela mulher que tenho nas mãos, enlouquecido por saber que depois de tudo, ela é minha, somente minha. E tem meu filho no ventre.

—Amo o seu toque. — Ela geme baixo, fechando os olhos.

—Ouça a minha voz, minha Alice. — Sussurro ainda mais baixo no seu ouvido, deixando minha respiração bater propositalmente na sua pele. Desço devagar com os dedos pelo seu pescoço, contornando seu ombro. — E aqui? Sente prazer com o arrepio?

—Sinto desejo, Tom. — Ela parece implorar e sorrio, começando a ficar com mais tesão. Sinto sua pele quente embaixo dos meus

dedos. Deslizo pelo seu vestido e discretamente puxo o zíper. Alice abre os olhos surpresa e sorrio excitado, deixando o zíper todo aberto. Dou um passo para o lado, ficando totalmente atrás dela, e coloco uma mão no seu ombro, mantendo o vestido no corpo dela. Com a outra mão, adentro, contornando sua cintura fina, sua pele macia. Colo o meu peito nas suas costas e meus lábios no seu ouvido.

—Me deixe explorar o meu país das maravilhas. Gosta que eu toque em todo o seu corpo? O que sente? Conte para mim, conte o que sente com o meu toque. — Peço em um sussurro sedutor. Alice suspira, fechando novamente os olhos, e sinto um maldito tesão insuportável ao contornar sua cintura e subir para os seus seios. Seu mamilo roça na palma da minha mão e eu a fecho sobre ele. Ela geme baixo.

—Sinto prazer, Tom. Sinto que meu corpo

está entregue em suas mãos e sei que você saberá o que fazer para me dar prazer. Sinto que apenas você conhece o que eu preciso, o que eu quero. Sinto que o meu prazer é seu, e o meu prazer se torna o seu prazer. — Ela confessa em um gemido e assinto devagar.

—Seu corpo é o meu prazer, minha Alice. A sua respiração se tornou a minha, o seu gemido é o meu orgasmo. — Sussurro com devassidão. E porra, essa mesma devassidão está deixando meu pau duro contra a calça. Sinto um desejo incontrolável e aperto o seu seio com força. — A sua entrega é a minha loucura e porra, Alice, eu não aguento mais. Seu corpo parece implorar pelo meu, mas na verdade, é o meu que está implorando pelo seu.

—Implore, meu Tom. — Ela sussurra autoritária e franzo a testa. Alice se vira com veemência, arrancando a minha mão de dentro do

seu vestido e roça os seios contra o meu peito. Arregalo os olhos, surpreendido e ela agarra meu rosto com as duas mãos, colando nossos lábios. A fito tão de perto, vendo sua perfeição no rosto tão emotivo. — Implore por sexo, implore pelo meu corpo, e eu o darei com prazer. — Ela sussurra devassa contra os meus lábios. — Diga o que quer, meu Tom.

—Quero você, quero sua surpresa e seu prazer. — Conto todo o meu desejo, agarrando seu quadril com força, colando ainda mais nossos corpos. Ela ri contra os meus lábios, irresistível.

—Você tenta me provocar, Tom, mas no final, você também se provoca. — Ela diz confiante e sorrio.

—Mas eu sei o quanto está molhada. — Sussurro com prazer e Alice ri.

—Tão molhada — Ela sussurra contra os meus lábios e não consigo parar de olhar para os

seus. — Tão molhada, que estou com um tesão que molha a minha calcinha, meu Tom. — Ela levanta os olhos, me enlouquecendo, fitando-me. — Quer tirá-la de mim?

—A tirarei com a boca, com todo o prazer. — Rosno de tesão e agarro sua mão, puxando-a.

—Ei — Ela tenta me chamar, mas eu a ignoro. Não quero parar agora, não quero parar nunca mais. A puxo, guiando-a entre os sócios, que na penumbra, nos encara surpresos, muitos mascarados e mulheres sem máscaras. Desvio de várias mulheres sexuais e a arrasto pelo corredor na penumbra. Eu preciso estar em um quarto com Alice, eu preciso ouvi-la, eu preciso tocá-la. Eu preciso amá-la. — O espetáculo está acontecendo nas escadas. — Ela tenta me chamar.

Porra, estou ciente de que para chegar nos quartos, precisarei passar pelo espetáculo, mas não me importo em interrompê-lo.

—Nós somos o espetáculo das nossas vidas, minha Alice. Isso é mais importante que qualquer espetáculo de Pandora. — Rosno inundado de tesão e avanço, abrindo caminho pelos sócios, que surpresos, abrem espaço. Passo pelo salão no centro, vendo todos os rostos se virarem na nossa direção. O casal sexual, abraçado no meio das escadas, nos fitam surpresos e mascarado, abaixo a cabeça, guiando Alice, surpresa, atrás de mim. Subo as escadas, passando ao lado do casal sexual — Continuem o espetáculo. — Murmuro para eles, ao passar, e avanço rápido. Alice corre junto comigo e alcanço o topo da escadaria no escuro. Dois corredores avançam pela frente e Alice para ao meu lado, eufórica.

—Isso foi inacreditável. — Ela murmura surpresa e sorrio.Inacreditável é o que Alice fez comigo.

—Escolha um quarto. — Sussurro, fitando

o corredor na penumbra. Ela assente devagar e pelo canto do olho a vejo determinada. Alice me puxa pela mão e me arrasta pelo corredor, avançando e passando por todas as portas abertas. Ela parece escolher e avança ainda mais, com os olhos fixos no último quarto. Ela caminha até ele, apressada e me guia para dentro. Paro no meio do quarto, fitando todas as paredes vermelhas, em um tom escuro, a luz fraca, deixando o quarto na penumbra, e os diversos espelhos nas paredes, refletindo todo o quarto. A cama, no centro do quarto, com um grande dossel de madeira escura e tecido vermelho, é refletida por todos os espelhos, inclusive o do teto. Ao lado esquerdo, a bancada com objetos de sado e braçadeiras penduradas no teto.

Ouço a porta fechar e sorrio.

—Você está com pressa também. —Sussurro com luxúria.

—Nós dois estamos, meu Tom. Não finja

que é apenas eu. — Ela diz zombeteira e assinto devagar. Viro a cabeça sobre o ombro, me perguntando o por quê da demora dela aparecer na minha frente, e arregalo os olhos, vendo-a nua já, com o vestido sobre os pés com salto alto. Desço os olhos para o seu busto claro, os seios com os mamilos rosados e rijos, ansiando para serem chupados pela minha boca. Rosno com desejo, retesando a mandíbula e a devoro com os olhos. Desço os olhos ainda mais e não consigo evitar fitar sua barriga e seu ventre, nosso filho está ali. Desço ainda mais, fitando seu monte vénus, o meu país das maravilhas molhado e quente. Suas pernas torneadas, uma coxa contra a outra, e Alice sorri. — Deite na cama, meu Tom.

—Com roupa? — Pergunto sem entender e ela assente, autoritária.

—Com roupa. Não vamos transar agora. — Ela afirma e nego com a cabeça. Alice ri e dá um

passo na minha direção, passando por cima do vestido, com os olhos fixos em mim. Levanto a mão e tiro a máscara, enquanto ela permanece mascarada. Afrouxo a minha gravata borboleta, ansiando por ter Alice, e ela aponta para a cama atrás de mim. — Deite, Tom.

—Mas — Tento falar e Alice nega com o dedo. Porra, ela vai me contar. Dou as costas e respiro fundo. Não é como se eu estivesse preparado para isso. Eu sempre estive preparado para a minha vida, foder com mulheres, deixá-las, não me apaixonar mais e até me foder quando me apaixonei. Sei lidar com meus negócios, sei ter dinheiro e gastá-lo, sei abrir empreendimentos e lidar com pessoas. Mas não sei lidar com a notícia que serei pai.

Coloco um joelho na cama e avanço, de costas para Alice. Avanço engatinhando na cama, e ao me virar, sentando-me na cabeceira da cama,

arregalo os olhos, me surpreendendo.

Alice está parada no pé da cama, com os olhos fixos em mim, um batom vermelho na mão e um coração desenhado em vermelho no ventre. Na penumbra do quarto vejo seus olhos ansiosos, tentando decifrar se eu entendi. Porra, o que vou dizer? Estou enlouquecido desde antes com isso, não consigo disfarçar mais e sei que esse é o meu defeito. Sorrio, retesando a mandíbula, e vejo seus olhos se encherem de lágrimas. Elas escorrem pelo seu rosto e avanço, saindo da cama.

—Eu já sabia. — Confesso exaltado, agarrando seu rosto. Alice arregala os olhos, me fuzilando e dá um passo para trás.

—Como assim? — Ela pergunta brava e começo a rir nervoso. Agarro seu rosto novamente, acabando com qualquer distância, e meus olhos vagam até sua barriga, fitando o coração. Sinto o meu coração parar novamente e uma emoção

estranha me invade. Sinto vontade de chorar e permito isso, deixando as lágrimas invadirem meus olhos. Segurando seu rosto com uma mão, com força, eu acaricio sua barriga.

—Você me conhece, minha Alice. Não consigo não tentar ter controle sobre a situação. — Murmuro sem jeito. — Eu abri sua bolsa por engano, e vi um teste de gravidez.

—Quando? — Ela me interrompe, me fitando surpresa. A encaro, sorrindo.

—Hoje. — Sussurro com desejo de abraçá-la. Agarro seu rosto novamente, segurando-o perto do meu. — Diga, Alice. Diga em voz alta o que eu esperei tanto. E me diga como decidiu isso agora. Você disse que iria me avisar.

—Você sempre tem o controle, meu Tom. Dessa vez, eu quis fazer diferente. — Alice confessa, colocando as mãos no meu pescoço. Ela desce uma, espalmando-a contra o meu peito. —

Eu decidi porque queria dar esse passo, porque desde que você me pediu, eu estou pensando. Acabarei minha faculdade esse ano, e — Ela hesita, sorrindo**.** — Acho que nunca estarei preparada para isso, até decidir, então, algumas semanas depois que você me pediu, e parei meu anticoncepcional.

—Ainda aquela vez? — Pergunto. Porra, demorou todo esse tempo? Alice ri, assentindo, e abaixa a cabeça. A levanto, fazendo-a me olhar.

—Não é tão fácil assim, às vezes demora. — Ela explica.

—Diga. — Peço, insistindo em ouvir. Me sinto nervoso, e uma lágrima escorre pelo meu rosto. Seus olhos se banhados em lágrimas e ela ri, segurando meu rosto, acariciando minha barba rala com os polegares.

—Vou ter um filho seu, meu Tom. Nós teremos um filho. — Ela sussurra extasiada. — Você será pai.

PERIGOSAS NACIONAIS

Puxo seu rosto e colo nossos lábios, abrindo sua boca e penetrando com a língua. Busco a sua com urgência e a envolvo, não conseguindo me saciar. Dito um ritmo acelerado, uma dança erótica entre nossas línguas e mordo seu lábio inferior, fazendo-a gemer. Afasto os lábios e abro os olhos, fitando seu rosto emocionado. Beijo devagar seus lábios novamente, e ela perde o controle, abrindo os meus com a língua, buscando a minha com desejo, envolvendo-a. Gemo contra os seus lábios, envolvendo-a em um abraço e Alice afasta os lábios dos meus, me fitando.

—Tenho tudo planejado, minha Alice. Será a grávida mais linda, mais cuidada e — Começo a falar e ela coloca um dedo sobre meus lábios, me silenciando.

—Você não vai planejar nada assim. — Ela diz firme, mas com um sorriso emocionado. Sorrio, assentindo devagar. — Pare de dominar até a

PERIGOSAS ACHERON

gravidez. Vamos planejar juntos, você está tentando dominar demais.

—Me deixe aproveitar. — Murmuro e ela ri.

—Você deve ter planejado até o parto. — Ela zomba e fecho os olhos. Porra, queria poder planejar tudo, mas sei que Alice irá enlouquecer se eu fizer isso.

—Vamos fazer isso juntos. — Concordo devagar, cedendo o meu controle. Abro os olhos, fitando-o com desejo, enlouquecido. A devoro com os olhos, a amo com os olhos. — Você está me tornando feliz de um jeito que nunca imaginei, que nunca planejei.

—Eu também estou vivendo um momento que nunca imaginei. — Ela confessa, com lágrimas nos olhos, e sorrio junto com ela. — Mas estamos aqui. Desde o início até hoje, e todos os dias da minha vida, você será o meu mundo do sexo, o meu

Tom. Eu estou no seu mundo. — Ela sussurra do jeito que sempre fez, me arrancando da sanidade e arrepiando meu corpo.

—E você é o meu mundo, minha Alice. — Sussurro, encarando-a nos olhos, fitando os olhos pelos quais me apaixonei, o rosto que não me deixou dormir por muitas noites por pensar que eu a perderia. Fito a mulher que amo e perco o controle, agarrando-a e beijando-a. Perco-me em seu corpo com as mãos, enlouqueço em seu beijo profundo, porque Alice não é apenas uma mulher, Alice é o meu sexo, Alice é a sexualidade e o meu prazer.

Eu posso ser o seu mundo do sexo, como ela diz, mas Alice é a minha esposa e sócia, a mulher que me mostrou que eu posso experimentar mais. Ela é a mulher com quem estou em Pandora, a mulher com quem estou na cama e na minha vida. Ela é o meu país das maravilhas, é minha e será a

mãe do meu futuro filho.

Mas Alice está errada. Ela não está mais no meu mundo, como ela sempre costuma dizer.

Alice é o meu mundo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Os Lehanster – Série Pandora – Livro III

Os donos de Pandora, um clube secreto de sexo, onde o anonimato de máscaras garante seu prazer inesquecível.

Três irmãos, poder, sedução e segredos perigosos. Até onde cada um iria para conseguir o que quer?

Conheça Pandora e a família Lehanster.

Enzo Lehanster havia conseguido o que queria em sua vida: o topo, estar sentado na mesa de presidente da empresa da sua família, dirigindo

PERIGOSAS ACHERON

todos os empreendimentos e ter Antone, seu irmão mais novo sempre ao seu lado. Sua vida particular sempre foi discreta, regada de sadomasoquismo e submissas fiéis. Seu passado permaneceria enterrado, embaixo de todos os segredos menos polêmicos de sua vida, guardados por seu irmão Antone.

Tudo será posto à prova em sua vida e em sua consciência quando sua irmã, Anya Lehanster, retornar mudada.

Anya Lehanster sempre foi distante dos seus irmãos, que estudaram fora desde novos e com a morte dos pais, se mudou para Lyon, França, aos treze anos de idade. Retornou aos dezoito, encontrando em Enzo a perdição de uma noite no anonimato. Anya mostrará que também sabe jogar, que a menina que havia sido criada longe retornou como uma mulher dominadora e se verá diante de uma terrível decisão: conhecer a fundo seu próprio

irmão, Enzo Lehanster e não se deixar seduzir, não cair em perdição, algo que ela sempre evitou.

Antone Lehanster, o túmulo dos segredos dos próprios irmãos, terá mais segredos para guardar, mais polêmicas para sua vida já escandalosa e mostrará o quanto é difícil de se lidar com ele quando é testado ao limite. Mostrará que o amor por sua família e por uma mulher superará qualquer perigo e qualquer confronto.

Até onde eles irão um pelo outro? Qual é o limite dos irmãos Lehanster?

Pandora será apenas o início dessa vida de prazer.

Agradeço as leitoras que me incentivam sempre, que estão sempre ao meu lado, me apoiando, dando opiniões. Sem vocês, nada disso seria possível, e agradeço todos os dias por ter leitoras como vocês.

Agradeço as leitoras fiéis, maravilhosas e mulheres extraordinárias, que fazem parte dos grupos dos livros. Vocês são demais, vocês alegram o meu dia, e cada uma se sinta homenageada aqui. Obrigada por me ajudarem a divulgar Tom, a me

motivarem todos os dias. Eu jamais conseguiria sem vocês. Vocês fazem parte disso e da minha vida, são essenciais.

Agradeço as leitoras do Wattpad, plataforma que me deu coragem para começar a publicar. Obrigada por estarem comigo sempre e por serem maravilhosas.

Agradeço a autora Eduarda Gomes, uma autora e mulher incrível, sempre muito atenciosa que me ajudou demais na divulgação, em ideias e em dúvidas. Você é maravilhosa em tudo o que faz.

Agradeço a Carol Cappia, por sempre fazer um trabalho detalhado e perfeito, atenciosa e paciente com minhas dúvidas e ideias loucas. Obrigada por tudo, você é demais, excepcional no que faz.

Agradeço a FSilber Assessoria de Escritores por todo o imenso carinho, dedicação e ideias que

jamais imaginei. O seu apoio é inacreditável. É uma mulher incrível.

Agradeço a todas as blogueiras atenciosas e carinhosas. Obrigada por toda atenção e dedicação para me ajudarem na divulgação.

Por fim, agradeço novamente a você, leitora, por ter dado um pouco do seu tempo para ler a história de Tom e Alice. Obrigada por estar comigo sempre, obrigada pelo carinho e pela atenciosamente. Você faz parte desse livro.